A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1883 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 1 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL
Composição — Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Na Escola de Guerra

Porque será que ás solemnidades escolares d'um dos nossos estabelecimentos scientificos de maior importancia, melhor diriamos d'uma especialissima importancia, a Escola de Guerra, não assistem o sr. Presidente da Republica nem o sr. ministro da guerra?

Realisou-se a reabertura das aulas da Escola de Guerra, depois dos acontecimentos de 14 de maio. Não assistiram o sr. Presidente da Republica nem o sr. ministro da guerra. Realisou-se hontem a ceremonia da entrega das cartas de curso aos estudantes que findaram os seus trabalhos escolares. Lemos o relato d'essa ceremonia. O sr. Presidente da Republica e o sr. ministro da guerra não estavam lá.

Porquê?

Porque não quizeram ir? Porque não foram convidados? Porque houve um esquecimento lamentavel? Porque houve um proposito irritante?

Eis um caso que precisava ser elucidado. A opinião publica quer ser esclarecida, e mormente em assumptos que affectam a Escola de Guerra, onde se preparam os officiaes que devem commandar o exercito da Republica.

Uma das consequencias do tremendo conflicto europeu tem sido a de demonstrar bem claramente a necessidade dos exercitos e o valor da sua officialidade. Os exemplos que de lá fóra nos são communicados por intermedio da imprensa, pelos boletins officiaes ou pelos relatos dos combatentes, mostram bem que era uma utopia, sem duvida generosa, mas que daria um resultado contraproducente, esperar que o direito só pela força da razão prevalecesse. Mais do que nunca é necessario firmal-o, de armas em punho, atravez de todas as contingencias d'uma lucta desapiedada, e soccorrendo a todos os sacrificios e a todos os heroismos.

N'essa epopeia, que é a guerra, porventura uma das notas mais brilhantes tem sido dada por esses jovens officiaes francezes que, mal tendo abandonado os bancos das escolas, tão intrepidamente se teem portado na linha de batalha, deixando-se matar sem arredar pé, que o generalissimo Joffre teve de intervir, notificando-lhes que seriam castigados se continuassem a dar provas de tanta temeridade, porque estavam sendo cruelmente dizimados.

São officiaes d'esta tempera que Portugal espera que saiam da nossa Escola de Guerra, animados do mais intenso patriotismo, dedicados á Republica, com symbolo da patria, e promptos para, de um momento para o outro, terem de marchar para todos os pontos onde a honra nacional os reclame.

Estes rapazes devem sahir da Escola de Guerra com a impressão bem viva de quanto d'elles espera a patria e a Republica, e a presença do chefe do estado, a presença do ministro da guerra, dariam á ceremonia da entrega das suas cartas de curso uma solemnidade maior, tornando mais vivo o estimulo que os deve animar no desempenho da sua honrosissima missão.

Por tudo isto é bem necessario que se esclareça porque é que o sr. Presidente da Republica e o sr. ministro da guera não teem assistido ás solemnidades escolares d'esse estabelecimento do Estado. A má impressão que essa ausencia promove no espirito publico deve ser promptamente desvanecida.

Poeira da Arcada

A nossa precipitada pedagogia não morre de amores pelo latim, reduzindo-o no curso dos liceus a umas surradelas lampeiras. Todavia, mesmo os nossos mais notaveis illetrados gostam de citar a sua phrase ou distico tirados dos auctores da velha Roma. Repitam-se doutos, eruditos todas as vezes que podem por Cicero ou Virgilio a pensar como elles. Como, porém, a ignorancia não garante todos os successos do amor proprio, quasi sempre as citações veem fóra de proposito e prejudicadas morphologica e sintaxicamente. Se um latinista avisado lhes vae á mão, os pastuscos riem-se, como se o caso não tivesse importancia. Fazem de parvos, depois de quererem passar por sabios.

* *

Miss Cavell que os allemães fuzilaram na Belgica era uma das raras vocações que pelo martirio demonstram que a humanidade é superior á sua historia. Os seus executores conseguiram provar o contrario.

* *

Consta-nos que a colonia ingleza vae mandar celebrar um serviço funebre por alma de miss Cavell. Todo o mundo estremeceu com a noticia da sua barbara morte. Os proprios soldados que haviam de disparar sobre ella, recusaram-se horrorisados. Só o official que os commandava teve coragem para tal. Não nos parece, portanto, excessivo que os inglezes de Portugal tributem á sua compatriota uma homenagem que sirva para affirmar a unidade de sentimento da sua nação.

* *

A má lingua é uma das nossas instituições mais firmes. Todos nós temos um grande prazer em submetter as intenções e os meritos dos nossos semilhantes á mesma operação de fogo que faz estourar as castanhas nos assadores. Se os criticados fossem tão maus como pretendem os criticos, a cerveja que se bebe nos cafés seria coroada por uma espuma digna dos deuses. Tristemente, esta bebida só agrada aos grandes pessimistas da nossa terra que teem pela Verdade e pela Justiça um culto tão violento que estas duas virtudes perdem muito da sua alta serenidade.

Pelo telegrapho

Ataques allemães repellidos pelos russos

PEROGRADO, 31.—Official. Repellimos os ataques dos allemães perto do pantano de Kupitzko contra as aldeias de Budka e Komarovo e na região das aldeias de Tribukhovetz, Khomieleff e Latatch. Na linha do Dwinsk lucta de artilharia. Na região do Pripet a situação continua sendo a mesma.—(*Havas*).

Jorge V está melhor

LONDRES, 1. — Sua Magestade tem sentido ligeiras melhoras. Comquanto a doença vá diminuindo o rei encontra-se ainda fraco. O pulso e a temperatura são normaes. — (*Havas*)

Os italianos repellem ataques austriacos

ROMA, 31 — Official. — No valle de Astico os inimigos, simulando uma rendição, aproximaram-se da nossa linha; mas, descoberto o embuste, dispersámos o inimigo, que deixou no campo 200 cadaveres, fazendo nós ainda 49 prisioneiros. No valle de Rienz repelimos um importante ataque. No Isonzo tem sido intensa a acção da artilharia em Podgora, tendo nós repellido dois ataques.—(*Havas*).

NOS BALKANS

Está aberta a praça!

"Quem mais dá?" — Eis o que pergunta o rei Constantino

A imprensa diaria, parecendo reflectir a opinião publica a respeito das diligencias feitas por sir Francis Elliot junto do governo grego, manifesta estranheza pela intervenção das potencias nas relações da Grecia com a Servia, tanto mais que, diz, interpretar a lettra dos tratados de alliança compete apenas ás partes contratantes.

Escreve um jornal:

«A Grecia está profundamente reconhecida pelas offertas que lhe fazem, embora a sua forma não seja bastante concreta, e muitissimo grata á Inglaterra que lhe offerece a ilha de Chypre, por certo inspirada no principio das nacionalidades.

Mas a acquisição de Chypre onde o hellenismo não corre perigo, não é sufficiente compensação dos riscos da guerra. Nunca o povo grego deixou de sentir a maior sympathia pela «Entente», e os successivos governos que estiveram no poder durante o ultimo anno teem observado sempre uma benevolente neutralidade, mas os Estados, principalmente os pequenos, não devem nunca deixar de estudar ponderadamente as questões que implicam os seus proprios destinos».

O que é um facto indiscutivel é que embora o gabinete grego não esteja sob o peso de qualquer tratado com as potencias centraes, o rei Constantino está ligado ao kaiser pela solemne promessa de manter a sua neutralidade para com a Allemanha e os seus alliados em troca de compensações garantidas pela palavra imperial. Anteriormente a esta combinação, a Grecia tinha-se negado resolutamente a acceder ao pedido de entrar na lucta ao lado da Allemanha.

Ora entre as compensações promettidas pelo kaiser á Grecia figuram a ilha de Creta e a satisfação das aspirações dos gregos mais imperialistas ácerca da Albania. Entre a Bulgaria e o gabinete grego nada foi estipulado a proposito das suas mutuas relações durante a guerra, mas Guilherme II, sob a sua palavra de Hohenzollern, garantiu ao rei Constantino que o procedimento da Bulgaria para com a Grecia seria, durante e depois da guerra, inspirado por consideração de amisade sob os conselhos conciliadores da Allemanha.

Durante a campanha a Bulgaria e a Grecia procederão com boas amigas, diz o kaiser, e assignada a paz, as suas questões serão definitivamente reguladas, sob a direcção amistosa da Allemanha. E, capital argumento do kaiser, a Grecia, a Allemanha, a Bulgaria e a Rumania não podendo deixar de ser amigas, serão entre si alliadas, tanto mais que nenhuma d'ellas, nem mesmo a propria Bulgaria, é slava.

Mas entre a offerta imprecisa da «Entente», e a palavra do Hohenzollern, que os antecedentes provam não ser garantia de grande valor, o rei Constantino hesita. Pela «Entente»? Pelo kaiser?

O segundo tem mais probabilidades; tem a irmã a advogar-lhe a causa a toda a hora, a todo o momento, quer de dia quer de noite, e a diplomacia da «Entente» nem sempre póde actuar sobre o espirito ambicioso do rei, que só pensa em fazer resurgir os tempos aureos do imperio grego, obsecado com a visão do sonho byzantino.

A victoria dos bulgaros-germanos na peninsula balkanica não é certa, e o neto do rei Christiano IX da Dinamarca com o espirito frio das raças do norte, pondera as possibilidades d'uma derrota do cunhado e as consequentes represalias dos alliados a quem foi entretendo para se lançar por fim nos braços do que se ufana por lhe chamarem o Atila moderno.

E assim formula trez garantias sem as quaes não dará apoio ao kaiser:

Que em caso algum a Grecia seja chamada a tomar parte em qualquer acto de caracter hostil contra os alliados; que por um certo numero de annos lhe seja garantida pela Allemanha a sua integridade; e que no tratado da paz, seja qual fôr o resultado da guerra, os imperios centraes insistam sobre este ponto, se por acaso se fizer referencia á situação internacional da Grecia.

E aqui está por que ella, a primeira tão manifestamente favoravel aos alliados, ultimamente assumiu uma feição dubia que a habilita a voltar-se para qualquer dos lados, quando não haja quem offereça maior lance.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

"Palmella na emigração"

por Rocha Martins

Depois do estudo de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, o volume que Rocha Martins acaba de juntar á sua galeria de lavores historicos é, sem duvida, o mais interessante que se tem publicado sobre o primeiro duque de Palmella e a sua epocha. Mas, como o d'aquella notavel escriptora, o valioso trabalho de Rocha Martins resente-se talvez da influencia de um proposito apologético e d'esta arte a curiosa figura do caudilho de D. Pedro e da Carta vemol-a apenas á luz das suas brilhantes qualidades, aureolada de virtudes e enaltecida e glorificada pelos serviços que prestou á causa do liberalismo. Para que a Historia mereça tal nome, é mister que a caracterise um espirito de imparcialidade absoluta. Succederá assim com o volume de Rocha Martins? Uma critica rigorosa e severa apontará, possivelmente, n'elle, sem embargo do evidente empenho do auctor em pairar acima de toda a paixão, o desejo de pôr na maior evidencia os meritos do seu heroe e nada mais.

Como quer que seja, Rocha Martins, considerado simplesmente o seu talento de escriptor, testemunha n'este novo livro as suas apreciabilissimas aptidões para semelhante genero de litteratura, aptidões já demonstradas, com grande relevo no seu estudo sobre «A côrte de Junot em Portugal».

A edição de «Palmella na emigração», livro que não se dispensará de ler quem, a fundo, quizer conhecer a historia do constitucionalismo em Portugal, encerra, em fac-simile, autographos de cartas do duque e de Telles Jordão, além de innumeros pormenores ineditos que ao distincto litterato foram fornecidos por algumas cartas até agora ignoradas do grande publico e dirigidas por Palmella, na sua maior parte, ao conde de Villa Flor, depois duque da Terceira.

"Europa em guerra"

por Agostinho de Campos

Recebemos hoje o volume intitulado «Europa em guerra» e devido á penna litterariamente primorosa do professor Agostinho de Campos. Abrimol-o ao acaso e, antes de dizer o que elle vale como litteratura e como idéas, reproduziremos o interessantissimo capitulo que o leitor vae apreciar e que no volume se intitula «Egreja e Estado»:

Os habitantes da costa ingleza mais ameaçados pelas correrias navaes dos Allemães, não cessam de pedir ao governo que os defenda. Aos de Yarmouth falou assim o reverendo Mac-Carthy, no seu sermão de Natal:

«E' melhor sermos nós bombardeados e soffrermos perdas de vidas e fazendas, do que prejudicar o plano geral da guerra com quaesquer esforços para a nossa protecção especial. Nenhum patriota hesitará em concordar que a destruição das cidades da costa oriental é um sacrificio modesto á salvação da Inglaterra e do Imperio. Achal-o-hão duro alguns; mas esses são os que dão á vida e á riqueza valor mais alto que o que lhes attribuem a Natureza e a Providencia. A Natureza considera-os em muito pouco, como a cada passo demonstram os terremotos, os ciclones e outros cegos desencadeamentos de forças physicas. Deus, pelo seu lado, ensina-nos que o melhor uso que nós possamos fazer dos nossos bens é pôl-os ao serviço de outros; e que o melhor emprego da nossa vida é o seu sacrificio em proveito do proximo. Vivendo na costa oriental da Inglaterra, temos o privilegio de estar na linha de fogo. Compenetremo-nos d'isto e [illegible] os nossos corações. Não temos louvado e exaltado tanto o heroismo d'aquelles que morrem nas trincheiras e cujos nomes são inscriptos no registro de honra?... Pois, se os nossos louvores eram mais alguma coisa do que vãs palavras, preparemo-nos para morrer, como elles, no nosso posto e para sermos louvados, como elles, pelo nosso heroismo, e pelo nosso sacrificio.»

Quem bem que falou este padre! E como havia de ser difficil separar Estado e Egreja, n'um paiz onde os padres falam assim! Tão difficil, ou mais, do que separar a alma do corpo, cousa que nenhuma lei ainda tentou e de que nenhum legislador é capaz.

N'um paiz onde os padres falam assim apetece ir ouvil-os; e, ali, por mais que as leis digam, e proclamem, e ordenem, que o Estado e a Egreja vivam cada um para seu lado, a verdade é que os dois estão juntos, e que ninguem os separa.

Nos outros, á lei cirurgica limita-se a arrombar uma porta aberta, para executar uma operação que já esta feita. Separar a alma do corpo, é impossivel; e uma Egreja que se deixa separar do Estado, ou que se diz separada d'elle, é simplesmente um corpo de onde a alma já fugiu.

EM HONRA DE MISS CAVELL

UMA ESTATUA

vae ser levantada em Londres por subscripção publica

Em Londres está aberta uma subscripção publica para se erigir uma estatua á memoria de *miss* Cavell, a desventurada victima da crueldade allemã.

Na lista dos subscriptores figuram os nomes do duque de New-Castle, do general *lord* Playfair, de *sir* Harry Paland, de *lady* Pinero, etc. Até hoje a receita diaria da subscripção tem regulado por dois contos.

A estatua será levantada na praça de Waterloo; não contando os monumentos em honra de rainhas, é este o terceiro que Londres levanta em honra de mulheres; os outros dois são o de *miss* Nightingale, na praça de Waterloo, e o da actriz Sarah Sildons, em Padding-green.

O National Liberal Club propoz que fosse decretado um dia de gala official para todo o imperio britanico em honra de *miss* Cavell.

Sexta feira realisou-se um serviço funebre na egreja de S. Paulo por alma da virtuosa senhora que a selvageria allemã sacrificou ao seu odio por tudo quanto é generoso e nobre, sendo a vasta egreja acanhada para comportar a enorme concorrencia dos que quizeram assistir ás exequias.

A França associou-se tambem á manifestação mundial contra a inacreditavel selvageria com que a Allemanha premiou a dedicação da generosa enfermeira, que a tantos allemães dedicara os mais disvelados soccorros.

A Camara Municipal de Paris, em nome de toda a população da capital da França, enviou á mãe de *miss* Cavell os sentimentos pela sua morte, lastimando o crime que lhe poz termo á existencia.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

TERRAS DE PORTUGAL

Evora: O congresso

Um paiz onde todos se queixam e todos teem razão

EVORA, 31.—Terminou hontem o Congresso municipalista alemtejano. Encerrou-se hontem, a meu ver, a mais importante assembleia regionalista que em todos os tempos se tem realisado em Portugal. Os municipios do Alemtejo, pela voz dos seus delegados, tomaram, nos trez dias em que estiveram reunidos, deliberações que não pódem deixar de vir a ter na vida politica portugueza, se forem levadas a cabo, a mais profunda, a mais benefica influencia. E' que eu não posso acreditar que fossem banaes declamadores aquelles a quem ouvi expôr ideias novas, principios novos, sistemas de administração para nós, os portuguezes, inteiramente novos. A rotina soffreu um abalo e um choque tremendo. Como uma velha tonta, ella ficou desorientada, atarantada, sem saber que fazer—se resistir, se render-se. Ha de acabar por capitular essa respeitavel matrona se os municipios do alemtejo, unidos e integrados na corrente que se esboçou agora, trabalharem para levar por deante as theorias que no Congresso se defenderam com tão extraordinaria vehemencia. A reunião dos delegados dos municipios da opulenta provincia alemtejana, cujo caracter, cujos costumes e cuja etnologia são inteiramente differentes dos de todas as outras, marcará, na politica regionalista de Portugal uma epocha nova, cujo alcance bem me parece que não é facil prever.

Mas para isso o que é preciso? Tanta coisa que não sei bem se será possivel encontral-as nos que, n'esta vasta região teem em suas mãos os destinos municipalistas. E' preciso persistencia, é preciso teimosia, são necessarias muita honestidade, muita firmeza de caracter e, sobretudo e acima de tudo, muita e muita fé. As coisas não nascem feitas e o que hoje parece irrealisavel transforma-se, ámanhã, n'uma realidade esplendida. Entretanto, para que tal aconteça, é necessario que todas as vontades se unam á voz prestigiosa d'um Pedro Eremita que, prégando a palavra santa, domine os corações, subjugue as vontades rebeldes e oriente pela sua intelligencia, as intelligencias tresmalhadas que em vez de disciplinarem, perturbam. E apostolos d'esses, cheios de crença, dispostos a sacrificar toda a sua vida á grande e nobilissima causa municipalista, não faltam na terra onde cresce o trigo e onde o sobreiro triste alcançou fóros de arvore sagrada. O Congresso deliberou fazer a Federação de todos os municipios alemtejanos. Feita ella, crear-se-ha o Parlamento provincial. Para quê?

Póde haver quem supponha que essa Federação não passará d'uma coisa platonica e que esse parlamento não passará d'uma assembleia sem caracter legal, cujas resoluções não tenham nenhuma especie de sancção. Engano. As federações municipalistas são previstas, auctorisadas e como que aconselhadas pelo proprio codigo administrativo. Sahindo d'ella o Parlamento da provincia, é claro que os delegados que o compuzerem tomarão deliberações de interesse commum para as suas camaras. E como o codigo dá ás corporações administrativas regalias e liberdades amplas para se occuparem do que directamente lhes diz respeito; como ellas pódem municipalisar todos os serviços e crear até em seu beneficio verdadeiros monopolios, é claro que as resoluções do Parlamento provincial encontram na Federação dos municipios a sancção de que precisam para serem executadas. O Poder Central nem sequer póde intervir, porque não póde, segundo a lei, emiscuir-se na administração local. Tem de ver e calar! Tem de assistir de braços cruzados á emancipação dos municipios, sem poder entraval-a nem contrarial-a por meios legaes. Assim, a Federação dos municipios alemtejanos póde, se quizer, construir estradas e caminhos de ferro, abrir canaes de irrigação, montar fabricas de moagem e de cortiças, tomar a seu cargo o fornecimento d'aguas ás povoações, etc.

Perguntar-se-ha: e dinheiro? Ha o recurso do emprestimo. E' o unico. Unidos, federados, ligados estreitamente, não deve ser difficil aos municipios alemtejanos alcançar, pelo credito, os capitaes indispensaveis para levarem por deante os seus arrojados emprehendimentos. E assim, ao mesmo tempo que o Poder Central se vê isento de encargos pezadissimos, a vida local tomará um desenvolvimento enorme e as cidades e villas federadas, dotando-se com excellentes vias de communicação, com bons comboios, com estabelecimentos industriaes onde se farine o seu trigo e se trabalhem as suas cortiças, tornarão a vida mais desafogada para aquellas classes a quem a mesma vida pesa demasiadamente, classes essas que não são nem as menos numerosas nem as que menos trabalham. Eu bem sei que ha municipios que não sabem usar das regalias que os codigos lhes conferem. E sei mais que a politica, a damninha politica partidaria da nossa terra, tudo inquina, tudo envenena, tudo entrava, tudo corróe e desfaz. Mas os povos teem nas suas mãos remedios para esses males. Que os appliquem, que os usem e que obriguem a cumprir os seus deveres os que d'elles se afastarem.

Feita a Federação dos municipios do Alemtejo, porque não hão de fazer-se as federações das provincias restantes? Julgo-as fataes. Estamos n'um periodo dos mais criticos da nossa historia. O Poder Central desacreditou-se. A' força de não se importar com os mais sagrados interesses da provincia, a provincia principia a não fazer caso d'elle. Descrê da sua influencia e da sua sollicitude. Tem-n'o como um phantasma que, quando dá signal de si, é para metter medo. E como todos sentem que n'este tempo quem estaciona morre, a rebelião pacifica anda no espirito de toda a gente, preparando-se os povos que teem a consciencia das suas necessidades e das suas obrigações para tomarem conta dos seus destinos. E' a corrente que se manifestou no Congresso. E' a que ha de tornar-se cada vez mais condolosa e ainda, certamente, a que virá a predominar no Congresso Nacional municipalista que em maio proximo se reunirá n'esta mesma «mui nobre e leal cidade de Evora». E' preciso não ter illusões. E' até de bom conselho não as ter. O Poder Central tem, portanto, de começar a habituar-se á ideia de que o municipalismo o contrariará, dentro em pouco, de tal modo, que não haverá maneira de se oppôr á sua influencia uma barreira que o detenha. Politica, como o resto, não se faz de cór nem por palpite. E é por em Portugal se ter feito quasi sempre essa politica pouco digna de consideração, que os paladinos das regalias municipaes, erguendo o pendão da revolta, se preparam para usar d'ellas como lhes aprouver e melhor convier aos seus interesses.

Vive-se n'um paiz onde só andam contentes aquelles que passam a vida pelas secretarias do Terreiro do Paço, de pastas debaixo do braço, sugando, em favor das respectivas «cotteries», a arca, para elles sempre farta, do thesouro publico. Só esses vivem a impar de satisfação, alçapremados pelo destino a posições e situações que não lhes pertenciam. Os restantes, os que trabalham e não pedem nada, lamentam-se. E como estão fartos de se lamentar, como sabem que ninguem os ouve, tratam de se libertar da teia enredadissima em que os teem tido manietados até agora, como forçados irredimiveis do abandono. Quem tem razão—os que sugam e nada produzem ou os que tudo produzindo se teem até agora deixado resignadamente sugar? Depois, a verdade é que o paiz não póde permanecer por mais tempo n'esta especie de lethargia em que os politicos o mergulharam. Tem de reagir. E como possue uma arma formidavel que é o municipio, trata de se aprestar para a manejar com segurança e de, por meio d'ella, alcançar o bem-estar e o progresso que os taes que já pelo Terreiro do Paço se pavoneiam como perus de roda bem cheio lhe teem até agora negado. O Alemtejo acaba de dar o grito de alerta. O seu Congresso municipalista foi a primeira pedra d'um grande edificio que tem, fatalmente, de construir-se. Quaes serão as suas proporções? O futuro o dirá.

Alea jacta est!

Adelino Mendes

CHRONICA MUSICAL

A Musica na baixa Edade-Media

No inicio do seculo XIV a musica dos trovadores e troveiros cahiu sob a alçada dos technicos que, agrupando-a em generos e definindo-os, constituiram aquillo a que então se chamou «ars nova».

João de Crocheu escrevera no fim do seculo XII o seu tratado, recentemente publicado por Wolf no «Recueil trimestriel de la Société internationale de musique», onde já apparece uma classificação dos generos musicaes; as formas melodicas creadas pelos trovadores, de que fizemos uma succinta analyse, e o «motetus», «organum» e «conductus», formas harmonicas a que tambem já nos referimos, eram os elementos constitutivos da nova arte.

A theologia e a escolastica, que dominaram toda a baixa Edade-Media, eram terriveis peias para o desenvolvimento dos espiritos: impossiveis, nos seculos XIV e XV, as creações espontaneas, os voos do genio. Por isso, apoz o brilhante periodo do primeiro Renascimento, a musica decahe, a sua producção original cessa completamente.

A musica faz parte da mathematica; não é uma arte, é uma sciencia. Todo o trabalho dos seus cultores consiste em a tornar difficil, complicada, estranha, enigmatica; nenhum musico «faz musica», ninguem inventa melodias. Como os alquimistas misturam no cadinho as substancias mais diversas e, procurando a pedra philosophal, criam sem querer a chimica, assim os compositores sobrepõem as melodias existentes, dividem as phrases musicaes, repetem-nas, transmudam-nas, e criam sem saber a harmonia e a melodia modernas. D'um exercicio mathematico e subtil, totalmente pueril, nascem, independentemente da vontade dos seus cultores, os formidaveis elementos d'uma arte grandiosa.

A condição social dos musicos tambem se modifica; já não ha reis nem senhores, nem cavalleiros compositores; a musica é cultivada apenas por profissionaes, que se constituem em corporação; ser musico torna-se um officio.

Em França, a corporação, cujo chefe tinha o titulo de «Rex minestrorum», Rei dos menestreis, constituiu-se em 1321. Na Allemanha, egualmente a musica deixa de ser apanagio dos nobres troveiros do amor, «Minnesinger», dos Wolfram de Eschenbach, dos Tannhauser, dos Biteroff, para passar aos artifices e burguezes, que formam a corporação dos Mestres-cantores, «Meistersinger», o mais celebre dos quaes é, como se sabe, o sapateiro Hans Sachs.

Mas no seculo XIV um facto historico se dá, da mais alta importancia aos destinos da musica: a estada da côrte papal em Avinhão.

Em 1305, os papas transferem a sua residencia de Roma para a Provença, onde se conservam até 1377, anno em que Clemente XI reconduz a Santa Sé para a Cidade Eterna; em Avinhão fica, porém, outro papa, e assim, uma côrte pontificia continua existindo no condado Venecino, até que, em 1417, Martinho V restabelece a unidade.

E' durante este periodo de mais de um seculo que os musicos da capela pontificia travam conhecimento com a «ars nova», arte do norte, em que se exercitam os francezes e flamengos. São estes os «descantores», os homens que combinam toda a especie de melodias, religiosas e profanas, sobrepondo-as umas ás outras, duas, trez, quatro e mais, nota contra nota, «punctum» contra «punctum». O descantor torna-se o contrapontista.

Assim se inicia a Italia na nova arte, ou antes, na sciencia mathematica da sobreposição de melodias; a invenção musical acaba por ser completamente abandonada, quando, no seculo XV, os estrangeiros invadem Roma, exercendo todos os officios; só sapateiros allemães havia mil e duzentos. O mesmo se dava com as profissões mais elevadas: os humanistas e os artistas chamados por Nicolau V eram todos transalpinos, orientaes, os musicos, allemães e francezes.

Diz Eugenio Müntz na sua «Histoire de l'art pendant la Renaissance»:

«Não se teem lido em bastante conta as infiltrações flamengas na historia do desenvolvimento das diversas escolas de pintura da Italia... Mais de trezentos artistas de todas as especialidades e de todos os meritos, educados todos na tradicção da escola franco-flamenga e germano-flamenga, desempenharam o seu papel no desenvolvimento da arte italiana do seculo XV, dotando-a, quere dos segredos da pintura a oleo, quere dos processos da gravura em madeira, quere da tapeçaria.»

Esta influencia do norte ainda era maior no campo da composição musical; e a occupação de todos os empregos da côrte romana, incluindo os da capella, no tempo de Calixto III, por hespanhoes, não diminuiu essa influencia, por isso que elles se tinham tambem formado no ensino de mestres flamengos e francezes; o mesmo se deu entre nós, como se vê dos tratados de Goes.

Toda a Europa estava, pois, enfeudada á arte dos contrapontistas, toda ella se entregava ás mais estranhas combinações das melodias existentes, sobrepondo temas religiosos a temas profanos, cada um dos quaes conservava a sua letra propria, extravagancia que não chocava os pueris mathematicos musicaes. D'esta furia de combinações melodicas, que constituem o contraponto, nasceu, não sem difficuldade, visto que era preciso fazer mil combinações para se aproveitar uma, a linguagem musical. A invenção do «canon», no seculo XIV, deslumbrou os descantores, que passaram a vida a submettel-o a toda a especie de transformações, que chegavam até a affectar a sua disposição graphica: escreviam-nos em forma de cruz, de coração, fazendo mesmo enigmas musicaes, que tão caros foram a toda essa epoca, enigmas de que os seus autores se envaideciam tanto mais, quanto mais difficil era a sua solução. «Canon» é um trecho disposto de modo tal, que as differentes partes da melodia tanto podem ser cantadas seguidamente como sobrepor-se umas ás outras; por outras palavras, é um canto cujas partes podem servir-se mutuamente de acompanhamento: o canon mais facil é a canção popular franceza de «Frère Jacques», bem conhecida entre nós.

D'este movimento geral que dominou o baixo espirito medievo, apenas se exceptuava um pequeno grupo de compositores italianos, os «frottolistas», autores de pequenas canções ligeiras, futeis e equivocas, escriptas para trez ou quatro vozes, chamadas «frottole», «strambotti», «giustiniane» quasi populares e de estructura muito simples. Os mestres desdenhavam estas composições, não se dignando sequer, elles que aproveitavam para as suas combinações polifonicas todas as melodias, aproveitar-lhes os temas. Mas d'estas canções simples e despretenciosas, influenciadas pela forma sabia do motete e muitas vezes, nasceu pouco depois o madrigal, genero que logo nos apparece elegante e cheio de canto profundamente melodico, com todas as caracteristicas que, até hoje, teem tido a musica italiana: rica no contorno, pobrissima no conteudo.

Tal foi o trabalho musical dos seculos XIV e XV.

Muitos musicographos lamentam e asperamente censuram a este periodo a sua errada noção de arte e o abandono do caminho alegre da inspiração pelos exercicios áridos e seccos do contraponto. Decerto, se assim não fosse, o nosso patrimonio estaria enriquecido com um grande numero de obras primas que se teriam produzido n'esses duzentos annos; mas é licito duvidar de que a lingua musical pudesse ter hoje o poderosissimo arsenal de expressão de que dispõe.

Os contrapontistas medievaes puzeram de parte a essencia da Arte; mas crearam os seus meios de realização, fabricaram os seus utensilios, os seus elementos de construcção.

Não os censuremos e digamos com Renan:

«Lucrecio e Santa Thereza, Aristofanes e Socrates, Voltaire e Francisco de Assis, Raphael e Vicente de Paula teem egualmente razão de ser, e a humanidade seria menor se lhe faltasse um só dos elementos que a compõem.»

Humberto de Avellar

Hospital de S. José

Vieram á nossa redacção os srs. Diogo Carvalho, chefe dos serviços pharmaceuticos do hospital de S. José; Miguel Fadon, ajudante de pharmaceutico; Victor Hugo Pinho, aspirante de pharmacia, e Julio Ribeiro de Sousa, encarregado das esterilisações, todos velhos republicanos, dizer-nos que se pretende afastar do hospital de S. José o sr. Emilio Fragoso, pharmaceutico, com a razão de elle ser inimigo do regimen, e que reputam esse acto d'uma grande injustiça. Garantem que o sr. Emilio Fragoso, sendo um profissional distincto, nunca fez a menor propaganda politica no hospital de S. José, mantendo sempre uma imparcialidade que julgam de facil demonstração. No tempo da monarchia os empregados do hospital puderam livremente entrar em *complots* revolucionarios para a implantação da Republica, sem que o sr. Emilio Fragoso se importasse com isso, pois limitava-se a exigir o cumprimento dos deveres profissionaes de cada um.

Fazendo estas affirmações, as pessoas que nos procuraram entendem praticar um acto de justiça necessario. Pela nossa parte, estamos certos de que o sr. ministro do interior, que tem dado sobejas provas de intelligente bom senso com que regula todas as questões da sua pasta, não se deixará guiar n'este caso por qualquer especie de animosidades.

Por bem fazer...

Homem ferido gravemente

quando acudia a uma desordem

Acompanhado pelo guarda civico 292 deu hoje entrada, pelas 15 horas, no banco do hospital de S. José um individuo, sem fala, vindo de S. João da Talha.

Observado pelo medico de serviço sr. dr. Cordes Cabedo, recolheu á enfermaria de S. Francisco. Suppõe-se que tenha soffrido fractura do craneo pela base.

Sobre as causas que deram logar ao ferimento, apurámos o seguinte: N'uma taberna situada no logar de Bubedela, da freguezia de S. João da Talha, de que é proprietario Manuel das Barbas, encontravam-se ante-hontem alguns freguezes, entre os quaes Antonio Ferreira, de 36 annos, solteiro, trabalhador, natural de Arruda dos Vinhos e morador no logar de Valle de Figueira, da referida freguezia, mais conhecido por Antonio da Paixão.

Como se ouvisse na estrada um enorme borborinho acudiram os frequentadores da taberna a ver do que se tratava, adeantando-se o Ferreira para um grupo que se envolvera em desordem. Não tardou a ouvir-se alguns tiros, pondo-se os desordeiros em fuga, e deixando o Ferreira cahido por terra, onde o foram encontrar os amigos, que communicaram o succedido ás auctoridades. Estas ordenaram a sua remoção para Lisboa, em vista da gravidade dos ferimentos.

COLYSEU DOS RECREIOS

O ventriloquo Sanz estreia-se brevemente

Os espectaculos de hontem, no Colyseu, decorreram cheios de enthusiasmo e de alegria, tanto na «matinée» como á noite, sendo todos os trabalhos delirantemente applaudidos.

No espectaculo da moda que hojo se realisa, estreia-se a extraordinaria troupe chineza Nontsi, que é das primeiras no seu genero de equilibrios e acrobatismo.

Brevemente, estreia do grande ventriloquo Sanz, o maior de todos os ventriloquos, que apresentará a sua maravilhosa collecção de automatos.

Carlos Alberto Pinto

Falleceu

Mathilde Ernestina da Silva Figueiredo Pinto, Carlos Ernesto de Figueiredo Pinto e sua mulher, Ritta Thereza da Conceição Figueiredo, Caetano Pinto e sua mulher, Ernesto Pinto, Hamilcar Pinto, sua mulher e filha, Emma Luiza Pinto, Brionia Belmira Barbosa, Francisco Alberto Barbosa, José Pedro dos Santos Lapa, Maria da Conceição Sarmento, seu marido e filhos participam aos seus parentes e pessoas de suas relações o fallecimento de seu querido marido, pae, genro, irmão, tio, sobrinho e primo Carlos Alberto Pinto e que o seu funeral se realisará ámanhã 2, pelas 15 horas e meia, sahindo o prestito da rua Visconde de Valmôr M. G. S. para o cemiterio oriental.

O novo anno lectivo

Lyceu de Camões

Abriram hoje as aulas no lyceu de Camões, ao Matadouro. A abertura, para as cinco primeiras classes, foi ás novo horas, e ás dez, para as duas restantes: 6.ª e 7.ª (Lettras). Este anno no lyceu de Camões não ha o 6.º e 7.º annos de sciencias que existem apenas nos lyceus de Passos Manuel e de Pedro Nunes.

O corpo docente é o mesmo do anno transacto sob a intelligente reitoria do sr. Claro da Ricca, engenheiro, havendo porém menos professores provisórios do que o anno passado, visto que o limite das turmas é, este anno, de dezoito, com a frequencia maxima de cincoenta alumnos, o que pode vir a prejudicar o estudo, se attendermos a que a boa pedagogia, dá para *maximum* de frequencia, por turma, trinta.

A frequencia total do lyceu de Camões é de 773 alumnos assim divididos: 1.º anno, 160; 2.º, 100; 3.º, 149; 4.º, 156; 5.º, 128; 6.º, 39, e 7.º, 41.

Brevemente, como de costume, reunirão os professores para assentarem, de commum accordo, na marcha dos trabalhos a seguir durante o anno lectivo.

Este lyceu, que é sem contestação um dos melhores da capital, vae de anno para anno progredindo a olhos vistos. Dentro em pouco os seus alumnos terão, n'um dos lados do parque, um optimo campo de *tennis*. Hoje funccionaram todas as aulas, havendo simplesmente apresentação de professores, que fizeram aos seus alumnos o habitual discurso de boas vindas, orientando-os nos seus trabalhos annuaes e indicando-lhes os respectivos livros de estudo. E era encantador vêr, após as aulas, a alegria da immensa população escolar do lyceu de Camões, que aos grupos, se espalhou pelo jardim em frente, trocando impressões.

Um outro aperfeiçoamento notámos este anno no lyceu de Camões: o seu jardim. Artisticamente desenhado, muito limpo, com os seus canteiros cheios de lindissimas flôres, abrangendo toda a frente do edificio, o jardim do lyceu de Camões honra a cuidada direcção de professor Carvalhão Novaes, que o tem gostosamente a seu cargo e vem provar quanto pode um trabalho assiduo alliado a um raro bom gosto, ainda mesmo que á disposição de pequeninas coisas.

Lyceu Passos Manuel

Tambem hoje abriram as aulas no lyceu Passos Manuel com a frequencia de 1:042 alumnos.

INTERESSES DE CABO VERDE

A agricultura

A cultura da arvore da quina

A quina, de cuja casca se extrahem os alcaloides quinina e chinchonina, antifebrifugos de um extraordinario valor, foi acclimada na ilha de Santo Antão, onde se desenvolveu exuberantemente, e onde a cultura d'esta arvore preciosa marcou um periodo feliz que não pode esquecer a ninguem.

Os trabalhos de acclimação da quina absorveram um largo numero de annos, e foram tentados em varios pontos da mesma ilha: os resultados iam sendo publicados no *Boletim Official de Cabo Verde*. Em 10 annos, os processos de cultura mais aperfeiçoada, de sementeira, de reproducção e de extracção da casca, eram conhecidos em toda a ilha, onde as pequenas plantas conseguem o preço de 1 escudo, e as culturas vão tomando um incremento extraordinario. A breve trecho, a Junta de Saude de Cabo Verde, começa a adquirir a casca da quina, para as suas manipulações, e, tambem em pouco tempo o preço do kilogramma da casca da quina vermelha, attinge 5 escudos. A alegria dos agricultores da ilha de Santo Antão é então manifesta, por se verem senhores de um meio de riqueza que os iria contrabalançar das enormes perdas annuaes pelo fracasso da cultura do milho, nos extensos terrenos sequeiros do Campo. Poucas culturas em Cabo Verde terão tido o exito que teve a cultura da quina na ilha de Santo Antão.

Mas Cabo Verde foi fadado para a desgraça. Breve, o sr. Teixeira de Sousa, iria de uma penada inutilisar os esforços de governantes e governados que com tanto amor se tinham dedicado á acclimação e á cultura da quina.

Esse cavalheiro, trabalhando na organisação de um regulamento da fazenda das colonias, no ardente desejo de fechar a descentralisação n'um cubiculo do ministerio das colonias, para assim se ficar com a centralisação mais livre, consegue que as arrematações de productos necessarios aos serviços de saude das colonias sejam feitas ali no Terreiro do Paço, aquelle terreiro que tanto tem feito para acabar com a riqueza e progresso das colonias. Condimentado o projecto de decreto com um extenso relatorio manufacturado com a ajuda de funccionarios que nas colonias, muitas vezes, se fartaram dos raios solares, «acolhendo-se á sombra dos ananazes em flôr» e que teem no seu activo a morte de duas ou tres feras das mais selvagens, esse relatorio mostra que o projecto de decreto actuará nas colonias tão suavemente, como se a anesthesia a ellas tivesse sido applicada antes da, de outra maneira, dolorosa operação.

E' claro que com todas estas recommendações o decreto é approvado e posto em vigor.

Foi a punhalada mais certeira que se tem dado na economia agricola de Cabo Verde, e principalmente na de Santo Antão. A Junta de Saude deixa de comprar a casca de quina em Santo Antão, que se vê n'um momento sem mercado. A quina vae de Lisboa directamente para Cabo Verde, porque o seu fornecimento foi aqui posto em praça a ficou com elle qualquer drogaria.

Vivendo a agricultura em Cabo Verde, como todos nós sabemos, sindicatos sem agricolas, sem credito, sem nada emfim que a ajude e proteja, era sabido que a *débacle* não tardaria como de facto não tardou. A casca da quina passa para 40 centavos o kilogramma, de um momento para o outro, e perdida a esperança da collocação d'esse producto, os agricultores vão-se ás arvores, cortam-nas cerces, empregando a madeira na construcção das casas. E prompto: um decreto atira por terra com uma immensa riqueza, sem o seu auctor ter sequer pensado ou sabido pelas innumeras repartições do seu ministerio, o mal que iria fazer a uma colonia portugueza. E' a inconsciencia dos legisladores, que tantas vezes se manifesta sem responsabilidades.

Ha dois annos ainda, no contracto de fornecimento de medicamentos para Cabo Verde, feito aqui em Lisboa, a casca de quina vermelha, ficava sendo fornecida a 3$50 por kilogramma, emquanto que em Santo Antão se vendia a que por acaso apparecia a 40 centavos o kilogramma. Sabiu a sorte grande ao fornecedor, emquanto se atiraram para a maior miseria centenas de agricultores de Santo Antão de Cabo Verde.

Coisas das nossas colonias sem terem passado pelas colonias.

Armando Xavier da Fonseca

A CAPITAL DO NORTE

O ensino primario da cidade

vae tomar um caracter accentuadamente progressivo e ao nivel da moderna cultura pedagogica

Porto, 31 d'outubro

Pela ultima lei de 18 de outubro findo e respectivo Regulamento de 29 do mesmo mez, promulgada pelo sr. ministro da instrucção, foi concedida ás Camaras de Lisboa e Porto a autonomia nos seus serviços de instrucção. As duas cidades terão um quadro privativo de professores, recrutados, não por concursos documentaes, — como até agora—mas por meio de concursos por provas praticas. O Estado fica apenas com a fiscalisação do ensino que é exercida por um «Conselho Inspector do Ensino Primario», composto de cinco vogaes; um representante do ensino superior, outro outro do ensino secundario; o director da Escola Normal e dos inspectores dos dois circulos. A este Concelho incumbe tambem fomentar e indicar os processos de melhoria ou progredimento do ensino.

Para ouvir de pessoa auctorisada e transmittir á «Capital» quaes as vantagens da nova organisação do ensino primario nos dois grandes centros do Paiz, procurámos o sr. dr. Mario de Vasconcellos e Sá, que faz parte do Concelho Inspector como representante do ensino secundario e que é, pelo seu saber, pela sua vasta intelligencia e pela sua tenacidade, um dos mais altos espiritos das ultimas gerações escolares.

Quiz sua ex.ª recusar-se a manifestar-nos a sua opinião que—disse-nos desde logo—é de pleno accordo com a nova organisação do ensino, reconhecendo-lhe uma alta expressão educativa e vantagens extraordinarias e immediatas no nivel a que deve elevar-se o ensino primario em Lisboa e Porto.

Apertado, porem, pela nossa insistencia, e porque se trata de um assumpto que interessa verdadeiramente ao progresso e á renovação do Paiz que tem por base essencial a instrucção primaria, o sr. dr. Vasconcellos diz-nos:

—Eu não advogo a nova organisação por fazer parte do Conselho Inspector. E' bom que se saiba. Advogo-a e defendo-a calorosamente, porque lhe reconheço duas vantagens importantissimas: a primeira porque torna effectiva a fiscalisação do ensino—que até aqui era quasi ficticia,—e a segunda porque seleccionando o recrutamento do professorado, a cidade poderá elevar o nivel do ensino á altura que lhe compete como um centro de cultura que é, muito differente e muito superior no nivel intellectual da provincia. Demais: a nova organisação, que traz comsigo uma verdadeira descentralisação, é um golpe importante que o sr. ministro da Instrucção, illustre filho do Porto, deu na rotina, prestando um grande serviço ás duas primeiras cidades do Paiz. A Camara do Porto tinha todo o direito a esta autonomia. Foi de inteira justiça o que se lhe concedeu, porque nenhum outro municipio se tem avantajado tanto, nem de longe, com iniciativas, com sacrificios pecuniarios, na questão essencial e primordial do ensino primario. Pode o Porto vangloriar-se d'isso. E é bom salientar n'esta grandiosa cruzada a tenacidade, os esforços e a dedicação extraordinaria desenvolvida pelo sr. dr. Santos Silva e pelo distincto director da Escola Normal, sr. Henrique Sant'Anna. A Camara do Porto de ha muito vinha provando que era idonea bastante para, por si só, cuidar do ensino.

—Disse-nos v. ex.ª—interrompemos—que uma das vantagens da nova organisação era tornar effectiva a fiscalisação do ensino... Então, até agora, não havia fiscalisação?

—Não quero dizer que, de todo, a não houvesse. Mas não era efficaz. Se um ou outro inspector desenvolvia actividade, outros... para que havemos de aggravar feridas mal cicatrisadas?—Quer um caso, entre muitos? Não ha muito, n'um concelho proximo do Porto, havia uma professora que, por desleixo, preguiça, ou fosse pelo que fosse, não dava aula ha mezes. A escola permanecia fechada. Um bello dia, foi «avisada» pelo inspector de que lhe iria visitar a escola d'ahi a dois dias. A professora percorreu a freguezia, inscreveu no recenseamento escolar todas as creanças em edade legal, e, no dia da visita do inspector, tinha a aula repleta, com numero de alumnos superior até á lotação. Pois o inspector, deu-lhe a classificação de bom! E' claro que no dia seguinte a escola estava ás moscas...

«Como este, podia citar muitos casos semelhantes.

—Mas o professorado de Lisboa parece que não concorda com o regulamento, na parte em que exige os concursos, por isso que, dizem elles, não se deve exigir concurso a quem tem o seu diploma...

—Esse argumento não colhe. Um medico, um advogado tambem teem os seus diplomas, e, no entanto, para concorrer o primeiro a um logar de hospital, a uma cadeira lyceal, ou o segundo a conservador ou a delegado da Republica, teem de sujeitar-se a concursos. Sei,—é bom accentual-o— que n'um concurso nem sempre se faz inteira justiça. Porque um concorrente é mais palavroso, tem mais presença d'espirito, é mais feliz, passa muitas vezes por cima de outro que, sabendo mais, não tem o dom da palavra, é nervoso, e se atrapalhou, deixe-me empregar a phrase...

«Mas, aqui, não se trata de um concurso d'esses. O concurso para o recrutamento do professorado não consta de perguntas nem de respostas. São provas praticas. E' uma lição que o professor presta, como se a estivesse fazendo na sua aula aos seus discipulos. Mas ha a considerar ainda esta circumstancia importante: é que o diploma dos professores não é um diploma de saber ensinar... é um diploma de approvação na Escola de habilitação ao magisterio.

«Ora, ficar «habilitado a ensinar» é uma coisa, «saber ensinar» é outra. Quantos professores sahem das escolas com os seus diplomas e, passados annos, vivendo nos campos, nas aldeias, nunca mais pegam n'um livro pedagogico, deixando, assim, abastardar e embolar o espirito, enkistando como areias entre penedos?

«Já vê, continuou, que o concurso das provas praticas é necessario e indispensavel para nos dois grandes centros de Lisboa e Porto se fazer a necessaria selecção do professorado, á altura das modernas exigencias do ensino.

«E a prova de que assim é, está no seguinte facto constatado no ultimo concurso da camara do Porto, cujo praso terminou ante-hontem: para esse concurso inscreveram-se, requerendo, apenas 176 professores, havendo 40 vagas e sendo o concurso valido não só para essas vagas, mas para as que occorrerem durante o anno lectivo. O anno passado, para 26 vagas postas a concurso, appareceram mil e tantos requerimentos! E' que este anno o concurso é por «provas praticas», e, no anno findo, era—«documental».

Por fim, diz-nos:

—Olhe: o assumpto é importante demais para se tratar só n'um artigo. A'manhã lhe direi mais. Já que me obrigou a falar...

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CASAMENTOS

Pelo sr. Joaquim Pedro de Faria, alferes de cavallaria 11, recentemente chegado de Africa, foi pedida a mão da sr.ª D. Maria Casimira de Castro e Lara Pinto de Sousa, filha do sr. Raul Pinto de Sousa, chefe da secção permanente das obras publicas de Bissau, Guiné, e da sr.ª D. Maria Benedicta Jimeno de Castro e Lara Pinto de Sousa.

UM CONCERTO

Ha mez e meio, na Amadora, estreiou-se regendo um grande concerto symphonico o maestro Accacio Santos. A critica foi extremamente agradavel para esse musico, que tem apenas 21 annos, incitando-o a novos cometimentos. O maestro agradeceu esse estimulo dos technicos, continuou trabalhando e de tal maneira que póde annunciar, com relativo orgulho, uma nova festa d'arte, para o proximo domingo 7, no mesmo Salão dos Recreios Desportivos da Amadora. O talentoso musico rege novo concerto symphonico e aventura-se á direcção da orchestra acompanhando a execução integral do 3.º acto da «Tosca», em que collaboram a sr.ª D. Cezarina Lyra e o sr. Guilherme Bizarro.

DE REGRESSO

Do Estoril regressou com sua familia á sua residencia de Lisboa o antigo senador sr. dr. Antonio Berhardino Roque.

—Retirou das Caldas da Felgueira para a sua casa em Oliveira do Hospital, o sr. Antonio Fragoso Vieira de Abreu.

LUCTUOSA

Falleceram em Lisboa os srs. Carlos Alberto Pinto, José Antonio Sousa Russo e Francisco da Conceição Ramos Certã, realisando-se os funeraes ámanhã, o do primeiro, ás 15 horas, da rua Visconde Valmôr, M. G. S., o do segundo, á mesma hora, da rua D. Estephania, 84, e o do ultimo, ás 13 horas, da rua do Arco do Cego, 6.

Prisão d'um passador de moeda falsa

O agente José Rodrigues dos Santos prendeu hoje, n'uma casa da travessa das Freiras, a Arroyos, o fabricante de moeda falso, o *Pé de Cera*, que ha tempos fugiu do calabouço do governo civil. Estava residindo ha nove mezes n'aquella casa em companhia de uma mulher a quem em tempos fizera um roubo.

O *Pé de Cera* era companheiro do *Carvalhinho*, preso na Figueira da Foz pelo agente Eduardo Tavares, e que fugiu a um policia na occasião em que seguia da esquadra do pateo de D. Fradique para o governo civil.

PEQUENAS NOTICIAS

Ficaram hoje hospitalisados: na enfermaria de S. João Baptista, do hospital de S. José, Antonio de Carvalho, trabalhador, que cahiu por uma escada do edificio em construcção na Tapada da Ajuda, ficando contuso, pelo corpo; na de Santo Antonio o trabalhador Antonio Luiz Rosa, que no muzeu das Janellas Verdes foi colhido por um quadro de pedra, ficando muito contuso no thorax, e na enfermaria provisoria do hospital do Desterro Gertrudes da Conceição Andrade, que ao apear-se de um comboio no apeadeiro do Rego cahiu, ferindo-se no rosto.

SPORT

No final d'um desafio

Hontem, para começo da epoca de «foot-ball», realisou-se um desafio, importante de attractivos e que chamou ao campo de Sete Rios centenas de pessoas. Os dois grupos que se combatiam eram os que mais interesse despertavam na massa popular que aprecia os espectaculos de «sport». Um é o actual grupo campeão; outro é o grupo que foi campeão durante tres annos.

Combateram-se bem?

Não, porque jogavam com extrema violencia, excessiva, não fazendo o que deve ser o «association».

Houve razões para isso? Houve. Foi a attitude de grande parte do publico, faccioso nas suas predilecções, que insultava uns e outros dos que jogavam, enervando-os, excitando-os, obrigando-os a perder a serenidade. Ora, um «player» n'estas circumstancias perde as suas faculdades combativas. Hontem, os excessos d'este publico chegaram ao exagero de arremessarem pedras para o campo, magoando alguns dos jogadores! E' um exagero, que muitos imputavam ao publico habitual do campo em que se effectuou o desafio. O facto é que os dirigentes do club proprietario do campo são completamente extranhos ao facto, lamentando-o como todos os «sportsmen» que presenciaram o que se passou. Um d'esses dirigentes, que é capitão do primeiro grupo d'esse club, viu-se na necessidade de dar encontrões e de bater em varios desvairados quando no fim do «match», rodeavam em attitude aggressiva o juiz Sabbo, que arbitrou segundo o que determina o regulamento, isto é, de maneira a não agradar aos que tudo veem pelo seu exagero «partidarista». Esse juiz sahiu do campo entre apupos defendido por amigos e por jogadores.

Foi um triste final de desafio. Muitos dos assistentes, lamentando o que succedia, lembraram aos que dirigem o «foot-ball» que nunca mais devem recorrer ao excesso de barateamento do preço dos logares. E' que assim se evita a entrada no campo áquella camada «perigosa», cujos exageros e excessos prejudicam a marcha do progresso e a propaganda do «foot-ball».

Nota do dia

O campeonato de espada em Cascaes

Começou hontem, em Cascaes, o campeonato de esgrima de espada, com caracter annual para a «Taça Cascaes». Os seus assaltos ainda não terminaram, estando indecisa a victoria, embora á frente da classificação actual, em egualdade de numero de victorias, estejam os srs. dr. Manuel Queiroz e Carlos Farinha, campeões de Portugal, aquelle do anno passado, este d'este anno, verdadeiros esgrimistas não só porque manejam uma espada, mas por que sabem ser sempre correctos em torneios, na sala d'armas, e onde se affirme que a nobre arte das armas é um exercicio educativo. Mario de Noronha segue de perto aquelles dois esgrimistas, podendo ser que os surprehenda na «final», pois que ainda lhe faltam alguns assaltos a effectivar.

Foi o mau tempo que impediu a continuação do torneio que deve continuar no proximo domingo.

Algumas anecdotas

Despidos e zurzidos é que elles deviam ser...

Isto passou-se hontem.

O juiz Augusto Sabbo, no desafio de «foot-ball», viu-se rodeado de caras inimigas, viu muitas bengalas no ar e ouviu muito insulto. O tumulto foi grande e á mistura houve bengalada e socco.

Uma senhora que sahia, commentou indignada o caso.

«—Nunca mais volto aos campos de «foot-ball», emquanto o frequentar gente d'esta ordem muito arruaceira. Vou ver outros espectaculos de «sport», para as patinagens, para os casinos, para as praias...

Um jogador do Sporting que estava perto respondeu:

—«Está enganada minha senhora. Não diga mal da gente do «foot-ball», que não é responsavel por estes casos. Por lá, pelos praias e casinos, encontra a mesma gente, com a differença de andar melhor vestida e melhor engravatada.

N'este momento passava o hercules Francisco Padinha, indignado, escoltando Sabbo e com uma bengala de cavallo marinho na mão. Quando ouviu o que disse o seu amigo, commentou:

—«Tambem tu estás enganado. Despidos todos é que elles deviam ser e depois zurzidos por mim...

Noticias

Entre nós

Gymnasio Club Portuguez

A assembléa geral d'este club, reunida ante-hontem, foi suspensa pelo adeantado da hora, devendo recomeçar os seus trabalhos hoje, ás 21 horas, para eleger os seus corpos gerentes.

Sociedade Sportiva Portugueza

A commissão organisadora d'esta sociedade, composta dos srs. José Amzalack, Alvaro Ribeiro Lopes, Luiz Antonio Xavier, João Cruz, Joaquim Dias Ferreira, Izidro Ramos, Antonio de Sousa, communica-nos que a sua nova séde é na rua do Gremio Luzitano, 35, onde se prestam esclarecimentos das 20 ás 21 horas, todos os dias uteis.

Club Internacional de Foot-Ball

No periodo transitorio de reorganisação que este antigo club iniciou, depois de resoluções da ultima assembléa geral, os corpos gerentes são os seguintes: Director de campo e delegado da secção de «sports», Augusto Sabbo; secretario, A. Correia Leal; thesoureiro, Ricardo Del Negro, capitães de «foot-ball», Boaventura Bello, Francisco Rocha e Carlos Guimarães. Toda a correspondencia deverá ser dirigida para a rua do Crucifixo, 86, 1.º esq.

Chronica do furto

Julio Ferreira dos Santos, morador na rua Eugenio dos Santos, 169, 5.º, foi preso a pedido de José Sequeira, residente no beco do Monete, 48, 1.º, que o accusa de lhe ter furtado a quantia de 75 escudos.

Tambem Amelia Costa, moradora na rua dos Vinagres, 1, 3.º e Esmeralda dos Anjos, residente nas escadinhas da Saude, 10, 3.º, foram presas a pedido de José Martins, soldado n.º 902 do Deposito de Praças do Ultramar, que diz terem-lhe ellas furtado a quantia de 53 escudos.

Na occasião em que Raul Serpa, morador na rua Damasceno Monteiro, J. C. F., estava sentado n'um banco no largo do Soccorro, furtaram-lhe a quantia de 30 escudos. Foi queixar-se á policia.

Accusado de falsificar guias de remessas dos Caminhos de ferro, no valor de 100 escudos, foi preso José Jacintho dos Santos, sem residencia certa.

Ultimas noticias

NOTA POLITICA

As aguas parlamentares

não serão muito tranquillas para a marcha do actual governo

A chegada do sr. dr. Affonso Costa veio tornar o problema politico mais palpitante. Hoje, nos centros de palestra onde estas coisas se discutem, não faltava quem dissesse que o chefe do partido democratico procura n'este momento inteirar-se detalhadamente da marcha dos negocios publicos para se habilitar a tomar conta do gabinete dentro de um curto praso.

Se é assim, os factos se encarregarão de o dizer. O que podemos desde já registar, como impressão segura dos meios politicos, é que o actual gabinete, tal qual está constituido, não marchará com facilidade nas aguas parlamentares. Dez, quinze dias de Congresso e o sr. dr. José de Castro irá de longada até Belem, communicar ao chefe do Estado que chegou a hora definitiva de se entregar inteiramente aos cuidados da advocacia.

A acção do governo ficou singularmente enfraquecida desde que elle declarou que a sua missão estava finda.

Essas declarações assumem sempre uma tal importancia, perante a opinião publica, que não é legitimo suppor que ellas se façam sem que poderosas razões as justifiquem. O ministerio, desde esse dia, assumiu um caracter transitorio que não se coaduna com as difficuldades do momento. Falta-lhe a confiança em si proprio, a certeza de que a sua obra poderá continuar a ser util á Republica e ao paiz Pois não reconheceu elle, pela bocca do seu chefe, que a sua missão tinha findado?

Não quer isto dizer que não haja dentro do gabinete magnificas intelligencias, energias admiraveis, todas ellas servidas por uma cega dedicação republicana. Estamos até convencidos de que ha-de fazer-se justiça completa á acção exercida por alguns ministros, sem ostentações, sem espalhafatos, quasi no segredo dos seus gabinetes. Mas falta-lhe, sem duvida alguma, um pensamento coordenador, uma vontade forte, a imprimir unidade á solução dos assumptos das diversas pastas. E falta-lhe tambem um plano certo, um programma de medidas a realisar, para que a critica da sua obra se possa fazer raciocinada e justa.

Talvez porque esta verdade se vae apoderando dos proprios espiritos que ainda ha pouco a contrariavam é que hoje correu que o sr. dr. Affonso Costa procura inteirar-se detalhadamente da marcha dos negocios publicos, habilitando-se á tomar conta do governo dentro de um curto praso.

Reclamações operarias

O sr. Marianno Martins, governador civil de Lisboa, deve ter ainda hoje uma conferencia com os directores da Companhia do Gaz a fim de se solucionar a questão dos gazomistas de Setubal. Ao que consta, a Companhia não despede o porteiro da fabrica, por ser um empregado antigo com exemplar comportamento.

O chefe do districto tambem foi hoje procurado pelos directores da Companhia de Panificação, a fim de se assentar na fórma de solucionar o caso dos vencimentos dos operarios.

Pela instrucção

E' hoje que, como já noticiámos, se realisa na Associação de classe dos empregados de escriptorio a sessão solemne para inauguração das aulas do curso commercial que ali vae ser professado.

—A sessão solemne da abertura das aulas do Centro Escolar Republicano Evolucionista do 2.º bairro, hontem realisada, decorreu com muito brilho, tendo falado o inspector das Escolas Moveis sr. Torres e o sr. Frederico Simões. Receberam-se telegrammas dos srs. dr. Antonio José d'Almeida, lamentando não poder comparecer como era o seu desejo, ministro da instrucção, felicitando a direcção e dizendo que por se encontrar ausente não podia comparecer.

D'um andaime á rua

Homem em perigo de vida

N'um predio da rua Rodrigo da Fonseca, que anda em reparações, empregam-se alguns operarios, entre os quaes os pintores Casimiro Moreira, de 40 annos, morador em Campolide, João Correia e João Velloso, sendo encarregado das obras um individuo de nome Antonio Negrão.

Pelas 15 horas de hoje encontrava-se sósinho no andaime do pavimento, á altura do segundo andar, Casimiro Moreira, que, desiquilibrando-se, veiu cahir desamparadamente na rua. Soccorrido pelos dois companheiros, foi transportado em automovel ao hospital de S. José, onde o medico de serviço, sr. dr. Fernando Cabral, verificou que soffrera fractura do craneo pela base, recolhendo em perigo de vida á enfermaria de Santo Antonio.

Marinha de guerra

A divisão naval, que sahiu esta manhã a barra, em exercicios, voltou ao Tejo pelas 14 horas e meia. A bordo do «Vasco da Gama» foi assistir a esses exercicios o sr. ministro da guerra, acompanhado dos seus ajudantes.

Pela pasta da marinha foram á assignatura, entre outros, os decretos: exonerando de 1.º commandante do corpo de marinheiros o capitão-tenente José de Freitas Ribeiro, que é nomeado commandante do cruzador «Adamastor», cargo de que é exonerado o capitão-tenente sr. Anthero Elysio do Nascimento Trigo; nomeando commandante do corpo de marinheiros o capitão de mar e guerra sr. José Joaquim Tavares de Almeida Carvalho; promovendo a capitão de mar e guerra engenheiro naval o capitão de fragata sr. Pedro Antonio dos Santos.

Apresentou-se no ministerio da marinha o capitão-tenente sr. Carlos Frederico Braga, que recebeu guia para o commando da divisão naval.

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje os srs. ministro de França, dr. Affonso Costa, Freire d'Andrade, Lisboa de Lima, Fernão Botto Machado e a direcção da Escola Normal.

NOTAS DIVERSAS

Satisfazendo o pedido do sr. ministro da marinha, a Empreza Insulana de Navegação determinou que o vapor «Funchal» faça escala pela ilha do Corvo no mez corrente, quando o tempo o permittir e haja carga para ali.

—O sr. ministro das colonias deve chegar esta noute a Lisboa, vindo do norte.

—A' vista de Sagres passou hoje uma canhoneira franceza.

Separação de funccionarios

A commissão de separação dos funccionarios do ministerio da guerra ultimou os seus trabalhos, tendo entregue hoje ao sr. Norton de Mattos o seu relatorio.

Aviadores militares

A bordo do vapor francez «Patria» seguiram hoje para os Estados-Unidos da America o capitão de cavallaria sr. Salvador Duarte e os alferes de infantaria sr. Carlos Esteves Beja e de cavallaria sr. Salgueiro Valente, que ali vão tirar o «brevet» de aviadores.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Soc. mut. auxiliar dos inhabilitados do trabalho

Para eleição dos corpos gerentes e apresentação e discussão do novo projecto de lei estatuinte, reune a assembléa geral ámanhã, ás 20 horas.

Vendedores de viveres a retalho

Para tomar conhecimento do que se passou entre os corpos gerentes e o sr. presidente do ministerio a quando da entrega da representação sobre subsistencias, reune a assembléa geral ámanhã.

Empregados da Companhia Carris de Ferro

A séde d'esta associação de classe mudou para a rua dos Remolares, 23, 1.º, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

Accidentes de trabalho

A direcção da companhia de seguros *Futuro* mandou hoje depositar na Caixa Geral de Deposito a quantia de 25 mil escudos, exigidos pela lei dos accidentes de trabalho ás companhias que se propõem effectuar os seguros d'aquella natureza.

Os serviços medicos da companhia *O Futuro*, ficam installados no primeiro andar da travessa da Espera, sendo dirigidos pelo sr. dr. José de Padua.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 1/2	34 3/8
Londres, 90 d/v.	35	—
Paris, cheque	$75,5	$76,1
Allemanha, cheque	$30	$31
Hollanda, cheque	$62	$62,7
Madrid, cheque	1$39	1$40
New York	1$49	1$51
Rio s/Londres	12 9/32	—
Libras	7$15	7$25
Agio do ouro	58 %	63 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,70	39,65
» » 500$	39,70	—
» » 100$	39,70	39,70

Obrigações do Estado: 4 1/2, 1905, coup. 81$; 5 0/0, 1909, coup. 80$.

Externas: 3.ª serie 74$90.

Acções: Banco de Portugal, assent. 180$; Banco Commercial de Lisboa, 154$; Ultramarino, coup., 115$50 e assent. 115$; Assucar, 41$60 0/0; Phosphoros, coup., 54$90; Tabacos, coup. 78$90; Internacional Mercantil C.º 6$20.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, 91$10 e 5 1/2 45$; Norte e Leste, 1.º grau, 72$30; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 1, 78$50 e tit. 5, 77$.

As grandes iniciativas portuenses

O que é a fabrica "A Portugal,,

Eis o seu maior titulo de gloria: Já hoje produz, diariamente, cerca de setecentos pares de calçado

A actividade fabril de Portugal — já o dissemos — é hoje maior do que nunca, e as aptidões de trabalho, os singulares recursos dos nossos operarios estão tendo agora e continuarão a ter, por certo, ensejo de se manifestar em todo o seu extraordinario valor. O desenvolvimento d'essa actividade põe em foco admiraveis iniciativas e revela-nos a existencia de industriaes e commerciantes que, entregues á sua labuta e sem procurarem chamar as atenções sobre os seus nomes, devem, no entanto, ser conhecidos e louvados pelo seu intelligente arrojo, pela sua invencivel pertinacia, pelo seu innegavel triumpho.

Talvez muita gente ignore que no Porto—a cidade modelar do trabalho—o fabrico do calçado attingiu em poucos annos um aperfeiçoamento e uma producção excepcionaes. Referimo-nos ao fabrico mechanico, absolutamente em nada inferior ao fabrico manual, e que de ha muito conquistou os mercados, porque não é possivel competir em preços com esse producto que satisfaz os mais exigentes, desde os que se preoccupam apenas com a simples commodidade aos que não descuram a observancia dos decretos da moda e primam sempre em ser elegantes e modernos.

«A Portugal», da rua da Vigorosa no Porto, é no actual momento a primeira fabrica do seu genero que existe no paiz. Gonçalves Frederico, que começou modestamente a sua carreira como industrial, conseguiu, mercê d'uma tenacidade inexcedivel e de uma robusta intelligencia, fundar as magnificas officinas da rua da Vigorosa, nas quaes se encontram os mais bellos e perfeitos machinismos necessarios á fabricação do calçado e que, principiando pelo corte, o executam, por mais fino e delicado que seja, até ficar totalmente concluido. Tão elevado grau de adiantamento alcançou «A Portugal» que entre os seus annexos conta uma serralharia que não só faz nos machinismos as reparações indispensaveis, como tambem os chega a fabricar, rivalisando com os melhores e mais complexos que se importam do estrangeiro.

Dois cooperadores habilissimos encontrou Gonçalves Frederico nos srs. Lourenço Baptista e Francisco Cepeda, cujos nomes devem ser citados quando se escrever a monographia completa da fabrica da rua da Vigorosa. O primeiro é hoje o director technico, logar que deve á sua elevada competencia que Gonçalves Frederico foi o primeiro a reconhecer e premiar. O segundo, moço de notaveis dotes, culto e activo, é o gerente commercial, dedicando-se de alma e coração á obra, bem importante, e que reclama pouco vulgares predicados, da propaganda e collocação do artigo que creou á fabrica da rua da Vigorosa uma fama que já transpoz as fronteiras. Brevemente, e no intuito de augmentar mais ainda os creditos d'«A Portugal» e alargar a sua enorme clientella, o sr. Francisco Cepeda visitará os principaes centros productores da Europa e da America.

* * *

Centenas de operarios trabalham na fabrica a vapor «A Portugal» e acham-se excellentemente installados, em officinas amplas, cheias de ar e de luz, e que mostram como os preceitos hygienicos são observados com escrupuloso empenho pelos seus directores.

Mas—e é isso o que os nossos leitores desejam antes de mais nada saber—qual é a producção da fabrica?

Actualmente está produzindo entre seiscentos e setecentos pares de calçado por dia e espera-se que, dentro de um curto lapso, essa producção suba a mil pares.

A secção de córte, a de divisão de córtes, a de preparadores-montadores, a de montar palmilhas, pontear e aviar solas, a de montar tacões, fazer arranjados e brunidos, a de collagem e preparadores de enchimentos, a de fabrico de fôrmas, finalmente, laboram hoje sem intermittencias, constituindo um interessante espectaculo, em que ha muito que observar e aprender, uma visita, embora rapida, a todas ellas.

E que variedade de calçado a fabrica produz, quer quanto aos modelos, quer quanto á materia prima!

Botas de bezerro grosso nacional, de bezerro preto, de camurça branca, de pellica preta de lustro, de verniz preto de vitella, de lona de linho, box-calf preto de verniz, star-calf de côr, de vitella da Russia, de vitella branca, etc., sapatos dos mesmos cabedaes e das mesmas fazendas e tanto para homens, como para senhoras e creanças, segundo os mais diversos figurinos,—tudo isso se manufactura primorosamente na grande fabrica portuense da rua da Vigorosa, em que constituem tambem especialidades as botas de montar, de caça e de campo e ainda a bota suissa para soldado!

E, já que alludimos á bota para militares, cumpre dizer que «A Portugal» trabalha n'este instante em calçado que se destina ao nosso exercito e a cujo bom fabrico consagra o maior cuidado, afim de que o nome, já hoje prestigioso, da firma não soffra o menor detrimento. Um episodio define o que acabamos de asseverar: Certo operario descurou um dia o acabamento d'um par de botas para soldado. O mestre, que examinou o trabalho, fez reparo na incuria e, censurando-o, disse:

—Os pés dos soldados merecem tanta ou maior attenção do que os pés das outras pessoas. E' preciso que o calçado que para elles se está fazendo apenas suscite louvores...

* * *

«A Portugal», que tem um deposito em Lisbôa na rua do Amparo, vae abrir um estabelecimento de luxo n'uma das principaes arterias da capital, talvez na rua do Ouro, onde os seus soberbos productos poderão ser admirados em conjuncto, se bem que já em muitas casas de Lisboa elles se encontrem e sejam procurados pelo publico.

Que não se demore a abertura d'esse estabelecimento são os nossos votos. O calçado portuguez gosa da fama de ser do melhor que se fabrica em qualquer parte. O que está produzindo «A Portugal» justifica, absolutamente, esse renome: E' o maior elogio que se lhe pode fazer!

ÉVOCANDO O PASSADO

Campanhas da Liberdade

Alguns vultos de destaque

Sr. redactor.—Commentando só agora, para melhor aclaramento, depois de percorridos os archivos, a carta do sr. Macedo Ortigão, que se lê n'este jornal, de 16 de Outubro, é justo acentuar que ao distincto jornalista assiste toda a razão pela justificação apresentada, a qual, comtudo, se afiguraria desnecessaria, porquanto honram as paginas da nossa epopéia militar e civil e são bem conhecidos os feitos illustres e a acção a mais nobre, alevantada e do mais insophismavel liberalismo, de muitos nossos antepassados que, nas campanhas em pról dos sagrados principios da liberdade tanto se distinguiram, e que muitos d'elles pertenciam á familia outros eram parentes muitos proximos dos ascendentes do Ortigão. O facto do avô do sr. Macedo Ortigão ter feito sollicitação para usar a effigie de Don Miguel nada significa e nada importa de menos honroso para os descendentes, pois que paes de muitos republicanos, e dos mais enthusiastas foram monarchicos e sempre apoiaram a realeza até á queda do regimen. Veja-se o exemplo do heroico tenente Aragão que descendente de dignitarios do ultimo rei de Portugal, vivendo portanto n'uma atmosphera de palacianismo, soube romper com vãos preconceitos, revelando-se sempre desde os bancos da escola, até mesmo no seio da propria escola do Exercito, um dos mais fervorosos adeptos da causa republicana, á ideia salvadora dando todo o esforço do seu temperamento vigoroso e desassembrado de patriota como os que o sabem ser.

Organisado, no anno de 1834, o batalhão movel da cidade de Faro, que devia operar contra as tropas de D. Miguel, voluntariamente n'elle se alistou logo Antonio Ramalho de Macedo Ortigão, o qual desvelado combatente como tantos outros membros da sua geração, tão heroicamente se houve na acção do dia 27 de Março do referido anno de 1834, sob o commando do tenente-coronel Luna, que por proposta do visconde de Sá da Bandeira, foi agraciado, pelos relevantes serviços prestados á causa da libertação de Portugal, com o grau da Torre e Espada.

Pelos mesmos motivos, pela notavel bravura com que se houve na defeza da cidade de Faro contra as hostes do pretendente, foi egualmente condecorado seu irmão Joaquim Ramalho de Macedo Ortigão o qual fazia parte, tambem na qualidade de voluntario, do batalhão d'empregados publicos da capital do Algarve.

Do Antonio Luiz de Macedo e Brito, deputado da Regencia, conego que foi da Sé cathedral de Faro, doutor graduado na faculdade de direito canonico da Universidade de Coimbra, dizem documentos firmados por Sebastião José da Gama Barbosa Cordovil e Gervasio Hypolito de Vasconcellos Salema que «o doutor Luiz de Macedo e Brito foi dotado de talento, litteratura e capacidade para desempenho de grandes emprezas, de que já deu provas na Regencia Provisional do Reyno do Algarve, na qual foi um dos mais distinctos deputados e que em ella aproveitadamente serviu». Por decreto de 14 de maio de 1814 foi feito cavalleiro e commendador da Ordem de Christo pelos seus serviços á causa da libertação de Portugal.

João de Macedo, parece-nos que filho do capitão-mór Antonio Luiz de Macedo, era irmão do valoroso consul Joaquim Filippe de Macedo e Brito, uma das victimas do absolutismo, o illustre general que commandou brilhantemente a brigada do centro das trez organisadas com o seu valioso concurso, pelo grande vulto militar que foi o duque da Terceira. Planeou e dirigiu, com notavel acerto, um dos ataques contra as forças de D. Miguel, dando verdadeiras provas de intrepidez e valentia. Com o seu bravo corpo de voluntarios e o regimento de infantaria n.º 18 fez prodigios indiscriptiveis. Segundo affirma, entre outros, o illustre escriptor Luz Soriano, o heroico official, depois barão de São Cosme, foi um dos generaes de maior fama e bravura das tropas que á causa da Libertação da Patria expunham gloriosamente a vida.

O consul Judice da Silva e seu filho deram verdadeiras provas de altruismo e amor patrio por occasião da batalha naval do Cabo de S. Vicente. A ellas fez referencia n'este jornal o sr. Pedro da Silveira, no dia 25 de outubro corrente.

João de Macedo e Brito, filho do consul Macedo e Brito, portanto sobrinho do heroico general a que nos referimos, partidario acerrimo da constituição, voluntaria e ferverosamente, andou envolvido nas luctas do seculo passado e, soldado valoroso que era, muito se distinguiu. Pelas perseguições que lhe moveram os partidarios de D. Miguel passou verdadeiras inclemencias. Foi depois, pelo ministerio constitucional, nomeado governador de Villa Nova de Portimão.

Os illustres vultos a que nos referimos pertenciam e achavam-se aparentados com a casa Ravelada, das mais abastadas do Algarve. Alguns d'elles ficaram quasi sem meios, porquanto a maior parte dos seus bens foi prodigamente dispendida em favor da causa da Liberdade.

Alguem poderá pois, em boa razão contestar que pelas suas acções, pelo seu esforço denodado abandonando o conforto do lar, possuindo todos avultados meios e arruinando-se de vontade, no cerebro d'aquelles que cegamente, sem um desanimo, seguiam a ideia da implantação do regimen constitucional, não germinava já o pensamento d'uma forma do governo mais ampla, mais harmonica com as aspirações d'um povo que, atravez dos seculos, tantas provas tem dado de que quer viver livre? Não, decerto.

Não necessita pois, o sr. Macedo Ortigão affirmar, o seu liberalismo. A historia o diz vantajosamente.

Hermenegildo Pereira

Casino de S. José de Ribamar

E' hoje que se inaugura n'este Casino, em Algés, uma nova sala de jantar, montada com toda a elegancia e conforto.

A antiga sala destinada, na quadra do inverno, a servir de casa de espectaculos para variedades, será adaptada convenientemente áquelle fim.

Assim, os frequentadores do Casino, durante o jantar, poderão assistir aos espectaculos gratuitamente.

Julio da Cunha e Silva participa aos seus clientes que abriu consultorio na Avenida da Liberdade, 54, 1.º

Consultas das 3 ás 6.

Clinica geral e partos.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 31.—Começaram hoje as vendas em hasta publica do espolio do antigo convento das Ursulinas. Foram vendidos 8 pianos, o orgão grande da egreja e uma imagem do Senhor dos Passos. Nos domingos immediatos continuarão os leilões até final liquidação.

—A camara municipal resolveu expropriar por utilidade publica as ruinas d'um incendio succedido ha muitos annos na Couraça da Estrella, cujos pardieiros davam mau aspecto á cidade.

—Foi transferido d'esta cidade para a Figueira da Foz o fiscal de 2.ª classe Thiago Augusto Ribeiro.

Aos Paes

O Instituto do Amigo da Creança, a unica casa de ensino que possue material mandado fazer expressamente no genero do que existe nos paizes cujo ensino é modelar, offerece segura garantia do bom resultado a esperar do ensino das creanças.

Tem mostruario proprio na exposição installada na Sociedade de Geographia, exposição que bem merece uma visita.

Dos 3 aos 7 annos classe infantil para ambos os sexos.

Educação do sexo feminino instrucção primaria, lyceu até ao 5.º anno, linguas praticas e theoricas por professores das respectivas nacionalidades, musica, desenho, pintura, todos os trabalhos de arte applicada, bordados em todo o genero, rendas, costura, doces, cosinha, gimnastica e jogo do «tennis».

Remettem-se os programmas a quem os requisitar ao Palacio e Parque Raposo—Rua de Santa Martha, 179, proximo á Avenida da Liberdade, Lisboa.

FABRICA BAIRRO ANDRADE

Vende-se

Acceitam-se propostas sobre o seu preço até ao dia 12 do corrente mez. Esta fabrica modernamente montada para trabalhos de serralharia e carpintaria, está em condições de poder funccionar immediatamente. Para esclarecimentos, condições e ver, dirigir-se ao guarda da mesma no Caminho do Forno Tijolo, 29.

A Commissão de credores

Espectaculos

Cartaz de amanhã

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).

GIMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,50 e 22,20—Dominó—(Revista).

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

QUARTA FEIRA—Theatro Moderno—Reabertura com a companhia infantil—*O cura d'Aldeia*—*Lord Grog.*

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olympia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central; Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Ferro-viarios do Sul e Sueste

Foi distribuido profusamente um manifesto em que se expõe a necessidade urgente de serem augmentados os vencimentos, para fazer face á presente crise economica, e se convidam todos os ferroviarios a uma reunião que se realisa ámanhã, ás 19 horas, no Barreiro, na séde da Associação dos Corticeiros.

NO ORIENTE

Os preparativos russos

Rotterdam, 28 d'outubro

Diz a *Vossische Zeitung* que entre Odessa, Tiraspol e Kishnieff estão tres divisões russas do landsturm.

Como duas d'estas divisões estão completamente equipadas é provavel que se destinem a outro ponto. E' talvez por isso que, desde 23 do corrente, está suspenso o serviço particular das linhas ferreas entre as cidades de que lhes falei acima, e que no porto de Odessa se acham duas duzias de grandes transportes esperando ordens e ignorando o seu destino.

teriam sido envolvidos, algumas das suas linhas de retirada cortadas e uma dissolução de grande parte das forças em retirada ter-se-hia seguido. Todas as tentativas austro-allemãs para romper as linhas do Dniester deram n'um fracasso.

Os russos foram recuando gradualmente a sua linha para o Dniester de oeste para leste, cobrindo a retirada dos exercitos que estavam fazendo frente a oeste. E o inimigo não poude romper as defezas do flanco sul.

A oeste de Lwow corre uma linha que póde quasi comparar-se em força com a do Dniester. E' a linha dos lagos e dos pantanos que se estende ao longo do pequeno rio Vereszyca; essas posições são mais conhecidas como linha de Grodek, derivada do nome da cidade que defende a sua passagem mais importante. O principal ponto fraco d'essa linha é o alcançar apenas uma pequena distancia para o norte.

A noroeste de Lwow, entre as cidades de Vereszyca e Rava Ruska, ha uma aberta nas suas defezas occidentaes. Essa aberta fica a oeste-nordeste de Jaroslav. Contra ella estava avançando o exercito do general von Mackensen.

Depois da queda de Przemysl o quarto exercito austro-hungaro tentou obliquar para o sul, na linha do San. Rodando sobre a sua ala extrema esquerda, tentou dar ao centro e á ala direita uma posição em que fizesse face ao norte, cobrindo assim o flanco esquerdo das forças que estavam avançando sobre Lwow.

Era apoiado pelo menos por um corpo d'exercito—o 10.º austro hungaro—do antigo exercito de Borojevic. Esse corpo avançou de Przemysl para o norte contra a linha do rio Tanew, a fim de cobrir Mackensen, que estava avançando de Jaroslav e Radymno contra Rava Ruska e Zolkiew, envolvendo assim pelo norte as defezas de Lwow.

O segundo exercito austro-hungaro, sob o commando do general von Bohem-Ermolli, avançava d'ambos os lados da linha ferrea Przemysl-Lwow n'um ligeiro angulo recto para o nordeste. Os exercitos dos generaes von Linsingen e von Pflanzer-Baltin estavam ao sul do Dniester; o avanço do segundo exercito arrastava-os gradualmente para o norte, atravez do rio, assim como o avanço de Mackensen de Gorlice para Rzeszow arrastára os exercitos de Borojevic e de Boehm-Ermolli. Provavelmente durante parte d'esse tempo estiveram sendo de novo agrupadas as forças e concentrado o material com que recomeçou a campanha.

Ao norte, entre Krawce, Rozvadow e Rudnik, os russos estavam proseguindo vigorosamente na sua contra-offensiva. A 2 de junho romperam as linhas inimigas e apoderaram-se d'uma importante posição fortificada na região de Rudnik, fazendo cerca de 4.000 prisioneiros e tomando muitos canhões e metralhadoras.

O communicado official russo do dia 3 diz:

«A oeste de Rudnik anniquilámos por completo o 2.º, o 3.º e o 4.º regimentos tyrolezes».

A victoria assim alcançada continuou no dia seguinte em direcção á aldeia de Novosielec e o inimigo foi repellido, retirando na maior desordem.

O 14.º corpo d'exercito austro-hungaro recuou para as posições fortificadas que se estendiam de Stany no rio Leng—um pequeno affluente do Vistula, no qual se lança a leste de Sandormiez—por Jata até Lentovina, estação da linha ferrea de Rozvadow-Przevorsk; d'ahi, as suas linhas estendiam-se por Sarzyna para o San. Cerca de 1.000 prisioneiros foram feitos n'essa região no dia 4 de junho.

Os russos haviam conseguido apoderar-se d'uma terça parte da distancia de Rozvadow no caminho de ferro Tarnow-Jaroslav, a linha mais importante de communicação do exercito de Mackensen. Por causa d'esse avanço, reforças allemães fo-

tava-se a nordeste de Przemysl, proximo do forte de Lentvnia, ás posições dos bavaros.

O commandante russo de Przemysl, o general Artamanoff, havia reconstruido alguns dos velhos fortes austriacos e artilhára-os com «howitzers» de 21 cm., sendo simultaneamente feitas outras obras accessorias de defeza. Os austriacos haviam apenas trazido «howitzers» de 15 cm. e tiveram de esperar pelas suas baterias de 30,5 cm antes de poderem iniciar o ataque a Przemysl, embora essa fortaleza fôsse agora apenas uma sombra do que era antes de ser tomada pelos russos a 22 de março.

Os canhões de 30,5 cm. chegaram no dia 25 de maio e o ataque começou no dia 30, servindo-se o inimigo das obras feitas pelos russos quando estes eram os sitiantes e que não haviam tido tempo de destruir ao recolherem á fortaleza.

No dia 30, os bavaros tomaram as posições russas proximo de Orzechovce, que cobre o sector norte da fieira exterior de fortes em redor de Przemysl. No mesmo dia um violento bombardeamento começou e ataques de infantaria foram dados contra toda a fronte norte e nordeste da fortaleza, que se estendia do rio San, acima de Przemysl, a oeste, á estrada de Przemysl-Radymno. Para falar technicamente, os ataques de 30 de maio foram dirigidos principalmente contra a fronte delimitada pela linha dos fortes 7 a 11.

O forte numero 7 fica dentro da reintrancia que o San fórma a leste de Przemysl. Ao sul d'ella, na margem do rio, fica a aldeia de Ostrow, a leste estende-se a elevação da cota 241, fechando a garganta da reintrancia do rio.

Esse forte fórma na fieira exterior de fortalezas a chave do sector do valle do San occupado por Przemysl. Contra elle uma tentativa foi feita pelas tropas austriacas, que parece terem avançado atravez do San de oeste para sudoeste, tendo-se primeiro concentrado atraz das densas florestas que cobrem aquella região.

O communicado official russo de 1 de junho diz a tal respeito:

«Durante a noite de 30 para 31 de maio, o inimigo conseguiu approximar-se a 200 passos e em alguns pontos penetrar no recinto do forte numero 7, em redor do qual se travou obstinada lucta até á tarde do

O fallecido marquez di San Giuliano, antigo ministro italiano dos estrangeiros

31, em que conseguimos repellil-o, depois de lhe infligir enormes perdas. O que restava do inimigo que havia penetrado no forte, em numero de 23 officiaes e 600 homens, foi aprisionado.»

No dia 31 os bavaros concentraram de novo o fogo das suas baterias pesadas contra os fortes em redor de Dunkoviczki (numeros 10a, 11a e 11). O bombardeamento continuou até ás 4 horas da tarde, hora a que o fogo cessou, e a infantaria do inimigo, composta de um regimento prussiano, um austriaco e alguns bavaros, tentou tomar de

assalto os fortes, que estavam transformados em meras ruinas.

A sua guarnição, dizimada pelo bombardeamento, não poude resistir por muito mais tempo e recuou para além da estrada que corre por detraz da fieira exterior dos fortes em roda de Przemysl. No mesmo dia, o 10.º corpo d'exercito austro-hungaro iniciou o ataque contra os fortes, a sudoeste, de Pralkovice e de Lipnik.

A 1 de junho as tropas allemãs de Mackensen tomaram duas trincheiras a leste do forte numero 11, embora regassem com o seu sangue cada metro de terreno conquistado. Entretanto as baterias pezadas dirigiam o fogo contra os fortes numeros 10 e 12. A brecha na fieira exterior dos fortes havia alargado e esses dois foram escolhidos para os ataques do dia seguinte.

Ao meio dia de 2 o 22.º regimento de infantaria bavara tomou o forte numero 10 e á noite os Granadeiros da Guarda Prussiana occuparam o numero 12. Na noite d'esse dia, o inimigo entrou na aldeia de Zuravica, que fica a dentro da fieira dos fortes. As tropas austriacas haviam no entretanto rompido para sudoeste e na tarde de 2 de junho occuparam a Zasanie—traduzindo á lettra «a parte além do San»—na margem esquerda do rio.

Nos dias seguintes os russos foram evacuando a fortaleza e a unica parte que guarneceram com forças consideraveis foi a que cobria directamente a sua linha de retirada para Grodek e Lwow. Durante a noite de 2 para 3 de junho os bavaros e os austriacos entraram na cidade de Przemysl. A narrativa semi-official, enviada pela agencia Wolff, exalça o facto de ter sido o 3.º regimento de Guardas a pé o primeiro a entrar na cidade e que as tropas austriacas «seguiram» os allemães.

Não se comprehende bem que auxilio um pequeno corpo da Guarda Prussiana pudesse prestar a enormes massas de austriacos, hungaros e bavaros na tomada de Przemysl, como a descripção da entrada na conquistada fortaleza parece querer pôr em relevo.

A queda de Przemysl não se teria dado se não fôra a enorme superioridade da artilharia austro-allemã e a grande concentração das suas tropas, que romperam as defezas na linha Dunajec-Biala. E a queda de Przemysl arrastava não só a de Lwow, mas a de Varsovia e de Ivangorod.

Uma retirada atravez da Galicia oriental para a linha do San havia entrado nos ultimos annos em grande parte nos planos estrategicos russos para o caso d'uma guerra contra as potencias centraes, assim como o abandono da Polonia occidental.

A linha Vistula-San-Dniester de Thorn ao norte até Chocim a sudeste é forte e ininterrupta, correndo atravez das planicies polacas e galicianas, entre a linha do Oder e os Carpathos a oeste e a sul, e a linha do Niemen e do Bug a nordeste d'esta.

A declaração da guerra austro-italiana a 23 de maio foi seguida de uma nova concentração de exercitos austro-hungaros na Galicia e de certas mudanças nos commandos dos exercitos. Os generaes Dankl e Borojevic von Bojna foram transferidos para a fronteira italiana. Dankl tinha estado commandando apenas um exercito de metade do effectivo normal; as suas tropas estavam unidas com o exercito allemão do general Woyrsch, em conjuncção com as quaes tinham estado combatendo no ultimo meio anno. Em maio, como se sabe, estavam em força consideravel.

O general Kövess von Kövesshasa, que antes da guerra commandára o 12.º corpo d'exercito austro-hungaro e durante o mez de maio estivera á frente de certos regimentos hungaros incluidos no exercito do general Woyrsch, parece ter sido collocado no commando de todas as forças austro-hungaras incluidas n'esse exercito.

O general Borojevin von Bojna foi transferido para a fronte italiana, devido provavelmente á grande

experiencia da guerra em montanhas que havia adquirido durante o meio anno de lucta nos Carpathos.

E' impossivel dizer quantos homens do seu exercito elle levou comsigo para o sul. Uma coisa é certa: que nenhuma nova concentração de forças foi feita até á queda de Przemysl. O communicado official austro-hungaro de 25 de maio fala em um «Exercito Puhallo»; é evidente da sua posição que era o exercito do general Borojevic sob um novo commando. Depois da queda d'aquella fortaleza esse exercito parece, porém, ter soffrido mudanças. Parte foi provavelmente transferida para a fronte italiana; outras partes foram distribuidas pelos outros exercitos austro-hungaros e allemães, para substituir regimentos retirados para a fronte do sul ou para preencher as grandes perdas soffridas durante a campanha da Galicia.

Assim, o 10.º corpo d'exercito austro-hungaro, que na Galicia havia sempre avançado na ala esquerda do terceiro exercito sob o commando de Borojevic, proximo da ala direita do undecimo exercito allemão de Mackensen, apparece no começo de julho proximo de Krasnik, isto é, em conjuncção com o quarto exercito austro-hungaro sob o commando do archiduque José Fernando.

Outras partes do terceiro exercito parece terem sido incluidas no de Mackensen e de Boehm-Ermolli; por exemplo, o corpo allemão commandado pelo general von der Marwitz formou durante a batalha de Lwow parte do segundo exercito austro-hungaro. A composição do «Exercito Puhallo» não é bem conhecida.

Na mesma occasião, emquanto no norte os reconstruidos fortes de Przemysl estavam sendo demolidos pelos canhões pezados do inimigo, uma outra posição importante, mais ao sul, estava sendo desmoronada pelo seu fogo.

Desde 18 de maio que as tropas allemãs estavam tratando de alargar a estreita saliencia que occupavam no valle do Stryj contra Uliczno a oeste e Bolechow a leste. Ao mesmo tempo estavam collocando os seus morteiros pezados e «howitzers» em posição em frente das trincheiras russas entre Holobutow e Stryj.

Na manhã de 31 de maio o fogo rompeu contra ellas e depois d'algumas horas de bombardeamento pouco restava das defezas que milhares de austriacos e allemães haviam, antes, tentado baldadamente tomar d'assalto. A conquista final das posições russas proximo de Holobutow foi effectuada pela 38.ª divisão de «honvéd» hungara sob o commando de Bartheldy, a quem o commandante allemão, o conde Bothmer, deixou a parte mais difficil. Foi «seguida» pelos allemães, invertendo assim a combinação que fôra feita para a entrada triumphal em Przemysl, pelo que a descripção da entrada não apparece no relatorio da agencia Wolff.

A queda de Stryj tornou inevitavel a retirada de toda a linha russa para o Dniester. Passo a passo, os russos recuaram para o norte; a sua retirada ficará memoravel na historia militar, porque, emquanto retiravam, iam aprisionando milhares do inimigo «perseguidor».

Retiraram para além do Dniester, mas continuaram a manter as pontes-cabeças e outros pontos estrategicos que podiam ser mantidos ao sul do rio, sem perturbar excessivamente a symetria da sua linha.

Com a queda de Przemysl e Stryj encerrou-se a segunda phase da offensiva austro-allemã. A terceira póde dizer-se que foi a batalha de Lwow e estendeu-se desde 3 a 22 de junho, dia da retomada da capital da Galicia pelos austriacos.

O plano estrategico respeitante a essa terceira phase da offensiva austro-allemã póde explanar-se em poucas linhas. O melhor meio de esmagar os exercitos russos em retirada teria sido um ataque de flanco do sul. Uma passagem coroada de exito do Dniester pelo inimigo teria tido desastrosas consequencias para os russos. Os seus exercitos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1884 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 2 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A POLITICA

A distincção entre a politica, que é a sciencia elevada de dirigir os destinos dos Estados e preparar a evolução das ideias nas sociedades, e aquella politica, de mesquinhos intuitos e originada em más paixões e inconfessaveis interesses, mais uma vez se impõe para que a consciencia dos povos se não deixe inquinar por uma ideia falsa.

A politica,—conluio; a politica,—manigancia; a politica, — mystificação, sophisma, arranjo, compadrio, abandono dos principios e corrupção dos homens, merece sem duvida a repulsão das consciencias esclarecidas, a repugnancia dos bons patriotas e dos bons cidadãos. N'esse sentido se tem feito uma propaganda em que teem collaborado os melhores espiritos da nossa terra. E essa propaganda tem sortido effeito, embora lentamente, mas infallivelmente. Ninguem se deve arrepender de para ella haver contribuido. Simplesmente, por má exposição da questão, por deficiencia de imprescindivel elucidação, o espirito publico corre o risco de se desnortear applicando á politica em todas as acepções, o estygma que só merece um seu determinado aspecto.

Assim, não é raro vêr condemnar toda a politica. Dir-se-hia, pela reprovação que desencadeia, que até a propria palavra «politica» deveria ser proscripta dos diccionarios. E' a condemnação total. E, lavrada ella, reconhecemos que o que deveria ter dado em resultado realçar a necessidade e o prestigio da verdadeira politica, pela eliminação da má politica, que não é mais do que a sua deturpação, na realidade origina o desconceito d'uma funcção que não pode dispensar-se na organisação dos Estados.

Este erro, que facilmente pode causar as mais sérias perturbações na vida das sociedades, leva a pretensões que seriam monstruosas se não fossem pueris. E' assim que se fala em não attender senão ás questões economicas, para fugir á politica, como se não houvesse uma politica economica. E' assim que se procura pensar só em questões administrativas como se na administração se não requeresse uma boa politica. E' assim que ao proprio problema social se tenta encaral-o só pelo ponto de vista philosophico esquecendo que as suas soluções não dispensam uma interferencia politica.

Estas reflexões são em parte suggeridas pelo estado de espirito manifestado no congresso municipal de Evora. E' interessantissimo o rejuvenescimento do espirito regional que estas reuniões estão manifestando, e a que acaba de se effectuar no Alemtejo chega mesmo a surprehender pelas iniciativas que esboçou. Um paiz, onde a provincia assim encara os seus problemas, e resolutamente procura fazer-lhes face, com soluções em que a acção se casa tão intimamente com a ponderação e com o estudo, é um paiz que não está condemnado a morrer, antes vê reflorir as suas velhas energias nos mais magnanimos designios. Mas cabendo dentro das leis da Republica todas as transformações da vida regional que se pretende effectuar, não ha razão nenhuma para que esse movimento tão sympathico a todo o paiz e tão respeitavel até para o estrangeiro assuma sequer o caracter d'uma antagonismo com o poder central, de uma rebellião que, embora pacifica, nada justifica e pode afigurar-se reveladora d'uma hostilidade que não tem razão de ser.

E' o protesto contra a politica. Mas essa politica, quando é realmente a politica nobre e inspirada em grandes principios e nas grandes necessidades sociaes, quando é a politica que na implantação da Republica se definiu, e nas suas leis mais importantes se concretisou, não merece a hostilidade dos municipios, que precisamente iniciam a sua obra de transformação ao abrigo das garantias que essas leis lhes conferem.

Na realidade tal antagonismo não existe. Nem pode existir. Nada justifica um estado de conflicto entre os municipios e o poder central. O que ha é um equivoco. E esse equivoco deriva de, tendo-se condemnado, com justiça, a má politica, baixa, mesquinha, esteril, que melhor se deveria denominar com a expressão bastarda de politiquice, não se ter feito, com não menos justiça, a apologia da verdadeira politica, em que as grandes ideias florescem, á qual o mundo inteiro deve a sua liberdade e o seu progresso, e sem a qual as nações só poderiam caminhar ás cegas.

bachareis formados em direito e em medicina.

Antes de mais nada é bom lembrarmo-nos que estamos n'um paiz de analphabetos. Reservar os cargos publicos para os portadores de um curso, seja elle qual fôr, é menosprezar os direitos sacratissimos dos que vivem na total ignorancia da lettra redonda e favorecer uma minoria restricta em prejuizo d'uma maioria esmagadora. E' chegado o momento de fazer justiça a esta. Já se tem feito alguma coisa n'este sentido, já tivemos um barbeiro bibliothecario—para não citar senão este exemplo—; preciso é continuar n'essa senda de são criterio.

Em primeiro logar o que é um logar publico? E' um ordenado. Ora para receber um ordenado é preciso ter um curso? Evidentemente que não. E' preciso ter habilitações? Isso de habilitações é uma coisa muito vaga. Ha quem aprenda guitarra por musica e quem a toque de ouvido. Portanto, porque não se admitte a hypothese de se exercerem os cargos tambem de ouvido? Basta que um cidadão se apresente armado até aos dentes das melhores intenções; depois com o andar dos tempos irá adquirindo a pratica. Conheci um ajudante de preparador de um gabinete de chimica, que collaborava nas experiencias mais delicadas, sabendo só que para obter um determinado resultado era preciso misturar o pó amarello que estava na prateleira de cima com o liquido verde, que estava no armario da direita. O que era esse pó e o que era o tal liquido não o sabia elle. E para quê?

Nomeiem-se pois para a policia os individuos que precisam dos ordenados. Assim começaremos por fazer alguns felizes. O resto virá depois. Com trinta ou quarenta annos de pratica, de experiencias e de tentativas, afinarão a mão no desempenho dos seus deveres e d'aqui até lá nos iremos divertindo com o pittoresco da sua aprendizagem.

André Brun

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Palestras scientificas

D. José Maluquer e Gomez Baquero chegam no sabbado á cidade do Mondego

São esperados no sabbado de manhã em Coimbra os srs. D. José Maluquer da Academia de Jurisprudencia e Legislação e D. Eduardo Gomez Baquero, da mesma academia e vogal do conselho de instrucção publica de Hespanha, eminentes homens de sciencia que, no recente congresso de Valladolid, concertaram com o representante de Portugal, sr. dr. Costa Lobo, a permuta de conferencias sobre varios assumptos scientificos.

Aos illustres visitantes ser-lhes-ha offerecida uma recepção em casa do sr. dr. Costa Lobo e no dia seguinte (domingo) um almoço offerecido pela direcção ao Instituto de Coimbra. As conferencias realisar-se-hão pelas 20 horas e 30 minutos na sala dos Capellos, sendo a entrada por meio de convites. A primeira conferencia effectua-se no domingo e a segunda no dia immediato. Na primeira o sr. D. José Maluquer versará o thema: *Internacionalisação do seguro*, dividido nos seguintes capitulos: projecto da União internacional de seguros, mediante uma organisação semelhante ao regimen official estabelecido para a propriedade litteraria e artistica e para a correspondencia postal e telegraphica; explanação gradual do projecto; programma minimo e maximo; «Bureau» central na Suissa e collaboração de todos os paizes; proposta scientifica internacional preparatoria para uma opportuna acção official; conclusões submettidas á consideração do Instituto de Coimbra.

A conferencia do sr. D. Eduardo Gomez Baquero subordina se ao thema: A extensão e transformação moderna da Universidade Hespanhola; novos institutos scientificos e pedagogicos annexos á Universidade.

Outros homens de sciencia do paiz visinho, entre os quaes Breñas, Ascarsa, general Marvá e Olea Pimentel virão á tradiccional cidade universitaria realisar tambem conferencias sobre assumptos das suas especialidades.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se dirime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Migalhas

Reforma da policia

Estou absolutamente de accordo com os que reclamam fortemente contra aquella disposição da pretendida reforma da policia pela qual se exigia aos pretendentes aos cargos de commissarios de policia serem

TERRAS DE PORTUGAL

Evora: as sementeiras

Metade dos terrenos para trigo terão, este anno, outras culturas

EVORA, 1.—No congresso dos municipios alemtejanos falou-se um pouco, ainda que incidentemente, da questão agricola. Alguem, que não era da região e que não estava excessivamente ao facto do problema agricola, esforçou-se para que o congresso alguma coisa dissesse sobre uma questão que, como nenhuma outra, interessa á vida nacional. E levando para o meio proprio aquillo que se diz por toda a parte, reproduzindo, n'uma assembleia de lavradores, as accusações, as censuras e os remoques que, d'um ao outro extremo do paiz, se fazem aos proprietarios de terras, obrigou-os a declarações que não deixa de ser interessante reproduzir e commentar, para que ellas se tornem conhecidas em toda a sua excepcional importancia.

—Diz-se que não se semeará este anno trigo pelo Alemtejo! — clamava a voz que tomára a peito esclarecer este caso bicudo. E' verdade?

—Não é!—responderam-lhe muitos dos que, tomando parte na reunião municipalista, estavam perfeitamente informados das intenções dos lavradores. As sementeiras deminuirão, accrescentavam, mas diminuirão especialmente por circumstancias estranhas á vontade de todos. Em primeiro logar, temos a questão dos adubos. E' ella a que sobreleva todas as outras, a que predomina, a que mais influencia exerce na vida agricola alemtejana. O adubo duplicou de preço. Cada tonelada, posta em Evora, não fica por menos de vinte e dois escudos. E' um horror! Só em bons terrenos, nos terrenos ferteis que não requerem uma excessiva adubação, se pode semear trigo com probabilidades de lucro. Nós outros, desde que a applicação do adubo haja de ser reduzida, a producção será insignificante e dará, fatalmente, prejuizo. D'ahi, uma abstenção forçada nas sementeiras. Depois—acudiam ainda os que assim falavam—é preciso não esquecer que estamos em Evora, onde os terrenos são em geral pobres e onde não se colhem nunca para cima de oito ou dez sementes. Em Beja já não se dá o mesmo. Ahi, a terra é melhor, cria melhor, remunera mais abundantemente quem a trata. O proprietario pode, por esse motivo, pagar o adubo mais caro, sem que as suas finanças soffram um grande rombo...

Foi isto, pouco mais ou menos, o que se disse no congresso sempre que se procurou esclarecer a questão agricola. Cá fóra, entre os lavradores com quem á noite, me encontro pelos centros de cavaco, procurei tambem colher informações que me habilitassem a ajuizar d'este assumpto, cuja actualidade acho inutil tentar demonstrar. Passei o serão d'hontem, n'um dos magnificos salões do «Harmonia»—o mais frequentado club de Evora—a falar de trigos, de agricultura, da extensão que vão ter as sementeiras, dos intuitos dos proprietarios da região, da provavel colheita cerealifera do anno que vem e de mil outros assumptos que apparecem sempre quando duas ou tres pessoas que gostam de palestrar se reunem para passar algumas horas sem grandes preoccupações fatigantes. E um dos meus companheiros disse-me:

—Póde estar certo d'uma coisa, que vem a ser esta! Os lavradores do Alemtejo não fizeram gréve, como se tem querido fazer acreditar. Trataram, simplesmente, de defender os seus interesses, gravemente ameaçados; pois ninguem pode exigir a quem quer que seja que faça um negocio tendo, antecipadamente, a certeza de perder. De maneira que o lavrador não deixou de semear por birra, semeou apenas o que podia semear, o que, de harmonia com as suas posses e os seus recursos, entendia que devia semear. E quem diz lavrador diz rendeiro, diz agricultor, seja qual fôr a sua condição ou cathegoria. E' preciso assentar n'isto: o grande culpado de não se ter semeado mais intensivamente pertence ao poder central, que tem protegido tudo e todos menos a agricultura, contra a qual promulgou medidas de verdadeira perseguição. Porque não foram diminuidos os transportes de adubos? Porque se publicou só agora o decreto que eleva os preços dos trigos a traz ao lavrador um pouco de desejo de semear mais?

—Entretanto, mais vale tarde do que nunca...

—Não é tanto assim. As coisas ou se fazem no devido tempo ou não se fazem nunca. E' dos livros, tendo essa grande verdade na agricultura uma significação maior do que em nenhum outro ramo de actividade. E a verdade é que, para semear trigo, todo o trigo que podia e devia semear-se, já é tarde. A epoca propria para a sementeira dos trigos temporões vae quasi passada. Nos mais annos, por este tempo, havia já lançados á terra centenas e centenas de moios d'esse cereal. Este anno, quasi não começou ainda a labuta agricola. E o tempo perdido não se ganhará. E' impossivel.

E um outro lavrador accode:

—Sim, sim, é isso. E' necessario, todavia, tomar tambem em consideração a estiagem prolongadissima que ainda não deixou de nos flagelar. As chuvas não appareceram por ora. E sem chover, semear é perder pela certa. A's outras razões que concorreram para que as sementeiras de trigo diminuissem, temos de ajuntar mais essa. Ha dois dias que principiou a cahir agua, essa agua benefica pela qual todos nós tão ardentemente anciamos. Se tiver tempo, dê um ligeiro passeio pelos campos que circundam Evora. Verá como toda a população agricola despertou e como as charruas rasgam já deligentemente a terra. O que é pena é a chuva e o decreto em que se faz justiça á agricultura terem vindo tão tarde. Deixarão, por semelhante motivo, de ser semeados de trigo os campos que a esse cereal se destinavam e que, este anno produzirão apenas cevadas e aveias.

E um outro proprietario que até aqui se conservou calado, sem perder uma palavra do que se dizia, como que desperta para me dizer:

—Tenho de mim para mim que se está exaggerando excessivamente esta questão das sementeiras. Bem pode ser que ellas sejam realmente menores. Creio até que pouco irão além de metade ou de dois terços do que costumavam ser. Mas quem nos diz a nós que o tempo não correrá de tal maneira favoravel que venhamos a ter searas magnificas, capazes de prehencher uma grande parte do «deficit» cerealifero que a reducção das sementeiras acarretará? Na agricultura, o acaso é tudo ou quasi tudo. Contemos, pois, com elle. E bem pode ser que o não façamos em vão.

Dei, pelos campos de Evora, o curto passeio que o meu companheiro de palestra nocturna me suggeriu. Effectivamente, a população agricola despertou e a grande labuta de semear, de atirar com o trigo para a terra, iniciou-se ocrajosamente. Na «steppe» incusa, bois pachorrentos vão arrastando as charruas, deixando atraz de si, na planura cinzento-clara, grandes espaços denegridos de terra fofa, revolvida de fresco. A chuva continua a cahir intermittente; e um amigo que me acompanha e tem lavoura, olhando, quasi enternecido, as nuvens densas que rolam pelo espaço, diz-me com um grande sorriso satisfeito:

—Tudo aquillo é trigo que está para cahir!

—Pois que caia quanto antes e o mais que puder ser!

Apertamo-nos as mãos em silencio e voltamos, sob uma chuva meudinha que nos encharca todos, para a cidade dos monumentos e das ruinas. Um lazaro esfarrapado, batendo o queixo com frio, abriga-se sob a arcada denegrida d'um templo em ruinas. Não sei porque, mas tomo a misera apparição como um afflictivo presagio. Será realmente, o anno que vem um longo calvario de afflições?

Adelino Mendes

UMA INSTITUIÇÃO PARADA

Em Lisboa, porto franco

podiam entrar annualmente 3 milhões de saccas de café brazileiro

Tendo «A Capital» falado em varios generos de importação brazileira e especialmente em cafés do Brazil, a proposito do movimento do nosso porto franco, estava naturalmente indicado que ouvissemos o sr. Adriano Telles, o conhecido proprietario de «A Brazileira» e, por certo, um dos maiores negociantes d'aquelle genero.

—Li, com grande interesse, o artigo referente ao rachitismo do porto franco, diz-nos o nosso amigo; e concordo em absoluto com as opiniões do commerciante, ouvido por «A Capital». O porto livre, que deveria dar a Lisboa a situação commercial a que ella tem direito, não dá presentemente signal de vida. Se algumas mercadorias lá apparecem é porque os seus donos, com verdadeira abnegação e desinteresse, procuram assim corresponder á ideia patriotica do actual presidente da Republica, pois a elle se deve, como chefe do governo, a creação d'esse melhoramento. Mas, como coisa pratica, o porto franco nem merece a pena falar-se n'elle. Os motivos do seu atrophiamento, além dos que já foram apontados em «A Capital»—a ausencia d'uma navegação propria principalmente—são ainda a falta de terrenos adequados e de credito facil para as mercadorias em deposito. Sem que se assegure o frete, por meio da navegação nacional e sem que os «warrants» saiam dos papeis para o campo da realidade nunca se poderá pensar em que o porto franco de Lisboa attinja grande desenvolvimento. O credito é absolutamente necessario, imprescindivel. Os commerciantes, com os seus generos em deposito no porto precisam levantar dinheiro, muitas vezes 50 a 70 por cento do valor das mercadorias. Logo torna-se necessario que haja estabelecimentos bancarios que satisfaçam essas necessidades commerciaes e, infelizmente, tal não acontece, apesar do Banco Ultramarino ter feito já algumas operações sobre mercadorias depositadas...

—E qual seria a quantidade de café brazileiro, que seria possivel attrahir ao nosso porto franco, se essa instituição funccionasse como era para desejar?

—A producção annual de café brazileiro, está computada em 15 mil saccas. O consumo externo é importantissimo, não sendo exaggero suppor-se que a Lisboa poderiam chegar durante o anno 3 mil saccos. Comprehende-se, á vista d'este numero, a exigencia de pessoal para as necessarias operações de rebeneficiamento e de terreno para os precisos armazens.

Faça ideia, continua o sr. Adriano Telles, o que seria, só para esse producto, a laboração do porto franco.

A maior parte do café, consumido no Velho Mundo, devia necessariamente passar pelo nosso porto. Aqui é mais barata do que no Brazil a mão d'obra e, pelas condições previlegiadas da sua situação geographica, mais facil a sua immediata collocação nos mercados consummidores.

«Vejamos agora, para onde vae o café brazileiro, segundo uma estatistica deveras curiosa que tenho presente. Refere-se aos 11 mezes anteriores á guerra e a egual periodo depois do conflicto. Os paizes scandinavos que importaram 306.061 saccas passaram a receber 1.786:945. Como esclarecimento devo dizer que cada sacca tem 60 kilos de café. A Italia importava 223.295 saccas, passou a importar 679.575; a Grecia que recebia 6.500 saccas, psasou a importar 111.175. A França apesar de o ter nas suas colonias, recebeu depois da guerra 1.736:976 saccas de café. A Hespanha que antes do conflicto importava 92.608 passou a receber 110.986.

Alem d'essas, as principaes exortações foram: Melilla, 2.220; Argelia, 42.000; Canadá, 1.325; Colonia do Cabo, 183.457; Lourenço Marques, 8.575; Senegal, 500; Gibraltar, 14.100; Indias Britannicas, 3.760; Malta, 6.323; Indias occidentaes britannicas, 1.575; Marrocos, 3.505; Egypto, 68.560; Tunisia, 4.725.

A importação nos paizes austro-allemães e seus alliados era: Allemanha, 1.800:902; Austria, 982.569; Turquia da Europa, 65.372; Turquia da Asia, 60.489; Bulgaria, 2.000.

Se outras fossem as condições do porto franco, legitimo seria acreditar que a quasi totalidade d'este café, antes de chegar ao seu destino, viesse a Lisboa. Não acontece, porém, assim, pelos motivos apontados e porque em França e em Hespanha se cobrem respectivamente a sobretaxa de 10 francos e 4 pesetas sobre os cafés que não são importados directamente dos portos do paiz productor. Não me parece, conclue o sr. Adrianno Teles, que seja tão difficil conseguir d'esses paizes a annullação d'essa sobretaxa como d'um momento para outro estabelecer uma carreira de navegação e fundar bancos que offereçam ao commerciante os capitaes necessarios. E, no emtanto, nem isso se obteve ainda para melhorar um pouco as precarias condições do nosso porto franco, que tal como está é quando muito um porto... fraco.

Os exercicios d'hontem

O "Espadarte"

teria, só por si, impedido que os cruzadoes forçassem a barra

Valem algumas referencias os exercicios navaes realisados hontem pela divisão naval portugueza. N'elles entraram tres cruzadores, dois torpedeiros, dois vapores e o submersivel «Espadarte». Foi a este barco, indubitavelmente, que ficaram pertencendo as honras do combate naval simulado que se travou á entrada do porto de Lisboa. Segundo as convenções previamente fixadas, o submersivel não devia nunca approximar-se a menos de quatrocentos metros dos barcos de guerra, considerando-se fóra do combate desde que, conservando o periscopio mais de tres minutos fóra da agua, sobre elle convergissem os fogos da artilharia de bordo. Sendo assim, é claro que o «Espadarte» tinha duas tacticas a adoptar—não ultrapassar nunca a linha de defeza que lhe fôra marcada e não conservar á tona d'agua o periscopio pelo tempo que se estabelecera. Ambas ellas foram empregadas simultaneamente e com o mais completo exito.

Assim, quando a divisão naval passava, o «Espadarte», que se encontrava ao sul do eixo da barra, appareceu de repente, com a proa á superficie, n'um ponto onde não era esperado. Estava a 475 metros do «Vasco da Gama». Quer dizer, n'essa altura, o submersivel teria já mettido aquelle navio no fundo, porque o seu apparecimento queria dizer, nem mais nem menos, que o torpedo tinha sido já lançado, em hipothese, é claro. O «Espadarte», que se conservou á superficie durante minuto e meio, tornou a emergir. D'essa vez, mais outro cruzador, pelo menos, teria ido ao fundo, visto todos elles, apezar de saberem que a tão curta distancia navegava um submarino, se haverem conservado parados. Depois de simular o lançamento dos seus torpedos, apparecendo e desapparecendo rapidamente, ora mostrando ora occultando o periscopio, o submersivel foi tomar a sua posição, vindo por fim atracar ao «Vasco da Gama». Antes, porém, como encontrasse á mão de semear o torpedeiro n.º 3, lançou-lhe um torpedo, que passou por debaixo d'esse barco, acontecendo o mesmo com um vapor do Arsenal. Esses torpedos, que estavam magnificamente regulados, foram içados immediatamente.

No seu esboço geral, a acção do «Espadarte» nos exercicios de hontem é a que ahi fica. Os detalhes technicos, que muito podem interessar os entendidos, não captivariam, decerto, muito os profanos. Mas prova-se uma vez mais que o submarino é uma arma terrivel, como o são todas as que podem ferir com segurança e absolutamente a coberto. Assim o disse o sr. ministro da guerra após o exercicio. E tinha razão. Que lição ha a tirar dos factos occorridos hontem? Nova, nenhuma. Ha apenas a registar a confirmação de resultados já alcançados, os quaes demonstram que contra boas divisões de submersiveis não ha esquadras que possam aventurar-se a forçar um porto, seja elle de que importancia fôr. Por ora, não temos ainda senão uma d'essas armas temerosas. E é pena.

O governo, como se sabe, já encommendou mais tres barcos do tipo do «Espadarte». Mas além d'esses, encommendou mais outro de 600 toneladas, immerso, devendo ir de Portugal um troço de operarios do Arsenal assistir á construcção d'elle. Depois, a casa constructora cederá os respectivos planos e no nosso Arsenal far-se-hão os tres barcos restantes, necessarios para completar a segunda divisão de submersiveis. E' isto, pelo menos, o que consta e o que parece estar definitivamente assente.

A tomada do forte da Rapozeira por forças de marinha desembarcadas do «Lidador», foi hoje commentadissima nos meios onde se discutem coisas navaes. Contavam-se, a proposito, episodios engraçados, estranhando-se que n'um estabelecimento militar de tal natureza nem sequer a sentinella estivesse no seu posto. A escalada em direcção ao forte fez-se com uma rapidez notavel, decorrendo essa parte do exercicio com uma precisão e uma decisão inexcediveis.

O DIA DE FINADOS

Visita aos cemiterios

Os suffragios de hoje — O crisantemo, flôr dos mortos

Dia de finados... Os templos regorgitaram de fieis desde as primeiras horas da manhã até passado meio dia. Muita gente que no decorrer do anno se não lembra de ir á missa julgaria faltar a um sério dever, caso se abstivesse de ouvir, com mais ou menos devoção, uma das tres que a cada sacerdote é permittido celebrar no dia de hoje pelos defuntos. O dobre lugubre dos sinos, que já de vespera annunciara a lutuosa commemoração anual, ouviu-se toda a manhã, d'um extremo a outro da cidade, juntando a sua nota de tristeza á do tempo chuvoso a espaços. Que o saiba a provincia onde ha quem espalhe que as torres das egrejas de Lisboa emmudeceram depois da Republica, talvez de tão cançadas de tocar a «Maria Caolucha» e o «Passarinho trigueiro», no tempo da monarchia!

O cardeal patriarcha presidiu aos actos religiosos effectuados na Sé. Em todos os outros templos, por egual concorridos, as ceremonias não revestiram esplendor, antes foram modestas, não indo além das missas e do «Libera me» resado. Cumpre exceptuar a egreja do Loreto, em cuja fachada tremulava a meia haste a bandeira italiana e onde se suffragaram as almas dos soldados italianos mortos em campanha. No cruzeiro erguia-se um catafalco sobre o qual foi, estendida, coberta de crepes, a gloriosa bandeira italiana. Em torno ardiam muites lumes. No altar mór, um espaldar de seda roxa, com grande cruz prateada ao centro. Officiou o reitor do Loreto e estiveram presentes os funccionarios da legação e do consulado, além de membros da colonia e de grande numero de outras pessoas. O «Libera me» foi por musica.

Nos Inglezinhos e na egreja de S. Luiz, onde se via a bandeira franceza em funeral, tambem houve suffragios pelos soldados alliados mortos na guerra.

Após as primeiras missas, começou a romaria para os dois principaes cemiterios da cidade. Carros electricos, trens e automoveis transportaram em direcção a ambos os campos santos grande parte dos que n'este dia se não dispensam de visitar os seus mortos...

Nos Prazeres

Nos Prazeres, a maior affluencia pode dizer-se que principiou ás quinze horas. Os aguaceiros, alternando com as raçadas de sol, afastaram decerto muita gente, mas o movimento na rua Saraiva de Carvalho foi ininterrupto e os ramos de flôres, em que predominavam os crisantemos, viam-se em quasi todas as mãos. As senhoras constituiram a quasi totalidade dos visitantes.

Dentro da vasta necropole tinha-se, porém, a impressão de que é verdadeira aquella phrase celebre de que os mortos esquecem depressa... Em arruamentos inteiros nem viv'alma. Jazigos com brazões de armas, com nomes illustres na aristocracia, nas lettras, nas artes, na politica, na industria, no commercio conservavam-se fechados, tudo indicando que ninguem pensa em perturbar o eterno somno dos seus moradores. Evidentemente, não existe em Lisboa o culto dos mortos como n'outros pontos do paiz, o Porto por exemplo, e como em Hespanha, em França, na Italia, no Brazil... A secção do cemiterio mais visitada foi, sem duvida, aquella em que jazem enterrados os filhos do povo e em que as sepulturas mais luxuosas são as que se assignalam por um pobre berço de ferro.

Onde jazem aqui dentro os politicos de nome? Ninguem o sabe. E, todavia, estão aqui o Fontes, o Hintze, o Carlos Valbom, tantos outros! Este possue um tumulo apparatoso. Adornam-no apenas as flôres plantadas á volta do monumento. Antonio Augusto de Aguiar tem um jazigo tambem monumental... mas vê-se que está esquecido. Aberta, illuminada e florida achava-se, porém, a sepultura d'um homem publico que era uma forte individualidade: o capitão de mar e guerra Ferreira de Almeida.

Podiam contar-se os jazigos que se encontravam abertos e illuminados. Entre esses vimos os de dois artistas: José Carlos dos Santos e Fernando Maia. Em alguns, no entanto, havia braçadas de frescas flôres e em muitos d'elles um crisantemo branco ou roxo, mettido na grade da porta, ou deposto sobre a louza sepulchral affirmava que nem todas as memorias se varrem e que ha corações em que a saudade viceja sempre...

Mas se as sepulturas dos politicos não são procuradas, as dos artistas, dos poetas, dos homens de lettras passam egualmente despercebidas. Onde jaz o Cesario? Não existe um guarda que o conheça ao menos de nome. O jazigo armoriado dos Castilhos, com o famoso cedro, sentinella vigilante, plantado á sua porta, de poucos é tambem conhecido. No tumulo de Oliveira Martins, em que se admira a magestosa e torturada figura da Historia, por Teixeira Lopes, mãos piedosas depuzeram n'um pucaro de barro um ramo de crisantemos.

No jazigo de João de Oliveira Miguens, erecto pelos admiradores de esse republicano modelar, um crisantemo branco—apenas um—mostra que alguem se lembrou d'elle hoje e a dois passos da sua sepultura, em cuja lapide se lê que foi livre pensador, e se vê que foi maçon, repousam os lazaristas e as irmãs da caridade no tumulo que para elles fez construir a imperatriz Amelia, do Brazil. Junto á grande cruz cujos braços ensombram a lagem funeraria ostenta-se, n'uma jarra branca e azul, um ramo de crisantemos...

A's dezeseis horas, uma saraivada e alguns trovões puzeram quasi em debandada os romeiros dos Prazeres que n'esse momento percorriam o cemiterio. Mas d'ahi a pouco o sol voltava e proseguia a romagem. Junto de muitas sepulturas viam-se mulheres orando, mas se as notas commoventes não faltaram, é tambem certo que ha quem percorra o cemiterio sem a preoccupação do horror da morte, conversando e rindo... Nos Prazeres trabalha-se presentemente e com a maior actividade na construcção de novos jazigos. E' uma cidade nova que surge na vertente do cemiterio que olha sobre o Tejo. E, entre os tumulos artisticos, os visitantes que não costumam perder o seu tempo, foram vêr e admirar os que teem os nomes de Valle-Flôr, Carvalho Monteiro e Mantero. Um, porém, ha que se impõe pelo seu ar singelo e portuguezissimo no meio de todos elles: é o de Lopes Vieira, uma capellinha de aldeia, com o seu telhado de telha antiga, o seu alpendre, a sua sineta e o seu retabulo de azulejo na humilde fachada...

Ao longo da rua Saraiva de Carvalho e á porta do cemiterio os pobres—cegos, aleijados, velhos, orphãosinhos — fizeram boa colheita com a sua lamuria:

—O' meu rico bemfeitor, dê uma esmola pelas alminhas de quem lá tem!

No Alto de S. João

Quatorze horas. No largo em frente á porta do cemiterio oriental estacionam autos, trens de praça e carros do Jorge, aguardando os que, em piedosa romagem, foram visitar os mortos queridos. Pelas terras que ladeiam a estreita rua que nos conduz do alto da avenida Almirante Reis, veem ranchos de gente, na sua maioria de negro, sobraçando flôres. Para os lados da cidade um céu plumbeo, de trovoada, ameaça chuva. Entramos. Pelas ruas ingremes do Alto de S. João ha grupos de visitantes. Ao fundo da rua central, a capella, hoje secularisada, tem a porta aberta de par em par. Lá dentro apenas dois catafalcos. A um canto, amarfanhada em magua, uma mulher do povo, já edosa, chora. Tomamos uma rua ao acaso; a terceira, á esquerda de quem entra. A meio, ergue-se o jazigo de Francisco Manuel do Nascimento, mais conhecido no mundo das lettras por Filinto Elysio. Ninguem pára devotamente junto das suas cinzas. Ao lado, junto d'um jazigo de familia, sentadas, duas senhoras, de carregado luto, concentram-se na sua dor. Seguimos adeante. E' o tumulo de Fernando de Oliveira, mestre do toureio, morto ha onze annos, n'um domingo de maio, sob as patas do seu melhor cavallo. Ha crisantemos lançados em volta do monumento, e petalas de flores que mãos de amigos desfolharam.

Um pouco mais além depara-se a jazida dos regicidas. Ha flores e bilhetes de visita, na sua maioria, de revolucionarios civis. Do braço erguido pende um ramo de crisantemos. Em volta, algumas pessoas param, lendo os nomes e relembrando a tragedia do Terreiro do Paço.

Segue-se na mesma rua, Heliodoro Salgado. Ninguem junto do seu tumulo.

Mais para o fundo, sobre um comoro alto, descortinamos agora um vasto campo de sepulturas razas. Abandonado quasi, com ervas e lixo aos montões, confrange pela incuria em que se encontra. Junto de uma sepultura á esquerda, das poucas que se vêem cuidadas e limpas, com o seu berço florido, deparam-se-nos dois vultos de mulher. Mãe e filha, parece. Desfolham flôres e choram. E é a unica nota que quebra a monotonia irritante d'aquelle abandonado recinto pejado de taboletas brancas manchadas pelos numeros.

Descemos para outra rua. E' o tumulo de Alves Correia que nos chama a attenção. O vigoroso jornalista da «Vanguarda» tambem não tem visitas. Subimos, rua acima, até quasi á capella pelo lado do norte. Vê-se um novo campo de sepulturas razas, mas cuidado, limpo, cheio de berços e de plantas. Alguns grupos rodeiam varias campas. Na rua em frente, encontra-se outro tumulo de propagandista de nome. E' o do velho republicano José Elias Garcia. Nota-se que está muito descuidado.

Um pouco acima, Julio Cesar Machado, o mais brilhante folhetinista do seu tempo. Ninguem se lembra da sua sepultura.

No topo da rua vêem-se, rodeadas por varias pessoas as jazidas do 1.º tenente Henrique da Costa Gomes e a pouca distancia as dos grandes mortos da revolução de outubro dr. Miguel Bombarda e Almirante Candido dos Reis. Sobre as suas sepulturas ha flores espalhadas de fresco. D'um gancho pendem muitos bilhetes de visita.

Estamos novamente junto do largo portão de entrada. Tomamos á direita, a caminho da jazida dos humildes filhos do povo que tombaram em 3 e 4 de outubro defenden-

do a Republica. Pela rua que leva até lá vamos lendo algumas legendas de jazigos nobres: dos marquezes da Ribeira Grande, da familia Sauvinet-Sepulveda, do visconde de Ovar, todos elles hermeticamente fechados. O local onde jazem o somno eterno os anonimos martires da revolução fica entre duas filas de jazigos, quasi sem communicação. Ninguem. Ao lado, a memoria das victimas da catastrophe do Gaz, terreno inculto, onde alguem foi hoje piedosamente entalar entre duas pedras um pequenino ramo de crisanthemos.

Póde dizer-se que o chrisanthemo teve hoje o seu grande dia quer figurando em grandes ramos e levado em ostentação pelos ricos, quer em humildes ramilhetes, depostos pelos pobres nas rasas sepulturas dos seus mortos.

Vamos ainda até lá abaixo, ao extremo do cemiterio, na lombada que deita para Chellas, olhando o Tejo. São campos rasos em terreno mal gradado ainda. Grupos de visitantes percorrem as sepulturas. De vez em quando uma chuvada forte fustiga-nos afugentando para junto dos abrigos e para debaixo dos cyprestes os centenares de pessoas que hoje, durante o dia, visitaram o cemiterio do Alto de S. João.

Ha duas longas horas já que percorremos o cemiterio. Saímos. Pelo caminho, mais trens, mais automoveis e carros do Jorge, conduzem para lá novos visitantes, além das centenas de pessoas que vão a pé! Verdadeiramente o culto dos mortos é ainda aquelle que mais approxima todos os homens...

No cemiterio dos Cypreste

O cemiterio dos inglezes foi tambem hoje muito visitado. As suas campas, que revelam uma solicitude piedosa e exemplar, estavam, como sempre, floridas.

Na sepultura de Douglas Rawes, o moço official inglez que morreu em consequencia dos ferimentos recebidos na batalha de Ypres, na qual se portou heroicamente, depoz Lille Walter esta manhã um grande ramo de chrisanthemos com fitas das cores belgas. Como se sabe, o notavel clown é natural da Belgica.

Colyseu dos Recreios

O ventriloquo Sanz

Approxima-se a noite da estreia do grande Sanz, rei dos ventriloquos, que consegue fazer uma verdadeira revolução na ventriloquia com os seus 20 bonecos automaticos, todos elles com expressão e vida. Sanz é hoje o primeiro ventriloquo do mundo e o que melhor sabe tirar effeitos d'esse dom especial. Em todos os paizes que tem percorrido, e ultimamente, n'uma larga «tournée» na America do Sul, Sanz obteve os mais estrepitosos applausos, sendo considerado o maior de todos os artistas no seu genero.

No espectaculo que hoje se realisa no Colyseu apresenta-se pela segunda vez a festejada troupe chineza que honteve foi calorosamente ovacionada na estreia. E' um belo conjunto de artistas, executando maravilhosos trabalhos de gymnastica e equilibrios. No programma tomam parte as grandes celebridades da companhia, como o mimodrama *Vingança de feras*, que hoje se despede do publico.

Exposição de pintura

Thomaz de Mello, acompanhado por treze dos seus mais distinctos discipulos, D. Eduarda Sampaio, D. Maria Sampaio e Ammé (D. Emma d'Avellar), inauguram hoje, na Galeria Bobone, uma exposição de pintura em que prevalecem os motivos agarristicos e as paysagens.

O mestre expõe, na pintura a oleo, os seguintes quadros: Unhaes da Serra, Caes do Sodré, Bicuda, Natureza morta, Fazendo-se ao largo (Espinho), Praia de Espinho, Serra da Calhandriz, Valla Velha (Azambuja), Bocca do Inferno, Figos, Cordoeiros, Caçador do Ribatejo, Banhista, Pombeiros de Serra, Maçãs, Galeão, Unhaes da Serra (Trecho), Setubal, Ponte (Arredores de Unhaes da Serra) e as aguarellas: Sado, Fóra da Barra, Galeão (Setubal), Moinhos do Tejo, Unhaes da Serra, Paço d'Arcos, Castanheiros (Unhaes da Serra), Barcos do Tejo, Mouchões do Reguengo, Pescadores (Fóra da Barra).

A sr.ª D. Eduarda Sampaio expõe: Sacavém e Rochedos de Cascaes; D. Maria Sampaio: Rochedos de Cascaes, Ribeira de Jarda, Cacem, Arredores de Palmella, Sado, Quinta de Queluz (Trecho), e Ammé: Paysagem, A casta do nosso altar, Eu, Marinha, Sol, Pato, Cabeça, Rosas e Marinha polar.

O sr. presidente da Republica, acompanhado pelo seu secretario particular, visitou a exposição adquirindo os quadros a oleo «Praia de Espinho» e «Setubal».

Além d'estes foram vendidos mais os seguintes trabalhos: «Pomares do Palpoles», ao sr. Julio Ribeiro de Figueiredo; «Galeãos, ao sr. J. d'Almeida; «Galeão» (Setubal) e «Paço d'Arcos» (aguarellas), ao sr. Bandeira de Mello.

PEQUENAS NOTICIAS

Anna de Jesus Sant'Anna, moradora na rua da Estephania, 193, 1.º, queixou-se á policia de que na occasião em que passava pela rua Paschoal de Mello foi abordada por dois desconhecidos que, por meio do *conto do vigario* lhe apanharam 49$80, um cordão, medalha, relogio e corrente, tudo de ouro, dando-lhe em troca um embrulho que diziam conter 1.200$00.

—Na enfermaria 8 do hospital de S. José deu entrada João Pedro Alvaro, trabalhador, que na fabrica das rêdes no Bom Suc esso caliu, ficando muito contuso pelo corpo.

—No hospital de S. José morreu hoje o pintor Casimiro Moreira, que hontem, como noticiámos, cahiu d'um andaime na rua Rodrigo da Fonseca.

A CAPITAL DO NORTE

A nova organisação do ensino primario

privativa e autonoma das camaras de Lisboa e Porto, é modelar

A acção do Conselho Inspector do Porto

Porto, 1

Referindo-nos na carta anterior ao que dissera o distinto professor, vogal do Conselho Inspector, sr. dr. Mario de Vasconcellos sobre as vantagens e alto alcance pedagogico da nova lei do ensino primario e respectivo regulamento. Proseguindo nas suas considerações diz-nos:

—Defendi, na primeira entrevista, a obrigatoriedade do concurso por provas praticas, estabelecido pela Lei, no recrutamento do professorado para os dois primeiros centros de cultura do paiz, Lisboa e Porto, e demonstrei-lhe que o diploma do professor não é verdadeiramente carta de «saber ensinar», mas de «habilitado a ensinar».

«Demais, estas provas praticas não são novidade no paiz. Nas escolas annexas á Escola Normal do Porto, já desde o regulamento de 9 de setembro de 1902 que veem sendo exigidas aos candidatos a professores d'essas escolas. O que se conseguiu com isso? Que as escolas annexas á Normal se tenham distinguido entre todas as congeneres do Paiz, pela sua iniciativa larga, pelo seu ponto de vista de educação pratica, positiva, feita por sugestão, deixo-me assim dizer-lhe,—não mettendo idéas nos alumnos, mas pondo-os em condições de as adquirirem, dando-lhes noções de agricultura e de botanica em jardins e canteiros por elles tratados, e, ultimamente, adestrando-os em trabalhos manuaes sem esquecer, devo dizer-se, o incutir lhes noções e principios de economia, tambem pratica, com as suas cadernetas de cotisação semanal, que vão desde 2 centavos até ao que o alumno poder subscrever, quantias que são collocadas mensalmente na Caixa Economica em nome do respectivo alumno.

—Mas—diz-nos o sr. dr. Mario de Vasconcellos—ia a fugir do ponto principal...

E' naturalmente.

—Falou-nos n'uma outra queixa do professorado de Lisboa...

—E' que, dizem elles, pelo novo Regulamento, ficam obrigados a reger seis horas por dia e «pelo mesmo ordenado», quando a affluencia obrigar a desdobramento, em vez de cinco horas, accrescentando que «em Lisboa esses desdobramentos eram regidos transitoriamente por professores interinos».

—Mas isso não é objecção que se apresente. Isso significa que na mesma escola ficava havendo professores que, com o mesmo ordenado, eram obrigados a reger, uns, as 5 horas ordinarias da lei, e outros, os dos desdobramentos, apenas 3 horas. Ha de concordar que isto era uma verdadeira injustiça, que o Regulamento da nova lei sana por completo, n'um verdadeiro espirito de equidade.

«Assim, o Regulamento de 29 de setembro, passado põe a questão no seu verdadeiro pé. O artigo 23, nos seus paragraphos 1.º e 2.º, estabelecendo a fixação de cada classe, determina que emquanto a Camara não crear escolas ou logares de professores para onde derive o excesso de frequencia dividirá os alumnos em duas turmas, leccionadas sempre pelo mesmo professor. Isto é: transitoriamente estabelece as 6 horas, que, de resto, é doutrina do decreto de 19 de setembro de 1902.

—Mas, dizem ainda que a nova lei põe na fiscalisação do Conselho Inspector elementos taes de preponderancia que bem podem transformal-o n'um organismo perseguidor do professorado.

—Nada mais injusto. O Conselho Inspector não é mais do que um corpo de vigilancia, delegado do governo. A sua acção não é perseguir. E' indicar, aconselhar, promover o progresso do ensino.

«Sendo necessario corrigir, o conselho o fará paternalmente, como ainda nas escolas os professores são anctorisados a tambem, paternalmente, corrigirem alumnos que mal procedam. Não. O professorado escusa de receiar que a camara do Porto faça do conselho inspector uma arma de perseguições. Muito peor, muito mais para recear era a organisação fiscal anterior, porque estava nas mãos de um só homem. Este, muitas vezes, se não tiver mais má-vontade, mas por más disposições ou informações, é que facilmente se podia transformar um perseguidor. Agora, não. O conselho é composto de cinco vogaes. Não fal por mim. Seria vaidade ou modestia, mas todos elles são incapazes de praticar uma injustiça. Quanto ao cumprimento do dever, isso—claro—é uma necessidade social que deve inocular-se desde as escolas primarias até aos altos poderes do Estado. Acima de tudo, a Lei.

—Pode v. ex.ª dizer-nos o que tenciona fazer, desde já, o conselho inspector primario do Porto?

—Da melhor vontade. Está a elaborar o seu regimento interno, para melhor coesão dos trabalhos a que tem de proceder. Mas, o mais importante é isto: é que já estudou a maneira de pôr em execução o Censo de Educação Physica para aperfeiçoamento dos professores da cidade, de fórma a que elles, depois, o possam ministrar praticamente e conscientemente nas suas escolas, aos seus alumnos.

—Mas, como organisaram esse curso, se no porto ha 75 escolas, afóra as infantis?

—Facilmente, methodicamente. Dentro de 15 dias começa a funccionar esse curso, em turmas de 20 professores. Cada escola escolhe para esse curso um dos seus professores. Esse curso é de 15 lições, de maneira que, dentro do mez o meio, approximadamente, em todas as escolas do Porto haverá, pelo menos, um professor habilitado idoneamente a reger a aula de Educação Physica.

«Mas o Conselho Inspector ainda tem outras aspirações a que vae dar uma realidade pratica: está estudando a maneira mais propria e efficazmente educativa de organisar as excursões escolares; introduzir nas escolas primarias o «Diario de classe», do professor, para facilitar a fiscalisação do ensino. A maneira de effectivar o recenseamento escolar da cidade, que só não tem sido feito, e sem o que não pode haver nem exigir-se a obrigatoriedade da frequencia escolar.

—Isso já é muito...

—Mas ainda se pensa em mais. Em promover um programma especial para o ensino da cidade, tanto quanto possivel regional, em harmonia com as suas condições de vida industrial e commercial, completando, d'esta forma, um trabalho importante já offerecido pela actual camara do Porto, assim como a organisação dos horarios das escolas citadinas.

E, por fim:

—A nova organisação do ensino primario, nas bases em que se estabelece, é um alto documento da superior intelligencia do sr. ministro da instrucção, e é bom que se saiba que foi a camara do Porto, pela pessoa do presidente da sua commissão executiva, sr. dr. Santos Silva o ainda com a cooperação do illustre director da Escola Normal, sr. Henrique Sant'Anna, que a conseguiu ver promulgada. Era da justiça, porque nenhuma outra camara do paiz se tem sacrificado tanto como a do Porto pela instrucção.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).
GIMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
MODERNO—A's 20 e 22—Cara d'aldeia—Lord Grog.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

A'MANHÃ—Theatro Moderno — Reabertura com a companhia infantil—*Cara d'aldeia—Lord Grog.*

Ao correr da pena

O telegrapho de hoje traz-nos a noticia da morte de Henequin, desapparecido ao serviço da sua Patria. Mais um nome a accrescentar ao registo funerario da gente de theatro victimada pela guerra. Quando no fim d'ella se fizer o balanço dos artistas, dos auctores, dos musicos caídos nos campos de batalha verse-ha que a alta artistica não foi poupada e não se tendo eximido no cumprimento dos seus deveres, pagou como as outras classes da sociedade o seu tributo de sangue. Aos nomes consagrados mundialmente e de que o telegrapho se occupa ha a accrescentar a porção infinita das esperanças, dos que conquistam a affirmação d'aquelles que iam ser celebres, cujas primeiras tentativas eram fiadoras de um triumpho proximo.

A sangria tem sido dolorosa e não está ainda infelizmente terminados os dias de prova. D'entre tantos milhares de mortos a nossa commoção sympathica vae para esses cujo nome nos habituamos a estimar, cujas obras transpondo as fronteiras contribuiram a seu modo para ennobrecer as tradições da sua Patria, um pouco a Patria de nós todos.

Dos seus esforços e dos seus sonhos cortados cerces por um aventureiro acaso ha de brotar uma florida messe de grandes realisações. Uma nova camada se prepara para se lançar ao assalto do campo das letras e preencher os logares vagos na fileira. Essa camada tem um duplo exemplo a recolher e honrando os seus maiores pelo que souberam viver de Belleza artistica, honral-os-ha pela gloria da sua Morte.

Cyrano

Uma medalha de ouro

concedida a uma heroina de dez annos

Ha no Porto uma pequena heroina que já salvou a vida de trez creanças. Chama-se Laura Martins e tem 10 annos de edade. Trez vezes se lançou ao rio Douro para salvar de morte certa, com perigo da propria vida, trez pequenitas que lá ficariam para sempre sem a sua intervenção heroica.

Vae ter agora a recompensa official da sua extraordinaria abnegação. O sr. ministro do interior, informado por uma noticia da «Republica» do ultimo salvamento praticado pela juvenil heroina, tomou a iniciativa de mandar proceder a um inquerito, por intermedio do governador civil do Porto, para lhe ser concedida a medalha de ouro, de philantropia e merito. Os resultados do inquerito confirmaram plenamente o heroismo demonstrado por Laura Martins nos trez salvamentos que effectuou, e já amanhã, no «Diario do Governo», deve ser publicado o decreto em que lhe é concedida aquella medalha de ouro. Poucos terão merecido, como ella, esse honrosissimo premio.

Boatos e informações

Entre nós

Reabre amanhã, como já noticiámos, o theatro Moderno com a companhia infantil, que esteve durante muito tempo no salão da Trindade, onde conquistou os maiores applausos. A companhia, cuja figura principal é a pequena actriz Guilhermina Paiva, volta a apresentar-se ao publico lisboeta, após uma larga digressão pela provincia, tendo a empreza do Moderno escolhido para a sua estreia duas das mais lindas operetas do reportorio, «Lord Grog», original de Camara Manoel e Mello Vieira, com musica de Fortes Rebello, e «Cura da aldeia», de Fernando Schwalbach e musica de Alfredo Mantua.

O espectaculo principia ás 20 horas e é completado pela exhibição, no «ecran», das melhores producções da photographia moderna, dividindo-se em duas sessões permanentes.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e soirées á noite; Central; Chiado Terrasse; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara; soirées ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

EM BUENOS AYRES

O anniversario da Republica

Foi brilhantemente festejado por portuguezes e argentinos

Foi brilhantemente colobrado em Buenos Ayres o 5.º anniversario da Republica Portugueza. Conferencias, recitas de gala, saraus, de tudo houve, sendo o nome de Portugal enthusiasticamente saudado não só pelos nossos compatriotas alli residentes, como pelo proprio povo argentino.

O «Ateneo Nacional de la Republica Argentina» distribuiu uma «Homenagem a Portugal», endereçada ao nosso ministro plenipotenciario em que se faz as mais lisongeiras o, permitta-se-nos a vaidade, justas referencias ao nosso paiz e ao nosso povo.

D'ella recortamos os seguintes trechos:

«Encostado á amurada procuramos adivinhar a Lisboa que nos disseram estar á vista. Pallidas luzes picam o horisonte; pouco a pouco varias faxas luminosas começam a desenhar-se, brancas, verdes, vermelhas, semelhando violetas, dando á enorme costa o aspecto de um jardim illuminado a lanternas chinezas. Por largo tempo fiquei absorto na contemplação do maravilhoso espectaculo, immovel como o navio que acabava de ancorar. E áquella luz indecisa, occorriam-me as noções que eu tinha da historia d'aquelle Portugal, o Portugal das descobertas, o Portugal das conquistas, guerreiro, batalhador, para depois dar logar ás impressões do Portugal melancolico, cheio de poesia e amor, Vasco da Gama cedia o logar a Camões.

Esto quanto ao paiz; agora quanto ao povo:

«A cortezia do trato é como o perfume distincto de uma aristocracia da raça, alheia a qualquer evolução dos systemas governativos ou dos costumes; no republicano actual reconhece-se a todo o momento o gentilhomem, o fidalgo, o sobre o generoso portuguez das antigas tradições cavalheirescas».

A' noite, nas salas do Ateneo regurgitantes de convidados, houve um brilhante sarau em que discursou o nosso ministro, foram recitados sonetos de Camões, versos de poetas contemporaneos portuguezes, entremeados por variados numeros de musica.

Nos salões de «La Union» e Benevolenza» organisou o «Centro Republicano Portuguez» uma recita de gala a que assistiram o nosso ministro e o da Republica do Brazil, tendo sido representadas a *Chavena de chá* e a *Ceia dos cardeaes*, recitadas poesias portuguezas e cantados fados e outras canções nacionaes.

No Museu Nacional de Bellas Artes realisou-se uma conferencia, em que foi encarecida a belleza do nosso paiz, e postos em relevo a acção civilisadora do velho Portugal, o nosso caracter e o culto pela liberdade dos seus filhos.

Apesar de tão distantes não esqueceram os nossos irmãos que o dia 5 de outubro era o do anniversario do renascimento da patria, e que ella estava em festa, festa a que se associou com enthusiasmo a população de Buenos Ayres.

Sociedade de Estudos Pedagogicos

Realisa-se amanhã, ás 21 horas, na séde, rua da Emenda, 33, a sessão inaugural da epocha 1915-1916. A ordem da noite é a seguinte: allocução do presidente, relatorio do secretario e relatorio do thesoureiro.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Cães hydrophobos

Dizem-nos que na Lourinhã se teem manifestado varios casos de raiva na especie canina. Dois cães que se damnaram na villa sahiram d'ali e teem andado por todo o concelho, tendo sido já mordidas oito pessoas, porcos, muares e outros cães. Entre as pessoas mordidas figura o chefe da estação telegrapho-postal e um seu sobrinho, tendo sido aquelle substituido para vir a Lisboa tratar-se.

Para o facto chamamos a attenção da auctoridade administrativa d'aquelle concelho.

ULTIMA HORA

A questão das subsistencias

E' decretado o arrolamento de feijão, grão, arroz e milho

Estando concluidos os trabalhos da debulha do feijão e grão, é agora opportuno proceder ao arrolamento d'esses productos, bem como do arroz e do milho, como generos que são de primeira necessidade.

Em vista d'essa opportunidade sahirá amanhã no «Diario do Governo» um decreto determinando que se proceda no immediato arrolamento das quantidades d'estes generos colhidas pelos productores, e das que tenham em seu poder, bem como das que estejam nas mãos dos commerciantes, moageiros, padeiros e quaesquer outros detentores no dia 15 de novembro.

E' concedida a tolerancia de 5 0/0 de differença nas declarações que fizerem os productores ou detentores, as quaes devem ser entregues aos regedores das parochias até ao dia 18; nas ilhas essas declarações devem ser entregues até 16 de dezembro. Os administradores dos concelhos verificarão a sua exactidão, e os governadores civis, rectificando quando estejam incorrectos os resultados apurados nos concelhos, e procederão ao apuramento. A Direcção Geral da Estatistica fará o apuramento total.

Todos os funccionarios publicos, de qualquer cathegoria, são obrigados a prestar o auxilio que lhes seja reclamado para a boa execução d'este serviço.

As falsas declarações serão punidas com a multa de $20 por cada litro de milho, arroz em casca, feijão ou grão e $40 por cada kilo de farinha ou arroz descascado que se encontre de differença que para menos quer para mais.

As entidades officiaes que no arrolamento, quando se prove falta de diligencia para que productores e detentores cumpram as obrigações impostas pelo decreto, serão punidas com multa de 10$ a 20$, deduzida nos seus vencimentos.

Das multas impostas aos declarantes, um terço fica para o Estado, outro para os apprehensores, e o outro para o denunciante; se não houver denunciante dois terços das multas reverterão para o Estado.

General Pereira d'Eça

O sr. general Pereira d'Eça, ex governador geral d'Angola e commandante militar das forças expedicionarias que ali tão alto levantaram o nosso prestigio, chega depois de amanhã a Lisboa

No *Ambaca* veem tambem algumas das forças expedicionarias.

Governador geral de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 2.—O sr. dr. Alvaro de Castro tomou posse do logar de governador geral da provincia. As forças expedicionarias seguiram hoje para Porto Amelia, indo tudo bem a bordo—(*Correspondente*).

A grande guerra

Os russos continuam resistindo

PETROGRADO, 2.—Official. Na região de Dwinsk houve canhoneio. Na região de Gotalissowskaya depois de combate repellimos o inimigo que nos viera atacar e fizemos prisioneiros 7 officiaes e quatro centos soldados austriacos. A oeste de Komarova tomamos as trincheiras por largo tempo disputadas. Na Galicia a noroeste de Tarnopol occupámos alguns elementos de trincheira e repellimos um ataque. Depois de rude combate á bayoneta occupámos Semikovtze no Styrpa.—(*Havas*).

Jorge V está melhor

LONDRES, 2.—O rei Jorge V chegou a Buckingham Palace, ás 19 e 50. Se bem que o soberano se encontre fatigado pela viagem, o seu estado é satisfactorio.—(*Havas*)

O bombardeamento dos Dardanellos

PARIS, 2.—Telegraphiam de Londres ao *Matin* que a esquadra anglo-franceza recomeçou hontem de manhã o bombardeamento de Dédé-Aghadj.—(*Havas*)

Canhoneira franceza no Tejo

Entrou hoje no Tejo a canhoneira franceza *Surprise*. O commandante, sr. Marc Ladonne, foi apresentar os seus cumprimentos ao sr. ministro da marinha, major general da armada e ao governador da marinha, tendo sido esses cumprimentos hoje mesmo retribuidos pelos 2.os tenentes srs. Francisco Ponteado e Cezar Pereira e 1.º tenente Pinto Basto em nome dos respectivos chefes, e o sr. José de Castro, almirante Alvaro Ferreira e Schultz Xavier.

O commandante da *Surprise* foi tambem á legação franceza. Durante o dia desembarcaram algumas praças da sua guarnição.

Escapando da morte por um triz

No largo do Matadouro anda em construcção um predio de que é mestre d'obras João Antonio da Silva. Hoje, quando n'um andaime, á altura do 3.º andar, estava trabalhando o pedreiro Affonso Antonio Lopes, de 31 annos, casado, morador na rua de Campo d'Ourique, 151, a cimalha do predio abateu repentinamente, cahindo sobre a parte em que elle estava, fazendo-a abater.

O pedreiro não perdeu o sangue frio e ao cahir o andaime, armado á altura do segundo andar, agarrou-se fortemente a um cabiro, evitando assim ser precipitado á rua. N'esso andaime estavam o encarregado da obra e um outro pedreiro tambem de nome Lopes, que nada soffreram.

Conduzido ao hospital o Affonso Lopes, verificou-se ali que apenas tinha ligeiros ferimentos na cabeça e alguns contusões pelo corpo, pelo que recolheu a sua casa, depois de pensado.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente do ministerio esteve hoje no palacio de Belem conferenciando com o sr. presidente da Republica.

—Desistiu das provas para o general-

to o coronel de infantaria sr. Pinto da Rocha.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciou hoje demoradamente o sr. Mello e Sousa, presidente do conselho de administração dos caminhos de ferro portuguezes.

Reforma da policia

Consta que a nomeação do prefeito de segurança publica não será feita ao mesmo tempo que as outras nomeações dos cargos creados pela reforma da policia.

Confirma-se a noticia que publicámos ha dias de serem escolhidos os srs. Pinto da Lima e dr. Antonio Joyce para commissario geral e commissario adjuncto em Lisboa. O secretario do commissariado geral será o sr. Luiz Soares.

Quanto aos commissarios dos bairros de Lisboa nada está ainda definitivamente resolvido, dizendo-se que o assumpto foi tratado n'uma demorada conferencia que o sr. ministro do interior teve hontem á noite com o sr. dr. Affonso Costa. Parece que um dos nomeados será o sr. Saldanha e Quadros, que exerceu o cargo de administrador de Trancoso desde a proclamação da Republica e que nos dizem possuir raras qualidades de energia e ponderação, sendo além d'isso um republicano de sempre.

Para secretarios de commissariados em Lisboa indicam-se os nomes dos srs. Alberto Pinho, que foi secretario de alguns governadores civis, e Fernando Cruz, ajudante do conservador do registo civil do 2.º bairro.

Dr. Affonso Costa

Em direcção á Suissa deve sahir esta noite do Lisboa o sr. dr. Affonso Costa. Vae visitar o sr. França Borges, que ali foi procurar alivio aos seus padecimentos.

A questão do trigo

A direcção geral de agricultura

vae lançar uma proclamação aos lavradores, incitando-os a semear

A folha official publicou hoje o decreto, já conhecido, mas sem que isso aggravasse, agora, aumentando em quinze centavos o preço do trigo nacional. Era uma medida insistentemente reclamada pela lavoura e da qual dependia sem duvida o incitamento da abundante ou pobre cultura do cereal corrente. O Estado, com o fim de, attendendo as reclamações fundamentadas da lavoura, e ha de haver, sem duvida, grandes festos, pelos quaes, por isso mesmo que fazem parte, trabalharão de operações diversas, se evite que o preço do pão suba. Mas, por agora, e já que o sacrificio que a lavoura não responda por completo aos sacrificios que por ella se fazem. Quer dizer: é necessario que ella semeie muito, que publique e apresente os seus resultados d'alma e coração para abastecer o paiz de trigo. A direcção geral de agricultura, dirigida por um funccionario de reconhecida competencia e de manifesta proficiencia, o sr. Moreira Rato, de accordo com o ministro, vae proceder a formar o paiz de que se espera que seja a lavoura ao cumprimento do que vae o seu dever. Para isso, vae ser lançada uma proclamação que será distribuida por todo o paiz, na qual, em termos claros, precisos e concretos, se mostra á lavoura a importancia do trabalho que a agricultura se oferece e o que cumpre a nova lei de cereaes contém e de proteção que lhe é concedida. N'essa proclamação, elucidam-se os lavradores que estão em vigor e que se cumprem agora a vigorar. Os mais, a sua applicação, como o fazer o Estado, fazendo mandar a sciencia competente ao lavrador a industria agricola, a fazer por forma o convicção de que, esta a vigiar, que se pode, para que se não seja a trigos, no proximo anno seja suficiente para o consumo da Republica para quem é que se lhe dê por proclamação.

Lavrador morto por um creado

quando tentava alvejal-o a tiros de revolver

PORTALEGRE, 2.—Na herdade denominada Enxofral, da freguezia de Alegrete, d'este concelho, deu-se hontem á noite uma tragedia que custou a vida a um homem.

O proprietario d'essa herdade era o abastado lavrador sr. Joaquim Gil Roxo, que tinha a seu serviço como guarda de propriedades, Severino Ventura, de 31 annos, casado. Por motivos que se desconhecem, despedi-o, e como elle lhe exigisse o pagamento do ordenado, o lavrador exaltou-se e, puxando de um revolver, tentou alvejal-o a tiro.

Severiano Ventura escondeu-se atraz de uma meza e, conseguindo lançar mão da espingarda com que guardava as propriedades, desfechou um tiro contra o lavrador, attingindo-o na cabeça e dando-lhe morte instantanea.

O criminoso não fugiu, esperando junto do morto que chegasse o regedor a quem se entregou. Veiu hoje para esta cidade, dando entrada na cadeia.

Officiaes aviadores

A bordo do paquete *Patria*, entrado hontem no Tejo com grande atrazo, embarcaram hoje com destino á America, onde vão cursar as escolas de aviação e tirar o «brevet» de aviadores, o capitão de cavallaria sr. Cifka Duarte e os tenentes Valente e Boja. O embarque dos trez officiaes realisou-se na ponte da Parceria ás 15 horas e meia, tendo comparecido muitas senhoras e alguns dos seus camaradas, entre os quaes o capitão sr. Nazareth e o tenente picador sr. Antonio Correia.

A provincia n'A CAPITAL

BARREIRO, 2.—Realisa-se no proximo domingo, pelas 13 horas, no Theatro Independente, d'esta villa, a conferencia do sr. Antonio Maria da Silva, director geral dos Correios e Telegraphos, sob o thema «A questão economica».

O theatro vae ser ornamentado a capricho pelo sr. Antonio José, empregado reformado dos Caminhos de Ferro, que se presta a auxiliar a direcção do Centro Republicano Portuguez, promotora da conferencia.

—Tendem-nos para tornarmos publico que deseja seguir na primeira expedição que vae á Cruz Vermelha, o sr. Constantino Pedro de Sousa, maqueiro da Cruz Vermelha Portugueza da delegação do Barreiro, n.º 578.

—Está aberto o curso nocturno movel no Centro Republicano Portuguez com séde na rua Marquez de Pombal, devendo a matricula fazer-se todas as noites das 20 horas ás 22 horas. O professor é o sr. Adolpho Torquato Guedes de Mattos.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

UM CONCERTO

Disseram que o maestro Accacio Santos, um talentoso musico de 21 annos, já de provas dadas, vae realisar um concerto no proximo sabbado um grande concerto symphonico nos Recreios Desportivos da Amadora. Hoje podemos affirmar que entre os trechos que compõe o programma do concerto, que se realisa no domingo proximo, se incluem a «ouverture» do «Barbeiro de Sevilha», a romanza «Cielo Azur» da opera «Aida» com acompanhamento de orchestra e a romanza «Una furtiva lagrima» da opera «Elixir d'amor», tambem com acompanhamento de orchestra.

NOTAS MUNDANAS

Regressou hoje a Coimbra, depois de ter assistido aos trabalhos do Conselho Superior de Instrucção Publica, o sr. dr. Costa Lobo, lente da Universidade.

—Regressou de Bellas, á sua casa em Lisboa, o sr. João Carlos David.

—Encontra-se já na sua residencia em Coimbra, vindo de Azoes (Anadia), o sr. Augusto Alves de Seabra.

—Vindo de S. Pedro de Muel (Marinha Grande), chegou á sua casa n'esta cidade o sr. dr. Affonso Lopes Vieira.

LUCTUOSA

Falleceu o sr. Nicolau Nunes Ferreira, cujo funeral se effectua amanhã, pelas 15 horas, da rua de Santo Amaro, á Estrella, 75, E, para o cemiterio occidental.

DIPLOMATAS

Ministro dos Estados Unidos

Em virtude do paquete «Patria» ter chegado hontem com grande atrazo, só hoje é que seguiu viagem para New-York, onde se demoram até depois das festas do natal, o coronel sr. Thomaz Birch, ministro da Republica dos Estados Unidos da America do Norte em Portugal. O embarque do illustre diplomata realisou-se no Caes do Sodré, pelas 16 horas, tendo ali comparecido quasi toda a colonia americana residente entre nós.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Officiaes de Barbeiro Lisbonenses

Para leitura e discussão dos estatutos e fusão das associações, reune hoje, ás 21 horas, na séde, Poço do Borratem, 33, a assembleia geral.

SPORT

Duarte Holbeche

Assistimos hontem á noite á assembleia geral do Gymnasio Club Portuguez e por momentos, apenas aquelles que representam a abertura d'essas sessões conjunctas, vimos na presidencia o velho amigo do sport sr. Duarte Alexandre Holbeche. Este senhor, com visivel commoção, declarou que a sua saude, precaria em extremo por deficiencia de audição não lhe permittia continuar a occupar aquelle honroso logar, o mais honroso n'aquelle club que era o de maiores e de mais gloriosas tradições.

A assembleia, pesarosa, quiz demover o sr. Holbeche d'aquelle proposito, julgando ver no facto qualquer contrariedade, ou qualquer idéia de magoado protesto. Não. Elle o declarou promptamente. Era o motivo de saude que o levava a tal. Só esse motivo afastava da presidencia do Gymnasio Club aquelle que durante mais de vinte e cinco annos dirigiu os seus trabalhos.

A assembleia, por proposta de Carlos Nafredo, propoz a nomeação do sr. Holbeche para «presidente honorario da assembleia geral». A proposta foi muito bem acolhida e approvada. Representa uma homenagem áquelle que soube ser um dedicado amigo do club, que no club manteve enthusiasmo na cooperação de todos os trabalhos para bem do sport e que acudia sempre, nas crises difficeis, com o seu «carolismo» e a sua bolsa.

Este acto nobilita quem o pratica e d'elle deve orgulhar-se a assembleia do Gymnasio Club. E' um rasgo significativo de nobreza, tanto mais para extranhar quanto é certo que hoje em dia qualquer petulante esquece ingratamente serviços prestados por aquelles que os prestaram com desinteresse e com proposito de produzir obra de utilidade patria.

Notas do dia

E continuam a annunciar-se progressos...

Parece exaggerada a constante citação dos progressos da Amadora. Parece exaggerada, mas temos de confessar que a risonha localidade não descança e que todos os dias procura a effectivação de novas iniciativas.

Hoje, por exemplo, vamos citar um facto comprovativo. A Amadora conseguiu agrupar rapazes em numero sufficiente para a constituição de dois grupos de «foot-ball». Ora para se jogar o «foot-ball» necessita-se d'um campo. Os rapazes procuraram a direcção dos Recreios Desportivos da Amadora, communicaram os seus projectos e assim conseguiram os mais prestimosos auxiliares. Os srs. Santos Mattos e Antonio Correia alugaram hontem, junto á povoação, perto dos Recreios, no começo da estrada de Carnaxide, uma vasta area de terreno plano, com 250 metros de comprido por mais de 100 de largura, resolvendo organisar ali um magnifico campo de jogos ao ar livre.

Logo que esteja esse campo convenientemente acondicionado os «teams» da Amadora, vão pedir a sua filiação na Associação de Foo-ball.

* * *

O torneio da «Taça Cascaes»

A inconstancia do tempo, muito para temer n'esta epocha do anno, intimidou os organisadores sportivos do campeonato de espada para a «Taça Cascaes». E' este o motivo porque hontem se dizia que os assaltos que faltam para a conclusão do torneio se effectuariam não em Cascaes mas nas salas d'um grande club lisbonense. Não tem caracter definitivo a resolução mas esboça-se o proposito de assim concluir este torneio, que é o ultimo da epocha de 1915, em que se notabilisaram exactamente aquelles esgrimistas que estão classificados para a «final»: dr. Manoel Queiroz, campeão de 1914; Carlos Farinha, campeão de 1915; Mario de Noronha, campeão e o amador que possue maior numero de primeiros premios; Jorge Paiva, vencedor na Amadora, nos torneios da Federação e do Estoril; Fernando Farinha, campeão de «juniors» no Estoril; Marciano Beirão, Montez, etc.

* * *

O primeiro desafio de foot-ball

O desafio de «foot-ball» do ultimo domingo representou a abertura da epocha de 1915-1916, mas esse desafio era contado fóra do campeonato de Lisboa. O primeiro desafio de campeonato está marcado para domingo proximo, no campo do Lumiar, entre os primeiros grupos do Sport Club Imperio e do Sporting Club de Portugal. E' um «match» que desperta interesse principalmente para se formar opinião sobre a organisação da «linha» do Imperio, que dizem forte e homogenea.

Sobre este desafio communicam-nos que vão ser adoptadas todas as providencias para que se não repitam as lamentaveis scenas que «celebrisaram» o ultimo desafio.

Algumas anecdotas

Tem razão, mas deviam fazel-o antes...

Por occasião dos festejos do centenario da India realisou-se um passeio fluvial no Tejo, que foi muito concorrido. Entre os que foram viajantes contava-se o sr. Oliveira e Silva, então um rapaz, endiabrado pela sua desenvoltura e agilidade.

Quando foi no regresso, o vapor tentou approximar-se da muralha de Santo Amaro, mas os passageiros protestaram indignados, porque lhes haviam designado a muralha de Santa Apolonia para desembarque.

—Aquietem-se, dizia o mestre do barco, eu não os desembarco aqui, mas sujeitam-se a esperar a noite porque só então posso desembarcal-os em Santa Apolonia.

O sr. Oliveira e Silva desesperou-se. Como podia elle desembarcar de noite, se tinha combinado um jantar e um passeio depois para ver o fogo? Olhou a distancia que o separava da margem. Eram mais de trez metros! Se formasse um pulo e lhe falhasse cahia no lodo e podia ficar esmagado! Mas o passeio? Mas o jantar? Sem pensar o que fazia, deu uma corrida pelo barco, formou um pulo e saltou! Cahiu a uns vinte centimetros de bordo da muralha! Os espectadores d'esta scena deram um grito!

Em terra, accudiram immediatamente dois policias e um d'elles disse:

—O sr. devia ser preso... Isto não se faz.

—Tem razão. Foi uma imprudencia, mas deviam-me prender antes de formar o salto!...

Noticias

Entre nós

Gymnasio Club Portuguez

Este antigo e prestimoso club reuniu hontem, em assembleia geral, para eleger os seus novos corpos dirigentes, que ficaram assim constituidos:

Direcção:—Dr. Carlos Granha, Humberto Caldas, José Formosinho, João Formosinho, João Gomes, Abilio de Campos Junior e Carlos Rijo da Fonseca.

Conselho Technico:—Dario Cannas, Frederico Paredes, Adolpho Lallemant, Francisco Antunes e Augusto Seixas.

Commissão revisora e contas:—Edmundo Padesca, Carlos Fernandes, Carlos Lourenço, Julio Reprezas e Pedro Tito Pagani.

Assembleia geral:—Presidente, Alberto Macieira; secretarios, Henrique Albano dos Prazeres e Antonio Vieira Caldas; supplente, José da Silva Dias.

Nova festa no Stadium?

Correu hontem com insistencia a noticia de que ainda este mez se organisava nova festa de ciclismo e motociclismo no Stadium, renovando-se a corrida de bicicles, que foi uma nota attractiva do ultimo espectaculo.

Escola da Arte de Representar

Cursos nocturnos

Realisou-se hontem, no Conservatorio, com muito brilho, a 1.ª lição de philosophia das artes aos alumnos dos cursos nocturnos, sendo prelector o professor da Escola sr. dr. Hypolito Raposo. As lições continuam regularmente ás 2.as, 4.as e 6.as feiras. A proxima lição, do professor Pinheiro, realisa-se, extraordinariamente, hoje, em virtude de ser amanhã a noite de inauguração do Theatro Nacional Almeida Garrett.

Problemas economicos e sociaes

A autonomia provincial

Do congresso municipalista de Evora, a principal conclusão a tirar é esta: o Alemtejo quer a federação dos municipios, da qual advirá forçosamente o parlamento provincial.

Ahi teem as restantes provincias do paiz indicado o caminho a seguir para obterem uma larga expansão economica. Façam a federação municipal e completem-na com o cooperativismo como pedra basilar do entendimento commum.

Os cereaes, os vinhos, os azeites, as lãs, as cortiças, os gados, os minerios, emfim todos os productos devem ser industrialisados convenientemente, o que trará ao Alemtejo um augmento de população, pois que serão necessarios maior numero de braços do que actualmente, representando portanto uma maior riqueza.

Ninguem melhor do que os naturaes de uma região ou provincia póde conhecer melhor as necessidades e os melhoramentos a realisar n'um districto, n'um concelho ou n'uma freguezia.

Até hoje, a politica que em tudo intervem, só se importava com uma região quando chegava a occasião de pedir votos. Isto é por demais sabido para que precisemos repetil-o. Fóra d'ahi, não se attendiam as reclamações que eram feitas, embora fossem o mais rasoaveis e justas possivel.

Temos grande homogeneidade de usos, costumes, condições ethnicas e da propria lingua, como raros paizes possuem, mas não é isso rasão sufficiente para um centralismo que nada justifica, nem aconselha.

Em Hespanha accentua-se dia a dia a tendencia para uma descentralisação administrativa, não sob a forma provincial ou communalista, mas por agrupamentos regionaes, com dialecto proprio e com leis amoldadas aos costumes da região, formando-se assim a federação dos Estados hispanicos. Nós somos da peninsula Iberica, o mais forte agrupamento, temos uma vida á parte e uma civilisação completamente nossas.

A autonomia municipal deve estender-se não só ao continente, mas á Madeira, aos Açores e a Cabo Verde. Devemos conceder tambem a autonomia a todas as colonias que, sem perigo para a metropole a podessem ter e dar a todos os portuguezes, indistinctamente, os fóros de cidadãos da Republica.

No continente dará a autonomia administrativa os melhores resultados. Nas colonias, desde que estejam aptas a recebel-a, não serão menores nem menos beneficos os resultados que d'ella advirão.

Matheus Ruivo

MUSICA

Concerto musical

Na noite de 6 do corrente realisa-se nos «Desportos de Bemfica» um concerto em que tomará parte uma orchestra de cincoenta figuras, composta por amadores e dirigida pelo sr. Frederico Taveira. No programma, que está sendo elaborado com verdadeiro criterio artistico, serão incluidos valiosos numeros de musica e canto.

No boudoir

A bocca

A bocca é, sem duvida, uma das feições que mais contribuem para a expressão do conjuncto do rosto, talvez aquella que mais nos póde contar da maneira de ser de uma pessoa, da sua vida, dos seus soffrimentos, das suas alegrias, dos seus desejos, não se deixando mesmo dominar em certos momentos e desvendando assim historias recolhidas das almas, pequeninos mysterios ou verdadeiras tragedias...

A bocca exprime, melhor ainda que os olhos, os sentimentos e os estados de espirito: os labios, com toda a sua mobilidade, reflectem a colera, o mando, o extasis, a alegria, a tristeza, a dôr, a voluptuosidade, o amor, de uma maneira flagrante, não é verdade?

A bocca, os labios, o sorriso, o beijo, tudo isto os poetas de todos os tempos teem cantado maravilhosamente. E' que a bocca é uma das feições mais bellas, um dos encantos mais poderosos do nosso sexo, bem o comprehendem aquellas que procuram, já por hygiene, já pelo desejo de conservar a sua frescura e graça, ter com ella todos os cuidados e evitar as grandes emoções que n'ella se vincam de uma maneira inapagavel.

O sorriso é por vezes toda a alegria ou toda a bondade de uma cara, toda a sympathia ou toda a antipathia de um rosto.

E, para que a frescura e vermelhidão de uma bocca tenha todo o possivel esplendor e para que um sorriso possua toda a seducção, muito contribuem tambem a dentadura, a fórma e côr dos dentes.

Aquellas que os tenham regulares e brancos, aquellas que tenham esse thesouro a que os poetas chamam perolas e marfim, que assim o conservem. E as outras que procurem, egualmente, por meio de uma hygiene rigorosa, não os estragar mais.

* * *

Toutinegra—Olhe, minha amiguinha, siga o meu conselho, aprenda canto com madame Rita Camara ou com o marido d'esta senhora; são bons professores, se lhes quizer falar, procure-os no Salão Neuparth. Quanto ao tratamento do seu cabello não ha de ser tão difficil como julga. Essa caspa oleosa cura-se com as Loções Anti-Saborreia pertencentes á serie dos «Secrets Pompadour»; o cabello tornar-se-lhe-ha bastante brilhante e sedoso, desapparecendo a caspa e a oleosidade.

* * *

Marianinha—Os chapeus usam-se este anno grandes e pequenos. Predominam os de velludo franzido; n'este genero vi uns encantadores na «Muralha da Moda». Mando, segundo o seu pedido, mais dois frascos de Secret Pompadour e agradeço as suas palavras elogiosas.

* * *

Lucinda (Brazil).—Posso mandar tudo o que deseja, não só productos de belleza, como qualquer objecto de toilette. Pergunta-me se possuo preparados francezes e inglezes; sim, minha amiga, tudo o que quizer.

Maria Conti

EM INGLATERRA

A expedição de Salonica

Na Camara dos pares

Londres, 26 de outubro

Perguntára lord Loreburn se fôra com a approvação dos seus conselheiros navaes e militares que o governo decidira enviar tropas para a Salonica, e se tinham sido tomadas todas as medidas necessarias para o renovamento das fileiras, reabastecimento de material e garantia de communicação em harmonia com as vistas d'aquelles conselheiros.

Respondeu-lhe lord Lansdowne:

«Com a punhalada que, pelas costas, lhe vibrou a Bulgaria é pouco provavel que a Servia possa por muito tempo resistir ao ataque dos austro-allemães. As questões actuaes implicam considerações navaes, militares e politicas; sejam quaes forem as vistas dos conselheiros militares e navaes, é ao governo que cabe a responsabilidade da decisão a tomar.

Detidas em face das linhas franceza, russa, italiana e mesopotamica, as potencias centraes tentaram uma acção decisiva no sueste da Europa, do lado de Gallipoli, de Constantinopla e do Egypto com o concurso da Bulgaria; o unico obstaculo era a Servia. Esta, vendo-se ameaçada por uma grande concentração de tropas, dirigiu-se directamente a nós. Lembramo-nos de ajudal-a passando pela Grecia, que está ligada á Servia pela sua posição geographica, por interesses communs, e pelas obrigações d'um tratado formal.

Perante o pedido do sr. Venizelos, primeiro ministro da Grecia, compromettemo-nos a fornecer a esta nação tropas para a ajudar a satisfazer as suas obrigações para com a Servia.

Eis porque mandámos para a Salonica as tropas de que podiamos dispôr na occasião, e que não podiam deixar de ser pouco numerosas.

O mesmo fizeram os francezes. Concorrentemente estamos preparando mais tropas para irem para o sueste da Europa, e enviamos navios para as transportarem.

Dada a posição da Servia, era indispensavel proceder com rapidez; as primeiras medidas não podiam deixar de ser muito incompletas. O primitivo contingente inglez era formado apenas por 13.000 homens.

Entretanto desenvolviam-se rapidamente os acontecimentos no sueste europeu; a Grecia entendia que o tratado servio-grego a não obrigava a soccorrer a sua alliada; os progressos militares do inimigo no norte da Servia, e o ataque dos bulgaros tornavam pouco provavel uma longa resistencia da Servia.

Convencionaram então a França e a Grã-Bretanha estudar a situação quando os reforços chegaram aos seus destinos.

Os seus conselheiros militares e navaes consultam actualmente acerca do emprego a fazer do contingente inglez. O general Munro vae enviar o seu relatorio encarando a questão sob todos os aspectos.»

R. I. P.

Confortado com todos os sacramentos da Santa Egreja

Nicolau Nunes Ferreira

Falleceu

Maria da Conceição d'Albuquerque Bourbon Ferreira, Nicolau d'Albuquerque Ferreira, e sua esposa Emilia Pessanha d'Albuquerque Ferreira, João d'Albuquerque Ferreira, Abel d'Albuquerque Ferreira, Maria da Conceição d'Albuquerque Ferreira, Adhemar Ferreira de Miranda e sua esposa Maria d'Almeida Ferreira de Miranda, Jacintho Ferreira de Miranda (ausente), Adalberto Ferreira de Miranda e esposa Maria Candida Ferreira de Miranda (ausente), Antonio d'Albuquerque de Sousa Lara, Luiz d'Albuquerque de Sousa Lara, João d'Albuquerque de Sousa Lara (ausente), Manuel d'Albuquerque de Sousa Lara (ausente), Manuel Nunes Ferreira e sua esposa, Antonio Coutinho Nunes Ferreira, Joaquim Nunes Ferreira e sua esposa, Eugenio Pessoa d'Amorim Ferreira, Emilia José Jacome Bourbon d'Albuquerque (ausente), Maria de La Salette Jacome Bourbon d'Albuquerque, Affonso d'Albuquerque do Amaral Cardoso e sua esposa, Maria Ignacia Soares d'Albergaria Albuquerque, Anna d'Albuquerque de Sousa Lara e seu marido Antonio de Sousa Carneiro Lara, cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas de sua amizade e relações que foi Deus servido levar da vida presente o seu muito querido e saudoso esposo, pae, sogro, tio, primo e cunhado, devendo o funeral ter logar no dia 3 do corrente pelas 3 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da sua residencia, rua de Santo Amaro (á Estrella) 75, E, para o jazigo de familia, no cemiterio dos Prazeres.

Julio da Cunha e Silva participa aos seus clientes que abriu consultorio na Avenida da Liberdade, 54, 1.º
Consultas das 3 ás 6.
Clinica geral e partos.

gia-se para a linha de Rava Ruska, Magierow e Janow.

O exercito do general von Boehm-Ermolli estava avançando ao longo da estrada para Grodek. Na tarde do dia 16 entrou em contacto com as retaguardas russas proximo de Wolczuchy, a uns cinco kilometros a oeste de Grodek, e á noite chegou ao rio Vereszyca, occupando a sua margem occidental. Cêrca da meia noite tomou de assalto a parte occidental da cidade de Grodek.

No dia 17, o avanço do quarto exercito austro-hungaro para o norte continuou entre o Vistula e a estrada Jaroslav-Oleszyce-Belzec. No recanto acima da confluencia do Vistula com o San, os russos, em harmonia com a retirada da margem direita do San, recuaram para as suas antigas posições entre Tarnobrzeg e Nisko.

A oeste do San os austriacos occuparam n'esse dia Krzeszow, Tarnogrod e Narol, estabelecendo-se em toda a linha, ao longo da fronte Tanew. Durante a lucta na semana seguinte o valle do Tanew serviu para cobrir o flanco norte dos exercitos austro-allemães que estavam avançando contra Lwow.

O valle do baixo e médio Tanew é um grande pantano que mede uns cincoenta e seis kilometros para leste da sua juncção com o San; tem a largura de dezeseis kilometros e é coberto de florestas.

Mesmo quando acaba o pantano, o terreno não se presta a operações militares; é molle e homens e cavallos enterram-se n'elle, não podendo servir para transportes pezados. Ao chegarem a essa região, os austriacos occuparam-na com pequenas forças.

Da confluencia do San e do Tanew até Narol, n'uma distancia de 72 kilometros, as forças austro-allemãs estavam fazendo face ao norte; entre Narol, Rava Ruska e Magierow, n'uma linha de uns vinte e quatro kilometros, a fronte estava voltada para nordeste; ao sul de Magierow, «os outros exercitos do general von Mackensen»—no dizer do communicado da agencia Wolff—estavam occupando a linha do Vereszyca até á sua juncção com o Dniester.

A distancia de Magierow a Lelechow no alto Vereszyca é de 16 kilometros, e da linha do Vereszyca a Kolodruby no Dniester de quarenta e oito kilometros.

A nova linha offerecia aos russos boas posições defensivas. Muitas cadeias de outeiros, elevando-se alguns a 12.000 pés de altura se estendiam entre Narol e Magierow.

A linha do Vereszyca é coberta contra um avanço de oeste pelo rio e por pantanos e reforçada por uma cadeia de outeiros cobertos de bosques que são, alguns d'elles, mais altos do que os que se estendem a oeste.

De Rava Ruska a Komarno, n'uma fronte de sessenta e quatro kilometros, uma furiosa batalha se deu nos dias 18 e 19 de junho e durante toda a noite. Os austriacos conseguiram apoderar-se d'algumas

O duque d'Avarna, ex-embaixador italiano em Vienna d'Austria

ram mandados apoiar os austriacos que retiravam.

Na noite de 3 para 4 de junho deram, da margem esquerda do Leng, trez furiosos ataques contra o flanco russo entre Krawce e Burdzyn, mas foram repellidos com grandes perdas. O avanço dos russos para o sul foi, porém, detido.

Nenhum movimento importante se deu no San entre Lezajsk e o Lubaczowka durante a semana que se seguiu á queda de Przemysl. Entre o Lubaczowka e o Szklo houve lucta na linha Zapalow-Korzenica. Entre o San e o Viszina nas proximidades de Przemysl as tropas allemãs estavam avançando da linha Pozdziacz-Medyka para a de Starzava-Czerniava.

Ao sul do caminho de ferro Przemysl-Lwow os allemães sob o commando do general von der Marwitz estavam-se approximando pelo sudoeste de Mosciska. Quão vagaroso foi o avanço e quão obstinada a resistencia offerecida pelos russos póde deprehender-se do facto da cidade de Mosciska, que fica apenas a uns dezoito kilometros a leste de Przemysl, só ter sido alcançada pelos allemães no dia 14 de maio.

A principal lucta durante esses dias centralisou-se em redor das pontes-cabeças no Dniester.

N'uma fronte de cêrca de trinta e dois kilometros, entre o caminho de ferro Sambor-Rudki e a estrada Litynia-Kolodruby, os pantanos do alto Dniester formam uma barreira absolutamente intransponivel a operações militares. Teem de largura de treze a dezeseis kilometros e nem uma unica estrada ou caminho de ferro corre atravez d'elles.

Entre Kolodrubi e Zuravno, n'uma fronte de uns quarenta e oito kilometros de extensão, os pantanos cobrem ainda uma certa porção de terreno d'ambos os lados do rio, que attinge n'esse sector uma largura de 100 a 150 pés e uma profundidade de 3 a 4 pés. Em Mikolajow e Zydaczow importantes estradas e caminhos de ferro atravessam o rio.

Mikolajow, na margem norte do Dniester, ao sul de Lwow—uns trinta e dois kilometros—estava fortemente fortificada; o terreno presta-se naturalmente á defeza.

Outeiros cobertos de densos bosques se erguem entre Mikolajow e o rio a uma altura de cêrca de 1.250 pés; dominam o valle do Dniester, e formam uma posição defensiva deveras formidavel.

A ponte-cabeça de Zydaczow tambem não offerece muito mais possibilidades para um ataque pelo sul. As posições russas n'aquella região ficam no meio d'um montão de pequenos rios e pantanos. Cobertas do sul pelo baixo Stryj, pelo Dniester e pelos pantanos, as posições russas nos outeiros a nordeste de Zydaczow, entre o Dniester e os lagos de Chodorow, eram de egual força ás defezas no Dniester.

A dezeseis kilometros a sueste de Zydacow fica Zuravno; entre essa localidade e Nizniow, n'uma fronte de cêrca de sessenta e quatro kilometros, o Dniester apresenta comparativamente obstaculos naturaes menos sérios a um exercito que tente forçar essa linha.

Difficilmente se encontra um pantano, embora as margens sejam baixas; só a leste de Nizniow é que começa a região dos fundos desfiladeiros. A meio caminho entre Zuravno e Nizniow fica Halicz, um dos centros mais importantes da Galicia e a mais importante passagem do Dniester.

A ponte do caminho de ferro, que os austriacos haviam feito ir pelos ares antes da sua retirada em setembro de 1914, fôra substituida por cinco pontes de madeira sobre o rio. Halicz havia sido a principio fortificada pelos austriacos; os russos haviam accrescentado novas linhas ás suas defezas, que corriam em semi-circulo em volta d'ella, n'um raio de mais de oito kilometros.

Zuravno offerecia aos allemães, relativamente, mais possibilidade de poderem romper as defezas russas ao Dniester e contra ella dirigiram as suas principaes forças.

A 31 de maio, depois da queda de

Stryj, os allemães avançaram vigorosamente em direcção de Mikolajow e Zydaczow; o seu objectivo principal era, provavelmente, estabelecerem-se na margem esquerda do Dniester entre Koldruby e Zydaczow, cobrindo assim o flanco esquerdo das tropas que iam atacar Zuravno contra a possibilidade de um ataque n'aquella direcção.

Parece que tinham esperança de se apoderar d'uma ou d'outra d'essas duas pontes-cabeças. O communicado russo de 2 de junho diz:

«Entre o Tysmienica e o Stryj, o inimigo, que havia ahi concentrado grande porção de artilharia pezada e trouxera para ahi reforços, conseguiu por meio de violentos ataques dados com grandes forças, alcançar alguns resultados durante a noite de 31 para 1».

Nos dois dias seguintes, os russos recuaram para as pontes-cabeças do Dniester. Os ataques allemães contra ellas na noite de 2 para 3 de junho foram repellidos com grandes perdas e foram seguidos de contra-ataques russos coroados de exito.

O communicado do dia 5 diz:

«No dia 3, o inimigo continuou os seus ataques contra as nossas pontes-cabeças no Dniester entre Tysmienica e o caminho de ferro Stryj-Mikolajow. Durante o dia repellimos quatro assaltos desesperados ás nossas posições proximo de Ugartsberg (a tres kilometros ao sul do Dniester), servindo-nos da bayoneta e das granadas de mão.

No dia seguinte, pelo meio dia, em toda a frente o inimigo foi repellido e começou a tomar posição ao longo d'uma nova frente fóra do alcance dos nossos canhões.

As nossas tropas, tomando a offensiva por seu turno, atacaram o inimigo proximo de Krynica, a oito kilometros ao sul do Dniester».

Nos tres dias seguintes não foram dados mais ataques pelo inimigo contra o Dniester entre a embocadura do Tysmienica e a do Stryj; só os contra-ataques russos continuaram na direcção de Lythinia. Os allemães proseguiram as suas operações em redor de Mikolajow e Zydaczow a 7 de junho, mas d'ahi em deante esse sector passou a ter importancia secundaria.

A 5 de junho começaram os ataques allemães contra a ponte-cabeça de Zuravno; n'esse dia occuparam a cidade na margem direita do rio e ao sul a importante cota 247, que domina o valle. No dia 6 as tropas austro-allemãs conseguiram forçar a passagem do rio e no dia 7 alargaram consideravelmente as suas posições na margem norte tomando os outeiros proximo de Novoszyn e attingindo o importante ponto estrategico de Bukaczowce.

O relatorio russo diz a tal respeito:

«Na esquerda do Dniester, proximo de Zuravno, as forças do inimigo tinham augmentado; invadindo a floresta até ao caminho de ferro».

Tinham evidentemente a intenção de envolver pelo norte as defezas da ponte Martynow-Siwka, na estrada de Rohatyn a Kalusz. Se o tivessem conseguido, ter-se-hiam estabelecido no flanco e nas cercanias de Malicz.

A 6 de junho, as tropas que operavam na sua ala direita haviam-se posto em contacto com as de Pflanzer-Baltin e occupado Kalusz. Tendo grandes perdas em mortos e feridos, chegaram no dia 7, ao sul de Siwka, á linha Mislow-Wojnilow-Kolodziejow.

Proximo de Siwka só n'uma emboscada morreram cêrca de 2.000 inimigos, tendo sido os primeiros dizimados pelo fogo das metralhadoras e os restantes a cargas de bayoneta.

O objectivo dos commandantes austro-allemães era chegar pelo leste a Halicz e Stanislau, emquanto as forças que haviam atravessado o Dniester em Zuravno deviam envolver as posições russas ao longo do rio.

O dia 8 de junho marca uma acalmia na batalha. No dia seguinte, o avanço germanico para o norte do Dniester parou momentaneamente.

Depois d'uma violenta lucta, o inimigo foi repellido para além da linha ferrea Chodorow-Bukaczowce, muitas aldeias, entre ellas Raszowko, foram retomadas pelos russos e feitos perto de 800 prisioneiros.

No dia 10 a batalha attingiu o ponto culminante. As forças austro-allemãs foram repellidas para além do Dniester. N'esse dia os russos tomaram 17 canhões, 49 metralhadoras, 188 officiaes e cêrca de 6.500 homens. Entre os prisioneiros contava-se uma companhia inteira da Guarda Prussiana, o regimento de fuzileiros. Nos tres dias, de 8 a 10 de junho, os austro-allemães perderam 17 canhões, 78 metralhadoras, 348 officiaes e 15.431 homens

No dia 11, os allemães repetiram o ataque contra Zuravno, retomaram a cidade e no dia seguinte avançaram até uma distancia de cêrca de oito kilometros ao norte. No dia 13 chegaram a Roguzna, aldeia a uns dezeseis kilometros ao norte de Zuravno. Nos dias seguintes os russos conseguiram, porém, repellil-os de novo para o Dniester.

Entretanto, mais a leste, os exercitos austro-allemães tinham alcançado o rio em quasi toda a linha entre Jezupol e Zaleszczyki, forçando muitas passagens abaixo de Niznioow. Mas isso de nada lhes serviu, porque, devido á natureza do terreno, não conseguiram sahir d'essa zona.

No dia 16 era evidente que a linha do Dniester podia ser forçada em consideravel extensão e n'uma frente sufficiente para permittir a grandes massas de tropas que iniciassem um ataque contra o flanco russo. O ataque contra Lwow, a darse, tinha de vir do oeste.

Durante a acalmia na lucta no San medio, Mackensen effectuou em roda de Jaroslav uma nova concentração de artilharia semelhante á que fizera em roda de Gorlice. Ao que parece, havia recebido reforços em homens. Uma nova «phalange» estava concentrada a oeste do San, principalmente no districto entre Piskorovice e Radymno.

A 12 de junho um violento bombardeamento foi iniciado contra as posições russas. N'esse mesmo dia as tropas austro-allemãs atravessaram o San e occuparam Piskorovice e Sieniava.

No dia 13, o avanço estendeu-se a toda a linha, desde o rio Zlota até á estrada Radymno-Javorow. Continuou no dia 14. As baterias austriacas d'artilharia pezada acompanhavam as tropas e quebravam a resistencia dos russos.

Na noite de 14 de junho o nono corpo de exercito austro-hungaro (quarto exercito austro-hungaro) estava deante de Cieplice e todo o exercito do archiduque José Fernando avançava vagarosamente do San para o rio Tanew. N'essa mesma noite as tropas de Mackensen chegaram a uma linha que se estendia de Obeszyce por Nova Grobla e Vielkie Oczy, para Krakoviec. O general von der Marwitz chegava no emtanto a Moscisko.

A 15 de junho, Cieplice e Dachnow foram tomadas e as forças do inimigo approximaram-se de Lubaczow, Niemirow, Javorow e Sadova Visznia. O relatorio enviado pela agencia Wolff no dia 16 de junho diz:

«O exercito do coronel-general von Mackensen aprisionou desde o dia 12 de junho mais de 40.000 homens e 69 metralhadoras».

E' evidente que a communicação se refere a todo o grupo de exercitos que operavam na Galicia e não apenas ao undecimo exercito allemão. Assim, a 12 de junho, na linguagem official e semi-official allemã, Mackensen havia substituido como commandante dos exercitos da Galicia o generalissimo austro-hungaro, o archiduque Frederico.

No dia 16, as tropas austriacas do quarto exercito avançaram por Maydan e Cewkow e atravessaram a fronteira russa, na direcção noroeste. O exercito de Mackensen, avançando entretanto com a sua caracteristica impetuosidade, passára Lubaczow, Niemirow e Javorow e diri-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1885 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 3 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293 —Endereço teleg. CAPITAL
Composição —Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão —71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os ultimos

Incendiada a peninsula dos Balkans, pela participação da Bulgaria na guerra europeia, luctando contra a Servia, ainda não ha muito sua alliada, e não restando duvida de que a Grecia e a Romania não poderão manter-se indifferentes á grande campanha travada, occorre preguntar que attitude deverão tomar os ultimos Estados europeus que na guerra ainda se não encontram envolvidos, qual será a situação que lhes creará o conflicto de tanto e formidaveis interesses?

Ha os paizes do Norte,—a Hollanda, a Dinamarca, a Suecia, a Noruega; ha os paizes do extremo occidente da Europa,—Hespanha e Portugal.

São os ultimos.

Porventura imaginaremos que esses paizes irão para a guerra? Concedido, mas o que se affigura inevitavel é que a guerra irá ter com elles.

Ha outro dia um telegramma annunciava que a Inglaterra se veria forçada a não respeitar a neutralidade official da Dinamarca, e essa noticia não causou surpreza, muito embora se conheça o respeito da Grã-Bretanha pelas normas do direito internacional. E' que a guerra chegou a um ponto que já não permitte neutralidades. Foi a Allemanha a primeira a passar por cima d'ellas assolando a Belgica para ir ferir a França no coração. Hoje, para ferir a Allemanha no coração, tambem se torna forçoso que os paizes do Norte, por via dos quaes a Allemanha evidentemente se abastece, definam uma attitude, porque os paizes empenhados em manter a liberdade europeia, os paizes aggredidos pela Allemanha, não podem ver perder-se a sua causa por qualquer ordem de considerações que a essa razão suprema se antoponham.

Estão a transformar-se os Balkans n'um brazeiro. Não tarda que o fogo lavre nos paizes do Norte, e não é natural tambem que possa tardar uma modificação egual nos paizes da nossa peninsula.

Dir-se-ha que Portugal já definiu a sua attitude. Virtualmente Portugal está na guerra. Já se bateu com os allemães, e só n'este momento as suas balas os não attingem é só porque na realidade falta para caracterisar o seu estado de guerra.

A Hespanha declarou-se neutral. Mas a neutralidade da Hespanha é tambem d'aquellas que se não podem manter. Isso mesmo entendem os allemães que não cessam na sua activa propaganda para levar a Hespanha a collaborar, tacita ou implicitamente, nos planos que o seu interesse nacional lhe suscita. Por sua vez os alliados teem de pensar na Hespanha, e por muito que no paiz visinho se manifeste uma corrente germanophila, a Hespanha nunca poderá esquecer que é um paiz latino, que tem ligados á civilisação da raça a que pertence os seus mais importantes interesses e os seus mais vivos ideaes.

N'esta gigantesca guerra que deixa a perder de vista todas as luctas em que a humanidade até hoje se tem trucidado, guerra que amontoa ruinas como nunca o mundo presenciou, guerra cujos pactos são tão espantosos que a realidade excede a imaginação, guerra em que já baquearam perto de oito milhões de homens, lança-se actualmente mão das derradeiras reservas, appella-se para tudo o que possa constituir uma garantia de victoria. E' preciso todo o aço, todo o ferro que ha na Europa, são necessarios todos os homens que ha na Europa. E por isso os ultimos paizes que ainda não luctam, dentro em breve terão de luctar, escolhendo o campo em que o seu esforço se exerça.

Por ora são os exercitos organisados que se reclamam. Porventura um dia chegará em que todos os seres humanos, que um alento de vida anime, terão de empregar a força do seu braço, de qualquer forma armado, para fazer cessar o pesadello sangrento que passa sobre o mundo. Já na Servia as mulheres formam batalhões para se baterem, como os homens. Um dia virá, porventura, em que as mulheres, velhos e creanças, em toda a parte, servindo-se de todas as armas, o chuço, a enxada, a pedra, virão liquidar uma pagina em que o futuro da humanidade corre o risco de se abysmar.

Para que a insurreição geral dos povos se não dê, para que a ordem social não se subverta em desconhecidas voragens, os ultimos paizes da Europa, que ainda não luctam, teem a necessidade urgente e o dever imperioso de intervir. Já que a guerra não póde acabar por uma pressão pacifica d'esses paizes, que são inferiores em força ás grandes nações que se degladiam, forçoso se torna que elles se lancem na peleja, inclinando para um lado a balança da victoria.

Poeira da Arcada

O sentimento é a força das mulheres, tornando-as sublimes ou ridiculas, conforme o instincto ou arte com que o exercem.

As suas ideias são poucas, mas resistentes. Na decadencia dos povos, são ellas que melhor conservam a imagem das grandezas passadas. Nos seus olhos adivinham-se as epopeias extinctas.

* * *

A Aguia, orgão da Renascença Portugueza, continúa sendo o pequeno milagre da nossa litteratura, mantendo-se fiel ao seu programma de affirmações, a fim de contrarrestar o pessimismo dissolvente dos que negam a patria e a raça como elementos indispensaveis de toda a emoção litteraria e artistica. Recebemos ha pouco os numeros correspondentes a setembro e outubro. Magnificos. O esforço dos seus redactores e collaboradores é tanto mais de louvar que vivemos n'uma epocha parda e grotesca em que a politica, transformada em manha de roedores, vae creando uma situação ingrata para as nobres preoccupações e interesses do espirito.

* * *

A guerra continúa a ser estudada como o maior facto da edade presente, tirando-se d'ella toda a casta de ensinamentos. Ninguem sabe quando acabará. Talvez ella seja o inicio de uma civilisação superior a todas as outras pela affectividade e pela cultura... E encarando-a sob este prisma promettedor, as nossas anciedades rompem o futuro demandando a Felicidade. Todavia os nossos olhos recusam-se a vêr as coisas tão risonhamente. E a duvida, de cavado e rugoso semblante, tortura-nos, esmaga-nos.

Pelo telegrapho

Um torpedeiro francez afundado

LONDRES, 2—O torpedeiro 96 afundou-se no estreito de Gibraltar em consequencia de ter abalroado com um vapor.—*(Havas)*

Cadorna e a Legião de Honra

PARIS, 2—O generalissimo italiano Cadorna foi condecorado pelo governo francez com o grande cordão da Legião de Honra—*(Havas)*

O novo attorney geral

LONDRES, 2—Foi nomeado attorney geral o sr. I. E. Smith.—*(Havas)*

AS FINANÇAS E A GUERRA

O regimen de papel na Allemanha

Como se explica facilmente a realisação do seu ultimo grande emprestimo

Voltámos a procurar o nosso entrevistado para continuarmos a interessante palestra, ha dias interrompida, sobre as finanças da guerra. Os leitores por certo se recordam d'aquella diabolica sarabanda de milhões de libras e milhões de contos que bailaram deante dos seus olhos, como uma vertigem, como uma tentação...

—Pois a pharandola continua, diz-nos o nosso amavel preleccionador d'estas coisas financeiras, que vive um pouco mettido na torre de marfim do seu isolamento e só raras vezes dispõe de vagar e paciencia para estes indiscretos contactos com a grande publicidade.

—Mais emprestimos, então?

—Ainda nem sequer alludimos aos dois austriacos e a outros dois italianos e já a França, a Inglaterra, a Austria e a Italia preparam novas operações financeiras do mesmo genero. A guerra é um sorvedouro espantoso de dinheiro, é preciso que nada falte, «lá-bas», aos valentes «pioupious» que se batem pela patria.

—E não se dará o caso da guerra acabar um dia, quasi de surpreza, pela falta de recursos financeiros d'alguma ou d'algumas das nações?

—Quasi de surpreza, não. No dia em que um dos Estados em guerra estivesse a attingir o seu limite financeiro todo o mundo o saberia. Teriamos a «débâcle» precipitada com estrondo.

—E esse limite financeiro...

—Dar-se-ha quando qualquer Estado, precisando levantar um novo emprestimo, não possa já lançar impostos que correspondam aos encargos d'esse novo recurso ao credito. Por outras palavras: exgotada a capacidade tributaria do contribuinte, provado que a fortuna publica não é susceptivel de dar ao Estado maior rendimento, declara-se a impossibilidade de se realisarem novos emprestimos, visto que, para elles se levantarem, é preciso incluir no orçamento uma receita destinada a fazer face aos seus encargos. Claro está que ponho de parte agora a possibilidade dos contribuintes entregarem ao Estado o proprio capital que possuem.

«Pelo que diz respeito á Allemanha, esse limite financeiro parece ter sido quasi attingido. E' isso o que se conclue, ao menos, das palavras proferidas ultimamente pelo ministro das finanças, o dr. Helfferich, antigo presidente do Deutsche-Bank, a proposito da realisação do seu terceiro emprestimo. Disse elle que a Allemanha estava preparada para continuar a guerra durante largo tempo e que confiava muito na grandeza da indemnisação a receber para liquidação final das finanças allemãs, accrescentando que «não lhe parecia possivel que o imperio supportasse uma maior carga de impostos». Póde confrontar-se essa situação com a da Inglaterra, onde os ultimos impostos foram approvados por unanimidade na Camara dos Communs. Os anteriores tinham sido, em grande parte, pagos adeantadamente, isto é, antes do termo do praso fixado para a entrega das prestações, havendo ainda contribuintes que escreveram ao ministro das finanças dizendo-lhe que não hesitasse lançar mais impostos logo que elles fossem necessarios. O confronto é consolador para todos nós, alliados e amigos da grande e poderosissima nação.

—Falou-me outro dia no regimen especial de papel que vigora na Allemanha e que permitte a illusão de que o seu credito vae augmentando á medida que a guerra se prolonga. Foi a proposito da subida do preço de emissão dos seus emprestimos. Em que consiste esse regimen especial?

—Eu lhe conto... O mesmo dr. Helfferich, em que já lhe falei, ministro das finanças, affirmou no Reichstag que a Allemanha não precisava empregar os methodos «annunciatorios» da Inglaterra para ver realisados os seus grandes emprestimos. Apezar d'essa verdadeira «boutade», posso garantir-lhe que a imprensa allemã fez uma campanha mirabolante quando se tratou do lançamento do terceiro emprestimo. Imagine que um jornal de Berlim chegou a publicar um decalogo adequado ás circumstancias! Recordo-me que o nono mandamento era expresso d'este modo: «Não é preciso ter dinheiro de contado para subscrever o emprestimo». Outros jornaes, em largos calculos fundamentados em estatisticas e notas officiaes sobre a riqueza publica, explicavam quantos eram os allemães que podiam subscrever com determinadas sommas.

—Mas se não era preciso, para isso, ter dinheiro de contado...

—E não era, realmente. Bastava ter ido ás «Caixas de emprestimo» quaesquer valores, que podiam até ser os titulos dos dois anteriores emprestimos de guerra, para se receber, em troca, os certificados d'uma importancia egual, com que se subscrevia o terceiro emprestimo. Esses certificados, entrando depois no Banco do Imperio, eram considerados como reserva d'ouro, dando ao Banco o direito de emittir trez vezes a sua importancia. D'este modo, os mesmos subscriptores do primeiro e segundo emprestimo podiam quasi tomar o terceiro sem desembolsarem um «pfennig». Quer dizer: o Estado pedia dinheiro, mas dava-o ao subscriptor, para que elle lh'o emprestasse de novo.

—Dava-lhe certificados, cuja importancia o Banco se encarregava de multiplicar por trez para emittir mais notas...

—Exactamente. Mas deixe-me dizer-lhe que, a certa altura, essas facilidades todas complicaram-se bastante, porque o publico começou a receiar que as «Caixas de emprestimo» desapparecessem depois da guerra. A subscripção para esse terceiro emprestimo encerrava-se a 22 de setembro. Pois ainda no dia 13 a «Gazetta da Allemanha do Norte», publicava uma nota, com o seguinte esclarecimento: «Estamos auctorisados a affirmar que as «Caixas de emprestimo» não desapparecem depois da guerra. Nenhuma preoccupação de espirito deve haver a tal respeito. Demais, as caixas deixam toda a latitude ao devedor para fixar os prasos de pagamento». E com essa garantia os subscriptores continuaram a concorrer.

—E a taxa dos emprestimos, n'essas caixas, era a mesma do emprestimo de guerra?

—Não. As caixas emprestavam a 5 e um quarto, e o juro nominal do emprestimo de guerra era de 5 por cento. Parece, á primeira vista, que os subscriptores eram prejudicados, porque levantavam dinheiro a 5 e um quarto para o emprestarem depois a 5. Tal não succedia, porque o preço da emissão d'esse terceiro emprestimo, marcado a 99, vinha ainda a ser inferior, em virtude dos prasos de entrada das prestações e dos juros que decorriam durante esses prasos. Feitas as contas rigorosamente, eram compensados para o subscriptor os 25 «pfennigs» de differença entre os 5 por cento do emprestimo de guerra e os 5 e um quarto das caixas.

«Mas havemos de falar ainda outra vez d'essas «Caixas de emprestimo» e de outras medidas financeiras que a Allemanha tinha preparado antes da guerra. Muita gente julga que a sua premeditação da tremenda catastrophe apenas consistiu na organisação da sua força militar. Não foi assim. A Allemanha, tão radicada certeza tinha de que havia de explodir o conflicto, que cuidou demoradamente de estabelecer o plano financeiro a pôr em pratica durante a guerra. Todo o seu trabalho, afinal, póde ter este singelo commentario: «papel é o que papel vale...»

Hospedes distinctos

Madame Ritz e seu filho—O architecto sr. Martinet e o sr. L. Gandolf

Encontram-se, de novo, em Lisboa, madame Ritz e seu filho o sr. Charles Ritz que já o anno passado, por esta época, aqui estiveram. Senhora muito intelligente, a nossa hospeda que usa um appelido que quem quer que haja viajado no estrangeiro e frequentado os primeiros hoteis não desconhece, procederá entre nós a um inquerito para apurar com segurança o que é que a industria nacional póde fornecer ao grande hotel que está sendo construido no Estoril e que ficará sob a direcção dos Ritz. As exigencias d'um estabelecimento de aquella ordem são muitas e variadas; o empenho de querer averiguar o que a industria portugueza produz, sob differentes aspectos, com o fim de mobilar e rechear o hotel, merece os maximos louvores.

No mesmo comboio chegou tambem a Lisboa o sr. Martinet. O illustre architecto das obras do Estoril vem para se demorar, pois que as obras estão tomando grande incremento e espera-se que na maior parte se encontrem concluidas em agosto do proximo anno.

O sr. Luiz Gandolf, director da exploração da Sociedade do Estoril, acha-se egualmente em Lisboa.

Virginia Quaresma

Virginia Quaresma que, na qualidade de redactora-adjunta á direcção de «A Capital», anda em viagem pelo norte visitando os nossos principaes centros productores, volta ao Porto na proxima semana. Durante a sua permanencia agora na capital do norte, visitou as fabricas da Areosa, de Portugal, de Jacintho & C.ª, de Salgueiros, do Rio Vizella e a Companhia União Portuense, devendo fazer de todos estes importantes colossos fabris que honram o paiz, desenvolvidas e interessantes reportagens de propaganda industrial.

Virginia Quaresma durante a primeira etape dos seus trabalhos foi recebida no Porto com as mais captivantes provas de deferencia e de carinho. O sr. Luiz de Sousa Marques, presidente do Centro Commercial do Porto, offereceu á nossa collega, em Santo Thyrso, na sua passagem para a fabrica do Rio Vizella, um delicado almoço a que assistiram varios industriaes e commerciantes portuenses.

Outras homenagens ainda lhe foram tributadas por figuras em relevo no meio industrial e commercial da capital do norte, merecendo-nos especial destaque o acolhimento requintadamente gentil que lhe foi dispensado pelo sr. José de Almeida Cunha, conceituado commerciante e industrial e que allia ás faculdades invulgares de iniciativa e de trabalho, excellentes dotes de caracter e um primorosissimo trato.

Um discurso do sr. Asquith

O exercito de French conta um milhão de homens—As operações dos Dardanellos—A independencia da Servia—O serviço militar obrigatorio

LONDRES, 2.—Na camara dos communs o sr. Asquit, primeiro ministro, expondo a situação actual, disse que a nação está inflexivelmente resolvida a proseguir na guerra até obter a victoria. Mostrou os progressos realisados pelo exercito do marechal French, o qual conta ao presente um milhão de homens, não incluindo n'este numero as tropas que estão nos outros theatros da guerra nem as reservas. Fez o elogio da Russia, que brevemente poderá repellir o inimigo em toda a linha. Falando dos Dardanellos, o sr. Asquith reconheceu que as operações não deram resultado favoravel, mas imobilisaram 200.000 turcos, alliviaram a Russia no Caucaso e impediram o ataque contra o Egypto e a Mesopotamia. A independencia da Servia será considerada como um dos principaes fins da guerra.

O sr. Asquith disse que, em caso de necessidade, recommendará o serviço militar obrigatorio e terminou affirmando a sua confiança no triumpho final dos alliados e declarando que se conservará no poder emquanto tiver a confiança do soberano e do parlamento, por mais dura que seja a sua tarefa.—(Havas).

A NOVA ARMA NAVAL

A proposito do submersivel

O sr. ministro da guerra diz que, quando entregue a guarnições dedicadas, é um terrivel instrumento de combate

O sr. Norton de Mattos recebe-me pouco depois do meio dia, na sua saleta de visitas, sobriamente decorada e mobilada. Estamos nas avenidas novas, e por uma janella entreaberta adivinho a casaria alta, que povoa o monte suave e se afoga, diluida na bruma. O sr. ministro da guerra assistiu aos exercicios navaes de ante-hontem, seguindo, interessadissimo, tudo o que, n'esse ataque simulado ao porto de Lisboa, occorreu á entrada da barra. Viu, principalmente, o que fez o submersivel «Espadarte». Que impressões lhe ficariam da acção d'esse barquito, de tão reduzidas proporções, cujo poder de destruição não está ainda definitivamente estabelecido? Foi essa a pregunta que, depois dos primeiros cumprimentos, dirigi, quasi com paixão, ao sr. major Norton de Mattos. E obtive esta resposta cathegorica:

—Foi com indiscriptivel empenho que assisti aos exercicios navaes de segunda-feira. Comprehende-se. Estamos, pelo que respeita á defeza nacional, n'uma phaze de remodelação e renovação completas. Trabalha-se e trabalha-se muito, pode crer. De maneira que não podia deixar de me enthusiasmar o facto de todas as guarnições dos navios de guerra se portarem com uma dedicação notavel. Posso, sobretudo, falar pela gente do navio chefe. A officialidade e a marinhagem do «Vasco da Gama» fizeram tudo o que puderam e o melhor que souberam. Mas o que mais me impressionou nos exercicios foi a brilhante cooperação do «Espadarte»...

—Que teria sido decisiva se fosse a valer...

—Assim o creio. Era preciso estar onde eu estava para se avaliar bem com que pericia o submersivel se portou. Toda a gente vigiava attentamente a agua, para o descobrir, para o marcar, para se precaver contra elle. Os artilheiros, junto das peças, estavam promptos a fazer fogo. Qualquer objecto vago e indefinido que apparecia á tona d'agua nos parecia o periscopio. A emoção era geral e intensa. De repente, a curta distancia, mas a uma distancia maior do que a minima marcada, o «Espadarte» mostra a proa fóra da agua e demora-se, visivel, durante minuto e meio. N'essa altura o torpedo para o navio chefe tinha partido já. Attingiria elle o alvo? Não sei. Não sou technico da especialidade. Entretanto, creio que só uma falsa pontaria podia, n'aquella grave conjunctura salvar o «Vasco da Gama». Quanto aos demais cruzadores da divisão, todos elles ali ao pé, podiam muito bem, a meu ver, ter sorte egual, se o «Espadarte», aproveitando o ensejo, os atacasse tambem. Sem mudar de poiso, o submersivel, antes de se mostrar, teria mettido toda a divisão no fundo, exactamente como, no inicio da guerra, aconteceu no Mar do Norte, com tres grandes cruzadores inglezes.

—E conclue V. Ex.ª do que se passou...

—Que o submersivel é a arma naval que as nações pequenas e desprovidas de recursos como a nossa devem preferir. E' esta a minha opinião sincera e desapaixonada. Dotemo-nos com algumas divisões de barcos d'essa natureza, adquiramos mais submarinos do tipo «Espadarte» e d'um outro de maior raio d'acção, que possa metter pelo Oceano dentro e ir fazer a defeza dos pontos estrategicos das ilhas adjacentes e de Cabo Verde e alcançaremos uma força naval perigosissima, contra a qual todo e qualquer inimigo que queira atacar-nos terá de precaver-se. E olhe que metter um «super-dreadnought» no fundo já é causar uma dolorosa «morsure» a uma esquadra, seja ella qual fôr, seja ou não grande o seu poder.

—E o ataque ao submarino não se fez nos ultimos exercicios navaes?

—Creio que sim e é natural que se fizesse. Entretanto, não posso dizer se elle se effectuou ou não com efficacia. Podia a artilharia de bordo ter destruido o «Espadarte»? Talvez. E foi até o reverso da medalha que se me mostrou quando vi esse naviosito aflorar á superficie. Um bom tiro, n'esse instante, tel-o-hia afundado. Mas precisava, porventura, o submersivel denunciar a sua posição depois de disparar o torpedo? Creio que não. De contrario, se um submarino tiver de vir á tona d'agua sempre que ataque um vaso de guerra inimigo, será uma arma que se sacrifica e condemnada a desapparecer facilmente. Ha uma coisa, porém, que eu verifiquei com supremo jubilo. Foi a admiravel dedicação da guarnição do «Espadarte», guarnição que eu não conhecia, porque nunca me tinha encontrado com os seus officiaes, sequer.

—E são excellentes...

—Sem duvida. Não me parece que possa havel-os melhores. Comprem-se muitos submarinos, eduquem-se, no manejo d'esses barcos, muitos officiaes como os que teem a seu cargo o «Espadarte», e obter-se-ha um organismo de defeza naval tão valioso que bastará, devidamente apoiado, para proteger a nossa costa contra aggressões imprevistas. E' este o meu parecer. De resto, de ha muito que não tinha momentos de tanto jubilo como aquelles que passei a bordo do nosso submersivel, desde que os exercicios terminaram até desembarcar no Arsenal. Com officiaes d'aquelles, fazem-se maravilhas. O que é preciso é procural-os, tanto na armada como no exercito, estimulal-os, interessal-os, dar-lhes elementos de trabalho. Sobretudo isso: elementos de trabalho, porque quem não trabalha enerva-se, perde todas as qualidades e aptidões, transformando-se n'uma inutilidade prejudicial e perigosa. E officiaes intelligentes, cheios da melhor boa vontade de concorrerem para o aperfeiçoamento do exercito e da armada, não faltam. O que é preciso é descobril-os...

Terminou a palestra. O sr. ministro da guerra dispõe-se a seguir para a sua secretaria. Eu agradeço-lhe a extrema benevolencia com que me recebeu e parto. O submarino acabava de ter a sua consagração.

Adelino Mendes

Uma carta de Manuel Egreja

Sr. Manuel Guimarães, meu amigo

Li ha dias n'um semanario sportivo, com a amizade de cujo director me honro, umas referencias, pelo menos injustas, devidas certamente a algum equivoco ou a um momento de mau humor, a respeito do dr. José Pontes, redactor sportivo do seu jornal.

Para mim é elle ainda o incançavel propagandista que á causa do sport e da educação physica nacional, tem prestado inegualaveis serviços.

Pode mesmo dizer-se que ás suas interessantes chronicas, á sua actividade e á sua intensa propaganda se deve o enorme impulso que, de ha 18 annos para cá, tomou entre as classes populares, o gosto pela cultura physica, o que terá, sem duvida, desbravado muito caminho e facilitado a tarefa de outros educadores.

Ainda que não fosse senão por isto, estou certo que o nosso meio sportivo, tem para com elle uma divida em aberto que que um dia ha de saldar.

Desculpe o meu caro amigo esta massada e creia-me sempre

am.º certo e affectuoso
Manuel Egreja

AS TRAGEDIAS DO CIUME

TENTANDO MATAR A AMANTE

AVIZ, 3—Hontem, ás 8 horas, João Augusto Castro Carvalho, viuvo, relojoeiro aqui estabelecido, teve uma altercação, por ciumes, com a sua amante Elvira Barreto, de 18 annos, solteira.

Desvairado, o Carvalho pegou n'uma espingarda e desfechou um tiro contra a amante, que cahiu por terra, banhada em sangue.

Acudindo diversas pessoas, a rapariga foi levada para o hospital, onde se verificou que o tiro lhe esphacelára o braço esquerdo, pelo que lhe foi amputado pelo terço superior pelos srs. drs. Sabino Ferreira e Lopes Varella.

O criminoso, que é irmão de Avelino Carvalho, ha 7 annos aqui assassinado, foi apresentar-se voluntariamente á prisão.

Folhetim d'A CAPITAL — 3-11-1915

Joffre

Ainda ninguem, por emquanto, escreveu sobre Joffre nenhum d'aquelles livros monumentaes e minuciosos em que os francezes excellam e em que, desde a capacidade respiratoria até ao comprimento das unhas, o idolo é detalhado e esmiuçado n'um offegante sopro de admiração que passa desde o ante-rosto até ás ultimas linhas do indice. No entanto, poucos guerreiros haverá—com excepção, todavia, de Napoleão e do Grande Frederico—sobre os quaes, tão largamente, os homens se tenham demorado; ainda ha poucos mezes, a sisuda Revista de Edimburgo (uma revista muito triste e muito bolorenta em Portugal) calculava que, sobre Joffre, em brochuras, em artigos de jornal e em commentarios soltos, mas impressos, se escreveu já o sufficiente para encher oitenta tochados volumes de seiscentas paginas, com um peso approximado de cento e sessenta kilos. Cento e sessenta kilos de Joffre!...

Nunca nenhum ser humano leu completamente estes cento e sessenta kilos de general, de sorte que, cada um nós faz d'elle uma ideia differente, orna-o com as paixões que lhe parecem mais sublimes e pinta-o com os traços que se lhe afiguram mais nobres. E' de tal fórma grande o seu prestigio, de tanta maneira elle é hoje a preoccupação de uma boa parte do globo, que adquiriu—vivendo entre nós e no nosso tempo—limites incertos e esbatidos, um nevoeiro tenue e diaphano, de onde sahem constantemente purpurinos clarões de fama; e assim como não podemos conceber, d'uma forma concreta e satisfatoria, como seria o nobre rosto d'Achilles ou o typo das sobrancelhas d'Alexandre, tão pouco fazemos, por emquanto, ideia de como será o criterio de Joffre, o que elle pensa sobre tudo que esteja fóra da sua profissão, o que elle suppõe, o que elle quer, o que elle deseja. O que todos, porém, podemos affirmar com segurança é que elle é um grande general sexagenario e gordo, com um bello e claro sorriso de bonhomia por debaixo do seu farto bigode branco.

De facto, nada mais conhecemos e só atravez dos curtos communicados francezes, onde um exercito innumeravel age prodigiosamente, adivinhamos o esplendido conjuncto de qualidades que o genio protector da França organisou de «toutes pièces» n'este momento decisivo para ella. E se quizermos destacar mais alguma coisa de positivo, reconheceremos tambem que Joffre, o Provençal, é a creatura mais calada d'este mundo, bem merecendo o cognome de Taciturno, que, como o do seu illustre antecessor Guilherme d'Orange, ficará, sem duvida, na historia. N'esta guerra singular onde inglezes e francezes—segundo os communicados—recuam invariavelmente cincoenta metros ao sul do canal de Lá Bassée para avançarem outro tanto ao norte da Argonne, sempre «vis-á-vis» e sempre impetuosos, n'um esforço continuo e lento—Joffre permanece mudo. E quando alguem lhe pergunta, sobre allemães, qualquer coisa summamente descabida, desviando a sua attenção excellente, o general, com um gesto ao mesmo tempo afavel e aborrecido, murmura:—«Je les grignote!»—E' André Brun quem o diz.

—E, em verdade, a phrase admiravel dá um admiravel resumo. Constantemente, sem treguas, bombardeando aqui, minando acolá, o generalissimo carcela os germanicos e «les grignote» n'um silencio teimoso de «bébé» amuado. A's vezes, no fim de intermináveis canceiras, atravessando as linhas da retaguarda com o mesmo esforço com que uma caravana atravessa o Sahara, varias commissões attingem o general—o lago Tchad!—São, por via de regra, particulas minimas, dentistas, parteiras—ou mulheres de lettras. E em presença d'estes objectos inuteis que imploram soffregamente uma palavra, Joffre é fatalmente forçado a dizer qualquer coisa. E que diz elle, o general energico e notavel? Que diz elle? A Europa aguça commovidamente o ouvido, pende do labio temido, trinta milhões d'homens estremecem como se prestes fôsse soar a trombeta final no valle sombrio de Josaphat. E Joffre não diz nada. Ou por outra, Joffre, rindo no seu farto bigode, diz coisas de onde se extrahe a mais desoladora banalidade. N'um ciciar ligeiro, entre palavras menores, que o telegrapho se esquece de nos transmittir, escapam, n'um murmurio:—«Victoria final... triumpho dos alliados... exercito de bravos...»—As commissões recuam, satisfeitas, em presença d'estas phrases que abrem largos e claros horisontes. O general continua «grignotant» entre o canal de La Bassée e a floresta da Argonne e quando, de repente, o mesmo telegrapho, preguiçoso e incompleto, nos annuncia, n'um fragor de victoria, que vinte mil allemães e duzentos canhões foram tomados d'assalto pelo «pion-pion» de Joffre, o Taciturno fala de novo, no mesmo murmurio. Sómente, em vez de ciciar:—«Victoria final... triumpho dos alliados...»—o generalissimo, com incrivel malicia, sussurra:—«Triumpho dos alliados... victoria final...»—E esta inversão luminosa de duas phrases coruscantes, — é grata ao coração de todos os francezes.

Isto, decerto, é bem a «imperatoria brevitate» de que fala Cicero e que Rousseau traduz por concisão de general. Mas, com certeza, Joffre assim procede, menos para justificar Cicero de quem elle se não lembra n'este momento, do que, para, d'uma forma polida, affastar de si os importunos usando de quatro mal forjados chavões, constantemente gastos e, todavia, constantemente novos. Se Joffre explanasse opiniões e todos aquelles que, de olho flammejante e beiço tremulo, o rodeiam com alacridade, sequiosos de confidencia—não lhe chegaria o tempo para dar materia a «interwiews» e provocaria, «ab ovo», assumpto a controversia e a queixa porque, segundo affirmava Méziéres, cujo corpo ainda não arrefeceu de todo, onde ha dez francezes, ha sempre dez opiniões differentes e contradictorias. Assim o general dispõe, magestoso e mudo como os deuses da velha Phenicia e para o qual nós todos, como os rudes pescadores de Tyro, olhamos com veneração, curiosidade—e terror. De forma que, depois d'este dado ligeiro, mas caracteristico, podemos retomar a definição de Joffre, arredondal-a, resumil-a com propriedade, e exclamar:—«E' um general de palavras mimicas que ganha batalhas maximas».

N'isto se poderão concentrar os cento e sessenta kilos de que fala a Revista de Edimburgo com religião e assombro. E' uma definição pobre, bem sei. Mas sufficiente. Eu, quando os meus innumeraveis patrões me deixam uma hora livre, corro a casa, imponho silencio, fecho-me á chave, cerro as janellas (para obter uma obscuridade propicia) e, de cabeça enterrada nos punhos,—começo a pensar no que os francezes farão á Joffre no dia, entre todos, bemdito em que elle voltar dos campos d'Artois e da Champagne, com uma paz triumphante feita e uma espada irrevogavelmente mettida na bainha. E confesso, meus amigos, que não me sinto de phantasia sufficientemente rica para suppôr com grandeza e desafogo... Joffre será tudo o que quizer: marechal, duque, rei, imperador—ou Deus. E se usar do postulado de Danton, que recommenda audacia e unicamente audacia, poderá ser Estrella, Espaço ou Universo. Causa Primaria e Imanente. E' o sobrenatural com toda a sua grandiosidade.

Mas Joffre não será, com certeza, nenhuma d'estas coisas. Nunca teve actividade politica e deve estar tremendamente derreado. O que elle com mais vehemencia poderá appetecer depois da paz—é mudar de nome e fugir para um ermo onde não existam Sociedades, Camaras, Sessões d'homenagem e Multidões. E elle, que pode pretender tudo, não terá, todavia, este singelo deleite. Está irrefragavelmente cingido á sua espada. Ha de trazel-a sempre, ha de leval-a na derradeira viagem até Santa Genoveva. Atravanca o mundo. Todos o querem ver. Até eu—que sou quasi molusco. Para esse effeito preparo um mealheiro previdente e no dia da paz—parto o mealheiro e vôo ao «boulevard» da Magdalena. E se não chegar o mealheiro, vendo a Encyclopedia Britannica que cobre uma das minhas paredes e se não chegar a Encyclopedia Britannica, vendo a camisa; e se não chegar a camisa vendo uma perna ou um braço. Mas vou—com a breca!—vou. Tenho de ir. E' um dever, é um regalo. Quero ver um homem infinitamente heroe—e infinitamente farto de ser heroe!

Mario de Almeida

O NOVO ANNO LECTIVO

Na Escola Normal de Lisboa

Inauguram ámanhã officialmente, com a presença do chefe do Estado, os seus trabalhos

Ha dias noticiámos que ámanhã a Escola Normal de Lisboa inaugurava solemnemente o seu novo anno lectivo com a presença do chefe do Estado. Hoje tendo que rectificar essa noticia, achamos bem procurar o sr. Thomaz da Fonseca, ha tres annos já director d'esta Escola.

A Escola Normal de Lisboa fica como se sabe no velho edificio do Calvario, e o seu aspecto exterior é d'uma desoladôra impressão. Internamente, embora essa impressão se não desfaça por completo, agrada-nos, comtudo, o asseio esmerado dos seus corredores e das suas amplas salas, que uma directoria intelligente e activa tem modificado quasi por completo, a ponto de ser quasi bem o que ha poucos annos ainda era justificadamente pessimo.

O sr. Thomaz da Fonseca, publicista, professor e senador da Republica, recebe-nos amavelmente no seu gabinete de director que fica, lá em cima, no andar nobre, á direita de quem sobe.

E' uma pequena sala de trabalho, mezas pejadas de livros pedagogicos, e quadros que se destinam ás salas d'aula, com sentenças moraes, pensamentos philosophicos, e avisos previdentes.

Cá fóra nos corredores vêem-se grupos de alumnos entre doze e dezoito annos, que palestram sobraçando livros de estudos, recolhidos da chuva miudinha e impertinente que cahe sem cessar no asphalto do terraço.

Com o seu melhor sorriso, o sr. Thomaz da Fonseca, cofiando a sua barba patriarchal e austera, diz-nos:

—Quer então saber o que será ámanhã a nossa festa de abertura d'anno?

—Podendo ser...

—Pois não; antes d'isso, porém, e para aproveitar a occasião desejo leval-o até junto do nosso orpheon, cujo ensaio deve estar terminando.

Amavelmente, o director da Escola Normal conduz-nos então ao primeiro andar, até á sala onde será ámanhã recebido o sr. presidente da Republica.

E' uma sala espaçosa, com um largo estrado á entrada, e onde o professor sr. Guilherme Ribeiro, acaba de ensaiar as suas alumnas de canto. São mais de duzentas, formando, em semicirculo, um grupo encantador de rostos lindos e juvenis, alguns mesmo, extraordinariamente lindos.

Para ser agradavel para com «A Capital» o sr. Guilherme Ribeiro, dá-nos uma pequena audição do seu orpheon, que é incontestavelmente um dos melhores de Portugal. Entoa-se primeiramente a «Portugueza» cujo effeito é deslumbrante. Depois, o orpheon canta o Hymno da Escola, lettra do sr. Thomaz da Fonseca e musica do sr. Ribeiro. E' lindo. Tem harmonia e vibratilidade. E porque ha de ámanhã ser um dos numeros da festa da abertura, aqui o damos na integra:

I

Legião d'aurora
Annunciadora
De mocidade
Ergue p'rá vida o teu futuro
No amor puro
Da Verdade.
Verdade Eterna
Deusa de encantos divinos
Sibila de olhos profundos
Dá-nos a posse dos mundos
Revela os nossos destinos.

II

Falsos ideaes
Não sigas mais
O' mocidade
E' tempo, accorda: ergue-te e canta
A causa santa
Da Verdade.
Verdade Eterna:
Ao teu beijo, au teu clamor
Desce o ceu e sóbe a terra
Teu labio augusto descerra
Dá-nos um mundo melhor.

III

A escravidão
Não queiras, não
O' mocidade.
A vida é grande só em frente
A' luz fulgente
Da verdade.
Verdade eterna
Faz de nós o povo eleito
Raça forte e redimida
Torna mais bella esta vida
Torna este amor mais perfeito

IV

Luz bemfazeja
Teu rosto beija
O' mocidade
A treva foge como a morte
Ao beijo forte
Da Verdade.
Verdade Eterna:
Com a luz do teu olhar
Mundos mais bellos povoa
A vida inteira abençôa
Faz da terra o teu altar.

V

Legião querida
Marchando unida
A' liberdade
Ergue bem alto o pensamento
Ao Firmamento
Da Verdade.
Verdade Eterna:
Pão nosso de cada dia
Ninguem te procura em vão
E's a deuza da razão
O Sol que tudo alumia

Depois o orpheon canta ainda uma suave «Canção Algarvia», musica do mesmo professor, onde ha, em sons, toda uma labuta de largada para o mar —canções de esperança, marulhar das ondas, e hymnos de triumpho, á volta festejando a pescaria abundante e feliz.

Voltamos de novo ao primeiro andar; e, já sentado á sua meza de trabalho, o sr. Thomaz da Fonseca diz-nos então o que será a sua festa de ámanhã.

—Coisa muito simples. A's 15 horas o corpo docente da Escola aguardará á portaria da rua 1.º de Maio, (antiga rua de S. Joaquim) o sr. dr. Bernardino Machado. O corpo docente compõe-se dos seguintes professores: D. Luiza Rebert, D. Albertina Costa, D. Maria Gonçalves e D. Leonor de Paiva e Pona; e dos srs.: Castro Rodrigues, Albino Magno, Antonio Maria de Freitas, Pires Marinho, Thiago da Fonseca, Alberto Pimentel, Filho, Pedro Ferreira, Guilherme Ferreira, Moysés Legido e Santos Gomes. As creanças da Escola Annexa, e os alumnos do 1.º anno da Escola formarão em alas, até á sala da recepção onde o orpheon á entrada do sr. presidente da Republica, entoará a «Portugueza». Eu saudarei em seguida o sr. dr. Bernardino Machado e direi a proposito o que foi o que é e o que se espera venha a ser a Escola Normal de Lisboa. O sr. Albino Magno falará em nome dos professores mais antigos. O sr. Thiago da Fonseca exporá a sua maneira de vêr sobre reforma pedagogica e por fim em nome dos professores mais modernos, usará ainda da palavra o sr. Moysés Legido, ex-director da Escola Normal de Vianna do Castello. O orpheon entoará de permeio varias canções portuguezas, indo seguidamente, o chefe do Estado, fazer a sua visita, a todas as dependencias da Escola.

Aqui tem, meu amigo, o que será a nossa pequenina festa de ámanhã.

—E o que me diz sobre frequencia?

—Que ella vae além de todas as espectativas. Quer que lh'o demonstre graphicamente?

—E' favor.

—Pois aqui tem o graphico official dos ultimos seis annos:

ANNO LECTIVO	ANNOS ESCOLARES		
	1.º anno	2.º anno	3.º anno
1910-1911	79	51	48
1911-1912	139	71	50
1912-1913	76	133	65
1913-1914	111	93	111
1914-1915	109	128	110
1915-1916	197	103	121

Como vê a frequencia augmentou com a minha vinda para aqui, mercê d'uma propaganda intensa feita n'esse sentido. A baixa que se nota no anno de 1912-1913, foi devida ao facto de se não cumprirem todas as promessas feitas ao professorado pelo governo provisorio. Este anno a entrada para a Escola Normal subiu quasi ao dobro como vê. Attribuo esse facto á ultima lei approvada no parlamento sobre Sédes Escolares e que fixa os ordenados dos professores em 240$ para os de 3.ª classe, 300$ para os de 2.ª, e 360$ para os de primeira. Temos, pois, este anno 418 alumnos na Escola, dos quaes a percentagem masculina é apenas de 12 por cento. Devo dizer-lhe, e vem a peito fazel-o, que ha o maior escrupulo na separação dos sexos, havendo sómente um curso onde os dois sexos se juntam: na sala de musica. Sobre propriamente o que temos feito, dir-lhe-hei em resumo: melhorámos o ensino, tornando-o cada vez mais pratico e racional; remodelámos as praticas da Escola Annexa, fazendo d'ellas um elemento de primeira necessidade para a orientação do alumno mestre; melhorámos as condições materiaes e pedagogicas da escola, transformando e ampliando o edificio; desenvolvemos o orpheon á ponto de ser hoje sem contestação o primeiro da Republica; organisámos os exercicios phisicos, semanaes; demos maior amplitude e reformámos a Caixa Escolar que o anno passado conseguiu ter em cofre mil escudos; realisámos importantissimas excursões de estudo ao Porto, Braga, Coimbra, Bussaco, e Algarve; fundámos um muzeu pedagogico onde colleccionamos já importantes subsidios para a historia da pedagogia em Portugal; creámos a nova disciplina Pedologia que confiámos ao cuidado e á proficiencia do distincto professor sr. dr. Costa Ferreira; inaugurámos tambem o curso de trabalhos manuaes; e finalmente instituimos em maio do anno passado o nosso theatro que servirá ao mesmo tempo para aula de canto coral, para conferencias, e para as nossas «soirées» e «matinées», annexo, como facilmente se deduz, indispensavel.

E aqui tem, o que fizemos e o que ámanhã diremos e exporemos ao sr. presidente da Republica.

Polo que respeita ao edificio basta dizer-lhe que tinhamos tão sómente cinco acanhadas salas e hoje possuimos onze, com gabinete de phisica, laboratorio, muzeu pedagogico a que já me referi e uma bibliothéca ampla que é actualmente frequentadissima pela população escolar».

Sahimos. Pelos corredores, os mesmos ranchos de alumnos grazinavam ainda a sua alegria dos quinze annos, emquanto, sobre os terraços, a mesma chuva miudinha e impertinente, continuava cahindo.

Uma descarga de trigo

que dá origem a pequenos conflictos

Na doca de Alcantara atracou antehontem um vapor carregado com trigo exotico consignado á Nova Companhia Nacional de Moagens. Os medidores officiaes e a direcção da Associação de Classe dos fragateiros do porto de Lisboa, resolveram impedir a descarga, visto a companhia querer fazer esse serviço com pessoal exclusivamente seu. D'essa resolução resultou darem-se pequenos conflictos e ficar o barco por descarregar.

Hoje, perante o sr. Alfredo Pinto, secretario do sr. governador civil, compareceu uma commissão de medidores, ficando o conflicto resolvido a bem de ambas as partes, assentando-se que na descarga seria empregada parte do pessoal da companhia e outra parte dos medidores.

No mercado da Ribeira Nova

Uma vendedeira de peixe aggride outra com uma facada

Rosa da Silva Magdalena, moradora na travessa dos Inglezinhos, 5, loja, Catharina da Silva, e sua irmã Christiana da Silva, ambas moradoras na rua Vicente Borga, 112, 3.º, empregam-se na venda de peixe no mercado da Ribeira Nova. Hoje pelas dez horas, começaram as trez a discutir sobre negocios. A discussão foi-se azedando, os «mirones» foram-se juntando e a dado momento a Rosa, que estava partindo peixe com uma enorme faca, avançou contra a Catharina com tenção de lhe dar um golpe na cara, o que não conseguiu, por esta erguer o braço esquerdo, em que apanhou uma grande facada.

A balburdia que se seguiu foi medonha. O guarda 716 da esquadra da rua da Boa Vista interveiu, conduzindo a ferida ao posto da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, onde foi pensada, depois do que seguiu a juntar-se á sua aggressora e a sua irmã, que estavam já na esquadra. O policia andou á procura da faca, mas esta desappareceu, tendo sido encontrada uma outra mais pequena. As presas foram para a esquadra no meio de grande numero de peixeiras, que faziam tal alarido que quem passava ali áquella hora, chegou a suppor o local em estado de sitio.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — O primeiro beijo—Peraltas e secias.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).
GIMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—Em boa hora o diga.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
MODERNO—A's 20 e 22—Cura d'aldeia—Lord Grog.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

HOJE—**Theatro Nacional**—Inauguração da epocha com *O primeiro beijo* e *Peraltas e secias*.

Theatro Moderno — Reabertura com a companhia infantil—*Cura d'aldeia*—*Lord Grog*.

SEXTA-FEIRA—**Theatro Apollo**—Inauguração da epocha com a *réprise* da phantasia *O diabo que o carregue*.

Cinira Polonio em Lisboa

A illustre artista chegou esta manhã a bordo do «Gelria»

Um dos nossos companheiros de trabalho teve, esta manhã, ao subir a rua do Almada, em direcção ao Chiado, um encontro que, muito agradavelmente o surprehendeu e vae tambem, decerto, surprehender os leitores, ao saberem com quem foi esse encontro.

Parava á porta da casa das cortas, a conversar com um dos irmãos Batalha, quando, no passeio fronteiro, ouviu o seu nome pronunciado por uma vozinha feminina, doce, que lhe pareceu sua conhecida antiga. O véu espesso que cobria o rosto d'essa dama, não lhe permittiu ver logo se era ou não quem julgava.

—Será? Não será? Quando o anno passado lhe falei no Brazil, em S. Paulo, pareceu-me menos nutrida...

Assim raciocinando, dirigiu-se á senhora que dissera o seu nome, uma figura delgada, coberta por um elegantissimo casaco de abafar, muito bem calçada e ainda melhor toucada por um chapeu negro de abas, simples, que assentava excellentemente, sobre a cabelleira loira, de anneis.

Já perto, viu então, através o véu branco, bordado, que era uma artista muito conhecida e applaudida nos nossos theatros de operetta, que ha talvez uns doze annos, após longa estada em Portugal, regressára ao Rio de Janeiro, sua terra natal. Era a actriz Cinira Polonio, de quem os frequentadores dos theatros da Trindade, Avenida e Rua dos Condes, se recordam, certamente com saudade; que creou o «André», no «Burro do sr. Alcaide», a «Manuela», do «Solar dos Barrigas»; que desempenhou com brilho e correcção a «Noite e o Dia», «O Boccacio», «A noiva dos Girasoes», «A Perichole» e, por forma verdadeiramente notavel, a «Grã-Duqueza de Gerolstein».

—Estava longe de a julgar de volta a Lisboa, disse-lhe o nosso collega, depois de lhe beijar a mão esguia, «ganté» de branco. Quando chegou?

—Não ha duas horas ainda. Vim no «Gelria», no qual fiz uma bella viagem. Que tal me acha?

—Encantadora, como sempre o foi...

—Com um tantinho de «embonpoint», não é verdade?

—Não lhe fica mal. O que a traz a Lisboa, se não é indiscrição?

—De modo algum. Venho matar saudades, cuidar um pouco da saude, respirando o ar sem egual que vocês monopolisam avaramente, e depois...

—Fazer-se ver, ouvir e admirar, em alguns dos nossos theatros, não?

—Não. Depois de matar as saudades de Lisboa, onde, como sabe, conservo amizades sinceras e valiosas, irei a Paris, que não vejo ha mais tempo ainda... Depois voltarei a Lisboa e talvez, então, reappareça em algum dos theatros de que tenho as mais gratas recordações.

—Como vae o Brazil, o Rio, S. Paulo?

—Soffrendo, como todo o mundo, as consequencias d'essa terrivel carnificina, que de dia para dia se alastra e cuja terminação não poderemos prever quando se dará... Deixemos, porém, coisas tristes. Appareça, um d'estes dias, para conversarmos de peças, das minhas «toilettes», dos nossos amigos, do jornalismo e dos theatros...

A proposito: a Companhia Galhardo, a despeito da conflagração europeia e de outros males, tem feito excellentes receitas.

Irei vêr as novidades theatraes de cá, fazer passeios a Cintra, Estoris... matar saudades, emfim! Appareça, hein?

E, despedindo-se do nosso collega, a gentil Cinira Polonio dirigiu-se para o Chiado, parando junto d'este e d'aquelle mostruario, a ver os chapéus, as confecções e outras tentações que a moda engendra para as mulheres que, como a distincta «divette», sabem pôr em realce os encantos de que a natureza lhe fez larga mercê.

Constou-nos depois que Cinira Polonio foi convidada pela empreza do theatro da Rua dos Condes para fazer parte da sua companhia.

Boatos e informações

Entre nós

Entrou em ensaios, no theatro Polyteama, o drama de D'Ennery «A Martyr», traducção da fallecida escriptora l'. Guiomar Torrezão.

A distribuição é a seguinte: «Almirante de La Marche», Luciano de Castro; «Rogerio de Moray», Ribeiro Lopes; Sir Elie Drack», Otello de Carvalho; «Roberto Burree», Clemente Pinto; «Palmieri», Côrte Real; «Maltar, indio», Casimiro Tristão; «José», Antonio Sarmento; «Muller, joalheiro», Joaquim Oliveira; «A sr.ª de La Marche», Julia d'Assumpção; «Lourença de Moray», Palmyra Torres; «Palmyra de Moray», Etelvina Serra; «A Gorgona» (duqueza de S. Luca), Elvira Bastos.

—A ordem dos proximos espectaculos no theatro Nacional é a seguinte:

Quarta feira 3 e quinta feira 4: «Peraltas e Secias» e «Primeiro beijo».

Sexta feira, 5: «Virgem louca».

Sabbado 6 e domingo 7: «Amor de perdição».

—São affixados brevemente os cartazes artisticos do «Caldo entornado», a comedia de grande exito em scena no Politeama.

—O scenario do «Manequim», a nova comedia de Paul Gavault, que vae ser representada, como noticiámos, no theatro do Gymnasio, é novo e pintado pelo scenographo José Mergulhão.

—A peça americana «Twin Beds», traduzida por João Soller com o titulo «La donna é mobile», e que está em ensaios no Gymnasio, para substituir a comedia «Em boa hora o diga», é original da escriptora miss Margaret Mayo e foi representada pela primeira vez em New-York, a 4 de agosto de 1914, chegando ao seu anniversario com mais de 400 representações. Miss Mayo é a auctora da «Chuva de filhos», que no mesmo theatro teve, na epocha passada, um ruidoso successo, peça que tem fama mundial, pois que foi tambem representada em França, Allemanha, Inglaterra e Hespanha.

SPORT

«Soldados, quem souber nadar, que me siga...»

A natação, não constitue apenas um precioso exercicio phisico e um sport estival. E' tambem um bello elemento para utilidades de guerra. Vejam o seguinte que o «Sporting» conta:

«A batalha começou. Era preciso contra-atacar os allemães. O Yser tinha sido atravessado por diversas companhias do X regimento de infantaria franceza. Depois de alternativas favoraveis e desfavoraveis, os Boches, com forças superiores, appareceram. As tropas francezas, combatendo sempre com ardor e valentia tiveram de recuar. Chegaram ao Yser, que horas antes haviam atravessado em barcaças, mas que n'aquelle momento já tinham sido destruidas. Os francezes ficaram apertados entre o Yser com as suas aguas glaciaes e os Boches que avançavam. Um capitão não hesita:

—Aquelles que sabem nadar, sigam-me.

Sem precipitações, todos seguiram o seu capitão que se atirára á agua. Assim este official salvou um numero grande de unidades á sua companhia. Deve-se accrescentar que a fraternidade, n'este momento não foi uma palavra vã e que os melhores nadadores ajudaram os outros. E o calor da batalha nem tempo deu a reparos sobre a baixa temperatura da agua...»

Algumas anecdotas

Foi derrotado por um compatriota

John L. Sulivan, foi um dos mais extraordinarios campeões de «box» de todos os tempos. Campeão do mundo, senão officialmente, pelo menos incontestadamente, experimentou a primeira derrota da sua vida quando encontrou Corbett e m7 de setembro de 1892. O combate durou 21 «rounds». N'esse momento, e pela primeira vez, cahiu por terra com um socco no queixo. Tentou levantar-se e tornou a cahir. O «gong» soou lugubremente, a derrota d'aquelle que nunca tinha sido derrotado.

Quando recobrou os sentidos, Sulivan pronunciou as seguintes palavras:

—E' a eterna historia d'um homem que envelhece contra um rapaz novo. Não quiz acreditar que os meus cabellos começam a mudar de côr...

E com voz que a emoção fazia tremer, accrescentou:

—Mas estou contente de ver que é um americano o novo campeão do mundo.

Noticias

Entre nós

A «vela» no Club Naval

Abrem no proximo dia 1 de novembro as aulas de vela superiormente dirigidas por dedicados socios do Club Naval, cuja abalisada proficiencia bastas vezes comprovada, indicam o bom exito de tão necessaria empreza.

Tem ella por fim preparar homens para o mar, novos amadores da tão interessante quanto util arte de marear, dando assim ao «sport» da vela mais um impulso de que elle muito carece para o seu desenvolvimento entre nós. Já é grande o numero dos inscriptos para a aula theorica que funcciona n'uma das salas d'este club, durante os mezes de inverno depois do que, na primavera, a bordo do palhabote «Nautilus» que o Estado confiou á guarda do club para este fim, lhes será ministrado o ensino pratico, complemento d uma boa escola de vela.

O horario das aulas, bem como o nome dos instructores e mais referencias sobre este assumpto serão brevemente tornados publicos por este meio.

Uma festa no Stadium?

Confirma-se a noticia de que ainda este anno se realisam, no Stadium, as festas de velocipedia e de «sport», que se annunciaram ha tempos, ambas de caracter beneficente, uma para uma cantina lisbonense, outra promovida por um jornal diario. A primeira d'estas festas está, mais ou menos, marcada para a tarde do proximo domingo, 14, e tem, no seu programma, importantes corridas de bicicletas e de motocicletas e a repetição da prova de bicicles que na ultima festa do Stadium, constituiu a mais interessante attracção do espectaculo.

Os 200 kilometros em estrada

O Lusitano Club Ciclista effectuou a sua importante prova de 200 kilometros. De Lisboa ás Caldas e Lisboa. Se não foi feita n'um melhor tempo foi devido esse facto sem duvida, ao mau estado das estradas e á muita chuva e vento que bastante prejudicou os corredores, que mostraram a maior coragem e magnifica disposição ao terminar a prova.

O resultado foi o seguinte: 1.º, Raul Duarte, em 9,26'30''; 2.º, João Nunes Sant'Anna Alves, 9,28,17; 3.º, Arthur Silva Amaral, 10,10; 4.º, Alvaro Carlos Borralho, 10,10,5; 5.º, Albano Ferreira, 10,48. O jury era composto pelos srs. João Dias de Brito, delegado da U. V. P.; Julio Camello José Militão Ferreira, Joaquim Delgado e Florencio das Neves Marques. A «contrôle» de Bombarral estava confiada aos srs. Eduardo Gerval Martins, Pedro Monteiro, e José Pereira Conceição. A «contrôle» das Caldas aos srs. Arthur Ramires Azevedo, Feliz Pereira da Conceição e Manuel Queirido Branco. A fiscalisação em Torres Vedras, Azambuja e Villa Franca, esteve a cargo respectivamente dos srs. Augusto Nunes Quintas, José Augusto Monteiro e Luiz Ferreira. Todos os corredores estão gratos pela fórma como foram tratados no Bombarral, onde foi offerecido um premio ao 1.º corredor ali chegado, bem como nas Caldas da Rainha, onde procede rom de egual fórma.

Campeonato de natação em Macau

Em 10 de setembro, realisou-se em Macau um campeonato de natação, promovido pelo jornal «O Progresso», que deu o seguinte resultado:

«Velocidade», 50 metros: 1.º, Frank Jorge; 2.º, A. Carvalho; 3.º, José Filippe; «Nadar de costas», 1.º, Luciano Guedes; 2.º, Amaro da Silva; 3.º, Alfredo d'Oliveira; «Nadar de peito», 1.º, Frank Jorge; 2.º, Luciano Guedes; «Resistencia», 400 metros: 1.º, Luciano Guedes; 2.º, A. do Rosario; «Caça ao pato», 1.º, Justo Sequeira.

Associação de Foot-baal de Lisboa

Communicações officiaes:—Na sua ultima reunião a direcção resolveu em principio não alterar o calendario marcado e para isso, concede aos clubs a faculdade de até ao dia 10 de cada mez indicarem por escripto se necessitam, para que e em que condições de utilisar algum domingo do mez seguinte. Assim, podem até ao dia 10 de novembro, fazer pedidos de domingos para dezembro.

Qualquer club que peça um domingo e o não utilise como indicou e quando se não verifique a impossibilidade de o aproveitar fica incurso nas penalidades contidas na base 7.ª das alterações.

—Reune hoje, quarta-feira, 3, a commissão technica, pelas 21 horas.

—Reune amanhã, quinta-feira, 4, a direcção, á mesma hora.

—Na sexta-feira, 5, pelas 21 horas inauguram-se as «reuniões quinzenaes» da commissão technica, dos juizes de campo, dos representantes dos clubs e dos capitães de todas as categorias. Os representantes dos clubs deverão fazer-se acompanhar d'um officio do respectivo club, acreditando-o. Este officio vale emquanto fôr o mesmo delegado.

No dia seguinte ao das reuniões serão publicados nos jornaes os nomes dos clubs que não mandarem delegado por isso representar uma absoluta falta de interesse.

PEQUENAS NOTICIAS

Em opusculo foram publicados os pareceres dos advogados de Coimbra sobre o encerramento obrigatorio dos estabelecimentos commerciaes. Todos elles, com excepção de um unico, se manifestam contrarios a esse encerramento, que entendem não poder nem dever ser obrigatorio, podendo o commerciante abrir e fechar quando quizer, desde que aos seus empregados dê apenas as horas de trabalho marcadas por lei.

—Recolheram ás enfermarias M. H. do hospital de Arroyos e de Santo Alberto do de S. José, respectivamente, José Maria Gaspar, trabalhador, morador na calçada do Poço dos Mouros, 27, loja, que na fabrica de cerveja Germania deu uma queda, ficando contuso no corpo, e João Gonçalves Barreiro, proprietario, morador em Caneças, que ali foi colhido por um barril, ficando ferido n'uma das mãos.

—Manuel Mulvar, morador na rua da Mouraria, 96, padaria, apresentou queixa á policia de que Francisco d'Almeida lhe furtou a quantia de 160 escudos quando era empregado da mesma padaria.

—Para juizo foi hoje enviado Luiz d'Almeida Velão ou Luiz de Almeida, morador no Caminho do Forno do Tijolo, 32, loja, accusado de ter dado duas facadas em André Ferreira, residente na rua dos Lazaros, 26, 1.º, que se encontra em estado grave na enfermaria de Santo Alberto do hospital de S. José. Nega o crime, mas as testemunhas hoje ouvidas affirmaram ser elle o aggressor.

Morta pelo marido

O funeral da victima

Realisou-se hoje na Morgue a autopsia de D. Beatriz Augusta da Cunha, que foi morta por um tiro de pistola na sua residencia, avenida Elias Garcia, e cujo marido, o procurador Henrique Pinheiro, está preso na cadeia do Limoeiro.

O funeral effectua-se amanhã, ás 15 horas, para o cemiterio occidental.

Ultimas noticias

A grande guerra

Os allemães soffrem enormes perdas na Russia

PETROGRADO, 2.— Em Tebin, na extremidade do lago Babit, repelimos a offensiva do inimigo. Ao sul do lago Sventen progredimos. Na região a leste de Gutalissovskaja tomámos entrincheiramentos e fizemos 412 prisioneiros. Na região de Komarovo encurralámos o inimigo no pantano e ahi foi aniquilado, sendo enormes as perdas que soffreu.—(*Havas*).

Jorge V sauda os exercitos alliados

LONDRES, 3.—O rei Jorge ao sahir de França dirigiu ás tropas uma ordem do dia felicitando-as pelas colheitas de gloria que teem feito na lucta contra o infame *complot* urdido contra a liberdade e os direitos da Europa.—(*Havas*).

O novo governador militar de Paris

PARIS, 2.—O general Maunoury foi nomeado governador militar de Paris, em substituição do general Gallieni, actual ministro da guerra.—(*Havas*).

A gréve de Setubal solucionada

Terminou hoje o conflicto levantado entre a companhia do gaz e o pessoal gazomista de Setubal.

Ficou assente que todo o pessoal retomasse o trabalho, com excepção do operario que furtou as valvulas e continuando no seu posto o porteiro da fabrica.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente da Republica vae no domingo a Torres Novas assistir ao campeonato do cavallo de guerra. Segue para ali no rapido da manhã.

Pelas 17 horas reuniu no ministerio da marinha o conselho de ministros.

—A direcção da Associação Industrial solicitou do ministro do fomento uma conferencia para amanhã.

—Com o sr. ministro das colonias conferenciaram hoje o seu collega da justiça e os srs. Victor Hugo d'Azevedo Coutinho, presidente da Camara dos deputados, major Eduardo Marques e tenente coronel Alves Roçadas.

A questão das subsistencias

A questão da revenda do coke

Pelas 14 horas de hoje, uma numerosa commissão de revendedores de carvão, que se fazia acompanhar de duas saccas de coke, transportadas n'uma carroça, dirigiu-se ao governo civil e expôz ao chefe Santos, encarregado da repartição de fiscalisação do preço dos generos o seguinte:

A Companhia do Gaz tem carvão de coke em abundancia, que vende a quem o quizer, e por isso os revendedores ali vão fornecer-se. Como, porém, tenham apparecido queixas do publico contra a falta de peso e má qualidade do carvão, queixas que elles repetiam á Companhia, mas inutilmente, resolveram reunir e proceder. Foram á Companhia e forneceram-se de duas saccas de coke, verificando que estavam cheias de terra e só ao de cima trazia uma porção pequena de carvão.

Segundo o que apuraram, a Companhia introduz 225 kilos de terra em cada tonelada de carvão que envia aos seus freguezes. Assim, rouba os revendedores, os quaes por sua vez enganam involuntariamente o publico. Para melhor introduzirem terra nas saccas o serviço é feito com uma pá e não com uma forquilha como é costume. Como resposta aos protestos dos revendedores a Companhia, por intermedio do seu director sr. Antonio Centeno, mandou fechar a venda de carvão.

O chefe Santos, depois de ouvir os commissionados aconselhou-os a que fizessem por escripto uma queixa e a apresentassem na reunião da commissão de subsistencias.

Trabalho indigena em Angola

O sr. ministro das colonias vae esta noite para o seu ministerio continuar a trabalhar no regulamento do trabalho indigena na provincia de Angola, com o sr. Ferreira Diniz e o pessoal do seu gabinete.

Marinha de guerra

Aulas de francez e inglez — Um julgamento—Louvor a guarnições de tres navios

Por despacho de hontem o sr. ministro da marinha auctorisou a creação de duas aulas, uma no quartel do corpo de marinheiros e outra a bordo d'um navio da divisão naval, para ensino das linguas franceza e ingleza ás praças de T. S. F., aulas que serão regidas por officiaes. Para a aula ás praças embarcadas, foi nomeado o 1.º tenente da administração naval sr. Severiano Alberto Ivens Ferraz. Essa aula funccionará a bordo do cruzador «Vasco da Gama».

O 1.º tenente sr. Barbosa Casqueiro, que foi exonerado, a seu pedido, de commandante do vapor «Minho», por desintelligencias com o commandante dos serviços de torpedos fixos, pediu para ser julgado pelo conselho superior de disciplina da armada, a fim de provar o quanto se interessava pela defeza do porto e pelo armamento dos nossos navios de guerra, assim como a razão que entende lhe assiste em empregar todos os esforços para que se não continue gastando sommas importantes sem o minimo proveito para a defeza nacional.

A entrega do commando do corpo de marinheiros ao capitão de mar e guerra sr. Almeida Carvalho realisa-se no proximo dia 6, pelas 14 horas.

O engenheiro director dos caminhos de ferro do Sul e Sueste enviou um officio agradecendo a boa vontade e promptidão que as guarnições do cruzador «Adamastor» e dos contra-torpedeiros «Douro» e «Guadiana» manifestaram por occasião do incendio a bordo do vapor «Alemtejo». Por esse motivo foram louvados os commandantes, officiaes, estado menor e demais praças das guarnições d'esses navios.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CASAMENTOS

Na residencia particular do sr. presidente da Republica effectuou-se esta tarde com grande simplicidade o casamento da sr.ª D. Joaquina Machado com o 2.º tenente da armada sr. Juliano de Carvalho, sendo padrinhos o sr. dr. Bernardino Machado e sua esposa, paes da noiva, e os srs. dr. Antonio Arroyo e Carlos de Mello. Presidiu á cerimonia o official do registo civil sr. Emygdio Mendes, tendo assistido a familia da noiva, a mãe do noivo, a sr.ª D. Anna de Castro Osorio e as professoras das filhas do sr. presidente da Republica.

Em seguida á cerimonia, foi servido um copo d'agua, trocando-se diversos brindes.

Na «corbeille» da noiva viam-se, entre outros valiosos presentes, os seguintes: do sr. dr. Bernardino Machado e sua esposa, uma moldura de prata com o retrato da avó da noiva; do noivo á noiva, um anel de brilhantes e esmeralda; da mãe do noivo, um serviço de colheres de prata para dôce; do almirante Julio Vaz, uma caravella de oiro filigrana; de Fernão Botto Machado e esposa, uma «marquise» de brilhantes e rubis; de Francisco Antonio Borges, um «pendentif» de brilhantes e perolas; de D. Maria Isabel Junqueiro Mesquita de Carvalho, um broche de esmeraldas e perolas.

—Pelo sr. Eduardo Ferreira de Oliveira e Silva foi pedida em casamento para seu filho o sr. Eduardo Ferreira da Silva Junior, alumno do Instituto Superior Technico, a sr.ª D. Maria Amelia Figueirôa, gentil filha da sr.ª D. Amelia Lima Figueirôa e do sr. Arnaldo Figueirôa, emprezario do theatro Politeama.

—Consorciou-se no Porto o sr. Albertino Ferreira Barbosa, filho do sr. José Ferreira Barbosa, proprietario e commerciante na villa de Paredes, e da sr.ª D. Ritta Augusta Nogueira de Brito, com a sr.ª D. Adelina Ribeiro d'Azevedo, filha dos srs. João Gonçalves d'Azevedo e da sr.ª D. Maria da Conceição Ribeiro d'Azevedo, já fallecidos.

Foram padrinhos, por parte do noivo, seus paes, e por parte da noiva, o sr. Joaquim Ribeiro da Silva Lima, e sua esposa, irmã da noiva, a sr.ª D. Thereza Ribeiro d'Azevedo Lima.

Os noivos, que foram brindados com prendas de valor e fino gosto, partiram para o Bom Jesus.

—Com a sr.ª D. Maria Belgarde da Silva casou em Lourenço Marques o sr. Antonio Pereira Villar.

DE REGRESSO

Regressaram a Lisboa com suas familias os srs.: conde da Figueira, D. Thomaz de Vilhena, Sebastião José de Carvalho (Chancelleiros), D. Luiz da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella), W. A. Ashton, Joaquim Ignacio de Barcellos, Alfredo Mendes da Silva, condessa do Calhariz de Bemfica, Domingos de Moraes e Alberto Tornelli.

—A bordo do vapor «Gelria» hoje entrado no Tejo chegou a Lisboa o sr. Julio de Brandão Paes, chefe da repartição dos negocios consulares do ministerio dos negocios estrangeiros, que vem de inspeccionar os consulados portuguezes no Brazil.

Ao desembarque, que se effectuou em Santos, compareceram quasi todos os funccionarios da sua repartição e sua familia.

—São esperados em Lisboa com suas familias os srs.: visconde de Alvellos, condessa de Santar e Antonio Alberto de Moraes Carvalho.

—Regressou á Amadora o sr. dr. Azevedo Neves.

DE VIAGEM

O sr. conde de Bobone deve ter partido no fim de outubro de Lourenço Marques para a Beira e d'ahi para a Rhodesia.

—Partiu para Paris, onde reside com sua familia, o sr. visconde de Pernes.

—Tencionam partir: para Paris a sr.ª marqueza de Franco e Almodovar e seus filhos: para Londres, a continuar os seus estudos, o sr. D. Duarte Manuel (Tancos.)

—Partiu para a Covilhã o sr. dr. Manuel Anaquim.

CONCERTOS SIMPHONICOS

Além do 3.º acto da «Tosca», com a sr.ª D. Cesarina Lyra na protogonista e o sr. Guilherme Bizarro no «Cavaradossi», apresentado com scenario e guarda-roupa novos e adequados, o programma do espectaculo d'arte do proximo domingo nos Recreios Desportivos da Amadora, comprehende um concerto symphonico, que já noticiámos ser dirigido pelo talentoso musico de 21 annos Accacio Santos. Este concerto reune trechos da «Aida», do «Elixir d'Amor», a «Marcha Nupcial», de Mendelsohn, o «Deluge» de Saint-Saens, a «ouverture» do «Barbeiro de Sevilha» e a pedido a «Morte de Ase» e «Dança de Anitra» de Grieg. Ha interesse por este festival porque muitas familias de Cintra, Queluz e da localidade mandaram reservar os seus logares.

DOENTES

Encontram-se doentes: o sr. D. Ascenso Ignacio de Siqueira Freire (S. Martinho), a sr.ª D. Maria Benedicta Lopes de Amorim Buff, e o sr. José Pereira Sampaio (Bruno).

LUCTUOSA

Falleceu o menino José Gomes da Silva, filho do sr. Norberto Matheus da Silva.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 1/16	33 15/16
Londres, 90 d/v.	34 1/2	—
Paris, cheque	$76,6	$77,2
Allemanha, cheque	$30,5	$31,5
Hollanda, cheque	$62,8	$63,4
Madrid, cheque	1$41	1$41,7
New York	1$51,5	1$53
Rios/Londres	12 9/32	—
Libras	7$18	7$23
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39.70	39,65
» » 500$	39,70	—
» » 100$	—	39,75

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$250; 4 0/0 1890, coup., 50$70.

Externas: 1.ª serie, 74$20.

Acções: Aguas, 92$50; Assucar, 41$60 cij; Phosphoros, coup., 54$90; Tabacos, coup., 73$90.

Obrigações: Prediaes, 91$10; Ultramarino, coup., ouro, 93$50 e hypothecarias 93$80; Ambacas, 93$; C. N. dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 75$50; Carris de Ferro, 10$ e 10$55; Assucar, 4l$.

As grandes fabricas portuenses

FIAÇÃO E TECIDOS DE JACINTHO & C.ª

Uma dinastia de industriaes — Producção de cinco mil peças por semana — Os novos mercados

Ha dinastias de principes, ha dinastias de militares, ha dinastias de homens de sciencia e não menos illustres do que todas ellas são as dinastias de industriaes como os que se encontram á frente da importante fabrica de fiação e tecidos Jacintho & C.ª Ld.ª, uma das mais notaveis da capital do norte.

Antonio Marinho, ancião venerando, que lhe consagrou o melhor da sua existencia, vê continuada e desenvolvida pelos filhos e pelo neto a obra que foi o sonho de uma vida inteira de trabalho intelligente e indefesso.

Apezar da sua edade, Antonio Marinho, ainda hoje percorre, com olhos de vêr, a fabrica que ha quarenta annos foi fundada e que crescendo sem intermittencias hoje occupa uma area de vinte mil metros quadrados, com edificios amplos, arejados, hygienicos, onde laboram os mais modernos e perfeitos machinismos.

A fabrica de Jacintho & C.ª, Limt.ª

Os directores gerentes são seus filhos os srs. Francisco e Alfredo da Silva Marinho e engenheiro technico o sr. Antonio Soares Marinho, seu neto. Este, que é um joven de 22 annos apenas, fez brilhantemente o seu curso na Allemanha e passou depois á Belgica, a fim de praticar nas primeiras fabricas de Gand. Com semelhante preparação e tendo herdado dos seus o amor do trabalho, pode imaginar-se a que grau de prosperidade elle levará a fabrica que é já agora uma das principaes não só do Porto mas tambem do paiz.

A fabrica de fiação e tecidos Jacintho & C.ª Lt.ª desdobra-se, por assim dizer, em tres, que os operarios designam pittorescamente por «avó», «filha» e «neta». Cêrca de 780 teares funccionam nas suas officinas em que labutam uns mil operarios.

Proveitosa lição e ao mesmo tempo recreio muito apreciavel constitue uma visita aos multiplos e complexos machinismos, quando a fabrica está em plena laboração, machinismos que vão desde os que seleccionam a materia-prima até os que dobram a fazenda prompta a ser expedida para os armazens e lojas. Merece mencionar-se um dos motores a vapor, de 500 cavallos.

A fabrica da rua da Piedade produz todos os tecidos de algodão, desde os pannos crus e riscados vulgares, até os panamás, lavrados, kakis e crepons, convindo salientar o primor e a delicadeza dos desenhos para a estamparia e que são obtidos em Paris por altos preços. As gravuras procedem da Alsacia. E' na secção de estamparia que ainda ha operarios estrangeiros e que decerto hão de fazer escola, porque o nosso operario possue raras qualidades de assimilação.

Não só se recommendam os desenhos pela sua admiravel phantasia como tambem as côres, em que ha todos os tons, desde os mais vivos aos mais suaves, dispondo a fabrica de abundantes stocks de productos chimicos destinados á tinturaria e estamparia e com que se precaveu assim que rebentou a conflagração europeia.

As horas decorrem breves e cheias de encanto n'uma visita á fabrica, ou melhor ás trez fabricas da rua da Piedade, e onde todos os residuos, os chamados desperdicios, são cuidadosamente aproveitados na preparação do algodão hydrophilo e na confecção de magnificos cobertores. As secções de branqueamento e de acabamento, como as de tinturaria e estamparia, são modelares e, se é um curiosissimo espectaculo o dos teares trabalhando, não é menos interessante vêr como se lava e tinge, quer o fio, quer o tecido, em tanques especiaes, e como se secca depois a fazenda...

Os operarios da fabrica Jacintho & C.ª, muitos dos quaes ha longos annos fazem parte do seu pessoal, teem bons salarios e a firma não descura o que quer que seja que contribua para melhorar a sua situação e garantir o seu futuro. O caracter bondoso de Antonio Marinho, affirmado em obras de beneficencia que lhe grangearam as mais profundas sympathias, não perde ensejo de se manifestar em favor do operariado da sua fabrica.

Os stocks armazenados esgotaram-se; a producção actual é de cinco mil peças por semana; todo o paiz conhece e aprecia, pela sua qualidade e pelos convidativos preços, os excellentes algodões de Jacinto & C.ª Lt.ª, que vão tambem para as colonias, um pouco para o Brazil e agora muito para França, onde teem sido devidamente louvados.

Multiplicar a producção, — eis o pensamento, que decerto se realisará em breve, dos directores da importante fabrica. E para isso tudo ha de concorrer, não sendo o concurso de menos valia o que lhe prestará o sr. engenheiro Soares Marinho, com a sua mocidade, o seu talento, a sua iniciativa, a sua vasta illustração technica e o seu ardente desejo de honrar o nome illustre que herdou e de o transmittir aos filhos que hão de continuar a dinastia, por tantos motivos estimavel, dos Marinhos, que entre os industriaes portuenses merecem apontar-se entre os mais distinctos.

Instituto Superior Technico

A dispensa do curso geral aos alumnos da Escola de Construcção e aos do antigo Instituto Industrial

Do sr. Benjamim da Conceição Mendonça, antigo alumno do Instituto Industrial e hoje frequentando o curso de engenharia electrica do Instituto Superior Technico, recebemos uma longa carta da qual a grande extensão nos inhibe de publical-a na integra, e por isso d'ella extractamos os pontos que nos pareceram capitaes.

Começa por combater a ideia da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Technico pedindo para que seja sustado o decreto que permitte aos alumnos da Escola de Construcção, Industria e Commercio, bem como aos do antigo Instituto Industrial e Commercial matricularem-se nos cursos especiaes de engenharia do Instituto Superior, com dispensa do curso geral, porque tal medida a ser adoptada tolheria o desenvolvimento da instrucção e da industria do paiz.

Da essencia d'aquella representação, continua o sr. Mendonça, parece depreender-se que os cursos do antigo Instituto Industrial e da actual Escola de Construcção, não dão as habilitações indispensaveis para os cursos especiaes d'engenharia. Que assim não é provou-se no decorrer das lições, em que os alumnos do antigo Instituto que se mostraram melhor preparados do que os vindos da Polytechnica, e vê-se nos exames finaes dos alumnos que estão concluindo o curso d'engenharia civil em que as melhores classificações foram as obtidas por alumnos do antigo Instituto.

Refere-se depois á campanha levantada em favor da elevação dos preços das matriculas, que lhe parece ser uma forma de aristocratisar o Instituto Superior, impedindo o seu accesso aos estudantes pobres.

Quanto ao artigo do regulamento que permitte a dispensa do pagamento das matriculas aos estudantes que provem a falta de meios, considera-o uma mistificação, e entende ser indispensavel que a organisação das matriculas continue tal como está, e se cumpra a lei que permitte aos alumnos dos cursos médios a completa especialisação nos differentes ramos d'engenharia com dispensa do curso geral. Se assim se não fizer, conclue, arriscamo-nos a, no futuro, só termos engenheiros que para pegar n'uma lima calçam primeiro as luvas ou embrulham as mãos em lenços com receio de sujal-os.

Nunca ao Colyseu veiu um espectaculo tão hilariante como o que nos promette o grande Sanz, ventriloquo, que é o primeiro artista d'esta natureza que existe na actualidade. Elle só, com a sua enorme familia de automatos, mechanicamente de uma perfeição distincta, preenche uma boa parte do programma, mantendo o publico n'uma grande excitação de alegria. Todos aquelles bonecos se animam, conversam e gesticulam como se gente fossem. Sanz conseguiu dar vida a bonecos; e fel-o com tal pericia que a illusão é completa.

Até sabbado, os programmas do espectaculo são variados e surprehendentes, estando a dar as ultimas apresentações o commovente mimodrama «Vingança de Feras», em que Marck e a pequena Yvone tanta coragem mostram na lucta com os terriveis leões.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Proprietarios de vaccarias

Depois de amanhã, ás 12 horas, reunem as direcções das associações dos proprietarios de vaccaria e dos donos de vaccas vendedores de leite, para tratarem da carestia da semea, que attribuem aos açambarcadores.

Manipuladores de pão

Reunem amanhã, ás 12 horas, a direcção e a commissão de propaganda para tratar do augmento de salario ao pessoal a secco.

Estudantes da escola commercial Ferreira Borges

Para apresentação do relatorio e contas da direcção e eleição dos corpos gerentes, reune amanhã, ás 20 e meia horas, na rua da Magdalena, 201, 1.°, a assembleia geral.

Commissão parochial de S. Jorge d'Arroyos

Reune amanhã, pelas 21 horas, na estrada de Sacavem, n.° 1, devendo comparecer todos os vogaes.

Monte-Pio Commercial e Industrial
(Associação de Soccorros Mutuos)

Leilão

Realisa-se no proximo dia 6 de novembro, pelas quinze horas, e nos nos dias seguintes, sendo uteis, pelas vinte horas e meia, o de todos os penhores em atrazo de pagamento de juros.
Lisboa, 12 de outubro de 1915.
O secretario da direcção
Adão Francisco Zambujo

ras. Alguns allemães estavam completando uma obra de sapa que podia fazer muito mal ás linhas britannicas. Foi dada ordem aos canadianos para os repellir.

Dois officiaes, os tenentes Crabbe e Colquhoun, foram fazer um reconhecimento á meia noite e não voltaram. O avanço era coberto por um partido de atiradores especiaes e seguido por um grupo de soldados lança-bombas commandados pelo tenente Papineau. Ao chegarem a uns vinte metros das trincheiras inimigas, dirigiram-se em linha recta para as linhas allemãs. O tenente Papineau procedeu de tal modo que mereceu uma distincção especial. Esse official era descendente do chefe dos rebeldes de 1837.

O trabalho do rgimento da Princeza Patricia nas semanas seguintes foi prosaico, monotono e difficil. Muitos officiaes foram alvejados pelos atiradores especiaes, feridos por granadas de mão ou mortos em ataques ás trincheiras inimigas. O capitão Newton, que fizera parte do estado maior do duque de Connaught, foi um dos primeiros a ser morto.

Seguiu-se-lhe o capitão Fitzgerald, official que em poucas semanas havia conquistado o enthusiastico amor e admiração dos seus homens. Foi morto ao tentar trazer para as trincheiras um dos seus homens feridos, que havia cahido em frente d'ellas, embora conhecesse que a tentativa lhe podia custar a vida. «Era um heroe e teve o fim d'um heroe», disseram os seus soldados.

O coronel Farquhar, commandante do regimento, foi tambem morto. O major Hamilton Gault, o organisador do regimento, foi ferido, seguiu para Inglaterra, restabeleceu-se e voltou para a fronte, onde mais uma vez foi ferido gravemente, decorridas poucas semanas.

A esse tempo de lucta ininterrupta nas trincheiras, a força do regimento, que era de 1.500 homens, estava reduzida a menos de metade.

A 18 d'abril os canadianos estavam acampados em Ypres quando os allemães começaram bombardeando a cidade com os seus canhões pezados. Rapidamente abandonaram o acampamento para irem para os campos. O bombardeamento continuou diariamente, mas attingiu o auge no dia 22, quando a cidade foi em grande parte destruida pelas granadas. O regimento dirigiu-se para um bosque a alguma distancia ao sul e ao oeste das trincheiras então occupadas pela restante divisão canadiana.

Os allemães fizeram todos os esforços por os cortar n'esse ponto da fronte canadiana. O commandante que succedera ao coronel Farquhar, o tenente-coronel Buller, foi ferido a 5 de maio, e o major Gault, que chegára n'esse dia, depois de restabelecido do primeiro ferimento, assumiu o commando. Nos dias 6 e 7 de maio o bombardeamento allemão das linhas tornou-se muito mais intenso.

Na noite de 7, a chamada mostrou que a força do regimento estava reduzida a 635 homens. Pelas quatro horas e meia da manhã os allemães fizeram cahir algumas granadas nas linhas, seguindo-se logo depois um bombardeamento intenso.

Entre setenta a oitenta canhões allemães pezados concentraram um fogo de granadas explosivas e de gazes asphyxiantes sobre o sector occupado pelo regimento da Princeza Patricia. Pelas seis horas da manhã todas as ligações telephonicas com o quartel general da brigada e com as trincheiras estavam cortadas e grandes massas de tropas allemãs se viam avançando tranquillamente, esperando a opportunidade para se arrojarem contra a fronte dos alliados.

Um avanço n'esse ponto daria azo a que os allemães executassem um movimento para a frente, perigoso para a linha que os inglezes guarneciam.

A artilharia allemã fazia fogo sobre o regimento de diversos sitios. As trincheiras eram inuteis como protecção. A artilharia britannica não podia replicar. Nada mais tinha

posições dos russos na fronte de Grodek e Komarno. Com o auxilio da sua artilharia pezada os allemães tinham quebrado a resistencia russa ao norte e a 20 de junho o exercito de Mackensen occupou as cidades de Rava Ruska e de Zolkiev.

A linha do Vereszyca fóra torneada e os russos tiveram de recuar para a fronte de Lwow.

A 21 de junho os russos concentraram-se para resistir ao avanço do inimigo na fronte de Lwow, a capital da Galicia, que havia estado em seu poder desde o dia 3 de setembro de 1914. A treze kilometros ao norte da cidade occuparam contra as tropas de Mackensen uma linha que se estendia de Zoltance, passando por Kulikow, para os outeiros ao norte de Brzuchovice.

A oeste e sudoeste de Lwow estavam defendendo a linha do rio Szczerec contra o exercito de Bohem-Ermolli; as suas altas margens orientaes e os seus massiços rochosos offereciam boas posições para a defeza. A batalha em roda de Kulikow e no Szczerec foi dada no dia 21 de junho. Durante a noite seguinte os russos recuaram para as suas ultimas posições em roda de Lwow, cuja evacuação havia já sido por elles feita por completo.

A lucta mais violenta deu-se ao longo da estrada Janow-Lwow. Ahi, n'uma estreita fronte entre a aldeia de Rzesna e a cota 320, atravez da estrada, os russos estavam offerecendo a ultima resistencia ao avanço dos austriacos.

Os flancos eram cobertos por torrentes e pantanos, tendo sido ahi as posições construidas e fortificadas com o maior cuidado. Ataques dados prematuramente pelo inimigo resultaram n'um desastre para as columnas atacantes.

Seguiu-se então o habitual bombardeamento pelas baterias de *howitzers* pezadas. As defesas russas foram reduzidas a uma montão de ruinas e por entre ellas a infantaria austriaca estava avançando para leste, para Lwow. Ao mesmo tempo o inimigo transpunha ao norte os outeiros no Mlynowka e tomava as ultimas trincheiras russas no Lysa Gora.

Lwow—ou Lemberg como mais vulgarmente é conhecida—foi occupada pelo inimigo no dia 22 de junho ás 4 horas da tarde, depois da cidade ter estado durante 293 dias em poder dos russos.

Beatriz Augusta da Cunha

Falleceu

Alberto da Cunha e sua mulher Maria José Augusta da Cunha, Luiz da Cunha e sua mulher, Ilda Augusta da Cunha, Augusto Alexandre da Cunha, Eduardo Alexandre da Cunha, Bluette Augusta da Cunha, Graziela Augusta da Cunha, José Augusto, seus filhos, nora e genros participam a todos os mais parentes e pessoas de suas relações o fallecimento de sua muito querida filha, irmã, neta e sobrinha, cujo funeral se realisa amanhã, 4 do corrente, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre do Hospital de S. José para o cemiterio occidental.

CAPITULO IV

O contingente canadiano em França

A narrativa da parte que a divisão canadiana tomou na violenta lucta em St. Julien produziu uma sensação de orgulho no imperio britannico. Os canadianos provaram ser dignos de tomar logar ao lado do exercito regular da Inglaterra. Os laços que uniam a colonia á metropole foram estreitados pelo sacrificio feito pelo dominio. «E' a suprema consagração do Canadá ao Imperio», escreveu lord Rosebery.

As exequias celebradas na cathedral de St. Paul, em Londres, tiveram uma concorrencia extraordinaria, ficando milhares de pessoas fóra da egreja, que haviam ali accorrido para demonstrarem a sua sympathia e admiração pelos valorosos canadianos.

No Canadá, as listas de perdas causaram pezar, mas não desanimo. Nas cidades como Toronto e Montreal, Winnipeg e Vancouver, quasi não houve familia de certa posição que não contasse um dos seus membros mortos. Em Toronto, por exemplo, regimentos como o 48.º de Highlanders e os Fuzileiros da Rainha haviam sido recrutados nos annos de paz entre as grandes familias da finança, do commercio e do funccionalismo da cidade. A Universidade, os clubs, as casas commerciaes e os bancos estavam largamente representados nas listas de perdas.

Houve um apaixonado orgulho de uma a outra extremidade do Dominio. A leste e a oeste, os francezes de Quebec, os escocezes da Nova Escocia, os inglezes de Toronto e os americanos de Alberta do Sul estavam unidos no pezar commum e na gloria commum. A emoção universal encontrou expressão não só nos discursos feitos no parlamento e em artigos commoventes publicados pelos principaes jornaes canadianos, mas na rapida resposta da nação.

Se houve orgulho houve tambem cólera, cólera que o povo canadiano sentiu ao ter conhecimento dos methodos condemnaveis de guerra empregados pelo inimigo. A narrativa do emprego de gazes venenosos pelos allemães augmentou o resentimento. O Canadá sentiu que havia apenas uma resposta a taes methodos de fazer guerra.

O ministro da milicia, o general Sam Hughes, mais tarde elevado a sir, pôz-se á frente do movimento para augmentar as forças. O Canadá mandára no principio da guerra 30.000 homens; agora figurava com

150.000 e ainda depois com todos os que pudessem ser necessarios.

Tinha havido 6000 perdas canadianas na lucta. Por cada canadiano que cahiu dez se apresentaram para o substituir. De todas as partes do Dominio os officiaes recrutadores diziam que estavam assoberbados com offertas de alistamentos. A questão para o governo do Dominio era não o numero de homens que podia levantar, mas quantos podia equipar, armar e manter.

No outomno de 1914 o primeiro contingente canadiano chegava a Salisbury Plain acompanhado pela Infantaria Ligeira da Princeza Patricia—um corpo especial organisado a expensas de Hamilton Gault, um rico cidadão de Montreal, e assim denominado em honra da filha do duque de Connaught, o governador geral.

O contingente, sob o commando do logar-tenente general E. A. H. Alderson, passou um inverno excessivamente rigoroso nas cercanias de Wiltshire. A estação foi uma das peores de que ha memoria. Os homens na maior parte do tempo estavam abrigados. As estradas em roda do acampamento tornaram-se quasi intransitaveis. As tropas estavam a muitos kilometros d'uma cidade e a grandes distancias mesmo das pequenas aldeias de Wiltshire.

O regimento da Princeza Patricia, composto na maior parte de velhos soldados que já haviam entrado na guerra, foi o primeiro a ir para a fronte. Chegou a França em dezembro e foi enviado para o norte, occupando parte das trincheiras preparadas nas linhas da retaguarda. De ahi, no principio do Anno Novo, foram enviados para as trincheiras da frente.

Dois dias d'uma marcha fatigante, vinte e cinco kilometros cada dia gastou a chegar á fronte. Apoz uma breve pausa n'uma arruinada aldeia, dirigiram-se ao longo de arruinados caminhos para as trincheiras de communicação e d'ahi para as da frente, onde renderam as tropas francezas. A noite estava escurissima; chovia torrencialmente e o terreno em todos os sitios era apenas um lençol de lodo.

Luz alguma podia ser accesa. O mais ligeiro signal de vida trazia immediatamente uma bala do lado dos allemães. Granadas-estrellas partiam das linhas allemãs a intervallos, illuminando todas as obras de defeza. Os homens ouviam os allemães, na sua frente, separados d'elles por uma pequena distancia, deitando a agua fóra das suas trincheiras.

Apenas um homem deitava uma das mãos fóra das trincheiras, immediatamente sobre elle faziam fogo. Parecia que os allemães conheciam a posição das linhas do regimento da Princeza Patricia nos minimos pormenores.

General italiano Mambretti

Decorrido um mez depois da sua chegada á fronte esse regimento tinha conquistado a admiração de todos. Uma das primeiras acções pela qual essa admiração foi conquistada deu-se em roda de St. Eloi, onde os homens d'esse regimento estavam guarnecendo uma linha de trinchei-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1886 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 4 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Ainda a politica

Já procurámos distinguir a verdadeira politica da baixa politiquice que com o seu nome se condecora, e que com os seus desacreditados processos tem provocado uma reacção que ameaça chegar aos exaggeros do absurdo, ou seja prescrever a politica sem a qual não se podem dirigir as sociedades.

Mas faltou accrescentar que essa mesma politica, necessaria como a sciencia de governar os povos, tem soffrido successivas modificações atravez da historia.

A politica, nos tempos modernos, concretisou-se primeiro na acção predominante d'um homem. Umas vezes esse homem era um grande rei, como D. João II; outras vezes um grande ministro, como o marquez de Pombal. Mas os seus planos, o segredo da obra que perseguiam, perdiam-se com o seu desapparecimento. E' sem duvida uma authentica força ser um homem, em tudo quanto de dominadora vontade, de espirito elevado, de vasta penetração, esta palavra possa exprimir. Mas um homem é tambem sempre um debil transeunte na terra. E com a sua vida o seu genio desapparece.

A politica fez-se depois, em epocas mais recentes, de transicção entre o poder absoluto dos reis e a liberdade dos povos, por meio de habilidades, servindo-se d'uma discreta diplomacia, jogando com os principios, aproveitando os sentimentos e as fraquezas dos homens. Mas essa politica tambem já se modificou, á medida que a interferencia da consciencia publica se foi tornando mais activa nos destinos das nações.

Agora mesmo uma simples phrase do chefe do gabinete britannico, o sr. Asquith, pronunciada antehontem na Camara dos Communs, vem demonstrar d'uma maneira bem flagrante essa evolução da politica. O sr. Asquith não hesitou em confessar ao parlamento do seu paiz um erro grave do seu governo. «Falando dos Dardanellos—relata o telegramma que communica esse facto—o sr. Asquith reconheceu que as operações não deram resultado favoravel». N'estas palavras está o reconhecimento das faltas praticadas, e cujas consequencias foram um numero de baixas, nas tropas inglezas, que quasi attingiu a cifra tremenda de 500.000 homens mortos, feridos ou prisioneiros. Com uma absoluta franqueza o sr. Asquith reconheceu esse resultado desfavoravel, attenuando-o só, como era justo, com a immobilisação de 200.000 turcos, a Russia no Caucaso, alliviada da pressão dos seus inimigos, e o impedimento do ataque ao Egypto e á Mesopotamia. Mas o sr. Asquith proclama que a independencia da Servia será considerada como um dos principaes fins da guerra e que, em caso de necessidade, recommendará o serviço militar obrigatorio. Não nos diz o telegramma em questão qual a attitude da camara, mas esse mesmo silencio nos deixa prever que ella tenha sido grave, serena, e confiante na acção d'um governo que, com estas franquezas, expõe toda a verdade aos seus compatriotas, embora tenha de fazer a confissão d'um erro.

E' que a politica hoje exime-se ás velhas normas, e a situação que atravessamos, sendo excepcional, reclama processos que tambem devem ser excepcionaes. Os povos hoje não são rebanhos, conduzidos bem ou mal conforme a grandeza dos seus imperantes ou a sua nullidade. A politica hoje já não permitte tambem habilidades como as que assignalaram os primeiros periodos dos regimens representativos, em que os povos ainda esfregavam os olhos, julgando um sonho a sua libertação. Hoje os povos estão emancipados. São agglomerados de consciencias. E' preciso governar com elles, dizer-lhes a verdade, convencel-os. A propria força dos governos vem da sua identificação com a opinião publica.

E ainda não é nada. Ha pouco dizia Gabriel d'Annunzzio a um jornalista francez que o dia seguinte ao da guerra seria fertil em novas revelações do genio dos povos, que as sociedades se transformariam, que nas suas proprias bases soffreriam remodelações. Tudo indica que estas palavras não representam uma phantasia poetica, mas sim uma dilatada visão politica.

Migalhas

Rumores de paz

Ha duas ou tres semanas a esta parte que se vae falando muito em paz. Ora se attribue ao papa a intenção de começar os entendimentos necessarios, ora se diz que á Hespanha está reservada a iniciativa das primeiras negociações, ora se affirma tambem que da Norte-America surgirá a pombinha acenando com o raminho de oliveira symbolico. Isto coincide com o aggravamento da situação economica dentro do imperio allemão, finalmente confessada pelos orgãos de todos os partidos, com a difficuldade das operações militares reconhecida publicamente pelos estados maiores germanicos, com a visinhança terrivel do inverno, com a convicção, que já entrou nos espiritos boches, de que os taes inimigos, que deviam ser varridos com um sopro, oppõem uma resistencia imprevista aos planos de ataque.

Fala-se muito na Allemanha n'uma paz honrosa. Do lado dos alliados essa paz, favoravel aos interesses da Germania, não obtem grande successo, antes é repudiada com uma solidariedade significativa de força e das melhores esperanças. Joffre já falou sobre o assumpto, elle que não peca por falador e as suas palavras concisas e sobrias foram positivas e claras. A guerra terminará quando poder ser legada ao futuro uma era de tranquillidade e de trabalho sereno.

Ha quem veja a guerra atravez dos artigos conspicuos das gazetas graves, onde pontificam os grandes estrategicos, os grandes politicos, os grandes economistas. Eu prefiro vel-a atravez dos jornaes de caricaturas. E' ali que surdem confissões espontaneas, brados de sincera revolta. Folheiem o «Jugend» de Munich, o «Susplicissimus» de Berlim e verão, meus senhores, que ha muita fome além do Rheno, que os ultimos exercitos são fabricados de restos e de rebutalhos, que na formidavel dispersão dos seus ataques, a Allemanha tem ido chegando progressivamente ao maximo do seu esforço, exgottando as suas finanças e as suas reservas de vida e de sangue. O primeiro dos jornaes acima citado trazia ha dias uma pagina em que se via, sahindo d'uma repartição de recrutamento, um pobre diabo cambaio, com as pernas em ogiva. Um grave burguez commentava:

—Se os nossos corpos de exercito são compostos agora com estes cavalheiros, que admiração que o inimigo consiga passar atravez das nossas linhas!

O «Simplicissimus» desenhava um marreco em fralda sujeitando-se á inspecção e um medico, passando-lhe a fita metrica por cima da giba, declarava:

—Um metro e noventa e cinco de peito. Explendido para o serviço.

Isto escreve-se e desenha-se no paiz onde a censura é mais violentamente exercida e onde a megolomania, armada em patriotismo, inspira as mais estapafurdias prosapias. Não desanimemos. A paz está perto e ella não virá senão com uma victoria completa dos alliados.

André Brun

No Mexico

O general Carranza reconhecido pela Inglaterra e França

WASHINGTON, 4. — O embaixador da Gran-Bretanha annunciou que os ministerios dos negocios estrangeiros de França e da Gran-Bretanha se propõem reconhecer brevemente como regular o governo do general Carranza no Mexico.—(Havas).

Poeira da Arcada

Quando um escriptor, ao fim de alguns annos, passa em revista a sua obra, sente que o seu pensamento ou o seu coração podiam ainda subir mais alto, demandando conceitos e emoções mais suaves e puras. Como elle poderia ter sido perfeito!...

E lembrando-se da caducidade do seu esforço, promette resgatar-se em futuros livros. A sua illusão prestes se desfaz, porque ninguem consegue elevar-se seguindo o vôo largo dos seus desejos, a não ser para demonstrar que em cada destino ha sempre uma fatalidade que nos prende ao jugo das forças terrestres.

* * *

A Verdade que os poetas celebram e cantam nos seus versos, graças ao fragor syllabico dos alexandrinos, parece encher o espaço com a audaz curva dos seus braços abraçando mundos e mundos.

Não nos illudamos com tal omnipotencia que ordinariamente é de uma fragilidade metaphorica. O que elles tomam como a Verdade é um simples nome, um vago sopro. Não enche o espirito nem o sacia. A Verdade verdadeira é um dom de gente simples que a recolhe no coração por um movimento instinctivo.

* * *

Os jornaes de Madrid andam tratando de melhorar as condições da polemica jornalistica, tirando-lhe a insolencia e o aggravo pessoal. E se, entre nós, se fizesse a mesma coisa, talvez a imprensa não perdesse nada com isso. Não acontecerá assim, porém, porque os jornalistas são muitos e receiam perder-se em terreno descoberto.

TERRAS DE PORTUGAL

Evora: os tapetes de Arrayolos

Uma industria caseira, fonte de preciosidades, que renasce

EVORA, 2.—O acaso tem ás vezes caprichos bem captivantes. Acabo de merecer a esse pequenino deus travesso uma benevolencia que me deixou encantado. Hontem, na Praça de Geraldo, sob as arcarias medievaes que fazem lembrar certas cidades francezas onde se vae em peregrinação artistica como os crentes vão a Meca ou a Lourdes, encontrei um dos meus melhores amigos que veio a Evora attrahido pelo congresso e pelas suas predilecções de erudito amador d'arte. Travámos do braço e conversámos. A chuva cahia lentamente, pesadamente, como uma densa e fria mortalha. Falámos das riquezas architectonicas d'Evora e evocámos, alheios a tudo o que nos cercava, as maravilhas que cantam, pelas ruelas estreitas e pelas tortuosas travessas seculares, um hymno de gloria ao genio immortal da nossa raça. Recordam-se os azulejos dos Loyos, os marmores entalhados da Casa Pia, os quadros da Sé e um certo Velasquez abandonado que no retabulo d'um altar cahirá feito em pedaços, se quanto antes não houver quem lhe acuda para o salvar. E falase, por fim, dos celebres tapetes de Arroyolos....

—Que se perderam, digo, entristecido ao meu amigo.

—Engana-se. Esteve, realmente, quasi abandonada essa interessantissima industria caseira, que com tanto brilho floresceu no seculo dezoito. Presentemente, porém, esboça-se, com todas as probabilidades de exito, a sua ressureição. E de futuro, os tapetes de Arroyolos bem pódem chamar-se os tapetes de Evora. E' que será n'esta terra que o reapparecimento d'essas tapeçarias magnificas virá a dar-se.

E o meu amigo, artista e professor, homem cheio de serenidade e de civilisação, prepara-se para me informar do curioso acontecimento. Paramos junto do cunhal d'um arco em ogiva, manchado, de grandes lettreiros negros, annunciando capotes alemtejanos. Na cal branca, a tinta preta fica como uma nodoa de abandono. Oiço a prelecção. Ha quem diga que os tapetes de Arrayolos foram inspirados pelos tapetes persas. Nos seculos dezesete e dezoito vieram do Oriente para Portugal muitos d'esses panos que se pagam hoje a peso d'oiro. A região d'Evora era então um grande centro de opulencia e de civilisação, frequentado pela côrte, abundante em senhores feudaes, rica em guerreiros e cavalleiros. Que admira, por isso, que viessem aqui parar algumas das mais preciosas tapeçarias do Oriente? E que ha de extraordinario no facto de se poder imital-as? O tapete de Arroyolos teria, assim, nascido d'esse desejo de imitação, ficando, todavia, a distinguir-se do tapete persa por um traço fundamental. Emquanto o tapete persa é tecido, o de Arroyolos é bordado a lã, sobre talagarça de malha larga. Uma especie de linhagem do nosso tempo...

Ha, entretanto, outra versão. E essa diz que, quando os tapetes persas principiaram a ser conhecidos em Portugal, já havia tapeçarias de Arroyolos, grosseiras e rudimentares, e sem grande belleza artistica por não passarem de productos dos vagares das mulheres do povo, que bordavam, com as lãs das suas ovelhas, por ellas cardadas, fiadas e tintas, sobre tela grossa, tudo o que lhes parecia, imitando ao mesmo tempo tudo quanto podia servir-lhes para modelo. E' por isso que ainda hoje se encontram tapetes primitivos com motivos ornamentaes por tal fórma estilisados, que bem mostram a pouca cultura de quem os bordou e a pobreza dos modelos copiados.

—Esta segunda versão é a mais interessante, diz-me o meu amigo. Entretanto, considero-a menos acceitavel, por motivos que me abstenho de citar, para o não aborrecer. A verdade é que, fosse qual fosse a origem das bellas tapeçarias, houve tempo em que a industria caseira d'onde ellas provinham alcançou notavel desenvolvimento. Devem ter-se bordado tapetes em grande quantidade tantos e tão ricos se encontram ainda hoje por quasi todo o paiz. Belford, o orgulhoso inglez, fala d'elles nas suas cartas e refere-se-lhes com a surpreza e no tom em que nós costumamos alludir aos trabalhos artisticos dos selvagens da Africa...

—E agora?

—N'uma dada altura, a industria dos tapetes de Arroyolos, inteiramente caseira, como já lhe disse, principiou a decahir. Porquê? Não succedeu isso a tantas outras? Nunca, porém, deixaram de fabricar-se tapetes n'aquella villa, que é uma das mais ricas do Alemtejo. Quasi em segredo, cultivada principalmente por gente rica, a industria curiosissima, continuou-se, prepetuou-se, chegou até nós. Ao mesmo tempo, as receitas para a tintura e preparo das lãs foram tambem conservadas por alguem que as recolheu n'um folheto sobre a especialidade. Restava applical-as, industrialisar de novo a confecção dos tapetes afamados, que dir-se-hia estarem condemnados ao desapparecimento. E' o que está a fazer-se, presentemente, em Evora, na Casa Pia, pelas orfãs ali recolhidas. Quer ir até lá?

Deixára de chover. A tarde declinava e o sol mostrava-se agora, dorido e compadecido, por uma larga frincha aberta entre duas nuvens. Seguimos para o alto da cidade. Passámos pela Sé, velho templo opulento, denegrido pela acção dos oito longos seculos que pezam sobre elles; paramos um instante junto das columnatas nuas do chamado templo de Diana, deixamos á esquerda os antigos Paços da Inquisição, embrenhamo-nos n'um dedalo de ruas e becos com nomes que proveem em linha recta da Edade Media, transpômos o arco curiosissimo por onde Geraldo sem Pavôr penetrou na cidade, no dia em que a conquistou, e chegamos, minutos depois, á Casa Pia. A directora recebenos como se fossemos velhas visitas da casa. D'ahi a instantes, estamos na officina dos hieraticos e nobilissimos tapetes.

Em primeiro logar, mostram-nos um tapete pequenino, acabado de fresco. A' primeira vista não ha n'elle nada que fascine. As côres são suaves em demasia. O olhar perde-lhe os cambiantes. Mas á medida que o fixo, os enfeites parece que se illuminam, que palpitam, que se doiram d'uma outra e mais enternecida luz. A seguir a esse, outro sahe d'um grande gavetão. Desenrolamol-o e estendemol-o sobre o pavimento de tijolo. E' um panno com mais de quatro metros, com um escudo nobiliarchico ao centro e larga cercadura clara. O tom predominante é o azul-escuro. As combinações de côres foram alcançadas com inexcedivel mestria. Em todo o caso, percebe-se sem difficuldade que, apezar de todas as perfeições e de todos os cuidados de technica que o tapete revela, ha n'elle alguma coisa que o deve distinguir dos antigos. Digo isso á directora do asylo. Ella sorri-se. A observação era exacta.

—Mas d'onde provém a differença?

—Da téla. A dos tapetes primitivos era mais fina...

E, abrindo um outro gavetão, a senhora que está educando na Casa Pia d'Evora uma revoada de pequenitas que um dia, quando d'ali sahirem, irão, em suas casas, resuscitar esta industria riquissima, desenrola um velho pano flacido, deixa-o cahir sobre o tijolo já gasto, abre-o, colloca-o ao lado do outro e chama, para elle, a nossa soffrega attenção. E' todo em ramagens d'um amarello desbotado essa verdadeira preciosidade. Tateamol-a. A tela sobre que a bordaram é fina, «souple», macia. A que se usa presentemente é rija, áspera, como que cheia de goma. O tapete velho tem já os flagicios do tempo a satural-o de amargura e de ternura. O outro, o novo, conserva ainda toda a dureza da talagarça, tecida na Covilhã, e todo o brilho das suas côres. Um é uma coisa cançada e purificada pela edade. O outro é, como tudo o que tem mocidade—vivo, forte, imperioso, impulsivo. As côres do primeiro commovem. As do segundo seduzem. Umas dão-nos o riso resignado da velhice, que caminha serenamente para o tumulo. Outras enchem-nos os ouvidos de gargalhadas, que são outros tantos hymnos a uma existencia, cheia de graça, que principia.

Voltam a enrolar-se os preciosos panos decorativos. Depois, os trez conversamos. As lãs que se utilisam n'esta industria, digna de ser cantada pelo immortal Ruskin, são todas cardadas, fiadas e tintas na Casa Pia. Empregam-se as receitas antigas e usam-se as tintas vegetaes, como nos tempos idos. Foi um trabalhão para conseguir a pratica de essas receitas. Em Lisboa tambem ha quem faça tapetes de Arroyolos. Mas empregam-se as lãs francezas, chimicamente preparadas, que desbotam com o andar do tempo. Esses tapetes nem valem tanto nem são tão bellos como os d'Evora. São mais berrantes. Os modernos tapetes fabricados na officina em que me encontro não pódem vender-se por menos de dez ou doze escudos o metro quadrado. E' o que basta para avaliar o trabalho que dão a preparar e a bordar.

Sáio com pena de não poder levar commigo todos os tapetes que me mostraram. E' que, para mim, não ha prazer maior do que ter a meu lado coisas que me falem de belleza e ergam a cada passo um cantico de exaltação ás qualidades preciosas da gente do meu paiz, tão mal apreciada por quem a não conhece. Que pena estas raridades estivantes não poderem vender-se por pouco dinheiro!...

Adelino Mendes

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Europa em guerra

por Agostinho de Campos

Vou hoje falar do livro recentemente publicado por Agostinho de Campos: *Europa em guerra*; tarefa superior ás minhas forças. Não me compete certamente a mim, pobre mulher ignorante e solitaria, encarregar-me de tal empreza, pois o livro merece outros criticos.

Ligeira, subtil e risonha como é, a obra de Agostinho de Campos encerra taes verdades, taes ensinamentos e taes conceitos, que a tornam grande de mais para poder ser commentada pela minha critica.

Não é, portanto, uma critica o que vou fazer. Limitar-me-hei a dizer conforme puder, a impressão profunda que o livro fez no meu espirito e o meu grande desejo que todos o leiam.

Raros são os livros que hoje apparecem com o condão de nos absorver, de nos fazer meditar, de nos mostrar nas suas justas proporções, a gravidade do momento que atravessamos.

A litteratura presente é apaixonada e inevitavelmente parcial e injusta. Nós, sobretudo, meridionaes, somos incapazes de imparcialidade.

Em Portugal os que commungam nas ideias novas querem a victoria da França e da Inglaterra porque julgam que com ellas triumphará a democracia sobre o mundo todo; os outros desejam ardentemente que a Allemanha vença porque estão convencidos que o antigo regimen e os antigos privilegios vencerão com ella.

No fundo cada qual, embalado pela molleza e pelos vicios de tantos annos de paz, pensa apenas em si e aspira a uma solução que lhe favoreça os interesses egoistas. E todos vêem os acontecimentos com olhos defeituosos e ninguem os abrange na sua grandeza.

E' no meio d'este desvairamento e d'estes enganos que nos apparece o livro extraordinario de Agostinho de Campos.

Remy de Gourmont diz:

Ce qu'il y a de terrible quand on cherche le vérité, c'est qu'on la trouve.

Honestamente, escrupulosamente, superiormente, Agostinho de Campos, atravez de uma longa serie de pequenos artigos publicados no *Commercio do Porto* e no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e agora reunidos em volume, procura a verdade e encontra-a. No seu espirito lucido, na sua esclarecida intelligencia, em frente da sua forte e serena razão de homem de bem, os acontecimentos espantosos perfilam-se, ordenam-se, tomam os seus logares, enchem-se de significação e de logica. Olha-os de alto com um criterio seguro e diz-nos o que vê.

Vê tão bem que, no dia 10 de julho de 1914, mez e meio antes de rebentar a guerra, escreve no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, depois de apontar alguns indicios inquietadores para a paz do mundo:

...« Se outro symptoma não houvesse de que uma grande guerra europeia se approxima, este só nos bastaria para nos edificar a tal respeito.

A Europa congestionada precisa de uma sangria e ha-de tel-a. O homem é um animal bellicoso que acomette o irmão quando não pode atirar-se ao visinho».

Apenas folheamos este livro, temos logo a impressão de que é escripto por um homem de coragem pouco vulgar.

Agostinho de Campos diz a verdade (coragem rara!) e dil-a amavelmente e com bom humor. O espirito que scintilla em cada capitulo e que se espalha por cada pagina, não é a graça da revista ou da caricatura onde ha sempre um pouco de crueldade; é uma especie de bençãо ou de perdão cahindo sobre as coisas tristes que pesam no coração do autor e que uma bondade intelligente e forte nunca deixa transformar em azedume.

Ha só uma obra que posso comparar á de Agostinho de Campos: a de Dekker, o pobre Multatuli, o grande hollandez que escreveu de 1859 a 1887 e de quem Anatole France disse:

«Multatuli é um escriptor muito extraordinario: diz o que pensa... Lembra os nossos philosophos de antes da Revolução, pela audacia das idéas, pela liberdade do espirito, pela vivacidade da expressão e pela sua benevola ironia.»

E tudo isto Anatole France poderia dizer do Agostinho de Campos.

A maneira de escrever é leve e serena e de uma impeccavel correcção. As phrases incisivas e lapidares, vão direitas ao fim alvejado, sem flores de rhetorica, sem fumaradas de estylo, sem devaneios sentimentaes, sem rufos de pedantismo. Nada lhes encobre a limpidez crystalina. Dizem o que foram destinadas a dizer; sobrias, honestas e ligeiras, fazem-nos sorrir, fazem-nos tambem chorar e, sem declamações nem ostentações que atroam os ares e se esvaem em fumo, baixinho e com uma impressionante firmeza, revelam-nos o immenso e profundo patriotismo do autor.

Portugal na guerra, *Mousinho e o consul*, *Historia e caricatura* e outros capitulos, dizem bem o que é esse patriotismo que despreza a emphase e que lateja ardente e concentrado n'um grande coração que o guarda, silencioso como um sacrario.

Da mentira á verdade, *Pobre França*, *Mater dolorosa*, demonstram como pode ser bella a lingua portugueza quando manejada por um grande artista e como Agostinho de Campos pode, quando quer, ser tão admiravel na expressão de um sentimento profundo como na *ironia benevola* de que fala Anatole France.

E' preciso ler-se este livro.

E' a voz serena e forte de um homem de talento honesto que tem o merecimento rarissimo de conservar o equilibrio no desequilibrio geral da humanidade e de ser heroicamente imparcial no meio do mais tumultuoso temporal de paixões que se tem desencadeado sobre a terra.

Virginia de Castro e Almeida

A proposito do submersivel "Espadarte"

Uma aclaração

Na entrevista, que hontem publicámos, com o sr. ministro da guerra, ha uma passagem em que se faz referencia á acção do submersivel *Espadarte* no exercicio do forçamento da barra e ao seu apparecimento parcial á superficie em seguida ao supposto lançamento dos seus torpedos.

Esse movimento, ao que nos informam, tinha de ser feito em virtude das convenções previamente estabelecidas, não para denunciar a sua posição, mas para annunciar o ataque feito.

Não podia, pois, n'esse momento fazer-se fogo sobre o submersivel, se se tratasse de um combate a valer, pois que em tempo de guerra a indicação hontem dada, em harmonia com o programma dos exercicios, sobre a posição approximada do submersivel aos artilheiros inimigos não existiria.

Reforma da policia

Informam-nos de que não tem fundamento a informação de que a reforma da policia vá ser submettida á apreciação do Congresso.

"A CAPITAL" NO PORTO

Ouvindo um industrial-fidalgo

De como poderia obter uma victoria definitiva a industria nacional

O sr. conde de Vizella, depois de lhe ter sido annunciada amavelmente a nossa visita pelo presidente do Centro Commercial do Porto, apressa-se a receber-nos no seu escriptorio mobilado com extrema simplicidade e despretenção. Filho de um distincto industrial e educado para industrial n'essa escola modelar que é a grandiosa fabrica do Rio Vizella, confiada em boa hora á sua direcção—a sua vida de labor incessante e tantas vezes arduo não conseguiu prejudicar nem ao de leve a sua linha de aristocrata. Confessámos ser para nós uma grata surpreza a conversação d'este industrial-fidalgo. O tempo passa velozmente a ouvir-se o seu espirito intelligente e d'uma singular vivacidade deduzir a complexidade de problemas que importam a victoria da industria nacional.

—Um inquerito ás industrias do paiz!—exclama com uma ponta de azedume—ha quanto tempo é reclamado aos governos por todos nós, sem que as nossas vozes consigam o privilegio de serem escutadas... E, todavia, é preciso que esse inquerito se faça e seja rigorosamente estudado e deduzido por individuos que, a dentro das portas dos ministerios, tenham realmente a comprehensão, o conhecimento do que vale uma industria e do que significa para a riqueza do paiz um balcão commercial.

—Mas não são então ouvidos os industriaes quando se trata de legislar qualquer medida que envolva os seus legitimos interesses?

—Decerto que não e, se por acaso essa intenção se manifesta algumas vezes, são-n'o d'uma maneira tão restricta, tão pouco collectiva que as medidas, que nos impõem, apenas podem satisfazer a opinião d'uma insignificante minoria...

—Que seria, pois necessario?

—Que dentro do ministerio houvesse industriaes e commerciantes de facto e não lunaticos, vendo atravez de lentes pouco claras, pouco fieis, os multiplos e incisivos aspectos das nossas questões.

—Mas é um mal que vem de longe, que tem raiz—objectámos.

—Ah! Sim, tem razão. O mal vem de muito longe, effectivamente. Eu recordo-me bem da campanha que sustentei, junto do governo de Teixeira de Sousa, para que as fronteiras de Angola fossem rigorosamente vigiadas, a fim de se pôr termo a esse tremendo saque na industria nacional que era o contrabando allemão. Pois, todos os meus esforços resultaram inuteis e os mercados africanos continuaram por muito tempo a ser um dos mais valiosos mananciaes de receita da Allemanha!

—E as pautas que regularisam a importação de tecidos, são favoraveis á industria nacional?

—Não ha duvida que, ainda ha poucos annos, as nossas pautas soffreram uma alteração que nos vem beneficiar. Mas esses beneficios parecerão muito attenuados, se lembrarmos as concessões feitas ás industrias inglezas e francezas que entram no paiz. Lançados os impostos de harmonia com o peso dos tecidos, resulta que as fazendas muito finas, fabricadas principalmente pela França, são extraordinariamente favorecidas.

—Mas agora o trabalho na França está quasi paralysado e a Inglaterra ha de ter difficuldade em satisfazer, desde este momento, todas as necessidades do commercio de quasi o mundo inteiro...

—Precisamente. Não ha duvida que a occasião é decisiva para a industria nacional. Se não nos levantarmos agora, se não fixarmos de vez o logar a que tem direito o nosso trabalho paciente de tantos annos,—em que as difficuldades muitas vezes só eram suppridas com os sacrificios, — perdemos, desastrosamente, um momento talvez unico na vida economica do paiz. Para a industria nacional surgiram de repente novos e largos horisontes. A conquista dos mercados de Africa que ainda ha poucos mezes se nos afigurava uma utopia temeraria, é hoje um facto facil de se verificar. O Brazil... o Brazil será mais difficil, evidentemente muito mais difficil.

As suas pautas apavoram as nossas ambições que recuam ante a producção da Inglaterra que, por circumstancias conhecidas, ostenta ainda o sceptro na industria mundial. Mas a verdade é que estamos a estudar as probabilidades de exito que nos offerece o Brazil.

Não queremos abusar da gentileza do sr. conde de Vizella, prolongando esta palestra. Agradecemos e despedimo-nos, ouvindo palavras penhorantes de deferencia por «A Capital». Lá fóra o crepusculo d'esta amargurada tarde de outomno envolve a cidade em sombras, emquanto a chuva cae impenitentemente, implacavelmente, fazendo vergar as arvores e inundando as ruas. Ha n'esta atmosphera de bruma e de nostalgia que não exclue, no emtanto, a preoccupação da vida laboriosa, alguma coisa que nos faz pensar em Londres.

Descemos a escada, vamos retomar o auto. Mas, antes, envolvemos n'um olhar entre dolorido e de consolação as alas de mendigos que se encontram á porta do escriptorio, esperando, com a firme certeza de encontrarem, uma clareira á sua miseria na inexgotavel bondade do conde de Vizella...

COISAS DE MARINHA

Submersiveis e cruzadores

E' preciso construil-os quanto antes, para assegurar a defeza naval

N'estas questões de marinha, tão importantes e tão decisivas no que respeita á defeza nacional, é preciso não esquecer determinados elementos para evidenciar outros. Só com «dreadnoughts» não se compõem esquadras. Só com submersiveis, não ha possibilidade de se organisar defezas efficazes. Este é que é o verdadeiro criterio. Ha barcos mais uteis do que outros? Sem duvida. Mas ha-os tambem cuja utilidade está inteiramente estabelecida.

—Com submarinos, dizia-nos ha pouco um illustre official de marinha, defendem-se portos como o de Lisboa e impede-se a navegação, como tem acontecido na actual guerra. Mas não se póde levar nem o ataque nem a defeza muito longe das bases de operação, quando o raio de acção d'esses barcos seja reduzido. Para isso, temos de dispôr de submersiveis de grande tonelagem e de cruzadores rapidos, bem artilhados. Quanto ás unidades d'aquella natureza, já se resolveu adquiril-as. Pelo que respeita aos cruzadores, torna-se necessario pensar n'isso quanto antes e pôr de lado hesitações que não pódem merecer louvores de quem quer que seja.

Fala-se um pouco da lei orçamental. Analisemol-a. E o meu interlocutor, que não é outro senão o sr. capitão-tenente Muzanty, diz-me:

—Na lei da receita e despeza destinavam-se á acquisição de barcos cerca de 3.600 contos. A lei foi ao Parlamento. Andou por lá largo tempo em fermentação, foi, emfim discutida e modificada, vindo por ultimo a ser publicadas as tabellas orçamentaes, que são o que faz lei. Pois a verba inicial destinada a material naval, dividida e sub-dividida, acabou por ser applicada a navios apenas na importancia de 1.050 contos. Com essa quantia quer o Parlamento que se comprem dois submersiveis de grande raio d'acção. Devo dizer-lhe que mal chega para um. E' questão de saber fazer as contas... Ao mesmo tempo, determinou-se que á primeira secção do Arsenal na Outra Banda se applicassem 1.200 contos, como se, no actual anno economico houvesse tempo para isso e como se os planos, projectos e estudos indispensaveis estivessem concluidos, promptos e approvados pelo Parlamento. Entretanto, a commissão que tem a seu cargo determinar sobre a acquisição de material naval está tratando de applicar o dinheiro que lhe deram. Como? Adquirindo dois submarinos do typo «Espadarte», cujo preço não irá além de 1.200 contos. E devo dizer-lhe que, presentemente, não será facil alcançar no estrangeiro outros de typo differente...

—E os cruzadores?

—Esses são tão necessarios como os submersiveis. Os que temos estão velhos, cançados, gastos. Em qualquer outra marinha abundantemente provida de barcos, os nossos cruzadores teriam sido de ha muito postos de lado. Nós porém, não temos outros. E como os não termos, somos forçados a utilisal-os, a servirmo-nos d'elles. E' fatal. Mas quer isso dizer que não pensemos a sério na renovação completa do nosso material naval? De modo nenhum. Essa renovação impõe-se. Temos de adquirir, quanto antes, cruzadores de grande velocidade, que não pódem ter mais de 6.000 toneladas. A lei orçamental, ou as tabellas respectivas, dispõem que o primeiro cruzador a adquirir seja de 5.000 toneladas. Mas n'estas coisas de marinha o tamanho dos barcos varia constantemente. Construir o Arsenal do lado de lá do Tejo? Sim, acho isso indispensavel. Mas destine-se, no anno corrente, a essa obra, aquillo que com ella poder gastar-se. Deem-se-lhe duzentos contos. E o resto, destine-se a navios. E' o que é logico. Diz-se por ahi que preconisar a acquisição de submarinos é desorientar a opinião publica, a qual poderá muito bem convencer-se de que esses barcos, só por si, nos collocam ao abrigo de toda e qualquer aggressão. Discordo. A reconstituição da nossa esquadra está sufficientemente discutida para que haja quem possa fazer juizos errados. Mas ainda que alguem os fizesse, que custaria destruil-os?

Voltamos á questão dos cruzadores.

—Urge bater bem n'esse ponto, porque merece que sobre elle se faça toda a luz. O submersivel, valendo muito, não chega. Temos de comprar cruzadores ligeiros, para que a nossa acção naval vá aonde deve ir—ás ilhas adjacentes, ás colonias, a toda a parte, emfim, onde o prestigio portuguez exija que haja quem o mantenha e o defenda. Ultimamente, parece que este aspecto da

questão foi inteiramente posto de lado. Não é justo nem patriotico que tal aconteça. Como o não é tambem que se procure entravar, com argumentos futilíssimos, a commissão do material naval. Quando ha um erro manifesto a remediar, é preciso remedial-o. E' o que essa commissão está fazendo com a applicação da verba destinada á compra de submersiveis. Ella procura dotar o paiz com uteis elementos de defeza. Porque não havemos de a apoiar, em vez de se pretender gastar dinheiro em barcos que não temos a certeza de alcançar lá fóra?

Foi assim que o sr. commante Muzanty poz a questão dos cruzadores e dos submersiveis. Ninguem dirá que o seu criterio é pouco atilado, como decerto não haverá quem affirme que, pol-o em pratica, é prestar á marinha de guerra um excellente serviço. Comprem-se submersiveis, mas comprem-se tambem e quanto antes, cruzadores rapidos do typo mais moderno, porque não podemos passar sem elles.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 do julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Morta pelo marido

Pelas 15 horas sahiu hoje do hospital de S. José o funeral de D. Beatriz Augusta da Cunha, victimada, como noticiámos, por um tiro de pistola na sua residencia da Avenida Elias Garcia. O acompanhamento foi numeroso, tendo sido depostas sobre o coche preto a duas parelhas que transportava o feretro, muitas corôas e ramos de flores.

Festas associativas

No Gremio de Recreio e Beneficencia 5 d'Outubro ha no domingo recita com as peças «Heroina belga» e «Pelle do urso» e um acto de variedades, seguindo-se baile.

—Na Concentração Musical 5 de Outubro ha no domingo festa dedicada á commissão de senhoras angariadora de receita para pagamento do piano, subindo á scena as comedias «Flôr de laranja», «Para homem só» e «A ordem é resonar», seguindo-se «soirée» dançante.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi hoje detido Alberto Ferreira de Carvalho, morador na calçada da Cruz da Pedra, 15, 1.º, accusado de ter aggredido á facada a meretriz Maria da Piedade, mais conhecida pela «Russa», moradora na rua de S. Paulo, 299, 1.º, que se encontra em estado grave no hospital de S. José.

—Sophia Adelaide da Conceição, moradora na rua da Escola do Exercito, 34, 1.º, queixou-se á policia de que os gatunos lhe furtaram uma carteira com 160 escudos.

—Quando passava pelo largo do Terreirinho, foi acommettido de doença repentina Sebastião Gascon, morador na rua dos Cavalleiros, 110, 5.º. Conduzido ao hospital de S. José, quando ali chegou era cadaver, sendo este entregue á familia.

—O sr. Lourenço Carmello Melleiro, residente na rua de S. Bento, 87, sobreloja, quando hoje, pelo meio dia, passava na calçada do Combro, encontrou, uma menina dos seus 9 annos, muito bem vestida e com alguns adornos de ouro, que apenas sabia dizer chamar-se Rachel, não dando qualquer outra indicação. O sr. Melleiro tomou conta de ella, levando-a para sua casa, depois de ter declinado o seu nome e morada á policia.

—Por se ter recusado a prestar declarações ácerca de uma carta que escreveu ao provedor da Assistencia Publica, ameaçando-o, foi hoje preso no gabinete do director de investigação criminal Jacintho Gomes Trovão, morador na rua de S. Bento, 540, pateo do Carvalho, porta 9. Recolheu a um dos calabouços do governo civil.

EM TORNO DA GUERRA

O general Joffre em Londres

Importantes conferencias militares — Um comité governamental inglez para a orientação das operações

Londres, 31 de outubro

Sexta feira pela manhã, com geral surpreza dos transeuntes, um general francez, em uniforme de campanha, apeou-se d'um automovel em frente do ministerio da guerra. Foi immediatamente reconhecido; era o general Joffre, aqui tão popular como em França, e o povo ovacionou-o.

O generalissimo francez, cuja visita a Inglaterra—a primeira desde que começou a lucta—despertou como era natural interesse, teve uma demorada conferencia com lord Kitchener.

A's trez e trinta foi com o ministro da guerra á embaixada de França, onde o sr. Paul Cambon offerecia um almoço em honra do generalissimo.

A nova da chegada do general francez depressa se espalhara e quando passou no automovel em companhia do ministro da guerra, uma numerosa multidão o acclamou enthusiasticamente. O general Joffre estava manifestamente commovido pela cordealidade e caloroso acolhimento com que era recebido, respondendo aos vivas da multidão com a continencia militar.

De tarde conferenciou com o primeiro ministro, durando trez horas a entrevista, á qual assistiram lord Kitchener, o sr. Balfour, o sr. Lloyd George, sir Edward Grey, sir Fan Hamilton e varias altas personalidades militares francezas e inglezas. Depois esteve fallando com mr. Lloyd George. Nas proximidades da casa do sr. Asquith a policia continha o povo, ancioso por ver o illustre militar francez.

Lord Kitchener convidou para jantar em York House o generalissimo, o embaixador de França e varios officiaes.

No dia seguinte pela manhã dirigiu-se o general Joffre ao palacio de Buckingham onde apresentou á rainha o seu pesar pelo desastre succedido a Jorge V, e os votos que fazia pelo seu prompto restabelecimento, sahindo de ali para Marlborough House a cumprimentar a rainha Alexandra.

Voltando ao ministerio da guerra, conferenciou com lord Kitchener antes da reunião do conselho de ministros que, marcada para o dia anterior, fôra adiada por causa das conferencias com o general Joffre.

N'esse dia offereceu lord Kitchener um jantar em honra do generalissimo francez a que assistiram muitas pessoas das mais cathegorisadas, e á noite partia Joffre para a França.

A personalidade do generalissimo causou profunda impressão, e as suas opiniões não só ácerca da campanha nos Balkans, como ácerca de todas as operações militares, foram tomadas em grande consideração.

* * *

Teve grande importancia o conselho de ministros realisado hontem pela manhã; o governo tinha de tomar uma resolução definitiva ácerca da natureza das declarações que o sr. Asquith deve fazer amanhã na Camara dos deputados.

Entre os principaes assumptos que o ministro terá que tratar figuram, em primeiro logar os meios com que conta o governo para garantir a rapidez de decisão e a energia na direcção das operações da guerra, de fórma a corresponder aos desejos da nação.

Julga-se que o sr. Asquith proporá a constituição de uma commissão, formada por trez membros do gabinete, para dirigir as operações navaes e militares; formariam a commissão lord Kitchner, o sr. Balfour e o primeiro ministro.

E' provavel que esta composição represente o modo de pensar dos que julgam ser indispensavel a entrada do ministro dos estrangeiros na commissão.

Por emquanto é impossivel dizer de maneira precisa qual será a solução adoptada, mas o que é innegavel é a tendencia geral dos membros do parlamento e de toda a Inglaterra para a creação de um organismo capaz de dirigir a guerra com a energia, rapidez e decisão necessarias.

Com certeza as conferencias do generalissimo Joffre com os membros do governo tiveram decisiva influencia n'este sentido.

A producção de munições dos alliados

A Australia concorre poderosamente para a augmentar

A guerra do aço, tal é a designação por que deve ser conhecida a tremenda lucta actual, pois que é elle a materia prima dos mais poderosos engenhos para a destruição dos homens. Pode encontrar-se muitos productos que substituam varios materiaes empregados na guerra, mas nenhum ha que substitua o aço para as couraças dos grandes navios de guerra, para os collossaes canhões de largo alcance, ou para os projecteis que vomitam a phantasticas distancias; para isto é insubstituivel o aço.

Quantidades enormes d'este producto formam o elemento capital da guerra moderna; reconheceram-o bem os allemães quando se apoderaram das regiões opulentas em mineraes de ferro da França, da Polonia e da Belgica. E assim esperam mais rapidamente dominar as aguias francezas e moscovitas que tão valentemente lhes teem detido o impeto.

Mas ao mesmo tempo, reconheceu-o tambem a Inglaterra; a producção de ferro e aço da Gran-Bretanha e a relativamente pequena producção das minas de ferro da França e da Russia estão ainda nas mãos dos alliados, e excedem em muito a producção dos dois imperios centraes.

A Inglaterra, actualmente, manda semanalmente grandes porções de aço para França, gradualmente vae augmentando as suas remessas para a Russia e apesar d'isso tem ainda aço de sobra para o consumo da sua industria e das necessidades militares.

Bem ao contrario, a Allemanha e a Austria-Hungria attingiram o maximo do seu poder de producção de ferro e de aço, e não podem empregar mais braços na sua extracção e producção tão grande tem sido a drainagem de homens nos dois paizes. E como se isto lhes não bastasse, veiu agora a actividade dos submarinos inglezes no Baltico seccar-lhes a fonte da Suecia, por que não ha barco vindo d'ali com minerio de ferro que os monstros submarinos não mettam no fundo immediatamente.

E assim a Allemanha vê-se reduzida aos seus minerios de baixa percentagem cujo rendimento é inferior á metade do que tirava dos minerios suecos, riquissimo em metal.

E isto emquanto a Inglaterra de dia para dia tem vindo augmentando sensivelmente a sua producção, desde o principio da guerra, não só com maior actividade na exploração das suas minas, no archipelago europeu, mas tambem com o aço que as suas colonias lhe mandam.

No Canadá já de ha muito que havia altos fornos, e além do aço que produzia comprava na America ainda mais, proporcionando assim aos inglezes enorme quantidade de materia prima para munições.

Mas agora é tambem a Australia que poderosamente vem concorrer para o augmento de producção.

Em junho d'este anno foi inaugurada em New-Castle, Nova Galles do Sul, a primeira grande installação metallurgica, o que a habilita a auxiliar a Gran Bretanha com uma enorme quantidade de projecteis, canhões e outros artigos indispensaveis na guerra. Emquanto a Australia tinha necessidade de importar toneladas e toneladas de aço para seu consumo não podia imitar o exemplo do Canadá, mas agora as circumstancias mudaram e já pode fazel-o.

O seu minerio contem 68 0/0 de ferro e os seus jazigos são immensos.

E' transportado em caminho de ferro até á costa, e d'ali vae por mar para Newe-Castle onde é descarregado na installação dos altos fornos, que fica proximo de um jazigo carbonifero.

A installação é grandiosa, dispondo de vinte milhas de linhas ferreas, com seis locomotivas e numerosos vagons que levam o minerio para os moinhos. Tudo foi feito em grande escala, tendo sido applicadas todas as modificações e melhoramentos que a experiencia tem indicado.

Apesar do pouco tempo de funccionamento, reconheceu-se já a necessidade de construir mais dois fornos abertos que prepararam diariamente sessenta toneladas de minerio, e serão construidos altos fornos á medida que forem sendo necessarios, porque foi reservado local apropriado para esse fim.

E assim contam os alliados com mais um poderoso auxiliar para o augmento da sua producção de munições.

O appello ao ouro francez

As entradas vão além de mil milhões de francos

Desde 3 de julho, data do impressionante appello feito pelo sr. Ribot, ministro das finanças, até 27 de outubro, o publico tem levado mais de mil milhões de francos em ouro aos cofres do Banco de França. Menos de quatro mezes foram o bastante para juntar esta importantissima quantia, ao passo que durante o mesmo periodo nos cofres do Reichsbank apenas entraram 700 milhões, affirmando-se assim nitidamente a superioridade do patriotismo francez. Este resultado é ainda mais digno de nota se attendermos a que as entradas foram feitas voluntariamente, sem que se exercesse a menor pressão, ou se engodasse os depositantes com a isca de qualquer premio.

Um simples appello da imprensa foi o sufficiente para determinar este soberbo movimento que, deve dizer-se, está ainda longe do seu final. Ao contrario do que se propalou, o Banco de França não aceitou as numerosas offertas que lhe fizeram de joias e objectos de ouro, mas sómente dinheiro.

Só Paris offereceu, numeros redondos, 210 milhões de francos, isto é, mais de um quinto da quantia entregue por toda a França para a defeza nacional; em troca d'estes 210 milhões entregou o Banco mais de 500:000 certificados, o que dá para cada depositante a média de 420 francos.

Seguem, por ordem de importancia das verbas depositadas, as cidades que concorreram com mais de 10 milhões:

Bordeus 32.987:000 frc., Lyon 21.467:000; Marselha 21.215:000, Nantes 20.141:000; Rennes 16.342:000, Saint Brieuc 15.094:000, Rouen 11.650:000, Versailles 11.195:000, Brest 10.475:000, Nancy e Taul 16.000:000.

Continua o movimento

Tendo-se calculado que ha ainda por fóra perto do triplo da quantia entrada, falta ainda chamar para os cofres do Banco trez mil milhões de francos, e para isso se continua a fazer a maxima diligencia. O movimento das entradas não cessou, por toda a parte continua com o mesmo enthusiasmo, e o segundo milhar de milhões está quasi completo.

Durante esta semana delegações de creanças das escolas municipaes de Paris, foram acompanhadas pelos seus professores, entregar as suas economias em ouro ao Banco de França.

Para o total d'estas entradas, que attingiu alguns milhares de francos, concorreram principalmente os rapazes da escolas da rua Bignon, os da rua Foyatier, e a de raparigas da rua de l'Arbre-Sec.

A Corsega, um dos districtos mais pobres da França, concorreu com 1.686:000 francos, dos quaes 965:000 são a offerta de Ajaccio, e 821:000 a de Bastia.

O governador civil do districto enviou uma circular aos presidentes das camaras municipaes para que promovam insistentemente a troca do dinheiro em ouro por notas do Banco, ou, o que ainda seria melhor, por bilhetes da Defeza Nacional. «Desde as mais remotas como diz a circular, que se diz ser o ouro o nervo da guerra; entreguem-o, que como filhos, como maridos, e como irmãos o receberão em aço».

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21—Recita da moda—A virgem louca.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).

GIMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.

MODERNO—A's 20 e 22—Cura d'aldeia—Lord Grog.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

AMANHÃ—Theatro Apollo—Inauguração da epocha com a *réprise* da phantasia *O diabo que o carregue*.

Boatos e informações

Entre nós

Da distincta actriz Etelvina Serra recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 31 de outubro de 1915.—*Sr. redactor*,—Começo por agradecer-lhe a amabilidade com que se me refere na sua critica á peça do sr. Mello Barreto. O que porém me fez muito pena foi que lhe desagradasse a minha «toilette», ao ponto de dizel-o no jornal. Concordo em absoluto com v. em que as «toilettes» curtas não são nada elegantes. Mas que devia eu fazer tendo de representar uma «parisiense aristocrata nova e rica» senão vestir-me ao rigor da moda?

E depois v. manifesta duvidas sobre se a minha «toilette» do 1.º acto será uma «toilette» de viagem. Será pela côr que v. diz isso, por ser branca? Mas o branco tem geralmente a preferencia das elegantes ricas e moças justamente porque só ellas pódem permittir-se a extravagencias de vestir de branco em taes occasiões.

Além dos exemplos que uma pessoa viajada como v., deve ter observado, posso ainda citar em meu auxilio, o da grande actriz Rosario Pino, no «Genio Alegre», em que trazia casaco branco ou quasi, chapeu branco, *écharpe* branca e o de Palmyra Bastos (incontestavelmente uma das actrizes que melhor vestem na nossa terra) e que tambem trazia no «Coração manda» «toilette» de viagem branca.

Quanto á fórma do casaco, v. não póde dizer que não seja o mais pratica e simples possivel e portanto o mais proprio para viagem.

E quanto ao vestidinho, que fica debaixo do casaco, é uma simples saia de lã em pregas, com uma blusa fina, mas não rica, nem «trop habillée», e, como deve saber, as senhoras em viagem, deve sempre trazer sob os casacos uma blusa chic, para as eventualidades em que convem tirar o casaco e ficar bem; por exemplo: para o jantar a bordo, á chegada, antes de desfazer malas; para jantar no comboio, n'um hotel, quando se tem uma demora de horas n'uma cidade, etc.

Creio ter justificado o melhor possivel a escolha dos meus vestidos e porventura desfarei a má impressão que elles lhe causaram, o que me será extremamente agradavel, tendo eu sempre em grande consideração as opiniões de v.—Creia-me com affectuoso apreço—*Etelvina Serra*.

Como noticiámos o theatro moderno inaugurou hontem a epocha de inverno com a excellente companhia infantil que trabalhou este verão no Salão da Trindade, companhia que conta elementos dotados de bastante intuição artistica. Representou-se primeiramente a operetta em 1 acto, de Mello Vieira e Camara Manuel musica de Fortée Rebello, «Lord Grog» que agradou immenso, seguindo-se a operetta em 3 actos «Cura d'aldeia», de Fernando Schwalbach, musica de Alfredo Mantua, que teve interpretação excellente sendo muito ovacionados Guilhermina Paiva, Ilda de Carvalho, Adelaide Silva, Octavio Mattos que possue uma bella voz de tenor, Herminio Pereira, gracioso comico, Americo Valente, José de Carvalho e Cabral.

—No Apollo, que reabre ámanhã, a phantasia «O diabo que o carregue» é posta em scena com o maior esplendor

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34	33 7/8
Londres, 90 d/v	34 7/16	—
Paris, cheque	$76,7	$77,4
Allemanha, cheque	$30,5	$31,5
Hollanda, cheque	$63	$64
Madrid, cheque	1$41,5	1$42,5
New York	1$51,5	1$53
Rios/Londres	12 3/8	—
Libras	7$17	7$26
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,70	
» » 500$	—	39,65
» » 100$	—	39,70

Externas: 1.ª serie 74$40 e 3.ª 75$.

Acções: Banco de Portugal, assent. 180$; Ultramarino, coup. 115$50; Banco Commercial do Porto 47$; Aguas 92$50; Ilha do Principe 208$; Moagem (nova) 59$90; Phosphoros, coup. 54$90.

Obrigações: Norte e Leste, 2.º grau, 37$.

Carestia de vida em Paris

Um projecto de lei do governo

Paris, 29 de outubro

O governo apresentou agora um projecto de lei que tem por fim exercer uma acção reguladora não só sobre os preços de venda, como tambem sobre a fórma de repartir os combustiveis mineraes.

Consiste essa acção em fixar, antes dos dias 1 e 15 de cada mez para a quinzena seguinte, os preços da venda do carvão posto no vagon ou a bordo á sahida da mina, sujeito ou não as requisições militares, um preço unico applicado a todas as explorações para a mesma cathegoria de combustivel.

Estes preços de venda serão equivalentes á média dos preços normaes durante a quinzena antecedente do carvão das mesmas cathegorias extrahido das minas francezas e do introduzido em França por qualquer posto.

Como o carvão nacional é mais barato do que o importado, os concessionarios de minas tirariam extraordinaria vantagem d'esta medida; mas para que assim não succeda a differença entre os preços de venda pagos pelo comprador e os preços feitos pelo concessionario será por este entregue no thesouro publico na quinzena immediata ao pagamento das facturas.

Parallelamente um premio correspondente á differença entre o preço de venda do carvão francez, e o preço do custo normal do carvão da mesma cathegoria posto no vagon ou a bordo depois de descarregado, beneficiará as importações de carvão feitas pelos differentes portos da França. Este premio será fixado quinzenalmente para cada posto e zona mineira. Assim determinar-se-ha um valor do carvão que é intermedio do valor do nacional e do do importado, e como é este ultimo que fixa o preço dos combustiveis domesticos a lei determinará uma baixa de que aproveitará o consumidor.

* * *

A regulamentação dos preços actuaes permitte esperar que o mercado das Halles readquira a sua anterior tranquillidade.

O preço da carne pouco varia; se a perna de vacca de primeira qualidade subiu hontem 10 francos em 100 kilos, em compensação a mão de vacca e a carne do cachaço baixaram egual quantia; se a proximidade das festas fez subir o preço da perna de carneiro, o das outras regiões continua sendo o mesmo.

No preço da carne de vitella deu-se uma baixa geral que chegou a ser de 4 francos para a de primeira qualidade e de 6 francos para as tres restantes.

O preço do cordeiro sem cabeça continua baixando; a carne de porco baixou 4 francos nos presuntos, 10 nos rins, e 20 no lombo.

Em compensação a proximidade do dia de Todos os Santos começa a influir no preço das aves.

Os frangãos subiram 10 francos, tendo subido os de Bresse 20; com os patos succedeu o mesmo, continuando as perúas pelo mesmo preço. O coelho tambem subiu 10 francos.

De hortaliças ha sempre pouco a dizer; a este respeito não ha que temer a falta em Paris, e por isso os preços conservam-se estacionarios, tendendo as cenouras, os nabos, as couves, e as cebolas para descer, ao passo que os feijões e as batatas tendem para subir.

Quanto a estas ultimas impõe-se tomar medidas de prevenção; os expedidores queixam-se muito da insufficiencia dos meios de transporte de que dispõem. Tratando-se d'um producto que o povo tanto consome, e de tão absoluta necessidade, seria para desejar que se facilitasse por todos os meios a sua chegada ao mercado.

Com um pouco de iniciativa com certeza que se encontraria os vagons necessarios para tal fim.

Tambem alguma coisa se devia tentar para mais largamente abastecer o mercado de peixe; hontem chegaram ás Halles apenas 39.000 kilos, o que fez com que o preço subisse, em todas as cathegorias 15 a 20 por cento, isto é, em quatro dias o peixe encareceu 50 por cento.

Felizmente para as donas de casa, o mercado das manteigas, ovos, e queijo tende a regularisar-se. Grandes quantidades de manteiga d'Isigny que estavam de reserva foram vendidas com um abatimento de doze «sous» em kilo, e a tendencia para baixar é geral.

Até os ovos, apesar de continuarem diminuidas as remessas, baixaram entre 2 e 10 francos, salvo os do Poitou que subiram na mesma proporção.

Os queijos de todas as cathegorias baixaram tambem, entre 2 e 10 francos, excepto os d Emmenthal.

A reducção de direitos no alcool

O presidente da Associação Commercial do Porto, sr. Silva Cunha, procurou hoje o sr. ministro do fomento para lhe entregar uma representação approvada na ultima assembleia geral d'aquella collectividade, em que, depois de se exporem detalhadamente as difficuldades do momento presente, se pede que o governo prevalecendo-se de leis que foram inspiradas e promulgadas exactamente em circumstancias como as actuaes, decrete sem demora a reducção da taxa pautal sobre o alcool por forma a corrigir a alarmante elevação do preço da aguardente nacional, reduzindo-o ao limite legal.

O sr. Silva Cunha, que hoje mesmo partiu para o Porto, foi recebido pelo chefe de gabinete sr. João Palma.

Na Amadora

A progressiva localidade da Amadora toma por vezes, iniciativas sympathicas. Lembrou-se agora de contribuir para a divulgação da boa musica e do bello canto. No proximo domingo inicia os seus espectaculos lyricos, com a representação do 3.º acto da «Tosca», posto em scena com todo o rigor de scenario, adereços e guarda-roupa. Faz acompanhar essa representação com um grande concerto symphonico d'uma orchestra de professores sob a regencia do talentoso music de 21 annos Accacio Santos. E este inicio de serões lyricos é precursor de grandes espectaculos, entre os quaes se esboça a representação integral d'uma opera com coros de amadores da povoação e um grande concerto de 120 executantes.

Ultimas noticias

A grande guerra

A politica do novo gabinete francez—Um voto de confiança

PARIS, 3.—Camara dos deputados.—Depois da leitura da declaração do governo foram discutidas as interpellações sobre a politica do gabinete. O sr. Briand, respondendo aos interpelladores, expoz a politica que o gabinete seguirá e affirmou que a paz só será feita depois da victoria completa dos francezes. A camara approvou que fôsse affixado o discurso do sr. Briand e approvou tambem por 515 votos contra um a confiança no governo.—(Havas).

General Pereira d'Eça

O «Ambaca» chega a Lisboa no dia 6

Por telegramma recebido hoje em Lisboa, sabe-se ter fundeado esta manhã no Funchal, o paquete «Ambaca», que traz a seu bordo o general sr. Pereira d'Eça e demais officiaes que regressam de Angola.

Se não houver qualquer transtorno, o «Ambaca» deve fundear no Tejo depois de ámanhã, de tarde.

Expedicionarios á Africa

DAKAR, 3.—Radio de bordo do «Zaire».—Os officiaes e soldados que seguem a bordo do «Zaire» estão bons e saudam suas familias.—(a) Barreiros Reis.—(Havas).

NOTAS DIVERSAS

No ministerio da marinha voltou a reunir esta manhã o conselho de ministros.

—Vae ser aposentado extraordinariamente o juiz de 1.ª classe sr. dr. Francisco Julio de Sousa Pinto.

—A camara municipal de Ribeira de Pena representou ao governo pedindo que sejam mandados continuar com brevidade os trabalhos de construcção da linha do caminho de ferro do Valle do Tamega.

—Pelo ministerio da justiça vae ser expedida uma circular a todos os estabelecimentos e secretarias dependentes do mesmo ministerio pedindo uma nota dos funccionarios que estão fora dos respectivos quadros.

—Foi extincto o posto de registo civil de Eiró e annexado ao posto da freguezia do Eixo, concelho de Aveiro.

—A direcção da Associação Commercial de Lisboa procurou hoje o sr. ministro do fomento para lhe pedir que seja auctorisada a exportação de algumas toneladas de feijão que não façam falta ao consumo. Pediu tambem para que se realisem melhoramentos no Tribunal do Commercio tornando as suas installações proprias para o fim a que se destinam.

—O sr. dr. Manuel Monteiro foi tambem procurado pelo sr. Castanheira das Neves, presidente do conselho de administração da exploração do porto de Lisboa, que ia com elle tratar de assumptos que se relacionam com a exploração do mesmo porto.

Escola Normal de Lisboa

Realisou-se a sessão solenne de abertura com a presença do sr. presidente da Republica

Como hontem pormenorisadamente annunciamos, realisou-se hoje na Escola Normal de Lisboa, a inauguração solemne do novo anno lectivo. Pouco depois das 15 horas, o sr. presidente da Republica, acompanhado pelos srs. Barreto da Cruz e Paula Pacheco, deu entrada no edificio da Escola sendo aguardado por todo o corpo docente e pelo sr. Queiroz Velloso, funccionario superior do ministerio de instrucção.

As creanças das Escolas Annexas e as do primeiro anno da Normal formavam em alas até á sala da recepção. Ao passar o sr. dr. Bernardino Machado, as primeiras creanças deitaram-lhe flores, ouvindo-se a «Portugueza» e interminaveis vivas.

Dada a presidencia ao sr. dr. Bernardino Machado que fica secretariado pelos srs. Queiroz Velloso e Thomaz da Fonseca, o orpheon entoa o hymno da Escola que hontem demos na integra, depois do que o director da Escola Normal, em breves palavras sauda o sr. presidente da Republica agradecendo-lhe a sua vinda ali, e relembrando todo o passado pedagogico do illustre lente da Universidade de Coimbra, cuja acção extraordinaria a favor da instrucção tem sido enorme. Demonstra depois graphicamente os progressos da Escola Normal com os dados que já hontem tambem publicámos, e termina por fazer um appello a Sua Ex.ª para que junto dos seus ministros continue olhando pelo progresso da instrucção.

Segue-se-lhe o sr. Albino Magno que em nome dos professores mais antigos sauda o sr. dr. Bernardino Machado. O mesmo fazem os srs. Thiago Salles e Moysés Legido que salienta as deficiencias da instrucção em Portugal e que espera do sr. presidente da Republica o auxilio indispensavel para o seu resurgimento.

O orpheon entoa de novo canções populares, depois do que o sr. Thomaz da Fonseca, encerrando a sessão, diz que deve estar a chegar o sr. ministro da instrucção que visitará o edificio ainda hoje. Ha vivas á Republica. O sr. dr. Bernardino Machado é acclamadissimo e acompanhado á porta por professores e alumnos, abandonando o edificio já depois das 16 horas.

A' sahida foi-lhe offerecido por uma alumna da Escola um lindo ramo de flores em nome das alumnas do 1.º anno.

O sr. ministro de instrucção que chegou minutos depois da sahida do sr. presidente da Republica, visitou minuciosamente o edificio, ficando optimamente impressionado com a visita.

O sr. tenente Paula Pacheco representava o sr. presidente do ministerio.

A repressão do jogo

Porque se não faz antes a sua regulamentação?

Pelo governo civil foi hoje fornecida á imprensa a seguinte nota:

«O sr. governador civil, para fazer terminar as consequencias desagradaveis, que se estão dando por motivo do funccionamento das casas de tavolagem, e que dia a dia chegam ao seu conhecimento, vae ordenar á policia a immediata e rigorosa applicação da lei, fazendo encerrar todas as casas de jogo».

Procurando informações mais detalhadas sobre essa determinação soubemos que, realmente, o chefe do districto tem recebido participações repetidas de casos de desfalques em estabelecimentos commerciaes provocados pelo jogo. Os donos das casas de tavolagem são, na sua maioria, hespanhoes, e para se avaliar a quanto montam os lucros que elles tiram da exploração d'aquelle vicio, bastará saber-se que a policia averiguou que ainda ha poucos dias seguiram para a Hespanha 200 contos provenientes de casas de jogo.

No emtanto, por mais severos que sejam as ordens de repressão dadas pelo sr. governador civil, a experiencia demonstra sufficientemente que é impossivel reprimir por completo o jogo. Ha-de jogar-se sempre. Sendo assim, como todos reconhecem que é, porque se não faz a sua regulamentação? Não era esse o melhor meio de impedir, pela constante fiscalisação das auctoridades, que se déssem os lamentaveis casos que teem chegado ao conhecimento do chefe do districto?

Victimas de 14 de maio

O sarau de domingo em S. Carlos

O maestro Fernandes Fão realisou hoje no theatro de S. Carlos o primeiro ensaio com os diversos artistas de instrumentos de corda que juntamente com a Banda da guarda nacional republicana, executam no proximo domingo o concerto musical n'este theatre, numero que está despertando o maximo interesse no nosso meio musical, por ser uma perfeita novidade. O intelligente emprezario sr. Lino Ferreira, a quem está entregue a organisação da parte dramatica, conta já com o auxilio dos distinctos artistas D. Maria Pia e Augusto de Mello, Antonio Pinheiro e Carlos Santos. Será representada a magnifica peça n'um acto «Primeiro beijo», original do distincto escriptor dr. Julio Dantas.

O actor Augusto Mello recitará um soneto original do nosso collega Mayer Garção, estando ainda reservadas diversas surprezas. A commissão promotora d'esta festa de beneficencia, a que preside o sr. governador civil de Lisboa, foi hoje convidar o sr. presidente da Republica a honral-a com a sua presença.

Vapor "Portugal"

Procedente dos portos de Africa, entrou hoje no Tejo o paquete *Portugal*, da Empreza Nacional de Navegação. A's 18 horas estava no Bom Successo recebendo a visita de saude, devendo atracar ao Caes da Areia pelas 19 horas.

O TRABALHO NACIONAL

Mobiliario estylo inglez e americano

Uma visita ás officinas de Gil Dias d'Assumpção —o primeiro artifice da especialidade

O inquerito que a *Capital* está fazendo á vida industrial portugueza, por meio de visitas ás principaes fabricas e officinas de Lisboa e Porto, presta o assignalado serviço de collocar o publico deante de verdadeiras revelações de energia e actividade nacional. Esse estudo está demonstrando á evidencia que em qualquer das duas grandes cidades existem iniciativas de trabalho industrial que surprehendem os que d'ellas tomam conhecimento e essa tarefa é bem necessaria para esclarecimento d'um povo que, por mau sestro, accusa de incapacidade os seus concidadãos e só considera acceitaveis os productos de proveniencia estrangeira.

Em Portugal ha incontestavelmente capacidades. Não se impõem nem brilham, porque geralmente sentem o horror do reclamo, sacrificando assim não só a sua personalidade mas até os mais legitimos interesses. As suas iniciativas, porque são dignas de apreço, porque revelam tenacidade, logram prosperar, mas esses progressos operam-se a passo lento, n'uma quasi ignorancia do publico, que continua a suppôr tudo feito lá fóra e, por isso mesmo, vae lançando sobre o trabalho nacional a mancha do descredito.

Em Lisboa, principalmente, é quasi preciso andar de lanterna accesa em busca d'uma d'essas iniciativas que nobitam o trabalho da mais accusada das cidades portuguezas. Porque essas iniciativas não existam? Nada d'isso. Porque esses infatigaveis trabalhadores occultam a sua obra, por vezes gigantesca, indifferentes ao ruido da publicidade. Para os surprehender torna-se necessario a indicação de um amigo e foi devido a uma intervenção d'essa natureza que nos puzemos a caminho das officinas do sr. Gil Dias de Assumpção, installadas no distante bairro da Estrella, occupando o antigo edificio das Casas de Trabalho, na rua do Sacramento á Lapa, n.º 35.

E' sobremaneira curiosa e interessante a existencia d'esta fabrica, que surgiu como que alimentada dia a dia pelo esforço inquebrantavel do seu proprietario.

Pouca gente conhece talvez de nome o notabilissimo artista, que rivalisa com os inglezes na construcção dos moveis modernos, nos confortaveis estofos, actualmente indispensaveis em todas as casas de luxo. Raros são, porem, os que desconhecem os seus productos, tomando pelo nome da firma a designação da fabrica: *Ulphoiterer & Cabinet Maker.*

Antes da iniciativa de Gil Dias os moveis inglezes e americanos que appareciam no mercado ou nas residencias principaes do paiz eram importados directamente.

O estylo moderno inglez com as suas linhas d'uma sobria elegancia, respirando commodidade e conforto, fortes como o povo que d'esse mobiliario se utilizava, revolucionou a arte do interior, que, a pouco e pouco, se assemelhava ao *home* tranquillo e feliz da Gran-Bretanha. Começava a decahir a decoração Luiz XV, os Henrique II e o proprio Imperio cedia terreno á concepção insular do arranjo architectonico e mobiliario da residencia de cada um.

As familias inglezas, estabelecidas em Portugal, não tinham aqui onde renovar ou adquirir os seus moveis e os portuguezes, conhecedores do movimento artistico mundial, se os queriam viam-se obrigados a recorrer ás officinas dos Mapples, dos Waringes, cuja reputação excedia já os limites do seu paiz.

Ninguem, entre nós, se abalançara a estudar a construcção d'esses preciosos moveis, que se impunham, por toda a parte, pela sua extrema simplicidade. Os que tentavam surprehender os intimos encantos d'essas peças de mobiliario, desistiam na impossibilidade de as reproduzir. Todas as imitações eram grosseiras, incapazes de produzir o mesmo effeito suggestivo e attrahente do mobiliario inglez.

Foi n'esta epocha de infructiferas tentativas, que Gil Dias metteu hombros á tarefa, como mestre estufador, chamando em seu auxilio um habil operario marceneiro. Começou os trabalhos, vae para vinte e dois annos n'uma modestissima officina, estabelecida n'uma *cave* da rua de Buenos Ayres. Artista por temperamento, comprazendo-se em vencer difficuldades, ao cabo de esforços intelligentes, conseguiu construir a primeira peça do mobiliario inglez, tão perfeita como o original. A pouco e pouco foi-se alargando a sua acção, construindo outras peças, recompondo aquellas que vinham parar á sua modesta officina, até que se incumbiu, com exito absoluto, d'uma mobilia completa para sala.

Triumphara, por fim, o trabalho nacional e tão brilhantemente que o artista, com justificado orgulho, pode accrescentar á sua firma commercial o titulo de *fornecedor da legação ingleza.*

* * *

Impenitentemente bairrista, como os seus triumphos de trabalhador se affirmaram n'aquelle pacato recanto da cidade, Gil Dias d'Assumpção, ha vinte e dois annos, que mantem a sua officina na Estrella, dirigindo cincoenta operarios de ambos os sexos, marceneiros, estufadores e costureiras.

As actuaes installações da fabrica são verdadeiramente modelares e o trabalho ali produzido não é uma simples copia servil dos originaes inglezes ou americanos.

Gil Dias não se deixou dormir á sombra dos primeiros successos. Logo que lhe foi possivel realisou a primeira excursão de estudo a Inglaterra, a França e á Allemanhã, não lhe escapando nm só dos *ateliers* e officinas dos principaes decoradores e constructores de moveis. Não viajando para se distrahir, mas para aproveitar e aprender, o artista portuguez recolheu, principalmente na Inglaterra, todos os elementos de estudo que o pudessem habilitar a substituir os moldes classicos pela sua inspiração. E, que o conseguiu, é facil de verificar pelos artisticos modelos que se encontram espalhados pelas principaes casas particulares de Portugal e nas salas destinadas á exposição, junto das suas officinas.

Annualmente, Gil Dias d'Assumpção visita a Inglaterra e a França, só o não tendo feito agora, por motivo do conflicto europeu. E' por isso que os moveis sahidos das suas officinas trazem sempre um cunho de actualidade que delicia o observador, que o encanta e que o surprehende.

O *Ulohosterer & Cabinet maker* é bem uma officina-escola. Os operarios que d'ali sahem para irem occupar situações de chefes de officinas d'outros estabelecimentos, foram discipulos de Gil Dias, que lhes ensinou o a b c da arte, que os dirigiu em todos os trabalhos, que os encaminhou em todas as hesitações do officio.

O activo industrial é, por isso mesmo, o primeiro operario da sua fabrica, estudando cada uma das peças de mobiliario, dirigindo a mão do official que a executa, n'um constante ensinamento, para que nenhum lapso de construcção ponha em risco as tradições artisticas da sua casa.

* * *

Visitámos as officinas á hora da laboração. Os machinismos movidos a electricidade animam o ambiente com o seu ruido caracteristico, aplainando ou serrando a madeira.

A porta principal leva-nos immediatamente á secção de marcenaria, officina ampla e arejada. A' direita, passando o jardim, a secção de estufadores e no lado opposto, as salas de exposição com o mobiliario que espera a visita do cliente. No pavimento superior os *atelier* das costureiras, auxiliares dos estofadores.

Gil Dias d'Assumpção captivante acompanha-nos na visita, deixando o seu vasto gabinete de estudo, onde conserva a seu lado, como collaboradores, os filhos mais velhos: um artista, que esboça algumas peças do mobiliario e outro que se dedica á escripturação commercial e que é o guarda-livros da fabrica.

Por sobre a meza de trabalho os planos d'um lindissimo velador, encommenda da sr.ª ministra de Inglaterra para completar o mobiliario de uma das suas salas e os traçados de varias peças que vão substituir o mobiliario do Club Tauromachico, destruidas por occasião do movimento revolucionario.

Em quasi todas as officinas o trabalho actual é constituido por essa encommenda.

Vistas as diversas secções productoras, entramos nas salas de exposição. A arte do mobiliario inglez e americano está ali admiravelmente representada, com as suas secretarias, as suas estantes de livros, as amplas e commodas poltronas, as mezas, as cadeiras estufadas, tudo com um certo ar de beatifica tranquillidade, convidando ao repouso, como se cada um d'esses moveis tivesse o dom hypnotico, convidando-nos a descansar, a dormir.

Como tinhamos visitado, antecipadamente, a exposição dos productos da fabrica da rua de Buenos Ayres n.º 35, despedimo-nos de Gil Dias d'Assumpção, felicitando-o pela sua obra que honra o paiz e que repelle da cidade Lisboa o labeu de inimiga do trabalho e de incapaz de um esforço industrial, agradecendo-lhe ao mesmo tempo, o prazer espiritual que forneceu o estudo do seu mobiliario, digno de figurar em exposições officiaes, como admiravel manifestação de arte decorativa.

SPORT

E o progresso accentua-se apesar de tudo...

O «sport» caminha, progride e tenta aperfeiçoar-se. Caminha lentamente? Sim, mas vae radicando-se nas camadas populares e interesasndo collectividades scientificas, associações operarias e municipios. Esses beneficos resultados devem-se á insistente e persistente propaganda da imprensa.

A Camara Municipal de Lisboa quer melhorar o seu programma de ensino de gymnastica nas escolas primarias e vae, n'um proximo concurso, que esperamos ver moldado ás exigencais pedagogicas, escolher o inspector d'esse serviço.

Agora recebemos a noticia de que a Camara Municipal de Coimbra resolveu conceder um premio pecuniario para o torneio de lucta greco-romana, que n'aquella cidade se realisa no mez de dezembro e no qual se disputa a «Taça Coimbra». Este facto documenta que os municipios vão olhando para a educação physica e para os problemas de cultura physica como factores de educação do povo. A camara de Coimbra evidentemente que procedendo assim, auxilia a propaganda d'um exercicio athletico, que é dos mais praticados n'aquella cidade. Coimbra tem collaborado em todos os certamens de amadores de lucta greco-romana e tem visto alguns dos seus athletas honrados com titulos de campeões, quasi todos elles da escola d'um mestre obsequioso, que é uma notabilidade no athletismo mundial. Referimo-nos a Cesar de Mello, que, continuando brilhantemente os seus estudos de medicina, continua auxiliando os amadores de lucta greco-romana com os seus conselhos e as suas lições de technico.

São estes e outros factos, que mostram que a causa do «sport» progride apesar de tudo e de todas as questiunculas, más vontades e vaidades insatisfeitas...

Nota do dia

Os Inglezinhos jogando com os «footballers» portuguezes

Não resta duvida que foi na convivencia dos jogadores de Carcavelos e dos Inglezinhos que os nossos jogadores de «foot-ball» aprenderam o jogar o pouco ou muito que sabem do «association». N'estas circumstancias, tornava-se conveniente, necessario mesmo, que essa convivencia se radicasse e se mantivesse.

Sabemos que o Carcavelos está filiado na Associação de Lisboa, circumstancia que permitte a realisação de «matchs» amigaveis, onde se aprende muito embora o grupo seja forte ou fraco.

E os Inglezinhos? Porque não se realisam contra elles esses desafios amigaveis? Dizem-nos que não estão filiados mas quem nos informa, accrescenta que n'uma «acção diplomatica», que não seria difficil, esses jogadores inglezes consentiriam n'essa filiação. Sendo assim, porque se não faz? Os resultados haviam de ser forçosamente productivos. E quem podia tentar essa filiação? Evidentemente os novos directores da Associação de Lisboa, que mostram evidentes desejos de acertar e de progredir e que, em breve, hão-de, seguramente, dar essa bella noticia aos homens portuguezes de sport.

Algumas anecdotas

«E eu sou Wolseley...» respondeu o official

Lorde Roberts e lord Wolseley são dois nomes que todo o inglez conhece. Ambos foram bons amigos do «sport». Wolseley foi até um apaixonado do «box», chegando a fazer a propaganda da arte do murro em discursos e conferencias, sempre muito concorridas de ouvintes, porque a reputação do grande guerreiro e ex-commandante em chefe do exercito britannico é extraordinaria nas classes populares.

Uma vez passou-se entre os dois o seguinte caso. O celebre marechal Roberts afirava com arma de guerra n'um concurso no campo de tiro de Bisley. Com grande descontentamento verificou que o agrupamento no alvo era mau. Desesperado agarrou no telephone que ligava com as linhas de fogo e disse para o official encarregado da marcação:

—Veja lá como faz o seu serviço. Com certeza que não dá attenção aos tiros!...

—Não se póde fazer melhor, respondeu seccamente a voz.

—Você sabe com quem está falando? perguntou lord Roberts.

—Não, declarou o official.

—Sou lord Roberts.

—E eu sou lord Wolseley, foi a resposta.

Noticias

Entre nós

Foot-ball na Amadora

No proximo domingo iniciam-se os treinos dos dois novos «teams» de «foot-ball» da Amadora, já no amplo campo que os Recreios Desportivos alugaram para que os dois grupos possam aperfeiçoar-se n'esse exercicio athletico.

Grupo Sporting Nacional

Para commemorar o seu 4.º anniversario começam no proximo domingo, 7, pelas 15 horas, na cerca do antigo convento dos padres, calçada de Arroyos, 38, as provas seguintes:

Campeonato de pesos e alteres, saltos á vara, saltos em comprimento com e sem balanço, saltos em altura com e sem balanço, corrida de pucaras em bicicleta e saltos em trampolim. As inscripções para as provas acima encontram-se abertas até sabbado ás 23 horas, na séde do grupo, calçada de Arroyos, 38.

Corridas ciclistas no Stadium

Os organisadores do grande festival de beneficencia que se projecta realisar no proximo domingo, 14, no velodromo do Stadium, estão agrupando elementos que hão de transformar o espectaculo n'um dos mais bellos dos ultimos tempos. O programma inclue, por exemplo, nova corrida entre um tandem e uma bicicleta, corridas entre profissionaes velocipedicos, corrida entre amadores, uma grande prova de grossas motocicletas e a repetição da interessantissima corrida de bicicles, que no ultimo espectaculo do Stadium foram a mais interessante nota attractiva.

Educação fisica

Está já em pleno funccionamento a Escola de Educação Physica, á frente da qual estão, como é sabido, os srs. Silveira Ramos e Carlos Veloso, officiaes do nosso exercito e duas auctoridades em equitação, ramo de «sport» em que mais directamente intervéem na escola. Além dos cursos de equitação, funccionam ali classes de gymnastica sueca, de esgrima, de jogo de pau, de patinagem, etc.

Aos domingos e quintas ha reuniões elegantes de patinagem, e por vezes se dão reuniões particulares seguidas de baile. A séde é na rua da Escola Polytechnica, 60.

MUSICA DE CAMARA

Os trios de Beethoven

Tem começo no proximo dia 18, nas salas do Automovel Club de Portugal, a serie de apresentação integral dos celebres *trios* de Beethoven, que serão executados pelos trez distinctos artistas Rey Colaço, Julio Cardona e João Passos.

As audições serão ás quintas feiras, nos dias 25 do corrente e 2, 9 e 16 do proximo mez de dezembro. E ainda os programmas offerecerão a cooperação da sr.ª D. Alice Rey Colaço, que no intervallo de cada dois trios, cantará as celebres *Canções escocezas*, com acompanhamento de piano, violino e violoncello (original) ou, em algumas, com o de um côro mixto.

Colyseu dos Recreios

Sanz, o celebre ventriloquo

Está toda a gente anciosa por vêr o admiravel Sanz, que depois d'ámanhã se estreia no Colyseu, exhibindo a sua extraordinaria e emocionante collecção de automatos, que irá apresentando successivamente. Assim, na primeira noite, o publico tomará conhecimento com os hilariantes Juanito, o papagaio palrador, D. Edviges e Panchito, que são de um comico irrestivel.

Sanz não tem hoje rival no seu genero, sendo o artista que melhor e mais ricamente o apresenta. Os seus bonecos são verdadeiros modelos da mais aperfeiçoada mechanica.

Ha já muitos logares vendidos para a recita memoravel de sabbado.

No programma do espectaculo de hoje apresentam-se as grandes celebridades da companhia, estando a dar as ultimas representações o commovente mimodrama *Vingança de feras.*

seus paes, residentes em Toronto:

«O Tommy inglez é esplendido. E' cheio d'astucia para o inimigo, conhece toda a especie de emboscadas, não ha meio de o illudir e é um combatente de primeira ordem. Foi uma revelação para mim vêr o que elle é realmente».

Vê-se d'aqui que ambos os soldados se julgavam mal e que o contacto que entre elles se estabeleceu os levou a conhecerem-se melhor.

Sir John French escreveu no dia 3 de março ao duque de Connaught:

«As tropas canadianas chegaram á frente e desejo communicar a vossa alteza que causaram a maior impressão em todos nós. Passei-lhes cuidadosa revista no fim d'uma semana d'aqui estarem e fiquei muito bem impressionado pela magnifica apparencia dos homens.

«Depois de duas ou tres semanas de treino preliminar nas trincheiras, occuparam agora a sua linha propria e tenho a maior confiança na sua capacidade para fazerem bom serviço».

Essa impressão favoravel causada pelos homens encontrou echo em todos os peritos militares. Os soldados canadianos distinguiram-se desde principio pelo seu elevado espirito, pela sua enthusiastica energia e pela sua resolução.

As relações entre os officiaes e os homens canadianos pareciam extraordinariamente livres e difficeis de manter em exercitos europeus. Uns e outros muitas vezes, nas trincheiras, tinham umas certas liberdades que pareciam estranhas aos habituados a uma severa disciplina. Mas ha a attender que, na vida particular, o simples soldado occupa muitas vezes tão boa posição como o seu capitão. Mas essa liberdade não impedia que se mantivesse a boa disciplina e a maior obediencia. Ao contrario.

Uma unica differença havia entre officiaes e soldados no campo de batalha, differença que difficilmente se encontra nos exercitos continentaes: a emulação de qual d'elles havia de occupar o logar mais perigoso. «Os nosso officiaes tomam-nos sempre a deanteira», dizem os soldados canadianos. E contam como um coronel avançou á frente dos seus homens, levando apenas uma bengala na mão, n'uma das mais desesperadas cargas da guerra.

Conta-se ainda que um outro official, quando estava sendo curado pelo seu impedido e que o fogo sobre elles concentrado parecia ir reduzil-os a migalhas, accendeu socegadamente o seu cigarro e passou-o ao soldado que estava a seu lado, para este tirar uma fumaça. E como estas muitas outras historias se narram.

Em Festubert, um capitão ia á frente dos seus homens, os quaes só podiam seguir em fila indiana. Ao chegarem ao ponto mais perigoso, o official encarregado de dirigir os soldados lança-bombas adeantou-se apressadamente, dizendo:

—Peço-lhe desculpa, capitão, mas os soldados lança-bombas são sempre os primeiros.

E antes que o official o mandasse recuar, correu para a frente.

Tal era o typo do soldado canadiano.

Quando carregavam o inimigo soltavam toda a especie de gritos, até lhes ser ordenado silencio. «Quando carregavamos contra a eminencia no bosque occupado pelos allemães além de St. Julien—conta um soldado — alguns berravam, outros guinchavam, fazendo um barulho tal que podia ser ouvido á distancia de oito ou nove kilometros. Durante um momento chegou a não ouvir-se o troar da artilharia».

Uma outra qualidade dos canadianos que attrahiu muito as attenções foi os recursos de que eram dotados. Muitos soldados haviam sido caçadores no oeste, outros mineiros. Alguns estavam familiarisados com todas as emboscadas dos bosques. Eram ferteis em disfarces, desenvolviam recursos de que ao vêl-os se não suspeitariam capazes e attrahiam o inimigo, por meio de ardis, á sua frente.

Os lança-bombas canadianos e os

o regimento da Princeza Patricia a fazer ali do que conservar-se nas suas linhas, esperar e soffrer. Todos os homens validos foram chamados ás trincheiras. Os allemães, suppondo que o seu bombardeamento tinha dado resultado, deram um assalto.

O general Zoppi

Os canadianos que haviam ficado vivos avançaram contra elles e repelliram-nos, o que não impediu que os allemães ainda se pudessem apoderar d'algumas metralhadoras.

Do quartel general foi ordenada uma retirada, em virtude da posição ser desesperada. O major Gault, quando estava animando os seus homens e dando-lhes o exemplo da coragem e do sangue frio, foi attingido pelos estilhaços d'uma granada e gravemente ferido no braço esquerdo e no tronco. Havia muitos feridos e mortos na trincheira. O commando foi assumido pelo tenente Niven.

O fogo allemão redobrou de intensidade. A artilharia pezada apoiava a de campanha. Parecia que toda a linha ia ser anniquilada. A's nove horas o fogo diminuiu de violencia, e a infantaria allemã de novo tentou tomar a posição de assalto.

Os homens que restavam do regimento da Princeza Patricia bateram-se valentemente e com fuzilaria e metralhadoras conseguiram repellir os assaltantes mais uma vez, pelo que o bombardeamento recomeçou, estando dentro em pouco as metralhadoras enterradas no meio dos escombros causados pelas granadas. Com uma tenacidade digna de admiração, os homens que estavam illesos tornavam a montar as que não haviam sido destruidas e a servir-se d'ellas. Uma foi tres vezes desenterrada e posta em acção, até que uma granada a destruiu.

O combate durou desde o romper do dia até á tarde. Logo ao começo, apenas restavam quatro officiaes illesos, todos elles tenentes. Pelo meio dia, as munições estavam quasi exgotadas. Meia hora depois, quando a lucta era ainda desesperada, um destacamento da Brigada de Fuzileiros foi reforçar os combatentes. Trazia esse destacamento uma secção de metralhadoras e os dois regimentos formaram n'uma só frente.

Mais tarde um destacamento da Shropshire Infantaria Ligeira do Rei chegou, trazendo vinte caixões de munições para a infantaria. A provisão veiu na devida altura, porque as munições estavam exgotadas.

Mal haviam as desmanteladas linhas sido refeitas quando os allemães deram um terceiro ataque. Foi o mais violento de todos, chegando alguns dos assaltantes a penetrar em pontos onde homens do regimento da Princeza Patricia haviam sido mortos.

Eram, porém, poucos e foram facilmente repellidos, tendo egual sorte os seus camaradas, devido ao fogo das linhas inglezas.

A's 10 horas da noite, os dois officiaes que restavam, tenentes Niven e Papineau, fizeram a chamada. Apenas cento e cincoenta homens e alguns maqueiros responderam á chamada. N'essa mesma noite o batalhão foi rendido pelos Reaes Fuzileiros do Rei. Antes de retirar, o regimento da Princeza Patricia, auxiliado por homens dos outros regimentos, juntaram, tanto quanto foi

possivel, os corpos dos seus mortos.

A testemunha ocular canadiana, sir Max Aitken, n'um eloquente telegramma, diz a tal respeito:

«Além das arruinadas trincheiras, á luz dos projectores allemães e entre o incessante crepitar da fuzilaria, os que vinham rendel-os e os rendidos combinaram prestar a ultima homenagem que um soldado póde prestar a outro.

«Por detraz das brechas escancaradas das trincheiras, de cabeça descoberta, tudo o que restava do regimento se conservava firme emquanto o tenente Niven, hasteando firmemente a bandeira do regimento da Princeza Patricia, batida, ensanguentada, mas ainda intacta, dizia em vóz alta tudo o que lhe lembrava do officio que a egreja ingleza reza pelos mortos.

«Muito tempo ainda depois d'essa solemne cerimonia ter terminado o batalhão ficou mergulhado em fundo devaneio, não podendo, ao que parecia, abandonar os seus camaradas, até que o coronel do 3.º Reaes Fuzileiros do Rei lhes ordenou que retirassem. Então, sob o commando do tenente Papineau, retiraram, na força de cêrca de 150 homens, para as trincheiras de reserva».

O primeiro contingente canadiano esteve na Inglaterra até fevereiro de 1915. As maiores precauções foram tomadas para a viagem para França ser feita com toda a segurança.

Sabia-se que os allemães se estavam preparando, empregando todos os esforços, para torpedear os transportes. O contingente soube que ia ser mandado para o acampamento além de Rouen e d'ahi, apoz o competente treino, para a fronte.

Os regimentos sahiram de Salisbury Plain uma noite como se fôssem para uma marcha militar. Mas em vez de voltarem dirigiram-se para um ponto da costa occidental. Os transportes fizeram uma grande rodeio e emquanto os submarinos allemães, rodando em volta do Havre, aguardavam a sua preza, os navios que levavam as tropas, navegando em pleno Atlantico, davam uma volta e fizeram o desembarque na bahia de Biscaya. Alguns dos transportes levaram quatro ou cinco dias n'uma travessia que em linha recta podia ser feita em poucas horas. Todo o contingente chegou a são e salvo.

Ao desembarcarem em França, os canadianos tiveram uma agradavel surpreza. Não tiveram de esperar em acampamentos-bases. Enormes pilhas de agasalhos haviam sido accumuladas proximo dos caes. Cada companhia parava junto de uma d'ellas e os homens eram providos dos agasalhos necessarios. Foram depois conduzidos directamente para comboios que os levaram atravez da França para a Flandres.

Na Inglaterra haviam sido muito discutidas as qualidades combativas dos canadianos. Tinha havido muitas queixas ácêrca da sua falta de disciplina. Quantos resistiriam á vida das trincheiras da fronte? Os tacticos, os que conheciam bem as suas qualidades, não tinham duvida alguma ácêrca do que seria a resposta, e a sua confiança foi immediatamente justificada.

A apparencia physica, o equipamento e a disciplina dos canadianos quando chegaram ás linhas britannicas na Flandres causaram geral admiração. Toda a sua orgnisação militar, tanto de administração como de transportes, estava magnificamente montada.

Uma unica parte do seu equipamento levantava criticas: a espingarda. O contingente estava armado com a espingarda Ross, arma feita no Canadá.

Annos antes houvera grande questão entre as auctoridades inglezas e as canadianas, julgando-se no Canadá que a Inglaterra tentava rejeitar essa arma por ella ser fabricada fóra do Reino Unido. Velhos soldados que examinaram os canadianos expressaram receios de que a espingarda Ross, uma das melhores armas de repetição em tempo de paz, era demasiado fina para o tumultuar da guerra.

Em breve se verificou que assim era e as auctoridades britannicas substituiram o armamento canadiano pela espingarda ingleza.

Muita gente em França suppunha que o contingente se compunha em grande proporção de indios vermelhos, caçadores das florestas e guardadores de rebanhos ou «cowboys», como em Inglaterra e na America se lhes chama. Conheceram a verdade depois dos artigos que afamados escriptores francezes escreveram apoz a sua visita ás linhas canadianas.

Mauricio Barrès, por exemplo, fez uma descripção encantadora com os dados que lhe havia fornecido um soldado indio vermelho que acabava de morrer, como o ultimo dos Mohicanos, pela honra do seu povo, e as choupanas construidas pelos indios na Flandres trouxeram-lhe á mente as aldeias dos indios americanos dos velhos tempos.

A maior parte dos membros do primeiro contingente canadiano eram mancebos inglezes que haviam vivido durante algum tempo no Canadá; apenas muito poucos descendiam de indios americanos e eram homens que viviam em condições europeias. Muitos dos soldados vinham das cidades: empregados bancarios, ferro-viarios, empregados publicos e de commercio. Quasi todos os officiaes antes de rebentar a guerra eram empregados no commercio, na finança ou de profissões liberaes.

Havia, é certo, uma certa proporção de caçadores e de mineiros nas fileiras. Em breve os caçadores mostraram a mesma habilidade que tinham ao apanhar animaes, caçando agora os allemães. Os mancebos do Canadá, descendentes de inglezes ou de canadianos, os descendentes dos francezes de Quebec ou os dos fazendeiros do Oeste, mostraram ter um vigor e uma abundancia de recursos pouco vulgar.

A população do Canadá tem uma vida ao ar livre. Em muitos logares ha caça de variada especie ao alcance até dos mancebos dos mais modestos meios de fortuna. As florestas do Canadá Oriental e de Rockies forneceem opportunidade para uma vida que para muitos homens da Europa seria impossivel.

Os canadianos são uma raça sobria e que se alimenta bem; ingerem menos alcool do que qualquer outra parte do povo britannico, com excepção talvez dos novos-zelandezes; a pobreza como ha nos grandes centros da Europa é ali muito rara e os filhos dos camponezes teem abundancia de alimentos sãos.

A vida do povo é extremamente simples. Nas grandes cidades, especialmente em Toronto, grande parte das classes dirigentes pregam contra o que é baixo, mizeravel e indigno, levando atraz de si uma grande corrente de opinião publica.

Quando o contingente canadiano chegou ás linhas inglezas em breve se manifestaram as qualidades que acabamos de citar. O physico dos soldados era assumpto de commentarios geraes. Egualmente notaveis se tornaram os recursos de que eram dotados. Foi-lhes dado um certo tempo para preparação, sendo mandados para as trincheiras com as companhias inglezas, a fim de aprenderem o modo especial de ahi se luctar.

Uma camaradagem intima se estabeleceu em breve entre elles e os regimentos inglezes, camaradagem que se estreitou cada vez mais. O soldado inglez do exercito regular ouvira dizer, com certo despeito, que os soldados canadianos recebiam quasi cinco shillings por dia, ao passo que elle recebia um ou dois pence. O soldado canadiano esperava encontrar no soldado inglez apenas um automato. Em breve descobriram um e outro o que realmente valiam.

«Pensei cem vezes mais no Tommy—nome por que é cognominado o soldado inglez—do que o tinha feito até então»—escreveu um canadiano.—«Os poucos dias que passei nas trincheiras com um regimento britannico foram uma revelação para mim».

Um outro mancebo escrevia a

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1387 — 6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 5 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

França Borges

Uma segunda edição do «Mundo» dá hoje ao publico a triste nova do fallecimento do seu director, e fundador, o sr. França Borges, e se é certo que essa noticia não surprehendeu os que já sabiam o melindroso estado em que o illustre republicano se encontrava, não é menos certo que o facto de ser esperado esse tristissimo desenlace de fórma alguma diminue a impressão profundissima que a sua morte necessariamente teria de suscitar.

Com effeito, o desapparecimento do jornalista audaz, vigoroso, impreterito na defeza do seu ideal e na dedicação á causa que o consubstanciava; do homem que atravessou os annos mais difficeis da propaganda republicana, conseguindo, por um milagre de energia, conservar-se de pé, sobre uma barricada do pensamento, tornando o seu jornal como que a bandeira da Republica, e representando, póde dizer-se, elle só, toda a vitalidade partidaria n'essa epoca de tão incerto futuro; do defensor de principios que, como nenhum outro, depois da implantação da Republica soube provar a sua isenção, não occupando nenhum logar do Estado, não acceitando nenhuma distincção, embora tanto a merecesse, não recebendo sequer o seu subsidio como deputado, e que, apesar das suas affinidades pessoaes e politicas com um partido da Republica, nunca quiz que o «Mundo» fôsse o orgão official d'um partido, porque sempre considerou que elle fôra feito pelo esforço de todos os republicanos e legitimamente lhe coube a gloria de ser o orgão da Republica,—o desapparecimento d'esse grande cidadão não podia nunca deixar indifferentes, não só o partido em que militava, mas a Republica e o Paiz.

Recordar a sua vida é recordar horas que não esquecem de ideal fervoroso e desinteressado, servido atravez de todos os sacrificios e de todos os perigos. França Borges morreu novo, com quarenta e quatro annos apenas, se não estamos em erro. Pois póde dizer-se que viveu um seculo, pelo gasto assombroso das suas energias, dos seus nervos, em defeza dos principios republicanos. Discipulo amado de Alves Correia, que o educou na escola da tenacidade e do trabalho, fulminou-o, como a elle, novo tambem, a tuberculose que traiçoeiramente invade estes organismos de excepção, empenhados n'uma obra titanica que os não deixa attender á sua propria conservação. Quem conheceu esse tempo de asperas luctas, quem recorda o que foi o «Mundo» n'esses dias dolorosos e heroicos, é que póde avaliar o que foi o esforço de França Borges, não desesperando nunca, resistindo sempre, debatendo-se muitas vezes no vacuo, mas jámais abandonando a sua esperança immortal de triumpho, a sua certeza, radicada nas raizes da alma, de que a Republica havia de ser um facto, de que a Patria havia de se redimir.

A abstenção eleitoral de 1894 enfraquecera extraordinariamente o partido republicano. Não havia mais do que uma organisação nominal. Em Lisboa, que sempre foi o foco do republicanismo mais ardente, que outr'ora se encontrava povoada de «clubs», já não havia senão um, e modestissimo: Centro Rodrigues de Freitas, installado n'uma pequena casa do Arco de Santo André. A vida partidaria era nulla. Foi n'estas condições que França Borges fundou o «Mundo». Nunca o valoroso jornalista disse quanto soffreu para o manter, mas difficilmente, na existencia dos publicistas politicos, se encontrarão horas mais amargas e angustiosas.

Não era só um publico sufficiente que faltava ao «Mundo» para elle se poder manter, mesmo difficilmente. As perseguições de que França Borges foi alvo durante a monarchia foram continuas e implacaveis. Um dia, se não nos enganamos, o intrepido jornalista fez um relato das queixas, das suspensões, das apprehensões do «Mundo». Pois chegou uma pagina do seu jornal! Duas vezes foi suspenso, por um mez, por occasião da dictadura franquista. Já anteriormente havia sido encerrado a «Patria», que o antecedera, e de que França Borges era tambem director. A redacção e administração do jornal andou por quartos de aluguel. De manhã estava n'uma parte, á noite n'outra, porque a policia, mal sabia que França Borges se achava n'uma mesa para escrever, immediatamente intimava a sua sahida, e lacrava as portas d'esses domicilios particulares. A' fundação do «Mundo» resolveu-a França Borges, com alguns amigos, ao ar livre, n'um jardim publico.

Se esta lucta d'um homem só contra todos os poderes do Estado se travasse, tendo esse homem ao seu dispor, importantes capitaes, um grande numero de collaboradores e amigos, ella seria notavel, mas não revestiria o caracter excepcional que a singularisava, porque França Borges era pobre, luctava só com os seus recursos, e no maior auge das perseguições monarchicas, mal tinha com que occorrer á publicação de dois ou tres numeros do seu jornal. Era, porém, n'essas occasiões que o seu admiravel temperamento de combatente mais se revelava. Frio, concentrado, decidido a tudo, a sua energia não pode dizer-se que fôsse de aço, porque esse, embora não quebre, dobra; era de bronze, porque nada a conseguia vergar. Esse exemplo de tenacidade rara, de impassibilidade e firmeza absolutas, deu-o já quando, ainda simples redactor da «Lanterna», uma cilada monarchica esteve a ponto de o arremessar degredado, para Timor, como anarchista perigoso, conservando-o, ainda assim, mais de dois mezes preso no Limoeiro.

Ha na fé d'estes homens alguma coisa que é a particula sagrada de um ideal. Por isso mesmo elles são forças nas sociedades. No dia em que se proclamou a Republica, França Borges teve a paga esplendida de todo o seu esforço. A noite inteira passara-a elle, no seu gabinete, ouvindo o troar do canhão, e bradando a todos, vehemente, irritado, colerico, contra a mais simples duvida no triumpho, a sua convicção inabalavel n'esse triumpho.

Foi violento? Foi intransigente? Foi rude? Pense-se em que não podia ser mais rude, mais violenta, a campanha em que elle entrou e em que por vezes teve de combater quasi sósinho, armado apenas com a sua penna. Mas ninguem póde affirmar que elle foi uma só voz desleal, ou traiçoeiro. Nem nunca o seu coração se desmentiu. Ainda os seus mais ferrenhos inimigos reconheciam que elle era dedicado, até ao fanatismo, aos seus amigos, defendendo-os atravez de tudo. E aos seus inimigos, que mal fez? Quem é que elle perseguiu, de quem é que se vingou, quando as circumstancias o tornaram uma das maiores forças da Republica triumphante?

E' insuspeita a «Capital», falando assim do illustre jornalista republicano que acaba de desapparecer. Por vezes a sua orientação divergiu da nossa. Isso não impede que lhe prestemos a nossa homenagem, traduzindo um profundo pezar, e acompanhando o «Mundo» na magoa que o punge pela perda do seu director e a familia que elle estremecia na inconsolavel dôr que a martirisa. A morte de França Borges representa, já o dissemos, uma perda para a Republica e para o Paiz. Cidadãos, como elle o foi, não desapparecem sem que sangrem as sociedades a que pertenceram e que dedicadamente serviram.

Migalhas

O tal

Recordam-se que ha tempos, tendo o gabinete Viviani pedido um voto de confiança, obteve-o por votação quasi unanime. Só um deputado votou contra. Agora apresenta-se o gabinete Briand. O presidente faz um discurso brilhante, diz coisas que empolgam a Camara e a põem de pé. Vae-se a votos e todos lhe affirmam a sua confiança... menos um. De mim para mim estou convencido que é o mesmo da outra vez. Já quando foi da primeira nega lhe disse n'esta secção coisas bastante desagradaveis. Pois o raio do homemsinho não tem emenda. Torna a votar contra, a ser o desmancha prazeres da união sagrada para a qual convergem todos os esforços dos patriotas.

Pois seria bom que se soubesse quem é esse tal um, que viesse o retrato d'elle nos jornaes para que emfim fossemos informados de como é feito esse cavalheiro cuja especialidade é scismar o contrario do que os outros pensam. Esse diabo deve ter ascendencia portugueza. Se trepassemos pela sua arvore genealogica acima, lá iriamos encontrar empoleirado n'uma ramada transversal um d'estes caturras luzitanos, que teimam, teimam e, quando se lhes pergunta porquê, respondem á falta de melhor razão e como as creanças pequenas: —«Porque não». Que tal está o da raheça? Que lhe custava dizer que sim, que o nosso correligionario Briand tinha falado bem e direito? Embirrou que havia de votar que não e foi d'ahi para casa convencido de que tinha realisado um prodigio. Provavelmente mandou fazer bilhetes de visita com a menção:

—«Fulano, unico que não esteve de accordo» e preparou n'esse sentido o distico do seu mausoléu. Então hein? Não querem lá ver o Tal?

André Brun

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 5. — Official. Repellimos ataques contra Enguiso Malgazureg Pontafel e Zagosa. Nas colinas a noroeste de Goritz combatemos com alternativas diversas, exercendo pressão sobre varias posições inimigas. No Carso tomámos de assalto varias trincheiras tomando duas metralhadoras vario outro material de guerra e fazendo uns cem prisioneiros.—(*Havas*).

UMA INSTITUIÇÃO PARADA

LISBOA, — PORTO FRANCO

O seu desenvolvimento contribuiria para solucionar a crise operaria

A tentativa do porto franco em Lisboa, chamemos-lhe assim, pelo facto de não ter dado ainda aquelles resultados praticos, que seria para desejar, nem por isso deve deixar de merecer a nossa especial attenção. Muito pelo contrario. E' justamente porque a realidade tem illudido as nossas legitimas esperanças que convém estudar detidamente as causas do seu insuccesso, procurando remedial-as tanto quanto possivel.

N'este proposito voltámos a procurar o sr. Adriano Telles, para que nos facultasse alguns minutos de attenção, roubados aos multiplos trabalhos por que se divide a sua infatigavel energia.

As nossas primeiras palavras, ao approximar-nos do activo commerciante, são as de pedido de desculpa pelas gralhas que esmaltam a nossa ultima palestra e que, em certos pontos da nossa conversação, alteram sensivelmente o seu pensamento. Assim, sahiu em *A Capital* que os industriaes e commerciantes que importam productos do Brazil, que ficam com essas mercadorias no porto franco, precisam estar habilitados a satisfazer aos agricultores e industriaes brazileiros 50 a 70 por cento do valor das mercadorias, quando é certo e todos os negociantes o sabem que o avanço sobre as referidas mercadorias é sempre de 70 e 80 por cento.

Um dos pontos da nossa entrevista que, sahiu tambem alterado, é aquelle que se refere á producção do café brazileiro. Ahi o lapso é facil de comprehender, visto que a producção do café se avalia por milhões de saccos e não por milhares, como algumas vezes n'essa entrevista se diz.

O sr. Adriano Telles desculpando essas ligeiras alterações ás suas palavras, facilmente justificaveis na lufa-lufa d'um quotidiano, affirma de novo, que o porto franco necessita para o seu natural desenvolvimento, em primeiro logar d'uma navegação com a bandeira do paiz e, depois, d'um credito sufficientemente forte para fazer face ás exigencias commerciaes. Essas são, incontestavelmente, as condições primordiaes ao exito d'um porto franco.

Quanto á possibilidade de transformar Lisboa n'um verdadeiro emporio mercantil, nenhuma duvida lhe resta, apezar do insuccesso do actual porto franco. Teve sempre essa opinião, que expressou no preambulo d'um album da sua casa, em data de 1907, onde affirma que, o futuro Lisboa será o caes da Europa, para os passageiros do Atlantico e o entreposto commercial entre o velho e o novo Mundo.

As actuaes circumstancias, em que vive o porto franco, ainda não abalaram a sua convicção. Crê que mais cedo ou mais tarde, se constituirá a linha de navegação nacional e que o credito indispensavel virá tambem contribuir para o desenvolvimento d'essa patriotica empreza.

A importação do Brazil, accrescenta o nosso amigo, encontra já no Banco Ultramarino, um excellente collaborador, principalmente depois que essa casa bancaria estabeleceu as suas succursaes em Santos e Rio de Janeiro. O Banco Ultramarino tem realisado operações sobre mercadorias armazenadas relativamente importantes, mas insufficientes para attender ás necessidades do porto franco, em sua completa expansão. O credito necessario para esses casos deixa de ser de centenas para attingir alguns milhares de contos.

O porto franco precisa tambem de local apropriado, isto é com a vastidão de terreno compativel com o seu desejado desenvolvimento. O Brazil por si só, com a sua larga exportação de café, assucar, barracha, piassaba e outros productos, requer um espaço amplo e dilatado. Em condições de prosperidade, que é legitimo suppor ao nosso porto, contando com a passagem de 3 milhões de saccas de café pelos nossos caes, só para esse producto se necessita uma boa porção de terreno.

N'esse espaço, de que é facil fazer ideia, attendendo á quantidade do producto, seria preciso construir vastos armazens de deposito e officinas de rebeneficiamento. Bastava a importação do café, para dar que fazer a centenas de pessoas, tanto mais que a mão d'obra é aqui mais barata do que no Brazil. Seria no porto franco que o café brazileiro soffreria as operações necessarias, para que elle tomasse o typo preferido nos mercados consumidores. Essas operações são: a catação manual e mechanica, a brunição, a coloração, a lotação e o novo ensaque.

Na catação, principalmente, podiam ser empregadas muitas mulheres e creanças que actualmente, exercendo a mendicidade, dão a esta cidade um aspecto bem pouco lisongeiro.

Esta circumstancia—a do desenvolvimento do trabalho nacional—seria bastante para que todos desejassem que o porto franco obtivesse o resultado a que Lisboa tem direito pela sua excepcional situação no globo.

José Pontes

Vao ser-lhe offerecido um banquete de homenagem

O distincto sportsman que é Manuel Egreja, ao dizer na sua carta inserta pela «Capital», a proposito de José Pontes, que o meio sportivo devia saldar uma divida para com o nosso presadissimo camarada, estava talvez longe de suppôr que um grupo de amigos e admiradores do incançavel propagandista do sport tomara, desde logo, a iniciativa de um banquete em sua honra.

A semelhante idéa associaram-se immediatamente alguns dos mais laureados nomes do nosso meio sportivo e varios amigos do illustre jornalista que conhecem e apreciam os serviços que José Pontes tem prestado á causa da educação phisica.

A inscripção fica aberta na redacção de «A Capital», e os nomes a que nos referimos são os dos srs.: Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cantaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Souza, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Alma de pobre

Estava eu hontem á porta da minha casa quando vi passar uma pobre mulher ainda nova, toda esfarrapada, com um filho nos braços e outro pela mão.

Era ao entardecer.

«Boas tardes»—disse ella.

«Boas tardes»—respondi eu.

Encostou-se ao muro do meu quintal e conversámos.

Era viuva. O marido morrera havia um anno e deixára-a assim, com duas creancinhas nos braços.

Mas não lhe queria mal; como podia elle adivinhar que uma pneumonia o levaria tão cedo? Era um bom trabalhador, um homem como havia poucos, poupado, amigo d'ella, e dos filhos... Ninguem lhe conhecia um vicio.

E longamente, cheia de orgulho, exaltava as virtudes do morto, enumerava as pessoas de bem que o tinham conhecido e ainda hoje o elogiavam. Convidava-me a tirar informações.

«Por essas redondezas onde quer que elle trabalhou, pode perguntar. Todos dizem o mesmo. Aquillo era um gosto vel-o cavar um pedaço de terra! Onde os mais levavam um dia, ainda antes do jantar já elle tinha o serviço feito. Enxada ou picareta onde elle botasse as unhas valia por tres. Era cavador, mas nunca me faltou pão em casa emquanto elle foi vivo nem roupa e até já tinhamos começado a juntar alguma coisita para comprar umas casas...»

«E agora?»—perguntei eu.

Encolheu os hombros com um suspiro, lançou um rapido olhar ás creanças e aos farrapos que a cobriam, e depois sorriu.

As creanças estavam gordas e coradas e ambas bem agasalhadas.

«Agora»—disse ella—«vae a gente fazendo o que pode para crear estes bacorinhos».

E contou o que fazia para «crear os bacorinhos». Morava n'uma aldeola ali perto; cozia, lavava roupa, fazia recados.

«Não tenho officio certo. E' o que vae calhando. Sou lavadeira, costureira, recoveira; pelo tempo de arraiaes vendo bebidas pela rua. A senhora vê? Não passam fome».

Mostrava-me os filhos e sorria.

O poente estava todo vermelho e doirado, e, como chovera muito na vespera, no caminho defronte da minha porta, alangava-se uma grande poça d'agua onde a claridade do céu se reflectia.

O pequeno mais velho debruçava-se, encantado, sobre aquelle resplendor de ouro e de pedrarias; estendia as mãosinhas e soltava gritos de prazer. O outro ao ouvir a voz do irmão agitava-se nos braços da mãe, impaciente, aos saltos, cheio de vida, voluntario e forte retezando os membros robustos.

E a mulher, esfarrapada, macilenta, com o rosto encovado pelas privações, sorria de prazer.

Lá em baixo na estrada passou uma carruagem de luxo. Cocheiro e trintanario hirtos na boleia; dois cavallos inglezes nédios e lustrosos batendo em cadencia com os cascos negros no macadam, os arreios a brilhar, a victoria rodando em silencio sobre os pneumaticos e levando uma senhora e duas creanças embrulhadas em pelles e com um grande ramo de flores.

E a pobre mulher correu com os filhos para a beira da estrada:

«Olha, olha...»—dizia ella.

«Como é bonito!»

O pequeno mais velho batia com os pésitos nus no chão imitando o trote dos cavallos, vermelho de alegria; e o outro estendia os dois braços roliços para aquelle grande brinquedo reluzente e cheio de côres que lhe fugia...

E a senhora que passava na carruagem abriu a bolsa e atirou á mulher um vintem que rolou pelo chão e se escondeu desapercebido entre o matto.

Só eu o vi mas calei-me. A mulher só tinha olhos para a alegria dos filhos e os pequenos para o «bonito» que passava.

Como estão enganados aquelles que dão á fortuna, á ociosidade e mesmo á saude, o nome de felicidade!

Eu conhecia a senhora que passára de carruagem e logo entendi que entre ella e a pobre mulher esfarrapada havia a distancia que vae da felicidade á desventura, mas não como qualquer cuidaria porque a desventurada era a que se recostava na victoria de luxo.

A pobresinha parada á beira da estrada com os pés descalços nas pedras do caminho possuia bens immensos que á outra o destino negára.

Tinha no coração e na memoria como n'um sacrario a imagem vigorosa e pura do homem que amara e cujo amor, tão depressa interrompido pela morte, bastára no emtanto para lhe encher a vida de um ingenuo e nobre orgulho.

Trabalhava como uma negra e, a pouco e pouco, n'aquelle constante labutar superior ás suas forças, queimava a mocidade e a saude e a vida; mas o trabalho não lhe pesava porque o seu esforço se transformava em belleza e perfeição n'aquellas duas flôres da sua carne.

Tinha a consciencia tranquilla. A' noite dormia abraçada aos filhos, sobre a enxerga miseravel, um somno tão profundo e calmo como se estivesse no paraizo.

Humilde, ninguem invejava a sua sorte que julgavam infeliz; pobre, não tinha que luctar para defender a fortuna. Todas as suas aspirações se resumiam em ter mais alguns annos de saude para acabar de crear os filhos e depois morrer socegada.

Segui-a longamente com a vista pela estrada fóra até o seu vulto desapparecer.

Pensava:

«Quantos dos que o mundo julga privilegiados, trocariam pela tua, a sua miseravel sorte de famintos?»

Porque os verdadeiros famintos não são aquelles a quem falta o pão, mas sim (Deus sabe!) os miseraveis que escondem sob a mentira das opulencias exteriores o tédio immenso da vida. Conhecem tudo, provaram tudo, desprezam tudo e morrem de fome deante das suas arcas trasbordantes de pão.

E olhando mais uma vez para a estrada deserta, pensei:

«Quanto dariam elles para poderem sorrir como tu sorriste ainda agora ao ver passar a linda equipagem emquanto o vintem rolava, felizmente desapercebido, entre o matto?»

Virginia de Castro e Almeida

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"A Nação" desmascarada

por Augusto da Piedade Lisboa

O sr. dr. Augusto da Piedade Lisboa, conego da sé patriarchal, polygiotta distincto, sentindo-se profundamente maguado com algumas referencias do jornal catholico-legitimista «A Nação», acaba de trazer a lume o mais formidavel libello contra o referido jornal. O sr. dr. Lisboa, em dezeseis paginas de texto cerrado, trata de demonstrar que «A Nação» «não é um jornal sincero», antes é uma folha «sectaria».

O rev. conego da sé patriarchal, que é dos mais illustrados membros do clero portuguez, prova com transcripções d'«A Nação» que esta folha blasphemou contra a Santa Sé, blasphemou contra os representantes da Santa Sé, blasphemou contra o episcopado portuguez, blasphemou contra o clero, blasphemou contra a sociedade portugueza. Os textos transcriptos são concludentes.

Resumindo, o sr. dr. Lisboa affirma que «o catholicismo do diario em questão é de tal ordem que cabe n'elle o diabo todo: a impenitencia, a mentira, o jansenismo, o liberalismo, etc».

Das transcripções feitas resulta que o proprio papa Pio IX foi duramente atacado por «A Nação», que o foram tambem os bispos portuguezes e d'um modo especial D. João Chrisostomo de Amorim Pessoa e um patriarcha olysiponense; que o foram monsenhor Mazella e monsenhor Capaccini, etc.

O opusculo do sr. dr. Lisboa, redigido com singular vehemencia, termina por dizer que «A Nação» ajudou a derrubar o regimen constitucional e contribuiu como ninguem para a situação que a Egreja desfructa actualmente em Portugal.

N'uma palavra: um verdadeiro escandalo, que o leitor pode conhecer melhor procurando o opusculo em qualquer livraria...

PORTUGAL E BRAZIL

UMA REVISTA: "ATLANTIDA"

O que nos diz a respeito da nova publicação o sr. dr. João de Barros

Vae publicar-se uma revista—Atlantida—*que está destinada a exercer uma explendida acção no estreitamento das relações luso-brazileiras. São seus directores: em Portugal, o dr. João de Barros; no Brazil, João do Rio (Paulo Barreto). Ao talento e á tenacidade que ambos puzeram ao serviço da* Atlantida *se deve principalmente o seu apparecimento proximo, com a certeza da collaboração dos nomes mais illustres de Portugal e Brazil. Quizemos ouvir ao dr. João de Barros meia duzia de phrases em que elle nos contasse os seus planos de trabalho e as suas esperanças de triumpho. Eis o seu* depoimento, *cheio de fé, vigoroso de energia:*

—Ha muito tempo que a publicação d'uma revista litteraria, que defendesse e representasse as aspirações e os interesses communs do Brazil e de Portugal, se impunha e se tornava indispensavel. Por varias vezes os directores da «Atlantida» procuraram realisar essa legitima ambição, — mas encontraram sempre tantas e tão grandes difficuldades da parte dos editores mais habilitados a fazel-a vingar, que tiveram de desistir da sua idéia. No entanto, esta sempre lhes pareceu digna do applauso e do apoio incondicional do publico.

Por isso mesmo, e sem deixar de reconhecer o quanto e como a empreza é agora, mais do que nunca, ardua e trabalhosa—mercê da pessima situação economica de quasi todo o mundo—veem hoje pedir esse apoio e esse applauso para a iniciativa que finalmente é posta em pratica. E não esperam um momento mais tranquillo, e condições mais vantajosas, para lançar a «Atlantida», porque entendem que não ha o «direito moral» de esperar mais.

Assim é, com effeito. As circumstancias especialissimas creadas pela guerra europeia, determinaram um irresistivel movimento de solidariedade entre aquelles paizes e aquelles povos que vivem d'um mesmo ideal, que se alimentam da mesma tradição ou que descendem do mesmo tronco originario. Assistimos hoje a um espectaculo prodigioso, dia a dia mais bello e mais fecundo:—na Europa, á união espiritual estreitissima de quasi todas as nações latinas; na America, ao predominio, hora a hora mais seguro, do chamado «espirito americano».

Parece que chegámos a um instante unico na historia da Terra, em que se vão unir definitivamente, para uma acção de conjuncto, os grupos humanos que tem entre si afinidades e relações, que só unidas e amalgamadas poderão produzir o maximo da sua força e do seu explendor! Os pequenos esforços, os pequenos desejos, as pequenas ambições de cada uma das nacionalidades que talvez venham a compôr uma futura e maior collectividade ethnica ou social, fundir-se-hão n'um grande desejo, n'uma grande ambição, n'um esforço formidavel—para maior brilho e utilidade da civilisação do globo.

E', pois, esta a occasião de se comprehenderem mutuamente, de se estudarem, de se approximarem uns dos outros, os povos que entre si possuem fortes communidades de sentimento, afinidades de raça, similhança de temperamento e de estructura psichica. Dentro da vasta familia latina—o Brazil e Portugal são, mais do que nenhuns outros paizes, fraternaes e similhantes. E' uma banalidade affirmal-o. E' uma inutilidade repetil-o. Acontece, porém, que não se conhecem. Ou conhecem-se tão pouco e tão mal—que esse conhecimento é por vezes peor, na sua inevitavel injustiça, de que um desconhecimento completo. Portugal, sobretudo, ignora o Brazil.

E' precisamente para que Portugal conheça o Brazil e para que o Brazil mais se approxime de Portugal e melhor o conheça, que se vae publicar a nossa revista. Fazendo-o, não queremos senão continuar dentro da nossa esphera de influencia, o esforço de commum approximação que os dois governos — o Brazileiro e o Portuguez—teem desenvolvido e mantido nos ultimos cinco annos, e a que tão notavelmente soube dar realce, quando nosso embaixador no Rio de Janeiro, o actual presidente da Republica Portugueza. A acção do dr. Bernardino Machado foi realmente notabilissima. E pode bem dizer-se que, sem ella, a missão da «Atlantida» seria infinitamente mais difficil de realisar do que vae ser hoje.

•

—Creio bem que um dos factores mais seguros do provavel exito de «Atlantida» será, no Brazil, o grande interesse que a João do Rio merece Portugal e os portuguezes, e que eu sinto pelo Brazil e pela vida brazileira. A obra de João do Rio todos a conhecemos em Lisbôa. E ainda no anno passado applaudimos uma das suas mais lindas peças de theatro:—«A bella Mme Vargas». No entanto é bom não esquecer o seu livro «Portugal d'Agora», publicado em 1909, em que ha paginas de tanto e tão fino louvor para a nossa paysagem, para a nossa litteratura, para a nossa arte. E' um livro de emoção —de enthusiasmo pela Patria Portugueza. Mais que nenhuma outra obra, ella lhe valeu a sua eleição para a Academia de Sciencias de Lisboa. Por esse trabalho, e pela sua continua propaganda a nosso favor,—que de modo algum exclue, antes intensifica o seu patriotismo ardente de brazileiro—o nome de João do Rio estava indicado para dirigir a «Atlantida» no Brazil. Espero muito do seu talento já celebre, e da sua dedicação pela causa de «Atlantida». De resto —a elle se deve, inicialmente, a idéia d'esta revista, idéia que ha dez annos quasi acariciava com verdadeira paixão.

• • •

—Quizeram os Ministros das Relações Exteriores do Brazil e dos Estrangeiros e do Fomento de Portugal honrar-nos com o seu patrocinio. Esse patrocinio é a garantia segura de que a nossa iniciativa tem um fim altamente patriotico; e, sendo uma prova de confiança na honestidade das nossas intenções, é tambem uma indicação do caminho a seguir. Pela primeira vez—uma publicação d'esta ordem sahe com tão solemne patronato. Procuraremos não desmerecer d'elle. A altissima capacidade de estadista do dr. Lauro Müller, a intelligencia vasta e o criterio excepcional do dr. Augusto Soares, o nobre talento do dr. Manuel Monteiro—permittiram-nos realisar o nosso sonho com o amparo inestimavel das suas sympathias. Esse amparo obriga a muito... Mas regsitamol-o com orgulho:—á sombra d'esses nomes illustres será mais facil a nossa tarefa, porque elles nos servirão de viatico e de estimulo.

Tivemos ainda a boa fortuna de encontrar um editor—«avis-rara» entre todos os editores, Pedro Bordallo Pinheiro. Pelas suas tradições de familia, que tão fundamente vincaram o seu espirito culto, pela sua educação primorosa e tambem pelo conhecimento que tem do Brazil—é o editor ideal para a «Atlantida». E depois—é moço!

Só a mocidade tem coragem para emprehendimentos d'esta ordem—e só ella sabe vencer. Pedro Bordallo Pinheiro é para nós mais uma garantia de exito.

COISAS DE MARINHA

O que diz o sr. Leotte do Rego

O illustre relator do orçamento da marinha, em resposta ao sr, Muzanty, justifica a seu trabalho

Meu caro Manuel Guimarães.

Rejubilo-me sinceramente por vêr que o meu prestimoso camarada Muzanty, segundo se deprehende da sua palestra de hontem, é tambem d'aquelles que não querem uma marinha composta exclusivamente d'este ou d'aquelle typo de navios. Com effeito, grande ou pequena que seja uma reorganisação naval só será digna d'esse nome e só poderá corresponder honestamente aos sacrificios tremendos que representa, só poderá ter efficiencia maxima quando constituida por um conjuncto harmonico de elementos cujo valor militar mutuamente se completem.

Pretender-se organisar uma marinha só com cruzadores, só com destroyers, só com submarinos, ou dragadores de minas, ou rebocadores, ou mais summariamente ainda com uns centenares de officiaes burocratas tendo como armas apenas de vez em quando papel, a tinta, as penas e os carimbos—seria como que alguem julgar-se no direito de vir passeiar para a praça publica em camisa ou só com as meias ou só com o chapeu alto. E' isto que eu e tantos outros camaradas ha muito prégamos e as licções da guerra actual plenamente o justificam. Os elementos constituitivos das forças navaes continuam os mesmos, cada um com o seu papel—melhorados, modificados, uns para maior, outros regressando a dimensões mais modestas. Os cruzadores, por exemplo, tendem a fixar-se novamente em tonelagens mais moderadas e os submarinos devem o seu successo principalmente ao consideravel augmento de raio de acção.

N'este ponto, repito, inteiramente de accordo se mostra o sr. João Muzanty com a grande maioria dos que se preoccupam com o futuro da marinha. Mas algumas outras affirmações faz o meu illustre camarada que considero injustas e menos fundamentadas, que ficando-me pela porta me forçam, no legitimo direito de defeza a vir soccorrer-me da hospitalidade sempre amavel da «Capital», para algo dizer de minha justiça.

Vejamos. Diz a palestra reproduzida hontem que na lei de receita e despesa naval se destinavam 3.600 contos á acquisição de barcos, que essa lei andou largo tempo em «fermentação» pelo Parlamento sendo afinal aquella verba dividida e subdividida acabando por ser applicado a navios só 1.050 contos. Uma affirmação d'estas feita de mais a mais por quem desempenha o alto cargo de chefe do gabinete do chefe da corporação da marinha é grave e dá o direito aos leitores da «Capital» de supporem que eu que fui o relator do orçamento de marinha e outras entidades que juntamente commigo são responsaveis pela tal «fermentação» são pessoas sem patriotismo, sem o minimo conhecimento das verdadeiras necessidades da marinha, tendo desbaratado a maior parte da verba em coisas inuteis, em gratificações talvez, em phantasias, deixando apenas para navios muito menos de um terço da verba.

Não ha decerto má fé nas affirmações do sr. Muzanty. Ha por ventura esquecimento, ha um equivoco em todo o caso lamentavel mas que cumpre desfazer.

Em primeiro logar não é no orçamento de receita e despeza que a verba dos 3.600 contos figura ou figurou, mas sim n'um orçamento especial apresentado este anno sob a rubrica «Despeza extraordinaria resultante da guerra europeia e colonial». (Vide «Diario do Governo», 4 de setembro ultimo, pagina 897).

Para o ministerio da guerra consignaram-se 20.000 contos, para o ministerio da marinha a principio consignaram-se 3.200 contos, elevando depois a 3.600 contos. E que applicação deram os sr.

mentadores» a essa verba? Eil-a:

1.ª secção do novo arsenal na Outra Banda, 1:200.000$00; custo de dois submersiveis de grande raio de acção, 1:050.000$00; custo de um vapor para a Escola de Torpedos, 15.000$00; artilharia, munições, torpedos, tubos de lançamento e bombas para os novos destroyers e canhoneiras em construcção no Arsenal, 170.000$00; material de guerra diverso, com todos os encargos inherentes, algodão-polvora e «trotil» para a Escola de Torpedos e Submersiveis, armamento de mão, 180.000$00; para a acquisição immediata de navios apropriados ao serviço da fiscalisação da pesca, 400.000$00; excesso de consumo e de custo de combustivel de diversas qualidades, e lubrificantes indispensaveis para os diversos serviços da armada, 250.000$00; continuação das obras das escolas de applicação, 100.000$00; para despezas inadiaveis de material e pessoal necessario para a conclusão rapida dos navios em construcção e reparação no Arsenal, incluindo o custo de tarefas que se convencionem, pagamento de serviços extraordinarios prestados pelos operarios encarregados d'esses trabalhos, melhoria de vencimentos ao operariado e ainda, se fôr indispensavel, para a admissão temporaria de mais operarios, 185.000$00; subsidios a conceder ás familias necessitadas dos marinheiros mobilisados, 50.000$00. Total, escudos 3:600.000$00.

O sr. Muzanty não tem o direito de duvidar que pelo menos o relator do orçamento, que ha mais de 20 annos lucta pela acquisição de material naval, não estimásse que as circumstancias da politica mundial permittissem o applicar-se integralmente aquella importante verba á compra de boas unidades de combate. Mas quem vende agora cruzadores, quem os faz? Pois não é sabido por exemplo que a grande Inglaterra tendo nas suas mãos a maior marinha do mundo além de construir dia e noite «para si», compra a peso de ouro tudo quanto possa servir para a guerra do mar? Pois não é sabido que a simples acquisição de meia duzia de pequenas peças para os nossos novos destroyers e canhoneiras não póde ser tão rapida quanto seria para desejar? E quando mesmo se encontrasse agora quem tomasse as encommendas por que preço ficaria o material e que garantias nos poderiam dar as casas constructoras de que os seus governos quando lhes aprouvesse não deitassem a mão a esse material?

Que duvida, por exemplo, teve o governo austriaco em deitar a mão a um milhão de cartuchos cujo fabrico o sr. Muzanty esteve fiscalisando em Budapest e aos torpedos que o meu illustre camarada Franco viu construir em Fiume para a nossa marinha?

O que o relator fez foi distribuir essas verbas pela acquisição tão prompta quanto possivel de material de guerra que absolutamente nos falta até mesmo para que os nossos poucos cruzadores possam fazer uso dos seus canhões, e para que os destroyers e canhoneiras em construcção não fiquem sem armamento, nem os que estão em serviço sem torpedos. São por ventura malbaratados os 50 contos da rubrica «Subsidios ás familias dos marinheiros mobilisados?» E esses navios para a fiscalisação da pesca, cuja acquisição o paiz inteiro reclama, não são por ventura material naval? O combustivel, vapor para a Escola de Torpedos, artilharia, munições, o algodão-polvora, «trotil», não é por ventura tudo isso material naval?

E o inicio previsto das obras do Arsenal na Outra Banda é porventura coisa que merece ser posta de parte ou que não diga respeito á marinha, ao mesmo tempo que é uma obra de fomento e de mobilisação industrial do mais largo alcance?

Pelo mundo inteiro lavra um formidavel incendio em que podemos de um momento para o outro ser envolvidos. E quer o sr. Muzanty que despresassemos uma preparação do pouco material que temos em serviço e o mais rapido acabamento d'aquelle que temos em construcção nas nossas fabricas, para se ir applicar toda a verba a phantasias de navios que ninguem póde fazer agora ou que se fizesse, repito, seria como se o costado fôsse de ouro?

Quanto ao caso concreto do Arsenal novo e dos dois submarinos de grande raio de acção não deixa de ser interessante a contradicção em que se encontra consigo mesmo o meu illustre camarada Muzanty. Por um lado como bom «constitucionalista» que é de que deu brilhantes provas nos dias da Revolução leva os seus escrupulos até o ponto de pretender que os planos, projectos e estudos do novo Arsenal vão tambem á sancção do Parlamento. E quer tambem que se destine para a primeira secção apenas 200 contos—verba que no seu entender bastará para o primeiro anno. Mas por outro lado não se importa nada de fazer uma dictadura comesinha resgando a disposição da lei que manda construir 2 submersiveis de grande raio de acção para os substituir por uma ninhada de «Espadartes» e censura e diz que não sabe fazer contas quem inscreveu 1.050 contos para esses submarinos de grande raio de acção, sabendo muito bem o sr. Muzanty que as prestações a pagar dentro do anno economico pela construcção de esses dois grandes submarinos não absorveriam sequer 2/3 da verba inscripta.

Com grande magua vejo que o meu illustre camarada tambem se deixou convencer, ao que parece, pelas razões especiosas inventadas para se passar a pés juntos por cima d'esse melhoramento tão importante; tão de capital interesse para o futuro da marinha.

O sr. dr. Fernandes Costa quando ministro da marinha teve a amabilidade de me pôr ao corrente dos trabalhos feitos, já então volumosos, sob plano do engenheiro portuguez Luiz Viegas, que é alguem.

Estava tudo feito, tudo quanto é necessario para que os grandes constructores especialistas de arsenaes e portos, estrangeiros fossem chamados para em concurso tomarem conta das obras. Para ellas se inscreveu no orçamento a verba, que é coisa importante sem duvida, mas que é coisa nenhuma comparada com a que a Hespanha teve que dar quando fechou o contracto da construcção dos seus novos arsenaes ás casas constructoras.

Mas, surgiu um sabio a dizer que lá para as bandas da Moita havia como que um arsenal já feito, subinarino. Era só trazel-o á tona de agua, puxál-o para cima, e logo surgiriam caes acostaveis, com os seus armazens, com os seus «hangars», com os seus pilões formidaveis resfolgando dia e noite e acabou-se o arsenal da Outra Banda.

E' um negocio arrumado. Não se pensa mais n'elle. Só se pensa agora na Moita.

Isto tudo, meu caro Manuel Guimarães, dá vontade de morrer, mas não ha remedio senão ir vivendo. Alguma vez havemos de ter tenacidade e patriotismo.

Leotte do Rego

UM GATUNO JANOTA

Quem tem capa... nem sempre escapa

Hontem, pouco depois das 19 horas apeou-se de um trem á porta da camisaria *Lisboa á Moda*, da rua do Ouro esquina da rua de S. Nicolau, um individuo novo, bem trajado, usando polainas, e que acercando-se do proprietario disse ter chegado n'aquelle instante de Cintra e visto estar a chover precisar de uma capa de borracha, mas que fosse boa.

Foi-lhe immediatamente trazida uma que o supposto freguez comprou por 30 escudos, suvergando-a acto continuo. Depois pediu mais varias peças de roupa, camisas, camisolas, collarinhos e punhos, tudo no valor approximado de 90 escudos. Feito o competente embrulho, e sempre com a capa envergada, o *freguez* dirigiu-se de novo ao proprietario da *Lisboa á Moda* pedindo-lhe que mandasse um caixeiro com elle, a sua casa, na rua dos Bacalhoeiros, n.º 22, onde lhe pagaria o respectivo debito.

Promptamente o sr. David incumbiu d'essa tarefa o sr. Julio Pinto, seu caixeiro, que tomou logar no trem ao lado do freguez. Uma vez porém na rua dos Bacalhoeiros, o sr. Julio Pinto notou que este mandara parar o trem não no n.º 22, mas sim no n.º 28, conhecido já como pertencendo a uma casa de duas sahidas e de que os gatunos do *conto do vigario* se servem para as suas proezas. Apesar, portanto, do *freguez* lhe pedir para ficar no trem á espera do dinheiro, o caixeiro da *Lisboa á Moda* não o largou mais, subindo com elle até ao 1.º andar. Chegado aqui o *freguez*, dando-lhe um forte encontrão, galgou appressadamente as escadas que deitam para as Cruzes da Sé. Seguido pelo caixeiro, que não perdeu o sangue frio e o perseguiu, gritando, até ao largo de S. João da Praça, aqui o meliante lançou fóra a capa, que o sr. Julio Pinto agarrou, emquanto aquelle desapparecia por uma das travessas do sitio.

O caso foi entregue á policia.

O CRIME DA NOITE PASSADA

Matar para roubar

A victima é um 1.º cabo reformado — Os criminosos foram presos — Causa do crime: um capote e oito escudos

Hoje de manhã, ás 7 horas, o operario Diamantino Ferreira dirigiu-se á esquadra de policia do Beato, a participar que entalado nas escoras do pontal do aterro da Manutenção Militar perto da casa da sua residencia, se encontrava o cadaver d'um homem que lhe parecia ser um soldado d'esse estabelecimento.

Para o local se dirigiu immediatamente um guarda que, ajudado por dois reformados e um rapaz conhecido no sitio pelo Antonino, conseguiram trazer para sobre o velho pontal de madeira do Caes da Rocha, nome porque é conhecido aquelle sitio, o cadaver, que foi immediatamente conhecido como sendo o do 1.º cabo reformado da Companhia de Saude Joaquim Pereira de Castro, o «Cacho».

Ao mesmo tempo telephonavam da esquadra do Valle de Santo Antonio para a do Beato a prisão de Armenio Teixeira, que disse morar na rua de Santa Cruz, ao Castello, pateo, portas 3 e5, e de Custodio Martins, sem residencia, por desconfianças de terem commettido recentemente um crime, visto apresentarem nos fatos manchas de sangue e virem munidos d'um capote militar, cuja proveniencia não souberam explicar.

A policia conjugou logo os dois factos, sendo destacado para as necessarias diligencias o agente Cavaco da judiciaria.

Como os presos se mantivessem na mais absoluta negativa, e a policia nada pudesse adeantar além das desconfianças, resolvemos nós fazer policia por nossa conta, para conseguirmos a reconstituição do crime.

De indagação em indagação apurámos o seguinte:

O morto era natural d'uma freguezia dos arredores de Thomar, onde seu irmão é hoje regedor e onde tem mãe com 93 annos d'edade. Foi 1.º cabo da Companhia de Saude, estando no Porto desde 1902 a 1906, e vindo d'alli, para o hospital da Estrella em Lisboa, de onde passou, ha cerca de sete annos, para a 7.ª companhia de reformados no quartel da Cova da Moura, a que ficou pertencendo. Ha tres semanas, como a Manutenção Militar requisitasse reformados áquella companhia, o «Cacho», seduzido pelo augmento de 30 centavos ao seu magro pret de $15 diarios que percebia como reformado, offereceu-se para a Manutenção, para onde lhe passaram guia de marcha, passando ahi a acompanhar diariamente a remessa de pão para o hospital de S. José.

Entrando um pouco pelas bebidas, o Pereira de Castro era comtudo inoffensivo, soccorrendo a pobreza sempre que o podia fazer, pelo que passava no sitio por ter algum dinheiro, tanto mais que, constava mais ser elle filho d'um official do exercito que morrera ha annos, deixando-lhe umas terras na freguezia da sua naturalidade.

Segundo nos informaram, ha pouco mais d'uma semana o «Cacho» mandou uns seis escudos á mãe para a apanha da azeitona, e hontem recebeu de soldo uns oito, approximadamente. Houve quem o visse de tarde bebericando na companhia de dois paisanos pelas tabernas do sitio, e á noite os tres abancaram no conhecido «restaurante Guerra, em Cabo Ruivo, de onde sahiram pouco depois das 21 horas, em direcção ao Beato.

Parece que uma vez aqui, os dois companheiros do reformado conseguiram illudil-o, levando-o, sob qualquer pretexto, para o sitio ermo do Caes da Rocha, que fica para além do aterro da Manutenção, nas trazeiras da rua Direita do Grillo, onde existem os armazens da Imperial, do commerciante Pousada e da fabrica Brito.

Uma vez ahi travou-se a lucta, e parece que lucta desesperada, visto que o morto apresenta o olho esquerdo completamente negro e o nariz com varias escoriações, além d'um profundo ferimento na região temporal esquerda, do qual em abundancia jorrou sangue que manchou as tabuas e os travessões do pontal. Praticado o crime e despojado o pobre reformado do seu capote militar e do resto do dinheiro que trazia comsigo, os facinoras agarraram no morto e entalaram-n'o, de cabeça para baixo, entre os travessões do pontal, á beira d'agua, posição em que, ás 7 horas d'hoje o foi encontrar o referido operario Diamantino Ferreira.

Após o crime, e como se tivessem praticado a obra mais meritoria, os dois companheiros do desgraçado, segundo é voz corrente no sitio, tomaram logar n'um electrico para Lisboa, trazendo um d'elles o capote do «Cacho» sobre os hombros.

O conductor do electrico, porém, de apelido Amaral e que tem na Companhia o n.º 466, notando que um dos recemchegados passageiros era portador d'um velho capote da Manutenção Militar, sujo de lama e de sangue, avisou d'isso o policia 1166, que lhes deu voz de prisão, levando-os de caminho para a esquadra do Valle de Santo Antonio, onde chegaram aos 0,30' da madrugada, e onde declinaram os nomes que acima apontamos: Americo Teixeira, conhecido no Beato e immediações como desordeiro incorrigivel, vadio e gatuno, pelo que conta innumeras prisões, e Custodio Martins, egualmente conhecido como vadio perigoso e desordeiro.

Os presos, que se mantiveram n'uma negativa cerrada, vieram hoje de manhã para o governo civil, tendo o sr. dr. Fererira da Costa, sub-delegado de saude, ido pelas onze horas verificar o obito, sendo o assassinado, pelas 16 horas, removido para a Morgue.

Os dois presos foram de tarde interrogados negando que tivessem commettido o crime, confessando, porém, que andaram de passeio com o «Cacho» e que o deixaram muito embriagado á porta da Manutenção. O agente Cavaco continua nas suas investigações a fim de apurar o caso.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

FESTAS DE ARTE

Effectua-se ámanhã, ás 21 horas, nos «Desportos de Bemfica», um concerto em que tomam parte distinctos amadores. A terceira parte do programma é desempenhada por uma orchestra de 40 figuras, dirigida pelo sr. Frederico Taveira, e que, entre outras peças, dará a primeira audição do original portuguez, de Armando Leça, «Lirismo archaico».

O programma do concerto é o seguinte: 1.ª parte—I—«Titus» (ouverture), W. A. Mozart; II—«Madrigal», Simonetty; III—«Canção de amor» (pizzicato), Toubert; IV—«Il etait une fois», Kawobscky; V—«Ephamera», dr. José de Padua.

2.ª parte—I—«Solo de violino», com acompanhamento de piano, pelos meninos Fausto Caldeira e Ernani Caldeira, H. Leonard; II—«Canto», pela distincta amadora sr.ª D. Alice Pancada; III—«Melodia», solo de harpa, pela sr.ª D. Julianna Falconieri Teixeira, F. Godefroy; IV—«Solos de violoncello», pelo sr. Manuel Pereira dos Santos, com acompanhamento de piano: a) «Reverie», Duncla; b) «Canção rustica», Squire.

3.ª parte—Pela orchestra de amadores—I—«Bourrée», J. S. Bach; II—«A um lirio», Macdonnel; III—«Lirismo archaico» (primeira audição), Armando Leça; IV—«Mort d'Ase», Grieg; V—«Minuetto», Beetoven.

Os acompanhamentos ao piano são feitos obsequiosamente pela sr.ª D. Herminia de Oliveira.

A orchestra é composta pelos seguintes distinctos amadores:

D. Aida Freitas, D. Judith Leiria, D. Emilia Leiria, D. Maria Adelaide Fernandes, D. Maria Antonia Bureau, D. Herminia de Oliveira, D. Maria Henriqueta Ruas, D. Zoraida de Oliveira, D. Irene Freitas, D. Beatriz Silva, D. Juliana Falconieri Teixeira, Frederico Taveira (director), José da Costa Campos, Fausto Caldeira, Antonio Campos Silva, Julio Mendes Canha, Francisco Ventura, Alberto Diniz Guerreiro, Carlos Villarinho Pombeiro, Luiz Antonio Feio, José da Costa Moura, Virgilio Freitas, José Ferreira, Henrique Lima, José Martins de Sousa, Armando Leça, Julio Ruas, Manuel Pereira dos Santos, Miguel Marques, Bartholomeu Madeira Gomes, dr. Saul Simões Seire e Jayme Silva.

A seguir ao concerto realisa-se um baile, para o qual é de rigor o uso de traje de «soirée».

—E' no domingo que se effectua na Amadora a festa d'arte dirigida pelo maestro Accacio Santos, um talentoso musico de 21 annos, que ha dias, na sua estreia, obteve um assignalado exito, regendo uma grande orchestra de 70 professores. Esta segunda festa, comprehende a representação do 3.º acto da «Tosca» e um concerto symphonico. O programma d'esto concerto inclue o seguinte: «Barbeiro de Sevilha», ouverture; «Una furtiva lagrima», romanza da opera «Elixir de Amor», pelo tenor Guilherme Bizarro, com acompanhamento d'orchestra; «Morte de Ase»; «Dansa de Anitra»; «Dilugo», preludio, sendo o solo de violino executado por madame Emilia Lelo Perdigão; «Cielo Azur», romanza do 3.º acto da opera «Aida», pelo soprano dramatico Cezarina Lyra, com acompanhamento d'orchestra; «Marcha Nupcial», de Mendelsshon.

DE REGRESSO

Regressaram a Lisboa com suas familias os srs. : conde de Avillez, Bento Pereira, D. Maria de Mello (Picalho), Antonio Pinto Basto, condessa de Arnoso, João Caupers, Domingos Pinto Barreiros, barão de Rezende, Luiz Gonzaga Ferreira e Francisco Rodrigues de Sousa.

—Regressam brevemente a Londres com suas familias os srs. marquez do Lavradio e conde das Galveias.

—São esperados em Lisboa com suas familias os srs. Possidonio Ferreira de Castro, conde de Fontalva e Vicente Themudo de Oliveira.

—Já regressou a Lisboa, com sua familia, vindo de Pinhel, o sr. dr. Silva Ramos. O illustre medico retomou a sua clinica.

CASAMENTOS

Realisou-se o casamento do sr. Ajax Machado com a sr.ª D. Susana Rolin, filha de madame Rolin, directora do collegio Camillo Castello Branco. Testemunharam o acto por parte da noiva o sr. Eduardo John e sua esposa, por parte do noivo seus paes o sr. Cesar Machado e a sr.ª D. Olinda Machado. Os noivos partiram para Beja.

—Por procuração, casou-se em S. Thiago do Cacem o sr. Carlos Eugenio da Costa Alvares, tenente de infantaria, com a sr.ª D. Herminia da Rocha Soares. Representou o noivo o sr. Augusto Soares, irmão da noiva. Esta parte para Diu onde seu marido é administrador do concelho e secretario do governo.

NA GUERRA

Mais um nome a juntar aos dos legionarios portuguezes que combatem pela raça e civilisação latinas: Ernesto de Oliveira Gomes. Ferido pela segunda vez na batalha da Champagne, este nosso compatriota encontra-se no hospital auxiliar n.º 21, em Lyon, rua Crequi, 145. Pertence ao primeiro batalhão da Legião Estrangeira.

DE VIAGEM

Os srs. José Henriques Gonçalves e Emygdio João Gonçalves, conceituados commerciantes e proprietarios da antiga casa José Alexandre, partem na proxima segunda-feira para Hespanha, França e Inglaterra onde vão fazer acquisição de novos fornecimentos para o seu estabelecimento.

—Partiu hoje para S. Miguel, a bordo do «Funchal», o sr. Francisco Cogumbreiro, abastado proprietario e negociante nos Açores.

EM LISBOA

Está em Lisboa e deu-nos hontem a honra da sua visita o sr. Luiz A. Marques de Sousa, presidente do Centro Commercial do Porto.

—Encontra-se em Lisboa o sr. José de Almeida e Cunha, importante industrial e negociante no Porto.

LUCTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Eugenia Luiza David Henriques Marinho, cujo funeral se effectua amanhã, pelas 14 horas, sahindo da rua dos Navegantes, 28, para o cemiterio occidental.

Papuss em Lisboa

Todos se recordam ainda de Papuss, o celebre *fakir* que esteve em Lisboa ha uns vinte annos, conservando-se encerrado n'uma urna oito dias, exposto ao publico, sem ingerir alimento algum. Essa extranha demonstração foi feita no café Paris, ao tempo installado nos baixos do Avenida Palace, e não poucas anedoctas correram a tal proposito, que fundamente impressionaram a imaginação publica. O nome de Papnes teve então uma certa aura. Entrou nos jornaes de caricaturas e nas revistas de anno.

Pois o notavel *fakir* está outra vez em Lisboa. Vimol-o hontem abancado a uma meza do Martinho, com sua esposa e acompanhado por um amigo que com elle travou relações em Paris. Cultiva agora as sciencias occultas e á chiromancia, para elle, não tem segredos.

Não prediz o futuro, mas adivinha o caracter das pessoas que lhe estendem a palma da mão para que elle leia as mysteriosas linhas que lá estão gravadas e que são indecifraveis para os profanos que nada entendem de coisas magicas.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

"Temos vontade de vencer e venceremos,,

Assim o declara ao parlamento o sr. Briand — A lucta proseguirá até á restauração do direito pela victoria

PARIS, 3.—A declaração ministerial lida pelo sr. Briand na Camara dos deputados e pelo sr. Viviani no Senado, affirma que o governo, de accordo com a nação e as camaras, fornecerá ao nosso exercito, confiado no seu chefe, os meios de chegar até á victoria porque todas as esperanças nos são permittidas. O governo procurará com a imprensa a solução da questão da censura. A França queria a paz mas teve que soffrer a guerra; continuará porém, a lucta até á restauração do direito pela victoria. O fim alcançar-se-ha pela pratica de estreita solidariedade com os alliados que o Japão reforçou compromettendo-se a não assignar a paz isoladamente. A França foi desde o primeiro momento em soccorro da Servia, de accordo com o governo britannico. A Allemanha não podendo romper as linhas francezas e russas, faz uma diversão, mostrando assim fraqueza sob a apparencia de força. A declaração termina dizendo: «Temos vontade de vencer e venceremos».—(*Havas*).

Vivos combates no occidente — Desembarques no oriente

PARIS, 4.—Communicação official das 15 horas:

Durante a noite travaram-se vivos combates nas trincheiras da estrada de Lillo, a sudoeste de Neuville-Saint-Vaast, ao mesmo tempo que proseguia na mesma região uma violenta lucta de artilharia. Na Champagne, na região da herdade Chausson, um contra-ataque impetuoso e energico permittiu-nos reoccupar desde hontem á noite as mesmas porções de trincheiras avançadas em que os elementos allemães tinham podido introduzir-se e de onde foram expulsos, não obstante a mais encarniçada resistencia, apoiada por jactos de liquidos inflammados.

Exercito do Oriente.—O desembarque das tropas francezas entre Arizelak e Rabrozo effectuou-se no dia 1 de novembro, sem novidade.—(*Havas*).

A acção britannica em Africa

LONDRES, 5.—Official. Nos Camarões os inglezes tomaram Bamende no dia 22 de Outubro, e no dia 24 do mesmo occuparam uma importante posição em Banyo.—(*Havas*).

Presidente da Republica

Cumprimentos ao chefe do Estado

O sr. presidente da Republica recebeu hoje no palacio de Belem, em audiencia particular: a direcção da Sociedade Protectora dos Animaes, o director e o conselho escolar do Instituto Superior de Agronomia e a direcção da Liga Nacional de Instrucção que o foram cumprimentar. Recebeu tambem o sr. Jorge Franco e Almodovar, adido da legação de Paris, que lhe foi apresentar as suas despedidas; os delegados da camara municipal de Lisboa, que foram convidal-o a assistir ao concurso dos animaes de tracção, a commissão promotora do festival a favor das victimas da revolução de 14 de maio, que egualmente o convidou a assistir a esse festival, que se realisa no proximo domingo, e o secretario da Liga de Emigração para S. Thomé, que entregou ao chefe do Estado em nome d'aquella collectividade, um volume de obras *Campanha anti-esclavagista*, edição portugueza e ingleza.

Foram introduzidos pelo secretario geral interino da presidencia sr. Luiz Barreto da Cruz, terminando as audiencias ás 16 horas.

NOTAS DIVERSAS

Consta que será ámanhã publicada na folha official uma portaria afastando do serviço activo do exercito os officiaes que a commissão do ministerio da guerra julgou abrangidos pela lei de 16 de junho de 1915.

—Com o sr. ministro da guerra conferenciou o coronel sr. Passos, commandante do regimento de cavallaria 11.

—A entrega do commando do cruzador *Adamastor* ao capitão tenente sr. Freitas Ribeiro realisa-se no dia 8, ás 13 horas.

—O administrador do concelho de Aldegalega sr. Carlos d'Almeida Abrantes pediu a exoneração, sendo nomeado para o substituir o sr. José Augusto Saloio.

O TEMPORAL

Dois pescadores mortos

Um navio encalhado

PORTIMÃO, 5—Hontem, durante todo o dia, o mar esteve agitadissimo batido por vento impetuoso do noroeste, que levantava as aguas a enorme altura. Pelas 23,30, um barco de pesca, pertencente ao sr. José Fialho, que demandava a barra, encalhou, e do naufragio resultou a morte de dois dos seus tripulantes, tendo conseguido um rebocador do mesmo industrial salvar o resto da companha.

Tambem á entrada da barra encalhou um navio estrangeiro carregado de carvão; está alliviando a carga para poder entrar.

A BORDO DO «ADAMASTOR»

O sr. Lopes de Mendonça

Realisa uma interessantissima conferencia

A série de conferencias que, por iniciativa do sr. Leotte do Rego, commandante da divisão naval, vae realisar-se a bordo dos nossos cruzadores, iniciou-se hoje, no «Adamastor», com excepcional brilhantismo. Estando representadas n'esse barco todas as guarnições dos barcos de guerra surtos no Tejo, reunindo-se na coberta, resguardada por um toldo, delegações compostas de officiaes e praças de ????, seriam quasi 15 horas quando o sr. ministro da marinha e o conferente, sr. Henrique Lopes de Mendonça, illustre escriptor e antigo official da armada, chegaram áquelle navio de guerra. Prestadas as honras da ordenança, o sr. José de Castro e o sr. Lopes de Mendonça seguiram para a camara do commandante, d'onde d'ahi a pouco seguiram para a ponte de ré, onde fôra collocada a meza do conferente. Formaram tambem n'esse ponto do navio os officiaes, emquanto as praças occupavam a parte da coberta que fica defronte e os sitios d'onde melhor podiam ouvir a prelecção que lhes ia ser feita. O sr. ministro da marinha toma a presidencia e apresenta, em rapidas palavras, o sr. Henrique Lopes de Mendonça, a cujas brilhantes qualidades de escriptor e de patriota se refere, enaltecendo-as com enthusiasmo. Foi elle quem escreveu a «Portugueza», que é hoje o hymno da Republica. Para o sr. Leotte do Rego, o iniciador de estas palestras educativas como poucas, tem tambem o sr. José de Castro palavras cheias de elogio.

O sr. Lopes de Mendonça toma a palavra. O que d'elle acaba de dizer o sr. José de Castro lisongeia-o tanto que só pode attribuil-o a uma bondade excepcional. Para o sr. commandante da divisão naval vão tambem os seus melhores sentimentos de gratidão, por se ter lembrado de o fazer voltar ao serviço activo da marinha, convidando-o para effectuar aquella conferencia, que elle deseja que corresponda inteiramente ao fim que se tem em vista. Iniciativas de esta natureza não as julga improficuas, e como se dirige a homens do mar, com o espirito fortalecido por labutas tremendas, está certo de que as suas palavras não cahirão em mau terreno, antes frutificarão abundantemente. Os homens, como os paizes, vivem das acções que praticam. São essas acções que nos conduzem á posteridade, se são boas, nobilitando tudo, honrando tudo, immortalisando quem as pratica, quer se trate d'almirantes, generaes, soldados ou mestre-escolas. Hoje ainda se fala das grandes nações da antiguidade, que desempenharam na historia humana logar de destaque. A Grecia, dois mil annos depois de ter sido a Patria d'uma civilisação que ainda hoje nos deslumbra, resurgiu, reconstituiu-se e fez-se a grande e poderosa nação que hoje é. E porque resuscitou o povo grego? Porque fôra grande e creára a sua tradição, que jámais foi possivel extinguir. E a Polonia? As invasões dos turcos tiveram n'ella a principal barreira. O espirito guerreiro sellou-a para sempre. Veiu a desgraça e appareceram grandes imperios a retalhal-a? Pois bem: crê que um dos principaes resultados da guerra consistirá, como o czar Nicolau já fez saber, em dar á Polonia, novamente, a perdida independencia. E porque succederá assim? Porque a Polonia, como a Grecia, tem tradição. Porque os povos que se assignalaram por actos que o seu genio vincou jámais podem desapparecer. Dão-nos n'este momento, a Belgica e a Servia a impressão de que a guerra as devorou? Pensa mal quem pensar assim. Esses dois paizes conquistaram com o seu sublimado heroismo, direitos que ninguem poderá negar-lhes.

E como a memoria dos homens só serve para recordar, vae ver se pode arrancar do passado onde se diluem e esfumam algumas das nossas mais brilhantes e gloriosas tradições. E' do mar que nos vem a historia que possuimos. Quasi todos os portuguezes trazem sempre os olhos cheios d'esse grande feiticeiro. Pois não banha elle quasi todas as nossas provincias? Surgem as figuras do Conde D. Henrique e de Affonso Henriques que, em porfiadas luctas com castelhanos e serracenos conseguiram fundar esta nacionalidade. Feitas as conquistas internas, o mar começou a attrahir os portuguezes. D. Diniz, para haver madeira abundante para as naus, mandou semear o Pinhal de Leiria. D. Fernando, apezar de voluvel, protegeu a navegação o mais que poude. O conde D. Henrique revela-se um apaixonado pelas coisas nauticas e um seduzido pelo misterio que envolvia a terra quasi inteira. Do Oriente vinham, para as Republicas latinas, grandes riquezas. Como fazel-as derivar para Lisboa pela via maritima. Partem os primeiros navegadores e os primeiros conquistadores. Ceuta cae em poder dos portuguezes. Depois, fica o mar tenebroso. Do Cabo Espartel para além não ha senão sombra, misterio, horrores. Era precisa muita audacia para acabar com tudo isso? Era. E os portuguezes tiveram-na. O conde morre. Segue-se um periodo de affrouxamento, que só desapparece com a subida ao throno do grande rei que se chamou D. João II. As descobertas. Pedro Alvares Cabral parte com uma expedição á conquista da India que é das mais corajosas que em todos os tempos se tem effectuado. Seguindo a costa d'Africa, lá para o sul, já com outras estrellas no céu e com um clima diverso e mais frio, o grande navegador, cujas caravellas não iam além de cincoenta toneladas e cujo tamanho não excedia o dos nossos cahiques, perdeu o rumo, viu-se com a tripulação cançada, aproou ao norte e voltou a Lisboa. Chegara ao Cabo Tormentoso. D. João II ouviu encantado. E como no mar revolto que Bartholomeu Dias não transpuzera residia toda a sua fé em poder chegar á India, poz ao promontorio celebre o nome de Cabo da Boa Esperança.

Parte para o Oriente, por terra, a expedição de Pero da Covilhã, que chega ao Indico. Recebe-se o relatorio d'esse explorador e vê-se então que para o caminho da India ficar descoberto só falta ir do Cabo Tormentoso até ao ponto onde Pero da Covilhã parára. Vasco da Gama parte com a sua expedição. Mais guerreiro que navegador, mas acompanhado d'optimos pilotos, logra alcançar a terra desejada. Os portuguezes põem, finalmente, pé na India das riquezas e dos deslumbramentos. Lisboa, transforma-se no grande emporio commercial do Oriente. Mas não basta chegar ao longe. E' preciso ir mais além, dominar todo o commercio oriental, arrancal-o das mãos dos mahometanos e dos arabes. E os portuguezes não se detiveram, enchendo todo o Oriente com o seu genio, que ainda hoje perfuma os quatro cantos da terra como uma gotta de essencia pode perfumar um copo de agua onde a derramem. Ha na lingua japoneza palavras portuguezas e na ilha de Ceilão ainda agora se fala uma certa algarvia que não é mais do que o portuguez corrompido e deturpado.

Dominar em toda a India era o grande sonho e a grande necessidade dos lusos. D. Francisco d'Almeida foi quem deu, para isso os primeiros passos. O moiro foi por elle derrotado na celebre batalha naval de Diu. Mas o grande portuguez que concebeu um dos mais grandiosos sonhos de dominio e de conquista que até agora teem sido creados por cerebros humanos foi Affonso de Albuquerque. Bem se pode comparal-o a Alexandre Magno e Napoleão. Foi elle quem planeou o imperio das Indias e quem o levou a cabo. A sua gloria enche toda a nossa historia. Os inglezes tiveram-no por mestre. Os portuguezes deviam tel-o por simbolo da sua coragem e da sua energia. Mas para derrubar esse homem, modelo de lealdade; para anniquilar esse velho guerreiro, que foi a mais alta figura de conquistador e de organisador que possuimos, que tinha em tão alto grau a noção da justiça que os indios, recusando-se a acreditar na sua morte, iam junto do seu tumulo, pedir amparo e protecção, não houve, junto d'um rei fraco, intriga que não se utilisasse. E os intrigantes venceram, encontrando Affonso d'Albuquerque em Gôa, a sua querida Gôa, ao regressar da conquista de Ormuz, aquelle que ia substituil-o e pôr um ponto final na sua obra colossal. Velho, doente, cançado, o guerreiro sem mancha, sente-se desfallecer e exclama:

—«Mal com os homens por amor do rei, mal com o rei por amor dos homens!»

E pouco depois morria—continua o sr. Lopes de Mendonça. O seu grande espirito apagava-se no dia 16 de dezembro de 1519—vae fazer, d'aqui a pouco, quatro seculos. Os portuguezes não reconheceram nunca os extraordinarios serviços que o guerreiro admiravel lhes prestou. Não ha quem com mais ingratidão tenha sido tratado. As suas cinzas, mal identificadas, ainda não repousam nos Jeronimos, ao lado das de Vasco da Gama e Camões. A sua gloria é tão grande que parece ter o offuscado e cegado todas as gerações que se lhe seguiram. Pois bem: urge reparar quanto antes essa falta estupenda. O quarto centenario de Affonso de Albuquerque deve celebrar-se com imponencia e com explendor, para que todo o mundo saiba quem foi o portuguez sem egual que constituiu um dos maiores imperios que tem havido. O patriotismo da nossa gente chega, com certeza, para isso. Appelle-se para elle. Diga-se quem foi Albuquerque e a ingratidão que o esmaga, velha de quatro seculos, transformar-se, emfim, na glorificação magnifica que o heroe, o batalhador e o politico exigem.

E para terminar, o sr. Lopes de Mendonça evoca o gigante Adamastor e diz o que foi essa ficção, das mais bellas que existem em todas as litteraturas. Camões concretisou n'ella todos os perigos que das aguas revoltas dos mares traiçoeiros ameaçaram os mareantes. Fala n'um barco que evoca o monstro tremendo. Pois bem: Portugal que deu ao mundo a maior conquista, porque conquistou quasi toda a terra, precisa, para ser grande e forte, recordar o Adamastor do passado para encarar todos os Adamastores do futuro. Foi assim que o sr. Henrique Lopes de Mendonça fechou a sua admiravel prelecção, dita com tanta intenção, com tanto brilho e com um tão ardente patriotismo, que jámais esquecerão os que ouviram o escriptor illustre os minutos de tão intenso encanto que elle lhes proporcionou. Officiaes e praças cobriram de palmas o fecho da conferencia. O sr. José de Castro profere ainda algumas palavras de congratulação; erguem-se vivas á patria, á Republica e á marinha de guerra; o sr. ministro da marinha sae de bordo, dá-se a salva do estylo e o «Adamastor» despeja-se lentamente. O rio está agitado e a agua, côr de areia, agoitada pelo vento, faz dançar as pequenas embarcações que o sulcam como se fossem pedaços de papel, atirados á corrente do alto dos grandes navios. O ministerio da marinha vae publicar a conferencia do sr. Lopes de Mendonça e fazer d'ella uma larga distribuição por todo o paiz. A conferencia seguinte será do sr. Julio Dantas, no «Almirante Reis», para a semana.

General Pereira d'Eça

A sua chegada amanhã

E' amanhã que, como temos noticiado, chega a Lisboa o *Ambaca*, a bordo do qual vem o sr. general Pereira d'Eça e alguns officiaes que fizeram parte da expedição a Angola.

O *Ambaca* é esperado no Tejo das 11 para as 12 horas, devendo a recepção aos expedicionarios ser enthusiastica, pois que convites foram feitos pela commissão de vigilancia dos revolucionarios e por um grupo de patriotas, além d'outros, ao povo de Lisboa para comparecer no caes de desembarque.

Expedicionarios á Africa

LOURENÇO MARQUES, 5.—O novo governador geral, sr. dr. Alvaro de Castro, offereceu ás forças expedicionarias com que veiu de Lisboa uma bandeira de seda, na occasião em que essas forças sahiram para Porto Amelia.

Causou optima impressão n'esta cidade a ordem em que os expedicionarios se apresentaram.—(*Corresp.*)

Assistencia infantil

Uma nova cantina

Na escola central n.º 13, na rua das Amoreiras, inaugurou-se hoje uma cantina para beneficio dos alumnos que frequentam essa escola. Deve-se tão util iniciativa ao seu regente, sr. Antonio Rodrigues da Silva o qual encontrou nas professoras sr.as D. Maria da Cunha e D. Emilia Baptista, e professores srs. Jayme Pereira da Silva, Jayme Ribeiro da Silva e Silva Brito, a maior cooperação e auxilio. O acto da inauguração decorreu sem solemnidade, não se tendo feito convites. Já hoje foram fornecidas muitas rações.

FRANÇA BORGES

Manifestações de sentimento

O cadaver do extincto será transportado para Portugal—Pezames do chefe de Estado

Por motivo do fallecimento de França Borges numerosissimas pessoas, velhos republicanos filiados em todos os agrupamentos partidarios, estiveram hoje apresentando as suas condolencias á redacção do jornal fundado pelo intemerato jornalista.

Na redacção do *Mundo* foram tambem recebidos telegrammas de todos os pontos do paiz, aonde a noticia da morte de França Borges chegou com uma velocidade assombrosa. Na séde do jornal as cartas de condolencias são em grande numero, bem como os telegrammas de collectividades e commissões politicas.

O sr. presidente da Republica dirigiu á viuva de França Borges o seguinte telegramma:

«Com a maior commoção acompanho v. ex.ª na sua profunda dôr pela perda do nosso querido e inolvidavel França Borges.»

Em nome tambem do chefe do Estado esteve na redacção do *Mundo*, apresentando condolencias, o sr. Barreto da Cruz.

O sr. dr. Theophilo Braga incumbiu o seu antigo secretario sr. Levy Bensabat de apresentar os seus sentimentos aos redactores d'aquelle jornal pela morte do seu director.

França Borges era filho de Antonio Ribeiro Borges, commerciante e proprietario, já fallecido, e de D. Candida França Borges, que vive ainda, contando 78 annos de idade. Tinha trez irmãos, José França Borges e D. Maria e D. Marianna, estas solteiras e vivendo em companhia de sua mãe.

José França Borges, desde que adquiriu a certeza de que os padecimentos de seu irmão se tinham aggravado, sem remedio, não mais abandonou a pobre mãe, dispondo-a para a terrivel noticia.

Já o telegramma do nosso ministro em Berne, havia sido expedido de Daves-Platz, quando no *Chalet Dulce*, do Estoril, onde reside D. Amelia França Borges, foi recebida a ultima carta do director do *Mundo*, em que fazia perguntas ácerca do estado de um artista dramatico que partira de Lisboa para aquelle sanatorio.

Assim que a noticia do fallecimento de França Borges foi conhecida, seguiram immediatamente para o Estoril a fazer companhia á viuva as esposas dos srs. almirante Cesario da Silva, Carlos Trilho, Luiz Derouet e outros.

Entre os telegrammas de sentimento recebidos na redacção do *Mundo* figuram os dos srs.: general commandante da Guarda Republicana, Sousa Junior, Barbosa de Magalhães, dr. Pedro de Castro, Caldeira Queiroz, Augusto Gil, Agostinho Fortes, dr. Carneiro Franco, etc., etc.

O sr. Luiz Derouet telegraphou ao sr. Antonio Bandeira, ministro de Portugal na Suissa, agradecendo-lhe, em nome da redacção do *Mundo*, os cuidados que teve com a doença e morte de França Borges, pedindo-lhe ao mesmo tempo que tomasse todas as providencias no sentido de serem transportados para Lisboa os restos mortaes de França Borges, satisfazendo assim os desejos da familia e dos amigos.

A Associação do Registo Civil resolveu suspender por 8 dias todos os seus trabalhos em signal de sentimento pela morte de França Borges, telegraphar ao sr. dr. Affonso Costa pedindo-lhe para representar a collectividade nas cerimonias funebres que se effectuem na Suissa e promover em breve a inauguração do retrato do extincto jornalista n'uma das salas da sua séde.

Em nome d'*A Capital* e do seu director esteve na redacção d'*O Mundo*, apresentando condolencias o nosso collega Ferreira Martins.

ULTIMA HORA

Portugal na guerra?

Grande certamen mundial

Na Exposição Panamá-Pacifico foi concedida a MEDALHA DE HONRA aos productos da

Fabrica de Chocolates UNIÃO

A mais importante fabrica do genero em Portugal

SPORT

Um acto de guerra e de coragem de um homem de sport

A carta que escreveu L. F. Bauduin, campeão francez, «recordman» de corrida a pé nas distancias de 500 e 800 metros é interessante e dispensa o indispensavel adjectivo e o costumado commentario:

«—Não espere que faça uma descripção de toda a minha campanha contra os allemães, porque ella não é, desgraçadamente, muito longa, mas sim bem sustentada.

«Parti para as linhas de fogo no mez de fevereiro, n'aquella fortaleza de que tanto faliaram os communicados officiaes: Les Eparges. N'essa parte da lucta, fui ándoi até á tomada de Eparges (1 a 12 d'abril de 1915). O que fiz valeu-me a citação na ordem do regimento e a promoção a sargento.

«A 6 d'abril, depois d'uma intensa preparação de artilharia, recebemos a ordem de atacar. Foi com o coração animoso e ao som dos clarins que escalámos os desfiladeiros dos Hauts-de-Meuse. Cheguei, depois de mil difficuldades, com a minha secção, sobre as trincheiras allemãs. Nenhum allemão tinha conseguido fugir e foi aos gritos de

«—Kamerad! Kamerad!»

que fomos recebidos! Fizemos prisioneira toda uma secção e o seu «oberlieutnant». Os nossos progressos continuaram até 12 d'abril. Apesar de mil peripecias d'esta batalha, terminei-a são e salvo, mas tive de recorrer ao posto de soccorros medicos, porque padecia de desinteria e tinha entrado no assalto da fortaleza com 39,5 graus de febre. A minha citação na ordem foi a seguinte:

«—Apesar de gravemente enfermo, conduziu brilhantemente os seus homens no assalto. Teve de ser retirado para o hospital no dia seguinte».

«A 27 d'abril, fui ferido nas trincheiras de Calonne por uma bala que entrando perto do pescoço veiu alojar-se defraz do figado. Fui tratado e curado em Marselha. Tres mezes depois sahi mas enviaram-me a Saint-Brieuc para tentar a extracção da bala. Foi inutil. Tenho-a dentro de mim. Guardo-a como lembrança da minha campanha.

«Ha oito dias, em Saint-Brieuc, o general Schilmans decorou-me o peito com a medalha da guerra.

«Pedi para voltar ao meu deposito e vollo a contribuir na medida do possivel, para obter a victoria».

Nota do dia

No domingo effectua-se o primeiro desafio

O primeiro desafio official para o campeonato de «foot-ball» da Associação de Lisboa, está marcado para a tarde do proximo domingo. São combatentes os primeiros grupos do Sport Club Imperio e do Sporting Club de Portugal. O campo de jogo é o do Lumiar.

Affirma-se que o jogo ha-de decorrer sem incidentes e sem questões. Presume-se que o desafio tambem será correcto, embora energicamente mantido. E porque se fazem estes prognosticos? Dizem-nos porque os grupos teem partidarios mas estes não são facciosos. Ora, perante estas razões, concluimos que a popularidade implica, no jogo de «foot-ball», exaggeros de preferencia e de partidarismo. E' pena que assim aconteça e bem desejariamos que essa popularidade andasse a par da fama de grupo e de mais moderação no partidarismo.

Algumas anecdotas

Como era longa aquella viagem...

Já lá vão vinte annos depois que isto succedeu.

Um conhecido corretor de cambios, o sr. A. C., baixo, gordo, atarracado, que fazia como vida diaria o seu passeio da bolsa aos bancos e d'estes a casa, foi um dia convidado para um passeio de bicicleta até Alemquer.

Acceitou e marchou contente. A principio tudo foi bem, mas os kilometros augmentavam e nunca acabavam! E eram 45 ao todo!

O sr. A. C., fallo de treino, suando muito, resfolgando ainda mais, dava ao diabo a passeata. Quando andou tres horas, já lhe pareciam tres seculos! E Alemquer não se avistava! Parecia extenuado, abatido de força, impossivel de dar uma pedalada... Um dos companheiros perguntou-lhe:

—Que é isso homem? Estás triste?

—Estou pensando como o mundo é grande...

E dizendo isto desceu da machina para descançar e só continuar a marcha duas horas depois...

Noticias

Gymnastica em S. João do Estoril

Entre nós

Regressou do Estoril, tendo assumido a regencia das suas aulas de gymnastica sueca em diversos collegios e clubs da capital, o professor Arthur dos Santos. Não podiam ser mais satisfactorios os resultados obtidos pelas creanças que acorreram ás suas aulas nos Banhos da Poça.

E', sem duvida, a gymnastica sueca, um dos ramos de educação physica que mais contribue para o robustecimento das forças physicas, evitando assim que os organismos caiam n'um depauperamento que, as mais das vezes, é o prenuncio de funestas consequencias.

Este anno estiveram inscriptas nas suas aulas as meninas Maria da Graça Miranda, Estela Loureiro, Maria Emilia d'Avellar Machado, Maria Antonia de Figueiredo, Maria Amelia Figueiredo, Maria José Coelho, Regina Bensabat, Maria Lourdes Valladares, Maria Correia do Pinho, Maria Athayde, Aida Levy, Elsa Levy, Noemia Gomes, Lidia Gomes, Maria Eugenia F. Santos, e os meninos José Joaquim Infante, Luiz Frazão, Gaspar Mendes, Luiz de Avellar, Carlos D. Figueiredo, Antonio Correia do Pinho, Eugenio Duarte Pereira, Vasco F. Santos, Ruy F. Santos, Antonio Vasconcellos Delgado, Luiz de Mello Teixeira e Joaquim Dias Costa.

Uma matinée sportiva

No Centro republicano social da Pena effectua-se no domingo, ás 3 horas da tarde, uma «matinée» sportiva promovida pelos srs. José Bello Sequeira e Antonio da Cruz Lobo, com o seguinte programma: 1.ª parte: argollas, pelos amadores srs. Fausto Martins e Ernesto dos Santos Velludo; trapezio, pelos srs. Benjamim A. Serpa e Candido Raposo; barra fixa, pelo profissional João da Costa (Zu), Mario Lourenço e o comico «Caroso»; jogo de pau, pelo professor Jorge de Sousa e o seu discipulo Jeronymo Augusto Freire d'Andrade. Intervallo de 10 minutos. 2.ª parte: Acrobatas de força, pelo campeão leve João Henriques d'Oliveira e o profissional sr. Viriato Rosa; arame oscilante (equilibrista), pelo sr. Luiz Gaudencio Alves; athletica (pesos), pelo campeão da categoria dos leves sr. João Henriques de Oliveira e Carlos Rodrigues; assaltos de «box», pelos srs. Luiz Gaudencio Alves e Fabião Ferreira.

As festas do Stadium

Está definitivamente resolvido que se realise, no proximo domingo, 14, uma grande festa de velocipedia e de motocyclismo, no velodromo do Stadium. E' um espectaculo de beneficencia, revertendo parte do producto para a cantina do Lumiar. N'essa festa, como já dissémos, reapparecem as bicicletas, cuja corrida sempre desperta interesse e volta a disputar-se uma prova de grossas motocicletas.

Mais um grupo de escoteiros

Está em projectos de fundação mais um grupo de «Escoteiros de Portugal», com séde na Sociedade I. M. P. n.º 5, rua do Mundo, 81, 3.º. Mais um grupo fundado, é mais um passo no caminho da propaganda tão brilhantemente traçado pelo general inglez Baden-Powell. Com este grupo ficam sendo 28 os grupos que constituidos (legalmente) e, distribuidos pelo territorio lusitano.

Club Portuguez de Sport

O capitão do 5.º «team» pede a comparencia dos seus jogadores no campo do Sport Lisboa e Bemfica ás 10 horas do proximo domingo, a fim de jogarem com o Grupo Sporting Nacional.

O QUE DIZ A IMPRENSA ITALIANA

A Grecia e a Romania

não entrarão na lucta e, se entrarem, será ao lado da Allemanha

Roma, 30 d'outubro

Os jornaes italianos commentam as declarações feitas pelo marquez de Lansdowne no parlamento inglez. O *Corriere d'Italia* diz que lord Lansdowne deu uma resposta exacta a todos os jornaes que perguntavam por que motivo a Italia não enviava tropas para Salonica para o lado das anglo-francezas. «Talvez—accrescenta esse jornal—que uma das razões que levou a Italia a não tomar parte n'essa expedição fosse a do governo italiano ter percebido a tempo que uma participação indirecta seria mais proveitosa á acção dos alliados do que participação directa».

O *Corriere d'Italia* conclue: «Da declaração feita por lord Lansdowne facilmente se vê que o governo britannico não tem grande confiança no successo da expedição a Salonica».

Os outros jornaes exprimem, mais ou menos, a mesma opinião.

A opinião publica italiana nunca viu com bons olhos a sympathia da Inglaterra e da França pela Grecia. Ha muito que os jornaes italianos haviam mostrado a sua surpreza pela confiança que os gabinetes de Londres e de Paris depositavam nos politicos gregos, mesmo quando era evidente que o unico poder effectivo na Grecia era o rei e que este era em absoluto affecto ao kaiser.

Continua crescendo nos centros parlamentares italianos o pessimismo ácerca da attitude da Grecia; tenho falado com varios deputados e senadores italianos e posso afiançar que quasi todos elles attribuem a culpa do que está succedendo nas demasiadas esperanças que a *Entente* fundou sobre os Estados Balkanicos.

Um deputado influente e muito ao corrente do que se passa disse-me esta manhã:

«Parece incrivel que a *Entente* perdesse o tempo com permanentes negociações durante um anno quando não era segredo para ninguem que a Bulgaria tinha já entrado n'um formal accordo com a Turquia e a Allemanha, e agora mais incrivel parece que entrasse em negociações com a Romania e a Grecia quando todos sabem que estes dois Estados não querem entrar na guerra e que, no caso de serem forçados a isso se alinharão ao lado dos imperios centraes de preferencia a combatel-os.»

Disse-me o mesmo deputado que nem a Russia nem a Italia se deixaram illudir pelas demonstrações intervencionistas da Grecia e da Romania; aquelles dois paizes tiveram a clara percepção do que se estava preparando nos Balkans.

Além disso bastava attender ás extraordinarias exigencias de territorios que faziam a Grecia e a Romania para se comprehender que não estavam dispostas a entrar na guerra, a não ser com a certeza de não correrem o mais ligeiro risco.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21—Amor de perdição.
TRINDADE—A's 21—O dia do juizo—(Revista).
GIMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.
MODERNO—A's 20 e 22—A filha da Annica.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

HOJE—**Theatro Apollo**—Inauguração da epocha com a *réprise* da phantasia *O diabo que o carregue.*

Ao correr da pena

A empreza do Republica inaugura hoje os seus espectaculos na data costumada. Essa estreia realisa-se em Coimbra por não estar ainda concluido o theatro do Thesouro Velho. Os que teem seguido de perto a sua reconstrucção e avaliado o esforço que ella representa dentro das circumstancias difficeis do momento, sentiram crescer ainda a sua admiração pelas figuras de S. Luiz Braga e Antonio Ramos, que presidem aos destinos d'aquella casa. Pouco mais de um mez nos sepára do momento em que se abrirão de par em par aquellas portas por onde tem desfilado Lisboa inteira, que se abriram para deixar passar os mais grados artistas de Portugal e do estrangeiro. Essa noite será uma noite de grande festa e de grande alegria. Aquelles que metteram hombros á tarefa de resuscitar de dentro dos seus escombros a mais encantadora sala de divertimento de Lisboa sentir-se-hão legitimamente orgulhosos. Aquelles que a ella se prenderam por laços de affeição—e somos nós todos—sentirão a ventura de quem torna a ver sorridente um amigo que suppoz perdido.

Como de costume, o visconde delineou a sua epocha. Póde com approximação mathematica dizer-nos o que se representará em tal data, indicar nos os dias das suas «premiéres», os das festas dos seus primeiros artistas, etc. O seu repertorio está escolhido, as peças copiadas, tudo no seu logar e a postos. Na hora em que sahir o ultimo operario entrarão os primeiros espectadores e não tardará que não reste da catastrophe do anno passado senão uma memoria confusa.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Recebemos esta tarde a visita da illustre artista brazileira Cinira Polonio, que nos deu uns curtos minutos de agradavel palestra, gentileza que lhe agradecemos.

—Do elenco da companhia do theatro Nacional, fazem parte, esta epocha, os seguintes artistas: Lucinda do Carmo, Augusta Cordeiro, Palmira Torres, Maria Pia, Laura Cruz, Jesuina Motili, Albertina de Oliveira, Justina de Magalhães, Carlota Sande, Emilia Sarmento, Isabel Berardy, Maria Augusta, Judith de Castro, Rosina Rego, Fernanda de Almeida, Cremilda Torres, Ignacio Peixoto, Joaquim Costa, Augusto de Mello, Antonio Pinheiro, Luiz Pinto, Carlos Santos, Pato Moniz, Henrique de Albuquerque, Eduardo Raposo, João Calazans, Edmundo Motili, Luiz Bravo, Francisco Lage, Antonio Gomes, Rosa Matheus, Luiz Ribado, José Torres, Carlos de Lacerda, Carlos Shore e Teixeira Soares.

—No dia 15 do corrente, data da proclamação da Republica do Brazil, realisa a sua festa annual o antigo fiscal da Trindade Manuel de Sousa Machado, com a primeira representação n'esta epocha da operetta «O rei damnado».

—Realisar-se-ha em breve no Gymnasio uma recita de homenagem ao illustre escriptor Julio Dantas. Na mesma noite representam-se as suas trez peças «Mater dolorosa», «D. Beltrão de Figueirôa» e «Soror Marianna». A primeira representação da peça americana «Twin Beds», de miss Margaret Mayo, que João Soller traduziu com o titulo «La donna é mobile» e que a actriz Maria Mattos está ensaiando, subirá á scena em seguida.

—Desligou-se da companhia do theatro do Gymnasio a actriz Alda Aguiar.

Circos & Music-halls

Promovido pela direcção da Escola de educação feminina, realisa-se amanhã, ás 20 horas, uma festa escolar no salão Imperio, á Estephania.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chanteeler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria: Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Recenseamento militar

A junta de parochia de Bemfica convida todos os mancebos seus parochianos, que completem 16 e 19 annos no anno corrente, a darem-o seu nome, morada filiação e naturalidade na séde da secretaria da junta, estrada de Bemfica, 300, para effeitos do recenseamento militar.

Festas associativas

No Club Estephania realisa-se amanhã, pelas 21 horas, a inauguração da epocha festival de 1915-1916 com recita seguida de baile. Representa-se pela primeira vez a comedia em 3 actos «Piperlin agencia de casamentos», cujo desempenho está confiado ao grupo dramatico do club. Tanto nos entre-actos como no baile toma parte um quintetto.

Caminho de ferro de Moçambique

O engenheiro sr. Delphim Monteiro, encarregado da construcção do caminho de ferro de Moçambique á fronteira, fará na proxima segunda feira, pelas 21 horas, na Sociedade de Geographia, uma conferencia sobre aquelle caminho de ferro, que é no actual momento um assumpto palpitante. A' conferencia, que será acompanhada de projecções electro-luminosas, podem assistir os socios acompanhados de senhores de suas familias.

Pela instrucção

No Centro Escolar Democratico da Lapa, calçada da Estrella, 173, 2.º, continúa aberta a matricula para o curso de francez, portuguez e escripturação commercial para alumnos do sexo masculino de mais de 18 annos. Esclarecimentos dão-se em todos os dias uteis das 21,30 ás 22 horas.

Colyseu dos Recreios

A estreia do celebre ventriloquo Sanz

Noite de verdadeira festa a de amanhã no Colyseu dos Recreios, onde se apresentou pela primeira vez perante o publico lisboeta, o incomparavel ventriloquo Sanz, que acaba de receber na sua *tournée* pelo estrangeiro os mais enthusiasticos applausos.

Sanz é o rei da gargalhada, fazendo viver no espirito do publico a sua prodigiosa collecção de trinta automatos articulados. Os ditos dos seus interessantes bonecos fazem desabrochar o ri o franco em todo o publico e causam o deslumbramento da petizada que suppondo-se em frente de artistas de carne e osso os acclama fervorosamente. Sanz é presentemente o unico artista do seu genero e tem em todo o mundo fóros de celebridade. Os lisboetas vão apreciar amanhã o trabalho do phenomenal artista enchendo por completo o vasto Colyseu. Sanz vae mais uma vez triumphar em toda a linha. O programma do espectaculo, organisado a preceito, inclue todas as celebridades da grande companhia de circo, não faltando o intrepido domador Marck, a troupe chineza Nontsi, os «clowns» Antonet, Walter, Rico e Alex, etc.

Domingo, em *matinée* dedicada ás creanças que teem entrada gratuita quando acompanhadas de suas familias, realisa-se a segunda apresentação de Sanz, que deve atrahir ao Colyseu mais uma enchente colossal.

Eugenia Luiza David Henriques Marinho

Falleceu

Confortada com os Sacramentos da Egreja

Pedro Marinho, Vasco Gilot Marinho, Marianna Baptista Capon, Antonio Burguette e sua mulher Luiza Perestrello da Camara Burguette, Julia Marinho de Oliveira, Camilla Marinho Lopes, Beatriz de Sousa Burguette e sua filha Maria Helena de Sousa Burguette cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença a sua chorada mãe, avó, sobrinha, irmã, cunhada e tia e que o seu funeral se realisará no dia 6 do corrente, pelas 2 horas da tarde para o cemiterio occidental (jazigo de familia), sahindo o prestito da sua residencia, rua dos Navegantes, 28, não se fazendo convites especiaes por expressa determinação da finada.

Aos Paes

O Instituto do Amigo da Creança, a unica casa de ensino que possue material mandado fazer expressamente no genero do que existe nos paizes cujo ensino é modelar, offerece segura garantia do bom resultado a esperar do ensino das creanças.

Tem mostruario proprio na exposição installada na Sociedade de Geographia, exposição que bem merece uma visita.

Dos 3 aos 7 annos classe infantil para ambos os sexos.

Educação do sexo feminino instrucção primaria, liceu até ao 5.º anno, linguas praticas e theoricas por professores das respectivas nacionalidades, musica, desenho, pintura, todos os trabalhos de arte applicada, bordados em todo o genero, rendas, costura, doces, cosinha, gimnastica e jogo do «tennis».

Remettem-se os programmas a quem os requisitar no Palacio o Parque Raposo—Rua de Santa Martha, 179, proximo á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Chapelle, e termina abruptamente na elevação denominada Haut Pommereau, um avanço atravez d'essa elevação e d'ahi por uma estreita faixa de terreno para outra elevação que segue a estrada de Lille por Fournes para La Bassée, se fosse coroado de exito, tornearia a posição dos allemães e obrigal-os-hia a evacuar La Bassée e os seus arredores.

Um avanço semelhante havia sido feito, com pleno exito, pelos inglezes nas primeiras trez semanas de outubro de 1914. Haviam tomado Neuve Chapelle, atravessado a primeira elevação e o baixo terreno e occupado Le Pilly, a kilometro e meio de Fournes, na orla da segunda elevação. Mas o contra-ataque allemão, apoiado por grandes massas de homens e numerosa artilharia, havia-os feito recuar de Le Pilly, desalojára-os da elevação Aubers-Fromelles-Radinghem e repellira-os de Neuve Chapelle.

A batalha de Neuve Chapelle em março de 1915 tinha dado occasião a sir John French poder tomar a sua segunda offensiva a fim de assegurar a posse d'essas elevações.

Desde outubro que os allemães estavam entrincheirando as suas linhas desde Lille até La Bassée. Estavam-nas agora reforçando com magnificas vedações de arame farpado e com metralhadoras d'um grande poder de resistencia. As lições tiradas do bombardeamento a que o inimigo fôra sujeito em Neuve Chapelle tinham por elle sido aproveitadas.

Fundas trincheiras, reforçadas com cimento, e galerias subterraneas haviam sido construidas para abrigar as guarnições que as defendiam. Canhões pezados, collocados nos outeiros a sudeste, proximo de Pont-à-Vendin, podiam cobrir os inglezes de granadas, se elles tentassem tomar as eminencias.

Ypres era protegida pelo segundo exercito inglez, sob o commando de sir Herbert Plumer, guarnecendo o terceiro corpo Armentières.

Sir Douglas Haig tinha a seu cargo com o primeiro exercito tomar os entrincheiramentos e reductos da ala direita do exercito do principe real Ruprecht.

O quarto corpo, segundo o plano de sir John French, devia atacar as trincheiras allemãs e os reductos nas cercanias de Rouges-Bancs, a noroeste de Fromelles, o corpo indiano e o primeiro corpo deviam

Duque dos Abruzzos, commandante em chefe da real armada italiana

tomar as da planicie do sopé da elevação de Aubers entre Neuve Chapelle e Givenchy e em seguida as alturas.

A' meia noite de 8 para 9 de maio as ruas de Béthune, para além da extrema direita do primeiro exercito, estavam cheias de tropas. De Béthune até em redor de Armentières as estradas e os caminhos que conduziam ás trincheiras inglezas iam apinhados de homens em marcha e de material de guerra.

Os soldados sabiam que iam travar um d'esses combates que no tempo de Napoleão seriam considerados uma grande batalha, mas que na actual guerra eram apenas meros incidentes. Esteve determinado que, como em Neuve Chapelle, a acção começasse por um bombardeamento das linhas inimigas.

atiradores ou «caçadores» especiaes em breve alcançaram uma grande reputação, e bem merecida, entre as forças alliadas.

Antes do primeiro contingente sahir de Inglaterra, houve alguns receios de que elle, sendo espalhado pelas differentes divisões britannicas, perdesse as caracteristicas que o distinguiam. As auctoridades britannicas, porém, não procederam assim.

A divisão ficou unida e o general Alderson continuou no commando na Flandres, como commandára em Salisbury Plain. O objectivo do governo canadiano era ter o mais cedo possivel um corpo d'exercito seu na fronte, com reservas adequadas em Inglaterra.

O general Alderson logo nos primeiros dias em que chegou a Salisbury Plain conquistou o respeito e a estima dos canadianos. Na Flandres, ainda conseguiu mais do que isso. «Alderson é um ser humano e não um automato militar»—escreveu um joven canadiano aos seus amigos que haviam ficado na sua patria.

Alderson não tentou acabar com a liberdade que havia entre officiaes e soldados. Mostrou que, sabendo-a utilisar, se podia transformar n'uma força. Falava aos seus soldados como de homem para homem.

Antes d'elles irem pela primeira vez para as trincheiras, disse-lhes como o seu antigo regimento—o Royal West Kent, que estava em França desde o começo da guerra—não perdera ainda uma trincheira.

«O exercito diz: «O West Kent nunca recua». Tenho orgulho n'essa proeza do meu antigo regimento. E agradeço-lhe esse valor. Agora, pertenço-lhes e os senhores pertencem-me; por isso, desejo que o exercito diga: «Os canadianos nunca recuam». Os allemães, assim o espero, nunca os farão recuar.»

Um general que sabia assim ferir esta nota, dirigindo-se a homens como os canadianos, tinha a certeza de que seria apoiado enthusiasticamente.

A 1 de março a divisão canadiana tomou para cima de 6 a 7 milimetros de trincheiras. O trabalho da divisão durante as semanas que se seguiram foi principalmente de provações. Os allemães não atacaram; mas o fogo foi ininterrupto dos dois lados.

A primeira divisão canadiana tomou parte em quatro combates principaes durante a primavera e o verão passados. O primeiro foi o avanço sobre Neuve Chapelle. Seguiu-se a segunda batalha de Ypres, quando a divisão salvou a linha de retirada dos argelinos e dos turcos depois de terem sido atacados com as nuvens de gazes asphyxiantes e resistirem aos desesperados e quasi ininterruptos ataques das tropas allemãs quasi durante trez semanas.

Os canadianos tiveram parte importante no combate de Festubert, em maio, fazendo um brilhante avanço nos dias 20 e 21 e apoderando-se de muitas trincheiras do inimigo. Tiveram tambem larga parte na acção de 15 de junho em Givenchy. Desde o meiado de junho até ao principio do actual outomno, teem occupado uma secção de trincheiras.

Quasi se não póde fazer distincção entre as tropas, pois todas se portaram esplendidamente. O 1.º batalhão dos Fuzileiros de Winnipeg mereceu especial distincção na segunda batalha de Ypres por se ter sustentado firmemente nas suas trincheiras apezar de contra elle serem arremeçadas grandes nuvens de gaz.

A esse tempo ainda os soldados não estavam providos de apparelhos proprios para evitar os effeitos deleterios dos gazes. Instinctivamente, as tropas do Winnipeg transformaram os cachenez de que estavam providas em respiradores e ficaram firmes nas suas trincheiras.

A 2.ª brigada de infantaria, os Canadianos Occidentaes, sob o commando do brigadeiro-general Currie, portaram-se esplendidamente em Ypres. Estava collocada n'um sitio extremamente perigoso. Manteve-se nas trincheiras até estas serem arrazadas pelo fogo allemão, reti-an-

do os que ficaram vivos em boa ordem.

Os regimentos Highland mantiveram a antiga reputação dos escocezes. Entre os seus maiores feitos deve mencionar-se a carga dos Escocezes Canadianos sob o commando do tenente coronel Leckie e do 10.° batalhão sob o do tenente coronel Boyle em Ypres, quando romperam as linhas allemãs, retomando os canhões que haviam perdido.

A violencia da lucta em que os canadianos entraram póde avaliar-se pelas perdas soffridas. Um caso typico se póde citar—o do Regimento Britannico da Columbia. Todos os officiaes d'esse regimento que vieram com as primeiras tropas do Canadá foram mortos ou feridos antes do outomno actual e apenas dois dos feridos puderam voltar para o regimento.

A cavallaria canadiana (os Reaes Dragões Canadianos, Cavalleiros de Lord Strathcona e o 2.° de Cavalleiros do Rei Eduardo) formou uma brigada antes da primeira divisão sahir de Inglaterra e foi collocada sob o commando do general Seely, que fôra secretario do ministerio inglez da guerra.

Quasi logo depois do primeiro contingente canadiano ter sahido de Salisbury Plain para a fronte, começou a chegar o segundo. O commando d'essa divisão emquanto esteve em Inglaterra foi dado a um distincto soldado canadiano—o general Sam Steele—soldado cujo activo militar remonta aos dias da expedição ao Rio Vermelho e que era uma figura muito conhecida na vida canadiana.

N'esse contingente as universidades canadianas estavam largamente representadas. A Brigada de metralhadoras Eaton, assim denominada em homenagem a sir John Eaton, de Toronto, que contribuiu com cem contos de réis, era uma unidade valiosa quanto á organisação e equipamento.

Houvera verdadeira emulação entre as differentes provincias e as grandes cidades do Canadá para qual d'ellas se fazer melhor representar e o resultado era em tudo digno d'essa colonia ingleza.

CAPITULO V

As batalhas de Aubert e de Festubert

De manhã cedo, no dia 9 de maio, as tropas inglezas que defendiam Ypres das investidas dos allemães, ouviram um terrivel canhoneio ao sul do Lys. Esse canhoneio indicava o começo da lucta para a posse da elevação de Aubers, estendendo-se parte da grande offensiva franco-britannica desde o sul de Armentières até ao norte de Arras.

No dia 14 d'esse mez appareceu a narrativa do correspondente militar do «Times», que havia estado no quartel general, na qual se dizia que a falta de provisão de granadas em profusão fôra fatal para impedir o pleno successo da tentativa ingleza em se apoderar das eminencias que dominavam Lille e que, se tivessem sido occupadas pelos alliados, tornariam insustentavel a posição dos allemães em La Bassée.

Cinco dias depois, Asquith annunciava a creação do ministerio das munições e no dia 25 de maio era publicada a lista dos membros do novo gabinete inglez. A 16 de junho Lloyd George era nomeado ministro das munições.

A batalha de Aubers marca, por isso, uma phase importante na historia da guerra e merece, por isso, assim como pela sua propria importancia, ser descripta pormenorisadamente. Embora as forças britannicas não alcançassem completo exito, nem por isso as perdas soffridas na elevação de Aubers deixaram de ser grandes. Os ataques dirigidos por sir Douglas Haig obrigaram o principe real da Baviera a concentrar grande parte das suas forças utilisaveis e de artilharia ao norte da saliencia de La Bassée, e a consequencia foi que os allemães não tinham a força sufficiente para resistir ao avanço de Joffre da região de Arras para Lens.

La Bassée, a ponta da saliencia, era cercada por diversas obras de fortificação cuidadosamente preparadas pelos allemães. Um ataque directo não podia ser nem por um momento sequer encarado como viavel por qualquer dos commandantes, que não consideravam a sua infantaria como mera carne para canhão. Mas um avanço desde o Lys para a elevação, que ficando perto do forte Englos, a uns seis kilometros e meio a oeste de Lille, corre em direcção sudoeste para Aubers, a trez kilometros pouco mais ou menos a leste de Neuve

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1883 — 6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabbado, 6 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293 — Endereço telegr. CAPITAL — Composição — Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Dois generaes

Chegam hoje a Lisboa, e quasi á mesma hora, dois homens cuja attitude se póde considerar typica pela situação que se crearam. São dois generaes. São dois antigos ministros. E a ambos a Republica deu a sua mais alta consagração.

Um d'elles é o sr. Pereira d'Eça. Militar brioso, de grande capacidade profissional, nunca militára em nenhum partido. Isso não obstou a que a Republica lhe confiasse um cargo da mais alta responsabilidade. O sr. Pereira d'Eça foi nomeado ministro da guerra no gabinete Bernardino Machado. Não teve senão razões para se felicitar pela sua escolha o eminente estadista que hoje occupa a presidencia da Republica.

O sr. Pereira d'Eça estava no exercicio das suas funcções quando se desencadeiou a conflagração europeia. Com os outros seus collegas do gabinete, affirmou a solidariedade do exercito portuguez com as forças da grande nação alliada que já se estava batendo no theatro occidental da guerra. Sabe-se o que se passou depois da declaração solemne de 7 de agosto de 1914 no parlamento portuguez. Apoiada n'essa declaração, que collocava todo o nosso esforço á sua disposição para a lucta que se encontrava empenhada, á certa altura a Inglaterra sollicitou uma parte do nosso material de guerra. O general Pereira d'Eça immediatamente deu a sua annuencia a esse concurso, mas tambem immediatamente exprimiu o seu parecer de que esse material de guerra devia ser acompanhado pelo contingente militar que lhe correspondia. Para onde vão as suas armas, vão os soldados portuguezes. Era a sua doutrina, e só quem tenha perdido a noção do brio patriotico e militar póde d'ella discordar. A propria Inglaterra, como já é sabido, reconheceu quanto era justificada e nobre esta attitude do chefe do exercito portuguez.

Quando se tratou de vingar o revez de Naulila, o general Pereira d'Eça foi logo indicado como devendo ser o commandante das nossas forças que se encontravam em Angola. Sem a mais pequena hesitação, acceitou esse encargo e partiu. Circumstancias independentes da sua vontade não o deixaram castigar os allemães. Mas ninguem põe em duvida de que a faria com o mesmo brilho, o mesmo arrojo, e evidenciando as mesmas altas qualidades militares com que reprimiu a insurreição indigena, fomentada pelos allemães, inimigos de Portugal. N'uma palavra, em todas as conjuncturas, o general Pereira d'Eça, com simplicidade, brio e coragem, honrou a Patria e serviu a Republica.

O outro general que regressa a Lisboa é o general Pimenta de Castro. Não esqueceu tambem a sua attitude. O general Pimenta de Castro, em quem os republicanos confiavam como n'um velho correligionario, assumiu o governo em condições em que o verdadeiro patriotismo e o verdadeiro espirito republicano deveriam inhibil-o de o acceitar. Assumiu o governo apoz um movimento de indisciplina militar, que levou a um acto de desrespeito pelos principios da democracia pura, e acabou por se abalançar a uma dictadura, que teve de ser esmagada por uma revolução, derramando-se sangue portuguez. Não hesitou em ser um dictador, sabendo que o povo portuguez sempre abhorreceu a dictadura, e que muito menos a consentiria n'um regimen republicano. E lovado pelos conselhos perfidos ou inconscientes de meia duzia de pessoas, não trepidou em evidenciar o proposito de tornar a Republica uma instituição puramente nominal, simples tabolela cobrindo os processos monarchicos e os mais figadaes inimigos do regimen. Isto no ponto de vista interno. No ponto de vista externo, esse general do exercito portuguez suspendeu a preparação para a guerra, e não só deixou sem reparação o ultrage dos allemães em Naulila como claramente accentuou o caracter germanophilo da sua politica. A sua acção só redundou em desprestigio para a Patria e em perigo para a Republica.

Este contraste permitte fixar a attitude diversamente typica d'estes dois homens. São dois generaes. São dois symbolos. Um encontra-se no serviço activo da Republica. O outro foi affastado d'esse serviço. Não ha outra conclusão a tirar d'estes dois symbolos senão a de que os que são representados pelo primeiro, devem, sejam civis ou militares, conservar-se no serviço da Republica, e os que a elle se não adaptam, como se não adaptou o segundo, não podem nem devem, como elle, ser conservados ao serviço da Republica.

O caminho de ferro do Lobito

LOBITO, 5—O rendimento do caminho de ferro de Benguella em outubro foi de 49 contos.—*(Havas)*

Separação de funccionarios

Pelo ministerio da guerra serão affastados cerca de vinte officiaes

Apezar das noticias que correram em contrario, o decreto affastando do serviço os officiaes que a commissão do Ministerio da Guerra entendeu que não davam as sufficientes garantias de adhesão ao regimen ainda não foi publicado hoje no *Diario do Governo*. Esse diploma foi hoje levado á assignatura pelo sr. ministro da guerra, não podendo, portanto, ser conhecido senão na proxima segunda feira. Ao que consta, os officiaes a separar são cerca de vinte, havendo-os de todas as patentes.

Diz-se que a commissão do Ministerio das Colonias tem já concluidos, ou pouco menos, os seus trabalhos de investigação, esperando-se que dê muito brevemente por finda a sua tarefa. Ao que corre, a mesma commissão só mandou investigar dos actos d'um funccionario, que é primeiro official da Direcção Geral de Fazenda das Colonias. O respectivo processo está a correr, dizendo-se que n'elle depoz, como testemunha, um diplomata um antigo presidente do ministerio, um ex-ministro das colonias e mais duas ou tres pessoas de elevada cathegoria.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se dorime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 do julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

VIAGENS NO ALGARVE

Qual é o maior dos estorvos

Tanto para o turismo como para o desenvolvimento do commercio e da industria, elle reside nos actuaes caminhos de ferro

A chronica que ha tempos, quando da sua viagem ao Algarve, o nosso camarada Adelino Mendes publicou na Capital *sobre a viação acelerada n'aquella provincia, mereceu ao sr. Magalhães Barros, um grande industrial algarvio que é honra da terra onde vive e que, como portuguez e patriota, não haverá muito quem o exceda, reparos que elle concretisou n'uma carta dirigida áquelle nosso collega e que, por ser curiosissima e representar um brado sentido em favor do Algarve, inserimos a seguir. E' assim concebida:*

Meu caro Adelino Mendes.—Devido aos meus multiplos afazeres, não tive occasião de lêr logo e com a devida attenção, a sua chronica sobre o momentoso assumpto que me serve de epigraphe. Lamento apenas que só passado um mez eu tenha um fugaz momento para tratar do caso, demais sem o minimo colorido e brilho, que bem necessarios se tornam n'um ponto de tal magnitude. Mas se me falta a competencia, sobeja-me a razão, que ao lume d'agua sobrenada magestosamente. De todas as valiosas e interessantissimas chronicas, que v. escreveu sobre o nosso querido e incomparavel Algarve, e que todos nós muito desejariamos vêr reunidas em um lindo volume, para ser compulsado por todos os bons patriotas, uma ha, a dos caminhos de ferro, de que nós, os algarvios, discordamos na sua quasi generalidade. E se não vejamos o que a tal pessoa absolutamente idonea e intimamente ligada ao assumpto de que v. fala, lhe declarou. Disse-lhe ella «que o serviço é deficiente, mas unicamente em virtude da guerra, pois antes tudo nadava n'um mar de prosperidades, luzindo por conseguinte todo o trabalho».

Vejamos que especie de luz seria essa. De electricidade julgará v., de cebo direi eu. Acaso em qualquer tempo, já nós tivemos os caminhos de ferro do sul e sueste em condições normaes e civilisadas? Suprema irrisão! Como se tudo isto não fôsse uma sequencia desgraçada e inevitavel, aggravada dia a dia. Rapidos, que param até nos mais infimos apeadeiros, muitas vezes ainda, para os empregados entregarem cautelosamente qualquer cestinho para a familia! Será isto devido á guerra? Rapidos, que de Lisboa a Villa Real de Santo Antonio levam umas 13 horas nominaes, representativas de 14, 15, 16 e mais horas, a mór parte das vezes, porque estão todas as estações e apeadeiros á porfia, de qual obtem o premio de mais provocantemente empatar o mostrengo, e outras, porque as machinas mais reles que em todo o orbe existem, ficam abandonadas por esses caminhos fóra á espera que se lhes pique os bois! Será isto devido á guerra? Rapidos, que obrigam um paciente e infeliz passageiro que se dirija no barlavento algarvio, a um segundo trasbordo em Tunes, perante uma escaricadora hora da madrugada, quando do Barreiro deviam seguir carruagens atreladas para aquelle destino! Será isto devido á guerra?

Rapidos, cujos exiguos compartimentos de 1.ª classe, mal comportam tres pacientes, não se abrindo os restantes, emquanto houver um logar disponivel, havendo muitas occasiões que os passageiros são forçados a viajar no corredor, a fim de não se sujeitarem a ser prensados como a sardinha, ou por não terem logar, devido a umas reles caixas que occupam varios compartimentos, e que, cada uma custa a insignificancia de dois mil reis, naturalmente por conterem artigos vindos da Allemanha! Será isto devido á guerra? Rapidos, que nem sequer restaurante trazem, certamente para fazer concorrencia aos seus congeneres da linha, que primam pelo seu fornecimento e irreprehensivel asseio, dignos de servirem as raças mais exoticas e selvagens do orbe terraqueo! Será isto devido á guerra? Horario, de tal modo monstruoso, que quem deseje ir a Olhão, Tavira, Castro Marim, Monte Gordo ou Villa Real de Santo Antonio, apenas tem um comboio ás 4,20' da madrugada, com immediato trasbordo em Tunes,—pois que, havendo um segundo ás 9 da manhã, quando chega ao terminus Faro, já d'aqui tem partido, ha uma hora, outro para aquelle destino, dando-se á volta as mesmissimas circumstancias! Será isto devido á guerra? Horario vergonhoso, que marca 4 a 6 horas, para se percorrerem 56 kilometros, de Portimão a Villa Real de Santo Antonio, o que representa, o «non plus ultra», do desaforo indigena! Será isto devido á guerra?

Horario tão bonito, que apoz dez minutos das sahidas dos comboios de Portimão, as machinas ficam uma eternidade a tomar agua cerca de Estombar, quando o deviam fazer antes, mas tudo por amor e gentileza para com o respeitavel publico. Será isto devido á guerra? Serviço tão requintadamente apurado que, possuindo Faro ha já annos, illuminação electrica em toda a cidade, sómente a estação do caminho de ferro continua pifiamente illuminada, com a sua primitiva lamparina de petroleo fedorento! Será isto devido á guerra? Serviço tão pressurosamente feito, que as mercadorias em grande velocidade, levam pelo menos dois dias a chegar ao seu destino, e as demais, a bagatella de vinte, apezar do dinheirão louco em que taes despachos hoje importam, pelo que os algarvios, desilludidos de vez, estão de ha certo tempo, preferindo grandemente a viação maritima, por mais rapida, garantida e economica.

Podia, para terminar, transcrever para aqui muitas locaes da imprensa da provincia, onde os serviços dos caminhos de ferro teem sido justamente apreciados. Mas, desde que me assiste toda a razão, não me parece preciso recorrer a semelhante documentação, que representaria para os caminhos de ferro do sul e sueste a maior das condemnações. Isto, assim como está, não pode ser. Nós queremos ir a Lisboa rapidamente, queremos conviver, queremos viajar, queremos alargar as nossas relações economicas e não podemos. Os caminhos de ferro não nol-o consentem, obrigando-nos a estacionar, a parar, a marcar passo. E' inconcebivel. E, por hoje, basta. Creia-me, com particular estima, seu amigo certo. Mexilhoeira do Carregação (Algarve), 4 de novembro de 1915.—Antonio Judice Magalhães Barros.

Poeira da Arcada

O governador civil vae, emfim, tomar providencias para reprimir a jogatina. As victimas são mais que muitas, algumas apresentando manifestos signaes de haverem perdido com o seu dinheiro as disposições para o trabalho.

O vicio fôl-os descrentes. Entendem que, n'este mundo, o ceu e o inferno se conquistam sobre o panno verde das mezas de jogo. A batota deu-lhes uma philosophia, uma tendencia para soffrer com bom modo os golpes da fortuna. Uma simples aragem póde encher-lhes as algibeiras de escudos. E' questão de tempo. Esperam, portanto. E resignadamente, chupando nos cigarrinhos humidos, cujo fumo azulado e breve se rende em miragem de ventura, elles aguardam o rapido instante em que a Sorte lhes lerá a sina.

Uns mil portuguezes que vivem em Fall River, Mass., Columbia, pensa em fretar um vapor da Fabre Line, a fim de visitarem os Açores, Madeira e Lisboa. Isto mostra que Portugal é maior do que se pensa. O coração dos seus filhos, em todos os pontos da terra, se orienta pelo amor do torrão natal. Ora esta communhão ininterrupta de affectos vale incontestavelmente mais sob o aspecto patriotico que a constante degolação dos nossos partidos politicos, operada por via oratoria.

* * *

A China, em dia que não vae longe fez-se republicana. As pessoas que por lá teem negocios riram-se, como se não tomassem a serio o caso. Paiz de charão e porcellana, não póde afazer-se ao vozear e tumultuar das democracias europeias. A'manhã ou outro qualquer dia, é capaz de pôr a cabaia a antiga, restituindo-se á sua velha alma ritualista, inalteravel.

José Pontes

A iniciativa d'um banquete em sua honra está sendo enthusiasticamente acolhida

Para o banquete que em honra do dr. José Pontes um grupo de amigos e homens do sport resolveu promover, como homenagem aos grandes serviços por elle prestados á causa da educação physica e ao desenvolvimento do sport em Portugal, proseguiu hoje a inscripção que, segundo noticiámos, se encontra aberta nos nossos escriptorios. Acham-se já inscriptos os srs.:

José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, Accacio Santos, Manuel Egreja, José Joaquim Bastos, Antonio Henrique Oliveira e Silva, José Aprigio Gomes, João dos Santos Mattos, Mario Beirão, Diogo Pina Manique, Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cartaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Sousa, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

Pelo telegrapho

Os russos repellindo os allemães

PETROGRADO, 6.—Na região de Riga continua a lucta; progredimos ligeiramente a oeste do lago Akkel. Ao sul do lago Sventen repellimos um ataque do inimigo, que soffreu grandes perdas. Nas margens do Styr repellimos outro ataque, fizemos 250 prisioneiros austriacos e tomámos dois canhões, trez metralhadoras e grande numero de armas. Ao norte de Nuvelsleximetz combate á bayoneta, sendo o inimigo repellido e fazendo nós 163 prisioneiros. Na margem direita do Strypa houve encarniçado combate.—*(Havas)*.

Um transporte britannico afundado no Egeu

LONDRES, 6.—Official. No dia 19 de setembro ás 6 horas da manhã, no Mar Egeu, ao largo da ilha de Antocythora, um submarino allemão canhoneou e afundou o transporte britannico *Hamazan* que conduzia cerca de 380 soldados indios. D'estes salvaram-se 79 além de 28 marinheiros.—*(Havas)*.

Os bulgaros batidos pelos alliados

ATHENAS, 6—A legação da Servia annuncia que os bulgaros foram batidos no desfiladeiro de Babuna depois de uma batalha que durou alguns dias, na qual tomou parte a infantaria franceza e a cavallaria britannica.—*(Havas)*

Cahiu o gabinete grego

ATHENAS, 6—Os jornaes dizem que o rei Constantino acceitou definitivamente a demissão do gabinete Zaimis.—*(Havas)*

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Os primeiros bachareis em letras

São dez, entre elles trez senhoras — O Laboratorio de Psychologia e o Instituto de Estudos Historicos—Homens de sciencia e professores notaveis

Da universidade de Lisboa, creada, como a do Porto, pelo governo provisorio da Republica em abril de 1911, acabam de sahir os primeiros bachareis em letras. Não deve passar despercebido o facto, merecedor de especial registo por varias circumstancias entre as quaes avultam a da mais perfeita preparação dos futuros professores dos liceus, a do rigor com que se seleccionam os candidatos ao exercicio do magisterio e ainda a da concorrencia feminina, não por numerosa mas por importante, se attendermos aos resultados obtidos.

A faculdade de letras da universidade de Lisboa inaugurou-se em novembro de 1911 com trinta e tantos alumnos, os primeiros que seguiam o novo plano de estudos, os quaes se distribuem em cinco secções: philologia classica, philologia romanica, philologia germanica, sciencias historicas e geographicas e philosophia. Para se ter direito a apresentar-se a exame, é necessario que as disciplinas da secção escolhida pelo alumno sejam estudadas no periodo minimo de oito semestres. Dos alumnos matriculados em novembro de 1911 apenas dezenove requereram exames que se realisaram o mez passado, terminando nos primeiros dias d'esta semana. D'esses dezenove unicamente dez conseguiram approvação. Eis os seus nomes e as classificações alcançadas:

Em philologia romanica, o sr. Manuel dos Santos Gil (com 15 valores) e as sr.as D. Armanda Craveiro Simões Ribeiro e D. Esther Celeste de Oliveira Guimarães, ambas com 14 valores);

Em philologia germanica, os srs. José Luiz Affonso (com 11 valores) e Antonio Bartholomeu Gromicho (com 10);

Em sciencias historicas e geographicas, a sr.ª D. Maria Josephina de Urquia Rodrigues Tocha e os srs. Augusto Reis Machado e Raul Raphael Ferreira Navas, (todos distinctos);

Em philosophia, os srs. Alvaro Affonso Ribeiro Barbosa e Francisco Romano Newton de Macêdo (ambos com 14 valores).

O alumno que frequentou a secção de philologia classica não concorreu a exame.

* * *

O grupo de disciplinas subordinadas á designação de philologia romanica abrange o estudo das philologias romanica e portugueza, da litteratura portugueza, da lingua e litteraturas franceza e das litteraturas hespanhola e italiana. O de philologia germanica comprehende o estudo das linguas e litteraturas ingleza e allemã. O de historia e geographia, inclue o estudo da historia antiga, medieval, moderna e contemporanea, da historia geral da civilisação, da historia de Portugal, da historia das religiões, da geographia geral, da geographia politica e economica, da geographia de Portugal e colonias, e da ethnologia. O grupo denominado philosophia abrange o estudo da philosophia propriamente dita, da historia da philosophia antiga, medieval e moderna, da psychologia experimental, da esthetica e da historia da arte.

Muitas d'estas disciplinas são communs, com o caracter de subsidiarias, ás differentes secções, estudando-se, tambem do mesmo modo, outras sciencias auxiliares como a archeologia, a epigraphia, a numismatica, a paleographia e a diplomatica.

Os novos bachareis — cujos exames, diga-se de passagem, foram em geral apertadissimos — devem, para que possam vir a fazer parte dos corpos docentes dos lyceus, frequentar a Escola Normal Superior, que é a que se inaugurou n'umas dependencias do edificio de Jesus, onde funcciona a faculdade de letras. Ahi receberão a instrucção pedagogica que completará o seu curso do magisterio liceal.

A'cerca do bacharelato em letras, convem dizer que o ensino na faculdade respectiva é ministrado sob a fórma de lições magistraes, trabalhos praticos e exercicios de investigação scientifica. Nos lições magistraes não se marca falta aos alumnos, mas sim nas outras duas fórmas de ensino. Os trabalhos praticos consistem em cursos praticos de linguas vivas, exercicios feitos nas aulas e em casa, analyse de textos, lições oraes sobre as diversas materias do plano da faculdade, exercicios de psychologia experimental, visitas a estabelecimentos instructivos, excursões scientificas, etc.

Os exercicios de investigação scientifica deveriam ser ministrados no «Instituto de Estudos Historicos» e no «Laboratorio de Psychologia» que, infelizmente, ainda não existem senão no papel. Uma razão explica a falta do «Laboratorio» e a grande despeza que requerem a sua installação. Quanto ao «Instituto de Estudos Historicos» não se pode invocar o mesmo argumento, sendo talvez facil, com um pequeno esforço, estabelecel-o. Tão visinhos da magnifica bibliotheca da Academia das Sciencias e a dois passos da Torre do Tombo, as fontes de estudo não faltariam a professores e alumnos e, ao cabo de quatro annos de nova constituição universitaria, alguma coisa se deveria ter feito no sentido de realisar esta parte do regulamento das faculdades de letras.

* * *

Entre os professores da universidade de Lisboa, onde o ensino conta illustres ornamentos, distinguem-se pelos seus elevados meritos scientificos, litterarios e pedagogicos quasi todos os da faculdade de letras. Alguns gosam lá fóra de brilhante reputação e ocioso seria citar os seus nomes; outros, que reunem ao seu indiscutivel valor, quer como professores quer como publicistas, uma extraordinaria modestia, trabalham constantemente, produzindo obras notaveis que o grande publico desconhece e a que a imprensa, de ordinario, não allude, tão alheados d'ella vivem que não raro succede as suas obras transporem as portas das gabinetes em que se elaboraram para se sumirem nas estantes das bibliothecas eruditas.

A dois professores da faculdade de letras de Lisboa, nos referimos, já agora, em especial, pelo admiravel exemplo de amor á sciencia e ao trabalho que dão aos seus discipulos: Manuel Ramos e Epiphanio Dias. Ao primeiro, espirito lucidissimo, d'uma vasta cultura, surprehendeu-o a cegueira em plena robustez physica, bem longe dos annos em que a doença se tem de polvilhar de branco a cabeça. A energia do seu animo não foi abatida por tamanho infortunio e Manuel Ramos, a quem não escassearam as affeições domesticas e as dedicações de amigos, continuou estudando, aprendendo e ensinando e as suas prelecções na faculdade e a sua argumentação nos exames e nos concursos revelam, a par de uma formosa intelligencia, cheia de vigor, um pecullo de saber cada vez mais vasto e mais sólido.

Epiphanio Dias, o velho professor que algumas gerações tiveram quando examinava portuguez e latim nos lyceus, esse já não sae de casa, porque uma cruel doença o impossibilita quasi de governar os seus movimentos. A tremura permanente das mãos, que apenas cessa durante algumas horas de somno nocturno, impede-o de escrever, mas, não obstante o peso da edade, a robustez do cerebro mantem-se n'elle sem um affrouxamento e a paixão do estudo assombra pela sua constancia e pelo seu enthusiasmo. Epiphanio Dias, que, ha pouco ainda, publicou uma edição commentada dos «Lusiadas», verdadeiro repositorio do seu muito saber, trabalha presentemente n'uma grammatica historica da lingua portugueza. Collegas e discipulos o coadjuvam com aproveitamento e prazer. Apezar de

---

Folhetim d'A CAPITAL — 6-11-1915

Como se faz a alma d'um povo

O Japão de hontem e de hoje

Em meiados do seculo passado uma esquadra americana fundeou em aguas japonezas... Outra ingleza outra franceza, até que um dia a qualquer pretexto um conflicto estalasse... porque necessario era tambem que os portos japonezes se abrissem ao commercio do mundo e novos mercados se viessem abrir assim ás industrias occidentaes. O Japão que vivia na sua bella solidão entregue á adoração do seu Fuji-Jama, ás suas cerejeiras em flor, aos seus «tsumas» doirados e preciosos, aos seus «kakemonos» graciosos e extravagantes, via-se forçado ante a ameaça dos canhões, da «civilisação» e ceder acceitando o commercio extrangeiro livremente no seu paiz. Um movimento de resistencia esboçou-se.

Quarenta e tantos «samourais», ricos senhores, que haviam conspirado, foram condemnados ao «harakiri», de honra, rasgando o ventre desprecoccupada e heroicamente, a sorrir quasi, ante os olhares estrangeiros, que a meio da ceremonia se retiraram, sem poderem mais de commovidos...

Foi esse sangue que redimiu o Japão. Ante a impossibilidade d'uma resistencia, o Mikado curvou-se perante os invasores e passou a viver bem com elles... na apparencia.

A affronta é que lhe não esqueceu, mas calcou-a bem no intimo, de riso nos labios. Comprehendeu logo sagazmente que para combater o inimigo que lhe batera á porta tão grosseiramente era preciso usar das mesmas armas, ser tão forte como elle.

Começa aqui a lucta maravilhosa e unica que em quarenta annos fez uma nação nova, rica de energias, temida e respeitada pelos proprios que a haviam espesinhado sem consideração.

A escola primaria foi a base o segredo de toda essa collossal transformação. Assim o comprehenderam astutamente os estadistas niponicos e a sua previsão foi esplendida. Não era só preciso instruir—o que era o menos—mas formar o «caracter» d'um povo novo que la surgir na historia. Foi o pobre mestre escola o escolhido para essa prodigiosa e estupenda tarefa e cumpriu-a maravilhosamente. Dirá talvez quem isto leia, que professor de caracter... se uma ideia exotica, risivel, uma japonezice... Mas foi essa japonezice que produziu a mais tremenda revolução de que ha memoria no espirito d'um povo, até que o altivo forte, victorioso, cheio de gloria desde as planicies geladas da Mandchuria, até ao estreito de mar que separa o Japão da ilha de Tsu-shimá.

Foi o professor de aldeia, que a todo o momento incutia no espirito do alumno o sentimento da desforra ante a offensa do extrangeiro, e lhe deu uma orientação homogenea, inflexivel, que se ouvia dia a dia, hora a hora, em tudo: nas salas paredes da escola, nos livros de ensino, nas palestras diarias, nos brinquedos, nas mais pequenas manifestações de vida, lhe saltava sempre diante dos olhos, ao pequeno estudante japonez a palavra magica:—patria, e a exaltação ao seu amor:—é preciso que seja a primeira do mundo!

A par d'isso o espirito guerreiro era cevado n'uma quasi loucura. As escolas eram quarteis em ponto pequeno. Exercicios, paradas, marchas, com regimentos de soldadinhos de pouco mais de palmo, era o que se via a toda a hora e por toda a parte. No inverno, nas horas de recreio, marchava-se sobre a neve desafiando a inclemencia do frio como se tivesse de atravessar a Siberia para ir a Moscow, se não estranhasse, e se estivesse a isso affeito...

E os pequeninos guerreiros, atroavam os ares com «banzais», e entreviam a marcha victoriosa, mais tarde... A par d'isso o mestre incutia-lhe o principio do silencio, da concisão ante os extranhos; o sentimento do orgulho do que se é na vida, o orgulho da propria profissão.

No Japão toda a gente traz no braço, bordado no «kimono» o seu officio, o signal que indica o seu officio—seja advogado ou caixeiro, medico ou operario... Ensinava cuidadosamente o respeito, a obediencia, aos superiores, e o principio firme e severo, de disciplina, o que não excluia uma grande liberdade de acção dentro do seu campo especial. A tactica de dar uma certa liberdade de iniciativa ao soldado, n'uma acção de combate, foi posta em pratica pela primeira vez na guerra com a Russia.

Ao minusculo japonez era sugestionado cuidadosamente o sentimento da honra, e que a vida sem ella não tinha valor, e era-lhe burilado firmemente o fundamento na alma o desprezo estoico pela morte, e a adoração cega pela sua linda bandeira ensanguentada.

O obreiro d'esta obra formidavel foi pois o professor primario modesto e obscuro.

A consideração que se lhe deve a esse «fabricante de almas» é immensa no Japão. Do teu professor não pizes a sombra—diz-se lá.

Os fructos vieram logo quando essa primeira camada surgiu para a vida da nação.

O ponto de mira para o qual os milhares de olhos convergiam era um:—o engrandecimento da patria—sonho querido de todos os momentos.

Aos arsenaes e escolas de guerra da Europa vieram centenares de alumnos japonezes estudar. E aprendiam intelligentemente, febrilmente. Nos estaleiros inglezes assistiam á construção de navios para o seu paiz. Ainda lá hoje é proverbial a sua assiduidade. Na jurisprudencia, na engenharia, emfim em todos os ramos do saber humano, elles appareceram sugando avidamente tudo o que a civilisação occidental tinha adquirido e conquistado durante seculos de esforços.

Um facto basta para demonstrar o grande espirito de patriotismo creado no seu intimo: nos officiaes e áquelles que estudavam por conta do governo, este dava-lhes uma subvenção para viverem com certa largueza. Pois para economisar viviam modestamente em republicas, nos bairros mais modestos e o que lhes sobrava mensalmente iam religiosamente entregal-o ao consulado para reverter para a defeza do seu paiz. Ainda mais: hoje, onde quer que esteja, para o japonez o pensamento constante é concorrer para fazer da sua patria a primeira.

Seja no Hawai em S. Francisco, na Australia ou na Nova Zelandia, o nipon seja elle creado d'um «bar» logista pobre que venda phosphoros e bugigangas ou negociante rico de marfim e sedas, em chegando ao fim do anno, dado o balanço, parte dos lucros no do seu consulgo ameaçar, é enviado alegremente ao Mikado, para a defeza da nação, e engrandecimento da patria.

Assim se conseguiu, por assim dizer, uma raça nova. Os sacrificios chegaram ao inverosimil. Antes da guerra com a Russia, já prevista e estudada, os officiaes do exercito emigraram em grande numero para a Mandchuria. Ahi servindo de «coolies», de carreteiros, de barbeiros, empregando-se nos misteres mais humildes, não levantando suspeitas, elles levantavam plantas do paiz. A elles deve o estado maior japonez a exactidão das cartas topographicas, desde Dalny ao Sha-ho em que palmo a palmo todos os accidentes favoraveis do terreno, todos os caminhos melhores, todas as defezas eram registadas com perfeito conhecimento.

No proprio coração da Russia, os officiaes de marinha japoneza, foram observar e estudar tudo o que lhes era mister para se defenderem da sua futura e terrivel inimiga. Nas docas serviam como moços, serventes, sem levantar reparos elles iam vendo de perto a construcção das unidades russas, annotando os pontos fracos que mais tarde lhes serviriam de base para a victoria final.

A todos os sacrificios se impuzeram a todos os riscos se sujeitaram e tudo prepararam religiosamente, em segredo tal, que a surpreza foi o que ainda está na mente de todos.

Quando o Japão declarou a guerra, a Russia encolheu desdenhosamente os hombros e sorriu:

Oh! les japonais, ces petits singes, 14 bas... Foi o que se viu.

A historia d'esta revolução espiritual no Japão, dava um grosso e interessante volume. A traços largos e mal desenhados ahi fica. Não é só com leis que a alma d'um povo se modifica: ella precisa de como entre nós feita de novo.

Creada uma orientação commum,—conquista ou defeza d'um inimigo natural qualquer, seja ella uma utopia, o principal ao professor primario compete fazel-o—o resto vem por si, sem querer...

E ahi está como em alguns annos um paiz que festejava as cerejeiras em flor e os crisantemos, que usava dos leques cruzados no ventre e atirava á frecha, que praticava o «hara-kiri», e se embevecia ante as flores banhadas de luar, passou a ser um dos primeiros do mundo, aprendendo a manejar o torpedo, a fundir canhões nos seus arsenaes, e a construir nos seus estaleiros, navios de guerra de trinta e tantas mil toneladas—os maiores do mundo actualmente!

Francisco Trancoso
Official da armada

enfermo e idoso, espera ainda viver o bastante para dotar a sciencia com novos lavores e, se não fosse a guerra, elle que por tres vezes percorreu a Grecia no tempo de ferias para dominar o grego moderno como o grego classico, partiria para a Allemanha em busca de allivio ao seu mal...

Hão de ser excellentes mestres os que forem discipulos d'estes homens modelares no zelo da dignidade profissional e no culto da sciencia para a qual exclusivamente vivem!

A. de V.

Bombeiros Voluntarios do Dafundo

Realisa-se, amanhã, na séde dos bombeiros voluntarios do Dafundo, um exercicio official em conformidade com o regulamento do serviço de incendios do concelho de Oeiras, findo o qual se procederá á inauguração da bandeira d'aquella aggremiação.

Por esta occasião deve tambem realisar-se a festa de homenagem ao sr. Antonio Maria Rodrigues, 1.º commandante honorario da corporação, inaugurando-se o seu retrato, festa com que todos os associados significam a alta estima pelo seu velho commandante, que tão relevantes serviços tem prestado á associação.

S. THOMÉ E PRINCIPE

O relatorio da gerencia da Sociedade de Emigração

responde ás falsas accusações de Cadbury

Num artistico volume, edição de luxo, matisado de enumeras phototypias representando pontos e costumes de S. Thomé, publica a Sociedade de Emigração para S. Thomé e Principe as contas da gerencia de 1914.

Varios diagrammas sobre repatriação e renovação de contractos de trabalhadores, do movimento commercial da colonia, de sua producção e consumo d'esta, da população, etc. esclarecem as condições em que se encontra a opulenta ilha, fornecedora de cacau para todo o mundo, e as condições em que vivem os trabalhadores que concorrem para essa prosperidade.

Dos mappas que acompanham o relatorio vê-se que para o anno de 1914 foram requisitados pelos accionistas 1440 trabalhadores de Angola e 4825 de Moçambique.

De Angola, contratados por um anno foram 47 homens e uma mulher, por dois annos 215 homens e 4 mulheres, e por tres 1282 homens e 55 mulheres.

De Moçambique, todos contractados por tres annos, foram 2005 homens e 21 mulheres, tendo deixado de seguir viagem, por doença, 140 homens.

As contas do anno fecharam com um saldo negativo de 4.893$00,6 devido a circumstancias imprevistas, o qual, se taes circumstancias se não tivessem produzido, se transformaria no saldo positivo de 31:481$45,1.

A leitura do relatorio que precede as contas é altamente interessante pelo estudo que faz das condições ethnicas do preto de Angola e de Moçambique, da sua psychologia e da sua influencia na sorte dos repatriados.

Esta publicação é a mais eloquente resposta á injusta campanha que nos moveram os Cadbury e a Sociedade Anti-esclavagista.

Festas associativas

No Club Taurino Manuel dos Santos ha amanhã recita em que toma parte o grupo dramatico Lina Sant'Anna com as peças «Amor e vencer» e «O triste fado» e um acto de variedades, seguindo-se baile.

Das 16 ás 18 horas, para proseguimento das festas do 9.º anniversario, ha amanhã, no Grupo Dramatico Lisbonense, concerto pela banda da Sociedade Philharmonica Verdi, «kermesse» e ás 21 horas «soirée» dançante.

No Gremio Litterario e Recreativo 1.º de Dezembro, realisa-se amanhã, ás 15 horas, um sarau sportivo e litterario em festa de caridade a favor de uma viuva. O programma é variadissimo e deve attrahir grande concorrencia, sendo abrilhantado pela banda dos calceteiros municipaes.

Na Academia Recreativa de Lisboa é amanhã a inauguração da epocha de inverno com a representação da peça *A mantilha de Clotilde*, seguindo-se baile.

Tambem na Academia Recreio Artistico ha amanhã recita com a comedia *O cão e o gato*, seguida de baile.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Companhia Agricola da Bella Vista

Para apresentação do balanço e contas do anno findo e votação do relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal, reune a assembléa geral no dia 15, ás 14 horas. A conta de lucros e perdas apresenta um saldo de 24.312$70, ao qual a direcção propõe a seguinte applicação: para fundo de reserva, 5 0/0, 1:215$65; para fundo de reserva especial, 1:500$00; para dividendo ao capital, 4 0/0, 20:000$00; gratificação ao gerente, 1:000$00; valor a amortizar, 787$70; conta nova, 193$42,5.

A navegação transatlantica

A Hespanha tenta a creação d'uma linha directa entre Vigo e Nova York

Façamos de Lisboa o caes da Europa

De novo se levanta agora em Hespanha a ideia de estabelecer um serviço de navegação directo para a America, rapido e frequente, para monopolisar os viajantes americanos que se destinam á Europa Central. Comprehendem os hespanhoes a opportunidade do momento e a ideia que, ha de haver uns annos, começou a germinar e depois se conservou latente, surge de novo e mais vigorosa, aproveitando a occasião das marinhas mercantes allemã e ingleza estarem dominadas, offerecendo-se-lhe assim o ensejo de crearem uma clientela e orientarem a corrente das passagens e mercadorias americanas para um porto hespanhol d'onde sigam depois para os differentes pontos da Europa.

O governo hespanhol em vista dos trabalhos já realisados para organisar esse serviço promptificou-se a subvencionar uma linha rapida entre Nova York e Vigo, sob o pavilhão hespanhol.

Segundo o plano actual, os paquetes sahirão de Vigo nos dias 1 e 15 de cada mez devendo o primeiro, partir de Pasages, tocar em Bilbau, Santander Corunha e Vigo d'onde seguirá directamente para Nova York e Havana; o segundo partirá de Barcelona, seguindo a Valencia, Malaga, Cadiz e Vigo e d'ali tomando a mesma rota directa do primeiro.

De Nova York sahirão tambem nos dias 1 e 15, tocando uns no porto do Cantrabico e o outro nos do Mediterraneo, evitando assim a Hespanha receber a sua correspondencia da America por intermedio das outras nações e ser por isso devassada e detida pela censura como lhe está sucedendo agora.

Quando a Hespanha começou a tratar de realisar esta ideia levantou-se entre nós uma corrente d'indignação contra a nossa inercia, contra o abandono a que tinhamos votado a nossa marinha mercante, e tratou-se de realisar o grande sonho de fazer de Lisboa o caes da Europa. Escreveu-se e falou-se muito a esse respeito; conferencias, artigos dos jornaes, entrevistas com celebridades financeiras e commerciaes, tudo foi posto em jogo; mas, como de costume, a offerescencia acalmou, os animos esfriaram, as vontades entibiaram-se e tudo continuou na mesma, entorpecidos todos na habitual modorra d'indifferença de que só de longe a longe e por momentos, nos resolvemos a sahir.

Ha dez annos, por toda a imprensa foi levantada uma campanha contra os lazaretos e quarentenas que afugentavam de Portugal os viajantes, e chegou-se a crear um serviço directo entre a Argentina e Paris, via Lisboa, ao preço de 188$00 em primeira classe de Buenos Ayres ou Montevideu, e de 180$00 do Rio de Janeiro ou Santos, com bilhetes validos por quatro mezes.

Foi quando em Buenos Ayres se procurou estabelecer uma linha de navegação cujo terminus fosse Lisboa ou Cadiz, ou Vigo. Os agentes hespanhoes trataram de obter que o terminus fosse um dos indigitados portos de Hespanha. Lembrámo-nos então de que Lisboa era o caes natural da Europa e deu-se maior incremento aos trabalhos do porto, alargamos o plano da nossa rêde ferroviaria, e conseguimos o *sud-express* diario com diminuição de algumas horas na duração da viagem para Paris.

Ainda d'essa vez os hespanhoes não lograram o seu intento, e nós, em vez de continuarmos a tarefa tão bem encetada, de novo nos deixámos cahir no somno sem cuidados das almas candidas e dos desmazelados.

Acabámos com o Lazareto; foi alguma coisa, mas muito pouco. Pensou-se annos depois em crear a navegação para o Brazil; a tentativa falhou. Podiamos aproveitar as linhas ferreas que vão aos caes do porto; não se tratou de fazel-o. Deviamos organisar o serviço de saude de maneira a não aborrecer os viajantes com enfadonhas demoras, montar o serviço aduaneiro e de policia do porto com funccionarios de cathegoria que possam evitar aos passageiros vexames e incommodos inuteis; proporcionar faceis meios de transporte para os viajantes virem para terra ao abrigo de explorações e insolencias. Pouco se fez e não se pensou mais n'isso.

Deixamos que o viajante evite Portugal, afugentado pela nossa reputação de selvageria, e no entanto é a população fluctuante que leva a riqueza e dá animação ás grandes capitaes; é ella que enche os hoteis, que alegra os restaurantes, que sustenta os theatros, que dá vida ás localidades.

Além das extraordinarias condições com que a Arte e a Natureza dotaram Lisboa, tem a nossa linda terra a seu favor uma esplendida situação; pode ser a capital uma opulenta estação de inverno; toda a costa portugueza é uma serie de estações balneares encantadoras; Cintra e Bussaco são deliciosas estações de verão.

Despertemos, não nos deixemos levar de vencida pelos nossos visinhos que n'um justificado zelo pelos seus interesses economicos querem desviar para o seu paiz a corrente de viajantes d'além Atlantico que nós descuramos de chamar para Portugal.

Governos, agentes diplomaticos e consulares, commerciantes e industriaes, todos os que trabalham e amam o seu paiz devem esforçar-se para o desenvolvimento das relações internacionaes; temos um porto franco, aproveitemos-lhe as vantagens para o commercio; temos um clima delicioso, pontos de vista maravilhosos, antiguidades, monumentos curiosos, bellezas artisticas; aproveitemol-as para o turismo. Façamo-nos valer.

E embora Vigo se nos antecipe que essa circumstancia nos não desalente; punhamos os olhos na lucta pacifica mas tenaz de Genova e Marselha. O porto francez começou as suas obras colossaes em 1862, construindo-se linhas ferreas em communicação directa com as fronteiras da Suissa, do Luxemburgo e da Prussia, construindo seis docas seccas onde podiam ser limpos doze navios por dia; levantando-se guindastes, fazendo surgir elevadores, e em 1875 era considerado o primeiro porto da Europa continental.

Genova, o velho porto italiano, tratou de defender-se; em 1878 abriu-se o tunnel do S. Gothardo que, ligando a Suissa á Italia, punha Genova em communicação directa e rapida com a Austria e a Allemanha; ao mesmo tempo trabalharam os italianos para que fosse aquelle o porto escolhido para a escala de varias linhas inglezas que fariam o serviço do Oriente.

Em resultado do esforço dos governos quinze annos depois já o movimento commercial do seu porto augmentára 540:286 toneladas, elevando-se a 12.070:69, ao passo que o de Marselha diminuia 1.158:207 toneladas embora fosse ainda de 13,354:473.

E' assim que se lucta, e é assim que se augmenta a prosperidade, embora se não vença por completo.

EM TORNO DA GUERRA

As declarações do sr. Asquith na camara dos communs

Londres, 3 de novembro

Na sessão de hontem o publico enchia as galerias da Camara, mas era um publico escolhido que com impaciencia febril esperava as declarações do sr. Asquith. Na galeria dos pares estava lord Fisher.

Na bancada do governo, onde estavam a maioria dos ministros, sir Edward Grey conversava com o sr. Churchill.

Quando o sr. Asquith subiu á tribuna foi-lhe feita uma calorosa ovação. Começou por exprimir o seu pesar pelo desastre de que foi victima o rei, mas cujas consequencias, accrescentou, felizmente não foram graves.

Passando a estudar a situação politica disse:

E' meu intento determinar a posição actual e futura da nação que está mais do que nunca, na inquebrantavel resolução de proseguir na guerra até á final victoria. Não se pode deixar de reconhecer que n'este momento alguns pontos negros apparecem no horisonte; como todas as guerras, tem sido fecunda em surprezas e desenganos.

Tres coisas nos são necessarias agora: uma clara comprehensão do futuro, uma paciencia inexgotavel, e uma larga provisão de coragem.

O governo não tem a menor intenção de occultar seja o que fôr logo que o conhecimento dos factos dados a publico não possam ser uteis ao inimigo.

Em agosto de 1914 estavamos preparados para mandar ao estrangeiro seis divisões de infantaria, e duas de cavallaria; actualmente tem o marechal French sob as suas ordens quasi um milhão de homens, não contando as forças que temos nos Dardanellos, no Egypto, e nos outros theatros da guerra, nem mettendo em linha de conta as tropas de reserva.

Durante os ultimos quinze mezes, alistaram-se immensos voluntarios, um numero sem precedentes. O Canadá forneceu-nos 96.000 homens, a Australia 92.000, a Nova Zelandia 25.000, a Africa do Sul 6.500, a Terra Nova 1.800, e as Indias Occidentaes 2.000.

Desde o começo da guerra, o almirantado transportou 2.500.000 soldados, 333.000 doentes e feridos, 2.500.000 toneladas de provisões de bocca e de guerra, e 8.000 cavallos; pois apesar d'este enorme total as perdas de vidas humanas foram inferiores a um por mil.»

A situação militar

Depois de falar sobre os serviços prestados pela esquadra ingleza, o orador passou a tratar da situação na frente occidental, dizendo:

«Por emquanto nada tenho a accrescentar aos communicados do marechal French, a não ser que, desde abril ultimo, os allemães não teem conseguido avançar nem um palmo.»

O sr. Asquith fez o elogio dos soldados russos e disse: «Tenho toda a confiança na nossa alliada que em breve estará em condições de repellir o inimigo em toda a linha.»

Chamou depois a attenção para o papel que desempenham na Mesoptamia as forças inglezas e accrescentou que se encontram agora a pequena distancia de Bagdad. Não ha operação que tenha sido dirigida com mais bravura e que maiores esperanças dê de bom exito final.

Os Dardanellos

A proposito dos Dardanellos disse:

«Logo que a Turquia declarou a guerra tornou-se-nos impossivel concentrar exclusivamente a attenção sobre a frente occidental; os turcos ameaçavam os russos, nossos alliados, e indirectamente o Egypto.

A entrada da Turquia na lucta teve grande influencia nos Balkans; o governo encontrou-se em face de questões que não eram simplesmente estrategicas.

N'uma guerra como está, o governo não pode limitarf exclusivamente a sua politica a medidas puramente militares e navaes; foi por vezes necessario correr riscos que, naturalmente, a exclusiva consideração de medidas militares e navaes nos teria permittido evitar.

Quanto ás operações nos Dardanellos, tinhamos, em janeiro, no Oriente a força militar indispensavel para fazer face a um ataque da Turquia contra o Egypto.

Estudou-se cuidadosamente uma acção naval a que adheriu a França e o grão duque Nicolau enthusiasticamente approvou; o caso foi submettido ao ministerio antes de se ter disparado o primeiro tiro, e lamentavel é que se queira fazer recahir as responsabilidades apenas sobre certos ministros.

Tendo sido frustradas as operações nos estreitos, passou-se a emprehender as operações mixtas militares e navaes necessarias, mas o resultado não foi favoravel apesar da inexcedivel bravura das nossas tropas.

Mas o que devemos considerar é que se não tivessemos emprehendido essa tentativa os russos poderiam ter sido rudemente atacados no Caucaso.

E talvez que nós tivessemos que repellir uma aggressão no Egypto e na Mesoptamia; as nossas forças deteem 200.000 turcos na peninsula de Gallipoli.

No emtanto, a situação nos Dardanellos continua merecendo a maxima attenção do governo, não sómente como acção isolada, mas nas suas relações com uma mais importante questão estrategica levantada pelos ultimos acontecimentos nos Balkans».

De passagem, accentuou o sr. Asquith que os submarinos inglezes metteram no fundo ou avariaram, no Mar de Marmara até 26 d'outubro, dois couraçados, cinco canhoneiras, um contra-torpedeiro, oito transportes, e setenta e sete navios carregados de viveres e munições.

Em perfeito accordo com a França

Falando da situação nos Balkans affirmou o perfeito accordo em que estão a França e a Inglaterra.

«Existe o mais perfeito accordo com a França quanto ao objectivo da nossa acção nos Balkans.

«E' para lamentar que tenhamos conseguido levar as potencias balkanicas a uma unidade de vistas. Devo fazer notar que todas as medidas foram tomadas de combinação entre os tres governos alliados, e ultimamente entre os quatro pois que, ao contrario do governo allemão, não podiamos offerecer territorios que pertenciam aos nossos alliados sem ao menos os consultarmos a esse respeito».

A Grecia e a Servia

«E' preciso notar, continuou, quando se accusa os alliados de não terem procedido rapidamente com relação á Servia, que até ao ultimo momento não houve razão para duvidar de que a Grecia cumpriria as obrigações do seu tratado com aquelle paiz.

A 21 de setembro, apoz a mobilisação da Bulgaria, pediu o sr. Venizellos á França e á Inglaterra que mandassem 150.000 homens, garantindo que os gregos se mobilisariam tambem.

Com effeito a Grecia mobilisou o seu exercito a 24, mais só a 6 d'outubro o sr. Venizellos poude permittir o desembarque das forças anglo-francezas depois d'um formal protesto.

A 4 d'outubro dissera o sr. Venizellos na Camara que devia a Grecia observar o tratado com a Servia; no dia seguinte o rei Constantino, reprovando a declaração do seu primeiro ministro, obrigou-o a demittir-se. No entanto o novo governo exprimiu officialmente o seu desejo de viver em termos amigaveis com os seus alliados, declarando ao mesmo tempo que observaria a neutralidade.

O resultado foi a Servia, abandonada pela Grecia, ficar exposta a um ataque dos imperios centraes, e a um ataque de flanco da Bulgaria. A Inglaterra, a França, e a Russia, não podiam consentir que a Grecia se tornasse a victima d'aquella sinistra combinação.

Houve então entre os estados maiores francez e inglez a mais intima collaboração, da qual um dos resultados foi a visita a Londres do commandante em chefe dos exercitos francezes.

E agora, tenho a satisfação de poder affirmar que d'essa visita nasceu o mais completo accordo acerca do fim e dos meios, e a certeza para a Servia de que consideramos a sua independencia como um dos principaes objectivos da guerra».

O recrutamento e a commissão de guerra

Falando do recrutamento exprimiu-se nos seguintes termos:

«Em face da guerra actual todos devem trabalhar em defeza do seu paiz, no limite da possibilidade das suas circumstancias.

Os que sob o ponto de vista da utilidade nacional não teem o seu logar indicado n'outra parte constituem o reservatorio para o recrutamento do exercito.

No seio do gabinete temos tido opiniões differentes a proposito do aproveitamento d'esse reservatorio ser feito voluntario ou obrigatoriamente. Eu, por mim, não faço a menor objecção contra o serviço obrigatorio, mas estou convencido de que o plano de lord Desly dispensará a obrigatoriedade.

A unica objecção a fazer contra o serviço obrigatorio reside no receio d'esse systema fazer perigar a nossa unidade nacional; no entanto se a actual tentativa de recrutamento voluntario se malograr, se grande numero d'homens com a edade militar e sem motivo justificado se recusar a alistar-se, sei que a nação quererá o serviço obrigatorio, e eu estou prompto a aconselhar essa medida.

E' preciso que vençamos, e de preferencia a sermos vencidos, eu pediria á Camara, se o recrutamento voluntario não desse resultado, novos poderes e o serviço obrigatorio seria decretado».

A proposito da creação da commissão de guerra no ministerio, declarou:

«Propomos que se constitua uma commissão composta por tres ministros, o maximo cinco, com a liberdade de convocar para as suas deliberações os outros ministros interessados nas questões que se debaterem.

Todas as questões que impliquem uma qualquel mudança politica ou uma nova decisão serão, como de costume, submettidas á apreciação de todo o ministerio.

Assim teremos no futuro mais coordenação na obra dos estados maiores das potencias alliadas, e mais frequentes trocas d'impressão entre os nossos ministerios interiores».

E concluindo:

«Estou tão persuadido do final triumpho como o estava ha quinze mezes.

Uma enorme responsabilidade peza sobre mim desde o principio da guerra como presidente do ministerio, e no emtanto não alijarei o fardo emquanto poder supportal-o. Emquanto tiver a confiança do soberano e do parlamento, continuarei na tarefa, por mais difficil que a sua execução se torne».

A Irlanda fez o seu dever

O sr. Redmond garantiu ao sr. Asquith o apoio do partido irlandez.

Chefe d'aquelle partido, fez-se o interprete do despreso da Irlanda pelos ataques da imprensa ao primeiro ministro; accrescentou que rejeitava a ideia do serviço obrigatorio e continuava a defender o systema de recrutamento voluntario.

«A Irlanda, declarou, cumpriu o seu dever e continuará a cumpril-o, mas sob a condição de que nem se fale em paz prematura, que era apenas uma criminosa e baixa traição feita a vivos e mortos.»

Vapor "San Miguel„

Chegou esta tarde a Lisboa este paquete da carreira das ilhas, que era aguardado no caes de desembarque por grande numero de pessoas, em virtude de se ter espalhado o boato de que a seu bordo vinha o sr. general Pimenta de Castro. Tal boato era, porém, infundado. O sr. general Pimenta de Castro ficou ainda em Ponta Delgada, devendo ao que nos consta, vir no vapor *Funchal*.

No caes estavam forças de cavallaria e infantaria da guarda republicana.

ULTIMA HORA

O novo commandante do corpo de marinheiros

O capitão de mar e guerra José Joaquim Tavares de Almeida Carvalho, tomou hoje posse do seu cargo

O sr. capitão-tenente Freitas Ribeiro, 1.º commandante do corpo de marinheiros chegou hoje ao quartel de Alcantara pelas 14 horas, recebendo á porta das armas pela ultima vez as homenagens correspondentes ao seu elevado cargo. Minutos depois tocou a formar companhias que vieram postar-se na parada interna do quartel, formando á esquerda a respectiva banda, á direita todos os officiaes superiores do corpo e na rectaguarda os officiaes inferiores.

A's 14,15', dado o signal de sentido entram na parada o sr. Freitas Ribeiro que se faz acompanhar pelo seu successor sr. capitão de mar e guerra José Joaquim Tavares de Almeida Carvalho.

O ajudante do corpo, 1.º tenente sr. Manuel José Possante, lê em seguida o seguinte louvor inserto na Ordem de hoje:

«Ao entregar o commando do corpo de marinheiros, o qual assumi no dia 14 de maio, cumpre-me salientar quanto fui cuadjuvado pelos officiaes, sargentos e marinheiros, que n'este quartel serviram sob as minhas ordens, por vezes em circumstancias bastante difficeis.

Durante algum tempo, com bem poucos officiaes se executou todo o serviço e só ao muito zelo, boa vontade e patriotismo de todos, especialisando sobre todo a dedicação, assiduidade, correcção e rigor militar de quantos teem desempenhado os cargos de 2.º commandantes, commandantes das divisões e ajudantes do corpo, se deve a manutenção da disciplina entre a marinhagem, em seguida ao movimento revolucionario.

A classe dos sargentos, deligenciou sempre e conseguiu cumprir inexcedivelmente os seus deveres, e frequentes vezes sargentos desempenharam cabalmente missões difficeis, arriscadas e de muita importancia.

Os marinheiros sem um só minuto de hesitação, cumpriram com intrepidez e coragem inegualaveis, os serviços mais arduos e perigosos, sempre com a melhor disposição de espirito, com a alegria e o desembaraço que lhes são peculiares.

E' certo, que a principio, muitas irregularidades conspurcando o bom nome da corporação da armada, se repetiam com vergonhosa e lamentavel frequencia, mas desde que se dispensou do serviço quantos malevolamente contribuiam para o aviltamento da disciplina militar, logo tudo se regularisou, ficando em absoluto demonstrado quanto são disciplinados, valentes e leaes os nossos marinheiros.

Ao deixar o commando do corpo de marinheiros, sinto-me orgulhoso de o ter commandado e muito mais por ter conseguido, com o auxilio e dedicação de todos, disciplinar logo a seguir a uma revolução os marinheiros que tão heroicamente se bateram pela Republica, a ponto de se poder dizer hoje, que a nossa marinhagem constitue um corpo de élito.

Por quanto fica dito e usando das minhas attribuições como 1.º commandante, com desvanecimento e orgulho militar, louvo os officiaes, os sargentos e praças de marinhagem d'este corpo, pela sua muita dedicação ao serviço, acendrado patriotismo e grande amor á Republica, que desde 14 de maio tão altiva e nobremente teem evidenciado.»

Terminada a leitura o sr. Freitas Ribeiro, diz que é com satisfação que deixa o commando do corpo de marinheiros pois que esse facto quer dizer que todos os receios de alteração de ordem apoz um movimento revolucionario deixaram de existir. E deixa-o com tanto maior satisfação quanto a substituil-o vem um official distinctissimo com altos serviços prestados á Marinha e á Patria e ao qual todos os marinheiros d'or'avante devem a mais rigorosa obediencia. Elogia a marinha de guerra portugueza, cujos marinheiros ainda ha pouco em Angola mostraram de quanto são capazes, quando dirigidos por officiaes briosos e disciplinadores.

Cada marinheiro é um baluarte da Republica pela qual jámais deixará sendo preciso de verter o proprio sangue, como exhuberantemente ficou demonstrado em 5 de outubro e 14 de maio.

A disciplina do corpo de marinheiros já hoje é absoluta como se provou na ultima parada militar. Podem pois contar com elle sempre, como elle sempre contou com os seus marinheiros e principalmente nas horas difficeis da Republica. E se a guerra europeia chegar até nós, marinheiros,—exclama o ex-commandante do corpo—lembrae-vos de que para defeza da Patria e da Republica, todo o paiz tem os olhos postos em vós e em vós confia.

O novo commandante sr. Tavares de Almeida Carvalho fala em seguida. Apoz o discurso do sr. Freitas Ribeiro nada mais tem a accrescentar. Agradece as palavras que lhe foram dirigidas e espera que o corpo de marinheiros continue procedendo de maneira a merecer-lhe as mesmas palavras de louvor.

Terminando, aperta effusivamente a mão do sr. Freitas Ribeiro, indo immediatamente passar revista, emquanto a banda toca um ordinario. A's 15 horas, a formatura retira, e apoz uma brevissima e rapida visita pelo quartel, são-lhe apresentados pelo sr. Freitas Ribeiro os officiaes superiores e inferiores para quem o ex-commandante tem ardorosas palavras de louvor, salientando os seus serviços em prol da disciplina e do bom nome da marinha de guerra.

O sr. Tavares de Carvalho declara que tem muita honra em conhecer pessoalmente os seus camaradas, que muito presa, e que deseja ter sob as suas ordens, confiando plenamente no seu auxilio.

Os srs. Almeida Carvalho e Freitas Ribeiro foram depois, em automovel, cumprimentar o sr. major general da armada e o sr. ministro da marinha com quem se demoraram algum tempo.

Leotte do Rego

Mensagem de congratulação

Em virtude de se encontrar completamente restabelecido da grave doença que soffreu, os marinheiros do troço do mar de Lisboa vão ámanhã, pelas 11 horas, entregar uma mensagem de congratulação ao capitão de fragata sr. Leotte do Rego, commandante da divisão naval.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente do ministerio e ministro da marinha convidou os srs. officiaes, guardas-marinhas e aspirantes das diversas classes da armada a comparecerem no palacio de Belem no dia 9, pelas 14 horas e 45 minutos, fazendo uso do uniforme n.º 1, a fim de o acompanharem nos cumprimentos ao sr. presidente da Republica.

—Com o sr. ministro da guerra conferenciaram os srs. tenente-coronel Alves Rogadas, 1.º tenente Casqueiro e o director do Banco Nacional Ultramarino sr. Freitas Alzina.

—A' vista de Sagres, navegando para o norte, passou hoje o transporte italiano «Italia» da Cruz Vermelha. Navegando para o sul, passou á vista do Cabo Carvoeiro um navio hospital inglez.

O crime do Beato

Os suppostos criminosos continuam na negativa

Para juizo foram hoje de tarde enviados Americo ou Antonio Teixeira, «O Falé» ou o «Americo da Falé», e Custodio Martins, os dois individuos que foram presos como suppostos auctores do assassinio de Joaquim Pereira Castro, o «Cacho», 2.º cabo reformado da Companhia de Saude em serviço na Manutenção Militar, caso que hontem relatámos largamente. Interrogados, negaram o crime, sendo enviados para o tribual em automovel visto estarem em ceroulas, seguindo acompanhados por varios guardas fardados.

Como os cartorios já estivessem fechados, voltaram novamente para o governo civil.

Aggredido e roubado em 1.200$

João Garcia, morador na rua dos Sapateiros, 160, 3.º, apresentou queixa á policia de que na occasião em que subia a escada da sua residencia, ao chegar ao primeiro patamar, fora assaltado por dois desconhecidos, que o aggrediram com duas facadas, furtando-lhe uma carteira com 1.200 escudos. Ignora quem sejam os gatunos.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

OS GRANDES HOTEIS

O grande hotel do Porto, com as suas novas installações, e admiraveis melhoramentos, é evidentemente um estabelecimento que honra a nossa industria hoteleira.

Situado em dos pontos mais centraes da capital do norte, á sua hygiene anda alliado o senso esthetico que tem orientado os trabalhos da sua ampliação. Concluidas as obras a que se está procedendo no edificio, o grande hotel do Porto ficará com cerca de cento e vinte quartos com balnearios annexos, distribuidos por cinco andares que são servidos por um ascensor. A decoração da sala de jantar, muito vasta e elegante, com as paredes simplesmente envidraçadas, está tendo os ultimos retoques. O terraço, illuminado a lampadas electricas e aformoseado com innumeros vasos de plantas, será, durante a quadra estival, um ponto de reunião da «elite» portuense que ali será attrahida com bellos programmas de festas.

Outros pontos ainda mereceram os sr. Oliveira Bastos, proprietario e gerente do Grande Hotel Porto, especiaes attenções como por exemplo a installação de extinctores de incendios, que se vê em todos os andares. Tendo uma iniciativa admiravel, conhecendo perfeitamente os hoteis das principaes cidades europeias e com a visão real do seu grande emprehendimento, não duvidamos em acreditar que o sr. Oliveira Bastos ponha o seu hotel n'um plano não inferior ao que lá fóra se encontra de melhor.

NA AMADORA

Está outra vez em festa a risonha povoação da Amadora. Amanhã realisa os seus serões lyricos de inverno, com um concerto symphonico e uma tentativa de representação de opera, sob a direcção do novo maestro Accacio Santos a quem a critica musical ha dias, reconheceu talento e previu um bello futuro artistico, quando se estreiou regendo um grande concerto symphonico.

A festa começa ás 9 horas da noite, no lindo salão dos Recreios Desportivos, hoje tranformado n'um centro d'arte, em que os homens de valor vão receber a sua consagração artistica.

No concerto, executam-se as peças de Rossini, Donnizetti, Grieg, Saint Saëns, Verdi e Mendelsshon, havendo na interpretação do «Deluge» de Saint-Saëns um solo de violino por Mme. Emilia Leto Perdigão.

Canta-se o terceiro acto da opera de G. Puccini, «Tosca», com todo o rigor de «mise-en-scene», scenario e guarda-roupa novo. A distribuição d'este acto e a seguinte: «Floria Tosca», Cezarina Lyra; «Mario Cavaradosi», Guilherme Bizarro; «Um carcereiro», Francisco Moreira; «Spoletta», Jorge Ferrão; «Sciarrone», Francisco Leal; «Uma pastora», Julia Ferreira.

A festa deve ter uma concorrencia excepcional, porque numerosas familias de Cintra e Queluz mandaram reservar muitos logares da plateia.

CONCURSO DE ESTATUARIA

O conselho escolar das Bellas Artes, que reune na proxima quarta-feira, em sessão ordinaria, apreciará os trabalhos de Costa Motta e Simões d'Almeida (sobrinho) unicos candidatos no concurso de esculptura, destinado a eleger o successor do mestre Simões na escola e cadeira de estatuaria. As provas technicas—execução da estatua e o modelo-copia do natural—terminaram ante-hontem, faltando apenas a prova oral—methodologia, que será prestada no dia immediato á reunião do conselho. São arguentes os srs. Luciano Freire e Velloso Salgado, que acaba de regressar do norte, onde esteve gravemente enfermo.

LUTUOSA

Tambem falleceu a sr.ª D. Anna de Jesus Maria Barreto Figueiredo Villas Boas Pimentel, cujo funeral se realisa amanhã da estação de Cascaes para Coimbra.

—Em Bellas falleceu a menina Lucilia Duarte Reis, filha do sr. Augusto Duarte Reis. Sepulta-se amanhã, pelas 17 horas, no cemiterio d'aquella localidade.

Em perigo de vida

Mulher aggredida com cinco facadas

No largo do Soccorro, n'uma taberna de que é proprietario Manuel Alves, estava esta tarde um grupo de individuos, de que fazia parte um «chauffeur» de nome Raphael. Entrando ali uma mulher de vida facil, Deolinda dos Santos Cunha, de 17 annos, moradora n'uma casa de toleradas da rua do Arco do Marquez de Alegrete, entre os dois levantou-se viva discussão.

A certa altura, o Raphael puxou de uma faca e deu cinco facadas na Deolinda, duas no rosto, duas no thorax e uma no ventre, cahindo ella por terra, esvaindo-se em sangue. O faquista poz-se em fuga e o policia 1418, que acudiu ao alarme feito, mandou conduzir a ferida para o hospital de S. José, onde lhe foi feita a operação da laparotomia pelo medico de serviço sr. dr. Alberto Gomes, auxiliado pelos internos Manaças e Roberto Guedes, depois do que deu entrada na enfermaria n.º 11, em perigo de vida.

General Pereira d'Eça

O «Ambaca», em que vem o sr. general Pereira d'Eça, passou á vista de Cascaes depois das 18 horas, devendo fundear pelas 20 no caes da Areia.

Dr. Antonio Fonseca

Já regressou do Algarve, reassumindo as suas funcções de chefe do gabinete do sr. ministro do interior, o sr. dr. Antonio Fonseca.

PEQUENAS NOTICIAS

Vindas da Suissa, para serviço na Casa de Saude Portugal e Brazil, em Bemfica, chegaram hoje no rapido da tarde trez enfermeiras d'aquelle paiz, que foram recebidas na gare do Rocio por alguns representantes da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha.

—Francisco Marques, morador na rua Cidade da Horta, 17, 1.º, foi preso a pedido de Jeronymo Marques, com elle morador, que o accusa de lhe haver subtrahido um cordão de ouro no valor de 50 escudos.

—Foi presa Emilia Diniz, moradora na travessa de Santo Ildefonso, 14, 1.º, em virtude de um mandado de captura do juiz do 3.º juizo de investigação criminal.

—Sahiu o numero 9 do 4.º volume do *Boletim Commercial*, correspondente a setembro findo, trazendo informações consulares dos nossos agentes em Nova-York Cidade Rodrigo, Bahia, Barcelona e Roma e o relatorio do nosso consul no Rio de Janeiro.

—Na ordem do corpo de policia foram hoje louvados o chefe Antunes e o pessoal da 3.ª esquadra, pelo bom serviço que tem prestado no Bairro Alto.

—Na enfermaria 4 do hospital de S. José deu entrada Lucas Cancella, reformado da Penitenciaria, que foi colhido pelo electrico 455, de que era guarda-freio Salvador Rodrigues, ficando com a perna esquerda fracturada. E na do mesmo numero do hospital Esthephania ficou Anna de Jesus, que na rua da Impreusa Nacional, 38, cahiu, fracturando uma das pernas.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Vende
Londres, cheque. . .	34 1/16	33 15/16
Londres, 90 d/v. . .	34 1/2	—
Paris, cheque. . .	$76	$76,5
Allemanha, cheque .	$30,5	$31
Hollanda, cheque . .	$03,7	$11,2
Madrid, cheque . . .	1$41	1$42
New York	1$51,5	1$52,5
Rio s/Londres. .	12 5/16	—
Libras.	7$18	7$28
Agio do ouro. . . .	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,70	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 22$30. Externas: 1.ª serie, 74$70, e 3.ª, 75$30, 4 tit. 5, 75$40.

Acções: Banco de Portugal, 189$; Aguas, 92$50; Cazengo, 1$20; Sociedade d'Agricultura Colonial, 99$.

Obrigações: Prediaes 5 0/0, 86$50; Ambacas, 98$; Norte e Leste, 2.º grau, 14$20; Aeira Alta, 2.º grau, 14$30; Panificação, 50$50.

D. Anna de Jesus Maria Barreto Figueiredo Villas Boas Pimentel

FALLECEU

Maria Preciosa de Moura Coutinho Fernandes Thomaz e seu marido Manuel Fernandes Thomaz (ausente), Beatriz de Moura Coutinho Fernandes Thomaz Ribeiro da Costa e seu marido Manuel Pinheiro Ribeiro da Costa, Manuel de Moura Coutinho Fernandes Thomaz e sua mulher Luiza Teixeira de Moura Coutinho Fernandes Thomaz, Fernão de Moura Coutinho Fernandes Thomaz e sua mulher Mina Montenegro de Moura Coutinho Fernandes Thomaz, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações, o fallecimento de sua muito querida mãe, mãe, sogra e avó, devendo o seu funeral realisar-se ámanhã 7, da estação de Cascaes para jazigo de familia no cemiterio de Coimbra.

SPORT

Curiosa longevidade sportiva

Os annos passam por cima dos athletas tal como passam por cima d'outros mortaes. Destroem energia, diminuem força, quebrantam faculdades de decisão. Um homem, porem, que fizer a «sua cultura phisica» com methodo e com cuidados de hygiene pode resistir mais vantajosamente á acção derruidora do tempo. Ha athletas robustissimos com mais de 50 e 60 annos. Conhecemos alguns que pertenceram á pleiade gloriosa do Gymnasio Club Portuguez. Citamos ao acaso Francisco Lorelo, que é um hercules, coronel Avelar Telles que é energico, Eugenio Pires que mantem a sua musculatura com os seus 70 annos. Alguns homens de letras tambem fornecem exemplos comprovativos, falando, é claro, d'aquelles que faziam os seus exercicios sportivos. Ramalho Ortigão foi um modelo de robustez e de energia; Pierre Loti é uma maravilha de destreza phisica.

Esses homens, porem, abandonaram mais ou menos aos 50 annos a actividade muscular que os notabilisou nos jogos de destreza combativa. Poucos são os hercules que se manteem no «ring», depois d'aquella edade. E os que por lá ficam, sugeitos ás contingencias dos combates na arena, são os que se manteem n'um rigoroso regimen hygienico. Paul Pons era ainda um luctador temivel aos 55 annos; Limousin ainda é perigoso apezar de ter 58 annos.

Ora é pelo conhecimento d'estas coisas que causou extranheza a noticia vinda da America de que Slavin não se incommodava de jogar outra vez o socco e de que se alistara como soldado n'um regimento canadiano.

Frank Slavin foi um dos melhores pugilistas pesados entre os que appareceram ha vinte para trinta annos. Actualmente a sua edade deve ser de 53 annos. Está, porem, admiravelmente conservado, como todo o homem de «sport», que nunca deixou de cultivar esse «sport» com methodo e scientificamente.

Frank Slavin arde em desejos de vir á Europa combater contra os allemães e garante a todos que ha-de fazer o possivel por livrar o mundo de alguns e de os derrubar a socco se os encontrar á distancia dos seus punhos!

Frank Slavin é australiano de origem. O seu primeiro combate de socco realisou-se em 1887. Veio á Europa, a Londres, em 1899, disputar a Jem Smith o titulo de campeão de Inglaterra. O combate effectuou-se a punhos nus, a 23 de dezembro. Ao 14.º «round» já tinha dominado o adversario, mas os partidarios d'este invadiram o «ring» e chegaram a maltratar Slavin, cahindo todos em cima d'elle! Os organisadores deram-lhe, por completo, o premio do «match», que era de 2.500 escudos, mas consideraram o «match» como nullo. Voltou á America e ali ganhou muitas vezes. Uma occasião triumphou do celebre Charley Mitchell. O seu ultimo desafio data de dezembro de 1907, contra Nick Burley.

Interessante figura é esta e a sua reapparição como soldado e pugilista representa um curioso exemplo de longevidade athletica.

Nota do dia

O torneio da «Taça Cascaes» termina na prancha

Ficou absolutamente resolvido que a terminação do torneio de esgrima de espada para a «Taça Cascaes», se effectue amanhã ao meio dia, no salão do prestimoso Gymnasio Club Portuguez.

Com esta prova termina a epoca esgrimista de 1915, que foi brilhante para a sala d'armas Carlos Gonçalves e que demonstrou que n'outras salas havia evidentes progressos na preparação dos seus alumnos, que conseguiram sempre excellentes classificações.

Foi a epoca de 1915 a de maior numero de torneios e em que esses torneios tiveram maior numero de concorentes. Foi a epocha de 1915 áquella em que os campeões appareceram em todas as provas que se annunciavam. A'manhã, póde verificar-se este signal de progressiva evolução, vendo na prova «Cascaes», apezar de intima e para encerramento de temporada, 13 dos melhores jogadores de espada portuguezes, entre elles o sr. Mario de Noronha, que tem o justificado orgulho de ser o amador com maior numero de primeiros premios; dr. Manuel Queiroz, campeão de 1914 e atirador primoroso; Carlos Farinha, campeão de 1915, vencedor do torneio de Oeiras; Jorge Paiva, vencedor dos torneios da Federação, Estoris e Amadora; Marciano Beirão, Antonio Montez, Matheus dos Santos, etc.

Para concluir o torneio faltam cinco assaltos a cada um dos concorrentes, estando á frente da classificação os srs. dr. Manuel Queiroz e Carlos Farinha, seguidos de perto pelos srs. Marciano Beirão, Jorge Paiva, Fernando Farinha, Mario Noronha, dr. Pinto da Rocha, etc.

Algumas anecdotas

São maus inimigos os jornalistas

Certos homens, sem pensar no futuro, são por vezes incorrectos com jornalistas. Estes, porem, esperam a opportunidade e respondem «á letra». Estas reflexões são feitas pelos ultimos jornaes americanos, sobre um caso succedido em principios de outubro ao jogador de socco Alf. Mansfield, que teve de fugir da America, «corrido» com um «suelto» de jornaes que fez rapida publicidade.

A reproducção d'esse «suelto» dispensa commentarios e vale por uma anecdota.

«—Alf. Mansfield, o pugilista inglez, veio aos Estados Unidos para ganhar os grandes premios que offerecem os emprezarios americanos. Apenas conseguiu 50 francos e uma multa! Pede agora, por nosso intermedio, a preço rasoavel ou melhor «d'occasião», um fato de banho e uma carta itenerario mostrando o caminho mais curto, a nado, de New-York a Liverpool».

Noticias

Entre nós

Associação de Foot-ball de Lisboa

(«Communicações officiaes»)—Estão marcados para amanhã os seguintes desafios, que são os primeiros do campeonato d'este anno:

1.ª Categoria: Sporting contra Imperio, no Lumiar, ás 15 horas; juiz o sr. Placido de Sousa.

2.ª Categoria: Internacional contra Bemfica, nas Laranjeiras, ás 15 horas; juiz o sr. Luciano Simões; Sporting contra Cruz Quebrada, no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. Raul Fonseca.

3.ª Categoria: Lisboa F. C. contra Palmense, no Campo Grande ás 13 horas; juiz o sr. Theodoro Guistorf; Sacavenense contra Victoria, em Palhavã, ás 15 horas; juiz o sr. P. Pagani.

4.ª Categoria: Cruz Quebrada contra Atheneu, em Bemfica, ás 13 horas; juiz o sr. H. Ferreira; Imperio contra Bemfica, em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Alfredo Torres Pereira.

Sala d'armas Magalhães

Com o regresso d'alguns frequentadores d'esta sala as lições de florete, espada, sabre e bengala, vão estando mais animadas. Inscreveu-se, ha dias como alumno da sala o sr. Albino Gomes Pires. Continua aberta a inscripção. O horario de inverno para a sala é: Esgrima: todos os dias uteis; Gimnastica natural (systema Hébert): para adultos e menores de ambos os sexos, das 15 ás 16 horas; Esgrima para empregados no commercio: Lições ás terças, quintas e sextas-feiras, das 21 ás 23 horas; Dias para receber esgrimistas estranhos: aos sabados das 17 ás 19 horas.

Centro Nacional de esgrima

Este Centro, abriu as classes de gimnastica sueca, para adultos ás terças, quintas e sabados, ás 17 horas. Abriram tambem as classes de gimnastica sueca para individuos de edade superior a 40 annos, sob a indicação medica. Estas classes dão-se ás segundas, quartas e sextas-feiras ás 11 horas.

A festa do Stadium

Vão sendo agrupados os elementos que hão-de constituir o programma do espectaculo de domingo 14 no Stadium de Lisboa. Voltam novamente á lucta ás grandes motocicletes, aquellas que podem attingir velocidades de mais de 80 kilometros á hora e reapparecem os bicicles antigos, cuja corrida representa uma curiosa attracção.

Problemas economicos e sociaes

O horario de trabalho na industria

A resolução tomada pela Associação Industrial, de reclamar do governo a suspensão da lei do horario de trabalho veiu sobresaltar as classes trabalhadoras. Dizem os industriaes que a occasião não é opportuna para a lei ser executada. Discordamos d'esse modo de vêr e temos a opinião de que elles nunca julgarão opportuno o momento, seja quando fôr.

Em todas as questões de trabalho tem havido até hoje da parte do industrialismo uma má comprehensão do valor material e social dos operarios.

Um trabalho extenuante traz sempre uma depressão de forças uteis, que diminue a força productiva. Obriga a dispender um excesso de energia que o operario não póde supportar por muito tempo. Todos os que se occupam de questões de economia social concordam plenamente n'este ponto.

Não é menos para considerar o facto dos operarios se poderem educar nas escolas industriaes. Para isso, porém, preciso é que tenham horas para poderem frequentar as aulas.

O beneficio d'essa educação profissional reverte directamente em favor dos industriaes, que ficam com operarios com mais conhecimentos technicos que anteriormente.

Ainda pela razão da maior resistencia physica dos operarios, desde que não tenham um trabalho extenuante, entendemos que os industriaes se não devem oppôr á execução do horario de trabalho na industria.

O governo, se fizer cumprir a lei, terá a seu lado todos os operarios, que lhe darão decidido apoio, acompanhando-o em tudo que represente um progresso material e social. E todos os governos que tenham por si a opinião publica são fortes e deixam de si boa memoria quando os interesses—ou as intrigas—da politica os derrubam.

Matheus Ruivo

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4837	20:000$00
5960	2:000$00

Numero	Premio	Numero	Premio
4865	600$	1815	100$
617	200$	1972	100$
9254	200$	2769	100$
5630	200$	2819	100$
123	100$	3334	100$
1802	100$	3727	100$

O resurgimento nacional

Nós, os portuguezes, temos, frequentemente, boas ideias. Lá madraços nas conjecturas, nos planos e nas dissenções não o somos, valha a verdade. Pecamos até pela superabundancia de projectos e senão vejam-se as mil e uma centenas de opiniões que acorrem n'um apice logo que um jornal abre certo inquerito sobre os males nacionaes e a sua cura immediata. E' verdade que entre os remedios propostos muitas mesinhas ingenuas apparecem e bastantes curandeiros ignorantes surgem, mas a intenção manifestou-se e o portuguez, pobre ou rico que seja, sabio ou rude que se considere, julga-se desobrigado de mais nada fazer porque já é bastante exarar, para que os outros a appliquem, uma sentença redemptora e grande.

Mas os males continuam, o doente peóra a olhos vistos e mais cedo morrerá se fôr decisão sua aviar na pharmacia central do Estado toda a sorte de receitas obtidas.

O que devemos, pois, fazer quantos desejariamos que o resurgimento nacional seja um facto? Esta cousa tão simples porque com a maior singeleza se annuncia e com a mais lata facilidade se executa: trabalhar.

Trabalhar mas com sinceridade de propositos, largueza de vistas, methodo de applicação, e sobretudo com persistencia tenaz e uma vontade enorme de vencer. Sempre o tenho dito—nas causas collectivas vence quem tiver coragem e criterio para sustentar a lucta. Ha exemplos de dedicações supremas que baqueiam, após esforços inauditos, sem que o clarão do triumpho beije sequer instantaneamente a fronte do batalhador? Sem duvida; mas todas as causas teem os seus martyres e nenhuma gloria se nos apresenta sem raios de sangue na aureola explendida que a impõe e a dignifica. E resta-nos ainda um argumento para o pessimismo das contraditas: é que já é vencer não tombar com facilidade na arena das pugnas. Na conflagração europeia o caso se verifica—os alliados são, moralmente pelo menos, os victoriosos de hoje porque não baquearam ante os impetos do inimigo, como a Allemanha militarista sonhára nos seus estrategicos planos de campanha.

Se examinarmos o que em Portugal se desenróla no intuito de melhorar a precaria situação nacional e conduzir o paiz a uma era de resurgimento, encontramos duas iniciativas que bem merecem o nosso applauso e a nossa mais decidida coadjuvação. Trata-se da Liga Economica Nacional que meia duzia de vontades intentam formar e da Federação dos municipios alemtejanos cujas bases o congresso provincial reunido ha pouco, na velha cidade de Evora, approvou enthusiasticamente.

Mas pecarão essas iniciativas dos defeitos antigos dos nossos melhores propositos? Não o sei eu e votos fico celebrando pelo exito de emprehendimentos assaz justos e imprescindiveis como são esses.

Effectivamente Portugal que nos ultimos annos da monarchia só de politica tratou na ancia de desmantelar os restos d'um throno pôdre, de politica continua hoje tratando, vivendo de promessas illusorias e muito confiando nas palavras retumbantes dos velhos oradores dos comicios. Portugal carece menos de saber se este ou aquelle partido será hoje ou ámanhã governo e mais de forçar, pela sua decisão e pelo seu exemplo, que o governo de A ou de B, se inspire, não n'uma politiquice de verdades e de «cotteries», mas na ideia unica de redimir a patria pelo trabalho, pela liberdade e pela instrucção.

A Republica alguma cousa tem feito de bom na administração publica. Pois bem; que os seus homens de governo se lembrem que Portugal é de todos os portuguezes e que se, alçapremados ás regiões do mando, teem assim a paga liberrima dos seus antigos esforços em pról da victoria republicana, carecem de documentar essa victoria com medidas amplas de fomento, com actos de solidariedade e não de exterminio e nenhum combate maior aos ridiculos movimentos monarchicos de que o contido n'uma administração sensata e n'uma politica tolerante, social e principalmente entregue á resolução dos nossos magnos problemas economicos.

Oxalá que os nossos politicos, ante as iniciativas da Liga Economica Nacional e da Federação dos municipios alemtejanos, não assumam um caracter hostil. Nada justificaria semelhante attitude, mas a tomar-se o paiz ficaria sabendo que a politica era de vez avessa ao resurgimento patrio pela ordem, pela instrucção e pelo trabalho.

Nada de pessimismos, no entanto. Aguardemos os acontecimentos e, conforme elles, orientemos o nosso raciocinio.

José d'Almeida

Sanz

O grande ventriloquo estreia-se hoje no Colyseu dos Recreios

Satisfaz-se hoje a grande curiosidade do publico de Lisboa: Sanz, o rei dos ventriloquos, estreia-se esta noite no Colyseu, apresentando a sua admiravel collecção de automatos, entre os quaes figuram o hilariante Juanito e seu irmão, o famoso papagaio palrador, a celebre D. Edwiges, Panchito, etc. Toda a collecção do Sanz se compõe de 80 bonecos, que o assombroso artista irá successivamente apresentando.

Sanz é hoje o primeiro ventriloquo do mundo e os seus automatos são uma perfeição maravilhosa de mechanica.

Já hontem e hoje se vendeu quasi a lotação do vasto circo, o que prova bem o enthusiasmo que ha em vêr o extraordinario ventriloquo.

Vingança de feras, o emocionante mimodrama, em poucos mais espectaculos se apresenta.

A'manhã, *matinée* e espectaculo á noite com o Maravilhoso Sanz, que é a alegria das creanças.

EM COIMBRA

O roubo do thesouro da Sé

O julgamento dos suppostos auctores

COIMBRA, 5.—Nos dias 9 e 10 do corrente devem responder em audiencia de jury as suppostas auctoras do roubo praticado no thesouro da Sé o qual ascende no seu valor real e estimativo a dezenas de contos segundo o dizer dos entendidos. Vão ser julgados em audiencia de jury mixto.

A quando da descoberta do audacioso roubo dissémos n'*A Capital* que um grande mysterio envolvia este crime e ácerca d'elle fizemos algumas considerações.

Passaram-se mezes sobre o facto. A policia mostrou a sua incompetencia para a descoberta dos objectos roubados, por ella não poder ou não saber apprehendel-os.

Agora diz-se e affirma-se que as joias roubadas do thesouro da Sé estão em Coimbra e que já por mais de uma vez se tentou negocial-as.

Se a auctoridade sabe d'isto, como tambem se affirma, porque é que não são apprehendidas as joias e presos os outros conniventes no crime para responderem conjuntamente com os que se acham detidos? Continúa o mysterio, mas é necessario que elle seja desvendado.

O publico tem direito a saber quem roubou as joias do thesouro da Sé.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21—Amor de perdição.
TRINDADE—A's 14 e ás 21—O dia de juizo—(Revista).
GIMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.
MODERNO—A's 20 e 22—A filha da Annica.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 5.—Em audiencia geral respondeu hoje pelo crime de homicidio Joaquim dos Santos Apostolo, da Cruz dos Morouços freguezia de Antanhal. Como fôsse provada a legitima defeza, foi absolvido, sendo a sentença bem recebida pelo publico. Foi defensor do reu o habil advogado d'esta comarca sr. dr. Francisco Lopes, que produziu um magnifico discurso.

—A viação electrica rendeu no mez de outubro findo 3.355$70, mais 441$77 do que em egual periodo do anno anterior.

PARA TODOS LEREM

Declaração da casa José Alexandre

Esta casa pertencente hoje á firma E. Gonçalves Lt.ª constando-lhe que algumas pessoas deixem d'aqui comprar porque antigamente se vendia muito caro, vem declarar que nada tem com a antiga firma e que os processos que usa no seu commercio são completamente diversos.

Usamos preços fixos marcados em todos os objectos bem visivel, limitando o nosso lucro ao minimo. Não tememos a concorrencia e muitos dos nossos artigos são mais baratos do que o preço corrente do mercado, como pedimos verificarem com o confronto.

A nossa especialidade continua a ser todos os artigos de ménage, faianças, porcelanas, aluminio, ferro esmaltado, cristaes, talheres de todas as qualidades, christofle, ferragens, aquecedores para cama pés e mãos. Salamandras por preços com que ninguem compete, fogões a petroleo para aquecimento. Thermos para liquidos quentes ou frios, filtros Mallie, de pressão e campanha, cestos de verga e japonezes. Machinas para varrer e encerar oleados e parquets, navalhas para barba suecas, escovas para todos os usos etc., etc.

Artigos para brindes recebemos magnifico sortido por preços que ninguem vende. Pedimos visitarem a nossa exposição de objectos de bronze, terrecuite, biscuits e metal. Estatuetas magnificas com aquarios e para electricidade por preços baratissimos.

R. Garrett, 8 a 10

«Os planos do estado maior estavam bem feitos. Todos os movimentos tiveram logar depois do escurecer e foi em absoluto silencio que as varias unidades sahiram dos seus acampamentos e tomaram gradualmente o seu posto nos logares marcados.

«A noite estava escura, não muito, embora não houvesse lua. O vento era fraco e o tempo quente».

Tudo estava prompto. A engenharia com grande risco tinha estado cortando as vedações na propria fronte ingleza e preparado o caminho para os seus proprios camaradas. Os officiaes tinham mappas feitos pelas photographias tiradas por aeroplanos. As negativas, obtidas em circumstancias arriscadas pelos operadores aereos, revelavam aos militares as posições allemãs. Essas photographias assemelhavam-se um tanto ou quanto ás tiradas, pelos telescopios, da superficie da lua.

As alturas dos obstaculos, a profundidade das trincheiras e dos diques só podiam calcular-se. Os homens estavam preparando as suas espingardas e as suas bayonetas.

«Atraz das linhas—escreve uma testemunha ocular—vi um capellão preparando os homens de combate para o grande assalto. Estava a uma pequena meza coberta d'uma toalha de linha alvissima e com castiçaes de prata. Officiaes e soldados paravam e ajoelhavam deante da meza e recebiam a communhão antes de entrarem na lucta».

As trincheiras estavam a trasbordar. Os indios estavam á esquerda, a 2.ª divisão do primeiro corpo no centro e, á direita, a 7.ª divisão do quarto corpo. O ataque devia ser dado da secção da fronte ingleza que de Richebourg St. Vaast segue a estrada conhecida pelo nome de Rua do Bosque e corre d'ahi ao sul d'essa estrada até chegar ao casal de La Quinque Rue. D'aqui, a linha continuava para sul, passando em frente das ruinas de Festubert, que deu o nome á batalha.

Os indios e a 2.ª divisão deviam atacar as trincheiras allemãs favorecidas pela escuridão, a 7.ª divisão devia avançar ao romper d'alva.

Na extrema direita, ao sul do outeiro, em cujo cume havia a egreja e as casas de La Basée, corria uma planicie cuja monotonia era quebrada pelas chaminés das fabricas e pelas boccas dos poços d'uma região mineira.

As trincheiras que punham em communicação o exercito francez que havia tomado Carency com o primeiro exercito inglez podiam ver-se a distancia. A' esquerda de La Bassée um pequeno montão de ruinas indicava Festubert.

D'ahi até Neuve Chapelle o terreno era coberto de diques cheios de lodo e de agua, dois dos quaes haviam sido atravessados pelos inglezes.

Alguns massiços de olmos e salgueiros offereciam um pequeno abrigo natural ao inimigo. Entre elles e em grupos de herdades, «cottages» e casas isoladas estavam escondidas muitas das suas metralhadoras.

A principal força de defeza estava, porém, em tres linhas de trincheiras preparadas pelos allemães atravez dos campos e dos prados que, n'alguns sitios, estavam cobertos de agua, augmentando assim as difficuldades para os assaltantes.

Baixos reductos e obras defensivas correndo da fronte até á retaguarda dividiam as linhas allemãs em sectores, cada um dos quaes podia ser defendido independentemente, e todos os esforços haviam sido empregados para fazer d'essas obras uma barreira inexpugnavel. Formidavel, realmente, era o obstaculo que havia entre os inglezes e o seu objectivo, a elevação de Aubers.

O sol desapparecera finalmente no horisonte e os homens esperavam tranquillamente o signal. Fazendo frente aos inglezes e indios estava o 7.º corpo prussiano, recrutado nas regiões industriaes e mineiras da Westphalia. Os 57.º, 56.º e 54.º regimentos de infantaria e o 24.º de sapadores estavam nas trin-

A's 3 horas e meia da manhã havia luz sufficiente para os artilheiros poderem avistar o alvo. Os canhões pezados e de campanha entraram em acção.

O barão Sonnino, ministro italiano dos negocios estrangeiros

Os artilheiros apontavam para os parapeitos das trincheiras allemãs. Cêrca das 4 horas e meia o fogo cessou por completo. A não ser a passagem dos aeroplanos, cujos motores faziam ruido, nada havia que perturbasse a attenção dos soldados que esperavam. Os aeroplanos estavam encarregados de informar os artilheiros e, como na batalha de Neuve Chapelle, de bombardear durante o dia as estações e as pontes—por exemplo, a ponte-canal proximo de Don—pela qual reforços allemães estavam em movimento ou prestes a atravessal-a.

A manhã estava clara. A' direita ficavam Cuinchy, com as suas obras de tijollo e as ruinas do que outr'ora fôra Givenchy. Arvores e paliçadas occultavam as trincheiras no terreno baixo, mas no ar elevavam-se a eminencia de Aubers e as silhuetas das aldeias que a coroavam. O fogo em redor de Ypres cessára momentaneamente. Aqui e ali um official tirava o relogio e via as horas com impaciencia.

De subito, ás 5 horas da manhã, os canhões abriram fogo um a um primeiro, mas dentro em pouco o troar era ininterrupto. O ar era fendido pelas granadas explosivas que o atravessavam silvando, e a terra resaltava quando ellas attingiam o alvo. O horisonte em breve foi obscurecido por uma nuvem de fumo e de pó. Era como se uma longa rua de casas á distancia tivesse sido bombardeada e incendiada.

Pouco antes das seis horas ordem foi dada ás tropas inglezas para avançarem. Ao norte de Fromelles, batalhões do quarto corpo puzeram-se em movimento para as trincheiras avançadas allemãs. Fazendo fogo de fuzilaria, approximaram-se da primeira linha, arremeçando então as suas granadas de mão para as posições do inimigo, repellindo os defensores á bayoneta e varrendo tudo na sua frente.

A's 6,17', do sul, além da elevação, um troar longinquo fez saber que os francezes haviam tambem iniciado o seu avanço ao sul de La Bassée.

Enthusiasmados pelo seu successo, os homens do quarto corpo continuaram avançando. Viam Lille na sua frente. O premio que não haviam podido obter em Neuve Chapelle parecia agora estar proximo de cahir-lhes nas mãos. Chegaram proximo de Haubourdin, um suburbio da cidade.

Mas n'esse momento grandes massas de allemães desemboccaram de Lille e contra-atacaram e, como o centro allemão estava ainda intacto, foi dada ordem de retirada. Finalmente as tropas recuaram, voltando de quando em quando a fazer fogo ou a carregar, para deter o inimigo que as perseguia.

Entretanto os indios e o primeiro corpo, avançando da linha Neuve Chapelle-Festubert, tinham alcançado pleno successo. Os Pathans e os Gurkhas haviam occupado o bosque na fronte de Fromelles; as aldeias de Fromelles e Aubers e a primeira linha de trincheiras allemãs na elevação Aubers tinham sido tomadas.

Mas a segunda linha de trincheiras não havia sido bombardeada sufficientemente pela artilharia e

quando as tropas victoriosas de novo avançavam contra ellas, os allemães sahiram dos seus esconderijos e com fuzilaria e baterias de metralhadoras fizeram recuar as forças atacantes. As metralhadoras eram, como de costume, o mais formidavel obstaculo ao avanço dos inglezes. O fogo varreu o terreno, infligindo grande numero de perdas aos atacantes. Tanto os indios como os inglezes esforçavam-se cada vez mais por se approximar do inimigo.

Se a coragem e a iniciativa individuaes fôssem o sufficiente para alcançar a victoria, Lille teria n'essa tarde ficado varrida de inimigos. Em ambos os extremos do campo de batalha os soldados inglezes estavam praticando verdadeiras proezas. Proximo de Rouges Bancs o tenente O. K. Parker, do 2.º batalhão do regimento de Northampton, que durante a lucta demonstrou extraordinaria coragem e resolução, antes do ataque ser dado fez um ousado reconhecimento ao longo da fronte allemã.

Sob um fogo terrivel o segundo tenente H. M. Stanford, da Real Artilharia de Campanha, imperturbavelmente porcedeu a reparações das linhas telephonicas. O sargento F. W. Sheperd da 1.ª do 13.º (Kensington) Regimento de Londres (T. F.), avançou perto de 400 metros da linha de fogo para ir cortar uma ligação telephonica do inimigo. Cortou-a e durante um momento ficou ali. Em seguida foi buscar dois homens feridos á linha de fogo.

D'uma arvore isolada além das trincheiras, o major J. R. Colville, da 55.ª bateria da Real Artilharia de Campanha, entre as granadas que explodiam, observava socegadamente os estragos causados pela bateria que estava dirigindo.

No terreno da lucta, o cabo Charles Sharpe commandava um partido de soldados lança-bombas e varreu cincoenta metros de trincheiras. Os seus companheiros foram mortos ou feridos, mas com quatro homens atacou e tomou uma outra trincheira, da extensão de duzentos e quarenta metros.

Um outro cabo, James Upton, do 1.º batalhão de Sherwood Foresters, mostrou a maior coragem soccorrendo os feridos.

N'um ponto a linha deixou de avançar. O segundo tenente Nevile West, do 2.º Real Regimento Berks —o unico official sobrevivente—pôz-se á sua frente e o ataque continuou. Foi ferido e cahiu por terra. Levantando-se, avançou, para d'ahi a pouco tornar a cahir segunda vez ferido.

Ao sul de Neuve Chapelle egualmente acções heroicas tinham sido ou estavam sendo praticadas. Na noite do dia 8, na rua do Bosque, o segundo tenente John Millar, do 1.º Black Watch, fizera um reconhecimento a uma trincheira allemã e cortára as vedações na frente.

No dia seguinte, sob um fogo intenso, estabelecera communicação por meio de bandeiras com os signaleiros inglezes que haviam chegado ao parapeito allemão. Um official do mesmo batalhão, John Ripley, foi o primeiro a subir ao parapeito inimigo. Permanecendo ahi, indicava aos que o seguiam os pontos nas vedações das trincheiras allemãs que haviam sido cortados.

Depois, levando a sua secção para a segunda linha de trincheiras do inimigo, com sete ou oito homens entrincheirou-se d'ambos os lados e começou a fazer um fogo terrivel, até ser ferido gravemente e todos os seus camaradas terem cahido.

Como estes muitos outros exemplos de heroismo se podem citar. Daremos um ultimo. Os homens de uma metralhadora tomaram duas metralhadoras allemãs e voltaram-nas contra o inimigo. Durante algum tempo estiveram sósinhos n'uma trincheira, defendendo até ao fim as metralhadoras que haviam tomado. Foram vencidos pelo numero e mortos.

Era impossivel avançar.

Atraz das linhas inglezas estavam as reservas esperando para entrar em acção. Mas sir Douglas Haig, informado da força da segunda linha allemã, resolveu desistir da lucta.

A noticia da victoria franceza em

Carency, onde as defezas allemãs haviam sido demolidas e as suas posições tomadas, tinha-lhe sido dada. Obrigando o inimigo a conservar tão grandes massas ao norte de La Bassée, havia contribuido materialmente para a victoria franceza e, com a segunda batalha de Ypres ainda indecisa, teria sido loucura correr riscos desnecessarios.

Ordens foram, por isso, dadas para as tropas deixarem de avançar. Toda a noite os feridos foram retirados da elevação de Aubers. Os mortos insepultos ficaram ali aos milhares.

Na manhã do dia 10, o quarto e o primeiro corpos e o indiano voltaram ás suas antigas posições e sir Douglas Haig resolveu que o melhor seria approximar-se da elevação de Aubers só pela fronte de Neuve Chapelle-Givenchy. Sir John French approvou esse plano, deliberando, porém, que o novo assalto não seria dado sem uma poderosa e resoluta preparação da artilharia.

A 7.ª divisão, parte do quarto corpo, devia pôr-se em movimento circular para apoiar a offensiva na noite de 12 de maio. O tempo, porém, só permittiu que esse movimento começasse no dia 15.

Durante os dias que decorreram não cessou o duello de artilharia. Para assegurar o successo de sir Douglas Haig, no dia escolhido para o ataque sir John French pôz a divisão canadiana sob as suas ordens. Os canadianos estavam repostos dos effeitos dos gazes asphyxiantes e das suas perdas na segunda batalha de Ypres, que terminára. Estavam cheios de furor contra o desleal inimigo e anciosos por poderem castigal-o. Não puderam acompanhar o primeiro avanço, mas estavam destinados a prestar mais tarde o mais valioso auxilio aos seus camaradas britannicos.

No dia 15 de maio, quando amanheceu tudo estava n'uma espectativa anciosa, porque se sabia que um ataque ia ser dado depois do nascer do sol. O correspondente militar do «Times» deu-nos as seguintes impressões d'esse dia:

«No sabbado de manhã visitei o districto de Ypres e achei tudo socegado apoz os furiosos bombardeamentos dos dias anteriores. As nossas tropas haviam soffrido muito por não poderem reduzir ao silencio os canhões allemães de calibre superior a 12 pollegadas. Mas ás nossas tropas não faltava animo; a infantaria allemã não as podia deter e apezar das nossas perdas parecia não haver perigo immediato sério d'esse lado.

«Uma vista ao longo do resto da linha até á região de Laventie deu-me a impressão de que acção alguma hostil estava imminente e passei—confiando em que não seriamos perturbados n'aquella noite por uma offensiva allemã—para a aldeia de La Couture, de onde se podia vêr bem a parte da fronte allemã que havia sido escolhida para o ataque da noite.

«Essa aldeia havia soffrido muito. A maior parte dos habitantes havia fugido. A egreja, o campanario e a aldeia tinham signaes de devastação. Mas os estragos causados pelas nossas granadas nas linhas allemãs eram ainda maiores. Dos nossos canhões e «howitzers» um fogo bem dirigido e intenso havia durado toda a tarde e mesmo durante a noite. Esse fogo arrasára alguns postos fortificados e algumas trincheiras allemãs. Quebrára as vedações n'alguns pontos, o que mostrava a sua efficacia.

«Como disse, a bateria pezada, que estava na direita á retaguarda do meu posto de obsrevação, estava fazendo fogo com grande precisão e, em geral, o effeito do fogo parecia bom, embora se não pudesse dizer que era dominador.

«De tarde, sir John French veiu visitar as tropas e foi recebido com enthusiasticas acclamações. Dirigiu-lhes, a todos, algumas palavras cheias de calor e inspiradoras. Ninguem melhor do que elle sabe ferir a nota n'um appello aos soldados e teve o prazer de vêr quanto os homens desejavam combater, quanta confiança tinham nos seus commandantes e com quanta ancia esperavam que soasse a hora do ataque.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1889 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Domingo, 7 de Novembro de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

A acção dos submersiveis

é muito superior á dos torpedeiros ordinarios

Os exercicios são tão perigosos e tão concludentes como um ataque real

Ainda a proposito dos ultimos exercicios navaes realisados e da acção que n'elles teve o «Espadarte», parece-nos interessante a transcripção do seguinte trecho que, a respeito de exercicios d'este genero, diz o almirante Fournier no seu livro «La Politique Navale et la Flotte Française»:

O torpedeiro submersivel tem, sobre o torpedeiro ordinario, nos seus ataques submarinos, grandes vantagens, atenuadas sómente em parte, pelos inconvenientes d'umas menores velocidade e mobilidade.

Segundo numerosos exercicios a que assisti ou de que tive conhecimento, a proporção na qual um submersivel póde chegar a attingir, perto do navio a torpedear, a sua posição de lançamento sem ter sido apercebido do seu adversario é, pouco mais ou menos, 80 por cento nas operações de bombardeamento, de bloqueio cerrado, de desembarque de tropas e nas embuscadas.

Muito recentemente, no caso do bloqueio realisado no decurso dos exercicios de defeza das proximidades do porto de Lorient, os submersiveis e submarinos conseguiram mais de 40 ataques contra os navios bloqueantes pertencentes á esquadra do norte. Em um outro exercicio, os dois submersiveis «Pluviôse» e «Ventôse» do typo «Laubeuf», e «L'Emeraude» do typo «Mangas», sahidos de Lorient, bloquearam durante trez dias e trez noutes o porto de Cherbourg, conseguindo 12 ataques contra a esquadra do norte durante as suas tentativas de entrada ou de sahida.

Quanto ás probabilidades de acerto dos torpedos lançados pelo torpedeiro submersivel nos ataques submarinos, ellas dependem naturalmente tanto da regulação d'estes engenhos, como da habilidade e do sangue frio do commandante; mas ellas são «muito maiores» que no torpedeiro submersivel e pelas seguintes razões: o primeiro opéra de dia. Quando vê um navio inimigo approximar-se d'elle, manobra de maneira a collocar-se o mais rapidamente possivel no seu caminho e espera o momento para o torpedear na passagem.

De resto, não estando exposto aos projecteis, elle não é obrigado, como o torpedeiro ordinario, atacando de noute, a virar de bordo a seguir ao lançamento, a fim de transpôr mais rapidamente o campo de illuminação dos projectores electricos batido pela artilharia antagonista.

Emfim, o seu torpedo é lançado d'uma plataforma muito mais estavel e não muda de meio á sua partida do tubo, porque elle se achava immerso já, no momento de se pôr em marcha sob a acção do ar comprimido de que elle recebe a impulsão inicial.

Encontra-se assim livre das causas de desvio devidas ao balanço e á arfagem, e á brusca passagem do ar á agua, as quaes elle está submettido na operação do lançamento dos torpedeiros navegando á superficie, sobretudo no mar agitado.

Eis adeante, para fixar ideias sobre os progressos realisados nos apparelhos e modos de lançamento nos submersiveis do typo «Laubeuf», os resultados dos ultimos exercicios effectuados em Cherbourg, em presença do vice-almirante Philibert, inspector geral das flotilhas, e nada tendo de excepcional.

Sobre vinte e trez torpedos com ogiva de choque lançados por seis dos seus pequenos barcos, contra um navio marchando á velocidade de doze nós, dezeseis bateram no alvo. E' esta uma proporção média muito satisfatoria de 70 por cento, obtida por commandantes differentes, com apparelhos analogos. Estes resultados, é bom que se note, referindo-se a um alvo de 82 metros de comprido, animado da velocidade de 12 nós, teriam sido os mesmos sobre um grande cruzador de 160 metros de comprido, navegando á velocidade, impraticavel em regimen corrente, de 23,6 nós.

Para tudo dizer, as circumstancias nas quaes se exercita o pessoal dos submersiveis, nas operações de approximação e de lançamento de torpedo são quasi as mesmas do tempo de guerra. Não ha, com effeito, a receiar, nem n'um nem n'outro caso, os projecteis do navio atacado e o unico perigo que o ameaça então,—este bastante grave,—é o de uma collisão de natureza a provocar uma catastrophe e que uma exitação, uma falta de presença de espirito ou de golpe de vista do commandante, nas suas manobras, póde bastar a provocar.

O merito, como se vê, d'este pessoal d'élite é de apromptar diariamente, nos seus exercicios, este perigo permanente unicamente por dedicação profissional, isto é, sem nenhum outro attractivo senão o do dever a cumprir, tão perigoso como um ataque real em que elle seria levado por um poderoso estimulo como o do caçador no momento de attingir o seu alvo, e que alvo? um navio ou um grande cruzador inimigo!

Assim, os exercicios militares da nossa flotilha submarina, são os unicos de que se pódem tirar previsões quasi certas para o caso de guerra, o seu commandante e a sua guarnição achando-se dispostos, nos dois casos, aos mesmos perigos, devendo manobrar da mesma maneira e fazer uso das mesmas armas, nas mesmas condições.

E' n'isto que estes exercicios differem essencialmente dos simulacros de combate habituaes entre navios de alto bordo e ficam livres dos terriveis effeitos e da desmoralisação que os projecteis explosivos do inimigo desencadeiam, no momento da batalha n'uma nação e com umas consequencias incalculaveis para o resultado do combate.

Esta importante observação responde a uma objecção frequentemente provocada pelos bons resultados obtidos, em geral, nos exercicios de treino militar dos nossos submersiveis autonomos ou não.

Em tempo de guerra, tem-se objectado, aconteceria o mesmo contra adversarios reaes?

Uma objecção d'esta natureza foi levantada, principalmente, a seguir ao simulacro de bombardeamento de Marselha, em 1906, pela esquadra que eu tinha a honra de commandar. A flotilha submarina de Toulon tinha sido enviada para o nosso grande porto de commercio meridional, a fim de o defender contra esta força naval que devia manobrar de modo a bombardear todas as obras de defeza maritima.

Este bombardeamento devia effectuar-se por esquadras desfilando ao longo do littoral, nas condições de guerra, cada uma seguindo a esteira da precedente.

No final d'este exercicio, a indicação dos navios tendo assignalado que elles se consideravam como torpedeados, isto é, approximados por submersiveis á boa distancia de lançamento, a 400 (*) metros, «sem previamente os terem apercebido», foi sobresahir a proporção inesperada de 80 por cento.

Mesmo reduzindo este numero de maneira a tomar em linha de conta os lançamentos, que, na realidade, teriam podido ser infructiferos apesar do seu grande numero; a curta distancia e o comprimento dos navios, a lentidão e a regularidade da sua marcha, indispensaveis á precisão do seu tiro, ficava ainda uma percentagem das mais satisfatorias e de natureza a fazer desapparecer a todo o chefe de esquadra a tentação de proceder a um bombardeamento d'este genero.

(*) O artigo refere-se a exercicios effectuados em 1906 e portanto ao estado de aperfeiçoamento dos torpedos, n'essa data, podendo na actualidade o numero de 400 metros considerar-se correspondente a 1.000 metros, para um torpedo cujo alcance é de 4.000 metros.

Presidente da Republica

A sua ida a Torres Novas

Em comboio especial, que sahiu da estação do Rocio ás 11 horas e 3 minutos, seguiu hoje para Torres Novas, onde foi assistir ao campeonato do cavallo de guerra, o sr. presidente da Republica, que era acompanhado pelo 1.º official da secretaria da presidencia, servindo de secretario geral, sr. Luiz Barreto da Cruz, ministro da guerra e seus ajudantes.

Na gare estiveram os srs. presidente do ministerio, ministros do interior, fomento e colonias, governador civil, capitão Gorjão, representando o general sr. Judice da Costa, commandante da divisão, e muitos officiaes de terra e mar. Acompanhou o comboio, que chegou ao Entroncamento ás 12,37, o inspector sr. José Gonçalves Ribeiro.

O sr. dr. Bernardino Machado regressou hoje mesmo a Lisboa.

Migalhas

A questão do jogo

N'uma praia do Norte, onde esteve ultimamente, a auctoridade local esperou pacientemente que se retirassem todos os banhistas e quando, por sua vez, os hespanhoes da batota metteram no bolso, com os lucros da temporada, os dados, a banca franceza, e a bolinha da roleta, vendo que não ficavam no sitio senão os indigenas e quatro abbades do Alto Minho, calçou as luvas e puxando o cabello atraz, exclamou:

—Então que pouca vergonha é esta aqui? Pois joga-se descaradamente sendo o jogo prohibido? Fechem immediatamente as tavolagens, «clubs», casinos, cafés e outros logares de perdição.

E, sentando-se á secretaria, telegraphou ao governo:—«Cumprindo a lei acabo de reprimir severamente o jogo n'esta localidade».

O governo, por sua vez, vendo que acabara a temporada elegante dos Estoris e arredores e que os banqueiros «nuestros hermanos» já se iam retirando, mandou aos batoteiros aquelle aviso officioso que se sabe e, hontem á noite, fez assaltar um café da Rua das Pretas, onde prenderam vinte e dois pontos e uma banca de onze escudos.

Assim como as gaivotas pairando sobre a margem annunciam temporal, esta feroz repressão do jogo é signal da chegada ao poder do dr. Affonso Costa. São de sobejo conhecidas as incompatibilidades d'este estadista com os encantos do chorrilho de menores e as tentações da terceira duzia. Dada a sua intelligencia, vivaz e subtil, são pouco comprehensiveis. A regulamentação intelligente do jogo e a sua organisação elegante dariam ás nossas estancias balneares um attractivo relativamente poderoso á mingua de outros. Os paizes pequenos, são como os restaurantes de pequena capacidade. Precisam de se recommendar por um prato do dia, uma especialidade da casa e o jogo, creio eu, viria muito a proposito n'esta terra, cuja unica caracteristica tendo conseguido passar atravez dos tempos é o espirito de aventura. O chefe democratico ha de convencer-se com o tempo que na impossibilidade de reprimir o jogo é muito preferivel procurar tirar d'elle a maior somma de beneficios possiveis para o paiz do que deixal-o exercer-se em condições que aproveitam a muitos e de que não resulta a menor vantagem para o Estado.

André Brun

Poeira da Arcada

Nuno Simões publicou agora a Gente Risonha—palavras sobre a caricatura e alguns caricaturistas do nosso tempo—traçando em rapidas linhas um dos aspectos da ironia contemporanea que, apoderando-se da mulher, lhe estilisa o corpo e a alma, articulando-a e desarticulando-a, conforme quer fazer resaltar d'ella as melodias jacentes no seu ser mysterioso como as aguas mortas de um pantano ou as dissonancias moraes que a tornam rebelde a todas as normas de uma vida que, quanto mais virtuosa, mais se consome na sombra e no esquecimento.

Dantes a politica era a feira predilecta dos que, de lapis em punho, tratavam de apprehender e fixar os aspectos da comedia humana, em seus momentos de vacuidade palavrosa e de solemnidade magistral. O homem, evadindo-se á lei do trabalho que exige cerebro e pulso, inventava para seu uso algumas doces mentiras e com ellas lograva a ingenuidade do povinho que, nas ruas, se julgava soberano, só porque sentia a espicaçar-lhe os olhos alguns patifes peritos nas artes de empalmar suffragios. Mudam os ventos, mudam os tempos.

Hoje a caricatura satisfaz-se com outros acepipes. Votou-se á mulher que, prodigiosa nas suas variações e metamorphoses, á face da terra realisa o maior milagre do instincto que procura pela toilette, pelos sortilegios do olhar e pelas tentações do gesto e da palavra submetter a orgulhosa rasão humana a um jogo gostoso que a torna incapaz de medir a sua irremediavel perdição. Na obra dos novos, como Almada Negreiros, Correia Dias, Barradas, Ernesto do Canto, Christiano Cruz, Cerveira Pinto, Carvalhaes e outros é que Nuno Simões, com um notavel sentimento do nervo e do rythmo da juvenil prosa portugueza vae apontando a formação dos mais recentes conceitos que a arte irreverente, inspirando-se na graça plastica e espiritual da mulher, consagra como elementos de uma estetica que não busca a verdade, mas sim as deformações que valorisam as sombras e as claridades em que surge o perfil de Eva.

O auctor da Gente Risonha *não se compraz no riso facil de toda a turba. Olha as coisas de alto, com vulto enigmatico, como quem de uma ponte mira o seu rosto, em baixo, nas aguas dormentes. Como elle, os caricaturistas não riem nem sorriem. Tentam penetrar, decifrar a vida que a mulher compendia, enaltece, espiritualisa, turva e envenena com a sua volupia mortal e a transcendencia subtil das suas advinhações quasi divinas.*

Um banquete de homenagem

Em honra do dr. José Pontes

Prosegue a inscripção dos seus amigos e admiradores

Tudo indica que o banquete de homenagem que vae ser offerecido ao nosso presado camarada e amigo dr. José Pontes terá uma altissima significação. Os nomes que dia a dia se vão inscrevendo, muitos dos quaes representam o que ha de mais distincto no sport nacional, querem dizer que os serviços prestados por José Pontes á causa da educação phisica são reconhecidos e apreciados por quem possue competencia para tal e que a sua obra de propaganda pela imprensa é a mais notavel que entre nós se tem feito até hoje.

Para o banquete acham-se inscriptos os srs.:

D. José de Noronha, Antonio Soares Junior, Eduardo de Faria, Carlos Bazilio d'Oliveira, Delphim Guimarães, Raul Nunes, Martins Faria, Walter Alvarez, Pedro Sanches Navarro, Luiz Roubeaud, Arnaldo Gomes.

José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, Accacio Santos, Manuel Egreja, José Joaquim Bastos, Antonio Henrique Oliveira e Silva, José Aprigio Gomes, João dos Santos Mattos, Mario Beirão, Diogo Pina Manique, Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cartaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Sousa, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

Cavallos offerecidos ao governo

Procedente do sul de Africa entrou hoje no Tejo o paquete «Ammelia», trazendo cerca de 300 cavallos dos que foram offerecidos ao nosso governo pela União Sul-Africana.

Os animaes foram descarregados no entreposto de Santos e seguiram para o quartel de cavallaria 4.

Pelo telegrapho

Os italianos contra os austriacos

ROMA, 6.—Official.—No valle de Daone expulsámos o inimigo das posições Malgasta e Bolomo. No Isongo houve canhoneio. Na zona de Saint Michel tomámos brilhantemente um forte e um entrincheiramento, fazendo 154 prisioneiros e tomando ao inimigo cofres de munições e material.—(Havas).

Um desmentido da Santa Sé

ROMA, 6.—Diz o «Osservatore Romano» que a noticia da entrevista realisada na Suissa entre o cardeal Marchetti e o principe de Bulow é absolutamente inexacta.—(Havas).

Um submarino allemão internado pelos hollandezes

HAIA, 6.—Será internado o submarino allemão «U 8» que por um erro de navegação penetrou nas aguas neerlandezas e encalhou á vista de Terschelling.—(Havas).

Um attentado contra o consulado italiano em Nova York?

NOVA YORK, 6.—Deante do consulado da Italia explodiu hoje uma bomba, que partiu os vidros das janellas.—(Havas).

Lord Kitchener no Oriente

LONDRES, 6.—O «War Office» communicou á imprensa que a pedido dos seus collegas do gabinete britannico, lord Kitchener deixou a Inglaterra a fim de fazer uma curta visita ao theatro da guerra no Oriente.—(Havas).

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se dirime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 do julho, egualmente com 188 paginas; o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

TORNEIOS DE ESGRIMA

A Taça Cascaes

Foi brilhantemente ganha pelo sr. Carlos Farinha, campeão de Portugal de 1915

Com o torneio de espada para a «Taça Cascaes», terminou hoje a epoca de esgrima de 1915, que foi uma época brilhante porque se effectuaram muitos certamens; todos elles tiveram numerosos concorrentes e estes eram os melhores atiradores portuguezes.

A temporada de 1915 evidenciou os extraordinarios progressos da esgrima portugueza. E' que se comprovou a existencia de grandes mestres e de fortissimos amadores, que podem resistir vantajosamente aos melhores de alem-fronteiras.

Ganhou Carlos Farinha, campeão d'este anno, rapaz novo d'edade e novo na esgrima mas que tem poderosas faculdades phisicas, que o impõem como um campeão com merecimento, campeão a valer, campeão que nunca temeu collocar o seu titulo perante a contingencia de uma derrota. E a maneira como jogou hoje impoz o seu merecimento esgrimistico, porque dominou os adversarios e disputou o primeiro logar a outro jogador de muito merito, intelligente, energico e correcto, tambem campeão, o sr. dr. Manuel Queiroz. O assalto entre elles durou mais de vinte minutos e terminou com um primoroso «double» ao peito, dado por Carlos Farinha. Uma victoria assim honra quem a consegue. Ganhou sobre um grande adversario; ganhou com golpes nitidos; ganhou confirmando victorias antecendentes; ganhou com confiança no seu jogo e ganhou, terminando a temporada, com um golpe brilhante.

A honra da victoria não deve caber exclusivamente ao atirador. Pertence tambem ao mestre, ao campeão Carlos Gonçalves, que é uma gloria no sport nacional e, sem que alguem o conteste, um dos mais fortes jogadores de espada de todo o mundo.

Carlos Gonçalves, sabe preparar os seus alumnos, sabe aproveitar-lhes as qualidades phisicas e sabe até aproveitar-se d'alguns defeitos de temperamento e de resistencia. A sua escola, é incontestavelmente, boa. E' uma escola sua, que permitte fazer esgrimistas fortes em pouco tempo. Carlos Farinha tem pouco mais de dois annos d'esgrima seguida e consegue triumphar, embora na temporada de 1915 encontrasse deante d'elle os melhores jogadores nacionaes, alguns d'elles consagrados em torneios no estrangeiro. E o que succede com Farinha succede com Jorge Paiva e com alguns «juniors» que se estão revelando como excellentes atiradores.

O certo é que houve dez campeonatos este anno e nos dez campeonatos foram sempre vencedores os alumnos do professor Carlos Gonçalves. E' este um argumento irrespondivel, insophismavel, que demonstra o merecimento do mestre e dos alumnos.

Foi na prancha do prestimoso Gymnasio Club Portuguez que se terminou este torneio e com elle o ultimo campeonato do anno. Assistiram os primeiros atiradores de espada, homens de sport e jornalistas.

A classificação foi a seguinte:

1.º Carlos Farinha, da sala Carlos Gonçalves; 2.os exaequo dr. Manuel Queiroz, do Centro Nacional de Esgrima e Jorge Paiva, da sala d'armas Carlos Gonçalves; 4.os exaequo: Mario de Noronha e Fernando Farinha, ambos da sala d'armas Carlos Gonçalves; 6.º Matheus dos Santos, do Centro Nacional de Esgrima; 7.º Marcianno Beirão, da sala d'armas Magalhães; 8.º Antonio Montez, do Atheneu Commercial.

Esta classificação equivale á «final» do torneio e ella indica que outra salas d'armas compareceram com bellos atiradores que são sempre habilissimos adversarios. Diz tambem a classificação que alguns dos classificados appareceram em todas as provas da temporada. Os seus nomes figuram em todas as «finaes». N'este facto reside o seu melhor elogio. São homens de sport, que gostam sempre de ver as suas classificações e não se desgostam embora não obtenham os titulos de campeões. Elles virão depois, talvez em 1916.

NO CAMPO GRANDE

Concurso d'animaes de tracção

Realisou-se com grande animação sendo o total dos premios de 522 escudos

Com grande animação realisou-se hoje no Campo Grande o 5.º concurso de animaes de tracção do serviço de carga, promovido pela camara municipal, com a cooperação da Sociedade Protectora dos Animaes, a exemplo do que se pratica nas principaes cidades civilisadas, como Londres Nova York Bruxellas, etc.

O numero de inscripções foi de 227, menos 27 do que no anno passado, ...

Aos que ficaram +

Filhos, esposas, mães,—na viuvez e orphandade,
não choreis! Vossa dor tem um balsamo: a gloria,
Nós sentimos por vós respeito e não piedade.
Não se chama desgraça o que deslumbra a historia.

A fama dos heroes, na vida transitoria,
perfuma, encanta e doira a vossa soledade;
mas se é como um clarão essa viva memoria,
ella não dá o pão nem destroe a saudade.

Toda a alma que soffre é uma alma ferida
que o abandono fará murchar como uma flor.
P'ra a miseria no lar, p'ra a ventura perdida

todo o auxilio é um beijo alliviando a dor.
—No obulo não vae só um meio de vida:
vae sorrindo e cantando uma expressão de amor.

Mayer Garção

Folhetim d'A CAPITAL — 7-11-1915

O jornal e o jornalista

Quando eu revejo o «Mundo», áquella distancia de annos que, apagando certos detalhes, só deixa surgir a nota viva da belleza d'uma paisagem, ou o encanto d'um quadro, em que a emoção domina, o que me surge na imaginação, desenhada em fundos traços, é aquella pequena, apertada redacção da rua das Gaveas onde lentamente se ia minando um throno de sete seculos; onde, como n'uma chrysalida obscura, se ia operando a gestação da Republica, como a d'um ser vivo, bello e perfeito.

Na sala da redacção, cujas dimensões não iam além d'um quarto vulgar da Baixa, a grande meza de trabalho mal se poderá accommodar. Já essa mesa, que ainda hoje existe, mas que se perde na grande sala da actual redacção do «Mundo», me desperta, sempre que a vejo, uma impressão de intensa saudade, de dolorido enlevo. Alli comecei eu, ha perto de vinte annos, esta ingrata tarefa de jornalista, que é ao mesmo tempo o meu pesado fardo e o meu maior orgulho. Dividiam-se os logares dos redactores com riscos, de que ainda hoje devem existir os apagados sulcos, e não me esqueço que, no logar destinado á secção do estrangeiro, eu tive a honra de substituir o grande publicista Silva Pinto, para mim inolvidavel mestre, como mestre o devem considerar todos aquelles que nas fainas da imprensa lançam mão d'uma penna, movidos por impulsos de ideal, com enthusiasmo, com altivez e com fé.

* * *

Foi sentado a essa mesa que eu vi pela primeira vez França Borges. Era a velha mesa do «Paiz», que Alves Correia fundára,—solida, forte mesa de combate, onde os gritos de insurreição, onde os arrebatamentos do espirito, onde a critica acerada, onde a piedade amoravel, onde a ironia amarga, onde a jovialidade heroica, tantas vezes perpassaram, tocando-a, como azas de ave no vôo da mocidade inquieta. Eu vejo, ao evocar na imaginação essa mesa, Fialho de Almeida, sentado a um dos seus logares, em mangas de camisa, traçando nervosamente as criticas das primeiras recitas da Duse, em Lisboa: «O' pallida Eleonora, quando tu morreres, serás infinitamente menos interessante!» Eu vejo, sentada a essa meza, aquella pleiade de rapazes a, quem França Borges offerecia o seu jornal como uma arena em que se adestrassem as suas jovens intelligencias rebeldes. Vejo Ernesto da Silva, frementе, sempre orador, crivando uma sociedade madrasta de frechas de indignação; vejo os vivos que se affastaram em tantas direcções differentes, levados pela corrente da vida, mas que para mim dir-se-hia terem deixado gravados os seus nomes n'aquella velha e solida meza de combate, os poetas, os revolucionarios do seu grupo de chronistas: Martins Figueira, bohemio desordenado; Silvio Rebello, artista como um d'Annunzzio; Nunes Claro, inspirado como um Richepin; José Carneiro, já diplomata, de monoculo assestado, correcto e ironico; Fernando Reis, dando-se ingenuos ares de frio observador de todo esse tumulto, de toda essa vibração, de todo esse enthusiasmo communicativo e febril.—E, mais ao fim, as barbas fluviaes de Lemos de Napoles espraiavam-se na grande meza e Augusto José Vieira, acautelado e silencioso, procurava resguardar de vistas profanas as suas notas maçonicas...

Foi sentado a essa meza que eu conheci França Borges. Parece-me que estou vendo João Chagas, apresentando-me. Era ainda o «Paiz», onde França Borges occupava o logar de secretario de redacção. Parece-me que estou vendo João Chagas, apresentando-lhe o seu novo collega, e tambem não esqueço a frieza com que o França me acolheu. Dos seus labios mal sahiu um secco monosyllabo. Como essa frieza se havia de transformar breves dias apoz n'uma amizade que felizmente nunca se quebrou, e como eu e elle tantas vezes rimos d'esse glacial acolhimento! Tinham-me apontado como um incorrigivel «blagueur», um litterato requintado, e França Borges desconfiava de mim. Breve reconheceu que o tinham illudido, e me tinham calumniado, porque eu era o menos «blagueur» dos «blagueurs» e o menos litterato dos litteratos. Era assim o seu primeiro «abord». Já disse glacial. E' o termo. Mas bastava o calor d'uma emoção, do affecto que elle descortinasse n'uma alma, para a sua sympathia se revelar. Não é assim, que nas montanhas de neve, o primeiro raio de sol que a derrete faz apparecer a pura flor do gelo, o «vergismeinnicht», que debaixo d'ella não deixa de germinar e florir?

* * *

Dir-se-hia que d'essa viçosa flor d'alma na realidade vinha o calor e a vida que animavam á velha meza de combate. Ella attrahia, como um foco, todas as generosas inspirações; aquecia e alentava os velhos e os novos, os grandes vultos da democracia e os seus mais obscuros luctadores. Ali vi, sentado a essa meza, Brito Camacho, despedindo flechas de ironia da aljava do seu espirito, frementе de rebeldias quasi libertarias. Ali vi, contribuindo para a obra revolucionaria do «Mundo», Guerra Junqueiro, João de Menezes, Joaquim Madureira, Heliodoro Salgado. A'quella meza se sentaram, escrevendo, conversando, mantendo vivo o fogo da ara sagrada, Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, que foi, comigo, o iniciador das «Notas Vermelhas». Alli se juntavam, escrevendo, conversando, luctando sempre, os que então eram já collaboradores do «Mundo» e hoje são os seus incançaveis obreiros: Luiz Derouet, Carlos Trilho, José do Valle, e outros tantos que a morte fez desapparecer ou os acasos da existencia affastaram para outros rumos, para outras fórmas de actividade, como Ribeiro de Azevedo, Santos Tavares, Carlos Olavo, Alves Pereira...

Difficilmente conjugaria tão vasto esforço, tão desinteressada cooperação, uma forte empreza, tendo á sua frente o nome consagrado d'um chefe politico ou d'um mestre na arte. Mas França Borges vinha do trabalho obscuro do jornal. Seguira passo a passo as «étapes» da sua carreira. Era um novo. Ainda não tinha trinta annos. D'onde vinha, pois, o seu poder de attracção, sobretudo attendendo-se ás apparencias glaciaes do seu espirito? E' que elle era um luctador do ideal. Elle era a tenacidade sublime. Elle era o caracter, elle era a fé, elle era a acção. Todos sabiam que emquanto aquelle homem existisse, mettido n'aquelle cubiculo, emquanto podesse conservar aquella meza que atravancava uma casa exigua a ponto tal que quasi se não podia passar d'um para o outro lado, a Republica teria em quem se encarnasse. Não seria apenas uma abstracção, não seria apenas um sonho, uma chimera bella e radiosa. Seria uma realidade, palpitando como um ser vivo, tendo sangue para derramar, coração para sentir e espirito para resplandecer!

Tudo se concentrava n'elle. Procurava-o quem precisasse d'um grande soccorro para as investidas traiçoeiras do desanimo, e ao seu gabinete, ainda mais exiguo do que a sua redacção, as personalidades illustres da politica, os chefes do partido republicano, iam muitas vezes buscar estimulo, calor, enthusiasmo, resolução. E não eram só os republicanos. Eram os monarchicos desilludidos, como Augusto Fuschini, que ainda pouco antes de morrer, com os olhos humedecidos de lagrimas, recordava essas eras de lucta em que o perfil moral do seu grande amigo se agigantara. Todos reconheciam que n'aquelle rapaz, de tão fraca compleição phisica, dispondo de tão minguados recursos materiaes; que n'aquelle perseguido, a quem todos os poderes d'um Estado procuravam debellar, estava uma força capaz de transformar uma sociedade, só pelo impulso da sua vontade, só pelo vigor da sua convicção inabalavel!

Nunca elle teve uma demonstração de fraqueza. Nunca se queixou, nem aos seus mais intimos amigos. Quantas vezes, em crises tremendas, o seu cerebro seria um vulcão referwendo em tragicas lavas! Só o seu silencio se accentuava. Dir-se-hia que concentrava todas as suas forças para resistir ás vicissitudes que o assaltavam; que até as palavras, sahindo da sua bocca, podiam diminuir a tensão da sua vontade. Então, olhar para elle era ver um bloco: impenetravel e resistente, como a rocha que a onda pode roer, mas que não destroe.

E comtudo, muito tarde, soube-se que um dia, n'aquelle pequeno gabinete da rua das Gaveas, onde nasceu um mundo, elle, vendo-se impossibilitado de fazer sahir o seu jornal no dia seguinte, estivera com um revolver apontado á cabeça, prestes a desfechar. Porque o não fez? E' porque os eclypses da vontade, como os eclypses do sol, duram pouco. A sua fraqueza não durou mais que um minuto. Elle tinha que viver para a Republica. O destino recompensou-o. Viu a Republica, no seu Portugal amado. Viu a Republica, e como se esse destino lhe quizesse minorar os soffrimentos do seu transe, longe da Patria, longe da familia, longe dos amigos, foi ainda em terra livre, n'uma sociedade emancipada pelos principios que sempre foram os clarões da sua alma,—foi n'uma Republica que os seus olhos se cerraram para sempre.

MAYER GARÇÃO

SPORT

Entre jogadores de socco

Os seus golpes predilectos

Como se ganharam titulos de campeões e uma curiosa anecdota de Battlesig-Nelson

E' sobre um artigo de Leon Sée que trabalhamos os seguintes notas sobre os golpes predilectos que usam os jogadores de socco nos seus combates mais sérios. Todos elles, mais ou menos, preferem um golpe a outro e utilisam-no frequentemente para se desembaraçarem dos adversarios difficeis.

«Quando, o famoso negro Jack Johnson encontrou Stanley Ketchell em California, teve durante mais de vinte annos um «uppercut» da direita ao mento. Foi esse mesmo «punch» que «desceu» Tommy Burns em Sidney e valeu ao negro o titulo de campeão do mundo.

«O golpe que o celeberrimo John L. Sullivan empregou e ao qual deveu a «sua» durante mais de vinte annos era um «swing» da direita ao queixo. Tinha, porém, o habito de dar primeiro um poderoso «swing» da esquerda que desmanchava a «guarda» do adversario e depois «dobrava» pela direita ao mento. Não havia grande sciencia n'este ataque mas era terrivel por causa da força de touro do celebre John S. Sullivan, homem herculeo e irresistivel.

«O socco que Corbett empregou com maior exito, era um directo da esquerda á cara, que executava com espantosa rapidez mas que não era poderoso para fazer grande mal. «Marcava» assim e sem descanço o adversario, pondo-lhe a cara em sangue e ganhando de muito longe e com muita superioridade «os pontos»: quando elle proprio não era o que cahia.

«Corbett era um «boxeur» maravilhoso mais que um combatente. A sua mão direita apenas lhe servia para «parar» os soccos. Os golpes que dava eram raros e pouco energicos.

«Tres quartos partes das victorias de Bob Fitzsimmons foram obtidas com curtos «obliquos» da esquerda, quando um ligeiros «corps-á-corps» ou quando os pugilistas se separavam.

«Foi com um «obliquo» muito curto sobre o coração que Fitzsimmons dominou Corbett.

«O proprio Jeffries foi essencialmente um especialista da esquerda. O «obliquo» que dava com o braço esquerdo e com o qual derrotou Fitzsimmons, Ruhlin, Corbett e Munroe, era «despedido» com força excepcional e incomparavel. Dava sempre este socco sobre o corpo e «dobrava» instantaneamente para a cara com o braço esquerdo do socco.

«No seu combate de 25 «rounds» com Sharkey, o famoso Jeffries, serviu-se do seu braço esquerdo com tal força que o marinheiro terminou o combate com muitas costellas partidas!

«Ketchell, por sua vez, teve uma marcada predilecção pelo «swing» da esquerda precedido d'um «finta». Foi com este socco que atirou a terra o negralhão Johnson e que lhe occasionou uma enorme bossa no queixo.

«Emquanto a Sam Langford, os seus pequenos «obliquos», ora da direita, ora da esquerda, dados de muito perto, são particularmente perigosos e difficeis de evitar.

«Conhece-se tambm o socco em «saca-rolhas» de Kid Mac Koy, especie de «obliquo» dado com rotação do punho e com effeitos surprehendentes».

N'este ponto Leon Sée não indica o sitio de preferencia para a execução de este socco. Era sobre ó «plexus solhar!» Calcule-se a dôr!

«Billy Papke venceu, muitas vezes os seus adversarios por meio d'um duplo «swing» dado com os braços muito estendidos para a frente».

Para terminar, citamos a curiosa resposta dada por Battling Nelson, quando lhe perguntaram qual era o seu socco favorito e que já deu motivo a uma anecdota da nossa secção:

—Recommendo especialmente o golpe da «barba» e dos «cabellos».

—Quaes são?

—O golpe da «barba» é muito simples. Emprego-o assim. Tenho o cuidado de me não barbear durante os oito dias anteriores ao combate. A minha barba parece então uma verdadeira lixa que, nos «corps-á-corps», esfrego energicamente contra o pescoço e a espadua do meu adversario.

«Ao cabo de dois «rounds», toda a pelle está em carne viva.

—E o dos cabellos?

—E' d'outro genero. Como os meus cabellos são rigidos como baquetas de tambor, não lhe resta em procurar occasião para os espetar nos olhos dos meus antagonistas».

Nota do dia

O Atheneu Commercial trabalha...

Com uma bella orientação, completamente alheiado da «politica do sport», o Atheneu Commercial vae trabalhar e inicia esses trabalhos, no proximo domingo, com uma grande sessão de propaganda da educação physica. Vae convidar todos para exporem ideias. Vae chamar a collaborar com elle todos que teem merecimento e que se interessam pela marcha do athletismo portuguez. Ainda bem que assim procede.

E' que nos lembramos que o Atheneu era ha annos, que não vão longe, antes dos Comités e das Federações, a collectividade que servia como arbitro e medianeiro em conflictos e divergencias. E' que a sua auctoridade e imparcialidade eram caracteristicas da sua acção e trabalho.

Noticias

Entre nós

Tomaram posse, no dia 5 do corrente, dos differentes cargos para que foram eleitos na ultima assembleia geral d'este club os srs.: Assembleia geral: presidente, D. Alberto Macieira; vice-presidente, A. Lacerda; 1.º secretario, Henrique Albano dos Prazeres; 2.º, Antonio Vieira Caldas. Direcção: presidente, dr. Carlos Granha; vice-presidente, Humberto Granha; Thesoureiro, João Formosinho Simões; secretario, João Formosinho Simões; vogal, Abilio de Campos Junior. Conselho technico: Dante Canau, Adolpho Lallemant, Frederico Paredes. Commissão revisora de contas: Edmundo Padeca, Julio Reprezas e Carlos Lourenço.

Os primeiros desafios de foot-ball

Começou hoje a epocha de *foot-ball* com os primeiros desafios para o campeonato da Associação de Lisboa. Effectuou-se o *match* dos primeiros grupos no campo do Lumiar, diante d'um publico não numeroso, como é habitual, em consequencia do mau tempo. Ganham o *team* do Sporting Club de Portugal sobre o do Sport Club Imperio por 6 *goals* contra O. Nas segundas cathegorias tambem o Sporting Club de Portugal ganhou por 6 *goals* contra O ao Sport Cruz Quebrada.

como ao concurso de hoje tivessem faltado apenas 25, inscriptos e no ultimo tivessem faltado mais de 40, o numero de concurrentes foi approximadamente o mesmo nos dois annos.

Apresentaram-se bellos exemplares, tanto em cavallos como em muares e bois, accusando desvelados cuidados por parte dos tratadores. Nos cavallos apresentados, na sua maioria de 6 a 9 annos, predominava o sangue andaluz, havendo alguns nacionaes, poucos, com vestigios de sangue de Alter; de muares, umas 60, havia nacionaes e hespanholas, variando entre 5 e 18 annos, distinguindo-se as estrangeiras pela sua maior corpolencia; dos bois, 7 isolados e uma junta, variando entre 6 e 8 annos, eram á excepção de um alemtejano, todos de raça mirandeza.

O total dos premios destribuidos montou a 522$. O jury para o 1.º grupo era constituido pelos veterinarios srs. Lopes Ribeiro, e Teixeira de Loncastre, para o 2.º, 3.º e 5.º e animaes de deanteiras, pelo srs. Ernesto Dias da Silva e Jorge Junior; para o 4.º grupo pelos srs. Fernandes Marques e Fernandes Affonso. Os terceiros membros do jury para cada grupo eram delegados da Sociedade Protectora dos Animaes.

1.º grupo, carroças de fanico tiradas por um só animal; couberam o 1.º premio, 50$, da Camara Municipal, a Francisco Santos; 2.º, 25$, da Sociedade Protectora dos Animaes, a Eduardo Salles Ribeiro; 3.º, 10, da Companhia Carris de Ferro, a João Bento; 4.º, 10$, da Companhia dos Tabacos, a Albano Affonso; 5.º, 10$, da Oil Company, a Vicente Carvalho; 6.º, 5$, da Empreza Geral de Transportes, a Francisco Mafra; 7.º, 5$, da Companhia de Mossamedes, a José Maria Rosiero; 8.º, 5$, do Ramires & Sobrinho, a Constantino Gonçalves; 9.º, 5$, de Silva & Aroias, a Augusto Nunes; 10.º, 5$, da Companhia Commercial de Angola, a Manuel Bernardino.

Não havendo concorrentes aos premios do 5.º grupo, carroças ornamentadas, foram os premios d'este encorporados no 2.º, carroças de fanico tiradas por mais de um animal, e de bois, sendo a classificação a seguinte: 1.º premio, 50$, dos Armazens Grandella, a Antonio Felix; 2.º, 30$, da Propaganda de Portugal, a Eduardo Souza; 3.º, 10$, da Associação dos Lojistas, a Valentim Oliveira; 4.º, 10$, do Banco Lisboa & Açores, a Domingos Beirão; 5.º, 10$, da Companhia Agricola das Neves, 6.º, 5$, da Empreza Ceramica, a José Pereira; 7.º, 5$, da Companhia das Aguas, a José Violante.

No 3.º grupo, carroças de particulares tiradas por um só animal, houve a seguinte classificação: 1.º premio, 50$, da Camara Municipal, a Domingos Pires de Carvalho; 2.º, 25$, da Companhia do Gaz, a Alfredo Esteves; 3.º, 15$, da Sociedade Protectora dos Animaes, a José Vicente; 4.º, 10$, da Associação Commercial, a Eusebio Miguel; 5.º, 10$, da Companhia dos Phosphoros, a Carlos Vicente Guedes; 6.º, 5$, da Companhia de Carruagens Lisbonenses, a um carroceiro da Fabrica Jansen; 7.º, 5$, da Companhia Providente, a Antonio Luiz; 8.º, 5$, da Companhia de Seguros Popular, a José Carapinheira; 9.º, 5$, da companhia dos Telephones, a José Duarte Valente; 10.º, 5$, do Atheneu Commercial, a Nicolau Francisco; 11.º, 5$, da Fabrica Germania, a Fructuoso Gomes; 12.º, 5$, da Companhia do Congo Portuguez, a Pereira Cachiço; 13.º, 5$, do Jardim Zoologico, a Francisco Cascalho.

No 4.º grupo, carroças e galor. e tiradas por mais de um animal, a classificação foi: 1.º premio, 50$ da Camara Municipal, Saude Costa Silva; 2.º, 25$ da Companhia do Gaz, Antonio Bandeira; 3.º, 10$ da Empreza Nacional de Navegação, Severino Pires; 4.º, 104 da Associação dos Agricultores e Horticultores, Francisco Antunes; 5.º, 10$ da Companhia do Mercado da Praça da Figueira, Avelino Fernandes; 6.º, 5$ da Companhia da Borracha, Francisco Costa; 7.º 5$ da Companhia das Lezirias, Arthur Moreira.

No grupo de animaes para deanteiras, coube o 1.º premio, 3$ da Companhia Fornecedora de Gados, a Manuel Oliveira; o 2.º, 2$ do Credit Franco Portugais, a Agostinho Marques; e o 3.º, 1$50 da Companhia do Mercado de Alcantara, a Venancio Pinheiro.

Terminada a classificação que levou horas, como era natural, pois que os jurys tem que attender a varios factores para fazer uma justa apreciação, como edade do animal, robustez, estado sanitario, etc. foi esta publicada.

No topo d'um elevado mastro levantado em frente do *chalet* das Cannas, onde tinham funccionado os jurys, surgia o numero do animal premiado, e o seu tratador recebia uma bandeira onde se lia o numero d'ordem do premio, a sua importancia, e por quem fora offerecido.

Era o triumpho para os vencedores que depois iam seguindo, em cortejo, pelo campo abaixo, debandando ao fim da avenida, onde tivera logar a parada.

Numeroso publico assistiu á passagem do cortejo que apresentava um bello aspecto, com as bandeiras vermelhas dos premios balançando ao vento, os arreios pregueados e chapeados d'amarellos reluzentes, e os gestos largos dos conductores espalhando exhuberantes a alegria da victoria.

A entrega dos premios far-se-ha no domingo 21 do corrente, na Camara Municipal, assistindo á distribuição o chefe do Estado.

A CAPITAL DO NORTE

O porto de Leixões

continúa estacionario. não se fazendo as obras já approvadas, mercê dos manejos dos «empatas»

Porto, 6

—E' bem verdade —diz-nos um importante negociante—que nós, os portuguezes, só nos prendemos por um assumpto, só nos interessa um grande problema, ou nos emociona uma grande desgraça nas primeiras 48 horas. Depois, voltamos á nossa passividade, á nossa indifferença, não desenvolvendo energias, não estimulando os que trabalham, e antes,—quantas vezes—molestando-os, ferindo-os nas suas intenções, nos seus propositos. E' vêr o que acontece com a obra grandiosa do porto de Leixões.

«Ha uns poucos de annos que o parlamento votou a verba necessaria para a sua conclusão, para o valorisar, adaptando-o a porto commercial, de maneira a constituir o entre-posto maritimo de toda a região desde áquem Mondego até Hespanha, até França, pela sua ligação ferro-viaria com as redes das linhas do Minho e Douro. Infelizmente, o que acontece? O porto de Leixões continua estacionario, apertado entre os velhos molhes que não resistam aos violentos choques das ondas tempestuosas, sem a nova muralha de protecção aconselhada pelo distincto engenheiro sr. «Assumpção e approvada pela commissão de engenheiros nomeada expressamente para sobre ella dar parecer, exposto ás ventanias perigosas de nordeste, quer dizer, o porto de Leixões continua a não prestar serviços valiosos á navegação, não offerecendo garantias de segurança nem como porto de abrigo, e não fomentando o commercio maritimo mundial, porque a bacia é pequena e a cada passo assoriada.

«Sem as grandes docas, caes de desembarque, com todos os apprestos e machinismos modernos, Leixões continua morto, vendo a capital do Norte desviar-se para Vigo a grande navegação, fugindo das nossas costas os grandes trasatlanticos que por aqui poderiam fazer escala, se Leixões offerecesse as condições que os outros portos concorrentes offerecem.

Depois, com tristeza:

—Temos outro inverno á porta. Novas cheias engrossarão o Douro, novas tempestades assolarão a costa. Onde as medidas tomadas para proteger, a valer, as embarcações do rio e os navios que demandarem Leixões? Só nos lembramos de Santa Barbara emquanto o trovão ribomba e as faiscas zig-zagueiam pelo espaço negro do céu. Quasi nada se tem feito.

«No rio faltam as caldeiras de abrigo. Na costa faltam os pharoes e os signaes sonoros. Continuamos a ser a costa negra...

—E de quem é a culpa? Se as obras de Leixões foram approvadas, se ha dinheiro para ellas, porque se não fazem?

—Ah! meu caro, nós temos a infelicidade do desanimo. Qualquer pequeno tropeço nos faz arrepiar caminho. O porto de Leixões teve, desde sempre, a opposição dos «empatas», dos intransigentes defensores da rotina. Então? Não teem tido egualmente opposição tenaz todas as melhores conquistas da civilisação e do progresso? Os electricos, os automoveis, não tiveram, contra elles, uma guerra de velhos preconceitos? Leixões tambem a teve e a tem.

«Desloca para longe o commercio ribeirinho. Como se fosse possivel dizer-se que Leixões fica longe do Porto! No movimento economico moderno das cidades, não ha longes. Ha sómente uma coisa que se procura: desenvolver o seu commercio, o seu trafego e chamar ao seu convivio, pela troca de serviços, o maior numero possivel de agentes da sua riqueza e do seu futuro.

«Querem os velhos negociantes da beira-rio monopolisar, n'esta hora adeantada de civilisação, em que só vence aquelle que de melhores armas dispõe, quer enkistar o movimento commercial do norte nas barcas e barcaças e navios de pequeno calado, unicas embarcações que podem entrar a barra do Douro, e essas mesmas nem sempre, porque, em média, o rio é inavegavel, annualmente, durante 40 a 60 dias?

«Não póde ser. O progresso, o desenvolvimento commercial da capital do Norte não póde ficar entalado entre o caes da Estiva, muro dos Bacalhoeiros e as pedras de Massarellos.

—Mas, em concreto, o que pensa do abandono de Leixões?

— Não quero aggravar ninguem. No entanto, a minha opinião é que os homens novos, os novos processos da Republica, as suas medidas, as suas iniciativas, teem por parte dos velhos negociantes, argentarios uns e outros que «teem de ir com elles», uma guerra surda a contrarial-os, a desanimal-os. O fito especial d'esta gente, que não faz nada de util para a cidade, porque só trata dos seus interesses particulares, é procurar, por todos os meios, entravar a acção dos que trabalham, dos que procuram elevar o Porto ao nivel de uma cidade nova, grandiosa, bella, com todo o fomento industrial e commercial a que tem direito.

E' certo—concluiu — que tambem não concordo com a acção passiva da Junta Autonoma. A maior parte das vezes não reune... por falta de numero! Ora quem não quer trabalhar, não accita encargos.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21 — Virgem louca.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).

GIMNASIO — A's 21 — Sorôr Marianna—Em boa hora o digo.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.

MODERNO—A's 20 e 22—A filha da Annica.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia de circo.

Ao correr da pena

Um amigo meu, pessoa rica e do bom gosto, tem a mania comprehensivel de construir em Lisboa um theatro com todos os requisitos modernos. Dispõe se a gastar n'esse emprehendimento uma boa porção de milhares de escudos, logo que certas circumstancias o permittam. Quando conversamos sobre o assumpto, permitto-me dizer-lhe o que penso sobre o caso:

—Construir um lindo theatro em Lisboa, desde que não olhe a despezas, é muito simples. Ha no extrangeiro—em França, por exemplo, a companhia Jacobezzi, que se encarrega de todos os detalhes da construcção, da decoração, etc., isto no caso de querer affrontar as coleras, aliás modestas e muito platonicas, dos que defendem, por conta propria ou alheia, a chamada industria nacional. Essas empresas extrangeiras, tendo construido nas margens do Atlantico e outros oceanos, dezenas de casas de espectaculos estão providas de engenheiros, de decoradores, de constructores, etc. especialisados até á perfeição no assumpto, como a empreza Hersent na execução dos portos do mar e levantam n'um abrir e fechar de olhos, em qualquer ponto do universo um theatro, um music hall á vontade e ás posses do freguez, rapidamente, relativamente barato, etc., etc.

Mas, construido o theatro, resta pensar na sua exploração. De todas as crises do nosso theatro, a dos auctores, sendo grave é ainda a menor. Ainda ha originaes de que se possa tirar um certo partido e, á mingoa d'elles, no campo das adaptações, das traducções, dos arranjos o filão é inexgotavel. O peor é que não ha ensaiadores, não ha mestres de baile, não ha electricistas, não ha directores de orchestra, não ha costumiers e não ha scenographos.

Não ha, em resumo, nenhum dos collaboradores necessarios a uma obra de theatro. Quem duvidar do que eu digo, escusa de ir aos grandes centros. Basta que vá a Madrid e, por mais doloroso que seja para a producção nacional, convencer-se-ha do que digo. Pois se nem ha—salvo duas ou tres excepções,—verdadeiros directores de theatro. Não ha methodo de trabalho, não ha consciencia das responsabilidades, falta a cada passo a probidade profissional e, tudo isto—a verdade, é esta, porque á grande maioria das pessoas que trabalham no theatro falta a noção exacta do que estão fazendo, não porque não tenham aptidões—Portugal é um paiz de pessoas com habilidade—mas porque nunca foram orientados nunca foram dirigidos, etc.

Isto e muito mais é o que eu digo ao meu amigo na intimidade das nossas palestras. Deus me livre de o dizer em publico. Deitavam-me fogo.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

Estão annunciadas para sexta-feira duas primeiras representações: «A Malquerida», de Benavente, no Nacional, e «La dona é mobile», de miss Mayo, no Gymnasio.

Não ha meio de acabar com estas coincidencias que prejudicam sobretudo as empresas...

—Os traductores da comedia «A amante do meu genro», do repertorio do Politeama, Raphael Ferreira e Francisco Pinto, estão trabalhando na versão para portuguez da comedia de Georges Feydeau, «La puce á l'oreille», uma das mais hilariantes do notavel escriptor francez.

O segundo dos traductores adquiriu, pessoalmente, em Paris, os direitos de traducção da peça de Feydeau, que em portuguez terá o titulo de «A pedra no sapato».

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Tá Bisto».

Colyseu dos Recreios

A estreia de Sanz foi um successo

Incomparavel, unico, formidavel, o successo que Sanz, o primeiro ventriloquo do mundo, obteve hontem no Coliseu dos Recreios, perante uma enormissima concorrencia que com calor e enthusiasmo, applaudiu o insigne artista. As ovações foram bem merecidas, pois que Sanz apresenta uma collecção maravilhosa de bonecos automaticos, cada qual mais comico e mais hilariante, especialmente *Joanito* e o papagaio que são creações extraordinarias. Sanz é o artista maximo da ventriloquia, que em toda a parte será o primeiro.

Hoje, na matinée que teve uma enchente formidavel as creanças riram a bom rir com o surprehendente trabalho de Sanz e que no espectaculo d'esta noite apresentará novos bonecos.

A'manhã em espectaculo da moda, reapparição das «Aguias humanas» pelos celebres gymnastas Levy Jenocchio e Carlos d'Abreu nos seus notaveis vôos á Leotard Sanz toma parte no deslumbrante espectaculo.

Pela instrucção

No Centro Escolar Dr. Miguel Bombarda continúa aberta, das 9 ás 12 e das 21 ás 24 horas, a matricula para a aula de instrucção primaria, a cargo da professora official sr.ª D. Maria Luiza Amaro, que tão bons resultados tem obtido. Tambem das 21 ás 24 horas está aberta a matricula para a aula de francez.

ULTIMA HORA

14 DE MAIO

A matinée-concerto de S. Carlos

em favor das victimas da revolução foi brilhantissima

Levada a effeito por uma commissão de commerciantes a que presidiu o sr. governador civil de Lisboa, realisou-se hoje, no theatro de S. Carlos, uma brilhante matinée-concerto, cujo producto reverte a favor da victimas da revolução de 14 de maio.

Tanto o vestibulo como o «foyer» de S. Carlos encontravam-se lindamente ornamentados com palmeiras e vasos de chrysanthemos produzindo um bellissimo effeito. A's 14 horas vendo-se a sala replecta de espectadores entre os quaes notámos os srs. presidente do ministerio e ministro da marinha dr. José de Castro; Rodrigues Gaspar, ministro das colonias; almirante Ferreira do Amaral; general Correia Barreto, presidente do Senado; Marianno Martins, governador civil de Lisboa; senador Ramos Pereira; Mayer Garção e familia; Adães Bermudes, etc., deu-se começo á execução do programma que foi iniciado pelo concerto musical que constou de: «Freischütz», ouverture de Weber, e «Paginas dispersas», suite em quatro tempos (preludio, minueto, intermezo dramatico e marcha militar) do maestro Fão; e foi executado pela banda da Guarda Nacional Republicana, ampliada com instrumentos de corda pelos distinctos artistas srs. Amilcar dos Santos, Cruz Palmeiro, Passos, Alvaro dos Santos, Veigas, Martins Junior, Fuertes e Maximiano Rebello, sob a direcção do maestro Fão da mesma guarda.

A execução, que foi primorosa, arrancou fartos applausos á assistencia sobretudo o original do sr. Fão.

Seguiu-se, depois, a recitação pelo actor Augusto de Mello do soneto «Aos que ficaram», original do nosso presado camarada de trabalho Mayer Garção, que n'outro logar damos.

Uma prolongada salva de palmas fechou o recitativo, cerrando o panno que reabriu minutos depois para a representação do lindissimo acto original de Julio Dantas «O primeiro beijo» que teve por parte dos seus interpretes Maria Pia, Carlos Santos e Antonio Pinheiro, o mesmo brilhante desempenho de sempre.

A terceira parte constou d'um concerto de violoncello de Saint Saens, executado pelo eximio concertista sr. João Passos, e do «Poema sinfonico», (Passo, Lamento e Triumpho) de Lizst, pela banda e instrumentação de corda. Todas as peças de musica foram applaudidissimas, tendo sido instrumentadas pelo maestro Fão que deve ter ficado satisfeito com o acolhimento que fartamente a assistencia lhe dispensou.

Uma commissão composta das srs.as D. Julia Santos e D. Antonia e D. Manuela Bermudez, vendeu programmas das festas, que renderam 12$18.

Foi uma bella tarde de musica e de arte, a tarde de hoje em S. Carlos.

O maestro Fão pede-nos para agradecermos, em seu nome, ao visconde de S. Luiz Braga a cedencia do theatro, e aos artistas que completaram a banda a sua amabilidade em terem acedido ao seu pedido.

O crime do Beato

Voltaram hoje a ser enviados para juizo Americo Teixeira ou Antonio Ferreira, o *Falé* e Custodio Martins, o *Boleiro* suppostos auctores da morte do cabo reformado Joaquim Pereira de Castro, o *Cacho*. Interrogados, novamente negaram, mantendo as suas anteriores declarações. Recolheram ao Limoeiro visto não lhes ser admittida fiança.

PROPAGANDA ELEITORAL

O coronel Manuel Coelho

realisa uma conferencia no Centro Evolucionista do 2.º bairro

Como estava annunciado, o sr. major Manuel Maria Coelho realisou hoje no centro evolucionista da rua do Arco do Cego a sua conferencia de propaganda eleitoral. Deu comeco aos trabalhos da sessão o sr. Oliveira Junior, presidente da assembleia geral d'aquella collectividade, expondo os fins da reunião. Torna-se necessario voltar aos antigos tempos da propaganda. Não se admira de não ver ali uma avultada concorrencia. O povo deshabituou-se do velho convivio dos seus irmãos em aspirações. Vae agora comprehendendo que lhe é preciso reatar os laços de fraternidade que outr'ora os unia e assim, pouco a pouco, estas reuniões voltarão a ter o mesmo aspecto dos tempos idos. Conclue convidando o sr. Antonio Mantas a presidir e este chama para seu lado os srs. José Maria d'Oliveira e Silveira da Motta.

No proscenio, ao fundo da sala, apparece o sr. major Coelho a quem a assistencia presta calorosa homenagem, victoriando simultaneamente a Republica, o sr. dr. Antonio José d'Almeida e o partido evolucionista.

O candidato ás eleições supplementares por Lisboa, começa por dizer que é um bom, um velho republicano. Essa affirmação poderia ser desnecessaria e, no entanto, não o era. Adversarios do seu partido tinham-lhe recusado já essa qualidade, pela simples razão de não ser democratico. O seu passado republicano não data apenas da revolução de 31 de janeiro. O seu republicanismo vem do tricentenario de Camões, do «ultimatum» quando a mocidade academica se levantou para erguer, nas palpitações da sua emoção, o prestigio da patria. Era alumno da Escola do Exercito e n'essa occasião fundou um jornal «A Justiça» com outros camaradas seus. Os republicanos d'esse tempo que ainda presentemente vivem alguns, serviram a monarchia ou atraiçoaram a Republica. Dos seus antigos companheiros da «Justiça» só elle se conservou sempre republicano.

Envergando a sua farda de cadete recebeu as primeiras cutiladas da municipal, em manifestações publicas, acclamando a Republica; depois por ella soffreu as agruras do exilio, quando muitos que o accusam não sabiam das suas situações commodas. Apesar do seu passado republicano, não regeita o concurso leal e sincero que antigos monarchicos venham dar ao regimen triumphante em 5 d'outubro. Os que se enfileiram no evolucionismo, que tem sido sempre um partido de opposição, revelam o mais completo desinteresse e, por isso mesmo, deviam merecer mais attenções e respeito aos seus adversarios.

Não pretende fazer diatribes contra o partido democratico, nem pôr em destaque as vantagens do seu programma politico. Entende que é preferivel chamar a attenção publica para a crise tremenda que assoberba a patria portugueza. Essa crise é angustiosa. O povo, que se habituou a deixar para o dia seguinte a solução das questões graves, não lhe liga a verdadeira importancia, porque a nação não está sob uma ameaça eminente e decisiva. E' forçoso, todavia, que nos convençamos de que o dia d'amanhã não está dependente das circumstancias do acaso. O nosso futuro, a salvação da Republica e da propria nacionalidade, intimamente ligada ao regimen, depende das circumstancias que affectam o velho mundo. A guerra assola a Europa e, quando ella terminar, terá sua differença a carta geographica. Precisamos n'esta gravissima conjectura usar de toda a prudencia. Não vivemos isolados no mundo. A despeito de preoccupações de todo o genero que prendem os governantes dos grandes paizes, a nossa situação não lhes passa despercebida. Seguem todos os nossos movimentos, tomam conhecimentos de todos os nossos actos, de todos os nossos desvarios. Sabendo-se lá fóra tudo o que se faz, tudo o que se diz, tudo o que se escreve em Portugal.

Proclamou-se, para a realisação do movimento do 14 de maio, a necessidade da intervenção na guerra. E o que se faz? Manobras inuteis da esquadra no Tejo. Gritou-se o restabelecimento da vida parlamentar e o governo reconhecendo a incompetencia das camaras, para tratar dos assumptos vitaes da nação, convoca, nomeia um novo parlamento em S. Carlos; exaltou-se a necessidade de sanear a administração publica, de metter juizo, honradez, na gerencia dos negocios e, por ultimo, apenas se nota o bulicio, o ruido em volta de logares de commissarios da nova reforma de policia.

Conclue dizendo que não vae ali pedir votos. Não quer ser deputado. Dando o seu nome ao partido evolucionista, pretendeu apenas significar a esse agrupamento que o considera um partido de homens honrados. Não tem genios, porque em Portugal os não ha, mas tem pessoas de bem o que se torna necessario para prestigio da Republica.

Por ultimo o sr. Antonio Mantas encerra a sessão, fazendo o elogio do conferente.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CASAMENTOS

O sr. Joaquim Soares Pereira das Neves pediu em casamento para o sr. João Gomes Pereira, a sr.ª D. Gracinda Alice da Silva Santos, filha da sr.ª D. Isabel Maria da Silva e Santos e do industrial portuense sr. Agostinho José dos Santos. O enlace deve realisar-se em junho.

—Realisou-se, em Melgaço, o casamento da sr.ª D. Maria José de Vasconcellos Mourão Passos, filha do fallecido dr. Rodrigues Passos e irmã do nosso collega do jornal de «Noticias» sr. Annibal Passos, com o sr. Alberto Pereira de Castro, da casa de Galvão.

A cerimonia religiosa effectuou-se na capella da casa de Galvão, lançando a benção o rev. Annibal Passos, que dirigiu aos nubentes uma eloquente allocução.

EM LISBOA

Vindos do Porto, encontram-se na capital os srs. Henrique Brochado, João Duarte, drs. Francisco Velloso e Vieira de Castro, Carlos Pereira da Costa, Ernesto Rocha e Olindo Marques

LUTUOSA

O funeral do sr. Manuel Lopes Natario, hoje fallecido, realisa-se amanhã, pelas 14 horas, sahindo o prestito funebre da rua de Santa Justa, 6, 4.º, para o cemiterio oriental.

No Centro dr. Alberto Costa

Uma festa escolar

Como a séde do Centro Escolar dr. Alberto Costa fosse pequena para poder dar o desenvolvimento necessario aos alumnos que frequentam as suas aulas, a direcção resolveu mudar de casa. Escolheu para isso uma na rua dos Remedios, á Alfama, um pouco mais acima da casa antiga e cujas salas são magnificas. Uma commissão de senhoras composta das srs. D. Ritta Amilia Mathias, D. Olympia Antunes, D. Judith Coelho, D. Adelina Pedroso, D. Zulmira Pedroso Anjos, D. Clementina de Mattos, D. Olympia Correia, D. Amelia Pagnani, D. Adelaide Ventura e D. Maria Fortes do Amaral, resolveu commomorar a inauguração da nova séde organisando para tal fim festas que decorreram no meio do maior brilhantismo.

As salas estavam vistosamente ornamentadas, vendo-se ao topo da sala das sessões o retrato do patrono do centro, coberto de flores.

A's 13 horas houve sessão solemne para distribuição de premios ás creanças, presidindo ao acto o sr. Armando Luiz Rodrigues, que escolheu para suas secretarias as sr.as D. Rita Amelia Mattos, regente da escola, e D. Judith Coelho. O sr. presidente depois de agradecer a honra de o convidarem para presidir á sessão proferiu um discurso, incitando e aconselhando os alumnos a que continuassem trabalhando.

Seguidamente usaram da palavra os srs. Manuel Fragoso, Joaquim Ribeiro Pancas e Estevam Machado, que leu uma poesia allusiva ao acto. Por ultimo, o sr. presidente distribuiu os premios, encerrando a sessão.

A's creanças foi depois distribuido um *lunch* offerecido pelo sr. presidente. A' tarde inaugurou-se a *kermesse*, onde se viam ricos e valiosos brindes.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Liga Republicana das Mulheres Portuguezas

Reune amanhã, ás 20 horas, a assembléa geral para tratar de assumptos de grande importancia, funccionando com qualquer numero, por ser a segunda convocação.

Caixa Economica Operaria

Para apresentação do novo projecto de estatutos, reune a assembléa geral depois d'amanhã, ás 20 horas.

Escola Commercial Ferreira Borges

A direcção da associação dos estudantes d'est. escola, convida todos os individuos que por motivo de se acharem incursos no art. 45.º do regulamento da mesma escola requereram ao ministro da instrucção publica a admissão á matricula no presente ano lectivo, a comparecerem na proxima quarta-feira, 10 do corrente, pelas vinte e meia horas, na calçada do Conde de Penafiel, 7, 1.º

A grande guerra

A lucta no Occidente e no Oriente

PARIS 7.—Communicado official de hoje ás 15 horas:

Entre o Somme e o Oise tomámos um posto allemão em frente de Andechy e reprimimos com descargas de artilharia a actividade dos engenhos de trincheira do inimigo no sector de Beuvraignes.

Na Champagne um ataque a granada tentado pelos allemães contra as nossas posições a leste do massiço de Mesnil foi repellido facilmente. Nos Vosges proseguiram durante a noite os combates assignalados hontem em Chapelotte; os nossos canhões de campanha e de trincheira contrabateram efficazmente os lança minas inimigos.

Os aviões allemães lançaram 8 bombas na região de Dunkerque, ferindo uma creança. Os estragos materiaes são insignificantes.

Exercito do Oriente: No dia 5 do corrente foi restabelecida a calma nas nossas avançadas de Kivolak. Nada a registar na linha do Cerna. Do lado de Rabrovo temos continuado a progredir.—*(Havas)*.

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo; toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

PEQUENAS NOTICIAS

Para a comarca de Almada foram enviados Bernardino Fernandes ou Manuel Gomes, sem residencia, Antonio Gomes do Carmo ou Antonio Nunes Pereira, rua Marques Barreiros, e João dos Santos, sem residencia, accusados de terem furtado uma vacca no valor de 74 escudos a Constantino Marino, residente em Almada.

—Na Morgue deu entrada o cadaver de um homem cuja identidade se desconhece, que tendo-se deitado n'uma chalupa atracada ao caes da Junqueira, junto de umas latas de gazolina foi victimado, ao que se suppõe, pelos vapores d'ellas exhalados.

Antonio Alves, morador na rua da Graça, 30, loja, participou á policia que sua filha Candida Alves, de 20 annos, desappareceu de casa, no dia 5 do corrente, julgando que ella se tenha suicidado, visto ter manifestado taes ideas.

—A policia prendeu Alfredo dos Santos, morador na rua dos Poyaes de S. Bento, 5, rez-do-chão, por se encontrar dentro de uma taberna na calçada do Combro munido de um revolver *Abbadie* carregado com 6 balas, que lhe foi apprehendido.

—Queixou-se Frederico d'Almeida Beja morador no edificio da Imprensa Nacional, de que Aurora Gonçalves, residente na rua das Fontainhas, a S. Lourenço, 31, lhe furtou a carteira com 50 escudos.

—Foram hoje enviados para juizo os individuos, que a noite passada foram presos quando estavam jogando na taberna de José da Marianna, na rua das Pretas, 19. Sahiram afiançados, devendo responder depois de amanhã.

As grandes fabricas portuenses

FIAÇÃO E TECIDOS DE JACINTO & C.ª

Os seus fundadores — Algumas interessantes notas sobre Jacinto e Antonio Marinho —Uma producção annual de cêrca de mil contos

Quando, ha dias, nos occupámos n'este mesmo logar da importantissima fabrica portuense de fiação e tecidos Jacinto & C.ª Lt.ª, fizemos as mais justas referencias á familia Marinho — pae, filhos e neto — cujo appelido essa grande empreza fabril poz em foco e, por assim dizer, aureolou de gloria no meio industrial portuguez. Não dissemos, porém, qual a origem da designação da fabrica ou, para nos exprimirmos com maior propriedade, porque apparece na firma o nome de Jacinto e de que procede tambem a linda marca symbolica: a flôr assim chamada.

O escriptor que um dia fizer a historia das industrias portuguezas, se profundar os inicios de cada uma d'ellas, se acompanhar com verdadeiro interesse o seu desenvolvimento, se não descurar pormenores que, á primeira vista, poderão parecer anecdoticos, mas que encerram proficua e enternecedora lição, ha de certamente encontrar thema para muitas paginas que equivalerão a outras tantas estrophes d'um poema cujo argumento fossem as pacificas victorias do trabalho, da solidariedade e do esforço humanos.

A monographia da fabrica, ou antes das fabricas, da rua da Piedade no Porto, não está, ao que nos consta, escripta. Quem a escrever dirá como foi que o velho e honrado industrial Jacinto, após o incendio que destruiu a sua fabrica, a fim de proceder á reedificação convidou para socios os irmãos Antonio e José Marinho, cuja seriedade commercial era sobeja garantia do impulso que a nova empreza necessitava para em breve triumphar.

D'esta arte nasceu a Torrinha, em que cêrca de trezentos teares funccionavam volvido pouco tempo. E' semelhante fabrica que os operarios conhecem pela amorosa denominação de «mãe», por ser a mais antiga, e que data da ha quarenta annos, designando, como já frisámos, as outras duas, que successivamente se fundaram, por «filha» e «neta».

* * *

Assim como Antonio Marinho tem em seus filhos e em seu neto dignos continuadores da obra a que metteu hombros ha meio seculo, assim tambem o grande industrial que deu ás fabricas o seu nome prestigioso encontrou n'um filho, o dr. Jacinto de Magalhães, quem profundamente se interessasse pela industria textil. Bacharel formado em direito, o estudo das leis não lhe desviou o espirito, sequioso de saber, do estudo d'aquelle ramo industrial que notabilisara o nome de seu pae. Viu o que no estrangeiro havia de melhor a tal respeito, collaborou na fundação da primeira fabrica, assistiu a congressos algodoeiros, acompanhou os progressos da importante industria com o proposito de contribuir para o seu florescimento entre nós e teve a satisfação de verificar que não resultou esteril a sua acção.

Quer saber o leitor em quanto se computa o valor da producção annual da fabrica de fiação e tecidos Jacinto & C.ª Lt.ª? Em cêrca de mil contos, numeros redondos... Para accentuar a sua importancia e a sua prosperidade nada mais é preciso, supponos nós, accrescentar... E aqui fica, muito por alto, explicada a significação da firma e porque ella adoptou como brazão, que vale pelos mais nobremente heraldicos, a flor do jacinto, que constitue a marca da fabrica...

* * *

Voltando a referir-nos á excellente fabrica portuense, cujos productos rivalisam de tal modo com os estrangeiros que se confundem uns e outros e ha quem os considere como vindos de fóra, mais alguma coisa diremos sobre Antonio Marinho, o veneravel e venerado patriarcha de aquella familia que, dentro dos edificios da rua da Piedade, é formada por patrões e operarios.

Uma longa existencia de trabalho, o peso dos annos, a propria fortuna davam-lhe naturalmente direito a um merecidissimo repouso. Antonio Marinho, porém, ignora o que seja conservar-se inactivo. Nunca o esteve. A actividade constante representa para elle a melhor distracção. A solida experiencia que possue do negocio a que vinculou a sua reputação e o seu nome, a absoluta segurança do seu conselho, a adoração que lhe votam os filhos, o neto, os subordinados são titulos mais do que sufficientes para que nunca deixem de o consultar em todos os casos de importancia e não ha exemplo de que fosse desattendida a sua opinião auctorisarissima.

Alma generosa e compassiva, as casas de beneficencia, como os hospitaes da Ordem do Carmo, que visita com uma assiduidade modelar, conversando com os enfermos, testemunham como é inexgotavel o thesouro da sua bondade. De uma extrema modestia, espalha o bem sem ruido e sem se proceder de trombetas annunciadoras. Attende carinhosamente os operarios quando appellam para o seu patrocinio e nenhum se affastou d'elle, desde que justiça lhe assista, sem a certeza de ser servido. Entre os seus collegas que nutrem por Antonio Marinho tanta admiração como respeito, ninguem desconhece o empenho com que, sempre que é solicitado, intervem na conciliação dos interesses commerciaes. Com estas qualidades brilhantissimas comprehende-se que em todas as classes o benemerito ancião desfructe intensas sympathias, de que compartilhava seu irmão José, fallecido na força da vida e cujo coração e cujo caracter em tudo se lhe assemelhavam...

* * *

A fabrica de fiação e tecidos de Jacinto & C.ª Lt.ª tem estes pergaminhos e prospera, de anno para anno, sob a égide d'estes nomes.

Dos seus creditos falam os armazens e lojas de todo o paiz, onde os productos que sahem da magnifica fabrica portuense teem o melhor logar e são os preferidos das clientelas. Quando á frente d'uma empreza se vêem industriaes com o espirito emprehendedor, a inconcussa probidade e o merecimento technico dos herdeiros dos nomes de Jacinto e Marinho, ella impõe-se, sem duvida, á consideração do publico e aguardam-na exitos successivos e constantes.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Archivos do Instituto Central de Higiene»

Inteiramente consagrado á «Febre de Malta», o ultimo fasciculo dos Archivos do Instituto de Higiene, publica um bello e notavel artigo do professor Ricardo Jorge, acompanhado do trabalho do dr. Nicolau Bettencourt sob o diagnostico bacteriologico. O estudo é completo. Comprehende a geographia e etiologia da doença, a sua phisionomia morbida e sua distribuição pelo nosso paiz. Fornece copiosas e uteis informações, dizendo-nos que são extensas as suas zonas de relação entre o apparecimento da doença e o uso do leite e queijo de cabra.

«Rajada doentia»

Um novo escriptor, Augusto Ferreira Gomes, faz a sua estreia com este livro. Tem innegavelmente qualidades de estylista, mas não deve—em nosso entender—accentuar tanto a nota lugubre que de todos os contos do pequeno volume resalta. Esperamos pela nova obra que o auctor annuncia, para então nos pronunciarmos. A edição é da Empreza de Publicações Populares, do largo do Intendente.

A provincia n'A CAPITAL

VILLA NOVA DE OUREM, 6.—Uma commissão de habitantes da freguezia da Fatima procurou ha dias o administrador do concelho pedindo a sua intervenção contra o facto de uma commissão avaliadora da repartição de finanças do concelho da Batalha andar a avaliar propriedades pertencentes a este concelho e das quaes pagam a respectiva contribuição, pedindo tambem a intervenção da auctoridade respectiva para ser feita a rectificação da delimitação dos dois concelhos, por os marcos terem desapparecido. O administrador do concelho do concelho declarou á commissão que estava incondicionalmente a seu lado, visto tratar-se de um caso de inteira justiça e que ia chamar a attenção da camara d'este concelho e do seu collega do concelho da Batalha, aconselhando no entanto a commissão a comparecer na sessão da camara em companhia de todos os interessados, a fim de fazer identica reclamação. Effectivamente no dia da sessão da camara compareceram ali perto de 300 pessoas promettendo a camara tomar providencias.

As camaras da Batalha e d'este concelho acompanhadas das respectivas auctoridades administrativas reuniram no Valle de Ourem e ali foi lavrada uma acta que todos assignaram na qual se declarava ser feita a demarcação por dois peritos de cada concelho com a assistencia dos presidentes das camaras, tendo já principiado os trabalhos n'esse sentido, ficando assim resolvido um assumpto que podia originar graves prejuizos e provaveis conflictos. A commissão avaliadora suspendeu como era de prvêer as avaliações a que andava procedendo.

Welsh o West Surreys (da Rainha), regimento em que entravam em grande proporção os londrinos, alcançou egualmente grande renome. As duas companhias que iam na frente foram quasi varridas nos primeiros minutos do ataque; o major Battomley foi mortalmente ferido. As outras companhias, porém, tomaram a primeira linha de trincheiras do inimigo e occuparam-nas durante todo o dia. Por motivos tacticos foram mandados retirar. Um dos homens, Hardy, havia-se juntado ao sargento-mór Barter, que acima nos referimos. Ferido no braço direito, Hardy cahiu desmaiado. Curado, voltou a si. D'ahi a pouco era ferido n'uma perna. D'essa vez não cahiu e correu a juntar-se a Barter. Com a mão que tinha livre continuou a arremeçar bombas até que um tiro o prostrou.

A heroica morte de Hardy foi o termo d'um dos mais curiosos incidentes da guerra. Algum tempo depois do rompimento das hostilidades, um certo capitão Smarts, do 14.º de Sikhs, que tinha estado em Inglaterra, ausentou-se sem licença e juntou-se á força expedicionaria como voluntario. O «Hardy» cuja heroica acção acabamos de descrever era o capitão Smarts. Contára a Barter o que havia feito, dizendo-lhe que desertára a fim de entrar em combate o mais depressa possivel. A esse valente official, depois da sua morte, foram prestadas as honras devidas ao seu posto.

A resposta d'um outro homem do regimento da Rainha, o voluntario Williamson, deve ser recordada. Tinha sido trazido entre os feridos por entre torrentes de balas. O medico ajudante do Staffords do Sul, ao vêl-o exhausto, disse-lhe que devia ir para a ambulancia, ao que elle respondeu:

—Não, senhor, o meu logar é na linha de fogo com o meu regimento e devo para lá voltar.

O procedimento do Staffordshires do Sul foi tambem digno de elogio. Os homens de Walsall e Wolverhampton haviam sido atacados na noite anterior pelos allemães. Mas o inimigo era mais valente com as suas boccas de fogo do que corpo a corpo. Carregado pelo Staffordshires fugiu pela trincheira de communicação e muitas centenas de metros da linha allemã foram tomados. O segundo tenente Hassall e os capitães Singleton Bonner e A. A. Beauman distinguiram-se na acção. O ultimo conduziu a sua companhia com o maior ardor e tendo alcançado a linha que devia ser tomada pelo batalhão entrincheirou-se ahi e durante esse dia e os dois seguintes defendeu-a, embora o fogo da artilharia fosse violento.

Pelas 7 horas da manhã de 16 de maio a 7.ª divisão havia-se entrincheirado n'uma linha que corria quasi a sul, a meio caminho entre as suas primitivas posições e La Quinque Rue. Separando-a da 2.ª divisão havia, porém, dois entrincheiramentos correndo da fronte da primeira linha de trincheiras do inimigo e construidos de modo a poder-se fazer fogo lateralmente em ambas as direcções, assim como uma série de reductos.

Os entrincheiramentos estavam providos de metralhadoras por detraz de escudos de aço e para os tornar insustentaveis eram necessarias granadas d'um alto poder explosivo.

A's 10 horas e meia da manhã uma tentativa foi feita de La Quinque Rue contra as communicações do inimigo, mas não deu resultado. Na extrema esquerda o ataque dos indios havia sido suspenso e o resto do dia foi gasto em esforços para unir os flancos interiores da 2.ª e da 7.ª divisões. Ao cahir da noite os allemães deram um contra ataque e o ponto mais avançado occupado pela 7.ª divisão—o «cottage» tomado pelo capitão Stockwell—teve de ser abandonado.

Na manhã do dia 17, os inglezes haviam-se apoderado de dois pontos salientes nas linhas allemãs, um ao norte de Festubert, outro ao sul. Cêrca das 9 horas e meia, a opera-

cheiras. D'esses regimentos, o 57.º, perdeu só em dois dias 2.400 homens dos 3.000 que tinha.

Os allemães estavam alerta. Brados de «Venham, estamos preparados» haviam sido ouvidos durante a tarde.

A's 11 horas e meia da noite, a ordem para atacar foi dada. Quando os inglezes sahiram das trincheiras, o céu foi illuminado pela luz de grandes projectores sahida das trincheiras inimigas. Tentavam assim os allemães vêr bem a onda das tropas inglezas.

O crepitar da fuzilaria e das metralhadoras foi intenso. Os homens cahiam sobre os parapeitos, cahiam nas fileiras, mas avançavam com a maior bravura. Os indios continuavam a avançar para Richebourg l'Avoué.

Ao sul dos indios avançava a 2.ª divisão. A sua esquerda apoderou-se da primeira linha de trincheiras, e deteve-se a fim de se pôr em contacto com os indios. O centro e a direita penetraram na segunda linha de trincheiras allemãs, apoderando-se de cêrca de 800 metros de fronte e de cêrca de 600 de profundidade.

Um official que estava n'esse sector do campo de batalha relata do seguinte modo alguns incidentes da lucta:

«Na nossa visinhança immediata o ataque dava-se n'uma fronte de cerca de oitocentos metros, emquanto á direita e á esquerda outras divisões estavam egualmente atacando. Aqui os regimentos atacantes eram o Worcesters, o Fuzileiros Reaes Inniskilling, o 60.º de Reaes Fuzileiros do Rei e o Regimento do Rei de Liverpool. Pouco depois das dez horas ao longo d'essa fronte havia quatro linhas de homens que estavam em fronte aberta, tendo atraz de si muitos outros para os apoiarem.

«A's 11 e meia, na escuridão, prepararam-se todos simultaneamente para o ataque. No maior silencio, avançaram como para um passeio. Apenas se tinham posto em movimento um projector das trinceiras allemãs lançou um jacto de luz. Ao que parece, descobriu-nos, porque outros projectores lançaram novos feixes de luz; então uma saraivada de balas cahiu sobre as tropas que avançavam e que se lançaram á carga. O crepitar da fuzilaria e das metralhadoras era ininterrupto.

«Por qualquer motivo, maior opposição foi encontrada na esquerda da nossa linha pelos Worcesters e Inniskillings. Os Fuzileiros Reaes e os do Rei á direita em breve tomaram a sua trincheira e avançaram contra a segunda linha. A' esquerda, embora dizimados pela saraivada que sobre elles cahia, os Worcesters e Inniskilling avançaram valorosamente. Grande numero de homens cahiu, e os Worcesters não puderam executar a tarefa que lhes fôra commettida, mas os Irlandezes avançaram de linha em linha e após terriveis perdas em homens e officiaes conseguiram apoderar-se de uma secção de trincheiras e avançaram para a segunda linha, de que se apoderaram egualmente apesar de sobre elles continuarem a chover as balas.

«Ao romper do dia os regimentos que haviam sido bem succedidos juntaram-se e de quinhentos a seiscentos metros das primeiras duas linhas das trincheiras allemãs estavam occupados pelos nossos bravos homens.

«Muitos heroes durante o dia, levando munições ou bombas, tentaram atravessar da fronte das nossas trincheiras para as allemãs que haviam sido tomadas. Alguns atravessaram, mas muitos cahiram. Eram bravos que faziam o seu dever. Conheciam os riscos que iam correr, mas aventuravam-se de boa vontade, não se importando morrer pela honra do seu paiz e do seu regimento.

«Durante o dia as nossas trincheiras, as auxiliares e as de communicação foram alvo d'um terrivel bombardeamento. Os feridos soffreram muito com isso, porque embora os maqueiros se aventurassem a todos os riscos, era absolutamente impossivel remover muitos d'elles. Não era ainda noite de todo quando uma tentativa foi feita para remover os

feridos que durante todo o dia tinham estado nas trincheiras.

«Na segunda-feira, o Oxford e Bucks e a Infantaria Ligeira Highland avançaram das trincheiras tomadas e conquistaram mais terreno».

O capitão C. L. Armitage, do 6.° batalhão do regimento Worcestershire, fôra um dos que dirigira o ataque. Como os seus homens não conseguiram o objectivo que se propunha recuou com a maior habilidade e reorganisou-os. Depois do nascer do sol foi em soccorro de muitos feridos.

O Regimento do Rei de Liverpool a que acima se faz referencia atacou duas herdades. Uma das companhias chegou ás edificações exteriores de uma d'ellas, mas teve de recuar. Os tenentes Hutchinson e Fulton, com alguns soldados, avançaram contra uma trincheira, aprisionaram muitos allemães e puzeram em fuga os outros, que foram rapidamente espingardeados pelos seus proprios camaradas. Para ir buscar munições, Hutchinson no dia seguinte levou alguns dos seus homens por entre o fogo das metralhadoras, tendo parte do caminho de ser feito de joelhos e de rastos. Mais tarde, no dia 18, esse official acompanhado de alguns soldados granadeiros obrigou 200 allemães a renderem-se e muitos outros a retirarem.

O regimento Inniskilling avançou dos dois lados d'uma estrada. A sua esquerda, devido á demora do avanço d'um regimento que o devia apoiar, viu-se exposta a um fogo concentrado de metralhadoras e teve de fazer alto. As duas companhias da direita chegaram ás trincheiras do inimigo. O segundo tenente J. L. Morgan, que havia muitas vezes ido buscar reforços, foi ferido mortalmente.

Uma surpreza estava preparada para o inimigo, que não podia suspeitar da presença da 7.a divisão em roda de Festubert. A's 3 horas da manhã do dia 16, a divisão foi levada para ali por entrincheiramentos muito complicados.

Vamos seguir os progressos d'alguns dos regimentos empenhados no ataque.

Os Fuzileiros Welsh haviam chegado na tarde de 15. Durante as poucas horas da noite a engenharia havia estado cortando as vedações na propria fronte ingleza, para abrir passagens, e lançando uma ponte sobre um grande dique que separava as linhas inglezas das do inimigo. Ao alvorecer, pelas 3 horas, a artilharia começou a arrojar granadas contra os parapeitos dos entrincheiramentos allemães. Havia chegado o momento do ataque.

Os homens subiram as escadas preparadas para escalar os parapeitos; passaram para o outro lado e sob um fogo terrivel precipitaram-se para as aberturas feitas nas vedações. O tenente coronel Gabbet, seu commandante, cahiu, crivado de balas. O major Dixon, ferido n'uma perna, ficou no centro da trincheira. Os Fuzileiros avançaram pela ponte lançada sobre o dique quasi uns cem metros. Os brados dos celtas misturavam-se com os gritos gutturaes dos westphalianos.

Havia a artilharia abrido brecha nos parapeitos allemães? Um grande brado de alegria disse aos homens do regimento de Warwicks, que estava de reserva, que os artilheiros haviam conseguido o seu objectivo.

A onda dos excitados homens do Welsh precipitou-se em duas trincheiras meio obscurecidas pelo fumo. Houve um curto, mas terrivel recontro. Os allemães fugiram por uma extensa trincheira de communicações que dava para um pomar. Sem se importarem com o facto de ferirem ou não os seus proprios homens, os artilheiros allemães começaram a atirar sobre a trincheira que um minuto antes estava ainda em poder dos westphalianos.

Emquanto o sargento Butler, embora ferido gravemente, estava dando fogo com a unica metralhadora que não havia sido destruida, o capitão Stockwell levou os seus homens para a trincheira de communicação. Tinham-se-lhe juntado vinte e cinco homens dos Guardas Escocezes, cujo regimento estava em

frente dos homens do Welsh. A uma centena de metros, não puderam avançar, devido ás granadas inglezas. A noticia de que os Fuzileiros Welsh haviam alcançado o seu objectivo fizera com que os artilheiros inglezes concentrassem a attenção nas trincheiras e reductos que ficavam para além d'esse ponto.

O bombardeamento cessou e o capitão Stockwell ia levar os seus homens para o pomar quando um official allemão acompanhado de dois homens appareceu na trincheira de communicação com uma metralhadora. Fuzileiros e Guardas Escocezes deram uma descarga contra elles e precipitaram-se, passando sobre os trez cadaveres, para o pomar.

General Druetti

Ahi—a cerca d'uns 1.100 metros das linhas britannicas—foram obrigados a fazer alto, devido ao fogo das metralhadoras que partia d'entre as ruinas de seis «cottages». Conseguiram apoderar-se do primeiro d'esses «cottages» e durante todo o dia o capitão Stockwell com os seus homens manteve-se ahi. Só um dos sete plantões enviados a pedir reforços conseguiu chegar. A' noite, recebeu ordem para retirar para a segunda linha de trincheiras allemãs, que havia sido no emtanto occupada pelos inglezes e fortificada.

A tomada d'essas trincheiras havia sido devida principalmente aos granadeiros, cada um dos quaes levava meia duzia de granadas de mão. Entre elles, o sargento-mór Barter com sete homens tinha bombardeado 480 metros de trincheiras, cortado as vedações em onze pontos e aprisionado trez officiaes e 102 homens.»

Um official allemão, pertencente ao 57.° regimento, contava mais tarde:

«Tinha acabado de chegar á frente. Estive trez dias em Lille e fui mandado para as trincheiras. No primeiro dia fui bombardeado; no dia seguinte, um soldado inglez arremessou uma bomba contra mim. Pareceu-me ser de mais e por isso rendi-me».

Alguns dos prisioneiros eram mineiros polacos, que ficaram muito satisfeitos por escaparem á tyrania allemã.

Scenas semelhantes occorreram na area visinha atacada pelos Guardas Escocezes e pelos Escocezes da Fronteira. Estes soffreram um contratempo. O coronel Wood foi ferido e cahiu n'uma torrente, onde se afogaria se o sargento Burman e o cabo Coleman se não tivessem lançado á agua e o tivessem salvo. Apanhados por uma torrente de fogo de metralhadoras, os Escocezes da Fronteira tiveram de parar.

Os Guardas Escocezes, tendo á frente sir Frederick Fitzwygram, avançaram sósinhos. O sargento Heyes pôude chegar junto de alguns granadeiros dos Escocezes da Fronteira e, como tinham morrido os officiaes, tomou o commando. Conseguiu apoderar-se de mais de 200 metros de trincheiras allemãs.

Sir Frederick Fitzwygram e uma companhia, levados pelo seu ardor, distanciaram-se do resto do regimento. Proximo da Rua do Bosque foram cercados e mortos. Poucos dias depois os seus corpos foram encontrados no meio d'um montão de cadaveres allemães.

No outro flanco dos Fuzileiros

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1890—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 8 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Situação excepcional

Outro dia, na sessão do parlamento francez, em que se apresentou o novo gabinete, a que preside o sr. Briand, este illustre estadista, respondendo a varios interpellantes, teve ensejo de fazer as seguintes declarações que toda a camara cobriu de applausos:

«Nós dissemos que o nosso programma se caracterisaria pela acção, por decisões claras e rapidas. Temos a impressão bem viva e bem profunda de que elle saberá incutir em todos os serviços publicos, em todas as administrações, este pensamento profundo de que o paiz está em guerra, e que os methodos de paz devem ceder logar aos methodos de guerra.

Isto não é uma critica precipitada que eu faço á nossa administração. Estas indecisões, estas hesitações lamentaveis, perigosas, provêem sobretudo de escrupulos de consciencia.

Funccionarios, a quem se impunham formalidades que elles não tinham o direito de desprezar, que não estavam habituados ás iniciativas e ás responsabilidades, foram subitamente lançados n'uma situação melindrosa, viram-se a braços com difficuldades terriveis. Como podiam elles, d'um dia para o outro, substituir os processos do tempo de paz os processos do tempo de guerra? E' preciso agora que essa substituição se opere, e o governo empregará toda a força da sua vontade no proposito de fazer com que os funccionarios se capacitem de que ás antigas hesitações, ás vãs formalidades, devem substituir-se a promptidão das iniciativas e a rapidez da execução.

Eis a missão essencial a que o governo consagrará os seus esforços. Não lhes pedimos, meus senhores, que nos outhorguem, só pela nossa declaração, só pelas nossas palavras, uma confiança enthusiastica e sem reservas. Não lhes pedimos a sua confiança senão a beneficio de inventario. Os senhores só terão que nos dar essa confiança completa e duradoura quando lhes apresentarmos,—resultados».

Eis palavras sobrias, precisas, firmes, que toda a Europa tem o direito de esperar e exigir dos que se vejam investidos na missão de dirigir os destinos dos seus paizes.

A hora que decorre é excepcional. Tão excepcional que não só remotamente, mas nas vesperas da guerra, não seria dado presumir, tão grave, tão extraordinaria, evadindo-se tanto a todos os calculos pelo seu horror e pelas suas ruinas. E se os paizes que n'essa guerra luctam de armas em punho teem de reconhecer o caracter excepcional d'esta situação, unica na historia, da mesma forma teem de reconhecer os paizes que d'um momento para o outro podem ter que entrar na campanha ou que soffram as consequencias funestissimas d'um desequilibrio que a todo o mundo affecta.

Pensar nas formulas, pensar nos processos com que em tempo de paz se regulam as sociedades, quando a guerra tudo convulsiona e perturba, e querer applicar esses methodos de tempos normaes a situações anormaes, não é só pueril, é absurdo, e pode converter-se no maior dos perigos.

O sr. Briand clamou que a principal missão do seu governo era levar toda a engrenagem do Estado a mover-se em conformidade com a situação excepcional que a guerra creou, tendo em vista a necessidade imprescindivel d'um espirito de iniciativa e d'uma execução rapida que são os meios proprios de acção que a suprema razão da salvação publica exige. As suas palavras não devem deter-se nas fronteiras da França. E' preciso que as oiçam, e aproveitem a sua lição, todos os paizes que directa ou indirectamente estão envolvidos na guerra ou d'ella soffram as temerosas consequencias.

Oiçamol-as tambem, o que é tanto mais necessario quanto é certo que, quando tudo indica aos povos que não percam um minuto para salvaguardar os seus destinos, ha aqui, no nosso paiz, quem entenda que o que é util, patriotico e sensato, é não fazer absolutamente nada, e protelar indefinidamente as soluções logicas da politica portugueza.

Migalhas

Bom ou mau humor

Conhecem aquella anecdota do rapaz, que foi consultar Sousa Martins nos tempos em que a neurasthenia começava a apparecer no mercado das doenças de luxo?

O mancebo entrou no gabinete do grande medico com um ar romantico e fatal. Começou por queixar-se de um indefinido mal estar e, sugestionado pela leitura recente dos psicologos em voga ha quinze annos, attribuia todo o seu desequilibrio phisico ás oscillações desordenadas do seu «eu».

—O meu «eu», sr. dr. para aqui... o meu «eu», sr. dr. para acolá...

E levou n'isto uma boa meia hora até que Sousa Martins, que o escutára com toda a attenção, o interrompeu com um gesto para lhe perguntar:

—E v. ex.ª tem obrado com regularidade?

Recordou-me a anecdota um medico com quem hontem conversava ácêrca da vaga de mau humor, que vae passando sobre a nossa gente.

—Tenha a certeza, meu amigo, todos esses pessimistas, todos esses irritados, todos os que falam com fel e escrevem com vinagre, todos os descontentes são gente cujas funcções de nutrição e annexos se não effectuam com prazer, methodo e regularidade. E' formidavel a acção do estomago e orgãos adjacentes sobre o cerebro. Uma pessoa, que jantou bem e bem disposta, é depois do repasto uma excellente pessoa. Outra que mastigou á pressa um bocado pouco appetecivel é sempre ao levantar da meza um cavalheiro de mau humor. As revoluções começaram todas nas casas de hospedes de jantares de cruzado. Os pamphletos litterarios são sempre gisados em tascos de preços reduzidos. Em compensação não ha ninguem mais conservador do que um revolucionario que conseguiu engordar. A vida da humanidade, meu amigo, gira em volta do estomago. Conhece o rifão: — «Barriga vazia não quer alegria?» Pois quando quizer indagar das modalidades mentaes, intellectuaes e moraes d'um «quidam», trate primeiro de saber o que elle come....

E, puxando do relogio, estendeu-me a mão:

—São sete horas e janto ás sete e meia em ponto. Quer saber porque sou uma pessoa de bom humor? Porque tenho tido na vida a felicidade de ter sempre que jantar, de jantar sempre a horas certas e de digerir opportunamente um «menu» que sempre escolho pelo meu appetite.

André Brun

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se dirime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

PÃO NOSSO, DE CADA DIA...

O trigo estrangeiro

Já começou a chegar ao Tejo, estando á descarga trez vapores

Se ha assumptos que devam causar apprehensões, os que se referem á alimentação publica não são, com certeza, dos que menos cuidados merecem. O pão, sobretudo, é a primeira grande necessidade de nós todos. Estará o Estado, encontrar-se-ha a industria particular preparada para lhe fazer face? Terão sido coroadas de bom exito as diligencias empregadas pelo governo para adquirir no estrangeiro o trigo de que o paiz necessita para se alimentar? Teem corrido por ahi nos ultimos dias boatos varios a tal respeito. Affirmou-se, por exemplo, que o trigo comprado nos mercados do Novo Mundo nem tinha chegado ainda a Lisboa nem chegaria tão cedo. Verdade, tudo isso?

—Em parte, apenas, diz-nos alguem, que, por ter apertadas relações com o governo e com a industria conhece optimamente esta complicada barafunda das subsistencias. O governo adquiriu nos Estados Unidos, se não estou em erro, grandes porções de trigo. Ao que se diz, as suas acquisições importam em mais de seis mil contos. Esse trigo deve ser entregue em periodos successivos e a intervallos certos. E' natural. Ora, os primeiros carregamentos, trez barcos, já se encontram no Tejo e á descarga na Alfandega. E' o que sei sobre o assumpto...

—E o consumo exige que se recorra já ao trigo estrangeiro?

—Eu lhe digo. Quando o parlamento, com a sua alta proficiencia e a sua extrema sabedoria, votou a ultima lei sobre cereaes, tão boa que o governo se tem visto forçado a esfarrapal-a por meio de decretos successivos, calculou-se que o trigo nacional a distribuir pelas fabricas seria na quantidade de 150 milhões, sendo portanto, indispensavel, mandar vir de fóra 170 milhões. Mas do nosso trigo, não chegou ao manifesto mais d'um terço, isto é, cincoenta milhões de kilos. De maneira que Lisboa se não está já a alimentar-se de trigo estrangeiro, terá de recorrer a elle quanto antes. E' o que se averigua desde que se olhe attentamente para este problema, que não é dos menos graves que nos affligem presentemente.

—E quem faz a distribuição do trigo exotico pelas fabricas de moagem?

—Quem? Pois já esqueceu as disposições da tal lei que o Parlamento votou e que deu como immediato resultado a abstenção cultural por parte da lavoura? Por esse diploma é á Manutenção que vão os trigos que o Estado adquire lá fóra. Segundo que regras? Conforme lhe apraz e lhe parece. Não ha disposições legaes que isso regulem. E tem inconvenientes semelhante processo? Tem. Principalmente este: O trigo indigena que chegou a Lisboa foi muito menos do que se calculou. Mas além de ser menos, foi, ao que se affirma, imperfeitamente distribuido. Assim, fabricas houve que ficaram a abarrotar de trigo portuguez, emquanto outras não apanharam nem um bago. Resultado? Prejuizos graves, visto, d'esta feita, o pão poder ser a victima das imprevidencias vindas de cima. E' o consumidor. Porque, julgo-o bem, não haverá decerto quem se atreva a dizer que o preço do pão tem de subir de preço. Seria um cumulo e seria, mais do que isso, brincar imprudentemente com o fogo.

E mais nada. Fica-se sabendo, por estas lucidas informações, em que pé se encontra n'este instante a grave questão dos trigos. Se lhe disser, porém, que á falta de cereal e á necessidade de o procurar lá fóra com persistencia se junta a questão dos transportes, tão difficeis n'esta altura que é o comprador e não o productor que tem de fretar os navios, ver-se-ha quanto custa abastecer de pão um paiz que, como o nosso, não se baste a si mesmo. Mas como por ora vae chovendo o pão de cada dia, só ha que erguer as mãos ao céu por isso...

O rei Jorge V

Como se deu o desastre de que foi victima—O seu transporte para Inglaterra

Os jornaes londrinos de 3 do corrente publicam uma narração auctorisada do accidente que soffreu o rei na sua visita aos seus exercitos em França, que vamos resumir:

«O rei montava um cavallo que não conhecia, bello animal, apparelhado á militar. O cavallo, assustado pelo ruido das acclamações das tropas, empinou-se, e como lhe escorregassem as patas na lama cahiu para traz, e, infelizmente, sobre o cavalleiro. O rei soffreu uma violenta commoção e graves lesões, mas sem nenhuma fractura dos ossos; o transporte em automovel n'um longo trajecto exarcebou-lhe as dores. No comboio hospital para onde foi levado, quiz o rei condecorar pela sua mão um soldado a quem distinguira com a Cruz de Victoria; conduzido o soldado á sua presença, no salão real, ao lado da cama onde Sua Magestade estava deitado, ajoelhado junto d'elle e inclinou-se para o rei, que tentou prender-lhe a condecoração com um alfinete na fardeta, mas como o soberano estivesse muito fraco não poude fazel-o e foi necessario que um official concluisse a ceremonia.

O rei atravessou a Mancha no navio-hospital «Anglia», que conduzia tambem uns cincoenta soldados feridos ou doentes.

A travessia foi má, no entanto, Sua Magestade não soffreu muito. Da costa para Londres fez a viagem no comboio ambulancia «Queen Mary», sendo depois transportado da estação da Victoria para o palacio Buckingham, em maca collocada n'uma carruagem d'ambulancia que serviu pela primeira vez, e fôra offerecida pelas senhoras da Birmania á Cruz Vermelha ingleza. Acompanharam o rei duas enfermeiras, uma ingleza e outra canadiana; a primeira era a que tinha tratado do rei Eduardo quando esteve doente com febre typhoide.

As lesões do rei faziam-o soffrer tanto que a carruagem tendo a principio seguido com a velocidade de 13 kilometros, houve depois que reduzil-a a 5, para evitar ao enfermo o incommodo dos balanços.

Poeira da Arcada

Os bons livros deixam em nós lembranças que nunca se apagam. Annos e annos depois da sua leitura ainda elles trabalham o nosso espirito, activando a formação do pensamento e do caracter. Em socego, como um raio de luz beijando as frondes de uma arvore, seguem-nos por toda a parte.

Nas horas de repouso e meditação, quando nós procuramos encontrar-nos com as nossas visões mais puras, são elles que illuminam o nosso ser interior, permittindo-nos um largo avanço a caminho da redempção espiritual. Uma boa pagina póde assim restituir-nos á paz integral de uma crença imperecivel.

* * *

Ainda não está provado se a litteratura faz mal ás mulheres ou se são estas que prejudicam aquella.

Tal duvida é mais favoravel aos auctores que escrevem os seus livros sob os equivocos do sentimento e as mentiras correlativas.

Criam assim um publico que, emquanto os lê, adquire certo direito a ignorar a verdade que mata ou purifica.

* * *

Um sujeito que ha muitos annos sonha com a sorte grande da loteria hespanhola comprou um vigesimo que agora soube ser falso.

O triste lastima a sua sina e declara vingar-se do intrujão que o logrou.

Não se entregue aos prazeres tristes da vingança, bom homem! Não jogue nem mais um centavo, porque a loteria é uma obra de misericordia que o azar inventou para fingir que põe o olho da providencia ao serviço dos cegos.

José Pontes

O banquete de homenagem ao illustre jornalista sportivo

Novos nomes, alguns dos mais distinctos entre os de que se orgulha o sport nacional, outros de amigos sinceros e dedicados ou fervorosos admiradores, vieram hoje juntar-se aos já inscriptos para o banquete de homenagem ao nosso querido camarada e grande propagandista da educação phisica, dr. José Pontes.

Promette esse banquete revestir o maior brilhantismo e constituir a prova mais eloquente do apreço em que são tidos os serviços e os talentos do nosso distincto collega.

Eis a lista das pessoas que até hoje á tarde se tinham inscripto na redacção de «A Capital»:

Mestre de armas Carlos Gonçalves, João d'Araujo Moraes, padre Eduardo Ferreira do Amaral, Carlos Ferreira Viegas, Arthur dos Santos, Carlos Fernandes, Victor Rollin Santos, Caetano J. Santos, Joaquim Macedo Brito, José Alvarez, Eduardo Dias.

D. José de Noronha, Antonio Soares Junior, Eduardo de Faria, Carlos Bazilio d'Oliveira, Delphim Guimarães, Raul Nunes, Martins Faria, Walter Alvarez, Pedro Sanches Navarro, Luiz Roubeaud, Arnaldo Gomes.

José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, Accacio Santos, Manuel Egreja, José Joaquim Bastos, Antonio Henrique Oliveira e Silva, José Aprigio Gomes, João dos Santos Mattos, Mario Beirão, Diogo Pina Manique, Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cartaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Sousa, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

Cavallos para o exercito

Com os 291 cavallos chegados hontem no vapor «Dondo», vieram do Sul d'Africa, até hoje, 500 cavallos, visto terem chegado já, no «Insulano», 209.

Foram distribuidos pela Cova da Moura e Campo Grande, tendo sido entregues 38 a cavallaria 2 que foram aquartelados em cavallaria 4 por n'aquelle regimento se haver ha dias declarado o mormo. Os restantes serão distribuidos pelos regimentos de artilharia 1 e cavallaria 8.

Os cavallos, que ainda não foram experimentados, apresentam todos egual apparencia, e teem um optimo aspecto.

EM TORNO DA GUERRA

O discurso do sr. Venizelos

O grande estadista e a ameaça que impende sobre a Grecia—O que elle pensa da politica real—A experiencia do rei Constantino é insufficiente—A belligerancia a par dos alliados salvará o paiz

Foi apoz as importantes declarações que o sr. Venizelos fez no parlamento grego e a votação da sua moção por 147 votos contra 114 que o governo do sr. Zaimis cahiu. Publicamos a seguir um extracto das affirmações do grande estadista, cortadas de incidentes cujo conhecimento importa á comprehensão da politica hellenica. Está constituido o novo gabinete que, segundo os telegrammas d'esta manhã, não dispensará o concurso do parlamento, demittindo-se logo se elle não lhe der a sua confiança. O momento é culminante e a sorte da Grecia depende d'elle. Que transformações extraordinarias não resultarão da guerra europeia para esse bello paiz do Oriente? Um futuro proximo nol-o dirá.

Athenas, 5 de novembro

São as seguintes as principaes passagens do discurso pronunciado pelo sr. Venizelos na sessão d'esta noite, das quaes apenas podemos dar curtos extractos:

Falando ácêrca da politica externa do governo, disse o sr. Venizelos:

«Não só esta politica não merece a nossa confiança como até a consideramos nefasta para o paiz. N'estes ultimos dias mais profundamente temos sentido a dôr de vêr o paiz ameaçado pelo nosso eterno inimigo que, depois de ter esmagado a Servia, se voltará contra nós. Com profunda magoa constatamos que ámanhã estaremos isolados, sem allianças e sem amigos, em face d'um poderoso inimigo».

Aproveitando a interrupção d'um deputado que lhe pergunta se julga o rei capaz de desejar a ruina do paiz, exclamou:

«Queria evitar falar na pessoa do rei durante esta discussão, mas visto que me provocam, responderei o que devo. Sob o regimen constitucional o rei não tem responsabilidades; só estadistas sem valor poderão entrincheirar-se por traz da corôa para sustentar a lucta politica. Sob o regimen parlamentar não se póde fazer referencias á politica do rei, porque o rei não póde ter politica.

Indubitavelmente, o rei não deseja a ruina da nação; seria ridiculo admittir uma tal idéia, e o nosso regimen sendo o de monarchia constitucional, todas as responsabilidades pertencem ao governo. Se desejam a monarchia absoluta digam-o francamente, e peçam a substituição do regimen.

N'esse caso luctaremos desesperadamente, porque o povo quer conservar o actual regimen. Admitto que a corôa tenha o direito d'estar em desaccordo com o governo quando este estiver em desaccordo com o povo; mas as ultimas eleições mostraram evidentemente que tal caso se não dava. Reconheço no rei um excellente estrategista, mas nego-lhe a sufficiente experiencia politica».

O sr. Venizellos entende que não se deve attribuir ao rei a responsabilidade da actual situação da Grecia; lançando-a sobre os que não preveniram o rei, devendo tel-o feito, de que a corôa não podia desprezar o voto de confiança que a Camara tinha dado ao gabinete precedente.

Interveiu então o sr. Gunaris, ministro do interior, e disse que em sua opinião, a politica do sr. Venizellos levaria inevitavelmente o paiz á ruina.

«O sr. Venizelos queria que nos collocassemos contra os poderosos Estados que estão ao lado da Bulgaria; seria um desastre para a Grecia. Quanto ás nossas obrigações resultantes do tratado com a Servia, todos sabem que este paiz não está em circumstancias de pôr á nossa disposição as forças a que o tratado a obriga».

O sr. Theotokis, ministro das communicações, emittiu egual opinião. Examinou minuciosamente a politica externa do sr. Venizelos e declarou que ella teria levado, em fevereiro, o exercito e a esquadra gregos á sua completa ruina.

«Os acontecimentos que se seguiram, accrescentou, justificam a opinião do governo de que a neutralidade armada salvou a Grecia d'uma catastrophe porque se tivessemos sahido da neutralidade ter-nos-hiamos perdido sem que, ao menos, tivessemos salvado a Servia».

Usando novamente da palavra, o sr. Venizelos fez a apologia da politica seguida em fevereiro ultimo.

«Se, disse, tivessemos sahido então da neutralidade é muito provavel que nos tivessem seguido a Bulgaria e a Romania; em troca d'um pequeno sacrificio destinado a combater a Bulgaria, teria a Grecia recebido largas compensações na Asia Menor e no sector Doiran-Guevguelli».

«O sr. Venizelos refutou a affirmação de não poder pôr a Servia 150.000 homens em pé de guerra, como lhe impunham as condições do tratado de alliança.

«A Servia actualmente oppõe 120.000 homens aos bulgaros; faltam pois apenas 30.000 para completar a cifra indicada no tratado. A nossa participação na lucta e o seu feliz exito ter-nos-hiam dado Chypre, Doiran, Guegvgulli, e a planicie de Strumitza de que a Servia declarara desinteressar-se; teriamos feito recolher a Bulgaria ás suas antigas fronteiras.

Em consequencia da politica que os senhores seguiram tornou-se impossivel a realisação das aspirações nacionaes, e, servindo involuntariamente a politica do grupo allemão, expômo-nos ao perigo d'assistir á realisação das aspirações bulgaras e á dilatação do poderio ottomano. Porque não entraremos já hoje na guerra que ámanhã será inevitavel?»

O sr. Venizelos aconselhou depois o governo a abandonar a politica da velha Grecia, a politica dos antigos partidos.

«Pedimos ainda, accrescentou, ao povo hellenico sacrificios para consolidarmos as nossas ultimas victorias e mais engrandecer a nossa patria».

O sr. Venizelos terminou pedindo ao governo não deixe perder a occasião que é das que se apresentam aos povos apenas de mil em mil annos.

O seu discurso foi frequentemente applaudido.

A impressão em Inglaterra

Londres, 5 de novembro

A queda do gabinete Zaimis causou aqui immensa alegria, e como se receia que o rei Constantino, dominado pelo kaiser, dissolva o parlamento, a imprensa londrina é unanime em dizer que deve á Grã-Bretanha apoiar o sr. Venizellos, não só moralmente, mas de maneira a obrigar o rei a submetter-se á vontade do seu povo. O desejo de vêr apoiar o sr. Venizellos é tambem augmentado pela declaração que elle fez ha poucos dias.

A imprensa commenta largamente a crise grega.

O «Daily Telegraph» diz que:

«A queda do gabinete é um acontecimento capital, embora seja ainda cedo para se lhe avaliar toda a importancia. E' provavel que o sr. Venizellos não acceite o poder se não lhe concederem plena liberdade d'acção; tambem é possivel que seja dissolvido o parlamento.

Tudo é incerto, mas, por emquanto, a crise é nitidamente favoravel á causa dos alliados, que ficam sabendo existir na Grecia um partido forte que deseja ardentemente vêr o seu paiz enfileirar ao lado da Quadrupla «Entente».

O «Daily News» é d'opinião que a queda do gabinete Zaimis póde affectar profundamente a situação geral dos Balkans, mas que até ser conhecida a decisão do rei, o futuro da Grecia conservar-se-ha duvidoso. No emtanto, accrescenta o jornal,

---

Folhetim d'A CAPITAL — 8-11-1915

CHRONICA MUSICAL

A notação e os instrumentos no termo da Idade-Media

Sempre que a musica soffre uma transformação, a sua escrita ressente-se; por isso, á criação da *ars nova*, corresponde a introducção de novos signaes de notação.

Além da seminima, que então faz o seu apparecimento, outras invenções surgem, especialmente a de escrever as notas vermelhas ou pretas, conforme o seu valor em tempo; como este processo era excessivamente incommodo, em breve se adoptou o uso de as escrever pretas ou brancas. Sendo a musica considerada como uma parte da mathematica, a sua demonstração fazia-se por teoremas, o compasso era indicado por fracções numericas, e toda a notação sobrecarregada de signaes mathematicos. Accresce a isto que o signal escrito não representava aquillo que realmente significava, de modo que eram necessarias indicações manuscritas prevenindo de quanto era preciso augmentar ou diminuir mentalmente a nota; além d'estas difficuldades, ainda no mesmo trecho as diversas partes d'um côro eram escritas em differentes proporções.

Prolações ou *proporções numericas* era o nome dado a esta complicadissima sciencia da leitura musical, tão ardua e difficil que os proprios musicos nem sempre sabiam notar com correcção; facilmente se comprehendem, por isto, as difficuldades, por vezes insuperaveis, que hoje offerece a leitura da musica dos seculos XIV e XV.

Mas a descoberta da imprensa ia simplificar em breve esta escrita; de facto, a popularização da musica pela imprensa, tornava absolutamente necessarias a clareza e simplicidade dos caracteres.

O mais antigo dos impressores em caracteres moveis foi Ottaviano Petrucci da Fossombrone, que, em 1501, publicou em Veneza os *Harmonice musices*, cerca de tresentas canções dos quatrocentistas francezes, flamengos e allemães; esta collecção contêm apenas a musica e não a lettra das canções. Esta omissão tem sido explicada de trez maneiras differentes: segundo uns, o impressor não tinha necessidade de imprimir os versos, porque elles viviam *na memoria de todos*; segundo outros, a falta de lettra foi propositada, para deixar a liberdade de adaptar á musica os versos nacionaes que cada um preferisse; finalmente, ha ainda quem seja de opinião de que, podendo as canções serem dançadas, a musica era puramente instrumental, não necessitando, portanto, de lettra.

Como quer que seja, a ausencia da lettra n'esta collecção teve importantes consequencias: effectivamente, quando, no decorrer do seculo XVI, os contrapontistas foram a esta e a outras collecções buscar os themas para as suas composições, o seu conteúdo litterario estava completamente esquecido; só o conteúdo musical importava. Por isso um grande numero de missas e outras composições religiosas são arranjadas com themas de canções profanas, o que não significa, como alguns pretendem, impiedade dos auctores, mas sim a sua exclusiva preoccupação musical.

Pouco depois da de Petrucci, fundava-se tambem em Veneza a celebre casa impressora dos Gardano; em Antuerpia a dos Phalese; em França, a de Pedro Atteignant, e a dos Ballard, *unicos impressores do rei para a musica*.

As impressões d'estas casas são de uma grande nitidez, e os caracteres muito elegantes, em losango, fórma da escrita manuscrita que os typos conservaram; o que torna a leitura difficil é a não separação dos compassos. Quando, nos fins do seculo XVII, a impressão da musica é substituida pela gravura em pranchas de estanho, as notas tornaram-se ovaes, fórma que se torna definitiva, e os gravadores distinguem os compassos por traços verticaes, *barras*.

Volvidos dois seculos, depois do XIII, os instrumentos tinham-se multiplicado, não porque se tivessem inventado muitos outros, mas porque se procurou o parallelismo entre a voz humana e as familias de instrumentos, criando-se para cada genero varias especie, de modo que cada grupo formasse por si só um organismo independente que se bastasse a si mesmo: assim surge o sentimento da instrumentação, arte de agrupar as differentes sonoridades.

O numero de instrumentos de arco augmentára, apparecendo durante esse periodo a violeta, a viola bastarda, a de braço, a de perna (*da gamba*), que deu origem ao violoncello, e muitas outras especies; mas todas ellas vão ser dominadas por um membro da familia, que em 1520 apparece na Italia e França, sólido, esbelto, elegante, armado de quatro cordas: o violino.

Ao contrario do que acontece com todos os outros instrumentos, o violino não se aperfeiçoa; os mais antigos são ainda hoje os melhores. Os nomes dos grandes violeiros da Italia e do Tyrol são tão celebres, que não podem omittir-se n'uma historia da musica, por muito reduzida que seja; são familias, verdadeiras dynastias de operarios geniaes, os Amati (1550-1584), os Gaspar de Salo, em Brescia (1560), os Guarneri, em Cremona, (1640-1745), os Stradivari, tambem em Cremona, o mais notavel dos quaes foi Antonio (1644-1737).

Mas o instrumento da moda, nos seculos XV e XVI, o instrumento que acompanhava os cantores afamados, que os amadores tocavam, era o alaude, que fôra augmentando desde o seu apparecimento, cada vez com mais cordas, consideradas sempre insuficientes, até que, no começo do seculo XVII, se fabrica a teorba ou archialaude, de braço duplo, com vinte e quatro cordas.

A harpa muda de forma, mas o seu principio permanece o mesmo; no seculo XV, a harpa simples de vinte e quatro cordas cede o logar á dupla harpa irlandeza de quarenta e trez, que teve grande voga na Italia.

A adaptação de um teclado ao salterio, cujas cordas são percutidas por linguetas de cobre, fez nascer, no seculo XIV, o *clavicordium*. No seculo immediato, as linguetas de cobre são substituidas por pennas de corvo e assim se cria o clavicembalum ou espineta, os instrumentos que os italianos chamam *da penna*. A espineta variava de nome conforme os paizes: nuns chamava-se harpicordio, noutros virginal. Este instrumento foi, desde o seu apparecimento, preferido pelas mulheres.

O seculo XVI conhecia todas as especies de flautas, tanto de orificio terminal como lateral; as graves davam sons como os do orgão: as agudas, pifano e flautim, empregavam-se, a primeira na guerra, a segunda na dança.

A familia dos oboés era tambem completa, mas os graves eram de execução tão difficil que constantemente se modificavam, sem se conseguir remediar-lhe o inconveniente, até que, em 1539, Afranio, conego de Pavia, inventou um instrumento grave de palheta, a que poz o nome de *fagotto*, d'onde provêm aquelle que hoje chamamos fagote.

O orgão transformou-se do seculo XIII ao XVI, tendo augmentado o numero de tubos, os teclados tornado mais manejaveis, os foles mais faceis de mover; no fim do seculo XV, Bernard Mured duplicou-lhe os recursos, inventando os pedaes. Os orgãosinhos portateis, que tanto se tinham vulgarizado, desapparecem, vencidos pelo alaude e pela espineta.

Instrumento peculiar a esta época, que, tendo tido uma extraordinaria voga e gosado de excepcional favor logo no seculo seguinte desappareça é a corneta de bocal. Esta corneta era de madeira, guarnecida d'um bocal tambem de madeira, ou de marfim, que communicava com o instrumento por um orificio estreitissimo. O seu som era rouco e aspero.

Os instrumentos de metal renovam-se no fim do seculo XV: a grande trombeta de guerra torna-se curva; a trompa de caça toma a sua forma definitiva; e apparece, finalmente, o mais perfeito d'estes instrumentos, o trombone.

A percurssão continúa possuindo os mesmos elementos que já possuia no seculo XIII e que ainda hoje possue.

Como se vê, o seculo de Palestrina não era mais pobre que o nosso em material sonoro, antes era, sob certos aspectos, ainda mais rica; em todo o caso, a ausencia da sciencia da orchestração fazia que os seus compositores não soubessem aproveitar todos esses recursos, agrupando-os, dando-lhes unidade, fazendo de todos um instrumento unico; essa tarefa estava reservada aos mestres do seculo XVIII, que abriram a larga estrada que havia de conduzir aos magicos orchestradores que se chamaram Berlioz, Liszt, Wagner.

Humberto de Avellar

o maior numero de probabilidades são a favor da volta do sr. Venizelos ao poder, o que terá como resultado a intervenção da Grecia ao lado da Servia.

N'alguns centros crê-se que o rei decidirá a desmobilisação, e até que conserve o gabinete Zaimis no poder».

O «Globe» diz:

«A questão resume-se n'isto: Quem triumphará? Um rei germanophilo e um estado maior fabricado em Berlim, ou o povo grego? A Inglaterra deve, como sempre fez, apoiar o povo grego».

Os protestantes em Portugal

A obra das Uniões—O que fazem os evangelicos no Porto—Quem era o sargento Balthazar

O Comité Nacional das Uniões Christãs da Mocidade de Portugal dirige-se, em nome do Comité Mundial, aos seus membros, rogando-lhes que dediquem uma semana inteira de novembro áquillo a que chamam a «oração unida». O fim d'esta união de orações consiste em implorar de Deus o reinado da fraternidade e da paz.

Nos dias que decorrerem de 14 a 20 de novembro, os unionistas elegem como themas para a oração as uniões e mocidades de Lisboa e Setubal (domingo), Loanda e Lourenço Marques (segunda), Porto (terça), Gaia, Magdalena e Lordello (quarta), Portalegre, Abrantes e Figueira (quinta), Madeira e Açores (sexta) e, finalmente, o Comité Nacional Portuguez (sabbado). Em cada um d'esses dias os unionistas considerarão tambem «aquelle que dá a vida», que «a humanidade necessita da vida», o que é «a vida pela morte de Christo», o que é «a vida para todo o genero humano», que Christo é «a Resurreição e a Vida», em que consiste «a vida individual e a vida em Christo», quaes os «resultados da vida em Christo».

A União Christã Central tem a sua séde no Porto. Sustenta nas suas escolas cursos de instrucção primaria, segundo grau; portuguez, francez theorico, conversação franceza, inglez theorico, conversação ingleza, commercio, caligraphia, estenographia e canto orpheonico. Os cursos inauguraram-se este anno no dia 3 do corrente. Tambem no decorrer de novembro fará uma série de conferencias na séde da União o sr. Henrique Wright, sendo a primeira consagrada á Turquia na presente conflagração («O grande doente da Europa»), com projecções luminosas, e as restantes terão como assumpto «O grande alicerce e os bens edificadores» e serão dedicadas ás classes constructoras.

A União completou vinte e um annos em 1 do corrente. Em todas as terças-feiras realisa reuniões de estudo biblico, dirigidas por varios unionistas; aos domingos conferencias sobre a Biblia e aos sabbados reuniões de oração.

Já que alludimos á União, convem referir que um unionista distincto, o sargento Balthazar Santos morreu em Africa, batendo-se contra os nossos inimigos. Eis o que o «Boletim da União Central» escreve a tal respeito:

«Pelo relato do valoroso tenente Marques, confirma-se, infelizmente, a noticia de haver tombado no campo de batalha, em Naulila, morrendo como um portuguez de lei, o nosso consocio Balthazar Carlos dos Santos, 2.º sargento de infantaria 6, que se havia alistado como voluntario na expedição a Angola, para o que previamente se encorporara em infantaria 14.

Era um bom soldado de Christo, como era um destemido soldado da Patria.

Um olhar saudoso para o passado, leva-nos ao tempo em que Balthazar Carlos, soldado raso, perseguido, no antigo regimen, pelas suas ideias religiosas, foi transferido para Bragança. Ahi encontrou um camarada —Semião da Costa, já tambem na eternidade—que ouviu e acceitou com gosto a Palavra do Evangelho, acceitando a Christo como seu unico Senhor e Mestre. Ahi ambos combinaram requerer passagem para a Africa, onde se gosava mais liberdade religiosa. Para lá foram, sendo bello o testemunho christão, que ali deram, como o provam os archivos da União Christã de Lourenço Marques. Balthazar voltou de lá 2.º sargento, ficando em infantaria 6, onde era querido de todos.

Tomou parte na defesa de Chaves, na ultima incursão realista e, n'uma sessão patriotica, promovida pouco depois pela União, fazia bem á nossa alma de portuguezes ver a simplicidade com que elle nos contava os trabalhos que a sua columna soffreu por aquelles cerros trasmontanos!»

Reclamações operarias

Os descarregadores de carvão vegetal conferenciaram hoje com o sr. governador civil, queixando-se de que os industriaes lhes não concedem o augmento de 10 centavos por dia. O chefe do districto prometteu estudar o assumpto.

Os descarregadores de carvão da casa Herold, discordando da forma como foi feito um pagamento, declararam-se hoje em gréve. A' tarde conferenciaram com o chefe do districto o qual lhes fez vêr que estavam em erro. Por esse motivo os grévistas retomaram o trabalho.

«Gazeta de Oeiras»

Com este titulo começou a publicar-se um semanario que se apresenta como republicano independente, apenas pugnando por ideias e defendendo os interesses do concelho. E' seu director o sr. Aprigio de Serra e Moura.

Ao novo collega desejamos longa vida.

Para as victimas da revolução

A «matinée» de domingo no Eden

Como já noticiámos, realisa-se no proximo domingo, no Eden-Theatro, graciosamente cedido para tal fim, uma recita de homenagem ao sr. dr. Theophilo Braga e cujo producto reverte a favor das victimas da revolução de 14 de maio.

No programma, que está sendo elaborado com o maior cuidado, entram as distinctas actrizes Lucinda do Carmo, Palmyra Torres, Auzenda d'Oliveira e Etelvina Serra, os actores Augusto de Mello, João Calazans, Mendonça de Carvalho, Silvestre Alegrim, Sarmento, Othello de Carvalho, Carlos Shore, Mottili, Raposo, Jorge Grave, Estevam Amarante e Rosa Matheus, mademoiselle Mariette Guerin e os Petits Walter.

O guitarrista amador sr. João A. Camillo executará, a solo, o *miserere* do *Trovador* e uma banda dará um concerto no palco.

Os bilhetes que restam estão á venda na tabacaria Neves e nas bilheteiras do Eden.

Colyseu dos Recreios

O ventriloquo Sanz e o seu triumpho

Os dois espectaculos de hontem no Colyseu, foram concorridissimos, havendo sempre grande enthusiasmo nos espectadores com todo o programma da excellente companhia, que apresenta as grandes celebridades artisticas da actualidade.

Sanz, o assombroso ventriloquo, é admiravel de graça e a maneira como elle faz mover os seus bonecos, dando-lhes vida e expressão, é um encanto.

Não ha meio de se conservar a seriedade, ouvindo as facecias do Juanito, do impagavel D. Liborio, da coupletista, de D. Edwiges, do papagaio, que é uma maravilha de mechanica, etc.

A «Vingança de Feras», emocionante trabalho com ferozes leões, despede-se amanhã do publico por que termina o contracto do intrepido domador Marck.

Hoje, em espectaculo da moda, dedicado á sociedade elegante, reapparecem os celebres gymnastas Levy Jenochio e Carlos d'Abreu, as «Aguias Humanas», no seu extraordinario e surprehendente trabalho de «Vôos á Leotard.»

N'uma fabrica de doces

Um incendio provoca o panico: 13 raparigas mortas e 40 feridas

PARIS, 25.—O «New Hork Heradl» annuncia que se manifestou incendio n'uma fabrica de doces de Brodklyn provocando panico em 300 raparigas que trabalhavam. Algumas d'ellas vendo-se impossibilitadas de saher saltaram pelas janellas, morrendo 13 e ficando feridas quarenta.—(Havas).

Escolas industriaes

E' amanhã que, pelas 16 horas, o sr. ministro da instrucção recebe os professores das escolas industriaes, que lhe vão expôr os inconvenientes da ordem de serviço, que lhes cerceia os vencimentos. A essa hora será assignada a respectiva representação, devendo, por isso, todos os professores comparecer na arcada do ministerio do interior.

INTERESSES DE CABO VERDE

A junta dos melhoramentos da agricultura

Como se vê, do que dissémos nos anteriores artigos a respeito da agricultura em Cabo Verde, tudo ali está por fazer, encare-se o assumpto por qualquer lado que se queira. Assim o tendo comprehendido, o sr. Cerveira de Albuquerque, quando ministro das Colonias, teve a iniciativa de decretar a constituição de uma junta dos melhoramentos da agricultura e pecuaria de Cabo Verde. Como se tira por consequencia do proprio titulo, a junta, tendo iniciativa, podia melhorar até ao maximo a agricultura da provincia. Todavia, na constituição da junta, houve falta de conhecimento do modo de ser de coisas e pessoas em Cabo Verde: assim, a junta é constituida pelo Secretario Geral da Provincia, servindo de presidente, que é de uma competencia indiscutivel; pelo chefe da exportação de agricultura, pelo veterinario da provincia, pelo engenheiro subalterno ou conductor de obras publicas em serviço na provincia, como vogaes; pelo presidente da Camara Municipal da Praia, vice-presidente da junta e mais trez vogaes agricultores da ilha de S. Thiago. Nos restantes concelhos, as sub-commissões compõe-se do presidente da Camara e mais trez vogaes agricultores n'esses concelhos.

O que tem feito a junta, apezar da boa vontade do seu presidente e vogaes, funccionarios publicos? Nada ou coisa semelhante. Porquê? Porque na junta principal, como se tenha dado o caso não previsto de ser o presidente da camara da Praia, commerciante, agricultor e marchante, e como os restantes vogaes o sejam tambem, conseguem a maior parte das vezes a maioria que delibera e não delibera contra os seus interesses. Por isso mesmo o regulamento de policia e sanidade do gado, onde era estabelecida a capitação, as taxas de pastagem do gado, como se estabelecia a arrolação com preço fixo de compra e venda, como se estabeleciam tantas penas quantas as transgressões conhecidas, e que dariam grande receita para a junta, mereceu dos quatro vogaes, contra os trez funccionarios que defendiam tal regulamento, uma opposição tão feroz, que d'ali foi cortado tudo quanto poderia por um embate nos interesses illegitimos d'esses vogaes opposicionistas. Pelas outras ilhas a acção das commissões locaes tem sido, por egual absolutamente nulla. Portanto, baqueou a ideia boa que teve o sr. Cerveira de Albuquerque, porque confiou os interesses e melhoramentos da agricultura caboverdeana, a uma meia duzia de marchantes, a quem não convém precisamente que a agricultura melhore, pelorando os seus interesses, e contra os quaes nada póde a minoria de funccionarios que alguma coisa desejavam fazer de util em favor da desfavorecida agricultura da provincia.

As receitas da Junta dos Melhoramentos da Agricultura, consistiriam em 50 0|0 do imposto cobrado sobre a aguardente de producção provincial que é de 10 centavos por litro; as taxas do imposto sobre os terrenos incultos, a principio de 50 centavos por hectare; as taxas de capitação sobre todo o gado da provincia, as multas pelas transgressões do regulamento de policia e sanidade pecuaria, e do regulamento florestal.

O unico imposto que tem sido cobrado é o sobre a aguardente de producção provincial, que rendeu, no total, 9:267 escudos em 1913, tendo a aguardente produzida, sido de 237:124 litros no mesmo anno. Não houve mais receita alguma, em primeiro logar porque ainda não se começou com a medição dos terrenos para a applicação do imposto sobre o inculto, e em segundo logar por o regulamento de policia e sanidade do gado não ter sido approvado, por a maioria dos vogaes marchantes a isso se terem opposto, defendendo os interesses e relegando para muito inferior plano os interesses da provincia de Cabo Verde, que são os interesses de uma parte da patria portugueza.

Vejam que falta de patriotismo, de republicanismo, de civismo até. Se todos nós não cedessemos nunca nada dos nossos interesses não era possivel a formação dos Estados que são as nações governadas. Emfim, ha de haver remedio um dia, que sem duvida não virá longe, quando o principio a prevalecer seja o respeito pelos interesses da collectividade, sempre bem mais respeitaveis que os interesses individuaes de meia duzia.

Pelo que expuzemos, tira-se uma unica consequencia logica: a Junta dos Melhoramentos da Agricultura e Pecuaria da provincia de Cabo Verde, ainda não fez nada de util, do muito que teria a fazer. Em primeiro logar a Junta poderia muito bem ter adquirido em tempo proprio os silos americanos de ferro, para a guarda dos productos da agricultura, principalmente do milho e legumes. Não fez nada d'isso. Este anno, em que as ilhas do grupo de Sotavento, e principalmente a ilha de S. Thiago, vão ter super-producção, os agricultores ou teem de vender os seus productos por qualquer preço ou sujeitar-se a que elles se estraguem por falta de silos. O intelligente homem que hoje governa a provincia de Cabo Verde, sr. Abel Fontoura da Costa, tendo comprehendido o largo alcance que para Cabo Verde tem a conservação dos productos da agricultura mandou publicar a seguinte portaria:

«N.º 224—Sendo de inadiavel necessidade, na previsão de uma abundante colheita de productos alimentares no archipelago—nomeadamente milho—colligir todos os dados ao alcance do governo da provincia, que possam concorrer para evitar-se ou attenuar-se os prejuizos da super-producção, vista a difficuldade de dar-lhe sahida para mercado exterior; e bem assim adoptar providencias que, assegurando por agora em favoraveis condições a subsistencia da população e prevenindo os exaggeros de preço dos generos de primeira necessidade, preparem, porventura elementos certos para uma solução estavel do complicado problema do milho n'esta colonia:

«Hei por conveniente determinar o seguinte:

«I—Que pelas administrações dos concelhos seja feita, desde já, uma resenha rigorosa, por freguezias, de todos os reservatorios proprios para conservar cereaes, e que existam nas respectivas circumscripções, mencionando-se, em relação a cada possuidor, o seu nome, residencia, o numero que tem de taes reservatorios, capacidade de cada um d'estes e os logares onde estão depositados.

II—Que os administradores dos concelhos e os respectivos regedores procedam com a maior deligencia e escrupulo ás investigações necessarias para a exacta realisação da resenha referida, entendendo-se que a recusa de esclarecimentos ou a inexactidão das declarações—que as mesmas auctoridades exigirão por escripto e assignadas—serão como atos de desobediencia qualificada, e bem assim que serão severamente punidos as negligencias que venham a revelar-se por parte das auctoridades a quem fica incumbido este serviço, e o prejudiquem.»

Comprehende-se facilmente que o governo da Provincia se antepoz á Junta porque esta de nada tem servido.

Podiam já ter sido creados por essa Junta os celleiros geraes, o credito agricola, e tantas outras coisas, embora modestas mas que modificassem, por pouco que fosse, o modo de ser da agricultura e da pecuaria de Cabo Verde.

A ideia do sr. Cerveira de Albuquerque, ao crear tal Junta foi muito boa e muito louvavel. Sabido que os agricultores da provincia não conseguiram até hoje unir-se em associação para melhorarem as condições da agricultura, a formação da Junta, com receitas proprias, era o primeiro grande passo no caminho associativo, por assim dizer obrigatorio. Todavia, para que a Junta seja uma coisa util, urge que o numero de vogaes que querem que tudo continue como d'antes, esteja em minoria, para que essa bôa instituição caminhe para a frente desassombradamente.

Armando Xavier da Fonseca

ULTIMAS NOTICIAS

A LEI DE SEPARAÇÃO

Officiaes affastados

por não darem garantia segura de adhesão á Republica

O «Diario do Governo» publica hoje a seguinte portaria:

«Dando cumprimento ás leis n.os 319, 320 e 321, de 16 de junho de 1915, e 332, de 21 de julho do mesmo anno, tendo em attenção o estabelecido no decreto n.º 1.763, de 22 de julho findo, determino que sejam separados do serviço do exercito, por os julgar abrangidos pelo artigo 1.º do citado decreto n.º 1:763, de 22 de julho de 1915, e nos termos do mesmo decreto, os seguintes officiaes:

General, Jayme Leitão de Castro, com o vencimento futuro de 104$00; coronel do estado maior de infantaria, Adriano Accacio de Madureira Beça, 64$00; tenente-coronel do serviço do estado maior, Alfredo Mendes de Magalhães Ramalho, 57$60; tenente-coronel do regimento de cavallaria n.º 10, Firmino Teixeira de Motta Guedes, 57$60; major de engenharia, adido em serviço no ministerio do fomento, Antonio Rodrigues Nogueira, 52$00; capitão do estado maior de artilharia de campanha, Alberto Augusto de Almeida Teixeira, 44$00; capitão do estado maior de artilharia de campanha, Raul Ribeiro de Andrade Pissarra, 33$00; capitão do estado maior de cavallaria, Fernando Coutinho da Silveira Ramos, 33$00; capitão do regimento de cavallaria n.º 7, João Augusto de Vasconcellos e Sá, 33$00; tenente do estado maior de cavallaria, Carlos Maria Sepulveda Velloso, 27$00; tenente do estado maior de cavallaria, José de Sá Paes do Amaral, 27$00; tenente de cavallaria, Henrique de Castro Constancio (desertor), sem vencimento; tenente de infantaria, addido, na situação de licença illimitada, João Gomes de Abreu Lima, 27$00; tenente do serviço de administração militar, Albano de Sealra Rangel, 27$00; alferes do secretariado militar, em serviço na 7.ª divisão, Levi Augusto de Vasconcellos, 21$00; alferes do regimento de cavallaria n.º 6, Boaventura Ferreira da Costa, 21$00; alferes de infantaria, José Antunes Maia (desertor), sem vencimento; alferes miliciano de engenharia, do batalhão de telegraphistas de campanha, José de Lencastre e Távora, sem vencimento; alferes miliciano de reserva, do 6.º esquadrão de reserva, Antonio Lobo de Portugal e Vasconcellos, sem vencimento; alferes pharmaceutico miliciano do districto de recrutamento n.º 12, Julio de Almeida, sem vencimento.

Os officiaes, acima mencionados, podem recorrer d'este meu despacho, nos termos do decreto citado, para o conselho de ministros, e, da decisão d'este, para o parlamento.

Secretaria da guerra, em 6 de novembro de 1915.—*José Mendes Ribeiro Norton de Mattos*.»

Como os jornaes tivessem noticiado que a separação d'estes officiaes seria feita ante-hontem correu com insistencia o boato de que o sr. presidente da Republica se tinha recusado a assignar o decreto que o sr. ministro da guerra lhe levará. Convém desmentir desde já a atoarda porque o sr. presidente da Republica nada tinha que assignar a tal respeito. O regulamento da lei de 16 de junho de 1915 determina que a separação dos funccionarios será feita «por despacho do ministro», nada tendo que ver com isso o chefe do Estado nem sequer os titulares das outras pastas. Não se comprehenderia, mesmo, que de outro modo fosse, visto que aos funccionarios separados é conferido o direito de recorrerem para o conselho de ministros. Se a separação fosse realisada por um decreto, com as assignaturas do chefe do Estado e de todos os ministros, de nada podia valer o recurso para o conselho. Os ministros não iriam, certamente, revogar uma deliberação que elles proprios tinham tomado, solidarios todos na mesma responsabilidade.

Não tem, pois, fundamento algum o boato que mencionamos. O que parece certo é que o primeiro dos officiaes separados, o sr. general Jayme de Castro, respondeu á circular que a commissão do ministerio da guerra lhe enviou dizendo que o presidente do governo, o sr. dr. José de Castro, lhe tinha affirmado toda a sua confiança ha poucos mezes, quando geria a pasta da guerra. Foi a proposito do sr. Jayme de Castro deixar o commando da divisão de Thomar, após a revolução de 14 de maio, que o chefe do governo lhe fez aquella affirmação, dizendo confiar na lealdade com que elle servia as instituições republicanas. Sendo assim, é natural que o sr. general Jayme de Castro recorra para o conselho de ministros, onde o chefe do governo procurará, naturalmente, fazer valer a sua opinião. E estabelecer-se-ha um conflicto entre elle e o sr. ministro da guerra—quando mais não seja conflicto de caracter moral—que o sr. dr. José de Castro acceitará as razões indicadas para a separação do sr. Jayme de Castro?

Essas razões consistem, ainda ao que se diz, no facto d'esse general ter requisitado ha cerca de dois annos umas bandeiras do antigo regimen, explicando agora que o fizera com o intuito de as mandar tingir de verde e vermelho. Até que ponto essa accusação é fundada não o sabemos. Diz-se tambem que o sr. Jayme de Castro, ainda nos dias da revolução de 14 de maio, quando se encontrava já a caminho de Lisboa com a sua divisão, tivera palestras com monarchicos influentes.

Sobre a separação do sr. tenente-coronel Magalhães Ramalho consta que é motivada por uma carta, escripta por esse official no tempo da dictadura, em que se faziam indicações de caracter monarchico. Era governador civil de Lisboa quando se implantou a Republica.

O sr. Madureira Beça, antigo influente politico de Bragança, foi accusado dezenas de vezes de ter trabalhado activamente nas conspirações monarchicas d'aquelle districto. Dizia-se que era um dos officiaes a quem o sr. Rodrigues Nogueira attribuia mais responsabilidades nas suas celebres declarações sobre a tentativa monarchica de outubro de 1914. O sr. capitão Alberto Teixeira exerceu o logar de governador da Lunda já no tempo da Republica, tendo sido preso no anno passado como conspirador. O sr. Sepulveda Velloso esteve detido alguns dias depois do 14 de maio. Foi um dos officiaes que combateram ao lado do governo Pimenta de Castro. Os srs. Silveira Ramos e Paes do Amaral teem sido apontados algumas vezes como responsaveis em conspirações monarchicas.

O Estado industrial

O governo tomou conta da fabrica Bachoffen para se abastecer de acido sulphurico

Por um decreto ha dias publicado pelo ministerio do fomento, o governo tomou conta da fabrica de adubos e productos chimicos que existe na Povoa de Santa Iria e que foi pertença da firma Henry Bachoffen e C.ª, actualmente fallida. Porque praticou o governo esse acto, que á primeira vista pode parecer violento, por não ser bem conhecido? Por motivos varios. Em primeiro logar, a firma em liquidação devia ao Estado, desde a fundação da fabrica, a quantia de cerca de sessenta contos, que nunca puderam ser recebidos e que não havia maneira de haver, segundo a opinião auctorisada da Procuradoria Geral da Republica, devidamente consultada. Depois, apoderando-se da fabrica, o governo fica, em seu poder, com um poderoso meio de poder contribuir, regulando os preços respectivos, para attenuar a crise dos adubos, visto ficar habilitado a fabricar por dia cerca de quarenta toneladas dos mesmos.

Mas, mais importante do que isso é o Estado, tomando a seu cargo a fabrica Bachoffen, ficar habilitado a fabricar todo o acido sulphurico de que necessitar para munições de guerra e outras applicações industriaes. Se não fosse isso — se não tivesse encontrado meio de se abastecer, por si, com esse producto, o Estado ver-se-hia em sérias difficuldades para encontrar no mercado as quantidades de que necessitasse, tão raro e tão caro elle está sendo. Ora, na fabrica Bachoffen, é facil produzir não só o acido sulphurico indispensavel ás industrias officiaes mas ainda grande quantidade para a industria particular. E o acido sulphurico é tão necessario presentemente que a prosperidade de uma industria se avalia pela quantidade d'acido sulphurico que consome.

Para tomarem conta da fabrica Bachoffen, cuja montagem é boa, estavam já formados ou em via de formação dois grupos, sendo um allemão e outro hespanhol, degladiando-se os dois com grande vehemencia. Um outro pretendente á fabrica que é hoje pertença do Estado offereceu por ella duzentos contos.

PEQUENAS NOTICIAS

A agencia das machinas de escrever Remington, installada na rua Nova do Almada, 100, distribuiu dois pequenos catalogos, trazendo um o preço dos papeis especiaes que essa companhia vende e outro o dos accessorios das machinas.

—Na séde do Centro 14 de Maio, calçada da Tapada, 218, 1.º, realisa depois d'amanhã, ás 21 horas, uma conferencia o sr. Joaquim Martins Victoria.

—Procurou-nos o sr. Frederico d'Almeida Beja, empregado na Imprensa Nacional, para nos declarar que é menos verdadeira a noticia de ter sido victima d'um roubo de 50 escudos praticado por qualquer mulher.

—Por se envolverem em desordem aggredindo-se a soccos e á bengalada, no largo do Mastro, foram presos José Marques Ferreira, rua do Borga, 32, loja, Manuel Bastos, rua da Bemposilinha, 6, 1.º, e Casimiro Henriques de Mello, rua da Conceição da Gloria, 3, A. O ultimo ficou bastante ferido pelo que teve de ir receber curativo ao hospital de S. José.

—Ao posto da Misericordia foi curar-se Raul Eduardo da Silva, morador na rua Rodrigues Sampaio, R. C. H., que foi aggredido a chicote por Felisberto dos Santos, morador na travessa das Atafonas, 7, o qual foi preso.

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje no palacio de Belem, em audiencia particular, os srs. ministro da Hespanha, encarregado dos negocios do Uruguay, os generaes Judice da Costa, commandante da divisão, e Pereira d'Eça, commandante da columna de operações no sul de Angola, que foram introduzidos pelo sr. Luiz Barreto da Cruz, secretario geral interino da presidencia.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta manhã no ministerio da marinha, não sendo fornecida nota do que n'elle se passou á imprensa.

—Por motivo de doença do capitão-tenente sr. José de Freitas Ribeiro, foi adiada a entrega do commando do cruzador *Adamastor* que hoje se devia realisar.

—Apresentaram-se hoje no ministerio das colonias e em seguida no da guerra o general sr. Pereira d'Eça, commandante da columna de operações no sul d'Angola, e os officiaes que constituiram o estado maior da mesma columna. De manhã, o sr. Norton de Mattos fôra a casa do sr. Pereira d'Eça cumprimental-o.

—A proxima *Ordem do Exercito*, que deve ser publicada na quarta ou quinta feira, inserirá a promoção a aspirantes de alumnos da Escola de Guerra, que terminaram os cursos de infantaria, cavallaria e artilharia de campanha, os quaes são colocados nos corpos das 5.ª e 7.ª divisões.

—Partiu para o Norte o sr. capitão Maia Pinto, chefe do gabinete do sr. ministro das colonias.

—O sr. ministro da instrucção determinou que sejam considerados officiaes os exames de instrucção primaria feitos na Cadeia Nacional de Lisboa.

A grande guerra

A campanha nos Dardanellos

LONDRES, 5.—O commandante em chefe do exercito dos Dardanellos informa que na noite de 4 do corrente os turcos atacaram por quatro vezes a nossa extrema direita em Anzac. O inimigo avançou, com saccos cheios de areia e construiu pequenas barricadas. Todas as vezes que atacou, o inimigo foi repellido com bombas e fuzilaria, achando-se inactivo ás 11 horas da noite. N'este meio tempo houve tambem importantes demonstrações de fogo feitas pelo inimigo contra varias partes da nossa linha. Não se tentaram outros ataques além d'aquelles. As nossas perdas foram muito ligeiras. (Havas).

O afundamento do transporte britannico «Ramazan»

LONDRES, 5.—O transporte britannico «Ramazan» foi afundado pelo bombardeamento dos submarinos inimigos, ás 6 horas da manhã de 19 de setembro em frente da ilha de Antecythera no Mar Egeu. Encontravam-se a bordo cerca de 380 soldados indios, 15 dos quaes foram salvos, assim como 28 tripulantes do transporte. Foram destruidos numerosos barcos pelo fogo de artilharia. Os sobreviventes chegaram a Antecythera em escaleres, na mesma noite e foram amavelmente tratados pelos habitantes.—(Havas).

Cae um aeroplano allemão nas linhas inglezas

LONDRES, 5.—Sir John French informa que hontem se travaram cinco combates aereos dos quaes resultou a queda de um aeroplano allemão nas nossas linhas. Desde o dia 1 do corrente o tempo tem estado muito chuvoso.

Continua em ambos os campos a actividade dos trabalhos de minia.—(Havas).

Algumas rectificações

PARIS, 8.—Communicação official das 15 horas:

Nada ha a accrescentar ao precedente communicado.

Erratas:—Nos communicados de 7 de novembro relativos ao exercito do Oriente fala-se em ambos do dia 3 do corrente para as operações na região de Krivolak. No communicado das 15 horas deve ler-se «o socego restabeleceu-se no dia 4 de novembro nas nossas avançadas do Krivolak».—(Havas).

A gréve de S. Pedro da Cova

Rebentam trez bombas de dynamite

São presos 13 suppostos agitadores e retomam o trabalho 400 mineiros

PORTO, 8.—Depois das trez horas, em S. Pedro da Cova, os grevistas arremessaram uma bomba de dynamite contra a casa onde estavam aquartelladas as forças da guarda republicana, produzindo grande alarme e estilhaçando os vidros das janellas.

Perto das minas rebentaram mais duas bombas.

A auctoridade prendeu 13 individuos por suspeitar de que sejam agitadores; a maior parte d'elles são do Porto e não pertencem á classe dos mineiros. Devem chegar logo e recolher ao Aljube.

Hoje trabalharam já 400 operarios e espera-se que amanhã se apresentem todos, que são 1.200.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

HONTEM, NA AMADORA

Augmentam as tentativas para vulgarisar a boa musica e n'essas tentativas tem mostrado decidido empenho de cooperação a villa da Amadora. Hontem, effectuou-se um serão d'arte, na linda sala dos Recreios Desportivos, com a segunda apresentação do maestro Accacio dos Santos, um talentoso musico, novo ainda mas arrojado, nos seus 21 annos, para dirigir uma grande orchestra de professores e dirigi-a com proficiencia e com segurança. O concerto teve partes brilhantemente interpretadas devendo especialisar-se o «Deluge» de Saint Saens, onde o sr. Fão, executou um solo de violino, que lhe mereceu vibrantes applausos da assistencia, relativamente numerosa apesar do mau tempo, que hontem na Amadora era terrivel, agreste, chuvoso e frio. Mas o maestro Accacio Santos não encontrou frieza nos espectadores de boa musica, que foram ouvir o seu concerto. Teve applausos calorosos, verdadeiras ovações, que muito commoveriam e sensibilisariam a sua alma de artista. E esses applausos foram maiores quando a sua orchestra executou, magnificamente, a ouverture do «Barbeiro de Sevilha», a «suite» do Peer Gint, a «Marcha Nupcial», de Maldelshon.

O serão d'arte foi terminado com a execução do terceiro acto da «Tosca», em que o tenor sr. Guilherme Bizarro se houve com brilhantismo, repetindo a romanza e em que a sr.ª D. Cesarina Lyra manifestou completo conhecimento da opera de Pucini. A direcção da orchestra pertenceu ainda ao maestro Accacio Santos, que contou a noite de hontem na Amadora como uma noite de triumpho.—*P.*

O CONCERTO EM BEMFICA

Foi uma magnifica festa de arte o concerto que na noite de sabbado ultimo se realisou nos Desportos de Bemfica. O programma que aqui publicámos foi todo cumprido, com excepção, apenas, do numero da canto da distincta amadora D. Alice Pancada, que por motivo de doença não compareceu, tendo sido, porém, gentilmente substituida por D. Ludovina Marques, que cantou primorosamente alguns trechos classicos.

De todo o programma, que foi executado com inexcedivel correcção, parece-nos justo salientar o solo de violino com acompanhamento de piano, numero em que duas creanças, os meninos Fausto e Ernani Caldeira mostraram qualidades artisticas verdadeiramente notaveis; e ainda a melodia de harpa, por D. Juliana Falconieri Teixeira, e o «Lyrismo archaico», composição do amador sr. Armando Leça, peça musical de grande effeito que a orchestra de amadores teve de bisar, com applausos especiaes para a solista de violino, D. Irene Freitas.

A direcção dos Desportos brindou todos os amadores e offereceu-lhes no final uma taça de «champagne».

Depois do concerto houve um animadissimo baile.

DE VIAGEM

Parte hoje para o Algarve o sr. Luiz Marques de Sousa, presidente do Centro Commercial do Porto e representante da grande fabrica de fiação e tecidos do rio Vizella.

«A VOLTA DO BIVAQUE»

A sr.ª D. Amelia da Luz, distincta professora de piano e harmonia, teve a gentileza de nos offerecer a sua inspirada composição musical «A volta do Bivaque», marcha militar dedicada ao exercito portuguez. E' uma musica com vigor e colorido e que demonstra conhecimentos technicos e uma grande emotividade de alma, sendo uma radiosa promessa para a carreira de compositora que a sua auctora pretende seguir.

LUTUOSA

Tambem falleceu a sr.ª D. Marianna Julia Correia da Cunha, realisando-se o funeral amanhã, da estação do Caes do Sodré, ás 15,25, para o Alto de S. João.

O funeral da sr.ª D. Adelaide Pires, fallecida hoje, é amanhã, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da rua de S. Mamede, 98, para o cemiterio oriental.

Sport

Atheneu Commercial

E' no proximo domingo, de tarde, que se effectua no Atheneu Commercial a grande sessão de propaganda para abertura dos trabalhos de educação physica. A actual commissão dirigente do grupo sportivo do Atheneu convidou para se fazerem representar n'essa sessão alguns dos maiores influentes do movimento sportivo portuguez.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 15|16	33 13|16
Londres, 90 d|v	34 3|8	—
Paris, cheque	$76,5	$76,9
Allemanha, cheque	$30,8	$31,2
Hollanda, cheque	$63,7	$64,2
Madrid, cheque	1$41	1$42
New York	1$51,5	1$52,5
Rios|Londres	12 5|16	—
Libras	7$19	7$29
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,70	—
» » 500$	39,70	39,70
» » 100$	—	39,70

Obrigações d'Estado: 4 0|0 1888, 22$30. Externas: 1.ª serie, 75$ e 3.ª, 75$50.

Acções: Banco de Portugal, 180$; Aguas, 92$50; Phosphoros, assent. e coup., 54$90; Tabacos, coup., 74$; Sociedade Agricultura Colonial, 99$; Companhia Agricola da Bella Vista, 96$.

Obrigações: Predines, 6 0|0, 91$10 e 4 1|2, 78$; Districtaes 5 0|0, 85$; Ambacas, 93$; Panificação, 50$50.

SPORT

Exercicios de força e trucs de vista

Lamentos d'um hercules a valer

Só a acção da imprensa pode evitar o charlatanismo no sport

O lisboeta sportivo conhece muito bem o hercules-luctador Emile Deriaz. Viu-o no Colyseu dos Recreios executar maravilhosos exercicios de força e triumphar n'um campeonato de lucta greco-romana.

Um dia, esse athleta foi procurar o jornalista sportivo Albert Surier, que tem predilecção, na imprensa, pelos assumptos da cultura da força.

—Communico-lhe que executo um exercicio maravilhoso; já o propuz a dois emprezarios e ambos o acceitam mas de má vontade...

Em que consistia o exercicio? No seguinte: Uma «écuyere» montada n'um cavallo, chegava á pista d'um circo. Deriaz collocava-se debaixo do cavallo e levava até aos bastidores do circo a cavalleira e o cavallo!...

O numero era evimentemente sensacional e era preciso para o executar um grande sangue frio e uma força prodigiosa. Mas esse moderno Samsão, que é uma das expressões mais perfeitas da potencia muscular humana, executava-o sem apparencia de esforço!... Executava-o quando queria e havia-o repetido varias vezes deante d'um emprezario! Chegava a sua audacia de artista, orgulhoso do seu valor, a mudar, a cada exercicio, de cavallo, e a consentir que este fosse fogoso, difficultando portanto a primeira parte do trabalho que era o collocar-se debaixo do animal e segural-o!

—Mas porque não executas o trabalho em publico?—inquiriu Surier.

—Não vale a pena...

—Ora essa!... Estarás desanimado?

—Não estou, mas não se conforma o meu coração que os emprezarios attendam primeiro e paguem melhor aos athletas do «bluff», levantando pesos que não correspondem ao que annunciam e reclamando «trucs» maravilhosos para a execução dos quaes não é preciso ter força.

Tem muita razão o athleta. Esses enganadores teem só apparencia. Nada valem e de nada servem. Falam, gesticulam, cuidam da «mise-en-scène», da sua apresentação, furam, trepam, agarram-se a tudo para manter a vidinha ou sustentar uma vaidade. Ha por lá como por cá o homem que se impõe apenas pelo vestuario e pela petulancia. Nunca fez nada mas finge que fez tudo. O athletismo, principalmente, tem sido campo fertil para alimentar esses mystificadores. E já que tratamos hoje d'um caso anecdotico passado com um grande luctador e homem de pesos e alteres, vamos restringir-nos a esse exemplo para comprovar o que dizemos.

Ha gente que levanta nos braços automoveis carregados de passageiros! Ha gente que ergue canhões de mais de 1.000 kilos! Outros que seguram automoveis em marcha, apenas com um um braço!

O caso é que a multidão, ignorante e sempre inclinada a acreditar o impossivel, segue esse charlatanismo e convence-se. E é contra a sua opinião que tem de luctar Emile Deriaz levantando a sua «écuyere», porque o trabalho embora valioso não tem apparencia de fenomenal...

Para estes e outros casos, ha um unico remedio. E' a difusão pela imprensa da verdade dos factos. Bem sabemos que muitas vezes por publicar verdades se criam incidentes e inimigos, mas isso é coisa humana, que não incommoda o que tem propositos de manter orientação e fazer triumphar ideias.

Nós ainda não temos a noção sportiva sufficiente para realisar, com brevidade, o ideal da perfeição humana pela educação physica. Ainda que o «sport», nos ultimos annos e nos ultimos dez annos principalmente, tenha progredido bastante, a verdade é que os nossos «sportsmen»; aquelles que saibam perder sem se sentir inferiores, que saibam ganhar sem pavonearem merecimentos, que saibam aquilatar os esforços de todos para a causa commum, são poucos, uma infima minoria. Por isso, a acção pela imprensa, é necessaria.

Notas do dia

Os primeiros desafios de foot-ball

«Correu tudo na melhor ordem». Esta foi a impressão colhida hontem por um amigo que analysou de perto os desafios de «foot-ball» que iniciaram o campeonato da Associação de Lisboa. E essas impressões seguiram n'estes termos, breves mas significativos: «Correu tudo bem e se o Sporting demonstrou que continua a ser um grupo forte, o certo é que o Imperio apresentou em campo um bom «team», com gente nova mas boa. Fez-se jogo. Houve correcção e pouca brutalidade. Ainda bem que assim succedeu para evitar á Associação o trabalho de penalidades. Sim, que a Associação está no firme proposito de castigar severamente, porque deseja que o «foot-ball» seja o que deve ser».

Registamos, com prazer, esta informação.

Um acto significativo...

Hontem, mal terminado o torneio de esgrima da «Taça Cascaes», alguns dos concorrentes resolveram reunir-se n'um jantar intimo. Manifestavam extraordinario contentamento por ver terminada pelo menos por alguns mezes, a epocha esgrimistica que fôra brilhante mas trabalhosa. Na verdade, foi «dura» para os jogadores que entraram em todos os torneios. Antes, porém, de se reunirem n'esse jantar que era no dizer pittoresco de alguns—a primeira festa de repouso de 1915—os esgrimistas marcharam para casa de Augusto Farinha, que está doente e que ha mais de quinze dias se vê impossibilitado de sahir de casa. Foram ali n'um rasgo de cortezia, cumprimentar aquelle que era certamente um dos elementos mais valiosos dos ultimos torneios realisados e aos quaes faltou por motivo de doença.

Algumas anecdotas

Pediu a demissão da tropa de Scarpia...

Os Recreios Desportivos da Amadora, costumam intervalar as suas festas de «sport» com as de arte e todas ellas com elementos magnificos que despertam interesse. Nas proprias festas d'arte, tem como collaboradores alguns dos elementos que se notabilisam nas festas de «sport». Foi o que succedeu agora, por exemplo, com a representação da «Tosca». A comparsaria do 3.º acto, isto é os soldados que hão de fuzilar Cavaradossi, foi recrutada entre os rapazes que costumam patinar e saltar á vara. Um d'elles, que fazia de soldado, arranjou um bello grupo de «fuziladores» e deu o posto de sargento a um mais apresentavel.

N'um dos ensaios, na semana passada, o maestro estava á espera da escolta mas ella não apparecia!... Esperou, mas d'ella não havia noticias!... Que teria succedido? Corre-se ao palco e todos perceberam a tragedia! Havia zaragata entre a «tropa» porque ao sargento foi descoberto entre os papeis que deviam figurar como ordens de Scarpia uma carta de namoro! Era de uma gentil patinadora!...

—Então vocês entram ou não ao compasso?—inquire o maestro.

—Não senhor, eu até sáio—exclama irado o «sargento». E é para já...

E voltando-se solemne para o soldado, disse:

—Peço a demissão...

No boudoir

Um caso interessante

As minhas leitoras e, d'entre estas, especialmente aquellas que me teem consultado, sabem bem o escrupuloso cuidado que eu ponho na exposição dos diferentes assumptos de hygiene da belleza e mais ainda nas respostas aos casos particulares, para os quaes se pede a minha opinião de estudiosa e de experiente.

Assim, devem as minhas amigas ter reparado, por exemplo, em que, ao recommendar os douches, tenho feito a observação, a meu ver indispensavel, de que nem todas as pessoas devem sujeitar-se a este genero de banhos. Antes, pois, de tomal-os, será muito bom consultar o medico. A's pessoas que soffrem do coração taes banhos pódem ser prejudiciaes.

Tambem as minhas leitoras devem ter presente que nunca me viram aconselhar «medicamentos para uso interno» com destino a conseguir gordura ou emagrecimento mais ou menos rapidos, conforme por ahi se faz, muito vulgarmente, com uma inconsciencia perigosissima. Em boa verdade ninguem será capaz de dizer que eu haja em qualquer dos meus escritos para senhoras indicado, por exemplo, o uzo de productos arsenicaes com varios fins.

Pois bem! Acabo de ter conhecimento de um caso que considero muito interessante. As minhas leitoras dirão se o não é.

Alguem foi falar com um medico para obter d'elle uns artigos em que se combatessem as minhas chronicas, em que se causticassem as minhas opiniões e os meus conselhos, em que eu fosse censurada pela falta de auctoridade!... Não quiz esse medico encarregar-se de tão ingloria tarefa e respondeu pouco mais ou menos n'estes termos:

«Não! Não farei tal. Essa senhora pensa bem, e estuda. Não se trata de uma ignorante ou de uma audaciosa que procure invadir a esphera medica. Quanto a reclamos... tambem nós os fazemos, nós, os medicos».

Eu não sei, porque não quizeram revelar-me, qual a pessoa que pretendeu conseguir taes artigos de um medico. Mas é facil de suppôr. Deve isto partir, por certo, de algum industrial de productos de belleza, que teme a minha modesta concorrencia. E digo isto porque não é esta a primeira vez que se procura tolher-me os passos n'este caminho que encetei (e de que não me afastarei) de ser util á causa da saude e da belleza. Uma vez, por exemplo, o «Seculo» da noite entrevistou-me sobre a saude, educação da mulher e belleza feminina. Não se falava n'essa entrevista dos meus preparados nem para elles ia a minha ligeira referencia. Pois não calculam as minhas amigas: foi um caso complicadissimo... Logo appareceu no «Seculo» um industrial de productos congeneres a lamentar que tal entrevista se houvesse publicado e a dizer que... «aquillo não era mais que um reclamo»!

Que estranho receio teem de mim e que... pouca confiança no que vendem e aconselham!

D'esta vez foram infelizes. Não encontraram o medico disposto a tomar a seu cargo essa tarefa. Supponho que assim continuarão a receber recusas e respostas acertadas e justiceiras.

Se, porém, encontrassem—o que não acredito—algum medico, «menos medico», capaz de lhes satisfazer o pedido ou de lhes fazer o «honesto trabalhinho» mediante certa quantia—mais ou menos tentadora, nada isso me apoquentaria, pois só resultaria de toda essa acção um retumbante reclamo á minha modesta pessoa de estudiosa e aos meus preparados feitos com toda a probidade scientifica—o que posso plenamente provar.

Nas gavetas da minha mesa de trabalho possuo varias cartas de medicos animando-me a continuar n'este caminho e indicando-me algumas das suas clientes necessitadas dos meus cuidados. Entre essas cartas tenho mesmo uma em que commigo se pretendem trocar impressões sobre essa doença do coiro cabelludo chamada seborrhea gorda.

Para esses hypotheticos artigos tenho já, pois, condignas respostas. Se elles, vierem, um dia, a tornar-se realidades, essas cartas, com a devida auctorisação, serão publicadas; e artigos de medicos (conhecidos e honestos na sua sciencia) responderão tambem, espontaneamente.

Que estranho receio teem de mim e que... pouca confiança no que vendem e aconselham! As leitoras não consideram interessante este caso?

Maria Conti

Marco postal:—*Sirius*.—Na proxima chronica responderei extensamente á sua carta que é a quarta ou quinta que de V. Ex.ª recebo, pois já quando eu escrevia na «Lucta» V. Ex.ª me escrevia. Julgo, até, que se zangou commigo, não sei agora porquê: hei-de relêr as suas cartas.

Fernanda: Lavagens com agua distillada, seguidas de leve fricção com sumo de limão e alcool. Uma colher de sopa, de sumo de limão, com duas gottas d'alcool puro. Isto para começar. Na proxima chronica responderei minuciosamente.

M. C.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21—Os velhos.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).
GIMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.
MODERNO—A's 20 e 22—A filha da Annica—Conquista de Rosette.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Ao correr da pena

Alguem que leu a minha chronica de hontem escreve-me a proposito d'ella, entre outras coisas o seguinte:

«O senhor que se queixa tanto da falta das collaborações indispensaveis aos auctores dramaticos, porque se não refere ao preço por que essas collaborações são pagas? Como quer que um scenographo faça uma obra prima por sessenta e cinco escudos e um electricista, que começou por instalar campainhas, realise por dez centavos diarios e com um material insufficiente as maravilhas da «Grésélidis» ou dos scenarios luminosos de Frey?

Em primeiro logar não tenho a pretensão de ver realisadas entre nós as obras primas e maravilhas a que se refere o meu correspondente. O que affirmo e provarei se preciso fôr é que os nossos recursos, parcos evidentemente devido ao meio, não são devidamente utilisados e o resultado permanece inferior ao que poderiamos obter. Os nossos espectaculos de apparato peccam, todos por falta de espirito de conjuncto. Não se trabalha em commum debaixo d'uma orientação intelligente. As nossas «premières» são batalhas de dez exercitos cada qual com seu plano. Os auctores puxam para um lado, os maestros para o outro, o «costumier» nem dá cavaco do que faz, nem propõe um figurino, os scenographos não apresentam uma «maquette» a valer e trabalhando aos sete para matar uma aranha não combinam o trabalho entre si. Tudo se acerta e afina á ultima hora. O ensaio geral é o dia das surprezas. Surge uma scena diametralmente opposta ás intenções do auctor, exigencias de illuminação que prejudicam effeitos calculados, detalhes de guarda-roupa que transtornam as marcações, marcações que desvalorisam o guarda-roupa, andamentos da orchestra que tolhem o resultado d'um numero, minucias de instrumentação, que desorientam as fracas vozes de que dispômos. Vem depois a azafama dos cortes, dos remendos, das transposições, das substituições, etc. Tudo isto junto á deficiencia das collaborações, em parte minima desculpavel pela exigua retribuição, dá em resultado que peças que vivem quasi exclusivamente do apparato sahem mal, caminham peor e acabam nos baldões.

Tudo isto estaria muito bem se o publico não tivesse para com os auctores as exigencias que tem e que vão desde a ironia desdenhosa até por vezes á grosseria.

Por preços modicos quer maravilhas e sobre o auctor recahem integralmente todas as responsabilidades. Nunca vi tambem que n'uma critica jornalistica se separassem as culpas de cada reu. A interpretação é sempre excellente, a scenographia brilhante, o guarda-roupa luxuoso, etc. A peça é que tem sempre que se lhe diga. Sôbre as costas do auctor é que se fazem as contas todas. Alguns teem, felizmente para elles, as costas largas e não se atrapalham com cousa pouca.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

No theatro Moderno a «reprise» das peças «A filha da Annica» e «Conquista de Rosette» alcançou grande successo, motivo por que hoje se repetem.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Caminho de ferro de Moçambique

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, na Sociedade de Geographia a primeira sessão ordinaria depois das ferias sociaes, fazendo tambem uma interessante conferencia, acompanhada de projecções electro-luminosas, sobre o «Caminho de ferro de Moçambique e recursos que offerece o norte d'esta provincia», o distincto official de engenharia sr. Delfim Monteiro, encarregado de dirigir a construcção d'aquelle caminho de ferro.

✝

Adelaide Pires

Falleceu

R. I. P.

Eugenio Henriques Pires, Carlota Pires de Mascarenhas, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas participam o fallecimento de sua querida irmã, cunhada e tia Adelaide Pires e que o seu funeral se realisa no dia 9 do corrente (terça feira), ás 15 horas, sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia na travessa de S. Mamede, n.º 98, para o cemiterio oriental.

CAPITULO VI

A Allemanha na guerra

Quando a tensão da breve crise diplomatica que se seguiu á apresentação do ultimatum austriaco á Servia terminou pelas declarações de guerra á Russia e á França, pela invasão da Belgica e pela intervenção da Inglaterra, a anciedade do povo allemão transformou-se n'uma explosão de alegre patriotismo e de guerreiro enthusiasmo.

O duque de Genova, tio do rei de Italia

A primeira explosão de alegria não durou muito. As multidões em Berlim e n'outras capitaes podiam alegrar-se e os politicos e os jornaes regosijar-se, mas a nação ia saber que a lucta imminente era d'uma natureza como nunca o mundo vira e que a Allemanha mettera hombros a uma empreza com a qual tres guerras de Bismarck não tinham comparação.

Apezar d'isso, era opinião geral que a guerra duraria pouco. Era grande a anciedade acêrca dos golpes que a armada ingleza poderia vibrar e o povo manifestou o maior desprezo e sarcasmo pela diplomacia allemã que não soubera dividir os inimigos da Allemanha e impedir a simultaniedade da guerra naval com a grande lucta que ia dar-se em terra.

Mas, excepto esse perigo, esperavase que um golpe esmagador seria vibrado á França n'um breve espaço de tempo e que a Allemanha poderia então sentir-se segura contra uma invasão e continuar as operações offensivas esperando os acontecimentos com o maior socego.

ção de os ligar recomeçou. A chuva estava cahindo.

Atacado por tres lados, sujeito a um fogo cruzado de diversas direcções e a um continuo bombardeamento, o inimigo foi enfraquecendo na sua resistencia gradualmente e muitos prisoneiros foram feitos. Em frente da herdade Cour de l'Avoué, entre La Quinque Rue e Richebourg l'Avoué, uma scena horrivel se deu. Os restos de um batalhão de saxonios trazido á pressa para reforçar os westphalianos quiz render-se. Os homens avançaram para as linhas inglezas, sendo a principio recebidos por uma saraivada de balas.

Deitaram fóra immediatamente as armas e um d'elles arvorou uma bandeira branca. Os westphalianos, que estavam ao norte d'elles, deram descarga apoz descarga contra os seus camaradas saxonios, ao passo que a artilharia allemã abria tambem fogo contra elles. Em poucos segundos tudo o que restava eram alguns feridos jazendo por terra.

Entretanto a 7.ª divisão na frente de Festubert fazia pressão ao longo das trincheiras allemãs para sul, arremeçando bombas e varrendo tudo á bayoneta. A sua missão era avançar em direcção a Rue d'Ouvert, Chapelle St. Roch e Canteleux, emquanto a 2.ª divisão, á esquerda, se dirigia para a Rue du Marais e Violaines.

O corpo indio recebera ordem para estar em contacto com a 2.ª divisão e a 51.ª (Highland) divisão dirigia-se para Estaires, a fim de apoiar o primeiro exercito. Ao anoitecer, toda a primeira linha de trincheiras allemãs desde o sul de Festubert até Richebourg l'Avoué estava em poder dos inglezes. N'alguns sitios, a segunda e a terceira linhas haviam sido tomadas e para além d'ellas muitos pontos tacticamente importantes estavam tambem occupados.

Os homens, alguns d'elles encharcados e cobertos de lama da cabeça aos pés, estavam anciosos por continuar a lucta. A noticia do emprego de gazes asphyxiantes em Ypres e do torpedeamento do «Lusitania» havia-os enfurecido.

Uns sessenta allemães vestidos de khaki avançavam para uma trincheira ingleza. Um d'elles exclamou em excellente inglez: «Não façam fogo, somos Guardas Granadeiros». Um official inglez sahiu da trincheira e adeantou-se. Immediatamente fizeram fogo sobre elle, não o ferindo, felizmente. Os seus homens, indignados, saltaram da trincheira e mataram todos os allemães.

N'essa noite, um batalhão de territoriaes—o 4.º Cameron Highlanders—soffreu um desastre que os sobreviventes não esquecerão tão cedo. Pelas 7 horas e meia da tarde recebeu ordem para atacar alguns «cottages». Na escuridão, os homens cahiram n'um fundo e largo dique.

Alguns homens trataram de nadar, outros acharam pranchas deixadas ahi pelos allemães e atravessaram por sobre ellas. E no entretanto estavam sendo bombardeados e atacados com fuzilaria de algumas casas á sua esquerda. Uma companhia não poude abrir caminho; outra foi ceifada quasi por completo. Uma terceira companhia chegou á extremidade trazeira d'uma trincheira allemã de communicação.

Pelas 9 horas da noite estava em situação desesperada. Não tinha já granadas de mão e poucos cartuchos lhe restavam. Cêrca da meia noite dois plantões conseguiram alcançal-a, mas não traziam metralhadoras. Teria sido loucura ficar por mais tempo em posição tão exposta. Os sobreviventes retiraram na melhor ordem possivel. O seu commandante, o tenente coronel Fraser, e doze outros officiaes foram mortos e metade do batalhão morto, ferido ou descaminhado. Na retirada, o sargento mór Ross, um veterano, procedeu com notavel sangue frio e coragem.

O dia 18 de maio era o do anniversario do principe Rupprecht da Baviera, o auctor da ordem de não fazer prisioneiros. N'um jornal publicado de proposito para excitar o

ardor dos credulos soldados allemães, intitulado «Noticias da guerra de Lille», appareceu a seguinte exhortação:

«Camaradas, se o inimigo invadir a nossa terra, pensam que elle deixará pedra sobre pedra das casas de nossos paes, das egrejas e de todas as obras de mil annos de amor e de trabalho?... E se os nossos fortes exercitos não conseguirem repellir os inglezes (Deus os amaldiçoe!) e os francezes (Deus os anniquile!) pensam que elles pouparão as suas casas e os seus amores? O que farão esses piratas das ilhas se puzerem pé em solo allemão?»

Apezar d'esse caloroso appello os «fortes exercitos» dos allemães não podiam impedir que os inglezes avançassem, apezar do tempo estar de chuva e frio, com a devida preparação da artilharia.

As tropas inglezas avançaram da estrada de Festubert-La Quinque Rue para um ponto a cêrca de mil metros ao norte e apoderaram-se de um posto a duzentos e setenta metros a sudoeste da aldeia. O inimigo tinha ainda em seu poder duas grandes herdades ao sul de Richebourg l'Avoué e a oeste da estrada Festubert-La Quinque Rue—a herdade de Cour de l'Avoué, deante da qual os infelizes saxonios haviam sido massacrados, e a herdade do Bosque. Estavam magnificamente defendidas, regorgitavam de metralhadoras.

Mas os inglezes não desistiram e no dia 18 á noite o exito coroava os seus esforços. O numero total de prisioneiros subia a 608 e muitas metralhadoras haviam sido tomadas.

N'esse dia o tenente J. G. Smyth, do 15.° Ludhiana Sikhs, proximo de Richebourg l'Avoué, depois de duas tentativas terem falhado, com uma partida de dez homens levou 96 granadas de mão para um ponto a poucos metros do inimigo. Para fazer isso tinha de atravessar uma torrente e durante todo o percurso esteve exposto ao fogo das «howitzers», da metralhadoras e das espingardas. Foi condecorado.

O tenente A. V. L. Corry, do 2.° dos Granadeiros da Guarda, distinguiu-se tambem. Na Rua do Bosque, quando o seu commandante foi morto e todos os outros officiaes feridos, reorganisou a companhia e poz-se á sua frente com o maior sangue frio.

No dia seguinte, sir Douglas Haig mandou retirar a 7.a e a 2.a divisões. A primeira foi rendida pelos canadianos, a segunda pela 51.a (Highland). Ambas estavam, com a artilharia da 2.a e 7.a divisões, collocadas sob o commando do logar tenente general Alderson. A 7.a divisão ficou de reserva. O tempo continuava frio.

Pouco ha ahi a recordar, embora durante a noite de 19 para 20 um pequeno posto na fronte de La Quinque Rue fôsse tomado e o cabo T. G. Earl, do 2.° Fuzileiros de Welsh, se distinguisse em Richebourg l'Avoué indo buscar feridos por cinco vezes differentes.

No dia 20 a chuva parou, mas continuava o nevoeiro. Entre as 7 e as 8 horas da tarde, os canadianos apoderaram-se brilhantemente de certos pontos a nordeste da estrada Festubert-La Quinque Rue, entre os quaes um pomar. Alguns prisioneiros e metralhadoras foram tomadas. A 21, a não ser um duello de artilharia, nada houve digno de menção, apezar d'alguns ligeiros progressos serem feitos proximo de Festubert.

No dia seguinte, a 51.a divisão foi addida ao corpo indio e os canadianos repelliram tres violentos contra-ataques vindos da direcção de Chapelle St. Roch, soffrendo o inimigo grandes perdas.

Mas os allemães podiam ainda fazer mais esforços. O 7.° corpo de exercito prussiano, tendo recebido grandes reforços, fez no dia 23 outro esforço, para romper a linha canadiana proximo de Festubert. Avançou em massa e, como de costume, foi varrido pelas granadas, pelas metralhadoras e pela fuzilaria. Muitas das suas baterias foram reduzidas ao silencio durante o dia.

Nos dias 24 e 25 a 47.a divisão (2.a Territorial de Londres) tomou algumas trincheiras do inimigo e no centro no dia 24, proximo de Bois Grenier, entre Armentières e Neuve Chapelle, um ligeiro successo foi alcançado. Durante a noite muitos ataques dados pelos allemães proximo de Festubert foram repellidos.

«Tinha agora motivos para suppôr—diz sir John French— que a batalha que começára pelo primeiro exercito a 9 de maio e recomeçára no dia 16, tendo attingido de momento o objectivo que eu tinha em vista, não proseguiria com actividade.

«Na batalha de Festubert o inimigo foi desalojado d'uma posição que tinha entrincheirado e fortificado com o maior cuidado e foi ganho terreno n'uma fronte de seis kilometros e meio por uma profundidade de 576 metros».

O que fôra ganho era, talvez, pequeno em espaço, mas do maior valor moral. Logo apoz os allemães não terem conseguido abrir caminho para Ypres, as tropas inglezas, luctando como sempre corpo a corpo e sem o auxilio d'uma artilharia superior em poder, haviam tomado uma posição allemã fortificada com o maior cuidado. Nos ataques á bayoneta, no arremeço de granadas de mão e em tudo o que exige coragem pessoal tinham de novo mostrado accentuada superioridade sobre o inimigo.

Demos já alguns exemplos da ousadia e da nobre coragem mostrada por certos regimentos durante a violenta lucta de 15 a 18 de maio. Esses exemplos não constituem excepção. Muitos e muitos se podem citar que mostram a bravura das tropas inglezas. Encher-se-hiam paginas com a narrativa d'esses exemplos de heroismo, dados tanto por officiaes como por simples soldados.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1891—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 9 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 1 centavo

O affastamento

Conhece-se a nossa attitude em presença da lei do affastamento. Logo que ella foi approvada, exprimimos o parecer de que se deveria estabelecer um criterio para a sua applicação, que não era viavel tomando-se strictamente á letra a exigencia da chamada garantia de uma absoluta adhesão á Republica. N'essa orientação, pronunciamo-nos pela conveniencia de que esse criterio fosse o de averiguar se os funccionarios, quer civis, quer militares, eram ou não prejudiciaes á Republica, isto é, se se tinham ou não demonstrado incompativeis com o regimen.

A separação não se fez durante o espaço de tempo que podemos denominar o periodo revolucionario subsequente á jornada de 14 de maio. Já, por esse facto, se perdeu uma parte da força republicana em que tal medida se deveria estribar. Depois, quando começaram a surgir as indecisões, quando se viu que as commissões encarregadas de propôr o affastamento ou difficilmente se formavam, ou eram, no espaço de semanas, successivamente substituidas, maiores golpes soffreu a força que deveria animar esse acto da Republica. Por fim, os criterios diversos adoptados por essas commissões, mostrando-se umas rigoristas, outras animadas d'uma illimitada complacencia, outras ainda dispostas a não fazer nada, affigurou-se que, de facto, a lei tinha caducado, porque não viam maneira de se chegar a uma uniformidade de vistas dentro d'uma orientação justa, embora severa.

Entretanto, a lei começou a ser applicada, e o ministerio em que se iniciou a sua execução é o da guerra. Foram affastados do exercito vinte officiaes. Os seus nomes constam d'uma relação publicada. Só é para lamentar que se não tenham publicado, ao mesmo tempo, os motivos que devem justificar essa rigorosa medida. Essa justificação impõe-se, e não duvidamos que ella seja fornecida ao paiz, pela publicação dos motivos a que alludimos e que devem constar dos relatorios apresentados.

Não duvidamos que ella exista, e por isso mesmo mais instante é a nossa reclamação de que essa publicação se faça. E não duvidamos porque, pelo menos, em relação a dois dos officiaes attingidos, sem fallarmos já dos desertores, por terem hostilisado a Republica, conhecemos factos que essa justificação realisam.

Um d'esses officiaes é o general Jayme Leitão de Castro. De ha muito que sobre a sua attitude perante a Republica, em cujo exercito continuava servindo, se tinham levantado suspeitas. O sr. general Jayme de Castro já no tempo da monarchia dera indicios d'um temperamento irriquieto, e difficilmente amoldavel. Foi, como se sabe, um dos iniciadores da Liga Liberal, quasi inteiramente constituida por militares, aggremiação que não se podia rigorosamente organisar de maneira a acatar as normas da disciplina, e que por vezes pesou na politica nacional, com um caracter imperativo, que a propria constituição monarchica não consentia. Mas sobretudo consta-nos que ao sr. Jayme de Castro foi feita a accusação de haver tido em seu poder um certo numero de bandeiras monarchicas, limitando-se esse general a declarar, em sua defeza, que o seu proposito era simplesmente pintal-as com as côres da Republica, sem mesmo pensar nos seus emblemas. E' uma justificação que o sr. Jayme de Castro, reflectindo bem, reconhecerá verdadeiramente pueril. Eximindo-se ás suas responsabilidades por esta forma, o sr. Jayme de Castro cae e não cae de pé.

O outro official a que alludimos é o tenente de cavallaria Sepulveda Velloso, que, antes da Republica, foi um republicano, e, segundo parece um republicano exaltado. Depois de implantada a Republica, o sr. Velloso tornou-se monarchico. Defensor da dictadura, esse official, que estava fora do quadro, ao ver rebentar o movimento revolucionario, dirigiu-se ao quartel da guarda republicana, e declarou que queria bater-se contra os revolucionarios, pedindo uma força para commandar. E bateu-se, é de justiça confessal-o, valentemente. Isso porém não impede que o seu acto fosse de pura iniciativa pessoal. O sr. Velloso não recebeu nenhuma ordem superior para entrar na lucta. Affastado do exercito, o sr. Velloso cae de pé, ao contrario do sr. Jayme de Castro, mas não pode eximir-se a reconhecer que se tornou incompativel com o regimen, e que o seu affastamento é absolutamente logico.

Ninguem ignora que o sr. José de Castro, ministro da marinha, entendeu, ao contrario do sr. ministro da guerra, que não devia assignar a proposta da commissão do seu ministerio, propondo o affastamento de alguns officiaes de marinha. Tambem acerca de dois d'esses officiaes nós temos conhecimento das razões justificativas do seu affastamento da marinha.

Um d'elles é o contra-almirante Hipacio de Brion. O sr. Brion, quando estalou a revolução de 14 de maio, arvorou na casa da sua residencia uma bandeira franceza. Interrogado sobre os motivos d'esse insolito acto, o sr. Hipacio de Brion declarou que o praticara,—porque sua mãe era franceza! Tinha esse official o direito de combater pelo governo Pimenta de Castro. O que não tinha era o direito de arvorar uma bandeira estrangeira, cobrindo-se com a sua protecção, elle, um official da nossa armada. O sr. Brion cae, e, como o sr. Jayme de Castro, não se pode dizer que caia de pé.

O outro official é o sr. Vieira da Fonseca. Capitão-tenente da armada, encontrava-se a bordo d'uma canhoneira, que commandava, nas aguas insulares. Tendo vindo á terra n'um escaler, tripulado por alguns marinheiros, soube que se dera em Lisboa um movimento constitucional, iniciado e levado a cabo principalmente pela marinha portugueza, e que esse movimento sahirá victorioso. O mesmo souberam os seus marinheiros em terra, e esses marinheiros, voltando, com o commandante, no seu escaler, para bordo, soltaram vivas enthusiasticos á Republica. O sr. Vieira da Fonseca castigou-os com alguns dias de detenção por terem soltado esses vivas. Considerou-os como uma infracção da disciplina. Não diremos que não procedesse correctamente, embora os marinheiros, sujeitando-se a esse castigo com uma correcção digna do maior elogio, se limitassem a dizer-lhe: «E que faria V. Ex.ª se nós dessemos vivas á monarchia!» Facil teria sido a esses homens, n'um momento revolucionario, triumphante a iniciativa da armada a que pertenciam, a liquidação violenta do incidente. Não o fizeram, e repetimos, a sua attitude foi nobre e digna, provando bem que a nossa marinha não é de forma alguma a corporação indisciplinada que os seus detractores procuraram deprimir. Mas o sr. Vieira cahindo de pé, deve reconhecer, como o tenente Velloso, que não podia continuar a pertencer a uma marinha com a qual se incompatibilisara, bem como com o regimen que ella intemeratamente defende.

A justificação do affastamento de todos os funccionarios da Republica, civis ou militares, que com ella se tenham incompatibilisado, deve pois ser trazida ao conhecimento do publico. Não ha sentença que se não estribe nos necessarios considerandos. E a que affasta do serviço da Republica os seus servidores, accusados de a prejudicarem e odiarem, mais do que nenhuma outra os requer.

Migalhas

Ferocidade

Hontem, mirando os leões no Colyseu, recordei-me d'um homem, que conheci ha annos, marido de uma senhora que apresentava phocas sabias nos dominios de Antonio Santos. Esse cavalheiro placido, dinamarquez ou hollandez—não me recordo—gordo e louro, era de profissão domesticador de animaes e, tanto ensinava ratos da India como elephantes. Depois de ter preparado uma collecção de catatuas equilibristas ensinava com a mesma serenidade e a mesma pachorra meia duzia de tigres sonhidos. Eu, que tive sempre a paixão dos animaes ferozes, queria por força ser industriado nos processos de fazer tocar guitarra a um leão do Atlas e o homem explicava-me certos detalhes do «dressage».

«—Isto de ensinar féras, dizia-me elle fumando o seu cachimbo, não tem nada de difficil. E' uma questão de paciencia e, logo que o bicho tem percebido o que se exige d'elle, realisa-o com a maior condescendencia. Nas collecções de féras o mais difficil é pôr na afinação o «feroz». Assim como nas «troupes» de luctadores ha sempre um selvagem, que morde e commette irregularidades para irritar o publico—em geral é o melhor typo da quadrilha—assim n'uma jaula ha sempre um leão que não quer saltar os arcos e um tigre que não quer voltar para a jaula pequena. São elles que se encarregam do momento da sensação. O publico palpita, vendo o domador teimar, bater, disparar tiros, etc., e quando o bicho se resolve a obedecer, vem sempre a grande ovação. Ora o senhor não imagina o que custa a fazer com que uma féra seja feroz. Desde que o terror do deserto se persuade que o seu destino é ganhar o pão do domador com o suor do seu pello, todo o seu ideal é andar no baloiço sobre uma prancha ou bocejar de aborrecimento sentado sobre uma celha virada de fundo para o ar. Quando o obrigam a mostrar os dentes, a rugir, a eriçar o pello, maça-se exactamente como um homem quando lhe aconselham serenidade e ponderação e, por vezes, acaba por se zangar. Ahi tem a razão porque, de longe em longe, surge a noticia de um domador ferido. E' que quiz obrigar uma féra a fingir que o era.»

André Brun

AS MULHERES NA CONFLAGRAÇÃO

O exemplo das "nurses,, inglezas

O que valem as distinctissimas enfermeiras pela sua grande competencia e dedicação

Já antes da guerra eram bem conhecidas as excepcionaes qualidades das enfermeiras inglezas; depois da guerra terminada, o seu serviço será considerado como um dos mais notaveis organismo creados em consequencia dos acontecimentos que se teem produzido, a que o martyrio de miss Cavell accrescentará a todos os meritos a grandeza do seu sacrificio.

N'este ponto não foi a Inglaterra colhida de surpreza; ha já muito tempo que existia o corpo especial de enfermeiras. Fôra organisado militarmente por lord Kitchener por occasião da guerra sul africana, quando viu a insufficiencia dos serviços auxiliares; uma organisação sobre que se baseia a saude, a propria vida dos combatentes deve ser constituida tão rigorosamente como o proprio exercito.

Foi esta ideia que deu origem á *Imperial Military Nurcing Service*, com a sua hierarchia, o seu cuidadoso recrutamento, a sua firme disciplina, é o seu pessoal escolhido, composto por senhoras pertencentes ás diversas classes da boa sociedade ingleza.

Amoldam-se ao regulamento porque teem a consciencia do «serviço» e porque longe de serem consideradas como assalariadas, são equiparadas aos alumnos das escolas militares e tratadas como officiaes.

A admissão exige rigorosas condições de origem, de moralidade, de caracter e de vigor physico porque o serviço é rigoroso. As senhoras admittidas teem que renunciar durante trez annos á sua vida habitual, morando no hospital para que forem mandadas e onde durante o primeiro anno assistem a todas as conferencias, e aos cursos de anatomia, de phisiologia e de cirurgia geral.

Durante o segundo anno assistem aos cursos de medicina, e durante o terceiro ás licções de pharmacia, de massagem, e de administração hospitalar. Entretanto vão sendo iniciadas na pratica dos cuidados a dispensar aos doentes, de curativos, e de esterilisação, ficando assim conhecendo tudo o que diz respeito á organisação d'um hospital. No primeiro anno durante trez mezes, e no segundo durante dois, fazem serviço nocturno.

Todos estes trabalhos e estudos occupam-lhes o tempo desde as sete horas até ás vinte e uma, e são feitos sob a direcção e responsabilidade das vigilantes que, por sua vez, estão sob a dependencia dos directores, estando estas sob a auctoridade dos directores principaes e dos directores em chefe.

Teem apenas duas horas de descanço no dia, e as graduadas n'esta hierarchia, verdadeiramente militar, sendo responsaveis pela progressiva instrucção dos alumnos, vigiam-a escrupulosamente.

Logo que entram em serviço vencem ordenado que, em certas graduações, chega a ser egual ao soldo de um official, o que mostra claramente a grande differença que ha entre aquelles estudos methodicos e o diploma das nossas enfermarias.

O rigor do serviço, compensado apenas pela consideração de que disfructam em Inglaterra as enfermarias, não afugenta nem mesmo as senhoras das classes mais abastadas; entre as enfermeiras inglezas que estão em França figuram Cady Hermione Blackwood, filha de lord Dufferin, que foi embaixador em Paris; miss Macaulay, filha de lord Macaulay; miss Gordon, que conta entre os seus parentes o illustre general Gordon, o heroe de Khartum, etc.

Este corpo excepcional, desde o principio da guerra que estava prompto para acompanhar as tropas inglezas ou para occupar o seu logar nos hospitaes da Grã-Bretanha; mas a Inglaterra não quiz que os experientes cuidados do seu *Imperial Military Nursing Service* fossem dispensados apenas aos seus nacionaes, e varios hospitaes francezes receberam, devido á actividade do *French Flag Nursing Corps*, enfermeiras que teem sido dos mais dedicados e mais habeis auxiliares do serviço de saude dos exercitos francezes.

O *French Flag Nursing Corps* foi constituido sob a presidencia effectiva de mistress Bedford Fenwinch, esposa do grande cirurgião de Londres, pelas deligencias de miss Grace Ellison, coadjuvada por lady Barcklay, esposa de sir Barcklay, um dos promotores da *Entente*.

Miss Ellison, que se encarregou do regular funccionamento de todo este serviço, é muito conhecida pelas instituições de caridade para mulheres que tem creado em varios paizes. Logo que o ministro da guerra acceitou o auxilio offerecido, nunca mais descançou até organisar e pôr em acção o *Nursing Corps*; tanto nas formações do interior como nas da zona dos exercitos, as enfermeiras teem demonstrado uma tal competencia que muitas vezes tem supprido a insufficiente instrucção das enfermeiras e enfermeiros francezes, e os tem estimulado.

Satisfeitas por contribuirem para o esforço francez, as enfermeiras inglezas sujeitaram-se, dedicadamente, ás necessidades do serviço em França e acceitaram os reduzidos ordenados que lhes foram arbitrados.

A principio produziu-se uma tal ou qual confusão entre a condição das enfermeiras inglezas e a das enfermeiras profissionaes, havendo em algumas formações uma tendencia a estabelecer analogia entre ellas, não se reparando em que as enfermeiras inglezas correspondem ás senhoras francezas que por espirito de humanidade offereceram os seu servicos nas ambulancias, mas tendo ainda a recommendal-as a sciencia e o methodo das enfermeiras profissionaes.

UMA INSTITUIÇÃO PARADA

Lisboa: porto franco

O credito não faltará para o seu desenvolvimento, diz o presidente da Associação Commercial

O presidente da Associação Commercial de Lisboa, sr. Sousa Lara, a quem haviamos solicitado uma palestra, sobre o funccionamento do porto franco, recebeu-nos hoje no seu gabinete de trabalho n'aquella collectividade. Conhecia, assim nol-o affirmou de começo, o que na «Capital» se tem escripto ácerca do nosso entreposto commercial, iniciativa bem digna de melhor sorte. Quasi nada podia accrescentar ás considerações que outros interessados tinham feito. Como os seus predecessores n'este inquerito tem por certo que nunca o porto franco em Lisboa alcançará grande desenvolvimento, sem que o paiz inaugure uma linha de navegação. Póde mesmo accrescentar-se que essa é a medida primordial para o exito d'esse melhoramento. Emquanto os fretes do Brazil para a nossa terra forem mais dispendiosos do que são para mais afastados portos europeus, servidos por navegações nacionaes é inutil pensar em desenvolver as transacções do nosso entreposto.

—Ha quem attribua ainda á falta de credito para as mercadorias em deposito o insuccesso do nosso porto franco. Não sou d'essa opinião. Em Portugal não falta dinheiro e, quando o não houvesse, arranjar-se-hia no estrangeiro. Operações, com mercadorias depositadas na alfandega, realisa-as já o Banco Ultramarino, em grande escala. Essas operações não são feitas unicamente sobre mercadorias coloniaes e até, segundo me consta, productos brazileiros gosaram tambem dos seus beneficios. Se o porto franco attingisse o desenvolvimento que todos nós ambicionamos não teria de luctar com falta de credito. O nosso banco colonial, apesar de distribuir largamente a sua iniciativa, bem podia, com o credito de que dispõe e ainda auxiliado pelo Banco emissor e outras casas bancarias, fazer face, com recursos nacionaes, a dois ou trez milhões de libras, necessarios aos avanços das mercadorias em deposito. Não tenho duvida alguma em fazer esta affirmação, sem mesmo ter ouvido qualquer dos dirigentes d'essas casas de credito, pela razão simples que as «warrants» são sempre operações lucrativas para esses estabelecimentos.

«Pelas razões que acabo de expôr, a falta de credito deve ser excluida do motivo do insuccesso do porto franco. Este não vingou ainda, porque a sua creação, apesár de corresponder a uma legitima aspiração e representar uma medida do mais elevado alcance, surgiu na occasião menos opportuna, isto é, quando o conflicto europeu tornou difficilimo o problema da navegação. N'este momento torna-se improficuo todo o trabalho em solucionar uma questão d'esta natureza. Não se póde pensar em baratear os fretes, quando estamos em risco de não ver chegar ao nosso porto as habituaes mercadorias para consumo, por falta de meios de transportes. Quando as actuaes circumstancias mudarem, e que o destino as modifique o mais breve possivel, será então tempo de metter hombros á empreza, creando uma navegação nacional, em que eu tenho toda a esperança.

Estabelecida a linha de navegação, o exito do porto franco está perfeitamente assegurado. Venceu-se a grande, a maior difficuldade á sua expansão. O resto «ira tout seul», o que não quer dizer que seja tarefa para desprezar, por envolver questão internacional.

—Ainda recentemente, diz o presidente da Associação Commercial, a collectividade que eu represento pretendeu collocar o cacau em França. Esse producto portuguez paga uma sobretaxa quando importado de qualquer dos portos da metropole e deixa de a pagar, quando embarcado na Ilha da Madeira. Procurámos obter do governo francez uma situação identica para os nossos portos e não nos foi concedida, porque tal medida levaria a França a alterar tratados de commercio com outros paizes e a reduzir as suas receitas.

A França e outras nações, evidentemente no proposito de favorecer as respectivas navegações e os seus portos, sobrecarregam com taxas especiaes as mercadorias provenientes de portos intermediarios. E' preciso que os governos da Republica façam todos os esforços para libertarem o porto franco d'esse regimen aduaneiro, que é tambem uma das causas do definhamento do nosso entreposto commercial. Pela lei das compensações, os diplomatas teem sempre maneira de obter estas coisas. O que é preciso é esperar o momento proprio. E parece-me bem que não é agora, entre as dolorosas preoccupações da guerra, que este assumpto póde ser liquidado.»

A obra de saneamento em S. Thomé e Principe

O que pensa o sr. dr. Bruto da Costa do auxilio dos governos

Como opportunamente noticiámos, o sr. dr. Bruto da Costa recebeu por parte do Centro Colonial uma homenagem merecidissima pelos seus notaveis trabalhos realisados, com verdadeiro exito, para a extincção da doença do somno, nas ilhas de S. Thomé e Principe. O illustre homem de sciencia, n'essa campanha ao mesmo tempo humanitaria e patriotica, em que o seu talento e a sua tenacidade mais uma vez se evidenciaram, além da cooperação valiosa e dedicada dos outros membros da missão, foi coadjuvado com interesse não só pelo governo local, mas tambem pelo governo central, pelos agricultores e pela população das ilhas.

Attribuiram-se, no emtanto, ao sr. dr. Bruto da Costa, em relatos publicados da sessão de homenagem com que o honrou o Centro Colonial, phrases que o distincto medico não proferiu, como a de que, se mais não fizera,—isso se devia á falta de auxilio dos governos.

Ora a verdade é que semelhante auxilio não escasseou á missão e que o sr. dr. Bruto da Costa apenas formulou votos por que elle continue, ao tratar-se, como convém, do saneamento completo de S. Thomé e Principe, cujo estado sanitario não será perfeito emquanto se não combater e extinguir o impaludismo. Para que este desappareça, cumpre tomar providencias que não dispensam a collaboração de todos os interessados na prosperidade das ilhas. E o primeiro d'elles ha de ser o governo central. Depois da extincção da mosca tzé-tzé, transmissora da doença do somno, impõe-se a do mosquito, principal vehiculo das febres paludicas e que não se conseguirá emquanto as condições sanitarias se não modificarem por via da realisação de um plano de medidas absolutamente indispensaveis.

O esforço commum empregado para vencer a doença do somno ha de produzir-se, com a mesma energia e a mesma intelligencia, na guerra ao impaludismo. Isso espera confiadamente o sr. dr. Bruto da Costa que nunca disse descrer do efficaz patrocinio do Estado para que tão necessaria obra seja levada a cabo.

José Pontes

O banquete em sua honra

E' no hotel Francfort, da rua de Santa Justa, que no proximo sabbado, pelas 20 horas, se realisa o banquete em honra do dr. José Pontes, promovido por um grupo de amigos e admiradores do distincto propagandista da educação physica. Esse grupo, que é constituido pelos srs. Manuel Egreja, D. José de Noronha, Arthur Santos, Francisco Padinna e Francisco Vieira, tem recebido muitas felicitações pela sua iniciativa que encontrou o mais brilhante ecco entre os nossos homens de «sport» e a adhesão de quantos conhecem os meritos e serviços do dr. José Pontes. Já se inscreveram os srs.:

Antonio Couto, João Bentes, Francisco Rocha, J. Mendes Arnault, Soares d'Almeida, José Netto, dr. José Pitta e Castro, Eduardo Luiz Pinto Bastos, João de Deus Tavares Homem, Carlos Gonçalves, João d'Araujo Moraes, padre Eduardo Ferreira do Amaral, Carlos Ferreira Viegas, Arthur dos Santos, Carlos Fernandes, Victor Rollin Santos, Caetano J. Santos, Joaquim Macedo Britò, José Alvarez, Eduardo Dias.

D. José de Noronha, Antonio Soares Junior, Eduardo de Faria, Carlos Bazilio d'Oliveira, Delphim Guimarães, Raul Nunes, Martins Faria, Walter Alvarez, Pedro Sanches Navarro, Luiz Roubeaud, Arnaldo Gomes.

José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, Accacio Santos, Manuel Egreja, José Joaquim Bastos, Antonio Henrique Oliveira e Silva, José Aprigio Gomes, João dos Santos Mattos, Mario Beirão, Diogo Pina Manique, Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cartaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Sousa, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

"O cigarro do soldado,,

Para o «Cigarro do soldado» recebemos da tabacaria Machado, annexa á «Brazileira» do Rocio, a quantia de $63.

CUIDAR DOS QUE SOFFREM

15.000 feridos de guerra

Seriam, pouco mais ou menos, os que em Portugal podiam ser hospitalisados

Os jornaes inglezes, ultimamente chegados a Lisboa, inserem varias referencias aos preparativos que se teem iniciado em Portugal para o recebimento de feridos de guerra pertencentes ao exercito inglez, vindos dos Dardanellos ou de qualquer outro campo de batalha. Esse facto vem dar de novo actualidade a uma questão em que se falou muito e que, ultimamente, parece ter cahido no esquecimento. Convem, por isso, saber se ainda se pensa ou não em receber no nosso paiz feridos de guerra, se os preparativos para isso continuaram e se o governo portuguez, intervindo no assumpto, mostrou já desejos de cooperar com a iniciativa particular para que as victimas da guerra possam encontrar entre nós o conforto, o carinho, o tratamento e o refugio necessarios para se restabelecerem. O sr. dr. José de Athayde, chefe da repartição do turismo foi quem deu os primeiros passos para a hospitalisação dos feridos inglezes. E' elle, por isso, quem deve estar perfeitamente senhor do que occore. Oiçamol-o:

—Quem primeiro se me dirigiu a tratar d'esta questão, que considero e considerei sempre importantissima—diz o referido funccionario—foi o sr. Rau, subdito inglez, que explora lá para o norte umas minas de ferro. Acceitei a ideia com alvoroço, certo de que, pol-a em pratica, seria contribuir poderosamente para que o nosso paiz se tornasse conhecido em Inglaterra. Como? E' preciso pôr com clareza a minha ideia. Procedi a um largo inquerito em toda a provincia. Dirigi-me aos donos de hoteis, proprietarios de estações thermaes, camaras municipaes, associações particulares, etc. E recolhidas as informações que pedi, apurados os resultados a que se chegou, convenci-me de que, sem o minimo esforço, podiamos albergar em Portugal cerca de 15.000 feridos.

—Que se renovariam, é claro...

—Evidentemente. Quinze mil feridos permanentes, emquanto durasse a guerra, que tudo indica que venha a ser longa e demorada, para mal de nós todos. O clima de Portugal não póde ser mais benefico para quem quer repoisar e fazer sarar feridas. Além d'isso, estamos a dois passos da Inglaterra. Quantos milhares de pessoas—familia e amigos—não arrastariam para aqui aquelles que as vicissitudes da guerra para cá arrastassem? Viagens curtas, gente rica com pessoas queridas tratando-se na terra portugueza, que admira que o numero de visitantes aos soldados temporariamente invalidos fosse crescido? Dessem-lhes commodidades, proporcionasse-se a essa onda de turistas aquelle relativo bem-estar que as pessoas civilisadas não dispensam e ver-se-hia que tinhamos a aproveitar com a hospitalisação que me propuz preparar com os possiveis requisitos de hygiene e de economia. A propaganda seria enorme e benefica. O turismo alcançaria um desenvolvimento, que por outra fórma não seria facil attingir, n'estes tempos em que a guerra quasi fez estancar a corrente de viajantes que passavam a vida a percorrer o mundo.

—E as instalações?

—Mandei já o meu relatorio ao governo sobre o inquerito em que lhe fallei. E n'elle dizia que, sendo necessario dotar certos hoteis e estações thermaes com os meios precisos para hospitalisar os feridos que nos enviassem, competia ao Estado tomar sobre si o encargo de montar as instalações apropriadas que fossem julgadas necessarias. Custaria isso algum dinheiro? Mas sem duvida. Entretanto, creio bem que quantos sacrificios se fizessem encontrariam, nos lucros de toda a ordem que nos adviriam do tratamento dos feridos, uma compensação excellente. A camara de Alcobaça, por exemplo, disse-me que no mosteiro podiam ser recolhidos centenares de enfermos, desde que o dotassem com as indispensaveis camas. Como adquiril-as? Só ao governo compete dizel-o.

—E a manutenção diaria dos feridos?

—Essa, como é natural, tinha de ser feita pelo governo inglez. Eu sei que lá fóra um ferido de guerra custa menos do que cá. A verdade, porém, é que, depois do inquerito a que procedi, averiguei que a media das diarias que os hoteleiros me pediram não ia muito além de escudo e meio. Quer dizer: admittindo que seria esse o preço estabelecido, Portugal receberia por dia, pelos seus 15.000 doentes estrangeiros, 22.500 escudos. Fóra, é claro, o que os visitantes gastariam á sua conta, e que não seria muito menor do que aquella quantia. Porque, sendo o clima em Portugal optimo é de crer que pelo menos as familias dos officiaes que viessem aqui tratar-se não desamparassem os seus doentes.

—E o governo, o que disse no seu relatorio?

—Nada, por ora. Recebeu-o e ainda não me informou de qualquer resolução que a respeito d'elle haja tomado. Estarão as estações diplomaticas tratando do assumpto? Eu sei que o ministerio dos estrangeiros já se occupou devidamente do assumpto. Mas não sei mais nada, como ignoro se o governo inglez pensa da hospitalisação, em Portugal, d'uma boa parte dos feridos da guerra.

Eis o ponto em que se encontra presentemente a questão do tratamento, em Portugal, dos feridos inglezes. Oxalá que os esforços intelligentes realisados para que ella seja qualquer dia um facto sejam coroados de melhor exito, tão certo é, com isso, todos terem a ganhar e muito principalmente os doentes, que na nossa terra viriam encontrar um meio extremamente propicio para se restabelecerem em pouco tempo.

A NAVEGAÇÃO TRANSATLATICA

As carreiras Nova-York-Vigo

não são viaveis—diz o sr. Guerra Maio

O que devemos fazer no momento actual

Sr. Redactor d'«A Capital»—Tendo «A Capital» feito umas justas considerações sobre a projectada linha de vapores de Vigo e Nova York, permitta v., por ese motivo, que eu diga tambem da minha justiça.

Devo declarar primeiro que no meu modesto entender esa noticia alarmante não passa de uma hespanholada, ou, se ella vem da America, não passa de uma das phantasmagorias que de lá nos exportam.

Mas vamos á questão.

Dizem os jornaes que a Camara de Commercio Hespanhola, na America, vae lançar uma carreira de vapores de 22.000 toneladas e de 22 milhas de velocidade, directos de Nova York a Vigo e outros de Nova York e Barcelona, qualquer d'essas carreiras quinzenaes, o que equivale a dizer que é uma carreira semanal entre Nova York e a peninsula. A navegação entre a Europa e a America era feita, antes da guerra, por varias companhias, entre as quaes a Hamburgo America, a White, a Star, a Cunard Line, Norddeutcher Lloyd Bremen, as quatro mais importantes companhias do mundo. N'essas carreiras eram empregados os melhores vapores d'essas companhias.

As viagens eram feitas de Nova York e Boston para Liverpool Havre, Bremen e Hamburgo, e para o Mediterraneo.

Qualquer d'essas carreiras não tocava nos portos hespanhoes e portuguezes; apenas alguns vapores e bem irregulares vinham a Lisboa da Cunard Line. E não tocavam, porquê? Porque tanto os nossos portos como os hespanhoes forçavam os vapores a alterar consideravelmente a sua derrota; e por um motivo mais imperioso, pela exiguidade do movimento da Peninsula Iberica, que não justificava a escala.

Conseguimos a muito custo, e com subsidio do governo que os vapores da linha Fabre aqui viessem, mas a linha Fabre não passa de uma carreira de 3.ª ordem, tanto em velocidade como em tonelagem.

Como com um tão exiguo movimento querem os hespanhoes fazer e sustentar uma carreira com vapores de 22.000 toneladas! Onde vão elles buscar carga e passageiros para uma tão importante carreira?

Para fazerem as viagens semanaes que indicam são precisos 6 vapores, que sendo do aperfeiçoamento que desejam custam o melhor de 18.000 contos, quantia que ninguem decerto arriscará para uma tão problematica carreira.

Pensam os hespanhoes fazer de Vigo um caes de Paris? Impossivel. Vigo fica a 1.694 kilometros de Paris e certamente ninguem deixaria de ir com poucas horas de caminho de ferro tomar o vapor ao Havre ou Dunkerke, para o ir tomar a Vigo e fazer um percurso de 1694 kilometros que não se venceria em menos de 31 a 32 horas, e isto porque nas linhas de Valladolid a Vigo não se poderá nunca fazer comboios rapidos a mais de 40 kilometros á hora.

E os vapores da companhia hespanhola certamente gastariam de Vigo a Nova York mais do que os que fazem a carreira do Havre á America, antes da guerra.

Pretendem elles aproveitar o estado actual das coisas provocado pelo conflicto europeu, para lançar uma carreira. Se assim é, não é má ideia, mas devem varrer do pensamento o sonho de vapores de 22.000 toneladas.

Uma carreira quinzenal com vapores de 5.000 toneladas e a marcha de 14 milhas á hora é já um sério problema para uma empreza que se abalançasse a um tal desideratum.

Mas não queremos ser tão pessimistas que não admittamos a possibilidade de triumpho de uma tal empreza. E' possivel que n'esta occasião pudesse fazer um desvio de passageiros aos vapores de nações belligerantes, e mesmo, passado este estado de coisas, com o movimento commercial da Hespanha com a America e Antilhas se pudesse sustentar a carreira. Mas nunca ella será de forma a affectar o movimento do porto de Lisboa, d'onde em occasiões normaes sahem trez comboios rapidos diarios para o estrangeiro.

Se n'este momento critico, nós tivessemos um pouco mais de ponderação e olhassemos a direito, tinhamos estabelecido uma carreira de vapores para o sul do Brazil, quinzenal, que fosse, e com vapores modestos eguaes aos que andam na carreira de Africa e outra mesmo mensal para Nova York, com escala pelos Açores; mas, triste é dizel-o nós só pensamos em vapores de luxo, e estejam certos os que ainda, como eu, sonham com a navegação para o Brazil, ella só será uma facto quando se puzer de parte essa ideia mirambulesca de vapores de 15.000 toneladas. «Devagar se vae ao longe», diz o rifão, e se quizerem um exemplo, olhem para a Companhia Hollandeza, que começou a carreira com vapores de carga, uns calhambeques que davam 10 milhas á hora e tem hoje magnificos e luxuosos paquetes de 10.000 toneladas.

Agora o problema de navegação para a America do Norte, está em duas coisas: uma d'ellas, a linha directa de Lisboa a Nova York, com vapores de 4 a 5.000 toneladas, tocando em S. Miguel, Terceira e Fayal, e fazer com que os grandes vapores da White e Star Line e outros, toquem em Lagos onde se poderia estabelecer uma estação carvoeira, e um bom hotel; e como dentro em dois annos teremos prompta a linha do Valle do Sado e o ramal de Portimão a Lagos, poderiamos estabelecer um comboio rapido em 7 horas de Lisboa.

Assim teriamos nós uma grande fonte de turismo e talvez vissemos canalisado para ahi algum trafego de passageiros de Hespanha, pois com a conclusão da linha de Ayamonte a Huelva poderá haver um comboio rapido de Madrid Sevilha a Lagos.

Os vapores da White-Star e da Cunard-Line, passando á porta de Lagos, facilmente ali se demorariam algumas

horas, para receber carga e passageiros. Isto é o que se me affigura de mais viavel. Tratemos, pois, com afinco do nosso problema maritimo e deixemos a carreira hespanhola que por certo não passará de uma hespanholada».

Guerra Maio

Instituto Superior Technico

As cadeiras professadas na Escola de Construcção não teem o mesmo desenvolvimento

Em resposta ás considerações d'uma carta de que ha dias démos o resumo, do sr. Conceição Mendonça, ácerca do Instituto Superior Technico, recebemos hoje uma outra do alumno do 4.º anno d'esse Instituto sr. José Pacheco de Castro, em que diz que, ao contrario do que aquele senhor affirma, um alumno com o curso da Escola de construcções, industria e commercio não está bem habilitado a frequentar directamente os cursos especiaes do Instituto Superior Technico. E explica:

«Para se ser admittido na Escola (secundaria) de construcções, industria e commercio, é necessario ou ter o curso completo, de 3 annos, da Escola industrial Rodrigues Sampaio, em que qualquer pessoa com o exame de 2.º grau póde matricular-se, ou ter o 5.º anno dos lyceus.

Com estas habilitações, em quatro annos sahe-se da Escola de construcções, industria e commercio com a carta de conductor.

Por outro lado, para a matricula do 1.º anno dos cursos especiaes do Instituto Superior Technico é obrigatorio: ter-se os 7 annos do lyceu e 2 annos do curso geral do nosso Instituto, isto quando o alumno tenha capacidade intellectual e de trabalho para tal, porque na maioria dos casos ou desistem ou então nem trez, e ás vezes quatro annos, são sufficientes.

Mas não é só pelo lado do tempo que dizemos estar o Direito e a Razão do nosso lado.

Outro argumento fundamental, a par de muitos, vem desfazer quaesquer duvidas. Trata-se simplesmente de comparar o que lá se ensina com o que no nosso Instituto se ministra.

Analisando os programmas das duas escolas, uma secundaria, outra superior, vemos o seguinte:

Emquanto nós temos no Instituto Superior Technico a cadeira de mathematicas geraes, com todo o desenvolvimento requerido, e a cadeira de calculo differencial e integral com todos os capitulos que lhe pertencem, na Escola de construcções reunem tudo e tudo conseguem n'uma só acdeira denominada mathematicas geraes, e trigonometria plana e elementos de calculo infinitesimal!...

E não pára aqui a differença.

Ao passo que nós, os futuros engenheiros, cursamos detalhadamente a cadeira de geometria descriptiva, 1.ª parte, a cadeira de Topographia, na escola de construcções, enfeixam tudo n'outra só cadeira sob o nome generico de geometria descriptiva e topographia.

Isto sem falar na muito conhecida difficuldade que existe em concluir com approvação as cadeiras de mechanica racional, chimica geral, physica, mineralogia, etc., que pertencem ao curso geral do Instituto Superior Technico.

Perante a exposição clara d'estes factos, ousamos perguntar se é possivel equiparar-se a preparação scientifica da Escola de construcções, industria e commercio com a que difficultosamente se consegue no Instituto Superior Technico?...

Cremos bem que não.

Poderão em ultimo recurso dizer-nos que na Escola de construcções além das cadeiras apontadas, cursam muitas outras. Não somos nós que o contestamos.

Porém, de que servem taes cadeiras, todas pertencentes á especialidade, como argumento contrario ao que affirmamos?»

Termina o sr. Pacheco de Castro por dizer que o Instituto Superior Technico, tal como está, é uma escola excellente e que não deve ser-lhe feita a guerra de que está sendo alvo.

Colyseu dos Recreios

Sanz alcança todas as noites um triumpho

Augmenta dia a dia o enthusiasmo do publico pelo sensacional trabalho do prodigioso ventriloquo Sanz, que todas as noites attrahe ao vasto Colyseu milhares de pessoas, avidas de admirarem os seus hilariantes automatos articulados. Sanz é o verdadeiro rei da gargalhada, podendo dizer-se que veiu prehencher a unica unica lacuna que existia na magnifica companhia do circo, organisada e dirigida por Antonio Santos. No espectaculo de hoje despede-se de Lisboa o arrojado domador Marck, que tem causado o assombro de todos os lisboetas com a sua valentia e a sua serenidade. Tomam tambem parte os applaudidos voadores Levy Jenochio e Carlos de Abreu, que hontem fizeram a sua reapparição, sendo alvo das mais carinhosas e enthusiasticas ovações. Como se vê, o programma de hoje é deveras attrahente e sensacional e deve chamar ao Colyseu mais uma colossal enchente.

Officiaes do exercito separados

A proposito da noticia que publicámos hontem sobre os officiaes do exercito separados envia-nos o sr. capitão Alberto Teixeira a seguinte carta:

«Sr. director da «Capital»—Dizendo a Capital, no seu numero de hontem, no artigo referente aos officiaes separados do serviço, que eu já no tempo da Republica tinha exercido o logar de governador da Lunda e não sendo esse facto verdadeiro, pedia a v. a fineza de o rectificar.

Em maio de 1907, estando em serviço na provincia de Moçambique, fui, telegraphicamente, convidado pelo sr. H. de Paiva Couceiro, que tinha succedido a Eduardo Costa no governo geral de Angola, para o cargo de governador da Lunda, vago pelo fallecimento do major Verissimo Sarmento. Tendo acceite o honroso convite, exerci esse cargo até março de 1909, mez em que regressei á metropole por motivo de doença. Em julho d'este mesmo anno, quando tencionava regressar á Lunda, tendo-se exonerado de governador geral o sr. Paiva Couceiro, pedi eu, tambem, a minha exoneração, que me foi concedida em agosto seguinte.

Sem mais e esperando de v. a rectificação pedida, sou—de v. etc.—*Alberto de Almeida Teixeira.*

SPORT

A guerra revivendo antiguidades

SERÁ A «RHOMPAIA»?

Os guerreiros turcos e cossacos usam uma arma de feitio meio punhal meio machado

Alguns jornalistas que teem acompanhado as operações de guerra nos Balkans relatam que alguns guerreiros turcos e cosacos usam uma arma curiosa, terrivel nas mãos d'esses combatentes, em geral recrutados entre os homens mais fortes e herculeos.

Esta informação lembra que os cossacos e os turcos teem especial preferencia pelos seus homens fortes. Os mais celebres luctadores vieram do Oriente e todos elles se orgulhavam de pertencer a regimentos de «élite» entre os cossacos, se eram russos, ou de pertencer á guarda particular dos sultões, se eram turcos.

Mas que arma será aquella que usam agora esses guerreiros, recrutados entre os de mais avantajada estatura phisica? Será tão pesada que apenas a possam manejar braços musculados dos mais valentes athletas? Ora as informações accrescentam que essa arma tem um feitio bisarro, meio de forma de punhal, meio de forma de machado. Os investigadores inclinam-se a que seja a «resurreição» da «Rhompaia», que era utensilio de guerra, ha muitos annos, principalmente nos tempos da edade média, entre os mais aguerridos dos combatentes orientaes.

E o que é a «Rhompaia»? Para o dizer vamos seguir um estudo d'um publicista sportivo, o de mais forte auctoridade entre os homens de sport de todo o mundo, o barão Pierre de Coubertin, reformador dos Jogos Olimpicos modernos.

«No anno mil, entre as tropas mercenarias que estavam ao serviço do imperio grego, figuravam no primeiro plano as que Anna Comnène chamava nas suas memorias os mercenarios porta-machados.

«Eram os Ross (russos) e os Varegues (scandinavos). Recrutados com cuidado, ultrapassavam todos os seus camaradas em força e estatura. Os imperadores escolhiam-os. Bysancio admirava-os e temia-os. Quasi todos os outros corpos mercenarios, Hungaros, Petchenégues, etc., eram cavalleiros. Estes eram infantes.

«Guerreiros d'uma espantosa resistencia equivaliam a uma muralha. Usavam pesados cascos de ferro, e cotas de malha e protegiam-se detraz de enormes escudos de forma alongada. O seu armamento compunha-se principalmente d'uma hacha extranha que se chamava «rhompaia» e da qual os chronistas, muitas vezes falavam com todo o respeito devido a um terrivel engenho de combate». Quem usava a «rhompaia», dizem ainda esses estudos sobre os costumes da antiguidade oriental, eram os mercenarios mais fortes, athletas, gladiadores, luctadores e caçadores, de grande corpolencia e de grande estatura. Cobravam soldo maior. Diz Coubertin: «Recebiam doze e quinze moedas de ouro, sem contar os «rogos», premios de alistamento e outras gratificações».

«A «rhompaia»,—diz Schlunberger na sua linda obra sobre o imperador Nicephòre, bem segura na mão, tinha qualquer coisa de machado de abordagem e de punhal segundo a maneira como ella se manejava. A sua curvatura e a flexibilidade da madeira, deviam augmentar singularmente a força da offensiva e concebe-se que manobrada por braços herculeos, espalhasse o terror na fileira dos adversarios».

Será, uma arma semelhante, áquella de que falam as noticias da guerra actual?

Nota do dia

Intercambio Internacional de Sport

Já se annuncia a primeira visitá de homens de sport portuguezes a terra estrangeiras. O primeiro grupo de foot-ball do Sporting Club de Portugal vae jogar a Hespanha, na ultima semana de dezembro, a convite do Madrid Foot-ball Club. As negociações para esta visita hão de ser ultimadas amanhã em uma reunião no Lumiar, mas como não existem difficuldades, desde já se pode garantir que a visita se effectua. O grupo portuguez joga na capital hespanhola tres desafios contra o Madrid Club, que dias antes receberá a visita do Huelva Foot-ball Club.

Já que falamos d'essa visita aproveitamos a opportunidade para dizer o seguinte. O Club madrileno está em principio de épocha mas já tem o seu calendario «nacional» e «internacional» organisados para toda a temporada. Os nossos clubs não poderiam ter o mesmo feitio organisador?

Algumas anecdotas

Agua?... não pode ser

No ministerio das finanças havia ainda ha poucos annos um velhote herculeo, que ainda gostava de acompanhar, nas pandegas, os rapazes novos. Com 73 annos apresentava a mesma jovialidade, a mesma energia e o mesmo enthusiasmo dos companheiros de 30 annos. A sua resistencia phisica tinha sido educada em muitos annos de boa gymnastica na Carreirinha do Soccorro. Por vezes, o chefe dizia-lhe:

—O sr. C... olhe que essa vida faz-lhe mal...

—Não acredite n'isso. Quando ella acabar é porque estou prestes a ir para a cova.

Passaram-se tempos. Um dia o sr. C. faltou. Na repartição o caso causou extranheza porque era um empregado exemplar. O chefe mandou indagar e o continuo voltou dizendo:

—Está doente.

—Com que?

—Diz o medico que tem agua nos joelhos...

—Não pode ser. Agua nos joelhos? Então julgam que me intrujam...

—E' que..., balbuciou um companheiro.

—Não é nada... Pode lá ser?! Se fosse vinho acreditava, agora agua...

E não lhe abonou a falta.

Noticias

Entre nós

Lisboa Foot-Ball Club

O presidente da meza da assembleia geral d'este club convocou a mesma para amanhã, 10, na calçada do Sacramento, 14, 3.º, ás 21 horas.

Foot-ball na Amadora

Começaram os arranjos no novo campo de «foot-ball» que os Recreios Desportivos da Amadora alugaram para ceder a dois grupos do «association» que se formaram na localidade. Os treinos vão ser dirigidos por um «trainer» e mal os grupos tenham o campo bem acondicionado deve requerer-se a filiação na Associação de Lisboa.

O Escoteiro

E' este o titulo d'um pequenino jornal, orgão da Associação dos Escoteiros de Portugal. Está bem redigido; expõe bellas doutrinas como são as que regem o escotismo, sem duvida uma das bellas escolas de educação que existem. Encerra tambem esclarecimentos uteis para aquelles que desejem praticar o escotismo. E' um jornal interessante e que se deve ler.

Gymnastica sueca

O mestre de gymnastica Arthur dos Santos foi convidado para dirigir uma classe nos «Desportos de Bemfica». Essa classe, que vae abrir em breve, prestará sem duvida grandes beneficios á numerosa população da localidade, tanto mais que o prestigio do nome do professor é de molde a attrahir grande numero de alumnos á inscripção respectiva, que já se encontra aberta na séde d'aquella aggremiação, Avenida Gomes Pereira.

No regimento de infantaria 2

Foi eleita hontem a nova commissão sportiva d'este regimento, que ficou assim constituida: Commissão: presidente, Jacintho Maria Rodrigues; secretario, José Joaquim Crugeira de Carvalho; thesoureiro, Hermenegildo da Assumpção Meyrelles; capitão, Julio Ribeiro da Costa; vogal, Alfredo da Silva Nazario.

Gymnastica sueca nas Escolas de S. Nicolau

Na *marquise* do lado da rua da Prata estão-se collocando os novos apparelhos para ser desenvolvida a gymnastica feita pelas creanças de ambos os sexos que fazem parte das escolas de S. Nicolau, sendo os trabalhos dirigidos pelo digno professor sr. Alberto Cosmelli, que tem sido incansavel com toda aquella petizada.

Aos ensaios, que se teem feito á noite, teem assistido os srs. Francisco Isidoro Nunes, Augusto Anselmo e Arthur Moreira de Oliveira, mesarios da irmandade de S. Nicolau e iniciadores da aula de gymnastica, que é sem duvida um dos ramos de educação physica que mais contribue para a robustez das creanças.

Sociedade de Geographia de Lisboa

O seu 40.º anniversario

Passa amanhã mais um anniversario da Sociedade de Geographia de Lisboa, que completa 40 annos de existencia.

Foi no dia 10 de novembro de 1875 que a commissão instaladora, composta dos srs. Rodrigo Affonso Pequito, dr. Candido de Figueiredo, Emiliano Bettencourt e João Candido Moraes, tendo á sua frente o incançavel e saudoso iniciador Luciano Baptista Cordeiro, e dos quaes, hoje, só existem os dois primeiros, fez entrega, no governo civil de Lisboa, dos estatutos d'aquelle benemerita aggremiação, que tem sido a alma do contemporaneo movimento africanista em Portugal, instituição dia a dia mais florescente e a mais conhecida e considerada de quantas se teem organisado entre nós.

A sua primeira sessão preparatoria realisou-se no dia 3 d'abril de 1876, n'uma das salas da Sociedade de Sciencias Medicas, com séde no antigo pateo do Duque de Cadaval.

Descrever o que foi a obra do seu illustre secretario perpetuo e dos seus cooperadores, quaes os serviços que tem prestado ao paiz e á Patria portugueza e ainda os feitos d'armas em terras africanas pelos heroicos e denodados portuguezes, seria ver relembrar um saudoso passado aos poucos que ainda existem e que a teem visto prosperar, graças aos que a dirigem, os quaes teem sabido honrar a memoria de Luciano Cordeiro, taes como os srs. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcellos, hoje secretario perpetuo, dr. Francisco da Silva Telles, Vicente Almeida d'Eça, etc.

Solemnisando a faustosa data, e a exemplo do que se tem feito nos annos anteriores, o edificio da Sociedade de Geographia de Lisboa, embandeirará e illuminará á noite a sua fachada, estando patente ao publico, das 10 ás 16 horas.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 do julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

MUSICA

Os Trios de Beethoven

Como já noticiámos, realisa-se no dia 18 pelas vinte e uma e meia horas, a primeira audição dos «Trios de Beethoven», que Rey Colaço, Julio Cardona e João Passos tomaram a peito executar integralmente.

Ouviremos o «Trio em mi bemol (Op. 1, n.º 1)» e o «Trio em sol (Op. 1, n.º 2), duas jóias do mais alto valor.

Escusado é frisar o alcance divulgador d'este genero de audições, que sabemos muito ao sabor de Rey Colaço e dos artistas que o coadjuvam: contonas de vezes o teem affirmado os illustres concertistas, ora em esforços diversos, ora com o caracter definitivo da ultima execução integral das sonatas do grande mestre, o anno passado levada a cabo por Rey Colaço e Cardona, e o da que, ao presente se annuncia. Enthusiastas da «Musica de camara» cuja propaganda se vem impondo, agora que o nosso grande publico tomou gosto pelas execuções orchestraes, são dignos de louvor os artistas que tão bem comprehendem esta necessidade.

A audição da noite de dezoito abre com «algumas palavras» de Ruy Coelho, que apresentará um estudo sobre «As formas intimas da musica».

A guerra submarina

Paris, 6 de novembro

As informações dia a dia fornecidas pelos telegrammas são insufficientes para se poder fazer ideia da actividade da guerra submarina, por incompletas e inexactas na ordem chronologica; o mesmo succede com respeito ás cifras semanalmente publicadas pelo almirantado britannico, pois que apenas se referem aos navios inglezes de mais de 300 toneladas.

Só as estatisticas publicadas pelo «Lloyd» ou pelo «Veritas» permittem avaliar o augmento ou diminuição de actividade nas operações dos submarinos allemães. Uma estatistica do «Veritas» referente a julho ultimo accusa uma importante diminuição de actividade comparada com a do mez anterior.

Em junho, que apenas conta trinta dias, os submarinos allemães metteram no fundo 69 vapores e 25 navios de vela, com uma arqueação total de 108.088 toneladas, ao passo que durante os trinta e um dias de julho metteram no fundo só 98.515 toneladas, isto é, quasi 10 0/0 menos. O numero de navios é que augmentou trez unidades, subindo a 97, o que se explica por terem os allemães torpedeado quantos barcos viam no intuito de cobrir com o numero a qualidade. Dos 42 vapores inglezes destruidos em julho, 27 eram de menos de 300 toneladas, figurando entre elles o «Elisabeth», de 35 toneladas; «J. M.» e «S.», de 33; «Monadaa», de 37; «Ugiebrum», de 34; a tonelagem dos barcos de vela era ainda mais pequena.

O numero total dos vapores afundados pelos submarinos allemães eleva-se a 61, com a arqueação de 85.319 toneladas; escusado será dizer que é a marinha mercante ingleza que supporta a maior parte das perdas, indo estas além de metade da tonelagem total: 42 vapores, com 48.663 toneladas; seguem-se-lhe a Russia com 6 vapores, 11.856 toneladas; a França com 2 vapores, 3.427 toneladas; e a Belgica, 2 vapores, e 3.427 toneladas. Os submarinos allemães não visam sómente os belligerantes; dos neutros, perderam: a Noruega 5 vapores com 11.418 toneladas; a Dinamarca 1, com 214 toneladas, e os Estados-Unidos 1, o «Leclanara» que tanto deu que falar, com 1.924 toneladas.

Em navios de vela continúa a Inglaterra na cabeça do rol, tendo perdido 20 navios com um total de 1.567 toneladas; seguem-se-lhe a Russia com 2 navios e 2.445 toneladas, e a Italia com 1 e 2.000 toneladas. Mas como classificar este navio? Entre os belligerantes? A Italia não declarou guerra á Allemanha. Entre os neutraes? A Italia faz parte da «Quadrupla Entente».

Os veleiros neutraes foram os que mais soffreram; a Noruega perdeu 6 navios, com 5.666 toneladas; a Suecia perdeu 3, com 1.081 toneladas; e a Dinamarca 4, com 437 toneladas. Dos neutraes o que mais tem perdido é a Noruega: 11 navios, com 17.084 toneladas, vindo logo a seguir á Inglaterra, com perdas eguaes a um terço das do inimigo mais visado pela Allemanha.

Dois outros navios foram afundados por submarinos: um vapor turco, de 784 toneladas e um vapor allemão, de 1.642 toneladas, mas estes foram torpedeados pelos alliados.

As minas submarinas tambem teem feito a sua obra; quatro navios foram afundados por motivo de explosão: 1 vapor inglez de 148 toneladas; 1 vapor belga de 1.810 toneladas; 1 vapor norueguez, de 2.013 toneladas, e 1 navio de vela sueco, de 449 toneladas.

(«Do Temps»)

INTERESSES DE CLASSE

Empregados da colonia penal agricola de Cintra

Dirigiu-se-nos um empregado da colonia penal de Cintra, pedindo-nos, em nome dos seus collegas, para chamarmos a attenção do sr. ministro da justiça para o seguinte:

Durante o tempo em que a colonia estava sendo preparada a funccionar e não havia, portanto, cosinha montada, os empregados tiveram de sustentar-se á sua custa, o que, para os pequenos ordenados que auferem, representa um desiquilibrio grande. Dirigiram, por tal motivo, uma representação ao sr. ministro da justiça pedindo para serem compensados. Essa representação foi favoravelmente informada pelo director da colonia, sr. Tude de Sousa, mas até hoje não obteve deferimento.

Pedem, por isso, ao sr. ministro da justiça que o mais breve possivel sejam attendidos, como se lhes afigura rasoavel.

ULTIMA HORA

A grande guerra

Violentos bombardeamentos na frente occidental

PARIS, 9.—A fuzilaria continúa de um e outro lado na região de Loos. Mais para o sul houve combates de patrulhas, nos quaes obtivemos vantagem.

Houve tambem violentos bombardeamentos por parte do inimigo no sector de Reuvraignes, em Champagne, e na região de Trapeze, aos quaes a nossa artilharia respondeu em toda a parte com grande energia. Nas restantes linhas a noite decorreu tranquilla.—(*Havas*)

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 8.—No vale de Daone puzemos em fuga os destacamentos inimigos. No alto Cordevole, por meio d'um furioso ataque, tomámos as posições inimigas de Coldilana, arvorámos a bandeira no cume, a 2464 metros de altitude, fizemos uns cem prisioneiros e tomámos uma metralhadora e grande quantidade de munições e material.

No Isonzo a irrupção ousada da nossa infantaria fez com que fizessemos alguns prisioneiros e tomássemos ao inimigo dois pequenos canhões, uma metralhadora, lança-bombas e muitas munições.—(*Havas*).

Mais uma cidade da Servia occupada

AMSTERDAM, 8.—Um telegramma de Berlim annuncia a occupação de Krushevatz.—(*Havas*).

Os ataques austriacos repellidos

CETTIGNE, 7.—A offensiva austriaca continua na linha de Herzegovina e sobre o Drina, tendo sido repellidos todos os ataques inimigos.—(*Havas*).

Insubordinação a bordo

O sr. Lucio Heitor, adjuncto da policia do porto, telephonou ás 19 horas para o governo civil pedindo a comparencia do piquete de serviço na Alfandega, visto ter-se dado uma insubordinação a bordo de um navio surto no Tejo.

O governador civil de Ponta Delgada

intitulou-se procurador d'um dos candidatos nas recentes eleições d'aquelle districto

Foi-nos enviado um jornal de Ponta Delgada, intitulado «Diario dos Açores», no qual se encontram dois curiosos documentos assignados pelo governador civil d'aquelle districto. O primeiro é um aviso aos eleitores dizendo que «pelo directorio do partido republicano portuguez *só foi* sanccionada a candidatura a senador do illustre cidadão D. Luiz da Camara Leme», etc. No segundo documento, a mesma auctoridade, intitulando-se «procurador de D. Luiz da Camara Leme», protesta contra «a falsa e insidiosa mentira que se pretende fazer correr de que o seu constituinte, ao sahir d'esta ilha, levou uma lista de funccionarios adversos ao regimen a fim de contra elles se exercerem quaesquer perseguições».

Evidentemente, o sr. governador civil de Ponta Delgada não tem a noção exacta do que sejam as responsabilidades do cargo que exerce. Representante de um governo que não é partidario, estando a gerir a pasta do interior um ministro que ainda não manifestou preferencias por qualquer dos agrupamentos politicos da Republica, aquella auctoridade não hesita publicar na imprensa um aviso que podia ser tomado como uma indicação clara para que os eleitores votassem em determinado candidato. N'estas condições, o candidato vencido nas urnas tem o direito de affirmar que a sua derrota foi motivada pelas preferencias partidarias do governador civil. O segundo documento merece identicos commentarios. Como é que aquella auctoridade póde intitular-se «procurador» d'um candidato na ante-vespera do acto eleitoral?

Para estes factos chamamos a attenção do sr. ministro do interior, certo de que o sr. dr. Ferreira da Silva não deixará de tomar as providencias immediatas que o caso requer.

Accresce ainda que, por informações de outra origem, sabemos que em Ponta Delgada se affirma que o governador civil, logo que tomou posse, se apressou a enviar um telegramma ao sr. ministro do interior dizendo-lhe que não tinha tempo de montar convenientemente a machina eleitoral para garantir a victoria do sr. D. Luiz da Camara Leme e pedindo por isso o adiamento das eleições. Se este facto é verdadeiro, como se comprehende que elle continuasse á frente do districto, depois de ter manifestado uma tão accentuada parcialidade politica?

O sr. dr. Ferreira da Silva, que tem procurado gerir a sua pasta sem se deixar influenciar por pressões de caracter partidario, só tem um caminho a seguir: exonerar o funccionario que não corresponde á sua orientação nem, certamente, ás suas indicações.

Os desastres no trabalho

Dois pedreiros cahem da altura d'um 3.º andar

N'um predio em construcção na rua Eiffel, de que é mestre Manuel Catharino, encontravam-se hoje sobre um andaime á altura do 3.º andar, rebocando a parede, os pedreiros Joaquim Antonio dos Santos, de 53 annos, morador na rua do Sol ao Rato, 153, e Manuel Brito, de 22 annos, morador na Villa Catharina, 5, quando uma trave se partiu vindo os dois homens cahir no solo. Conduzidos no automovel de prompto soccorro dos Bombeiros Municipaes ao hospital de S. José, o primeiro ficou na enfermaria 5 com duas costellas partidas, e o segundo foi para casa depois de pensado.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministro reune pelas 21 horas, no ministerio da marinha.

—A entrega do commando do cruzador *Adamastor* realisa-se amanhã, pelas 14 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

Entre o administtador do concelho e a camara municipal de Arruda dos Vinhos levantou-se ha dias incompatibilidade, chegando a não trocar-se correspondencia official. O chefe do districto, tendo conhecimento do caso, mandou officiar á camara municipal estranhando o facto. Os representantes da camara estiveram hoje com o sr. Mariano Martins e apoz uma longa conferencia o caso ficou liquidado.

—Deram hoje entrada no hospital de S. José: na enfermaria 1, Antonio Alves Barata, que deu uma queda no largo do Regedor, e Domingos Miguel, carreiro, natural de Loures, que foi atropellado na Ameixoeira pelo carro que guiava, ambos contusos pelo corpo; na enfermaria 4, Pedro Santos, morador na calçada do Forno do Tijollo, colhido por uma chapa de zinco que lhe fracturou o braço esquerdo; na enfermaria 14, Anna Costa, moradora na Avenida 5 de Outubro, n.º 79, que tentou suicidar-se com sublimado, e na enfermaria 8, João F. Sequeira, de Loures, aggredido ali com uma pedrada no olho direito.

—Para juizo foi hoje enviado o contrabandista Custodio Augusto do Amaral, residente em Faro, accusado de ser um dos auctores do furto praticado no armazem da firma Moura & C.ª, na rua do Arco do Bandeira, 160, 1.º, d'onde levaram fazendas no valor de 450 escudos. Como coniventes no furto estão detidos José Rodrigues Abalhe e Silvestre Dias, aos quaes foram encontradas ferramentas que a policia apurou terem sido as que serviram para praticar o arrombamento. Entretanto a policia continúa nas suas diligencias.

Reclamações operarias

No gabinete do sr. governador civil estiveram hoje dois directores da Nova Companhia Nacional de Moagens os quaes declararam que a companhia não pode dar os 4 centavos que os operarios reclamam para melhoria de alimentação, mas que de futuro esta seria melhorada. Sobre o pedido feito para serem nomeados delegados para fiscalisarem a comida fornecida nas padarias nada ficou ainda assente, visto aquelles senhores terem declarado que só toda a direcção poderia tratar do assumpto.

Officiaes de navio afogados

Navegando para o sul passou esta manhã á vista de Sagres o vapor *Stella*, da praça de Esbyerg, que participou para o semaphoro que dois officiaes do navio haviam ido pela borda fóra, afogando-se.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

DE REGRESSO

Regressaram: a Lisboa com suas familias os srs. conde de Tarouca, Alvaro Ferreira Roquete, viscondessa de Andaluz, dr. Eduardo Burnay, Alberto Miranda Pombo, Ayres Pinheiro de Mascarenhas Valdez; ao Porto, os srs. Jorge de Menezes e Diogo de S. Romão; a Braga, o sr. dr. Gustavo Brandão.

BRUNO

Teem-se accentuado as melhoras do illustre conservador da Bibliotheca do Porto, sr. José de Sampaio (Bruno), que no sabbado soffreu uma operação.

O estado do enfermo é relativamente bom, o coração está a normalisar e os rins funccionam bem. No entanto, os medicos assistentes teem aconselhado repouso absoluto, impedindo que o illustre enfermo receba visitas.

MOVIMENTO MARITIMO

NANTES, 7.—Chegou o paquete «Insulano», da Empreza Insulana de Navegação.

PONTA DELGADA, 8.—O paquete «Funchal» chegou ás 13 horas.

BUENOS AYRES, 8.—Chegou de Lisboa e escalas o paquete «Frisia», da Mala Real Hollandeza.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Marianna Izabel de Brito Feela, cujo funeral se realisa amanhã, ás 12 horas, da rua de Infantaria 16, 11, para o cemiterio dos Prazeres. A extincta, senhora de elevadas qualidades de caracter, era tia do nosso prezado amigo e distincto clinico sr. dr. Assis Brito, a quem, assim como á restante familia enlutada enviamos sentidos pezames.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Musicos Portuguezes

Para apreciar o regulamento da caixa auxiliar, que vae ser submettido á approvação do governo, reune a assembleia geral no dia 12, ás 14 e meia horas.

Soc. Mutuos Fraternidade Peninsular

Reune ámanhã, ás 20 horas, a assembleia geral, para resolver sobre o pedido de uma associação congenere para se fazer a fusão e para continuação dos trabalhos para a reforma dos estatutos.

Liga Republicana das Mulheres Portuguezas

Na sua reunião de hontem, além de outros assumptos de que tratou, resolveu convidar todas as suas socias a quotisarem-se a fim de contribuirem para a subscripção aberta pelo jornal *O Mundo* e destinada ao mauzoleu que ha de encerrar os restos de França Borges.

Todas as senhoras que pretenderem corresponder a este appelo, podem inscrever desde já os seus nomes e registar a importancia com que contribuem, na rua do Machadinho, n.º 20 ou na rua do Arco do Limoeiro, 17, 3.º, ou ainda no largo da Escola do Exercito, 88.

Resenceamento militar

Em cumprimento do disposto no artigo 37.º do regulamento militar de 23 de agosto de 1911, são convidados todos os mancebos residentes actualmente na parochia civil Marquez de Pombal que completem 16 a 19 annos, no corrente anno, a inscreverem-se na séde da Junta, ás 2.as, 4.as e 6.as feiras ás 9 horas, até 30 do corrente.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 13/16	33 11/16
Londres, 90 d/v.	34 1/4	—
Paris, cheque	$76,5	$77
Allemanha, cheque	$30	$31
Hollanda, cheque	$63,5	$64
Madrid, cheque	1$41,5	1$42,5
New York	1$52	1$53
Rio s/Londres	12 5/16	—
Libras	7$22	7$28
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	—	39,65
» » 500$	39,70	—
» » 100$	—	39,75

Externas: 1.ª serie 75$30 e 3.ª 76$.

Acções: Banco de Portugal 180$; Ultramarino, assent. 115$; Assucar 40$35.

Obrigações: Municipaes 5 0/0 84$80; Norte e Leste, 2.º grau, 37$10; Assucar 4$.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Congresso nacional das associações commerciaes e industriaes»

Em volume profusamente illustrado, publicou a Associação Commercial de Lisboa o relatorio geral do 1.º Congresso nacional das associações commerciaes e industriaes realisado em Lisboa e á que na occasião nos referimos largamente, acompanhando os seus trabalhos. Util e necessario era, porem, que a obra produzida pelo congresso ficasse archivada; bem andou por isso a Associação Commercial em lançar a publico o presente volume.

Bébé

Bébé, quando o conheci, tinha dez annos incompletos, vivia sob os cuidados maternos e era filho unico.

Um dia o pae lembrou-se de o mandar para o internato. Bébé não oppoz relutancia. Mas no fim do primeiro anno os doutores aconselharam uma viagem ao pequeno.

Andaram com elle pela Suissa, levaram-no á Italia, trouxeram-no para a beira-mar. Mas Bébé não melhorou.

E d'uma vez a mãe (já dois annos tam passados) mostrou-me um caderno.

A primeira folha dizia:

«A mamã—oh a mamã!—é linda elegante, distincta!

E' a pessoa de quem mais gosto no mundo. Um dia inteiro longe de ella seria a minha maior tristeza».

Não tive animo para olhar a infeliz senhora. Continuei folheando. E li estas paginas:

«Hoje foi o dia das despedidas. A'manhã partimos para o Monte.

A prima Genoveva prometteu vir passar oito dias na nossa companhia. A tia Adelaide vem comnosco. Agora a Dona Rosalina fica em Lisboa.

Esta senhora Dona Rosalina é esposa do senhor Januario, um sujeito de barbas brancas que é correspondente do papá no Rio de Janeiro. Deve ter a edade da mamã:—trinta e um, trinta e dois... E' loira, pequenina, olhos azues, carinha muito fresca e alegre. Tem a modos uma grande sympathia cá pelo rapaz. Quando me encontra ferra-me sempre dois beijinhos. E eu gosto d'ella a valer.

Disse ainda agora que tinhamos ido fazer as nossas visitas, mas não está bem assim. A mamã alterou o que tinha pensado em casa. A primeira pessoa onde fômos foi á minha tia Adelaide, depois á prima Genoveva, que veiu com a gente no trem, depois á Dona Rosalina, e depois a mamã com a prima Genoveva é que foram as duas á modista.

O caso foi assim:

A mamã perguntou:

—Olhe lá, Bébé! Em vez de vir aborrecer-se para casa da modista prefere ficar na companhia da Senhora Dona Rosalina, se a senhora Dona Rosalina não se molestar com a sua companhia?

E como ella, antes que eu respondesse, dissesse com muita cortezia e meiguice:

—Molestar?! Não é verdade Bébé-sinho que prefere a minha casa á da modista embora fique privado da companhia da sua mamãsinha e da sua priminha?

E eu declarasse immediatamente:

—Ora essa minha senhora?!

Não admira nada que o contentamento fôsse geral.

Dona Rosalina teve para mim attenções muito captivantes.

A' hora do lanche apresentou a meza posta com tudo quanto se póde imaginar de mais appetite e bom gosto.

Sentou-se ao meu lado, comemos no mesmo prato, bebemos pelo mesmo copo, encheu-me as algibeiras de «marrons glacés», emfim, foi uma festa!

Depois fômos para o seu gabinete Luiz XV. Sentámo-nos n'um sophá, ao cantinho, resguardados pelo biombo. Perguntou-me coisas á respeito dos meus estudos. Falámos em francez. Dei algumas raias. Tambem não admira, ella fala bem como todos os diabos!

Perguntou-me depois se eu gostava de piano. Disse-lhe que apreciava muito quando era bem tocado.

—Bravo seu exigente! Vamos vêr se consigo o seu applauso.

Levantou-se que nem uma penna. E d'esta vez é que pude bem apreciar toda a sua elegancia. Só conheço outra egual:—a mamã.

Sentou-se ao banquinho, correu o teclado, levantou a cabecinha loira e perguntou a rir muito:

—Que tal?

Eu sabia lá! Não tinha tocado nada!...

Mas sempre lhe fui dizendo:

—Parece-me que sabe tocar que nem Santa Cecilia!

Sahiu-me esta coisa assim de repente e parece-me que não foi asneira.

—Então sente-se aqui ao meu lado.

Sentei-me.

—Mais pertinho.

Prompto, mais pertinho.

—Ainda mais.

Não podia mais.

—E agora oiça.

Oiça! Sei lá o que ouvi! Tocava com um sentimento tão extraordinario que eu nem mesmo quasi respirava!

Quando acabou desatei a dar-lhe tantas palmas que até fiquei com as mãos a arder!

—E ella beijou-me muito, apertou-me muito, apertou-me tanto que os marrons glacés esborracharam-se todos!

—Quer mais? Diga, diga, seja o que fôr.

—Seja o que fôr?!

E ella, toda perdidinha de riso:

—Sim, sim, seja o que fôr.

E eu então disse:

—A maxixe!

Quiz emendar. Era tarde.

Dona Rosalina muito contente até cantava a maxixe!

Quando acabou agarrou-se a mim, beijou-me, levou-me ao collo para o sophá.

As molas fizeram barulho. Capazes de se partirem!... E ella tão satisfeita!

—Agora vou mostrar-lhe...

Dirigiu-se á estante.

—Um livro que vou ter o immenso prazer de lhe offerecer.

Escreveu no frontispicio:

—Para o Bébé. «Souvenir» de uma tarde bem passada.

E assignou.

E' francez. Chama-se «Le lys dans la vallée» e tem estampas.

Fui para o sophá para vêr. Sentou-me no seu collo. Passou o braço direito pelo meu pescoço. Os cabellos loiros d'ella faziam-me cocegas na cara. A sua pelle tão macia roçava tantas vezes pela minha!

Ia-me explicando as estampas.

Faltavam muitas para explicar quando a mamã veiu de volta.

E eu disse para commigo:

—Que pena!»

Olhei a triste senhora. Duas lagrimas nos olhos seus tremiam mal seguras. Estendi-lhe o caderno. Nada dissemos. E as lagrimas foram bebidas.

Eduardo Perez

PEQUENAS NOTICIAS

José Maria Fernandes, morador na travessa da Paz, 9, loja, queixou-se de que os gatunos lhe subtrahiram d'um deposito que possue na rua das Janellas Verdes diversas peças de roupa no valor de 68$74.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21—Amor de perdição.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).

GIMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.

MODERNO—A's 20 e 22—A filha da Annica—Artistas de verão.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

SEXTA-FEIRA—*Moderno*—1.ª representação da opereta *As Noviças*, em 3 actos, de F. Schwalbach, musica do Alfredo Mantua.

Ao correr da pena

Para cortar o vôo a especulações que se estão fazendo com as considerações expressas nas chronicas de domingo e segunda feira, devo declarar que o meu velho amigo e camarada Augusto Pina estava absolutamente fóra d'ellas quando as escrevi. A excepção em seu favor era tão absolutamente justa que nem me lembrou mencional-a. Toda a gente sabe que a sua educação artistica, começada no estrangeiro e continuada pelo grande scenographo Manini, a sua cultura intellectual, as suas repetidas viagens aos grandes meios, o collocam n'uma plana absolutamente á parte entre os collaboradores uteis do theatro. Convivendo por direito proprio e de conquista com os maiores e melhores dos ultimos tempos do theatro portuguez, elle é sempre o primeiro a procurar integrar o seu trabalho no do escriptor com quem é chamado a collaborar. Se a sua obra, não isenta de defeitos como toda a obra humana, não tem sempre o mesmo brilho, isso é principalmente devido ao meio restricto em que vivemos; mas Augusto Pina põe sempre n'ella, quando as circumstancias o permittem e o caso o interessa, um esforço em absoluto aproveitavel.

Estas palavras poderiam ser rubricadas por todos os auctores, que com elle teem trabalhado, caso isso fosse necessario, sentindo eu apenas que tenha sido forçado a escreve-las para, como disse, cortar o vôo a especulações de que elle, a sangue frio, deve ser o primeiro a rir-se e cuja intenção lhe não será difficil decifrar.

Cyrano

Noticias

Entre nós

No theatro Moderno faz-se amanhã *reprise* da opereta *Artistas de verão* completando o espectaculo a opereta *A filha da Annica*. Na sexta feira é a primeira representação da opereta em 3 actos de F. Schwalbach *As noviças*, musica de Alfredo Mantua, que é posta em scena com todo o brilhantismo.

Eduardo Schwalbach está trabalhando na sua peça com que deve inaugurar-se a serie dos originaes portuguezes do Theatro Republica. Consta que o primeiro papel masculino se destina ao actor Augusto Rosa.

Um Serão nas Laranjeiras de Julio Dantas será representado na epocha no Nacional, sendo restabelecido o texto primitivo que, como se sabe, soffreu em tempos varios cortes indicados pela censura.

A revista *Dominó* será brevemente ampliada com numeros novos, estreando-se a actriz Philomena Lima e sendo reformada a marcha final em que entrarão sómente mulheres.

Circos & Music-halls

No theatro Salão dos Anjos sobe amanhã á scena a revista de Arthur Arriegas, *Fóra e Dentro!* que tem os seguintes quadros: 1.º, *Elle é barro!* 2.º, *Foi um ar!* 3.º, *Não é nada... é isto tudo*; 4.º, *Causticos e sinapismos*; 5.º *Intendente & C.ª*; 6.º, *Frenet a frente*; 7.º, *Um grande tiro* (apotheose). A musica é do maestro Raul Portela, e o scenario, completamente novo, de Eduardo Reis, filho.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Um rapto frustrado

A prisão de duas proxenetas

Na casa de modas da firma Ribeiro & Silva, da rua Augusta, anda como costureira uma menina de 14 annos, muito formosa, Ilda Linhares da Conceição, filha do sr. José Vieira da Conceição, empregado publico, e de sua esposa a sr.ª D. Adelaide das Dôres Linhares da Conceição, moradores na rua Castello Branco Saraiva, lettras M. M. L.

A pequena Ilda vinha sósinha para o «atelier» e voltava para casa tambem desacompanhada. Ha dias, quando sahia do trabalho, sahiram-lhe ao encontro duas mulheres regularmente vestidas, que com ella travaram conversa e a induziram a fugir de casa para ir viver com um homem que diziam muito rico e que trataram de lhe apresentar. Assustada, a Ilda fugiu e ao chegar a casa contou o que se passára aos paes, declarando que não voltava ao «atelier» sósinha. O pae disse-lhe, porém, que podia fazel-o, pois que elle a vigiaria de perto e que nada de mau lhe succederia.

As duas mulheres, ante-hontem, appareceram e disseram á Ilda que hontem, ás 21 horas, estariam na Charca, junto do quartel de engenharia, com um automovel, em que ella tomaria logar, tentando convencel-a de que tal passo era a sua felicidade, para que ellas trabalhavam desinteressadamente.

O sr. Conceição, ao saber de sua filha o que se passava, combinou com alguns amigos acompanharem-no e hontem, á hora marcada, lá estavam no sitio aprazado. Poucos minutos antes das 21 horas, appareceu effectivamente um automovel com as duas mulheres e dois homens, apeando-se todos, a fim de esperarem a pequena Ilda, que appareceu d'ahi a momentos. Ao encaminharem-se para ella, as duas mulheres foram immediatamente agarradas por alguns amigos do sr. Conceição, tendo os dois homens que as acompanhavam tempo de se metterem no automovel e fugir, embora ainda tivessem sido mimoseados com algumas bengaladas.

Entretanto as duas proxenetas eram conduzidas para a proxima esquadra, onde declararam-se chamar-se Herminia de Oliveira e Judith Sant'Anna, moradoras na rua do Crucifixo, 7, 3.º

Interrogadas, confessaram que trabalhavam por conta de um tal Alfredo e que elle as encarregara de rapiar a Ilda. Hoje de manhã vieram para o governo civil, procurando a policia descobrir aquelle por conta de quem ellas trabalhavam.

zes de guerra foi substituido. Toda a machina se moveu por si mesma.

Foram poucas as mudanças ministeriaes e administrativas. Dentro em pouco era nomeado um novo ministro imperial das finanças. Todos os outros ministros ficaram nas suas pastas. Delbrück, como ministro imperial do interior, era responsavel pela fiscalisação do abastecimento de viveres e em geral da reorganisação industrial. Havenstein continuou a exercer as suas importantes funcções como director do Banco Imperial.

De quando em quando questões de alta politica traziam conflictos pessoaes—em especial, como resultado da disputa com os Estados Unidos ácerca da «pirataria» submarina, a reviviscencia do velho feudo entre o grande almirante von Tirpitz, secretario de Estado da armada imperial, e o chanceller imperial.

Mas sobretudo havia menos attritos do que em tempo de paz e entre os funccionarios mediocres havia por vezes accentuadas tendencias de ambição pessoal ou de pruridos de predominio.

A mais frizante e importante prova d'este estado de coisas era a mudança na situação do imperador. A verdade completa acerca da responsabilidade directa e pessoal em precipitar a guerra é ainda desconhecida, mas é indiscutivel que elle dirigiu a acção allemã nos ultimos dias da crise. Quando rebentou a guerra, representou o seu papel com grande precaução e habilidade.

A 17 d'agosto sahiu de Berlim para a fronte occidental e foi para o Luxemburgo, onde o acompanharam muitos membros do ministerio e um enorme sequito. De quando em quando dirigia mensagens ás tropas ou ao seu povo. Esperou pela phase mais importante da primeira batalha de Ypres em outubro e fez uma espectaculosa apparição no campo de batalha. Mas o não ter conseguido entrar em Paris, nem mesmo em Varsovia, como tanto se havia annunciado, tornou as relações do imperador com o seu povo menos cheias de jactancia.

Em dezembro voltou para Berlim, de noite, a fim de evitar qualquer manifestação publica. A' medida que a guerra se prolongava, o imperador conseguiu arranjar uma nova lenda.

Teve o cuidado de evitar cada vez mais todas as apparencias de intervir na estrategia ou na politica e tornou-se gradualmente uma especie de pae veneravel do seu povo, conformando-se com os seus sacrificios e lamentando as suas perdas mais do que levando-o a fazer a sua imperial vontade.

Tenente-coronel H. C. Becker, da divisão canadiana, morto em combate

A impressão de venerabilidade, que tomou taes raizes que chegou quasi a constituir uma lucta com o monopolio de que por tanto tempo gosou em toda a Europa o imperador Francisco José, foi ainda augmentada por mudanças no physico do imperador. Envelheceu a olhos vistos e os photographos da côrte não fizeram segredo dos seus effei-

A nação rapidamente metteu hombros á preparação economica que as contingencias faziam prever e se a poderosa resistencia da Belgica foi um amargo desapontamento e tristemente perturbou o sonho da rapida queda de Paris, os allemães encontraram derivativo n'uma apaixonada explosão de sentimentos contra a Inglaterra.

No entretanto, o pequeno brado de consciencia d'aquelles que protestaram contra o que se fizera na Belgica era abafado por um grande côro de calumnias e vituperios.

Levou alguns mezes ao governo allemão o architectar a historia de que a Belgica tinha muito antes da guerra quebrado a sua neutralidade e feito um accordo com a França e a Inglaterra, servindo-se para tal fim principalmente de documentos truncados encontrados no ministerio dos estrangeiros em Bruxellas.

O publico allemão deixava-se illudir, se se não divertia com semelhantes methodos tão grosseiros. Emquanto o exercito allemão abria caminho, assassinando e saqueando, pelo pequeno Estado cuja neutralidade a Allemanha garantira, o povo allemão acreditava em historias de crueldade belga e de traição e pensava que os belgas soffriam apenas o castigo de «arremeçarem azeite a ferver sobre os soldados allemães» ou de arrancarem os olhos aos inimigos.

Em breve esqueceram as fataes palavras que echoaram e tornaram a echoar em todo o mundo civilisado, do chanceller imperial, no seu discurso no Reichstag, no dia 4 de agosto:

«O mal—fallo claramente—que estamos fazendo esforçar-nos-hemos por o transformar em bem logo que o nosso objectivo militar fôr alcançado. Quem é ameaçado como nós o somos e está luctando pela sua existencia apenas póde ter um pensamento: abrir caminho como puder».

O chanceller tentou mais tarde, especialmente n'um outro discurso no Reichstag (2 de dezembro de 1914), explicar as palavras que transcrevemos. Todos os intellectuaes da Allemanha trabalharam para o mesmo fim. Apoz um anno d'esforços, o professor Schoenborn, de Heidelberg, resumiu os resultados na seguinte «deliciosa» formula:

«Estas sentenças só podem ser comprehendidas e apreciadas considerando toda a situação de que falámos. Foram proferidas n'uma hora de provação do imperio allemão, para uma concentração politica e como parte d'uma declaração governamental d'alta politica. Não podem, por isso, ser consideradas como constituindo, e não constituem, um juizo theorico imparcial, sob o ponto de vista legal, do modo de proceder allemão. Pelo contrario, são apenas o reflexo d'uma acção politica».

Se tal formula bastava aos professores, não é de surprehender que para o publico a neutralidade belga se tornasse em breve a «escroquerie ingleza».

Entretanto a nação respondia como um só homem ao appello do imperador e do governo e todo o paiz foi inspirado pelo espirito de unidade e resolução. Como todos os que avaliavam bem as condições allemãs haviam predito, o grande partido socialista, embora fosse constituido por um terço da população—e segundo todas as probabilidades por metade dos homens que primeiro entraram em campanha—não fez opposição séria.

Apoz breve deliberação e uma pouca importante differença de opiniões, os socialistas votaram os creditos para a guerra que foram pedidos immediatamente pelo governo. Como a guerra alastrava, mostraram certas hesitações, mas não de forma a causarem ao governo a mais ligeira preoccupação.

Estavam muito contentes, ao que parecia, com uma phrase oca de sentido, que o kaiser proferira no discurso do throno a 4 d'agosto: «Não conheço partidos. Apenas conheço allemães». Verdade seja que

quando o kaiser a seguir a essas palavras propôz um aperto de mão aos «leaders» dos partidos, os dos socialistas não acceitaram o convite, mas em breve se curvaram perante a opinião publica e nada fizeram para diminuir o augmento de admirativa lealdade que o imperador soubera habilmente attrahir.

Os inimigos da Allemanha—diziam — tinham abusado, especialmente a Inglaterra. Não estava ella fazendo «uma guerra defensiva da sua existencia» contra «um mundo de inimigos?» Não havia a perfida Inglaterra, apoz annos de ciosos esforços para «attrahir a Allemanha» cahido sobre ella na hora da provação? Não estavam os inimigos da Allemanha fazendo esforços por invadir os seus territorios e destruir a sua industria e o seu commercio porque não podiam competir nos mercados mundiaes com o seu intelligente e industrioso povo? Era um magnifico thema para os heroes nacionaes e para a creação de lendas.

Talvez não seja sem razão que o primeiro heroe que a nação allemã exalçou foi, não um homem, mas um canhão—o famoso «howitzer» que a fabrica Krupp fabricára em segredo e que desmantelára os fortes de Liége. Mas n'uma rapida successão outros vieram—«o avô Hindenburg», o «salvador da Prussia oriental das hordas dos cossacos», o capitão von Müller, do «Emden», que por tanto tempo fez «raids» maritimos e desafiou o poder naval britannico, e Weddigen, o peoneiro da guerra submarina.

Antes, porém, de expôrmos os methodos pelos quaes a opinião foi preparada e como as lendas de guerra da grande Allemanha foram feitas, vamos em breves palavras examinar a situação interna.

Muitas vezes, annos antes da guerra, os estadistas allemães protestavam, invocando Deus, que a melhor prova das suas intenções era o terem conservado a paz durante 40 annos. Em publico e em particular o kaiser gostava de proclamar esse facto como devido a elle, e muitos havia que acreditavam que a sua mais elevada ambição era ficar na historia com o cognome de «Friedenskaiser», o grande dirigente que tinha disposto de enormes exercitos mas nunca d'elles se servira, que tinha augmentado o poder e o prestigio da Allemanha sem dar sequer um tiro.

O que essa estranha e desusada theoria da virtude de se conservar em socego mostrava realmente era que a Allemanha considerava a guerra como uma coisa normal e na natureza das coisas. A paz era antes a excessivamente virtuosa interrupção da guerra do que a guerra a rude interrupção da paz.

Quando finalmente rebentou a Grande Guerra, foi acceite com certo allivio. A Allemanha-Prussia havia sido libertada dos perigos do pacifismo e do internacionalismo e ia mais uma vez poder convencer a Europa de qual era o seu direito. Apoz um anno de guerra o chanceller imperial, suspeito de fraqueza e prejuizos internacionaes, podia reunir em volta de si toda a opinião soltando o brado: «Demos sempre ouvidos ao nosso sentimentalismo». No fim de tudo, o Estado fundava-se na sua força e a força prevaleceria.

E' difficil descrever em termos que sejam facilmente intelligiveis a facilidade com que a Allemanha pôz de lado todos os aprestos civis e voltou ao puro typo do Estado militar. Poucas horas depois de ser dada a ordem de mobilisação toda a nação estava sob a fiscalisação militar. Os governos departamentaes, as administrações provinciaes e as municipaes, tudo perdeu a sombra de independencia que tinha e passou para as mãos dos dirigentes militares do paiz.

Em Berlim, por exemplo, todos os poderes se concentraram nas mãos do governador militar. Em todo o imperio na fiscalisação da administração foram investidos os generaes commandantes dos corpos de exercito districtaes, quer dizer, os generaes deixados atraz como adjunctos dos generaes que iam para o theatro da guerra. Eram elles que guia-

vam e ameaçavam o publico com constantes proclamações. Eram elles e os seus subordinados quem na realidade geria tudo e mostrava que em todas as espheras as necessidades do exercito e a prosecução da guerra eram consideradas superiores a qualquer outra consideração.

Eram as auctoridades militares que supprimiam os jornaes, exerciam a censura nas noticias e nas correspondencias particulares, não permittiam as reuniões publicas que não fôssem em conformidade com o seu modo de vêr ácerca dos interesses do paiz e geralmente dirigiam toda a vida civil.

Tinham amplos poderes para requisitar generos e, como mais tarde se viu, para fiscalisar o trabalho. Todo o machinismo do Estado estava ao seu dispôr e sujéito á sua vontade e bel prazer.

Não se supponha que esse regimen militar se tornou fastidioso ou foi acceite com reluctancia. Era antes considerado como perfeitamente natural. A Allemanha na guerra não tinha preoccupações de qualquer especie a não ser a prosecução coroada de exito da guerra e o povo em geral não tinha mais ardente desejo do que o de fazer parte como membro voluntario da grande machina.

O povo desejava fazer sacrificios, porque se sentia parte integrante de todo o complexo schema que continha todas as forças e recursos do imperio. Logo que a guerra foi declarada, o paiz deu um magnifico exemplo com a perfeita precisão da mobilisação. O systema de caminhos de ferro do Estado, que passou logo para as auctoridades militares, transportou os grandes exercitos sem qualquer confusão ou demora.

As forças combatentes foram chamadas em harmonia com as disposições de que cada pormenor estava fixado antecipadamente. Conhecendo com a maior exactidão que parte cada homem tinha de tomar á medida que a guerra progredisse e que reforços fossem necessarios, o povo, inspirado e animado pelo sentimento d'uma mesma egualdade no sacrificio, adaptava-se e ajustava toda a sua vida a esse esforço. Não havia braços ociosos. Os homens que eram deixados na sua obra industrial ou commercial sabiam que isso se dava porque, depois de examinar as circumstancias de cada individuo, a sua obra era considerada necessaria.

E sabiam tambem que em qualquer momento podiam ser chamados ás fileiras.

Examinando o estado de espirito da Allemanha, não se podia esquecer a força da tradição. Apenas 50 annos antes da Grande Guerra o imperio allemão fôra unido pela espada. Muitos dos homens mais eminentes da Allemanha haviam tomado parte na guerra contra a França.

Cada familia tinha os seus laços pessoaes com o grande tempo de Bismarck. Acima de tudo, todo o paiz sabia quanto as victorias allemãs haviam trazido de riqueza inesperada, de prosperidade e de prestigio. Era facil persuadir um tal povo de que estava combatendo para conservar e defender o que seus paes haviam conquistado e para completar a sua obra, e que a derrota a faria voltar ás antigas condições e dividiria o imperio n'um grande numero de pequenos e impotentes Estados.

Comtudo, o povo para o qual taes argumentos eram empregados era essencialmente bellicoso e ao seu coração era bem acceite uma politica de aggressão e de conquista pela espada.

O effeito immediato mais notavel da absorpção da Allemanha pela machina militar foi o desapparecimento do elemento pessoal tanto no governo como na administração. Não foram só os mais pequenos estadistas, desde herr von Bethmann-Hollweg, o chanceller imperial, a quem uma estranha sorte havia collocado em tal logar n'aquella occasião, que facilmente cahiram por terra.

Nenhum grande soldado appareceu a tomar o seu logar. O chefe do grande estado maior general em breve provou ser um Moltke apenas no nome e ao cabo de poucos me-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1892—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 10 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Dois relatorios

A guerra européia para todo o mundo trouxe tremendas complicações. Para nós as suas consequencias teem sido graves, e ainda se não pode prever até que ponto a gravidade da situação que nos creou poderá ainda de futuro attingir.

D'essas consequencias duas ha que se concretisam em factos da mais alta importancia.

Esses factos, attingindo a dignidade nacional e a segurança da patria, passaram-se ambos em Africa. Um foi a aggressão allemã em Naulila, o outro foi a rebeldia indigena que a influencia germanica contra nós desencadeiou.

Em Naulila soffremos uma derrota, muitos dos nossos soldados ficaram mortos ou feridos, os allemães fizeram prisioneiros outros que só nos foram restituidos quando as forças do Sul de Africa venceram os subditos do imperador Guilherme. Recebemol-os das mãos dos vencedores dos allemães. Mas o combate de Naulila deu-se contra uma forte expedição commandada pelo sr. Alves Roçadas, e está hoje averiguado que nem sequer as forças allemãs eram superiores em numero ás forças portuguezas, commandadas por esse official. Apezar d'isso a derrota deu-se, as nossas tropas retiraram, abandonando fortes, munições, viveres, dando a impressão do panico quando, pelas narrativas dos officiaes portuguezes aprisionados em Naulila, os allemães, apoz uma victoria que os surprehendeu, se apressaram a recolher ao seu territorio, esperando um regresso fulminante da offensiva portugueza.

Porque se deu a derrota de Naulila, em circumstancias tão extraordinarias, a quem cabe a responsabilidade de tão triste facto, em que só poude refrigerar e orgulhar o sentimento patrio, o procedimento heroico de meia duzia de bravos officiaes e soldados, eis o que se torna necessario conhecer. O sr. Alves Roçadas está em Lisboa. Consta que já elaborou o seu relatorio. E' esse relatorio que deve fazer plena luz sobre os acontecimentos, e essa luz é reclamada por todos os bons portuguezes.

O outro facto derivou d'este, mas tambem circumstancias singulares o assignalam. A expedição que era commandada pelo sr. Alves Roçadas passou a ser commandada pelo sr. Pereira d'Eça. Qual era a missão do sr. Pereira d'Eça? A missão do sr. Pereira d'Eça era a desforra contra os allemães e o castigo dos indigenas revoltados, assegurando a occupação dos seus territorios. A desforra contra os allemães não se realisou. Foram as forças da União Sul Africana que bateram os allemães. Contra os indigenas marchou a mais importante expedição que tem ido a Africa, mas os resultados das suas operações não foram os que seria licito esperar. Não se occupou todo o territorio rebelde, e as populações indigenas não foram dominadas. Retiraram para os territorios limitrophes ha pouco occupados pelos allemães, sem soffrerem o rigoroso correctivo que lhes deveria servir de duradouro escarmento. E por fim, depois de se terem gasto milhares de contos, de se terem perdido muitas vidas, o sr. general Pereira d'Eça, inopinadamenet sahe de Angola, deixando entranhados em territorios longinquos, muitas centenas de soldados depauperados por fatigantes marchas e por um clima mortifero.

Acreditamos que o sr. Pereira d'Eça não se retirou sem deixar bem assegurada a existencia d'essas forças, tendo garantido a sua subsistencia, a sua hospitalisação, sem ter tomado, n'uma palavra, todas as providencias precisas para que ellas possam cumprir a sua ardua tarefa. Mas a retirada do sr. Pereira d'Eça, sem ter levado inteiramente a cabo a missão de que foi investido, o seu regresso á metropole deixando os seus soldados em lucta, é um facto que causa legitima surpresa no espirito publico. O sr. Pereira d'Eça, sem ter levado inteibem o seu relatorio, e é bem necessario que o faça, e que o paiz tenha d'elle conhecimento.

O paiz tem-se sujeitado a todos os sacrificios. Supporta encargos que são esmagadores, dá o sangue dos seus filhos para a defeza e para a grandeza da Patria. Tem o direito de saber tudo. Por isso os dois relatorios a que alludimos devem ser publicados. Se reclamar essa publicação é um direito legitimo, fazel-a é um dever imperioso.

Migalhas

Depois

Por muito paradoxal que isso pareça, a guerra ha de acabar um dia. Suspender-se-hão as hostilidades, entabolar-se-hão as longas e complicadas negociações da paz, assignar-se-ha, finalmente, o tratado, as tropas desmobilisar-se-hão, cada qual dos sobreviventes voltará ás suas occupações, levantar-se-hão os bloquieios, abrir-se-hão as fronteiras e, passado algum tempo, os inimigos encontrar-se-hão novamente face a face nos pontos mais diversos do planeta. Simplesmente, em vez de se carregarem á baionela, cruzar-se-hão de mãos nos bolsos, cada um procurando a sua vida, este que foi artilheiro e derrubou cathedraes vendendo pannos de linho áquelle que o odiou ferozmente e tentou exterminal-o a tiro, á navalha, á dentada.

Dentro de dois, de tres, de quatro annos—eu sei lá—mesclar-se-hão as nacionalidades que hoje se combatem, reatar-se-hão os laços que as prendiam ha duas duzias de mezes e todo o odio que as divide agora, todos os rancores que, de parte a parte, parecem separal-as irreductivelmente, hão de ir cahindo a pouco e pouco. Em certas horas de communidade sorrirão com um sorriso triste á lembrança dos horrores passados e desculpar-se-hão dizendo:—«Foi a guerra!»

Muitos dos que hoje combatem terão pudor de confessar que lá andaram. Voltarão em tropel as recordações, os remorsos de certos feitos e, como ás vezes pedimos escusa de uma violencia, explicando que estavamos embriagados ou exaltados, procurarão attenuar com gentilezas extremas, com uma maior doze de consideração e de respeito, a memoria que tenha ficado de certas pavorosas visões.

Ha de chegar o momento em que a opinião unanime será que foi uma loucura sem razão toda esta carnificina atroz, que as nações, que n'ella se precipitaram, foram levadas por interesses que não eram absolutamente os proprios e todos se darão as mãos, confraternisando no commercio, na industria, na sciencia... E então será chegado o momento de ir pensando na proxima guerra, n'aquella que nos revelará maiores engenhos, maiores crueldades, maior barbarie.

André Brun

Poeira da Arcada

Vae ser regulamentado o jogo? Diz-se por ahi que sim. Se não quizermos bater-nos tolamente contra um vicio que quanto mais batido mais se enrija é que ainda temos algumas probabilidades de não nos perdermos com a virtude que tanto amamos.

Aproveitemos o momento que se nos affigura favoravel a uma intervenção efficaz do bom senso.

* * *

No dia 15 do corrente, apresenta-se em publico o primeiro numero da Atlantida, a grande revista que se propõe effectivar um melhor intercambio de ideias, de principios, aspirações, sentimentos e sympathias de portuguezes e brazileiros.

Os homens que se empenham em tal obra não são faceis no desanimo. E sendo assim, é de crer que os dois povos, encontrando um orgão de arte, litteratura, sciencia e economia que os approxime possam conhecer-se tal qual são, dispensando intermediarios, cujos intuitos são mais turvos que as aguas dos charcos.

* *

Harden, o grande jornalista allemão que tão ruidoso nome tem na sua patria e mesmo fóra d'ella, não acredita que, se os austro-allemães chegarem a Constantinopla, os alliados peçam a paz. A sua attitude não se pode chamar desageitada. Constantinopla, não é o fim directo da guerra, mas um dos seus incidentes, quando muito. Por isso, nada de esperanças demasiadas. A paz ha de chegar um dia, quando o esforço dos belligerantes nada mais possa dar. O vencedor estará como os romanos, em frente de Cartago vencida. A sua victoria ficar-lhe-ha quasi pelo preço da derrota.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se dirime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

AS FINANÇAS E A GUERRA

NA ALLEMANHA

Como foi preparada a sua resistencia financeira, interna e externa— O que são as «Caixas de emprestimo»

Na continuação da palestra que principiámos ha dias a publicar sobre este interessantissimo thema: «As finanças e a guerra», nós quizemos ainda explanar um pouco mais o desenvolvimento da engrenagem financeira que a Allemanha adoptou para fazer face ás angustiosas difficuldades do momento que atravessa. Muitas pessoas que leram o artigo anterior imaginaram que as «Caixas de emprestimo» tinham sido creadas com o exclusivo proposito de facilitarem ao governo allemão a realisação dos seus emprestimos de guerra, fazendo derivar para o Estado todos os valores representativos da riqueza publica. Não foi assim. O governo apenas tratou de se aproveitar largamente, conforme ficou exposto no anterior artigo, da engrenagem que tinha posto a funccionar com este amplo objectivo: a manutenção do credito.

Mas deixemos que o nosso entrevistado continue a sua curiosa prelecção. Elle, melhor do que ninguem, poderá encontrar o fio de Ariadna n'este verdadeiro labirintho. Oiçamos o que elle diz:

—A lei que creou as «Caixas de emprestimo» estava preparada ha muito tempo, para a hipothese da guerra, pelos dirigentes ou orientadores da alta finança allemã. Foi publicada a 4 de agosto, quasi a seguir ao rompimento de hostilidades, e posta immediatamente em execução. Qual era o seu fim? Facilitar a mobilisação dos titulos de credito, tanto particulares como publicos, porque, declarada a guerra, a sua realisação seria difficil, e tornar-se-hia mesmo impossivel desde que as bolsas fechassem. Foi para evitar a sua desvalorisação immediata que as «Caixas de emprestimo» se instituiram. Os individuos que possuissem quaesquer valores, e que tanto podiam ser titulos do estado como acções ou obrigações de qualquer companhia ou empreza, iam entregal-os ás «Caixas», desde que precisassem de dinheiro, e recebiam em troca os respectivos certificados, passando estes a circular correntemente em todas as transacções ou servindo ao Banco do Imperio, como reserva de ouro, para augmentar a sua emissão. Foi este ultimo caso o que se deu, em grande escala, com a realisação do emprestimo de guerra fechado em 22 de setembro.

«Para bem se avaliar o alcance d'essas «Caixas de emprestimo», é preciso não esquecer as condições em que se produziu a forte expansão do commercio e da industria na Allemanha. Ella foi principalmente devida á interferencia dos grandes bancos, que se constituiram em grupos, tratando cada um de consagrar a sua attenção e o seu estudo a ramos especiaes de negocios, muito embora houvesse entre todos elles um entendimento estreito. Esses bancos, estabelecimentos de credito e em geral de depositos, desviaram-se assim das normas habituaes das casas bancarias, immobilisando uma grande parte dos seus recursos em emissões de acções e obrigações das grandes emprezas, para o desenvolvimento do seu capital e augmento da sua producção. Esses titulos deviam ser absorvidos pela fortuna publica, que se iria formando e capitalisando. Mas, entre essa formação de novos capitaes e a expansão industrial, estabeleceu-se uma divergencia: o tempo. Não tinham decorrido os annos bastantes para que se fizesse a completa valorisação d'aquelles titulos. D'ahi a necessidade de crear um organismo financeiro que impedisse a sua desvalorisação durante a guerra.

«Já vê que as «Caixas de emprestimo» obedeceram, de facto, ao proposito de se manter na Allemanha o credito interno, exactamente como os «bureaux de chômage» tiveram por fim a manutenção do trabalho, collocando os operarios desempregados por motivo da guerra. As «Caixas» não eram uma novidade para a Allemanha, pois já ali tinham funccionado n'outros momentos de crise.

—Mas não ha duvida de que o governo do «kaiser», na previsão da guerra, ainda lançou mão de outros recursos...

—Sim, o Estado preparou-se por outros meios para as suas proprias despezas. Em junho e julho de 1913 as suas leis militares e financeiras deram a todo o mundo a certeza da proximidade da guerra. Faltava apenas o pretexto para o rompimento de hostilidades. Os 120 milhões de marcos em ouro que estavam guardados na Torre de Spandau, perto de Berlim, e que tinham sido retirados da indemnisação que a França pagou em 1871, foram elevados ao dobro. Esse ouro destinava-se a dar entrada no Banco do Imperio, logo que a guerra rebentasse, para constituir reserva para novas emissões. Mas não se imagine que estava guardado improductivamente: era representado na circulação por notas do Estado, de 5 e 10 marcos. E vem a proposito dizer-se que os economistas allemães não consideravam essas notas papel-moeda, mas sim «obrigações do Estado não productivas de juro». Declarada a guerra, os 240 milhões de marcos passaram para o Banco, fazendo-se simultaneamente uma cunhagem em prata de 120 milhões posta á disposição do governo para as primeiras despezas. Depois d'isso, já se effectuaram novas cunhagens, mas parece que ainda não foi excedido o limite marcado pela lei monetaria da Allemanha e que é de 20 marcos em prata por cada habitante do imperio.

«Para a remodelação militar, feita tambem em 1913, calcularam-se as despezas immediatas em mil milhões de marcos. Foram obtidos por meio d'um imposto, pago por uma só vez, e que constituiu uma especie de emprestimo lançado pelo Estado sobre a fortuna publica, pois não incidia sobre o rendimento, mas sobre o capital. Foi o «Wehrbeitrag». Só na Allemanha era possivel lançar um imposto d'esse genero, pelos preceitos draconianos que vigoram no systema de contribuições para a declaração de capital e rendimento que cada cidadão é obrigado a fazer, com uma minuciosidade espantosa. O «Wehrbeitrag» é ao mesmo tempo uma contribuição proporcional e progressiva, admiravelmente estudada em todos os detalhes da sua applicação.

«Além das despezas immediatas, feitas por uma só vez, havia tambem as despezas permanentes, para a cobertura financeira das novas unidades. Foram compensadas pelo augmento de contribuições varias, principalmente da contribuição do sello nas apolices de seguros, e por um imposto lançado sobre a riqueza adquirida: o «Besitzsteuer», que, traduzido á letra, quer dizer «imposto de posse». Era uma contribuição pesadissima sobre o augmento de riqueza adquirida.

—E como faz a Allemanha face aos seus encargos no estrangeiro, principalmente para a acquisição de subsistencias e material de guerra? Pois não é verdade que os especiaes processos financeiros que ella adoptou foram, por assim dizer, para uso interno?

—E' certo. Mas essa manutenção do credito reflecte-se, até certo ponto, nas suas relações com o estrangeiro. Além d'isso, quando a guerra rebentou, os allemães tinham grandes importancias a receber fóra do imperio. Teem procurado realisar esses creditos. Ao mesmo tempo, vendem os titulos externos que possuiam: hollandezes, russos, inglezes e até belgas e francezes. Complete esses expedientes com a convergencia para o Banco emissor do ouro que os particulares possuiam e terá explicada a resistencia financeira, interna e externa, do Estado allemão.

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

Ha falta de batata franceza para semente?

Precisamos importar pelo menos seis mil toneladas

diz-nos o sr. Victor Guedes, director da Associação Commercial de Lisboa

A questão das subsistencias é hoje, sem duvidas nem exageros, uma das que mais deve preoccupar os nossos dirigentes, visto que, da sua solução, depende, por assim dizer, a felicidade e o bem-estar de todas as classes sociaes e muito principalmente da classe proletaria.

Ora somos chegados quasi á epocha das sementeiras de batata, cuja falta este ano já foi sensivel e que, a realisarem-se os negros vaticinios dos agricultores, mais o será ainda para o proximo anno, se a semente que nos costuma vir de França falhar.

Para podermos portanto falar sobre o assumpto procurámos hoje o sr. Victor Guedes, director da Associação Commercial de Lisboa e um dos mais cotados commerciantes-exportadores da nossa praça.

O sr. Victor Guedes, a quem expuzemos o fim da nossa visita, recebe-nos immediatamente com rasgada franqueza, e diz-nos:

—E' realmente interessante e importante o assumpto que me expõe, e a tal respeito posso dizer-lhe, tomando a mais absoluta responsabilidade das minhas affirmações, que sobre a vinda da batata franceza para semente ha isto:

—Ultimamente a França permittiu a exportação de batata sómente para a America e Hespanha, e Portugal pedindo para que fosse attingido n'essa auctorisação poude conseguir os mesmos direitos.

«O governo portuguez trabalhou para que se pudesse receber batata devido a representações da parte dos Syndicatos Agricolas e Associação Commercial de Lisboa; estas collectividades interessaram-se pelo assumpto, não por julgarem preciso importar-se batata para consumo, mas porque Portugal faz desde ha longos annos as suas principaes sementeiras com batata franceza como mais productiva. Ora esta batata costuma vir a granel em navios de vela, a fretes baratos, e é sahindo por um preço relativamente baixo que póde convir á agricultura. Acontece que a França tendo auctorisado a exportação para a America e Hespanha sómente em caixas tambem só n'estas condições a auctorisou para Portugal.

«A batata em caixas torna-se carissima pelo custo elevado das madeiras em França, e, mesmo até impossivel a sua importação por não haver caixas nas procedencias. Da procedencia da batata propria para semente (Costas do Norte da França) a qualidade que Portugal precisa só póde vir em caixas mandadas d'aqui ou sendo transportada a batata a outros portos francezes para ser encaixolada; e os encargos assim são pezadissimos. A batata que vae para a America é para consumo e portanto de outras procedencias onde está montado o trabalho de encaixolamentos; a que vae para Hespanha, sendo a maior parte para semente, colloca este paiz nas mesmas condições em que nos debatemos, mas como o seu dinheiro vale agora mais que o francez tem n'isso uma grande compensação.

Hoje até mesmo Portugal n'isso é prejudicado porque tem de pagar os francos a 26 centavos. N'estas circumstancias, importante como é que a França auctorise a exportação de batata a granel para semente, deve o governo portuguez aproveitar as melhores relações em que se está com aquelle paiz e empregar todos os seus esforços para ao menos permittir a exportação de 6.000 toneladas n'estas condições, pois que a falta de batata de semente em boas condições importa na resolução de um problema de alta importancia, não só para se attender ao consumo do paiz em 1916, como á exportação para mercados como Inglaterra e Brazil, grandes clientes nossos. Este anno já não se fez a exportação e o consumo tem estado abastecido, como todos sabemos, devido ás mesmas circumstancias, porque o anno passado por esta epocha luctamos com as mesmas difficuldades e a batata que a França nos forneceu foi pouca e carissima por vir em caixas na maior parte idas de Portugal; isto póde-se fazer uma vez, mas a sua continuação torna-se impossivel e leva-nos ao desanimo, pensando a agricultura em aproveitar as terras n'outros productos, e assim, já que se importa a maior parte do pão que se come, passa-se a importar tambem batata, deixando o paiz de ser essencialmente agricola para ser essencialmente desgraçado. Ainda ha dias ouvi alguem n'um ministerio dizer que vindo batata que chegasse para uma boa sementeira, que attendesse ás necessidades do consumo do paiz, era o bastante! Creia que me entristece ouvir certa gente, que tem obrigação de ver mais longe, pensar só nas batatas que precisa para o seu bacalhau sem se lembrar que o bacalhau está a $45 o kilo, pelas circumstancias da guerra e mais pela carestia do ouro. Ora se nós tivermos batata para o nosso bacalhau e a podermos dar tambem aos outros em troca de ouro, encontramo-nos mais habilitados a comprar o bacalhau mais barato porque não vamos tirar ouro de outros productos que se exportam e que é preciso para pão, etc. Emfim, prohibe-se a exportação de tudo como unica medida para baratear a vida entre nós, quando se deve ter em consideração em primeiro logar, não ha duvida, o barateamento da alimentação, mas tambem a exportação como factor principal da nossa economia.

Conheça-se o que ha a mais e a menos e deixe-se sahir tudo que sóbre e até mesmo que não sóbre quando não seja de maior necessidade; desde que se exporte vem ouro para o paiz e com ouro barato, temos tudo mais barato; assim, se temos trez ou quatro productos por preço baixo, temos a maior parte dos generos alimenticios e tudo que importamos, mais caro.

Veja o que acontece com o feijão; tivemos uma boa colheita, ha grandes existencias de 1914 e está prohibida a exportação. Ainda ha dias a Associação Commercial de Lisboa aconselhou o governo para ser permittida exportação de 800 toneladas de feijão frade meudo, 100 «moleiro», 100 «mulato», 100 «canario» a 50 «preto», qualidades estas de que ha abundancia e se não consome no paiz, mesmo até algumas que não são conhecidas pela maior parte da gente; pois não se conseguiu a exportação e isto comquanto se pedisse para attender a pedidos de exportadores para o Brazil, grande consumidor de taes qualidades de que agora tem absoluta necessidade. Feijão branco e vermelho por exemplo sou eu de opinião que não se permitta que se exporte, principalmente sem estar bem conhecida a colheita, devendo mesmo attendermos a muitas outras cousas; mas as qualidades que não são precisas importa n'um erro e disparate não deixal-as sahir. Ha no paiz feijão branco, vermelho e frade grosso, que chega para o consumo de dois annos, do paiz, e não precisamos das outras qualidades, que, sendo as mais procuradas pelos mercados brazileiros á sua exportação representa até um beneficio para nós.

A abstenção completa da exportação, porque dos principaes productos só o vinho e azeite está permittida, importa por seu lado não só um grande prejuizo, no momento, como de futuro, porque se perdem mercados que estão sendo abastecidos por outros paizes que aproveitam a nossa abstenção. A America é um dos paizes que se está aproveitando; é hoje já concorrente no nosso Brazil. Veja pois o futuro que nos espera, tanto mais quanto é o Brazil o principal consumidor dos nossos productos e onde os nossos patricios fazem tantos sacrificios para que tenham preferencia. Eu posso mostrar-lhe muita correspondencia em que se lamenta a alta de sacrificios da nossa parte para que se deixe acabar totalmente n'aquelles mercados alguns dos nossos productos de maior consumo.

Falando-lhe assim não creia que desejo a exportação dos productos portuguezes auctorisada sem limites, visto que tambem tenho barriga como toda a gente, e considero que primeiro se deve attender ás nossas necessidades sem esquecer aquelles que pódem gastar pouco; mas vejo que a maneira como se está legislando entre nós em tudo que é subsistencias, comquanto seja na melhor das intenções, mostra pouco conhecimento da parte de quem assim procede.

Haja vista á maneira como a Hespanha legisla sobre medidas d'esta ordem; foi o paiz que primeiro prohibiu a exportação, chegando até a laranja a entrar no numero dos productos prohibidos. Tendo reflectido, hoje exporta tudo, a não ser batata, feijão, trigo e milho, cujas colheitas foram pequenissimas. Não será esta uma razão para que o duro já valha 1$42? E', não ha duvida. Ainda referindo-me a feijão para o Brazil devo dizer-lhe que alguns exportadores teem pensado em pedir a intervenção do embaixador d'aquelle paiz para, junto do governo portuguez, trabalhar no sentido de se attender ás suas necessidades d'aquelle producto, como paiz por quem não fazemos favor em nos sacrificar. Creia, porém, que eu, como bom portuguez e grande amigo do Brazil, mais gostava ver as pretensões dos exportadores attendidas sem intervenção alguma official. Temos obrigação de conhecer os nossos deveres para com um paiz a quem tanto devemos e a que nos une laços de familia.

E aqui tem o que, sobre batata, e a proposito da crise de subsistencias que atravessamos, se me offerece dizer-lhe».

O sr. Asquith affirma que os alliados assegurarão o futuro da Servia

LONDRES, 9.—No banquete do lord mayor, depois do discurso do sr. Cambon mostrando que os actos odiosos praticados pelos inimigos, fortificam nos alliados a resolução de vencerem, o sr. Balfour expoz o papel essencial que desempenham as esquadras dos alliados, mostrou que o inimigo cessou de avançar a leste e a oeste porque os seus successos acabaram.

O sr. Asquith mostrou que a unidade nacional reina na Gran-Bretanha, fez o elogio de lord Kitchener e affirmou que os alliados assegurariam á Servia o futuro que merecem os sacrificios que tem feito.—(*Havas*).

O PROBLEMA AGRICOLA

Os campos experimentaes

Só com elles é possivel conseguir intensificar a cultura do trigo

Far-se-ha, por acaso, no nosso paiz a agricultura scientifica, racional, methodica e capaz de arrancar da terra a maior somma de proveito com a menor despeza possivel? Estará o problema agricola tão perfeitamente estudado que não seja preciso esclarecel-o mais? Fornecerá o Estado aos agricultores aquelles elementos indispensaveis para que, quem possua terras, saiba como cultival-as e como exploral-as em condições que lhe garantam o exito? Haverá campos de experiencia devidamente montados e dotados de tudo o que se exige em instituições d'essa natureza, para que lá se proceda aos ensaios precisos; tendentes a averiguar quaes sejam, para determinados terrenos, as sementes mais proprias, e onde a questão dos adubos seja completamente esclarecida? Ninguem poderá responder a estas perguntas affirmativamente. Se em algumas regiões do paiz já se pratica um pouco a moderna agricultura, não é ao Estado que se deve attribuir isso, mas á iniciativa particular, a qual nem sempre se determina no melhor sentido, por não ter quem o oriente e guie. A agronomia official é, por ora, uma coisa inteiramente theorica, que mal sae do dominio da papelada e das secretarias, com prejuizo da lavoura, que fica por isso mesmo entregue a si propria, sem ter a quem pedir conselho de apreciar, inteiramente pratico e digno de confiança.

—Mas é preciso não attribuir semelhante facto apenas aos agronomos. Ha entre essa classe prestantissima verdadeiras capacidades scientificas e vontades tão desejosas de contribuirem para os progressos agricolas de Portugal, que esquecel-as ou depreciał-as seria praticar uma flagrante injustiça. Mas a verdade, como dizia o outro, anda sempre ao de cima d'agua. Ora, não tendo os agronomos portuguezes terrenos á sua disposição onde possam fazer ensaios, estudos de terras, experiencias de adubos e culturas seleccionadas de sementes, é claro que não pódem, de modo nenhum, fornecer á lavoura indicações praticas que a habilitem a explorar a terra da maneira mais rendosa e util. Eu sei que se fazem aos agronomos accusações varias, arguindo-os toda agente que a elles teem de recorrer, de demasiado theoricos e excessivamente idealistas. Em principio, os que assim accusam os agronomos teem certa razão. Mas no fundo, ella falta-lhes por completo, pelos motivos já apontados. Póde alguem estudar sem livros? Não póde. Pois tambem não é possivel, por mais que se julgue isso facil, conseguir que um agronomo forneça indicações praticas a um lavrador sobre a melhor semente e o mais proprio adubo a applicar a determinado terreno, sem primeiro estudar d'uma maneira completa esse terreno. Eis para que servem os campos de ensaio e de experiencia, cuja instituição é absolutamente urgente.

—Mas não ha já alguma coisa feita n'esse sentido?

—Não ha. E todavia é por meio dos campos de experiencia que podemos augmentar a nossa producção cerealifera. Pedir que se alargue, do pé para a mão, a area cultivavel é pedir o impossivel. Mas alvitrar que a producção póde intensificar-se desde que se proceda á selecção das sementes e se estude um adubo completo que não seja demasiado caro é aconselhar um remedio efficaz para attenuar a falta de trigo. E' que o lavrador, em geral, determina-se apenas pelo que a sua observação lhe diz. E essa nem sempre é exacta. Semeou elle, por exemplo, n'um certo terreno uma qualidade de trigo que não era a mais propria e produziu esse trigo bem? E' quanto basta para repetir a sementeira no anno seguinte, sem cuidar de averiguar se os bons resultados alcançados são ou não apenas resultantes de boas condições climatericas, d'um aguaceiro que cahiu a tempo, etc. Ora, os campos de experiencia devem servir para se fazer a correcção d'esses erros palmares, que levam frequentemente a desastres tremendos. Urge, sobretudo, fazer a selecção das sementes, que não pódem importar-se n'este momento. Temos de suprir-nos a nós proprios. Cumpre-nos dotar-nos com os instrumentos de trabalho que nos faltam e sem os quaes não nos é dado passar.

—Mas já ouvi dizer que o primeiro campo experimental ia montar-se em Queluz.

—Falou-se n'isso, effectivamente. Sabe, porém, que na cerca de Queluz existe a escola de pomicultura. Os terrenos chegavam bem para tudo—para as installações da escola e para o campo experimental agricola. Houve, entretanto, quem não o entendesse assim. De maneira que os talhões que estavam na posse da Direcção geral de agricultura foram-lhe confiscados, deixando-a o ministerio da instrucção na penuria em que esteve sempre. E' estranho, tudo isto, não é assim? Pois fique-se sabendo que não exaggero. A Direcção geral de agricultura se quizer, n'este momento, dizer a este ou áquelle lavrador que sementes e que adubos deve empregar não póde. Falta-lhe a experiencia pratica para se pronunciar. Faltam-lhe os campos experimentaes onde essa pratica e essa experiencia se adquirem. A questão dos adubos seria, sobretudo, a que mais cuidados devia merecer ás estações officiaes, ás quaes competia estudar e aconselhar uma formula de adubo completo e barato, capaz de intensificar a producção de trigos. O governo, porém, não parece muito disposto a tratar d'isso, muito embora a direcção geral de agricultura tenha procurado occupar-se d'isso, reclamando, para o conseguir, os taes campos experimentaes com que, por ora, a não dotaram. E' pena, porque não se podendo alargar a area cultural, a unica maneira que havia de augmentar a producção era intensificar a cultura.

Foi assim que nos falou da falta de campos experimentaes e da necessidade de os instituir alguem para quem estas coisas agricolas não teem segredos. Oxalá que os homens que governam attendam as suas considerações e procurem orientar-se por ellas, tão judiciosas ellas parecem...

SEPARAÇÃO DE OFFICIAES

Pelo ministerio da marinha

São publicados os documentos relativos ao afastamento d'alguns officiaes de marinha

O «Diario do Governo» d'hoje publica o processo organisado para o affastamento de alguns officiaes da armada. A' frente dos diversos documentos que constituem esse processo figura o relatorio da commissão nomeada para dar cumprimento ao artigo 1.º do decreto de 22 de julho ultimo, a qual, como se sabe, era composta pelos srs. Jayme Daniel Leotte do Rego, capitão de fragata; José de Freitas Ribeiro, capitão-tenente, e Julio José Marques da Costa, vice-almirante, que serviu de presidente. N'esse relatorio, a commissão começa por dizer que deliberou nem sequer nomear os individuos que foram inquiridos e que não julgou merecerem ser affastados do serviço. Segundo affirmações de officiaes republicanos da armada e de chefes de grupos revolucionarios, não havia nenhuma lista de officiaes da armada apontados para cahirem sob a alçada da lei. Dizia-se que havia documentos no ministerio da marinha e em varios governos civis comprovativos do desamor de certos officiaes pelo regimen. A commissão nem os recebeu nunca nem viu confirmada nenhuma atoarda das que contra esses officiaes corriam. Apezar da deliberação de conservar secretos os documentos colligidos, a commissão publica uma declaração do primeiro tenente Carlos Pereira sobre um boato que dizia ter o segundo-tenente Vicente Lopes declarado que preferia Affonso XIII a Affonso Costa e que não tinha em grande conta o seu compromisso de lealdade ao regimen, porque tanto servia para a Republica como para a monarchia. O sr. Carlos Pereira, convidado a depôr sobre esse boato respondeu que era lamentavel não haver um official de marinha que dissesse terminantemente que ouvira o arguido fazer aquella affirmação. Que apparecesse esse official. Só então deporia, porque não entendia dever responder a um «corre um boato». A commissão diz que archiva esta resposta por o sr. Carlos Pereira assim o desejar.

A seguir a commissão diz que «lealmente lhe cumpre declarar que não existem ou que, pelo menos, não logrou descobrir provas juridicas que justifiquem a applicação do artigo 1.º do decreto de 22 de julho». Entretanto, apezar da ausencia de provas convincentes, no cumprimento do seu dever e com plena convicção moral, «considerando superior a tudo o prestigio das instituições republicanas, sem o mais intimo vislumbre de odio ou de vingança, para exemplo e para estimulo dos caracteres mais tibios, conscienciosamente, embora bem contrariada, e prestando uma respeitosa homenagem aos que «morderam o pó em 14 de maio», a commissão indica para serem separados os srs.:

Capitão de mar e guerra, Hipacio Frederico de Brion; capitão-tenente, José Augusto Vieira da Fonseca; capitão-tenente, Antonio Alves Pereira de Mattos; capitão-tenente, Manuel Peixoto Martins Mendes Norton; primeiro-tenente, Raul Cardoso Ressano Garcia; segundo-tenente, Arthur Leonel Barbosa Carmona; primeiro contra-mestre 232, Luiz Rodrigues Mourão, e primeiro contra-mestre n.º 249, Francisco Antonio Rocha. O sr. vice-almirante Marques da Costa assigna esta proposta vencido e com declaração de voto.

Por esse motivo, esse official general apresenta tambem um parecer seu. Diz que acceitou o cargo de presidente da commissão, para o qual foi nomeado sem consulta prévia, por dever militar; não concorda com o parecer da maioria da commissão, por não haver provas juridicas que justifiquem a applicação da lei. Os srs. Hipacio de Brion e Pereira de Mattos seriam separados por pertencerem á Liga Naval, hostil ao regimen. Mas se o fosse, não a teriam os governos da Republica dissolvido já? O sr. Mendes Norton é accusado pelo sr. Leotte do Rego de ter repetido em Lisboa phrases menos agradaveis para a Republica, proferidas em Gibraltar por um official estrangeiro. Merecerá a falta tão grande castigo? Os officiaes Vieira da Fonseca e Carmona são arguidos, por praças da «Zambeze» de terem sido castigadas rigorosamente pelo primeiro e de terem ouvido ao segundo considerações estranhas ao serviço, que julgaram desagradaveis para o regimen. No entender do sr. Marques da Costa, o sr. Fonseca apenas manteve a disciplina. Quanto ao tenente Carmona, se a falta se provasse, estava na alçada do artigo 4.º do regulamento disciplinar. O tenente Ressano Garcia, que é accusado de não cumprimentar a bandeira nacional, tambem, se a falta se provasse, só teria que ser punido disciplinarmente. Os contra-mestres Mourão e Rocha, accusados pelo sr. Freitas Ribeiro, tambem não merecem, segundo affirma o presidente da commissão, ser separados. O sr. Marques da Costa termina a sua declaração de voto dizendo que não conseguiu ser no seio da commissão o elemento conciliador que desejava.

O sr. dr. José de Castro, ministro da

marinha, no despacho que deu ao relatorio dos srs. Leotte do Rego e Freitas Ribeiro considera-o nullo por não terem sido cumpridas as disposições da lei, que manda ouvir os accusados, que os auctorisa a darem provas testemunhaes, etc. Isso não se fez, não se colhendo assim nem provas juridicas nem moraes que justifiquem a separação proposta. E assim, o ministro devolve á commissão as «confidencias» que d'ella recebeu, para que os officiaes propostos para o affastamento possam dizer de sua justiça. Sem isso, não despachará favoravelmente, tanto mais podendo, sobre o assumpto ser interpellado no parlamento e ser collocado n'uma situação deprimente para a sua dignidade de homem e de ministro.

A este despacho, respondeu o sr. Leotte do Rego que a commissão fez uma larga inquirição de testemunhas, que ouviu demoradamente os accusados, a quem deu toda a liberdade de defeza, sem se deixar determinar pelo arbitrio, pelo acinte ou pela animosidade pessoal ou politica. «Foi a certeza moral adquirida de que os officiaes propostos não podem dar garantia completa da sua adhesão á Republica e á Constituição» que a levou a proceder como procedeu. A lei não manda organisar processos, entretanto, repete o sr. Leotte do Rego, a commissão procedeu ás mais minuciosas investigações e acariações repetidas, dando aos accusados toda a liberdade de defeza, não lhes occultando nada do que constava a respeito da sua pouca dedicação ao regimen republicano. Só outros officiaes e não os que compunham, ao tempo, a commissão podiam começar de novo, se o ministro, em seu alto criterio, não concordar com a orientação adoptada. O sr. Freitas Ribeiro, por seu turno, responde ao despacho do ministro em termos pouco mais ou menos identicos. E diz: «Não existem provas juridicas; assim o declarámos sem subterfugios e tampouco provas moraes: sómente as que em nossa consciencia confessamos existir, mas nem somos obrigados a pôl-as ao léu nem quizemos descer a interrogatorios inquisitoriaes». E o sr. Freitas Ribeiro accrescenta ainda: «Indicámos quem indicariamos se, apoz a revolução de 14 de maio, para tal fim fossemos ouvidos. Que sobre o vago e o indeterminado não possa assentar juizo certo e justo, é-nos absolutamente indifferente; pelo que nos diz respeito quanto á nossa consciencia sobre o vago e indeterminado, assenta certeza moral e justiça recta, e isso nos basta». Qualquer que seja a decisão do ministro, a commissão ficará tranquilla de consciencia.

O sr. Marques da Costa confirma que os arguidos foram todos ouvidos. Diz que as accusações feitas aos srs. Vieira da Fonseca e Carmona constam principalmente d'um escripto sem assignatura, attribuido a praças da «Zambeze», archivado na Repartição do Gabinete, onde foi entregue, e alonga-se no relato de tudo o que a commissão fez rebuscando provas, que não encontrou, contra os officiaes apontados para o affastamento. O sr. dr. José de Castro, apreciando os documentos que ficam resumidos, despachou ordenando que se fizesse previamente nota por artigos da arguição para cada um dos que hajam de ser envolvidos no processo, devendo ouvir-se testemunhas para tal fim; que essa nota fosse entregue aos arguidos, para elles responderem como se lhes offerecesse; que seriam esses pontos de arguição e não quaesquer opiniões pessoaes que deviam servir de base á accusação a respeito da qual devia ser ouvida a defeza, e que com a arguição se devia indicar aos arguidos que lhes assistia o direito de dar cada um cinco testemunhas de defeza, devendo ficar escriptos os seus depoimentos.

Seguem-se uma acta, em que a commissão apenas tomou conhecimento do despacho e deliberou pedir a sua exoneração; um outro despacho do sr. ministro da marinha, mandando ouvir o sr. promotor de justiça militar naval, e um longo relatorio d'esse magistrado, que é o sr. capitão de mar e guerra João A. de Motta e Sousa, o qual termina por concluir:

«que a lacuna accusada no processo por falta de depoimentos escriptos seria inadmissivel no caso emergente de um recurso, para instancias superiores, da decisão ministerial; mas que a hypothese de tal recurso é inverosimil porquanto: O processo revela e demonstra exuberantemente, já pelos documentos que o instruem, já pelas «cathegoricas e insophismaveis» affirmativas e revelações de «todos» os membros da commissão, que, nem aos officiaes e sargentos arguidos, nem a quaesquer outros militares da armada, são applicaveis as disposições do artigo 1.º da lei n.º 319, de 16 de julho ultimo». O sr. ministro da marinha, em face das considerações do sr. promotor de justiça, despachou julgando sem fundamento a proposta da maioria da commissão para serem separados do serviço os officiaes e contramestres acima indicados.

O resumo da publicação feita pelo «Diario do Governo» d'hoje é, pouco mais ou menos, o que ahi fica. Com taes documentos, não ha duvida que pode recahir sobre as bases da accusação um inopportuno debate.

Cadaver á tona d'agua

Ao guarda civico que hoje de manhã andava de giro na praça Duque da Terceira foi communicado que, fluctuando á tona d'agua, no Tejo, junto á ponte da Parceria dos Vapores Lisbonenses, fôra visto o cadaver de um homem e que alguns maritimos estavam tratando de o retirar para terra.

Immediatamente o policia se dirigiu para o caes, onde chegou quando o cadaver já se encontrava sobre a ponte, sendo o caso participado para o governo civil e requisitadas as auctoridades competentes.

Constatado o obito, foi o cadaver removido, em maca, para a Morgue. Parece tratar-se de um mendigo, pois que os fatos eram velhos e rotos e o cadaver apresentava, a tiracolo, uma bolsa de pano contendo boccados de pão.

PEQUENAS NOTICIAS

Recolheram no hospital de S. José: á enfermaria 4, Benjamin Fernandes, morador na rua da Bica Duarte Bello, 10, 1.º, que na rua de Santa Apolonia deu uma queda, fracturando o craneo, e José de Paiva, residente na rua Gil Vicente, 6, que foi colhido por uma chapa nas obras da exploração do porto, ficando muito ferido na perna direita; á enfermaria 9, Bento dos Santos, morador na rua das Farinhas, 18, que cahiu a bordo de um vapor norueguez surto no Tejo, fracturando uma costella.

—Desde o Campo dos Martyres da Patria até ao Rocio, foi perdido um embrulho contendo manuscriptos e documentos relativos ao balancete e contas da commissão portugueza da Exposição Internacional no Panamá.

—A policia procura Manuel de Mattos, de 14 annos, que se ausentou da rua da Esperança, 101, 3.º, e uma menor de 16 annos, de côr preta, que desappareceu da travessa do Rosario, 23. Tambem se queixou Joaquina Lopes, moradora na rua da Palma, 45, 4.º, que seu filho Manuel Lopes, de 15 annos, que varias vezes tem fugido de casa, se ausentou novamente ha dias, levando-lhe algum dinheiro.

—Accusada de ter praticado um roubo de 25 libras e por contra ella haver mais queixas foi hoje presa n'uma das ruas da Baixa a gatuna Maria José da Costa, a *Ravachol*.

—A policia continúa nas suas deligencias afim de apurar o caso que se deu na Charca. No governo civil esteve hoje prestando declarações o pae da pequena Ilda, tendo sahido em liberdade Judith Sant'Anna, visto nada se ter provado contra ella. A Guilhermina de Oliveira continúa detida.

SPORT

A belleza moderna e a belleza antiga

Deante do photographo e em repouso

Os athletas como Sandow e Bobby Pandour são mais perfeitos com a musculatura em repouso que tendo a musculatura contraturado

Desvaneceu-se felizmente a ideia de que um «lindo» braço de hercules era o que apresentava um bicipete mais volumoso.

Ainda nos lembramos do culto admirativo que no Gymnasio Club Portuguez, tinham os braços curtos e musculosos d'um bom athleta e que foi um infeliz mas bom rapaz—o João Roubeaud.

Hoje o braço só com bicipede volumoso começa a ser olhado nos devidas proporções. Os ensinamentos da anatomia e da fysiologia começam a misturar-se com a ideia sportiva. Assim todos sabem hoje que quanto mais longo fôr um musculo mais rapido elle é e quo maior é a força que desenvolve; que o tricipite representa o musculo mais poderoso do braço e ainda assim no seu trabalho tem de se associar aos musculos da espadua e das costas.

A este proposito é conveiente citar as phrases, evidentemente exageradas mas, na essencia, razoaveis d'uma chronica de Dispan, que não ha muito tempo, causavam alvoroço nos meios athleticos francez e inglez.

—Ainda ha poucos annos, o bicipete era uma especie de deus, um deus todo poderoso que tinha os seus devotos, ou melhor dizendo, os seus fanaticos. O bicipete era o symbolo e o criterio da força. Fóra do bicipete formidavel, grosso como um craneo de recem-nascido e duro como ferro, não havia saude! E dizia-se com frequencia: «Fulano, que grande braço tem!» Todos desejavam ter um braço como o de Sandow, cuja photographia ornamenta as vitrines das pharmacias londrinas!

«Hoje, o prestigio do bicipete cahiu muito baixo. E com esse prestigio perdeu-se tambem a religião das musculaturas hipertrofiadas, levantando a epiderme como saccos de nozes ou de batatas. Estes beneficios devem-se aos «sports» athleticos ao ar livre e ao «box», que vieram dar a noção da harmonia das fórmas, do equilibrio physico, isto é a «eurythmia» do musculo humano.

«Um dia virá em que se ha de differençar o que é sublimemente bello e então nunca mais despertarão inveja as musculaturas de Boby Pandour e de Sandow. E' que elles não representam a poderosa «academia» d'um Hermés ou d'um Antinous».

Ha severidade exaggerada n'estas linhas. Tem um fundo de violencia e de mal fundamentado estudo. Os dois hercules, Sandow e Pandour soffrem a principal critica. Os lisboetas conhecem bem o segundo e do primeiro teem ouvido dizer a technicos, artistas e physiologistas que é um bello producto da cultura physica, vigoroso e harmonioso.

Estheticamente Pandour—e falamos d'este porque o conhecemos—está longe da factura das estatuas de Praxitéle, mas a severidade de Dispau deve-se a que criticou o athleta pelas photographias. Ora sendo assim o caso muda muito de figura.

Se Pandour fosse apanhado em repouso pela photographia, o seu aspecto seria outro. Seria, como o das estatuas antigas sem «saccos de nozes e saccos de batatas» nos braços. O defeito que o critico lhe encontrou tambem nós lh'o encontrámos. Pandour quando esteve no Colyseu, antes de vir á arena carregava a traço negro as linhas que demarcavam os musculos para que estes fizessem maior saliencia com o auxilio da luz electrica. Maurice Deriaz tambem preparava um pouco a sua musculatura antes da exhibição das suas poses plasticas que fez durante trez mezes em Lisboa.

Quem tem estes habitos, certamente que deante d'uma chapa photographica toma a «pose» dos musculos contraturados, má sem duvida e que merece a critica. Esta é a razão porque os athletas se prejudicam, julgando que se beneficiam.

Nota do dia

O «foot-ball» pode renascer?

Affirmou-se que o «foot-ball» soffreu uma ligeira decadencia no anno passado. N'essa affirmativa houve a confirmação dos que dirigem esse magnifico exercicio athletico. Na sessão solemne, em assembleia geral da Associação de Foot-ball, realisada ha um mez, proclamou-se o facto e este não soffreu contestação.

Pensou-se em debellar a crise? Sim e parece que a epocha de 1915-1916 será differente da anterior e estes prognosticos de optimismo filiam-se no trabalho persistente, bem orientado, severo mas justo, que até agora tem mostrado a direcção da Associação. As suas communicações officiaes são bem explicitas.

Os primeiros desafios do campeonato decorreram bem e os que se seguirem hão-de decorrer assim porque a Associação está no firme proposito de punir severamente toda a infracção e todo o acto que possa prejudicar a causa do «foot-ball». Um simples argumento vem justificar esta ameaça da penalidades. E' que os campos de jogo costumavam ser frequentados por milhares de pessoas e d'essas eram em grande numero as do sexo feminino. Ora qualquer desordem ou acto incorrecto passado durante um «match» afasta immediatamente essa concorrencia de espectadoras, coisa que é necessario evitar.

Algumas anecdotas

Na minha terra joga-se assim...

Em Rio de Mouro, perto de Cintra, vive um homem, o sr. A. L., fortissimo, que tem fama em todos os arredores como o homem mais valente que ali appareceu nos ultimos annos. E' alto, quasi d'um metro e noventa e corpulento para essa estatura. E' tambem rico e ha annos, quando era mais novo, quiz gastar uns dinheiros n'uma viagem até Londres. Esteve na capital ingleza uma temporada relacionando-se com varios amigos, que quizeram experimentar a sua força, organisando um desafio de socco com um campeão d'essa epocha.

O sr. A. L. acceitou e quando viu o adversario mais pequeno e franzino em proporção ao seu corpo, perguntou:

—Mas elle será capaz de se atrever commigo?...

O certo é que o tal campeão pequeno fartou-se de bater no hercules portuguez, com grande prazer dos circumstantes, que viam uma «fraca figura» desancar um colosso! O sr. A. L. não gostou da scena e zangou-se com a risota. A certa altura, quando o «boxeur» estava mais animado e a gargalhada era maior, enfureceu-se e esquecendo-se das regras do «box», cahiu sobre o adversario e desatou á bofetada, ao socco e ao pontapé, tão loucamente, que o pobre campeão já não sabia para onde fugir.

—Então o que é isso? As regras não são assim!...

—Falem, falem, que logo respondo... Cá na minha terra é assim que se joga á pancada...

E não descançou emquanto não moeu o «boxeur»...

Noticias

Entre nós

Escolas de vella no Club Naval de Lisboa

Começaram com bastantes alumnos as escolas theoricas da difficil arte de navegar á vella, dirigidas pelo actual commandante do Club Naval de Lisboa, Joaquim Millhomens. As escolas theoricas funccionam ás segundas, quartas e sextas feiras, ás 21 horas, na séde do Club Naval. As escolas praticas são a bordo do palhabote «Nautilus» e chalupa «Bonita», barcos-escola do club.

O Club Naval de Lisboa promovendo a aprendizagem da nossa navegação á vella, presta mais um serviço aos seus associados que terão occasião de serem bons marinheiros e homens aptos para tripularem quaquer embarcação, seja ella de que tonelagem fôr, ao mesmo tempo que é uma diversão agradavel e que robustece aquelles a que ella se dedicam.

Associação de Foot-ball de Lisboa

Communicações officiaes:—Desafios marcados para 14 de novembro—1.ª categoria: Lisboa F. C. contra Bemfica, no Campo Grande, ás 15 horas. Juiz o sr. Francisco Stromp. 2.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Imperio, no Campo Grande, ás 13 horas. Juiz o sr. Jorge Vieira; Internacional contra Victoria, nas Laranjeiras, ás 14 horas. Juiz o sr. Luciano Simões. 3.ª cathegoria: Cruz Quebrada contra Imperio, em Bemfica, ás 15 horas. Juiz o sr. Rogerio Peres; Sporting contra Bemfica, no Lumiar, ás 13 horas. Juiz o sr. João Sá. 4.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Palmense, no Campo Grande, ás 11 horas. Juiz o sr. Frederico C. Barros; C. Quebrada contra Sporting, em Bemfica, ás 13 horas. Juiz o sr. Domingos Pinto.

Previnem-se os interessados—directores, socios, clubs e juizes de campo—de que a séde da Associação é na travessa da Gloria, 22-A, para onde deverá ser enviada toda a correspondencia e onde poderá ser procurada a commissão administrativa das 20 ás 22 horas de todos os dias uteis, menos sabbados.

Participa-se aos socios e club filiados que a firma A. Villar & C.ª lhes concede 5 por cento de desconto nas compras de todos os artigos de «sport».

Foram approvados socios os srs. Luciano Simões, Julio d'Araujo, Adelino P. Sanches e Rodrigo de Vasconcellos.

Reune hoje a commissão technica e ámanhã a direcção pelas 21 horas.

Gymnastic Club de Portuguez

A direcção d'este club na sua ultima reunião tratou de varios assumptos de importancia para o Club e para o «sport» em geral, desolvendo entre outros abrir as suas classes no proximo dia 14 com «matinée» e sessão solemne para distribuição de premios aos vencedores da «Travessia do Tejo» e provas finaes das classes de 1914-1915 para o que estão convidados varios oradores e á qual se seguirá um baile.

Entre as muitas provas de «sport» resolveu a organisação de varias provas de esgrima entre ellas «pela primeira vez no nosso meio» a d'um campeonato de sabre para civis e decidindo tambem realisar na pirmavera do proximo anno, o primeiro congresso de educação physica.

A primeira prova do seu enorme programma realisar-se-ha no dia 5 de dezembro com uma «poule» de espada reservada aos socios, frequentadores da sua sala d'armas.

Os vinhos de Collares

Na exposição Panamá-Pacifico o «Collares Ramisco» obtem medalha de ouro

O sr. Antonio Bernardino da Silva (Chitas) tem na risonha povoação das Azenhas do Mar, proximo á Praia das Maçãs grandes vinhedos, plantados na areia e produzindo abundantemente o delicioso ramisco, marca «Collares-Ramisco» que na exposição Panamá-Pacifico conseguiu a medalha de ouro, distincção que outros vinicultores mais velhos e mais experimentados ainda não alcançaram.

Isto prova quanto o sr. Bernardino da Silva cuida e zela a reputação dos seus vinhos, que já hoje se podem collocar ao lado dos melhores vinhos da região de Collares, havendo até immensa gente que prefira a qualquer outro vinho o «Collares-Ramisco» da casa Chitas.

De suppôr é que, n'uma proxima exposição a que concorra o sr. Antonio Bernardino da Silva consiga obter para o seu afamado Ramisco o «Grand Prix» o que indiscutivelmente já então lhe deve competir.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

LUTUOSA

Apoz prolongado soffrimento, falleceu a sr.ª D. Maria Eugenia Santa Cruz de Sousa, filha estremecida do sr. Pedro Santa Cruz de Sousa e da sr.ª D. Maria Alexandrina Antunes de Sousa. A inditosa menina, pois apenas contava 19 annos, era muito estimada pelas suas excellentes qualidades de caracter e deixa as mais fundas sympathias entre as suas condiscipulas do lyceu Maria Pia, cuja frequencia tivera de interromper, devido aos estragos da doença que a victimou. O seu funeral realisa-se amanhã, ás 12 horas, da rua dos Remedios á Lapa, 54, para o cemiterio dos Prazeres.

A seu tio, o nosso prezado amigo e collaborador artistico Alberto de Sousa, assim como á restante familia enlutada os nossos fundos pezames.

—Tambem falleceu a sr.ª D. Anna Amelia Pereira Braga, realisando-se o funeral amanhã, pelas 15 horas, da rua de S. Francisco de Paula, 77, 2.º, para o cemiterio oriental.

O banquete de sabbado

Em homenagem ao dr. José Pontes

Para o banquete que no proximo sabbado, pelas 20 horas, se realisa no hotel Francfort, da rua de Santa Justa, em homenagem ao nosso presado collega dr. José Pontes, pelos serviços que tem prestado á causa da educação phisica inscreveram-se até hoje de tarde os srs.:

Roque Gameiro, Manuel Guimarães, Francisco dos Santos (esculptor), João Loforte, Carlos Xavier, Garcia Carabe, Alberto Totta, Alberto Franco de Castro, Raul de Campos Palermo, Levy Jenochio, Jayme d'Oliveira Pinto, José Joaquim d'Almeida, Sousa Amzalack, Antonio Couto, João Bentes, Francisco Rocha, J. Mendes Arnault, Soares d'Almeida, José Netto, dr. José Pitta e Castro, Eduardo Luiz Pinto Bastos, João de Deus Tavares Homem, Carlos Gonçalves, João d'Araujo Moraes, padre Eduardo Ferreira do Amaral, Carlos Ferreira Viegas, Arthur dos Santos, Carlos Fernandes, Victor Rollin Santos, Caetano J. Santos, Joaquim Macedo Brito, José Alvarez, Eduardo Bins.

D. José de Noronha, Antonio Soares Júnior, Eduardo de Faria, Carlos Bazilio d'Oliveira, Delphim Guimarães, Raul Nunes, Martins Faria, Walter Alvarez, Pedro Sanches Navarro, Luiz Roubeaud, Arnaldo Gomes.

José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, Accacio Santos, Manuel Egreja, José Joaquim Bastos, Antonio Henrique Oliveira e Silva, José Aprigio Gomes, João dos Santos Mattos, Mario Beirão, Diogo Pina Manique, Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cartaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Sousa, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

Tambem se inscreveu o sr. Antonio Ribeiro da Costa Guia, da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz.

Junta de Credito Agricola

Como a lavoura se vae libertando da usura—As caixas de credito agricola

Está publicado o relatorio da gerencia de 1914-1915, de cuja leitura se vê quão lenta, mas seguramente, vae progredindo a benefica acção das caixas de credito agricola, que tantos serviços estão destinadas a prestar á agricultura, libertando-a principalmente das garras da usura.

No movimento geral houve um accrescimo, sobre a gerencia anterior, de 454.687$25, pois sendo o movimento, em 1913-1914, de 337.027$92, em 1914-1915 elevou-se a 791.715$17, isto é, muito mais do dobro.

Na conta de emprestimos houve tambem um augmento de 12.992$10, elevando-se no total de 377.816$93, cobrando-se de juros sobre aquelle capital a importancia de 19.597$38, mais 6.413$93 do que na gerencia transacta.

Mais onze caixas de credito agricola mutuo se instituiram na gerencia de 1914-1915, o que dá para todo o paiz quarenta e oito d'essas instituições, sendo trez de responsabilidade limitada, quarenta e quatro de responsabilidade illimitada, e uma de responsabilidade mixta, forma creada pela lei n.º 215 de 30 de Junho de 1914.

Teem as novas instituições as seguintes sedes:

Districto de Beja: Cuba, Brinches e Moura; de Evora: Evora Monte; de Lisboa: Torres Vedras; de Aveiro: Gandara de Cambra; da Guarda: Manteigas e Valhelhas; de Villa Real: Bertelo; de Vianna do Castello: Goutinhães; de Leiria: no respectivo districto.

No districto de Beja dos seus quatorze concelhos apenas quatro, Mertola, Vidigueira, Barrancos e Almodovar, não possuem caixas de credito agricola, e n'este ultimo, porque a tentativa da lavoura falhou pela opposição do notario que se recusou ao cumprimento da lei.

Só nos districtos do Porto, Vizeu, Coimbra, Castello Branco e Faro não existem caixas de credito agricola, mas alguns d'elles, em pouco tempo, estarão dotados com essas instituições.

São em grande numero os syndicatos agricolas existentes no paiz, predominando na região do sul, onde ha 65 com 39 caixas de credito agricola mutuo, ao passo que no norte ha 51 apenas com 9 caixas de credito.

Só com os capitaes provenientes do fundo especial do credito agricola realizaram as caixas, na gerencia de 1914-1915, 956 emprestimos, na importancia de 377.766$93, verba esta superior á somma das concedidas nos exercicios passados.

Sob fiança foram concedidos 441, na importancia de 174.671$; por hipotheca 167, na de 76.626$18; por penhor 348, na de 126.469$75.

Em relação aquella totalidade, os emprestimos por fiança representam 46,2 por cento, por hipotheca 20,2 por cento; e por penhor 33,5 por cento.

Com os capitaes do Estado e capitaes proprios das caixas, os emprestimos, ainda na mesma gerencia, foram 1:355, na totalidade de 482.491$65, sendo por fiança 623, na importancia de 227.712$40, por hipotheca 223, na de 84.105$18, e por penhor 509, na de 170.674$07.

Com capitaes do Estado realisaram as Caixas 441 emprestimos sob fiança, na importancia de 174.671$, que sommados aos 182, na quantia de 53.041$40 feitos com capitaes proprios, prefazem a totalidade, de 623 emprestimos no valor de 227.712$40.

Por hipotheca e com capitaes do Estado, effectuaram as mesmas Caixas 167 no valor de 76.626$18 e 56 com capitaes proprios na importancia de 7.479$, sendo o total dos emprestimos de 223 e o do capital 84.105$18.

Por penhor e com capitaes da primeira proveniencia foram effectuados 348 emprestimos na importancia de 126.469$75 e com dinheiros da segunda 161, no valor de 44.204$32, prefazendo o total de 509 emprestimos com o capital de 170.647$07.

E' muito sensivel a differença entre o numero de emprestimos por fiança e respectiva importancia e os representados pelas outras garantias, o que salienta a mutua confiança, que se vae estabelecendo nas caixas de credito agricola, isto é, a sua orientação para o verdadeiro credito pessoal.

ULTIMA HORA

POR CAUSA DA REFORMA DA POLICIA

O governo resolve demittir-se

e as commissões politicas democraticas querem dissolver-se

Nem mais, nem menos: toda a vida politica nacional está em riscos de ser agitada por causa da reforma da policia. O governo cahe e as commissões democraticas demittem-se. Mas, como nos subterraneos da politica ha sempre odios prestes a explodir, é natural que aquelles dois incidentes se façam acompanhar, a breve trecho, de acontecimentos ainda mais retumbantes. Acceso o rastilho das complicações, póde lá prever-se quando o incendio acabará...

Tinha-se estabelecido, como coisa assente e positiva, que a policia ia ser reformada. Todos estavam de accordo n'esse ponto: — uns porque entendiam que a policia, tal qual está organisada hoje, não satisfaz de modo algum as necessidades de defeza da Republica nem constitue sequer um sério instrumento para a manutenção da ordem; outros porque simplesmente reconheciam que a policia ficára desprestigiada perante o povo republicano após incidentes varios occorridos durante a dictadura e em face da victoria da revolução de 14 de maio. Estava, pois, assente que a policia ia ser reformada.

Publicado nos jornaes o respectivo projecto, não surgiu, forçoso é reconhecel-o, qualquer argumento de peso contra as disposições da reforma. Apontavam-se-lhe muitos erros... por causa das nomeações. Isso não impediu, porém, que o ministro procurasse cumprir a auctorisação que o parlamento lhe tinha votado e que não era mais, afinal, que uma consequencia das reclamações instantes do povo republicano. E, finalmente, a reforma foi assignada antehontem pelo sr. presidente da Republica, esperando-se que viesse hontem ou hoje publicada no «Diario do Governo». Não veiu. Porquê? Porque o sr. dr. José de Castro, chefe do governo, entendeu que não devia referendal-a emquanto não estivesse solucionado um conflicto aberto dentro do partido democratico... por causa das nomeações.

Esse conflicto resume-se em pouco: não ser nomeado commissario d'um dos bairros de Lisboa um pretendente que tinha o patrocinio caloroso d'uma individualidade em destaque n'aquelle partido, parlamentar eloquente e antigo ministro. O sr. dr. José de Castro entrincheirou-se n'essa razão—e não assignou a reforma. O sr. ministro do interior, visto isso, limitou-se a dizer ao chefe do governo que mandasse lavrar o decreto da sua exoneração, não tendo já ido hoje ao seu ministerio.

Mas, como é natural, a questão foi levada a conselho de ministros, onde estava reservada ao sr. dr. José de Castro esta surpreza: todos os ministros declararam-se solidarios com o seu collega da pasta do interior. N'estes termos, s. ex.ª só tinha um caminho a seguir: pedir a demissão collectiva do gabinete.

Por outro lado, as commissões politicas do partido democratico já tinham communicado ha tempos ao Directorio que se dissolveriam no caso da reforma não ser publicada. Essa attitude era a consequencia logica das affirmações que vinham fazendo ha muitos mezes. Logo a 16 de maio, n'uma reunião effectuada na Camara Municipal, os representantes das commissões disseram á junta revolucionaria que era indispensavel fazer-se a reforma da policia com urgencia. A junta concordou, e, desde então, nunca mais as commissões deixaram de insistir pela rapida realisação de reforma. Não se faz? As commissões dissolvem-se, reservando-se o direito de convocar um congresso extraordinario do partido para a definitiva e opportuna liquidação de responsabilidades.

* * *

Já depois de escriptas estas linhas informaram-nos de que a alta individualidade do partido democratico que se interessava pela nomeação d'um commissario resolvera participar ao governo que o seu candidato desistira do pedido que tinha feito. Ne'stes termos, póde o sr. dr. José de Castro referendar a reforma, pois que desapparecem os seus escrupulos quanto ao conflicto aberto no partido democratico e que se fundava, ao que parece, na opposição que as commissões faziam á nomeação d'aquelle candidato.

Navios estrangeiros em aguas portuguezas

Pelas 17 horas e meia entrou a nossa barra o contra-torpedeiro francez «Epée», que vem abastecer-se de carvão e mantimentos devendo deixar o Tejo amanhã.

Entrou hoje a barra do Porto o rebocador da marinha de guerra ingleza N. A. H. n.º 3

Navegando do norte para sul passaram á vista de Oitavos dois torpedeiros francezes e navegando para o norte passou á vista de Sagres o transporte inglez «Saltas», da Cruz Vermelha.

O crime da Horta das Tripas

Na enfermaria n.º 5 do hospital de S. José falleceu hoje Julio Antunes da Costa, mais conhecido pelo «Julio das Feiras», victimado por um tiro de revolver que hontem á noite lhe foi disparado por Manuel Ferreira quando ambos se travaram de razões na Horta das Tripas, á Estephania. O Ferreira, que se pôz em fuga, ainda não foi preso. e o cadaver do Costa entra ámanhã na Morgue.

Cruzador "Adamastor"

Assumiu hoje o commando d'esta cruzador o capitão-tenente sr. Freitas Ribeiro, sendo-lhe entregue pelo capitão-tenente sr. Nascimento Trigo.

Pelas 14 horas formou na coberta do navio a guarnição, de quem se despediu o sr. Nascimento Trigo, elogiando-a e dizendo ao sr. Freitas Ribeiro que n'ella pode ter toda a confiança.

Em seguida os srs. Freitas Ribeiro e Nascimento Trigo apresentaram-se ao ministro e major general da armada.

Apprehensão de duas fragatas

O 2.º sargento da guarda fiscal Miguel Antonio Ribeiro, accompanhado dos cabos Figueira e Robalo e do soldado 421, todos da mesma guarda, entraram hoje nas fragatas 593 e 533, pertencentes á firma Pinto Bastos, e depois de uma rigorosa busca apprehenderam na primeira um fardo de tecidos de oxford, camisas e outros tecidos, e na segunda um outro fardo de oxford, trez grandes queijos, 7 frascos com cognac e 11 botijas de genebra. Os arraes dos barcos, de nomes Manuel José e José Antonio, foram detidos e seguiram para o Tribunal do Contencioso Fiscal e as fragatas foram apprehendidas. A multa que foi imposta aos arraes é de 878$20 e como não a pagassem vieram para o governo civil.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	33 3/4	33 5/8
Londres, 90 d/v.. . .	34 1/4	—
Paris, cheque. . . .	$76,5	$77,2
Allemanha, cheque .	$30	$31
Hollanda, cheque . .	$64	$64,5
Madrid, cheque. . .	1$42,5	1$43
New York	1$52	1$54
Rio s/Londres. . . .	12 5/16	—
Libras.	7$22	7$28
Agio do ouro.	60 °/o	65 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	38,90
» » 500$	39,75	38,60 1/2
» » 100$	—	38,70

Obrigações do Estado: 4 1/2 88-89, coup., 57$30.

Acções: Banco Economico Portuguez 20$10.

Banco Commercial do Porto, 40$40; Phosphoros, assent. 55$ e coup., 54$90; Internacional Mercantil, 6$20.

Obrigações: Norte e Leste, 2.º grau, 37$20; Carris de Ferro, 108; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 77$.

A grande guerra

Os alliados permanecerão unidos até ao fim

LONDRES, 10.—No seu discurso no banquete do lord maior o sr. Asquith, primeiro ministro, declarou que a vontade formal e unanime dos alliados é permanecer unidos até ao fim. A jornada será longa, mas não nos deteremos no caminho, nem affrouxaremos antes do termos assegurado aos pequenos estados da Europa a sua carta de independencia e ao mundo inteiro a emancipação do reino da força.—(*Havas*).

Os russos não affrouxam na lucta

PETROGRADO, 9.—Official. Na Curlandia occupámos a região a leste de Kemmern e tomámos muitas munições e material.

Na região de Dwinsk progredimos a oeste do lago Sventen, fazendo uma centena de prisioneiros. Na região de Komarovo repellimos tres ataques e tomámos um bosque fortificado, onde repelimos quatro contra-ataques.—(*Havas*).

Um general francez ferido

PARIS, 10.—Os jornaes annunciam que o general Hirschaner ex-director da Aeronautica foi ferido n'um pé por um estilhaço de granadas.—(*Havas*)

Vivos ataques na frente occidental

PARIS, 10.—Communicação official.—Em Artois os allemães tentaram contra a orla oeste do bosque de Givenchy um ataque pouco extenso, que foi facilmente detido pelos nossos tiros de enfiada.

Na Champagne as nossas baterias responderam muito efficazmente a um novo e violento bombardeamento dirigido contra as nossas posições a nordeste de Tahure.

A leste de Argonne, em Vauquois e no bosque de Malancourt continuaram durante a noite, os vivos combates á bomba e á granada.—(Havas).

Vapor allemão torpedeado

PARIS, 10.—Um submarino inglez torpedeou o vapor allemão «Cordelia», no mar Baltico.—(Havas).

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Expedicionarios que regressam

LOANDA, 10.—No paquete «Africa» regressam á metropole 9 officiaes, 3 sargentos e 8 soldados das forças expedicionarias.—(Correspondente).

Separação de funccionarios

O sr. ministro do interior já lavrou hontem o despacho affastando do serviço oito funccionarios dependentes do seu ministerio, de harmonia com o parecer que lhe foi apresentado pela respectiva commissão.

A proposito da separação effectuada pelo ministerio da guerra dissemos hontem que deviam publicar-se os documentos justificativos dos afastamentos ordenados pelos respectivos ministros. Informam-nos que o decreto que regulamenta a lei terminantemente estabelece que do despacho ministerial apenas devem constar os nomes, postos e vencimentos futuros dos funccionarios afastados e a declaração de que estão incluidos no seu artigo 1.º

NO PALACIO DE BELEM

Os officiaes de terra e mar

saudam o chefe do Estado, que pronuncia uma allocução

Conforme estava annunciado, effectuou-se hoje, pelas 15 horas, no palacio de Belem, a visita de cumprimentos dos officiaes de terra e mar ao chefe do Estado. Os representantes graduados do exercito e da marinha, e um grande numero enchiam litteralmente as salas Luiz XV, Dourada e de D. João V do antigo palacio, estando representados a majoria general da armada, a divisão naval, os serviços fabris do arsenal, a Escola Naval, as commissões technicas, o Tribunal militar de marinha, o general commandante da divisão, commandantes e officialidade de todos os regimentos, Escola de Guerra, Tribunal Militar e deputação do Collegio da Luz.

Pouco depois das 15 horas, o chefe do Estado, acompanhado pelos srs. ministros da guerra e da marinha e seguido pelos srs. ministros das colonias e finanças com os chefes de gabinetes, deu entrada na sala, onde se encontravam os officiaes de marinha. O respectivo ministro apresentou ao sr. dr. Bernardino Machado os chefes das diversas unidades, que, por seu turno fizeram a apresentação dos officiaes do seu commando.

Trocados esses cumprimentos, o chefe de Estado pronunciou as seguintes palavras:

Agradeço-lhes deveras as suas saudações a que correspondo com o mais devotado apreço. Embora anciosa de paz e tranquillidade, a Republica Portugueza tem direitos e obrigações que nunca lhe seria licito declinar! Por isso, ao seu governo cumpre velar com o maior zelo pela nossa valorisação militar, estimulando e desenvolvendo conjugadamente todas as forças vivas da nação.

Esteja a certos de que, pela minha parte, farei quanto em mim caiba, como chefe do Estado, para que, todos os cuidados dos poderes publicos se concentrem solidamente n'esse alto empenho patriotico, sem o minimo affrouxamento da nossa indissoluvel alliança historica e de laços preciosos de amisade que nos são caros, dignificando o nosso nome.

Passando ás salas immediatas, o chefe do Estado recebeu as homenagens dos officiaes do exercito, tendo egualmente o respectivo ministro feito a apresentação dos commandantes das unidades, sendo a ultima a guarda republicana. Perante esses officiaes, o sr. dr. Bernardino Machado proferiu a mesma allocução.

A visita da officialidade durou até cerca das 16 horas e meia.

O chefe do Estado, depois da recepção á officialidade de terra e mar, recebeu a visita do embaixador do Brazil e depois o consul de Portugal no Havre.

O governo e a lavoura

No seu manifesto, a Direcção geral de agricultura incita os lavradores a semear

Está publicado o manifesto em que o sr. ministro do fomento e a Direcção Geral d'Agricultura, apreciando a questão agricola, enumeram os beneficios prestados á lavoura e a incitam a semear o mais possivel para que no proximo anno o «deficit» cerealifero fique reduzido ao minimo. Trata-se, sem nenhuma especie de duvida, d'um documento importante, que é pena que não tenha sido expurgado de tantas citações de decretos e de leis, que o tornam ininteligivel para a grande maioria e que não convida os que não teem interesses directamente ligados á lavoura, a lel-o e medital-o. Em resumo, o sr. ministro do fomento e o sr. director geral da agricultura dizem o que o Estado tem feito pela lavoura e o que da mesma lavoura o paiz espera. As medidas promulgadas para que a situação agraria não attingisse uma phase aguda grave são as seguintes:

Auctorisação da venda de trigos para sementeiras;

Liberdade de commercio e de circulação de trigos para consumo;

Permissão da exportação de gado lanigero, caprino e suino;

Auctorisação para a exportação de lãs, reduzindo-se de 20 a 15$00 a sobretaxa respectiva;

Livre commercio e circulação de feijão e grão no mercado interno;

Augmento de centavo e meio no preço do trigo, determinando-se ainda que transportes e saccaria ficarão por conta dos compradores;

Determinações legaes e regulamentares tendentes a garantir a genuidade dos adubos.

São estas as principaes medidas que o governo tem promulgado para melhorar as condições da industria agricola e para fomentar as sementeiras de trigo. Basta lêr a lista d'essas concessões para se ter a impressão de que o Estado não tem abandonado a lavoura. O que é preciso agora? Isto: que a lavoura se compenetre dos graves deveres que impendem sobre ella e que consistem, acima de tudo, em empregar todos os esforços para que, no proximo anno se produza em Portugal a maior porção de trigo que fôr possivel. O Estado e os lavradores firmaram um contracto gravissimo A's condições estabelecidas, o Estado não faltou. Pois é preciso, para honra sua, que os lavradores não faltem tambem.

Uma invenção portugueza

A "CARTA POSTAL-SECRETO,,

Prodigiosa economia na correspondencia epistolar — Nunca a penetração do annuncio foi mais rapida, mais extensa e mais proficua do que com a invenção de Augusto Martins

Usem a PASTA INGLEZA, a melhor de todas para os dentes—A' venda em toda a parte

THEATRO DO GYMNASIO—O unico onde se representa a farça e a comedia

A «carta postal-secreto»

Dir-se-ha que a curiosa invenção de Augusto Martins, tão simples ao primeiro exame, lembra a historia do ovo de Colombo. A verdade, porém, é que antes d'elle ninguem, entre nós ou lá fóra, se lembrou de prestar ao publico e principalmente aos annunciantes o extraordinario serviço que representa o seu invento. Mas—perguntará o leitor abstracto—o que inventou o sr. Augusto Martins? A «carta postal-secreto».

Uma elegante folha de papel excellente, com mais de trinta linhas, o sobrescripto respectivo no verso da mesma folha, uma estampilha de dois centavos e meio ou de vinte e cinco réis, segundo o velho estylo—e tudo isto por um centavo, como se dissessemos por dez réis!

—Mas que especie de negocio é esse—objectará o leitor—em que se vende por um centavo o que vale positivamente trez centavos e meio?!

Um interessantissimo negocio, que o publico e o annunciante comprehenderam, como prova o facto de em dois dias se terem exgotado os primeiros trinta mil postaes-secretos postos á venda... Quem lucra sobretudo, como já accentuámos, é o annunciante e o publico, mas nos lucros ha, naturalmente, uma pequena margem para a empreza editora que é a firma Martins, Moraes & C.ª, Limitada, rua do S. Julião 23, 1.º.

A carta postal-secreto encerra, na sua parte interna, duas columnas de pequenos annuncios que ficam como que emoldurando o texto epistolar. Exteriormente não tem annuncios, sendo o seu formato o do papel de cartas mais chic que se encontra no mercado.

Os pequenos annuncios explicam o milagre da assombrosa barateza da carta-postal secreto. São elles que permitem vender ao publico por um centavo o que lhe custa, de ordinario, trez centavos e meio.

Sendo assim, justo é que o annunciante obtenha, como de facto obtém, as principaes vantagens d'este negocio. Com effeito, duas pessoas, pelo menos, lêem o annuncio: a que endereça a carta e o destinatario. Mas uma carta é não raras vezes lida por outras pessoas além da que a escreve e da que a recebe. Uma carta relê-se. Uma carta guarda-se. Uma carta vae a todos os recantos, ainda os mais remotos do paiz; vae ás ilhas adjacentes e aos seus povoados menos conhecidos; vae ás colonias e não só ás terras do litoral mas aos pontos mais distantes da costa e onde nem sempre chegam os jornaes. Uma carta vae para o estrangeiro, para ambos os hemispherios, para todos os continentes... E o annuncio dentro de uma carta, breve e expressivo, salta aos olhos, lê-se involuntariamente, quasi se decora como succede, por vezes, com a propria carta... Nunca a penetração do annuncio foi mais rapida e mais extensa do que pelo processo inventado por Augusto Martins. Ousará alguem contestar, de boa fé, o que affirmamos?

* * *

Supponde que um annunciante houvesse dado o seu annuncio para todas as series de cartas postaes que constituiram a venda prodigiosa de trinta mil exemplares em dois dias, pelo menos sessenta mil pessoas tiveram conhecimento d'esse annuncio, pois que quem comprou a carta postal-secreto não o fez para a fechar n'uma gaveta mas para a enviar a alguem. Sessenta mil leitores seguros e dispersos—e que enorme dispersão!—ninguem dirá que não é motivo para regosijar um annunciante intelligente e arrojado...

Quantas novidades, quantas revelações, quantas surprezas não leva a carta postal-secreto nos seus annuncios, a par das surprezas, das revelações e das novidades que o texto pode conter! Quantas consultas, quantas encommendas, quantas compras, se não farão por causa dos annuncios da carta postal-secreto e quantas vezes não virá ella a ser tambem o vehiculo d'um novo freguez, d'um novo amigo para o estabelecimento annunciador, que detesta a rotina e aproveita os melhores meios do fazer a sua propaganda e alargar a sua clientela!

* * *

Consta-nos que aos escriptorios da rua de S. Julião, 23, 1.º teem affluido, espontaneamente, industriaes e commerciantes a levar os seus annuncios, manifestando assim uma nitida comprehensão do singular alcance pratico que caracterisa semelhante forma de annuncio. Os annuncios são a alma da carta postal-secreto, mas esta é, por seu turno, a mais perfeita valorisação dos annuncios. Cremos tel-o demonstrado iniludivelmente. Os trinta mil exemplares postos á venda voaram em dois dias e em tal facto reside a mais eloquente prova do seu exito incomparavel. Elle surprehendeu o proprio inventor e os seus socios, que esperavam muito mas não suppunham tanto.

Novas series vão apparecer no mercado e desde que o annuncio abunde, como tudo leva a crêr que succederá, porque o annunciante illustrado e habil nunca desprezou os methodos mais faceis e mais proficuos de chamar a attenção do publico,—a carta postal-secreto, que por outro lado representa, em materia de correspondencia epistolar, uma economia nunca vista, não só substituirá permanentemente o bilhete postal-secreto, mas utilisar-se-há ainda para as cartas mais cerimoniosas.

Augusto Martins com o seu invento veio operar uma revolução em que o proprio Estado ganha tambem, porque a estampilha de dois centavos e meio vae ter uma sahida muitissimo maior. E ha quem affirme que os portuguezes não são engenhosos nem são praticos! O inventor da carta postal-secreto é o mais bello desmentido que se pode offerecer aos que tal dizem...

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21—Virgem louca.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).
GIMNASIO—A's 21—Soror Marianna—Em boa hora o diga.
POLYTEAMA—A's 21—Caído entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.
MODERNO—A's 20 e 22—A filha da Annica—Artistas de verão.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

SEXTA-FEIRA—*Moderno*—1.ª representação da opereta *As Noviças*, em 3 actos, de F. Schwalbach, musica de Alfredo Mantua.

Ao correr da pena

Na sua ultima chronica falava Augusto de Castro da attracção irresistivel que exerce o theatro sobre aquelles que uma vez se prenderam, pouco que fosse, na sua engrenagem subtil. Recordou o desespero de Alexandre Dumas, descoroçoado muita vez e voltando sempre, citou o exemplo de artistas illustres que, depois de terem abandonado o theatro, soffrem a nostalgia profunda d'aquelle meio, onde tiveram os seus melhores sonhos, os seus maiores desesperos e as suas mais legitimas alegrias.

Razão tem Augusto de Castro quando diz que quem amou o theatro verdadeiramente, não pelo que elle é, mas pelo que sonhamos que seja, não pode nunca deixar de o amar. E' como aquellas mulheres corrompidas de vicios, cheias de taras e de insufficiencias, cujo amor é incomprehensivel para muitos e que afinal são a vida e o destino de um homem. Todos nós, gente de theatro, temos encontrado pessoas de bem, que, tendo-se um dia approximado dos bastidores, nos perguntam depois surprezos:

Mas como v. vive n'esse meio de intrigas, de malquerenças, de invejas pequenas e de inconsciencias enormes? Como pode conviver com alguns dos exemplares d'essa fauna exotica, d'esse mundo áparte? Como se contenta com todas as realisações insufficientes, com todas as apreciações injustas com as inimisades surdas e com os antagonismos declarados, porque se mantem entre a bigorna de dentro e o martello de fóra?»

Porque, como o diz o auctor do Chá das cinco ha no theatro um combate de todos os dias. Porque a cada hora é preciso vencer, desde que no silencio do gabinete de trabalho, vencemos os nossos nervos, o nosso cerebro a nossa imaginação até ao momento em que se vence esse inimigo feroz e desapiedado que se chama o publico. E este ultimo combate é sobretudo interessante n'um paiz como o nosso onde se não reconhecem direitos adquiridos, em que o prestigio de uma obra passada é quasi nullo, em que trinta pessoas nos conhecem e tresentas mil nos ignoram. E para aquelles que teem fé em si, que teem a necessidade de vencer moralmente, para os que não fazem do caso apenas um simples negocio por detraz do qual se escondem e põem sempre o peito adeante do seu trabalho, tem um grande e bello encanto essa batalha, apesar da mesquinhez dentro da qual é travada.

Cyrano

TOURADAS

SETUBAL, 10.—A ultima corrida da epoca, realisa-se no domingo, promovida pelo nosso patricio o bandarilheiro José Costa, que a dedica á laboriosa classe maritima, que n'ella tambem entra, formando dois grupos de forcados, capitaneados, respectivamente, por João Baginho e Antonio Catatumba. A cavallo toureiam os amadores setubalenses Constantino José, Salvador Ramos e Jayme Theodoro Amante, que se estreia n'esta corrida; e a pé um grupo de amadores de Setubal e Lisboa, auxiliados pelo promotor e por Daniel do Nascimento, executando-se pela primeira vez na nossa praça o Jogo da Rosa, n'um dos touros de corrida, a sorte de *Dom Tancredo* e ainda outros numeros de sensação, sendo os touros do lavrador sr. Joaquim Miguel dos Santos e havendo de Lisboa combolos a preços reduzidos (80 centavos, ida e volta).

Boatos e informações

Entre nós

A peça «La donna é mobile», original da escriptora americana miss Margaret Mayo, traducção de João Soler, que sóbe á scena brevemente no Gymnasio, em récita de assignatura, representar-se-ha esta semana, pela primeira vez, em Madrid, no theatro Cervantes, pela companhia Simó Raso, composta dos melhores artistas hespanhoes do genero declamação.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Instrucção militar preparatoria

Os mancebos que completarem 17, 18 e 19 annos de edade até 31 de dezembro proximo, são obrigados pelo decreto com força de lei de 26-V-911 receberem desde já a instrucção militar preparatoria aos domingos, para o que deverão apresentar-se nos seguintes locaes, caso não queiram filiar-se nas Sociedades:

Os residentes nas freguezias dos Anjos, Beato, Olivaes, Santa Cruz do Castello, Santa Engracia, Santo André, Santo Estevão, S. Christovão e S. Lourenço, S. Miguel, S. Thiago, S. Vicente, Sé, S. João da Praça e Soccorro, no quartel de infantaria n.º 5, ás 10 horas.

Os residentes nas freguezias da Conceição Nova, Encarnação, Magdalena, Martyres, Pena, Sacramento, Santa Justa, S. Jorge de Arroyos, S. José, S. Julião, S. Nicolau, no quartel de infantaria n.º 2, ás 9 horas.

Os residentes nas freguezias Coração de Jesus, Mercês, Santa Catharina, S. Mamede, S. Paulo, e S. Sebastião da Pedreira, no quartel de infantaria n.º 16, ás 9 horas.

Os residentes nas freguezias de Ajuda, Alcantara, Belem, Lapa, Santa Isabel e Santos-o Velho, no quartel de infantaria n.º 1, ás 11 horas.

Os residentes nas freguezias de Oeiras e S. Julião, na esplanada da bateria de Santo Amaro de Oeiras, ás 10 horas.

Os residentes nas freguezias de Bellas e Barcarena, no quartel do grupo a cavallo, ás 14 horas.

Os residentes nas freguezias do Bemfica, Bellas e Carnaxide, no Bairro da Mina, ás 11 1/2.

Os residentes nas freguezias de Lumiar, Campo Grande, Carnide, Ameixoeira e Charneca, no largo de S. João Baptista, ás 12 horas.

Os residentes nas freguezias de Odivellas, Paiam e Povoa de Santo Adrião, no largo do Convento (em Odivellas), ás 10 horas.

Os residentes nas freguezias de Loures, Frielas, Santo Antão do Tojal, no Campo do Jogo da Bola, ás 9 horas.

Os residentes nas freguezias do Bucellas e Fanhões, no largo de Bucellas, ás 12 horas.

Os residentes nas freguezias de Arruda, Arranho, Cardosas, S. Thiago dos Velhos, no largo José Vaz Monteiro, ás 12 horas.

Os residentes nas freguezias de Almada e Caparica, no Forte de Almada, ás 11 horas.

Os residentes nas freguezias do Camarate, Sacavem, S. João da Talha, S. Iria da Azios e Unhos, na estrada Militar, (junto ao quartel de artilharia em Sacavem), ás 10 horas.

Propaganda eleitoral

O sr. Pedro Martins, *leader* evolucionista no Senado, realisa amanhã, ás 21 horas, uma conferencia no Centro evolucionista do 4.º bairro, rua do Patrocinio, 113, 2.º

Festas associativas

Na Concentração Musical 5 de Outubro ha amanhã *soirée* familiar, subindo á scena desempenhadas por varios amadores diversas cançonetas e monologos e estando a parte musical a cargo de uma distincta pianista.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Republicano Academico

Reune amanhã, pelas 21 horas, no largo do Intendente, 45, 1.º, a assembleia geral, que funccionará com qualquer numero de socios. A ordem da noite é a mesma da sessão anterior.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 9.—Apesar de estarmos no fim da epocha balnear ainda por aqui se vêem muitas familias banhistas e os espectaculos no elegante theatro do Grande Casino Peninsular continuam com enorme frequencia de espectadores.

Na proxima quinta feira despedem-se do publico figueirense os consagrados artistas de canto Condessa Carla e Amadeo Ferrari, que tanto successo teem feito n'aquelle elegante theatro. Esta despedida é em festa artistica dedicada ao publico d'esta cidade. E' grande o enthusiasmo que se nota por esse espectaculo.

—Hoje esteve um lindo dia de sol.

—Procedentes dos bancos da Terra Nova entraram já a nossa barra 13 navios bacalhoeiros, com regular carregamento de bacalhau apanhado n'aquellas paragens.

—N'estes ultimos dias tem havido abundancia de sardinha descarregada por barcos do Norte.

verdadeiras. Eram pouco escrupulosos em caso de necessidade, mas, em regra geral, os relatorios allemães não eram descurados. Os successos das suas armas eram, na realidade, sufficientes para justificarem, muitas vezes, a luxuria das verdades.

A armada allemã era menos feliz e a secretaria naval da imprensa publicava quasi invariavelmente falsas narrativas dos acontecimentos no mar. A confiança não augmentava por isso. Em setembro de 1914 um appello para uma intensa campanha de verdade, promovida apparentemente por herr Bellin e pela secção de publicidade da Hamburg-Amerika Line, proclamara que o mundo devia saber «que a causa da Allemanha era justa, que a Allemanha está unida para a victoria ou para a morte e que os inimigos da Allemanha estão fazendo a guerra com um impudor que brada aos céus».

Um methodo curioso de propaganda era a circulação em vasta escala de «cartas particulares» dirigidas não só para paizes neutraes mas ainda mesmo para os belligerantes. Uma secretaria se estabeleceu em Berlim onde se dictavam e copiavam exposições n'uma linguagem moderada, e familias inglezas respeitaveis recebiam de subito uma bem elaborada explanação do «caso allemão» em fórma de carta, de algum antigo viajante allemão com quem se havia travado conhecimento ou d'um antigo servo. Havia n'ellas rajadas de eloquencia como a seguinte:

«Luctamos pela existencia do nosso paiz, que os nossos inimigos teem tentado esmagar, pela civilisação occidental e pela humanidade contra o barbarismo do Oriente e o dominio do knout».

Entretanto a opinião allemã era habitualmente e com exito guiada para o que parecia ser o caminho mais proveitoso. Uma provisão de argumentos havia para quando necessario fôsse armar á popularidade, dando-se então uma diversão. A principio foi uma torrente, de que se abusou, dos «traidores, indignos e assassinos belgas» que haviam «merecido bem a sua sorte». Depois veiu uma cruzada apaixonada contra a Inglaterra.

Em parte devido a ter falhado o plano primitivo de campanha e se não ter podido chegar a Paris, em parte por causa da persistente esperança de que a França enfraqueceria na sua resolução e accederia a fazer a paz em separado, em breve se tomou na Allemanha o habito de olhar para a França com ar de piedade e uma tolerancia magnanima.

Houve grande discussão sobre qual das duas nações, a Russia ou a Inglaterra, era o «principal inimigo», sendo a Russia considerada como o principal durante a invasão da Prussia oriental e a ameaça a Posen e á Silesia.

Mas a opinião publica era muito forte e durante o primeiro anno de guerra nove decimas partes do esforço allemão foram dirigidas contra o imperio britannico. Em outubro de 1914, o «Jugend», illustração de Munich, publicava uns versos do herr Ernst Lissauer, em que dizia que a Allemanha só tinha um inimigo, um só—a Inglaterra. A Russia e a França apenas respondiam aos golpes que lhes eram vibrados com outros golpes. Nada mais.

Esses versos tornaram-se populares, o que demonstra claramente que representavam os sentimentos dos allemães. Só um anno depois é que se reconheceu que não era bem assim e herr Lissauer foi induzido a explicar que os seus versos eram producto d'uma paixão de momento e não eram «politicos». A expressão «Gott strafe England!»—Deus castigue a Inglaterra! — tornou-se uma formula querida aos patriotas allemães e foi livremente empregada como timbre no papel de cartas e facturas mesmo para os paizes do estrangeiro.

Uma extraordinaria feição da campanha era tambem o odio votado a sir Edward Grey. O ministro inglez dos negocios estrangeiros era o principal auctor da guerra, mau,

os grisalhos e da diminuição da sua vivacidade.

A não ser o facto do imperador na sua nova feição ter alcançado ainda mais o affecto do seu povo, a familia real não conseguiu distinguir-se na guerra. Ao contrario. Apenas durante pouco tempo os jornaes allemães receberam instrucções para insistirem na presença de todos os filhos do imperador no campo de batalha.

O nome do irmão do imperador, o grande almirante principe Henrique da Prussia, em breve desappareceu tambem. O principe real, o kronprinz, não só falhou como commandante, mas os seus habitos pessoaes adquiriram-lhe uma reputação egual á do commandante turco na Syria. Causou escandalo não só no exercito, mas entre o proprio povo.

De todos os principes allemães o unico que alcançou um solido prestigio no primeiro anno de guerra foi o principe real da Baviera Rupprecht, que foi encarregado de se oppôr aos inglezes na frente occidental.

Em guerra alguma anterior houve coisa que se comparasse com a prodigiosa propaganda que se deu em todo o mundo ao começarem as hostilidades. Em paiz algum foi a campanha dirigida tão resolutamente—e sem escrupulos—como na Allemanha. Em breve se demonstrou que não havia serviço demasiado baixo nem prostituição intellectual de que não lançassem mão os allemães.

Sob o ponto de vista allemão era dever de todo o cidadão pugnar pela causa do seu paiz em tempo de guerra fôsse por que meio fôsse que se lhe deparasse. Para a população civil, como para a força militar —no dizer do chanceller imperial— «a necessidade não tem lei».

Todas as forças intellectuaes da nação e todos os grandes orgãos da imprensa foram immediatamente mobilisados e o mundo ia dentro em pouco ouvir as mais estranhas palavras que jámais a historia registou. As idéas dos dirigentes eram semelhantes ás dos generaes. Era precisa a maior rapidez. Havia abundancia de artilharia.

O principal inimigo devia ser atacado com a maior violencia. Não se podia dissipar forças.

Como já dissemos, a Allemanha esperava que a guerra durasse pouco. A campanha litteraria foi planeada d'accordo com isso. E' inconcebivel que, se tivesse havido outra concepção da duração provavel da guerra, os allemães tivessem feito a propaganda como a fizeram. Parece terem acreditado que podiam occultar a verdade no furacão de altos explosivos e illudir assim o mundo com os seus protestos e falsidades.

Ao mesmo tempo era evidente que havia grande anciedade quanto ao que diria a opinião publica. Ora a opinião publica na Allemanha mostrou-se inteiramente docil e perfeitamente adaptada a deixar-se enganar. Acceitou de olhos fechados a versão official das causas da guerra e respondeu immediatamente a todos os appellos que lhe foram feitos.

Não é occasião opportuna de discutir aqui as bases ethnicas d'esta especie de patriotismo ou de examinar detalhadamente as razões que levaram os allemães a adoptar geralmente um caso mau com plena unanimidade.

Mas não ha duvida de que o rapido augmento da prosperidade material tinha durante annos antes da guerra ido minando a honestidade intellectual e preparando as «classes illustradas» para representarem o papel que representaram.

O facto era evidente e basta a demonstral-o a imprensa, que havia rapidamente augmentado em influencia e prosperidade, especialmente nos ultimos dez annos, sem adquirir qualquer apparencia de decencia ou sem erguer alto o estandarte e a má reputação do jornalismo allemão. Comtudo, os resultados eram assombrosos mesmo para aquelles que estavam em boas relações com a Allemanha e exalçavam a civilisação allemã.

Não ha melhor prova do caracter

da propaganda allemã do que o manifesto que em outubro de 1914, quando os crimes commettidos na Belgica causaram em todo o mundo o maior horror, foi publicado e que se tornou conhecido pelo nome de «manifesto dos intellectuaes» allemães.

Esse manifesto, em que se negava tudo o que os allemães haviam feito e em que se exaltava a celebre «kultura» germanica, era assignado por 93 personalidades que tinham um nome conhecido e entre as quaes figuravam historiadores, philosophos e economistas politicos como Brentano, Brandl, Encken, Häckel, Harnack, Laband, Lamprecht, Lenz, Schmoller, Wilamowitz e Wundt, escriptores como Hauptmann e Sudermann, homens de sciencia como Ehrlich e Wassermann e representantes de todas as artes.

Tal era a lenda allemã—a não desejada e importuna «lucta pela existencia», o não provocado assalto por uma coalisão de traiçoeiros visinhos, as más intenções da França e da Inglaterra contra a Belgica que tinham de ser «antecipadas», a mansidão da soldadesca allemã, a necessidade de represalias, a traição commettida pelos inimigos da Allemanha contra a raça branca, a defeza da «kultura» e a santidade da lucta inspirada pelas mais puras tradições allemãs.

Por tudo isso esses distinctos allemães «juravam pelos seus nomes e pela sua honra».

Os professores haviam falado. Mas os estudantes da historia allemã encontrarão nas suas acções nos tres ou quatro primeiros mezes de guerra a prova mais condemnavel das ambições da Allemanha e da culpabilidade allemã. Os seus excessos tinham acarretado uma boa porção de odio para o seu paiz e antes do fim de 1914 o governo começou a recommendar-lhes mais cautela.

Em dezembro, dizia o «Berliner Tageblatt»:

«Os intellectuaes allemães teem uma certa preferencia por recalcitrar com os neutraes e é evidente que esse habito não remove as enormes difficuldades que a Allemanha tem actualmente de remover. Quem quer que conheça um pouco de historia contemporanea não cantará os louvores dos diplomatas. Mas os chamados intellectuaes teem algumas vezes menos previdencia politica do que os jovens addidos».

O manifesto, como já dissémos, exalçava perante o mundo a «kultura» germanica. Por isso, d'ahi em deante essa palavra teve mais uso na guerra do que outra qualquer do vocabulario allemão. Os allemães distinguem entre «kultura» e civilisação.

Os allemães eram o povo escolhido. Tal idéa transparece em toda a litteratura guerreira allemã. Foi o professor Adolf Lasson, da universidade de Berlim, que melhor o expressou. As suas theorias fizeram cahir os propagandistas no ridiculo e provocaram o resentimento de todo o mundo pelas pretenções allemãs.

O professor Wilhelm Ostwald tinha já dito: «A Allemanha alcançou um mais alto estagio de civilisação do que os outros povos e o resultado da guerra será a organisação da Europa sob a direcção da Allemanha».

O professor Haeckel pediu a conquista de Londres, a divisão da Belgica entre a Allemanha e a Hollanda e a annexação do Estado do Congo, de grande parte das colonias britannicas, do nordeste da França, da Polonia e das provincias russas do Baltico.

«Somos—escreveu elle — moral e intellectualmente superiores a todos os homens. Não temos eguaes. Assim são as nossas organisações e as nossas instituições». A Allemanha era «a mai perfeita creação politica conhecida na historia», o kaiser era «delicie humani generis» e o chanceller imperial, herr von Bethmann Hollweg, era «o mais eminente dos homens vivos». A linguagem era ridicula, mas era uma expresão da idéa dominante allemã—que os laços da humanidade commum ha-

viam sido destruidos e que a Allemanha ficava meramente não só a primeira, mas «sem egual».

A Allemanha levou a cabo a mobilisação e a manipulação da opinião com extraordinario zelo e energia. Havia, como já vimos, uma severa fiscalisação militar da imprensa, que impedia toda a critica sobre qualquer facto que se não queria que fôsse discutido, ao passo que os jornaes eram obrigados a publicar o que as auctoridades desejavam.

Todo o machinismo da fiscalisação da imprensa, que era consideravel em tempo de paz, foi reorganisado e aperfeiçoado. A secretaria da imprensa do ministerio dos estrangeiros, que viera do tempo de Bismarck e habitualmente trabalhava na sombra, foi montada em novas bases e tornou-se uma verdadeira repartição d'esse ministerio dando-se a mais completa autonomia ao seu chefe, o dr. Hammann.

As auctoridades militares organisaram conferencias da imprensa diarias sob os auspicios do grande estado maior general. Um certo numero de escriptores foram empregados pelo governo para preparar artigos e narrativas descriptivas. Creou-se até uma «secretaria de corrupção». As maiores attenções foram concedidas á imprensa de todos os paizes neutraes. Onde foi possivel fazel-o, o governo allemão subsidiou jornaes «neutraes» e trabalhou afincadamente por conseguir o auxilio, como correspondentes na Allemanha ou como organisadores de «agencias noticiosas neutraes» de escriptores pró Allemanha cujos nomes fôssem conhecidos.

O explorador sueco Sven Hedin foi mais do que um hospede bemvindo, quando descreveu com muita habilidade e extraordinaria benevolencia a vida allemã em campanha e as virtudes e o heroismo do exercito allemão. Houve uma hoste de satellites de outros paizes neutraes e o governo sempre se promptificou a pagar bem os serviços dos renegados inglezes ou francezes que se lhe offereceram.

Um dos orgãos mais grosseiros do governo allemão foi um jornal de Berlim, publicado em inglez e intitulado o «Continental Times», que antes da guerra tinha uma existencia precaria, vivendo de dadivas dos turistas americanos e inglezes.

Tenente-coronel F. D. Farquhar, do regimento de Infantaria Ligeira da Princeza Patricia, morto em combate

Logo apoz o começo da guerra agencias subsidiadas foram estabelecidas—a mais importante era fiscalisada pelo deputado do partido do centro no Reichstag herr Erzberger —para inundar os jornaes neutraes de noticias allemãs. Não olhando a despezas, essas agencias transmittiam telegraphicamente milhares de palavras por dia a cada jornal importante neutral e ficavam satisfeitas logo que alguns centos d'ellas eram publicadas.

Não se supponha que as noticias allemãs eram sómente noticias falsas. Ao contrario. As auctoridades allemãs tinham o maior cuidado em quererem fazer-se considerar como

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO — NOITE

N.º 1893—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Quinta-feira, 11 de Novembro de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

Previsões e factos

Não nos movem outras paixões que não sejam a do engrandecimento da Patria e a do prestigio da Republica, nem pretendemos ser considerados como astrologos politicos, lendo nas estrellas os destinos das nações. Mas ha uma qualidade que lealmente reivindicamos: a de applicarmos aos factos da nossa politica um criterio que precisamente por ser desinteressado, no ponto de vista das conveniencias partidarias ou pessoaes, nos faculta uma visão simples das coisas, illuminada pelos preceitos d'uma logica de que não podem abstrahir-se os actos da politica como a ella não podem eximir-se quaesquer outros acontecimentos.

Os leitores de «A Capital» devem estar lembrados que accentuámos n'estas mesmas columnas a necessidade de se constituir, logo apoz o inicio d'uma nova era presidencial, um governo constituido pelo partido que obtivera a maioria parlamentar nas eleições de junho, e presidido pelo seu chefe, como era e é natural em vista da situação difficil que o paiz atravessa. Houve quem divergisse d'esta opinião, entrando n'esse numero, o que era bastante paradoxal, adeptos do partido cuja ascensão ao poder se reclamava. Suppunha-se possivel a continuação indefinida no poder do actual governo, mesmo «á contre-coeur», porque elle proprio consideraria a sua missão finda, e apresentára, em termos cathegoricos, o seu pedido de exoneração. O resultado está-se vendo. O governo, não pode, mesmo que o queira, executar o sacrificio que lhe foi imposto. A sua desaggregação é manifesta. No ultimo conselho realisado, os actuaes ministros discordaram inteiramente do seu presidente. Tentou-se addiar a crise, mas ella está latente, e tão latente que não é natural que dure ainda mais uma semana a situação ministerial.

Tambem a «Capital» frisou a inefficacia da lei da separação, bem comprovada pela ausencia d'um criterio commum a todas as commissões encarregadas de lhe dar cumprimento, e pelo antagonismo resultante entre os [illegible] d'essa lei e o seu respectivo regulamento. Era uma obra, senão illogica, inexequivel. O resultado tambem se encontra patente. Emquanto por um ministerio se separam funccionarios accusados de não darem garantia plena de adhesão ao regimen, por outro essa separação expressamente se não faz, e quanto aos outros ainda subsiste um ponto de interrogação.

Mas uma das consequencias da lei, que ha muito previmos, era e é a de que os funccionarios, civis ou militares, que não fossem incluidos nas listas do affastamento, tirariam d'ahi justificação para se julgarem reconhecidos como republicanos sem macula. Ora ninguem terá o arrojo de suppôr que tirando dos milhares de funccionarios, militares ou civis, que existem em Portugal, meia duzia d'elles, ficariamos com uma burocracia, um exercito e uma marinha totalmente republicanos. Todavia, certo é que se não existe inteiramente um espirito patriotico um espirito republicano, nas diversas classes dos servidores do Estado, em compensação o espirito de chicana n'ellas floresce largamente.

E' o que se deduz d'um caso que acabam de nos apontar. No Collegio Militar havia alguns professores e regentes de estudo, claramente adversos á Republica e partidarios da dictadura que a deshonrava e eliminaria, se o povo a não salvasse com o seu esforço. Pois como não viessem os seus nomes na lista dos militares affastados do exercito, esses professores, esses regentes de estudos, reclamaram a sua reintegração no Collegio Militar, allegando que o facto de não terem sido affastados representava o reconhecimento da sua absoluta adhesão á Republica. E o sr. ministro da guerra teve já de reintegrar um, e consta que vae reintegrar outros, que farão sahir das suas cadeiras os professores que os substituiram e que para ali foram mandados para crear o verdadeiro espirito republicano n'aquella escola.

Quer dizer: a primeira consequencia da lei da separação é annullar a obra genuinamente republicana feita no periodo revolucionario subsequente ao 14 de maio, isto é, aquella que melhor se casava ao ambiente purificador d'aquelles dias e melhor traduzia a soberana vontade popular, empenhada na defeza da Republica.

Os factos dão-nos razão. Antes a não dessem. Mas seja-nos licito accentuar esta concordancia entre o que se passa e o que nós previmos, para demonstrar que não é facil errar quando se applica á solução dos problemas da politica portugueza a logica sem a qual nenhuma solução pode ser viavel e segura.

Migalhas

De grão na aza

Cada vez que no calendario catholico passa a festa de S. Martinho e, n'esta terra de falsas reputações, o apregoam como patrono dos piteireiros amadores, não consente o meu espirito de justiça que deixe de protestar contra a fama que arranjaram a esse pobre santo.

A logica diz-nos que, se elle se apresentasse ás portas do Paraiso com o nariz encarnicado e as pernas flebeis, não só S. Pedro lhe fecharia os celestes portados nas reverendissimas bochechas como tambem o nosso velho Padre Eterno não deixaria de exclamar, ajustando o triangulo da cabeça e passando a mão pelas pennas do pombinho do Espirito Santo: — «Que vá cosel-a! Para borracho bem basta este cá em casa».

Pois a tradição popular insiste em mostrar-nos o bom do S. Martinho passeando no Paraiso, entre aquella assembleia veneravel de martires e confessores, com uma borracha debaixo do braço, uma voz envinagrada e atirando cascas de castanhas assadas ás barbas de S. Lucas, entretido a rever as provas da ultima edição do seu evangelho e para dentro do pescoço de S. Cecilia, occupada em dar lições de piano aos seraphins do terceiro anno do Conservatorio Celeste. Pouco falta para que nos queiram convencer que S. Martinho, quando bispa os bemaventurados distrahidos, vae bater á porta de S. Maria Egypiaca, aquella que não sabia recusar os primores do seu corpo aos barqueiros do seu tempo.

Pois, fiquem-no sabendo, ó ignorantes do meu tempo, S. Martinho era um honrado militar, que não bebia senão agua de Vidagus, celebre n'essas eras romanas contra a caspa e a neurasthenia. Das multiplas acções que lhe grangearam o logar de santo cita-se em todas as selectas aquella de encontrar uma vez um mendigo nu e cortar com o gladio metade da sua capa para a offerecer a esse desgraçado. Os egoistas de hoje incapazes de dar metade do jaquetão aos funccionarios que lhes pedem esmola dirão que S. Martinho estava bebedo para commetter tal loucura e d'ahi indicarem-no para patrono dos amadores do summo da uva. Pois eu protesto. S. Martinho procedendo assim era apenas tolo e, se d'ora avante o proclamarem o santo da gente ingenua, que ainda acredita na necessidade do fazer o bem n'este mundo de ingratos, então não mais protestarei.

André Brun

EM TORNO DA GUERRA

A viagem de Kitchener ao Oriente

Um acontecimento que produziu sensação em Londres

Londres, 7 de novembro

Uma enorme surpreza, que dura ainda, agitou esta cidade; manifestou-se hontem, ao cahir da tarde, quando por uma edição especial do «Globe» chegou ao conhecimento do publico que lord Kitchener pedira a demissão de ministro da guerra, e que o soberano lh'a concedera.

Pouco depois tornava-se essa surpresa em verdadeira consternação; uma agencia de noticias confirmava as palavras do «Globe». A multidão que avidamente arrancava das mãos dos vendedores os jornaes da tarde, perdia-se em conjecturas ácerca das causas d'um tão grave acontecimento quando, pelas cinco horas e meia, uma outra agencia, e depois outra ainda, puzeram ponto final nas hipotheses com uma tranquillisadora noticia dada a publico n'um communicado um tanto misterioso:

«Durante a ausencia temporaria de lord Kitchener, o primeiro ministro assumirá, temporariamente, a direcção da pasta da guerra.

Não tem o menor fundamento o boato de que lord Kitchener tivesse pedido a demissão».

O laconico communicado foi dissecado, analisado, e interpretado de variadissimas maneiras.

Os redactores politicos viram-se embaraçadissimos; cada um expunha a sua these e explicava o caso ao seu sabor, mas das suas informações poucas concordavam entre si, e nenhumas d'ellas esclareciam o episodio.

A rapidez com que se divulgou a noticia, o pouco credito que se deu ao desmentido que, diz-se, é apenas baseado n'uma interpretação de palavras, indicam claramente o estado de nervosismo da população, nervosismo que o discurso do primeiro ministro não conseguiu acalmar.

Com razão ou sem ella, a nação deixou de ter a confiança que tinha nos homens politicos, nos homens de partidos.

Se se quizesse synthetisar em uma só phrase o sentir do paiz durante a recente crise, poder-se-hia dizer: «Que caia o ministerio, comtanto que Kitchener fique!» A despeito dos ataques, por vezes ferozes, de varios jornaes, o ministro da guerra continua a ser considerado como um homem que tudo sacrifica ao seu dever, e que, quando tal se torne necessario, falará livremente ao paiz, sem receio das contingencias politicas.

O que houve? O que motivou aquelles sensacionaes boatos? Qual é o verdadeiro alcance da imminente modificação ministerial que só o «Daily Express» annunciou em uma nota mysteriosa?

No fundo, os boatos foram apenas o resultado de especiosos raciocinios, baseados sobre uma série de factos inexplicados e susceptiveis de varias interpretações.

Com effeito, na quinta feira á tarde, lord Kitchener teve uma demorada entrevista com o rei, apesar d'este se conservar de cama; no dia seguinte pela manhã, foi o sr. Asquith ao ministerio da guerra onde se demorou largo tempo, o que não era costume; e por ultimo, ao começo da tarde, soube-se que tivera logar a primeira sessão do novo conselho de guerra, mas que lord Kitchener não assistira, apesar de todos o considerarem como a figura principal d'esse conselho.

Ora correlacionando todos estes factos, não era para estranhar que se chegasse á conclusão de que lord Kitchener já não tomava parte na direcção da guerra.

A apprehensão do «Globe»

Desde que rebentaram as hostilidades, a mais rigorosa medida official tomada contra um jornal foi a apprehensão do «Globe»; a auctoridade não a fundamentou, mas presume-se que a causa fosse a noticia que publicara, na sexta-feira, da demissão de lord Kitchener, noticia que no dia immediato, era seguida da apparição de cartazes onde se lia: «Lord Kitchener e os homens politicos. O «Globe» mantem as suas affirmações».

Nas installações do «Globe» procedeu a policia a uma busca minuciosa, apprehendendo todos os exemplares dos numeros de sexta-feira e de sabbado, cortando a corrente electrica que põe em movimento as machinas d'impressão, e levando as chapas, mas sem effectuar prisão alguma.

Commentarios da imprensa

O «Daily Telegraph» desmente, indignado, o boato de demissão de lord Kitchener e publicando a nota official, accrescenta:

«Poder-se-hia admittir a possibilidade de uma modificação na alta direcção da guerra que motivasse á substituição do ministro da respectiva pasta; mas n'esse caso não seria crivel que lord Kitchener fosse occupar novo posto, tão elevado e importante como o que actualmente occupa».

O «Times» escreve:

«E' conveniente juntar ao laconico desmentido official da demissão de lord Kitchener algumas considerações que não deixam de ser interessantes.

Em primeiro logar, é indubitavel que o caracter da nova missão de lord Kitchener é muito differente do das visitas em Inglaterra e em França que já o fizeram ausentar do ministerio da guerra; se assim não fosse não haveria necessidade de fazer-se substituir.

E' preciso tambem não esquecer que em virtude de recentes circumstancias deixou lord Kitchener de ter a seu cargo a fiscalisação do recrutamento, o que durante o primeiro anno da guerra foi a sua maior preoccupação; o projecto de lord Derby está sendo executado, e por isso a presença de lord Kitchener no ministerio da guerra já não se lhe torna indispensavel.

Lord Kitchener está, pois, em condições de dedicar a sua attenção a outros assumptos, dos quaes o mais capital é o novo desenvolvimento das hostilidades no Oriente, theatro de que o illustre general tem largo conhecimento; estava portanto indicado este momento para se entregar inteiramente ás indispensaveis consultas com os alliados para se chegar á definitiva resolução d'este complexo problema.

O «Daily Mail», lamentando a ausencia temporaria de lord Kitchener do ministerio da guerra, diz que o paiz não esquecerá as grandes difficuldades que aquelle general tem vencido desde o começo da guerra; lord Kitchener recrutou mais de dois milhões de homens pelo systema dos alistamentos voluntarios, além dos que se alistaram no exercito auxiliar. Este admiravel resultado excede tudo quanto os mais acalorados defensores do voluntariado se tinham atrevido a esperar.

Por tudo isto merece lord Kitchener os maiores elogios. Seja qual fôr a nova missão que vae desempenhar, o paiz seguirá com o maximo interesse o futuro do soldado que mereceu a admiração de Gordon, que reconquistou Karthum por um plano tão brilhantemente projectado como habilmente executado, e que na Africa do Sul assegurou a paz dos povos, ganhando a confiança de Botha e o respeito dos boers.

Um communicado do ministerio da guerra

Apoz estes commentarios dos jornaes, appareceu a publico o seguinte communicado do ministerio da guerra:

«A pedido dos seus collegas do gabinete britannico, lord Kitchener sahiu de Inglaterra, em curta visita ao theatro da guerra, no Oriente».

De fonte auctorisada informam que a missão confiada a lord Kitchener, longe de affastal-o da direcção da guerra, lhe entrega mais extensos poderes e uma posição mais elevada para n'ella collaborar.

Mas n'este momento era logico que lord Kitchener, possuindo uma tão larga experiencia das questões orientaes, fosse estudar pessoalmente a execução dos planos combinados entre os alliados tanto nos Balkans como nas regiões litoraes do Mediterraneo.

Completo accordo entre os alliados

Paris, 7 de novembro

Lord Kitchener, ministro da guerra inglez, que vae ao Oriente examinar o novo theatro da guerra quiz mais uma vez conferenciar com os representantes do governo e do alto commando militar francez.

As conversas que teve aqui com o sr. Briand, com o ministro da guerra e com o general Joffre permittiram passar em revista as multiplas e complexas questões determinadas pela expedição balkanica e pelas operações orientaes. Estas conversas tiveram logar com pleno accordo dos dois generaes, e confirmam as conferencias de Londres nos ultimos tempos realisadas entre o general Joffre e os representantes auctorisados do governo inglez.

Mais uma vez se confirmou o pleno accordo entre os dois governos. As operações em execução e as que possam vir a ser resolvidas corresponderão pois a uma identica opinião sobre a situação.

Um attentado contra o governador de Shanghai

O almirante Tseng-Iu-Cheng assassinado por dois adversarios do regimen monarchico

SHANGHAI, 10. — O almirante Tseng-Iu-Cheng governador militar de Shanghai foi assassinado por dois adversarios do regimen monarchico no momento em que se dirigia para a legação do Japão.—(*Havas*).

Poeira da Arcada

Os evolucionistas não querem ajudar os democraticos na subida ao Calvario. Teem confiança no tempo e nos seus desenganos. Contam que a sua hora chegará.

Cedo ou tarde? As esperanças são sempre do tamanho dos nossos desejos. E os evolucionistas teem alguns bem legitimos.

* * *

A obra da separação dos funccionarios desaffectos ao regimen ha de crear uma situação de facto bem mais melindrosa que a que existia antes das celebres commissões vermifugas. Depois do longo, penoso inquerito d'estas, alguns ironistas não deixarão de rir-se de uma medida que quasi só serviu para demonstrar que se é difficil saber quem é amigo da Republica não o é menos apurar quem o não seja.

* * *

O deputado socialista Costa Junior é de opinião que a Republica não carece de mais partidos, desde que estes cumpram á risca os seus programmas. Parecendo que não, pede simplesmente um milagre.

* * *

O visconde de Carnaxide publicou uma brochura com este titulo—Questões juridicas da Guerra e da Paz.

Não se trata de um mero trabalho de jurista que limite o seu estudo aos textos e ao emaranhado pensamento que n'elles dorme: procura determinar o sentido em que ha de evolucionar a consciencia europeia após o tremendo conflicto actual. Encara o presente e prevê o futuro. E n'esta previsão larga, fundada e documentada o seu espirito revela-se robusto e moço.

PÃO NOSSO!

MAIS UMA COMMISSÃO

O ministro do fomento vae alterar os tipos de pão, por causa do novo regimen cerealifero

Outra commissão. Esta, porém, era de esperar. Estava indicado que apparecesse, desde que as bases economicas da lei dos cereaes, ultimamente promulgada pelo Parlamento, se encontram já completamente alteradas. O «Diario do Governo» publicou hoje a lista dos nomes que hão-de compol-a. São elles os srs. Manuel Correia de Mello, presidente; João da Camara Pestana, Luiz Antonio Vasconcellos Dias, Carlos Gomes, Raul Monteiro Guimarães, José Pinheiro de Mello, Antonio Costa Ivo, Eugenio de Sousa, Eduardo Ramires dos Reis, Custodio Rodrigues dos Santos Netto, José Rodrigues Martins Santareno e Apolinario Pereira, que será o secretario. Essa commissão terá por missão, segundo a portaria que a nomeia, estudar os preços e os typos das farinhas e do pão e, muito principalmente, estabelecer as cotas de distribuição do trigo exotico em harmonia com a capacidade da laboração das fabricas matriculadas. O ministerio do fomento diz que se trata d'um assumpto da maior urgencia e marca á commissão o praso de dez dias para ella apresentar os resultados dos seus trabalhos. Findo esse praso, a commissão considerar-se-ha dissolvida.

Pela portaria que constitue mais este organismo destinado ao estudo d'um dos mais graves aspectos da questão das subsistencias, tira-se á Manutenção Militar a faculdade de distribuir só por si, segundo o seu criterio, os trigos nacionaes e exoticos ás fabricas de moagem. Era contra esta faculdade, que aquelle estabelecimento do Estado possuia desde que nas camaras foi approvado o ultimo regimen cerealifero, que os interessados protestavam, por julgarem que nem sempre a justiça que lhes assistia era acatada e respeitada.

O augmento constante dos preços dos trigos e as alterações que ainda ultimamente soffreu a tabella da lei de 1889, tornaram evidentemente, necessario estudar novos typos de farinhas e de pão, não só para que a ruina não viesse ferir quem trabalha mas muito principalmente para que os preços do pão não subam n'este momento, de gravissima crise para toda a gente. A commissão procurará, pois, modificar as percentagens de extracção das farinhas, de maneira que todos os interesses se conciliem e a lavoura, a moagem, a panificação, o Estado e o consumidor vivam em perfeita harmonia.

Nos ultimos dias, certos moageiros mais impulsivos, que compraram apressadamente trigos nacionaes por preços superiores aos da tabella, n'um desejo de açambarcamento pouco rasoavel, recusavam-se já a fornecer farinhas de terceira qualidade, aduzindo para isso pretextos varios. A commissão agora nomeada procurará pôr as coisas no seu verdadeiro pé, porque não foi para outra coisa que o sr. ministro do fomento, com os mais honestos propositos, a nomeou.

Alguem a quem pedimos opinião sobre os beneficios que da commissão pódem resultar, disse-nos isto:

—Não ha duvida que ella se tornava necessaria. A questão das farinhas e a do pão, por causa das medidas legislativas ultimamente promulgadas pelo ministerio do fomento, ao abrigo da auctorisação parlamentar, agravou-se bastante. Já toda a gente reclamava e falava, uns com razão, outros sem ella. Foi para matar á nascença um mal que principiava e irromper, que o sr. dr. Manuel Monteiro nomeou a commissão de que se trata. Entretanto, deixe-me dizer que é para lamentar que essa mesma commissão, composta d'homens de reconhecida competencia, não leve mais além os seus trabalhos, atacando de vez e bem de frente, a emaranhada e difficil questão do pão, que periodicamente, tantas e tantas vezes, lança a perturbação nas regiões officiaes, por não lhe ter sido dada nunca a solução propria e justa. Dir-se-ha que a situação é anormal e que, por isso mesmo, não era possivel, n'este momento, liquidar definitivamente um assumpto em volta do qual giram os mais variados interesses. Discordo. Problemas d'estes não se resolvem com paliativos e a verdade é que, por motivos diversos, o mais importante de quantos problemas se referem á nossa vida economica actual, não teve ainda a solução categorica e definitiva que todos reclamam. Quaes serão os trabalhos da commissão? Não o sei. Estou, porém, inteiramente convencido de que, seja qual fôr o diagramma das farinhas estabelecido, sejam quaes forem os typos de pão creados, os preços que presentemente vigoram não podem, por principio nenhum ser alterados. Se se trata d'uma questão de lucros, que cada um se contente em ganhar menos, porque, desde que não perca, n'este instante pouco propicio para grandes lucros, já póde dar-se por bem satisfeito.

A commissão já hoje ficou installada no ministerio do fomento, devendo iniciar ámanhã os seus trabalhos, que teem de ser rapidos, não só por o praso que lhe foi marcado ser curto, mas ainda por a questão não admittir delongas de nenhuma especie.

Livros novos

Deve ser posta á venda na proxima semana a segunda edição do livro de André Brun *Sem pés nem cabeça*. Com elle iniciou o nosso companheiro de trabalho a compilação dos seus contos e phantasias humoristicas, que proseguiu nos seus outros volumes *Cada vez peor* e *Sem cura possivel*. *Sem pés nem cabeça* achava-se exgotado ha mais de um anno, tendo-se vendido a primeira edição n'um curto espaço de seis mezes. A livraria Guimarães & C.ª preparou a sua reedição que foi revista pelo auctor e ampliada com um novo prefacio. A mesma casa porá á venda no fim do proximo mez um outro volume do mesmo auctor *Folhinha de qualquer anno*, livro de contos e chronicas cuja apresentação original e composição curiosa despertarão decerto um interesse egual ao que tem acolhido as obras anteriores de André Brun.

José Pontes

O banquete em sua honra

Para o banquete que depois de ámanhã se realisa no hotel Francfort em honra do nosso presadissimo collega sr. dr. José Pontes, como testemunho de admiração e reconhecimento pelos serviços por elle prestados á causa da educação phisica, achavam-se inscriptos até hoje á tarde os srs.:

D. Affonso Baselga, José de Figueiredo, Alfredo L. Carvalho Junior, João Condeixa, Francisco Loreto, José Santos Freitas José Gomes da Silva, F. Nobre Martins, Joaquim Vital, Jayme Cesar Farinha, D. Antonio de Heredia, Roque Gameiro, Manuel Guimarães, Francisco dos Santos (esculptor), João Loforte, Carlos Xavier, Garcia Carabe, Alberto Totta, Alberto Franco de Castro, Raul de Campos Palermo, Levy Jerochio, Jayme d'Oliveira Pinto, José Joaquim d'Almeida, Sousa Amzalack, Antonio Couto, João Bentes, Francisco Rocha, J. Mendes Arnault, Soares d'Almeida, José Netto, dr. José Pitta e Castro, Eduardo Luiz Pinto Bastos, João de Deus Tavares Homem, Carlos Gonçalves, João d'Araujo Moraes, padre Eduardo Ferreira do Amaral, Carlos Ferreira Viegas, Arthur dos Santos, Carlos Fernandes, Victor Rollin Santos, Caetano J. Santos,

Folhetim d'A CAPITAL — 11-11-1915

CHRONICA SCIENTIFICA

A radiologia em campanha

As guerras dos ultimos tempos são mais mortiferas do que as dos seculos transactos. Emquanto a higiene e a medicina se aliam estreitamente para facultar aos militares em campanha a necessaria segurança sanitaria, a sciencia e a arte da guerra esforçam-se por attingir o maior numero de alvos vivos ou immoveis, por levar a destruição ao extremo, multiplicando e dilatando os effeitos das armas de fogo e de toda a sorte de engenhos de morte. Conseguem a higiene e a therapeutica arrebatar a esta muitos milhares de pessoas, que de outro modo succumbiriam ás febres infecciosas e a outras molestias, que d'antes perseguiam os exercitos e as populações civis. A estatistica, porém, mostra que o poder offensivo das armas modernas é cada vez maior, accrescendo nas modernas guerras o numero de mortos e feridos, em relação aos dos atacados por doenças diversas.

Na guerra austro-allemã houve 27.000 homens mortos pelas armas e 6.000 por doença, numeros redondos.

Na guerra franco-prussiana morreram 28.000 homens em combate e 11.000 de doença, emquanto que, na guerra da Criméa, o exercito francez teve 20.000 mortos pelos tiros e 75.000 por doença. Tiramos estes algarismos da memoravel conferencia do professor Chauffard, realisada na «Alliance d'Hygiène Sociale», em janeiro d'este anno.

Durante a guerra russo-japoneza, 90 por cento dos que cahiam feridos nos campos da Mandchuria, morreram por falta de uma prompta intervenção cirurgica.

Todos sabem que os serviços de saude do exercito, principalmente os de cirurgia, são destinados a satisfazer a uma extrema urgencia.

O transporte do material indispensavel é por vezes difficil e embaraçoso, dada a multiplicidade e as dimensões e mesmo o peso de objectos de que se compõe o apparelhamento do cirurgião, para satisfazer a todas as exigencias da arte operatoria e da desinfecção, ou melhor, da asepsia.

O desenvolvimento rapido da mechanica e da industria automobilista veiu trazer a este ramo, particularmente interessante, sobretudo no momento actual, um adeantamento consideravel, que nos apraz registar. Effectivamente o automobilismo fornece não só o transporte a grande velocidade de soccorros aos feridos e doentes, mas ainda facilita observações e tratamentos que, sem o seu vigoroso e ligeiro auxilio, deixariam de se fazer, pelo menos, na retaguarda das linhas de combate, como convem em muitos casos, que dependem manifestamente de uma intervenção extremamente urgente.

Permitte elle, por exemplo, o exame de fracturas e a pesquiza dos corpos estranhos, vulgarmente balas ou estilhaços de granada, mais ou menos fundamente penetrantes, pelo emprego dos raios X no proprio logar da acção.

A descoberta d'estas radiações pelo dr. Roentgen, inspirada principalmente nas experiencias famosas de um phisico inglez—Crookes—encontra-se hoje como um auxiliar inseparavel da Medicina e da Cirurgia e não podia deixar de ter um maximo aproveitamento na Cirurgia Militar, em vista do seu maravilhoso prestimo para a revelação da existencia dos corpos estranhos no organismo, d'onde o seu emprego na inspecção e tratamento das feridas por arma de fogo.

E' sabido que estes raios, que possuem a singular propriedade de atravessar os corpos ditos opacos, são originados pela reflexão, em uma superficie metalica, dos raios chamados «cathodicos», os quaes resultam da descarga electrica de elevado potencial atravez de um gaz levado ao grau extremo de rarefacção na ampola de Crookes.

Estes raios provocam a luminiscencia de algumas substancias, de que o platino cyanelo de baryo constitue um exemplo mais tipico.

Certas substancias, interceptando a passagem dos raios X, determinam sobre um alvo, em que o composto de baryo se acha applicado, uma sombra. E' o que se dá com objectos metalicos e com os ossos.

Esta descoberta permitte, pois, perscrutar atravez do corpo humano e a differentes profundidades, por meio de artificios habilmente conduzidos, observando as lesões osseas, a posição de corpos estranhos e ainda outras circumstancias de ordem pathologica. E' o que se chama a «radioscopia», que assim se pode executar muito rapidamente, em poucos minutos, mercê de dispositorios especiaes, que hoje são de uma pratica corrente.

Como semelhantes radiações impressionam as chapas sensibilizadas, obtem-se, pela interposição de qualquer parte do corpo á ampola de Crookes e á chapa photographica, uma imagem photographica revelavel como de ordinario, que constitue a «radiographia», documento muitas vezes necessario para regular a intervenção operatoria.

Comprehende-se bem o enorme valor d'esta descoberta no tratamento dos numerosissimos accidentes de campanha e qual o empenho dos cirurgiões em poderem dispôr d'ella a todo o momento, em boas condições e a necessidade de a tornar portatil, tão portatil como o material de guerra.

As grandes potencias em lucta possuem actualmente viaturas radiographicas, para o serviço dos seus exercitos em campanha. Já antes da conflagração, os carros automoveis eram preferidos, porque transportam rapidamente tudo o que é preciso para o effeito, junto dos feridos, ou dos hospitaes de sangue, de uma installação naturalmente provisoria e forçosamente incompleta, ou seja mesmo nas simples ambulancias, nos campos de manobras ou de aviação, a todos os pontos onde se julgue de utilidade o emprego d'este meio de investigação. O conhecimento exacto de uma fractura e a localisação precisa de uma bala ou de um fragmento metalico introduzido no corpo, podem sem duvida, pelo esclarecimento da acção medico-cirurgica, evitar mutilações desgraçadas, ás vezes escusaveis e mesmo a morte do paciente.

A adopção universal da radiologia de campanha não se fez esperar; as hesitações da escolha recahiram apenas sobre o modo mais pratico e efficaz de levar esta portentosa applicação da sciencia nova aos campos de batalha. Devemos dizer que, á primeira vista, não é facil conjugar a leveza e simplicidade das installações radiographicas ambulantes, com a precisão indispensavel dos exames, a qual reclama um material de um certo poder, para que possa prestar-se aos differentes trabalhos que, de um momento para o outro se apresentam.

O automovel estava portanto destinado a ser o meio escolhido, como satisfação dos differentes criterios, porque offerece a conducção veloz e commoda e se encarrega de produzir a energia electrica necessaria para o funccionamento dos apparelhos.

Depois de varias tentativas mais ou menos felizes, a entrada do automovel-radiologico do engenheiro Boulant, nas manobras de tropas do governo militar de Paris, em 1912, representa a sancção pratica d'este importantissimo melhoramento, nos serviços de saude em campanha.

Esta viatura, bem assim a sua similar, construida pela mesma epoca pela casa Massiot, de Paris comprehende uma verdadeira ambulancia, em que o cirurgião tem á sua disposição tudo o que é necessario para bem operar, instantaneamente e com o auxilio dos raios X.

A ambulancia automovel de Boulant comprehende além d'isso um apparelho de esterilisação pelos raios ultra-violetas, a qual facilita a provisão de alguns milhares de litros de agua esterilisada, em cada dia, a qual é aspirada de qualquer manancial, por meio de uma bomba movida pelo motor do carro.

Este é provido de tendas abrigos, que se armam com toda a presteza, aos lados ou por detraz d'elle e onde são recebidos e tratados os feridos e onde se pode praticar a observação radiologica e porventura a radiographia.

O deslocamento celere de uma de estas viaturas torna possivel que ella preste serviço em pontos distantes no mesmo dia. Tudo está pois maravilhosamente calculado, para satisfazer ás contradictorias exigencias de semelhante serviço, de modo a dispôr de um poderoso motor, para os percursos longinquos, sem comtudo sobrecarregar o trem ou diminuir o espaço util para as manipulações e trabalhos operatorios.

Todo este sistema constitue, na perfeição do seu funccionamento, no alcance do seu emprego e na combinação habilissima de todas as suas peças, uma das superioridades que tornam victorioso, n'esta conjunctura cruel e dolorosa, o genio sobre as enormidades destruidoras que produziu o espirito scientifico da guerra.

J. Bettencourt Ferreira

Joaquim Macedo Brito, José Alvarez, Eduardo Dias.

D. José de Noronha, Antonio Soares Junior, Eduardo de Faria, Carlos Bazilio d'Oliveira, Delphim Guimarães, Raul Nunes, Martins Faria, Walter Alvarez, Pedro Sanches Navarro, Luiz Roubeaud, Arnaldo Gomes.

José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, Accacio Santos, Manuel Egreja, José Joaquim Bastos, Antonio Henrique Oliveira e Silva, José Aprigio Gomes, João dos Santos Mattos, Mario Beirão, Diogo Pina Manique, Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cartaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Sousa, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

Tambem se inscreveu o sr. Antonio Ribeiro da Costa Guia, da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz.

A commissão promotora informa de que não se exige «toilette» de rigor.

Mulher morta á facada

O assassino é por emquanto desconhecido

Na freguezia de Dobedella, proximo de Sacavem, vivia uma mulher dos seus 30 annos, de nome Julia da Conceição, que em tempos exercera o mister de peixeira, mas que actualmente se entregava a uma vida desregrada, andando quasi sempre embriagada e convivendo exclusivamente com maltezes.

Hontem, pelas 21 horas, no sitio denominado Obra d'Agua, perto do rio de Friellas, ouviram-se gritos lancinantes. Acudindo diversas pessoas, viram a Julia da Conceição perseguindo um maltez, que em breve desapparecia, e cahindo a breve trecho desfallecida, banhada em sangue. Tentaram soccorrel-a, mas a Julia da Conceição, que fôra ferida á facada, era já cadaver.

O assassino, como dissemos, desappareceu, ignorando-se quem seja e em que circumstancias o crime foi praticado.

O cadaver veiu para a Morgue e o caso foi participado ás auctoridades de Loures.

O que reclamam os trabalhadores ruraes

As suas aspirações expressas n'uma moção do Conselho Federal

A Federação Corporativa Nacional dos Trabalhadores Ruraes, representada pelo seu Conselho Federal, acaba de publicar uma moção em que se resumem as suas aspirações que espera ver acceitas e approvadas pelo parlamento.

Dizem os trabalhadores ruraes que ha proprietarios agricolas que não semeiam nem deixam semear, invocando para isso varios pretextos, e que depositam os seus capitaes em bancos estrangeiros. O remedio para semelhante facto, que consideram um grande mal affirmam os reclamantes encontra-se na execução d'uma lei com estas bases:

Que todos os individuos e emprezas e o proprio Estado sejam obrigados a semear ou mandar semear os terrenos incultos e a fazer a exploração dos nascentes no maximo da quantidade de agua indispensavel para a cultura regadia.

Que todos os terrenos, que ha quatro ou mais annos não tenham sido semeados, sejam tributados em um centavo por metro quadrado, por cada anno de incultos, excluindo os dois annos para descanço da terra e um de preparação de alqueive.

Que tres annos apoz a promulgação da lei todos os terrenos que não tenham sido semeados serão confiscados e ficarão pertencendo ás organisações dos trabalhadores ruraes para estas os explorarem por sua conta propria, pagando 5 por cento annualmente do capital gasto na abertura dos nascentes e preparações annexas.

Que as nascentes confiscadas possam ser abertas por conta do Estado ou municipios como pelas organisações dos trabalhadores ruraes, quando o julgarem conveniente.

Que o Estado ou municipios sejam obrigados a auxiliar as organisações dos trabalhadores ruraes em capital e materias precisas, tanto para abertura das nascentes e construcções precisas, como para exploração de terrenos regadios ou sequeiros em harmonia com as reclamações das mesmas organisações.

Que a regularidade d'este serviço esteja sujeita ás fiscalisações feitas ou mandadas fazer pelo Estado ou municipios, obedeça á fiscalisação ou feita ou mandada fazer pela organisação dos trabalhadores ruraes.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21 — Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).

GIMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—Em boa hora o diga.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.

MODERNO—A's 21—As noviças.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

A'MANHÃ — *Moderno* — 1.ª representação da operota *As noviças*, em 3 actos, de F. Schwalbach, musica de Alfredo Mantua.

SABBADO—Nacional—Primeira representação de *Malquerida*.

Ao correr da pena

O grande actor Huguenet acaba de realisar uma fructuosissima «tournée» á America do Sul. Partindo de França, sosinho e á sua custa, o illustre comediante improvisou-se conferente e auxiliado por uma serie de projecções cinematographicas fez uma larga propaganda contra as atrocidades allemãs. Ao mesmo tempo exaltou a sua patria e esforçou-se principalmente por desfazer nos paizes que percorreu aquella impressão que alguns estrangeiros guardam da França, tendo apenas podido apreciar nas viagens de relance os aspectos frivolos d'essa nação, hoje sublimada pelos seus sacrificios e pela sua heroicidade.

«Para conhecer a França, disse elle n'uma das suas palestras, é necessario conhecer o seu povo. A França não reside apenas no Paris que scintilla, canta e sorri. Está principalmente no Paris ardente, calmo, silencioso onde o pensamento ferve como uma lava.

Ella está no sulco do arado e na officina, n'esse camponez e n'esse operario robustos, orgulhosos e livres, cuja lealdade e coragem nunca se enfraqueceram, n'esse burguez, culto, paciente e trabalhador, n'essa aristocracia elegante e fina que soube guardar tudo quanto devia permanecer do antigo regimen.

Chamam-nos frivolos e inconsequentes porque sabemos pôr vivacidade no esforço e alegria no trabalho. Nenhum povo, no emtanto, durante dezoito seculos conseguiu caminhar com mais segurança na estrada dos seus destinos e soube ficar tão fiel ás suas amizades e ao seu ideal.

Se querem medir o nosso valor moral estudem a familia franceza. E' ahi no lar, onde tudo é lealdade, força e doçura; é ahi ao abrigo das mais altas virtudes domesticas que se conserva o thesouro das energias nacionaes.

Não ameaçavamos a independencia, o repouso e a dignidade de ninguem. A nossa unica falta, que nos ia custando a vida, fôra a de preparar o paiz universal quando outros preparavam a guerra e de não ter acreditado na tempestade senão quando nos cahiu o raio em cima».

Estas e outras grandes, bellas e verdadeiras palavras semeou-as o grande actor em espiritos dispostos a acolhe-las com enthuziasmo. Fructificarão n'um maior respeito e n'uma maior admiração por essa França tão mal apreciada ás vezes. O primeiro acto de Huguenet, ao chegar á França foi outorgar cem mil francos, vinte mil escudos, para as obras de assistencia militar. Entre as suas tournées gloriosas esta ficará como a mais bella de todas.

Cyrano

Boatos e informações

Entre nós

A seguir á primeira representação de *La dona é mobile* entrará em ensaios no Gymnasio a peça em quatro actos *O Primo Bazilio* extrahida do romance de Eça de Queiroz.

● Augusto Pina está pintando o scenario para um novo mimodrama que será exibido pela companhia do domador Mark.

Estrangeiro

No Palais Royal estreiou-se com grande exito uma revista de Sacha Guitry intitulada *Il faut l'avoir*.

● Max Dearly está representando uma peça *Van Kil* adaptada do inglez.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Instrucção militar preparatoria

O fornecimento dos fardamentos

Alguem chama a nossa attenção para um facto, que nos parece de toda a justiça recommendar ao criterio do sr. ministro da guerra.

Como se sabe, e já temos accentuado, as sociedades de I. M. P. prestam os mais assignalados serviços na educação da mocidade para a defeza nacional; mas o regulamento de 1913 determina que os mancebos são obrigados a apresentarem-se fardados, para poderem tomar parte nos serviços de instrucção. Acontece, porém, que nem todas as familias possuem meios sufficientes para pagarem de prompto os fardamentos dos mancebos que desejam frequentar as sociedades, e entendemos que se resolvia facilmente a questão, determinando a secretaria da guerra que os fardamentos fossem fornecidos pelo deposito central de fardamentos ás sociedades, que recebiam depois dos alumnos a respectiva importancia, paga em em prestações mensaes. As sociedades ficariam responsaveis para com o Estado pelos debitos contrahidos pelas familias dos alumnos.

Tambem seria de toda a conveniencia que na epocha da chuva fosse permittido aos alumnos o uso do capote, que poderia ser fornecido nas mesmas condições.

Procuradoria Geral

Uma innovação util no nosso meio forense

O sr. dr. Alexandre Sobral de Campos acaba de estabelecer no seu escriptorio de advogado, á rua da Victoria, uma Procuradoria Geral que representa uma innovação util no nosso rotineiro meio forense. Das suas vantagens para o publico elle proprio nos fala, fornecendo-nos os seguintes detalhes elucidativos:

—A nossa organisação burocratica, complicada e emaranhada, está cheia de formalidades e exigencias que são um verdadeiro labirinto para o grande publico que não canalisou a sua actividade para estes serviços. Assim como seguir um averbamento na Junta do Credito Publico é uma operação morosa, cuja difficuldade começa na maneira de requerer e vae augmentando quando surge a necessidade de uma justificação administrativa e a investigação e organisação dos documentos necessarios para o conseguir, recorrer de uma contribuição excessiva ou iniqua é outra operação difficil e embaraçosa, como todas as questões fiscaes e financeiras, nas quaes deve haver um cuidado maximo na observancia dos prasos e na fundamentação do pedido e sua prova.

«A deligencia que deve haver n'um registo de hipotheca, penhora ou arresto e a importancia capital d'essa deligencia são factos cujo valor só avaliam aquelles que pela perda de uma hora viram desapparecer-lhe milhares de escudos; e nos tribunaes a acção da procuradoria é fundamental, pois não fazer um preparo na altura competente, não organisar paciente e escrupulosamente todos os elementos em que deve assentar o trabalho do advogado é fazer perder um processo no qual, por vezes, está a fortuna de uma familia. Conseguir tudo o que os outros não podem fazer, desde a legalisação do mais simples documento, até á mais difficil operação n'um banco, companhia ou tribunal, tudo isto com proficiencia e probidade, é a funcção d'este escriptorio, que tem sobre os outros a vantagem de reunir advocacia, procuradoria e procuradoria especialisada.

—Quanto ao registo civil...

—O registo civil destina-se, como sabe, a fixar autenticamente a individualidade juridica de cada cidadão e a servir de base aos seus direitos civis; d'ahi a sua importancia:—das defficiencias e lapsos do registo civil resultam mais tarde consequencias graves que embaraçam a fixação de direitos em heranças e contractos. As alterações de identidade são frequentes, como frequente é a falta de registo dos divorcios e interdicções, o que torna os actos sem effeitos juridicos.

Depois as justificações e uma boa organisação de um processo de casamento só podem ser promovidas por quem conheça a technica dos serviços, que, além do mais, estão muito concentrados, tornando morosa a sua execução.

«E' monumental a bibliographia dos differentes ramos do direito, e, entre nós, é tão vasta e tão retalhada a respectiva legislação que impossivel se torna haver um conhecimento completo de toda ella. Assim, ha civilistas, commercialistas, criminalistas, embora poucos; mas em regra, na advocacia pratica, não ha especialidades, tanto mais que todos os ramos do direito se ligam uns aos outros, encontrando-se preceitos commerciaes e penaes na legislação civil e nas outras. O nosso escriptorio procurará desenvolver a especialisação do direito, mas desde já estudará cada caso que lhe seja entregue com todo o cuidado, de fórma a corresponder ás exigencias dos interesses dos nossos constituintes.

Desastre em Santa Apolonia

Antonio Pedro, carregador do empreiteiro Abrantes, morador na calçada do Cardeal, 18, 1.º, quando hoje manobrava um vagon n'uma das placas da estação de Santa Apolonia, escorregou e cahiu, sendo colhido n'um dos braços por uma roda que lh'o triturou. Conduzido pelos companheiros ao posto de soccorros do serviço de saude da mesma estação, recebeu ali o necessario curativo, sendo em seguida transportado para casa.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Falta de assucar

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes mandou seguir de Alcantara, com urgencia, todas as remessas de assucar despachadas para o norte, visto notar-se ali muito a sua falta.

ULTIMAS NOTICIAS

NOTA POLITICA

Em torno da crise

O sr. presidente da Republica tem uma demorada conferencia com o sr. ministro do interior

Dissemos hontem que em conselho de ministros fôra resolvido apresentar-se a demissão collectiva do gabinete, visto nenhum dos seus membros ter julgado acceitavel a razão dada pelo sr. dr. José de Castro para não assignar a reforma de policia. O pedido foi hontem mesmo apresentado ao chefe do Estado pelo presidente do ministerio, pouco antes da recepção dos officiaes do exercito de terra e mar.

Depois d'isso, como tambem dissemos hontem, soube-se que desapparecia o fragil argumento em que o chefe do governo se entrincheirava para provocar a crise. A alta individualidade do partido democratico que patrocinava calorosamente a nomeação d'um candidato ao logar de commissario escreveu uma carta ao chefe do governo e outra ao ministro do interior, declarando desistir inteiramente da sua pretenção.

N'estes termos, o problema ficava extraordinariamente simplificado; o sr. dr. José de Castro assignava a reforma e a crise desapparecia, de momento. Hontem á noite, o sr. presidente da Republica conferenciou com o sr. ministro do interior e depois com o chefe do governo. Hoje voltou a conferenciar demoradamente com o sr. ministro do interior. Que se passou n'essas conferencias? Não o sabemos, mas é facil presumir, dadas as razões que enunciamos, que o chefe do Estado procura encontrar uma formula dentro da qual todos possam ficar bem collocados e que terá de ser, logicamente, a rapida publicação da reforma de policia.

Falou-se hoje com insistencia na sahida do sr. José de Castro, que vem mostrando ha muito tempo desejos de abandonar o poder, sendo a presidencia do governo entregue ao sr. Norton de Mattos e ficando a gerencia da pasta da marinha interinamente a cargo do sr. dr. Ferreira da Silva. Não é natural, porém, que essa solução venha a effectivar-se, porque tudo indica que, apoz a chegada do sr. dr. Affonso Costa, se trate de organisar um governo partidario sob a presidencia d'esse homem publico. N'estes termos, não vale a pena dar agora á crise aquella solução, que, sendo radical n'este momento, nem por isso deixaria tambem de ser transitoria, ficando novamente o governo com uma existencia marcada a praso. Embora desapparecesse a causa principal da sua fraqueza politica, a opinião republicana não deixaria de reclamar a constituição d'um governo que perfeitamente correspondesse ás exigencias do momento historico que atravessamos e que, precisamente por isso, terá de ser chefiado pela mais alta individualidade do partido que dispõe da maioria parlamentar.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

O REI DE ITALIA

Passando hoje o 46.º anniversario natalicio do rei da Italia, Victor Manuel, houve na egreja do Loreto, ás 11 horas, missa resada a orgão, sendo celebrante o reitor rev. Biagi Rotondano, e ás 11 e meia «Te-Deum» celebrado pelo mesmo reverendo, tendo como acolytos os revv. Quintino Maria Pereira da Silva e João Barata. Ao acto, que esteve bastante concorrido, assistiram os srs. Ernesto Koke, ministro de Italia, secretario da legação, dr. Sousa Monteiro, consul, representantes da Junta Consultiva da egreja e muitos membros da colonia italiana. Na tribuna do lado do Evangelho assistiu tambem madame Koke e muitas senhoras. A capella-mór estava ricamente ornamentada vendo-se no altar muitos lumes e grande profusão de flôres e no docel viam-se as armas reaes italianas e a bandeira da mesma nação. Na fachada da egreja estava arvorada a bandeira de Italia, o mesmo succedendo na legação e consulado. Das 15 ás 17 horas o sr. Ernesto Koke deu recepção na legação, tendo ali comparecido quasi toda a colonia.

Em nome do sr. ministro dos negocios estrangeiros esteve na legação apresentando os seus cumprimentos o sr. Santos Tavares.

CASAMENTOS

Para o sr. Luiz Firmino Regala de Vilhena, contador da comarca de Estarreja, foi pedida a mão da sr.ª D. Maria Rosa de Mello (Taveiro), gentil filha do funccionario superior da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, sr. Duarte de Mello, que em Aveiro dirige a 5.ª secção de via e obras da mesma Companhia.

O sr. Luiz de Vilhena, neto do benemerito cidadão aveirense o fallecido Manuel Firmino d'Almeida Maia, é um excellente caracter, e a sr.ª D. Maria Rosa de Mello uma senhora de apreciaveis virtudes e fina educação, neta dos viscondes de Taveiro e condes de Santar.

—Após o registo civil celebrou-se na egreja da Sé do Porto o casamento da sr.ª D. Zulmira Guedes Osorio, com o sr. Olindo Moreira da Silva. Foram padrinhos o sr. Joaquim Pacheco, illustre proprietario do «Primeiro de Janeiro», e sua esposa a sr.ª D. Maria Beatriz Pacheco.

—Está justo o casamento da sr.ª D. Emilia Andrade da Cunha Cardoso, com o sr. Eduardo Machado Teixeira, alumno da Faculdade de Medicina do Porto e grande proprietario das Caldas das Taypas.

CRUZ VERMELHA ANGLO-BELGA

Na residencia do sr. Manuel Balthasar Dias, á Lapa, effectua-se hoje uma festa dedicada á colonia ingleza, com intuito de angariar donativos para a Cruz Vermelha anglo-belga. Todos os salões do elegante e esthetico palacete estão transformados em salas de jogo, havendo um magnifico «buffete» para os convidados. A escadaria está ornamentada com as bandeiras dos paizes alliados e a da Republica Portugueza. A colonia ingleza faz-se representar largamente n'esta sympathica festa, á qual o chefe de Estado envia um dos seus representantes, na impossibilidade de ali comparecer pessoalmente.

A esposa do sr. Manuel Balthasar Dias tem dirigido, em sua casa, a execução do vestuario, destinado aos soldados inglezes e ás povoações assoladas pelas hostes germanicas, desde o inicio da guerra.

DE REGRESSO

Regressou de Mattosinhos á sua casa do Porto, com sua familia, o sr. dr. Pereira Osorio, governador civil.

—Regressaram ao Porto os srs.: Manuel Duarte Guimarães Pestana, João Bettencourt, capitão José Marques Nogueira e John Minchin.

—Regressou de S. Martinho do Porto á sua casa no Lumiar, a sr.ª D. Arminda de Almeida.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Maria da Conceição Ribeiro, cujo funeral se realisa amanhã, sahindo o prestito funebre da rua Garrett, 29, 3.º, D., para o cemiterio oriental.

O "SURPRISE,, NO TEJO

A morte de um marinheiro francez impede a festa que se projectava

Em vez do banquete, os marinheiros depõem coroas e encorporam-se no funeral

As guarnições dos barcos da divisão naval, por iniciativa d'uma commissão de marinheiros do «Almirante Reis», tinham resolvido offerecer hoje, a bordo do navio-chefe um jantar de confraternisação aos seus camaradas que tripulam a canhoneira «La Surprise», actualmente surto nas aguas do Tejo.

Os marinheiros portuguezes preparavam as suas coisas, no intuito de tornar o mais enthusiastica e effusiva essa manifestação de solidariedade para com os valentes marinheiros francezes, quando receberam uma triste noticia. O commandante do navio francez, de manhã, dirigiu ao chefe do estado maior da divisão naval uma carta noticiando o fallecimento de uma praça da guarnição, o que impedia que os seus camaradas pudessem acceitar o convite que lhes tinha sido feito, em nome das guarnições das diversas unidades da marinha de guerra portugueza.

A' communicação do commandante de «La Surprise» era redigida nos seguintes termos:

«Peço-lhe que tenha a bondade de exprimir ao sr. commandante da divisão naval o meu reconhecimento pelo convite que fez á minha guarnição. Infelizmente, porém, um dos meus homens acaba de morrer, esta manhã, no hospital, victima das febres. Encontrando-se, portanto, «La Surprise» de luto, em virtude d'este acontecimento, é-me impossivel, com bastante pezar meu, acceitar o convite do commandante da divisão naval.

Penalisa-me que uma tão triste circumstancia prive os meus homens d'uma distracção que elles muito apreciariam e d'uma occasião que serviria para que fizessem mais intimo conhecimento com os valorosos marinheiros da vossa divisão.

Apresento a V. Ex.ª a expressão do meu mais profundo respeito.—a) O commandante.

Pelo chefe do estado maior da divisão foi immediatamente expedido um telegramma para bordo de «La Surprise» exprimindo ao commandante e aos seus subordinados, em nome do commandante da divisão naval, o profundo desgosto que todos sentiam pela morte d'esse desditoso camarada a quem não foi permittido tornar a ver a terra da Patria. Associando-se ao sentimento de toda a tripulação de «La Surprise», affirmavam aos seus valorosos camaradas da marinha de guerra franceza que, como lenitivo á sua dôr, podiam ter a certeza de que o cadaver do desditoso marinheiro ficava repousando em terra amiga do seu paiz.

Posta desde logo de parte a idéa do banquete, a commissão do «Almirante Reis» resolveu depôr uma corôa sobre o feretro do marinheiro francez e encorporar-se no prestito. As restantes guarnições, que deviam tomar parte na festa de solidariedade, resolveram tambem prestar egual homenagem ao seu infeliz camarada francez, solicitando auctorisação para que um grupo de praças pudesse tambem encorporar-se no prestito.

O commandante da divisão naval, que acolhera com toda a sympathia, a iniciativa das guarnições do seu commando para com o pessoal de «La Surprise», far-se-ha representar na manifestação funebre.

O marinheiro da guarnição da canhoneira que falleceu era o «quartier-maistre» Ive Marie Mazeo, de 22 annos de edade, natural da Bretanha e que entre os seus camaradas gosava de muita estima.

Deu entrada no hospital Saint Louis, privativo da colonia franceza, no dia 8 do corrente. Apparentemente bem disposto, conversou com as irmãs enfermeiras, falando muito especialmente da guerra e com grande enthusiasmo pela victoria definitiva da sua patria, apontando com orgulho ter um irmão batendo-se valorosamente nas primeiras linhas. O medico de bordo, que o acompanhou, preveniu logo as enfermeiras que o desventurado rapaz estava atacado d'uma enfermidade tropical de que se não escapa. E assim o desenlace se não fez esperar.

Por determinação da legação franceza o cadaver do marinheiro foi encerrado em caixão com urna de chumbo, devendo ser sepultado em coval separado no cemiterio do alto de S. João.

O funeral realisa-se amanhã, pelas 10 horas, effectuando-se antes, na capella do hospital uma missa a que assistem os camaradas do desventurado marinheiro.

Conferencia a bordo

Amanhã o sr. dr. Julio Dantas falará ácerca do povo portuguez atravez da sua historia

A bordo do cruzador *Almirante Reis*, effectua-se amanhã a segunda conferencia da serie organisada pelo commando da divisão naval. E' conferente o illustre escriptor sr. dr. Julio Dantas, que se occupará da acção que o povo desempenhou em todos os acontecimentos historicos, quer nas conquistas e descobrimentos, quer em outros muitos factos da Historia Patria, em que, elle apparece esbatido, na sombra, pelo espirito de lisonja dos elementos palacianos. O illustre escriptor aproveitará, como pretexto, para a sua palestra—as taboas de Nuno Gonçalves pois são esses admiraveis paineis que, atravez do prestigio da arte, melhor dão a conhecer o papel de destaque que, n'essa epoca desempenhou o povo na grande obra de civilisação, levada a cabo pelos nautas portuguezes.

A' conferencia assistem os srs. ministros da guerra e da marinha, deputações de todas as unidades navaes, tendo sido tambem convidados os reitores dos lyceus de Lisboa.

O embarque para bordo, effectua-se no Arsenal ás 15 horas.

Tropas para Angola

Chegaram hoje a Lisboa contingentes de infantaria 22 e de artilharia de montanha n'um total de 460 homens

Em comboio especial-directo, chegaram hoje á estação de Santa Apolonia dois pelotões da 11.ª companhia e a 12.ª de infantaria 22 n'um total de 360 homens, e a 8.ª bateria de artilharia de montanha com 190 praças, 5 sargentos e os respectivos officiaes.

Comboiado pela machina 63, o comboio especial organisou-se em Elvas pelas 9,30' horas, deixando a estação por entre vivas enthusiasticos ao exercito e á Republica que os milhares de pessoas que ali haviam accorrido soltavam constantemente. Só parou em Portalegre para receber o contingente de infantaria devorando depois em seis horas os 265 kilometros do trajecto, de maneira a dar entrada em Santa Apolonia á hora marcada, 15,34'.

Em Portalegre, houve egualmente bastantes vivas á Republica e ao exercito.

Na estação de Santa Apolonia cuja entrada era permittida apenas aos representantes da imprensa, encontravam-se as bandas de infantaria 2, 5 e 16, e o sr. tenente coronel Gaspar, chefe da repartição de transportes que foi quem dirigiu o serviço de desembarque.

Infantaria 22 vinha commandada pelo capitão sr. José Polycarpo Dias, trazendo como subalternos os srs.: tenente, Mattos Raymundo; alferes, Firmo, Callado e Tavares; aspirante Lara Reis; alferes-medico Luazis Monteiro; e alferes da administração militar Manuel Gonçalves Monteiro, commandante da secção de quarteis.

A commandar a bateria vinha o capitão sr. Moraes, que tinha como subalternos os srs.: tenentes Pereira do Valle e Osorio; alferes Azevedo; e alferes Carmo, da administração militar.

A secção de quarteis de infantaria 22 que já havia chegado hontem, compareceu na estação, e compõe-se de 1 cabo e 8 soldados.

Logo que o comboio deu entrada na estação alguns populares que haviam conseguido entrar soltaram varios vivas á Patria, á Republica e ao exercito, e as bandas tocaram a «Portugueza» que foi ouvida em continencia.

Formados rapidamente a companhia, os pelotões e a bateria, tudo se dirigiu a quarteis, indo a 12.ª companhia para infantaria 5, com a respectiva banda; os dois pelotões da 11.ª para o quartel de engenharia com a banda de infantaria 16; e a bateria para o quartel de Campolide, com a banda de infantaria 2.

Cá fóra no largo havia bastante gente, na sua maioria, familias alemtejanas que tinham ido propositadamente aguardar a chegada dos seus patricios. As tropas apresentavam um optimo aspecto: rapazes fortes, morenos, sempre sorridentes. O seu embarque para Angola far-se-ha no proximo dia 15, ao meio dia, no vapor «Portugal».

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 8 do hospital de S. José deu entrada José Francisco de Lemos, carpinteiro da Companhia dos caminhos de ferro portuguezes, no Entroncamento, ali colhido por um madeiro e ferido no olho direito. Na n.º 1 do Estephania ficou a menor de 5 annos Sophia de Jesus Ramos, moradora em Alcabideche, que estando ali a brincar com phosphoros se lhe incendiou o fato, ficando queimada por todo o corpo.

—No hospital de S. José deu entrada José Ferreira Valente, morador na travessa do Pastelleiro, 20, 2.º, que foi colhido por um «camion» no Entre-posto de Alcantara.

José de Sampaio (Bruno)

PORTO, 11.—Apesar de algumas melhoras que hoje sentiu, o estado do illustre escriptor José de Sampaio (Bruno) é melindroso.

Insubordinação a bordo

d'um lugre americano fundeado no Tejo

Em frente da Cova da Piedade esta ha dias fundeado o lugre americano «H. Kregers». Hoje de tarde, onze dos seus tripulantes insubordinaram-se, salientando-se dois d'elles. O commandante mandou participar o caso á policia do porto, d'onde sahiu logo o adjunto sr. Lucio Heitor, que se dirigiu ao governo civil a requisitar policia. N'um dos vapores da Alfandega seguiram 4 guardas e um cabo afim de trazer para Lisboa os amotinados.

NOTAS DIVERSAS

O coronel sr. Eduardo d'Almeida, director do Collegio Militar, foi hoje, acompanhado d'um alumno e d'um professor, ao palacio de Belem agradecer ao sr. presidente da Republica o ter assistido á abertura dos cursos n'esse estabelecimento de ensino. Em seguida, foi tambem agradecer aos srs. presidente do ministerio e ministro da guerra.

—O ministro interino dos negocios estrangeiros, sr. Norton de Mattos, deu hoje audiencia ao corpo diplomatico, tendo comparecido os srs. ministros da Inglaterra, Italia e Hespanha e o encarregado de negocios de Cuba.

—O Gremio dos professores primarios officiaes, acompanhado d'uma numerosa commissão, procurou hoje o sr. ministro da instrucção a quem entregou uma representação pedindo a suspensão da lei n.º 449 e, portanto, do seu regulamento. No caso de não ser attendido o pedido, que sejam banidos do regulamento os seguintes artigos e seus paragraphos: Paragrapho 3.º do artigo 3.º; artigo 11.º, a exclusão dos candidatos que hajam sido approvados e tenham direito a nomeação; artigo 12.º—na parte relativa ás transferencias por conveniencia do serviço; artigo 23.º—leccionação em duas turmas. O sr. dr. Lopes d'Oliveira recebeu a commissão e disse que ia estudar o assumpto.

—Na *Ordem do Exercito*, hoje distribuida, entre outras disposições, veem as promoções a coronel do tenente-coronel Alberto Augusto da Silva Deslandes e a tenentes-coroneis dos majores Manuel Pedro Ferreira Marques, Antonio Germano Serrão dos Reis, José Thomaz Martins Pinto da Rocha, Antonio Augusto Carvalho da Costa, Diocleciano Augusto Martins e José Ernesto Sampaio. A seu pedido foram exonerados de chefes do estado maior da 1.ª divisão o tenente coronel José Augusto Alves Roçadas e da 4.ª o tenente coronel Luiz Antonio Cesar de Oliveira.

Agradecimento de operarios

Uma commissão de cerca de 300 operarios da fabrica de productos e adubos chimicos, pertencente á firma H. Bachoffen & C.ª, da Povoa de Santa Iria, hoje na posse do Estado, acompanhada do administrador do concelho de Loures, sr. Ruy Alves da Cunha, procurou o sr. ministro do fomento para lhe agradecer a medida tomada e ter admittido todo o pessoal da fabrica, assim como pedir para que esta seja posta em laboração o mais breve possivel.

Foi recebida pelo secretario sr. Julio Derouet, que ficou de transmittir o pedido ao sr. dr. Manuel Monteiro.

Os operarios foram depois agradecer ao administrador da massa fallida sr. Antonio Lourenço Rodrigues a fórma como tem tratado dos interesses dos operarios.

Navios francezes

O funeral d'um marinheiro

Pelas 14 horas, sahiu hoje a barra o contra-torpedeiro francez *Epée* que tinha hontem entrado no Tejo.

Realisa-se amanhã, pelas 10 horas, o funeral de J. Mario Mauren, praça da guarnição da canhoneira franceza *Surprise*, que se encontra no dique do Arsenal de Marinha, sahindo o prestito da rua Luz Soriano para o cemiterio Oriental.

A guarda de honra será feita por uma força do corpo de marinheiros, tendo sido auctorisadas a incorporarem-se no prestito todas as praças que o desejem fazer.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cooperativa de construcção predial

Reune a assembleia geral no dia 15 para apreciar o projecto de estatutos, que até esse dia está patente na séde.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque.	33 7/8	33 3/4
Londres, 90 d/v.	34 3/8	—
Paris, cheque.	$76	$76,6
Allemanha, cheque	$30,3	$31,2
Hollanda, cheque	$64	$64,8
Madrid, cheque	1$42	1$43
New York	1$52	1$53
Rios/Londres.	12 5/16	—
Libras.	7$28	7$30
Agio do ouro.	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	39,60
» » 500$	—	39,65
» » 100$	40,50 c/j	38,75 j/2

Certificados de 50$, c/j, 40$50.

Obrigações d'Estado: 5 0/0 1909, coup. 80$.

Externas: 1.ª serie, 75$90.

Divida da provincia de Angola, 59$.

Acções: Lisboa & Açores, 116$20; Assucar, 40$40; Moçambique, 2$95; Phosphoros, coup., 54$90 e assent. 55$; Tabacos, coup., 74$.

Obrigações: Aguas, coup., 83$; Ultramarino, hypotecarias, 93$80; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, 66$50; Beira Alta, 2.º grau, 14$25.

SPORT

O caminho para a saude

As opiniões de Mecredy

«Ninguem contrahia a tuberculose se vivesse ao ar livre, respirando ar puro e não contaminado»

O pensamento diretriz de Mecredy, o notavel americano, ao escrever «A grande Estrada da Saude» tem muito de louvavel. Procura fazer comprehender que a vida no ar livre, á luz do sol e com o maximo de hygiene é a melhor e a unica que serve ao homem. Em todas as suas paginas, o «leit-motiv» dos seus capitulos, é o sol e é o ar. Como se fosse um authentico sabio de phisiologias, explica aos que o lêem e com detalhes pittorescos, como a acção d'esses dois poderosos agentes phisicos se exerce sobre o nosso organismo.

«O corpo humano—diz elle— é o campo de batalha entre os microbios, nossos inimigos e os leucocytos, nossos amigos. Estes formam um exercito, que tanto mais é forte—e são o sol e o ar que o mantem em boas condições combativas—quanto mais a nossa vitalidade está acima da normal, não temendo portanto a invasão microbicida».

E' verdade o que diz o publicista americano e isso constitue sciencia que todos os estudantes de medicina conhecem. Os microbios não são perigosos se não os deixam desenvolver. Ora não se desenvolvem ao ar livre porque morrem e pelo contrario pullulam e prosperam no ar quente da casas mal arejadas.

Em abono d'estas verdades, vem o dr. Mac Cabe: «Affirmo que ninguem contrahiria a tuberculose, se vivesse noite e dia n'uma atmosphera não contaminada e se respirasse apenas ar puro. Se o sangue receber sempre ar puro, matará todos os germens tuberculosos que penetrarem no organismo».

Com estes argumentos seguem ambos no elogio extremo dos que praticam o «camping»—e dos que se deitam envolvidos em fatos humidos de lã ou flanela. São os homens que nunca se queixam de rheumatismo e que não soffrem de impertinentes corysas.

Macredy para manter as suas opiniões serve-se da auctoridade scientifica do dr. Mac Cabe e este, expondo as suas ideias, cita que Mecredy as approva.

Agarrando-se as provas experimentaes de que o bacilus da tuberculose resiste aos acidos que não estejam concentrados e que resiste á acção do calor que não seja muito prolongado, declaram axiomatica, insophismavel, e comprovada a affirmativa de que esse bacilus não resiste á acção directa do sol. Assim proclamam vantajosos os exercicios phisicos mas ao ar livre e em pleno campo. Advogam as excellencias do «camping»; preconisam as grandes marchas a pé; indicam os beneficios do alpinismo não exagerado e impõem uma boa respiração pelo nariz.

Fazendo coro com os dois propagandistas, o dr. G. R. H. Dables diz: «Haja cuidado em se não absorver senão o ar puro. E' necessario attender á necessidade vital d'esse ar puro. Se dessemos attenção aos riscos do ar, um quarto que fosse da attenção que damos aos riscos da agua, a superaglomeração tornar-se-hia impossivel».

Só assim se caminharia pela estrada da saude!

Nota do dia

Um congresso de educação phisica

Annunciam os jornaes que o Gymnasio Culb Portuguez promove na primavera um Congresso de Educação Phisica. A iniciativa é simpathica e louvavel. Em tempos foi advogada na imprensa, mas falhou porque a propaganda não teve a intensidade necessaria nem foi persistente. Tambem o Gymnasio a annunciou ha tres annos mas não teve a consequente effectivação. E agora? Estamos convencidos de que se realisará porque á frente da direcção do prestimoso club está um medico e este é efficazmente auxiliado por directores que teem amor á causa do athletismo.

A iniciativa parte de quem deve partir. O Gymnasio tem por direito conquistado, pelas suas tradições e por ser o nucleo d'onde irradiou todo o movimento do athletismo nacional a obrigação de promover este primeiro Congresso.

Dizem-nos que outra collectividade, de recente constituição, mas formada por enthusiastas, pensava no mesmo assumpto. Se assim é, ha a certeza de que aos esforços dos primeiros se podem juntar os esforços dos segundos.

Mas digam-nos não será já o momento de pensar no Congresso? E' que os sete mezes que nos levam até fins de primavera não são muito longos para promover um bom Congresso. Com o nosso auxilio, podem contar. E' que estas iniciativas honram o paiz.

Algumas anecdotas

Foi com um socco que o mestre não lhe ensinou...

Entre salas francezas de cultura phisica e de «box», existe uma certa rivalidade como entre salas de esgrima e de gymnastica, etc. Essas rivalidades dão, por vezes, motivos a incidentes curiosos. Contamos um para exemplo.

Na sala Rampazzi entrou uma tarde um cavalheiro dizendo-se «boxeur» e pediu a pessoas presentes se queriam combater contra elle. O caso é que o homem—chamava-se Taillevis—se mostrou terrivel, esmurrando os noviços que pesavam vinte e trinta kilos a menos.

O empregado da sala, de nome Roman, vexado por o ver abusar da sua força, propoz-lhe o combate e perguntou-lhe:

—Onde aprendeu a jogar tão duro?...

—Com o mestre M... que me ensinou estes, mais estes e ainda mais estes golpes...

Realisou-se o assalto e em quinze segundos o sr. Taillevis estava por terra, esmurrado e em sangue! Foi preciso um quarto de hora para recobrar os sentidos!...

—Como me venceu?—perguntou timidamente.

—Com um golpe que o sr. M... não lhe ensinou...

Noticias

Entre nós

O tiro aos pombos

Reuniu hontem a assembleia geral do grupo de tiro aos pombos da Sociedade Hippica Portugueza que reelegeu a sua antiga direcção, composta dos srs. Jorge de Almeida Lima, José de Oliveira Soares, Luiz Oliva Junior e Annibal Alto Mearim, continuando como delegado da Direcção da S. H. P. o sr. Francisco Xavier de Almeida.

figura o de se abrir concurso publico para

Entre varios assumptos que se trataram o fornecimento de pombos para a presente epoca, cujas condições que foram approvadas estão patentes na séde da Sociedade, rua Ivens, 56.

A época de tiro abre no domingo, 28 do corrente, havendo todas as probabilidades de ser uma epocha brilhante attendendo ao esboço do programma que se traçou, ficando desde já assente que continuará a vigorar parte do programma da ultima epocha em que figurava a «poule» regulamentar e a «poule» mensal com premios pecuniarios importantes.

Torneios da Federação de Sports

Tinham sido annunciados os campeonatos de «box» e pezos, organisados pela Federação Portugueza de Sports, para o mez passado, mas por motivos de organisção e difficuldades que surgiram, a commissão technica transferiu-os para o proximo domingo. Com este adiamento vem a realisar-se tambem mais tarde o campeonato de luta e outras provas do 2.º grupo dos Jogos Sportivos Nacionaes do corrente anno.

Devido á gentileza do Atheneu Commercial de Lisboa os campeonatos de pezos e «box» realisam-se, n'esta collectividade, para o que a direcção cedeu a melhor sala.

Gymnasio Club Portuguez

Em sessão conjuncta reuniu hontem a direcção e o conselho technico d'este club que iniciaram os seus trabalhos para execução do seu enorme programma tendo sido tomadas deliberações importantissimas que muito interessam ao Sport Nacional.

Seleccionaram tambem o quadro de professores que hão de reger as classes de 1915-1916 tendo sido contractados os srs. Antonio Martins para a classe de esgrima e gymnastica sueca para adultos; Arthur Santos e Levy Jenochio para gymnastica sueca para creanças e respectivamente jogo de pau e gymnastica applicada para adultos; o pugilista americano mr. Closkey para «box»; a classe de equitação ficou a cargo do equitador sr. Antonio Correia, e a de natação a cargo de A. Walter Awata. O sr. Claudio de Oliveira e os srs. Alfredo Correia de Barros e Dario Cannas, tomaram a seu cargo o primeiro a classe de lucta greco-romana, e os segundos a de tiro. As classes de dança ficaram a cargo do sr. Magalhães Pedroso.

No proximo domingo, como já foi annunciado, realisa-se a abertura das classes com uma pequena festa, sendo n'esta ia distribuidos os premios aos vencedores da Travessia do Tejo e aos classificados nas classes de 1914-1915. Os socios teem entrada mediante a apresentação da quota do mez de outubro.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Grupo actor João Calazans

Composto de amadores, formou-se em Lisboa um grupo com este titulo, de que fazem parte D. Henriqueta da Fonseca, D. Laura Gonçalves, D. Domingas Silva, D. Dyonisia Tristão, D. Amelia Oliveira, D. Judith Froes, D. Dinah Silva, D. Lucinda Sampaio, Arthur Burgos Emauz, José de Castro, Albino Esteves, Mario Burgos, Adriano de Almeida, Sallustiano Burgos, João Gomes, João Coelho, Narciso Ramos, Manuel Rodrigues, Carlos Sil e Manuel Vieira. O ensaiador é o actor Calazans, ponto Luiz Vasquez, aderecistas Manuel Sampaio e José Santos, scenographo Emauz Gonçalves.

No reportorio d'este grupo encontram-se as seguintes peças já ensaiadas que sobem brevemente á scena na Sociedade Guilherme Coussul: *A Morgadinha de Valflor, João José, A Severa, Peraltas e Secias, O caminheiro, Casa de boneca, D. Cesar de Bazan, 20.000 dollars, Rosas de todo o anno, Moços e Velhos* e *Os Velhos.*

Colyseu dos Recreios

A'manhã, no espectaculo de accionistas, toma parte Sanz

Sanz, o phenomenal ventriloquo, continúa a ser o assumpto de todas as conversas e a causar justificado assombro aos milhares de espectadores que todas as noites affluem ao popular Colyseu dos Recreios.

Os seus interessantes bonecos articulados, especialmente o *Juanito* e a *D. Edwiges*, todas as noites enthusiasmam a assistencia, com as suas facecias e os seus hilariantes *mots d'espirit.* Tel-os-hemos novamente no espectaculo de hoje, bem como o intrepido domador Marek, que na proxima segunda feira se despede irrevogavelmente.

Para o espectaculo de accionistas de amanhã, está elaborado um surprehendente programma em que tomam parte Sanz e todas as celebridades e attracções da grande companhia de circo. Sanz apresentará um variadissimo programma que fará rebentar torrentes de riso em todos os espectadores, sem excepção dos mais sorumbaticos. Rico e Alex, Walter e Antonet e os restantes *clowns* farão os mais desopilantes intermedios comicos do seu vastissimo reportorio.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Menina e môça»

Da «Collecção Lusitania», edição da livraria Lello & Irmão, do Porto, sahiu o 13.º volume, «Menina e môça», de Bernardim Ribeiro. Obra bem conhecida como um primor litterario, tem logar adequado na «Collecção Lusitania», que está reproduzindo os nossos melhores livros em edições elegantes e profusamente illustradas. A valorisar a obra—se porventura ella precisasse de ser valorisada—tem um estudo sobre Bernardim Ribeiro e a exegeso da «Menina e môça» de Theophilo Braga.

«Boletim da faculdade de direito»

D'esta util publicação da Universidade de Coimbra sahiu o n.º 10 do 1.º anno, trazendo collaboração dos professores drs. Carneiro Pacheco e Magalhães Collaço, além de summarios de sentenças e da secção «Varias».

Academia de Sciencias de Portugal

Realisa-se no proximo domingo, ás 14 horas, no salão nobre da Camara Municipal, a sessão inaugural do novo anno academico, tendo sido convidados a assistir os srs. presidentes da Republica e do ministerio, o governo e auctoridades civis e militares.

Festas associativas

A Academia Instructiva do Pessoal dos Caminhos de Ferro de Leste e Norte celebra no domingo o seu 16.º anniversario com festas de que fazem parte a distribuição de um bodo ás 10 horas, sessão solemne ás 13, abrilhantada por um tercetto, «kermesse» e concerto musical pela Sociedade Musical União e Recreio ás 18, baile abrilhantado por uma orchestra ás 21. As festas prolongam-se por todos os domingos de novembro e dezembro. Agradecemos a gentileza de nos terem sido enviados dois bilhetes para os pobres nossos protegidos.

PEQUENAS NOTICIAS

O «Boletim Mensal» da Liga dos Officiaes de Marinha Mercante, correspondente do mez corrente, vem, como de costume, muito interessante, tratando de diversos assumptos, entre os quaes merecem menção especial os reconhecimentos hydrographicos, uma carta do sr. Pires Barreira sobre a navegação portugueza para o Brazil e as minas e a sua rocéga.

A provincia n'A CAPITAL

BEIRA, 10.—Chegou da capital, onde tem estado de licença, o sr. Diogo Salema, aspirante d'esta delegação da alfandega, e retira brevemente, o que sentimos, o nosso particular amigo Raul Guimarães, da alfandega de Lisboa, que aqui tem estado em substituição.

—E' grande á noite a animação no salão do theatro da Sociedade, tudo fazendo prevêr que a recita do dia 21 decorrerá com o maior enthusiasmo.

—A escola movel do sexo feminino tem tido boa frequencia, sendo de esperar que dado o desenvolvimento d'algumas alumnas, este anno possam ir a exame.

partes do paiz. Quando o governo afinal interveiu, timidamente, tinha de arcar com uma situação infinitamente peor do que no começo da guerra.

O que fez foi estabelecer o preço maximo nos mercados e regulamentar para as padarias. Isso foi a origem do famoso «pão de guerra» que teve uma parte quasi tão importante na propaganda germanica como no sustento do povo allemão. A base era o preço maximo de 11 libras por tonelada de centeio em Berlim. Os preços variaram conforme as localidades, sendo mais baixos no leste e mais altos no oeste e sul, isto é, nos pontos mais distantes das principaes fontes de abastecimento.

O preço maximo do centeio, por exemplo, que em Berlim era de 11 libras, era de 10 libras e 9 shillings em Königsberg, de 11 libras e 17 shillings em Munich e em Aix-la-Chapelle.

O preço do trigo foi fixado uniformemente em 12 libras a tonelada. O preço da farinha não foi fixado e o governo não poude resolver o problema vital das batatas. Com certas excepções, comtudo, o emprego do centeio e do trigo como forragens foi prohibido e moagens foram obrigadas a produzir as minimas percentagens de farinha do grão.

A instituição do «pão de guerra» consistiu em obrigar os padeiros a fazer misturas das suas farinhas. Foram obrigados a deitar pelo menos 10 por cento de centeio no pão de trigo e pelo menos 5 por cento de batata no de centeio. Permittia-se-lhes que deitassem 20 por cento ou mesmo mais de batata nas suas misturas, sem que por isso deixassem de chamar-lhe «pão».

Era preciso tornar popular essa nova especie de alimento. Como em tudo, a familia real prussiana deu o exemplo e em breve os jornaes vinham cheios de descripções do consumo do «pão de guerra» no palacio de Potsdam e pelo imperador e pelo kronprinz no campo de batalha. O «sacrificio» parece não ter sido muito grande. Algumas cidades distinguiram se pela extrema immundicie do seu «pão de guerra».

A nova tabella entrou em vigor a 4 de novembro de 1914. Tudo ia muito bem, porque os agricultores não eram obrigados a fornecer os mercados. A escacez de trigo foi ainda maior do que até ahi, e em breve a differença de preços se notou em pontos diversos do paiz, que não estavam em relação com o custo do transporte, de modo a vendel-o mais caro n'um logar e n'outro proximo mais barato.

O governo appellou largamente para o publico fazer economias, mas antes do fim do anno foi obrigado a rever a tabella. Annunciou-se que novas medidas eram necessarias para assegurar á Allemanha o sobreviver a um «periodo» critico, que começaria em meiado de maio e só terminaria com o fim das colheitas de 1915. Como nem o ministro do interior nem outra qualquer repartição podia superintender em tudo, foi resolvido formar uma companhia tendo poderes de expropriação e com a obrigação de adquirir, conservar e por ultimo distribuir o abastecimento de trigo.

A companhia, a que foi dado o nome de Companhia do Trigo de Guerra — *Kriegsgetreidegesellschaft* —era composta de grandes industriaes e das cidades com mais de 100.000 habitantes. Os directores eram representantes do Estado e magnates industriaes. O juro era limitado a 5 por cento do capital. Ao mesmo tempo a regulamentação das padarias tornava-se mais rigorosa e a proporção em que a batata podia entrar na composição do pão de centeio era augmentada.

Tudo isto eram preliminares do golpe final. No fim de janeiro annunciou-se que o governo resolvera apoderar-se de todo o trigo como monopolio do imperio e estabelecer um novo systema de distribuição e limite de consumo. Os que tinham «stocks» foram obrigados a declarar as quantidades de que eram possuidores até uma data determinada e esses «stocks» passaram para o poder ou da Companhia de Trigo de

cruel, traidor, o peor homem que havia no mundo.

Tal modo de pensar era propagado pelo proprio ministerio dos estrangeiros allemão e a qualquer signal que apparecia d'uma acalmia de paixão surgia logo um ataque flammejante na «Gazeta de Colonia» ou em outro qualquer orgão noticioso do governo.

Havia um assumpto que tinha connexão com a guerra que os allemães não queriam considerar, principalmente nas suas relações com a Inglaterra. Estavam bem providos d'uma série de tropos excitantes. O apparecimento da força expedicionaria britannica no campo de batalha foi o signal para abusarem d'uma torrente de «mercenarios» que se suppunha serem recrutados nos antros das cidades, ao passo que o verdadeiro povo ficava em casa

Logar-tenente general Edwin Hervey Alderson, commandante da divisão canadiana

Maria Violante Ribeiro
Manuel Pancas Ribeiro
José Pancas Ribeiro
Balchior Pancas Ribeiro (ausente)
Rosa Maria Ribeiro da Luz
Augusto Maria da Luz.

Participam ás pessoas das suas relações o fallecimento da sua querida mãe, cunhada e tia, Maria da Conceição Ribeiro, e que o seu funeral se realisa ámanhã, ás 14 horas, sahindo o prestito funebre da rua Garrett, 29, 3.º Dt.º, para o Alto de S. João, esperando que lhe honrem este acto com a sua presença.

Monte-Pio Commercial e Industrial
(Associação de Soccorros Mutuos)

Leilão

Previnem-se os Senhores mutuarios e mais interessados que o leilão marcado para o dia 6 do corrente, foi addiado, por caso de força maior, para o proximo dia vinte do corrente á mesma hora.

Lisboa, 5 de Novembro de 1915.
O secretario da direcção
Adão Francisco Zambujo

Seis semanas de guerra não haviam ainda decorrido quando o «Hamburger Nachrichten» escreveu:

«Os filhos das mães allemãs são feitos á imagem de Deus, que manejou uma espada no mundo. Mas os filhos das mães francezas, inglezas, russas e belgas demonstraram ser umas bestas que disparam balas explosivas contra os guerreiros allemães, mutilam os feridos allemães e commettem assassinios».

Narrativas do emprego de balas dum-dum e ácerca de horriveis mutilações de feridos allemães foram durante muito tempo propositadamente postas em circulação pelas auctoridades militares e eram immensamente populares. Quando, no outomno de 1914, se tornou necessario arcar sériamente e systematicamente com o problema do abastecimento de viveres, o governo descreveu o bloqueio inglez como o inglez «Aushungerungsplan», ou o plano de esfomear a Allemanha.

A phrase tornou-se tão usual como a chamada «Einkreisungspolitik», ou a politica britannica de tentar «isolar» a Allemanha. Não havia dados para avaliar os precedentes allemães ou as affirmações dos estadistas allemães. O bloqueio, diziam, era considerado como «guerra ás mulheres e ás creanças».

Em março ultimo, depois da maledicencia ter seguido o seu curso, o socialista «Vorwärts» teve a sufficiente coragem para dizer: «A verdade é que o esfomeamento é o processo mais antiquado de guerra e um methodo permittido pelas leis internacionaes nos dias presentes. Não é verdade que seres humanos possam morrer de fome. O fim é apenas, exercendo pressão sobre o estomago, levar o povo a fazer a paz».

A furiosa campanha contra a venda de munições de guerra pelos Estados Unidos aos alliados foi levada a cabo com egual indifferença da parte dos dirigentes allemães. Outro assumpto popular foram as «represalias». Foram pedidas contra tudo e contra todos e os jornaes descobriam continuamente prejuizos ou indignidades feitas contra os allemães, que clamavam por vingança.

Foi assim que os allemães se tornaram responsaveis pelo internamento geral nos principaes paizes belligerantes de «inimigos estranhos». Dois ou trez mezes depois do começo da guerra, o dr. Karl Peters, o explorador africano que durante muitos annos fôra tratado hospitaleiramente pelos inglezes depois de se ter tornado antipathico pelo mau tratamento dado aos naturaes d'Africa, publicou violentos artigos contra a Inglaterra.

Essa publicação foi seguida de numerosas entrevistas com allemães que haviam sido deixados sahir dos campos de internamento que então havia na Inglaterra e aos quaes fôra permittido voltar para a sua patria. O governo allemão pediu que todos os allemães fossem postos em liberdade e como não conseguiu obter isso mandou internar todos os inglezes que estavam na Allemanha sem distincção. Com grandes difficuldades, fez-se mais tarde um accordo para a troca de certas classes de civis.

O caracter geral da nação manifestou-se, como era natural, durante o decurso dos acontecimentos militares, mas encontrou a sua melhor expressão no primeiro anno de guerra nas proezas praticadas pelos submarinos e nos «raids» dos zeppelins sobre a Inglaterra. Chegou a crêr-se a serio que, quando o «bloqueio submarino» começou no dia 18 de fevereiro, a Inglaterra ia ficar isolada. E poucas duvidas havia de que os zeppelins rapidamente espalhariam o panico e reduziriam pelo menos Londres a cinzas.

Voltemos á situação economica e á questão do abastecimento de viveres. Na Allemanha, mais do que em qualquer outro paiz belligerante dominam os politicos e, parte por necessidade, parte por livre vontade, essa nação estava na vanguarda da discussão internacional e fazia d'ella a base dos seus mais alanceantes

appellos á opinião neutral e tambem das suas mais violentas accusações contra a Gran-Bretanha.

No começo da guerra ridiculas historias se espalharam em todo o mundo ácerca da imminencia da falta de alimentos na Allemanha. Mais tarde, quando essa nação resolveu esse problema principal, tornou-se uso dizer que toda a discussão a proposito da escassez de generos fôra um «bluff». A historia do «bluff» foi quasi tão ridicula como a da «fome». A verdade é que, logo que a armada ingleza a isolou dos mares mundiaes, a Allemanha se viu em frente do difficil e delicado problema de ter de adaptar as suas condições de vida a uma diminuição de generos alimenticios, que podia ser avaliada em 15 a 20 por cento do consumo total.

O problema podia ser resolvido em dadas condições, as principaes das quaes eram evitar qualquer recanto de terra allemã d'uma invasão, efficiencia administrativa e uma vontade geral entre a população para economisar e fazer sacrificios razoaveis.

Não podia haver duvidas de que a Allemanha n'esse ponto não se preparára tão bem como no resto. A principal razão fôra porque os omnipotentes prussianos não admittiam interferencias.

Dezoito mezes antes da guerra, o kaiser, n'um dos seus discursos por vezes tão inconsiderados, dissera: «Não póde haver duvidas de que dentro em pouco tempo não só a Allemanha póde abastecer-se a si propria, mas que estará apta de futuro a fornecer de carne e de pão toda a sua população». Embora essa affirmativa fôsse calorosamente discutida, é a unica base que ha para se avaliar o verdadeiro consumo e certo é que no principio da guerra o descontentamento foi geral.

Só seis mezes depois do começo da guerra é que o governo poude estabelecer um systema rigoroso de fiscalisação. O primeiro acto do governo foi fazer um recenseamento dos generos que havia no paiz. Os resultados não foram publicados, mas no mez de novembro de 1914, quando a tabella dos preços maximos foi decretada, uma nota official dizia:

«Temos centeio e trigo sufficientes para alimentar o exercito e a população até ás proximas colheitas. Devemos poupar os nossos abastecimentos de modo a chegarmos a essas colheitas com as necessarias reservas. Desejamos estar aptos a encarar a guerra em todas as circumstancias até termos conseguido a certeza d'uma paz permanente. O governo sabe que o seu desejo é compartilhado por toda a população e está convencido de que ella está prompta a acatar e acceitar todas as medidas que fôrem necessarias para tal se conseguir.»

Ao mesmo tempo o governo dizia que tinha centeio sufficiente para todas as requisições até ao principio de setembro de 1915 e carne bastante até ao começo de agosto. Esses calculos haviam já contado com os estragos feitos nas colheitas na Prussia Oriental pelos russos e na Alsacia-Lorena pelos francezes. Tinham tambem contado com o facto dos agricultores allemães terem gasto grandes quantidades de trigo como forragens quando a importação das forragens deixára de se fazer da Russia.

O «deficit» total de trigo em comparação com os annos normaes era de cerca de 16 por cento. As colheitas allemãs em 1914 haviam ficado, apesar de todas as estatisticas officiaes em contrario, abaixo do que se calculára. Quando, no fim do anno, o governo allemão desejou, por motivos obvios, apresentar as coisas sob um outro aspecto, publicou uma estatistica da qual se via que os generos que n'ella figuravam tinham tido grande diminuição em 1914, em comparação com 1913.

Antes do outomno de 1914 a situação, como se esperava, tornou-se intoleravel. Os agricultores não queriam desfazer-se das suas reservas, o que fazia augmentar os preços. Estes não só subiram, mas variaram enormemente em differentes

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1894—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 12 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Bruno

A ninguem, em Portugal, que se preocupe com as affirmações do genio da nossa raça, e consagre ás nossas lettras um vivo interesse e uma admiração enternecida, póde ser desconhecido ou indifferente esse simples pseudonymo que cobriu uma das intelligencias mais cultas do nosso paiz e tambem um dos seus mais inconfundiveis caracteres.

E' difficil, sobretudo entre nós, alcançar uma consagração intellectual com um pseudonymo, uma consagração indiscutivel, uma consagração que é prestada por todos os espiritos esclarecidos, e que nenhuma sancção official substitue,—uma d'essas consagrações que são, mais do que a promessa, a garantia de que não desapparecerá a recordação do homem que soube agitar mais profundamente as idéas ou commover mais profundamente os corações. De momento não nos lembra, na litteratura contemporanea, mais do que um exemplo semelhante,—o de Julio Diniz.

Soube o romancista interessar o sentimento da nossa terra por fórma tão intensa que esse pseudonymo lhe conferiu uma immortalidade nas lettras. O philosopho, que foi Bruno, não tem menos jus a essa immortalidade porque foi um dos maiores pensadores de que a nossa terra se póde orgulhar. Desservido o estylo especial em que exteriorisava as vastas locubrações do seu cerebro, mas quem d'elle abstrahir, quem só procurar dentro d'elle a fulgurante idéa, encontral-a-ha, perfeita, harmoniosa, soberana, e que é mais ungida d'essa emoção poetica sem a qual a nobreza e a vastidão d'um espirito nunca lograram authenticamente revelar-se.

Não é, porém, a obra de Bruno de que pretendemos dar o fugitivo vislumbre d'uma analyse. Não é este o logar proprio, nem nos abalançariamos a tal. Como Bruno não foi só um philosopho, como Bruno não foi só um critico, como não foi apenas um pensador embrenhado na abstracção dos seus ideaes, que na politica portugueza marcou um logar de destaque e marcou uma acção intemerata, apraz-nos recordar o seu perfil de republicano, sobretudo no aspecto de fidelidade aos principios de que foi doutrinador e legionario.

O partido republicano, nas suas asperas luctas contra a monarchia, dignificou-se com a cooperação de Bruno que, no Porto, quasi desde creança, quando a Republica não era mais do que uma chimera longinqua, lhe consagrou todo o seu esforço, servindo-a com uma dedicação sem limites. Bruno é um republicano do tempo de Bazilio Telles e Alves da Veiga. Quando se deu o «ultimatum», e da convulsão nacional sahiu robustecido o ideal republicano, a revivescencia partidaria que esse facto determinou, encontrou Bruno na primeira fila dos combatentes da democracia.

Já então era um velho republicano. Já então o seu nome era uma gloria da liberdade. E João Chagas, fundando a «Republica Portugueza», ariete formidavel contra a monarchia, teve immediatamente Bruno entre os seus cooperadores mais dedicados e activos.

Bruno escrevia, Bruno conspirava. Da revolta de 31 de janeiro foi elle um dos principaes iniciadores. O fracasso d'esse movimento determinou o seu exilio. Em Hespanha escreveu elle o manifesto dos emigrados em que aquelle periodo magico, descrevendo o enthusiasmo, a fé quasi mystica d'essa generosa insurreição: «gloriosa, sublime manhã, a de 31 de janeiro de 1891!» ainda canta no nosso ouvido, como um hymno sagrado de orgulho e de esperança.

Refugiado primeiro em Hespanha, depois em França, Bruno regressou do estrangeiro com essas admiraveis «Notas do Exilio» que são porventura o seu melhor livro. Mas, reintegrado na sua terra, restituido ao Porto, que d'elle legitimamente se orgulhava, não abrandou na sua lucta contra a realeza. A chamada conspiração Bazilio teve-o como um dos seus cooperadores. Bruno desempenhou altas missões dentro do partido republicano, e se os seus serviços são pouco conhecidos, elles não deixaram de existir, e foram tanto maiores quanto menos apregoados.

Não bastava a esse homem de tão vasto saber, a esse pensador que tão largos horizontes rasgava perante as gerações da sua terra, o ter dado á Republica a consagração do seu nome, o brilhante brazão da sua intellectualidade superior. Elle era um republicano de principios. Sempre os respeitou, considerando certamente, que, se como dizia o poeta, o homem deve respeitar o seu amor, ainda mais deve respeitar as suas idéas.

E provou. Logo apoz o estabelecimento da Republica, Bruno, que dirigia um jornal, mostrou-se em desaccordo com certos actos de alguns seus correligionarios, que dominavam na politica. Nunca o grande publicista foi homem que empregasse os baixos processos da calumnia ou as grosseiras armas da injuria. Nem assim as paixões o pouparam. Bruno foi chamado ao governo civil do Porto, e reprehendido, como um plumitivo vulgar, como um folliculario de baixa cathegoria, pela attitude que o seu jornal tomara. Elle, que era uma das primeiras mentalidades da Republica, soffreu este vexame, na vigencia da propria Republica! Quanto deveria ter soffrido! Mas de maneira alguma o seu resentimento, se o teve, e não apenas a dolorida piedade por um aggravo, porventura mais inconsciente do que intencional, o levou a abandonar os principios de toda a sua vida, a renegar a Republica, ou a praticar qualquer acto que pudesse favorecer os inimigos da democracia.

Não esbravejou, não ameaçou, não apostatou. Fechou o seu jornal, e continuou, no recolhimento dos seus estudos, a publicar as suas obras, a viver com os seus livros, a sonhar com as suas idéas de infinita perfeição do espirito.

Alto e generoso exemplo d'um grande republicano! Toda a sua obra foi um ensinamento. Oxalá a lição da sua integridade politica, da sua nobreza espiritual, seja um ensinamento maior ainda para as pequenas vaidades feridas ou para os baixos interesses inconfessaveis que tão vulgarmente se sobrepõem ao culto dos principios e até da dignidade pessoal!

Pelo telegrapho

A Gran-Bretanha, as suas colonias e a paz

LONDRES, 12.—Camara dos Communs.—Sir Arthur Markham perguntou a sir Edward Grey se tencionava dar alguma resposta ao relatorio do principe Linchnowsky, publicado na imprensa officiosa allemã declarando que sir Edward Grey tinha informado o principe de que a Gran-Bretanha, tomando parte na guerra ficaria melhor collocada para exercer pressão no balanço final o que não succederia se se conservasse neutra, pois que pode n'um dado momento ameaçar retirar-se da lucta.

Sir Edward Grey, replicou que não vê necessidade alguma nem razão para dar outra resposta além da que foi publicada ha dois mezes. «Se seria possivel ameaçar sahir da lucta?! Espero que se comprehenderá immediatamente que a nossa situação na guerra está determinada pelas nossas allianças com o Japão e em 5 de setembro de 1914 com a França e a Russia. A nossa opinião é que as condições de paz devem estar em conformidade com as que frisou o sr. Asquith em 9 de novembro de 1914.

Seria muito para desejar que se comprehendesse de uma vez por todas que é esta a resolução collectiva e individual do governo e a da nação».—(Havas).

Os progressos italianos contra os austriacos

ROMA, 12.—Official. No valle de Campello repellimos um ataque inimigo. No valle de Cordevole continuamos acossando o inimigo contra a cortina. No Monte Isonzo começámos a marcha de frente resolutamente. Para além do paiz de Zagora fizemos 260 prisioneiros e progressos ao norte e a oeste de Gorizia. No Carso o nevoeiro impediu a acção da artilharia.—(Havas).

Um transporte britannino torpedeado

LONDRES, 12.—Official. O transporte britannico «Southland» com destino a Alexandria foi torpedeado no dia 2 do corrente no Mar Egeu e chegou a Moudros com 3 mortos e dois feridos. Desappareceram 22 pessoas.—(Havas).

CANHONEIRA "SURPRISE"

O funeral do marinheiro fallecido em Lisboa

foi uma sentida homenagem

Realisou-se hoje, pelas 10 horas e meia, o funeral do Ives Mary Maden, *quartier-maitre* da canhoneira franceza *Surprise*, fallecido no hospital-asylo S. Luiz, na rua Luz Soriano, onde, como dissemos, recolhera atacado de febres. Durante a noite o cadaver foi velado por irmãs de caridade, senhoras da colonia franceza e camaradas do extincto, havendo antes da sahida do funeral missa de corpo presente pelo director da egreja de S. Luiz Rei de França. Organisado o prestito, seguiu o caixão n'uma traquitana, coberto com a bandeira franceza e sendo sobre elle collocadas corôas de flores artificiaes do commandante e estado maior da canhoneira *Surprise*, dos seus camaradas e outra com fitas tricolores offerecida pela guarnição do *Vasco da Gama*. Após o carro do sacerdote marchava uma força de marinheiros da *Surprise*, sob o commando de um subalterno e mais de 200 marinheiros de todos os nossos navios de guerra e do corpo de marinheiros. Em trens iam o secretario da legação de França e representantes da colonia, commandante e officiaes da canhoneira. Junto do caixão esteve durante a manhã a sr.ª ministra da França acompanhada de varias senhoras.

O feretro ficou depositado no jazigo municipal, sendo as honras funebres á porta do cemiterio prestadas por uma força da nossa armada, que deu as descargas do estylo.

EM TORNO DA GUERRA

O ministerio francez das munições

O que diz o sr. Albert Thomas: «Conseguiu-se realisar em tempo de guerra o que se devia ter preparado tranquillamente em tempo de paz»

Paris, 9 de novembro

Foram alargadas as attribuições do sub-secretario de Estado das munições; o sr. Albert Thomas agora tem tambem a seu cargo as polvoras. Sobre este assumpto fez o sr. Albert Thomas declarações muito interessantes ácêrca da reorganisação e extensão dos serviços.

«A principio, o serviço que me foi confiado estava em via de formação; tratava-se de accelerar um programma traçado segundo as necessidades do general em chefe. Pouco a pouco o programma foi alargando-se, chegando a ponto de ser necessario recorrer a forças economicas e sociaes cada vez maiores. Este desenvolvimento accentuou-se agora.

A mobilisação industrial

Foi assim que o pequeno organismo operario se tornou, pelo recrutamento d'operarios especialistas, um mechanismo importante. Conseguiu-se realisar, durante o tempo da guerra, a mobilisação que se devia ter feito, tranquillamente, emquanto disfructavamos a paz. Os erros foram separados, e a mobilisação realisou-se; isto é que é o essencial.

O pequeno organismo primitivo alargou-se em uma série de serviços importantes: o do aluminio e dos metaes especiaes, o dos aços annexado á direcção das forjas, o do carvão, o da madeira para coronhas e helices, e o dos transportes que é o nucleo de grande parte da vida nacional.

O serviço das polvoras

Para se obter maior cohesão, foi agora annexado ao sub-secretariado o serviço das polvoras; esta annexação era uma necessidade de ha muito reconhecida pelas commissões parlamentares.

A direcção das polvoras tornou-se uma enorme organisação, creando em muitos pontos industrias chimicas que não existiam. O director das polvoras correspondia-se directamente com o ministro da guerra, o que originava complicações prejudiciaes á defeza nacional. Fabricando munições, era logico que fosse eu quem as carregasse. Não era por exaggerada predilecção pela symetria que eu reclamava ha muito tempo a direcção das polvoras. E o general Gallieni assim o comprehendeu.

A direcção da artilharia

Havia tambem a direcção da artilharia; uma enorme mechanica, como aquella precisava bem de ser organisada. Tive que pedir novas engrenagens para ter junto de mim os orgãos de direcção, de preparação, de encommendas. Para estes pormenores era preciso crear duas grandes direcções com dois homens de reconhecida competencia, energia, e tenacidade. Para a artilharia, escolhi o sr. Clavellie; o seu nome, já popular, dispensa-me de fazer-lhe o elogio.

Conhecemo-nos ha muito tempo; durante dois annos fui relator dos caminhos de ferro do Estado. Trabalhamos muito juntos, e estou muito grato ao sr. Marcel Sembat por m'o ter cedido emquanto durar a guerra. Já me ajudou a organisar a commissão dos contractos.

Constantemente em contacto com os industriaes, d'espirito lucido e pratico, saberá elevar a nossa producção ao maximo.

O abastecimento de munições

A grande questão está em produzir; a ella me dediquei por completo e não me assusta entrar nos seus minimos pormenores. Agora estamos em bom caminho. Para lhe dar uma idéa da nossa intensidade de producção para artilharia basta dizer-lhe que a despeza d'um capitulo só d'artilharia é mais elevada em seis mezes, que todo o orçamento da França para um anno».

O sr. Albert Thomas toma nota todos os dias dos obuzes de varios calibres que sahem das officinas, e do material de toda a especie que fica prompto a seguir para as linhas.

Com excepção de uma ou duas variedades de obuzes, as requisições do generalissimo são satisfeitas e ainda excedidas; quanto aos obuzes de 155, a grande preoccupação do general, a producção é exactamente egual á indicada no programma.

Dos obuzes de 105 e 120 a producção é ainda superior á que indica o programma; ha um calibre de que a producção é ligeiramente inferior á indicada, mas isso é devido a ter-se desviado um maior esforço para outra cathegoria. Além da quantidade, o sr. Albert Thomas tem-se occupado egualmente da qualidade. Como se sabe ha trez especies de obuzes: em aço, em ferro fundido e aço, e só em ferro fundido; a producção dos primeiros foi augmentada, e a dos ultimos reduzida.

«Para mim, o programma do G. Q. G. é um Sinai que eu me esforço para alcançar. No que diz respeito ao «75», realisamos approximadamente o programma, mas aqui os programmas variam todos os dias. Se se conhecesse a cifra da producção e se se comparasse com a do mez de setembro de 1914, todos se admirariam; actualmente ultrapassa todas as previsões; a producção é assombrosa.

No que diz respeito ás polvoras, os mesmos progressos, as mesmas curvas ascencionaes; quanto a cifras é impossivel dal-as a saber.

Até ao mez de maio as curvas sobem a medo; mas a partir d'essa epocha dão um salto. O mesmo succede com a producção d'espingardas, de metralhadoras, d'explosivos chloratados e d'explosivos nitrosos».

O sr. Albert Thomas accrescentou: «Mas este esforço, por grande que tenha sido desde o começo da guerra, e por mais que se tenha intensificado n'estes ultimos mezes, nada é em comparação com o que falta fazer. N'este momento, o paiz vive com uma intensa actividade da industria metallurgica; mas esta actividade approxima-se muito da actividade do tempo de paz. A obra que precisamos levar a cabo é tal que para a sua realisação devemos fazer tender todos os nossos esforços, e todas as energias da nação, não serão demasiadas para o conseguirmos. Precisamos de mais, sempre de mais. Com as nossas producções effectuou o nosso exercito uma magnifica offensiva na Champagne; para victoria total e proxima, é necessario o esforço total das nações».

A direcção geral das fabricas ficarão annexados os serviços exteriores d'artilharia, taes como a inspecção permanente dos fabricos, a direcção das forjas, o serviço das materias primas, o serviço de transportes, o serviço industrial, etc.

O ESTORIL D'A'MANHÃ

Os seus hoteis

Mr. Ritz, filho do grande hoteleiro, diz que a industria nacional satisfaz quasi por completo á sua installação

Como opportunamente se noticiou, a empreza do Parque Estoril confiou a Ritz, esse extraordinario potentado da industria hoteleira, a missão de installar todos os serviços da sua especialidade n'aquella deliciosa estancia thermal.

N'essa occasião, um filho do primeiro hoteleiro do mundo, acompanhado pelo intendente geral de todos esses palacios internacionaes que levam o nome de Ritz, veiu expressamente aqui para firmar o contracto, pelo qual, durante cinco annos, se compromettia a dirigir pessoalmente no Estoril um hotel, construido nas grandiosas proporções de seus irmãos mais velhos e mantido com identico rigor, luxo e elegancia.

Presentemente, como noticiámos tambem, encontram-se em Lisboa o filho e a esposa do grande industrial de hoteis, tendo a empreza do Estoril convidado madame Ritz a visitar o paiz e a tomar conta das suas bellezas naturaes, tendo em vista a apreciação especial da estancia onde vae ser construido o grande hotel.

Madame Ritz e seu filho encontram-se hospedados no Avenida Palace. Ali nos receberam hoje. A esposa do grande hoteleiro, tendo de sahir para visitas na cidade, deixa-nos com seu filho, um mancebo de extraordinaria vivacidade, que será o futuro gerente do Grande Hotel do Estoril.

—Estamos plenamente convencidos tanto eu como minha mãe que á estancia do Estoril está reservado o mais auspicioso futuro. Portugal é um paiz previlegiado para attrahir o «touriste» não só pela sua excepcional situação geographica e pela amenidade unica do seu clima, mas ainda, por ter conservado até hoje todo o aspecto tradicional, typico e caracteristico do seu povo, o que não acontece nos outros paizes onde a desnacionalisação dos usos e costumes se accentua pavorosamente.

«Estamos certos que havemos de attrahir aqui as familias inglezas e americanas que não hesitam em procurar as longiquas paragens do Egypto. De resto, o Estoril tem todas as vantagens sobre as outras estancias thermaes da Europa. Basta dizer que é a unica que gosa do duplo beneficio de ser estação maritima e, ao mesmo tempo, uma estação thermal.

No proximo anno, diz-nos mr. Ritz, deve já funccionar o estabelecimento de banhos, reconstruido com todos os melhoramentos da especialidade. Ao lado, ligando directamente com elle, o primeiro hotel, destinado principalmente a recolher os enfermos, os necessitados das aguas, devendo depois seguir-se um outro, fazendo «pendent» com elle, destinado, em geral, aos «touristes». Este primeiro hotel designar-se-ha «Hotel du Parc» e offerecerá aos seus clientes todas as commodidades e confortos actualmente exigidos pela industria hoteleira.

Mais tarde construir-se-ha sobre a colina que magestosamente limita o parque, o grande hotel de luxo, reservado ás familias aristocraticas portuguezas, ás nobres familias inglezas, ao grande mundo, emfim, que sabe dispender o seu dinheiro, hotel que será o ponto de reunião da «élite» nacional e cosmopolita.

O Estoril ha de ser a estação mais completa do mundo, com o seu casino, os seus hoteis, os seus campos de jogos, scenario sumptuoso que o seu clima e proximidade d'um grande porto requerem.

Os «touristes» de visita ao Estoril hão de encontrar ali reunidos os attractivos que quasi sempre andam dispersos: hippodromos, tiro aos pombos, esgrima, natação, concertos e toda a qualidade de festas sportivas e artisticas. A empreza do Estoril installará no parque uma vastissima «garage» para guarda e concerto de automoveis, uma bem fornecida cavallariça, para que os visitantes possam a cavallo passear pelas aleas do parque ou exercitarem-se no hippodromo. O campo de «golf» tem 18 ruas com um percurso de cerca de seis kilometros, e d'ali se disfructa um panorama encantador. Ao mesmo tempo pensa-se tambem em estabelecer dentro do parque a tracção electrica, de maneira a permittir que os visitantes nacionaes e estrangeiros possam visitar e admirar o lindissimo parque.

Mr. Ritz imprime todo o calor da sua mocidade ao relato que vae fazendo das maravilhas futuras do Estoril.

Conhecendo todo o plano de melhoramentos da magnifica estancia, cita ainda a construcção do posto metereologico que fornece ao «touriste» a informação das alterações do tempo; as vastas galerias com os armazens e estabelecimentos, mantidos por commerciantes portuguezes e francezes, que lhes porão deante dos olhos as suas mercadorias; o jardim tropical com exemplares exoticos, os campos de «tennis», de corridas de cavallos. programma que a desfiar-se dá impressão de qu ese desenrola um verdadeiro conto das mil e uma noites.

A visita de madame e mr. Ritz teve tambem um outro motivo deveras sympathico: ver o que a industria nacional pode fornecer para a installação dos hoteis do Estoril.

—Verifico, com verdadeiro prazer meu e por certo um justificado orgulho dos portuguezes, diz mr. Ritz, que a industria d'este paiz está em condições de satisfazer quasi totalmente as necessidades d'estas installações. Quasi tudo, portanto, será trabalho de artifices e operarios portuguezes. As louças dos futuros hoteis será executada aqui, com desenhos especiaes feitos sobre antigas faianças. As roupas hão-de ser confeccionadas em «ateliers» construidos expressamente no Estoril; portuguezes serão o mobiliario, a vidraria e todos os restantes objectos de ornamentação do hotel.

Temos feito um inquerito ás officinas de Lisboa e na segunda-feira passámos ao Porto, cidade onde a industria do mobiliario tem grande desenvolvimento. Feito esse exame, mandaremos de Paris os modelos que adoptamos nos nossos hoteis e que estão consagrados pela experiencia...

Mr. Ritz tinha concluido emfim as interessantissimas informações, ácêrca do futuro Estoril. Antes de lhe apresentarmos os nossos agradecimentos pela sua gentileza e, para satisfazer a natural curiosidade dos leitores de «A Capital» pedimos alguns esclarecimentos sobre o fundador dos grandes hoteis das capitaes europeias.

—Foi meu pae que creou a industria hoteleira. Gerente do «Savoi» de Londres foi elle quem modificou por completo a vida de hotel, tornando esses estabelecimentos pontos de reunião da «élite». Introduziu os concertos durante a refeição; levou os hospedes a apresentarem-se vestidos a rigor nos jantares, conseguiu que as damas inglezas, adversas á exhibição em restaurantes, apparecessem decotadas e que os jantares de hotel fossem pontos de reunião elegante, uso que foi adoptado pelo principe de Galles, depois Eduardo VII, que duas vezes por semana ia jantar ao seu hotel.

Foi ainda meu pae, conclue mr. Ritz, quem introduziu o uso das casas de banho, annexas aos quartos dos hospedes, condição indispensavel para os americanos ricos que viajam.

Eis a traço largo, o perfil do grande hoteleiro que, atravez da iniciativa já experimentada do filho, vem orientar e dirigir uma das questões mais importantes para o futuro desenvolvimento do Estoril.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que v[illegible] acompanhados das respectiv[illegible]

A QUESTÃO DO JOGO

Peripecias que provoca a repressão

Os banqueiros hespanhoes installados n'um gremio historico de Lisboa—A policia ludibriada—A necessidade da regulamentação

Depois de se haver jogado desenfreadamente durante todo o verão em praias, campos e thermas, e de, sob os olhares benevolos da policia, na propria capital terem tambem funccionado as casas de tavolagem ás escancaras, o sr. governador civil de Lisboa entendeu mandar que se reprimisse o jogo illicito, segundo ás severas disposições da lei. Ignoramos os ponderosos motivos por que o primeiro magistrado do districto sómente agora resolveu perseguir o jogo de azar; o que sabemos, porém, é que a repressão está dando ensejo a curiosas peripecias que demonstram a sua quasi inefficacia, pelo menos no que respeita ás tavolagens de luxo, e tambem a protestos por parte dos que se consideram lesados com a suspensão da benevolencia policial...

Ainda hontem, ao que nos consta, se reuniram alguns empregados de casas de jogo para protestarem contra o facto das medidas repressivas apenas terem sido tomadas depois de finda a época das praias onde, na sua maioria, os emprezarios das tavolagens eram hespanhoes que drenaram para o seu paiz dezenas e dezenas de contos. E, considerada a hypothese da regulamentação do jogo, esses individuos resolveram pedir que os interesses nacionaes sejam resalvados, se ella se fizer,—não vá entregar-se a exploração a um syndicato ou monopolio estrangeiro com um batalhão de empregados seus, tendo como consequencia a sahida de muito dinheiro do paiz e a queda de numerosissimas familias na miseria....

Mas póde, com effeito, reprimir-se efficazmente o jogo illicito, como foi determinado pelo sr. governador civil de Lisboa, e retiraram-se, de facto, os banqueiros hespanhoes que n'uma das praias e dos principaes clubs da linha de Cascaes este verão ganharam com o seu negocio centenas de contos, ao que se diz?

Da efficacia da repressão do jogo já vamos dar exemplos; quanto aos hespanhoes, communicam-nos que elles invadiram um dos mais antigos gremios que existem em Lisboa, o que provocou um escandalo cujas proporções é facil calcular pela indignação que reina entre os antigos socios d'esse gremio.

Trata-se d'um club fundado em 1846 por iniciativa dos principaes vultos d'então, na politica, nas lettras, na sciencia e nas artes, club que tem uma bella historia e em que se não entrava com extrema facilidade. O descontentamento que vinha lavrando entre os associados de ha longos annos, por causa de innovações introduzidas ultimamente e que desviam a aggremiação dos fins para que foi fundada, subiu de ponto agora, affirmando-se que se promove a reunião immediata de uma assembléa geral com o proposito de se pôr termo ao mais recente abuso ali praticado:—o estabelecimento d'uma verdadeira casa de tavolagem. Interrogámos sobre o assumpto alguem que está ao corrente d'elle e que nos disse, mal disfarçando a revolta e a magua que se lhe traduziam na voz:

—«Não se regulamenta o jogo em Portugal, mas consente-se que seja explorado descaradamente por estrangeiros que, não querendo largar a presa, em vista das determinações da auctoridade para serem encerradas todas as casas de jogo, procuram introduzir-se portas a dentro d'um dos mais considerados gremios da capital, e, ahi, impondo e combinando condições, obrigam a direcção a decretar aos seus associados, por meio de regulamentos impressos, a fórma d'estes procederem para com os arrematantes do jogo! A coberto não sabemos de que artigo ou clausula dos seus estatutos, pretendem dar a estrangeiros, pela exploração de todos os seus associados, farta colheita de lucros. O caso deve dar grosso barulho e uma movimentada assembléa e consta-me que, a não ser tomada uma resolução immediata contra tal abuso, uma grande maioria de socios pedirá a demissão, perdendo assim uma das mais cotadas sociedades o bom nome que tem gosado.»

O gremio a que nos referimos foi visitado pela policia, originando o caso severos commentarios dos socios que nunca suppuzeram que a tradicional pacatez do historico e elegante club fosse perturbada pela fórma vexatoria por que o está sendo... Mas, além da policia, quizeram, ao que nos informam, visital-o, com intuitos nada pacificos, certos elementos perturbadores, sob o pretexto de que os rigores da lei apenas se applicam ás chamadas batotas pataqueiras, illudindo as outras casas, luxuosas e endinheiradas, a vigilancia policial e arrefecendo até os zelos da policia por processos varios em cuja cumplicidade, da parte d'ella, nos repugna acreditar!

De que a policia é ludibriada não resta duvida alguma... O posto do theatro Nacional é todas as noites um centro de concentração de forças da judiciaria e ali se planeiam as operações a realisar no cumprimento das ordens do sr. governador civil. Os agentes, porém, são os primeiros a reconhecer que a vigilancia por elles exercida nunca logrará evitar que se jogue, principalmente em certas casas onde o dinheiro não falta e os recursos permittem mutações rapidas de scena, como nas magicas e nas aventuras de Arsene Lupin...

Quer o leitor que exemplifiquemos as razões d'este descoroçoamento da policia?

Na madrugada de segunda-feira constou á judiciaria que n'uma casa da Baixa se jogava o monte e a banca franceza. Um agente bateu á porta e declinou a sua identidade. A porta abriu-se, a policia entrou e não viu uma unica meza de jogo. Tinha-nas transformado, n'um apice, em «petites tables», ornadas de flores, e, sentados em torno, os jogadores comiam e bebiam desenfastiadamente. A policia foi acolhida com demonstrações festivas pelos convivas que a convidaram a tomar alguma coisa. Os guardas não comeram mas reconheceram-se, pelo contrario, comidos e retiraram-se sem que nada pudessem fazer...

Sitiou-se outra casa. O agente destacado para bater á porta veiu dizer que sentira, nitidamente, o ruido caracteristico da roleta. Iam apanhar os pontos em flagrante! Como a porta não podia ser arrombada, bateu-se. Luziram uns olhos atravez da pequena rotula metalica e, mal decorridos dois minutos, os agentes eram convidados, com a maior cortezia, a entrar. Lá dentro, uns dezoito individuos chalreavam, fumavam, tomavam cervejas, despreoccupadamente. A roleta havia-se sumido como que por encanto e os da judiciaria, dadas as boas noites, retiraram-se com cara de tolos...

Ante-hontem á noite—assegura-se—os proprietarios de varias casas de jogo, das luxuosas, receberam denuncia de que se planeavam assaltos que não seriam feitos pela policia, mas por individuos despeitados segundo uns, malfeitores segundo outros...

O chefe Carmo distribuiu patrulhas dobradas na sua area e afugentou caras suspeitas que se viam pelo Rocio e immediações. Os annunciados assaltos não se produziram. O chefe Carmo receia menos dos frequentadores das batotas pataqueiras perseguidas que dos que, projectando assaltar as casas de jogo, teem só em mira a pilhagem. Havendo esse chefe enviado um agente á paisana a vigiar as escadinhas da Barroca, proximo do antigo pateo do Salema, o homem reconheceu em doze individuos que ali se encontravam alguns gatunos de largo cadastro. Dirigiu-se o sr. Carmo ao local com um cabo e seis guardas e o bando poz-se em fuga. O mais interessante é que o pessoal das casas de tavolagem, consoante se diz, esteve tambem de prevenção toda a noite, preparado para a resistencia...

A que especulação não daria logar qualquer episodio tragico que por desgraça se produzisse!

Resta perguntar, por ultimo, se ainda ha quem não concorde com a necessidade da regulamentação do jogo. Os falsos moralistas, que fingem desconhecer a existencia de males que se attenuam mas se não extinguem, hão de bradar que a regulamentação é um escandalo.

Haverá porventura escandalo maior do que aquelle que ahi se está passando?

José Pontes

O banquete d'amanhã

Promette ser brilhantissimo o banquete que um grupo de amigos e admiradores do nosso presado collega dr. José Pontes promoveu para amanhã, em homenagem aos relevantissimos serviços que elle tem prestado á causa da educação physica em Portugal.

O numero e a qualidade das pessoas inscriptas possuem uma elevada significação. Até hoje, ao fim da tarde, inscreveram-se para o banquete, que se realisa no hotel Francfort, pelas 20 horas, além da sr.ª D. Virginia Quaresma, os srs.:

Adelino Mendes, Herculano Nunes, dr. Azevedo Neves, Carlos Monteiro, Jayme Costa, Arthur Nogueira, Mario Pistacchini, Guilherme Gomes, Mario Sant'Anna, Constantino Moutou Osorio, Augusto Seixas, Manuel Correia, Florencio das Neves Marques, Alberto Baptista Alvarez.

D. Affonso Basolga, José de Figueiredo, Alfredo L. Carvalho Junior, João Condeixa, Francisco Loreto, José Santos Freitas José Gomes da Silva, F. Nobre Martins, Joaquim Vital, Jayme Cesar Farinha, D. Antonio de Heredia, Roque Gameiro, Manuel Guimarães, Francisco dos Santos (esculptor), João Lofonte, Carlos Xavier, Garcia Carabe, Alberto Totta, Alberto Franco de Castro, Raul de Campos Palermo, Levy Jenochio, Jayme d'Oliveira Pinto, José Joaquim d'Almeida, Sousa Amzalack, Antonio Couto, João Benites, Francisco Rocha, J. Mendes Arnault, Soares d'Almeida, José Netto, dr. José Pitta e Castro, Eduardo Luiz Pinto Bastos, João de Deus Tavares Homem, Carlos Gonçalves, João d'Araujo Moraes, padre Eduardo Ferreira do Amaral, Car-

los Ferreira Viegas, Arthur dos Santos, Carlos Fernandes, Victor Rollin Santos, Caetano J. Santos Joaquim Macedo Brito, José Alvarez, Eduardo Dias.

D. José de Noronha, Antonio Soares Junior, Eduardo de Faria, Carlos Bazilio d'Oliveira, Delphim Guimarães, Raul Nunes, Martins Faria, Walter Alvarez, Pedro Sanches Navarro, Luiz Roubeaud, Arnaldo Gomes.

José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, Accacio Santos, Manuel Egreja, José Joaquim Bastos, Antonio Henrique Oliveira e Silva, José Aprigio Gomes, João dos Santos Mattos, Mario Beirão, Diogo Pina Manique, Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cartaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Sousa, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

Tambem se inscreveu o sr. Antonio Ribeiro da Costa Guia, da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz.

A commissão promotora informa de que não se exige «toilette» de rigor.

José Pires Marinho

O fallecimento do distincto artista

Apoz um longo soffrimento—nada menos de 40 dias—falleceu hoje, pelas 9 horas, o sr. José Pires Marinho, fundador e director dos «ateliers» Pires Marinho & C.ª, o conhecido estabelecimento artistico da praça dos Restauradores.

Pires Marinho não era uma figura banal; antes symbolisava o que podem o esforço e a vontade, quando encaminhados por um trabalho honesto. Tendo ficado orphão muito novo, aos 17 annos, viu-se forçado a recorrer ao trabalho para se sustentar. E eil-o feito professor de instrucção primaria, ganhando a estima dos seus discipulos e a de todos aquelles com quem convivia. Mas ao mesmo tempo que ensinava aprendia e por isso d'ahi a pouco tempo passava a leccionar instrucção secundaria, sempre rodeado da estima e consideração dos que com elle tratavam.

Mas não era o magisterio o alvo das suas aspirações. Dedicando-se ao estudo da photographia em madeira, Pires Marinho ao cabo de trez annos de longo e aturado esforço trocou a vida de professor pela de artista e introduziu em Portugal a photogravura, aperfeiçoando dia a dia os seus processos e procurando constantemente progredir.

Fundou um modesto «atelier» em 1895, na rua da Fé, mas dentro em pouco o desenvolvimento da sua casa exigia a mudança para casa mais ampla, indo então para a rua de S. Paulo. Depois, os «ateliers» Pires Marinho transferiram-se para a casa que hoje occupavam no palacio Foz, e é bem conhecida a perfeição com que ahi se trabalha, para que n'este momento precisemos exalçal-a.

José Pires Marinho era um honesto trabalhador e os artistas empregados nos seus «ateliers», todos portuguezes, tinham n'elle um verdadeiro amigo.

O funeral realisa-se amanhã, ás 15 horas, da rua da Alegria, 9, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

A' familia enlutada envia «A Capital» a expressão do seu fundo pezar.

Colyseu dos Recreios

Os ultimos espectaculos com a «Vingança de Féras»

O interessante e commovente mimodrama «Vingança de Feras», que tanto, extraordinario successo alcançou no Colyseu dos Recreios, despede-se do publico na proxima segunda feira, definitivamente. Quem ainda não viu essa preciosa maravilha—o bastante gente só agora recolhe a Lisboa,—não deve perder o ensejo.

Uma outra alta novidade da companhia de circo: «Sanz», o grandioso ventriloquo, que é admiravel com a sua maravilhosa collecção de bonecos automaticos, cada qual mais hilariante, mais comico, mais pittoresco.

Completam os programmas os celebres clowns Antonet e Walter, Rico e Alex, Barraceta,—verdadeiros reis da gargalhada, e outras grandes attracções, como os notaveis chinezes, M.me Loyal, Moriska e a sua cadelinha «Pargée», etc.

Hoje o espectaculo é dedicado aos accionistas da empreza, com um programma variadissimo.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso João Alberto Marinho, morador na travessa dos Fieis de Deus, 121, 1.º, por ás 2 horas da madrugada, na rua dos mastros, juntamente com dois individuos que se evadiram, ter assaltado José Eugenio, 1.º fogueiro n.º 1202 do corpo de marinheiros, furtando-lhe um cordão e medalha de ouro no valor de 51 escudos.

—Sahiu o numero 4 do «Boletim official do conselho nacional das mulheres portuguezas», correspondente ao corrente mez. Traz variada collaboração.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo—(Revista).

GIMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—Em boa hora o diga.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.

MODERNO—A's 21—As noviças.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

HOJE — *Moderno* — 1.ª representação da opereta *As noviças*, em 3 actos, de F. Schwalbach, musica do Alfredo Mantua.

A'MANHÃ —Nacional—Primeira representação de *Malquerida*, de Jacintho Benavente.

Boatos e informações

Entre nós

De accordo com a gerencia do theatro Nacional o actor Jorge Grave passará a fazer parte da companhia do Eden-Theatro, onde se estreia brevemente, mas tomará parte na representação de duas peças novas que subirão á scena no Nacional.

—A distribuição da peça americana «La donna è mobile», que sóbe á scena, na terça-feira, no Gymnasio, em segunda recita de assignatura, original de miss Margaret Mayo, traducção livre de João Soler, é a seguinte:

«Suzana», Maria Mattos; «Branca», Celeste Leitão; «Alice», Luiza Lopes; «Norá», Bertha d'Albuquerque; «Arabela», Virgina Farrusca; «Henrique», Mendonça de Carvalho; «Giampetro», Silvestre Alegrim; «André», Joaquim Almada; «Cirilo», José d'Almeida; «José», Ludgero Silva.

A acção passa-se em New-York, na actualidade e a peça vae posta em scena com o maximo rigor e propriedade.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

A morte de Bruno

Manifestações de sentimento

Tendo o sr. Antonio Sampaio, irmão de José Sampaio, telegraphado ao presidente do ministerio notificando-lhe a morte de seu irmão, o sr. dr. José de Castro respondeu com o seguinte telegramma:

«Recebi com profunda magua a piedosa attenção que se dignou ter com o velho amigo e admirador do nosso querido morto, participando a sua morte.

Em frente do cadáver d'esse homem que foi a gloria das lettras portuguezas como publicista, historiador e philosopho e a honra da Republica pelo muito que soffreu e trabalhou por ella e pelo caracter de eleição que foi uma das suas mais nobres qualidades, envio como portuguez e como chefe do governo a v. ex.ª e a sua familia desolada a expressão sentida das minhas condolencias.»

Nos funeraes de José Sampaio (Bruno), a Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa faz-se representar pelo sr. Bento Carqueja, director do «Commercio do Porto». A mesma collectividade tem a sua bandeira a meia haste.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CRUZ VERMELHA ANGLO-BELGA

Em casa de Ms. e Mr. Bosanquet, na rua da Lapa, 101, realisou-se hontem á noite uma bella festa em beneficio da Cruz Vermelha anglo-belga.

Do sr. presidente da Republica, que fôra especialmente convidado, recebeu-se um telegramma de solidarisação. Houve muito enthusiasmo. Entre os convidados, sobretudo membros da colonia ingleza, podémos tomar nota dos seguintes:

Monsieur Romberg, mademoiselle Romberg, dr. mrs. Russel, mrs. Lithgow, miss Lithgow, miss Inez Lithgow, mrs. John Cannell, miss Cannell e Friend, mr. M. Ferreira Pinto, mr. e mrs. Stilwek, mr. e mrs. J. N. Marsden, miss Marsden, mr. e mrs. R. G. Jayne, mr. Douglas Bucknall, mr. Arthur Arnaud, miss Arnaud, mr. Albert Mascarenhas, miss Mascarenhas, mr. e mrs. Ennor, miss Fullerton, monsieur Gustave Bournand, mrs. de Moura, mr. de Moura, mrs. L. de Moura, mr. Jorge de Moura, mr. T. de Moura, mr. Tohnstone, mr. R. Johnson, mr. Tinlay, miss Sleigh, mrs. Doddrell, D. Henriqueta de Moraes, Eduardo Pinheiro Machado, dr. Ritta Martins, etc.

Apuraram-se algumas dezenas de escudos e a festa durou até tarde.

UMA REUNIÃO

Deve realisar-se ámanhã, pelas 20 horas, no salão da «Illustração Portugueza», uma reunião de jornalistas, professores, homens de lettras, artistas, etc., para se assentar na fundação d'uma sociedade que terá por fim a colheita e estudo de quanto respeita ao nosso folklóre nas suas tradições, lendas, poesias, arte, costumes, novelario, etc.

CASAMENTOS

Realisou-se em Coimbra o enlace matrimonial da sr.ª D. Laura Fernanda Madeira de Brito, com o sr. Amaro Garcia Alvares Cabral Loureiro.

—Pelo sr. Alfredo Guilherme Howell, commandante da Escola de Alumnos Marinheiros do Norte, foi pedida em casamento para o sr. Francisco Guedes de Carvalho, filho do sr. Rodrigo Guedes de Carvalho, a sr.ª D. Palmira da Cruz Rocha, gentil filha da sr.ª D. Sophia da Cruz Rocha.

DE VIAGEM

No rapido de ámanhã para Madrid, segue acompanhado de sua esposa, o sr. José Joaquim Serra Pereira.

—Com sua esposa a sr.ª D. Emilia Machado Baltar, partiu para Paris, onde conta demorar-se pouco tempo, o sr. dr. Baltar, director e proprietario do «Primeiro de Janeiro».

DOENTES

Está doente o capitão tenente sr. Rodrigues Gaspar, ministro das colonias, motivo por que hoje não foi ao seu ministerio.

LUTUOSA

Realisa-se ámanhã, pelas 15 horas, o funeral da sr.ª D. Marianna dos Prazeres Limpo Toscano Batalha, hoje fallecida, sahindo o prestito funebre da avenida Elias Garcia, 22, 1.º, para o cemiterio dos Prazeres.

ULTIMAS NOTICIAS

MARINHA DE GUERRA

A compra de tres submersiveis

Foi decretada a compra immediata de tres submersiveis, typo «Espadarte», com os melhoramentos mais modernos, na importancia de 1.950 contos. Para occorrer a semelhante despeza distrahe-se a somma de 900 contos, da verba de 1.200 contos consignada á primeira secção do novo arsenal na Outra Banda, somma que, junta á verba de 1.050 contos, que se destinava á compra de dois submersiveis de grande raio de acção, e que fica sem effeito, dá a verba de 1.950 contos.

As obras do arsenal na Outra Banda não são sacrificadas, visto que ainda se não iniciaram no presente anno economico.

O decreto foi assignado e publicado hoje.

Falta de peixe em Setubal

Uma commissão de negociantes de peixe de Setubal protestou hoje junto do chefe do districto contra o facto de n'aquella localidade não apparecer sardinha desde o dia em que foi mandada affixar a tabella de preços e que a ausencia do peixe meudo acarreta graves prejuizos para as fabricas de conserva e tambem para as classes trabalhadoras. O sr. Marianno Martins aconselhou a commissão a entender-se com a commissão de subsistencias.

Ministro do interior

A posse do sr. dr. Catanho de Menezes

Tomou hoje posse, interinamente, da pasta do interior o sr. dr. Catanho de Menezes, ministro da justiça, que n'uma pequena allocução exalçou as qualidades do seu antecessor sr. dr. Ferreira da Silva, que lhe respondeu agradecendo e apresentando-lhe seguidamente os funccionarios superiores do ministerio.

Depois o sr. dr. Ferreira da Silva despediu-se do pessoal.

Os srs. Antonio Fonseca, Nascimento Santos e Guerra, respectivamente chefe do gabinete e secretarios do ministro anterior, pediram escusa dos seus cargos.

GRÈVES OPERARIAS

A do pessoal da exploração do porto

mantem-se na melhor ordem—As providencias que se pensa adoptar

Em virtude do conflicto existente entre o conselho de administração das obras da exploração do porto de Lisboa e o seu pessoal, por ter sido demittido o presidente da associação de classe d'esse pessoal, sr. Ayres Pereira da Costa, foi a noite passada, como se sabe, resolvido declarar a grève geral.

De manhã, á hora da entrada do pessoal, compareceram as commissões de vigilancia, a fim de verificarem se algum operario comparecia ao trabalho.

Dos grévistas, em numero superior a 800 homens, nenhum entrou nos armazens. Os escriptorios estavam, porém, abertos, tendo ali comparecido todo o pessoal e não soffrendo atrazo o serviço de expediente.

A fim de evitar conflictos o conselho de administração requisitára policia, vendo-se a esquadra dos Caminhos de Ferro de prevenção com mais 30 guardas e pelas proximidades dos entrepostos grupos de policias, uns á paisana e outros fardados, estes dois a dois. Essas forças estendiam-se pela margem por onde é costume transitar o pessoal.

Os grévistas estão em sessão permanente, tendo sido o conflicto participado para todas as associações operarias.

Durante o dia foram recebidas adhesões de algumas collectividades. Segundo nos disseram alguns grévistas, o conflicto terminará logo que seja readmittido o presidente da associação de classe, cuja demissão attribuem a vingança, por ter escripto alguns artigos nos jornaes contra o que se passa a dentro da exploração do porto. Durante o dia correram pela cidade boatos de que se tinham dado conflictos entre os grévistas e a policia, mas não é verdade, visto que os grévistas se manteem na melhor ordem. A classe reune hoje á noite a fim das commissões darem conta dos seus mandatos. Para essa sessão foram convidadas varias collectividades, entre as quaes as associações dos Fragateiros, Estivadores, Catraeiros, etc.

De tarde esteve no governo civil uma commissão de commerciantes, que declararam ao chefe do districto que era necessario que lhes fosse garantida a liberdade do trabalho, visto que tinham á descarga generos que podem soffrer avaria, caso as auctoridades não tomem rapidas providencias. O sr. Marianno Martins declarou achar justo o pedido e que ia tomar as providencias necessarias.

Em vista da attitude do pessoal, o Conselho de Administração resolveu admittir todos os que se apresentarem amanhã, fazendo-se nova inscripção e nova numeração desde os mais baixos numeros, mesmo para o terno dos trabalhadores effectivos.

O governo, ao que nos consta, está na disposição de garantir rigorosamente a ordem e a liberdade de trabalho, para o que já tomou as devidas providencias.

Como são graves os prejuizos que este movimento pode causar á actividade nacional, mais nos consta que o governo resolveu, se as circumstancias o exigirem, recorrer ao pessoal militar para assegurar os serviços do porto.

O conselho de administração teve uma demorada conferencia com o ministro do fomento. A's 17 horas um dos seus membros, o sr. Alberto Macieira, esteve conferenciando com o governador civil.

Tambem uma commissão do pessoal procurou o sr. ministro do fomento, a fim de lhe pedir a sua interferencia junto do conselho de administração para se solucionar o conflicto. Foi attendida pelo chefe do gabinete sr. João Palma, que ficou [illegible] transmittir o pedido [illegible] Monteiro.

CONFERENCIAS A BORDO

No "Almirante Reis,,

O sr. Julio Dantas realisa a segunda palestra da serie promovida pelo sr. commandante da divisão naval

Realisou-se esta tarde, a bordo do «Almirante Reis» a segunda conferencia da série promovida pelo sr. capitão de fragata Leotte do Rego, commandante da divisão naval. Foi conferente o sr. dr. Julio Dantas. Scenario, o mesmo da conferencia do sr. Lopes de Mendonça, a semana passada, a bordo do «Adamastor». Um grande toldo na coberta, por causa do vento e da chuva. Tempo agreste, frio, quasi tempestuoso. Marinheiros de todos os navios de guerra postados em grupo compacto defronte da meza destinada á presidencia e em cima, na ponte. Officiaes das guarnições dos mesmos navios. Muitos galões, de todas as larguras e de todas as patentes. Sobre a meza duas taças de prata. Uma, recordando o festival maritimo de Cascaes, em 1907. Outra, offerecida ao cruzador pela população de Lourenço Marques. Assistem os srs. ministro da guerra e da marinha. Trez horas e meia. Conferente, ministros, commandantes do navio e da divisão naval photographam-se em grupo, além, n'um ponto mais desafogado do convez. Depois, o sr. José de Castro toma o seu logar e apresenta o conferente. Os marinheiros teem deante de si o maior litterato portuguez. Por si, sente immenso orgulho por estar ali. Primeiro, por sentir palpitar bem junto de si a alma sempre heroica dos marinheiros portuguezes; depois por se encontrar a bordo do «Almirante Reis», que é o navio que mais ligado está á Republica e ainda o que leva o nome d'um homem que é para essa mesma Republica uma das mais nobres, mais claras e illustres recordações.

O sr. dr. Julio Dantas extinctos os vivas que sublinham as ultimas palavras do sr. dr. José de Castro, toma a palavra. Agradece as referencias amaveis do sr. ministro da marinha e diz que, acceitando o convite do sr. commandante naval, «grande chefe na guerra e grande educador na paz», cumpriu um indeclinavel dever. Vem falar á alma dos marinheiros d'hoje, da alma dos marinheiros d'hontem. Encontra-se a bordo do cruzador que mais intimamente tem a sua vida ligada á regimen. O seu auditorio é de eleição. Nenhum orador podia ter a vaidade de desejar um dia ter outro melhor. Falar perante marinheiros portuguezes é, para elle, um prazer immenso. Henrique Lopes de Mendonça fez, perante esses mesmos marinheiros, a evocação brilhante d'um imperio constituido. Elle occupar-se-ha dos que o constituiram, dos marinheiros que foram os primeiros a sulcar os mares, dos avós dos marinheiros d'hoje. Procurará, pois, evocar esses primitivos immortaes, que foram os primeiros obreiros da grande epopeia nacional. Foi em 1886, se não está em erro, que se deu a grande revelação. Columbano, o extraordinario pintor, visitava o palacio patriarchal de S. Vicente. Uns pedreiros rebocavam uma parede, empoleirados n um andaime. O grande artista reparou nas taboas em que os operarios se apoiavam. Eram maravilhosas pinturas, que de prompto não puderam ser identificadas. Depois, conhecido o achado, poetas, artistas, pintores e escriptores foram em romaria a S. Vicente, ver as taboas preciosas, que o acaso salvára da ruina. Tratava-se, evidentemente de uma obra de mestre. Mas quem as pintára? Um flamengo? Um Van-Eyck? Não. Apenas um portuguez Nuno Gonçalves, pintor da côrte de Affonso V. Provou-o o notavel critico d'arte José de Figueiredo, demonstrando ao mesmo tempo que Portugal tambem tivera uma magnifica escola de pintura primitiva. Luciano Freire, o artista benemerito, restaurou as taboas magnificas. E' d'ellas que vae falar. Porque? Porque n'ellas existem documentos esplendidos para a historia dos navegadores portuguezes.

As taboas maravilhosas compõem-se de paineis. Ha o do infante, ha o dos pescadores e o dos homens do infante. D. Henrique tem ali o seu retrato. Gil Eanes, Lançarote Peçanha e alguns dos maiores portuguezes, chegaram, por via do pincel de Nuno Gonçalves, até nós. Os retratos dos paineis, as figuras cheias de expressão que n'elles se admiram são as dos homens de Sagres. Já passaram os que o escutam o promontorio celebre? Pois foi ahi que D. Henrique se refugiou para realisar o seu grande sonho. Levou-o para ali o desastre de Tanger; arrastou-o para essas paragens, tão longe do resto do paiz, a sua ambição de conquistar a Africa. O imperador da Allemanha, o rei de Inglaterra e o proprio papa convidaram-no para commandar os seus exercitos. Recusou. O sonho da India absorvia-o. Tão cedo?—perguntar-se-ha. Não ha duvida. Provam-no documentos coevos, que não pódem ser contraditados. A Sagres, onde se estudavam as derrotas dos navegadores e se construiam, em baixo, nas angras, as caravelas, n'uma azafama que durava dia e noite, affluiram homens audazes e sabios de toda a parte. De Sagres partiram as caravelas que foram á Madeira e aos Açores. A Sagres correram os mareantes algarvios, anciosos por se lançaram na aventura que havia de leval-os nem elles sabiam aonde. O Cabo Bojador era a grande balisa a delimitar os mares conhecidos. Para lá fica o mar tormentoso, ficava o mysterio. Gil Eanes foi o encarregado de dobrar o Cabo, de desfazer o mysterio, de ir além, até onde a sua coragem o levasse. E o grande navegador partiu. Para a gloria, para a morte? E sabel-o? A expedição partiu, luctou, esforçou-se por realisar a sua gigantesca empreza. Em vão. Teve de regressar a Sagres. Gil Eanes não poude sulcar as aguas do mar da treva. O infante, porém, não desanimou. A dôr do seu mareante predilecto não o venceu. Era preciso recomeçar. A sua perseverança de inglez fel-o organisar outra expedição. Gil Eanes voltou a emprehender outra viagem. E d'essa vez foi feliz. O Cabo Bojador foi transposto, as caravelas portuguezas penetraram no mar Tenebroso e Gil Eanes reconheceu que a vida tambem existia n'essas aguas, navegaveis como quaesquer outras.

N'um dado momento, as caravellas aproam a terra, uma terra encantada, toda florida de rosas. O grande navegador colhe um braçado d'essas rosas. Regressa, chega a Sagres, dá ao infante a grande nova e atira-lhe as rosas de Santa Maria para o regaço. Depois, a epopeia continua. Navegadores portuguezes chegam ao Rio do Oiro, ao Cabo Branco, a Cabo Verde, á Serra Leôa e á Costa da Mina, onde se ergue a primeira fortaleza. Costeiam Angola, e dobram o Cabo da Boa Esperança. Surgem os nomes de Baldoia, Lançarote Peçanha, Nuno Tristão, Soeiro da Costa, e outros portuguezes immortaes. Vasco da Gama realisa, depois, talvez a parte mais facil, indo até á India, e Fernando de Magalhães, leva a cabo a primeira viagem de circumnavegação. «E assim, diz o conferente, as rosas de Gil Eanes floriram n'uma epopeia. E' ás suas descobertas e aos seus descobridores, aos seus navegadores e aos seus guerreiros que Portugal deve a sua existencia. N'esse tempo, Isabel I realisava a unificação da Hespanha. Como podia um pequeno reino viver livre ao pé d'um reino poderoso? Mais ainda. Os portuguezes que dobraram o Bojador, que desvendaram a Africa, que foram até á India e deram a primeira volta ao mundo, salvaram a Europa, cortando a invasão turca.

Mas das descobertas, outras consequencias surgiram ainda. Por causa d'ellas, operou-se uma revolução economica, effectuou-se uma revolução geographica, modificou-se o curso habitual do commercio do tempo. As especiarias da India deixaram de ir, pelo mar Vermelho e atravez do deserto, em caravanas, até Veneza. Lisboa passou a ser o grande emporio das riquezas orientaes. Foi ainda o esforço portuguez que fez a Inglaterra e a Hollanda. E toda a gloria que d'esse esforço nos vem foi iniciada pelos homens que se agrupam nas taboas preciosas de Nuno Gonçalves. Por isso as evocou. Por isso quiz falar aos marinheiros d'hoje dos marinheiros que os precederam.

Tem vivido mais do sonho do passado do que das glorias do presente. Assim, é com infinita commoção que traz aos que o escutam as benções d'aquelles que, sulcando os mares, deram ao mundo outros mundos, creando a maior epopeia de todos os tempos. As rosas de Gil Eanes floriram e não murcharão jámais, vivificadas por aquelles que são hoje os continuadores da obra immortal dos que lá vão. Se pudesse falar em nome d'elles, dizia aos que o ouvem, obrigado. Hoje, já não ha mundos a descobrir. Ha, porém, inimigos a vencer. «N'essa occasião, termina o orador, dirigindo-se aos marinheiros, a Patria mais uma vez conta comvosco». Muitos vivas e muitas palmas sublinham as ultimas palavras do sr. dr. Julio Dantas.

O sr. ministro da marinha, tomando novamente a palavra, faz mais uma vez o elogio do conferente e dirige tambem, ao sr. commandante da divisão naval palavras cheias de consideração. Erguem-se vivas á Republica, á Patria livre e aos ministros presentes, e a festa termina. No gabinete do commandante é servida uma taça de chá aos ministros, ao sr. Julio Dantas, ao sr. commandante da divisão naval e a muitos dos officiaes presentes. Por fim, os srs. Norton de Mattos, José de Castro e Julio Dantas embarcam no «Thetis» dirigindo-se, emquanto as peças de bordo dão as salvas do estylo, para terra. Chove a bom chover e o rio, bastante agitado, convulsiona-se em vagas alterosas, que se enovellam e veem quebrar-se de encontro ás pequenas embarcações que transportam para terra os convidados.

A grande guerra

Os russos aprisionam n'um combate 71 officiaes e 11 metralhadoras

PETROGRADO, 11.—Official. Na região de Ixkul apoderámo-nos da granja de Herzeminde, repellindo dois contra-ataques. O total de prisioneiros feitos no combate de Kolki é de 3.500 soldados e 71 officiaes; alem d'isso tomámos 11 metralhadoras ao inimigo.—(*Havas*).

O parlamento grego foi dissolvido

ATHENAS, 12. — A Camara dos Deputados foi dissolvida hontem á tarde, marcando-se as novas eleições para 6 e 19 de dezembro.—(Havas).

NOTAS DIVERSAS

O movimento da Caixa Economica Portugueza durante o mez de outubro findo foi de 8:962.345$74 na totalidade, sendo 4:542.593$90 de entradas e 4:419.751$75 de sahidas, de que resultou um saldo positivo de 122.842$24.

A commissão feminina «Pela Patria» foi hontem apresentar ao sr. general Pereira de Eça os seus cumprimentos de boas vindas, offerecendo-lhe um ramo de chrisantemos com um laço de fitas com as cores nacionaes. A commissão entendeu do seu inadiavel dever de mulheres portuguezas cumprimentar no illustre general, commandante d'uma expedição, que tão heroica e brilhantemente acaba de affirmar as altissimas qualidades do exercito portuguez, todos os que luctaram e estão dispostos a luctar pela gloria da nossa raça e grandesa da Patria.

—Foi nomeado secretario da administração do concelho da Azambuja o sr. Alberto d'Assumpção Travassos.

—São candidatos pelo circulo da Guiné: a senador o sr. Silva Gouveia e a deputados, pelo partido democratico o sr. Godinho Amaral, independente o sr. Graça Falcão e unionista o sr. Nunes de Oliveira.

NOTA POLITICA

A crise não foi resolvida

E' indispensavel que o governo mantenha o seu pedido de demissão collectiva

Suppunha-se que, desapparecida a razão que o sr. José de Castro apresentava para não assignar a reforma de policia, desappareceria tambem a crise ministerial que o proprio chefe do governo provocava com o fundamento de não ser nomeado um determinado candidato ao logar de commissario de policia n'um dos bairros de Lisboa. Não succedeu assim. Affastada aquella razão, o sr. José de Castro arranjou outra:—que era indispensavel levar a reforma ao Congresso, visto estarmos nas proximidades da sua abertura. N'estes termos, dada a impossibilidade de se resolver agora uma crise total, o sr. dr. Ferreira da Silva preferiu abandonar a gerencia da sua pasta a entrar em transigencias que seriam improprias do seu caracter. Ao Congresso tinha elle dito que era preciso para a defeza da Republica e para a manutenção da ordem, reformar-se com urgencia a organisação policial. Pedira, e obtivera, que lhe fosse votada uma auctorisação n'esse sentido. Como podia então sujeitar-se a voltar ao parlamento com uma proposta, acceitando as inevitaveis demoras do debate, resignando-se com o obstruccionismo que a opposição parlamentar não deixará de pôr em pratica? Alguem poderá affirmar que na propria maioria não haja divergencias quanto ao modo de fazer a reforma?

Não, a crise não ficou resolvida com a sahida do sr. dr. Ferreira da Silva. A situação politica do governo, já periclitante, aggravou-se ainda pela desconfiança de que se procura apenas adiar e entravar a publicação da reforma, que nós instantemente reclamamos, na certeza de que traduzimos as correntes da opinião republicana. Usa-se d'esse processo para prolongar a vida do governo, tornando-se a sua substituição dependente do debate que sobre a reforma vae recahir e que poderá protelar-se por largo tempo? Enganam-se os que cuidam que isso é possivel. Absolutamente se enganam, porque o povo está farto de ficções, de habilidades, de sophismas, de enredos—que só conseguem prejudicar a marcha da Republica e avolumar os perigos da hora presente.

Não ha necessidade do governo se sumir no parlamento porque não é preciso empurral-o para elle cahir. Elle já cahiu, de facto, pela deliberação unanime dos seus membros, entregando ao chefe do Estado o pedido de demissão. Espera-se pela chegada do sr. dr. Affonso Costa, a mais alta individualidade do partido que dispõe da maioria parlamentar? Pois que venha o sr. dr. Affonso Costa— e que a situação se resolva sem delongas, porque não é legitimo admittir que o governo ficou mais forte depois de se produzir aquillo que se convencionou chamar a solução da crise.

Ha factos que a opinião publica conhece e sobre os quaes já formulou o seu definitivo juizo. E' impossivel deturpal-os. Como pode ella acreditar que a razão allegada pelo chefe do governo seja sincera—a ida ao parlamento da reforma de policia—se o mesmo chefe do governo ainda na segunda-feira, em conselho de ministros, approvou essa reforma, tendo garantido antes ao ex-ministro do interior que a sua publicação se faria no «Diario do Governo» de terça-feira?

Repetimos: não é possivel a deturpação d'esses factos, que a opinião republicana perfeitamente conhece. E tanto assim é que muitas commissões politicas e centros republicanos da capital já enviaram hoje telegrammas de saudação e solidariedade ao sr. dr. Ferreira da Silva, que sahiu do governo por querer honrar a auctorisação que o parlamento lhe confiou e cumprir o mandato do povo que consolidou a Republica em 14 de maio.

Como nota final, e registando a entrada do sr. dr. Catanho de Menezes para a gerencia interina da pasta do interior, é curioso dizer-se que o sr. José de Castro entrou hontem, ás 11 horas da manhã, na secretaria d'aquelle ministerio e sentou-se na meza do ministro, que ainda não tinha sido exonerado e cuja sahida estava até dependente d'uma conferencia realisada algumas horas depois com o chefe do Estado. Mas o sr. José de Castro fez mais alguma coisa que sentar-se: pediu que lhe levassem ao ministerio da marinha o expediente urgente, na convicção de que ia ser encarregado da pasta do interior. Os seus desejos não foram satisfeitos...

Presidencia da Republica

Audiencias — Os cumprimentos de ante-hontem

O chefe do Estado recebeu hoje, em audiencia particular, os srs. ministro de Venezuela, encarregado de negocios de Cuba, primeiro tenente Sousa Gentil, dr. João de Barros, a Academia dos Estudos Livres, os Bombeiros Voluntarios Lisbonenses, o sr. dr. Ferreira da Silva ex-ministro do interior que foi apresentar as suas despedidas e o sr. dr. Catanho de Menezes, ministro da justiça, que foi tambem apresentar os seus cumprimentos antes de tomar officialmente posse da pasta do interior.

No domingo o sr. dr. Bernardino Machado recebe a magistratura ás 13 horas, indo ás 14 presidir á sessão inaugural da Academia de Sciencias de Portugal.

Damos a seguir parte dos nomes dos officiaes que ante-hontem foram cumprimentar o sr. presidente da Republica, e se inscreveram no livro dos visitantes:

Francisco Baptista Ribeiro, coronel; Francisco Maria Esteves Pereira, coronel de engenharia, inspector geral dos Fort. e O. M.; J. Martins de Carvalho, general; Cunha d'Eça, capitão; Antonio Maria de Mattos Cordeiro, coronel do estado maior; Guilherme Augusto Pereira, 2.º tenente auxiliar da armada; Chrispim Alves, 2.º tenente da armada; Cesar Procopio de Freitas, 1.º tenente da marinha; Leotte do Rego, capitão de fragata; Luiz Constantino Lima, capitão-tenente; José de Sousa e Faro, capitão de fragata; Jayme da Fonseca Monteiro, capitão-tenente; Manuel Correia d'Almeida Magalhães, 1.º tenente da marinha; Fernando Augusto Teixeira da Silva, 1.º tenente; Manuel dos Santos Fradique, 1.º tenente; José Nunes da Matta, vice-almirante; Luiz Augusto Ferreira de Castro; general de reserva; José Antonio Arantes Pedroso, capitão-tenente, pelo major general da armada; Alberto Moreira, major; Eduardo Augusto Ferrujento Gonçalves, coronel de engenharia, lente da Escola Naval; João de Canto e Castro e Silva Antunes, cap. m. e g.; João Matheus e Silva, capitão-medico; Vidal da Cunha e Freitas, 1.º tenente; A. Ernesto da Silva Pimenta de Miranda, 1.º tenente; Henrique Monteiro Correia da Silva, 1.º tenente; Antonio S. de S. de Faria, 1.º tenente de marinha; José Victorino de Sousa Albuquerque, coronel de infantaria; Julio Cesar de Almeida Gaspar, tenente-coronel da Ad. Militar; vice-almirante Marques da Costa; Ayres de Sousa, capitão de fragata; coronel Augusto Mendes de Mesquita; Jorge F. de Salazar Moscoso, capitão de fragata; Ernesto Jayme L. de Sousa, 1.º tenente; Eduardo José Abreu Oliveira, 1.º tenente; Antonio Manuel R. de Carvalho Lima, p. m.; Ruy Gonçalves; O. Sulivand Simões; A. da Costa Lazerol; Antonio Caetano Concelho, a. m.; Julio Pedro de Macedo Coelho; coronel; Fernando Eduardo Salles, cap. res. R. 16; Victorino José Caser, coronel do serviço d'estado maior; A. Jayme da Costa Chaves, major sub-chefe do D. R. 16; Armando Pereira de Castro; Agathão Louça, aspirante de marinha; Joaquim de Mello Coutinho Garrido, capitão-tenente; Julio Salles, cap. de m. e guerra; Carvalho Araujo, 1.º tenente; Adolpho Arthur Alcobia; Joaquim Costa Correia; Fernando Arantes Pedroso, a. m.; Germano Herculano de Goes, a. m.; Polycarpo Galeão Roma, asp. m.; Gregorio Augusto de Sousa Mendonça, major da A. militar; Manuel Armando Ferraz, aspirante de marinha; Carlos Henriques, asp. da ad. naval; José Estanislau de Barros, major; José A. Travassos; Joaquim de Almeida Henriques, 1.º tenente; Desiderio Bessa, major; Manuel Alves de Mattos, tenente-coronel de reserva; Fernando Augusto Branco, 1.º tenente; Possidonio Ducla Soares, cap.; Francisco Bernardo do Canto, cap. de infantaria; Antonio Augusto da Rocha e Sá, coronel de cavallaria; L. José de Vasconcellos, tenente; Antonio E. Borges, major; Arthur do Nascimento Nunes, alferes; Domingos José da Costa, tenente do secretariado militar; Antonio Paulino, tenente-coronel da guarda republicana; José Antonio Bracklamy, coronel; L. José Ferreira, major; Ruy da C. Santos, major de artilharia; V. Marques, cap. de artilharia; João Thomaz Rodrigues, tenente de artilharia; general Antonio de Carvalhal, commandante da guarda republicana; Eduardo G. Quaresma, tenente-ajudante de campo; José Pedro de Lemos, tenente-coronel de infantaria; Fernando Augusto da Paixão, cap. pharmaceutico; Joaquim Mathias, alferes do secretariado militar; o director e officiaes da Manutenção Militar Brandeiro de Figueiredo, Alfredo Vasconcellos Dias; Manuel Henrique Sena, alferes do quadro d'auxiliares de saude; Leopoldo Candido Rodrigues, tenente-coronel de artilharia; officiaes da fabrica de Braço de Prata; R. Julio Ferreira, major C. do grupo a cavallo; Gaspar Teixeira, alf. do s. militar; Manuel J. C. da Cruz Andrade, alf. do s. militar; Arthur G. Bastos dos Reis, alf. do s. militar; José Maria Marques, cap. de artilharia; Adriano da Costa Macedo, cap. de artilharia; Pinto Fonseca, alf.; Alberto David Branquinho, cap.; Eduardo do Rosario Gonçalves, alf.; Joaquim Narciso, cap.; Julio Augusto da Cruz, alf.; Antonio Joaquim Fabião, alf.; João da Costa Leal, coronel; Amadeu Teixeira de Serpa, cap.; Luiz Quirino Monteiro, tenente de infantaria; Francisco Sousa da Silva Sampaio, major; Alberto Freire Quaresma, ten. de inf.; José Augusto Sá da Costa, tenente-coronel; José Viegas dos Martyres, alf.; Antonio Diogo; Manuel João Domingues; Manuel Antonio Rodrigues, cap.; Virgilio Luzitano, alf.; José Pereira Coelho, cap.; A. José da Costa, cap. G. N. R.; João A. Carvalho, coronel de artilharia; Jeronymo Osorio de Castro, major; Carlos Moreira Vidal, alf. de inf. 1; capitão Paul; Eduardo Gomes da Silva, cap. G. N. R.; Joaquim Fernandes Fão, chefe de musica da G. R.; João Pinto Ribeiro, alf.; Antonio dos Reis Santos Golgalves, tenente; Joaquim Candido da Costa Marques, tenente de marinha; Armando José d'Oliveira, coronel de engenharia; Manuel de Campos Ferreira Lima, coronel de engenharia, inspector do 1.º T. Militar; Manuel Eduardo Correia, cap. de frag.; José Estevão de Victoria Pereira, cap. de inf.; Alfredo Fernandes Mellen, tenente-cor. do secret. militar; Arthur Coelho Nobre de Figueiredo, ten.; Viriato Rodrigues, ten. de inf.; Francisco Ernesto da Fonseca Oliveira, major; Carlos de Carvalho, ten.; Amadeu Norton Marinho Falcão Barros, ten.; João Estevam Aguas, major d'inf.; Miguel de Almeida Santos, cap.; Joaquim José Magro, alf.; Leodgaris Pereira, alf.; Apolinario das Chagas, cap.; Alfredo Thomaz dos Santos, 1.º ten. machin.; Luiz Antonio da Silva Tavares de Carvalho, cap.; Eduardo Augusto de Almeida, director interino do Collegio Militar; Alfredo Antonio de Azevedo, cap. do Collegio Militar; Fernandes da Costa Gonçalves, cap.; Raposo Ferreira, ten.; José Carlos d'Almeida e Brito, cap.; da Ad. Militar; Armando de Almeida Lima, cap.; Claudio Augusto Peres Silva, alf. da ad. Militar; Moreira Brito, ten. de inf.; Antonio Maria Corado, maj. de inf. 2; João E. Pinto de Magalhães, cor. de inf. 5; Major Candido A. da Camara; coronel João Pedroso de Lima; major Eugenio Carlos Mardel Ferreira; Gregorio Gonçalves, cap. d'inf.; Carlos Passos P. de Castro, cap. de art.; Almeida Teixeira, maj. d'inf.; Jorge Augusto Rodrigues, cap. d'inf. 5; José Bernardes Ferreira, cap. da G. N. R.; José Gonçalves Cabrita, maj. da G. N. R.; Luiz Cabral e A. P. de Moraes, maj. de eng.; José Francisco Mendes Passos, maj. de inf.; Arnaldo Costa, ten.-cor. do 1.º bat. da art. da costa; Frederico Guilherme Ferreira de Sousa, maj. do 1.º gr. do 1.º bat. d'art. da costa; José H. Amado da Cunha, ten.-cor. d'inf. 5; Francisco Homem de Figueiredo, cap.; Julio José dos Santos; Augusto Pereira da Silva, ten.-cor.; Francisco da Cunha Rego Chaves, cap. d'eng.; Francisco Rodrigues da Silva, gen.; José Estevam de Moraes Sarmento, gen. G. Com. da Esc. de Guer.; Manuel Gonçalves da Silveira Azevedo e Castro, cap.; Tasso de Miranda Cabral, cap.; Antonio M. Figueiredo Campos, cap. de cav.; José Augusto Regis Neves, ten.; d'art.; Antonio R. Ribeiro, gen.; [illegible]erto Herculano de Moraes, ten. d'inf. 5; Domingos B. da Silva Patacho, maj. 2.º com. da Esc. de Guer.; Carlos de Chaby, alumno do Collegio Militar; major Luiz de Sequeira; capitão Almeida Magalhães, de cav. 4; Eduardo de Albuquerque, alf. de cav. 4; Mario Augusto Machado, alf. de cav. 4; Julio Thomaz Rodrigues de Sá, cap.; tenente Cabrita; Manuel de Castro Mansos Preto, alf. de cav. 4; José de Albuquerque, ten.; G. N. R.; Antonio Marques Paixão, maj. de eng.; Ernesto Joaquim Feio, ten. da G. N. R.; Antonio Emilio Cortez, cap. da G. N. R.; Julio d'Oliveira, cap. da G. N. R.; Firmino da Silva Rego, ten.; Arthur Celestino Sanigreman Henriques, ten. da G. N. R.; Fernando Garcia Thereno, ten. da G. N. R.; Luiz Gonzaga Thadeu, alf. da G. N. R.; Pedro Augusto Correia, ten., etc., etc.

SPORT

A "gymnastica natural„ de Hebert vae ser experimentada em Lisboa?

A iniciativa foi tomada por uma sala de armas lisbonense

A's redacções dos jornaes chegam diariamente communicados que interessam ao funccionamento de clubs, *emprezas, salas e federações*. A maioria de esses communicados tem interesse muito restricto, mas n'alguns, uma vez e outra, surge uma novidade, interessante, que merece commentario. Está, n'estes casos a noticia de que n'uma sala d'armas, a do professor Magalhães, se vae organisar um curso de gymnastica pelo systema Hebert.

A iniciativa é sympathica. A «gymnastica natural» tem muitos admiradores e mal se comprehendia que ella ainda não fosse experimentada, entre nós, para se averiguar dos seus beneficios e resultados. Dizia-se que aquelle que tomasse esse cometimento teria de soffrer a critica mais contundente e até os ataques pela caricatura e pela ironia! E' que por cá, são endiabrados na defeza da sua ideia os que adoptaram o systema Ling. Não consentem outro processo de preparação physica, não admittem que outro qualquer seja melhor, declaram que só elle está fundamentado em bases scientificas! Ora a experiencia dos outros methodos não se fez e como tal os ataques de que elles soffrem, por aquelles que os não conhecem, cahem pela insufficiencia de argumentos. Veremos, depois, o que elles valem... Aguardemos, portanto, a opportunidade da critica.

Mas o «systema Hebert» tambem teve serias difficuldades para se vulgarisar em França. Foi violentamente criticado, censurado, ferido pelo ridiculo e mal apreciado nos seus propositos pedagogicos. A guerra actual é que consagrou essa gymnastica porque os fusileiros de marinha foram excepcionaes de energia, resistentes, phenomenaes de audacia, terriveis nos seus ataque e heroes nas batalhas de Ypres. Os relatorios dos generaes disseram maravilhas d'esses marinheiros, chamando-lhes «gigantes pela coragem, valor physico, resistencia e extrema mobilidade». Ora esses homens foram os pupilos do tenente de marinha Hebert e fortalecidos por elle, durante annos, em Lorient.

Mas a «gymnastica natural» foi, antes da guerra—e na França onde Hebert era um apostolo desinteressado—bastante atacada. Aggrediram-a os fanaticos do Ling; aggrediram-n'a tambem os fanaticos da cultura physica. Estes não tendo argumentos convincentes, atacaram a personalidade de Hebert, dizendo que elle não era nem modesto nem desinteressado e que era instrumento para utilisarem os profissionaes de charlatanismo e do mercantilismo. Este ataque, porém, foi immediatamente rebatido e falhou por completo, deante da argumentação cerrada d'um jornalista que se tornou o maior defensor da «gymnastica utilitaria» e que se constituiu o mais extraordinario admirador de Hebert. Esse jornalista é Theodore Vienne, que se mantem ainda na propaganda.

A «gymnastica natural», antes da guerra, estava sendo praticada por milhares de pessoas. Tinha um tempo para o seu apostolado. Eram os gymnasios e os campos de terrenos em Reims e que se deviam á generosa e rasgada iniciativa do marquez de Polignac. Tudo isso está hoje arrasado! A invasão allemã, nos primeiros dias de setembro do anno passado, tudo levou deante de si! A furia teutonica tornou-se maior na devastação quando soube que ali, n'aquelles «halls», n'aquelles parques, n'aquelles terrenos, a mocidade franceza creava a sua energia e robustecia a sua saude!

gou, a seguir, uns sete ou oito vintens, sem sombra d'esforço!

Uma senhora presente,—por signal acompanhando um distincto engenheiro—pediu tambem a Ciclopes identico favor. O athleta disse-lhe que sim e ella deu-lhe uma moeda de cinco réis! Ciclops não gostou e julgando que foi propositadamente que lhe deram tal moeda que desapparecia nos seus dedos e que mal podia segurar, fez esforços extraordinarios para a prender e assim que o conseguiu, n'um repelão brusco dado com os ante-braços, rasgou-a em duas partes, sensivelmente eguaes!

—Muito obrigado, muito obrigado...

—Não tem de que, minha senhora...

Mas o que ignorava é que em Portugal as senhoras tivessem tão pouco dinheiro e fossem tão difficeis de contentar...

Noticias

Entre nós

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Foram marcados os seguintes desafios para o mez de novembro: Dia 14—1.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Bemfica no C. Grande, ás 15 horas; 2.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Bemfica no C. Grande, ás 13 horas; Internacional contra Victoria nas Laranjeiras, ás 14 horas; 3.ª categoria: C. Quebrada contra Imperio em Bemfica, ás 15 horas: Sporting contra Bemfica, no Lumiar, ás 13 horas; 4.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Palmense no C. Grande, ás 11 horas; C. Quebrada contra Sporting em Bemfica, ás 13 horas.

Dia 21—1.ª cathegoria: Imperio contra Internacional em Palhavã, ás 15 horas; 2.ª cathegoria: Bemfica contra C. Quebrada em Sete Rios, ás 13 horas; Sporting contra Lisboa F. C., no Lumiar, ás 13 horas; 3.ª categoria: Sacavenense contra Imperio em Palhavã, ás 13 horas; C. Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 13 horas; 4.ª cathegoria: Atheneu contra Bemfica em Palhavã A, ás 13 horas; Imperio contra Lisboa F. C., em Palhavã, ás 11 horas.

Dia 28—1.ª cathegoria: Sporting contra Lisboa F. C., no Lumiar, ás 15 horas; 2.ª cathegoria: Imperio contra Victoria, em Palhavã, ás 13 horas; Internacional contra C. Quebrada, nas Laranjeiras, ás 13 horas; 3.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Victoria no C. Grande, ás 13 horas; Sporting contra Palmense, no Lumiar, ás 13 horas; 4.ª cathegoria: Sporting contra Sporting no Lumiar, ás 11 horas; C. Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 14 horas.

Communicações do foot-ball

O capitão geral do Lisboa Foot-ball Club pede a comparencia, no seu campo, no proximo domingo, dos seguintes srs.:

A's 10 e meia, para jogar contra o 4.º grupo do Palmense, Guerreiro Jordan, Alvaro dos Santos, João Epifanio, Antonio Gomes, Amilcar Costa, Arthur Reis, José Costa, Angelo Pinto, Luiz Silva, Francisco dos Santos, Pedro dos Santos, João Cancio da Silva, Fernando Sá e Mario Navarro.

A's 2 e meia, para jogarem contra o 2.º grupo do Imperio, Francisco Henriques, Julio Martins, Arthur Pinheiro, Manoel Barbosa, Antonio Peres, Raul Fonseca, Antonio Gomes, N. N., José Calderon, Carlos David e Diamantino Goes; supplentes, Antonio da Guiomar, João Quintino e Julio Cardoso.

A's 14 e meia, para jogarem contra o 1.º grupo do Lisboa e Bemfica, Ignacio Carreira, Eurico Rebello, Mario Magalhães, N. N., João Duarte, Luiz Placido de Sousa, Frederico Castro, Raul Ramalho, José Gaspar, Eduardo Teixeira Mendes e Fernando Lima.

Nota do dia

Trabalhos da Associação de Foot-ball

Parece que as coisas mudaram no que se refere aos trabalhos dirigentes do «foot-ball» nacional. Desenha-se acertada orientação, facil de verificar nos detalhes minimos, que impressionam os que de perto teem seguido a marcha do «association». Assim os «calendarios» de jogos já estão elaborados; os campeonatos, para se disputarem, ordeira e sportivamente, teem sobre elles uma fiscalisação rigorosa e vivem sob a ameaça de severas penalidades; projectam-se desafios internacionaes; marcam-se encontros entre grupos representativos de cidades portuguezas. E tudo se vae fazer, com methodo, com ordem e sem precipitações.

Hoje, por exemplo, fomos agradavelmente surprehendidos com uma circular que nos enviou a Associação de Foot-ball de Lisboa. Communica-nos officialmente a distribuição dos desafios pelos quatro domingos do mez de novembro. Com esta distribuição antecipada, os «sportsmen» ficam conhecendo a marcha dos desafios, entre quem se realisam, em que campo e até ás horas...

Bem preciso era que isto continuasse assim...

Algumas anecdotas

E foi uma senhora que atrapalhou o hercules Ciclops...

Com os luctadores de Lurich, que estiveram há annos em Lisboa, veiu um homem que tinha muita força nos dedos, chamado Ciclops. Rasgava moedas de vintem em menos de quinze segundos!

Uma noite, no Café Imperial, á hora da ceia, algumas pessoas presentes, aproveitando um momento de alegre expansão do hercules, pediram-lhe que executasse a proeza para ficarem tendo uma lembrança d'elle e do valor dos seus musculos poderosos. Ciclops ras-

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Psychologia do anarchista-socialista»

Assim se intitula o 19.º volume da «Collecção sociologica» da casa Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, que acaba de ser lançado no mercado. Original de A. Hamon, tradução de D. Emilia de Araujo Pereira, constituindo um curioso estudo sobre a personalidade do anarchista-socialista, a leitura interessa e—mais ainda—elucida, sobretudo tratando-se, como se trata, das grandes questões sociaes. A edição, como todas as da casa Guimarães & C.ª é cuidada, constituindo «Psychologia do anarchista-socialista» um volume de porto de 250 paginas, ao preço de $80.

INTERESSES DE CABO VERDE

A instituição do credito agricola

é urgente, pois a usura campeia livremente, reduzindo o devedor á miseria

Em Cabo Verde, todo o desenvolvimento economico é nulo, porque não ha dinheiro para emprezas agricolas e industriaes. Esta é a verdade incontroversa.

O Banco Ultramarino, naturalmente por a gerencia dos seus interesses ser de uma centralisação absoluta, nada tem feito n'aquela provincia, do muito que tinha a fazer. Nos primeiros annos, o Banco Ultramarino em Cabo Verde, fez bastantes operações de credito hypothecario, na ilha de Santo Iago, tendo por isso ficado em seu póder enormes propriedades, para que não encontra hoje compradores.

Por ahi se ficou a acção do Banco. Em S. Vicente tem uma agencia que se resume em descontar letras ao commercio e a fazer uma ou outra transferencia que as casas carvoeiras inglezas lhe deixam. Retrahido o Banco, pela fórma que dizemos, a uzura encontrou um largo meio de expansão, e hoje a agricultura está nas mãos d'essa mesma uzura particular.

Nos termos do direito, nós não podemos metter a nossa colherada, nas taxas de juro de 15 a 100 por cento ao anno, acceitas pelas partes contractantes n'um contracto bi-lateral, feito nos termos da lei, mas podemos muito á vontade autopsiar aqui essa especie de contractos. Resumida a acção do Banco Ultramarino a um serviço meramente automatico de caixa do thesouro, esfarrapado e pizado a pés o contracto em que esse Banco se obrigava a fazer o credito agricola nas nossas colonias, os juros dos emprestimos particulares passaram a ser de 15 por cento no minimo, e depois de uma certeza absoluta pela não concorrencia d'este mesmo Banco, os juros attingem dentro em pouco 100 por cento. Mas, repetimos, não ha na lei nada que se possa oppôr a este estado de cousas, que só cessará quando o Banco Ultramarino, creando pequenas agencias por todas as ilhas do archipelago de Cabo Verde, faça concorrencia legal aos uzurarios.

Mas, os effeitos da uzura particular é que nós aqui queremos pôr bem em evidencia, a vêr se se tomam urgentes providencias, contra tão anomalo estado de coisas, e se a piedade se apodera dos nossos governantes ao citar-lhes os differentes sistemas do contracto da uzura.

O meio mais conhecido é um que a lei terminantemente prohibe: é a hypotheca-vênda. Um proprietario agricola, necessitando de 20 escudos por seis mezes, entrega ao uzurario um titulo de venda particular de determinada terra, no valor de 50 escudos, feito nos termos da lei, mas a data vae em branco. Se no dia marcado o agricultor não entregou a terra o uzurario põe-lhe a data, e envia-o á repartição de fazenda, para pagar o imposto de registo e a seguir regista a propriedade na Conservatoria. Como se vê não ha nada mais simples.

O segundo meio é o do contracto com hypotheca, por escriptura publica e letra: o proprietario agricola pediu 1.000 escudos a 25 por cento ao anno, por trez annos; hypothecou propriedades no valor de 5.000 escudos. Terminou o praso do contracto, não poude acabar de pagar o capital e é executado. As propriedades vão á primeria praça, e não encontram licitantes; vão á segunda praça com 25 por cento menos e continuam a não encontrar licitantes; vão á terceira praça sem valor, e o executante arremata as propriedades por dez centavos e fica o agricultor devendo ao uzurario a differença para o capital mutuado. Não sabemos se em qualquer parte do mundo ha maneira de explorar assim tão violentamente com intervenção das leis. E' por isso que em Cabo Verde é possivel que um collete renda 800 escudos a quem o venda: é assim que um comprador de um cavallo a prazo, tendo pago 70 escudos de juros, ficou sem o cavallo: é assim que fornecendo 100 escudos de fazendas se recebe de um agricultor todas as propriedades no valor de 1.200 escudos, ficando ainda o agricultor a dever 100 escudos, tendo-se-lhe tirado a camisa. Poderá prolongar-se por muito tempo ainda tal estado de coisas? Não nos parece possivel, a não ser que nos resignemos a deitar fóra as colonias.

Foi por nós conhecermos, e muito bem, os violentos processos de que se serve a uzura em Cabo Verde, contra os desgraçados agricultores que necessitam de dinheiro para os seus trabalhos agricolas, que nós ha um anno defendemos a ideia da Junta dos Melhoramentos Agricolas empregar parte das suas receitas no credito agricola, que é a fórma mais pratica de melhora ra agricultura do archipelago. Essa junta, modificada a qualidade dos seus vogaes agricultores da provincia, tendo subcommissões bem orientadas em todos os concelhos podia fazer o credito agricola em optimas condições.

Nada impediria a mesma junta a que fizesse uma caixa economica, coisa que não existe em Cabo Verde, e o proprio Banco Ultramarino não recebe depositos vencendo juros n'aquella provincia. Veja-se em que atrazo está Cabo Verde. Na provincia de Moçambique ha uma caixa economica postal; em Cabo Verde, não ha a este respeito absolutamente nada. Depois diz-se aos quatro ventos que o caboverdeano está assim muito bem, sem necessidades, porque lh'as não criam. E' evidente que tal caixa economica não seria de um dia para o outro uma coisa colossal, mas, dentro em pouco tempo, conhecido o seu valor, seria possivel recolher ali o producto da economia da população do archipelago, que hoje se não guarda por não haver onde fazel-o. E, como se poderia querer que o povo de Cavo Verde, soubesse guardar, se lhe não facultamos um meio para isso? O que é verdade é que póde apparecer quem diga o mesmo que aqui se dizia a respeito do caminho de ferro para o Porto, que não merecia a pena fazel-o, porque do Porto a Lisboa, vinham sete pessoas por semana, e não nos parece impossivel que alguem não aventasse a ideia que só sete pessoas seriam os depositantes n'essa caixa economica, onde se juntariam capitaes que teriam bom emprego no credito agricola.

Com o dinheiro que fornece o imposto sobre a aguardente, estamos crentes que todos concordariam com a util applicação, com o dos impostos de capitação, pastagem e outros sobre o gado, além das receitas proprias que a junta dos Melhoramentos da Agricultura tirasse dos seus serviços proprios, poder-se-hiam inaugurar os serviços de credito agricola em Cabo Verde, que embora modestos, seriam de largo alcance no desenvolvimento da agricultura. Com a caixa economica, administrada pela mesma junta, os serviços do credito agricola desenvolver-se-iam exuberantemente.

Mas, poderá a Junta Central dos Melhoramentos da Agricultura e Pecuaria de Cabo Verde enveredar por tal caminho? Póde. E porque póde é que o illustre governador d'aquella provincia, sr. Fontoura da Costa acaba de pedir telegraphicamente ao governo, que a organisação da Junta seja modificada. Como? Mantendo n'ella as pessoas que sejam garantia de progresso: mantenha-se na presidencia o secretario geral do governo, que é um funccionario a quem o progresso não atemorisa; mantenha-se o chefe da repartição de agricultura, cujo concurso é necessario; mantenha-se o veterinario da provincia, funccionario distinctissimo, trabalhador e de uma actividade febril; mantenha-se ainda o agricultor José Costa, que é individuo que estuda e para quem o progresso é tudo,, mas perca o facciosismo politico que não dá nada de util. Consigam-se outros vogaes, além dos que citamos, cujo concurso permitta que a Junta dos Melhoramentos da Agricultura, faça tudo quanto por lei deva fazer, embora tudo seja modesto. Porque, torna-se absolutamente necessario que a grande ideia do legislador seja bem aproveitada: na impossibilidade de fundar associações de soccorros, de credito, de seguros agricolas, porque a população não está para isso preparada, a mutualidade obrigatoria como é a ideia que presidiu á fundação da Junta dos Melhoramentos, é um grande passo no progresso de Cabo Verde.

Se tal ideia falisse, todos nós teriamos o direito de duvidar da sinceridade de todos quantos, hoje, pretendem mostrar o atrazo em que aquelle archipelago se encontra, e passariamos a garantir que esse atrazo era, para muitos, de grande necessidade que se mantivesse.

Armando Xavier da Fonseca

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Costureiras e ajuntadeiras

Realisa-se depois d'ámanhã, ás 16 horas, na rua 1.º de Maio, 80, séde da Associação de classe textil, a primeira sessão de propaganda promovida pela direcção da Associação de classe das costureiras e ajuntadeiras, a fim de iniciar o movimento para se reclamar do parlamento: Oito horas de trabalho; abolição dos serões; prohibição do trabalho com luz artificial; ser prohibido ás aprendizas exercerem o serviço de criadas ou moças de recados; hygiene e moral dentro das officinas; ser reconhecida pelo Estado a nomeação de uma commissão de associadas, para fiscalisar a lei.

Aos Paes

O Instituto do Amigo da Creança, a unica casa de ensino que possue material mandado fazer expressamente no genero do que existe nos paizes cujo ensino é modelar, offerece segura garantia do bom resultado a esperar do ensino das creanças.

Tem mostruario proprio na exposição installada na Sociedade de Geographia, exposição que bem merece uma visita.

Dos 3 aos 7 annos classe infantil para ambos os sexos.

Educação do sexo feminino instrucção primaria, liceu até ao 5.º anno, linguas praticas e theoricas por professores das respectivas nacionalidades, musica, desenho, pintura, todos os trabalhos de arte applicada, bordados em todo o genero, rendas, costura, doces, cosinha, gimnastica e jogo do «tennis».

Remettem-se os programmas a quem os requisitar ao Palacio e Parque Raposo—Rua de Santa Martha, 179, proximo á Avenida da Liberdade, Lisboa.

a notar é que a Allemanha estava habilitada a economisar e a lançar mão simultaneamente de todo o trabalho de que era susceptivel. Lado a lado com a fiscalisação da industria e com a adaptação que descrevemos instituiu-se um desenvolvido systema de verificação e distribuição de trabalho.

A distribuição não podia ser absolutamente uniforme e os ramos de commercio que não puderam adaptar-se á guerra soffreram immediatamente, além de outras perturbações, da falta de homens. Como na Inglaterra, grandes modificações se effectuaram em relação ao trabalho das mulheres, e havia tantas no mercado que o seu desemprego continuou a ser um problema sério.

Um correspondente neutral do «Times», descrevendo a situação em junho proximo findo, diz que 40 por cento dos trabalhadores empregados na manufactura dos altos explosivos e das granadas, assim como na confecção de cartuchos eram mulheres. Em todas as outras industrias as mulheres entravam em grande proporção, sendo só ellas as empregadas nas fabricas de conservas e de carne que trabalhavam para o exercito. Nas fabricas de tecidos para o vestuario dos soldados tambem havia exclusivamente mulheres e 70 por cento dos empregados nas fabricas de tabaco eram egualmente mulheres.

Era isso em parte devido á obra das Bolsas de Trabalho, mas acima de tudo ao caracter do systema militar allemão. Todo o homem em edade militar era um soldado, podendo ser chamado ás fileiras em qualquer occasião. Comtudo, o paiz estava e continuava a permanecer sob a lei marcial e as auctoridades militares locaes consideravam os problemas da industria e do trabalho como um assumpto puramente militar.

Furtar-se ao trabalho era impossivel. Onde quer que surgiam difficuldades de qualquer especie ou estavam prestes a surgir, a intervenção militar era certa.

Um outro e não menos importante factor era o systematico emprego que os allemães fizeram do trabalho dos prisioneiros de guerra. Era em especial valioso para os agricultores, mas grande numero de prisioneiros foi tambem empregado nas minas e em varias fórmas de trabalhos de dextreza.

A consequencia immediata do rompimento da guerra foi um augmento consideravel de desempregados. Antes do fim d'agosto de 1914, os desempregados no commercio eram em numero superior a 23 por cento. Mas o numero diminuiu rapidamente e na primavera passada estava no mesmo nivel ou abaixo do do tempo de paz.

Considerando a situação industrial e commercial em conjuncto, póde dizer-se que ella foi menos intoleravel do que podia esperar-se. As chamadas industrias de luxo, que não exigiam um abastecimento certo de materias primas, nem de trabalho, e não podiam ser convertidas em industrias da guerra, desappareceram. Houve grande difficuldade em distribuir os que n'ellas estavam empregados, embora grande parte dos seus operarios estivessem nos campos de batalha.

Por outro lado todas as industrias de guerra tinham não só muito que fazer, mas estavam immensamente prosperas. Os grandes syndicatos tiraram enormes beneficios, tão grandes que em breve o escandalo se tornou publico, vendo-se o governo obrigado a prometter uma tributação especial— para depois da guerra.

O problema que se levantava e que despertava grande anciedade era o do que seria em tempo de paz das industrias e do commercio que tão facilmente e com tanto exito se haviam adaptado ás condições da guerra. Como poderia recuperar os mercados estrangeiros um povo cujos methodos de guerrear haviam não só horrorisado todo o mundo, mas feito conhecer a cada nação as consequencias que seguiam de perto as pegadas da «penetração pacifica» dos allemães?

N'uma outra parte d'esta obra descrevemos já os principaes aspe-

Guerra ou para as organisações municipaes locaes.

Essas corporações abasteciam as moagens e uma administração imperial distribuia o genero ás auctoridades locaes, que por seu turno o distribuiam ao publico. O fundo de tudo isso era o estabelecimento de uma ração uniforme de pão. A principio deixou-se ás auctoridades locaes a distribuição do «quantum» do pão e de farinha que lhes competia, mas, apoz um periodo de incerteza, em todo o paiz foi estabelecido o systema de «rações de pão».

A base d'esse systema era uma ração de pouco mais de sete onças de farinha por cabeça e por dia. A ração foi mais tarde augmentada, sendo abertas excepções para as classes que se empregavam em trabalhos pezados manuaes.

Quando a «ração de pão» foi decretada, o governo prussiano publicou uma nota explicativa, appellando para o patriotismo da população e dizendo que era a unica maneira de fazer chegar o trigo até ás proximas colheitas.

A principio, houve grande anciedade e chegaram a dar-se disturbios em algumas localidades, mas logo que se viu que essa medida extraordinaria não occultava na realidade o perigo da «fome», a população adaptou-se ás circumstancias e a «ração de pão» tornou-se uma coisa natural na vida diaria da Allemanha.

A guerra influia sobre todo o povo allemão e com o seu decorrer o que mais serio se tornou foi o augmento de preços, especialmente da carne, ao passo que o bloqueio britannico fazia desapparecer por completo muitos generos de alimentação. A situação, em todo o caso, não era má, devido á extraordinaria e muito bem organisada economia e á geral vontade, mesmo entre as classes mais pobres, de fazer «sacrificios» «pela mãe patria».

Em todo o paiz diversos artigos foram substituidos por succedaneos, como café, ovos, manteiga e azeite.

Quando o primeiro anno de guerra estava prestes a terminar, o governo podia annunciar que havia um excesso de 70.000 toneladas de trigo e de centeio da colheita de 1914 e que a do presente anno se afigurava favoravel. Enormes esforços foram feitos para augmentar a area da colheita e cuidou-se tambem em que se não repetisse a escacez de batatas. O trigo crescera onde costumava dar-se e a imaginação era estimulada pelo cultivo de espaços abertos dentro das cidades e nos seus arredores. Em fins de julho, pormenores foram publicados ácerca de uma nova organisação.

Os principaes topicos não soffriam alteração e com relação ao preço a base era, como anteriormente, de 11 libras por tonelada de centeio em Berlim, mas a organisação era simplificada e tornada mais effectiva sob a fiscalisação do governo.

Não devemos esquecer que a condição mais importante de successo era a segurança do territorio allemão contra uma invasão. No fim do primeiro anno de guerra os exercitos allemães, tanto a leste como a oeste, estavam occupando grandes areas de territorio inimigo e em vez de estar exposta á ameaça d'uma invasão a Prussia estava empenhada na «restauração» das suas provincias orientaes.

Se a Allemanha fizera poucos preparativos antes da guerra para a solução do problema de abastecimento de generos, fizera tambem, relativamente, poucos preparativos especiaes para a adaptação da sua industria e do seu commercio ás condições de guerra.

Quanto á industria, comtudo, o seu systema de organisação para a invasão dos mercados mundiaes fôra tal que era relativamente facil para ella concentrar todo o seu esforço para os fins da guerra. A intervenção da Gran-Bretanha tornou obvio que mais cedo ou mais tarde desappareceria dos mares e perderia, pelo menos temporariamente, a principal parte do seu commercio com o estrangeiro, que um anno antes da guerra, segundo as estatisticas allemãs, subia a mais de libras 1.000.000.000.

A Allemanha importava por anno materiaes novos no valor de cerca de 250.000.000 libras e generos alimenticios no de cerca de 150.000.000 e exportava manufacturas no de 375.000.000. Logo que o commercio por mar fôsse na maior parte votado á destruição trataria de commerciar com os pequenos Estados neutraes seus visinhos, mas estes, devido ao bloqueio, tinham de attender tambem á necessidade de manterem o seu proprio commercio. Ora um dos principaes objectivos da propaganda allemã nos paizes neutraes era conciliar a hostilidade contra todas as medidas britannicas que affectassem o commercio neutral.

Major G. W. Bennett, do 2.º batalhão canadiano, morto em combate

Não é, pois, para surprehender que este estado de coisas tivesse repercussão em especial em Hamburgo e Bremen e que n'estas cidades se desenvolvesse principalmente um odio inveterado contra a Inglaterra. Lübeck, que era um porto do Baltico, teve uma revivescencia artificial, mas Hamburgo tornou-se quasi tão morta como Bruges. Herr Ballin, o gerente da grande companhia Hamburg-Amerika Line, não tinha que fazer e viu-se forçado a dedicar-se a novos trabalhos de organisação na Allemanha.

Elle e outros magnates das companhias de navegação fizeram todos os esforços durante algum tempo para persuadir o publico de que nada estava perdido e dois mezes depois de rebentar a guerra o director geral do Lloyd Allemão do Norte, herr Heineken, asseverava que os que tinham interesses nas companhias de navegação nada tinham a receiar excepto «uma reducção temporaria de dividendos». Mas taes pretenções em breve tiveram de ser postas de parte.

O mesmo se deu com o commercio de exportação. No fim d'agosto de 1914, proclamava-se triumphantemente que durante esse mez a diminuição das exportações allemãs fôra apenas de 44,8 por cento, ao passo que as da Inglaterra fôra de 41,5 por cento. Comtudo em breve se resolveu não publicar dados alguns e no fim do anno as Camaras de Commercio e instituições semelhantes foram prohibidas terminantemente de dar publicidade a relatorios.

Entretanto a Allemanha tratou de adaptar todo o seu systema industrial e commercial principalmente ás necessidades dos seus mercados internos e ao que era preciso na guerra. A historia do primeiro anno de guerra na Allemanha é a historia d'um intenso e concentrado esforço dirigido apenas para os fins da guerra e considerando a possibilidade do commercio de exportação ficar em logar secundario.

As importações tiveram de ser abandonadas e foi prohibida a exportação de tudo quanto era preciso na Allemanha. O primeiro e mais importante assumpto a tratar era o problema das materias primas. Foi tratado, como de resto tudo, sob o

ponto de vista de que as necessidades das forças militares deviam ser superiores a qualquer outra consideração.

O ministro prussiano da guerra abriu uma repartição de materias primas sob a direcção de herr Walter Rathenau, da «Allgemeine Elektrizitäts-Gesellschaft». Essa repartição procedeu a um recenseamento de todas as materias primas do paiz e exerceu sobre ellas rigorosa fiscalisação. Dispôz-se das coisas de fórma a que aquillo de que as forças necessitavam não pudesse ser transaccionado e a repartição empregou todos os esforços junto das varias organisações industriaes para produzir essas materias primas e arranjar outras que as substituissem.

Ao mesmo tempo, com a cooperação das associações industriaes rivaes, um «comité» industrial se formou para todo o imperio. Sob os seus auspicios, «comités» foram constituidos para as industrias especiaes. Não puderam funccionar sem grandes difficuldades e attritos, mas conseguiram o seu principal fim. A escacez não se fez notar em tudo simultaneamente.

Umas vezes havia falta de roble, outras de petroleo, outras ainda de cobre. O algodão era de todos os problemas o menos importante e os allemães conseguiram occultar essa grande difficuldade até quasi ao fim do primeiro anno de guerra. Parecia ser tanta a abundancia de algodão que o governo inglez declarou esse genero contrabando de guerra. Mas os allemães haviam reorganisado o commercio d'esse producto e fizeram parar todas as fabricas de productos de algodão para os civis que não eram absolutamente necessarios.

O ponto em que os allemães insistiam com o maior orgulho era a rapida e habil adaptação das suas fabricas e manufacturas ás novas condições. Grandes fabricas de electricidade transformaram-se em breve em fabricas de munições; algumas que faziam machinismos antes da guerra faziam agora granadas; as que produziam caldeiras fabricavam agora cozinhas de campanha e assim successivamente com todas as outras industrias.

Estes processos de adaptação estimularam a imaginação do paiz e os jornaes nunca se cançaram de dizer que isso era uma poderosa exhibição do genio allemão. Esse sentimento era tão forte que o povo raras vezes perguntava por que motivo a armada allemã não exercia uma das suas funcções — especialmente a protecção ao commercio — para que se suppunha ter sido construida. O isolamento tornou-se uma virtude e toda a litteratura versou esse thema, revivendo as doutrinas de Fichte e glorificando o «Estado commercial que se mantem por si» como um ideal.

O publico era tambem encorajado por appellos para collecionar systematicamente todos os materiaes não empregados que podiam supprir a deficiencia das importações. Assim estabeleceu-se uma semana imperial para os metaes e uma outra para o estanho, em que aquelles que possuiam objectos d'esses os iam levar e os offereciam no altar do sacrificio allemão. O offerecimento dos objectos de cobre tornou-se extremamente popular e as mulheres e as creanças offereceram bacias e tachos para se fazerem munições para destruição dos inimigos da Allemanha.

Pelas razões já explanadas, é impossivel avaliar a diminuição real que se deu na industria e no commercio. Os escriptores allemães quasi que só prestavam attenção ás industrias do ferro e da hulha. Não ha razão para duvidar da asserção de que durante o anno corrente a producção da hulha se elevou a cêrca de 70 por cento e a do ferro e do aço a cêrca de 60 por cento a mais do que em tempo de paz. A Allemanha apoderou-se de todas as materias primas que poude encontrar na Belgica e na França e de grandes quantidades de machinismos.

A questão mais séria de todas era talvez a de fornecer trabalho.

Quanto a isso, o principal ponto

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1895—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 13 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

AINDA E SEMPRE

A REFORMA DA POLICIA

O sr. dr. Catanho de Menezes, ministro interino do interior, diz-nos que o governo vae leval-a ao parlamento

Já o dissemos hontem: a chamada solução da crise, com a sahida do sr. dr. Ferreira da Silva e a entrada do sr. dr. Catanho de Menezes para a gerencia interina da pasta do interior, veiu aggravar a situação politica do gabinete, porque nasceu a fundada desconfiança de que se pretende entravar a publicação e execução da reforma de policia, ha muito tempo reclamada com justificada insistencia.

—E que pensa sobre o assumpto o sr. dr. Catanho de Menezes?

Essa pergunta lhe dirigimos hontem, n'uma rapida palestra no seu gabinete do ministerio do interior. S. Ex.ª, que é uma pessoa intelligente e culta, tendo revelado no parlamento qualidades de orador brilhante e de argumentador habilissimo, respondeu-nos:

—Julgo tambem que é indispensavel, de facto, reformar-se a policia. Essa reclamação tem sido formulada com insistencia pela opinião republicana e é de toda a justiça attendel-a.

—Mas era esse o proposito do sr. Ferreira da Silva. Como V. Ex.ª sabe, o sr. presidente do ministerio recusou-se a assignar a reforma por desejar ver solucionado um conflicto aberto no partido democratico. Desapparecido esse conflicto...

—Sim, eu li realmente na «Capital» uma noticia n'esse sentido, dando-se a entender que estavam afastados os motivos da crise. Mas, falando depois com o sr. presidente do ministerio sobre o assumpto, s. ex.ª declarou-me que aquella era apenas uma das razões que o impediam de assignar a reforma. Havia outras, entre ellas a consideração de que, encontrando-se nas vesperas da abertura do Congresso, melhor seria que o governo esperasse que elle resolvesse o assumpto.

—No emtanto, o proprio Congresso tinha votado uma auctorisação para a reforma se fazer, acompanhando-a das respectivas bases. E V. Ex.ª sabe que o governo fez mesmo questão politica d'essa auctorisação, certamente por ter comprehendido que as inevitaveis demoras do debate parlamentar se não compadeciam com a urgencia de se effectivar a reforma.

—Pela minha parte, estou convencido de que o parlamento se pronunciará rapidamente sobre o assumpto. E é n'essa convicção que o governo lhe vae submetter a respectiva proposta de lei, confiado em que todos reconhecerão a necessidade de se liquidar tão momentoso assumpto.

—Se V. Ex.ª me dá licença... O sr. dr. Ferreira da Silva tambem levou á Camara uma proposta de lei no mesmo sentido, porque desejava que a reforma fosse feita com a collaboração do parlamento. Essa proposta por lá esteve mez e meio, sem sequer ter sido marcada para discussão. Por isso se votaram depois as bases...

—Affirmo-lhe novamente a minha convicção de que tal não succederá agora. A questão, n'esta altura, está sufficientemente estudada para que todos possam pronunciar-se a seu respeito.

—E a proposta que o governo vae levar ao parlamento é concebida nos mesmos termos do decreto do sr. dr. Ferreira da Silva approvado no conselho de ministros de segunda-feira?

—Certamente, não sei ainda se com algumas modificações. De resto, o proprio decreto, mesmo que fosse publicado e posto em execução, ficaria dependente de quaesquer correcções que o parlamento entendesse dever introduzir-lhe.

—Ainda sobre a crise...

—Conheço apenas as razões que lhe expuz, entendendo que o criterio do sr. presidente do ministerio é inteiramente acceitavel. Devo dizer-lhe tambem que todos nós, membros do governo, conservamos do sr. dr. Ferreira da Silva as melhores recordações, pela sua intelligencia, dedicação e lealdade. Vindo substituil-o, interinamente, sou o primeiro a lastimar que se produzissem os motivos que provocaram a sua sahida.

Despedimo-nos do sr. dr. Catanho de Menezes absolutamente convencidos de que o animam os mais sinceros propositos de contribuir com todas as suas forças para que a reforma da policia seja um facto dentro de poucos dias após a abertura do Congresso. Infelizmente, esses propositos não poderão vencer as circumstancias [illegible] realisação—e de tudo isso ficará apenas á boa vontade do sr. dr. Catanho de Menezes.

Poeira da Arcada

Azorin prevê que, depois da guerra a França voltará á sua tradição conservadora, heroica e constructiva, encerrando definitivamente o periodo dispersivo e exgotante da sua longa actividade jacobina.

A liberdade de prophetisar é uma das mais amplas que conhecemos e de que se servem por egual os ignorantes e sabios. Azorin usa d'ella com frequencia. Os factos bastantes vezes o desmentem. Talvez agora elle se illuda. Todavia, assentemos n'isto:—A França continuará sendo um paiz de liberdade e portanto, fiel ao seu proprio destino. A sua vocação não ha de desmentir-se, porque isso seria negar-se, diminuir-se. O genio latino de que ella é o mais justo interprete, impõem-lhe uma sequencia logica de actos e não um desvio no sentido das imposições de um grupo ou partido.

* * *

Sampaio Bruno começou a sua carreira de escriptor como propagandista e terminou-a na serenidade philosophica do estudo e da meditação consciente, pondo o seu pensamento longe dos homens e visinho das Ideias. A sua acção deixou de impressionar as turbas e purificou-se como uma corrente de agua que quanto mais corre tanto mais se clarifica. Entre os seus contemporaneos era já um quasi esquecido. E agora, para além da campa, o seu nome será o vago sussurro de uma folha secca.

* * *

O diario socialista berlinense Vorwaerts pergunta:—Quando terminará a guerra actual?» E' provavel que ninguem lhe responda, porque ninguem se sente auctorisado a tanto. As vidas vão cahindo aos milhares, mas a paz não surgirá, por emquanto, [illegible]. Quando ella vier, os belligerantes acceital-a-hão, talvez, como uma solução desesperada, como a maior das provações.

NO JAPÃO

As festas imperiaes da coroação do Mikado

Na quarta feira ultima realisou-se em Kyoto, a cidade santa, a ceremonia da coroação do imperador Yoshihito. Coroação é uma maneira de dizer, porque no Japão não ha coroa, nem o soberano é ungido com os santos oleos; trata-se da consagração do novo imperador que consiste n'uma solemne homenagem ritual por elle prestada aos seus antepassados, a que se associa todo o povo.

Estas festas duraram um mez; começaram em 6 de novembro pela partida do imperador com o seu sequito de Tokio para Kyoto, onde no dia seguinte depoz no pavilhão sagrado denominado o Shunko Den, a espada, o espelho, e as joias legadas pelo primeiro imperador da dynastia Meiji.

Estes symbolos, que são conservados n'um cofre especial chamado o Kashiko Dokoro guardado no sanctuario do palacio imperial em Tokio, foram transportados para Kioto em um palanquim, na cauda do cortejo imperial.

No dia 10 realisou-se a ceremonia mais solemne no Shishin Den onde o imperador prestou homenagem aos espiritos dos seus antepassados, lhes pediu a protecção, e proclamou a sua ascensão ao throno, em presença dos principes de sangue, dos grandes dignitarios, e dos embaixadores das potencias.

A' tarde, no Shishin Den, a sala de honra do palacio, o mikado, assentado no Takami-Kura, o throno imperial, ladeado pelos principes de sangue, recebeu a homenagem dos seus vassallos, e as honras divinas; o primeiro ministro deu o signal dos trez «banzai» para que a assistencia saudasse o soberano depois de ter lido a proclamação no seu nome em que lhe prometteu o bem estar e a prosperidade.

Na quinta-feira effectuou-se a dança sagrada em frente do Kashiko Dokoro, e hoje serão expedidas solemnemente as mensagens enviadas pelo imperador a todos os relicarios imperiaes de todas as cidades do Japão consagrados aos antepassados do imperador.

A'manhã, depois de se ter purificado, offerecerá o imperador aos espiritos dos antepassados e aos deuses as primeiras fructas da colheita, o arroz, alimento nacional por excellencia, o vinho, etc. O rito é nocturno e secreto. E' a festa de Daijo Sai, ou da colheita.

Depois de uma serie de banquetes e de festas, irá no dia 21 o mikado em romaria a Yse, a Meca japoneza, reverenciar as reliquias imperiaes; em 24, 25 e 26 visitará os tumulos dos imperadores seus antepassados, e em 27 regressará a Tokio, onde no sanctuario imperial do palacio será sacramente depositado o Kashiko Dokoro, a espada, o espelho, e as joias symbolicas.

O parlamento japonez reunir-se-ha no dia 1 de dezembro, devendo ter logar nos dias seguintes grandes revistas militares e navaes.

O imperador Yoshihito subiu ao throno em 30 de julho de 1912, mas as ceremonias da coroação foram addiadas por causa da morte da imperatriz viuva e o luto de um anno que se lhe seguiu, e depois por se estar á espera [illegible] offerecidas aos espiritos dos antepassados do imperador.

Por estar doente não poude a imperatriz tomar parte nas cerimonias da coroação.

Por occasião das festas recebem os soberanos numerosos presentes de grande valor, e nas escolas são distribuidos aos alumnos retratos do imperador e da imperatriz.

Migalhas

Bilhete a José Pontes

Meu caro José.—Se á ultima hora eu faltar ao teu banquete não te admires. A razão é simples: não me sinto com musculos bastantes para me associar a elle. Pertenço á geração immediatamente anterior áquella em que a tua acção regeneradora das nossas actividades physicas começou a fazer-se sentir. O sport, nas eras em que passei pelos bancos das escolas e tive vinte annos, não estava ainda vulgarisado, nem tinha a voga para a qual contribuiste com o teu persistente esforço. Nas estancias officiaes descurava-se ainda a necessidade de favorecer e de forçar mesmo a educação physica. Era o tempo em que no Gymnasio Club florescia entre raros a gymnastica de apparelhos e os que faziam esgrima ou pau eram considerados uns maniacos. Cresciamos conforme podiamos, cada qual tinha a força e a saude que Deus lhe dava e só as virtudes ancestraes da raça produziam de vez em quando latagões. Assisti aos primeiros ensaios das gymnasticas scientificas e escuso de te dizer que não sou o campeão do «arraché».

Tenho, porém, seguido, com todo o interesse que ella merece a tua longa e persistente campanha a favor do desenvolvimento physico da nossa mocidade. Tive a impressão que em cada sala d'armas que se inaugurava e em cada gymnasio que se abria, uma columna era tua pertença onde a justiça mandaria inscrever o teu nome em lettras de ouro. E, se admiro a tua obra, não te admiro menos pelas tuas qualidades de alegria, de bom humor, de sinceridade, de amor á verdade e de horror ás intrigas, que te tem feito claro atravez de todas as polemicas e de todas as contendas, inevitaveis no teu meio como em qualquer outro.

Hoje reune-se n'um repasto em tua honra, um numero limitado dos teus amigos, pois não é possivel juntal-os todos, tanto elles são e tão dispersos andam. Ao ler a lista dos inscriptos, não é difficil prever que os problemas da carestia da vida e da falha dos generos alimenticios mais se aggravarão nos dias seguintes aos da tua festa. Paciencia! A tudo me sujeitarei, satisfeito por saber que te fizeram justiça e quem n'esta terra consegue que lh'a façam de longe em longe é porque, meu velho, tem meritos de sobejo.

Curvando-me respeitosamente perante ti e perante os teus companheiros de mesa, a maior parte dos quaes me metteria facilmente no bolso pelas alturas da sobremeza, eu fico em casa e limito-me a dizer-vos como Ruy Blas: — «Bon apetit, messeigneurs».

Teu do coração

André Brun

Gréves operarias

Continúa sem solução a do pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Continúa no mesmo pé a gréve do pessoal operario da Exploração do Porto de Lisboa que tem o auxilio moral da União Operaria Nacional e da União dos Syndicatos. Pelas seis horas do hoje as commissões de vigilancia, que na reunião de hontem haviam sido nomeadas para fiscalisarem a intransigencia do movimento, foram para os locaes que préviamente lhes tinham distribuido, tendo verificado, segundo nos declararam na respectiva Associação, que nenhum dos seus camaradas se apresentára para retomar o trabalho. Assim, nenhum incidente se deu nos entrepostos, pelo que, ás 10 horas, retiraram a quarteis as forças da guarda republicana que ali se encontravam, o mesmo acontecendo aos guardas da policia civica.

Durante o dia o pessoal recebeu a respectiva feria da semana, sem que se tivesse tambem dado qualquer incidente digno de registo.

Pela tarde os grevistas distribuiram um manifesto explicando os motivos da gréve que aliaz são já do dominio publico. A direcção do movimento pediu ao sr. governador civil auctorisação para realisar amanhã um comicio publico nas terras do Parque Eduardo VII, o que só ficará resolvido na reunião da noite e depois de saberem a resposta dada pelo sr. ministro do fomento á commissão que hoje de tarde o foi procurar.

Pelo sr. director da Exploração das Obras do Porto de Lisboa, foi-nos dito que o trabalhador Antonio Antunes, arvorado em capataz se vê na necessidade de pedir a protecção da policia para entrar e sahir no entreposto de Santa Apolonia.

Tambem nos foram mostradas algumas cartas onde varios operarios declaram que se não solidarisam com o movimento grevista por o julgarem inopportuno.

Hoje foi requisitado um reforço de policia para assistir á sahida dos passageiros do vapor *Beira*, sendo ordenado pela empreza que apenas sahissem de bordo volumes de mão, devendo a descarga da bagagem fazer-se na proxima segunda-feira de manhã.

Mais nos disseram na Exploração do Porto de Lisboa que na proxima segunda-feira a entrada do pessoal que queira retomar o trabalho será protegida por forças da guarda republicana e por policias, tendo o Conselho de Administração conferenciado com o governo sobre a melhor forma de solucionar o conflicto.

Para tratar da actual situação realisam amanhã, ás 15 horas, um comicio na explanada do jornal «O Zé».

Em volta da conflagração

O orçamento russo para 1916

Petrogrado, 9 de novembro

O relatorio explicativo do orçamento foi redigido na hypothese de durar a guerra todo o anno de 1916. Para esse anno são as receitas avaliadas em 7.307.500.000 francos e as despezas em 8.127.500.000.

O thezouro soffre um prejuizo por causa do inimigo se ter apoderado das mais ricas provincias industriaes n'uma extensão de mais de 300.000 kilometros quadrados com a população de 25 milhões d'habitantes. N'este territorio ha mais de 8.000 kilometros de caminhos de ferro, e numerosas fabricas e officinas que foram parcialmente destruidas ou evacuadas.

Além d'isso, os operarios partiram para as linhas de combate, a industria dos transportes está desorganisada, a venda dos productos suspensa, e o preço dos generos nos centros de consumo subiu extraordinariamente.

As receitas reaes do anno de 1915, comprehendendo as previstas para os quatro ultimos mezes do exercicio fiscal, attingem um total de 6.962.500.000 francos, ou menos 867.500.000 do que se previra.

Como estão distribuidas as forças allemãs

Petrogrado, 9 de novembro

Das 170 divisões que compõem os exercitos allemães em campanha, 110 estão no oeste fazendo face aos alliados, 10 foram mandadas para a Servia, e as 50 restantes encontram-se em frente dos russos, onde estão tambem 40 divisões d'infantaria austro-hungara, e mais 23 divisões de cavallaria austro-allemã.

Além d'estas forças é provavel que estejam ao sul do Danubio mais 10 divisões d'infantaria austro-hungara.

Os allemães continuam mandando para a frente franceza tropas da frente russa, e, o que é talvez mais importante, transportam para a frente occidental alguns dos seus canhões de grande calibre.

Do que se póde concluir terem os allemães, n'este momento, renunciado á esperança de obterem qualquer vantagem decisiva na frente russa, e contentarem-se com a acquisição das posições no Dvina d'onde poderão recomeçar a campanha na proxima primavera.

O chamamento dos allemães dispensados

Genova, 10 de novembro

Uma ordem imperial allemã mandou apresentar todos os dispensados do serviço militar a uma junta medica que deve proceder ao seu alistamento.

Os avisos recentemente affixados na Alsacia enumeram as seguintes cathegorias de dispensados:

1) Funccionarios dos ministerios, agentes de policia com excepção dos de Mulhouse, presidentes das Camaras Municipaes; 2) funccionarios dos correios e telegraphos, de justiça, das prisões; 3) empregados municipaes incluindo os guardas campestres; 4) professores incluindo os padres; 5) funccionarios dos differentes cargos publicos; 6) operarios das obras publicas; 7) bombeiros, empregados nos serviços publicos, matadouros; 8) pessoal dos estabelecimentos medicos, hospitaes, azilos d'alienados, das instituições municipaes, caixas economicas, imposto de consumo, etc.; 9) pharmaceuticos, perceptores, inspectores de caixas, commissarios d'impostos, funccionarios aduaneiros, dos impostos, guardas florestaes, veterinarios, padeiros, contadores, etc.

As perdas soffridas pelos prussianos

Amsterdam, 10 de novembro

Foram publicadas novas listas das perdas prussianas relativas ao periodo de 22 d'outubro a 2 de novembro. As perdas n'esta decada foram 78.376 homens, approximadamente mais 21.000 do que accusavam as listas precedentes. Este augmento justifica a supposição de que estas listas conteem as perdas soffridas durante a grande offensiva dos alliados e os contra-ataques que se lhe seguiram.

Só as perdas da Prussia elevam-se actualmente a 2.099.454 homens; ha a juntar 230 listas bavaras, 280 saxonicas, e 293 wurtemburguezas.

Tambem foram publicadas 55 listas navaes; n'estes ultimos tres mezes e meio, só a Prussia perdeu por varias causas 503.190 homens.

Navios turco-allemães destruidos pelos submarinos alliados

Athenas, 10 de novembro

Eis, segundo o «Messagero Egiziano» a lista dos navios turco-allemães mettidos a pique pela esquadra dos alliados no mar de Marmara:

«M.-Rickmers», 7,000 toneladas; «Derijnde», 7,000 toneladas; «Stamboul», «Skypros», «Tenedos», «Chios Patmos» e «Kerkyru», de 4,000 toneladas, pertencente á Deutsche-Levant-Linie; «Iskander», «Barh-Ahmed», 5,000 toneladas; «Besmi-Alem», 5,400 toneladas; «Midhat-Pacha», 4,500 toneladas; «Ine-Ada», 2,400 toneladas; «Yechil-Irmak», 2,000 toneladas; «Nilouper», 1,200 toneladas; «Nika», 700 toneladas; «Biga», 700 toneladas; «Heliopolis» 3,200 toneladas; «Mahmud-Sefket-Pacha», 3,000 toneladas; «On-Temuz», 2,300 toneladas; «Ella», 3,000 toneladas; «Salanik», 2,700 toneladas; «Morna», 2,200 toneladas; «Hilal», 2,000 toneladas; «Prinkipesa-Djounia», 2,000 toneladas; «Dafne», 1,800 toneladas; «Ispahan», 1,800 toneladas; «Nedjat» 1,700 toneladas; «Persia», 1,600 toneladas; «Washington», 1,500 toneladas; «Adis», 1,200 toneladas; «Taxiarchis», 1,200 toneladas; «Guzel-Guiri», 1,200 toneladas; «Aidjnik», 1,200 toneladas; «Beicos», 1,300 toneladas; «Oghour-Ola», 1,100 toneladas; «Georghios», 1,000 toneladas; «Heibeli-Ada», 900 toneladas; «Alexandros», 950 toneladas; «Saadet», 800 toneladas; «Maria-Rogel», 1,000 toneladas; «Nikea», 1,0000 toneladas; «Millet», 700 toneladas; «Erdek», 750 toneladas; «Edionel», 700 toneladas; «Newa», 700 toneladas; «Badecma», 650 toneladas; «Terraki», 350 toneladas; «Brussa», 300 toneladas; «Hairulia», 150 toneladas.

José Pontes

O banquete d'esta noite em sua honra

E' esta noite que, como noticiámos, se realisa no hotel Francfort, pelas 20 horas, o banquete que em honra do dr. José Pontes, promoveu um grupo de amigos seus e admiradores dos grandes serviços que o nosso distinctissimo collega tem prestado á causa da educação phisica e ao sport.

Eis o menu:

«Potage Juliene á Arbley, Supreme de Sole á la Richr, Langue de Boeuf Macedonie, Fricassé de volaille á l'Ancienne, Haricot vert sauté au beurre, Filet de porc roti au cresson, Salade Laitue, Charlote Moscovite, Dessert, Champagne, Collares, e café».

Até o fim da tarde, achavam-se inscriptos, alem da sr.ª D. Virginia Quaresma, os srs.:

Publio de Brito, A. Ferreira Mendes, José Julio Correia da Silva, Armando Costa (dos Desportos de Bemfica), Manuel Neves, Manuel Ferreira, Joaquim Rodrigues Simões, (pela Junta Infantil Marquez de Pombal), Manuel Lirio.

Adelino Mendes, Herculano Nunes, dr. Azevedo Neves, Carlos Monteiro, Jayme Costa, Arthur Nogueira, Mario Pistacchini, Guilherme Gomes, Mario Sant'Anna, Constantino Mouton Osorio, Augusto Seixas, Manuel Correia, Florencio das Neves Marques, Alberto Baptista Alvarez.

D. Affonso Baselga, José de Figueiredo, Alfredo L. Carvalho Junior, João Condeixa, Francisco Loreto, José Santos Freitas José Gomes da Silva, F. Nobre Martins, Joaquim Vital, Jayme Cesar Farinha, D. Antonio de Heredia, Roque Gameiro, Manuel Guimarães, Francisco dos Santos (esculptor), João Loforte, Carlos Xavier, Garcia Carabe, Alberto Totta, Alberto Franco de Castro, Raul de Campos Palermo, Levy Jenochio, Jayme d'Oliveira Pinto, José Joaquim d'Almeida, Sousa Amzalack, Antonio Couto, João Bentes, Francisco Rocha, J. Mendes Arnault, Soares d'Almeida, José Netto, dr. José Pitta e Castro, Eduardo Luiz Pinto Bastos, João de Deus Tavares Homem, Carlos Gonçalves, João d'Araujo Moraes, padre Eduardo Ferreira do Amaral, Carlos Ferreira Viegas, Arthur dos Santos, Carlos Fernandes, Victor Rollin Santos, Caetano J. Santos Joaquim Macedo Brito, José Alvarez, Eduardo Dias.

D. José de Noronha, Antonio Soares Junior, Eduardo de Faria, Carlos Bazilio d'Oliveira, Delphim Guimarães, Raul Nunes, Martins Faria, Walter Alvarez, Pedro Sanches Navarro, Luiz Roubeaud, Arnaldo Gomes.

José Santos Mattos, Antonio Rodrigues Correia, Accacio Santos, Manuel Egreja, José Joaquim Bastos, Antonio Henrique Oliveira e Silva, José Aprigio Gomes, João dos Santos Mattos, Mario Beirão, Diogo Pina Manique, Daniel Queiroz dos Santos, Francisco Padinha, Pedro Del-Negro, José Holtreman Roquette (Alvalade), Mario de Noronha, Carlos Farinha, Augusto Farinha, Fernando Farinha, Jorge Paiva, Manuel Cartaxo, Francisco Stromp, D. Eugenio de Noronha, Arnaldo Garcez Rodrigues, Henrique de Sousa, Augusto Freitas, João Vieira, Francisco Callejo, Francisco Vieira, Innocencio Madeira.

Tambem se inscreveu o sr. Antonio Ribeiro da Costa Guia, da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz.

A commissão promotora informa de que não se exige «toilette» de rigor.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

ESTADO E EGREJA

EM TORNO DAS MISSÕES

O rev. José Maria Antunes, antigo provincial da congregação do Espirito Santo, e o seu zelo patriotico

O «Seculo», na sua edição nocturna, entrevistou o rev. José Maria Antunes, antigo provincial da congregação do Espirito Santo, ácerca das missões religiosas na Africa portugueza onde, por virtude de tratados e convenções internacionaes, lhes é garantida a existencia, seja qual fôr a sua nacionalidade ou o seu credo.

Diz o nosso collega que, «fechadas... pela lei da separação do Estado das Egrejas as casas dos padres do Espirito Santo, onde se educavam os missionarios portuguezes, vêem-se aquelles privados de recrutar entre os portuguezes o pessoal para as suas missões — que continuam existindo á sombra das referidas convenções internacionaes — e forçados, por conseguinte, a recorrer ao pessoal estrangeiro». E acrescenta o «Seculo»:

Para evitar a desnacionalisação d'essas missões, a que a situação actual evidentemente conduzirá, os padres do Espirito Santo teem, por mais d'uma vez, reclamado dos poderes constituidos providencias que, para elles, consistem na permissão de abrirem e manterem no continente instituições onde formem missionarios portuguezes.

Não foi a lei da separação do Estado e da Egreja que determinou o encerramento das casas da congregação do Espirito Santo. Quando se publicou o decreto de 20 de abril de 1911, já essas casas como as dos outros institutos religiosos haviam sido encerradas em observancia ás leis de Pombal e de Aguiar que o governo provisorio da Republica restabeleceu logo em outubro de 1910.

O rev. José Maria Antunes é um dos mais distinctos sacerdotes portuguezes contemporaneos, com uma longa e operosa carreira missionaria. Na congregação do Espirito Santo gosa de renome e presidia á provincia portugueza no momento da extincção das ordens e congregações. Monsenhor Le Roy, o geral, dispensa-lhe a maior sympathia e, pouco antes da revolução de outubro, ainda lhe testemunhava o grande apreço em que tem os seus meritos, conservando-o em Lisboa quando reconhecia a enorme falta que estava fazendo em Africa.

Consoante as declarações do rev. José Maria Antunes ao «Seculo», as missões catholicas das nossas colonias africanas estão ameaçadas de se desnacionalisarem pela impossibilidade do recrutamento de pessoal portuguez, que se não faz desde 5 de outubro de 1910, embora até á data da proclamação da Republica ainda se não tivesse conseguido nacionalisar totalmente o pessoal missionario. D'ahi a conveniencia patriotica de ser permittido aos padres do Espirito Santo que recrutem e preparem na metropole missionarios portuguezes para que as missões não sejam «empolgadas por elementos estrangeiros».

* * *

Não vamos, n'este instante, ventilar a debatida questão da vantagem ou desvantagem das missões religiosas na obra civilisadora que reclamam as colonias, nem nos alargaremos em commentarios sobre os fructos alcançados, n'um periodo de mais de trinta annos, pelos padres da congregação do Espirito Santo, e sobre a sua influencia no sentido de se ampliar e consolidar o prestigio do nome portuguez na provincia de Angola. O problema das missões confessionaes tem sido versado por homens competentissimos, tão sabedores como experientes, e muitos d'elles insuspeitos sob o ponto de vista das idéas religiosas. Ha quem ataque e quem defenda com o mesmo calor, a mesma sinceridade e o mesmo brilho esse instrumento de civilisação, não escasseando entre os coloniaes, os homens de Estado, os parlamentares e os publicistas da nossa terra os que se pronunciaram a favor das missões com caracter genuinamente nacional. Apenas queremos observar que, attendidos os desejos do rev. José Maria Antunes, teriamos restaurada em Portugal uma congregação e que, para não haver o direito de accusar os poderes publicos d'um favoritismo escandaloso, cumpria fazer concessão identica a jesuitas e a franciscanos—porque uns e outros mantinham tambem missões em Africa!

Mas, admittido que o restabelecimento d'uma ou mais casas dos padres do Espirito Santo na metropole, com auctorisação legal, viesse a ser um facto, lograriam elles recrutar pessoal portuguez idoneo para as suas missões? Seria isso um verdadeiro milagre, pois que tal recrutamento se fez sempre—quando o proselytismo se exercia mais facilmente—com resultados pouco lisonjeiros, quer quanto ao numero quer quanto á qualidade dos recrutados. Porquê? Tambem não é agora ensejo de o dizer. Basta frisar que tanto nas casas que a congregação mantinha na metropole como em quasi todas, senão em todas, as missões predominava o elemento estrangeiro, não apenas francez, mas de outras nações, porque a congregação do Espirito Santo, que tem a sua casa-mãe em Paris, é internacional, contando entre os seus membros individuos de todos os paizes, visto que os institutos da sua natureza buscam vocações e não curam de patrias—a não ser, como dizem, da patria celeste...

* * *

Os congreganistas do Espirito Santo, apezar das advertencias propheticas do seu superior geral, monsenhor Le Roy, bispo de Alinda, que pouco antes da revolução de outubro, aconselhava de Paris que collocassem em segurança archivos e papeis importantes, porque tudo podia ser «tomado, confiscado e explorado»,—deixaram ahi documentos que estão longe de constituir um titulo de recommendação com que se escudem as pretenções do rev. José Maria Antunes. E não iremos hoje mais longe... «A bon entendeur...»

FONTES DE RIQUEZA

A cultura do arroz

Vae ser regulada por uma lei que está em estudo no ministerio do fomento

Nos ultimos annos, a cultura do arroz tem alcançado em Portugal um grande desenvolvimento. Por largo tempo na decadencia, um dia chegou em que alguem a fez resurgir, reformando os velhos processos culturaes d'esse cereal e semeando, de maneira a tornal-os inoffensivos, os terrenos onde o arroz voltou a cultivar-se, em excepcionaes condições de exito. Desde então, esse ramo importantissimo da industria agricola não deixou de progredir, de se desenvolver, de se aperfeiçoar constantemente, creando-se assim uma fonte de riqueza cada vez mais abundante e dia a dia mais promettedora de resultados verdadeiramente excepcionaes. Portugal importava grande parte do arroz de que necessitava. Ia, principalmente, buscal-o á Italia. O arroz de Veneza é bem conhecido de toda a gente, para que seja necessario pôr-lhe em relevo as qualidades excepcionaes. Pois, presentemente, se o arroz produzido no paiz ainda não chega para abastecer completamente o mercado, é o bastante para reduzir a um minimo notavel a importação d'esse genero de primeirissima necessidade. A que se deve esse facto notavel, de tão larga importancia para a nossa vida economica?

—A tenacidade d'um grupo d'homens emprehendedores, honra e lustre da agricultura portugueza—responde alguem que a este assumpto tem dedicado a maior attenção. A cultura do arroz tem assumido, nos ultimos tempos, grande desenvolvimento. Nos campos de Santarem, nas Lezirias do Sado, nas margens do Sorraia, nos campos de Coimbra e nos terrenos baixos banhados pelo Liz fazem-se já hoje, annualmente, grandes sementeiras de arroz, que fructificam admiravelmente, observando-se, na respectiva cultura todos os processos modernos e todas as regras scientificas da especialidade. Nos campos de Leiria ha um posto agronomico especialmente destinado a experiencias culturaes do arroz. Os serviços que elle tem prestado teem sido notabilissimos e provam quanto se torna necessaria a creação de campos de experiencia para o aperfeiçoamento immediato da cultura do trigo, selecção de sementes, confecção e preparação de adubos, etc. O posto de orisicultura do Liz é modelar e a elle se deve o desenvolvimento que esse ramo agricola tem alcançado em pouco tempo n'aquella fertil e privilegiada região.

—E já ha uma lei que regule a sementeira do arroz?

—Ha antigas disposições legaes que, por anachronicas, cahiram em completo desuso. Ellas quasi impediam, sob pretextos hygienicos e sanitarios, que o arroz se cultivasse com largueza. Creou-se a lenda de que onde houvesse um arrosal tinha, fatalmente, de haver um pantano. D'ahi, procurar-se desterrar as seáras de arroz para sitios deshabitados, prohibindo-se ao mesmo tempo que em certos terrenos, magnificamente predestinados para a cultura d'esse cereal, se lhe applicassem. E, todavia, os arrosaes modernos não são, de modo nenhum, pantanos, porque a agua, circulando constantemente, não estagna nem apodrece. Urge, evidentemente, que se promulgue uma lei nova, á sombra da qual a orisicultura progrida, porque d'ahi só podem advir beneficios importantissimos para o paiz. Sem grande difficuldade, podemos produzir na terra portugueza todo o arroz de que necessitarmos para o nosso consumo. Podemos até produzir arroz para exportar. Mas para que tal se consiga é preciso que o Estado legisle e legisle bem sobre o assumpto. E' necessario que se tomem providencias tendentes a fazer desenvolver a orisicultura, dando-se vantagens aos lavradores e cercando das maiores e das melhores garantias todos aquelles que, aproveitando terrenos

A CAPITAL DO NORTE

O Muzeu Nacional vae installar-se no Paço Episcopal

Necessidade da Avenida da Ponte

Porto, 12 — Até que, emfim, — diz-nos um dos mais distinctos pintores do Porto — até que, finalmente, o Muzeu Municipal se vae installar em edificio condigno, deixando livres as dependencias que occupa no edificio de S. Lazaro, para melhor installação das aulas da Escola de Bellas Artes. Melhoram as duas grandes Escolas—deixe-me assim dizer:—a do passado, que é o Muzeu,—educativa, falando aos visitantes pelo que de melhor se tem feito, pelo que de mais bello tem produzido a arte, em todas as suas manifestações,—e a do presente—que é a nossa Escola ou Academia, porque pode expandir-se mais, em aulas e «ateliers», dando ao ensino uma melhor e mais ampla latitude.

—Ha muito que se pensava n'isso.

—Nem podia deixar de ser. Os espiritos mais cultos viam com tristeza que o edificio da Bibliotheca, apesar de toda a boa vontade do municipio, que o tem alargado e beneficiado, não era bastantemente capaz de abrigar, nos seus salões e nas suas dependencias, nos seus baixos e nos seus claustros, a Bibliotheca, o Muzeu e a Escola de Bellas-Artes. Andava-se, como costuma dizer-se, aos trambulhões.

«A maior parte das riquezas artisticas do Muzeu, especialmente a secção de indumentaria e de ceramica, talvez a mais importante e rica do paiz, estavam desde ha annos encaixotadas, sem poder expôr-se ao publico por falta de salões apropriados. As aulas de esculptura e de pintura, de desenho e modelação eram tambem acanhadas, sem a luz precisa, sem a amplidão necessaria. «Agora, sahindo d'ali o Muzeu, melhora elle, e melhora indiscutivelmente a nossa escola.

—E o Paço Episcopal offerece as condições necessarias para a installação do Muzeu?

—Sem duvida. E' uma coisa sabida. O Paço Episcopal tem amplos salões e galerias esplendidas. E' talvez, de uma architectura pesada, um pouco sombria, mas, se lhe rasgarem clareiras de luz, se lhe fizerem as obras já indicadas, aliás, por technicos que já para a adaptação a Muzeu o examinaram e viram o que era necessario fazer, o Muzeu ficará ali perfeitamente, não sendo de grande dispendio a transformação para este fim. Depois, ha ainda outra razão para que o Muzeu ali fique, ali se installe. E' que do alto da Sé, das varandas e das janellas do Paço Episcopal, se descortina um dos melhores pontos de vista de esta antiga cidade.

«Das ultimas galerias d'esse antiquissimo «solar» dos Bispos do Porto, domina-se quasi toda a cidade, e a vista alonga-se pelo Douro até á Foz, até ao mar. Que melhor appetitivo para os «touristes» estrangeiros que os nossos visitam?

«O Muzeu chama-os, attrahe-os pelas suas preciosidades, pelas suas riquezas artisticas. O local convida-os, porque d'ali apanham, nos seus «kodaks», a parte mais interessante do velho burgo, toda a vida «antiga» da Sé e do Barredo, e os aspectos de «longe», todo o circuito citadino até á Lapa, pela Relação e pelo Palacio de Crystal, desde o movimento do rio Douro até á movimentação da barra e ás «silhuetas» dos vapores que no mar distantes, entre a espuma das ondas, pelas estradas incertas do Oceano, para o norte e para o sul...

—O ponto de vista é esplendido, realmente. Mas, para se chegar ao alto da Sé, ao Paço Episcopal, por onde tem de seguir o «touriste», o visitante?

—E' esse o problema que a Camara tem de resolver desde já. Eu concordo absolutamente com a proposta da transferencia do Muzeu Municipal para o Paço Episcopal. Mas, o que é indispensavel, é que o sr. dr. Santos Silva, assim como apresentou essa proposta magnifica, apresente outra. E elle é capaz d'isso, porque é muito activo e muito intelligente. E' indispensavel, desde que o Muzeu Municipal se transfere para o Paço Episcopal, abrir a avenida da Ponte. Quer dizer: a avenida que ligue Villa Nova de Gaya, que é a nossa «outra banda», ao centro civico da cidade, saneando, ao mesmo tempo, o immundissimo bairro da Sé.

«Porque, que «caminho» tem qualquer «touriste» para ir ao Muzeu? Apenas uma rampa de subida ingreme, desde a avenida Saraiva de Carvalho, pela frente da Sé, em cotovello, dobrando por uma ruella estreita, até encontrar o portão velhissimo, que parece um portão de quinta, que dá entrada para o Paço. Ha de ficar, assim, sem communicação, sem accesso, o Muzeu Municipal? Ha de vir o «touriste», o visitante, pelas escadas do Collegio, ou pela rua Escura, o que ha de mais porco, material e moralmente, no Porto? Pois, não ha outras communicações com o Paço Episcopal...

«De maneira que—terminou—a resolução da Camara é magnifica, mas implica a abertura da avenida da Ponte. Para que o Muzeu não fique entaipado... como tem estado.

alagadiços—e temos tantos!— os destinem á producção de arroz. O ministerio do fomento está estudando uma lei n'essas condições, parecendo que se pensa promulgal-a dentro em pouco, á sombra da auctorisação parlamentar de que o governo está de posse. Oxalá que tal medida, do mais vasto alcance, não demore muito, tão certo é encontrarmo-nos n'um periodo de tal maneira grave, que perder tempo é concorrer para que se agrave espantosamente a medonha crise que nos assoberba. E' sempre para temer a intervenção do Estado em assumptos d'esta natureza. O criterio fiscal é o que impera quasi sempre. Além d'elle, raras vezes se vae. Mas d'esta vez parece que se quiz andar caminho, procurando-se dar aos orizicultores estimulos que muito hão de servir para que a producção do arroz, cuja cultura é deveras remuneradora, augmente dia a dia e cada vez mais.

A lei em questão está a ser estudada com todo o cuidado na Direcção Geral de Agricultura. O sr. Camara Pestana tem-lhe consagrado todo o seu zelo e proficiencia, parecendo que só falta dar-lhe os ultimos retoques juridicos para que ella appareça dentro em pouco no «Diario do Governo». Oxalá que os seus effeitos se façam sentir rapidamente para que, produzindo-se em abundancia arroz nacional, que é excellente, se prescinda do arroz estrangeiro que, sendo mais caro, não é melhor, levando-nos, ao mesmo tempo importantes sommas em oiro.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro dr. Antonio José d'Almeida

Para proceder á eleição de novos corpos gerentes, reune a assembleia geral d'este centro ás 21 horas.

Empregados das fabricas de cervejas e gazozas

Em sessão magna, reune esta classe amanhã, ás 13 horas, na séde, rua do Bomformoso, 150, 1.º, a fim de apreciar o horario de trabalho e a fim de tomar resoluções ácerca de assumptos importantes. Convocando essa reunião, foi distribuido profusamente um manifesto.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Estrada que se não faz por falta de approvação superior

Escreve-nos o sr. J. Valente dizendo que ha cerca de tres annos, o sr. Luiz Bernardo d'Almeida, de Macieira-a-Velha, offereceu custear uma estrada para, por via mais curta, ligar a séde do concelho de Macieira de Cambra com o de Arouca, melhoramento importantissimo para os povos d'aquella região. Mandou-se proceder aos estudos, mas até hoje das instancias superiores não baixou ainda a approvação e a ordem para se iniciar a estrada, o que escusado é dizer, causa grandes transtornos.

Para o assumpto, que é de capital importancia para aquelles povos, chama o sr. J. Valente a attenção do sr. ministro do fomento.

“Procuradoria geral„

Um esclarecimento

A proposito d'uma entrevista que ante-hontem démos com este titulo, na nossa 2.ª pagina, escreve-nos o sr. Manuel d'Agro Ferreira, dizendo que de certo o sr. dr. Alexandre Sobral de Campos não denominou assim o seu escriptorio d'advocacia, visto que tal denominação é ha cerca de 10 annos usada pelo signatario, que tem esse nome registado em Lisboa e Porto pelos titulos de registo da propriedade industrial numeros 1986 e 1987.

De facto, a designação adoptada pelo sr. Sobral de Campos, o que por lapso não referimos, é a seguinte: Escriptorio de Advocacia e Procuradoria Geral com secção especial de Procuradoria do Registo Civil, estando esta ultima secção a cargo do sr. dr. Carlos de Mendonça, ajudante do conservador do 1.º bairro de Lisboa.

Aggressão mysteriosa

Ao abrir hoje a repartição da acceitação de doentes no hospital de S. José, foi encontrado sentado na escada exterior um individuo que apparenta ter 25 annos, typo de trabalhador, com a cabeça aberta, feita n'um bolo, para nos servirmos da expressão popular.

Operado do trepano, recolheu em perigo de vida á enfermaria n.º 4. Desconhece-se a sua identidade, pois documento algum lhe foi encontrado, e não se sabe como ali foi parar.

Ignacio Gonçalves Bella

Falleceu

Manuel da Cruz Bella, Albertina Gonçalves Bella e filhos, Gil, Lino e Manuel, Maria de Jesus Bella, Ignacio Gonçalves, Ignacia das Dores Gonçalves, José de Sousa Bella sua esposa e filhos, Sebastião de Sousa Bella sua esposa e filha, Julia Sousa Bella Lopes e seu esposo, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento do seu querido filho, irmão, neto, sobrinho e primo, e que o seu funeral terá logar ámanhã quatorze pelas 13 horas, sahindo o prestito da sua residencia calçada de Sant'Anna n.º 168, rez do chão, para o cemiterio occidental.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.
TRINDADE—A's 14—Matinée —A's 21—O dia de juizo—(Revista).
GIMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—Em boa hora o diga.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.
MODERNO—A's 21 — As noviças.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 14 — Matinée — A's 21— Companhia de circo.

Agenda da semana

HOJE — **Nacional** — Primeira representação de *Malquerida*, de Jacintho Benavente.

● Realisa-se depois d'ámanhã, no theatro da Trindade, a recita annual do estimado fiscal Manuel de Sousa Machado, subindo á scena pela primeira vez n'esta epocha a bella operetta *Rei damnado*.

Noticias

Entre nós

No moderno estreou-se hontem com muito exito a operetta em trez actos de F. Schwalbach e Alfredo Mantua, *As noviças*. Os pequeninos interpretes foram extremamente felizes e receberam calorosos applausos.

● No final do 2.º acto da peça americana *La dona é mobile* que, na terça feira, sobe á scena no Gymnasio, ha duas scenas mimicas, em pantomimas, trabalhadas, respectivamente, pela novel actriz *Celeste Leitão* e pelo actor comico Silvestre Alegrim, tal como se faria uma fita animatographica, com musica escripta expressamente pelo maestro Thomaz Del-Negro.

● Reabre hoje as suas portas o theatro da Rua dos Condes com a representação, em espectaculos por sessões, da zarzuela *Musas latinas*, traduzida e ampliada com o titulo de *Quadros vivos*.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

A questão do jogo

Sr. Director de «A Capital».—No seu jornal d'hontem vem um artigo sobre jogo, em que se accusa um gremio de Lisboa de ter feito contracto com uns extrangeiros sobre o jogo. Não sabemos se o auctor d'este artigo quiz referir-se ou não ao Gremio Litterario. Mas como pode haver quem o supponha, vimos affirmar a v. que no referido Gremio não existe contracto algum sobre o jogo quer com extrangeiros quer com nacionaes.

Ousamos pedir-lhe a inserção d'este communicado no seu jornal, ficando seguros de que, se o auctor da referida local quiz realmente referir-se ao nosso Gremio, o fez na melhor boa fé que algum mal intencionado não hesitou em illudir.

Subscrevemo-nos com toda a consideração de v. etc.

Lisboa, 13 de Novembro de 1915.

A Direcção do Gremio Litterario.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

1212 ..... 12:000$00
4902 .... 1:000$00

Numero	Premio	Numero	Premio
8145	400$	1716	100$
2098	200$	2597	100$
3027	200$	3208	100$
7596	200$	3279	100$
153	100$	3949	100$
437	100$	4596	100$
970	100$	5887	100$
1317	100$	7450	100$
1547	100$	7691	100$

Colyseu dos Recreios

Ultima matinée e ultimo domingo da «Vingança de feras» e de Sanz

E' hoje o ante-penultimo espectaculo com o mimodrama *Vingança de feras*, que tanto successo tem legitimamente alcançado durante mez e meio ininterrupto de representações. E' um trabalho cheio de interesse, commovente, pelo arrojo do intrepido domador Marck e de sua filha Yvonne, que denotam a maior coragem deante dos leões. A'manhã é a ultima *matinée* e o ultimo domingo em que se representa esta emocionante maravilha, assim é tambem o ultimo domingo e a ultima *matinée* de Sanz, o extraordinario ventriloquo, com os seus bonecos articulados, de uma perfeição inexcedivel.

Segunda feira, em espectaculo da moda, estreia da formosa artista miss Lálá, equilibrista no arame.

O que se passa na frente russa

Paris, 10 de novembro

Ludovico Naudeau, o correspondente do *Journal* em Petrogrado, começa dizendo que as batalhas feridas perto do lago Swenton apparecem agora como uma derrota allemã, local mas completa. Com effeito, Hindenburgo tinha emprehendido um grande contra-ataque com tropas frescas, naturalmente toda a sua reserva estrategica; ora o abortar d'uma tal operação, e a consequente victoria dos russos prova claramente o enfraquecimento do exercito allemão.

Convem insistir em que se tratava d'uma posição estrategica de primeira ordem e um dos principaes pontos de ataque contra Dvinsk.

A sua posse colloca nas mãos dos russos a linha ferrea de Ponejovo a Dvinsk, no raio de Illukst. Um novo esforço dos russos e as operações de Dvinsk terminarão por um fracasso para os allemães. Estes assim o comprehendem e accumulam grande quantidade de projecteis, tendo a esperança de recuperar o que perderam, por meio da superioridade da sua artilharia, pois que sem dominarem essa posição nada poderão fazer.

Todos os dias, dois ou tres comboios com obuzes seguem para a frente de Dvinsk e outros tantos vão para o grupo de Vilna. O caminho de ferro de via reduzida de Vilkomis transporta tambem muitas munições para Novo-Alexandrovsk.

Quasi tão significativo como o triumpho citado, foi o combate em que os allemães foram desalojados da meseta de Olai, posição extremamente importante, a sudoeste de Riga, entre essa cidade e Mitau.

O facto de se poder agora, por um golpe energico, occupar posições estrategicas de capital importancia para os allemães, indica o que se poderá fazer quando não tenham superioridade de artilharia.

Ludovico Naudeau resume a situação geral da seguinte fórma:

Na frente norte, a situação equilibra-se, mas com um equilibrio que dia a dia tende a romper-se em favor dos russos. Ha, porém, que guardar reservas quanto a essa provisão, pois que as linhas ferreas que os allemães estão construindo na Curlandia podem facilitar um novo esforço da sua parte.

No centro, que está muito desguarnecido de tropas allemãs, os russos teem supremacia. Na frente sul registam-se victorias completas e continuas dos russos, os quaes teem a habilidade de conservar em seu poder o famoso caminho de ferro norte-sul, tão frequentemente citado, Baranovitchi-Lonninetz-Sarni-Rovno.

E' interessante notar que n'esta parte da frente a situação, que era a principio desvantajosa, mudou por completo. Com effeito, em toda essa immensa extensão os austro-allemães veem-se reduzidos, pouco a pouco, a effectuar os seus transportes pelas raras estradas que atravessam os pantanos, ao passo que os russos tem as suas posições da retaguarda unidas por um excellente caminho de ferro, parallelo ao Styr, que lhes assegura o deslocamento de tropas para toda a frente sul.

Os seus exitos são muito importantes, deixando antevêr a realisação de grandes operações n'uma zona tão intimamente ligada com as regiões balkanicas.

PEQUENAS NOTICIAS

Recolheram á enfermaria 4 do hospital de S. José: Antonio José Capitão, morador em Pinheiro de Loures e ali aggredido, ficando com o braço direito fracturado; Leonel Teixeira da Silva, de 8 annos, morador na rua da Junqueira, 68, loja, atropellado n'essa rua pelo automovel 815, de que era «chauffeur» Antonio Valente, ficando muito contuso pelo corpo, e Constantino Reis, sapateiro, residente em Sacavem, que ha tempos ali cahira, fracturando a perna direita e que tendo sahido do hospital na quarta feira, ahi de novo cahiu fracturando outra vez a mesma perna.

—O ajudante da pharmacia Marques da Costa, da rua do Ouro, Horacio Arthur da Costa, de 22 annos, tomou uma porção de strychnina. Conduzido ao hospital Quando estava sendo medicado morreu, pelo que o cadaver foi removido para a Morgue.

—O sr. Ruy Alves da Cunha, administrador do concelho de Loures, deu hoje posse ao delegado nomeado pelo governo junto da fabrica de productos chimicos que em tempos pertencia á firma H. Bachofen & C.ª

—A pedido de José Martinho da Fonseca, morador na rua de S. Lazaro, 53, foi preso Manuel de Sousa, residente na rua da Silva e Albuquerque, 43, 4.º, accusado de ter furtado do seu estabelecimento de adelo um cordão de ouro no valor de 51$. Tambem Norberto Teixeira, sem residencia conhecida, foi preso a pedido de Bento Cima, morador na rua Fernandes da Fonseca, 13, que o accusa de ter subtrahido da sua residencia duas capas para toureiros no valor de 90$.

—Carlos Alcantara, morador na rua dos Correeiros, 205, 1.º, queixou-se de que tendo ido em companhia de sua esposa ao Campo Grande, no regresso ella perdeu ou lhe furtaram um broche de esmalte em forma de mão no valor de 65$.

ULTIMA HORA

O Instituto Superior Technico

é encerrado por ordem do ministro de instrucção

No parlamento foi approvada uma lei permittindo aos alumnos da Escola de Construcções, Commercio e Industria a matricula nos cursos especiaes professados no Instituto Superior Technico. Os alumnos d'este estabelecimento de ensino não concordaram, porém, com tal disposição e representaram ao ministro da instrucção pedindo que o cumprimento da lei fôsse sustado até o parlamento de novo resolver sobre o assumpto. A essa representação respondeu o ministro dizendo não poder attendel-a, visto não estar na sua alçada derogar uma lei votada pelo poder legislativo.

Para encerramento de matricula e pagamento de propinas fôra marcado o dia de hoje. Os estudantes do Instituto, ante-hontem reunidos, resolveram oppôr-se a que essa matricula se effectuasse e hoje acudiram em massa áquelle estabelecimento, postando-se de modo que impediam a entrada na secretaria, conseguindo assim o que pretendiam, pois que nem uma unica matricula foi encerrada.

Sabedor do que se passava, o sr. ministro da instrucção mandou encerrar o instituto até nova ordem.

Os estudantes, sahindo d'ali, foram reunir na faculdade de sciencias, resolvendo manter-se intransigentes, no que, ao que parece, serão apoiados pelos alumnos d'aquella faculdade, que, para tomarem resoluções, reunem em assembleia magna depois d'ámanhã.

Palhabote naufragado

Salva-se a tripulação

O governador civil de Leiria enviou um telegramma ao sr. ministro da marinha, communicando que pelas 23 horas de hontem o palhabote *Emilia*, da praça de Setubal, com carregamento de sal, deu á costa ao norte da praia da Consolação, a tres kilometros de Peniche.

A tripulação foi salva considerando-se perdido o barco.

Fomentando a arborisação

Como fôra pedido pelo governador civil de Angra e deputado e senadores pelo districto da Horta, foi auctorisada a remessa de 5.000 arvores enraizadas de um metro de altura, para as estradas, jardins e logradouros communs d'aquelles districtos.

Serão distribuidas pelas respectivas camaras municipaes.

Academia de Sciencias de Portugal

Como já noticiámos, realisa-se ámanhã, ás 14 horas, no salão nobre da camara municipal, a inauguração do novo anno academico da Academia de Sciencias de Portugal. A' sessão solemne presidirá o sr. presidente da Republica, ao qual fará a guarda de honra uma força do corpo de marinheiros do commando de official, com a respectiva banda de musica.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu esta tarde em Belem sob a presidencia do chefe do Estado, realisando-se em seguida a assignatura presidencial.

—Foi desligado da divisão naval o vapor *Lidador*, a fim de seguir com urgencia para o Algarve a render a canhoneira *Beira*, que deve regressar ao Tejo para receber fabrico.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 7/8	33 7/8
Londres, 90 d/v.	34 3/8	—
Paris, cheque	$76	$76,5
Allemanha, cheque	$30,8	$31,2
Hollanda, cheque	$63,7	$64,3
Madrid, cheque	1$42	1$42,5
New York	1$51	1$52,5
Rios/Londres	12 5/8	—
Libras	7$23	7$30
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	—
» » 500$	39,75	—
» » 100$	—	—

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$20. Externas: 1.ª serie, 76$10 e 3.ª, 77$.
Acções: B. de Portugal, 180$50; Phosphoros, coup., 54$90 e assent., 55$; Tabacos, coup., 74$, C. Agricola da Bella Vista, 37$.
Obrigações: Prediaes, 5 0/0, 86$50; Norte e Leste, 1.º grau, 78$ e 2.º grau, 87$30.

José Pires Marinho

O seu funeral

Com grande concorrencia realisou-se esta tarde o funeral do saudoso artista José Pires Marinho. As encommendações religiosas foram feitas pelo prior da freguezia de S. José, rev. Antonio Teixeira. Fizeram-se representar as emprezas do Olympia e Editora, Sociedade Protectora dos Animaes, revista «O Zeophilo», Tipographia Commercio e Industria, Tipographia Universal, «Diario de Noticias», «Lucta», «Capital», etc. Entre a numerosa assistencia vimos os srs.:

General Abel de Campos, Luiz Filippe da Sande Junior, Mesquita de Carvalho, Victor Merli, Alfredo Francisco Gomes, Justino Guedes, José Pinto Cabral, Raphael Rodrigues Peixinho, Alfredo Paes, Adelino Lima, Alfredo Guedes, Manuel Egreja, José Moreira Gomes, João L. Cardoso Guedes; Alfredo Annibal de Mendonça Heitor, Elisiario José Malheiros, Henrique Cesar de Sousa Brito, Duarte José Bellas, Fernando da Luz, Manuel Alves Monteiro, Henrique Bregante Torres, Mendonça e Costa, José Porphirio Alves, José Filippe Pinheiro, Roque Gameiro, Alfredo Moraes, Paulino Ferreira, João Romano Torres, Cunha Ferreira, João Joaquim Caldeira Pires, Nazareth Chagas, Francisco dos Santos Migueis, Antonio Sebastião Fidalgo, José Pereira Dais, Carlos Lallemant, Thomaz Bordallo Pinheiro, Luciano Lallemant, Fernando Bordallo Pinheiro, Rodrigo Alberto da Silva, Antonio G. Pereira Florse, Francisco Xavier de Almeida, Ariosto M. Maria Silva Saturnino, Alfredo Lamas, Leonel Freire de Abreu, Bastos Lopes, João Pereira, Adolpho Alaben, José Eduardo Sobral Fernandes, Constantino Alvaro Sobral Fernandes, Ernesto Lima Amaro, Francisco Bertrand, Alexandre Lopes, José Narciso Castanheiro, José Augusto Araujo e Campos, João Costa, Emilio Segurado, Luiz Derouet, Francisco Renato Marinho, Francisco Victorino Santos, Arnaldo Mirandella Nunes Collares, Julio Costa, representando o sr. Alfredo Cunha, etc.

No cemiterio foram organisados varios turnos, sendo o funeral dirigido pelo sr. Severino Pires Marinho. No prestito tambem tomaram parte todos os operarios que trabalham nas officinas Pires Marinho.

A familia enlutada tem recebido enorme numero de telegrammas e cartas de pezames.

Festas associativas

Na Academia Recreio Artistico ha hoje sarau e baile.

No Gremio Escolar Democratico Español, commemorando o anniversario da sua fundação ha ámanhã recita com as operetas «O Bibi» e «Os trinta botões» e um acto de variedades, seguindo-se baile.

A Juventud de Galicia celebra amanhã o seu 7.º anniversario com o seguinte programma: ás 14 horas, inauguração da nova bandeira, seguida de sessão solemne abrilhantada por um sextetto; ás 16, baile infantil; ás 22, velada artistica e ás 24 baile. A Juventud de Galicia publicou um opusculo com 14 paginas, inserindo variada collaboração.

Na Tuna Commercial de Lisboa ha amanhã recita com a comedia *Expedientes de sogra*, seguida de baile.

Inaugurando a epoca de inverno ha amanhã, 21 horas, baile no Club Recreativo 5 de Julho de 1905.

Sport

Associação de Foot-ball de Lisboa

A Direcção, em sua reunião de hontem, resolveu:

Annullar o desafio de 2.as cathegorias entre o S. C. P. e o G. S. C. Q. jogado domingo, 7, dando a victoria ao primeiro d'aquelles grupos e suspender a 2.ª cathegoria do G. S. C. Q. até ao fim do corrente mez, por ter incluido na sua linha um jogador não inscripto.

Suspender o juiz Raul Fonseca na sua qualidade de jogador emquanto não fôr devidamente assignado pelos respectivos capitães o boletim d'aquelle desafio.

Desafios para ámanhã:

1.ª cathegoria: O Lisboa F. C. contra Bemfica no C. Grande, ás 15 horas; juiz o sr. Francisco Stromp.

2.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Imperio no C. Grande, ás 13 horas; juiz o sr. Jorge Vieira.

Internacional contra Victoria, nas laranjeiras, ás 14 horas; juiz o sr. Luciano Simões.

3.ª cathegoria: C. Quebrada contra Imperio, em Bemfica, ás 15 horas; juiz o sr. Rogerio Peres.

Sporting contra Bemfica, no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. João Sá.

4.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Palmense, no C. Grande, ás 11 horas; juiz o sr. Frederico C. Barros.

C. Quebrada contra Sporting, em Bemfica, ás 13 horas; juiz sr. Domingos Pinto.

Musica em passeios

A banda da guarda nacional republicana toca ámanhã, no coreto da Avenida da Liberdade, das 15 ás 17 horas, executando o seguinte programma:

«Territorial», marcha, Fão; «Maschere», ouverture, Mascagni; «Bella Risette», selecção, Leo Fall; «Aida», selecção, Verdi; «Rapsodia do Minho», Moraes; «Fruhlingsstimmen», walzer, Strauss; «The Stares and Strips Forever, marcha, Souza.

A do corpo de marinheiros, que ás mesmas horas toca no jardim da Estrella, executa o seguinte programma:

«O Portuguezinho», passo dobrado de Mendes Canhão; «Waverley», ouverture, Berlioz; «Dimitri», selecção da opera, Joncieres; «Rapsodia hungara» em dó, Liszt; «Duas dansas norueguezas», Grieg; «Capricho italiano», Tschaikowsky; «King Koton», marcha, Souza.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Chegaram do Porto os srs.: Anthero Leite de Sousa Machado, Antonio Tavares, Henrique Coimbra, Paul Marijon, visconde de Guilhomil, dr. Antonio Osorio Sarmento de Figueiredo, dr. José Osorio Sarmento de Figueiredo, dr. Miguel de Sousa Horta e Costa, Affonso Metello, dr. Renato Costa e Leonardo Mascarenhas.

—Regressou de Chaves a Lisboa o sr. dr. Antonio de Sande e Castro.

—Retirou de Louzada de regresso ao Funchal o director da alfandega d'aquella cidade sr. Affonso Vieira d'Aandrade.

—Regressou da capital ao Porto o sr. Leal da Camara.

—De Villa do Conde chegou a Lisboa a sr.ª D. Maria do Couto da Nobrega e Silva.

—Regressou com sua esposa á casa do Belinho (Espozende), o illustre poeta sr. Antonio Correia d'Oliveira.

LUTUOSA

Falleceu em Collares o sr. Luiz Augusto Collares, cujo funeral se realisa ámanhã, sahindo ás 10 horas da egreja matriz de aquella villa e chegando ás 16 ao cemiterio oriental.

—Falleceu em Lisboa o sr. Ignacio Gonçalves Bella, que se sepulta ámanhã, no cemiterio occidental, sahindo o feretro, pelas 13 horas, da calçada de Sant'Anna, 168, rez-do-chão.

Forças expedicionarias que regressam

A chegada do «Beira»—A bordo do «Cazengo»

Nos ministerios das colonias e da marinha foi hoje recebido o seguinte *radio de bordo do vapor «Beira»*:

«Sendo provavel a chegada do «Beira» ás 20 horas de hoje, os officiaes expedicionarios solicitam de V. Ex.ª toda a facilidade no desembarque, caso o vapor não atraque. —*Commandante militar*.

O sr. ministro da marinha determinou que no caso do vapor não chegar a horas de poder effectuar-se o desembarque, fosse um vapor do Arsenal a bordo do «Beira» a fim de trazer para terra os officiaes e praças expedicionarias, devendo desembarcal-os no caes das Columnas.

O «Beira» só depois das 20 horas deve atracar, estando ás 19 horas muitissima gente no caes, á sua espera.

No ministerio das colonias tambem hoje foi recebido um telegramma de Mossamedes, communicando que embarcaram hontem ali a bordo do vapor «Cazengo» o capitão Filippe de Sousa, tenentes Joaquim Nunes Veiga, Guilhermino Sarria, Henrique Mora, João Braz de Oliveira, alferes João Josino da Costa, Silvano de Andrade, oito sargentos, dez «chauffeurs» e serralheiros, trez praças de infantaria 18, uma de infantaria 17, trez de infantaria 16, quatorze de infantaria 20, duas da administração militar, uma bateria de cantoneiros e uma de cavallaria.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 12.—No elegante theatro do Grande Casino Peninsular realisou-se hontem á noite uma festa lindissima, que attrahiu grande concorrencia. Era a festa artistica consagrada á cantora Condessa Carla Cename que ao publico apresentava as suas despedidas e tanto bastou para que os que a admiram ali fossem com o fim de a applaudirem. O programma era escolhido e o desempenho foi alem de todas as espectativas. Carla e Amadeu Ferrari cantaram admiravelmente, pelo que receberam muitas flores, algumas prendas e uma verdadeira apotheose. Nunca aqui vimos artistas que tantas simpathias conquistassem e tantos applausos recebecem. O publico mostrou-se tambem reconhecido para com a empreza do Casino e ao seu director gerente sr. Virgilio Paiva Santos fez uma calorosa ovação, sendo obrigado a vir ao palco agradecer.

—Ha por aqui um grande descontentamento pela nova tabella de preço dos generos alimenticios, elaborada pela commissão de subsistencias. Quasi todos os generos subiram de preço e a sardinha é vendida por medida! A que tiver 15 centimetros custa a duzia $6! Esta coisa de vender sardinha ao metro só lembra á commissão da Figueira!

—Tem passado bastante doente o sr. Joaquim Gomes Simões, pharmaceutico estabelecido no Bairro Novo.

VILLA NOVA DE OUREM, 12.—Perante as commissões politicas de todas as freguezias do concelho, grupo de defeza da Republica, direcção do Centro Republicano Portuguez e grande numero de amigos tomou hontem posse do logar de administrador effectivo d'esse concelho o sr. Arthur de Oliveira Santos, que desde o dia 14 de maio vinha occupando interinamente o referido logar.

Em nome dos republicanos democraticos falou o professor de ensino livre sr. Zenoglio Moura que, saudou o velho republicano Arthur Santos como correligionario e como auctoridade, offerecendo-lhe um lindo «bouquet» de chrysantemos com fitas de seda verde e encarnada. O homenageado agradeceu, dizendo que o partido e a Republica podiam contar sempre com elle, affirmando cumprir as leis da Republica. Palmas e vivas ao administrador do concelho, Affonso Costa, partido democratico, Republica, etc. terminaram a homenagem, sendo em seguida queimados alguns foguetes.

COIMBRA, 12—Pediu a exoneração de director da Escola Industrial e Commercial Brotero o apreciado artista sr. Antonio Augusto Gonçalves.

—Na faculdade de direito acham-se matriculados, até hoje, 671 alumnos da nova reforma e 31 do periodo transitorio.

—Vae ser adjudicada a empreitada para a reconstrucção do pavimento do terraço do claustro do extincto convento de Santa Clara ao sr. Augusto Lopes, por 3:177$00, por ser esta proposta a mais vantajosa para o Estado.

—A benemerita sr.ª D. Amelia de Figueiredo offereceu para o Jardim-Escola João de Deus 10$00 e 3 saccas de batatas.

—Em marcha de resistencia e missão de estudo estiveram n'esta cidade dois escoteiros dos grupos 9 e 15 de Lisboa, Abel Bonifacio Ferreira e Henrique de Sousa Ferreira, que se propõem dar a volta a Portugal a pé.

—Foi nomeado archeiro da Universidade o sr. José Gonçalves.

SPORT

Problemas de educação phisica

As ideias de Kœnig

Um homem util deve ter saude, ser bello, ter agilidade e virilidade

Contribuindo com a sua opinião e a sua auctoridade para a propaganda da educação e cultura phisica, Hœnig, exige para que essa educação phisica seja completa quatro qualidades reunidas: «saude, belleza, agilidade e virilidade».

Fazendo publicidade d'esse programma educativo, Hœnig, expõe alguns exemplos, n'uma linguagem simples, ligeira, percebida de todos, isto é, de molde a ser comprehendido rapidamente.

Diz elle:

Quando se analysam muitos homens, percebe-se que todos elles teem qualidades diversas.

Um tem uma força muscular muito inferior e não tem agilidade, mas possue apesar d'essas deficiencias uma magnifica saude.

Um outro é aquillo que se chama um bello homem, bem proporcionado e com os musculos bem desenvolvidos mas não tem aptidão para os exercicios de agilidade e de destreza. Possue apenas uma bella plastica.

Ainda um outro póde ser agil, lesto, energico, e ter boa saude, mas não tem nenhuma belleza plastica.

Um outro, emfim, generoso, dedicado e mesmo corajoso desejaria prestar soccorro ao seu semelhante em perigo mas por não ter força nem a necessaria agilidade não póde executar aquillo que desejaria.

Cada um d'estes individuos tem esses qualidades phisicas, mas nenhum realisa o individuo completo. Um é «são», outro «bello», um outro «agil» e energico, o outro «viril» no moral. E' preciso, consequentemente, para o fazer perfeito, que reuna todas essas qualidades.

Póde, na verdade, idealisar-se um individuo melhor harmonisado no conjuncto que aquelle que é são, vigoroso, alegre, elegante nas suas linhas e evocando á lembrança os bellos athletas da antiga Grecia? Um homem seguro dos seus movimentos, procurando trepar, correr, saltar, luctar, etc., e que, corajoso e audacioso, conhecendo os esforços de que é capaz, póde prestar soccorro a quem d'elle necessite?

Estes quatro fins a attingir devem ser o exame que serve para reconhecer se um exercicio ou um movimento são bons. Se produz um d'estes resultados, deve ser praticado.

Da mesma maneira se deve proceder para com o methodo. Se no seu conjuncto, dá sabiamente proporcionadas, todas estas qualidades sem excepção, de uma, esse methodo será então «completo sobre Educação phisica».

Os methodos que não correspondem a estas quatro exigencias, dão, forçosamente resultados incompletos.

Como se conseguem essas quatro qualidades?

Diz Hœnig e, em resumo, o seguinte: «saude», pelo bom funccionamento dos nossos orgãos (pele, rins, intestinos, etc.); «belleza», trabalhando pelo desenvolvimento harmonioso e proporcionado de todas as partes do corpo; tendo uma attitude direita; sendo rapido e elegante nos movimentos; «agilidade» com a execução, gradual, dos exercicios mais faceis até aos mais difficeis; «virilidade» com a pratica dos sports e dos jogos athleticos.

Em resumo, Hœnig diz:

Que os homens para terem boa saude, sigam as regras da higiene e pratiquem os exercicios geraes, sufficientemente escalonados, para obrigar os pulmões a respirarem largamente.

Para ter belleza que o exercicio se faça com desenvolvimento de todos os grupos de musculos sem excepção, combatendo-se as costas abauladas e a cabeça baixa.

Para ter agilidade, movimentos difficeis e complicados para vencer todas as difficuldades.

Para ter qualidades viris, praticar os sports e os exercicios audaciosos que obrigam os timidos e os medrosos a afrontar a lucta e desprezar os perigos que vem d'ella.

Nota do dia

Os caçadores portuguezes protestam

Ao sr. ministro do interior devia ser enviado o seguinte officio:

A direcção do Club dos Caçadores Portuguezes em sua reunião extraordinaria de 2 do corrente, provocada pela publicação na imprensa de uma nota officiosa relativa á lei e exercicio da caça, depois de devidamente ponderar o assumpto, resolveu vir perante V. Ex.ª expôr o que acha de justiça, em defeza dos interesses de milhares de caçadores existentes no paiz.

Diz essa nota officiosa que a lei de caça por um lado, a licença de porte d'arma e da caça, por outro, tornam impossivel a defeza da propriedade rural e o exercicio da caça á gente pobre, arrematando a seguir, «que d'ahi teem resultado trez grandes males»—1.º, Obstar a que o povo se possa alimentar com a caça; 2.º, Que esta tenha augmentado de maneira tão extraordinaria a ponto de causar prejuizos enormes á agricultura; 3.º, Contrariar em absoluto a disposição do artigo 592 do Codigo Civil...

Reconhecendo-se que a licença de caçar foi uma medida extravagante, o Club dos Caçadores Portuguezes verá com gosto que essa licença seja supprimida legalmente, creando-se um novo typo de licença para caçar, a preço reduzido, que dê direito a usar a espingarda caçadeira e faca de matto, no exercicio da caça, unicamente, e sem necessidade de outra licença.

Esta medida beneficiará enormemente os caçadores menos abastados e remediará assim um dos males apontados na nota officiosa.

A abundancia da caça não é tanta que a sua exterminação seja considerada uma medida de defeza nacional e que justifique o facto do governo tomar qualquer deliberação contraria ás disposições fundamentaes de uma lei votada pelo parlamento, a poucos dias da abertura d'uma nova sessão legislativa e que o assumpto vae ser discutido.

Em primeiro logar é preciso reconhecer que se assim fosse não estaria o povo inhibido de se alimentar com a caça, porque onde ha abundancia ha logo baixa de preço, e quem não póde comprar um coelho por oito centavos para seu sustento, muito menos póde dar-lhe caça pelos meios licitos, porque cada um lhe virá a sahir por maior preço.

De resto, todos os caçadores são unanimes em reconhecer que as criações este anno foram muito inferiores ás do anno passado, exactamente pela razão das auctoridades respectivas, salvo raras excepções, não terem feito cumprir integralmente a lei.

O 3.º mal apontado pela nota officiosa e que se refere ás disposições do artigo 592.º do Codigo Civil, cahe pela base e não póde comprehender o Club dos Caçadores Portuguezes como esse facto seja invocado em documento official, quando é certo que a lei de caça de 7 de julho de 1913, no seu artigo 48.º diz que fica revogada a legislação em contrario.

Não ha duvida que em alguns raros pontos do paiz, os coelhos são em abundancia e por isso prejudiciaes aos lavradores. Mas, para remediar este mal, foi entregue ao parlamento pelo deputado sr. dr. Francisco Cruz uma proposta de lei, que muito beneficiará os senhores proprietarios, sem ferir os interesses dos caçadores.

Para remediar pois o mal, bastaria que o parlamento approvasse a citada proposta de lei.

Das trez especies de caça indigena, coelho, lebre e perdiz, só as duas primeiras pódem ser accusadas de prejudicar a agricultura, sabido como é, e como a reconhecem todos os lavradores intelligentes, que a perdiz é muito mais util que prejudicial, pela enorme quantidade de insectos que destróe.

De resto o numero de caçadores que, apesar de todas as grandes difficuldades creadas pela lei de caça, praticam o exercicio venatorio, é tão elevado ainda no nosso paiz, que só nas propriedades coutadas, onde é reservado o direito de caçar, esta chega a reproduzir-se em grandes quantidades. Ha, não sabemos se V. Ex.ª tem conhecimento do facto, coutadas abertas e fechadas. As coutadas abertas foram creadas por uma portaria illegal de 15 de janeiro de 1914, illegal porque alterou uma lei votada pelo parlamento, «contra a vontade» manifesta da nação, visto que na discussão parlamentar d'essa lei, foi supprimido o artigo que, no respectivo projecto, creava as coutadas abertas, taes como as estabeleceu depois a portaria citada.

Pois bem: se o governo, como diz na nota officiosa, pensa em proteger os direitos dos proprietarios e cultivadores, é pela «suppressão das coutadas abertas», que deverá principiar.

De facto são os visinhos d'essas coutadas, os que não se queixam, que são mais lesados nos seus legitimos direitos, sabido como é, que a caça de pello que n'ellas se cria e reproduz em grande escala, se sustenta, não das mattas em que vive de dia, «mas á custa das plantações e seáras circumvisinhas».

Com a rude franqueza que caracterisa os homens da nossa classe, devemos, porém, dizer a V. Ex.ª que não acreditamos que o governo o faça por insinuação d'estes proprietarios, e, se assim pretende alterar as disposições mais proveitosas da lei da caça, com o pretexto, embora, de se favorecerem os «pequenos», seria a primeira vez que eram ouvidos no Terreiro do Paço.

Teem os couteiros contractos rendosissimos para abastecimento de mercados e fabricas de conserva, sem que de tal industria paguem ao Estado a contribuição devida.

E como lhes convem «baratear a mão d'obra» e apanhar a caça sem o estrago produzido pelo tiro, não encontram melhor do que recorrer ás armadilhas, invocando hypocritamente as necessidades que teem os pequenos lavradores de proteger as suas seáras, quando apenas elles são as suas victimas, unica e simplesmente.

E o governo illudido na sua boa fé, dá-lhes ouvidos e, sem fazer ideia do prejuizo que causa ao paiz, prepara-se para tomar deliberações de que ha de resultar, fatalmente, a ruina total da nossa riqueza venatoria.

Nos paizes da Europa, que nos pódem servir de modelo, o uso de armadilhas, ratoeiras e laços de qualquer especie é expressamente prohibido por lei e castigado com penas severissimas, porque em todos elles se reconhece que a caça é uma riqueza natural, que deve ser fomentada e nunca destruida.

Da permissão de se caçar com armadilha, resultará em primeiro logar a destruição rapida e quasi total da caça, seguidamente a diminuição das receitas do Estado pela falta de licenças de porte d'arma, das receitas camararias pela suppressão das licenças de cães, de furões, etc., dos caminhos de ferro, pela falta de transito das centenas de caçadores, que constantemente transitam de um para outro ponto, dos hoteleiros, donos de carros de aluguer e tantas outras creaturas que constantemente prestam serviços aos caçadores, e finalmente das espingardarias e casas congeneres que não podendo pagar as suas contribuições terão de encerrar as suas portas.

São mais de 50.000 os cidadãos portuguezes que praticam o exercicio venatorio, justo é que haja um pouco mais de consideração pelos seus direitos, absolutamente legitimos.

Existem em Lisboa e Porto duas commissões Regionaes Venatorias creadas por lei e eleitas por todos os caçadores do paiz e suas representantes legaes e legitimas. Porque as não ouve o governo, antes de se abalançar a mecher um assumpto tão grave e complicado, que só por technicos deve ser resolvido e tratado?

E assim o Club dos Caçadores Portuguezes interpretando o sentir unanime de todos os caçadores do paiz, protesta vehementemente contra as medidas que o governo tomou ou venha a tomar relativas á caça.—Saude e Fraternidade.—A direcção.

A Associação dos Caçadores, porém, e pelas medidas extraordinarias tomadas pelo governo actual, em nova reunião, effectuada hoje, deliberou não entregar esta reclamação, reservando-se para fazer valer os seus direitos e procurar fazer cumprir as disposições da lei da caça, logo que esteja organisado novo governo.

Algumas anecdotas

Em vez de alteres levava chouriços...

Quando o campeão de força, Manuel da Silveira foi a Paris, executou maravilhosos exercicios e alguns d'elles ficaram registados como «records» do mundo. O nosso hercules, porém, garantiu que ainda podia fazer melhor se não fôsse a differença de comidas, que lhe alterou os intestinos e o enfraqueceu ligeiramente.

Francisco Padinha, soube d'isto e preoccupou-se com o caso. Andou dias e dias a pensar como havia de resolver o assumpto se tivesse de ir a Lyon disputar o campeonato do mundo.

—Uma tarde, um companheiro de sport e tambem de treino, encontrou Padinha muito atarefado.

—Que andas a fazer?

—A preparar a mala, que talvez tenha de marchar para Lyon...

—E onde levas os pesos?

—Não levo. Pesos ha muitos por lá. Ando á procura de comidas solidas para levar, porque não quero estragar o estomago como succedeu ao Silveira. A proposito, não sabes onde se vende presunto e chouriço bom?

—Isso ha por lá...

—Mas, disseram-me que não presta. Prezunto e chouriços só o de portuguezes...

Noticias

Entre nós

Taça Rhodes de automobilismo nautico

O Club Naval enviou officios a todos os proprietarios de barcos de motor, convidando-os a inscreverem-se na prova em que se disputava a taça que a este Club foi offerecida por João Duarte Rhodes, distincto «sportsman» muito conhecido no nosso meio sportivo pelo seu grande amor ao «sport» nautico e em especial ao automobilismo nautico de que elle é devotado propagandista e cultor.

A sua generosa acção é louvavel e digna de registo e n'ella patenteou Duarte Rhodes o seu interesse pelo Club Naval sob cuja bandeira elle tem trabalhado como ainda este anno o fez, como presidente da secção de motor, onde tanto se salientou.

A junta directora, querendo corresponder ao interesse desportivo do seu prestimoso consocio, resolveu na sua ausencia com o valioso auxilio do não menos dedicado consocio José Joaquim de Almeida, auctor do regulamento da taça, pôr esta á disputa ainda, no que envidou os maiores esforços para a sua effectivação no que não foi feliz.

Não perderá a prova o seu brilhantismo na futura epocha, sendo mais uma a enriquecer o vasto kalendario de provas organisadas por este club para 1916.

Federação Portugueza de Sports

Hoje, pelas 21 horas, devem comparecer no Atheneu Commercial de Lisboa, os concorrentes aos campeonatos de pezos e «box» organisados pela Federação Portugueza de Sports, e que se effectuam amanhã n'aquella collectividade, a fim de serem pezados e divididos pelas respectivas categorias.

A primeira prova realisa-se ás 15 horas e a segunda começa a disputar-se ás 21 horas.

TOURADAS

SETUBAL, 13.—E' ámanhã a ultima corrida da epocha, promovida por José da Costa e em que toureiam a cavallo Constantino José, Sebastião Ramos e Jayme Theodoro Amarante, que faz a sua estreia. Os forcados são da classe maritima, a quem o promotor da corrida a dedica.

A corrida principia ás 16 horas, havendo jogo da rosa, sorte de D. Tancredo e um intervallo comico e sendo dirigido pelo aficionado Antonio Victorino Carrapeta.

Guarda republicana

Manifestação funebre

A manifestação de homenagem que a guarda nacional republicana tenciona fazer aos seus camaradas mortos por occasião da revolução de 14 de maio, e que estava annunciada para amanhã, ficou transferida para o dia 28 do corrente.

PEQUENAS NOTICIAS

Em opusculo foi publicada a minuta da Relação de Lisboa pelo advogado sr. Accacio Ludgero d'Almeida Furtado na appellação commercial em que é appellante o sr. Henrique Carlos de Meyrelles Kendall, como obrigacionista do 2.º grau da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e appellada a mesma companhia.

Jantares-concertos

No Casino de S. José de Ribamar, em Algés, continuam todos os dias os deliciosos jantares-concertos que tão apreciados teem sido por dezenas de pessoas que diariamente ali concorrem.

Para o «menu» do jantar de ámanhã, que vae em outro logar, chamamos a attenção dos nossos leitores.

Festas associativas

No Club Recreativo Luzitano inaugura-se amanhã a epoca de inverno com a representação da comedia «As alegrias do lar». No proximo mez a direcção promove diversas festas e ainda no corrente será representada «A morgadinha do Val-flor» para reapparição do amador Carlos Alves.

Promovida pela direcção, ha hoje, ás 21 horas, na Sociedade Promotora de Educação Popular recita com as peças «O gaiato de Lisboa» e «Um capricho feminino», abrilhantada pela orchestra da Sociedade, seguindo-se baile.

Proseguem amanhã no Grupo Dramatico Lisbonense as festas commemorativas do 9.º anniversario, havendo recita com o drama «Operarios em gréve» e seguindo-se baile.

No Centro Alberto Costa

Inauguração de retratos

Realisa-se amanhã, pelas 14 horas, na séde do Centro Escolar Republicano Dr. Alberto Costa a inauguração dos retratos dos srs. presidente da Republica e dr. Affonso Costa.

Estão convidados diversos oradores entre os quaes os srs. drs. Alexandre Braga, Souza Junior e Ferreira da Fonseca e os srs. Raymundo Alves, Agostinho Fortes, Faustino da Fonseca e Ricardo Covões.

Foram tambem convidados o director do Partido Republicano Portuguez e a commissão executiva da camara municipal de Lisboa. O sr. presidente da Republica far-se-ha representar.

MUSICA

Promovido pelo Salão Mozart, realisa-se depois d'amanhã, ás 14.30', no Eden-Theatro, um concerto de pianola, para o qual foi convidada a imprensa.

Empreza Internacional C. Correia Pereira Limitada

Para os devidos effeitos se faz publico que por escriptura de 6 do corrente mez lavrada em notas do cartorio do notario abaixo assignado, se constituiram em sociedade por quotas de responsabilidade limitada Carlos Correia Pereira e Adriano Telles, nos termos e sob as clausulas constantes dos artigos seguintes:

1.º—Para todos os actos e contractos a sociedade adopta a denominação de «Empreza Internacional C. Correia Pereira Limitada».

2.º—A sociedade tem a sua séde em Lisboa e o seu escriptorio na rua dos Correeiros, numero 110, 2.º, podendo ter agencias tanto em Portugal como no estrangeiro, se isso lhe convier.

3.º—O seu objecto é o exercicio de commercio de commissões, consignações, representações e conta propria, tanto em Portugal como no estrangeiro, podendo ser ampliado a qualquer outro ramo que a sociedade resolva explorar.

4.º—A sociedade teve o seu começo de um do corrente mez de novembro e a sua duração será por tempo indeterminado.

5.º—O capital social, correspondente á somma das quotas dos dois socios, é de 12.000$00.

Paragrapho 1.º—A quota do socio Carlos Correia Pereira é da importancia de 3.000$00, que já se acha integralmente realisada e representada pela differença entre o activo e passivo do dito escriptorio, conforme balanço dado em 31 de outubro findo, escriptorio que o mesmo socio desde já transfere para a sociedade e n'ella põe em commum com todos os seus direitos e encargos, transferindo egualmente para a sociedade as referidas marcas numeros 17737, 17730 e 17912.

Paragrapho 2.º—A quota do socio Adriano Telles é da importancia de 9.000$00, toda em dinheiro, da qual já se acham realisados 1.000$00, que deram entrada na caixa social, o que expressamente fica declarado para os effeitos do paragrapho unico do artigo 5.º da lei de 11 abril de 1901.

Paragrapho 3.º—O socio Adriano Telles obriga-se a realisar mais 2.000$00 da sua quota até 31 de dezembro do corrente anno, devendo o restante sel-o até 31 de dezembro de 1917, á medida que o gerente Carlos Correia Pereira o julgue necessario.

6.º—Não haverá prestações supplementares, mas os socios poderão fazer á caixa social os supprimentos que esta necessite ao juro de 6 e meio por cento ao anno.

Paragrapho unico.—A sociedade não poderá contrahir emprestimos nem acceitar quaesquer supprimentos, nem dos socios nem dos estranhos, emquanto não estiver integralmente realisado o capital social.

7.º—Nenhum dos socios poderá ceder a sua quota ou parte d'ella sem a offerecer por carta registada á sociedade que poderá adquiril-a pelo respectivo valor inicial, accrescido da parte do Fundo de Reserva e dos lucros correspondentes ao tempo decorrido desde o ultimo balanço approvado até á data da celebração da escriptura de cessão, calculados estes por uma percentagem proporcionalmente egual aos que tiverem competido ao capital cedido.

Paragrapho unico—Se a sociedade não quizer usar da preferencia que lhe é facultada no presente artigo e nos termos no mesmo estipulados, poderá a referida quota ou a sua parte ser alienada livremente.

8.º—Não obstante o que fica estipulado no artigo anterior a cessão total ou parcial d'uma quota a favor de qualquer socio e a divisão de quotas por herdeiros ou legatarios dos socios não carece de auctorisação especial da sociedade.

9.º—A administração de todos os ne-

tidos appellos ás mulheres allemãs para não desanimarem, os homens que estavam na frente com descripções alegre e soffrerem as privações com paciencia.

Tanto os discursos publicos como os artigos dos jornaes durante a maior parte do primeiro anno de guerra insistiam menos na perspectiva d'uma victoria positiva do que na habilidade «de se manterem». «Wir werden durchhalten» era o estribilho constante, e acrescentava-se habitualmente: «Venceremos porque queremos vencer».

As enormes perdas dos exercitos allemães tiveram um effeito grandemente desanimador na primeira phase da guerra e entendeu-se por conveniente promover um movimento contra a onda de tristeza que invadia o publico. Depois de terem apparecido as primeiras listas de perdas os jornaes foram prohibidos de publicar quaesquer outras que não fossem as que se referissem ás localidades onde elles saíam, juntamente com os nomes dos officiaes mortos, e o publico tinha ou de alcançar essas listas quando eram affixadas pelas auctoridades militares ou de ir aos edificios militares ou secretarias municipaes onde ellas eram affixadas.

As «celebrações» das victorias eram, como succedia de resto com tudo, organisadas pelo governo. Quando se deliberava fazer uma celebração, ordens eram dadas para os sinos tocarem e bandeiras serem hasteadas nos edificios publicos como signal para a população as hastear em todas as casas. Ao mesmo tempo as escolas eram fechadas por um dia, depois dos professores terem pronunciado discursos patrioticos apropriados.

A melhor organisação algumas vezes foi intempestiva, como succedeu no começo de maio por occasião da grande victoria austro-allemã da Galicia. Era o periodo mais critico das negociações com a Italia e na pressa de crear a desejada impressão o kaiser deu ordens para Berlim para a celebração de um triumpho, sem esperar por qualquer informação ácerca do que havia acontecido. Alguns disseram que «uma grande batalha no mar do Norte» se dera finalmente, outros que «20.000 francezes haviam sido feitos prisioneiros» e ainda outros que os russos haviam perdido 180.000 homens.

Em Munich a multidão enchia as ruas durante todo o dia, disputando

Tenente coronel H. C. Buller, da divisão canadiana que está em França

se a victoria tinha sido ganha por Hindenburg ou por um austriaco. O «Tägliche Rundschau» queixava-se de que as auctoridades não «poupavam os nervos do povo» e dizia:

«Porque estamos impacientes? Não ha um unico signal de hysteria publica que prevaleça em França. Vivemos na mais tranquilla confiança e herr Hindenburg goza entre nós sentindo ha semanas e mezes. E agora esse obscuro sentimento é officialmente trazido a publico.

Quando as bandeiras são hasteadas por meio dia em todos os edificios officiaes desejamos saber a ra-

ctos da situação financeira da Allemanha no principio da guerra.

A 4 d'agosto de 1914 o Reichstag votára creditos para a guerra n'um total de 250.000.000 libras. Um anno depois, o total dos creditos votados subia a mais de 1.500.000.000 libras. Em dezembro haviam sido votados mais 250.000.000; em março foram pela terceira vez votados creditos de 500.000.000 e em agosto findo, pela quarta vez, outras 500.000.000 libras.

Uma das medidas especiaes tomadas no rebentar a guerra foi auctorisar o imperio a descontar bilhetes do Banco Imperial a tres mezes em vez de bilhetes do thezouro. O resultado foi que o «stock» de bilhetes no Banco Imperial, que uma semana antes da guerra sommára 37.500.000 libras subiu em fins de agosto a 237.500.000 libras. No fim de março do corrente anno o total de bilhetes era de nada menos de 343.000.000 libras. Semelhantemente, o total de notas em circulação elevou-se de cerca de 95.000.000 libras, que era em fim de julho de 1914, a quasi 212.000.000 em fim de agosto, a mais de 280.000.000 em fim de março e a mais de 290.000.000 em fim de julho passado.

Por outras palavras, a mobilisação dos exercitos allemães foi custeada pela creação de papel e o Banco Imperial, que já estava sobrecarregado, ainda mais o foi logo apoz a emissão dos «Loans» de Guerra.

Logo em setembro o governo emittiu o primeiro «Loan» de Guerra. Fez-se a emissão de 50.000.000 libras a 5 por cento. Os «bonds» do thezouro, com cinco annos de prazo, obtinham 5 por cento. O «loan» só era reembolsavel em 1924. O preço dos bilhetes do thezouro e do «loan» era de 97,5. Durante os dez dias em que a subscripção esteve aberta, uma grande propaganda foi feita na imprensa. Os bancos economicos entraram na operação e toda a especie de appello ao publico foi feita. O seguinte appello d'um jornal officioso é verdadeiramente typico:

«As victorias que o nosso glorioso exercito alcançou já no occidente e no oriente justificam a esperança de que agora, como em 1870, as despezas e encargos da guerra recahirão por fim sobre os que perturbaram a paz do Imperio Allemão. Mas primeiro devemos auxiliar-nos a nós proprios. Grandes interesses estão em jogo. O inimigo espera ainda a salvação da nossa supposta fraqueza financeira. O exito da subscripção do «loan» fará baquear essa esperança.

Capitalistas allemães, mostrae que são inspirados pelo mesmo espirito dos nossos heroes, os quaes derramam o sangue dos seus corações na lucta. Allemães que teem poupado dinheiro, mostrem que economisaram não só para si, mas tambem para a patria. Corporações, cidades, companhias, bancos economicos, e todas as instituições que teem florescido e crescido sob a poderosa protecção do Imperio, respondam ao Imperio com a sua gratidão n'esta hora de provação. Banqueiros allemães e banqueiros, mostrem o que a sua brilhante organisação e a sua influencia sobre a sua clientela são capazes de conseguir.»

Os resultados foram satisfactorios. O total das subscripções elevou-se a 223.000.000 libras, figurando n'esse numero principalmente os pequenos subscriptores. Houve, por exemplo, 231.000 subscriptores de 5 a 10 libras, 241.000 de 15 a 25, 453.000 de 30 a 100 e 157.000 entre 100 e 250 libras. Segundo todas as probabilidades, 40.000.000 libras foram subscriptas pelos bancos economicos. Uma quantia consideravel proveiu das transacções de seguros com os Bancos de Guerra, que foram creados especialmente para esse fim, mas ao que parece não deram o resultado que se esperava.

As instituições de emprestimos do governo, estabelecidas em ligação com o Banco Imperial, foram auctorisadas a emittir acções n'um total de 150.000.000 libras, mas, segundo as estatisticas publicadas, o total do papel emittido nunca foi além de 79.000.000 libras. Esse total foi

gocios da sociedade e a sua representação, em juizo ou fóra d'elle, serão exercidas por dois gerentes.

Paragrapho 1.º—Ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução, os dois socios outorgantes.

Paragrapho 2.º—O gerente Correia Pereira obriga-se a dedicar toda a sua competencia e actividade á administração e mais negocios da sociedade, dirigindo a escripturação, caixa e tudo o mais que fôr necessario.

Paragrapho 3.º—O gerente Adriano Telles, não fica com obrigação alguma especial, salvo no impedimento do gerente Carlos Correia Pereira, em que desempenhará todas as attribuições que ficam compelindo especialmente ao dito gerente.

10.º—O socio Correia Pereira receberá, como remuneração pela sua gerencia, 100$00 mensaes, sendo a gerencia do socio Adriano Telles exercida gratuitamente.

Paragrapho 1.º—Além da remuneração mencionada n'este artigo, o socio Correia Pereira receberá mais pela sua gerencia a percentagem de 50 por cento calculada sobre a importancia dos lucros que sobejarem, depois de deduzida a percentagem para Fundo de Reserva e a quantia necessaria para dar ao capital realisado um dividendo de 30 por cento.

Paragrapho 2.º—Se o socio Correia Pereira estiver impedido por mais de dois mezes, ficará, a partir do fim d'este periodo, sem direito a remuneração mencionada no paragrapho anterior que passará a ser recebida pelo socio Adriano Telles, emquanto substituir aquelle na gerencia, ficando, porém, expressamente estipulado que o mesmo gerente tem direito á remuneração fixa de 100$00.

11.º—Nenhum dos socios poderá usar da firma social em actos ou contractos que não respeitem aos negocios da sociedade, taes como em fianças, lettras de favor e outros semelhantes, sob pena de perder a favor dos outros socios os lucros que lhe competirem no anno em que tiver logar a contravenção, ainda que d'esta não advenha prejuizo algum.

12.º—A escripturação da sociedade andará sempre devidamente arrumada e por ella será dado um balanço annual dos negocios da sociedade, devendo o primeiro ser fechado em 31 de dezembro de 1916.

Paragrapho unico.—A gerencia deverá organisar e distribuir mensalmente pelos socios um balancete que dê a conhecer o movimento exacto dos negocios sociaes.

13.º—Os lucros liquidos de todos os encargos e despezas, conforme o respectivo balanço annual, terão a seguinte applicação:

1.º—Para Fundo de Reserva 5 por cento.

2.º—Para remuneração ao capital realisado a quantia precisa para lhe dar dividendo de 30 por cento.

3.º—O restante, deduzidos os 50 por cento para remuneração da gerencia conforme o disposto do paragrapho 1.º do artigo 10.º, será dividido pelos socios na proporção do capital realisado e correspondente ao tempo decorrido desde a data de entrada de respectiva parte ou partes do capital até á data do balanço.

14.º—Cada socio poderá retirar mensalmente para suas despezas particulares e por conta dos seus respectivos lucros até á quantia de 100$00 mensaes, tendo comtudo de pagar á sociedade o juro de 6 e meio por cento do que levantar a mais de 50$00.

15.º—A sociedade dissolve-se pela morte ou interdicção do socio Correia Pereira e nos mais casos legaes.

16.º—Dissolvendo-se a sociedade por morte do referido socio Correia Pereira proceder-se-ha á sua liquidação nos termos de direito, salvo accordo em contrario.

17.º—A sociedade não se dissolve pela morte do referido socio Adriano Telles, continuando por isso a subsistir entre os socios sobrevivos e os seus herdeiros.

Paragrapho 1.º—Fica, porém, salvo aos herdeiros do socio Adriano Telles exigirem da sociedade amortisação da quota pelo valor que á mesma tenha sido attribuida no ultimo balanço, accrescido da respectiva parte do Fundo de Reserva e dos lucros correspondentes ao tempo decorrido desde o ultimo balanço approvado, calculados estes por uma percentagem proporcionalmente egual aos que competirem á mesma quota por aquelle balanço.

Paragrapho 2.º—O preço liquido nos termos do paragrapho anterior será pago em prestações semestraes de 2.000$00 cada, devidamente garantidas, vencendo-se a primeira seis mezes depois de feita a liquidação.

Paragrapho 3.º—As prestações a que se refere o paragrapho anterior vencerão, emquanto não estiverem pagas, o juro annual de 6 e meio por cento.

Paragrapho 4.º—Se quaesquer das prestações a que se refere o paragrapho 2.º deste artigo não fôr paga no seu vencimento poderão os herdeiros do socio Adriano Telles exigir a dissolução da sociedade a fim de se proceder á sua liquidação.

Em qualquer caso de liquidação, todas as marcas mencionadas no paragrapho 1.º do artigo 5.º e bem assim as denominadas «Pó Meyers», «Sabonete Solarine», «Unizona», «Russel Cerol», «Sabão Ideal», «Mary Cream» e «Delarine», que se não acham registadas, serão adjudicadas ao socio Correia Pereira ou aos seus herdeiros e representantes sem valor algum por sem valor algum ter entrado para a sociedade.

19.º—Em tudo o mais observar-se-hão as disposições da lei de 11 de abril de 1901 e mais disposições do Codigo Commercial.

20.º—Para todas as questões emergentes d'esta escriptura entre os contractantes, seus herdeiros ou representantes, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa, com renuncia expressa a qualquer outro.

Lisboa, 10 de novembro de 1915.

O notario,
Alfredo May d'Oliveira.

Associação Commercial de Lojistas de Lisboa
PAUTAS ADUANEIRAS

São convidados a reunir ámanhã pelas 14 horas, na Avenida da Liberdade, 19, 1.º, (futura séde d'esta Associação) todos os associados a quem directamente possa interessar o estado da remodelação das actuaes pautas alfandegarias, especialmente aquelles que foram convidados para assistirem á reunião que devia ter logar hontem a fim de se iniciarem os trabalhos que hão de, por parte d'esta collectividade, ser submettidos ao parecer do Conselho do Serviço Technico Aduaneiro, que foi encarregado, por portaria de 5 de Julho findo, de proceder ao mencionado estudo.

Lisboa, 13 de Novembro de 1915.
O Presidente da Direcção
Apolinario Pereira

Caminhos de Ferro do Estado
Direcção do Sul e Sueste
Aviso ao publico
Leilão de remessas retardadas e volumes abandonados

Previne-se o publico, de que, no dia 12 do corrente mez e seguintes, pelas 11 horas e na estação do Barreiro, proceder-se-ha á venda, em hasta publica, de todas as remessas com data anterior a 30 de Julho de 1915, bem como de outros volumes não reclamados de conformidade com o artigo 113.º da tarifa geral em vigor.

Ficam portanto avisados os consignatarios das remessas abaixo indicadas e de outras que, pela sua menor importancia se não mencionam, de que poderão ainda retiral-as, pagando todos os debitos, para o que deverão dirigir-se ao Serviço do Trafego d'esta Direcção, até ás 16 horas do dia 11.

Remessa n.º 2.725 de Escoural a Lisboa J., 1 volume de saccos vazios; n.º 5.738 de Estombar a Lisboa J., 1 barril de vinho; n.º 5.739 de Estombar a Lisboa, J., 1 barril de vinho; n.º 1.276 de Portimão a Lisboa J., 4 caixas de garrafas vazias; n.º 24.597 de Gaia a Setubal, 1 caixa vinho; n.º 17.414 de Faro a Lisboa S. A., 4 barras de ferro; n.º 50.839 de Lisboa S. A. a Luz, 1 topo de mangue, n.º 1.998 de Loulé a Setubal, 4 fardos de palma; n.º 45.515 de Lisba J. a Barreiro, 1 caixa de licores; n.º 27.705 de Gaia a Aljustrel, C. Verde, 1 caixa vinho; n.º 27.707 de Gaia a Aljustrel, C. Verde, 1 caixa vinho; n.º 58.704 de Lisboa J. a Beja, uma caixa cerveja; n.º 62.918 de Lisboa J, a Faro, 1 meza; n.º 4.250 de Lisboa S. A. a Faro, 1 grande taboleiro de ferro; n.º 8.971 de Olhão a Lisboa J., 2 volumes saccos vasios; n.º 49.050 de Lisboa J. a Olhão, 1 caixa licor; n.º 57.857 de Lisboa S. A. a Setubal, 1 caixa machinismo e 2 rodados; n.º 271 de Estremoz a Lisboa J., 2 caixas apparelhos automaticos; n.º 30.568 de Lisboa a Olhão, 1 grade papel; e n.º 6.751 de Estremoz a Portimão, 1 pacote linhas.

Lisboa, 8 de Novembro de 1915.
O Engenheiro-Director
Arthur Mendes.

Beatriz Augusta da Cunha
Agradecimento

Alberto da Cunha, Maria José da Cunha, Luiz Alexandre da Cunha, Grasiella Maria da Costa Cunha, Ilda Augusta da Cunha, Augusto Alexandre da Cunha, Eduardo Alexandre da Cunha, Bluette Augusta da Cunha, Grasiella Augusta da Cunha, José Augusto, Eugenio Augusto de Jesus, Eduardo José Franco, Guilhermina Franco, José Rodrigues, Beatriz Augusta Rodrigues e filho, José Maria Chamusca, Augusta Eugenia Chamusca e filhos cumprem o doloroso dever, que só a si pertence, de agradecer a todas as pessoas de sua amisade e parentes, que a seu convite e unico feito, se dignaram acompanhar á sua ultima morada sua muito extremosa filha, irmã, cunhada, neta e sobrinha Beatriz Augusta da Cunha, que falleceu no hospital de S. José no dia 29 de Outubro, tendo-se realizado o funeral no dia 4 do corrente mez.

Luiz Augusto Collares
FALLECEU
R. I. P.

Maria de Jesus Silva Collares, Vicente Augusto dos Santos e seus filhos, Rufina dos Santos, Antonio Francisco de Sequeira e mulher, Guilherme Maria de Sequeira e filhos, Flavio Paulo Autunes e mulher, cumprem o doloroso dever de participar o fallecimento de seu muito presado marido primo e padrinho Luiz Augusto Collares e que o seu funeral terá logar amanhã, 14, sahindo da Egreja parochial de Collares, ás 10 da manhã, para o seu jazigo no Alto de S. João, onde deverá chegar ás 4 horas da tarde.

Esperam lhe honrem este acto com a sua presença.

Augusto Viriato da Cunha Porto
Falleceu
em Pernambuco a 15 de Setembro de 1915

A sua viuva Cypriana Luisello Pereira Fernandes da Cunha Porto, seus filhos, noras, netos e o seu particular amigo João Verissimo de Barros Vianna assim o participam e convidam os seus parentes e pessoas da sua amizade a assistirem á uma missa que se resará na proxima segunda feira 15 na egreja de Santa Justa e Rufina pelas 12 horas.

gido em abril passado, a quando da subscripção para o segundo «loan» de guerra.

Em breve se reconheceu que a fiscalisação do thezouro em tempo de guerra era demasiada para o commissario superior herr Kühn, que desempenhava esse cargo desde 1912. Herr Kühn succumbiu d'um ataque de gotta e um joven e habil director do Deutsche Bank, o dr. Helfferich, foi nomeado para lhe succeder. Era homem de largas idéas, que tratava dos negocios do Estado sob um ponto de vista puramente commercial. Não olhava a meios para conseguir os seus fins e depois do exito do primeiro «loan» de guerra publicou um pamphleto lombastico destinado aos paizes neutraes, no qual dizia que o «loan» allemão «excedera em importancia as maiores operações financeiras conhecidas na historia» e que a Allemanha levára a cabo «um facto unico na historia das finanças».

Foi tambem indicado para o logar de ministro, pela publicação d'uma analyse das causas da guerra extremamente enganosa.

Em março de 1915 fez-se a emissão do segundo «loan» de guerra—a esse tempo um total illimitado tanto de «bonds» do thezouro como do «loan» imperial, com o juro, como anteriormente, de 5 por cento, mas com o preço elevado de 97.5 a 98.5. O segundo «loan», como o primeiro, era amortisavel até 1924. A emissão foi proclamada como um grande successo e produziu nada menos de 450.000.000 libras, sendo o numero de subscriptores de cêrca de 1.700.000.

Mais informação alguma veiu a publico relativa ás origens d'essas subscripções e uma estatistica official mostrou que os bancos economicos concorreram só com cêrca de 98.000.000 libras. O resultado foi um triumpho da organisação e da propaganda publica e o governo não teve duvida em supprimir grande parte dos «bancos economicos da guerra» que não haviam correspondido á missão para que haviam sido creados.

Na occasião da emissão do segundo «loan» de guerra, o dr. Helfferich fez a sua primeira apparição no Reichstag e proclamou a doutrina de que a Allemanha tinha apenas de «alcançar» a victoria e depois resarcir-se á custa do inimigo. Descreveu o methodo britannico de augmentar as contribuições em tempo de guerra como «inutil adhesão á tradição». Avaliou o custo total da guerra para todos os belligerantes, n'aquella occasião, em 75.000.000 libras por semana.

O successo do segundo «loan» de guerra foi considerado como uma immensa victoria. N'uma mensagem de congratulação o kaiser declarou que era «uma manifestação da vontade de conquistar e da confiança na victoria do povo allemão, auxiliado por Deus».

Apezar do dinheiro da emissão do segundo «loan» de guerra estar gasto e o governo estar de novo sustentando a guerra com bilhetes do thezouro, o terceiro «loan» só foi emittido em setembro ultimo. Foi de novo emittido a 5 por cento, mas sem «bonds» do thezouro. O preço de emissão foi elevado a 99, principalmente com o fim de ostentação.

Admittia-se que o enthusiasmo diminuira, mas o successo foi esperado com confiança, especialmente acreditando-se, como se acreditava, que a situação dos bancos era de novo forte e que os depositos nos bancos economicos subiam a mais de 1.000.000.000 libras. O dr. Helfferich avaliou n'essa occasião as despezas de guerra da Allemanha em cêrca de 100.000.000 libras por mez. De novo tentou inspirar confiança insistindo na esperança d'uma grande indemnisação de guerra.

Em relação á insistencia quanto á indemnisação, os allemães a esse tempo cada vez mais se apaixonavam pela doutrina de que sustentavam a guerra pela exploração dos seus proprios recursos internos, ao passo que com os outros povos tal não succedia, fazendo verdadeiros jogos malabares nas finanças.

Imaginavam que tal processo podia prolongar-se indefinidamente. E essa doutrina confortavel era tam-

bem empregada para attenuar a anciedade derivada do facto dos saques do estrangeiro não serem satisfeitos, tendo o valor do marco cahido 12, 14 e até mesmo 16 por cento em todos os paizes neutraes, desde a Suecia ao Brazil.

Os allemães lançavam um discreto véu sobre os negocios dos seus alliados. Na Austria-Hungria não se publicava balancete algum dos bancos nem se fazia allusão alguma ao deploravel estado das finanças e do commercio. A Turquia estava vivendo do papel moeda, com saques imaginarios de ouro por «conta da Turquia» sobre os bancos de Berlim. Mesmo na Allemanha a situação era cuidadosamente occultada, prohibindo-se a publicação do preço das cambiaes.

Era grande a especulação no que respeitava aos productos industriaes que aproveitavam com a guerra, mas as transacções eram secretas e o governo exercia grande pressão para impedir as especulações que se suppunha fazerem correr risco aos «loans».

Apoz alguns mezes de guerra, os Estados germanicos e as municipalidades supprimiram todas as informações ácêrca das suas finanças, dizendo-se apenas que estavam em pleno accordo com o governo imperial. A «Frankfurter Zeitung» admittia, em fevereiro, que os orçamentos dos diversos Estados estavam todos mais ou menos confusos. Parece, na realidade, que se contentavam com emissões periodicas de bilhetes do thezouro á medida que surgia uma necessidade.

Durante o primeiro anno de guerra o orgulho e a alegria do Banco Imperial e a de todo o povo consistiu na accumulação de ouro. Antes da conflagração a Allemanha havia chamado a si todo o ouro que podia e bastantes difficuldades foram causadas pela elevação, no Banco de Londres, quatro dias antes da guerra, da taxa de desconto a 10 por cento. O «stock» do ouro no Banco Imperial, em 30 de julho de 1914, era d'uns 62.000.000 libras.

Pouco a pouco e por um intenso esforço fôra elevado a 120.000.000 libras e o total pouco descera no fim do primeiro anno de guerra.

O total elevára-se em dezembro a 100.000.000 libras, principalmente pela suspensão total de pagamentos em dinheiro, seguindo-se então a febre de amealhar. Ao publico dizia-se que era um dever imperativo entregar todas as economias. Organisou-se uma especie de drenagem e até os alumnos das escolas eram recompensados quando traziam ouro para ser trocado por papel.

A's mulheres foi aconselhado que offerecessem os seus anneis e adornos para a «Terra mãe». A quantia obtida foi grande, mas não tanto como se esperára.

Recorrendo a diversos meios, a Allemanha conseguiu crear e manter uma situação financeira toleravel. Acima de tudo e devido aos successos obtidos em campanha, o publico estava satisfeito. Não se notavam disposições de investigar ácêrca da situação verdadeira e a continuação dos depositos que se faziam nos bancos economicos era uma prova da confiança publica.

Dissemos que a primeira explosão de jubilo causada pela guerra não durára muito e parece obvio que as condições economicas que descrevemos não eram de molde a provocar enthusiasmo, especialmente quando se demonstrou de modo irrefutavel que os alliados não podiam ser separados por intrigas diplomaticas e quando se viu que os successos allemães não aterrorisavam a Italia, nem produziam entre os Estados neutraes em geral os effeitos que segundo pensavam os theoricos allemães deviam ter-se produzido.

A' medida que a lucta progredia ia augmentando a tristeza na população. Isso provou-se pelo socego com que até as noticias das maiores victorias na fronte oriental foram recebidas e pelas constantes lamentações ácêrca de difficuldades e privações.

Cartas que foram encontradas a prisioneiros allemães elucidaram amplamente este ultimo ponto e entendeu-se ser necessario fazer repe-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1896—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,

LISBOA—Domingo, 14 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

CONSEQUENCIAS DA GUERRA

A união economica dos alliados

Estabelecer-se-ha em bases solidas apoz a terminação da lucta — Os paizes neutraes deixarão de vender os seus productos

Das consequencias que advirão para o commercio dos paizes neutraes, referindo-se em especial á Hespanha—mas podendo applicar-se a todos os outros em egualdade de circumstancias—diz o brilhante artigo do jornalista Ramiro de Maeztu, que sahiu no *Nuevo Mundo* e que em seguida trascrevemos:

O problema começa já a preoccupar alguns dos mais previdentes dos nossos politicos e diplomatas. Convém tambem que o publico em geral comece a interessar-se pela questão, que, mais ou menos, nos affectará a todos. Trata-se da situação em que ficará a Hespanha ao findar a guerra e das relações que poderemos estabelecer com as nações da Europa Occidental: França, Inglaterra, Belgica e Italia.

Uma coisa parece já estabelecida pelo proprio decorrer da campanha. O centro da guerra foi mudado para o Oriente. O ponto em ebulição está nos balkans. A guerra gira em torno d'uma pergunta—de uma pergunta principalmente.—Em que esphera de acção ficarão incluidos, ao terminar a guerra, os estados balkanicos e a Turquia? Na dos imperios centraes? Na da Russia, Italia e Inglaterra?

Isto quer dizer que para nós, hespanhoes, a guerra se deslocou para a outra extremidade do mappa da Europa. Não se approxima de nós, antes se affasta. Isto quer dizer que as coisas ficarão do lado do Occidente pouco mais ou menos como estavam ao principiar a guerra e que assim o reconhece o estado maior allemão. Do lado de cá, os allemães não veem probabilidades de decidir o conflicto. Por isso, vão para outro lado. Vão procurar nos Balkans o que não podem achar no Occidente: a decisão, o fim, a victoria, a paz.

Este facto tem de fazer mudar de attitude os que puderam suppôr por um momento que a guerra significaria para as potencias occidentaes o principio do fim. Quando as massas allemãs se arrojavam, irresistiveis, sobre Paris, houve hespanhoes que acreditavam de boa fé que para as nações do Occidente da Europa soára a hora do seu destino. Em tal supposição, era possivel justificar uma politica de approximação com a Allemanha. A França acabára, a Inglaterra ia acabar, entendamo-nos com a Allemanha. Taes as bases em que essa politica podia assentar.

Essas illusões fel-as desapparecer o decorrer dos acontecimentos. Nem a França acabou, nem a Inglaterra acaba, nem ha, agora, a minima probabilidade de que as potencias occidentaes deixem de ter na Europa o mesmo poder que até aqui tinham. Mas, em compensação, está-se effectuando entre ellas uma mudança consideravel. Consiste essa mudança simplesmente em que a guerra as uniu com uma intimidade que anteriormente não existia. Combateram juntas, junto combatem, continuarão combatendo juntas até ao fim e durante muitos annos continuarão de futuro unidas em recordação da lucta commum.

E esta lucta commum está creando por si mesma novos laços de solidariedade. Estabeleceu-se já, por exemplo, no fabrico de munições, que é actualmente a maior industria da França e da Inglaterra, uma troca de ideias, de engenheiros, de productos, de operarios. Tudo o que sabiam os francezes e os inglezes ignoravam quanto a inventos e methodos de trabalho, sabem-no já estes e vice-versa. A capacidade technica da Inglaterra multiplicou-se pela da França e a da França pela da Inglaterra. Ao mesmo tempo, ambos os paizes se estão utilisando dos descobrimentos allemães que lhes servem para a guerra e continuarão utilisando-se d'elles para as industrias da paz.

Por outro lado, estão-se unificando os seus estados maiores e os seus serviços diplomaticos. Os artilheiros francezes ensinam aos inglezes o modo scientifico de se servirem das peças. Os generaes d'ambos os paizes falam continuamente uns com os outros. Fala-se em constituir um estado maior central, em que estejam representados os de França, Inglaterra e Italia, pelo menos. Tambem se está procurando o modo de fazer com que os serviços diplomaticos e consulares d'esses paizes trabalhem de commum accordo e dividam entre si o trabalho. Escusado será dizer que se trata de aproveitar essa intimidade de relações em toda a especie de questões economicas. Começou já a fazer-se isso. O governo inglez, por exemplo, tencionava applicar aos vinhos os novos impostos de consumo. Não o fez, para não prejudicar os vinhos francezes. Tambem propoz ao parlamento o estabelecimento de um imposto sobre os chapeus que fôssem importados. Não foi applicado attendendo a que muitos chapeus para senhoras vão de França.

Isto é apenas o prologomeno de medidas futuras. De facto, pode já prever-se que ao findar a guerra as potencias occidentaes constituirão, d'uma ou d'outra fórma uma liga aduaneira para se defenderem contra os paizes inimigos ou neutraes.

Este modo de pensar é habitual em Inglaterra. O que até agora se oppôz á sua realisação foi, em primeiro logar, o facto da Inglaterra estar affastada das disputas continentaes e não se ter resolvido nunca a fazer uma alliança com a França. A alliança, com effeito, não começou por um tratado, mas por um envio de tropas em auxilio dos exercitos francezes. Em consequencia d'essa independencia da Inglaterra era muito mais facil manter a doutrina livre-cambista de comprar os productos nos mercados mais baratos.

Mas d'aqui em deante a Inglaterra será um paiz alliado da França, assim como da Belgica e da Italia. Essa alliança assentará, em tempo de paz, em bases economicas. Podemos desde já prever a constituição, no Occidente da Europa, de um grande grupo economico de nações que procurarão favorecer-se mutuamente e que tratarão de não comprar em outros paizes senão os productos que as outras lhes não possam fornecer.

Comprar-nos-hão, por exemplo, os minerios de ferro e de cobre, se não puderem adquiril-os nas outras ou nas suas colonias. Mas os inglezes não nos comprarão os nossos vinhos se puderem encontrar outros semelhantes na Italia, nem as nossas fructas se encontrarem outras que com ellas se pareçam na Argelia ou em Tunis.

E' uma contingencia contra a qual nos devemos prevenir a tempo. D'essa contingencia poder-se-hia porventura livrar uma victoria esmagadora da Allemanha no sector occidental, mas uma victoria allemã nos Balkans não nos livrará, porque a Allemanha poderá obter nos Balkans e na Turquia os productos que actualmente nos compra.

Pelo telegrapho

Nicolau II e o czarevitch em Riga

PETROGRADO, 14.—O imperador e o principe herdeiro visitaram entre 10 e 12 do corrente Revel, Riga e toda a região comprehendida, passando revista ás tropas principalmente ás da região fortificada de Riga, commandadas pelos generaes Radko e Dimitrieff a quem agradeceu os heroicos serviços prestados, fazendo votos pela victoria final.—(*Havas*).

Migalhas

Pureza de lingua

No sentido de zelar pela pureza da lingua nacional a Camara Municipal de Madrid approvou uma moção do alcaide estabelecendo que os letreiros de todos os estabelecimentos de essa capital sejam escriptos em bom castelhano, devendo os commerciantes que tambem desejem os mesmos letreiros em linguas estrangeiras pagar uma sobretaxa de 50 por cento sobre a respectiva contribuição camararia. Na moção referida tambem se propõe uma commissão encarregada de fiscalisar a ortographia das taboletas, corrigindo todos os erros que n'ellas se apresentem.

Felizmente, entre nós, não se perde tempo a cuidar de coisas tão mesquinhas Pelo contrario e a fim de favorecer o ensino das linguas estrangeiras todas as taboletas, os letreiros das montras, os titulos das casas são todos em idiomas de fóra. Quando apparece um logista, que se limita a chamar ao seu estabelecimento de pannos e carrinhos de linha, «Paris na travessa dos Barbadinhos», é caso para erguer as mãos ao céu. Vamos, que a nossa cidade fôsse um centro de turismo. Comprehendia-se então que, ao lado da inscripção portugueza, surgissem varias traducções para elucidar os nossos visitantes. Mas assim, destinados como são os nossos estabelecimentos a servir alfacinhas da gemma e alguns provincianos desgarrados, não entendo a que veem esses letreiros barbaros, que a cada esquina nos apparecem. E' para dar tom? Pois se todos conhecem perfeitamente o dono da casa, se sabemos de fonte limpa que elle se chama Santos, Silva ou Sousa e vende as mais vernaculas camisas de gomma e assigna com difficuldade o seu nome, para que chamar á loja e em inglez «A Perola do Oriente» ou «Salão de prata?»

Outro caso ainda se apresenta curioso. O animatographo tomou entre nós um desenvolvimento enorme, não ha terreola da provincia que não tenha o seu cinema; pois ainda nos apparecem disticos em hespanhol. Não é que as casas editoras nos supponham ainda no dominio dos Filippes. E' que, como temos a mania ingenua de perceber tudo o que vem de fóra, quando deveriamos antes obrigar o que vem de fóra a perceber-nos, os exploradores da especialidade não se dão, a maior parte das vezes, ao trabalho de mandar traduzir. A casa Gaumont tem um traductor de disticos em portuguez. Para Portugal? Não. Para o Brazil, onde os espectadores, apesar de serem visinhos da Argentina, não aturariam o idioma do Cervantes e tomariam decerto como pouca consideração o fornecerem-lhes uma lingua approximada em vez da propria.

André Brun

Entrevistas sensacionaes

"A Capital,, em Paris

HERMANO NEVES entrevistou:

GEORGES CLEMENCEAU — JEAN FINOT — JOSEPH REINACH — GUSTAVE HERVÉ

O nosso presadissimo camarada Hermano Neves, de quem vamos publicar alguns artigos de impressões pessoaes sobre a guerra e o estado de espirito na França, entrevistou em Paris para *A Capital* algumas das mais illustres personalidades da França contemporanea, como Clemenceau, Jean Finot, Joseph Reinach e Gustave Hervé.

Georges Clemenceau, antigo presidente de ministros, jornalista de primeira plana, grande parlamentar, homem politico de extraordinario valor, é quasi inabordavel, mostrando uma constante relutancia pela entrevista. A excepção aberta em favor de Hermano Neves deixou captivado o nosso querido collega para quem o prestigioso director do *Homme enchaîné* foi de uma amabilidade captivante.

Jean Finot, escriptor e philosopho de muita notoriedade, director da *Revue*, é um verdadeiro amigo de Portugal, que conhece, pois que já aqui esteve ha annos, e que acompanha com sincero interesse.

Joseph Reinach é o eminente publicista que todos os leitores do *Figaro* conhecem sob o glorioso pseudonymo de «Polybe».

Gustave Hervé, o famoso antimilitarista e um patriota exaltado, é mestre entre os jornalistas europeus do nosso tempo e ahi está a *Guerre sociale* a demonstral-o eloquentemente.

Nas entrevistas que Hermano Neves conseguiu obter das notabilissimas personalidades que mencionamos ha affirmações de alto valor e alludese n'ellas á situação de Portugal. A cathegoria dos entrevistados dispensa-nos de accrescentar quaesquer palavras ácerca do alcance das suas declarações.

A Capital orgulha-se de poder inseril-as nas suas columnas e agradece, publicamente, aos insignes francezes, que a distinguiram na pessoa do seu enviado especial, a forma por que o acolheram.

Club Brazileiro

A reunião intima de ámanhã, fica transferida para 18 do corrente.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Nunca mais,,

de Araujo Pereira

O livro de sonetilhos, que Araujo Pereira acaba de entregar á publicidade, com a rubrica «Nunca mais», é a cristalisação d'uma dôr, a maior que pode soffrer o coração de um pae. A perda d'essa filha extremecida— o amoroso enlevo de Araujo Pereira—continue o motivo poetico de «O meu amor», anterior producção litteraria do mesmo auctor, que o publico e a critica receberam com as devidas honras, como obra tocada de sinceridade, de sentimentos e de rigor de forma, sem exaggeros de nenhuma especie.

Os que possuem a inestimavel felicidade de ter filhos, pondo sobre as suas cabeças louras a aureola d'uma esperança, esses principalmente ao lêr «Nunca mais», hão de sentir e vibrar n'um reflexo de sympathia os versos d'esse pae desolado, a quem a dôr requintou a sua arte, dictando-lhe esses bellos sonetilhos.

«Nunca mais» é um delicado volume, magnificamente reeditado pela imprensa Lucas.

Poeira da Arcada

Ter opiniões sobre um ou varios assumptos e manifestal-as com clareza, precisamente quando os ouvintes não se mostram gratos a tal favor é crear uma situação de evidencia que muito bem póde levar um homem timido a nunca mais se expor aos juizos do publico, guardando dentro de si os fructos do seu raciocinio e da sua experiencia.

Raramente os ignorantes applaudem os que lhes revelam a baixesa do seu estado.

Os homens enchem-se de orgulho e vaidade, logo que começam a comprehender os desaires da humildade.

A felicidade dos povos representa, ás vezes, uma tal serie de erros e mentiras que não ha nada mais perigoso que querer lançar a Verdade no meio de tanta teia de aranha.

A tradição resulta assim muito necessaria para garantir ao sentimento um dominio tão liso que até os coxos dispãesam muletas e os myopes occulos.

* * *

Ainda, entre nós, se discute, quando um homem baixa á sepultura, se elle politicamente variou as suas crenças ou se persistiu sempre fiel ao mesmo credo.

Produzem-se depoimentos, publicam-se documentos e archivam-se factos.

Que se apura? Uma enorme confusão sobre a mesma pessoa.

Determinar o valor de uma biographia, apreciando-a exclusivamente sob o aspecto politico, é escurecel-a de proposito, para vir a ser julgada com justiça.

* * *

Os grandes homens, nos inicios da sua existencia publica, ignoram frequentemente a sua vocação. Tacleiam na duvida que caminho hão de seguir. Futuros philosophos começam como poetas, litteratos estreiam-se como commerciantes, auctores dramaticos abordam a engenharia, musicos a floricultura.

Um dia, porém, acham o fio que os ajuda a sahir do labirintho. E nunca mais param, a não ser para darem maior largueza ao seu livre esforço.

Na velhice, ao evocarem o seu passado, sentem que estiveram a ponto de prder-se. E' esta apprehensão do perigo que salva os grandes homens e perturba os imbecis.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se dirime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

SAUDAÇÕES AO CHEFE DO ESTADO

A magistratura judicial em Belem

Ao discurso do presidente da Republica responde o sr. Abel de Pinho, presidente do Supremo Tribunal

As figuras proeminentes da magistratura portugueza foram hoje cumprimentar o chefe do Estado, conforme se noticiou. A visita effectuou-se, pelas 13 horas, reunindo-se os magistrados na sala Luiz XV do palacio de Belem, onde áquella hora, vindo da sua residencia particular, compareceu o sr. dr. Bernardino Machado, que se fazia acompanhar pelos srs. presidente do ministerio, ministro da justiça, secretario interino da presidencia e secretario particular.

O sr. dr. Catanho de Menezes apresentou ao chefe de Estado o sr. dr. Candido Pinho, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e em seguida outros magistrados que especialmente o saudaram.

O chefe do Estado pronunciou, então, as seguintes palavras:

A nossa constituição politica, consignando á magistratura judicial o titulo de poder do Estado, quiz consagrar-lhe para o respeito publico a sua alta representação. E é com o mais defferente reconhecimento que eu, eleito do soberano Congresso da Republica, cujo espirito juridico a todos nos cumpre fielmente acatar, me orgulho de receber as suas attenciosas saudações. Destinada a disciplinar a vida nacional, a judicatura portugueza attesta assim os primores da sua propria disciplina, que tem de ser sempre modelar. Por isso tambem aos governos da Republica se impõe a patriotica tarefa de proseguir na obra reformadora, iniciada pelo governo provisorio, de cercar o poder judicial de todas as garantias de independencia necessarias ao avigoramento da ordem social pela sua perfeita harmonia com as livres instituições vigentes. E ser-me-ha extremamente grato ligar o meu nome a tudo que em sua honra se faça.

A essa allocução respondeu o sr. presidente do Supremo Tribunal de Justiça dizendo agradecer em nome da magistratura as palavras de S. Ex.ª o sr. presidente da Republica, ao passo que, em nome d'ella affirmava que, no exercicio da sua missão de disciplina social, essa magistratura, conscia dos seus deveres e do respeito e acatamento ás instituições, que a Nação livremente escolheu, saberia cumprir sempre o seu encargo, com toda a lealdade e sem a menor divergencia, dentro da orbita da sua acção.

Saudam na pessoa do venerando chefe de Estado, a lidima encarnação da soberania nacional, representada pelo mais illustre de entre os cidadãos portuguezes.

Por ultimo, o sr. dr. Abel de Pinho apresentou as saudações d'aquelles dos seus collegas que, por entendiveis razões não poderam ir ali n'aquelle momento apresentar-lh'as pessoalmente.

Em seguida, o sr. presidente do Supremo Tribunal de Justiça e o ministro apresentaram ao chefe de Estado os restantes magistrados, decorrendo a recepção extremamente effusiva e cordeal.

A fim de saudarem o sr. presidente da Republica compareceram em Belem cêrca de cem magistrados, entre os quaes tomámos nota dos seguintes:

Abel de Pinho, Matheus Teixeira de Azevedo, presidente da Relação de Lisboa, Eduardo Tovar de Lemos, Agostinho Barbosa Sotto-Maior, Fernando Bartholomeu, Antonio Mari Vieira Lisboa, juiz do Supremo, Joaquim Augusto Alves Ferreira, juiz do 1.º districto criminal; Assis Coelho, Guilherme Coelho, Carlos Lopes de Quadros, ajudante do Procurador da Republica, José Maria Pestana de Vasconcellos, Augusto Maria de Castro, Julio Sampaio Duarte, Arthur R. d'Almeida Ribeiro, Antonio A. Fernandes Borges, Alexandre de Mello, Affonso Fernandes, Alberto Lencastre da Veiga, Alberto de Castro, Francisco Antunes de Mendonça, Alberto Teixeira de Sampaio, auditor de marinha; Antonio da Fonseca Mattos e Silva, curador dos orphãos; Alexandre de A. Vilhena Moura Pegado, Sousa Magalhães, juiz da Relação; Antonio Arez, idem; Joaquim de Pina Callado, idem; Eduardo Braga Oliveira, idem; Carlos F. de Castro Pereira Lopes, delegado da 2.ª vara; Francisco Antonio de Almeida, juiz da Relação; Azevedo e Silva, Antonio Mendes Gouveia, juiz da 6.ª vara; Amandio Antonio Botelho de Sousa, secretario da 1.ª vara do Tribunal do Commercio; Chateaubriand Baracho, sub-delegado da 5.ª vara civel; Pedro de Castro, juiz de investigação criminal; Joaquim Maria de Sá e Mello, José d'Abreu, director geral do Supremo Tribunal de Justiça; João de Macedo Santos, delegado do Procurador da Republica; Antonio Maria de Sousa Horta e Costa, juiz da Relação; Daniel Rodrigues, Antonio Durão, José Maria de Sousa Andrade, juiz da Relação; Manuel de Sousa e Castro, Armando Mendes Norton de Mattos, Manuel Mendes da Silva, Vicente Luiz Gomes, Estevam Abilio de Oliveira, Manuel Antonio Pedro de Castro, sub-delegado do 2.º districto criminal; Adolpho Augusto de Oliveira Coutinho, director da policia de investigação criminal; José Osorio de Castro, Henrique de Vasconcellos, Antonio Augusto de Andrade, Meyrelles Leite, Alberto de Magalhães Barros, juiz de investigação criminal; José Motta Prego, etc., etc.

Depois da visita da magistratura, o sr. presidente da Republica teve uma conferencia com o chefe do governo, seguindo depois para a Camara Municipal, onde, como n'outro logar dizemos, foi assistir á inauguração dos trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal.

Dr. José Pontes

O banquete de hontem em sua homenagem foi brilhantissimo

O banquete realisado hontem no Hotel Francfort foi, evidentemente, uma demonstração cathegorica e brilhante do alto apreço em que são tidos os merecimentos e as qualidades de José Pontes.

Algumas horas passaram já sobre esta festa de homenagem—uma das mais eloquentes que se teem feito a homens publicos de Portugal—e sentimo-nos ainda sob a atmosphera fremente de enthusiasmo em que ella decorreu. Se o que lhe deu pretexto foi na verdade um aggravo feito á obra de educador do nosso querido camarada, elle deve n'este momento bemdizer a injustiça d'esse aggravo que lhe deu ensejo a ficar conhecendo bem o nucleo forte de fanaticos e de amigos que o acompanha na sua proficua propaganda em prol do rejuvenescimento da raça e do sport nacional.

No banquete de hontem, a que compareceram cerca de cento e cincoenta convivas, viam-se largamente representadas todas as nossas principaes collectividades sportivas, o meio jornalistico, a arte, a sciencia, tendo usado da palavra ao *toast* os srs. D. José de Noronha, Eduardo Pinto Bastos, Daniel dos Santos, mr. Carabe, Armando Costa, José Figueiredo, Francisco Rocha, Eduardo Faria, dr. Azevedo Neves, Delphim Guimarães, Rodrigues Simões, Nobre Martins, José Alvalade, Raul Neves, Carlos Xafredo, Carlos Gonçalves, Oliveira e Silva e os nossos collegas de redacção Adelino Mendes e Virginia Quaresma.

Os oradores evocaram enternecidamente os relevantes serviços prestados por José Pontes á educação physica que na sua intelligencia, no seu

---

Folhetim d'A CAPITAL — 14-11-1915

Creanças suicidas

Pegando ha dias n'um jornal estrangeiro encontrei, no mais miudo dos seus «faits divers», esta noticia tragica: o suicidio de duas creanças. Os suicidas eram dois rapazes. Um d'elles, de quinze annos, matou-se por desgosto de amor. O outro de quatorze, não dizia o jornal em que encontrei essa pequena noticia, qual a causa do seu acto de desespero.

Fôssem as causas dos dois suicidios um amor incipiente, ou fôssem outras quaesquer, como essa pequena noticia, apresentada com todo o aspecto d'um acontecimento vulgar e quotidiano, me confrangeu o coração, me arripiou os nervos! Porque é grave, triste e mysterioso que as creanças se suicidem, por se terem entregado a um desespero absoluto, que os leva a abandonar o mundo na epoca em que elle deveria apparecer aos olhos d'essas duas victimas mais bello, mais sorridente e mais promissor.

E' a epoca em que para a vida decorrem os seus dias mais encantados. No azul purissimo dos céus da infancia não deveria perpassar a mais leve nuvem a turvar-lhes a serenidade purissima. Para essas creanças, só uma estação deveria encantar os seus olhos e afagar a sua alma. Só a primavera da natureza correspondendo á primavera do seu espirito. Nos prados e nos jardins constantemente deveriam vicejar flôres, pelos ares, sempre esvoaçarem pombas. As cidades perennemente as deveriam attrahir com um sorriso de esperança e de gloria. Gosar a vida, na contemplação dos espaços, no perfume das rosas, no vôo das aves, no tremular das bandeiras, gritando liberdade e futuro, e sobretudo gozal-a com o alimento forte da esperança, tal deve ser o vivo anceio da mocidade. Mas em vez d'isso ha creanças que choram, que desesperam, que morrem,—que digo eu?—que se matam, como se em vez de se encontrarem n'uma estancia paradisiaca, entre mil promessas doiradas, se encontrassem n'um circulo dantesco, nos tormentos dos maiores castigos, entre a ruinaria das illusões?

Mas é isso que nós não queremos, nós que temos filhos, e a cada sombra no seu olhar sentimos corresponder uma punhalada no nosso coração, ou que, não os tendo, chegados á hora meridiana da existencia, ou começando a trilhar o declive do seu declinio, n'um sorriso de creanças nos enlevamos, vendo n'ellas a continuação da nossa obra, o futuro assegurado, com mais belleza, maior progresso, uma bondade mais vasta e uma intelligencia mais luminosa. E' isso que nós não queremos, porque no «aviario sublime onde as gerações se implumam», como disse um dos maiores oradores portuguezes, sómos nós que carinhosamente lhes damos o calor propicio, o enfloramos e perfumamos de lyrios, brancos como as suas almas candidas, e lhe damos, com os raios do sol, os raios não menos vivos do nosso amor...

* * *

O suicidio d'uma creança! O que ha n'isto de absurdo, que desvaira, e de iniquo, que revolta! Eu não sou dos que condemnam em absoluto o suicidio, mas para mim o suicidio deve ser o fructo d'uma reflexão fria. Deve ser o fructo da razão. O suicidio por desvairamento, por allucinação, é um estygma da inferioridade humana. Deixar a vida,—por que não? Mas nunca por um capricho, por uma especie de pirraça feita ao destino. Isso é pueril, ou estupido. O homem, porém, que dá balanço á sua existencia, e reconhece a falencia total das suas esperanças; que põe d'um lado a satisfação que a vida ainda lhe possa permittir, e o soffrimento com que ella já o punge, e vê o prato da dôr descer até ao chão; que não tem a cumprir deveres mais altos do que essa dôr é funda; o homem, n'uma palavra, que constata ser uma victima só destinada a soffer e reconhece que, resignando-se a esse martyrio, só cobardia demonstrará, — esse homem tem o pleno direito de abrir altivamente a porta por onde se sae da vida despotica e barbara para a morte serena e libertadora.

Mas que é esta morte senão consequencia da vida? Que é esta morte senão a prova tirada a uma existencia que já não permitte esperanças? O suicida deve ser por força um pobre ente cansado e desilludido. Deve ser um derrotado, e para o ser necessariamente deve ter travado batalhas.

Pode-se acaso applicar esta observação a creanças? Rapazes de quatorze e de quinze anos! Para elles ainda a vida é uma arena fechada. Ainda não terçaram as suas armas, ainda não tiveram tempo de ser vencidos, sequer. Porquê? Porque ainda não luctaram. Evidentemente podem soffrer, e soffrer muito. Mas a par d'esse soffrimento, que vasto manancial de esperança!

Tudo poderão ser: o que sonham, e o que não sonham sequer ainda. Podem ser possuidores de tudo o que sabem que existe, e até do que ignoram que exista, ou que não exista ainda. Toda a ambição lhes é licita. Podem aspirar aos deslumbramentos do genio, aos gosos da riqueza, á embriaguez da gloria, á ambrosia do amor. Se a vida lhes póde infligir todas as torturas, tambem lhes póde saciar todos os desejos. Como o biblico Ser primitivo, collocado no Eden, todo um mundo delicioso é seu, embora invisivelmente os siga um anjo sombrio, procurando feril-os com o seu gladio de fogo.

* * *

Se o suicidio das creanças é pungente como uma tragedia e inquietador como um problema, o que não soffre duvida é que nos encontramos perante o facto brutal. O que não soffre duvida é que os seus delicados corações soffreram. Exaggerou-lhes esse soffrimento a imaginação infantil? Embora! Soffreram, e soffreram muito, ainda que a tortura não fôsse grande, porque doe mais um repellão na petala melindrosa d'uma flôr do que o golpe d'uma espada no peito herculeo de um combatente.

E' preciso não magoar as creanças; é preciso não julgar que, por não terem ainda a experiencia da vida, lhes não doe como doe aos que essa dura experiencia tem flagellado. Pelo contrario: o choque é mais terrivel, a ferida sangra mais. São almas virgens; são corações de epiderme delicada como as folhas das rosas. Tocar-lhes com rudeza é despedaçal-as.

Nós não comprehendemos a infancia, e a nossa incomprehensão é tanto mais lamentavel e singular quanto é certo que n'essa edade vivemos, e deviamos recordar as suas emoções. Mas não! A vida veiu, lançámo-nos na arena dos seus combates, embriagámo-nos na aspera lucta, robustecemo-nos n'ella, mas a nossa sensibilidade diminuiu. E esquecemos o que fômos, a ponto tal que nos surge como um enygma aquillo mesmo que já soubemos e experimentámos. Rimos das dôres moraes da infancia, não acreditamos n'ellas, assim como desdenhamos das suas illusões, das suas chimeras, n'esses sonhos renasce a aurora da nossa propria existencia, revive a quadra inicial do nosso transito no mundo.

* * *

Pobres creanças que se mataram, desarmadas para combater, na grande lucta da vida; armadas só para se imolarem, na ara dos sacrificios da innocencia! Com o drama do seu soffrimento poder-se-hia fazer um poema, que o pequenino coração dos rouxinoes adivinhasse, e exprimisse nas notas doces e mysteriosas do seu canto. Mas não é só a voz dos enternecimentos que deve falar sobre o vosso tumulo, onde talvez floresçam rosas. E' tambem a voz da consciencia humana. O drama, em cujo torvelinho a vossa existencia se abysmou, foi certamente um drama em que á educação social graves responsabilidades devem pezar. E porque é necessario que haja um mundo mais doce em que as creanças possam sempre sorrir, sem nunca pensarem sequer na morte; porque é necessario que desappareçam convenções, preconceitos, desegualdades injustiças, que até ás creanças sacrificam, ferindo-as de morte no coração,—é que o suicidio d'essas duas creanças, lá fóra, em terra estrangeira, no momento em que passa sobre a terra um flagello que ceifa mais vidas humanas do que as espigas que a foice do segador pode cortar nas maiores searas de trigo, me confrangeu o coração, me arripiou os nervos, e me fez chegar aos olhos uma lagrima que uma chamma de revolta logo abrazou.

MAYER GARÇÃO

estudo, na sua persistencia e na sua dedicação encontrou elementos para um dos mais fulgurantes e fecundos apostolados que se tem feito na nossa terra.

José Pontes visivelmente commovido agradeceu esta homenagem reputando-a de um alto valor para a sua orientação futura que será feita com o conhecimento e o estimulo de que a sua obra—que até hontem considerava modesta, pobre—tem admiradores e amigos dedicados.

Entre o grande numero de telegrammas de felicitações recebidos por José Pontes e que formavam um monte em cima da mesa do jantar, estava um enviado pelo sr. presidente da Republica e assignado pelo seu secretario particular.

Na impossibilidade de assistir ao banquete, o nosso presado collega Mayer Garção escusou-se telegraphando ao homenagenado em termos calorosos de admiração e de amisade.

THEATROS

Primeiras representações

THEATRO NACIONAL—**Malquerida**, drama em 3 actos de Jacinto Benavente, traducção de Nicolau Trevo e Vaz Moreno.

Para que o admiravel drama hontem representado no Nacional se imponha como dos primeiros do theatro contemporaneo pelo primor da sua technica, pela arte inexcedivel com que n'elle se exteriorisam e debatem as mais intensas paixões, pelo que possue, ao mesmo tempo, na sua acção empolgante e no seu sangrento desfecho, de brutal e piedosamente humano, não é necessario que o vejamos desempenhado em hespanhol por compatriotas do dramaturgo insigne que é hoje o maior da peninsula. «La malquerida», a cujo respeito Pedro de Repide escreveu, com absoluta verdade, que «el viento fatidico y fatal de la tragedia griega rafaguea por sus escenas», não se localisa, não conhece fronteiras, não tem patria, porque, no fundo, semelhantes conflictos, tempestades de alma como as que se desendeiam atravez dos seus trez actos magnificos, são de todos os tempos e de todos os paizes, e foram immortalisados, em obras de pura arte, por Sophocles ha dois mil annos e por Shakespeare ha tres seculos.

Saber dar vida em scena ás suas personagens, incarnar aquelles typos com exactidão, comprehender a sua psychologia e escrupulosamente traduzir os seus sentimentos, eis a difficuldade suprema que teem a vencer, dentro e fóra de Hespanha, os artistas que metterem hombros á empreza, pouco leve, de interpretar a peça de Benavente. E, para isso, quer-nos parecer que o essencial não é ser-se hespanhol—mas comediante de incontestaveis recursos e de comprovadas aptidões para o genero.

Modelo de sobriedade de processos, a ultima obra do auctor de «Señora ama», e que vimos no Republica representada pela companhia de Rosario Pino, requer, dentro do seu enorme vigor dramatico, processos sobrios de desempenho, tanto mais custosos de alcançar quanto menos malleavel fôr o talento do interprete e menos forte a envergadura das suas azas. Sendo uma tragedia de vehemente e rude paixão carnal, «La malquerida» não deixa por isso de exigir vôos de quem a vivificar á luz da ribalta e hontem—com sincera magua o registamos—no nosso primeiro theatro a sua interpretação esteve longe de se erguer á altura que reclamavam o merito da peça, o nome do auctor e as tradições da propria casa...

* * *

O que é, em grosseiro resumo, «La malquerida»? Raymunda, uma viuva ainda moça, mãe de Acacia, torna a matrimoniar-se para que haja um homem que lhe administre a sua casa. O drama começa no dia em que se ajusta o casamento de Acacia com Faustino. O padrasto ama loucamente a enteada, que lhe quer tambem embora dissimule o seu amor, e que lhe quer tanto que a devoram ciumes da mãe, como a Estevam—a quem Acacia, por mais que Raymunda lh'o pedisse e lh'o ordenasse, nunca chamou pae—torturam cuimes do noivo. Anoitece, vão-se as ultimas visitas que vieram felicitar a familia de Raymundo pelo ajuste da bôda e no silencio da noite ouve-se um tiro... Faustino fôra mysteriosamente assassinado, a pouca distancia da casa da noiva, por um servo, o «Russo» que Estevam peitara para esse effeito. Um antigo namorado de Accacia é preso como auctor do crime, mas a justiça solta-o porque nenhum indicio se apura que o inculpe. No entretanto, aos ouvidos de Raymunda chegam as murmurações do povoado... Ama o marido, adora a filha, apavora-a a idéa de que Estevam e Acacia se amem, e interroga-a. Ella declara-lhe que odeia o padrasto e que nunca lhe chamaria pae porque só teve um e esse está no cemiterio... Estevam, porém, confessa-lhe a sua paixão peccaminosa e o horrendo crime que mandou executar... Mas Raymunda, cuja honra familiar nunca foi manchada e que deseja impedir que o seu lar se desmorone sob a maior das ignominias, perdoa-lhe e supplica á filha que, n'um abraço, lhe perdoe tambem. Acacia e Estevam abraçam-se e beijam-se. Esse beijo luxurioso, de labios com labios, demorado e ardente, é uma revelação, a derradeira, inilludivel prova! Então Raymunda clama, em brados angustiosos, a sua incomparavel desgraça, a fatalidade imensa de que é victima... Diante dos que acodem aos seus gritos, Estevam, certo do amor de Acacia, que o inebria como um inesperado triumpho, alveja com um tiro de espingarda a mulher que, mortalmente ferida, chama a filha para junto de si e lhe segreda, n'um suspiro, que o sangue materno a redime de toda a culpa...

* * *

Incumbiram-se dos papeis principaes Augusta Cordeiro (Raymunda) e Carlos Santos (Estevam), papeis que foram creados em Madrid por Maria Guerrero e Diaz de Mendoza. Artistas muito distinctos, os illustres societarios do theatre Nacional, que temos applaudido em grande numero de trabalhos brilhantes, não conseguiram, d'esta feita, arcar com as responsabilidades tremendas das duas figuras interessantissimas da tragedia de Benavente. Não ha duvida de que são superiores ás suas forças. Commetteriamos uma baixa lisonja se dissessemos o contrario. Laura Cruz (Acacia) tambem não teve ensejo de augmentar os seus justos creditos. Augusto de Mello, que enscenou a peça, houve-se com a sua costumada correcção. Lucinda do Carmo representou muito bem o papel d'uma velha creada; julgamo-nos, todavia, na obrigação de observar á eminente artista, que é tambem professora da Escola da Arte de Representar, a conveniencia de não poupar ao «baton» os traços ainda juvenis do seu rosto cuja espiritual formosura illuminou os nossos palcos. Pato Moniz, na sombria personagem do camponio cynico e torvo, que mata por dinheiro, nada perderia afasdistando-a menos. Edmundo Motilli foi feliz nas primeiras scenas em que entrou e discreto nas restantes.

O publico ouviu attenta e commovidamente toda a peça em que se diz apenas o que é indispensavel dizer-se, mas por *uma forma simples*, clara, suggestiva, de que tem o segredo o dramaturgo da «Malquerida», que nunca deixa de ser justo no estylo e profundo no conceito, ainda mesmo quando a atmosphera intellectual que respiram as suas personagens não prime pela sua limpidez.

E a traducção? Firmam-na dois pseudonymos: Nicolau Trevo e Vaz Moreno. Percebe-se que se esforçaram por fazer coisa acceitavel. Nos corredores do theatro, porém, falava-se menos da traducção do que dos traductores e corria que a tarefa de trasladar para portuguez a «*Malquerida*» motivara complicações cuja solução se buscou no governo civil. O que se passaria? Pouco importa isso ao exito da peça de Benavente que, apezar de tudo, merece vêr-se e que vae, decerto, representar-se muitas noites no Nacional.

Avelino de Almeida

Cinira Polonio, compositora

Segundo deprehendemos de uma conversa que hontem tivemos com a gentil Cinira Polonio, a illustre artista não acceitará a proposta que, como noticiámos, lhe fez, no proprio dia da sua chegada a Lisboa, a empreza do theatro da Rua dos Condes.

—Por emquanto—disse-nos—penso no theatro, mas não em representar.

E sorriu de um modo muito especial, conhecido de todos os que a tratam de perto.

—Vae montar alguma empreza, não?

—Não. Vou... veja se advinha? Eu, alem de representar e de cantar...

—Compõe tambem musica, bem sei e deliciosa... Todos recordamos ainda as suas cançonetas e valsas. Uma d'estas, «Rubans roses» se chama, creio, ouvia, no Avenida, regida...

—Por mim. O caso, porem agora vae mais longe... Não se trata de uma cançoneta nem de uma valsa... embora o assumpto possa envolver mais de uma cançoneta e se concretise n'uma valsa.

—Está hoje muito mysteriosa, Cinira. Vamos, fale claro; diga tudo...

—Pois se tudo quer saber... tudo é muito para ser contado no meio da rua, de pé, a apanhar frio e vento... Espero-o no hotel logo á noite. Emquanto alguns dos seus camaradas de redacção festejam com todos os rapazes que teem um nome no «sport» o dr. José Pontes, seu patriarcha magno, cá em baixo no salão de jantar, nós lá em cima conversaremos do que me preoccupa actualmente o espirito.

A' noite fomos muito gentilmente recebidos pela distincta actriz, que nos poz então ao corrente do que tanto nos preocupa, que é do theatro, mas não é representar, que sem ser cançoneta pode envolver muitas cançonetas e que se concretisa n'uma valsa.

Trata-se de uma peça, uma operetta, que Cinira Polonio imaginou, talhada no genero moderno. Chama-se «A ultima valsa» e a sua acção desenvolve-se em França, na sociedade que frequenta praias, thermas e clubs. Tem situações sentimentaes, episodios pittorescos, effeitos de «mise-en-scene»... todos os matadores, finalmente.

E contou-nos, por alto, o entrecho da «Ultima valsa», que nos prohibiu terminantemente de reproduzir.

—Mas porque não?

—Depois... Mais tarde... quando a peça e a musica estiverem concluidas, revistas e retocadas. Por agora contente-se o publico com o saber o titulo da peça e pouco mais

—E onde se representará?

—Ainda ella está em formação, já quer saber onde se representa... de vagar! «Piano, piano... se va lontano»... A seu tempo pensaremos no theatro em que ha de ser exhibida a minha operetta e que artistas se encarregarão do seu desempenho. Agora, toca a trabalhar! Não conte nada da peça, ouviu?

—Não contarei, descance.

E, como os leitores viram, nada contamos.

Na Praça da Figueira

Um pequeno tumulto por causa da falta de batata

Pelas 12 horas de hoje, houve um começo de tumulto no Mercado da Praça da Figueira provocado pela falta de batata nos varios logares de venda. Os guardas n.os 577, 1.269 e 1.388 viram-se em palpos d'aranha para serenar os animos. O primeiro d'estes civicos foi depois descobrir grande numero de saccas, escondidas n'um armazem com o numero 35 da rua da Praça da Figueira.

A policia foi ali e obrigou os açambarcadores a procederem immediatomente á sua venda, serenando então o motim.

A CAPITAL 14-11-1915

ULTIMAS NOTICIAS

Portugal perante a guerra

As idéas do sr. João Chagas

Temos présente o numero da importantissima revista parisiense «La Revue», correspondente á primeira quinzena do corrente mez e em que o sr. S. Veyrac insere um interessante artigo intitulado «Le Portugal devant la guerre» e sub-intitulado «Les idées de M. Jean Chagas».

Com singular clareza, o collaborador de «La Revue», depois de fazer o justo elogio das eminentes qualidades do sr. João Chagas como escriptor, politico e homem de Estado, e de accentuar os serviços que prestou á causa da Republica antes e depois da sua proclamação, resume os dois sensacionaes opusculos que o notavel publicista trouxe a lume ultimamente.

Quem ler as cinco paginas compactas de «La Revue» fica, sem duvida, com idéas seguras sobre o que foi a dictadura de Pimenta de Castro e quaes as causas e effeitos da revolução de 14 de maio, bem como o que se passou a respeito da participação de Portugal na guerra europeia. E' uma sumula lucidissima dos commentarios e das affirmações que o sr. João Chagas exarou nos dois conhecidos opusculos e a sua divulgação, por intermedio d'uma revista cheia de prestigio como é a dirigida por Jean Finot e que tem uma larga extracção em toda a Europa, não será inutil.

O que é a Republica portugueza, quaes são as suas aspirações, o que n'ella se pensa ácerca dos alliados, tudo isso se exprime com precisão e clareza no estudo do sr. Veyrac, que traduz fidelissimamente as idéas de João Chagas. Não só como diplomata mas como homem de lettras, o nosso ministro em França gosa nos meios parisienses de excellente reputação. As paginas de «La Revue» hão de ser, por conseguinte, lidas com interesse e proveito.

A solução da crise

Uma carta do sr. dr. Antonio Fonseca, chefe do gabinete do ex-ministro do interior

Sr. redactor:

Os jornaes da manhã de hoje publicam a seguinte nota officiosa, expedida pela presidencia do ministerio:

«Affirmou-se que a reforma da policia tinha sido approvada por todos os ministros no ultimo conselho quando d'esse assumpto se tratou. Não é exacto. N'essa ultima reunião pediu o sr. ministro das finanças um exemplar da reforma e n'elle apontou as disposições sobre que fez seus reparos no acto da leitura. Depois d'isso não foi a mesma reforma apresentada ao presidente do ministerio; sendo assim sem o seu assentimento submettida á assignatura do sr. presidente.

No conselho de ministros a que esta nota allude, e que se realisou na segunda-feira passada, pelas 12 horas, apenas, com effeito, o sr. ministro das finanças fez alguns ligeiros reparos, ficando entendido que feitas as alterações que taes reparos porventura determinassem, deveria o decreto ser immediatamente apresentado á assignatura presidencial, sem dependencia de qualquer nova consulta ou reunião. Assim o desejava o sr. presidente do ministerio que ao ex-ministro do interior garantira, com a sua palavra, que a reforma se publicaria na terça-feira passada, dia seguinte ao do conselho; e assim o entendeu s. ex.a, visto no final da referida reunião ter entregado ao sr. Ferreira da Silva uma nota dos nomes de pessoas que desejava ver nomeadas e cujas nomeações, por disposto na reforma, não podiam deixar de ser publicadas na mesma data do decreto.

Fui eu quem, devidamente auctorisado, estudou com o sr. ministro das finanças os reparos levantados, chegando s. ex.a á conclusão de que, para os satisfazer, bastaria incluir-se no artigo 14 o paragrapho que de facto se incluiu sobre o direito de aposentação dos funccionarios policiaes de nomeação vitalicia.

Por certo que para este como para os demais ministros não foi surpreza a assignatura presidencial no decreto alterado conforme o desejo do sr. victorino Guimarães. E não o foi tambem para o sr. José de Castro, não só porque a não manifestou quando eu, em nome de meu irmão, lhe apresentei, para ser referendado, o decreto (que aliaz nem chegou a sahir d'uma pasta por s. ex.a ter declarado peremptoriamente, e sómente, que o não assignaria enquanto se não solucionasse o conflicto do sr. Alexandre Braga), mas ainda porque uma ou duas horas antes s. ex.a pedira, com urgencia, uma nota dos secretarios que iam ser nomeados e onde, effectivamente não encontrou nenhum dos nomes que recommendára na vespera.

Surpreza é para mim o que agora se diz a respeito d'uma crise que não desejava tratar na imprensa por estar para breve a abertura do parlamento, mas que não consentirei que se desvirtue, por qualquer modo, estando para o evitar na irreductivel disposição de me servir dos documentos que possuo e dos depoimentos que sobre o assumpto me fizeram as pessoas mais auctorisadas pela sua situação e pelo seu caracter.

Agradecendo a publicação d'esta carta, destinada á satisfação dos inilludiveis direitos da verdade, subscrevo-me—De v., etc.—Lisboa, 14 de novembro de 1915.—Antonio Fonseca.

A LEI DO AFASTAMENTO

Pelo ministerio da marinha

Os documentos não podem ser divulgados com propositadas deturpações

Mais de uma vez temos affirmado as nossas opiniões sobre a lei de afastamento dos funccionarios publicos. Logo a seguir á sua votação no Parlamento nós dissemos que a sua applicação devia incidir apenas sobre os funccionarios «prejudiciaes» á Republica, porque estavamos convencidos de que seria difficil estabelecer como base rigorosa da lei, «a garantia de completa adhesão á Republica e á Constituição». Depois, impressionados pelo triste espectaculo que todos os dias se produzia de serem nomeadas commissões que a breve trecho se faziam substituir, observando que essas hesitações e demoras tinham creado uma atmosphera pouco propicia á applicação da lei, sustentamos que melhor seria darem as commissões por findo o seu mandato, deixando-se que o saneamento das repartições publicas fosse feito pelos respectivos ministros, apoiados no regulamento disciplinar e exercendo um *constante trabalho de defeza republicana*. Estavamos convencidos então, e continuamos convencidos hoje, de que o facto de se afastarem dez, vinte funccionarios por cada ministerio não garante que o espirito republicano passe a animar todas as repartições do Estado, dando-se ainda a aggravante de recahir sobre os affastados as lamentações d'aquelle sentimentalismo, falso ou verdadeiro, que em toda a parte existe sempre para as pessoas que se dão ares de victimas.

Succede, porém, que algumas commissões entenderam que deviam cumprir a sua missão, ou porque tivessem opiniões diversas das nossas n'este caso especial, ou simplesmente porque julgaram que a falta de applicação da lei podia ser interpretada como um symptoma de fraqueza que desse alento aos inimigos da Republica. Essas commissões foram, até hoje, as dos ministerios da marinha, da guerra e do interior. Já nos referimos ao trabalho apresentado pelas duas primeiras commissões e não voltariamos ao assumpto se não fossemos informados hoje de que o sr. José de Castro, que ainda é ministro da marinha e presidente do governo, tenciona publicar em separata os documentos da commissão do seu ministerio afim de os divulgar por todo o paiz. Achamos boa essa resolução, que nós fomos os primeiros a reclamar, mas não consentiremos que ella se effective tendenciosamente, deturpando-se documentos e occultando-se factos indispensaveis para a completa elucidação do publico.

Ora, alguns sargentos da armada vieram *procurar-nos precisamente* para nos significarem que varios pontos da referida publicação feita nas *columnas* do «Diario do Governo» sobre tal assumpto carecem de uma rectificação severa. Truncou-se um importantissimo depoimento, apresentado por escripto á commissão e garantido por 87 membros da corporação da armada, sargentos, cabos e marinheiros, em que se fazem graves revelações sobre dois officiaes dos indigitados para o affastamento. O sr. Marques da Costa, o membro da commissão que não concordou com o parecer dos srs. Leote do Rego e Freitas Ribeiro, allude a esse depoimento como se se tratasse d'um papel anonymo apresentado na majoria general da armada, quando a verdade é que muitos dos marinheiros n'elle indicados foram chamados a depôr sobre as affirmações n'elle contidas e provadas.

Não queremos aggravar a situação dos dois officiaes accusados; mas tambem não estamos dispostos a deixar, sem o nosso protesto, que os 87 marinheiros que fizeram o seu depoimento sejam consideradas creaturas anonymas, julgando-se que os inspirou qualquer sentimento pessoal quando elles procederam apenas no intuito de defender a Republica, querendo ver affastados aquelles que a hostilisavam rancorosa e sistematicamente.

Quer o sr. José de Castro publicar em separata os documentos? Pois muito bem: não os deturpe.

NOS PAÇOS DO CONCELHO

A Academia de Sciencias de Portugal

inaugurou o anno academico com a assistencia do chefe do Estado e do presidente do ministerio

No salão nobre da Camara Municipal, realisou hoje a Academia de Sciencias de Portugal a sessão inaugural do anno academico.

A imponente escadaria dos Paços do concelho apresentava o aspecto magestoso dos dias solemnes, com os seus tapetes vermelho purpura, e os seus porteiros e continuos em uniformes de gala postados pelos patamares.

Academicos e convidados iam chegando pouco a pouco; em primeiro logar o general Schiappa, a quem os seus 77 annos não inhibem de concorrer a toda a parte onde se sacrifique em honra e proveito da sciencia; segue-se-lhe depois o dr. Theophilo Braga, presidente perpetuo da Academia e incançavel apostolo do estudo, que entrou acompanhado pelo sr. Antonio Cabreira, secretario perpetuo da Academia, e pelo sr. Levy Bensabat.

Com o adeantar da hora, a affluencia foi augmentando; foram entrando os srs. Agostinho Fortes, governador civil, dr. Tovar de Lemos, dr. Queiroz Velloso, Adães Bermudes, dr. Bettencourt Ferreira, dr. Ferreira Ribeiro, padre Hymalaia, officiaes do exercito e de marinha, professores, medicos, senhoras, etc.

A's 14,25 a corneta da força de marinheiros, que fazia a guarda de honra no largo do Municipio, tocou a sentido, ao que se seguiram vozes de commando e o hymno nacional; um «landeau» puxado por uma formosa parelha estacou á porta dos Paços. Era o chefe do Estado que chegava acompanhado pelo secretario da presidencia, com o presidente do ministerio.

Ao portão desceram todos os assistentes, com o dr. Theophilo Braga á frente, a receber o dr. Bernardino Machado que passou por entre as alas que lhe foram abertas saudado com salvas de palmas.

Dez minutos depois entrava o chefe do Estado no salão nobre, occupando a cadeira presidencial, ladeado pelo presidente do ministerio e pelo presidente da Academia, emquanto uma força de cavallaria da guarda republicana postada aos lados da presidencia apresentava armas.

Aberta a sessão foi dada a palavra ao secretario da Academia o sr. Antonio Cabreira que expoz os trabalhos realisados por aquella collectividade durante o anno findo referindo-se, entre outros, aos trabalhos do general Schiappa, sobre mathematica, do sr. Antonio Cabreira sobre mathematica e chronologia, do sr. Ramos da Costa sobre aerophisica, meteorologia, climatologia, e relação entre os raios cathodicos e os raios X; do sr. Joaquim Bensaude, sobre a prioridade de Portugal nos conhecimentos da navegação, do dr. Bettencourt Ferreira sobre raios violetas e ultra-violetas, do dr. Carneiro de Moura sobre as actuaes condições financeiras e economicas do paiz, do sr. Adães Bermudes sobre o aproveitamento das aguas subterraneas pelo artesianismo, do sr. Cervães y Rodrigues sobre a pintura contemporanea europeia, do sr. Ruy Coelho sobre as condições de reforma do Conservatorio, do sr. Oscar Pratt sobre a phonetica portugueza, do sr. Antonio Ferrão sobre a orientação pedagogica do Marquez de Pombal, do sr. Agostinho Fortes sobre a influencia das liberdades municipalistas para a resistencia contra a absorpção estrangeira, e do sr. Theophilo Braga provando a innocencia de Gomes Freire, e a insubsistencia das lendas ácerca da descoberta da Madeira.

Referiu-se depois á distribuição das distincções academicas, em que tiveram a cruz de ouro o presidente perpetuo, o dr. Lopes Martins, dr. Affonso Costa, coronel Goulart de Medeiros, o secretario perpetuo, e o rei da Belgica.

Usaram depois da palavra os srs. general Schiappa, que fez o elogio do dr. Theophilo Braga, dr. Vieira da Rocha que expoz os fins da Academia e a sua organisação, e dr. Queiroz Velloso que fez o elogio e a biographia do dr. Theophilo Braga, que é um exemplo e uma lição, disse, referindo-se com louvor á sua Historia de Litteratura Portugueza que classifica do mais prodigioso exemplo de trabalho autonomo, um monumento ao passado, uma canção gloriosa ao futuro.

Tomou por ultimo a palavra o sr. Agostinho Fortes que produziu um brilhante discurso, rigorosamente academico, de profunda observação philosophica, e correctissima forma litteraria, tomando para thema a comparação entre as antigas academias hieraticas e inuteis e as academias modernas que se dedicam ás mais elevadas questões scientificas pelo estudo directo das sociedades.

Definindo a politica disse que é a applicação dos principios scientificos á direcção das sociedades.

O seu bello discurso terminou ás 16,20, sendo a essa hora levantada a sessão, e sahindo o chefe do Estado, os academicos e os convidados para a salla das conferencias, onde o sr. dr. Bernardino Machado esteve conversando com o dr. Theophilo Braga e o sr. Cabreira, afastando-se depois por uns cinco minutos com o presidente do ministerio, e tendo trocado a seguir algumas palavras com o sr. major general da armada.

Um quarto d'hora depois, o dr. Bernardino Machado acompanhado por todos os presentes desceu a escadaria, e emquanto no ar echoavam as notas quentes da «Portugueza», e a multidão que, esperando-o, enchia a praça o acclamava, s. ex.a tomava logar com o secretario da presidencia e o seu secretario, o sr. Costa Leme, na carruagem que se dirigiu a trote largo rua do Arsenal fóra, a caminho de Belem.

GRÉVES OPERARIAS

A do pessoal da exploração do porto

A moção votada no comicio d'hoje

Continua sem solução a gréve do pessoal da exploração do porto de Lisboa.

Pelas 14 horas, reuniram na praça Luiz de Camões grande numero de revolucionarios civis, os quaes se dirigiram para o hotel Alliança a fim de conferenciarem com o sr. ministro do fomento a quem iam pedir a readmissão do sr. Ayres Pereira da Costa. Como o sr. Manuel Monteiro não estivesse, encaminharam-se para a rua do Poço dos Negros, onde na explanada da redação do semanario «O Zé» se estava realisando um comicio de grévistas.

Presidiu o sr. Manuel Alexandre, que tinha como secretarios os seus companheiros Antonio Valente e José Moreira. Lido o expediente que era bastante volumoso, usou da palavra o presidente, que expoz á numerosa assistencia qual o fim do comicio. Seguidamente falaram os srs. João Gregorio, em nome da União dos Syndicatos, Orlando Cruz, pelo Grupo Libertario, José Catharino, pela Associação dos Operarios do Municipio, Manuel Abreu, pelos libertarios, Sousa Neves, pelos manipuladores de pão, Cassiano de Sá, pelos estivadores, José Araujo, Antonio da Conceição Vasques e Firmino Alves pela junta de vigilancia dos revolucionarios civis e Manuel Abrantes, findo o que foi approvada uma moção cujas conclusões são as seguintes:

1.º O pessoal da exploração do porto de Lisboa mantem-se em gréve intransigente até á reintegração do camarada Ayres Pereira da Costa; 2.º o povo delega no governo toda a responsabilidade de que esta grévo possa occasionar indo a classe na sua maxima força apresentar estas resoluções ao sr. ministro do fomento, dependendo da sua resposta a resolução do movimento.

A moção foi approvada por acclamação, sendo em seguida encerrado o comicio. A's 21 horas reunem novamente os grévistas a fim de se assentar na hora em que deve ámanhã ser procurado o sr. ministro do fomento.

OS HESPANHOES EM PORTUGAL

A "Juventud de Galicia"

festeja o seu 7.º anniversario

Decorreu com extraordinaria animação e enthusiasmo a festa commemorativa do 7.º anniversario da fundação da *Juventud de Galicia*, gremio da colonia hespanhola mais frequentado em Lisboa.

Pelas 14 horas effectuou-se a sessão solemne, dando começo aos trabalhos o presidente da collectividade, sr. Manuel Casal Amoeiro, que expôz os fins da reunião, saudando todos aquelles que teem contribuido para a prosperidade d'aquelle centro de solidariedade, educação e recreio da colonia. Terminou convidando para occupar o logar de honra o sr. D. Juan Velero, presidente do Centro Español, que, assumindo a presidencia, saudou calorosamente os seus patricios ali reunidos e a collectividade que, por iniciativa d'elles, lograva um tal desenvolvimento.

Em seguida procedeu-se á inauguração da nova bandeira da collectividade, executada em Barcelona. N'esse momento a assembleia, que era numerosa, frisou a cerimonia com uma vibrante acclamação.

Usaram depois da palavra os srs. Carrera, Varela Cid, Alejo Carrera e Adelino Feiteira, tendo-se feito as mais carinhosas affirmações ácerca dos sentimentos que ligam a colonia ao povo portuguez. Um sextetto executou os hymnos hespanhol e da Republica, sendo estes vibrantemente applaudidos.

Junto da mesa da presidencia tomam logar os srs. Lourenço Varella Cid, ex-presidente da *Juventud de Galicia*; Ramiro Carrera, vice-presidente e Manuel Alvarez Covas, o primeiro presidente que teve aquella collectividade.

Em seguida á sessão realisou-se uma interessantissima *matinée*, consagrada aos filhos dos socios. O menino Ilydio Augusto de Andrade, alumno do 2.º anno do lyceu Pedro Nunes, recitou, com geral applauso, os versos *Honra aos mestres*, a *Cigarra e a formiga* e o *Pato*. Um grupo de creanças ensaiadas pelo professor sr. Custodio Jayme Ferreira marcou admiravelmente algumas danças modernas, causando extraordinario enthusiasmo. O grupo era constituido pelos seguintes pares: Maria Gonçalves Fernandes e Eduardo Augusto Martins, Marietta Pires Casal e Fernando Affonso Tacedo, Ilda Domingos Vila e Mario Pires Casal, Maria Dorothea e Alberto Domingos Vila.

A direcção da *Juventud de Galicia* offereceu no seu gabinete uma taça de Champagne aos oradores, trocando-se affectuosos brindes, não sendo esquecida a imprensa e em especial *A Capital*, que agradeceu n'um brinde do nosso collega presente.

Commemorando o 7.º anniversario da *Juventud de Galicia* foi publicado um numero unico, que se apresentou muito bem redigido.

ELEIÇÕES

A commissão parochial do partido republicano portuguez, na freguezia de Santa Izabel, pede a todos os eleitores da freguezia que tenham mudado de residencia o favor de indicarem as suas novas moradas para a séde da commissão, rua de Campo de Ourique, 77, todos os dias, das 20 ás 22 horas.

Sport

No Atheneu Commercial

Foi excellente a sessão de propaganda sportiva

Iniciaram-se hoje no Atheneu Commercial as sessões de propaganda de *sport*, que constituem uma preciosa iniciativa da Commissão de Educação Physica d'aquella importante collectividade e á frente da qual está a poderosa actividade de Eduardo Faria. Presidiu á sessão o sr. Carlos Xafredo, que é um apostolo da disciplina no *sport*, secretariado pelos srs. Raul Nunes e Pedro del-Negro. O sr. Faria expoz os planos de trabalhos futuros do Atheneu, que nos hão-de merecer, ámanhã, juntamente com outras affirmações feitas na sessão mais largos commentarios. O sr. Alvaro de Lacerda disse o que entendia ser o jornalismo sportivo. O mestre d'armas Magalhães fez uma interessante palestra sobre a historia de esgrima. O dr. José Pontes marcou o que eram educação physica, cultura physica e *sports*. O sr. Annibal Pinheiro mostrou como devia ser o ensino da gymnastica na escola primaria. O sr. Xafredo esboçou qual devia ser o programma de propaganda da gymnastica.

Desafios de foot-ball

Os desafios realisados hoje tiveram o seguinte resultado: o Lisboa Foot-ball Club vence em primeiras cathegoria o Sport Lisboa e Bemfica por 3 *goals* contra O; em segundas cathegorias o Imperio venceu o Lisboa Foot-ball por 2 a 0.

Gymnasio Club Portuguez

Com o maior brilhantismo realisou-se hoje n'este prestimoso Club uma sessão solemne para distribuição de premios aos vencedores da travessia do Tejo e alumnos das classes do Club o que se seguiu um baile que esteve concorridissimo. Usaram da palavra os srs. Alberto Maciera e Alvaro de Lacerda em nome do Gymnasio, os quaes pronunciaram brilhantes allucoções e o sr. Ryder da Costa em nome do Club Naval, que leu um bello discurso, tendo palavras de sincera homenagem ao trabalho do Gymnasio Club.

A questão das subsistencias

O sr. Manuel Martinho pede-nos a publicação da seguinte carta, copia da que n'esta data foi enviada á commissão de subsistencias:

Ex.mo sr. presidente e mais membros da commissão de subsistencias.—Ao acceitar a indicação da dignissima commissão executiva da Camara Municipal de Lisboa para fazer parte da commissão de subsistencias, eu persuadi-me de que lá prestar um bom serviço ao povo de Lisboa.

Dia a dia fui-me convencendo de que não é seria a tabella de preços, não só porque na sua maior parte os artigos que n'ella se encontram não se vendem por tal preço, como ninguem procura coagir os açambarcadores, ou sejam: os lavradores, fabricantes ou revendedores.

Tomemos para exemplo os preços do arroz nacional e a maneira como se deturpam as qualidades expostas na tabella; de tres typos de arroz, só um apparece á venda e sese com o preço do mais caro, mas não correspondendo á qualidade indicada na tabella.

Pelos feijões, que pretendem exportar-se com o pretexto de haver mais que o necessario para o nosso consumo, pedem os grandes negociantes o augmento de preço, com se fosse possivel harmonisar a abundancia e carestia.

O gado de todas as especies com o pretexto de compromissos internacionaes vae sendo exportado e em breves dias Lisboa terá fome.

Com os ovos o caso é o mesmo. Com o pretexto de compromissos internacionaes e de abastecimento de navios, os ovos vão sahindo e os preços da tabella *só fazem* com que os estrangeiros comprem mais barato emquanto os portuguezes os não teem.

Com todos os outros artigos succede a mesma coisa.

Tinha a commissão estipulado o preço de $60 centavos por cada 15 kilos de batata para a venda ser a $04 1/2 o kilo ao publico; á ultima hora sae a tabella a $52 os 15 kilos, sabendo a commissão muito bem lhe elle se vende por $58, e assim mesmo a maior parte das mercadorias de Lisboa não a teem.

Com que fim se marcaram preços que são uma utopia? E' para burlar o publico? Eu não me presto a esse papel.

Acabe-se com as tabellas; acabe-se com as commissões, que só teem por fim lançar poeira aos olhos do povo, visto que, os grandes teem sempre maneira de levar a agua ao seu moinho.

Peço, pois, a minha demissão de membro d'essa commissão.—Lisboa, 13 de novembro de 1915.—*Manuel Martinho.*

A imprevidencia d'um carpinteiro

Explode um envolucro que fere um homem uma mulher e uma creança

Ao principio da tarde de hoje, no Becco do Batalha, 38 rez-do-chão, á travessa de Santa Quiteria, deu-se uma explosão que, pondo em alvoroço os moradores do sitio, originou os mais desencontrados boatos, havendo mesmo quem affirmasse tratar-se d'uma explosão de dynamite.

Apurada a occorrencia, viu-se a breve trecho tratar-se apenas de mais um caso de ignorancia e imprevidencia.

No referido rez-do-chão mora o carpinteiro João Marques Junior, de 24 annos, filho de João Marques e de Maria da Conceição, natural de Carnide, que vive ha cinco annos com Ophelia Pereira da Silva, de 20 annos, filha de José Alexandre da Silva, e Angelina Pereira e Silva, e de cuja mulher tem uma filhinha de cinco annos incompletos. O carpinteiro, bastante estimado no sitio, é um homem honesto, trabalhador e amigo da familia.

Hoje ,ao principio da tarde, encontrava-se elle, a mulher e a filha, n'uma pequena sala, á esquerda de quem entra a porta da rua. A Ophelia occupava-se n'essa occasião a pentear a pequenita, quando o marido se lembrou de que dentro da mesa do espelho sobre a commoda estava um envolucro de espingarda Mannlicher que havia encontrado e guardado por occasião do 14 de maio. Tirando-o de lá, o carpinteiro poz-se a descarregal-o, primeiro com um lapiz, e depois com um gancho do cabello, quando inesperadamente se produziu a explosão do envolucro que lhe esphacelou os dedos pollegar, *indicador* e *medio* da mão esquerda, indo ferir ainda a pequenita na face direita e a mãe na *região* occipital.

Ao estampido produzido pela explosão accudiram logo varias pessoas, sendo os feridos acompanhados por um guarda republicano ao hospital da Estrella, onde foram pensados pelo enfermeiro Almeida com a assistencia do sr. dr. Pinto da Rocha.

O Marques seguiu depois sob prisão para o hospital de S. José a fim de lhe serem amputados os dedos attingidos, e mãe e filha recolheram á esquadra *proxima* para averiguações. De guarda á casa ficou o policia 1713, tendo ali comparecido immediatamente o chefe Martinheira que nada encontrou de suspeito. Como se averiguasse não ter havido crime, foram mais tarde os presos restituidos á liberdade, ficando o carpinteiro no hospital de S. José, na enfermaria n.º 4 depois de ser operado pelo sr. dr. Cabedo.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

LUTUOSA

Falleceu a sr. D. Ermelinda Spratley, effectuando-se amanhã, pelas 15 horas o seu funeral, que sahirá da rua da Lucta, 20, 3.º para o cemiterio occidental.

SPORT

A mulher e os sports

Quaes os que deve praticar?

Como os medicos, os phisiologistas e os pedagogos exprimem a sua opinião

A mulher tem direito ao exercicio normal dos seus musculos, á hygiene dos seus tecidos e ao desenvolvimento harmonico de toda a sua organisação nervosa.

Isto dizem todos os physiologistas e todos os apostolos da educação physica. A essa conclusão chegou tambem Jean Rêve, quando fez um estudo detalhado, ouvindo, analysando e criticando as opiniões de sabios e culturistas.

Em face d'esse curioso problema, occorreu a eterna pergunta: «A rapariga deve ser uma mulher de «sport»»?

A resposta impõe-se immediatamente: «Pode praticar muitos dos «sports» mas deve evitar o mais possivel, de se transformar n'um «rapaz», praticando exercicios que só aos homens devem ser aconselhados».

Vejamos o que dizem os sabios:

O dr. Hericourt affirma que: «os adeptos dos «sports» são obrigados, em virtude d'uma lei psycologica, facil de comprehender, a manter-se n'um estado de aptidão sufficiente, por um regimen de treino, mais ou menos forçado, que constitue um perigo para o organismo tão delicado da mulher».

Ernest Legouvé, bom juiz no assumpto, protesta energicamente contra o ensino de gymnastica athletica que, desenvolvendo exageradamente os musculos, deforma a harmonia das linhas na mulher. «Esta não deve ter biceps como o homem e todos os exercicios violentos que tendam a formal-os devem ser condemnaveis. São condemnaveis no ponto de vista esthetico e, no ponto de vista da economia tão fragil do organismo feminino, que um nada pode perturbar. Tudo que virilisa a mulher em excesso, tudo que n'ela é uma manifestação de força, apparece-nos como um contrasenso e como um peccado de lesa-Belleza.»

Tambem o dr. Jean, Charcot, não admitte como exercicios fisicos femininos senão aquelles que permitem á mulher parecer-se, o menos possivel, ao homem. Instinctivamente, tem-se o horror de tudo que tende a substituir, nas nossas companheiras, nas nossas filhas, nas nossas irmãs, a força pela graça, a energia pela doçura, a agilidade pela expontaneidade. E' que a exagerada «sportwoman» parece-nos um desafio á graça eterna do seu sexo e induz-nos, pelo seu unico aspecto, a declarar-nos resolutamente adversario dos «sports» pela mulher.»

Ha exageros n'estas affirmativas? Ha. Os proprios o reconhecem.

Ao lado dos «sports» ha a gente da gymnastica que se chama os «exercicios» e os «jogos», cuja maioria não exigem senão elegancia, graça, vibratilidade e que são absolutamente do dominio da mulher. Citam Charcot, Legouvé, entre esses; a corrida, a marcha, o salto, a natação, a dança e a patinagem, aconselhando este ultimo «sport» como eminentemente conveniente á educação physica da mulher nova.

Noticias

Entre nós

Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 17.—Este Grupo mudou a sua séde para a rua do Mundo, 33, loja, onde continua aberta a inscripção para socios ordinarios e extraordinarios, sendo a quota minima de 10 centavos mensaes.

Entre outras vantagens, o Grupo abriu já uma clase de francez e outra de inglez, tendo todos os escoteiros direito a frequentar gratuitamente os dois cursos.

Amanhã haverá exercicio, pelo que são convidados todos os escoteiros d'este Grupo a comparecer na séde, pelas 21 horas.

Festas associativas

Promovido por uma commissão de socios do Centro Escolar Republicano Dr. Miguel Bombarda realisa-se no proximo dia 5 de dezembro um serão festivo em que tomam parte o grupo infantil «Amigos do Futuro» e o imitador de animaes Antonio Marques Lourenço. Os socios podem desde já marcar logares, ao preço de $22, na séde do Centro, na alfaiataria Ferreira, rua de S. Bento, 346, e na sapataria Coelho, rua Nova da Piedade, 62.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cantina Escolar 5 de Outubro

Reune depois d'ámanhã a assembleia geral, para discussão e votação dos estatutos, em harmonia com o decreto publicado no *Diario do Governo*.

INTERESSES DE CABO VERDE

A PECUARIA

A estatistica official de 1913 dava como existentes em Cabo Verde o seguinte numero de cabeças de gado e os seus valores: Bovideos, 7.915, 118.003$; asininos, 10.318, 34.962$; caprideos, 34.384, 20.893$; equideos, 1.268, 35.420$; ovideos, 4.750, 9.377$; muares, 707, 43.260$; suideos, 18.906, 97.822$. — Total — 409.737$.

Em primeiro logar convem desde já dizer que está muito longe da verdade esta estatistica, porque, nem todos os creadores de gado o manifestam, e muitos outros dão sempre a registo muito menos gado do que aquelle que de facto tem. Foi precisamente para evitar isto, que nós na Junta dos Melhoramentos da Agricultura, propuzemos o registo obrigatorio, com penas severas para os que a elle fugissem, penas que iam até ao sequestro do gado coimado.

Apodaram-nos de ferozes: longe d'isso. Em primeiro logar nós queriamos a verdade absoluta, para conhecermos em absoluto a riqueza pecuaria do archipelago de Cabo Verde, pelo extraordinario valor que ella tem na economia da população. Em segundo logar, se bem que pelo registo do gado a Junta dos Melhoramentos da Agricultura, applicaria bem o pequenissimo imposto de capitação, é verdade que se iria receber dos creadores as taxas de pastagem que nunca foram pagas, e como tambem pagas não foram as decimas industriaes pelas creações, justas seriam as taxas de pastagem que o gado consumisse. Porque o que não é justo é que o Estado seja chamado para o soccorro nos annos de estiagem e nada se lhe dê nos annos em que a pecuaria rende e rende bem. Isto, sendo muito claro, era muito equitativo, tanto mais que todas essas taxas seriam applicadas em beneficio directo dos creadores pobres ou ricos.

Analisemos primeiro, qual é o rendimento que as creações de gado dão annualmente.

Com respeito ao gado bovino, teremos os seguintes valores: abatidos na provincia em 1913, 1.760 bovnios, no valor de 32.335$90. Admitindo que 2.000 vaccas produziram, cada uma 540 litros de leite por anno, a 1 centavo cada litro, 10.800$. Augmento de 2.000 vitellos a 5 escudos cada um, 10.000$. Teriamos assim um total de 53.185$.

Nota — As vaccas teem as suas crias, aos dois annos de edade, e em geral teem uma uma cria em cada anno. Dão leite de julho a Dezembro, em média 3 litros por dia, além do qu mama o vitello, leite que é avaliado ou vendido a 1 centavo o litro, ou empregado no fabrico da manteiga, que é então vendida a 40 centavos cada kilogramma. As crias de um anno, sendo femeas, vendem-se por 6 escudos, sendo machos, 7 escudos. A vacca de creação, vale em média, 20 a 25 escudos. O rendimento da creação do gado bovino, é em média, de 50 por cento.

Sobre o gado caprino, a estatistica accusa 34.384 cabeças.

Suppunhamos que só foram abatidas 7.038 cabeças no valor de 5.794$; suppunhamos que 15.000 cabras são de creação e que cada uma produz 90 litros de leite por anno, a 2 centavos o litro, 27.000$; suppunhamos que os rebanhos são augmentados em 15.000 crias a 10 centavos 1.500$.—Total—34.294$.

Nota—As cabras teem crias com 1 anno de edade, em janeiro e junho, e duas crias de cada vez, não sendo raras as que dão tres. O leite de junho é da cria e o de janeiro dá tres mezes de safra a 1 litro por dia, em média, além do que os cabritos mam. O preço do leite é de 2 centavos o litro. As crias de um anno valem 40 a 60 centavos, sendo femeas, 20 centavos sendo machos. Cada queijo de cabra, levando tres garrafas de leite, é vendido por 4 centavos. A cabra de creação, tem, em média, o valor de 2 escudos e meio. O rendimento da creação do gado caprino, é em média, de 70 por cento.

Sobre o gado ovelhum, a estatistica accusa 4.750 cabeças.

Suppunhamos: que só foram abatidos 686 carneiros no valor de 2.181$; exportaram-se 390 kilos de lan, no valor manifestado de 30$; que os rebanhos augmentaram com 3.000 crias a 40 centavos, 1.200$.—Total—3.411$.

Nota. — Em Cabo Verde não se aproveita o leite da ovelha, nem a lan, salvo n'um ou n'outro ponto, o que constitue uma exploração sem importancia. Os ovinos, não sendo tosquiados, perdem a lan, esfregando-se nos arbustos. Ao contrario do que succede n'outros paizes africanos, os ovinos não perdem o velo, e fornecem muito boa lan.

Sobre gado suino, a estatistica official accusa a existencia de 18.906 cabeças.

Suppunhamos: que só foram abatidas 4.387 cabeças no valor de 34.957$; que as varas foram augmentadas com 10.000 leitões a 50 centavos, 5.000$.—Total—39.957$.

Nota.—A creação do gado suino, como a do caprino, tem um extraordinario valor na economia agricola de Cabo Verde. Rara é a familia que não tem uma cabra e um porco, para começo de creação, ou para abater n'uma occasião critica. Por isso se póde ver, quão diminuto é o numero de suinos manifestados, em relação aos que de facto existem. A creação dos suinos, não rende nunca menos de 150 por cento.

O gado asinino accusado na estatistica sobe a 10.318 cabeças.

Suppunhamos: que em cada anno se vendem 2.000 crias a 15 escudos, 30.000$; suppunhamos que 5.000 asininos, sendo occupados no serviço de transportes, rendem por anno, 5.000$.—Total—35.000$.

O gado muar, no total de 707 cabeças, rende por anno: crias vendidas para o exterior, 100 a 90$ escudos, 9.000$; occupados no serviço de transportes, rendem por anno, 7.000$.—Total—16.000$.

Os equideos, em numero de 1.268, renderão por anno: Garranos vendidos, 200 a 40 escudos, 8.000$; no serviço de transportes, 4.000$.—Total—12.000$.

Com estes dados, tão approximados quanto possivel, poderemos desenvolver n'um artigo proximo, o estudo sobre a pecuaria do archipelago.

Armando Xavier da Fonseca

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.

TRINDADE—A's 21—Rei damnado.

GIMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—Em boa hora o diga.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO—A's 21—O diabo que o carregue.

MODERNO—A's 21 — As noviças.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Recita da moda — Companhia de circo.

Agenda da semana

TERÇA-FEIRA—Gymnasio—Primeira representação de *La donna é mobile*

Ao correr da pena

Conheço um rapaz, que ainda ha dois ou tres annos estava no theatro. Tinha pela sua profissão uma paixão verdadeira que eu poude apreciar no convivio de largo tempo. Dentro da sua situação modesta estudava com afinco, exemplar no cumprimento dos seus deveres, alheio á mesquinhez do ambiente. Compunha as figuras secundarias que lhe distribuiam com um cuidado extremo e alguns dos seus typos eram absolutamente perfeitos. Tinha a ambição de progredir, de apparecer e tel-o-hia conseguido. Um dia e por uma intrigalhada que o não attingia pessoalmente mas a alguem que lhe era querido, deixou o theatro. Teve de recomeçar a sua vida e hoje, por um trabalho afincado, procura encaminhar-se para um melhor futuro. Esteve ha dias em minha casa, contou-me as dificuldades que tem atravessado sem baixezas, os sacrificios feitos dia a dia pera melhorar a sua situação e principalmente as saudades que tem do theatro, o esforço enorme que tem feito para resistir á tentação de voltar. Referiu-se minuciosamente a toda a alegria que tinha em procurar acertar, as voltas que dava para encontrar modelos vivos que lhe servissem para o seu trabalho e eu, que o tive como interprete e me recordo d'alguns dos seus papeis, que poude apreciar a sua modestia, o seu respeito por aquelles que lhe podiam dar uteis indicações, a sua attenção e a sua pontualidade, que lhe conheço a intelligencia viva e subtil, e vi uma nevoa nos olhos, quando se referia ao seu passado de theatro, perguntei a mim mesmo porque ha de a sorte desviar dos tablados os que, como elle, poderiam contribuir, dentro das suas forças relativas, para a melhoria da arte de representar e porque conserva n'elles verdadeiros inuteis, a quem seria uma Providencia que chegasse um lampejo de consciencia e de vergonha.

Cyrano

Noticias

Entre nós

Noticias vindas de Madrid dão conta do enorme successo que obteve ali, no theatro Cervantes, hontem, pela companhia Simó Raso, a peça americana «La donna mobile», que depois de amanhã, sóbe á scena tambem no nosso elegante Gymnasio, traduzida por João Soler, da adaptação do escriptor hespanhol D. Frederico Reparaz.—O papel de «Suzana», que será interpretado por Maria Mattos, foi desempenhado pela actriz sr.ª Alba; o de «Branca» (Celeste Leitão), pela sr.ª Róca; o de «Alice» (Luiza Lopes), pela sr.ª Segura; o de «Norá», (Bertha de Albuquerque), pela sr.ª Toscano; o de «Giampietro» (Silvertre Alegrim) pelo actor Simó Raso; o de «Henrique, (Mendonça de Carvalho), por Meseguer e o de «André» (Joaquim Almada), por Aguirre. A peça—como succederá entre nós—foi posta em scena com o maximo luxo e propriedade, constituindo a sua «première» um verdadeiro acontecimento na capital do visinho reino.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Ciado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Colyseu dos Recreios

Os dois ultimos espectaculos com «Vingança de Feras»

Foi concorridissimo a *matinée* de hoje no elegante circo, sendo animados por enthusiasticas ovações todos os artistas da companhia.

Hoje, á noite, é o penultimo espectaculo em que se póde admirar o emocionante mimodrama *Vingança de feras*, que tão extraordinario successo tem obtido desde o inicio da epocha. A'manhã, em espectaculo da moda dedicado á sociedade elegante, é a ultima irrevogavel apresentação da *Vingança de feras*, maravilha sem egual no mundo.

Estreiar-se ha a notavel artista *Miss Lálá*, funambula extraordinaria e equilibrista. Sanz, o grande ventriloquo, deslumbrará o publico com os seus bonecos articulados.

Terça feira, estreia da celebre familia *Fredianis*, os primeiros artistas equestres da actoalidade.

contidas nas palavras que acabamos de transcrever. A'cêrca do continente europeu a petição era mais precisa. Tratava primeiro da Belgica:

«Porque é necessario assegurar o nosso credito no mar e a nossa situação militar e economica para o futuro «vis-à-vis» da Inglaterra, e porque o territorio da Belgica, que é de tão grande importancia economica, está intimamente ligado com o nosso principal territorio industrial, a Belgica tem de ficar sujeita á legislação do Imperio Allemão nas questões monetaria, financeira e postal. Os caminhos de ferro e canaes belgas devem ser estreitamente ligados com as nossas vias de communicação.

Constituindo uma area walona e uma area preponderante flamenga e collocando em mãos allemãs as empresas economicas e propriedades tão importantes para dominio do paiz, organisaremos o governo e a administração de modo a que os habitantes não possam adquirir qualquer influencia sobre os destinos politicos do Imperio Allemão».

Depois, com relação á França:

«Quanto á França e considerando sempre a nossa situação «vis-à-vis» da Inglaterra, é de vital interesse para nós, quanto ao nosso futuro no mar, que dominemos a região da costa desde a Belgica até ao Somme. Isso dar-nos-ha a supremacia no Oceano Atlantico. O «hinterland» que será adquirido ao mesmo tempo deve ser de tal extensão que, tanto economica como estrategicamente, os portos em que os canaes terminam possam ter a sua completa importancia. E' necessario annexar a bacia mineira de Briey, mas nenhuma outra conquista territorial deve ser feita em França excepto em consequencia de considerações de estrategia militar.

Quanto a este assumpto, é muito natural, depois da experiencia da guerra, que não exponhamos as nossas fronteiras a novas invasões, deixando ao nosso inimigo as fortalezas que nos ameaçam, especialmente Verdun e Belfort, e os contrafortes occidentaes dos Vosges situados entre essas duas fortalezas.

Pela conquista da linha do Mosa e da costa franceza, com a foz dos canaes, adquiriremos, além dos districtos mineiros de Briey já indicados, os da hulha nos departamentos do norte e do Pas-de-Calais. Esses augmentos territoriaes—apoz a experiencia que temos tido na Alsacia-Lorena—serão feitos de modo a que a população dos territorios annexados não possa obter influencia politica nos destinos do Imperio Allemão e que todas as fontes de poder economico n'esses territorios, incluindo grandes e pequenas propriedades, passem para mãos allemãs. A França indemnisaria os proprietarios e absorvel-os-hia».

Tendo assim disposto do oeste, os peticionarios diziam que os ganhos industriaes deviam ser compensados por um augmento de territorio agricola á custa da Russia. Diziam:

«E' necessario fortalecer a base agricola do nosso systema economico. Devemos tornar possivel uma colonisação agraria allemã em larga escala e a repatriação para territorio allemão de camponezes allemães vivendo nos cercanias e especialmente na Russia. Devemos tambem augmentar largamente o numero dos nossos nacionaes capaz de trabalho. Tudo isto exige uma dilatação consideravel das fronteiras orientaes do nosso Imperio e da Prussia pela annexação a leste de certas partes das provincias do Baltico e de territorios ao sul d'ellas, sem perder de vista a necessidade de tornar possivel a defeza militar da fronteira oriental. A fim de reconstituir a Prussia Oriental, é absolutamente necessario proteger as fronteiras, incluindo certas faixas de territorio. A Prussia Oriental, Posen e a Silesia não podem continuar por mais tempo a permanecer expostas como até aqui».

O memorandum accrescentava que o que se dissera ácêrca da po-

zão. Póde alguem imaginar que no estrangeiro se diga que toda a capital do imperio allemão está coberta de bandeiras sem um unico ser humano ter a menor idéa do motivo que deu origem a esse embandeiramento?»

O effeito do engano official foi que d'ahi em deante o publico não acreditava que houvesse victorias importantes, chegando a duvidar da estrategia allemã. Durante os primeiros mezes de guerra tinham-lhe promettido primeiro Paris, depois Varsovia e por ultimo Dunkerke e Calais.

Outro engano infeliz da parte das auctoridades foi a distribuição demasiadamente liberal de recompensas militares. Desde começo que houve uma pródiga distribuição de Cruzes de Ferro. Antes da guerra a posse d'essa cruz era uma distincção rara e uma memoria grata da guerra de 1870. As Cruzes de Ferro em breve perderam o valor. Segundo as estatisticas officiaes, até ao fim de março haviam sido distribuidas cinco gran-cruzes, 6.488 Cruzes de Ferro de primeira classe e 338.261 de segunda classe.

Durante toda a guerra de 1870 apenas 1.304 Cruzes de Ferro de primeira classe e 45.791 de segunda foram distribuidas. No fim do primeiro anno o kaiser começou uma profusa distribuição até mesmo da famosa ordem prussiana «Pelo Merito». Foi conferida a todos os commandantes que estavam na frente oriental, assim como ao kronprinz e a outros commandantes da fronte occidental.

Ao mesmo tempo a Cruz de Ferro, com uma fita branca em vez de preta, foi conferida a todas as classes de civis pelos seus serviços de administração e organisação. Condecorações foram obtidas por favoritismo.

Uma Allemanha se ergueu dos seus recursos proprios internos e chegou ao mesmo tempo a pensar que os zeppelins e os grandes canhões eram as expressões assignaladas do genio allemão e que os submarinos eram quasi que na realidade de um monopolio, o que deu origem a extranhos execessos de sentimento nacional.

O pan-germanismo tomou novas fórmas e nova orientação. Grandes esforços foram feitos para expurgar o vocabulario allemão de todas as palavras estranhas. A policia apprehendia systematicamente todas as taboletas que continham termos estrangeiros de qualquer especie. A's mulheres allemãs pedia-se que fizessem o patriotico sacrificio de se submetterem ás modas germanicas e sociedades se formaram para a adopção do germanismo nos vestuarios.

Sustentou-se tambem muito seriate que as universidades allemãs—não contentes com a renuncia feita pelos seus professores dos graus estrangeiros e das distincções academicas—fechariam por completo as suas portas tanto aos estudantes estrangeiros como ás influencias estranhas. O principal argumento era o de que a sciencia allemã era tão infinitamente superior que os seus fructos deviam ser conservados para uso allemão e para dominio do mundo. N'uma palavra, o germanismo deu azo a excessos em todas as classes da sociedade.

As circumstancias em que a Allemanha provocára a guerra e toda a natureza da guerra e dos seus problemas internos tornou necessario aos dirigentes allemães o concentrarem a attenção na manutenção da unidade domestica e na preservação por tanto tempo quanto possivel da ficção de que a Allemanha tinha sido atacada e tinha de defender a sua existencia.

D'ahi, ao passo que as sessões do Reichstag e das varias Dietas dos Estados eram restringidas o mais possivel e as reuniões publicas eram raras, todas as publicações officiaes durante a maior parte do primeiro anno de guerra que não diziam respeito a detalhes technicos ou problemas economicos versavam invariavelmente a doutrina allemã das origens da guerra e tentavam confirmar o seu caracter defensivo.

Uma prova frisante foram as pu-

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Aviso ao publico

Leilão de remessas retardadas e volumes abandonados

Previne-se o publico, de que, no dia 12 do corrente mez e seguintes, pelas 11 horas e na estação do Barreiro, proceder-se-ha á venda, em hasta publica, de todas as remessas com data anterior a 30 de Julho de 1915, bem como de outros volumes não reclamados de conformidade com o artigo 113.º da tarifa geral em vigor.

Ficam portanto avisados os consignatarios das remessas abaixo indicadas e de outras que, pela sua menor importancia se não mencionam, de que poderão ainda retiral-as, pagando todos os debitos, para o que deverão dirigir-se ao Serviço do Trafego d'esta Direcção, até ás 16 horas do dia 11.

Remessa n.º 2.725 de Escoural a Lisboa J., 1 volume de saccos vazios; n.º 5.738 de Estombar a Lisboa J., 1 barril de vinho; n.º 5.739 de Estombar a Lisboa, J., 1 barril de vinho; n.º 1.276 de Portimão a Lisboa J., 4 caixas de garrafas vazias; n.º 24.507 de Gaia a Setubal, 1 caixa vinho; n.º 17.414 de Faro a Lisboa S. A., 4 barras de ferro; n.º 50.839 de Lisboa S. A. a Luz, 1 topo de mangue, n.º 1.998 de Loulé a Setubal, 4 fardos de palma; n.º 45.515 de Lisboa J. a Barreiro, 1 caixa de licores; n.º 27.705 de Gaia a Aljustrel, C. Verde, 1 caixa vinho; n.º 27.707 de Gaia a Aljustrel, C. Verde, 1 caixa vinho; n.º 58.704 de Lisboa J. a Beja, uma caixa cerveja; n.º 62.913 de Lisboa J. a Faro, 1 meza; n.º 4.250 de Lisboa S. A. a Faro, 1 grande taboleiro de ferro; n.º 8.971 de Olhão a Lisboa J., 2 volumes saccos vasios; n.º 49.059 de Lisboa J. a Olhão, 1 caixa licor; n.º 57.857 de Lisboa S. A. a Setubal, 1 caixa machinismo e 2 rodados; n.º 271 de Estremoz a Lisboa J., 2 caixas apparelhos automaticos; n.º 30.568 de Lisboa a Olhão, 1 grade papel; e n.º 6.751 de Estremoz a Portimão, 1 pacote linhas.

Lisboa, 8 de Novembro de 1915.
O Engenheiro-Director
Arthur Mendes.

D. Ermelinda Spratley

Falleceu

R. I. P.

Guilherme da Silva Spratley, Carlos Alberto Spratley, Arminda Pinto da Silva e filhos, Elvira Spratley Marques e filho, Alberto da Silva Spratley, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações e amisade o fallecimento de sua sempre chorada e querida esposa, mãe, cunhada e tia D. Ermelinda Spratley e que o seu funeral terá logar ámanhã pelas 3 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da sua casa na rua da Lucta 20, 3.º para o cemiterio dos Prazeres, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este acto, não se fazendo convites especiaes devido ao estado desolador em que se encontram.

Monte-Pio Commercial e Industrial

(Associação de Soccorros Mutuos)

Leilão

Previnem-se os Senhores mutuarios e mais interessados que o leilão marcado para o dia 6 do corrente, foi addiado, por caso de força maior, para o proximo dia vinte do corrente á mesma hora.
Lisboa, 5 de Novembro de 1915.
O secretario da direcção
Adão Francisco Zambujo

lavras proferidas em dezembro de 1914 e janeiro de 1915. Quanto á unidade politica, basta dizer que os socialistas não causaram perturbação alguma. De quando em quando discutiam em segredo a sua questão academica favorita. A sua imprensa em grande parte permanecia sobria e moderada na linguagem, embora alguns dos orgãos provincianos socialistas, especialmente em Hamburgo e em algumas partes da Saxonia, se tornassem violentamente chauvinistas e especialmente anglophobos e atacassem a attitude do orgão official socialista, o «Worwärts».

Em junho findo, o partido socialista lançou um manifesto em que se dizia, entre outras coisas:

«Se a guerra, que diariamente exige novos sacrificios, não tem de prolongar-se indefinidamente até as nações chegarem a estar exhaustas, uma das potencias belligerantes deve propor a paz. A Allemanha que, atacada por forças immensamente superiores, tem até agora victoriosamente repellido os seus inimigos, resolvido o problema da reducção á fome e provado ser invencivel, deve dar o primeiro passo para a obtenção da paz.

Em nome da humanidade e da «kultur», e fortalecida pela situação militar favoravel creada pelo valor dos nossos camaradas que estão em armas, appellamos para o governo, a fim de que se declare prompto a entrar em negociações da paz, para pôr termo á sangrenta lucta».

O manifesto foi um appello em vão e o unico resultado que deu foi o da suspensão temporaria dos jornaes que o publicaram.

A não ser os socialistas, ninguem mais fazia opposição. Não é necessario tomar em linha de conta as tendencias dos varios partidos, pouco divergindo entre si. O unico ponto digno de nota é que a guerra poz termo por algum tempo ao velho antagonismo entre os interesses economicos—entre os agricultores e os industriaes.

Quando a Allemanha teve de viver dos seus recursos proprios, alliaram-se naturalmente. Os agricultores em especial podiam proclamar que haviam não só mantido a fortaleza das forças militares, mas que cada allemão lhes devia o pão diario. Quanto ao partido do centro, o catholico romano—na realidade a força effectiva mais forte de todas—desnecessario é dizer que depois da intervenção da Italia se concebia que tinha um duplo fim a preencher junto das potencias centraes.

Era prohibida qualquer discussão a respeito dos objectivos da Allemanha, embora não houvesse duvida possivel acêrca dos appetites allemães.

Em março foi dirigida ao chanceller imperial uma petição em favor da discussão livre, por todas as organisações importantes industriaes e agricolas do Imperio. Declarava-se que todo o povo allemão era inspirado pela poderosa vontade de que a Allemanha sahiria da guerra maior e mais forte, com fronteiras asseguradas a oeste e a leste e com os territorios europeus e coloniaes necessarios para segurança do poder maritimo da Allemanha, assim como do seu poder militar e economico».

O chanceller imperial respondeu com novas admoestações, dizendo que «essas polemicas contra uma deliberação das mais altas auctoridades militares e civis» eram inoportunas e que «não accelerariam a victoria no campo de batalha».

Em junho—por occasião do manifesto socialista a que fizemos referencia—o rei da Baviera demonstrou ter-se resignado com a intervenção da Gran-Bretanha na guerra, porque previa uma dilatação de fronteiras allemãs ao sul e ao oeste e a realisação dos seus sonhos de mais intima ligação da Allemanha do sul com o mar.

Assim se chegou ao verão. A attitude do chanceller imperial expôl-o aos ataques e houve mais ou menos uma certa tentativa para se desem-

baraçarem d'elle, quando surgiu o conflicto com os Estados Unidos por causa do torpedeamento do «Lusitania» e o grande almirante von Tirpitz, que aconselhára o «bloqueio submarino» da Inglaterra, resistira á idéa de fazer concessões á America.

Em agosto, antes da reunião do Reichstag, os liberaes nacionaes, depois do seu «leader» herr Bassermann, ter tido pessoalmente uma discussão com o chanceller imperial, votavam e tornavam publica uma deliberação pedindo «a dilatação das fronteiras allemãs a leste, oeste e sobre os mares».

Tenente coronel Hart McHarg, da divisão canadiana, morto em combate

N'essa occasião, porem, ainda uma pequena tentativa se fez para occultar um tanto ou quanto o caracter geral das ambições da Allemanha. Na occasião do anniversario do rompimento da guerra, o kaiser publicou um largo e congratulatorio manifesto, com a seguinte verdadeiramente significativa conclusão:

Na heroica lucta soffreremos e trabalharemos sem descanço até chegar á paz, uma paz que nos offereça as necessarias garantias militares, politicas e economicas para o futuro e que tenha as necessarias condições para o pleno desenvolvimento da nossa energia productora, tanto internamente como nos mares livres».

Na giria politica de occasião as expressões «as necessarias garantias militares, politicas e economicas» e «os mares livres» satisfaziam tudo o que os «annexionistas» pódiam pedir. Por isso, elles estavam muito satisfeitos.

D'ahi a pouco tempo, o «Temps», de Paris, publicava o texto d'uma segunda petição que havia sido dirigida ao governo, em maio, pelas organisações representantes da industria e da economia—a Liga Agraria, as duas Ligas de Ruraes, a União Central dos Industriaes Allemães, a Liga dos Industriaes e a União das Classes Medias.

Esse importantissimo documento revelava bem claramente as ambições allemãs, que se tentava occultar aos paizes neutraes.

Depois de se asseverar que a guerra traria «uma dilatação do poder allemão», os signatarios diziam:

«Juntamente com um imperio colonial que satisfaça plenamente os numerosos interesses economicos da Allemanha, juntamente com garantias para o futuro do nosso commercio e do nosso systema fiscal, e juntamente com uma indemnisação não só sufficiente mas de natureza apropriada, consideramos o principal objectivo da lucta em que estamos empenhados como consistindo n'uma garantia e n'um melhoramento da base europeia do Imperio Allemão».

As principaes reclamações dirigidas contra a Inglaterra estavam

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1897—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Segunda-feira, 15 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço telegr. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.º — Officina de impressão—71, Rua da Boa, 71

Preço 1 centavo

A VICTORIA

Acaba de regressar de Paris um redactor d'«A Capital», o nosso prestado camarada Hermano Neves. Elle dirá, n'estas mesmas paginas, a impressão que traz d'essa admiravel França, onde os allemães, ha um anno, não conseguem dar mais um passo, e, simultaneamente o que pensa do esforço das nações alliadas na sua formidavel lucta contra o imperialismo germanico. Mas as suas primeiras palavras, trocadas mal acabou de nos apertar a mão, necessitam desde já ser fixadas, como a expressão d'uma convicção assente que, para todos nós portuguezes e republicanos, constitue a melhor das boas novas: «O triumpho dos alliados é inevitavel; a Allemanha será derrotada!»

Não ha na França quem duvide d'esse desfecho do prelio gigantesco em que a Europa se empenhou. Hermano Neves esteve em França ha um anno. Já então havia a firme esperança na victoria. Hoje, ha a certeza. Perante os recursos, póde dizer-se inexhauriveis dos alliados, perante as suas energias, não menos inexhauriveis, os imperios centraes hão de ceder. Para os francezes esse desenlace está tão assegurado, como asseguradas estão as leis naturaes do globo.

Mais uma vez se reconhece o que desde os primeiros mezes da guerra, espiritos, ainda os menos attreitos a enthusiasmos, mas ponderados, serenos, prognosticaram como a solução logica do conflicto. A Allemanha só podia vencer de surpreza. As forças que ella ia affrontar, as grandes nações que projectava dominar, só podiam ser vencidas com uma offensiva fulminante. Ella mesmo assim o pensava.

Todo o seu empenho era não deixar fazer totalmente a mobilisação franceza, e atacar a França pelo ponto em que ella se julgava segura d'uma aggressão. Não se explica d'outra maneira a violação da neutralidade da Belgica, que tantas difficuldades lhe levantou, que pôz a nu a sua perfidia, que constituiu a razão necessaria para a Inglaterra entrar immediatamente na lucta sem quartel contra a Allemanha.

Mas o resultado que se esperava da violação da neutralidade belga falhou. Os exercitos allemães, detidos pela resistencia heroica dos belgas, não chegaram até Paris. Não infligiram uma derrota decisiva aos exercitos francezes. Pelo contrario, foram elles que lhes infligiram a grande derrota do Marne. O effeito da passagem pela Belgica falhou inteiramente. Não foi util aos allemães, essa passagem; foi a origem de complicações gravissimas, foi provocar um novo inimigo, foi prejudicar, e não assegurar, o exito da campanha.

Desde o momento em que Paris não foi tomada, em que a França não foi debellada, em que não se avançou mais um passo na França, depois de ter feito uma retirada que os fez perder até muito terreno ganho, era de prever que pelo menos a campanha se eternisaria na frente occidental. E a Allemanha, por muitos recursos que possua em homens, em dinheiro, em material de guerra, não é inexgotavel. As suas forças hão-de quebrar, emquanto os seus inimigos a todos os momentos as renovam e multiplicam.

O desesperado avanço para Constantinopla não é mais do que um estratagema para alcançar a adhesão dos povos hesitantes. Na realidade, a Allemanha transporta a guerra para a peninsula balkanica á procura de successos, que fortaleçam o seu prestigio militar, successos que não obteem na fronte occidental. Mas a Russia vae recuperando o terreno que a falta de munições lhe fez ceder aos invasores, e já se annuncia que vae enviar 250.000 homens para a Servia, a collaborar com o heroico povo na lucta assombrosa que está travando. A Inglaterra tem as suas forças intactas, e incessantemente as augmenta. A França armou todos os seus filhos, e as munições de que dispõe são em quantidade tal que lhe permittem estar tres dias a fazer chover um diluvio de ferro e aço, na Champagne, despejado pela bocca de 7.000 canhões!

Por isso a França sabe que ha-de vencer, que a causa dos alliados sahirá triumphante d'esta lucta sem egual na historia. A liberdade não morre. A liberdade vence, e todos os povos que nos principios da liberdade fundam a sua independencia seguros ficarão de que essa independencia não desapparecerá, esmagada pela pata do despotismo.

Migalhas

Anniversario

Faz hoje quatro annos que eu me encontrava no Rio de Janeiro. A cidade estava em festa, solemnisava-se o anniversario da Republica brazileira. As ruas engalanadas regorgitavam d'uma multidão curiosa de ver o marechal passando revista na Avenida aos pouco aguerridos batalhões da guarda nacional. Ouvia-se de quando em quando uma fanfarra desfilando entre magotes de povoléu.

Estava almoçando na varanda da chacara do meu hotel, quando na rua soaram, de subito, um pouco atropelladas, as harmonias do «Hymno da Carta». Um creado foi espreitar e voltou dizendo-me com um sorriso:

—E' a banda allemã.

Demais a conheci eu. Esses musicos a cada passo me appareciam. Quando se estava serenamente conversando na esplanada de um café, os cavalheiros armavam as suas estantes, distribuiam os papeis da musica e com o maior cinismo punham-se a tocar durante meia hora a valsa da «Viúva Alegre». D'ali por instantes a indignação era geral. Uns levantavam-se furiosos. Outros chamavam com grandes gestos o bandido que trazia a bandeja do peditorio e deitavam-lhe uns niqueis de mistura com alguns insultos genuinamente cariocas. O homem arrecadava tudo e a banda levantava vôo para se ir installar dez metros mais adeante e começar a valsa do «Amor de principe».

N'essa manhã, vendo que eu era o unico hospede portuguez e portanto a alvorada em minha honra, puxei da bolsa, dei uma prata ao creado e ingenuamente pedi-lhe que avisasse o chefe da musica de que o hymno nacional portuguez era a «Portugueza».

O creado riu-se e explicou-me:

—O pessoal sabe. Isto é uma «vaia» ao commandante.

Entre parenthesis devo explicar que no Brasil e por gentileza, tratavam-me por commandante.

—Uma «vaia»? indaguei eu surprezo.

—Sim, disse o creado. Aqui quando um monarchista portuguez quer vaiar um republicano manda a banda allemã soprar-lhe o «Hymno da Carta» á porta. E quando é um republicano, que quer arreliar um monarchista, manda-lhe tocar a «Portugueza» ou a «Maria da Fonte».

Recolhi a prata e levei todo o dia a scismar qual dos meus desconhecidos compatriotas teria tido a ideia patusca de gastar, n'aquelle dia de festa e de alegria, dez ou quinze mil reis para me perturbar uma digestão, que eu aliás fiz excellentemente. «Les portugais sont toujours gais» ainda mesmo na outra margem do grande charco.

André Brun

EM TORNO DA GUERRA

Declarações do sr. Asquith

A situação financeira em Inglaterra — Um conselho de guerra anglo-francez — O oriente

Londres, 11 de novembro. Hontem, nos communs, perguntou um deputado se o governo tinha decidido enviar forças importantes para a Servia, antes do general Joffre ter vindo a Londres, e se a decisão tinha sido tomada sómente depois da demissão de sir Carson.

O sr. Asquith, respondendo, disse: «N'este momento nada mais posso accrescentar do que já declarei na semana passada, e ao que sir Edward Grey declarou hontem.»

Respondendo a uma outra pergunta, disse:

«Amanhã farei uma declaração acerca da commissão ministerial á qual se tem a intenção de confiar a direcção estrategica da guerra.»

A situação financeira

O sr. Asquith declarou que apresentará amanhã um novo pedido de credito, na importancia de 400 milhões de libras.

«Esta importancia, disse, eleva ao total de 1:300 milhões de libras a verba para o exercicio de 1915-1916, e a 1:662 milhões a verba das despezas desde o principio da guerra.»

E accrescentou:

«As despezas totaes desde 1 d'abril até 6 de novembro montam a libras 743.100:000. A media das despezas diarias da guerra entre 12 de setembro e 6 de novembro foi de 4.350:000 libras, tendo sido durante o principio do anno economico 2.700:000.

Em consequencia dos adeantamentos que se deliberou fazer aos nossos alliados e ás nossas colonias, as despezas tendem ainda a augmentar. Tinhamos adeantado no principio do anno economico 58.900:000 libras a potencias extrangeiras.

Este novo credito de 400 milhões chegar-nos-ha até meados de fevereiro, pois não creio que as despezas quotidianas durante os proximos dois mezes e meio vão alem de cinco milhões.»

Fallando a proposito das economias que se pode fazer no orçamento, disse:

«Apoz o estudo que fiz, fiquei convencido de que se poderá realisar economias examinando mais minuciosamente os contractos feitos pelo governo para a adjudicação de artigos para o exercito, procedendo-se á revisão da media das rações e fazendo sahir das fileiras os homens que sejam incapazes de prestar serviço militar activo.

No que diz respeito aos contractos, entrou-se em combinações com os alliados para avitar a concorrencia nos mercados dos seus paizes e nos mercados estrangeiros, e manter preços regulares.

O ministerio da guerra mandou um official a França para examinar minuciosamente os preços pagos n'este paiz pelas acquisições para o exercito.

Já foram tomadas disposições para reduzir os excessivos lucros que estão tirando alguns arrematantes, mas isto por emquanto é apenas o começo; n'este campo ha ainda muito que fazer.»

Um conselho de guerra anglo-francez

O sr. Asquith deixou entrever a creação de um conselho anglo-francez formado por ministros dos dois paizes, e exprimiu a esperança de que n'elle entrem tambem ministros da Russia e da Italia.

«Ha já muito que o ministerio da guerra chegou á conclusão de que a mais efficaz medida que se pode tomar para tornar mais effectiva a direcção da guerra pelas potencias alliadas é reforçar o nosso estado maior e fazel-o cooperar mais intimamente, não uma ou outra vez, mas normal e consecutivamente, com os conselheiros navaes e militares das potencias alliadas.

Tenho tido o maximo cuidado em fazer com que o pessoal do ministerio da guerra e os officiaes de marinha em campanha sejam constantemente deslocados para que os officiaes que estão aqui e nada viram ainda da guerra actual sejam substituidos por outros que tenham um perfeito conhecimento da guerra de trincheiras e das novas e imprevistas operações que esta guerra faz usar.

Verifiquei que o actual pessoal do estado maior, muito mais numeroso do que muita gente pensa, era composto de officiaes habeis e distinctos; pelo menos 26 d'entre elles teem a experiencia e a pratica da guerra de trincheira.

Quanto ás relações existentes entre o nosso estado maior e os das potencias alliadas, seria erro, e grande, suppor que, vivendo tão perto uns dos outros, não estivessem em communicação. Muito pelo contrario. Temos um addido militar no grande quartel general francez e um distincto official francez está em relações quotidianas com o nosso ministerio da guerra; além d'isso temos officiaes por todo o reino com quem estamos em permanentes relações.

N'estes ultimos mezes, tanto nós como os nossos alliados francezes, reconhecemos a necessidade d'uma mais intima cooperação e troca de impressões para o desenvolvimento commum e de concerto dos novos planos relativos ás diversas operações militares nos differentes campos de batalha.

D'hoje para o futuro um distincto official do estado maior do exercito francez estará no ministerio da guerra em quotidianas relações com o nosso estado maior, e nós, a convite dos nossos alliados, vamos mandar a França officiaes encarregados de identica missão. E é muito possivel que esta nova organisação mais se desenvolva ainda.

Posso affirmar, e dizendo isto não commetto uma inconfidencia, que o distincto estadista hoje presidindo ao ministerio francez está, como eu, ancioso por que alarguemos o systema de conferencias particulares e occasionaes seguido n'estes ultimos mezes e do que tão grandes vantagens se colheu.

Elle e eu alimentamos a esperança de termos dentro em pouco uma especie de concelho de guerra mixto de que façam parte os ministros da Grã-Bretanha e da Republica Franceza, os quaes com os sabios pareceres dos seus estados maiores combinados, superintendam e dirijam as nossas operações militares e navaes em conjuncto.

A latitude d'esta cooperação será illimitada, e teriamos a maxima satisfação vendo a Russia e a Italia juntarem-se a nós para o mesmo fim.

Com um tal systema, elaborado sobre uma larga e bem concebida base, e posto unanimamente em pratica, temos plena confiança, em que as operações da guerra vão passar a ser conduzidas de uma maneira ainda mais effectiva e coordenada do que o teem sido até agora.»

A Servia e a Bulgaria

Perguntou um deputado se o governo não pedira aos alliados permissão para atacar a Bulgaria a fim de prevenir a imminente aggressão d'esta, se essa permissão fôra recusada, e n'esse caso porque razões o fôra.

Respondeu o ministro dos negocios estrangeiros que o governo servio fôra d'opinião que devia atacar a Bulgaria antes que esta completasse a sua mobilisação.

Na opinião de sir Edward Grey, só á Servia competia decidir uma tal acção que tinha argumentos politicos pró e contra. Sir Edward Grey não deu ao ministro inglez em Nich nenhumas instrucções.

Quando, a 27 de setembro, a Servia insistiu, segundo o modo de ver do ministro dos estrangeiros inglez, razões politicas e diplomaticas oppunham-se a tal acção; quanto ás condições estrategicas não podia elle arvorar-se em juiz do caso.

Não havia pois, motivo pelo menos pela sua parte, para recusar ou conceder essa permissão, nem lhe consta que se tratasse de tal assumpto.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

"A Capital" em Paris

As chronicas e entrevistas de Hermano Neves

Do que viu e ouviu em Paris, procurando auscultar o coração da França heroica, conhecer a sua fé na victoria, fé vivissima e inabalavel, vae Hermano Neves, o nosso presadissimo camarada, dizer-nos n'uma serie de primorosas chronicas, em que se fixam os mais interessantes aspectos e as impressões mais sinceras, exactas e profundas que elle conseguiu colher tanto no contacto do povo como dos elementos pensantes de maior prestigio.

E' no decurso d'essas chronicas que Hermano Neves nos dirá o que lhe disseram, para A CAPITAL, algumas personalidades eminentes da França contemporanea.

O nosso querido camarada entrevistou, como hontem noticiámos, Clemenceau, Jean Finot, Joseph Reinach e Gustave Hervé.

Cada um d'esses homens illustres é uma figura de relevo entre os intellectuaes e os politicos da França contemporanea. A todos ouviu Hermano Neves declarações importantes, que, em parte, muito interessam a Portugal.

Depois d'ámanhã

A CAPITAL inserirá a primeira das chronicas de Hermano Neves, destinadas, por certo, a produzir sensação.

Poeira da Arcada

Renan tinha o patriotismo um pouco vago, incerto, ou antes philosophico. Durante a guerra de 1870, emquanto os exercitos francezes luctavam contra o inimigo, elle carteava-se com David Strauss e aceitava sem viva opposição as restrições que este punha ao prestigio de França. Essa correspondencia é hoje do dominio publico e tem dispertado espantos. Os renanistas sentem-se envergonhados. Como explicar uma tal defecção do mestre? Muito difficil. Parece que Renan admirava excessivamente a cultura de Alem-Rheno. A admiração cegava-o a ponto de não ver as desgraças da sua patria. Tomava a derrota da França como uma redempção espiritual. D'ahi a fraqueza dos seus argumentos contra Strauss.

* * *

Transcrevemos de um jornal de Macau—O Progresso *este formoso trecho de estilo asiatico:*

—«Cinco annos foram dobádos sobre a proclamação da Republica Portugueza—sobre esse estrondeante acontecimento historico que abriu uma larga estrada illuminada de esperanças, e acendeu no horisonte da Patria uma estrella propicia—rutilissimo pharol a indicar ao Velho Portugal, navegador, audaz e aventureiro uma segura rôta no seu longo navegar em demanda de gloriosos destinos, a indicar ao velho e cavalheiroso luctador a sua rehabilitação historica».

Conhecemos um orador sagrado que nunca falou abaixo d'esta bitola. Os estremos encontram-se!

* * *

As pessoas muito mal creadas receiam sempre não dizer tudo o que lhes vem á cabeça, e por isso parolam com ancia tal que nem pensam bem o que dizem.

Na precipitação do discurso, chamam branco ao que é preto e bom ao que é mau. Se alguem tenta trazel-as á razão, irritam-se e appelidam de preto o que é branco e de mau o que é bom. Eis o motivo porque são invenciveis no disparate!

QUESTÕES DO DIA

As estações de turismo

Devem federar-se, porque só assim assegurarão o seu constante progresso

O turista, disse alguem fartamente experiente, é uma grande pela que os industriaes do turismo arremessam para onde mais lhes convem. Se assim é, as estações de prazer e de recreio, frequentadas por aquelles que correm mundo para se distrahir, não podem viver isoladas, separadas umas das outras, cuidando só dos seus interesses, inteiramente separados dos interesses alheios. Desde que os seus fins são communs, impõe-se intuitivamente a mais estreita união entre ellas. E' logico e é intuitivo. Uma estação de verão e uma estação de inverno ligadas, podem ter vida bem mais desafogada do que se cada uma d'ellas fizer áparte o seu negocio. E' desnecessario tentar demonstrar esta verdade, que só agora tende a infiltrar-se no animo dos que, em Portugal, exploram com os seus hoteis e com os seus casinos os sitios eleitos pela gente rica para n'elles passarem temporadas de repouso, quer no verão, quer no inverno. A Federação das estações de turismo é, pois, necessaria. D'essa Federação virá a especialisação, sem a qual não ha praia ou região thermal que possa valorisar-se devidamente.

—Portugal, dizia-nos ainda ha pouco alguem que ao turismo tem consagrado as suas melhores energias, é dos paizes mais ricos em estações de turismo. Do norte ao sul, ellas abundam fartamente na terra portugueza. Pois bem! é preciso aproveital-as, encadeal-as, constituir com ellas uma grande rêde da qual não se escapem os que n'ella uma vez cahirem. Como ha-de conseguir-se isso? Pela Federação das emprezas que exploram as nossas praias e as nossas thermas. E' o meio mais seguro, porque é a forma segura de reunirem capitaes importantissimos.

E a demonstração principia...

—A Andaluzia é percorrida, em média, por duzentos mil estrangeiros em cada anno, que ali vão, principalmente no inverno, gosar a amenidade do clima e admirar os monumentos architetonicos d'essa caracteristica e riquissima provincia hespanhola. Os millionarios americanos e os «lords» inglezes passam em terras andaluzas longas temporadas, depois das quaes se veem obrigados a retroceder pelo mesmo caminho, por não terem outro de que se utilisem. Imaginemos, porem, que amanhã se conclue a linha de Gibraltar a Ayamonte e que entre o Algarve e Lisboa se realisam comboios rapidos e commodos, pela linha de Valle do Sado, que abrevia a viagem em 60 kilometros. E' claro que, estando no sul da Hespanha, o turista, em logar de retroceder, avançará para o Algarve, desejoso de ver um paiz que desconhece, desde que tenha a certeza de encontrar ali quanto os seus habitos de creatura civilisada desejam.

«E no Algarve, em que ponto deve installar-se e crear-se o grande centro turista, capaz de receber e prender os viajantes que nos vierem da Hespanha? Na Praia da Rocha, evidentemente. E' o grande paraizo do Algarve, onde quasi nunca ha frio, onde o calor ardente raras vezes se faz sentir. Mas a Rocha, presentemente, é apenas uma estação de prazer que nasce. Tem as suas incomparaveis bellezas naturaes, e mais nada. O homem pouco tem feito por ella. Hoteis para estrangeiros ricos não os ha lá. Casinos não os possue. Campos de jogos não os tem. Tudo ali é rudimentar. Entretanto, poucos pedaços do littoral ha na costa portugueza mais bellos, mais acolhedores, mais merecedores de que olhem para elle, de que o aproveitem ao maximo. A Rocha necessita que a reguem, que a inundem com dinheiro, na certeza de que quanto com ella se gastar produzirá abundantemente.

«Da Rocha, tem de tomar conta uma grande empreza, que valorise tudo o que ali existe digno de render alguma coisa. Mas essa empreza não pode metter-se dentro de si propria, como um molusco se encaixa na propria concha. Não. Tem de viver com as outras emprezas similares de Portugal, e uma ha que está indicada para se federar com ella. E' a do Estoril, uma vez ligadas, a Rocha e os Estoris, seriam, por assim dizer, os monopolisadores dos turistas que, em alluvião, inundam a Andaluzia todos os annos.

«Arremessada para o sul da Hespanha, a péla saltaria para a Rocha, onde se demoraria, em repouso, todo o tempo que lh'o consentisse o seu equilibrio indifferente. Depois, obrigada a rolar de novo, receberia o impulso forte que, atravez do Valle do Sado a precipitaria para o Estoril e a levaria por fim, por este Portugal fóra, a Alcobaça, á Batalha, a Thomar, ao Bussaco e ao Porto, para a arremessar para o Norte da Hespanha, onde se perderia definitivamente para os interesses do turismo portuguez.

«Dir-se-ha que este plano tem qualquer coisa de irrealisavel. Eu creio que é fatal a sua effectivação. A Rocha e o Estoril são irmãos gemeos. Os frequentadores d'uma são os frequentadores do outro. A Rocha está destinada a ser o Estoril do Algarve, como já é, indubitavelmente, a de Biarritz portugueza, pelo que respeita a bellezas naturaes. Mas para que a melhor praia do Algarve possa, realmente, occupar um dia o logar que lhe compete no turismo cosmopolita, o logar que lhe pertence e a que lhe dão direito a sua situação excepcional e as maravilhas scenographicas dos seus rochedos e das suas surribas, urge drenar para ali dinheiro em abundancia, que só uma grande empreza pode alcançar. Pois que essa empreza se constitua ou que uma empreza já formada tome conta da Rocha para, de accordo com a gente do Estoril, fazer d'essa praia formosissima, aquillo que puder e que será muito. O Estoril e a Rocha, federados e servidos por optimos caminhos de ferro, constituirão um potentado admiravel, que será, para Portugal, uma inexgotavel fonte de oiro. Haverá, por ventura, o direito de conservar por mais tempo, improductiva essa riqueza incalculavel? Não será logico que a Rocha se prepare para, quando estiver concluida a ligação ferro-viaria de Portugal com a Hespanha, poder attrahir a si os estrangeiros que o caminho de ferro lançará constantemente em Portugal? Creio que não póde haver, a tal respeito, duas opiniões. Os homens de dinheiro d'esta terra que pensem n'isto. Se se derem a isso, reconhecerão que ainda ha n'este Paiz em que applicar dinheiro com segurança...»

Os austriacos lançam bombas sobre Verona causando numerosas victimas

ROMA, 14.—Os aviões austriacos lançaram esta manhã em Verona 15 bombas, matando 28 pessoas, ferindo

---

Folhetim d'A CAPITAL — 15-11-1915

CHRONICA MUSICAL

As obras e os mestres da baixa Idade-Media

A complicação technica da musica, se tornava difficil a sua escrita e leitura, não a fazia, comtudo, banir dos logares em que sempre fôra querida.

Em todas as côrtes, tanto reaes como senhoriaes, havia menestreis, e todos os principes tinham a peito sustentar um musico celebre.

A differença entre a epoca dos trovadores e a que se lhe seguiu, ou sejam os seculos XIV, XV e XVI, consiste no exclusivo da cultura musical por profissionaes mercenarios. Notavel excepção a esta regra é a duqueza de Ferrara que, em 1599, regia uma orchestra de mulheres.

A occasião normal dos concertos vocaes e instrumentaes era o banquete; mas a divulgação da musica pela imprensa levou os particulares a cultival-a em suas casas; com esse fim se escreviam os madrigaes e as canções a muitas vozes, bem como a musica puramente instrumental, para alaude, viola ou clavicembalum. Em 1547 publicou-se em Paris o *Livro de viola*, collecção das canções e danças em voga, transcritas sem lettra para instrumentos do genero viola. As canções e árias de dança são a musica predilecta de toda esta epocha, reconhecendo-se já nos fins do seculo XV as danças de nome celebre, como a *Romanesca* italiana, a *Pavana* franceza. Mas as grandes festas eram celebradas com bailados; o bailado era um genero aparatoso e movimentado, especie de quadros vivos, marchas, mascaradas, pantomimas, em que a musica desempenhava papel importante.

Os dramas religiosos, chamados mysterios, foram pouco a pouco desapparecendo, até que chegaram a ser substituidos pelo theatro profano e popular: a musica, que ao principio tinha grande importancia n'estas peças, perde-a á medida que o theatro se populariza, acabando por se desintegrar do drama. O renascimento da literattura da antiguidade classica, que no seculo XV apaixona os lettrados, é que reconduz a musica á scena; os deuses pagãos, que o christianismo desterrára, reapparecem tocando e cantando. E' na Italia que surge, em 1475, a primeira obra d'este genero: *Orpheu* de Angelo Policiano. Logo apparecem outras, e depois a musica apodera-se tambem das pastoraes, como *Il Sagrifizio* de Alfonso della Viola e o *Pastor Fido* de Luzzasco. Estas peças eram uma mistura de musica de mesa, bailado, drama, epitalamio, sem nenhuma unidade, simples pretexto para exhibição de côros a muitas vozes, no estylo chamado madrigalesco. Mas no seculo XVI já alguns compositores empregam o estylo recitativo, canto para uma só vez, embrião rudimentar da epoca moderna; uma das mais notaveis obras d'este genero foi o episodio de *Ugolino* de Dante, posto em musica por Vicente Galileu, filho do celebre Galileu.

Todas estas peças são escritas para festas principescas, quasi sempre casamentos ou coroações de reis; de modo que o povo não as conhece, não as ouve. Assim, uma das caracteristicas da musica de toda esta epoca é a sua forma rebuscada, feita sob regras rigidas, sem naturalidade, sem espontaneidade, sem calor, sem vida: é um exercicio artificioso, que o povo não pode fazer, porque ignora os seus principios scientificos que não pode ouvir, porque é privilegio de ricos. O povo mantem-se affastado do grande movimento musical.

Só na Allemanha, como vimos, homens do povo cultivavam a canção, procurando manter as velhas tradições dos troveiros do amor; mas os mestereiros que formavam a corporação dos Mestres-cantores, a não ser que tivessem a inspiração d'um Hans Sachs, eram um tanto ridiculos e a sua estreiteza de vistas não lhes permittia fazer avançar a musica, antes a peava n'um conservantismo mesquinho. Em todo o caso o *coral* era obra d'elles, embora timidamente esboçado.

Para que a musica-povo, a musica sinthese collectiva surgisse, era necessaria uma grande commoção, uma revolução que interessasse as camadas populares. Essa revolução deu-se, maior ainda, interessando todas as classes, todas as nações; foi a Reforma religiosa.

A figura gigantesca de Lutero apparece bradando clamorosamente contra Roma; tem que defender-se a si e fazer a propaganda das suas ideias; musico, conhece o poder de sugestão da musica e a sua importancia em todos os movimentos religiosos; a musica será, pois, uma das suas armas.

Auxiliado por outros compositores, Lutero compõe coraes, aproveitando e desenvolvendo a creação popular allemã, colhe as melodias do canto gregoriano, das canções, inventa-as elle proprio, escreve a lettra, e constitue um novo repertorio religioso que é ao mesmo tempo um repertorio de guerra: ao entrar em Worms, no momento em que vae decidir-se da sua vida, canta deante do imperador o magnifico coral *Ein fester Burg*, que logo toda a Allemanha revoltada canta, e que ficou sendo o hymno protestante por excellencia. Apparecera pela primeira vez na historia a musica como representação dos sentimentos e das ideias collectivas, a musica-povo (não a musica popular), a musica ao mesmo tempo opinião e vontade. D'esse momento data a superioridade incontestavel que, até hoje, a Allemanha musical tem tido sobre todos os povos.

No seculo XVI estão já criadas as formas nacionaes de musica, que, apesar da enorme evolução posteriormente sofrida, hão-de ficar caracterisando cada povo: na França, a canção viva e espirituosa, e uma particular predilecção pela musica imitativa; na Italia, o madrigal elegante e profundamente melodico; na Allemanha, o coral imponente e magestoso.

Vejamos agora quem foram os homens que com mais brilho cultivaram e fizeram progredir a musica durante este periodo.

No seculo XIV são poucos, dispersos e principalmente theoricos; no seculo immediato o seu numero multiplica-se, constituindo uma escola, a escola dos descantores a que já nos referimos. Os descantores são das Flandres e do norte da França, os depositarios e continuadores da tradição dos troveiros artesianos. Como dissemos, foram elles quem ensinou musica a toda a Europa.

No fim do seculo XV dois flamengos são mais que todos celebres: João Ockhegem, *pilar da musica*, e Jacques Obrecht. No seculo seguinte os musicos d'esta escola são inumeros, e acham-se espalhados por todas as nações, compondo e ensinando; como mais notaveis citaremos Adriano Willaert, de Bruges, fundador da escola musical de Veneza, e o seu discipulo Cipriano de Roré, de Malines, que lhe succedeu na direcção da escola; Filipe de Mons, o ultimo mestre da escola galo-belga, que morreu na Italia, onde esteve quarenta e cinco annos, em 1606; e o maior de todos, o grande Orlando, Roldão de Lattre ou Orlando de Lassus, *principe dos musicos*, que nasceu em Mons em 1520, foi para a côrte de Baviera em 1557 e ahi morreu em 1594.

Pelo mesmo tempo florescem em França Josquin Desprez (1450-1521) e o seu contemporaneo Clemente Jannequin, compositor de musica imitativa; a geração immediata conta numerosos compositores, o mais notavel dos quaes é Claudio Goudimel, morto na matança de S. Bartholomeu e que talvez tenha estado em Portugal, porventura por indicação de Damião de Goes, que o teria conhecido nas suas viagens diplomaticas á Italia e Flandres.

Na Inglaterra brilham os virginalistas, compositores de virginal ou cravo, John Milton, pae do poeta, Morley e Bird, a Hespanha tem o grande Victoria, um dos mais notaveis compositores quinhentistas da Europa.

Finalmente, a Italia, que ao principio é obscura, depois que os flamengos e francezes a vão iniciar nos segredos do contraponto lança-se brilhantemente á frente do movimento musical. Veneza, Napoles, Florença e Roma são os quatro grandes centros, sedes de escola; d'ahi sahem Alfonso della Viola, Zarlino, o que primeiro expoz as regras da harmonia, Orazzio Vecchi, mestre do madrigal, Gesualdo, principe de Venuza, Vicente Galileu, Merulo e outros.

Mas toda a lenta evolução musical dos tres seculos post-trovadorescos, todas as experiencias e tentativas dos descantores, todo o longo esforço da creação da linguagem dos sons, vão obter a sua expressão maxima, a sua sinthese suprema; a sobreposição de melodias vae attingir a inexcedivel perfeição; é a escola de Roma que produzirá esse summo artista: Palestrina.

Humberto de Avellar

gravemente 31 e ligeiramente 11.—(*Havas*).

ROMA, 14.—Segundo novas indagações, foram 31 as pessoas mortas pelos aviões austriacos em Verona. 29 as gravemente feridas e 19 com ligeiros ferimentos.—(*Havas*).

NOS LYCEUS

Uma gréve academica

Os estudantes do 6.º e 7.º annos decidem não ir ás aulas emquanto não forem geraes os cursos

A separação dos cursos de lettras e sciencias nos lyceus pôz hoje os estudantes d'instrucção secundaria de Lisboa em alvoroço. Para cursos de sciencias foram destinados os lyceus de Passos Manuel e Pedro Nunes, ficando reservado para o de lettras o lyceu Camões.

D'esta maneira os estudantes do 6.º e 7.º annos do curso de lettras que morem para Belem ou Alcantara, emfim na parte occidental da cidade, teem que fazer todos os dias uma viagem até ao lyceu Camões, que fica no alto da parte oriental, dando-se o inverso com os estudantes dos 6.º e 7.º annos do curso de sciencias, que morem para estes lados, e teem que fazer quotidianamente uma viagem para os lyceus Passos Manuel e Pedro Nunes.

Baseando-se n'este inconveniente e que foi para o evitar que se crearam os lyceus em pontos afastados, os interessados juntaram-se hoje, pelas 14 horas, e dirigiram-se ordeiramente em massa ao ministerio da instrucção para pedirem que as cousas voltassem á anterior situação. Chegando á praça do Commercio viram a arcada para onde deita o portão dos ministerios do interior e da instrucção occupada por uma força de infantaria da guarda republicana, que lhes prohibiu a entrada, de bayoneta calada, sob o commando do capitão Carrão d'Oliveira, chegando pouco depois uma força de cavallaria da mesma guarda.

Tendo parlamentado com o commandante da força d'infantaria, foi apenas permittida a entrada a uma commissão, que se avistou com o chefe do gabinete do ministerio da instrucção.

Exposto o fim que ali os levava, foi-lhes dito que, sendo preciso para os satisfazer derogar uma lei, só o parlamento podia fazel-o, e n'estas circumstancias, tinham que esperar pela sua abertura para lhe apresentarem a pretensão.

Communicada a resposta aos estudantes que se tinham agrupado junto do monumento, alastrando-se pelos degraus do pedestal, resolveram os estudantes do 6.º e 7.º annos não ir ás aulas emquanto não forem attendidos, solidarisando-se com elles n'este movimento os estudantes dos 4.º e 5.º annos.

No Terreiro do Paço houve ainda algumas correrias, tendo recebido, ao que nos dizem, um estudante uma espadeirada nas costas.

EM SANTA MARTHA

Engano de remedios?

Correu hoje com insistencia o boato de que no hospital de Santa Martha se dera um engano de remedios, em virtude do qual haviam recolhido ás enfermarias cinco pessoas, tendo já fallecido uma.

Procurando informar-nos, soubemos que, com effeito, cinco pessoas tinham recolhido áquelle hospital, tendo já fallecido uma, de nome Guilhermina Rosa Alves, mas no dizer do sr. dr. Bello de Morses, ali se deu uma intoxicação medicosa com o oleo cinzento, e não a um engano de remedios, pois que, diz-se no hospital, muitos outros pessoas receberam injecções do mesmo oleo, sem que tenham apresentado signaes do mal estar.

Embora isso se affirme, a direcção dos hospitaes está procedendo a um inquerito.

O conflicto
DO
Instituto Superior Technico

Na reunião da Faculdade de Sciencias approva-se uma moção de apoio moral ao protesto dos alumnos do I. S. T.

Para deliberarem qual a attitude que deviam tomar perante o conflicto ultimamente suscitado entre o sr. ministro da instrucção e os estudantes do Instituto Superior Technico, reuniram-se hoje, pelas 14 horas, no edificio da sua escola, os alumnos da faculdade de sciencias.

Aberta uma numerosa concorrencia de academicos falou em primeiro logar o delegado do Instituto Superior Technico que expôz á assembleia com bastante minuciosidade quaes as razões que levaram os seus collegas ao movimento de protesto iniciado.

Depois de falarem ainda varios outros estudantes do mesmo instituto e dos alumnos da Faculdade de Sciencias foi manifestado enthusiasticamente a sua adhesão ao movimento dos seus collegas foi approvada por acclamação a seguinte moção apresentada pelo presidente da assembleia sr. Quintanilha:

«Os estudantes da Faculdade de Sciencias reunidos em assembleia geral para deliberarem a sua attitude perante o conflicto ou que estão envolvidos os seus collegas do Instituto Superior Technico; Considerando, que é justissima a causa que esses collegas defendem e que a sua attitude muito digna é a logica consequencia de não terem sido attendidas as suas repetidas reclamações; Considerando que a arbitraria e violenta intervenção do sr. ministro da instrucção é merecedora do seu mais aberto protesto, porquanto lesando os seus interesses os collegas do Instituto Superior Technico, nem ao menos resolve a questão, pois que simplesmente a adia.

Considerando que é da mais elementar justiça prestar aos seus collegas do Instituto Superior Technico, agora massacrados, um apoio de que mais tarde podem necessitar; resolvem: protestar contra a attitude do sr. ministro da instrucção mandando encerrar o Instituto Superior Technico; manifestar a seus collegas do Instituto Superior Technico a sua solidariedade e a disposição em que estão os estudantes da Faculdade de Sciencias de ir até onde for necessario, para que justiça completa lhes seja feita.»

UM FLAGELLO...

O MÔRMO

Está devastando pavorosamente a raça cavallar, affirma o sr. Paulo Nogueira

Disseram-me ha dias que nos ultimos tempos o mórmo recrudescera extraordinariamente em Portugal. E a pessoa que me forneceu, quasi á queima roupa, esta informação, accrescenta:

—Procure o Paula Nogueira. E' quem conhece, melhor que ninguem, tudo o que diz respeito a essa doença terrivel.

Fui hoje ao Instituto de Medicina Veterinaria em procura d'aquelle illustre professor. Encontrei-o e falámos. E devo confessar que nunca, durante a minha já longa vida profissional, tive o prazer de receber, sobre um assumpto que me era quasi estranho, uma mais completa e lucida lição...

O sr. Paula Nogueira começa assim:

—O mórmo é doença que só existe nos paizes de rudimentar civilisação. Em França, ha muito que desappareceu. Nos institutos e nas escolas de veterinaria, para as necessidades do ensino, é preciso recorrer ao mórmo artificial, ás culturas de gabinete, para se darem aos estudantes lições praticas sobre esse espantoso flagelo. Na Allemanha e na Inglaterra, dá-se o mesmo. O mórmo, mercê de medidas profilaticas de maior alcance, foi debelado n'esses paizes. Apparecer por lá um cavallo atacado por esse mal que não poupa é tudo o que póde imaginar-se de mais raro. E' que o combate contra o mórmo exerce-se apenas, com proveito, por meio de medidas preventivas, pondo em pratica regras sanitarias que em Portugal, apesar de devidamente decretadas e regulamentadas, são inteiramente letra morta.

A seguir, o director do Instituto de Veterinaria occupa-se da natureza da doença que tende a tornar-se epidemica. O mórmo manifesta-se por um corrimento purulento nasal, affecta varios orgãos, invade os pulmões, onde cria tuberculos especiaes e irrompe pela pelle, creando tumores, que rebentam e se desfazem em pús. O contagio é facilimo do cavallo para cavallo. Ao homem, o mal póde transmittir-se por inoculação. Uma pequena arranhadura, um invisivel grão de pús, e eis ha ninguem que possa salvar quem fôr victima de semelhante fatalidade...

—Sabe-se lá—accrescenta o sr. Paula Nogueira—quantos individuos o mórmo victimará por esse paiz fóra, sem que se saiba ao certo qual a doença que os mata! E, todavia, posso affirmar-lhe que não são poucos.

Entramos nas enfermarias do hospital veterinario. N'uma d'ellas, ha dois cavallos em observação. Pertencem aos que vieram da Africa do Sul. Um d'elles não apresentou ainda symptomas absolutamente concludentes. Recebeu a «molaina» e não reagiu. O outro está affectado. Iniludivelmente mórmoso. São dois animaes bonitos. Vivos, ariscos, leves, com uma grande dóse de sangue inglez nas veias.

—Este, diz-nos o sr. Paula Nogueira, apontando-me para o que parece são, tem o mórmo incubado. Não sei o que ha de fazer. Lá fóra, os cavallos n'estas condições, impõe-se um regimen preventivo que os não deixa contagiar os cavallos sãos, se porventura a doença irromper d'um momento para o outro. Cá, nem é bom pensar n'isso. O outro, tem o seu destino marcado.

—Vae ser abatido...

—Exactamente.

Passamos a outra enfermaria, onde estão em tratamento mais quatro cavallos mórmosos. Alguns teem já os olhos inchados, apparecem-lhes grandes crystas cutaneas, das quaes o pús escorre abundantemente. Dois attingiram já a magreza esqualida. São tambem dos que vieram d'Africa.

—Sobre estes é que não ha duvidas—commenta o sr. Paula Nogueira. Contra este—o primeiro da direita—lavrei ha pouco a respectiva sentença de morte. Os restantes é como se tivessem sido já mórtos tambem.

Dos cavallos importados da União Sul Africana, morreram já dois com mórmo. Haverá ainda, no deposito de Campo Grande, muitos que soffram d'esse mal? Quem sabe! Ninguem sabe. O sr. Paula Nogueira não o sabe: nem póde sabel-o, como é natural. Mas vae ser applicada a todos elles a «maleina». Só assim se averiguará se será preciso isolar mais algum.

—Ha mórmo em todos os regimentos de cavallaria—continua o considerado professor. Em Lisboa, em Aveiro,—emfim, por toda a parte, onde essas unidades teem a sua séde existem cavallos soffrendo d'esse mal que não perdôa. No Ribatejo, succede outro tanto. Nos varios mouchões das Lezirias encontram-se com facilidade incrivel cavallos mormosos. Eu mesmo fui ha tempos incumbido pela Companhia das Lezirias de procurar debellar a epidemia nos seus dominios d'essa empreza. Mandei abater dezoito ou vinte animaes e algumas outras pessoas. Mas nos outros sitios onde a doença tem os seus focos? Como nada se faz, as victimas do mórmo não cada vez mais numerosas. E saber de quem tem a culpa?

—Ignoro-o...

—As auctoridades administrativas, que não cumprem os regulamentos sanitarios, que não ligam a menor importancia a estas coisas e que, orientadas geralmente pela politica, só de politica cuidam. Entretanto, o mórmo que vá devastando livremente a nossa riqueza pecuaria, causando prejuizos enormes e provocando, na propria especie humana, desgraças sem conta.

Por fim, o sr. Paula Nogueira mostra-me, no microscopio, algumas preparações do bacillus do mórmo.

—Para que o fique conhecendo, diz-me, rindo.

Approximo a pupila do oculo do apparelho. Em baixo, na lente da immersão, dançam-me, como n'uma superficie liquida, pequeninos pontos assimetricos, coloridos de azul claro. Em volta, traços tambem azues—rectos, curtos, finos, semeiam-se sem ordem, como se uma creança os tivesse riscado de escondidas, n'um momento de travessa e maldade ingenua. Fico sabendo qual é o agente do mórmo. Acabo de vel-o, com menos d'um milimetro, depois de amplificado mil vezes.

E a lição termina. Conversamos ainda largo tempo, avenida Loulé abaixo, do flagelo cruel e de coisas medico-veterinarias. O sr. Paula Nogueira pertence ao numero d'aquellas creaturas que teem o condão de tornar comesinhos os assumptos mais transcendentes. Não será isso, certamente, o que menos terá contribuido para lhe alcançar fama de optimo e illustre professor...

Adelino Mendes

Barca avariada

A reboque do «America» entrou hoje a barra a barca norueguesa «Elfleda», com grossa avaria na mastreação.

Pessoal da exploração do porto

O que hoje se passou

Continúa a gréve do pessoal da exploração do porto de Lisboa. Como fôra resolvido no conflicto a sessão de hontem, ainda hoje se viam nos entrepostos varias commissões de vigilancia. De manhã a sessão não esteve bastante concorrida, seguindo á tarde para o Terreiro do Paço os grevistas afim de entregar ao sr. ministro do fomento a moção hontem approvada e da qual demos as conclusões. No Terreiro do Paço estavam forças de cavallaria e infantaria da guarda republicana, sendo apenas permittida a entrada d'uma commissão, que foi recebida pelo sr. tenente Palha, chefe do gabinete, que responderá á commissão não poder o ministro intervir na questão, mas que ia tratar de arranjar collocação particular para o sr. Ayres Pereira da Costa. A commissão retirou e deu conta do que se passava aos grevistas que a aguardavam, seguindo todos para a associação, onde a esta hora se está realisando uma sessão.

Caso a proposta do ministro seja acceita pelo interessado a greve terminará, retomando todos o trabalho.

Os grevistas resolveram não se oppôr a que dos entrepostos de Santa Apolonia saissem 5 fardos de gaze e uma caixa com medicamentos e ligaduras destinados aos hospitaes.

O mysterio do Milhar de Dollars

E' hoje que se estreia no Olympia esta suggestiva fita policial considerada a mais extraordinaria no genero e consagrada como o maior triumpho cinematographico nos grandes cines estrangeiros.

No decurso do seu empolgante entrecho ha scenas assombrosas, lances arriscadissimos e indiscutiveis panoramas que prendem por completo a attenção do publico.

A empreza do Olympia que adquiriu para o seu salão esta grande obra cinematographica mais uma vez vem demonstrar que antes de olhar aos problematicos lucros que lhe podem advir da acquisição d'esta sensacionalissima film está o interesse artistico de apresentar ao distinctissimo publico que todas as noites enche por completo o seu elegante salão todo quanto no estrangeiro se produz de melhor na arte cinematographica.

Vida artistica

Um convite

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Um grupo de admiradores do grande esculptor Costa Motta, tem a honra de convidar os artistas portuguezes a assistir á abertura da exposição das provas apresentadas no concurso de professor de esculptura da Academia de Bellas Artes de Lisboa, comparecendo amanhã, pelas 12 horas, no edificio da referida escola.—(a.a.) Antonio Ramalho, Rosendo Carvalheira, Constantino Fernandes, David Mello, Conceição Silva, Ezequiel Pereira, Francisco dos Santos, Adães Bermudes e Antonio do Couto.

ULTIMAS NOTICIAS

PELA REPUBLICA

Reclamações de marinheiros

O caso da separação pelo ministerio da marinha

A corporação da armada constitue hoje uma das forças mais seguras com que a Republica póde contar para a sua defeza. Os marinheiros estão sempre promptos a derramar o seu sangue pela Patria e pela Republica. Não os movem outras ambições, não se deixam guiar por outros sentimentos. E' preciso que isto se diga, é preciso que isto não se esqueça. Sendo assim, logicamente os marinheiros querem que a Republica seja respeitada, que ninguem possa affirmar que ella vive por mercê da complacencia de ninguem. E, querendo a Republica respeitada, elles não podem deixar de reclamar que se effectivem, de harmonia com os superiores interesses da Patria, os altos principios que determinaram o movimento revolucionario de 14 de maio. Fez hontem seis mezes que elle estalou, n'uma madrugada de febre, de aspiração de liberdade, de repulsa pelos monarchicos, de combate áquelles que, consciente ou inconscientemente, favoreciam planos traiçoeiros. E tanta gente se esqueceu já de que isso assim foi...

Tivemol-os ha pouco, na nossa redacção, aos bravos marinheiros. Vinham affirmar-nos o seu protesto, sentido como sempre, contra factos que reputam da mais alta gravidade para a marcha da Republica. Primeiro, não comprehendem que nos quarteis e a bordo dos navios de guerra se faça, com pleno conhecimento das auctoridades, uma desaforada e ignobil propaganda monarchica. Sentem-se vexados com os papeluchos que vão até ás cobertas dos seus navios, e trouxeram-nos, como exemplo d'essa propaganda, um d'elles em que se lê o seguinte:

LOBOS NO POVOADO

O 14 de Maio pesa sobre a sociedade portugueza, como uma alcateia de lobos sobre o povoado.

Quando as victimas escasseiam, mordem-se uns aos outros, n'uma orgia de urros, de latido, enojando uma sociedade em peso.

E assim continuará até que uma batida os faça voltar aos covis.

De «O Paiz» de 10-11-915

O partido democratico entrou em completa putrefacção.

De «O Paiz» de 11-11-914

Quem entrou em putrefacção não foi só o partido democratico, foi a republica á qual só resta o apoio da formiga branca que é a alcateia de lobos e esfomeados e ferozes que «O Paiz» diz terem descido ao povoado que é afinal a nação.

Bando de assassinos governando por detraz dos chamados ministros; bando que abriu que cahiu sobre a riqueza publica e a roubou!

Não ha leis, não ha direitos, não ha nada, ha o 14 de Maio!

Querem ir para a guerra, com quê? Não; não querem ir para a guerra; querem á sombra d'essa bandeira concluir o saque ao thesouro publico e assaltar a propriedade particular...

Bando de ladrões!

E para provar basta ver isto: ainda não está feito o emprestimo dos 30.000 contos e já estão gastos á sua conta 32.212 contos, segundo diz «O Dia».

E ás mãos d'esta canalha infame ha de desapparecer a nação, ha de perder-se a independencia, que o estrangeiro lá está espreitando...

Não! E' preciso que os monarchicos estejam armados e equipados para defender o torrão natal d'esta canalha infame que tenta subvertel-o...

E' preciso que todos se agrupem em torno da bandeira azul e branca e á sombra d'ella vão para a frente!

A republica perde a patria porque se apoia em bandos de malfeitores, em malandros, na formiga branca, emfim, mas a monarchia salval-a-ha porque se apoia na gente de bem, no povo honesto e trabalhador.

Viva a monarchia!

Viva D. Manuel II!

Brevemente mais dois jornaes diarios retintamente monarchicos defenderão os interesses da patria contra estes lobos carniceiros.

Não querem que essas infamias possam livremente circular. Não querem que a Republica, pela qual verteram o seu sangue, esteja exposta a esses affrontas. E teem razão, os bravos marinheiros. As auctoridades, que deviam reprimir e castigar severamente os auctores de semelhantes processos de propaganda, encolhem os hombros e deixam correr. O sr. ministro da marinha, que está agradando tanto aos elementos que contrariam e combateram a revolução de 14 de maio, ainda não encontrou meio de agradar áquelles que a fizeram e cujo esforço levou ás culminancias da presidencia do ministerio. Tem sido chamada a sua attenção para o caso tão justamente indignaram a alma dos marinheiros. E o sr. José de Castro deixa correr, apenas seriamente preoccupado para manifestar impulsos de aggressividade contra os elementos que salvaram e consolidaram a Republica no movimento de 14 de maio. Póde isto continuar assim por mais tempo, sem que graves incidentes se produzam? Que o digam aquelles que estão habituados a auscultar os sentimentos da alma do povo, os preludios da sua cólera, as expansões da sua indignação.

Contra o conhecimento d'aquella propaganda protestam os marinheiros. E, juntamente com esse protesto, mais nos affirmam:—1.º, que o caso da canhoneira «Zambeze» se passou precisamente nos termos que foram expostos no depoimento do sr. Marques da Costa classificado de papel sem assignaturas; 2.º, que os officiaes indicados pela commissão do ministerio da marinha para serem afastados, de incompatibilisaram, de facto, com a armada, não podendo continuar por isso ao seu serviço.

Sobre o depoimento relativo á «Zambeze», e a que já hontem fizemos referencia, enviou-nos o ministerio da marinha a seguinte nota:

Tendo o jornal «A Capital» de 14-XI-915 publicado uma communicação com algumas considerações menos exactas sobre a lei do afastamento dos funccionarios do ministerio da marinha, affirmando que os documentos publicados foram «truncados» e «deturpados», convem elucidar a opinião publica sobre a falta de verdade que taes considerações envolvem:

1.º—Não se publicaram documentos «truncados», porque «truncar» significa «partir», «cortar» e «eliminar parte» e os documentos publicados foram-no integralmente sem se lhes augmentar ou diminuir uma unica palavra.

2.º—Não foram «deturpados», porque «deturpar» indica «alterar o sentido» e o sentido dos documentos publicados não foi, nem podia ser alterado, visto que tudo ali se manteve intacto.

3.º—Se assim não tivesse succedido, os proprios a reclamar o seu caso que tinham o direito e o dever de o fazer seriam os membros da commissão, visto que são elles que assignam esses documentos.

4.º—O importantissimo documento garantido por 87 membros da corporação da armada» a que se refere a mesma communicação e para todos os effeitos «anonymo», visto que não contém uma unica assignatura. E tanto assim foi considerado pela commissão, que esta nem sequer o juntou ao processo.

5.º—Todas as copias dos documentos foram conferidas e teem o «Está conforme» do chefe do gabinete do ministro da marinha, capitão-tenente João Augusto de Oliveira Muzanty.

Em resposta a esta nota temos a declarar:

1.º—Não é verdade, como na nota se affirma, que n'«A Capital» de hontem se dissesse que os documentos publicados foram truncados e deturpados.

Commentando a resolução tomada pelo sr. José de Castro de publicar em separata os documentos da commissão do seu ministerio é que nós dissemos que se concluia que ella se effective tendenciosamente, deturpando-se documentos e occultando-se factos indispensaveis para a completa elucidação do publico. Ora, não conhecemos essa separata, nem sabemos se já está publicada, como um jornal da manhã affirma hoje.

2.º—Só empregamos a palavra «truncar» quando escrevemos: «Truncou-se um importantissimo depoimento». E isto é verdade porque só se fizeram referencias «destacadas» ás accusações que n'esse depoimento se continham, «isolando-as» dos pormenores que as acompanhavam.

3.º—Nada temos com o que fizeram ou fazem os membros da commissão, nem precisamos pedir licença a ninguem para apreciarmos uma questão que é do dominio publico.

4.º—O importantissimo depoimento não póde ser considerado «anonymo», tambem ao contrario do que na nota se affirma, porque n'elle se indicavam 87 membros da corporação da armada para comprovarem os factos que n'elle se referiam, tendo sido ouvidos bastantes pela commissão. Desde que os proprios marinheiros nos garantem que não foram chamados a depor comprovaram, de facto, as accusações contidas no depoimento, elle deixou de ser anonymo, visto que appareciam pessoas a assumir a responsabilidade de tudo quanto n'elles se dizia.

5.º—Não dissemos que as copias dos documentos não estivessem certas.

E' isto o que temos a affirmar, para completa elucidação do publico. Queremos que a luz se faça, inteira, insophismavel, sem habilidades nem deturpações, defendendo os marinheiros que para a nossa interferencia quizeram appelar.

Pômos a questão com toda a clareza e com toda a lealdade. E por isso mesmo não nos recusamos a dizer que, tendo-nos sido facultada hoje a leitura da defeza apresentada por um dos officiaes indigitados para a separação, encontramos n'esse documento argumentos valiosos para resposta ás accusações contra elle formuladas. Mas porque não se publicaram as accusações, fazendo-as acompanhar da defeza do accusado? Para que se deu aos parlamentares e officiaes o direito de protestarem contra a classificação de papel anonymo feita a um depoimento que elles se declaram promptos a comprovar? Admitte-se a solidariedade entre officiaes do exercito e não ha de admittir-se que o mesmo sentimento de camaradagem ligue sargentos, cabos e marinheiros?

E terminamos repetindo o que temos dito muitas outras vezes:

Fomos dos que consideraram inutil e até prejudicial á Republica a lei do afastamento, por virtude da atmosphera que em torno d'ella se estabeleceu; mas não podemos consentir, sem protesto, que a sua não applicação sirva para desprestigio de elementos que, como os marinheiros, tão altos serviços teem prestado á Republica. E, ao passo que os monarchicos e a applicação da lei, o sr. José de Castro assignou-a...

Nota officiosa

A proposito da carta, que publicámos, do sr. dr. Antonio Fonseca, e na qual se desmentem cathegoricamente affirmações do sr. presidente do ministerio, recebemos do governo a seguinte nota officiosa:

«Tendo apparecido na imprensa uma carta do sr. Antonio Fonseca, ácerca do incidente que determinou a crise ministerial, e redigida por forma a suscitar polemicas jornalisticas, entende o governo que o assumpto, por sua parte, só deve ser versado no parlamento».

A grande guerra

Combate-se com violencia na frente occidental

PARIS, 15.—Communicação official de hoje.

Em Artois, no «Labirinto», continuaram durante a noite a fuzilaria e os combates á granada, sem interrupção. Está confirmado que foram muito elevadas as perdas do inimigo na acção do dia 14. Na Champagne os allemães atacaram á granada as defezas estabelecidas deante dos nossos postos a oeste do massiço de Tahure mas foram repellidos.

No Woevre, ao norte de Circy, a explosão de uma das nossas minas, que foi acompanhada de tiroteio muito nutrido dos nossos «engenhos de trincheira», destruiu a organisação e os trabalhos de sapa do inimigo.

Exercito do Oriente—No dia 12 de novembro progredimos ao norte de Rabrovo em direcção a Kosturiano, sendo os bulgaros violentamente atacados em toda a linha. Na margem esquerda do Cerna foram repellidos com grossas perdas.—(*Havas*).

O governo italiano e o attentado contra o «Ancona»

ROMA, 14.—O sr. Sonnino, ministro dos negocios estrangeiros, protestou junto dos governos neutros contra o attentado de que foi victima o vapor Ancona, o qual só levava passageiros e mercadorias destinadas á America.—(*Havas*).

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 15.—Official. No valle do Ledro o inimigo bombardeou violentamente com granadas incendiarias as nossas posições sem comtudo as avariar. No Isonzo progredimos no Javoreck e nas collinas a norceste de Gorizia.

No Carso tomámos um importante entrincheiramento a oeste de San Martino. Os nossos aviões bombardearam no dia 12 no Carso as gares do caminho de ferro, puzeram em fuga dois aviões inimigos e regressaram indemnes.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu hoje, pelas 18 horas, no ministerio da marinha.

—O ministro das colonias foi já hoje á sua secretaria, tendo dado despacho aos directores geraes.

—A expôr a conveniencia da installação de transiatores electricos na estação da ilha do Pico, como meio de ligação directa d'algumas ilhas dos Açores, esteve hoje na administração geral dos correios e telegraphos o senador sr. dr. Machado Serpa. A repartição technica resolverá após os estudos o que tiver por conveniente. O mesmo senador trocou impressões sobre a ideia de se adquirir edificio proprio para a estação telegrapho-postal da cidade da Horta.

—Pela pasta da guerra foram a ultima assignatura, entre outros, os decretos: collocando na reserva o general Antonio Angelo da Cunha Rosa e o coronel Alfredo Francisco de Sousa; promovendo a coroneis os tenentes coroneis José Julio Forbes Costa e José Augusto Alves Roçadas; reformando o coronel Augusto da Costa Macedo e demittindo do serviço do exercito os alferes medicos milicianos Antonio Maria de Carvalho, Annibal de Mello e Corga e os alferes milicianos Ernesto Augusto Engrs, Antonio Freire de Andrade e Vasconcellos e Miguel Rolão Ramalho Ortigão.

Forças para Angola

Embarcaram hoje no «Portugal» os contingentes de infantaria 22 e de artilharia de montanha

Conforme estava annunciado largou hoje da ponte do Arsenal o vapor «Portugal» com os novos contingentes expedicionarios ao sul de Angola. As forças embarcadas foram as que chegaram na passada quinta-feira á estação de Santa Apolonia: 2 pelotões da 11.ª companhia e toda a 12.ª de infantaria 22 e a 8.ª bateria de artilharia de montanha, que pelas 15 horas deram entrada no Arsenal da marinha acompanhadas pelas bandas que as tinham levado aos seus aquartelamentos.

Embarcaram tambem no «Portugal» nove sargentos e um cabo da companhia de saude.

A's 16 horas estava tudo a postos para a largada. A maré havia já baixado muito e o calado de agua não era sufficiente para a sahida rapida do navio pelo que teve que vir um rebocador da Empreza Reboca-d.—O navio seguiu lentamente vinte minutos o navio vagarosamente, imperceptivelmente quasi, foi-se afastando da ponte, por entre «vivas» e «adeus» sentidos, commovidos e enthusiasticos. Poucas sahidas de forças para Angola teem tido uma despedida tão sentidamente vibrante como a da tarde de hoje.

Já quando o navio se afastava bastante do caes, chegou o official de ordens do sr. ministro da marinha, 1.º tenente sr. Lopes Vilharinho, que de bordo, em nome official expedicionario que o sr. dr. José de Castro, como presidente do governo, fazia as suas despedidas, desejando a todos, officiaes e praças, boa viagem, não tendo comparecido por motivos de força maior que a ultima hora haviam surgido. Tambem a bordo deve em nome do sr. ministro das colonias, o 1.º tenente, sr. Gaspar Araujo.

A guarda dentro do Arsenal foi feita por praças de marinha, sendo a entrada na ponte apenas permittida ao publico, apoz o embarque de todos os contingentes expedicionarios.

O paquete «Moçambique», que traz os expedicionarios da Africa Oriental, largou de Lourenço Marques para Lisboa no dia 13 do corrente.

Republica brasileira

Por motivo do anniversario da mesma muitas pessoas visitaram a embaixada e o consulado

A commemoração do anniversario da implantação da republica no Brazil revestiu um aspecto extraordinariamente simples e intimo, não tendo havido hoje recepções officiaes nem na embaixada nem no consulado d'aquelle paiz, como manifestação de sentimento pelo actual conflicto europeu.

Em varios estabelecimentos e residencias de brazileiros arvoraram-se as bandeiras das duas republicas irmãs, sendo servida na legação como no consulado uma chavena de chá ás pessoas que, segundo o uso, ali foram apresentar os seus cumprimentos.

O sr. dr. Bernardino Machado acompanhado do sr. Luiz Derouet, da Cruz, esteve cumprimentando o embaixador, sr. dr. Regis d'Oliveira.

Tambem o sr. presidente do ministerio foi á embaixada, deixar o seu cartão em nome do governo.

Ainda na embaixada deixou o cartão do ex-presidente da Republica, sr. dr. Theophilo Braga, o antigo secretario sr. Levy Bensabat, tendo tambem ido ali saudar o embaixador do Brazil, entre outros os srs.:

Norton de Mattos, Manuel Monteiro, Victor Hugo de Azevedo Coutinho, encarregado de negocios e addido militar á legação da China, Joaquim do Espirito Santo Lima, do ministerio dos negocios estrangeiros, Alexandre de Vasconcellos, encarregado dos negocios do Uruguay, Oscar Monteiro Torres, Augusto Quartin, Albino de Sousa Pimentel, dr. Pereira Brandão, Albino d'Oliveira Guimarães, Antonio Augusto da Silva, José Augusto Correia, Luiz Chaperouge, José Tavares Bastos e representantes da Sociedade de Geographia e missão luso-brazileira.

No consulado do Brazil onde os visitantes foram recebidos pelo consul, sr. dr. Manuel Pinto de Sousa Dantas, com todo o pessoal do consulado, estiveram entre outros os srs.:

D. Luiz da Camara Leme, vice-consul de Hespanha e do Brazil em Loanda, Martin Weinstein, Abraham J. Aeris, Manuel Garcia da Silva, José Antonio dos Santos, Paulo Porto-Alegre, Jorge d'Almeida Lima, Altamiro Bravo, Alfredo Mello, Pedro Bordallo Pinheiro, Adriano Telles, Francisco Maria Bordallo Freire, Henrique Alves Bordallo, Moreira Telles, Carlos Novaes, José Tavares Bastos, Manuel de Lima Beijinheira, José Pereira Cardoso Junior, Annello Rego Barros, Antonio C. d'Oliveira, Benedicto Jorge Coelho, Ribeiro da Costa, Morgan Vasconcellos, Antonio Augusto Santos, Adriano Telles Junior, Manuel José Cardoso, pela Sociedade de Beneficencia Brazileira, Arnaldo Correia Leite, Rodrigo Carvalho, Alfredo Ferreira Bulhão, José Nogueira Pinto, pela direcção do Club Brazileiro, Firmino Ferraz, Garcia da Silva, Guilherme Pereira de Carvalho, visconde de Alvellos, Guilherme Pereira de Carvalho Junior, Manuel de Sousa Teixeira Pedrosa, Cyrillo de Mello, Alfredo Baiga e Berne, Jayme da Costa Marques, José Franco Pereira Alves, Antonio Sarmento Pereira Brandão, Joaquim Fagundes Leal, Paulo Augusto Bermaud, D. Virginia Guaresma, Machado Alves, etc.

Não consultado foi recebido tambem um telegramma do sr. João de Barros.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

TEIXEIRA LOPES

Encontra-se de novo em Lisboa o illustre estatuario Teixeira Lopes. O insigne artista portuense só agora póde tomar conta da execução do busto de Theophilo Braga que lhe foi encommendado pelo municipio de Lisboa, em resolução unanime tomada pelo Senado.

O auctor da «Viuva», que, conforme noticiámos, concluiu ultimamente o busto da Duqueza de Palmella e terminou os estudos em gesso d'um admiravel Christo, em tamanho natural, destinado a uma capella-mausoléu do cemiterio de Agramonte, no Porto, deixou quasi concluidos os estudos d'esses encommendas póde occupar-se da incumbencia da Camara de Lisboa.

O illustre artista teve hoje a sua primeira conferencia com o ex-presidente da Republica, no atelier da Escola de Bellas Artes, assentando-se que o trabalho se faça no «atelier» de Velloso Salgado, na Escola de Bellas-Artes, começando amanhã.

SPORT

Questões de cultura physica

Opiniões de Mac Fadden

E' preciso fazer-se a lavagem interna e periodica do machina humana para que funccione bem

A machina humana effectua operações muito complicadas e as mais diversas. Como todas as machinas que trabalham muito e incessantemente, necessita de cuidados de limpeza, e de lavagem periodicos, regulares, para que nunca se prejudiquem as suas funcções.

Aquelles que presidem a esses actos de hygiene, teem de possuir conhecimentos profundos para bem dirigir esses trabalhos. Emquanto a machina pertence a organismos novos, são cuidados de educação phisica; quando os organismos são mois fortes e pertencentes a homens feitos, são cuidados de cultura physica.

Estas «lavagens» teem de ser não só externas mas internas. E estas em que consistem? Diz Mac Fadden em: «purificar o sangue e a filtral-o de maneira a que elle se desembarace de todas as impurezas que póde conter em suspensão». Para executar este programma o que aconselham esse propagandista e os seus alumnos? Aconselham:

1.º—«Ar puro». Respirar bem, ventilando os pulmões de maneira absolutamente completa. Tomar «banhos de ar e banhos de sol».

2.º— «Exercicio physico». Executar exercicios que activem particularmente a respiração e a circulação: marcha, corrida, salto, natação, jogos implicando a acção de correr (foot-ball, tennis, etc.), excursões, longos passeios a pé ou em bicicleta. Trabalhar sem nunca chegar á fadiga exhaustiva.

3.º—«Regimen alimentar simples»: comer só o que é preciso para manter o corpo. Escolher alimentos simples e, principalmente legumes e fructas. Mastigar bem antes do engulir. Beber pouco ou não beber durante as refeições. Beber bastante agua entre as refeições e, principalmente, de manhã em jejum.

4.º—«Jejuar» um ou mais dias, completamente ou parcialmente. O jejum completo consiste em supprimir toda a especie de alimento solido ou liquido—a agua exceptuada. O jejum parcial consiste em diminuir d'um terço ou pouco menos a ração diaria.

Bernard Mac Fadden, o apostolo da cultura physica nos Estados-Unidos, mantem com acendrado enthusiasmo estas sãs theorias de hygiene e préga, com fervor, o retorno aos habitos regulares d'abstinencia dos nossos antepassados, que pouco a pouco fomos abandonando, não pela necessidade real de entreter o nosso organismo mas para satisfazer a nossa gulotonice.

«Quereis renascer para a vida? Quereis curar todas as enfermidades e recobrar o vigor da mocidade? Tendes intenção de desembaraçar o organismo das impurezas que o preenchem e que são a causa de toda a especie de doenças? Se «sim», jejuaes completamente ou parcialmente de quatro a trinta dias. Não me faleis em drogas e em remedios para attingir o mesmo fim. Nenhum remedio póde rivalisar com o jejum e produzir tão notaveis resultados».

Mas a maioria das pessoas grita quando soffre d'extrema fraqueza:—Como querem que eu jejue? Sou tão fraco que mal me posso arrastar!...

Resulta, porém, das experiencias feitas por Mac Fadden sobre milhares de individuos fracos e anemiados, que o jejum em vez de augmentar a fraqueza, faz nos casos de «supernutrição» que as forças voltem progressivamente.

Mac Fadden cita o caso d'uma pessoa incapaz de se levantar pela sua fraqueza extrema e que no fim de sete dias de jejum, recomeçou a marchar.

Notas do dia

Já alguns trabalhos e projectos do Club Naval

O Grupo Sportivo do Atheneu Commercial foi dissolvido porque uma nova organisação da prestimosa collectividade transformou-o n'uma Commissão de Educação Physica. Foi esta que promoveu, hontem, uma grande sessão de propaganda sportiva, esboçada em moldes novos porque os oradores convidados iam falar sobre especialidades do seu mais directo conhecimento.

Abriu a sessão o presidente da Commissão de Propaganda do Atheneu, que expoz os fins da sessão, convidando para a presidencia um dos presentes, o sr. Carlos Xafredo, nome conhecido no meio sportivo, nome respeitado, que surprehendido por aquella deferencia honrosa, a acceitava apenas porque nos seus tempos de «sport», os que os praticavam eram homens de disciplina, que sendo mandados, obedeciam.

Simples no enunciado, esta declaração produziu um effeito extraordinario na assembleia, que verificou que differentes tempos eram os de ha quinze annos. Tambem causou impressão o esboço dos trabalhos, feito pelo sr. Eduardo Faria, que o Atheneu Commercial se propõe effectivar em prol da cultura physica.

Ora quando se analysavam estes trabalhos alguem lembrou que não se limitassem apenas a sessões de propaganda mas a communicações de caracter technico, com ideias, com ensinamentos e com principios, onde os que se julgassem competentes fossem discutir, com outras ideias, n'uma polemica nobre, levantada, que interessaria quem a ouvisse; e que era certamente mais proficua que a de responder a uma critica com insultos e a palavras com outras palavras ou frases de almanaque...

Hontem, por exemplo, o professor de esgrima Magalhães e o secretario da Associação de Foot-ball Raul Nunes, fizeram interessantes palestras sobre esgrima um, sobre «foot-ball» outro, que em certos pontos mereciam controversia technica e que a travar-se seria interessante...

—Porque se não fazem estas secções, á semelhança das que projectava uma Academia de Sports cuja ideia de organisação morreu á nascença?... Assim quem tivesse competencia mostrava-a.

Nova victoria do Lisboa e Bemfica.

Não resta duvida de que o Sport Lisboa e Bemfica é um «team» forte e que este anno tem novamente marcado o seu logar na «final» do campeonato de Lisboa. Melhorou? Dizem uns que sim e outros dizem que estacionou. Seja como fôr, o certo é que ha dias empatou com o Sporting Club de Portugal e que hontem dominou o Lisboa Foot-ball Club por 3 «goals» contra 0. Dizemos que dominou porque se manteve sempre no ataque. O adversario apenas se defendeu, embora brilhantemente, da parte do «keeper» e d'um «half» que no segundo tempo do desafio passou a «back».

O «referée», que era o sr. Stromp, não teve de castigar irregularidades nem brutalidades. Isto documenta que nem sempre as coisas más se repetem.

A proposito, diremos, que por má communicação telephonica e na ausencia do nosso redactor sportivo, que andava por outros logares em missão de propaganda do athletismo demos hontem, nas «Ultimas» que o Lisboa tinha sido o vencedor! Calcule-se se tivesse sido assim! O caso teria feito mais sensação que a do anno passado com a inesperada victoria do Cruz-Quebrada! Mas não e formulamos, novamente, o prognostico,—embora em principio de época—de que os dois finalistas hão de ser, este anno, o Sporting e o Bemfica.

Algumas anecdotas

A competencia é para depois...

Encontrámos, ha seis dias, um professor de gymnastica e fez-nos impressão que tivesse perdido a sua antiga alegria, que era um dos caracteristicos da sua personalidade.

—Que tens? Andas triste ou isso é falta de alumnos?

—Não tenho nada. Alumnos não me faltam; mas vou deixar de ser professor por falta de documentos.

—O que?!...

—E' o que te digo. Tenho de mostrar que sou forte; que sou republicano; que tenho pratica d'ensino; que nunca fui conceirista; que tenho menos de sessenta annos; que nunca tive variola ou sarampo; que fui amigo de Ling, etc.

—E competencia não exigem,

—Não. Isso é secundario. Essas coisas menos importantes ficam para depois...

Noticias

Entre nós

Torneios da Federação

De tarde, em pesos e alteres e á noite em lucta, realisaram-se hontem no Atheneu Commercial, os campeonatos da Federação, cujos resultados foram os seguintes:

Em pesos: Na cathegoria de levissimos: 1.º, Antonio Pereira, 291,5 kg.; 2.º, Homero Alves, 235 kg.; leves: 1.º, José Henriques de Oliveira, 314,5 kg.; 2.º, José Simões Cortez, 284 kg.

Para rematar o campeonato, o sr. Antonio Pereira levantou duas vezes 100 kg. ao «jeté», com dois braços.

Em «box»: 1.º combate, Basilio de Oliveira e Fernando Augusto de Oliveira, tendo vencido o primeiro. Ambos estes luctadores pertencem ao Atheneu. 2.º combate, José Martins, do Atheneu, e Germano Garcez, do Club Internacional de Foot-ball, vencendo José Martins. 3.º combate, Basilio de Oliveira venceu Antonio da Silva.

Colyseu dos Recreios

Uma attrahente noite de moda

Os espectaculos de moda do Colyseu teem já a sua tradição e tanto assim que n'elles se reunem invariavelmente todas as segundas feiras as principaes familias da capital. O d'esta noite é de molde a attrahir extraordinaria concorrencia, pois que o programma encerra todas as maravilhas que compõem a magnifica companhia de circo. Estreia-se mais uma gentilissima artista, Miss Lálá, funambula de extraordinario merito, que executa os mais complicados e perigosos exercicios gimnasticos em «fil de fer» e que acaba de percorrer os principaes circos do extrangeiro com triumphante exito. Sanz, o phenomenal ventriloquo, exhibirá a sua prodigiosa collecção de artistas articulados, entre os quaes se destaca o hilariante «Juanito», que é d'uma tal perfeição de mechnica que chega a illudir os espectadores. E' tambem esta noite a ultima representação do mimodrama «Vingança de Feras», em que o intrepido domador Georges Marck tem um trabalho verdadeiramente empolgante.

O Colyseu teve hontem duas colossaes enchentes, não tendo ficado no camaroteiro um unico bilhete por vender. O mesmo succederá por certo na recita da moda d'esta noite, que como se vê, será deveras attrahente e sensacional.

Amanhã, estreia da celebre troupe equestre Frediani, que o nosso publico tanto applaudiu na epoca passada o que constitue mais um attrativo a juntar ao brilhantissimo conjuncto da companhia de circo.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).
GIMNASIO — A's 21 — La donna é mobile.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO — A's 20,30 22,30 — Rosa tirana.
MODERNO—A's 21—As noviças.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia de circo.

Agenda da semana

A'MANHÃ — Gymnasio — Primeira representação de *La donna é mobile.*

Boatos e informações

Entre nós

Regressou ao Porto o sr. Freitas Brito, antigo emprezario do theatro de S. Carlos, que veiu a Lisboa tratar de assumptos relativos á exploração d'aquella casa de espectaculos na proxima epocha, para o qual, como se sabe, o governo resolveu abrir concurso. O sr. Freitas Brito terá a seu cargo, como já noticiámos, a exploração do theatro de S. João, do Porto, com uma companhia de opera lyrica italiana.

—O sr. Taveira, emprezario do theatro da Trindade, escripturou a actriz-cantora Maria Itellina, que fez parte da companhia italiana Caramba.

Maria Itellina estreiar-se-ha na operetta «Suzy», que deve subir á scena depois do «Dia de juizo», de Eduardo Schwalbach.

—Em consequencia do grande exito do «Caldo entornado», a comedia de Monezy-Eon e Nancey, actualmente em scena no Politeama, foi adiada a «reprise» da «Martyr», de D'Ennery, que devia realisar-se esta semana. As representações do «Caldo entornado» proseguem, pois, com o concurso de Palmyra Torres e Ignacio Peixoto, os seus creadores, conservando, tambem, Etelvina Serra o seu papel de «Condessa de Chantenay».

—O actor Luciano de Castro, do Politeama, faz, esta época, a sua festa artistica com um espectaculo especial, de genero «Grand-Guignol». Uma das peças escolhidas é «A obcessão», de André de Lord e Alfred Binet, em que esse artista terá um trabalho de exame.

—A companhia dirigida por Luiz Galhardo só regressa a Lisboa no verão de proximo anno.

—O theatro da Zarzuela de Madrid fez «reprise» da peça de Julio Dantas «O reposteiro verde», traduzida por Ezequiel Endériz com o titulo de «La cortina roja».

—No seu regresso do Porto, a companhia do theatro da Republica, será reforçada com duas actrizes de merecimento. Uma d'ellas é Beatriz de Almeida, primeiro premio do Conservatorio, que já fez parte das companhias do Nacional e do Gymnasio, onde affirmou o seu valor como «ingénua», tendo acompanhado, ultimamento, a «tournée» Chaby Pinheiro; a outra é Judith de Mello, dama «galã», cujo nome se firmou no Gymnasio e no antigo Republica, como sendo o de uma distincta actriz de comedia.

—A actriz Julliana Guerra que, em tempos, fez parte da companhia da Rua dos Condes, tendo representado algumas das revistas que Eduardo Schwalbach escreveu para aquelle theatro, reapparece ali, brevemente, desempenhando um dos papeis da nova peça «Quadros vivos».

—Confirma-se a noticia de que a companhia lyrica do Colyseu dos Recreios, cuja estreia está annunciada para 24 de dezembro proximo, apresentará, em recitas extraordinarias, duas authenticas celebridades. São ellas a «prima-donna» Saloméa Krusceniski e o baritono Mattia Battistini. A primeira deve cantar a «Gioconda» e a «Madame Butterfly», e o segundo o «Barbeiro de Sevilha» e a «Maria de Rohan», operas em que, ha annos, os dois illustres artistas se fizeram ouvir em S. Carlos.

Tambem faz parte da companhia o soprano lirico sr.ª Carmen Toschi, que já esteve em S. Carlos, com seu irmã,o o tenor Carpi,—e diz-se que ha negociações entaboladas para a escriptura de Engracia Pareto, um soprano ligeiro muito notavel, que nunca veiu a Lisboa.

—No Olimpia do Porto está n'este momento em scena, com o maior exito, a revista «A' ultima hora!», original do nosso collega do «Jornal de Noticias» Simões de Castro e Augusto Vera. No desempenho entram Caetano Reis, Martins dos Santos, Maria Amelia e Regina Montenegro, uma estreiante de recursos. O guarda-roupa é da casa Cruz, de Lisboa.

—No theatro da Trindade realisa-se hoje, como já noticiámos, a recita do estimado fiscal Manuel de Sousa Machado, com a representação da zarzuela «El-rei damnado».

—Fala-se na vinda a Lisboa do Orfeon de Condeixa, que se fará ouvir no novo theatro da Republica, em principios do proximo anno.

—O «Primo Basilio» entra em ensaios na quarta ou quinta-feira no theatro do Gymnasio.

—A companhia do Politeama vae, esta época, ao Porto, dar uma serie de espectaculos, devendo estreiar-se com o «Caldo entornado».

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chanteeler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

A provincia n'A CAPITAL

MACIEIRA DE CAMBRA, 15.—O logar de Macieira-a-Velha está hoje em festa por motivo do 56.º anniversario do grande benemerito sr. Luiz Bernardo de Almeida, que aos seus amigos offerece um lauto banquete, tendo vindo de Lisboa e Porto avultado numero de pessoas.

Os povos de Macieira de Cambra vão logo fazer uma manifestação de gratidão a esse benemerito e a sua esposa e mãe.

Kiao-Chau—na qual fica Tsing-Tau—e estabelecera um apertado cêrco d'esse porto nas modernas condições de guerra.

O objectivo dos japonezes era, naturalmente, a esquadra allemã do Extremo Oriente, mas von Spee, o almirante commandante d'essa força, conseguiu occultar-se e aos seus cruzadores em qualquer porto do sul do Mar da China.

As armadas japonezas ficaram nos seus postos até ao fim d'agosto, quando começou o transporte do exercito destinado a tomar Tsing-Tau. A primeira armada tmou en-

Tenente-coronel C. B. Leckie, commandante dos Escocezes Canadianos

tão posição nas aguas meridionaes da Koréa, ao passo que uma divisão de segunda esquadra, cruzando no Mar Amarello, prestava auxilio comboiando os transportes.

A divisão do contra-almirante Kamimura, cooperando com o destacamento da estação naval de Port Arthur, auxiliou o desembarque de tropas em Lunkiang. E emquanto estes movimentos se effectuavam—só terminando a 13 de setembro—um destacamento sob o commando directo do almirante Kato, commandante em chefe da segunda esquadra, com o «Tochinai» e o «Okada» e um outro contingente especialmente destinado para esse serviço, concentrou-se na bahia de Kiao-Chau e nas suas proximidades.

Apezar do tempo pessimo, os limpa-minas trabalharam quasi que ininterruptamente em varrer o mar no ponto em frente do qual o segundo destacamento do exercito devia desembarcar. Os aviadores trabalhavam tambem por seu lado e o inimigo teve todas as communicações cortadas pelo mar.

Quando, em setembro, começou o transporte da segunda parte do exercito, a primeira armada de novo foi empregada em comboiar os transportes; o «Kaminura» e o «Port Arthur» auxiliaram o desembarque das tropas na bahia de Laoskan, emquanto a principal força da segunda armada, que podia agora operar livremente devido ao trabalho dos limpa-minas, cooperava com as forças de terra bombardeando os fortes da ala direita da linha do inimigo.

As baterias de marinha que estavam auxiliando o exercito sitiante abriram fogo no dia 14 d'outubro sobre os navios inimigos que estavam na bahia e, tendo-os inutilisado, voltaram a sua attenção para o bombardeamento do forte de Tsing-Tau.

A 31 d'outubro começou um bombardeamento geral e a 7 de novembro os fortes renderam-se. O navio inglez «Triumph» e o destroyer «Usk» cooperaram com a segunda armada e tomaram parte no bloqueio, assim como no bombardeamento.

Durante essas operações perderam-se o velho cruzador «Takachico» de 3.700 toneladas, construido em 1885, o destroyer «Shiratai», o torpedeiro numero 33 e tres paquetes que haviam sido armados em guerra. Do lado do inimigo houve, mettidos a pique ou destruidos, o cruzador austriaco «Kaiserin Elizabeth», cinco canhoneiras («Cormoran», «Iltis», «Jaguar», «Tiger» e «Luchs») e dois destroyers.

Esta acção foi apenas uma parte da actividade desenvolvida pelos japonezes. No começo das hostilidades, a terceira armada japoneza foi mandada proteger a carreira commercial para os mares do sul, nas aguas chinezas.

pulação das areas annexadas no oeste devia ser posto em pratica tambem no leste e observava que a indemnisação de guerra a pedir á Russia devia consistir em grande parte em cessões de territorio.

Finalmente inseria uma longa explanação das razões economicas por que a Allemanha se devia apoderar das regiões hulheiras francezas. Argumentava-se especialmente que, se os inimigos da Allemanha conservavam as principaes fontes mundiaes de oleo mineral, a Allemanha devia apoderar-se das principaes regiões hulheiras.

A evidencia era já esmagadora, mas o fecho deu-lh'o o chanceller imperial a 19 d'agosto findo, proferindo no Reichstag um discurso confessando claramente todas as ambições do imperio allemão.

Mais uma vez, mas com insolita violencia de linguagem e occultando propositadamente a verdade, herr von Bethmann-Hollweg protestou a innocencia da Allemanha e o seu amor pela paz, proclamou a «culpabilidade» dos seus inimigos e attribuiu á Inglaterra em especial a responsabilidade de terem falhado os esforços diplomaticos para se conseguir um accordo entre a Inglaterra e a Allemanha nos annos que precederam a guerra e para evitar esta quando se deu a grande crise.

Mas a significação real do discurso, que foi acolhido com enorme satisfação em todo o imperio e trouxe ao chanceller imperial louvores publicos e inesperada popularidade, era a de marcar o abandono da ficção da «guerra defensiva da Allemanha».

A queda de Varsovia, Ivangorod e Kovno e a conquista da Galicia e da Polonia foram o signal para a diplomacia allemã tomar tambem a offensiva. As passagens principaes do discurso foram as seguintes:

«O mundo que sahirá d'esta guerra nunca assumirá o aspecto que os nossos inimigos sonham. Luctam pela restauração da velha Europa, com uma Allemanha impotente no meio d'ella como campo para intrigas e para cobiças e, sendo possivel, como campo de batalha da Europa—uma Allemanha em que os pequenos Estados impotentes estarão sujeitos á vontade de estranhos, uma Allemanha com as suas industrias enniquiladas e podendo apenas concorrer ao pequeno commercio dos seus mercados internos, sem uma armada, uma Allemanha vassalla do gigantesco imperio russo.

Não, esta tremenda guerra mundial não restaurará as velhas condições. Um novo systema surgirá. Se a Europa quer sempre a paz, só a póde conseguir pelo estabelecimento d'uma Allemanha inviolavel e forte. A politica ingleza do equilibrio de poderes deve desapparecer...

A Allemanha deve construir, fortificar e fortalecer a sua posição de modo a que as outras potencias nunca mais possam pensar em a anniquilar. Para protecção de nós proprios e de todos os povos, queremos a liberdade dos mares mundiaes—não como a Inglaterra deseja, só para ella, mas de modo que sejam pertença de todos os povos em partes eguaes...

Esta guerra mostrou de que grandeza somos capazes, quando confiamos na nossa propria força moral. Não odiamos os povos que teem sido arrastados á guerra contra nós pelos seus governos, mas seremos superiores ao seu sentimentalismo. Luctaremos até que esses povos peçam a paz, até que se penitenciem da sua culpabilidade, até que o caminho fique livre para uma nova Europa, liberta das intrigas francezas, da paixão moscovita de conquista e da tutela ingleza».

A este insolente cartel de desafio á Europa replicou immediatamente sir Edward Grey. O que era o programma allemão? A Allemanha queria ser o arbitro do destino de todas as outras nações—a Allemanha queria ser suprema e a unica a ser livre—«livre para quebrar os tratados internacionaes; livre para esmagar quem lhe approuvesse; livre para recusar toda a mediação; livre para fazer a guerra quando lhe conviesse; livre, quando fizesse a guerra, para quebrar de novo todas as

normas de civilisação e humanidade em terra e no mar; e, emquanto assim podia proceder, todo o seu commercio maritimo ficaria livre em tempo de guerra como todo o commercio o é em tempo de paz... Em semelhantes termos não podia a paz ser concluida ou a vida das outras nações não seria livre ou sequer toleravel».

Ao mesmo tempo o discurso de herr von Bethmann-Hollweg revelou os esforços da Allemanha para assegurar a neutralidade da Gran-Bretanha antes de atacar a Russia e a França.

Em virtude das affirmativas grosseiramente mentirosas do chanceller allemão, tendentes a mostrar que a Inglaterra impedira as benevolas offertas feitas no interesse da paz, o governo inglez viu-se forçado a publicar a narrativa completa das infelizes negociações que lord Haldane, então membro do gabinete, fóra tratar em Berlim, em 1912.

A Allemanha havia, sob o pretexto de falta de vontade de pôr de parte algumas das medidas que estavam sendo tomadas para augmento da armada allemã, pedido um tratado de neutralidade que teria impedido a Gran-Bretanha de prestar auxilio n'uma guerra contra a Russia ou contra a França, ao passo que a Allemanha ficava com plena liberdade de tomar parte n'uma guerra contra essas potencias em conformidade com os termos da Triplice Alliança.

Tal revelação confirmou a opinião que se generalisára em Inglaterra com respeito á perigosa influencia exercida por lord Haldane nos annos que antecederam a guerra. E, o que é mais importante, é que acabou d'uma vez por todas com as desculpas e prevaricações da Allemanha e pôz a claro o seu persistente e ininterrupto esforço para dominar a Europa.

N'um anno de guerra, a Allemanha dera uma demonstração notavel do seu poder militar, do patriotismo do seu povo, da grande força e recursos do paiz e da sua inexcedivel efficiencia de organisação e administração.

Mostrára poucos signaes quer de fadiga guerreira, quer de exhaustão politica, moral ou economica. Mas estava sósinha. Tem as rédeas em Vienna e Budapest e os seus manequins governam a Turquia. A sua força e a sua violencia causaram certa impressão. Mas, assim como foi abandonada, apesar de todas as tentações materiaes, pela sua alliada a Italia, não alcançou nem amigos, nem sympathias, nem approvação.

Apenas attentou com todos os seus golpes a coragem e a resolução de todas as nações que arrastou á guerra e, em toda a parte do mundo onde os homens créem nos ideaes humanos e amam a independencia nacional e a liberdade, fez com que a paz só seja acceitavel quando ella puzer termo ás arrogantes ambições da Allemanha e á sua paixão de conquista

CAPITULO VII

A guerra naval no segundo trimestre

De novembro de 1914 até ao fim de janeiro de 1915, acontecimentos de grande importancia se deram no mar do Norte, mas a caracteristica d'esse periodo foi a execução da tarefa de destruir as forças navaes da Allemanha nos mares longinquos. A tomada de Tsing-Tau tinha de ser completada pela destruição da força naval que tinha a sua base n'aquella fortaleza do Oriente.

A sua sorte estava prevista, mas a sua existencia constituia uma ameaça para o commercio e trazia riscos e responsabilidades que directa e indirectamente affectavam toda a obra da armada ingleza. Tsing-Tau fôra desde o começo da occupação allemã, administrada pelo almirantado allemão e não pelo ministerio das colonias. Era, de facto e acima de tudo, uma base naval e a séde da esquadra allemã do «Oriente Asiatico».

Essa força compunha-se dos cruzadores - couraçados «Scharnhorst» e «Gneisenau», dos cruzadores ligeiros «Emden», «Nürnberg» e «Leipzig», de canhoneiras e de dois destroyers». Como dissemos, quando tratámos da tomada de Tsing-Tau, os cruzadores não foram ahi destruidos ou aprisionados, visto que na occasião se não encontravam n'essa bahia.

Vamos descrever resumidamente a obra da armada japoneza, que ajudou a varrer as aguas na visinhança das suas proprias costas e depois cooperou no transporte de tropas dos Dominios para a Inglaterra e em fazer desapparecer a bandeira allemã das ilhas do Pacifico.

Foi a 23 d'agosto de 1914 que o Japão quebrou as relações diplomaticas com a Allemanha e lhe declarou guerra, mas logo que isso se deu agiu com a rapidez e a efficiencia que era de esperar d'aquelle povo. A primeira esquadra, sob o commando do almirante barão Dewa, estendeu-se n'uma linha desde o promontorio de Shantung, no Mar Amarello, até ao archipelago de Chusan no Mar Oriental, emquanto a segunda esquadra, sob o commando do almirante Kato, estava no dia 27 espalhada em frente da bahia de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1898 — 6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Terça-feira, 16 de Novembro de 1915 | Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão —71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

O que é exacto

Do ministerio da marinha baixou hontem uma nota officiosa, que publicámos, na qual se pretende demonstrar ter a «Capital» faltado á verdade, ao referir-se ao celebre documento de que constam as accusações da guarnição da «Zambeze» a dois officiaes d'aquelle navio de guerra.

De diccionario em punho o sr. ministro da marinha pretendeu confundir-nos, sem se lembrar de que acima dos recursos do vocabulario está a eloquencia decisiva dos factos. Assim, toda a argucia da nota officiosa se estriba em accentuar que não foi deturpado na sua significação esse documento, nem nada se truncou de maneira a não dar o esclarecimento preciso do processo.

«As considerações de «A Capital»—diz a nota—são menos exactas. O que é menos exacto é o que a nota pretende provar.

Os trabalhos da commissão de marinha apparecem truncados. Esta é a verdade inilludivel. Elles constituem um todo ao qual se não póde tirar uma parte sem que por completo se desvirtue a sua significação e annule a sua importancia. Pondo de parte o documento da «Zambeze» a accusação contra os officiaes n'elle alvejados perde um elemento essencial. E se fazer isto não é truncar, só teriamos a classificar este procedimento d'uma fórma que, incluindo a mesma noção, ainda a aggravaria sensivelmente para os responsaveis de tal procedimento.

Ainda mais flagrante é a deturpação a que alludimos, e relativa ao mesmo documento. E' preciso que se considere que as palavras não teem só um sentido lexycographico: teem tambem uma significação moral. O documento da «Zambeze» não é um documento anonymo. Elle contem uma relação de 87 praças e officiaes inferiores d'aquella canhoneira, como testemunhas dos factos. Varias praças foram chamadas e ouvidas pela commissão, entre ellas o 1.º fogueiro 1.225, o 1.º artilheiro 1.878, o 1.º cozinheiro 1.474, o 2.º artilheiro 2.988, o 1.º artilheiro 1.680, o 2.º artilheiro 3.421, e ainda outros. Como se póde affirmar que se trata d'um documento anonymo, com toda a baixeza moral que este termo estygmatisa, quando ha 87 marinheiros apontados, uns pelo seu nome, outros pelos seus numeros, para o esclarecerem com os seus depoimentos? Atraz d'esses nomes, atraz d'esses numeros estão homens. E esses homens, que pertencem á heroica marinha portugueza, teem a zelar a sua dignidade propria, a dignidade da classe a que pertencem, a dignidade da propria Republica, da propria Patria, de que a nossa marinha fórma parte integrante?

Estes jogos de palavras não illudem as questões. Podem as notas officiaes do sr. ministro da marinha serem melhor ou peor redigidas, conforme correm mais propicias ou mais agrestes as brisas do Campo Grande, sob cujos copados arvoredos consta que são laboriosamente elaboradas. O que é certo é que sobre marinheiros portuguezes, com os quaes se solidarisam os seus camaradas dos outros navios de guerra, pesa a accusação vexatoria de que só na sombra, escondendo-se traiçoeiramente, cobardemente, sabem formular as accusações que a sua fé republicana lhes inspira!

O que se está passando é grave, e não ha convenção possivel que possa dissimular a sua gravidade. A opinião republicana tem o seu juizo formado, e elle é d'uma excelitudão absoluta. Na realidade, estes incidentes derivam do prolongamento d'uma situação a que já falhou a logica e que nenhuma força robustece. O sr. José de Castro deve ser o primeiro a reconhecel-o. Preside a um governo, que teve uma missão a desempenhar, missão de sua natureza transitoria. Desde que a vontade do paiz falou pela bocca das urnas, pronunciando-se por um partido que lhe pedira o seu voto para governar, essa missão estava virtualmente finda. Ninguem póde reagir contra as indicações da soberania nacional, nem póde tentar illudil-as ou sophismal-as. Reunido o parlamento, da sua maioria devia surgir o novo governo. Addiou-se o inicio d'essa nova situação ministerial para a inauguração da nova presidencia da Republica. Todos viram n'esta resolução um testemunho de consideração para um governo que sahira do glorioso movimento de 14 de maio e atravessára as horas difficeis do periodo revolucionario. No dia 5 d'outubro pela praxe o sr. José de Castro devia pedir a sua demissão. Elle proprio declarou que o faria como uma resolução assente. Era uma excellente occasião de depôr o seu pesado fardo.

Mas o sr. José de Castro ficou. Procedeu, na realidade, como se apenas d'uma formalidade se tratasse. E eis que se eternisa no poder, não podendo fazer nada, porque quem se encontra sempre ameaçado de desapparecimento, a toda a hora, a todos os instantes, nada, com effeito, póde fazer. Perdão. Enganamo-nos. O que se está passando com a marinha, prova que se póde fazer alguma coisa: prejudicar a Republica da maneira mais grave e mais insolita.

Collegio Militar

Meu caro Manuel Guimarães.—Permitta-me que saia das secções que habitualmente assigno n'*A Capital* para rectificar um erro de factos, que se contem no artigo hontem publicado n'um jornal da noite ácerca do Collegio Militar e em que sou directamente visado.

Fui collocado n'aquelle estabelecimento de ensino em 23 de maio ultimo, como professor interino do grupo de portuguez e francez, não para substituir um professor desalojado do seu logar em virtude dos acontecimentos de 14 de mesmo mez, mas para preencher provisoriamente um logar vago pela demissão voluntaria do official proprietario da cadeira. Fui proposto pelo então director do Collegio Militar, coronel Ferreira Gil e a escolha foi sanccionada pela approvação unanime do conselho escolar. Seria fazer injuria áquelle official e ao corpo docente suppôr que no caso houve imposições de qualquer especie.

Portanto, não posso estar preoccupado com a reintegração dos professores afastados. Irei exercendo interinamente as funcções do meu logar até que n'ellas seja definitivamente confirmado pelo exito de um concurso, a que nunca pensei esquivar-me ou d'ellas seja afastado n'esse mesmo concurso por um camarada mais competente. D'aqui até lá exercerei essas funcções com a maior assiduidade e o melhor desejo de acertar e manter as tradicções honrosas de aquella casa de ensino.

Sem ter procuração para defender os srs. capitães Lino Ferreira e Santos Paiva, officiaes escolhidos pelo director e conselho escolar para substituir os professores deslocados, cumpre-me, por dever de camaradagem, protestar contra as phrases que lhe são dirigidas conjunctamente com as que me attingem. Todos sabem que são officiaes absolutamente alheios á politica, de melhor competencia nos logares para que foram escolhidos e nos quaes souberam grangear a estima justissima dos seus collegas e dos seus alumnos.

Quanto ao mais que no artigo acima citado se me applica, desafio quem quer que seja a que prove com factos concretos que a politica, a malfadada politica d'esta terra, me serviu alguma vez para tratar dos meus interesses ou prejudicar os dos meus camaradas. Toda a minha vida tenho pedido exclusivamente ao meu trabalho, exercido sempre com independencia, se não com brilho, as situações aliás modestas que tenho occupado. Não sei entrar em parte alguma por portas escusas e não devo, nunca pedi, nem pedirei á Republica o menor favor pessoal. Não tenho tomado nas agitações politicas do nosso tempo senão a parte mediocre que corre publica e impressa com o meu nome. D'essa assumo inteira responsabilidade e engeito cathegoricamente qualquer outra que se me queira attribuir.—Seu do coração, *André Brun.*

A medicina e os pobres

Amanhã, deve abrir em Lisboa uma policlinica modelar

Lisboa talvez seja a cidade europeia onde os serviços clinicos são mais caros. Ao mesmo tempo, das grandes capitaes da Europa, Lisboa não é, seguramente, a que possue os seus serviços de assistencia hospitalar mais abundantes e mais acessiveis. Baratear a medicina e a cirurgia, nas suas diversissimas e complexas applicações chega, por isso, a ser entre nós uma grande obra de benemerencia. O doente pobre ou de modestos recursos tem tanto direito, pelo menos, a ser bem tratado como o doente rico, que possa pagar com punhados d'oiro a assistencia dos melhores medicos. E se é assim, o que é natural e louvavel? Isto apenas: que os bons medicos, compenetrando-se da sua missão, tornem acessiveis os seus beneficios a todos que d'elles necessitem nas horas angustiosas da doença. Foi, decerto, em obediencia a este principio cheio de humanidade que obedeceu o grupo de medicos que acaba de fundar em Lisboa mais uma Polyclinica. Funccionará esse instituto no predio n.º 250 da rua da Prata, que soffreu, para o effeito, grandes transformações. E' ali que os medicos que se reuniram para levar a cabo esta obra benemerente instalarão as suas clinicas para as classes pobres.

Mas, dentro em pouco, a Polyclinica Lisbonense terá annexos, uma casa de saude, por preços modestos, e um estabelecimento hydroterapico. Presentemente, ella possue já uma instalação propria, sem luxo mas onde nada falta, onde se encontram os mais modernos apparelhos de electricidade medica—Raios X, Alta Frequencia, Diathermia, Massagem, etc.—como decerto outra instituição os não possue em Lisboa. A' frente da nova Polyclinica estão verdadeiras sumidades, como por exemplo os professores Annibal Bettencourt e Ayres Kopke, a cargo de quem ficam as analyses de urinas, sangue, expectoração, etc. O dr. Ary dos Santos terá a seu cargo as doenças de garganta, nariz e ouvidos, o dr. Silva Araujo incumbir-se-ha da clinica cirurgica, o dr. Francisco Cruz das doenças das senhoras, o dr. Arthur Ravara das doenças das vias urinarias, o dr. Cassiano Neves da clinica medica e das doenças pulmonares e cardio-vasculares, os drs. Sobral Cid e Moreira d'Azevedo das doenças nervosas, mentaes e da electro-terapia, o dr. Carlos Lopes da clinica geral e da syphilis, o dr. Miguel dos Santos das doenças da bocca, o dr. Leonel de Macedo das doenças das creanças e o dr. Xavier da Costa das doenças dos olhos.

Como se vê, não era facil reunir um grupo de medicos que mais garantias de competencia e de saber profissional pudessem dar. Só por si, elles são o penhor de que todos aquelles que recorrerem á Polyclinica Lisbonense encontrarão ali a assistencia medica e cirurgica que os seus soffrimentos requererem e que a modestia dos seus recursos não lhes permittiria ir procurar n'outra parte. Os iniciadores e fundadores do novo instituto são, pois, dignos dos maiores louvores, tão proficuamente hão de fructificar os esforços que vão empregar para reduzirem o soffrimento alheio e o infortunio d'aquelles que, sendo pobres, teem muitas vezes, por falta de recursos, de se privar dos tratamentos que os seus males exigem.

UMA QUESTÃO IMPORTANTE

E' preciso baratear o assucar

Vende-se em Portugal por preços excessivos, superiores aos de qualquer outro paiz

Portugal é o paiz das anomalias. E é tambem a terra das coisas que ankisolam, que endurecem, que petrificam, que não giram nem evolucionam. Por virtude de velhos preceitos administrativos, temos ainda hoje pautas alfandegarias que, ao mesmo tempo que encarecem extraordinariamente a vida, evitam que progridam certas industrias com todas as condições de prosperidade ao seu alcance, emquanto outras, tendo-se recolhido commodamente á sombra da protecção que lhes dispensam, nunca trataram de se aperfeiçoar, de melhorar os seus productos, de procurar dispensar um dia essa protecção, que nunca poderia ter sido concedida a titulo definitivo. O proteccionismo aduaneiro para as industrias não póde ser nunca senão um estimulo. Transformal-o em sistema fixo, em condição primaria e imprescindivel para a existencia d'uma industria qualquer, é preverter o seu objectivo e entravar o progresso industrial de qualquer paiz. As pautas não são, não foram nunca uma couraça impenetravel. Quando muito, jámais passaram d'uma arma poderosa, por virtude da qual o trabalho d'um paiz póde, ao abrigo da concorrencia estrangeira, e no periodo de iniciação e desenvolvimento, attingir o grau de actividade productiva a que aspirar e que de direito lhe pertencer.

A industria do chocolate é, porém, das que não gosam de protecção digna d'esse nome. Mais: o assucar, que é uma das suas principaes materias primas, consóme-o ella pelo preço que o consómem todos. E não ha paiz no mundo onde o assucar seja mais caro. E', positivamente, mel ás moedas. Porque? Porque sobre o assucar pesam direitos de tal maneira excessivos, que o transformam, não n'um genero que fique ao alcance de todos e se encontre em toda a parte, por preços razoaveis, mas n'uma preciosidade rarissima, que só os abastados e os ricos tem o direito de alcançar, de saborear e de consumir. Os protestos, as suffocadas indignações contra este estado de coisas ha muito que se fazem ouvir e sentir, ameaçando quando menos se esperra, erguer-se em verdadeiros clamores.

—O assucar, diz-nos um homem que, pelos seus vastos conhecimentos dos assumptos economicos e sociaes, tem toda a auctoridade para falar, é ainda hoje para as classes pobres, um raro e precioso manjar. Attente-se, por um pouco, no orçamento d'uma familia citadina, que não disponha, para seu sustento de mais de quatro ou cinco tostões. Ver-se-ha que ao assucar se destina, pelo menos, a terça parte dos recursos diarios de que essa familia póde dispôr. E' isto justo? E' porventura humano que se prive a gente pobre de assucar e que as classes que mal angariam aquillo de que necessitam para viver estejam condemnadas a não saber, se não de raro em raro, o sabor do assucar? Creio bem que não e estou seguro de que não haverá ninguem que se atreva a applaudir este estado de coisas.

«Depois, em Lisboa ainda as classes pobres, á custa de sacrificios de toda a ordem, conseguem dar-se ao luxo de ter assucar, uma vez por outra para seu uso, muito embora o poupem avaramente e o tomem como quem toma um remedio de que não se póde abusar. Mas na provincia? Ahi, o mal aggrava-se espantosamente. Ha povoados onde o assucar entra de raro em raro; e na maioria dos lares de trabalhadores e de cavadores elle só apparece quando a doença, de braço dado com a morte, bem frequentemente se infiltra nos humildes tugurios onde a miseria das populações campesinas se acoita. E' por isso que Portugal é o paiz do mundo que consóme menos assucar, apesar de o ter, e magnifico, nas suas colonias d'Africa.

Por alguns minutos, desviamos a conversa interessantissima para outro assumpto que surge incidentemente. Depois, a pessoa com quem o acaso nos fez deparar continua assim:

—E sabe porque o assucar se vende em Portugal por preços exorbitantes? Simplesmente por causa dos direitos que lhe são impostos na alfandega. A pauta fixou-os ha mais de duas dezenas d'annos, quando nas colonias portuguezas da Africa mal se produzia assucar. Olhou-se apenas ao lucro que o Estado auferia, sem se cuidar de poupar o consumidor. E' assim que o assucar importado paga cento e quarenta e cinco réis por cada kilo, exceptuando-se d'esse imposto esmagador só o assucar de Angola e Moçambique sujeito a «bonus». Em nenhum paiz do mundo acontece isto. Em todos elles o assucar se vende, em circumstancias normaes, por preços ao alcance de todos. Dizer-se que semelhante anomalia não póde continuar, que é preciso favorecer o consumo do assucar, procurar barateal-o e vulgarisal-o é já um logar commum. Mas é uma grande verdade, que nunca é de mais repetir, para ver se os governos se compenetram d'ella e se deixam convencer.

«Que meios ha para se alcançar semelhante coisa? Ha de haver muitos. Mas para que elles deem resultado, tem de ser atacado o problema bem de frente. E' preciso, nem mais nem menos do que reduzir os direitos alfandegarios, fixal-os no que fôr justo, procurar fornecer o assucar ás classes desprovidas de fortuna em condições que lhes permittam applical-o abundantemente á sua alimentação. Dir-se-ha que o Estado, se tal fizer, perderá algumas centenas de contos. A principio, assim acontecerá. Demos, porém, tempo ao tempo, porque para vulgarisar um producto não foi nunca de bom conselho encarecel-o. O assucar mais barato irá onde não vae agora. Será consumido, em quantidade muitissimo maior, de maneira que, a breve trecho, o Estado veria as suas receitas fiscaes, provenientes do imposto sobre o assucar, inteiramente equilibradas. E' intuitivo, pois não é verdade? Pois isto que todos nós percebemos á legua não o comprehende a nossa administração publica. E por não o comprehender, succede esta coisa estranha de em Portugal, que tem nas suas provincias ultramarinas mais assucar do que o seu mercado exige, luctar com falta d'esse genero e só alcançar aquelle que lhe é estrictamnete indispensavel a preços elevadissimos e absolutamente exagerados.

E por ultimo, a pessoa que assim se occupa d'este assumpto diz mais:

—As pautas não pódem ser instrumentos rigidos, inalteraveis, inadaptaveis ás necessidades do paiz. E' preciso modifical-as de quando em quando, modernisal-as, expurgal-as de quantas violentas e injustificaveis disposições n'ellas haja a entravar o desenvolvimento economico, industrial e commercial d'um paiz. E estou certo de que a revisão das nossas pautas, sendo fatal, está por pouco. Ellas não podem continuar tal como se encontram. Ha industrias que ao abrigo d'ellas ainda mal deram um passo para progredir? Pois é preciso obrigal-as a sahir do seu casulo de commodismo e forçal-as a ter vida propria. Ha outras que se montaram depois das pautas vigorarem e que, por esse motivo, se sentem dentro de verdadeiras camisas de força, tanto os seus interesses estão em contradicção e em flagrante antagonismo com os interesses, pouco legitimos, do Estado? Pois que se deem a estas os elementos de vida que lhe são indispensaveis, favorecendo-se-lhes o desenvolvimento constante e o progresso sem sobresaltos. Urge obrigar o assucar a descer de preço para que as classes menos abastadas possam consumil-o abundantemente. Mas tambem é necessario que o assucar possa ser adquirido mais barato pelas industrias que n'elle teem a principal materia prima. Pois é, porventura, razoavel, que tendo nós, os portuguezes, por exemplo, cacau e assucar em extraordinaria abundancia, mandemos o cacau para o estrangeiro para de lá importarmos os chocolates? Eu creio que não...»

Não ha remedio senão concordar com este homem pratico, largamente conhecedor das coisas commerciaes e industriaes da nossa terra. E o Estado? Esse, quando um dia fôr servido por governantes modernos, sabedores, desempoeirados e capazes de atacar de frente os grades problemas economicos, não terá remedio senão render-se á evidencia, porque perceberá então que todo o seu empenho reside em favorecer o trabalho e não em o difficultar manietando-o. Esta questão do assucar é das mais interessantes da nossa economia nacional. Havemos de nos occupar d'ella como desenvolvimento, porque estamos convencidos de que alguma coisa se poderá dizer capaz de a esclarecer em muitos dos seus importantissimos aspectos.

UMA BELLA INICIATIVA

"ATLANTIDA"

Mensario artistico, litterario e social para Portugal e Brazil

Appareceu á venda em todas as livrarias o primeiro numero da grande revista mensal, a que já alludimos, e que tem como directores João de Barros, o primoroso poeta, e João do Rio, o brillante jornalista fluminense, revista intitulada «Atlantida» e que se destina a Portugal e Brazil.

O seu aspecto material é excellente, póde dizer-se luxuoso, comprovando o bom gosto de Pedro Bordallo Pinheiro, o seu editor, e honrando as officinas de Libanio da Silva, que hoje são das primeiras de Lisboa. Contem 95 paginas e, além da reproducção d'um quadro celebre de Columbano, «A chavena de chá», e do famoso retrato de Ramalho Ortigão por Sargent, insere versos de tres insignes poetas: Olavo Bilac, Julio Dantas e Affonso Lopes Vieira; artigos de apresentação por João de Barros e João do Rio, um erudito estudo sobre «A revolução de 1640 e o terror bragantino» por Theophilo Braga, outro sobre «Um diplomata do imperio» por Velloso Rebello, um magnifico perfil de Ramalho por Luiz da Camara Reis e ainda «Campos da minha terra» pelo eminente romancista Teixeira de Queiroz, «Relações luso-brazileiras» por Moreira Telles e «Romance d'um esculptor» pelo notavel homem de lettras Manuel de Sousa Pinto.

Na «Revista do mez» com que fecha o primeiro numero de «Atlantida» collaboram João de Deus Ramos, João de Barros, Mario Carvalho e Avelino de Almeida, que subscreve a chronica de theatros.

Nas «Noticias & Commentarios» a «Atlantida» annuncia a proxima publicação, nas suas paginas, d'uma novella inedita do glorioso escriptor brazileiro Coelho Netto. Intitula-se «Elixir da vida».

«Atlantida» representa, incontestavelmente, um verdadeiro arrojo editorial. Cremos no seu exito absoluto e facil é prever-lhe uma salutar influencia no estreitamento das relações intellectuaes, litterarias e artisticas de Portugal e Brazil.

O preço de cada exemplar é de 25 centavos.

A Revolução de 14 de Maio

por J. Correia dos Santos

O «14 de maio», como abreviadamente é costume designar-se o movimento que poz termo á dictadura Pimenta de Castro, tem já a sua litteratura propria. Contam-se por dezenas as brochuras, folhetos, chronicas e relatorios a que serviu de thema essa incontroversa affirmação do espirito republicano em Portugal. D'entre tudo o que a tal respeito se escreveu, porém, devemos com justiça destacar o trabalho do capitão Correia dos Santos que, sob o titulo de «Subsidios para a historia politica e militar da revolução de 14 de maio de 1915» acaba de vir á luz, e profundamente esclarece, em muitos pontos duvidosos, o que foi esse movimento onde se confirmou, por fórma decidida, a suprema vontade da nação essencialmente republicana e portanto incompativel com dictaduras e dictadores. Isso mesmo reconhece o illustre militar «doublé» de notavel jornalista no prefacio da sua brochura.

«Parece-nos, diz elle, que toda a gente devia ter ficado com a impressão bem nitida de que a Republica está profundamente arreigada na alma popular e que perdem o tempo os que julgam poder derrubal-a».

E' superfluo affirmar que o capitão Correia dos Santos, representando como representou um papel de destaque na sequencia do movimento, possue particular auctoridade para depôr sobre determinados factos em que directamente interveio. Mas o illustrado official não se limitou a narrar o que viu; conta-nos egualmente o que ouviu ás principaes figuras da revolução triumphante, conquistando assim para a Historia documentos de inestimavel valor.

Lendo, com natural interesse, o seu livro, apenas nos cumpre fazer um ligeiro reparo no que nos toca pela porta, quando a paginas 205 do seu livro o capitão Correia dos Santos regista as declarações do heroico commandante Leotte do Rego. Diz-se n'essa altura que a famosa proclamação revolucionaria dos marinheiros foi impressa nas officinas da «Capital», o que constitue um ligeiro lapso de facil rectificação. Esse historico documento foi composto e impresso n'uma das mais importantes typographias de Lisboa, cujo proprietario, ardente republicano conquistado para o movimento por um dos redactores d'este jornal, se promptificou a compôr e a imprimir por suas proprias mãos, na noite de 13 para 14 de maio, a proclamação revolucionaria que devia justificar moralmente a attitude dos bravos marinheiros da armada.

Termina o livro por um capitulo de «Conclusões» que bem poderiamos classificar de philosophia ao «14 de maio». O bom senso d'essas curtas reflexões salta positivamente nos olhos. Effectivamente, a toda a acção violenta realisada pelas armas deve seguir-se, como complemento logico, a revolução das ideias. Correia dos Santos, affirmando que esse movimento deve ter destruido as ultimas esperanças dos proselitos da monarchia, reclama o estabelecimento de uma nova ordem social, e não seremos nós que viremos contrapôr ao seu raciocinio ardilosos e sophisticos argumentos que o tentem destruir. A brochura do capitão Correia dos Santos, em resumo, constitue uma obra de intrinseco valor, de indispensavel leitura a quantos pretendam patrioticamente acompanhar, com conhecimento de causa, a evolução politica da nossa terra.

Historia Illustrada DA Grande Guerra

A livraria Guimarães & C.ª, editores, da rua do Mundo, acaba de publicar o terceiro volume da «Historia Illustrada da Grande Guerra», profusamente illustrada e que os nossos leitores conhecem já das columnas d'*A Capital*. N'este volume trata-se do avanço allemão sobre Paris, da retirada para o Marne, das batalhas do Marne e do Aisne, da defeza e tomada de Antuerpia, da invasão da Servia, do papel do Japão na guerra, etc. A compilação, escrupulosamente feita, é do nosso collega Garibaldi Falcão e a edição muito nitida.

A'MANHÃ:

Lêr em "A CAPITAL„

A primeira chronica parisiense sobre a guerra europeia por Hermano Neves

A repressão do jogo

Episodios interessantes — Como se joga em terra e no mar — As casas pataqueiras e as casas de luxo

A repressão do jogo continua dando logar a curiosissimos episodios.

Ante-hontem, ás oito horas, parava a uma das portas do palacio Foz uma carroça que, pouco depois, começava a carregar a mobilia e bancas de jogo da casa de tavolagem ali instalada n'um dos pavimentos inferiores e conhecida pela «Commandita». Essa casa fôra assaltada na vespera á noite. Diz-se que até um policia fardado fazia de moço de fretes carregando ás costas com cadeiras e quadros que adornavam as paredes!

A casa era classificada de «pataqueira» e o assalto da policia não se malogrou, segundo affirmavam varias pessoas, porque o porteiro abriu a porta ignorando que se tratava de agentes da judiciaria.

* * *

Na praça dos Restauradores um guarda civico teve que intervir n'uma discussão entre um grupo de partidarios das «pataqueiras» e de paladinos das casas de luxo.

Um boletineiro tentou aggredir uma mulher que, de cabaz nas mãos, se dirigia á praça da Figueira, só porque ella, inteirando-se do que se passava, affirmou:

—E' bem feito! Quem tem muito dinheiro que jogue... Mas que se não consinta que os pobres joguem porque isso só traz a desgraça a muita familia, como succedeu outro dia lá ao pé de mim, na rua do Telhal, em que a visinhança teve de valer a uma mulhersinha com trez filhos, quasi a morrer de fome, porque o marido, um serralheiro de uma fabrica de camas, gastou a féria de duas semanas no jogo!

* * *

Uma d'estas madrugadas, um guarda de serviço no Rocio viu, por volta das quatro horas, chegarem dois automoveis de onde se apearam uns dez individuos.

O civico, decorridos minutos, approximou-se, ouvindo dizer aos «chauffeurs» que os passageiros não passavam de jogadores que foram para os arredores de Lisboa jogar o monte.

Tambem a bordo de uma fragata, atracada ao caes da Areia, se jogou ante-hontem á noite desenfreadamente, contando-se cerca de 30 «pontos». A's 5 horas da madrugada, chegaram quatro automoveis ao caes, levando os «pontos» para a tradicional ceia, onde brindaram certamente pela policia que d'esta fórma foi mais uma vez ludibriada.

A policia, zelosa no cumprimento de ordens superiores, continua perseguindo as batotas modestas e deixando florescer as ricas que, segundo as más linguas, são sempre avisadas quando se preparam assaltos...

E ainda ha quem grite contra a regulamentação do jogo!

EM TORNO DA GUERRA

O que é o exercito servio

Comprehende 300.000 homens — Curiosas declarações de um dos seus officiaes

Salonica, 11 de novembro

As seguintes declarações foram feitas por um official superior servio a proposito da offensiva allemã contra a Servia:

«Esta offensiva era inevitavel, fatal. Impunham-se aos estados maiores dos dois alliados desde que a Turquia se tornára vassala dos imperios centraes, e muito principalmente desde que os Dardanellos se tornaram o objectivo principal dos estados maiores francez e inglez.

A Servia foi sempre o principal obstaculo que se oppunha á passagem da Austro-Allemanha pelas duas grandes vias do Oriente, a da Macedonia para a Salonica, e a da Thracia oriental para Constantinopla.

Pela planicie da Morávia passa a grande linha ferrea do expresso do Oriente, que se dirige do occidente para as ondas azuladas do Egeu e para as amenas margens do Bosphoro. Esta via é de extrema importancia, e ha muito tempo que os austro-allemães pretendem occupal-a. Conseguil-o-hão agora depois dos dois revezes austriacos?

Actualmente a situação do exercito servio é das melhores tanto sob o ponto de vista moral do soldado, como quando a munições e serviços da administração militar.

O exercito do general Putnik conta approximadamente 300.000 homens; este numero tem soffrido varias modificações desde o começo da guerra. O primeiro exercito que se organisou, e contava cinco divisões com 20.000 homens cada uma, soffreu, como era natural, perdas sensiveis durante os primeiros combates, que foram fulminantes.

As segundas tropas que foram organisadas, tambem 100.000 homens, já soffreram perdas menos sensiveis. Estas baixas foram cobertas com a chamada ás fileiras dos homens de 19 e 20 annos, e pelos alistamentos voluntarios de bosnios e servio-croatas. O terceiro exercito que foi levantado, ainda de 100.000 homens, foi destinado exclusivamente á guarda dos caminhos de ferro e das fronteiras bulgaras.

Serão estas tropas capazes de deter a arremettida austro-allemã? Poderão fazer frente a um exercito que os propagandistas allemães avaliam em 600.000 homens, e os servios em 450 a 500.000? Se fôssem apenas os allemães que nos atacassem, a victoria era certa; mas o ataque bulgaro torna o auxilio dos alliados indispensavel. Que os servios podem fazer frente a um exercito de 500.000 e mesmo de 600.000 homens é incontestavel; ainda no anno passado o fizeram com o exercito do general Potoriek que tinha mais de meio milhão de homens, embora os servios não tivessem já organisado regularmente o seu serviço de reabastecimento, e o seu armamento deixasse muito a desejar. Imagine-se que o exercito servio no anno passado tinha espingardas de quatro calibres differentes: a russa, de 7,62; a Mauser turca, 7,65; a Mannlicher austriaca, de 8, e uma outra espingarda de 7.

Com a artilharia succedeu o mesmo; compunha-se de canhões Schneider, Skoda, Krupp, etc., além de 140 canhões tomados aos turcos na primeira guerra balkanica e que os servios, á falta d'outros, tiveram que aproveitar.

Hoje, porém, as circumstancias são differentes; durante os nove a dez mezes de tranquillidade que se succederam ao revez de Potoriek, os alliados tiveram tempo de sobra para reorganisar completamente os diversos serviços do exercito servio. Hoje dispõem os servios de um armamento que nada tem a invejar aos melhores exercitos europeus, cartuxos em abundancia, 16 a 20 milhões d'obuzes de diversos calibres nos depositos e d'uma artilharia completamente reformada.

Assim, a situação do exercito servio é actualmente muito satisfatoria.

Ha uma duzia de mezes, 100.000 homens puderam pôr em fuga um exercito de 200.000 austriacos na famosa batalha de Tzer na região montanhosa de Putnik; porque não fará hoje o mesmo, ou mais ainda, pois que o exercito servio está melhor organisado?

E depois, falando-se da resistencia servia é preciso não esquecer dois factores do successo, de importancia especial: o valor das tropas e a constituição topographica do paiz.

A Servia, separada da planicie hungara pelo Danubio e pelo Save, limitada a oeste pelo Montenegro, ao sul pela Grecia, a leste por uma fronteira commercial, que a separa da Bulgaria, é uma facha de terra extraordinariamente accidentada e justamente denominada o paiz das florestas. Ha n'ella grandes macissos, enormes montanhas, profundas e infranqueaveis ravinas.

Na Servia encontram-se e cruzam-se caprichosamente as ultimas ramificações de todos os grandes systemas europeus. Campanhas, Montanhas da Macedonia, montes da Bosnia e do Montenegro, torrentes, ribeiras, e rios. Os montes servios attingem frequentemente 2.000 a 3.000 metros; todos estes accidentes do terreno tornam de difficil accesso o paiz.

Alem d'isso o moral das tropas servias é um trumpho importante para a victoria; a familia servia, tão solidamente organisada, é sobretudo patriota. Os servios são quasi todos camponezes, resistentes no combate, esforçados na lucta; a altivez do servio perante a adversidade, a sua irreductivel fidelidade ás tradições nacionaes, e a sua tenaz confiança no futuro tornam-o um inimigo para temer.

Pode-se ficar convencido de que este valente exercito que fez frente a dois exercitos austriacos egualmente resistirá á nova investida austro-allemã. Basta para isso que os alliados o ajudem, encarregando-se de deter os bulgaros.

NA ESCOLA DAS BELLAS ARTES

A exposição das provas para o concurso da cadeira d'esculptura

motivou uma homenagem ao esculptor Costa Motta

Pela aposentação do sr. Simões d'Almeida foi aberto concurso para o provimento da cadeira de esculptura da Escola de Bellas Artes de Lisboa, a que se apresentaram os srs. Costa Motta e Simões d'Almeida Sobrinho, ambos elles artistas de merecida nomeada.

Tendo-se já feito a classificação, foram hoje expostas ao publico, na aula do desenho de figura da Escola as provas dadas pelos dois concorrentes, que são de dois generos differentes: uma de nu academico, copia textual do modelo; a outra, a interpretação de uma figura historica, o infante D. Henrique.

O infante de Simões Sobrinho é theatral, decorativo, enroupado, minucioso em pequenos detalhes; o de Costa Motta é sobrio, simples, despido de apparato, arcando francamente com a difficuldade de fazer-lhe resaltar da phisionomia o pensamento que o anima.

O infante de Simões Sobrinho é um bonito homem de trinta a quarenta annos, de faces arredondadas, mãos polpudas e cuidadas de quem passa a vida tranquilla e desoccupada; tem na cabeça o caracteristico chapeu da epocha, está envolvido na ampla capa, sentado sobre uns rochedos, segurando uma carta geographica n'uma das mãos, emquanto na outra apoia a face, que olha para deante.

Mas a sua physionomia dá-nos a impressão de alguem que, contrariado, espera por uma pessoa que se demora, e não de quem se sente demorado por uma ideia cuja grandiosidade lhe conquistará a immortalidade atravez dos seculos.

As roupas dão-nos a ideia de serem finos linhos, moldaveis, quebrando-se em nitidas pregas, e não os pesados brocados de seda da epocha, rigidos, que não quebram em flacidas pregas mas encanudam, em rolos alongados; apesar de sentado nos rochedos do promontorio de Sagres, o vento não lhe descompõe as pregas das roupagens, nem lhe desfaz a disposição elegante do veu que lhe enfeita o caracteristico chapeu com que todos os velhos retratos nol-o representam.

Em profundo contraste, o infante de Costa Simões é de uma simplicidade empolgante; a cabeça está descoberta, as roupas são singelas: um modesto gibão, denunciando-lhe apenas a sua alta gerarchia o collar que lhe pende do pescoço.

Desataviado de roupagens, deixando vêr as proporções harmoniosas do corpo, está no silencio da sua camara, sentado, junto dos seus livros, tendo na mão uma carta, e dentro do cerebro, a transparecer-lhe na face sulcada do homem queimado por uma ideia fixa que durante longos annos o vem roendo, o pensamento grandioso de «dar ao mundo velho um novo mundo».

Uma duvida constante parece consumil-o, e o olhar paira-lhe longe, distante, tão distante que não se sabe se acompanha as peripecias de um dourado sonho ou se se enleva na previsão de uma risonha realidade que se lhe desenha.

O jury deu a primeira classificação ao sr. Simões Sobrinho.

A exposição, que se prolongará por oito dias, foi hoje muito visitada vendo-se ali todos os nossos artistas, não só esculptores mas tambem pintores e architectos dos mais cotados. Entre os visitantes esteve tambem o sr. dr. Theophilo Braga.

Os alumnos da Escola de Bellas Artes, e alguns artistas novos que não quiseram concorrer por não se atreverem a competir com Costa Motta, organisaram uma manifestação ao grande mestre classificado em segundo logar que é talvez um protesto, embora platonico contra a classificação que nem todos consideram justa.

Proximo das 13 horas, os estudantes em grupo, á frente as senhoras envergando as suas blusas do trabalho, entravam pela sala com grandes braçadas de flores com que cobriram o cavallete sobre que assenta o *Infante* de

Costa Motta e o chão em torno, n'uma homenagem de consagração ao grande artista.

A sympathica nota originou uma salva de palmas de toda a assistencia que descobrindo-se respeitosamente, se associou á delicada manifestação em honra do sr. Costa Motta.

Congresso Municipalista Alemtejano

Um agradecimento a «A Capital»

Sr. director de «A Capital».—Terminado o 1.º Congresso Municipalista Alemtejano, que tão brilhantemente decorreu e de que raiarão, sem duvida, os mais proveitosos resultados, não só para a rica provincia do Alemtejo, mas tambem para o paiz, cumpro o gratissimo dever de, muito penhoradamente, agradecer a v. todo o valioso auxilio prestado pelo jornal tão distinctamente dirigido por v. e sem o qual o Congresso não poderia ter o brilho que teve, nem esperar-se que d'elle resulte aquillo por que todos anceiam para bem da Nação.

Saude e Fraternidade—Evora, 10 de novembro de 1915.—O presidente do 1.º Congresso Municipalista Alemtejano, *Carlos Monteiro Serra.*

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Syndicato ferro-viario

Reune amanhã, ás 20 e meia horas, em assembleia magna, a classe ferro-viaria para tratar da fundação de uma cooperativa ferro-viaria e de uma caixa economica e para a commissão nomeada para tratar do augmento de salario dar conta dos seus trabalhos.

Albergue dos Invalidos do Trabalho

D'esta benemerita instituição foi agora publicado o relatorio, pelo qual se vê que o estado das suas finanças é o mais satisfatorio possivel. Assim vê-se que a receita ordinaria, incluindo o saldo, foi de de 30.672$84,5 e legados em dinheiro, 3,985$41.

A despeza ordinaria foi de 23,536$62 deposito na Caixa Economica Portugueza 10.495$64; saldo em caixa para a gerencia de 1915-1916, 6 63$49,5; papeis de credito, valor nominal: recebidos, 10.$730$00; existentes no anno anterior, 503.772$33; total, 513.772$33.

O Albergue tambem possue um titulo de renda perpetua, compensação de juros de 103.700$00 nominaes de inscripções, cujo valor nominal está reputado em 44.450$00, o que perfaz um total de 558.222$33.

Sociedade da Cruz Vermelha

Reune a commissão central depois d'amanhã, ás 20 horas e meia, na séde da Sociedade, praça do Commercio.

PEQUENAS NOTICIAS

Guilherme Rodrigues, morador na rua Particular, á Cascalheira, 8, não foi victima de um crime. Suicidou-se com um tiro de pistola no ouvido direito. O cadaver foi para a Morgue.

—Realisou-se hoje o funeral de Julio das Freiras, ha dias assassinado na Horta das Tripas. O acompanhamento foi numeroso e sobre o feretro foram depostas muitas corôas.

—No banco do hospital recebeu hoje curativo Oliveda d'Oliveira, caixeira n'um estabelecimento da rua de Santa Justa, que tentou suicidar-se ingerindo sublimado.

—Francisco Maria d'Oliveira Pina, morador na calçada da Picheleira, A. M., 1.º, queixou-se á policia de que os gatunos lhe furtaram da sua residencia diversas peças de roupa e ouro no valor de 125$25.

—Sob a firma Leão Ferreira & Fonseca, Limitada, estabeleceu-se na praça dos Restauradores, 13, 2.º, um escriptorio de commissões geraes, denominado Agencia Americana.

—Com destino á Guiné largou hoje do Tejo o vapor *Guiné*, da Empreza Nacional de Navegação, levando, além de um importante carregamento, 12 passageiros de 1.ª classe, 6 de 2.ª e 6 de 3.ª

Propaganda a favor dos alliados

A conhecida casa Garland Laidley, da travessa do Corpo Santo, enviou-nos algumas collecções de quatro opusculos em que se transcrevem os discursos proferidos por mr. Asquith de agosto a outubro de 1914, uma carta de mr. Balfours sobre o papel desempenhado pela marinha britanica de agosto de 1914 a 1915. «O caso da Belgica», do sr. James M. Beck, e «Um anno depois» discurso de mr. Balfour. Recebemos juntamente os numeros 12 e 13 de *O Espelho*, a que já nos referimos em occasião opportuna, publicação em portuguez feita em Londres e que traz magnificas reproducções photographicas d'alguns lances da guerra.

As publicações distribuidas pela casa Garland Laidley mostram a justiça da causa dos alliados.

EM SANTA MARTHA

Intoxicação medicamentosa

Foram em numero de cinco as doentes que no hospital de Santa Martha foram victimas da intoxicação medicamentosa pelas injecções do oleo cinzento. Duas d'ellas morreram, como já se noticiou, duas d'ellas sahiram com alta e uma continua melhorando.

A's mortas fez-se hoje a autopsia, a que presidiu o sr. dr. Bello de Moraes, tendo as visceras sido guardadas para o competente exame toxilogico.

O inquerito ordenado pelo sr. dr. Bello de Moraes, tanto á pharmacia como ao banco continúa.

GRÉVES ACADEMICAS

A dos alumnos dos lyceus

Só funccionam as aulas dos tres primeiros annos—Ligeiros conflictos

Os alumnos dos lyceus de Lisboa, como hontem noticiámos, fizeram «parede» em virtude do decreto que estabelece em determinados lyceus os cursos de sciencias e de lettras. Ainda a proposito do que hontem se passou temos a acrescentar o seguinte: os alumnos do lyceu Camões que frequentam aquellas turmas vendo-se prejudicados com a lei resolveram consultar os seus collegas dos restantes lyceus a fim de se combinar a melhor forma de pedir ao ministro que tal medida fôsse revogada e as coisas voltassem ao que se tem feito nos demais annos. Dirigiram-se ao lyceu Passos Manuel onde o reitor os recebeu com toda a deferencia e seguindo os alumnos d'este e d'aquelle lyceu para o Pedro Nunes onde a entrada lhes foi franqueada. Quando vinham a sahir, notaram os alumnos que os portões estavam fechados por ordem do reitor e na rua havia uma força de policia sob as ordens de um chefe. Vendo-se prisioneiros e sem saberem para quê, trataram de forçar um dos portões, sahindo para a rua e seguindo-se o que já narrámos.

Agora, o que se passou hoje.

A's 8 horas, os alumnos que frequentam o lyceu de Passos Manuel compareceram em grande numero no largo de Jesus, dividindo-se pelas ruas e travessas proximas, a fim de não consentirem a entrada dos seus collegas. Nomeiam-se commissões de vigilancia que se collocam junto dos portões. Entretanto os alumnos resolvem que os seus collegas que frequentam os 3 primeiros annos possam entrar no edificio, visto não prejudicar isso a sua causa. Esta resolução é aceite por todos. Entretanto vão chegando numerosos grupos de alumnos dos outros lyceus. Os de Pedro Nunes, Camões e S. Vicente não abriram as portas, pelo que nenhum alumno entrou nas aulas, tendo, porém, apparecido ali em grande numero, a fim de vez o que se passava.

D'esses lyceus seguiram todos para o de Passos Manuel, onde os grupos são mais numerosos. Perto vê-se uma força de cavallaria da guarda republicana.

Os rapazes não ficam satisfeitos com tal apparato. Os alumnos que veem chegando dão vivas e a maioria está munida de colheres de pau e paus de vassouras com que batem nos livros. Grande numero de exemplares d'um jornal da manhã são queimados no meio de grande enthusiasmo, dizendo que foi tal attitude devida ás noticias hontem e hoje publicadas. O photographo d'esse jornal, ficou um tanto molestado por ter sido alvejado com batatas e pedras, diz-se quando tentava tirar um «cliché». O sr. dr. Alberto Machado, reitor do lyceu, tendo conhecimento dos factos veiu conferenciar com os estudantes, aconselhando-os a que não alterassem a ordem e consentissem a entrada dos alumnos dos tres primeiros annos. Um estudante respondeu que esse pedido já estava resolvido por todos e que o conflicto não tinha sido provocado pelos estudantes, mas sim por elementos estranhos que apparecem sempre em taes occasiões. Os estudantes fizeram ver ao sr. dr. Alberto Machado que a força armada não era precisa, porque os alumnos davam a sua palavra de que se manteriam na maxima ordem. O sr. dr. Alberto Machado mandou retirar a força e os alumnos dos primeiros annos entraram para as aulas. A's 11 horas e meia os estudantes retiraram em massa, descendo a rua do Arco a Jesus, Poço Novo, calçada do Combro, Camões e Chiado, seguindo uma commissão de 16 alumnos para o Gymnasio Club e regressando os restantes, talvez uns mil, para o lyceu Passos Manuel, a fim de aguardar as resoluções d'aquella commissão. Muitos alumnos ficaram no largo do Directorio. A commissão, uma vez dentro do Gymnasio Club trocou impressões respeitantes ao movimento, resolvendo-se fazer «démarches» para se alcançar uma sala onde toda a academia se reuna e onde se assentará no caminho a seguir e nos termos da representação a entregar ao sr. ministro da instrucção. E' provavel que essa reunião se realise amanhã no Colyseu de Lisboa, na rua da Palma, para o que a commissão ainda hoje procurará o sr. Antonio Santos.

Os estudantes voltaram a subir o Chiado em direcção ao lyceu Passos Manuel, onde a commissão deu conta do seu mandato. Junto dos portões via-se uma força de cabo de infantaria da guarda republicana. Seguidamente, os estudantes dispersaram. Antes, porém, deu-se um ligeiro conflicto.

Um numeroso grupo de estudantes dos lyceus dirigiu-se á Escola Rodrigues Sampaio, na calçada do Combro, a pedir aos alumnos d'essa escola para abandonar a escola e se tornarem solidarios com elles. Os rapazes responderam que tal não fariam, visto que nada tinham a reclamar, mas que se collocavam a seu lado moralmente. Esta resposta não agradou aos dos lyceus e d'ahi resultou haver troca de soccos e bengaladas, ficando alguns alumnos feridos, pelo que foram receber curativo na pharmacia Valentim, da rua do Poço dos Negros. Entretanto chegava ao local uma força de cavallaria da guarda republicana e uma força de policia do Caminho Novo, que dispersaram os estudantes. A's 14 horas o socego estava restabelecido.

O conflicto do Instituto Superior Technico

Os alumnos do Instituto Superior Technico, reuniram hoje ás 16, horas, n'uma das aulas da Faculdade de Sciencias para tratarem da questão em que andam envolvidos, e ouvirem da commissão nomeada para se entender com o sr. ministro da instrucção o resultado da conferencia.

Encarregou-se de fazer o relato o sr. Nobre Guedes, alumno do ultimo anno do curso de engenharia mechanica, que disse ter-lhos o ministro proposto, visto não ter poder para alterar a lei, que os alumnos da Escola de Construcção e Industria, abram matriculas provisorias sem pagamento de propina no Instituto; depois quando o parlamento funccionar elle resolverá se deve ou não revogar a lei 465, que concede aos alumnos d'aquella escola o direito de se matricularem nos cursos especiaes do Instituto.

Expostas as palavras do ministro, que pediu uma resposta pouco demorada, resolveram os estudantes reunir novamente amanhã, no mesmo local, ás 11 horas, para assentarem na resposta que devem dar.

A proposito d'este conflicto, pedem-nos os alumnos da Escola Rodrigues Sampaio que noticiemos terem votado uma moção de solidariedade com os seus collegas da Escola de Construcções, Industria e Commercio, ao mesmo tempo que protestam contra o procedimento dos alumnos do Instituto Superior Technico.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

SPORT

A perfeição humana e o athleta

Ensinamentos do dr. F. Heckel

O athleta é um homem normal de fórmas e de funcções

Os anatomicos e os fisiologistas procuram dar uma noção exacta do que seja o homem perfeito e das suas considerações tira-se, por corolario, a definição do athleta. E' que a belleza morfologica deve estar ligada á belleza funccional. Já o temos dito e repetido. Já o affirmamos, nos ultimos dias, em chronicas baseadas em ensinamentos do dr. Charcot, Legouvé, Mac Fadden e Richet. Vamos hoje repetil-o, expondo algumas ideias do dr. F. Heckel. Este define o athleta da seguinte forma:

—O athleta é um homem normal de fórmas e de funcções.

Na verdade, a força, a resistencia physica, o vigor, a energia, a saude não podem resultar senão do paralelismo entre a forma e as funcções. E o athleta não é um inferior intellectualmente. A prova deu-a a antiguidade, com os philosophos, illustrando as provas nos stadiums. O equilibrio nervoso excluindo, é claro, as taras intellectuaes—tem por consequencia o equilibrio funccional organico. Póde-se ser vigorosamente forte e d'uma intelligencia superior.

Diz Heckel: «E' preciso comprehender, que a imagem do homem physicamente e intellectualmente completo não é a expressão de ideias theoricas. Pelo contrario, de todos os homens, mesmo aleijados, defeituosos e fracos, póde-se com methodo e com competencia de quem ensina, fazer-se uns athletas. Este seria o typo ideal? Não, mas ha numerosas fórmas de o approximar da perfeição physica e intellectual».

N'estas theorias do dr. Heckel ha evidentemente que metter em conta a influencia do meio, das variações ethnicas e até das variações pessoaes. Elle mesmo o comprehende, porque affirma: «Ha uma certa latitude na forma anatomica dos individuos, mas póde-se regular a morfologia e não deve haver difficuldades para um professor e culturista competente em fazel-o. Executará o trabalho como um bom esculptor executa a sua obra».

Heckel segue, n'estas theorias, as noções que adquiriu com os physiologistas. N'uma notavel conferencia que realisou ha trez annos, o professor Richet affirmou que: «... Temos tantos funccionamentos physiologicos pessoaes, como funccionamentos cerebraes proprios, pensamento, mentalidade e psychismo particular».

O homem, fórma um todo completo. Cada um de nós é uma machina perfeitamente adaptada a fins funccionaes synergicos e as nossas funcções teem uma elasticidade que lhes permitte adaptarem-se umas ás outras.

O homem é pois susceptivel de introduzir no seu organismo, consideraveis modificações vitaes, com o concurso do seu apparelho neuro-muscular. Pela acção d'este apparelho, que está inteira e directamente subordinado á sua vontade, o homem pode, quando e como quizer, pôr em movimento todo o seu mechanismo funccional».

«Assim póde, pelo exercicio, augmentar a velocidade do seu coração e da sua respiração; absorver abundantemente oxygenio e eliminar, á sua vontade o seu sangue adulterado de todos os elementos toxicos queimando por superoxygenação passageira, todas as substancias capazes de prejudicar as suas celulas».

Notas do dia

Porque se «emigra» d'um club para outro...

Fazem-nos uma pergunta curiosa. «Póde admittir-se que um amador dispute um campeonato em nome d'um club, outro campeonato em nome de outro e que um anno appareça inscripto n'um club que foi seu adversario na epoca anterior?» A resposta é simples: Póde porque temos muitos exemplos de este genero. Accrescentaremos que póde mas que, n'algumas circumstancias, o amador não o devia fazer.

Ponderamos, porém, o seguinte: é que admittimos a pergunta como referente ao mesmo sport ou exercicio athletico. Evidentemente, que um amador de esgrima pode disputar um campeonato de espada pela Sala a que pertence, um campeonato de remo pelo club de que é socio, de automobilismo pelo club onde está registado, etc.

A pergunta teve outro proposito e pela qualidade da pessoa que a formulou vê-se que se refere ao «foot-ball». Ora n'esse assumpto ha só uma atenuante para esses casos de «emigragões». E' que as leis da Associação não prohibem o caso; não prohibindo consentem; consentindo-se pode fazer-se. E' pena mas é assim. Em resumo, tudo depende do proprio amador. Se este tenha amor por um club, por uma ideia ou por uma orientação, nunca foge a não ser em caso de absoluta contradicção com antigos companheiros. Havendo «carólas», não ha deserções. «Emigra» o que se não sente bem, ou porque o meio d'onde sahe é differente d'aquelle em que vive ou porque necessita acamaradar com aquelles que melhor se conformem com o seu temperamento, exigencias e vaidades.

Algumas anecdotas

Viram-lhe as barbas e tremeram...

O celebre mestre do jogo de pau, José Maria, o «Saloio», quando terminava o espectaculo de S. Carlos, onde era «cabo» de coristas, ia com o mestre Casimiro, Thomaz Jorge e Christiano de pandega pelas ruas e não havia valentão que lhes resistisse.

Uma vez na Mouraria, por causa de uma quadra ao fado, o Thomaz Jorge zangou-se e levantou uma tremenda questão. Os fadistas ergueram-se para batalhar e esboçaram o ataque, sem saber com quem se iam medir. E' que José Maria, quando entrara na taberna mettera dentro d'um collarinho e d'um «cache-nez», as barbas que o denunciavam, por enormes e typicas... Trocaram-se os primeiros soccos. De repente, no calor da refrega, as barbas do «Saloio» sahiram de dentro do esconderijo. Foi como um choque electrico e fulminante na assembleia! Os fadistas recuaram e um d'elles disse:

—Alto, aqui ninguem se mexe...

—Porquê?

—Porque aquellas barbas vão pôr as nossas de molhol...

Tal era o terror que inspirava o mestre!...

Noticias

Entre nós

Communicados officiaes da Associação de Foot-ball de Lisboa

Foi levantada no sabbado, 13, a suspensão ao juiz de campo Raul Fonseca, em vista de ter sido assignado o boletim que deu causa ao castigo.

—Marcaram-se os seguintes desafios para domingo 21: 1.ª cathegoria: Imperio contra Internacional, em Palhavã, ás 15 horas; juiz o sr. Cosme Damião. 2.ª cathegoria: Bemfica marca 2 pontos por o C. Quebrada estar suspenso; Sporting contra Lisboa F. C., no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. Mario Monteiro; 3.ª cathegoria: Sacavenense contra Imperio, em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Francisco Ferreira; C. Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 13 horas; juiz o sr. Humberto Gonçalves. 4.ª cathegoria: Atheneu contra Bemfica, em Palhavã-A, ás 13 horas; juiz o sr. Frederico Cesar de Barros; Imperio contra Lisboa F. C., em Palhavã, ás 11 horas; juiz Joaquim Pedro da Silva; para o dia 28: 1.ª cathegoria: Sporting contra Lisboa F. C., no Lumiar, ás 15 horas; 2.ª cathegoria: Imperio contra Victoria, em Palhavã, ás 13 horas; Internacional contra C. Quebrada, nas Laranjeiras, ás 13 horas. 3.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Victoria, no C. Grande, ás 13 horas; Sporting contra Palmense, no Lumiar, ás 13 horas. 4.ª cathegoria: Palmense contra Sporting, no Lumiar, ás 11 horas; C. Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 14 horas.

No tribunal de guerra

A apprehensão de duas malas com bombas

Na sala do 2.º tribunal territorial de guerra realisou-se hoje o julgamento de Antonio Ferreira, commerciante, natural de Thomar, José Caetano, sapateiro, de Setubal, Carlos Antunes, torneiro do Arsenal do Exercito, e Augusto Cruz, o *Saramago*, servente do mesmo Arsenal. A assistencia regular e o serviço de policia feito por uma força de infantaria. Presidiu o coronel sr. Sousa e Albuquerque, sendo promotor o major sr. Candido Gomes e juiz auditor o sr. dr. Antonio Campos, defensor officioso o major sr. Julio Camara, secretario o alferes sr. Marques Bento, sendo o jury composto pelos tenentes srs. Jacintho Fortes, Carlos Almeida, Manuel Moreira e alferes Almeida Ribeiro, Jayme José da Costa e Torres Silva. Advogados de defeza eram os srs. Ferreira Borges, Paulo Cancella e Veiga Beirão.

Do libello accusatorio consta que aos quatro accusados foram apprehendidos em 2 de agosto ultimo 2 malas de mão n'um estabelecimento na rua do Valle Formoso de Baixo, pertencente a Antonio Ferreira, mala que estava debaixo do balcão e que continha 30 involucros esphericos appropriados a bombas explosivas as quaes podiam destruir edificios e pessoas.

O crime é punido e previsto pelo artigo 4.º da lei de 30 de abril de 1912.

Interrogados os reus, Carlos Antunes disse ser o seu nome bem conhecido como republicano. Os seus co-reus nada tem com o caso de que são accusados. Diz que se encontram ali devido á fórma como a policia procedeu a averiguações. Se procedesse com intenção criminosa não levaria a mala para onde foi encontrada e onde era costume reunirem-se 4 ou 5 individuos a jogarem as cartas e que o poderiam denunciar.

Fez varias visitas ao Arsenal da Marinha, Deposito do Material de Guerra, mas nunca com segundo sentido. A sua defeza foi escutada no meio de grande silencio. Os seus co-reus nada adeantam. N'esta altura os advogados de defeza apresentam as suas contestações. Seguidamente são inquiridas as testemunhas de accusação sendo a primeira o 2.º sargento Silvestre da Costa Pinheiro e depois o 1.º cabo Manuel Eusebio e o soldado 268, José Farinha, todos da guarda fiscal, que depõem sobre a apprehensão.

O sargento foi contradictado por duas testemunhas de defeza. A's 18 horas a audiencia foi suspensa para proseguir amanhã ás 12 horas.

A questão das subsistencias

O chefe do districto, tendo conhecimento do que na Guarda estão armazenadas grandes porções de batatas, telegraphou ao seu colega d'aquelle districto pedindo-lhe para que obrigue os açambarcadores a enviar esse genero para Lisboa a fim de aqui não se sentir a sua falta.

Conferencias a bordo

No proximo sabbado realisa-se a bordo do *Vasco da Gama* a conferencia do sr. dr. João de Barros, que é subordinada ao thema «A educação do povo». Foi convidado a assistir o sr. ministro da instrucção publica.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Chegaram ao Porto os srs.: dr. Alexandre Braga, Silvino da Camara, Joaquim Torres e familia, A. Ferreira da Silva e esposa, Filippe Tormente e familia, D. José Trobo, conde de Castello de Paiva, Alvaro da Motta e familia, Florindo de Oliveira, dr. José Martins de Menezes e familia, Eduardo Castello Branco e esposa, Manuel Angustine Haessler, Augusto Magis e esposa, Sebastião Veiga, Paulo Rivou, Joaquim Pereira Machado, Emigdio Mendes, dr. Henry Stein, Antonio Pedro de Araujo e esposa, Mr. Fleg, Mario Miranda, Bento Sequeira e esposa, Mr. Cogan, Madame Ritz, Francisco Xavier de Almeida.

—Chegaram do norte os srs. José Pedro dos Santos, Alfredo Cortez, Joaquim Reis, João Pinheiro, Alberto Basto e esposa, dr. Arnaldo Braga e alferes-medico dr. Vicente d'Almeida d'Eça, Mario d'Oliveira, Antonio Terra, D. Eugenia Terra, D. Victoria Terra, José Bento Rodrigues, dr. Botelho de Sousa, D. Maria Freitas e familia, Joaquim Correia da Costa, capitão Annibal Cunha e capitão Daniel Pinto da Silva.

—Encontra-se em Roma o sr. dr. Brito Camacho.

—Retirou da Figueira da Foz para a sua casa em Soure, o sr. Luiz Augusto de Oliveira.

UM CONCERTO

O barytono D. Francisco de Sousa Coutinho que foi contractado pelo seu antigo emprezario para uma «tournée» pela America do Sul, antes de partir para essa excursão artistica vae ao Porto realisar um concerto n'uma casa d'espectaculos d'aquella cidade.

MOVIMENTO MARITIMO

FUNCHAL, 14.—Chegou do norte o paquete «Peninsular».

PERNAMBUCO, 14.—Chegou de Lisboa o paquete «Tubantia».

BUENOS-AYRES, 15.—Chegou de Lisboa e escalas o paquete «Garonna», da Sud Atlantique.

ULTIMA HORA

Confraternisação militar

A FESTA DA ARMADA

Decorre cheia de enthusiasmo a bordo dos navios e no corpo de marinheiros

A' hora a que escrevemos está-se realisando ainda a bordo dos nossos navios de guerra o jantar de confraternisação militar offerecido pelo corpo de marinheiros ás praças da guarda nacional republicana e guarda fiscal. Quem percorreu como nós alguns d'esses navios é que póde testemunhar a alegria, o enthusiasmo, com que os bravos marinheiros receberam a bordo os seus camaradas das guardas. Brilhava-lhes nos olhos a sentida alegria dos grandes momentos. Eram bem os heroicos combatentes de 5 d'outubro e de 14 de maio dando fraternalmente os braços ao exercito portuguez na consciente intenção de desfazerem as insidiosas calumnias que os davam como figadaes inimigos.

No «Adamastor» o jantar foi na tolda, ao centro do navio. Por sobre a escotilha que dá entrada para a camara dos senhores officiaes, vê-se a bandeira nacional, rodeada pelas bandeiras das nações alliadas: Servia, Italiana, Ingleza, Russa, Franceza e Belga; e mais abaixo, entrelaçadas nas rodas do leme, a Japoneza e Montenegrina d'um lado, e do outro a Brazileira e a Portugueza.

A «passarelle», a ponte e os vergueiros do toldo, veem-se egualmente enfeitados com bandeiras-signaes do codigo internacional e do regimento.

As mesas ficam a bombordo, a todo o comprimento. Ha palmeiras, arbustos, espingardas cruzadas e flôres.

Uma nota curiosa e interessante: os solitarios postos sobre as mesas são originalissimos,—envolucros de cartuchame de peças, talvez alguns dos que em 15 de maio deram a primeira salva de regosijo pelo triumpho da revolução. Logo em frente da entrada, no portaló de bombordo se vê a bandeira nacional, rodeada por arbustos, plantas e flôres.

Sob o toldo, a todo o comprimento das mesas, enorme profusão de lampadas electricas. A' hora a que estivemos a bordo do «Adamastor» ia lá uma azafama enormissima, desfraldando bandeiras, enfeitando mesas.

O «menu» n'este navio constou de canja de perú; cosido á portugueza; perú cosido com batatas assadas; fructas diversas; vinho tinto e vinho do Porto.

No «Vasco da Gama» o jantar deu-se na 1.ª e 3.ª cobertas, enfeitadas a verdura e flôres e cheias de lampadas electricas cujo effeito era deslumbrante.

Logo á entrada na 1.ª coberta veem-se as photographias do navio e do chefe do Estado; e na 2.ª a do almirante Candido dos Reis.

O «menu» no «Vasco da Gama» constou de sopa de arroz com hortaliça, carne guisada, peixe assado, bananas, maçãs, vinho fino e charutos.

No «Almirante Reis» em toda a tolda de bombordo a estibordo armaram-se as mesas. Vê-se egualmente muitas flôres, ramos e arbustos, plantas, rodeando ao fundo a bandeira nacional. Ao centro, em baixo, um lindo tropheu de bandeiras e apetrechos de guerra. Sobre as mesas erguem-se solitarios com lindissimos crysanthemos. O «menu» foi: sopa de arroz, gallinha guisada com batatas, carne assada, peixe frito, fructos, vinho de pasto tinto e branco e Porto.

A's 16,30 chega a bordo do «Vasco da Gama» o sr. ministro interino do interior sr. dr. Catanho de Menezes, acompanhado pelo chefe do gabinete sr. Maia Pinto. Vem tambem representando o sr. ministro da marinha o 2.º tenente sr. Penteado.

São lhes prestadas á entrada as honras devidas, formando toda a guarnição, ção de desfazerem as insidiosas calunias cem-chegados se encaminham para a camara do commandante, seguindo-se uma visita ao navio.

A's 17 horas chegam tambem a bordo do navio almirante o sr. tenente Guerra Quaresma, representando o sr. general Carvalhal e mais os seguintes officiaes da guarda nacional republicana: 2.º commandante Pedroso de Lima, tenente-coronel; commandante da infantaria, sr. major Cabrita; commandante da cavallaria, sr. major Bivar; capitão Bernardo Ferreira e tenente Sepulveda Henriques.

Feita a visita ao navio todos os officiaes seguem o sr. Leotte do Rego até á 1.ª coberta, onde o commandante da divisão naval diz aos marinheiros que o sr. ministro do interior lhes deu a subida honra da sua presença n'esta festa de confraternisação militar. A união do exercito de terra e mar é a maior garantia da ordem, e o exemplo vivo da disciplina. A bordo do mais velho dos navios de guerra portuguezes, juntam-se hoje marinheiros, guardas republicanos e guardas fiscaes confraternisando como verdadeiros irmãos, como symbolo da defeza nacional, ideal supremo da Patria. Já lá vae o tempo em que a diversidade de fardamentos e de postos cavava abysmo entre a familia militar. Hoje, em presença da actual guerra europeia, ficou plenamente demonstrado que todos são eguaes no amor da Patria e todos altamente precisos para occuparem com efficacia os seus postos.

O exercito e a marinha constituem hoje uma só familia que seria criminoso tentar sequer dividir por baixas intrigas.

A Patria tem o seu futuro garantido pela vossa solidariedade e pela vossa commum aspiração de defeza patriotica. Termina erguendo vivas ao sr. ministro do interior, á Republica, á guarda republicana, e á guarda fiscal, que são delirantemente correspondidos.

O sr ministro do interior agradece as palavras elogiosas que lhe fez o commandante da divisão naval, e o convite amavel que a sua hombridade e a sua nobre coragem lhe indicaram que fizesse. Desde que foi chamado ás cadeiras do poder não teve ainda honra maior, que mais o orgulhasse e mais sentidamente o commovesse do que a que hoje lhe foi concedida a bordo do «Vasco da Gama». E' aqui que elle sente, como em parte alguma mais, a alma da Patria, a alma generosa do povo portuguez que em 5 de outubro libertou a nossa nacionalidade da escravidão monarchica.

Sauda o brioso official sr. Leotte do Rego, cujo nome se deve inscrever já hoje nas paginas de ouro da nossa historia. Esta festa serve tambem para desfazer baixas intrigas que pretendiam separar da nossa marinha de guerra os soldados das duas guardas aqui representadas. Mas o commandante Leotte do Rego, com o seu criterio e com o seu afervorado patriotismo organisando este jantar de confraternisação mostrou á Patria, pondo de parte calumnias e enredos, que só um fim tem em vista—unir os soldados portuguezes em volta da Republica. Refere-se ás tradições gloriosas da nossa marinha de guerra, á sua quota parte no 5 d'outubro, e no 14 de maio, movimento que espesinhou uma tyrannia vergonhosa e duplamente culpada, visto pretender, derrubando a Republica, atirar de novo com o paiz para o regimen monarchico, que até 1910 nos envergonhou e desprestigiou. Sauda portanto o heroico commandante Leotte do Rego, a marinha, o exercito e a Patria.

Fala de novo o sr. commandante da divisão naval. Soldados da guarda fiscal, diz,—o vosso commandante por impossibilidade ou por outro qualquer motivo de força maior, não poude comparecer á vossa festa. Ide dizer-lhe, porém, como fosteis recebidos. Dizei ao vosso commandante que eu o saudei affectuosamente, como velho republicano cuja acção heroica no 31 de janeiro é inesquecivel. Viva o sr. commandante da guarda fiscal. Viva o sr. commandante da guarda republicana.

Da parte dos marinheiros os vivas são enthusiasticamente correspondidos. Ha mais saudações á Patria, á republica, á marinha e ao exercito.

Fala agora o tenente Guerra Quaresma e a sua allocução, proferida n'uma voz vibrante, é escutada com attenção n'aquelle momento de enthusiasmo inesquecivel para todos os que ali se acham reunidos. Cumpre-lhe, diz, em nome do seu illustre general, fazer a affirmação do reconhecimento e das congratulações com que aquella festa será recordada nas paginas mais felizes dos annaes da guarda republicana. O porta-voz é, na verdade, modesto, porque é declinado na sua insignificante pessoa, mas são tão unisonos os pensamentos e os sentimentos que levaram a sua corporação a acceitar aquelle convite que está certo de que as suas palavras, embora falhas de sonoridade e brilho, poderão interpretar o espirito geral. Gesto gentil de camaradas para camaradas—agradeço-o; mais um elo para esse movimento de solidariedade da força armada do paiz em que a marinha anda empenhada—congratula-se.

Em seguida o orador n'um bello esboço historico evoca as brilhantes victorias de liberdade e de civilisação obtidas pelo exercito e pela armada portugueza, mostrando como ha tantos seculos se confraternisam os esforços dos soldados e marinheiros na mesma fé, no mesmo fervor patriotico. A propria epopeia maritima está entrecortada com victorias, do exercito, na India, commandado por capitães como Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida etc. O tenente Guerra Quaresma termina por exaltar a bravura e as qualidades de disciplina e mando do commandante da divisão naval e por saudar a marinha e o exercito.

Um marinheiro, lá do fundo, grita a plenos pulmões: Viva a unidade da familia militar, e este viva é com delirio correspondido por toda a assistencia.

Os srs. officiaes descem depois á 3.ª coberta onde está jantando o pessoal do Rego.

Ahi usam novamente da palavra o commandante Leotte do Rego, o sr. ministro do interior e o 2.º commandante da guarda republicana.

Seguidamente o sr. Leotte do Rego, acompanhado pelo sr. ministro do interior e officiaes da guarda republicana tomam o escaler de bordo em direcção aos outros navios de guerra onde as manifestações se repetem.

O sr. major general da armada que não compareceu por motivo de doença fez-se representar pelo commandante da divisão naval.

A distribuição das praças da guarda republicana e guarda fiscal fez-se pela seguinte fórma: cruzador «Vasco da Gama», 15 praças da guarda republicana, sendo 10 do quartel da Estrella e 5 do quartel do Carmo, e 15 praças de infantaria da guarda fiscal.

Cruzador «Almirante Reis»: 15 praças da guarda republicana, sendo 10 do quartel do Cabeço de Bola e 5 do quartel de Santa Barbara, e 15 praças de infantaria da guarda fiscal.

Cruzador «Adamastor»: 15 praças da guarda republicana, sendo 10 do quartel do Carmo e 5 do quartel dos Paulistas, e 5 praças do esquadrão da guarda fiscal.

Contra-torpedeiro «Guadiana»: 5 praças da guarda republicana do quartel dos Paulistas, e 5 praças de infantaria da guarda fiscal.

Contra-torpedeiro «Douro»: 5 praças da guarda republicana do quartel do Carmo, e 5 praças de infantaria da guarda fiscal.

Vapor «Lidador»: 10 praças da guarda republicana do quartel dos Loyos.

Torpedeiro n.º 2: 5 praças da guarda republicana do quartel de Santa Barbara.

A's 15.30, estava no Arsenal um official da divisão naval que dirigiu o embarque e a distribuição das praças pelos differentes navios.

No quartel de marinheiros

A festa organisada no quartel do marinheiros, retribuindo a que a essa corporação fora offerecida pela guarda nacional republicana revestiu o mais intenso e vibrante enthusiasmo. N'essa festa de solidariedade comprehendeu-se tambem a guarda fiscal, tendo comparecido vinte d'estas praças, dez de infantaria da guarda republicana do quartel da rua da Estrella e outras tantas de cavallaria da mesma guarda aquarteladas em Alcantara, defronte do quartel de marinheiros.

O refeitorio, onde os convidados foram obsequiados com um jantar constituido pelo rancho das praças melhorado, encontrava-se bizarramente ornamentado com bandeiras, armas, escudos, plantas em vasos e grandes palmas.

Ao fundo, sob pedestal, o busto da Republica, tendo á frente a bandeira que acompanhou o corpo expedicionario de marinha ao Sul de Angola. O symbolo da Patria, com os vestigios bem patentes da gloriosa jornada, tem pregado um bilhete com esta simples indicação: «Cuanhama 1914-1915». Deante d'ella antes de começar a festa, passam os convidados, examinam-na detidamente, descobertos, n'um impulso de respeito.

Ao longo da casa estendem-se tres longas mezas, com talheres para 350 convivas. Do tecto pendem festões de papel de variegadas côres e bandeirolas das nações alliadas, e por toda a parte, escudos, orlados de verduras, com as datas 5 de outubro e 14 de maio.

Eram 17 horas quando começou o jantar, ficando as praças convidadas, convenientemente distribuidas nos ranchos da marinhagem. A refeição constou de sopa de massa, cosido, carne assada, fructa, vinho de pasto e do Porto. Pouco depois de ter começado o jantar, compareceu no refeitorio o comandante do corpo de marinheiros, Almeida Carvalho, e 2.º comandante Sousa Dias, acompanhado dos officiaes as suas ordens e do capitão Simas, da 6.ª companhia da guarda republicana.

O commandante do corpo de marinheiros mandou lêr o telegramma que a equipagem do contra-torpedeiro *Douro* dirigia ás praças, pela sua festa de solidariedade. Essa leitura serve de pretexto para as primeiras ruidosas manifestações á Patria, á Republica, á marinha e ao exercito.

Momentos depois, o sr. commandante sauda os soldados de terra e mar, pela sua obra de solidariedade, levantando um viva á Patria e á Republica.

O capitão Simas, da guarda republicana, secunda as mesmas saudações, que provocam verdadeiras ovações e salvas de palmas.

O 2.º cabo 146 da 3.ª companhia da guarda republicana, Carlos do Carmo brinda a marinha e o exercito e a Republica; o 1.º grumete João Vicente Marques, sauda a guarda republicana e a guarda fiscal, affirmando a estima dos marinheiros para com todas as unidades do exercito, para bem e prestigio da Republica.

Fallaram ainda outras praças do corpo de marinheiros, guarda fiscal e guarda republicana, decorrendo sempre o jantar em meio do mais intenso enthusiasmo.

Entre as acclamações e vivas as praças não esqueceram o commandante da divisão naval, sendo o nome do sr. Leotte do Rego, calorosamente ovacionado.

Ao lado, no antigo refeitorio, a banda do corpo de marinheiros executou varios trechos.

A grande guerra

Os resultados, para os russos, na linha occidental em outubro

PETROGRADO, 15. — Official. Proximo de Illuxt progredimos na zona dos obstaculos artificiaes. Na região noroeste de Tchartoryski houve canhoneio. O inimigo progrediu a leste da aldeia de Podgatil. No mez passado na linha occidental fizemos prisioneiros 574 officiaes e 49.200 soldados e tomámos 21 canhões, 118 metralhadoras, 18 lança bombas e 3 projectores.—(*Havas*).

Os montenegrinos infligem perdas aos austriacos

PARIS, 16.—Communicado montenegrino: Mantivemos todas as posições no Sandjak apesar de violentamente atacados, e infligimos perdas importantes ao inimigo. Repellimos os austriacos que atacavam Boucbids e Troglav.—(*Havas*).

Presidente da Republica

Os cumprimentos da magistratura

Além dos magistrados que antobontem, como noticiámos, foram ao paço de Belem apresentar os seus cumprimentos ao chefe do Estado, e cujos nomes démos, estiveram ainda ali os srs. drs.:

Antonio Augusto Fernandes Braga, Francisco d'Almeida Pessanha e Alexandre de Sousa Mello, do Supremo Tribunal de Justiça; o procurador geral da Republica, sr. dr. José Francisco d'Azevedo e Silva; os srs. drs. Guilherme Monteiro Soares d'Albergaria, Alberto Osorio de Castro, Albano Teixeira Pinto do Amaral Cyrne, Antonio Augusto Barbosa Vianna, Manuel Pereira Pimenta de Castro, Eduardo Augusto de Sousa Monteiro e Eduardo Santos, da Relação de Lisboa; o procurador da Republica, sr. dr. Cesar Augusto dos Santos e o ajudante sr. dr. Carlos Lopes de Quadros; os juizes da 1.ª instancia, srs. drs. Antonio Augusto Gomes d'Almeida, do 2.º districto criminal; Joaquim Maria de Sá e Matta, da 2.ª vara commercial; Manuel Nunes da Silva, da 1.ª vara commercial, José d'Oliveira da Costa Gonçalves, auditor do 1.º conselho de guerra; Antonio Campos, auditor do 2.º conselho de guerra; José Pereira de Mattos, em commissão nas congregações religiosas, e Manuel Antonio Pedro de Mattos, sub-delegado da 6.ª vara.

* * *

O sr. presidente da Republica recebeu hoje, pelas 15 horas o sr. Mage consul geral da Suissa, que foi introduzido pelo secretario geral da presidencia sr. Luiz Barreto da Cruz. O chefe do Estado recebeu em seguida o sr. dr. Affonso Costa, com quem conferenciou demoradamente, e mais tarde o sr. ministro das colonias.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reune hoje pelas 21 horas e meia no ministerio da marinha.

—Voltou a occupar a sua anterior situação na direcção geral do ministerio da justiça o sr. dr. Eurico de Seabra.

—O sr. João Nunes da Palma, chefe do gabinete do sr. ministro do fomento, apresentou hoje ao sr. ministro das finanças uma commissão de moageiros que ia pedir para se assentar na maneira de serem pagos os carregamentos de trigo exotico que estão chegando a Lisboa e ao Porto.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 11/16	33 9/16
Londres, 90 d/v	33 3/16	—
Paris, cheque	$77	$77,5
Allemanha, cheque	$80,5	$81,5
Hollanda, cheque	$63,7	$64,2
Madrid, cheque	1$42	1$43
New York	1$52	1$53,5
Rios/Londres	12 5/16	—
Libras	7$24	7$33
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1,000$	39,75	—
» » 500$	39,75	—
» » 100$	39,70	—

Obrigações d'Estado: 3 % 1905, 9$20; 4 % 1888, 22$55; 1905, coupon 84$.

Externas: 1.ª serie 76$40 e 3.ª 77$50.

Acções: Banco de Portugal 1812; Ultramarino, coupon 115$50; Phosphoros, coupon 54$90; Tabacos, coupon 73$90.

Obrigações: Ambacas 94$20; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, 64$50; Norte e Leste, 1.º grau, 73$ e 2.º grau, 37$30; Beira Alta, 2.º grau, 14$50.

AS GRANDES EMPREZAS INDUSTRIAES

A primeira fabrica de tecelagem de algodão

Uma visita a Negrellos—O que são os estabelecimentos fabris do rio Vizella—Setenta annos de magnifico trabalho

Para ir a Negrellos—de visita á primeira fabrica de fiação e tecidos do paiz—segue-se do Porto por uma estrada em quasi completo estado de ruina, o que succede com a maior parte das estradas d'este lindo Portugal, onde ha quem pense em crear e desenvolver a moderna industria do turismo, a despeito d'esse e de outros obstaculos ao parecer insuperaveis...

Um bom automovel, um experimentado «chauffeur» conseguem dominar as difficuldades do percurso aggravadas por um dia invernoso e esquecemo-nos da chuva e dos solavancos em frente da paizagem deslumbrante que se vae desenrolando perante os olhos surprezos. A ramaria verde-negra dos pinhaes contrasta com o verde-topazio dos pampanos que bordam o caminho... A serra de Agrela avulta, á direita, como que toucada de nuvens que lembram, a espaços, uma alta columna de fumo; depois o rio Ferreira, serpenteando n'um fundo valle que os salgueiraes debruam...

A' esquerda surge Guimarem, com o seu branco e airoso campanario, a abençoar o caminho em zig-zag que arvores graciosamente alinhadas ensombram... Agora é o Coronado, Santa Christina e ao longe a casaria alvinitente de Santo Thyrso, cuja immaculada brancura impressiona. O coração da encantadora villa é um jardim formosissimo que o auto atravessa velozmente, mas não tanto que nos impeça de respirar consoladoramente a atmosphera impregnada de perfume... O «chauffeur» aponta-nos o antigo mosteiro de S. Bento, onde hoje se ministra o ensino agricola, e cuja linha elegante e simples desdôa da que, de ordinario, caracterisa os edificios conventuaes.

Para attingir Negrellos, toma-se a estrada de Guimarães... Os chrisantemos de oiro e purpura espreitam ao longo dos muros, abrindo-nos alas. A flôr do outomno enche, por assim dizer, de graça e luz todo o caminho. Está perto a grande fabrica do Rio Vizella cuja visinhança os fios conductores da energia electrica nos denunciam. N'um céu de bruma irrompem, finalmente, as suas esguias, altaneiras chaminés, indicando-nos a proximidade do templo do trabalho como as agulhas das cathedraes nos indicam a casa da oração.

Embora os vastos edificios da fabrica ainda estejam longe, percorremos já os extensos terrenos que são propriedade sua. Chegámos. Dois corpos principaes constituem as installações fabris que occupam uma superficie de milhares de metros quadrados, correspondendo, respectivamente, cada um d'esses corpos, á parte nova e á parte velha da fabrica, que tira o seu nome do rio. E elle lá corre, limpido e manso, por baixo das edificações, ficando na margem direita a parte nova e na esquerda a parte velha, ligadas ambas por uma ponte...

* * *

Vizella é tambem o titulo nobiliarchico do seu illustre proprietario. Se outr'ora os titulos premiavam, quasi sempre, os grandes feitos de armas, os heroicos serviços prestados á nação nas luctas contra os seus inimigos e na conquista de novos brazões gloriosos, como os que advieram da epopeia dos descobrimentos maritimos, mais tarde outra significação lhes foi dada, mas nunca ella foi tão eloquente e tão respeitavel como quando os pergaminhos da nobreza se alcançaram mediante os pergaminhos do trabalho.

E que vasta e solida intelligencia, e que esforço verdadeiramente notavel, e que invencivel confiança no futuro, e que tenacidade prodigiosa, e que grande e benemerita obra não representa o titulo de conde de Vizella! Individualidade distinctissima, a do homem que o usa não póde nem deve passar despercebida. Com effeito, a sua existencia, que podia ser do luxo e de prazer, é um admiravel exemplo de dedicação ao trabalho. Os interesses da esplendida fabrica, os seus progressos, os seus creditos merecem-lhe uma actividade constante, uma direcção superior habilissima e cujos resultados accentuaremos.

Gentilmente, acompanham-nos na nossa visita os srs. Victor Hattich e Luiz Marques de Sousa. O primeiro, de origem alsaciana, é o director technico da fabrica, e de ha quarenta annos a esta parte—note-se o que significa perto de meio seculo consagrado á mesma obra!—não tem outro pensamento senão aperfeiçoa-la e engrandecel-a. O segundo é o representante da secção de vendas e á sua perspicacia, á sua laboriosidade, aos seus conhecimentos commerciaes e industriaes muito deve tambem a Fabrica de Negrellos, quanto á expansão e ao prestigio dos soberbos productos n'ella manufacturados.

Do que vimos e admirámos vamos dizer aos leitores de «A Capital», que não perderão o seu tempo, seguindo-nos n'esta digressão ao mesmo passo proficua e agradavel.

A grande fabrica do Rio Vizella

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

A guarda republicana em Tortozendo

Do Tortozendo, Beira Baixa, escreve-nos o sr. João de Sousa Ribeiro, pedindo-nos que chamemos a attenção do sr. commandante da guarda republicana para o procedimento ali dos seus subordinados.

Diz esse senhor que a gatunagem anda desenfreada, sendo raro o dia em que se não commettem roubos. O mez passado, por exemplo, foi assaltada a capoeira da professora official e sabe-se na localidade quem foram os gatunos e o local para onde as gallinhas foram levadas. Pois a guarda republicana não procedeu nem procede, porque, diz o sr. Souza Ribeiro, pouco se importa ella com as propriedades dos cidadãos e habituou-se a frequentar as tabernas.

Jantares concertos

Teem tido extraordinaria concorrencia os magnificos jantares-concertos, que todos os dias se realisam nas explendidas salas do Casino de S. José de Ribamar, em Algés. No jantar de ante-hontem foi tanta a affluencia, que houve necessidade de se improvisarem mesas em outras dependencias annexas ás salas de jantar, a fim de serem servidas todas as pessoas que ali foram deliciar-se com os bellos manjares e ouvir os primorosos trechos de musica executados pelo sexteto do casino.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).

GIMNASIO — A's 21 — La donna é mobile.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO — A's 20,30 22,30 — Rosa tirana.

MODERNO—A's 21—As noviças.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia de circo.

Agenda da semana

HOJE — Gymnasio — Primeira representação de *La donna é mobile*.

Empreza Internacional

Novo escriptorio de commissões e consignações

O sr. Adriano Telles, nome que os estabelecimentos de «A Brazileira» popularisaram n'este paiz de rachiticas iniciativas é uma rara organisação de trabalhador. Apesar de constituir tarefa digna de respeito a gerencia d'esses estabelecimentos, conjugada com o negocio do café em grande escala, Adriano Telles multiplica as suas energias e offerece o concurso dos seus cabedaes a varios outros ramos de actividade, os mais diversos.

N'este momento acabamos de receber a circular em que nos informam a constituição d'uma nova empreza constituida por esse activo commerciante com o sr. C. Correia Pereira, destinada á creação d'um escriptorio de commissões e consignações, com sede na rua dos Correeiros no 110 2.º. Essa casa, cujos proprietarios dão a mais absoluta garantia do seu exito, destina-se principalmente ao estreitamento das relações commerciaes franco-inglezas com Portugal, começando por lançar no mercado alguns productos que até aqui eram importados da Allemanha.

A Empreza Internacional, assim se denomina a nova empreza, conseguiu obter um producto que substitue com toda a vantagem a Solarino, é «O Cremol», o qual será o primeiro a introduzir no mercado, certo de que elle terá toda a aceitação do publico.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«O armeiro de Milão»

Da «Collecção Ponson du Terrail», da conceituada casa Guimarães & C.a, da rua do Mundo, sahiu mais um volume, «O armeiro de Milão». Embora n'elle haja muita phantasia, recorda-se um pouco a historia de França e as figuras, já hoje lendarias, de Francisco I e de Catharina de Medicis, sendo por isso a leitura deveras interessante.

A edição, barata e cuidada.

«Compendio fiscal»

D'esta obra, tão util ás praças da guarda fiscal e original do 2.º sargento Francisco Marques, sahiu o 3.º fasciculo.

«A'lerta»

D'este pamphleto semanal de critica politica temos presente o numero 5 da 2.a serie, cujo summario é o seguinte: «O turismo», «Os professores de instrucção primaria» e «França Borges».

Colyseu dos Recreios

O reapparecimento da troupe Frediani

Recorda-se ainda por certo todo o publico lisboeta das noites de enthusiasmo que a familia Frediani lhe proporcionou na passada epoca. Esse extraordinario numero equestre, o mais completo e sensacional que actualmente existe, reapparece esta noite no Colyseu dos Recreios, que toda a capital parece apostada em frequentar diariamente, visto que as enchentes teem sido consecutivas. Os Frediani, nome que é uma autentica garantia para um cartaz, vão continuar a sua serie de inolvidaveis e consecutivas noites de triumpho.

O programma de hoje é elaborado a capricho, figurando n'elle todos os artistas da companhia, incluindo a formosa funambula Miss Lálá, que hontem debutou, obtendo uma justissima consagração. E' uma equilibrista perfeita e uma gymnasta de grandes recursos, executando os mais arriscados exercicios sobre o arame com uma serenidade que empolga.

Sanz, o phenomenal ventriloquo, presta tambem o seu valioso concurso ao espectaculo de hoje, bem como os applaudidos clowns Rico e Alex, Walter e Antonet e os Barraceta, verdadeiros reis da gargalhada.

Amanhã, estreia da celebre «Troupe Balaguer», os mais extraordinarios artistas equilibristas «jongleurs».

A CAPITAL

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

locidade e proceder conforme as circumstancias. Assim o fiz, com a velocidade de 20 nós e pelas 9 e 15' avistei terra e quasi immediatamente o fumo d'um navio, que reconheci ser o «Emden», dirigindo-se para mim com grande rapidez. A's 9,40' começou o combate, sendo elle o primeiro a disparar.

Conservei-me a distancia sufficiente para conservar a vantagem dos meus canhões. O fogo do «Emden» era feito com cuidado e a principio muito rapido, mas foi esmorecendo gradualmente, tudo concorrendo para que esse navio perdesse qualquer vantagem que pudesse ter. Primeiro foi-lhe deitada abaixo uma chaminé, seguindo o mastro principal, depois uma outra chaminé, e vi então que se dirigia para o norte da ilha Keeling, onde encalhou pelas 11,20' da manhã. Dei contra elle duas salvas de banda e deixei-o para perseguir um navio mercante que apparecera durante o combate.

Embora tivesse assestado os meus canhões sobre esse navio durante o combate não fiz fogo e quando elle tratava de se afastar persegui-o e pelas 12,10', dando um tiro, hasteei o signal do codigo internacional mandando-o parar, o que elle fez. Mandei uma lancha com gente armada a seu bordo e vi ser o «Buresk», um carvoeiro inglez aprezado, tendo de tripulação 18 chinezes, um despenseiro inglez, um cozinheiro norueguez e 3 officiaes allemães, e 13 homens. O navio estava-se afundando, tomei a tripulação a bordo e abandonei-o».

O telegramma diz que o «Sydney» se dirigiu de novo para o «Emden», perguntando-lhe por signaes se queria render-se, mas os officiaes deram a entender que o capitão tal não queria fazer. Soube, na manhã de 10, o commandante do navio australiano que durante a noite parte da tripulação do «Emden», composta de tres officiaes e 40 homens, se havia apoderado do «schooner» «Ayesha», que pertencia á administração da ilha e que tinha quatro canhões Maxim, a que foi dada caça.

O capitão von Müller rendeu-se só quando viu que não tinha possibilidade de resistencia, pois que a maior parte da tripulação estava, se não morta, pelo menos ferida.

Basta dizer que ao passo que no «Sydney» o numero de perdas foi de 3 mortos, 5 feridos gravemente—um dos quaes morreu depois—e 8 feridos, só em mortos no «Emden», segundo disse o seu commandante, havia ao todo 7 officiaes e 108 homens, ficando feridos 3 officiaes e 53 homens, morrendo dos ferimentos 1 official e 3 homens.

As avarias causadas ao «Sydney» foram de pouca ou nenhuma importancia.

Como acima dizemos, o capitão Glossop vinha na escolta do comboio sob as ordens do capitão Silver, do «Melbourne». Esse comboio escoltava tropas australianas e novo-zelandezas que vinham para o teatro da grande guerra na Europa. O acto do capitão Silver ao mandar o «Sydney» perseguir o «Emden» em vez de ir elle proprio deve ser notado. Esse official privou-se, a si, e aos officiaes e homens sob o seu commando do privilegio de ir combater o famoso «raider» apenas pelo alto sentimento do dever e da responsabilidade que tinha para com o seu paiz. Na sua opinião, o «Sydney» era o navio mais apto para o combate, e o «Melbourne» parou com os transportes que comboiava até a acção ficar concluida.

No dia 6 de novembro, o almirantado inglez recebia uma «informação verdadeira» de que uma acção se dera na costa chilena no domingo, 1 de novembro, entre o «Good Hope», o «Monmouth» e o «Glasgow», juntamente com o paquete armado em guerra «Otranto», sob o commando do contra-almirante sir Christopher Cradock, e os navios allemães «Scharnhorst», «Gneisenau», «Leipzig» e «Dresden». São as seguintes as caracteristicas dos navios que tomaram parte no combate:

Good Hope—Cruzador couraçado de 14.100 toneladas. Construido em Govan e lançado á agua em 1901. Comprimento, 515 pés, calado, 28

Embora no começo de novembro todos os navios inimigos tivessem sido varridos das aguas do Extremo Oriente, pelo menos tanto quanto se sabia, a vigilancia não affrouxava. Uma divisão d'essa armada que seguira para operações nos mares do sul chegou a Singapura a 26 d'agosto e combinou o que devia fazer com a divisão ingleza nos mares orientaes.

A principio nada se sabia dos movimentos do inimigo n'essas regiões e tinha de ser rigorosa a vigilancia dos portos importantes.

Quando o «Emden» começou a dar signal de si na parte oriental do Oceano Indico, a divisão começou a dar-lhe caça e a 25 d'outubro um reforço sob o commando do vice-almirante Tochinai foi para ali mandado, sendo o «Emden» destruido no dia 9 de novembro nas ilhas dos Cocos, pelo cruzador australiano «Sydney».

Capitão G. J. L. Smith, do batalhão canadiano, morto em combate

Quando as hostilidades começaram, alguns navios inimigos andavam ao largo no Pacifico, nas vizinhanças de Hawai, mas não se sabia onde estavam nem qual a situação da divisão que fugira das aguas do Extremo Oriente. Uma divisão da primeira armada japoneza estava dando caça—dizia-se—na estrada maritima entre o Japão e a America do Norte. Vestigios alguns de navios allemães foram encontrados, de modo que a divisão se occupou em tomar posse, para não estar inactiva, dos «logares ao sol» de que a Allemanha se apoderára no Pacifico, com o fim de formar uma grande Allemanha além dos mares.

Um dos navios da divisão allemã que escapára ás attenções dos japonezes n'aquellas aguas era o cruzador ligeiro «Emden». Já alludimos a esse navio mas não contámos a historia da sua destruição. A fertilidade de recursos de que o capitão de esse navio era dotado foi muitas vezes exalçado, mas é provavel que nunca a demonstrasse tanto como quando sahiu de Kiao-Chau.

Havia todas as probabilidades de ser encontrado por um navio japonez com o qual, se viesse ás mãos, não tinha esperança de se sahir bem. O que se esperava succedeu, e pouco depois de levantar ferro encontrou-se com um cruzador-couraçado japonez. Mas não foi o «Emden» de tres chaminés com a insignia allemã preta, branca e vermelha que passou pelo navio inimigo, mas um navio com quatro chaminés, arvorando a insignia branca ingleza, cuja tripulação, ao passar pelo navio japonez, subiu ás vergas e soltou os tres «hurrahs» do estylo em honra dos seus alliados.

Na bahia de Bengala o «Emden» aprezou e metteu a pique, de 10 a 14 de setembro, os seguintes navios: «Indus», 3.413 toneladas; «Lovat», 6.102; «Killin», 3.544; «Diplomat», 7.615; «Trabboch», 4.028. No dia 12, o «Kabinga», de 4.657 toneladas, foi aprezado e em seguida abandonado. No dia 14, o «Clan Matheson», de 4.775 toneladas, foi mettido a pique.

No dia 30, foram aprezados e mettidos a pique: «King Lud», de 3.650 toneladas; «Foyle», de 4.147; «Ribera», de 3.500, e «Tymeric», de 3.314. No mesmo dia o «Buresk», de 4.350, foi aprezado, e o «Gryfevale», de 4.437, foi aprezado e depois abandonado. O «Pontoporos», aprezado pelo «Emden», foi libertado pelo «Yarmouth» a 16 d'outubro.

No dia 20 d'outubro foram apreza-

dos e mettidos a pique: «Troilus», de 7.562 toneladas; «Clan Grant», 3.948; «Benmohr», 4.806; «Chilkana», 5.220; «Ponrabbel», 473.

Na mesma data, o «Exford», de 4.542 toneladas, e o «Saint Egbert», de 5.596, foram aprezados, mas não mettidos a pique. Assim, navios inglezes n'um total de 70.000 toneladas, approximadamente, foram destruidos em sete semanas.

Algumas façanhas do «Emden» são descriptas nos seguintes extractos d'um livro de notas d'um dos seus officiaes inferiores:

«**Setembro 22**—Esta noite ao largo de Madrasta. Um homem da tripulação esteve trabalhando aqui e informou o capitão de que os depositos de petroleo estão situados á entrada da bahia. A's 9 horas e meia da noite o «Emden» dirigiu-se para alli, fez incidir os holophotes sobre os depositos e disparou dois tiros para regular o alcance. Os holophotes apagaram-se depois e 125 granadas foram disparadas, algumas das quaes attingiram um navio. Os depositos incendiaram-se e d'elles se ergueu uma enorme labareda. O «Emden» dirigiu-se á toda a velocidade para nordeste. As baterias da costa abriram fogo, mas os tiros alcançavam a pouca distancia e bala alguma attingiu o «Emden».

Setembro 23—Hoje de manhã ainda se podia vêr o clarão do incendio em Madrasta, ao longe, a umas cem milhas de distancia. O «Emden» navegou para nordeste, a fim de dar a impressão de que seguia para Calcuttá, mas quando perdeu de vista a terra voltou o rumo para sul, para a costa oriental de Ceylão.

Outubro 10—Visitámos a ilha de Diego Garcia, no meio do Oceano Indico, approximadamente a meio caminho entre a Africa e Sumatra. As poucas familias europeias que ahi ha não tinham ainda ouvido falar da guerra, pois que só recebem correspondencia de tres em tres mezes. O «Emden» esteve mettendo carvão durante todo o dia. Alguns engenheiros repararam o pequeno barco a vapor da ilha, pelo que foram presenteados com cabazes de cocos e peixe.

Outubro 28—Pelas 4 horas da manhã, a 10 milhas de Penang, foi posta mais uma chaminé para fazer assemelhar o «Emden» aos cruzadores inglezes. Da entrada da bahia, ás 5 horas da manhã, podiamos vêr a distancia muitos navios e bem na frente d'elles um cruzador desconhecido. Parando á distancia de cêrca de 600 metros, viu-se ser o cruzador russo «Jemtchug». O «Emden» despediu dois torpedos, o primeiro dos quaes attingiu o cruzador exactamente por baixo da chaminé, pelo que o navio se afundou 4 pés. O segundo, despedido a mais curta distancia, bateu por baixo da ponte, dando-se então uma terrivel explosão. Durante esse tempo, o «Emden» disparou tiros sobre tiros, ao todo uns cem.

O «Jemtchug» disparou alguns tiros, mas nenhum d'elles attingiu o «Emden». Não se suppunha que o cruzador russo estivesse em Penang, mas esperavamos alli encontrar o cruzador francez «Dupleix» e o destroyer tambem francez «Mousquet». Este andava patrulhando fóra da bahia e disse-se mais tarde ter visto o «Emden», mas pensando ser um cruzador britannico. O «Emden» virára de bordo, e estava sahindo da bahia a toda a velocidade.

A umas trinta milhas encontrou um paquete. Ao approximar-se hasteou a bandeira vermelha, indicando transportar polvora. O paquete fizera signal para a costa pedindo um piloto e a lancha d'este acabava justamente de atracar. O «Emden» mandou arriar botes, para elle se dirigir, quando um navio appareceu no horisonte. Immediatamente foi ordenado aos botes que voltassem e pôz-se ao largo, porque o navio parecia ser uma grande unidade. Mas não era assim, pois quando estava á distancia d'uns 3.500 metros viu-se ser o destroyer «Mousquet». O «Emden» abriu fogo contra elle. Alguns tiros attingiram o «Mousquet» e o «Emden» cessou fogo, esperando que o francez se rendesse.

Em vez d'isso, o «Mousquet» disparou ainda uns dez tiros, nenhum dos quaes attingiu o «Emden», embora algumas balas cahissem a cêrca de cem metros. A tripulação do destroyer disse depois que tinham sido despedidos dois torpedos, mas do «Emden» não foram vistos. De novo abrimos fogo e o «Mousquet» foi a pique. Cessámos fogo e salvámos 39 francezes, tres dos quaes morreram depois.

O salvamento foi um tanto ou quanto demorado e foi avistado um outro destroyer que se approximava. O «Emden» dirigiu-se a toda a velocidade para o Oceano Indico. Depois de lhe ter sido dada caça durante quatro horas, o «Emden» perdeu de vista o destroyer».

O ultimo drama do «Emden» passou-se, como dissemos, nas ilhas dos Côcos, no Oceano Indico. Essas ilhas ficam situadas na latitude 12.° sul, a umas 500 milhas a sudoeste de Java e dos estreitos de Sunda. Foram descobertas pelos inglezes e são um grupo de ilheus coralinos onde o coqueiro cresce abundantemente.

São posse de mr. Ross, descendente do capitão J. C. Ross, o qual, no navio «Borneo», pertencente á firma Hare & Son, de Londres, tomou posse dos ilheus e ahi se estabeleceu em 1825.

Quando a ilha de Krakatoa rebentou, como uma bomba, em 1883, e alterou por completo a estructura dos estreitos de Sunda, cinzas e pedras-pome ficavam fluctuando á superficie do Oceano Indico. Apezar da distancia das ilhas dos Côcos do local da explosão, 500 milhas pelo menos, as lagunas ahi tinham ainda pedras-pome fluctuando.

Fôra para esse desolado local do Oceano Indico que o capitão von Müller levára o seu navio no principio de novembro, juntamente com um dos navios apresados, o «Buresk», que estava cheio de carvão de pedra. O fim d'essa visita do «Emden» era a destruição da importante estação de telegraphia sem fios e do cabo submarino, que está estabelecida nas ilhas e na manhã de 9 de novembro os funccionarios d'ella encarregados foram desagradavelmente surprehendidos pelo desembarque da tripulação d'um bote d'um cruzador que havia ancorado a pouca distancia e que a principio julgaram ser o «Minotauro», mas que em breve souberam ser um navio allemão, dizendo-lhes o official que o incommodavam os serviços da estação.

Um destacamento de allemães cercou todos os funccionarios e os seus creados, emquanto um outro se preparava para destruir as installações e cortar o cabo. Com o que, porém, os allemães não contavam era com o facto dos funccionarios, que haviam percebido ser inimigos os que desembarcavam, terem já dado aviso para as estações proximas.

A installação foi pelos ares e o cabo cortado á vista dos prisioneiros. Havia, porém, ahi tres cabos: para Perth, para Batavia e para Rodriguez, e póde imaginar-se a alegria dos prisioneiros quando viram que aos allemães tinham passado despercebidos dois, porque naturalmente não sabiam que ahi existiam. Só o de Perth é que foi cortado.

O destacamento do «Emden» havia desembarcado ás 7 horas e meia da manhã. A's 9,20', a sereia do navio chamava os seus homens. Os telegraphistas dizem que foram tratados cortezmente. Quando alli chegou, o «Emden» levava ainda a sua famosa quarta chaminé, o que fizera com que os telegraphistas se enganassem a principio, tomando-o pelo «Minotauro».

A acção que se seguiu entre o «Sydney» e o «Emden» é dada n'um telegramma official do capitão Glossop, datado de Colombo a 15 de novembro, de que extrahimos algumas passagens:

«Tenho a honra de referir que quando escoltava como comboio a cargo do capitão Silver o «Melbourne», ás 6 horas e meia da manhã de 9 de novembro foi recebido um radiogramma da estação da ilha dos Côcos dizendo que um navio estrangeiro estava alli entrando. Recebi ordem para ali me dirigir a toda a ve-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1899--6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, I.º

LISBOA—Quarta-feira, 17 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço telag. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, I.º — Officina da Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

DISCIPLINA

Na «Lucta», de hoje, o sr. José Barbosa discreteia largamente sobre falta de disciplina que entende vêr revelada na attitude tomada pelos marinheiros, que protestam contra a permanencia no serviço activo de officiaes que elles não consideram republicanos e que se incompatibilisaram, por isso mesmo, com toda a classe.

Entendamo-nos sobre disciplina.

Muito embora seja lamentavel ter de o ponderar ao sr. José Barbosa, que é um antigo republicano, a disciplina da Republica não é a disciplina monarchica que elle calorosamente preconisa.

A disciplina, para a monarchia, era a obediencia passiva. Para a Republica não é, não deve, nem pode ser a obediencia passiva, sob pena de se obliterarem todos os principios da democracia.

As sociedades necessitam de ordem, para viver. A disciplina nasce da ordem, mas essa ordem não é o auctoritarismo hierarchico, sobrepondo-se á razão, ao direito, á justiça, e ás grandes necessidades nacionaes. Essa ordem é a harmonia que resulta do funccionamento regular de regimens em que todos tenham a noção precisa dos seus direitos e dos seus deveres.

Hoje não ha escravos: ha cidadãos, e esta constatação permitte o reconhecimento d'uma consciencia collectiva.

Se analysarmos as manifestações dos marinheiros verificaremos que ellas não teem sahido da ordem, e que sobretudo estão dentro da razão e da justiça, porque estão dentro da logica.

Não são, com effeito, os marinheiros que teem sahido da orientação, marcada pelo movimento de 14 de maio, um dos mais nobres que podem registar-se na historia de todos os paizes, porque se fez para manter a integridade da lei contra as creaturas preversas ou inconscientes que tinham praticado actos da mais funesta e abominavel indisciplina, procurando servir-se das forças que deviam e devem ser o apoio da Constituição contra essa mesma Constituição, lei fundamental do Estado, por elles criminosamente calcada aos pés.

Esse, sim, que foi o acto de indisciplina social mais vil, mais odioso, mais revoltante, e mais susceptivel de subverter a propria sociedade em que se commetteu!

Mas a revolução de 14 de maio, em que tiveram acção predominante os nossos heroicos marinheiros, triumphou com o concurso activo e tacito d'um povo inteiro. Sanccionou-a a nação, o que se provou com a attitude do povo que pegou em armas do povo, que nas armas fez seus os seus propositos de efficaz republicanismo.

A vontade do povo é a lei suprema.

Quem é que sahiu fóra de orientação fixada pela revolução de 14 de maio, sanccionada pelo voto do paiz? Foram os marinheiros?

Não.

Os marinheiros estão aonde estavam, estão dentro da logica, estão dentro da razão, estão dentro da dignidade da sua nobilissima attitude.

Quem se indisciplina, quem se revolta, não são elles. Quem se indisciplina, quem se revolta, são aquelles que dispondo do poder que o 14 de maio lhes conferiu, não cumprem o mandato que livremente acceitaram.

Mas os marinheiros não estão só dentro da logica, estão dentro da ordem.

Com effeito, depois de repetidas vezes terem appellado para as entidades competentes, lembrando, pedindo, supplicando quasi o cumprimento do mandato revolucionario, e vendo-se constantemente desattendidos; reconhecendo, a cada momento que maior é a reacção que se manifesta contra o cumprimento d'esse dever imperioso, a que obrigam a vontade nacional e os compromissos tomados, elles manifestam-se nas ruas, mas sem alterarem a ordem. Expressam as suas aspirações, formulam a sua vontade, e essas aspirações, essa vontade, estão dentro das expressões da vontade nacional. Querem que o Estado republicano seja servido pelos republicanos, querem que Portugal defina a sua attitude no conflicto europeu, ao lado da nação que é sua alliada, e dos paizes que combatem pela causa da liberdade, que lhes é commum. E fazem-o sem aggressões, sem violencias. Se gritam: «Viva a Republica! Viva a participação de Portugal na guerra!» não fazem mais do que repetir o grito que soltavam quando, de armas em punho, levaram para o seu gabinete do Terreiro do Paço o sr. José de Castro, seu actual ministro.

Não se fale em indisciplina. Se fallassemos em tal facilmente provariamos que a verdadeira indisciplina vem de cima.

UMA QUESTÃO IMPORTANTE

A industria do chocolate

E' a que mais soffre com o exhorbitante preço do assucar, urgindo beneficial-a

Portugal tem nas suas colonias o melhor cacau do mundo. S. Thomé, inutil se torna dizel-o, é o recanto do universo onde esse producto precioso se cria mais abundantemente. A sua qualidade sobreleva a de todos os outros cacaus. Nenhum é tão rico nem tão apreciado. Nas mãos d'um povo que soubesse tratal-o, preparal-o, fabrical-o, o cacau de S. Thomé seria uma extraordinaria riqueza. Daria trabalho a milhares e milhares de braços, crearia industrias prosperas e opulentas e seria um meio poderosissimo para attrair para o paiz que o laborasse rios de oiro. Entretanto, Portugal fabrica uma parcella insignificante do seu cacau colonial. Recebendo-o da Africa, reexporta-o em grão, deixa-o abalar, com destino a outros paizes, para o importar depois transformado em chocolate, em bonbons, n'essas mil e uma guloseimas, emfim, que tão apreciadas são e que por tão altos preços se vendem em todo o mundo. Pergunta-se: não poderiamos nós, os portuguezes, tratar por nossas nossas proprias mãos o cacau que nos vem das roças de S. Thomé?

—Mas evidentemente—replica alguem a quem dirigimos esta pergunta. Industria sem grandes complicações technicas, a dos chocolates podia implantar-se e desenvolver-se no nosso paiz em condições de prosperidade que não encontraria em nenhum outro. Temos as materias primas, que são, evidentemente, os elementos principaes. Temos o cacau e temos o assucar. Simplesmente o primeiro nos foge a caminho da Inglaterra, da Suissa e da Hollanda e o segundo chega até nós tão exaggeradamente caro que não nos permitte fabricar barato. E' na questão do assucar que está o grande mal. Como hão de os fabricantes portuguezes de chocolate produzir em boas condições de preço se o assucar lhes é fornecido por trez ou quatro vezes mais que aos seus collegas estrangeiros.

Consultam-se numeros e estatisticas, fala-se das grandes industrias estrangeiras, productoras de chocolate e a conversa, por ligeiros momentos interrompida, continua.

—Não póde ser. Não deve, sobretudo, ser assim. Tendo tanto cacau, Portugal possue apenas duas ou trez fabricas de chocolates dignas d'esse nome. Todas as outras industrias gosam de protecção. Todas ellas se crearam á sombra das pautas, sem excluir aquellas que bem poucas condições de vida possuiam. A industria do papel, a da tecelagem, a da fiação, a da estamparia, e tantas outras vivem porque o regimen alfandegario as protege, importando, em geral, não só os machinismos, como todas as outras industrias, mas as proprias materias primas e, todos os artigos indispensaveis á sua laboração. Só a industria do chocolate encontraria nas colonias e no paiz o mais necessario, o indispensavel para trabalhar e produzir bom e barato. Mas estamos ainda com trez fabricas de chocolate por nossa culpa. Porque? Simplesmente por o assucar ser tão caro em Portugal, que não ha maneira de fabricar chocolates portuguezes que não sejam para portuguezes. A exportação está-nos vedada. Os industriaes chocolateiros da nossa terra não só não pódem mandar um bombom para o estrangeiro, como até no seu proprio paiz se veem prejudicados e perseguidos pelos productos estrangeiros. E' triste dizel-o, mas é mesmo assim.

—E o remedio?

—Já o seu jornal o disse hontem. O assucar tem de baixar de preço. Tem de ser barateado para o grande publico que o consóme, mas tem, muito principalmente, de se vender ás fabricas de chocolate por preços que as habilitem a poderem desafiar a concorrencia estrangeira e a competir com ella em toda a parte. E' urgente, é patriotico, é mais que necessario que isso se faça. Senão, continuaremos a produzir cacau para os outros enriquecerem á custa d'elle. Os direitos sobre o assucar teem de ser reduzidos. E' inteiramente impossivel evital-o, por ser absolutamente indispensavel crear trabalho, dar que fazer, empregar quem não faz nada simplesmente por não ter aonde. Vou narrar um facto que considero curioso. Pouco depois de estalar a guerra, as fabricas de chocolate que ha em Lisboa receberam de França cartas pedindo notas de preços e annunciando uma encommenda de dez toneladas, immediata, se esses preços fossem convidativos. Um dos gerentes de uma das fabricas leu a carta e pôl-a de lado. Bem sabia elle que não podia competir com os fabricantes francezes e inglezes, que teem o assucar por um terço a menos que os nossos. Outro, porém, entendeu que deviam dar resposta, e os dois, estudando o assumpto, fizeram a proposta que lhe pediram. Resultado: não tiveram nunca nem novas nem mandados. Os commerciantes francezes que pretenderam importar chocolate de Portugal devem ter cahido das nuvens quando viram a nota de preços que de cá lhes forneceram.

—E não se teem feito tentativas para se acabar com semelhante estado de coisas?

—Pudera! Quantas e quantas vezes se tem chamado a attenção dos poderes publicos para isto, nem eu sei dizel-o. Mas em vão, tudo em vão, sempre. O argumento definitivo não falta nunca. O Estado não póde dispensar os direitos que cobra sobre o assucar. Por esse motivo, tem de continuar a tributal-o como até aqui. Digam-lhe que o augmento de consumo compensaria a diminuição dos direitos. Será tempo perdido. E como os poderes publicos são inconvertiveis, todos nós soffremos as consequencias da sua teimosia, ao mesmo tempo que a carestia do assucar, privando meio Portugal de esse genero de primeirissima necessidade, impede que a industria chocolateira, com as materias primas á mão, não possa, em condições vantajosas, trabalhal-as...

E mais nada, por hoje. Não é inutilmente que se affirma que Portugal é, sobretudo, um esplendido instrumento de riqueza para o estrangeiro. Mas talvez que, pondo-se estas questões bem claras, se crie em volta d'ellas a corrente de opinião necessaria para que os governantes as attendam. Eis porque se dispende mais este esforço, que bem póde ser que não resulte de todo inutil...

CHRONICAS DE PARIS

Os primeiros aspectos

A calma da população—Curiosas modificações na psicologia de um povo—A dedicação e o patriotismo das mulheres—A França transformada n'uma grande officina—Confiança na victoria

... Se Paris está triste, se está preoccupada, se está alegre, se está inquieta? Que aspecto o da sua vida actual, do movimento, da rua, do «boulevard», de toda essa complicada engrenagem de cosmopolis moderna, onde o individuo se dilue na intensa febre de viver, ávido de sensações, impaciente de nervosismo, mortificado pelo absurdo de que os dias não comportem quarenta e oito horas, e as horas, pelo menos, cento e vinte minutos...

São as primeiras interrogações com que, anciosamente, nos assaltam, do regresso. Mesmo ahi, no paiz ao lado, onde a sorte da França mediocremente interessa os castelhanos, é quasi com carinho que se preoccupam com a existencia de Paris. Todos temos, até certo ponto, a pretensão de que está ali um pouco da nossa terra, o germen da nossa educação espiritual, a origem das nossas tendencias, das nossas virtudes, dos nossos vicios. Pergunta-se primeiro por Paris, depois pela França. A preferencia é unanime. A anciedade justifica-se.

Pois, meus amigos:

Paris não está alegre, nem triste, nem preoccupada, nem inquieta! Paris está calma. Respira-se uma atmosphera de resignação, de serenidade, que vivamente impressiona no primeiro instante. Depois, o espirito integra-se no pensamento geral, habitua-se insensivelmente aos novos aspectos que a retina surprehende a cada passo, e tres dias decorridos tudo aquillo é para nós uma existencia normalissima, como se nunca tivesse havido na terra uma hora de paz e os homens, por natural exigencia do seu temperamento, fossem fatalmente obrigados a passar a vida entre as locubrações que preparam a sua destruição violenta e o acto brutal de se demolirem reciprocamente.

Assim se vive no immenso formigueiro uma existencia calma, sem crispações de nervos e sem angustiosas apprehensões, apezar de se ter nitidamente a consciencia de que, a duas horas apenas de viagem a carnificina prosegue, implacavel e methodica. A guerra, que no principio se apresentou com o aspecto calamitoso de uma horrenda catastrophe é considerada hoje como a mais urgente necessidade humana. A guerra é o pão. E' a garantia da paz. E' a salvaguarda do direito. E' o penhor sagrado da justiça. E se perguntardes á propria «midinette», essa coisinha fragil e preciosa em que os nossos olhos se habituaram a ver o prototypo da frivolidade galante, o que pensa da guerra—d'essa guerra atroz que arrebatou o irmão e o namorado—dos seus labios não ouvireis decerto agora escapar-se a menor sombra de maldição. A França robusteceu e temperou fortemente a sua alma de bronze: Paris resume e synthetisa a França.

Ha calma. Ha fleugma. Dir-se-hia que um intercambio sentimental se effectuou, por via de magico e inexplicavel mechanismo, entre os povos que habitam ambas as margens do Canal. Em Inglaterra nacionalisou-se o espirito de sacrificio, o amor da gloria, a audacia gauleza, ao passo que o francez adquiriu a sciencia de saber esperar e o dominio de si proprio que caracterisam o temperamento britannico. A condessa Fleury gentilissima parisiense que me foi dado conhecer por intermedio de um compatriota actualmente em Paris, dizia-me ha pouco no vasto salão do «Terminus»:

—Muita gente sahiu d'aqui quando os allemães se approximaram. Mas póde acreditar que foi muito maior o numero dos que se dispuzeram a retirar apenas no caso de occuparem Paris. Por mim decidi não abandonar a cidade senão n'essa hypothese, e tinha as coisas preparadas por fórma que a entrada dos invasores pela Porta de la Villette, coincidisse com a minha sahida, a cavallo, pela Porta de Versailles.

Este espirito de decisão constitue a grande caracteristica da França actual. Não se nota a menor fadiga após quinze mezes de luota, antes, dia a dia, novas energias se disciplinam e organisam para a guerra. Faltam naturalmente os braços para o amanho dos campos: mas atravez das vidraças do comboio, o viajante constata com ternura e surpreza que a mulher empunha decididamente a rabiça do arado; nos «tramways» são as mulheres quem exerce o mister de cobradores, e nos attendem graves no seu uniforme negro e simples, toucadas com o pequeno boné regulamentar; nas fabricas de armas são ainda as mulheres que se occupam das phases mais delicadas da montagem, calibrando e verificando rigorosamente miudas peças de machinismos, n'um exhausto labor de enorme responsabilidade. São ellas que procedem, nas inumeras installações recentemente creadas, ao carregamento de cartuchos, de granadas, de bombas explosivas. As mulheres teem o seu legitimo quinhão de gloria n'esta magnifica epopeia: ao passo que os homens combatem affrontando a morte a cada instante, ellas preparam-lhes a victoria, substituindo-nos no trabalho, garantem o funccionamento normal de todos os orgãos d'esse machinismo immenso que a defeza nacional miraculosamente fez sahir do nada. E que a sua actividade não se exerce ao abrigo de tremendos perigos prova-o infelizmente a recente catastrophe da rua Tolbiac, onde numerosas operarias pagaram com a vida a sua patriotica dedicação.

O que mais surprehende, na França que acabo de entrever, é a unanimidade dos esforços tendentes para o mesmo fim. A «união sagrada» nivelou todas as classes e todos os partidos. Foi em virtude d'essa união sublime que se tornou possivel, mercê do maravilhoso espirito de improvisação que caracterisa os francezes, organisar em pouco mais de meio anno todo o complicado instrumental de guerra que a Allemanha levou meio seculo a crear. Cite-se como exemplo, o facto seguinte: no momento da declaração das hostilidades, a França importava ainda de Hamburgo a quasi totalidade dos productos da distillação da hulha que formam a base dos explosivos modernos! Pois no momento presente, o benzol, o phenol, o acido picrico fabricam-se em terriveis quantidades por toda a França. Proclamou-se a independencia industrial. Os altos fornos, as fundições, as officinas de grossa artilharia, os polygonos de experiencia, os estaleiros, as manufacturas mais diversas, tudo isso se encontra em plena actividade, em toda a parte se trabalha dia e noite, incessantemente, como se tratasse de uma tarefa sagrada. Durante o trajecto de Bordeus a Paris, que effectuei de noite, por mais de uma vez sollicitos companheiros de viagem me chamaram a attenção para um ou outro clarão de incendio que irrompia da treva nos arrabaldes das cidades. Essas chaminés, vomitando incessantes labaredas, indicam-nos o methodo e a cadencia com que os francezes estão forjando a victoria.

...E Paris?... Paris é o cerebro d'esse organismo admiravel. Paris raciocina, ordena, dispõe. Paris subsiste. Paris espera. Paris antevê, confiada e pacientemente, a hora decisiva do triumpho. Então, sobre o asphalto glorioso dos seus grandes «boulevards» rolará uma onda immensa de enthusiasmo, e o coração da França, que hoje pulsa ardente de patriotica fé, palpitará então de jubilo ao celebrar a definitiva libertação do negro pesadello que ameaçava subverter o mundo sob a garra sangrente do cesarismo teutonico.

HERMANO NEVES

A'manhã:

"Ville Lumière-Ville Tenèbres"

Pelo telegrapho

A campanha nos Balkans

SALONICA, 16—O successo da margem esquerda do Ornaya annunciado de Sofia é inexacto. A acção que durou 36 horas terminou pelo completo successo dos francezes. Os bulgaros que haviam entrado em acção com duas ou trez divisões soffreram fortes perdas. Noticias recebidas esta tarde dizem que as forças bulgaras, em grande quantidade estão tentando um movimento envolvente, tendo passado o Habuna e ameaçando o Prilepo, mais ao norte. Os servios bateram em retirada malogrando assim o movimento envolvente invasor. Os servios retomaram a offensiva em Loskovatz, na linha ferrea de Nish a Vrania onde a sua situação continúa sendo critica. Os bulgaros estão reforçando consideravelmente a sua linha da Macedonia, collocando os alliados na necessidade de tomar contra elles providencias urgentes.—(Havas)

O sr. Denys Cochin é festivamente recebido em Athenas

ATHENAS, 17—O sr. Denys Cochin chegou ás 11 horas da noite, sendo ovacionado por immensa multidão em todo o percurso. Foi recebido pelo ministro de França, pessoal da legação, representante do sr. Skouloudis, governador civil, vereação municipal e numerosas outras personalidades. Os manifestantes fizeram grande ovação em frente do hotel, apparecendo o sr. Cochin a uma janella, sendo acclamado: cantaram a *Marselheza* e foram manifestar-se em frente da legação da França. Já noite alta, as praças e ruas da cidade estavam ainda animadas e illuminadas.—(Havas)

No theatro occidental, nada a registar

PARIS, 17—Communicação official das 15 horas.

Nada ha a registar durante a noite a não ser algumas acções de artilharia no vale do Aisne, em volta de Fontenoy, em Champagne e no Voevre, ao norte de Flirey.—(Havas).

A emissão de titulos em França

PARIS, 17—O jornal official publica a lei relativa á emissão de rendas de 5 0|0 e os decretos e despachos que fixam as condições da emissão. A taxa da emissão é de 88 francos por 5 francos de renda.—(Haras).

Ministros inglezes em Paris

PARIS, 17—Chegaram esta noite a Paris os ministros inglezes srs. Asquith, Grey, Lloyd George e Balfour.—(Havas)

Barcelona, porto livre?

D'aquella cidade affirma-se que tal melhoramento vae ser posto em pratica brevemente

Ao passo que em Portugal se descura completamente o porto de Lisboa, inutilisando com a mais criminosa incuria a sua situação privilegiada, os nossos visinhos tratam de aproveitar o melhor que podem os seus portos. Vigo progride a olhos vistos e a projectada ligação, por meio de uma linha de navegação propria, da America do Sul ao porto da cidade do littoral gallego, apesar de haver aqui almas ingenuas, que não ligam importancia a esse acontecimento, vae com certeza valorisar ainda mais esse porto.

Hoje, um commerciante da nossa praça, que mantém importantes relações com diversas cidades hespanholhas, recebeu communicação do que Barcelona ia estabelecer um porto franco, *circumstancia que devia certamente contribuir, pelas vantagens que tal regimen offerece para o augmento das relações commerciaes* com o referido exportador.

N'essa informação dizia-se que tal melhoramento se não faria esperar muito e que a casa de que esse nosso amigo é proprietario, bem podia ir pensando em approveitar as vantagens do porto franco em Barcelona.

A estas tentativas do paiz vizinho teimamos em responder que a situação privilegiada do nosso porto nos ha de garantir o futuro e continuamos a deixar a nossa terra no mais completo abandono, sob o ponto de vista do seu desenvolvimento material.

AS INICIATIVAS FEMININAS

Cursos de arte e ménage

A mulher nas industrias regionaes—O que disse á «Capital» a sr.ª D. Albertina Paraizo

Aqui, a dois passos, na rua do Alecrim, em um magnifico predio de aspecto vetusto e grave, encontram-se instalados os cursos de arte e ménage que se pódem considerar uma iniciativa inteiramente nova no nosso limitado campo de educação feminina. Deu-lhe a sua formosa alma e o seu esforço intelligente e tenaz a sr.ª D. Albertina Paraizo que, depois de ter dado ás lettras portuguezas uma obra por todos os titulos brilhante, vem consagrando o melhor da sua actividade á nossa vida educativa, rasgando-lhe novos e mais vastos horizontes, fazendo do professorado um alto e luminoso sacerdocio.

Artista e senhora no seu gabinete de trabalho como na sua residencia, á calçada do Sacramento, onde a vamos surprehender, a sua conversação profunda e delicada, reflexo d'um espirito culto e d'uma sensibilidade vibratil, tem alguma coisa que suggestiona, que galvanisa...

—A ideia que presidiu á fundação dos cursos de arte e ménage—diz-nos com insinuante naturalidade—foi afinal muito simples, porque andava no ambiente em que se fixavam as lacunas e as aspirações de educação da mulher portugueza. Que fiz eu? Simplesmente passar para o campo de acção theorias que ha muito tempo se andavam ventilando, ora pelo poderoso porta-voz da imprensa, ora no verbo incisivo da conferencia.

—Mas é esse precisamente o trabalho mais difficil e precioso—objectamos.

A sr.ª D. Albertina Paraizo responde com um sorriso que é ao mesmo tempo um protesto opposto ás nossas palavras pela sua modestia. Depois, com a mesma simplicidade, prosegue:

—Os senhores sabem o que são e o que valem geralmente os collegios para meninas que se acham estabelecidos no nosso paiz. Falta-lhes, sobretudo, uma feição solida, positiva, um objectivo orientado de harmonia com a vida pratica onde, depois da escola, a mulher forçosamente tem de entrar, pagando-lhe o seu tributo de deveres e de responsabilidades. Ora a vida pratica offerece á mulher dois caminhos e seja qual fôr o que ella se veja obrigada a seguir, será uma vencida,—se não fôr uma privilegiada pela intelligencia e pela vontade,—desde que a sua bagagem educativa lhe venha d'esse circulo rotineiro em que gravita ainda a maioria dos nossos collegios femininos. Se casa, se constitue um lar, se cria uma familia, esses conhecimentos superficiaes, essas prendas apparatosas que formaram quasi exclusivamente a sua educação, de modo algum lhe podem, então, servir de utilidade. Se fica solteira e se tem necessidade de ganhar os meios de subsistencia, olha em volta de si tristemente e, n'um arranco supremo de desespero, comprehende que a vida pratica, o «struggle for life» é incompativel com o «bibelot» fragil e imprestavel que d'ella fizeram os collegios.

«D'este pensamento que guiou durante muitos annos a minha propaganda em favor da educação feminina, nasceu a iniciativa da fundação dos cursos de arte e ménage que são modelados pelas «Ecoles Menageres» existentes nos mais progressivos paizes do mundo.

A illustre professora interrompe-se n'esta altura para nos mostrar os programmas dos cursos.

—Veja, os meus cursos comprehendem especialmente trez secções: —«ménage e maternidade»; «trabalhos manuaes» (arte applicada) e «linguas e esthetica». Todo o ensino é pratico e está organisado por fórma a poder ser ministrado a senhoras, pois que está longe de ter os rigores, a atmosphera de disciplina rigida, exaggerada, que caracterisa os nossos estabelecimentos educativos onde, geralmente, se procuram estancar os sorrisos e os movimentos irrequietos da mocidade sem se lhes dar coisa alguma de bom em troca...

«Mas nos meus cursos respira-se um ambiente de arte, de alegria, de felicidade, talvez—porque não o hei-de dizer?... Nas salas da rua do Alecrim tenho sempre uma exposição de trabalhos femininos e tanto exito alcançou esse certamen que, recentemente, abalancei-me a abrir um escriptorio com industrias regionaes da mulher.

—Afigura-se-nos interessantissima a sua iniciativa e pedimos-lhe a gentileza de nol-a explicar mais desenvolvidamente.

—Vou satisfazer á curiosidade do seu jornal. A mulher portugueza é naturalmente artista e, exclusivamente quasi em convivio com a natureza, das suas mãos pacientes e delicadas sahem trabalhos que são outras tantas maravilhas. Do Algarve ao Minho, principalmente em toda a linha do littoral, em toda a faixa de terra que o dorso do Atlantico sacóde em arrancos leoninos, que infinidade e delicadeza de rendas se não executam! Influencia das espumas e do chocar das vagas? E' um problema que vale pela poesia do mysterio...

«São as rendas de Villa do Conde, Peniche, Setubal e Vianna do Castello; os bordados e crivos de Guimarães; as graciosas «carpettes», mantas e colchas do Minho; os tapetes e reposteiros, cheios de originalidade, da linda região da Beira. Depois, temos ainda os cestos portuguezes, as exoticas e artisticas loiças de Coimbra e das Caldas, os barros pretos de Traz-os-Montes e do Caramulo, as esteiras da Beira Baixa, a estopa e as linhas de Guimarães aproveitadas para pannos de mesa e colchas, os tecidos de industria caseira de Castro Daire, os bordados delicadissimos da Madeira, etc. São, emfim, todas as industrias regionaes que se devem á mulher portugueza que eu tenho expostas no meu escriptorio para com ellas surprehender e maravilhar os «touristes» que nos visitam e até muitos de nós que temos a infelicidade de as ignorar. Penso em desenvolver carinhosamente o meu «bureau» de exposição e, para isso, conto com o apoio das camaras municipaes que, decerto, m'o não negarão, attendendo á riqueza sempre florescente que do conhecimento das nossas industrias póde advir para o paiz.

Fechamos aqui a palestra com a nossa entrevistada, agradecendo-lhe a amabilidade do seu acolhimento. A luz de um dia glorioso, coada atravez dos reposteiros de seda vermelha que vendam as janellas, illumina agora em cheio a bella figura de distincção e de graça da mais senhora das artistas patricias que, acompanhando-nos até á porta da sala, accrescenta gentilmente:

—Escusado é dizer que nos meus emprehendimentos muito conto ainda com a imprensa, onde se destaca o seu jornal pelo interesse maximo com que segue todas as questões educativas, todas as iniciativas de arte e tambem tudo que affirme trabalho e represente riqueza nacional.

Poeira da Arcada

O conde de Sabugosa continúa os seus estudos sobre figuras da nossa historia, reavivando momentos em que as graças floriram, os corações ascenderam da miseria humana em busca de rara belleza, os braços traçaram gestos heroicos, as ambições conceberam obras que guardam as preciosas memorias da raça.

As mulheres interessam-no, despertam a sua curiosidade de romeiro dos esquecidos que sabe evocar junto das cinzas e das ruinas as visões e os espectros que n'ellas aguardam a inspirada simpathia que lhes receba os seus segredos auguraes. A Gente D'Algo, *que uma sobria edição da livraria Ferreira acaba de lançar no mercado, é um trabalho de serena piedade emotiva, todo consagrado a restabeleier na luminosa realidade do seu ser as que, nos conventos e nas côrtes, representam alguma coisa mais que a pallida successão de horas sem vida.*

A banalidade veste e impessoalisa almas e corpos, atirando para o esquecimento gerações inteiras que não souberam romper o jugo que as prendia ao pó da terra comp as urzes da charneca. Para mostrar que, no passado, existem ainda *sombras que, na sua existencia, transcenderam a bruma vulgar e pardacenta, em que se somem, sem possivel resurreição, innumeras campas anonymas, o conde de Sabugosa vae proseguindo silenciosamente na sua faina de investigador e tradicionalista, reagindo contra a vulgaridade da nossa epocha que, na tumultuaria ancia de viver, não tolera que os sentimentos e as ideias tomem as nobres attitudes que demanda a estatuaria.*

Desde D. Diniz até á ultima rainha de Portugal, elle realisa uma peregrinação de escriptor-aristocrata que não se accommoda facilmente ao febril tumultuar das plebes soberanas.

Como homem que, atravez o sussurrar da selva, caminha guiado pelos echos da saudade, não ouvindo, portanto, a linguagem das ramarias, o conde de Sabugosa busca a sua sociedade pelos seculos fóra, pondo a fallar a gente d'algo, *para escutar as palpitações de tantos peitos femininos a quem o amor, a religião, a arte, a belleza e a intriga attribuiram valores reaes que elle entende relembrar nas paginas de um livro que, se não fora o tom, pesado ás vezes, da composição, seria um excellente devocionario para os que procuram com os olhos nostalgicos as distantes certezas de Portugal.*

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se decime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com

188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

No boudoir

As pestanas

As pestanas longas e sedosas concorrem immensamente para a formosura dos olhos.

Deve haver, portanto, o maximo cuidado na conservação d'este esplendido ornamento natural. Tratam-se as pestanas da mesma fórma que se tratam os cabellos, mas deve-se evitar reviral-as e submettel-as a tratamentos que não sejam de reconhecida efficacia, porque as pestanas são poucas e necessario é poupal-as, não as arriscarmos. Deve-se evitar o contacto das loções e cosmeticos que servem para a pelle. Antes de pensarmos em accentuar a côr e a espessura das sobrancelhas e das pestanas, é preciso começar, como já disse, por nos assegurarmos da efficacia dos productos usados para tal fim, não nos fiando no primeiro que nos apparece fortemente assoprado pelas trombetas da fama—fama adquirida nos reclamos, mais ou menos engenhosos, pagos a tanto a linha.

E, quando achardes algum pequenino segredo que haja o dom de conservar o brilho e a abundancia d'esse protector dos olhos e auxiliar poderoso da sua belleza, guardae-o bem, não o troqueis por outro, não façaes inovações. Ha muito quem aconselhe a cortar as pestanas, para as fazer crescer com mais força. Só aconselho a fazel-o quando, estiverem espigadas—o que acontece algumas vezes.

Não deveis usar pomadas pretas, lapis, «kolen», etc. Alem de tornarem o olhar feio, com uma expressão antipathica e dura, estragam as pestanas e as sobrancelhas—apesar d'estas ultimas serem mais fortes do que as primeiras.

Indico-vos um tratamento simples e approvado pelos melhores hygienistas de belleza:

De manhã, depois da lavagem do rosto, escovar as sobrancelhas e alisa-las na direcção normal.

Sendo loiras e pretendendo obter o seu escurecimento, embeber a escova em chá preto bastante forte.

Se teem falta de brilho, é conveniente pôr-lhes muito levemente, glicerina e agua.

Para forticar as pestanas é muito util o laval-as duas vezes por dia com agua fria fervida ou distillada. Para proceder a esta operação fecham-se os olhos e passa-se pelas extremidades das palpebras um pedaço de algodão embebido na agua. Com este mesmo algodão levantam-se e abaixam-se successivamente as pestanas, applicando-se em seguida, com a maxima precaução e leveza, sobre a parte pilosa, junto á nascença, uma tirinha de gaze esterilisada um pouco aquecida.

Lulu—Engana-se, minha amiga, conheço algumas senhoras, soffrendo do mesmo mal.

Se quizer experimente o tratamento que lhe vou aconselhar.

Dirija-se á rua do Mundo, 83, e ali lhe farão lavagens á cabeça com um preparado por mim indicado. Essas lavagens deverão ter logar em trez dias seguidos; findas estas, fará uso diario da «Loção Capilar Pompadour». Decorrida a quinzena, fará nova lavagem informando, então, do resultado obtido.

Este tratamento, alem de lhe ser naturalmente proveitoso, fica-lhe economico—o que não é para desprezar em qualquer tempo e muito menos n'este que está correndo.

* * *

Georgette—O que lhe aconselho? Certamente, visto ter feito uso do soluto de potassa sulfurado, tratou-se com medico e, como não obteve resultado,—segundo a sua propria confissão—recorre agora á hygienista da belleza. Poderia a minha amiga recorrer a um medico especialista de doenças de pelle pois que, além do tratamento local, poderia elle auxiliar a cura com um medicamento interno apropriado ao caso.

Aqui lhe deixo o alvitre mas não lhe falto com os meus conselhos.

Primeiro do que tudo muito cuidado com a alimentação, pouca carne, nada de vinho nem de café, mas sim muitos vegetaes e muitos fructos.

Tanto para a caspa do rosto como para os pontos pretos posso mandar-lhe preparados que certamente a hão de livrar de tão incommodo mal. Se quizer póde procurar-me no meu consultorio e eu propria lhe poderei fazer o tratamento.

Não querendo vir, póde mandar buscar os preparados com as devidas indicações.

* * *

Pluie d'avril—Certamente que tenho um remedio para as frieiras; é mandar buscar, avisando-me de vespera.

Entretanto, lave as mãos duas vezes por dia com agua quente bem saturada de amoniaco liquido.

* * *

Lilaz Branco—Quando vier ao meu consultorio posso mostrar-lhe attestados de senhoras que teem tirado o maximo resultado dos meus tratamentos.

Não lhe garanto, minha senhora, que alguem tenha cincoenta annos possa fazer uma menina de vinte, mas o que lhe afirmo positivamente é que lhe tirarei quinze annos. A minha amiga tem quarenta, segundo afirma; pois bem, com duas duzias de sessões não mostrará mais do que vinte e cinco. O meu tratamento pela mascara é unico e os segredos «Pompadour» não teem rivaes.

* * *

Rachel—As ruguinhas de que se queixa não lhe devem dar cuidado. Usando a loção contra as rugas e o creme adstringente e substituindo o pó de arroz pelo «Secret Pompadour», a cutis tornar-se-ha lisa e de uma grande frescura.

Maria Conti

Colyseu dos Recreios

Sempre estreias—A Familia Frédiani e a Troupe Balaguer

Uma semana em cheio, no Colyseu. Foi primeiro, Miss Lálá, esbelta artista funambula, que se apresenta galhardamente em differentes, graciosos exercicios no arame, foram hontem a celebre «Familia Frédiani» e o Jockey Zizina, saltador prodigioso. Estes artistas equestres são hoje os primeiros do mundo, pelo numero de pessoas que compõem o grupo, pela belleza e correcção dos trabalhos, pela correcção com que se apresentam. O publico fez-lhes uma ovação enthusiastica e carinhosa.

Sanz apresentou-se com os seus novos e deslumbrantes scenarios, que produziram sensação, e mostrou-nos o seu «borracho», que é de uma perfeição inexcedivel.

Hoje temos a estreia da celebre «Troupe Balaguer», os dois consumados «jongleurs e artistas equilibristas. Claro é que o programma inclue todas as attracções da companhia.

THEATROS

Primeiras representações

GYMNASIO—**La donna è mobile (Duas camas)—trez actos de miss Margaret Mayo, adaptação do hespanhol por João Soller.**

A *Chuva de filhos* ou o *Meu bébé*, que o Gymnasio poz em scena o anno passado com apreciavel exito, deu a conhecer ao nosso publico a distincta comediographa americana que é miss Margaret Mayo. Esse exito levou a actual empreza do popular theatro—digna, por muitos motivos, do calorosos elogios—a incluir no seu repertorio outra peça da mesma escriptora e que na adaptação hespanhola, como na portugueza feita sobre esta, se intitula *La donna é mobile*.

Justifica o titulo da adaptação o facto de uma das personagens principaes, certo tenor italiano, gargantear, no decorrer da comedia, a famosa romanza do *Rigoletto*, com que conquistou a admiração e a sympathia d'uma joven dama casada, a quem faz a côrte, provindo o titulo original, as *Duas camas*, da circumstancia da referida senhora substituir por dois leitos o thalamo conjugal, a exemplo do que succede no domicilio do tenor seu visinho, o que origina uma serie de hilariantes confusões e peripecias, pois que o italiano, incontinente na bebida, se introduz, de noite, por engano, em casa e no quarto da sua admiradora, durante a ausencia do marido clubman, mettendo-se ora na cama d'elle, ora na d'ella e, por ultimo, n'um providencial cesto de roupa, onde finalmente é descoberto.

Os episodios que se desenrolam em torno d'esta aventura constituem um acto de pura farça, o terceiro, em que as risonhas inverosimilhanças se succedem e amontoam... Com a afflicção da esposa para occultar do marido o intruso e pôl-o fóra; a perplexidade do clubman que não comprehende as angustias da mulher a quem ama; a apparição da consorte do italiano, que o procura e que é uma especie de virago ciumenta que anda por casa vestida de homem; o crescente assombro d'uma criada destemida que julga lidar com loucos e que, por seu turno, é tida por doida,—condimentou miss Mayo magistralmente esse acto, cheio como um ovo e disparatado como todas as coisas de semelhante genero que no Gymnasio encontram sempre os seus melhores interpretes e tambem o seu publico... Mas, despindo em scena as suas personagens, pondo em ceroulas o tenor e em camisa a beldade que elle corteja, desembrulhando aquella meada á volta de duas camas, miss Mayo conseguo realisar o prodigio, tão raro no nosso tempo, de fugir a toda a oscabrosidade! Com effeito, não ha no decorrer da comedia uma phrase equivoca, um gesto libidinoso, uma sombra sequer da pouca vergonha franceza tão vulgarisada e tão applaudida na grande maioria dos palcos latinos e neo-latinos... Dos meritos da peça da escriptora americana decerto não será esso o menos importante.

Referimo-nos ao terceiro acto. Cumpro alludir ao primeiro e ao segundo. Aquelle é o da apresentação das figuras e este um simples pretexto para duas scenas mimicas que podem ministrar ensejo a um notabilissimo trabalho, desde que aos interpretes não escasseiem os indispensaveis recursos. Já decorreram vinte e oito annos depois que Augusto Strindberg fez a apologia da pantomima e considerou como arte creadora a dos actores que collaboram com os auctores mimando scenas d'uma peça, para o que entendia dever-se-lhes deixar a maior liberdade de invenção, a fim de que lhes caiba toda a gloria...

Silvestre Alegrim (o tenor) fez com innegavel graça a longa scena muda da bebedeira e do despir e deitar-se na cama alheia, suppondo ser a sua, como egualmente representou toda a comedia por forma a honrar a sua fama de excellente comico. Celeste Leitão, que teve o seu primeiro grande papel de responsabilidade, foi gentil e diligenciou desempenhal-o com acerto. Fez discretamente a scena muda que lhe cabe no segundo acto e de que com mais experiencia da carreira que abraçou decerto haveria tirado maior partido.

Maria Mattos sem um affrouxamento. Artista de excepcional valor, juntou mais um pitoresco typo, na mulher do italiano, á sua galeria de bem desenhadas figuras. Mendonça de Carvalho compoz intelligentemente a sua personagem; Bertha de Albuquerque exige uma referencia particular pelo modo por que se houve interpretando a criada do cabellinho na venta, e Joaquim Almada mostrou, de novo, uma especial habilidade para os typos grotescos. De Luiza Lopes que, se continuar estudando, ha de ser alguem na scena portugueza, diremos apenas que não prejudicou o conjuncto, convindo, no entanto, observar-lhe que nunca deixe de compôr com muito cuidado os seus papeis, por mais insignificantes que lhe pareçam. De resto para um artista consciencioso os papeis nunca são insignificantes.

A empreza do Gymnasio caprichou em apresentar *La donna é mobile* por maneira a merecer incondicionaes louvores. Ponham ali os seus olhos certos emprezarios do nome! As scenas pintadas por José Mergulhão, cujos progressos artisticos se evidenciam de época para época, creando-lhe uma justa notoriedade entre os seus collegas, são primorosas. N'uma d'ellas, avulta uma interessante vista panoramica do New-York.

Haverá quem classifique de demasiado ingenua a peça de miss Mayo. Ninguem se atreverá, porém, a dizer que, pelo modo brilhante como foi posta em scena e pela sua interpretação em geral, não constitua um espectaculo digno de ver-se e applaudir-se.

Avelino de Almeida

PEQUENAS NOTICIAS

Deu entrada na Morgue Manuel Libanio, morador na travessa dos Pescadores, que hontem se suicidou, precipitando-se da janella de sua residencia.

ULTIMAS NOTICIAS

Marinheiros e soldados
Visitam a redacção de "A Capital"

A sinceridade com que se inventam perigos de indisciplina

Hontem depois de realisada a bordo dos navios de guerra a festa de confraternisação que largamente noticiamos, vieram á nossa redacção alguns marinheiros e soldados da guarda republicana e da guarda fiscal apresentar-nos os seus cumprimentos e exprimir-nos os seus votos sinceros por que a Republica caminhe de cada vez mais prospera e mais feliz. Plenamente identificados com a alma do povo, porque do povo todos elles sahiram, elles julgam a boa sorte da Patria intimamente ligada aos bons destinos da Republica. Integrados no movimento nacional que produziu o 14 de maio, elles cumprem um singelo dever affirmando o seu desejo de que se effectivem as aspirações determinantes d'aquelle movimento.

Foi um cabo da guarda republicana quem traduziu os votos dos seus camaradas, falando com a eloquencia de todas as convicções sentidas, dizendo palavras de louvor pela attitude que inalteravelmente se tem mantido nas columnas d'«A Capital» e que em muito pouco se resume: a glorificação da Patria, a defeza da Republica, sem preoccupações partidaristas de qualquer especie, sem que odios ou sympathias pessoaes jamais inspirem as palavras que escrevemos.

Ha quem entenda que estas declarações, feitas por militares, assumem um caracter grave de indisciplina. E' oportuno o momento para perguntar, aquelles que assim entendem:—porque alcunharam de nobilissimo gesto o movimento realisado em janeiro por officiaes do exercito? Só agora é que a disciplina corre perigo. Em janeiro, o ministro da guerra não era ministro da guerra, não era o chefe supremo do exercito. Podiam os officiaes vir para a rua, protestar contra esse chefe, levar imposições ao presidente da Republica, que tudo isso não passava de «nobilissimo gesto». Então, a disciplina não corria perigo. Correspondeu esse movimento militar a uma propaganda accentuadamente politica, inspirada no odio contra o partido que dispinha de maioria no Congresso da Republica—mas aplaudiram-no com todas as forças, mas defenderam-no por todas as formas aquelles mesmos que hoje vêm falar... nos perigos da indisciplina. Hoje, é preciso respeitar a hierarchia militar, e o sr. José de Castro—com os demonios!—ainda é ministro da marinha. Em janeiro não era preciso respeitar o sr. Cerveira de Albuquerque nem cumprir as suas ordens. E, não obstante, o sr. Cerveira de Albuquerque era o chefe supremo do exercito, do mesmo modo que o sr. José de Castro ainda continua a ser o chefe supremo da armada.

Estas coisas esquecem-se depressa, e é triste que seja preciso relembral-as.

Mas que descancem todos aquelles que se apresentam hoje tão enthusiastas defensores da ordem e do sr. José de Castro. Que socéguem a sua inquietação, cuja sinceridade se avalia facilmente pelo confronto da sua attitude de hoje com a que tiveram ha dez mezes. A disciplina não corre perigo. Os principios da ordem não foram abalados. Os marinheiros e soldados que vieram visitar-nos não desobedeceram a ordens de superiores, não praticaram nenhum acto criminoso. Talvez não tenham cathegoria, na sua modestia de simples praças, sem galões, para praticar gestos nobilissimos... Mas o que elles teem é coração e alma para defender a Patria e amar a Republica!

NO TRIBUNAL DE GUERRA

Apprehensão de malas com bombas

Os accusados são absolvidos

No 2.º tribunal territorial de guerra proseguiu hoje o julgamento de Carlos Antunes, Antonio Ferreira, José Caetano e Augusto Cruz, o «Saramago», implicados no caso do apparecimento de duas malas de mão com bombas n'um estabelecimento da rua do Valle Formoso de Baixo, pertencente ao primeiro accusado.

Na bancada da defeza estavam os advogados Madureira Pinto e Alvaro Machado que hontem foram substituidos pelos seus collegas srs. drs. Paulo Cancella e Veiga Beirão. Passa-se á inquirição das testemunhas de defeza que são os srs. coronel Alberto da Silveira, João de Figueiredo, João Soares, cesteiro; João Cosme, tanoeiro; Rodrigo Reis, João Ignacio Esteves, caixeiro de praça; Adelino Rodrigues Pereira e José Martins, commerciantes; José de Abreu Castella, barbeiro, José Augusto Aguiar, commerciante, José Marques e Francisco Luiz de Almeida, alfaiate.

Todos affirmaram o bom comportamento anterior dos reus, especialisando os trabalhos de propaganda e revolucionarios de Carlos Antunes, principalmente em 5 de outubro de 1910, estando convencidos que os involucros encontrados não se destinavam a ser empregados contra o regimen. Seguiram-se os debates, depois do que o jury deu a accusação como não provada, pelo que os reus foram absolvidos. A' sahida houve vivas á Republica e á liberdade.

França Borges

O feretro chega amanhã

No comboio das 6 horas e 25 minutos da manhã, é esperado amanhã, na estação do Rocio, o cadaver do director do *Mundo*, sr. França Borges. Logo que a urna seja retirada do *fourgon* será transportada para uma carreta da Associação do Registo Civil, seguindo em direcção á redacção d'aquelle jornal, onde ficará em camara ardente até sexta-feira ás 12 horas, dia em que se realisa o funeral.

A situação politica

Nos centros de palestra politica affirmava-se hoje que o novo governo, da presidencia do sr. dr. Affonso Costa, se apresentará ao parlamento no dia 4 de dezembro.

Expedicionarios que regressam

No ministerio das colonias foi hoje recebido um telegramma de Lubango, participando que o vapor *Zaire* sahiu de Mossamedes hontem, conduzindo 18 officiaes, 48 sargentos e 910 praças expedicionarias.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente do ministerio esteve esta tarde no palacio de Belem a conferenciar demoradamente com o sr. presidente da Republica.

—O conselho de ministros voltou a reunir hoje pelas 12 horas no ministerio da marinha.

—O ministro interino dos negocios extrangeiros, sr. Norton de Mattos, não dá amanhã audiencia ao corpo diplomatico.

—Sob a presidencia do sr. Agostinho Fortes reuniu hoje a Junta Geral do Districto, discutindo-se largamente o orçamento e resolvendo-se que os trabalhos continuem em janeiro.

—A junta de parochia de Valle de Remigio, Mortagua, representou ao governo pedindo a creação de uma caixa postal no logar de Povoinha.

—O governador civil de Faro esteve hoje no ministerio do fomento insistindo pela entrega do material escolar pertencente á direcção geral da agricultura a fim de ser utilisado n'outras escolas d'aquelle districto.

Capitão João Pedro Ruella

Por communicação recebida no ministerio das colonias sabe-se ter sido victimado no Lubango por uma biliosa o capitão de infantaria João Pedro Ruella. O sr. ministro das colonias encarregou o coronel sr. Libanio, commandante de infantaria 11, de apresentar as condolencias á familia do fallecido official, que reside em Setubal.

MUSICA

Os trios de Beethoven

Como noticiámos, realisa-se amanhã, pelas 21 e meia horas, no Salão do Automovel Club de Portugal, do Calhariz, a primeira «soirée» da série de cinco audições para integral apresentação dos trios de Beethoven.

Notamos com prazer o acontecimento, que o é de facto, n'este momento da evolução musical do nosso publico.

Logicamente, a fórma architetonica do *Trio* precede a fórma orchestral, por naturalmente conductora. Parece que as coisas se passaram ao invez em Lisboa; o nosso publico precipitou-se na plena fórma symphonica, sem a preparação resultante do conhecimento da mais rudimentar.

A divulgação impunha-se, pois. E' o valor pedagogico da audição de amanhã e das seguintes—e muito bem o comprehenderam os executantes, que fazem preceder a *soirée* musical de uma palestra de Ruy Coelho, *As formas intimas da Musica*.

A'manhã serão executados o *Trio em mi bemol*, (op. I, n.º 1) e o *Trio em sol*, (op. I, n.º 2).

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

OS OSSOS DE POMBAL

A commissão executiva do monumento ao marquez de Pombal, juntamente com a commissão jurisdiccional dos bens das congregações religiosas, vae reunir no intuito de dar um abrigo decente ás ossadas do primeiro ministro de D. José, que se encontram, como se sabe, n'um esconso mal cheiroso da capella das Mercês. Nem os ossos escaparam á fatalidade que pesa sobre a memoria de Pombal. O monumento parece condemnado a nunca ser construido e os ossos foram repellidos do mosteiro dos Jeronymos, pois a commissão d'arte e archeologia os não aceita ali, pela razão simples do grande ministro não ter pertencido ao ciclo das glorias do Oriente, a que pretende dedicar, como pantheon, a maravilhosa joia manuelina de Belem.

Para onde devem ir os ossos do nosso homem, perguntam os vogaes da commissão de Pombal, envergonhados com a situação em que elles presentemente se encontram? Essa interrogação será feita na sessão conjuncta, esperando que n'algum benevolo claustro haja logar condigno para acolher o esqueleto do inimigo dos filhos de Loyola. Será possivel albergal-os provisoriamente n'algum d'esses conventos, até collocação definitiva no pantheon nacional? Eis o que se pretende saber.

Ao que consta, a commissão executiva do monumento, que não perdeu ainda de todo a esperança de ver construida no marmore a estatua do marquez, pensa em que, na base do monumento, seja installada uma «cave», destinada a receber os ossos de Pombal, tão mal tratados pelo destino, como, de resto, tudo o que diz respeito ao immortal reformador.

NOTAS MUNDANAS

Realisa-se amanhã, no hotel de Inglaterra, o jantar-concerto da moda.

—No mesmo hotel encontra-se hospedada madame Germaine Cesleries, distincta «costumière» parisiense.

MOVIMENTO MARITIMO

De Cape-Town sahiu hoje para Lisboa, ás 15 horas, o paquete «Moçambique», que conduziu a expedição á Africa Oriental.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Carolina Julia Gomes, cujo funeral se realisa amanhã, pelas 10,30', sahindo da «villa» Carapuço, 8, rez-do-chão, Algés, para o cemiterio de Carnaxide.

O «ESTORIL»

A eletrificação da linha de Cascaes

Foi auctorisada hoje pela assembleia geral da Companhia Portugueza

Estava convocada para hoje uma reunião da assembleia geral da Companhia Portugueza de Caminhos de Ferro, destinada á apreciação da proposta para a electrificação e arrendamento, por espaço de cincoenta annos, da linha de Cascaes, proposta essa que ao conselho de administração da mesma companhia foi apresentada pela empreza Estoril, sociedade anonyma de responsabilidade limitada. Realisou-se essa reunião, que principiou á uma hora da tarde, sob a presidencia do sr. dr. Victor dos Santos, secretariado pelo sr. Mendonça e Costa. Ao lado direito da presidencia sentava-se o sr. Ginestal Machado, commissario do governo. Nos logares proprios, viam-se diversos administradores, não faltando o sr. Teixeira de Sousa. Pela sala, figuras conhecidas na politica e na finança. O sr. Kendall, no seu canto do costume, aguarda o momento proprio em que tem de declarar que não está de accordo. E' sempre assim. O presidente informa que estão presentes 67 accionistas, representando cerca de 27.000 acções. E' a segunda convocação, e a assembleia funccionará com qualquer numero. A acta da ultima reunião é approvada. Approva-se tambem um voto de sentimento pela morte d'um antigo administrador francez, resolvendo-se que se communique esse facto ao «comité» de Paris.

Entra-se na ordem do dia. O sr. dr. Victor dos Santos diz qual ella é. Trata-se de apreciar uma proposta apresentada ao conselho de administração relativa á transformação da linha de Cascaes. Junto da proposta ha, na mesa, o plano dos trabalhos a effectuar e o caderno de encargos. Crê que a maioria dos accionistas presentes conhecem já esses documentos. Dispensa-se por isso de os mandar ler. Só se fará a leitura da proposta, sobre a qual ha de incidir votação. E' concebida nos seguintes termos, assignando-a o sr. Alvaro Pinheiro Chagas:

«O abaixo assignado obriga-se a fazer a electrificação do troço da linha de Cascaes, entre o caes do Sodré e o seu «terminus» n'essa via e a tomar de arrendamento a sua exploração, nos termos, pelo modo e nos prasos estipulados no programma do concurso e seu caderno de encargos, que junta e subscreve, offerecendo como renda annual dez por cento da importancia total das receitas brutas da exploração de todo o anno, excluindo o imposto de transito, sujeitando-se aos minimos fixados no caderno de encargos.

O sr. Henrique Kendall ergue-se e fala. Quer apresentar um protesto, mas reservar-se-ha para depois da assembleia se pronunciar. Posta á votação, a proposta acima transcripta é approvada sem discussão. A companhia do Mont' Estoril póde, pois, fazer a electrificação da linha de Cascaes, e exploral-a por cincoenta annos. N'esta altura, o sr. Kendall, que foi o unico a regeitar a proposta, apresenta o seu protesto, em papel sellado, para os effeitos da lei. Entende elle que a Companhia não arrenda mas aliena a linha. Se transformações havia a fazer, a companhia que as fizesse. E pede que o seu protesto vá para a acta e que lhe forneçam, d'essa mesma acta, uma copia. Approva-se ainda um requerimento dos srs. Fausto de Figueiredo e Augusto Carreiro de Sousa pedindo auctorisação, como administradores da Companhia e indirectamente interessados na empreza «Estoril» para intervirem no contracto a realisar entre aquella empreza e a companhia. Por ultimo redige-se e approva-se a acta, terminando a seguir a reunião.

Dr. João Augusto Martins

O seu funeral

Realisou-se hoje o funeral do sr. dr. João Augusto Martins, clinico distincto, deputado por Cabo Verde e nosso presado amigo e collaborador, que foi victimado por uma *angina pectoris*. O cadaver encerrado n'uma rica urna de mogno estava depositado n'uma das salas da redacção da *Lucta*, de onde sahiu o prestito pelas 14 horas. Sobre a urna viam-se uma grande corôa de flores artificiaes com fitas offerecida pelo Directorio da União Republicana e outra offerecida pelos seus primos e amigos Frank Martins, Luiz e Martinho Nobre de Mello e Daniel Duarte da Silva. Até ao carro funebre, puxado a uma parelha, foi organisado um turno composto pelos srs. Aresta Branco, Innocencio Camacho, Nunes d'Oliveira, Luiz Caetano Pereira, Bernardino Roque, Dias Costa, Emygdio Mendes e Amaro de Azevedo Gomes.

No numeroso prestito viam-se os srs.: José Barbosa, representando o sr. dr. Brito Camacho, Amaro de Azevedo Gomes, Emilio Segurado, capitão Graça e Cruz, José Lourenço de Magalhães, Antonio Monteiro Macedo, Ernesto Rodrigues Simões, Innocencio Camacho, Antonio Gomes da Silva, Frederico Kohn, Eugenio Anselmo, dr. Julio Dias Costa, Antonio Corsino Lopes da Silva, dr. Bernardino Roque, Sebastião Mestre dos Santos, L. Bettencourt, J. V. Thompson por si e pelo conselho de administração da Empreza Nacional de Navegação, A. Ferreira, Manuel dos Santos, João Tadella, Eugenio Alves, Alberto Simões, Antonio Duarte Borja Araujo, Cesar José Faria, commandante do *Ambaca*, Antonio Faria, Luiz Saude Junior, M. Martins Cardoso, Alfredo da Costa e Andrade, Joaquim Esmeraldo Nobre, Armando Araujo, dr. João de Menezes, Albino Forjaz de Sampaio, Joaquim Duarte Silva, José Joaquim Sequeira Castelhano, Guilherme Henrique de Sousa, A. Kurt Silva Pinto, Julio Marques da Costa, José Augusto Moreira d'Almeida, Luiz Filippe Estevão da Silva.

Francisco José de Brito Junior, Carlos Augusto Moraes d'Almeida, conde de Castello Mendo, José Cupertino Ribeiro Junior, Casimiro Silva, Joaquim Fernando de Magalhães, Joaquim Pedro Vieira Judice Bicker, Antonio Carlos de Sousa, Alfredo da Costa Andrade, dr. Mattos Dias, Emilio Lemos, Antonio Alves Oliveira, D. Antonio de Lencastre, D. João de Lencastre, dr. Henrique de Vasconcellos, dr. Ramada Curto, Carlos Alberto do Espirito Santo, Alvaro Lopes, Rogerio Moraes, Gonçalo Pereira Pimenta de Castro, Raul Furtado, Julio Hyppolito Chaves, Carlos Spinola, Alvaro Oliveira Paes, Antonio Ribeiro, Joaquim Maria da Silva, Ricardo Ferreira Pinto Bastos, José Henriques, João Baptista Soares d'Almeida, José Antonio Baptista d'Almeida.

A urna ficou depositada em jazigo no cemiterio oriental, tendo-se feito representar no funeral o quadro typographico da *Lucta*.

A' familia enlutada envia *A Capital* sinceros pezames.

GRÉVES ACADEMICAS

A dos estudantes dos lyceus

manter-se-ha até se obter uma solução favoravel

Manteem-se no mesmo estado de intransigencia as gréves academicas.

Pelo que respeita á dos lyceus houve hoje o seguinte: logo de manhã á abertura d'aulas junto de cada um dos lyceus, Camões, Passos Manuel, Pedro Nunes e S. Vicente, foram postar-se os commissionados hontem eleitos para vigiarem a manutenção da gréve. Não houve em nenhum d'elles o mais ligeiro incidente.

Alguns alumnos dos primeiros annos que compareciam, acompanhados na sua maioria pelos paes, retiraram depois de breve explicação com os alumnos mais antigos, á excepção do lyceu de S. Vicente onde ainda funccionaram as duas primeiras turmas da 1.ª classe. Pouco depois das 10 horas, porém, todos os lyceus haviam encerrado as suas portas, ficando apenas dentro dos edificios os respectivos empregados das secretarias, os reitores e alguns professores.

Ao meio dia começaram convergindo para a rua do Jardim do Regedor numerosos grupos de estudantes que ingressavam no Salão Paradis, antigo theatro Phantastico, que pelas 13 horas se achava litteralmente apinhado de academicos.

Constituida a mesa e depois de ligeiros incidentes sem importancia, foi posta a questão da intransigencia no actual movimento até que o sr. ministro da instrucção solucione o assumpto a aprazimento da academia.

Houve ainda durante a discussão d'esta proposta quem d'entre os estudantes se manifestasse porque o movimento cessasse até á abertura do parlamento, mas esta opinião, combatida por esmagadora maioria, foi a breve trecho posta de parte, ficando por fim resolvido: manter a gréve até á solução desejada; enviar um telegramma de solidariedade á Academia do Porto; imprimir um manifesto ao povo de Lisboa onde fique bem explicado o actual movimento absolutamente academico e sem feição alguma politica. Foi tambem approvada a moção a entregar ao sr. dr. Lopes Martins e na qual se consigna a resolução dos academicos de não voltarem ás aulas sem serem satisfeitos os seus desejos.

Os academicos tiveram durante a reunião a adhesão moral das alumnas do lyceu Maria Pia e da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Terminada a sessão no meio de enthusiasticos vivas, os alumnos dividiram-se, indo uma parte para os lados da Avenida, outra para o Rocio, e subindo um reduzido numero o Chiado, indo ao largo do Carmo fazer uma manifestação de sympathia, encaminhando-se depois para outros pontos da cidade, sempre soltando calorosos vivas á gréve, á Academia de Lisboa, e á confraternisação academica.

Ao passarem em frente da «Capital» saudaram o nosso jornal.

No Instituto Superior Technico

Os alumnos d'esta Escola manteem egualmente a gréve

Reuniram tambem pelas 11 horas, na Faculdade de Sciencias, os alumnos do I. S. T. e representantes dos alumnos d'essa Faculdade, com o fim de resolverem qual a resposta a dar á proposta do sr. ministro da instrucção para solucionar o conflicto.

Fóra da ordem do dia tomou-se conhecimento do apoio dos estudantes da Faculdade de Lettras de Lisboa, e resolveu-se dar aos estudantes dos lyceus de Lisboa e Porto todo o apoio moral.

Assentaram tambem os estudantes do I. S. T. em que já estavam dadas aos alumnos do antigo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, os esclarecimentos sufficientes para desfazer o equivoco entre elles levantado.

Quanto á proposta feita pelo sr. ministro da instrucção, os alumnos approvaram uma moção, onde fazendo notar mais uma vez a razão que lhes assiste, «resolvem, pesados e discutidos attentamente todos os argumentos apresentados, e, confessando-se profundamente reconhecidos pela boa vontade de sua ex.ª o ministro de solucionar satisfatoriamente as suas justas reclamações e pelos esforços empregados pela commissão enviada junto de sua ex.ª, resolvem os alumnos do Instituto Superir Technico manter a sua attitude anterior, de absoluta intransigencia, até que o sr. ministro suspenda a execução da lei, mande reabrir a sua escola e o Parlamento lhes faça a devida justiça.»

Depois foi ainda approvada, uma proposta para que se obtivesse desde já do ministro a abertura immediata do I. S. T., a fim de as aulas funccionarem regularmente.

A sessão foi então encerrada no meio de grande enthusiasmo, marcando-se a seguinte para amanhã, 18, ás 16 horas, no mesmo local, salvo communicado especial nos jornaes.

Já depois de encerrada a sessão, uma commissão de estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa foi dar aos seus collegas todo o seu apoio.

A associação do I. S. T. recebeu tambem o seguinte telegramma da Academia do Porto:

«Alumnos da Faculdade de Sciencias e Engenharia apoiam calorosamente vossa attitude correcta e saudam a commissão.»

O emprestimo nacional francez

Paris, 14 de novembro

Logo que foi apresentado o projecto de lei para o emprestimo nacional, o ministro da instrucção publica enviou uma circular aos reitores fazendo um appello á collaboração dos professores das universidades.

Por conferencias realisadas nas aulas e em conversas, cujo echo não deixará por certo de chegar ao conhecimento das familias dos alumnos, os professores vão entregar-se á missão de mostrar a importancia d'este novo dever que a França é chamada a cumprir. Muito ganhará tal propaganda, em methodo e efficacia, se todos os directores de estabelecimentos se derem ao trabalho de dividir a tarefa pelos seus colaboradores e de provocar entre elles reuniões e trocas d'impressões com o que muito aproveitará a obra commum.

Nas actuaes circumstancias; aliás como sempre, é justo confiar na acção pessoal dos professores de instrucção primaria que, pelo grande numero dos seus discipulos, pela auctoridade e pela confiança de que disfructam, poderá ser enormemente fecunda; cumpre-lhes fazer valer as rasões, não só de interesse particular, mas tambem de ordem moral e nacional que devem levar os francezos a corresponder ao novo appello. A sua propaganda, embora discreta, será sempre activa e inspirada por um esclarecido patriotismo.

«Pedindo aos membros do professorado que lhe estão subordinados, diz a circular, a sua cooperação para o bom exito do emprestimo, rogo-lhe queira agradecer-lhes o auxilio que já prestaram ao Estado aconselhando os seus concidadãos a trocarem o dinheiro em excesso que tiverem por notas do Banco de França.

N'este ponto ainda a sua missão não terminou, e, no interesse da defesa nacional, tem ainda um largo campo onde exerçam a sua patriotica iniciativa».

Os socialistas allemães e a questão das subsistencias

Uma resposta do chanceller

Genebra, 13 de novembro

Em resposta á representação da commissão socialista ácerca da questão das subsistencias, o chanceller do imperio disse o seguinte:

«Pelo que concluo da sua exposição, está o partido socialista convencido de que nos encontramos em boa situação, pois que possuimos provisões de generos alimenticios em quantidade sufficiente; o que importa fazer é repartir essas provisões de maneira que a sua acquisição se torne accessivel ás classes menos abastadas. Todas as personalidades com competencia para fazel-o estão firmemente decididas a afastar seja, por que meios fôr as difficuldades emanentes dos augmentos do preço promovidos pela especulação.

As medidas já tomadas provam que o governo imperial, conscio da sua responsabilidade n'este assumpto, está na disposição de não hesitar em empregar uma acção energica para manter a liberdade do commercio; outras medidas complementares que serão tomadas serão sufficientes para o garantir. Pode pois o paiz ter a certeza de que é illusoria a esperança que os nossos inimigos alimentam de nos fazer render pela fome. Deve, porém, a população ficar sciente de que nem só o lamentavel espirito de ganancia provocou o extraordinario augmento do preço dos generos alimenticios, mas tambem o motivaram outras causas que devemos considerar. A falta de forragens faz com que todos os povos que participam na guerra soffram do encarecimento da vida, mas devemos não esquecer que se mostrarmos desanimo, os governos inimigos apresental-o-hão aos povos, illudidos ácerca da verdadeira situação militar, como auspicioso signal do enfraquecimento da nossa força de resistencia, e portanto da nossa convicção de ficarmos vencedores.

Parece-me, portanto, que todos os partidos politicos da Allemanha, e o socialista mais do que qualquer outro, devem procurar evitar tudo o que possa contribuir para fortalecer as esperanças dos nossos inimigos, e com isso prolongar inutilmente a guerra.»

Um novo mimodrama de leões

Uma novidade sensacional

Toda a gente viu, admirou e se emocionou com o mimodrama que mr. Marck, o arrojado domador, apresentou durante mez e meio no Colyseu com o titulo *Vingança de feras*. Era uma maravilha e um deslumbramento. Pois mr. George Marck, como testemunho de reconhecimento para com o publico, concebeu um novo e original mimodrama, ainda mais surprehendente, ainda mais admiravel e deu-lhe o titulo de *Sonho tragico*. E' verdadeiramente uma tragedia que um artista pintor soffre em sonhos e que dá o «frisson» ao espectador. Divide-se em dois quadros: 1.º Uma feira em Paris, 2.º No atelier do pintor, desenrolando-se então todo o sonho tragico, em que apparecem os leões que estão prestes a devorar a mulher e a filha do artista. A musica, lindissima e inspirada, é do notavel compositor francez Paul Letombe e os scenarios foram expressamente pintados por Augusto Pina e o guarda roupa foi feito na celebre casa Landolff, de Paris. Os personagens d'este sensacional mimodrama estão a cargo de mesdemoiselles Blanch Marci, Kesly e Yvonne Marck e Langlais e mr. George Marck e Glandin.

O novo mimodrama será exhibido pela primeira vez no proximo sabbado.

CONTOS E CHRONICAS

Belisario

A carta do compadre Simas referindo-se ao volumoso manuscripto dizia assim:

—Foi encontral-o entre os papeis velhos que você aqui deixou para serem vendidos a peso e vae de tal maneira bafiento e amarello que o tendeiro, de certeza, o não tomava para embrulho. Perca um boccado a decifral-o. Parece-no coisa edificante.

Attendi o pedido do compadre. Ao invez da sua opinião antolho a coisa de engraçada. No emtanto, sentindo certo escrupulo em deital-a fóra sem conhecimento publico, aqui transcrevo o principal:

—Item.

E chamada que foi Ritta Custodia, casada com Alvaro Bentes, de edade que disse ter quarenta e dois annos, por ella nos foi declarado que, tendo ido de uma vez á tenda do mencionado Gonçalo e a fim de mercar meias de Inglaterra foi servida pelo dito mocinho Belisario que em tudo se mostrou muito obsequioso e boas palavras. E ai nos disse que, tendo encarado n'elle, lhe viu nos olhos um brilho de tanto fulgor e tanta graça no sorrir que nom mais forças teve para lhe tomar dos dedos o troco que elle lhe estendia.

—Item—

E chamado que foi Vicente Nunes, capitão de navios, de edade que disse ter cincoenta e trez annos, casado com Anna Brites, filha de algo, louça e de bom corpo, per elle nos foi dito o seguinte:

—Que tendo chegado de Casabranca, no navio de seu commando, aos vinte e dois dias do mez de maio da era corrente, e á hora de prima, depois de cumpridas as formalidades da entrada n'este porto, seguiu rumo de sua casa a fim de se avistar com sua mulher do quem era muito amigo e trazia saudades.

Que ao entrar na sua botega percebeu que se fechava asinha uma das suas gelosias. Não fez no caso maior reparo, mas apenas chegado á porta, e mesmo antes de bater, ella deu de si de reponte e um mocinho bufarinheiro sahiu carrego e apodado.

Julgou logo do que se tratava. Sua mulher garridava-se. Sabio presto e foi encontral-a desdobrando rendas de Flandres.

Depois do espanto e alegria de o vêr assim tão inesperado não poude elle que não lhe notasse o seu trajar descomposto.

E então ella lhe respondeu que o moço chegára com os enfeites quando se destaviava da matinas e fôra para o não demorar que assim viera como estava.

E chamada que foi Domingas Contreiras, viuva de Gaspar Contreiras, capataz mariola, por ella nos foi declarado que desde o dia em que pela primeira vez entrou com sua filha Deolinda na tenda do mencionado Gonçalo e o dito mocinho Belisario fez estendida feira de lonçainhas, a donzella nunca mais cuidou n'outra coisa que não fossem ingredientes liquidos e seccos para compostura do rosto e que outras fallas não apregoa que não sejam luvas, cambraias, damascos, justilhos, leques o laçarotes. Um aranzel de atavios, e todos tão desejados, que ella, boa mão temente a Deus, agoura-mal de semelhante pensar.

E chamada que foi Maria Doirada, de edade que disse ser dezoito annos, o tem por costume passar o dia sentada á porta da sua casa entretida a fazer obra de ponto de meia, por ella nos foi garantido que desde o dia em que o mencionado Gonçalo mettou no trafico da tenda aquelle mocinho Belisario a rua vae do les a lés empachada de caleças, berlindas e cadeirinhas.

O que muito fez desviar o passadiço da gente a pé.

Por quanto fica exposto não vem á corte desaire.

No emtanto, mostrando o dito mocinho Belisario uma pronunciada pallidez no semblante, e attribuida por nós ás excessivas fadigas do seu mister, mandamos que o devolva, desde já, para a torra onde o foi buscar.

Ganha o moço com a mudança, corrigem-os factos referidos e não soffrem os costumes dos nossos tempos de Fé.

Eduardo Perez

Pela instrucção

Na séde do Nucleo de Instrucção Lux, na rua Saraiva de Carvalho, 101, está aberta a matricula, em todos os dias uteis das 21 ás 23 horas, para as aulas de francez e desenho.

"Palavra Livre,,

Successor d'*O Caixeiro*, sahiu o primeiro numero de *Palavra Livre*, semanario que se apresenta bem redigido e de que é director José de Almeida, um dos mais enthusiasticos propagandistas da causa do caixeirato.

Ao novo collega as nossas saudações.

SPORT

Gimnastica de homens velhos

São necessarias muitas precauções

A phisiologia ensina que se tem a edade das arterias

Ha dias, n'um grande banquete de confraternisação sportiva, um homem illustrado e intelligente, que dirige a repartição da contabilidade do ministerio das finanças, saudou alguem, em nome dos gymnastas de mais de quarenta annos.

Esta saudação trouxe a immediata pergunta:—Ha em Portugal quem ensine gymnastica a homens de elevada edade? E são muitos os que praticam, com assiduidade os exercicios physicos, mesmo os sportivos? Responderam: Em certos clubs mantem-se classes de gymnastica para adultos e essas classes são relativamente frequentadas.

Mas quem dirige essas classes?

Não sabemos, nem queremos saber. Indicamos apenas que não póde ser qualquer, que não tenha conhecimentos medicos sufficientes. E' que ensinar adultos e velhos, torna-se coisa differente de ensinar creanças e homens novos.

A gymnastica e os exercicios sportivos nas pessoas de edade avançada tem os ser rodeados de grandes precauções. E' que os exercicios physicos, que são excellentes, por exemplo aos 20 annos, podem ser perigosos e mesmo impossiveis de praticar depois dos 40 annos.

Os fisiologistas explicam bem estes casos com a seguinte lei:—«Tem-se a edade das arterias». Isto quer dizer que ao lado da edade do estado civil, a chamada edade legal, ha a «edade fisiologica».

As arterias e as veias, na adolescencia, teem a sua elasticidade propria, que permitte um bom funccionamento circulatorio do sangue. Mais tarde, quando os calcarios passam mais frequentemente pelos vasos, essa elasticidade vae-se perdendo, principalmente se não se teve o cuidado de os eliminar com sufficientes, doseados e methodicos exercicios. Consequentemente, com essa perda de elasticidade veem as perturbações no trabalho do miocardio e por este motivo perturbações no apparelho respiratorio.

Estas perturbações circulatorias e respiratorias provêem de exercicios de grande intensidade, de rythmo acelerado, de muita velocidade ou de muita força. Comprehende-se pois que nem todos os professores sirvam para ensinar gymnastica a adultos. E' que esse ensino requer muita competencia da parte do mestre. Ora, entre nós, ha certas competencias, escudadas em diplomas que os que os annunciam, nunca possuiram!...

A gymnastica nos homens de avançada edade está sujeita a muitos incidentes e acidentes. São frequentes as rupturas musculares em trabalhos violentos ou mal executados. Podem tambem romper-se os tendões musculares. Os ossos experimentam modificações e fracturam-se, sendo de tratamento longo e difficil a sua reparação.

Mas deve, por esses factos, prohibir-se a gymnastica aos adultos?

Evidentemente que não. Deve, porém, exigir-se que ella seja ministrada por quem tenha conhecimentos sufficientes para a dosear em intensidade e rythmo segundo a edade, resistencia physica e estado pathologico d'aquelle que a executa.

A gymnastica póde e deve ser executada em todas as edades. A prova de que ella é um factor concorrente ao bem estar individual é que se realisam com relativa frequencia, na Inglaterra, na America, na Suecia e na Allemanha concursos de «veteranos», todos interessantes porque os gymnastas se apresentam com aprumo, galhardia de movimentos e provas de boa saude. O ultimo d'estes concursos effectuado em Berlim, reuniu cincoenta concorrentes, o mais novo com 71 annos, o mais velho com 82, mas todos elles cram homens que fizeram gymnastica interruptamente desde moços.

ordem para resistir 2 horas até chegarem reforços depois d'um movimento de conversão e resistiu 12 horas.

Foram muito dizimados, mas multiplicaram-se por tal fórma que mantiveram em cheque uma divisão allemã que chegou a persuadir-se ter na sua frente uma força superior.

Infelizmente nos lyceus foi decretada como obrigatoria a «gymnastica sueca» o que a meu ver foi um erro, porque nem o nosso clima, nem o nosso temperamento, alimentação e meio são eguaes á Suecia, Noruega ou Dinamarca, onde esse systema está vulgarisado.

O nosso temperamento de meredionaes quer coisa que obrigue a mexer-se com bastante acção, e as bases do «systema natural» são o andar, correr, saltar, levantar, arremessar, trepar e nadar.

Todos estes exercicios são acompanhados sempre de exercicios respiratorios.

O exercicio é sempre gradual, principiando pela educação physica (movimentos simples) passando á cultura (movimentos complexos) e terminando pela preparação e treino para disputade torneios ou apuro do «athleta completo».

O systema é bastante interessante, não é fatigante, é recreativo e muito util porque prepara o individuo para todos os emprehendimentos sem desfalecimento, além da enormissima percentagem de gente robusta que dá o que representa um beneficio para o paiz porque é o melhoramento da sua raça por um processo economico, pratico e rapido».

Notas do dia

A gymnastica de Hebert

Perguntámos ha dias se era verdade que o systema «natural» da gymnastica de Hebert ia ser experimentado em Lisboa? Tivemos resposta que sim e hoje temos a confirmação n'uma carta do mestre d'armas Magalhães, communicando-nos que essa gymnastica lhe valeu a transformação d'uma menina confiada por medicos ao seu tratamento e que hoje está magnifica de saude e energia e elegancia. Na communicação que nos faz, diz o sr. Magalhães: «...Sósinho tenho trabalhado e na minha sala d'armas está aberta a inscripção para aquelles que queiram desenvolver-se sob um systema que a meu ver é o que melhor se adapta á raça portugueza.

Infelizmente ainda não possuo o recinto apropriado, mas isto não impede a por agora já se poder fazer alguma coisa de util e apreciavel.

A gymnastica natural é boa para creanças e adultos de ambos os sexos porque as tabellas de exercicios já são calculadas para o esforço consoante a edade e o sexo.

Em tempos n'uma conferencia publica na Sociedade de Geographia, um professor de gymnastica e apologista da gymnastica sueca, chamou á gymnastica «natural», gymnastica para macacos. Com isto só provou o seu completo desconhecimento de tal systema ou a enorme cegueira pela gymnastica sueca.

O melhor argumento para este e para outros detractores do «systema natural» tem-no dado o actual conflagração, como v. sabe e no seu já citado artigo mostra os heroicos e brilhantissimos feitos dos fuzileiros da marinha franceza em Dixmude que uma parte em commandada pelo proprio Hebert que em Beerst teve

dado de vir a Lisboa unicamente por causa da educação physica dos seus filhos. As classes abrirão muito brevemente.

A Escola de Educação Physica, dirigida pelos srs. Silveira Ramos e Carlos Velloso está tomando grande desenvolvimento, pela boa organisação do ensino, confiado a mestres competentes. As classes são todas muito concorridas, mas especialmente as de equitação, nas quaes ainda ultimamente se inscreveram, entre outras pessoas, mesdemoiselles Maria Empis, Ilda Dias, Vera Maria Borges, Bertha Costa, Dulce dos Santos, Helena Costa, Alice Romeira, Berta Faria, Maria Andrade, etc., e os srs. dr. Augusto Lage, dr. Augusto Vaz, Raphael Vianna, Augusto Seixas, Raul G. Gilman, Heitor Albuquerque, Raul Costa, Fernando Bandeira de Mello, etc.

Na patinagem continua a haver reuniões elegantes duas vezes por semana, sempre muito animadas. Para a noite de dia 27 prepara-se uma d'estas reuniões, mas seguida de baile.

O 21.° grupo de escoteiros de Portugal

Teem decorrido regularmente os exercicios n'esto grupo. A affluencia de vocios, ordinarios, tem sido animadora, tendo se inscripto ultimamente alguns escoteiros dos grupos congeneres. Trabalha-se activamente para o conseguimento d'uma séde definitiva. Continuam abertas as aulas das especialidades de photographo, cyclista, correeiro e signaleiro. Toda a correspondencia assim como a requisição de propostas deve ser dirigida á «villa» Bastos, 3, 1.°-E. (ao B. Andrade).

Agua "Caldas Santas,,

N'um elegante opusculo, reuniu a emprezа proprietaria d'esta agua numerosos attestados da efficacia da agua «Caldas Santas», de Carvalhelhos, Boticas, um recanto de Traz-os Montes, de muitos desconhecido, mas onde a natureza se mostrou prodiga, pondo á disposição dos seus habitantes um remedio que tem operado verdadeiras maravilhas.

As aguas «Caldas Santas», cujo deposito geral em Lisboa é a casa Mario de Lima Netto, do largo de S. Julião, 12, 1.°, são efficazes em varias doenças, como arthritismo, rins, bexiga, figado, estomago e intestinos, e principalmente nas molestias de pelle. Como agua de meza é leve e de paladar agradavel.

Taes são as principaes qualidades que o opusculo que temos presente enumera, inserindo, como acima dizemos, grande numero de attestados não só de medicos, como de doentes que com essas aguas teem sido curados.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).

GIMNASIO — A's 21 — La donna é mobile.

POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Rosa tirana.

MODERNO—A's 21—As noviças.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia de circo.

Boatos e informações

Entre nós

Publicou-se mais um numero do *Album Theatral* inserindo um retrato de Ausenda de Oliveira acompanhado por quatro sonetos de Avelino de Sousa.

Devo abrir brevemente a assignatura habitual para os espectaculos novos do theatro Republica.

Entrou em ensaios do apuro no theatro Nacional a peça de Chagas Roquette *Dona Perpetua que Deus haja*.

Estrangeiro

A revista de Rip *1915*, em scena desde março ultimo, passou a ser representada no theatro Antoine com Marthe Régnier. Yvonne Premptemps e Prince n'algumas das suas scenas principaes.

Reabriu na capital franceza o theatro Albert I explorado por artistas belgas.

Circos & Music-halls

No Theatro Rocio Palace realisa-se no dia 28 uma festa promovida por uma commissão em homenagem ao professor de dança sr. Custodio Jayme Ferreira, havendo espectaculo pelo grupo dramatico Recreio Artistico e por um grupo de actores dos theatros da capital.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sábbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Algumas anecdotas

Não perdeu os habitos, deante da morte...

Succedeu isto com o alferes dos exercitos de French, o «internacional» escossez de «rugby», J. B. Sweet. O capitão chamou-o e deu-lhe a seguinte ordem:

—Vá, com a sua companhia, tomar aquella posição em frente de nós, ás 4 horas.

—Yes...

—Veja bem que leva os seus homens para a morte e que v. tambem póde morrer...

—Yes... mas n'esse caso vou ás 5 horas!...

—Porquê?

—Para ter tempo de tomar o meu chá...

Noticias

Entre nós

Um grande projecto?

Escrevem-nos dizendo que no dia 1 de dezembro, uma nova aggremiação sportiva projecta a realisação de grandes festas athleticas e do motociclismo na Avenida da Liberdade.

Novos cursos de gimnastica

Tem obtido um acolhimento muito animador para os seus iniciadores a creação dos cursos de gymnastica nos «Desportos de Bemfica», e que vão ser confiados a um conhecido e habil professor da especialidade, com largo tirocinio em collegios e clubs da capital. A' inscripção tem affluido numerosas familias de Bemfica, que d'aqui por deante não terão necessi-

desde já o communicado do almirantado a tal respeito:

«A's 7 horas e meia da manhã de 8 de dezembro, o «Scharnhorst», o «Gneisenau», o «Leipzig» e o «Dresden» foram avistados proximo das ilhas Falkland por uma esquadra commandada pelo vice-almirante sir Frederick Doveton Sturdee. Travou-se combate, durante o qual o «Scharnhorst», arvorando a insignia do almirante Graf von Spee, o «Gneisenau» e o «Leipzig» foram mettidos a pique. O «Dresden» e o «Nürnberg» fugiram e estão sendo perseguidos. Dois carvoeiros foram tambem apprezados. O vice-almirante communica que as perdas inglezas foram muito poucas. Foram salvos alguns sobreviventes do «Gneisenau» e do «Leipzig».

Trinta e oito dias apenas haviam decorrido entre a acção no Pacifico e a que se deu no Atlantico do Sul. A 1 de novembro o «Monmouth» e o «Good Hope» foram mettidos a pique pela esquadra allemã; a 8 de dezembro os que os haviam destruido eram por sua vez afundados. As ilhas Falkland, onde se deu a batalha naval entre Sturdee e von Spee, ficam a mais de 7.000 milhas da Inglaterra; pouco mais de cinco semanas depois do desastre do almirante Cradock, uma força sufficiente para se bater com os allemães havia sido mandada, tinha encontrado o inimigo e combatera com elle até o derrotar.

Durante a guerra tem sido mantida a politica do silencio, que por vezes enerva o publico. Nada melhor para a justificar do que o combate das ilhas Falkland. Emquanto não houve noticia d'essa acção, ninguem sabia que o vice-almirante Sturdee estava a caminho e que uma esquadra havia sido enviada em perseguição de von Spee. E' preciso tomar precauções contra a espionagem, pois que a Allemanha, como se sabe, é mestra consummada n'essa arte.

O governador das ilhas Falkland fôra prevenido pelo almirantado de

que devia esperar um «raid» nas ilhas e fizera o que pudera para se preparar para tal eventualidade. Mulheres e creanças por uma ordem datada de 19 d'outubro tiveram de sahir de Port Stanley e no emtanto os homens na ilha preparavam-se para offerecer a maior resistencia que pudessem, suppondo que o inimigo ia apparecer.

Um radiogramma recebido a 3 de novembro dava ao povo da ilha a noticia da perda do «Good Hope» e do «Monmouth», seguido de um outro de bordo do «Glasgow», dizendo que esse navio e o «Canopus» se dirigiam para as Falklands. Presumia-se que esses navios eram perseguidos pelos allemães victoriosos.

Que os marinheiros inglezes tinham sido deixados afogar pelo inimigo não póde haver duvida. Quando os navios allemães chegaram a Valparaizo, um pastor allemão perguntou a um dos seus compatriotas por que motivo não fôra salvo um unico inglez. O marinheiro respondeu-lhe que podia tentar-se o salvamento, mas que os officiaes tal não haviam permittido.

A força que estava á disposição do almirante Sturdee comprehendia os cruzadores «Invincible» e «Inflexible», o «Canopus», os cruzadores-couraçados «Kent» e «Cornwall», o «Carnavon» (10.850 toneladas, armado com quatro canhões de 7,5 polegadas, seis de 6, duas de 12 libras, vinte de 3 libras e dois tubos lança-torpedos), os cruzadores ligeiros «Glasgow» e «Bristol», e o paquete armado em guerra «Macedonia». O «Invincible» e o «Inflexible» foram construidos em 1908 e deslocam 17.250 toneladas.

As caracteristicas dos navios da esquadra allemã já as demos. E' interessante notar que o «Scharnhorst» e o «Gneisenau» eram quasi contemporaneos da classe do «Invincible», tendo sido concluidos em 1907, mas n'essa occasião a Allemanha não havia ainda introduzido na sua marinha os super-dreadnoughts.

Que informações o almirante von Spee pudera obter acerca dos movimentos do inimigo desde o dia em

pés. O seu armamento consistia em 9 canhões de 9-2 pollegadas, dezeseis de 6, doze de 12, trez de 3, duas metralhadoras e dois tubos lança-torpedos. As peças de 9-2 pollegadas arremeçavam granadas de 380 libras de peso, as de 6 de 100 libras.

Monmouth — Cruzador-couraçado de 9.800 toneladas. Construido em Glasgow e acabado em 1903. Comprimento, 440 pés, calado, 24,5 pés. O seu armamento consistia em quatorze canhões de 6 pollegadas, 8 de 12, trez de 3, oito metralhadoras e dois tubos lança-torpedos. A sua velocidade maxima é de 23 nós.

Glasgow—Cruzador ligeiro de 4800 toneladas. Construido por Fairfield e lançado á agua em janeiro de 1911. Comprimento, 430 pés, calado, 15,25. O seu armamento consistia em duas peças de 6 pollegadas, dez de 4, quatro de 3 libras e dois tubos lança-torpedos. A sua velocidade é de 25 nós.

Otranto—Da linha do Oriente. Paquete de 12.000 toneladas, construido por Workman & Clark em Belfast em 1909. Armado em cruzador auxiliar em agosto de 1914.

Os cruzadores couraçados allemães «Sharnhorst» e «Gneisenau», de 11600 toneladas eram eguaes e foram concluidos em 1907. Tinham o comprimento de 449,75 pés e o calado de 25 pés. O seu armamento consistia em oito canhões de 8-2 pollegadas (peso do projectil 275 libras), seis de 6, vinte de 24 libras, quatro metralhadoras e quatro tubos lança-torpedos.

Dresden — Cruzador de terceira classe, de 3.600 toneladas. Egual ao Emden. Comprimento, 387 pés, calado, 17,75. Era armado com dez canhões de 4-1 pollegadas, oito de 5 libras, quatro metralhadoras e dois tubos lança-torpedos.

Nurnberg—Mesmo typo e armamento do «Dresden», mas tendo 3.450 toneladas.

Leipzig — Cruzador de terceira classe, de 3.250 toneladas. Construido em 1906. Comprimento, 341 pés, calado, 17,5. Estava armado com

dez canhões de 4-1 pollegadas, dez de 1 libra, quatro metralhadoras e dois tubos lança-torpedos.

A primeira noticia que chegou a Inglaterra, d'essa desastrosa acção á custa foi acreditada nos circulos officiaes e uma nota do almirantado dizia:

«O almirantado não pode acceitar os factos como os dá a versão do momento actual, porque o «Canopus», que foi mandado especialmente para dar mais força á divisão do almirante Cradock e que devia dar uma superioridade decisiva, não vem mencionado e, além d'isso, estando cinco navios allemães concentrados nas aguas chilenas, apenas trez entraram na bahia de Valparaizo. E' possivel, por isso, que quando vier a narrativa completa da acção se modifique consideravelmente a versão allemã.»

Major-general sir Sam Hughes, ministro canadiano da milicia

Infelizmente para o optimismo official, o «Canopus» não estava com os cruzadores na acção. O «Good Hope» era um dos peores typos de navio que haviam sido construidos para a armada nos tempos

modernos. Offerecia um grande alvo e grande difficuldade de deslocamento para o fogo dos canhões. O «Monmouth», que tinha quasi 10.000 toneladas, a artilharia mais pezada que possuia era de 6 pollegadas.

A comparação da artilharia nas duas divisões era a seguinte:

Allemães: 16 canhões de 8-2 pollegadas, 12 de 6, 30 de 4-1, 40 de 24 libras e 16 de 5.

Inglezes: 2 canhões de 9-2 pollegadas, 32 de 6, 10 de 4, 20 de 12 libras e 10 de 3.

Os navios inglezes estavam desclassificados, assim com os seus canhões de 6 pollegadas eram d'um typo antigo, ao passo que os allemães de 8-2 pollegadas eram modernos. O «Sharnhorst» havia ganho a medalha de ouro para o melhor navio e o «Gneisenau» tinha tambem magnifica artilharia.

No domingo 1 de novembro, o «Good Hope», o «Monmouth» e o «Glasgow» encontraram-se com o «Scharnhorst», o «Gneisenau», o «Leipzig» e o «Dresden». O vento era fortissimo e o mar grosso; ambas as divisões navegavam para o sul e os allemães conservaram-se fóra d'alcance e não acceitaram combate até ao pôr do sol. Logo no começo da batalha, que durou cêrca de duas horas, o «Good Hope» e o «Monmouth» incendiaram-se, mas continuaram luctando até quasi ao escurecer, quando uma grande explosão se deu no «Good Hope», que o fez ir a pique.

O «Monmouth» aguentou-se até ao escurecer, apezar de metter agua abundantemente e não poder marchar. Sabe-se, porém, que se approximou do inimigo com a maior bravura com a intenção de o abordar, que foi afundado, ao tentar fazer isso e que apezar do mar não estar tão mau que impedisse as tentativas de salvamento, nenhuma foi feita para salvar os marinheiros inglezes que luctavam na agua.

A 17 de novembro, a secretaria do almirantado publicava o relatorio recebido do capitão John Luce, do «Glasgow» e que era assim concebido:

O «Glasgow» sahiu de Coronel ás 9 horas da manhã de 1 de novembro para se ir encontrar com o «Good Hope», o «Monmouth» e o «Otranto» no posto que havia sido marcado. A's 2 horas da tarde o «Good Hope» annunciava por meio de um radiogramma que um navio inimigo estava a noroeste. Ordens foram dadas para a divisão se espalhar de nordeste para leste pela seguinte ordem: «Good Hope», «Monmouth», «Otranto» e Glasgow» e navegar á velocidade de 15 nós.

A's 4,20' da tarde viu-se fumo; eram os navios inimigos, um pequeno cruzador e dois cruzadores-couraçados. O «Glasgow» telegraphou ao almirante que os navios á vista estavam tomando precauções e tudo esperou pelo «Good Hope». A's 5 horas este era avistado.

A's 5,47, a divisão formava em linha dupla na seguinte ordem: «Good Hope», «Monmouth», Glasgow» e «Otranto». O inimigo que havia tomado rumo para o sul, estava em linha simples a 12 milhas de distancia, vindo na frente o «Scharnhorst» e o «Gneisenau». A's 6,18', ordenou-se que a velocidade fôsse de 17 nós e o navio-almirante e indicou «Vou atacar agora o inimigo». Os allemães estavam a 15.000 jardas e mantinham-se a essa distancia, ao mesmo tempo que trocavam entre si radiogrammas.

N'essa occasião, o sol estava no poente e emquanto permaneceu no horizonte a vantagem da luz era nossa. Mas ás 6,55', quando desappareceu, essa vantagem passou para o lado do inimigo.

A's 7,3', o inimigo abriu fogo a 12.000 jardas, respondendo-lhe rapidamente, a seguir, o «Good Hope», o «Monmouth» e o «Glasgow». As duas divisões estavam approximando-se e cada navio atacava um da linha opposta. A escuridão augmentava e o mar grosso tornava o fogo difficil, especialmente para os canhões do «Good Hope» e do «Monmouth». O inimigo acertou rapidamente o seu tiro e á terceira salva nos dois navios declarou-se incendio, estiveram ardendo até ás 7,45'. A's 7,50' houve uma grande explosão no «Good Hope», subindo

as labaredas a 200 pés d'altura. O navio desappareceu no meio das ondas. A escuridão não era ainda completa.

D'ambos os lados se continuou combatendo e o «Monmouth» estava mettendo agua, o que participou ao «Glasgow», ao mesmo tempo que tentava pôr-se a salvo. A's 8,30', o «Glasgow» communicava por signaes ao «Monmouth»: «O inimigo segue-nos», mas não recebeu resposta. Quando a lua nasceu, os navios inimigos iam-se approximando e como o «Glasgow» não podia prestar auxilio ao «Monmouth» deu toda a velocidade, para evitar ser destruido. A's 8,50' perdeu de vista o inimigo. A's 9,20' viu grandes chammas, o que indicava sem duvida o ataque final e a destruição do «Monmouth».

O procedimento dos officiaes e das tripulações foi admiravel. Embora não podendo responder adequadamente ao fogo que sobre elles incidia, todos conservaram o maior sangue-frio e a disciplina não foi quebrada um só momento. Só quando já não podiam disparar é que os artilheiros abandonaram o seu posto. O revez que soffremos não abateu o espirito dos officiaes e das tripulações e desejamos ardentemente encontrar de novo o inimigo o mais cedo possivel».

O almirante, o bravo e amado Cradock, descera á ultima jazida com uma guarda de honra de alguns centos de marinheiros que elle dirigira no combate. Não podia ter morte mais em harmonia com os seus desejos de morrer pelo paiz, que tão bem servira.

Os cruzadores «Aboukir», «Cressy» e «Hogue» foram mettidos a pique no Mar do Norte pelos submarinos a 22 de setembro, feito que foi sabido com uma expansão de delirante alegria na Allemanha. Essa alegria nada foi comparada com o enthusiasmo com que em Berlim foi recebida a noticia da destruição dos dois navios do almirante Cradock. O odiado inglez mais uma vez fôra derrotado no seu proprio elemento, o mar, e novos desastres foram preditos á armada ingleza, de futuro.

Não havia duvida possivel de que as armas inglezas tinham soffrido um serio revez e que o inimigo tinha realmente motivo para rejubilar. Seis semanas antes da batalha não se ouvira falar do almirante von Spee e a sua reapparição e a sua victoria eram um golpe no prestigio britannico.

A divisão allemã, como dissemos, havia escapado ás armadas japonezas do Extremo Oriente, tendo o «Scharnhorst» e o «Gneisenau» sahido de Kiao-Chau exactamente antes da guerra rebentar. Nada se soubera a seu respeito até ao dia 22 de setembro, quando appareceram ao largo de Papeete, na ilha de Tahiti, onde metteram a pique uma pequena e desarmada canhoneira franceza e bombardearam a cidade aberta.

Mais tarde descobriu-se que os dois navios haviam visitado a bahia Apia, a 14 de setembro, mas que se tinham ahi demorado pouco tempo.

Em outubro, o «Leipzig» metteu a pique um paquete denominado «Bankfields» ao largo da costa do Peru, que vinha de Eten com uma carga de seis mil toneladas d'assucar. Em setembro mettera a pique o paquete petroleiro «Elsinore» e em novembro o «Vine Branch», ao largo da costa chilena, quando esse navio seguia de Inglaterra para Guayaquil.

O «Dresden» afundou o *Hyades* ao largo de Pernambuco a 16 d'agosto, quando esse navio seguia do Rio da Prata para a Hollanda com carregamento de cereaes, e o «Holmwood», a 26 d'agosto, proximo de Santa Maria, em viagem da Galles do Sul para Bahia Blanca, com carregamento de carvão de pedra.

O «Nürnberg» cortou o cabo entre Bamfield, Columbia Britannica, e a ilha de Fanning no principio de setembro, mas ao que parece não aprezou navio algum.

A destruição da esquadra de von Spee era uma necessidade imperiosa e que tinha de se effectuar no mais curto prazo. Von Spee assignára a sua sentença de morte. Demos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1900—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 18 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

REMEMBER

Como simples resposta ao que hontem dissemos n'«A Capital» ácêrca da noção de disciplina que o sr. José Barbosa affixou, diz hoje a «Lucta» que esperará mais algumas horas e mais alguns artigos para melhor debater essa momentosa questão.

Visto que o sr. José Barbosa deseja colligir elementos para que se não obscureça a evidencia de factos comprovativos de indisciplina, lembramos-lhe que não deixe de compulsar a collecção d'«A Noticia», jornal da sua direcção, que apêsar de uma existencia ephemera, formulou sobre a questão da disciplina militar suggestivas opiniões.

Lá encontrará o sr. José Barbosa, nos ultimos dias de janeiro do corrente anno, a apologia calorosa e enthusiastica, frements do celebre movimento das espadas que, sendo um acto da mais grave e flagrante indisciplina, deu origem ao governo da dictadura, que provocou uma revolução.

Não era então o sr. José Barbosa tão respeitador de hierarchias como agora se revela. Ao procedimento dos officiaes que faziam uma manifestação collectiva offensiva da auctoridade do ministro da guerra, chamava o sr. Barbosa, não um acto «de indisciplina, em toda a sua hediondez, em toda a sua acção subversiva e anarchisante» mas sim «um gesto nobilissimo!»

Recorde o sr. José Barbosa essas expansões de enthusiasmo, que lhe despertaram as suas conveniencias politicas, e diga-nos depois em que balança pesa a indisciplina de baixo e a indisciplina de cima.

A verdade é que, como hontem o demonstrámos, a attitude dos marinheiros, no actual momento, só póde ser considerada indisciplina, segundo o criterio monarchico de obediencia passiva, que póde levar ás mais tremendas cumplicidades em crimes inexpiaveis.

Os marinheiros não atacam a Constituição, não se levantam contra a legalidade republicana, não depõem as suas armas, nem as erguem em attitude ameaçadora contra o governo. E em janeiro d'este anno, o movimento era feito contra o governo, contra a Constituição; era feito, na realidade, contra a Republica. A isto chamava o sr. José Barbosa «um nobilissimo gesto».

Pois se ha um criterio sobre a disciplina que considera nobilissimos gestos movimentos como os das espadas, em janeiro findo, esse criterio representa a completa inversão da noção da disciplina, porque é a inversão das noções da ordem, do direito e da democracia.

Percorra o sr. José Barbosa a collecção do seu ephemero jornal, e verá que elle não foi senão um porta-voz da indisciplina social, registando nos seus annaes o applauso á indisciplina militar.

O que a democracia tem de grande é submetter ao livre exame todas estas questões que o espirito monarchico encerrava em dogmaticas formulas. E' preciso acabar com esses dogmatismos. E' preciso acabar com o processo facil de achar bom, justo e regular tudo quanto póde servir determinados interesses partidarios e paixões pessoaes, e mau, injusto e irregular tudo aquillo que não serve esses interesses e essas paixões.

A disciplina, segundo esse criterio, é os que estão de cima fazerem tudo quanto quizerem contra a disciplina, e não admittir que os que estão debaixo possam ter outra acção que não seja servil-os nas suas manobras, ou pelo menos não as contrariarem.

A Republica não é um regimen que admitta deseguALdades, e muito menos um regimen que, quando os bons cidadãos, vestindo ou não uma farda, procuram mantel-a na pureza dos seus principios ou evitar que ella seja humilhada ou atraiçoada, vibre contra elles os golpes que devem ser descarregados sobre seus falsos amigos ou os seus raivosos adversarios.

Migalhas

Praxedes apprehensivo

Encontrei Praxedes no carro de Campolide. Ia para a repartição, e servia o primeiro almoço ao seu espirito, devorando os telegrammas da guerra. Logo se via que o não satisfaziam, tal era a sombra de preoccupação que lhe nublava o rosto e tão profunda era a ruga que equatorialmente dividia a sua fronte habitualmente serena como o lago onde se espelhava a face da Bella Adormecida.

Quando me dei por chegado, o nosso amigo, disse-me, espalmeando a mão sobre os varios normandos das ultimas communicações:

—«Isto não vae bem. A Allemanha, vendo que não vae lá das pernas, trata de envolver o mundo inteiro n'esta guerra, a ver se os povos, depois de se esmurrarem conscienciosamente, acabam por pedir em côro uma paz, que lhe aproveite a ella. Os Balkans já se engalfinharam quasi todos. A Grecia anda a fazer um joguinho perigoso. Na Persia as coisas boas, boas não estão. Ao que parece a Abyssinia já teve propostas para molhar a sua sopa. O rastilho vae correndo. Qualquer dia lemos a noticia de que a esquadra da Republica de Andorra bombardeou os postos do Thibet e que os esquimaus preparam um exercito de focas amestradas para luctarem a favor dos alliados. Eu, se fôsse o presidente da Republica de Guatemala, não perdia de vista aquelles cavalheiros das ilhas de Sandwich, que, por mais que me digam, andam feitos com o Perú.

—«Bem e depois?

—«Depois estou receando que, quando na Europa não houver uma nação em pé de paz, nós venhamos a fazer má figura. Tenho medo que o nosso paiz pondo nos seus cartões de visita: «Portugal, unica nação que não tomou parte no conflicto europeu», fique mal visto e mal considerado.

—«Engano, meu caro Praxedes. Quando as nações belligerantes cahirem em si e virem o mal que a si proprias causaram pelejando para o mal alheio, hão de ser devidamente apreciadas as nossas qualidades de prudencia e serenidade. Passaremos a ser o exemplo dos povos sensatos. Os grandes homens, que tão bem teem sabido collocar a nossa situação, serão alugados para conduzir nas grandes potencias as relações exteriores. Fazendo a admiração e a veneração dos seculos vindouros, seremos o figurino da sabedoria e da finura e as nações, olhando para nós, piscarão o olhos, dizendo:—«Aquelle Portugal é que a sabe toda!»

Praxedes sorriu tranquillisado e, despedindo-se, disse-me com um suspiro de allivio:

—«Ainda bem que o meu amigo me diz isso. Não calcula o cuidado em que eu estava.

André Brun

França Borges

O cadaver do intemerato jornalista na redacção do «Mundo»

Perante o feretro desfilaram hoje milhares de pessoas

O comboio que desde Villar Formoso transportava os restos mortaes do França Borges, deu entrada na estação do Rocio, cerca das sete, um quarto de hora mais tarde, por virtude de atrazo soffrido no percurso. Apesar da hora matutina, do tempo agreste e ameaçador, numerosissimas pessoas aguardavam na gare central o cadaver do indefectivel republicano e intemerato jornalista fundador de *O Mundo*.

Na approximação do comboio chegou á estação do Rocio o sr. dr. Affonso Costa. O illustre estadista fazia-se acompanhar por seu irmão, dr. Arthur Costa, seu filho Sebastião Costa e dr. Germano Martins, que foram logo rodeados pelos seus amigos e correligionarios.

Assim que o comboio deu entrada na gare e os passageiros seguiram o seu destino, a multidão que fôra ali, em piedosa romagem, respeitosamente descoberta collocou-se em frente do *fourgon*, armado em camara ardente e no qual vinha o feretro do saudoso jornalista.

Aberta a porta do *fourgon* entraram para elle os srs. dr. Affonso Costa e Luiz Derouet, começando immediatamente os preparativos para a trasladação.

A urna estava coberta com a bandeira nacional que serviu para o mesmo effeito na camara mortuaria de Schatzalp. Por sobre o feretro e nas paredes do *fourgon* as corôas, palmas e *bouquets* dedicados ao illustre extincto.

Para junto da funebre carruagem é levada a carreta da Associação do Registo Civil, no intuito de n'ella ser transportado o feretro. A ideia tem de ser posta de parte, visto que a urna tem demasiadas dimensões. Na impossibilidade de se servir d'esse meio de transporte, resolve-se que a urna fosse transportada aos hombros, pelo pessoal da agencia funeraria. Recolhidas as corôas, o sr. dr. Affonso Costa lança de novo a bandeira nacional sobre a urna e immediatamente o cortejo põe-se em marcha, fazendo o serviço de policia um piquete ás ordens dos chefes Gomes e Carmo.

O prestito sahe pela *marquise* superior da estação a tomar a calçada do Carmo. Paira na atmosphera um nevoeiro denso, que a claridade da manhã tenta dissipar. No quartel da guarda nacional toca a alvorada, quando o cortejo vence pausadamente a ingreme ladeira. As sentinellas á porta do quartel perfilam-se e fazem a continencia á passagem do cortejo.

Transposto o largo do Carmo, a rua da Trindade, o largo da Abegoaria, o prestito chega defronte do *Mundo* ás 7 horas e meia.

Durante o percurso, desde a *gare* ao edificio da redacção, organisaram-se os seguintes turnos:

1.º dr. Affonso Costa, dr. Germano Martins, Augusto José Vieira, dr. Sousa Junior, Luiz Filippe da Matta e Dias Monteiro. 2.º Americo da Costa Leme, Ribas do Avellar, Arthur Costa, João Carlos Marques, Santos Tavares e dr. Silva Passos. 3.º Alfredo Pinto, Amadeu de Freitas, Alves Marçal, dr. Bossa da Veiga, Urbano Rodrigues e Gregorio Fernandes. 4.º José Bessa de Carvalho, Mayer Garção, M. Botelho de Sousa, Manuel Ribeiro, Luiz Julio da Cruz e Carlos Fernandes Reis. 5.º Arthur Leitão, Alberto Barbosa, Costa Primo, José do Valle, Julio Andrade e João Borges. 6.º Alberto Tota, Aurelio da Fonseca, Motta Carvalho, José Serrão, Conceição Leitão e Henrique Costa. 7.º Corvinel Moreira, Santos Vieira, Seixas Junior, Pires Mascarenhas e Manuel Mattoso. 8.º Ruy Alves da Cunha, Antonio Rodrigues, João Botto Machado, Guilherme Correia, Viriato Chaves e Pedro Victor.

Na manifestação funebre na *gare*, o sr. Presidente da Republica fez-se apresentar pelo sr. Costa Leme, seu secretario particular.

Desde Villar Formoso, acompanharam os feretros entre outros os srs.:

José França Borges, Carlos Trilho, Julio Torneli, dr. Augusto Peres de Mascarenhas, Dias Monteiro, Salvador Saboya, Alberto Tota, Ruy Alves da Cunha, dr. Corvinel Moreira, dr. Bossa da Veiga, Gregorio Fernandes, Julião Andrade, Eduardo Marçal, Francisco Santos, dr. Arthur Leitão, Januario Esteves Nogueira.

A' chegada do feretro á estação do Rocio estavam presentes, entre outros os srs.:

Xavier Lobato, José do O', Ernesto Reis, Eduardo Junqueiro, Antonio Tudella, Manuel Costa, Carlos Fernandes Reis, pelo Centro Almirante Reis, Augusto Rato, Costa Bruno, Amadeu Cezar da Silva, Mattos Tapadinha, Bastos Flavio, Carlos Calheiros, Pedro Victor, Roque Cardoso, José Nunes Calenas, pela commissão parochial dos Anjos, João Carlos Marques, pelo Centro historico democratico da Chamusca, Alfredo Moraes, pelo Centro Democratico da Ericeira, Francisco Ajuda, Manuel Fragoso, dr. Arsenio Botelho de Sousa, Raul Lopes, pelo Grupo Liberdade e Justiça, Antonio Augusto da Silva, José Antonio Barros Leite e Venceslau Diniz de Araujo, pela Associação do Registo Civil, Carlos Antunes dos Santos, Domingos Euzebio da Fonseca, Seixas Junior, pelos jornaes do Porto a «Lanterna» e «Montanha», Motta de Carvalho, pela Empreza do Eden Theatro, dr. Felix Horta, Balthazar Oliveira, José Martins Moreira Rato, pela Concentração Musical 24 de agosto, Caetano Magiolo, José Salgado, José Beja da Silva, Antonio Araujo, pela junta de parochia da Encarnação, Antonio Lobato Faria, Eduardo e João Alves Correia, Baptista Duarte, Eurico Castello Branco, Viriato Chaves, pelo Grupo França Borges, José da Costa, D. Placida Amelia de Jesus Silva, vereador Manuel Pereira Dias, Manuel José Gomes pela Commissão Municipal e Junta de parochia de Carnide, etc., etc.

Na redacção de "O Mundo"

Milhares de pessoas desfilam pela camara mortuaria

Em frente do edificio do jornal *O Mundo* é grande a quantidade de gente que espera a chegada do prestito. A ninguem é permittido o accesso ás salas da redacção, onde o illustre extincto ficará até ser conduzido á sua derradeira jazida. O serviço de policia é feito ali por alguns guardas ás ordens do chefe Antunes. A ordem tem em vista permittir que a viuva do saudoso jornalista possa encontrar-se apenas rodeada pelos intimos ao lado da urna que encerra o cadaver de seu marido.

Pouco depois das sete, a sr.ª D. Amelia França Borges, com a sua pesada toilette de luto, chega á redacção de *O Mundo*, acompanha pelas senhoras que n'este doloroso transe lhe teem sido companhia, a sr.ª D. Christina da Silva, esposa do almirante Cesario da Silva, e as esposas dos srs. Carlos Trilho e Luiz Derouet.

A viuva de França Borges sobe ao segundo pavimento, onde está armada a camara ardente. Pouco depois o cortejo funebre chegava á frente do edificio e ali se fez uma ligeira paragem.

Ao encontro da desolada viuva dirigem-se os srs. Affonso Costa, Germano Martins, Arthur Costa e Luiz Derouet, que procuram rodeal-a de uma atomosphera de corajosa resistencia aos naturaes impulsos da dôr.

Quando os amigos de França Borges viram a desolada viuva mais fortalecida para supportar a presença da urna funeraria, foi dada ordem para que esta fosse conduzida á antiga sala do trabalho do «Mundo», conducção que se fez com grandes difficuldades.

A urna, contendo os restos mortaes do infantigavel propagandista da causa republicana, sobre uma meza forrada de negro, occupa o centro da sala redactorial. A' cabeceira ostenta-se o estandarte da loja maçonica «O Futuro», envolvido em crépes e aos pés o medalhão em bronze que a redacção do jornal em tempos offereceu ao seu director. Em volta grande numero de corôas e vasos de plantas. Cobre a urna a bandeira nacional e ali se encontram as corôas offerecidas pela familia, amigos intimos, do governo, dos parlamentares democraticos, etc. As restantes estão collocadas sobre cavalletes ou suspensas das paredes.

Prestada a derradeira homenagem a seu marido, a sr.ª D. Amelia França Borges abandona a redacção do «Mundo», seguindo para a residencia da esposa do sr. almirante Cesario da Silva. Desce, levando-a pelo braço até á porta do edificio, o sr. dr. Affonso Costa, seguindo-os as senhoras que a acompanharam n'aquelle doloroso transe.

Momentos depois comparecia na redacção de «O Mundo» o sr. Freitas Ribeiro e uma deputação de sargentos da armada. As portas foram franqueadas ao publico e desde logo a multidão desfilou deante do devotado republicano morto.

Durante todo o dia a concorrencia ao edificio da redacção de *O Mundo* não afrouxou um momento, constituindo essa piedosa romagem uma verdadeira affirmação de fé republicana. Pessoas de todas as cathegorias sociaes, filiadas nos mais diversos aggrupamentos partidarios desfilaram perante a urna do grande combatente em prol do ideal commum.

A' séde do nosso collega chegam ainda telegrammas de condolencia de todos os pontos do paiz e são recebidas tambem novas corôas que são depositadas na camara ardente.

Seria deficiente qualquer lista que publicassemos em relação aos nomes de pessoas que effectivamente foram á redacção de *O Mundo* significar o seu sentimento pela morte do saudoso batalhador, do infatigavel pioneiro da causa republicana.

Pelas 16 e meia compareceu ali o ex-presidente da Republica, sr. dr. Theophilo Braga, que foi recebido pelo deputado sr. Urbano Rodrigues, que o acompanhou até junto do feretro. N'esse momento velavam o cadaver entre outros os srs. Augusto José Vieira, Antonio Macieira, Joaquim Ribeiro, actor Ignacio Peixoto, os representantes do Gremio Futuro e os revolucionarios civis.

O sr. dr. Theophilo Braga, prestada essa homenagem ao fundador do jornal *O Mundo*, entrou depois no gabinete da direcção, sendo ali recebido pelos srs. dr. Affonso Costa, Luiz Derouet e Carlos Trilho.

Vêr continuação nas «Ultimas noticias».

CHRONICAS DE PARIS

"Ville Lumière Ville Tenèbres,,

Paris ás escuras—Precauções contra os aeroplanos inimigos—A policia aerea—A vida nos theatros, nos «cinemas», nos cafés—O eterno assumpto

Durante tres semanas de permanencia na «Ville Lumière» não pude nunca ver o sol. Um nevoeiro espesso pairava, dia e noite, sobre a casaria acinzentada; por vezes, a trinta passos de distancia, mal conseguia distinguir-se o vulto indeciso dos transeuntes. N'esta epocha, para quem vem do sul, Paris foi sempre a cidade crepuscular de infinitas nostalgias, com as suas tardes impregnadas de melancholica saudade, com a côr uniforme dos seus edificios onde a neblina esbate sempre a mesma tonalidade monotona, com a mesma multidão indifferente acotovellando-se sem cessar ao longo do asphalto humido dos passeios. A' noite, porém, a cidade despertava para uma vida estranha e rutilante: os «boulevards» scintillavam sob o foco potente dos reverberos electricos, as «devantures» engalanavam-se com innumeras lampadas de incandescencia, a propria nevoa tornava-se luminosa. Para o meridional, soava a hora da reconciliação com Babilonia. E respirava-a Paris.

Como tudo isso vae distante! Agora, mal a escuridão se fecha sobre a cidade, os candieiros da illuminação publica permanecem apagados na sua esmagadora maioria. Quando muito, aqui e além, surge-nos um ou outro globo incandescente, que a cautelosa previdencia da administração publica permittiu illuminar quatro palmos de rua, sob a protecção de um conico «abat-jour» interceptando os raios luminosos que pretendessem, indiscretos, dirigir-se para o céu. No interior dos estabelecimentos, as luzes são egualmente veladas; os automoveis circulam na treva, assignalados apenas pela debil claridade das suas lanternas verdes ou vermelhas, e quando o transeunte se vê forçado a atravessar uma praça publica, sente a enervante sensação de quem se dispõe corajosamente a transpôr um abysmo.

Os leitores adivinham já, por certo, que tudo isto faz parte de um programma de precauções destinadas a proteger a vida dos cidadãos contra as traiçoeiras arremettidas dos aeroplanos e dirigiveis inimigos.

Effectivamente, durante o dia, n'uma aberta do nevoeiro, não é raro avistarem-se pairando sobre o Bois de Boulogne ou a Gare do Norte os aviões ornados com a «cocarde» tricolor, policiando ininterruptamente os ares. E' tal o numero de apparelhos empregados n'essa vigilancia que ha poucos dias ainda, no momento em que simultaneamente desciam, dois aeroplanos não poderam evitar chocarem-se com tanta infelicidade que vieram entre labaredas despedaçar-se no solo. Quatro aviadores pereceram, carbonisados. Mas a lamentavel catastrophe serviu ao menos para demonstrar á evidencia que os habitantes de Paris podem tranquillamente percorrer as ruas sem correrem o perigo de ser esphacelados por uma bomba allemã.

De noite, a policia aerea seria ineficaz. A cidade envolve-se por isso no seu manto de trevas. Impossivel, do alto, ao olhar mais penetrante do inimigo, distinguir uma nesga de luz que possa servir-lhe de ponto de referencia. Os allemães renunciaram já, portanto, aos seus bem pouco gloriosos «raids» sobre a capital franceza, comprehendendo que mutilar creanças e assassinar indefezas mulheres, sem contribuir para cimentar-lhes os creditos de valentia, passou a envolver tremendos riscos para a integridade do seu corpo de aviadores. O mais que conseguem é vir de longe em longe exhibir-se no horisonte de Chateau-Thierry, onde com alguns solidos argumentos, as baterias de 75 mm lhes interdizem o avanço.

Erro seria, comtudo, imaginar-se que Paris renunciou totalmente á sua vida nocturna. Recolhe-se mais cedo, é certo, mas os theatros abriram já todos as suas portas, os cafés regorgitam de clientes, os «cinemas», os «variétés», os «cabarets», os restaurantes de todas as cathegorias estão constantemente inundados de publico. E' claro que a ideia da guerra preside, em toda a gente, ás mais diversas manifestações de vitalidade. As revistas do anno são naturalmente recheadas de numeros allusivos á campanha. Nos theatros de variedades, os «couplets» das «soubrettes» e os monologos dos humoristas destinam-se em regra a ridicularisar qualquer dos multiplos grotescos de «Guillaume», do kronprinz, ou do bulgaro Fernando. Os sainetes inspirados em patrioticos episodios repetem-se com particular agrado das plateias. Sarah Bernhardt reabriu tambem o seu theatro com a peça simbolica «As cathedraes», em que a septuagenaria artista reapparece depois da cruel amputação que soffreu o anno passado, personificando em scena a poesia da cathedral de Strasburgo. Nos animatographos, exhibem-se «films» sensacionaes da recente offensiva da Champagne: as trincheiras allemãs devastadas pela torrente de aço da artilharia franceza, a vastidão deserta do campo de batalha onde apenas se vêem aqui e além surgir no ar nuvemsitas de fumo, depois, o interminavel desfilar dos prisioneiros allemães, desalinhados, de expressão fatigada e braços pendentes, marchando como automatos sob a guarda dos «poilus»... Ou então, o «cinema» descreve as diversas phases do fabrico da artilharia grossa nas officinas do Creusot, e o surprehendente calibre dos modernos canhões que a França está construindo actualmente faz-nos pensar, sorrindo, na ingenuidade das famosas peças de 42... Por ultimo, assoma no «écran» essa figura familiar, sympathicamente burgueza, do grande Joffre, e uma salva de palmas, expontanea e calorosa, acolhe o sorriso benevolo do chefe dos exercitos.

A palestra, nos cafés, orienta-se tambem dentro do eterno assumpto que tudo domina e avassala. Jornalistas, negociantes, burguezes, artistas, viajantes, absorvem lentamente o seu calice de «vermouth» ou o seu copo de café, trocando impressões ou dando-se mutuas novidades. N'esse convivio emprego uma boa parte do meu tempo. Ahi está, por exemplo, M. Autrand, recentemente chegado de Genebra que largamente nos refere episodios elucidativos do estado de espirito na Allemanha.

—Ah, meus amigos, os allemães não riem já... As difficuldades de aprovisionamento tornam-se de dia para dia mais insuperaveis. Em França imaginou-se a principio, um pouco precipitadamente, que a Russia ia ser rendida pela fome dentro de alguns mezes. Era exaggerada a prophecia. Mas não é menos certo que, no momento actual, a questão das subsistencias reveste na Allemanha um caracter excepcionalmente grave. Vejam...

E mostra-nos um exemplar da «Gazetta de Francfort», com o seguinte periodo marcado a traço azul:

«Emquanto as nossas tropas combatem heroicamente, a fome começa a produzir os seus effeitos, e o povo considera-a como uma grave derrota para o imperio. Nós riamo-nos do bloqueio, mas agora já não podemos rir, e o odio contra os nossos inimigos responsaveis por tão grande miseria augmenta de dia para dia».

—Quando a censura allemã permitte uma publica confissão d'esta natureza, imagine-se o que não se estará passando além-Rheno!...

E' a guerra, o eterno thema. A guerra e a victoria. Durará ainda muitos mezes a primeira? Tardará muito tempo a segunda? Dirijo-me para o meu hotel, atravez da ruas escuras, absorvido por este pensamento em que milhões de cerebros divagam, á mesma hora, n'esta Paris sombria. Os automoveis de praça desappareceram da via publica, o metropolitano fechou, ás onze, as suas portas. Não foi ainda restabelecido o serviço dos omnibus. Tenho de recorrer a todos os meus recursos de orientação para não perder o caminho de casa, que sigo quasi ás apalpadellas, n'este labirinto immenso que o kaiser sonhou um dia percorrer entre o luzido cortejo da sua guarda e os festões de gala que a sua megalomania barbara phantasiou...

HERMANO NEVES

A'manhã:

Calae-vos! Desconfiae...

Os germanophilos em Hespanha

Em *La Petite Gironde* encontrámos o seguinte telegramma de Madrid, datado de 15:

«A propaganda allemã exerce-se principalmente nas altas classes da sociedade. Os embaixadores da Allemanha e da Austria-Hungria reunem-se frequentemente n'um collegio de jesuitas situado nos suburbios de Madrid e citam-se os nomes de diversas damas da aristocracia que tomam parte n'essas reuniões a que o nuncio não é, segundo consta, extranho.»

Pelo telegrapho

Nos campos de batalha da Russia

PETROGRADO, 18.—Official. Na região de Riga tem havido combates de artilharia. No Dwina ha socego tendo sido repellidos todos os ataques inimigos.

Na região do lago Sventen os allemães tiveram de abandonar uma parte das suas trincheiras nas quaes encontramos espingardas e munições. Nos dias 15 e 16 andou voando sobre a região de Dwinsk um zeppelin, lançando bombas que foram explodir nos entrincheiramentos inimigos causando graves perdas aos allemães e causando panico. Ha socego na região de Dwinsk e na do rio Pripet. Na margem esquerda do Styr os combates continuam, tendo a nossa artilharia dispersado o inimigo, approximando-se em seguida do rio. Na Galicia e no Caucaso não houve nenhuma mudança.—(*Havas*).

Exitos dos alliados nos Balkans

ATHENAS, 18.—Não ha noticias officiaes da guerra. Segundo telegrammas recebidos pelos jornaes os francezes alcançaram um importante successo depois de renhido combate contra as forças bulgaras, em numero superior, pois comprehendiam trez divisões, na linha Tihirkovo, Sichevo-Krushevitza. Os bulgaros tiveram segundo a mesma versão, perdas immensas. Por seu turno os inglezes obtiveram exito na linha Valandovo-Rabroso, e os francezes occuparam Kasturino, evacuado pelos bulgaros.—(*Havas*).

Os srs. Denys Cochin e Venizellos conversam...

ATHENAS, 18.—O sr. Denys Cochin visitou o sr. Skuludis, foi inscrever-se no palacio real e deixar cartões em casa de todos os ministros. A's cinco horas visitou o sr. Venizellos com quem conversou mais de uma hora. Será recebido hoje pelo rei e pela rainha e partirá provavelmente á tarde para Salonica.—(*Havas*).

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Morte d'uma princeza

LONDRES, 18—O *Times* annuncia o fallecimento da princeza Clemencia Bonaparte, viuva de Luiz Lucio Bonaparte.—(*Havas*)

Varias notas

Desobedecer a ordens superiores—Porque não é anonymo um certo documento—Um artigo da Constituição—O sr. José de Castro demitte-se mais uma vez

Como nós dissessemos que os marinheiros e soldados que vieram visitar-nos não desobedeceram a ordens superiores, a «Republica» conclue que «seguramente tinham superiores instrucções para proceder como procederam». Ora, do que nós escrevemos o que se póde concluir, em verdade, é que os soldados e marinheiros nenhumas ordens tinham para proceder em contrario, isto é, para deixar de acclamar a Patria e a Republica junto de jornaes que a Patria e a Republica defendem.

Se nós affirmassemos, por exemplo, que um soldado ou marinheiro que sahe do seu quartel ou do seu navio para visitar ou cumprimentar um amigo «não desobedece a ordens superiores», a «Republica», com a sua logica, commentaria assim: é que o marinheiro ou soldado tinha superiores instrucções para cumprimentar ou visitar o amigo...

* * *

O mesmo jornal, com certeza por lapso, reproduz incompletamente os argumentos que expuzemos para demonstrar que não é anonymo o documento em que se relatam factos succedidos na canhoneira «Zambeze». O que nós dissemos foi isto:

4.º—O importantissimo depoimento não póde ser considerado «anonymo», tambem ao contrario do que na nota se affirma, porque n'elle se indicavam 87 membros da corporação da armada para comprovarem os factos que n'elle se referiam, tendo sido ouvidos bastantes pela commissão. Desde que os proprios marinheiros nos garantem que os que foram chamados a depôr comprovaram, de facto, as accusações contidas no depoimento, elle deixou de ser anonymo, visto que appareciam pessoas a assumir a responsabilidade de tudo quanto n'elles se dizia.

Quer isto dizer que o documento deixou de ser anonymo quando as pessoas n'elle indicadas para o comprovarem declararam que assumiam, de facto, a responsabilidade das accusações formuladas. Isto é differente da razão que a «Republica» nos attribue.

Em reforço da sua argumentação falsa, aquelle jornal apresenta este exemplo:

Assim, se qualquer papel sem assignatura, dissesse que certos redactores da «Capital» tinham tomado parte em reuniões monarchicas e, portanto, podiam testemunhar do que n'ellas se passára, esse papel deixaria de ser anonymo só porque n'elle se citava os nomes d'esses redactores.

Isto é apenas uma hypothese que, não attingindo nem de leve o republicanismo da «Capital» ou dos seus redactores, apenas tende a mostrar não só a insubsistencia como ainda o ridiculo de aquella pretensão...

Para que o confronto fosse exacto seria necessario que esse papel, sem assignatura, tivesse a indicação de pessoas dispostas a comprovar a affirmação n'elle contida. E, quando essas pessoas apparecessem, esteja a «Republica» certa de que seria castigada a falsidade—precisamente porque o papel deixava de ser anonymo.

* * *

Tem-se empregado para ahi a palavra «denunciantes» a proposito dos artigos em que apreciamos as opiniões do sr. Julio de Oliveira, official do exercito. Dir-se-hia que foi em segredo, e não nas columnas d'um jornal, que esse official do exercito affirmou as suas opiniões.

* * *

A «Lucta» transcreve hoje o artigo 69.º da Constituição. Diz assim:

«Art.º 69.º—A força publica é essencialmente obediente e não póde formular petições ou representações collectivas, nem reunir senão por auctorisação ou ordem da auctoridade competente. Os corpos armados não podem deliberar.»

E commenta:

E' esta disposição constitucional que regula a disciplina da força publica na Republica.

Já sabiamos isso em janeiro do anno que está correndo. N'essa altura a «Lucta» entendia aquelle artigo ao contrario, guiando-se por estes mandamentos:

1.º—A força publica não é essencialmente obediente;

2.º—Póde formular petições ou representações collectivas;

3.º—Póde reunir sem ser por auctorisação ou ordem da auctoridade competente;

4.º—Os corpos armados podem deliberar.

E, por o entender assim, foi que a «Lucta», instigou o movimento militar de janeiro, applaudindo o acto de admiravel «disciplina» que levava os officiaes a fazer imposições ao presidente da Republica. Então, aquelles quatro mandamentos foram executados á risca, com grande aprazimento da «Lucta».

* * *

O correspondente da «Liberdade» diz que um jornalista republicano, civil, foi a Paris tratar da compra de aeroplanos. Esperamos que esse correspondente explique se pretendeu, com a sua calumnia, visar o nosso camarada que regressou ha dias de Paris.

* * *

O sr. José de Castro, hontem á tarde, demittiu-se mais uma vez. E' natural que não seja a ultima e que continue por mais alguns dias a ser ainda ministro da marinha e presidente do governo.

SPORT

Caminhando para o gymnasio antigo

Um discurso do barão de Coubertin

Os Helenos prestavam um nobre culto ás Letras e ás Artes

N'um banquete de gymnastas em França, o barão Pierre de Coubertin proferiu o seguinte discurso, cuja publicidade é bastante merecida:

«...Esta sympathia, senhores, tem a principal origem no facto de que vejo em todos que me ouvem os proximos antistas e convencidos da renovação que prestigia ha um quarto do seculo, para restaurar o gymnasio antigo. Esta palavra—não é verdade?—desperta immediatamente a ideia dos porticos brancos e das fontes de marmore. Meu Deus! Um dia chegará, certamente, em que esse velho senhor que se chama o Estado, se convencerá de que os edificios consagrados á cultura corporea valem bem um esforço architectural e algum bocado de belleza. Mas não é isso que constitue o gymnasio antigo. Isso é apenas o quadro. O seu poderio e a sua grandeza veem-lhe dos elementos diversos que o geram dos Helenos alli juntos. Esses elementos eram multiplos. Eis os principaes. O gymnasio antigo era o foco d'um sabio ecletismo, d'uma hidrotherapia beneficiadora e d'um nobre culto rendido ás Letras e ás Artes, de um meio social precioso para a cidade, emfim, d'um patriotismo vibrante e generoso tal como deve ser o patriotismo d'uma mocidade bem formada.

«...O ecletismo? Faz entre vós progressos constantes. Começa a perceber-se que a questão entre methodos de gymnastica é illogica e que se todos os methodos não são excellentes, pelo menos não são maus. E o methodo vale pela dedicação do mestre e pela vontade forte do alumno. Em volta da gymnastica, que permanecerá o centro do vosso ensino, façais convergir, pouco a pouco, os principaes sports, sobretudo os sports utilitarios.

«...A hidrotherapia? Está longe de ser o que devia ser. E quanto desejaria vêr que se estabelecessem «banhos-duches» em todas as escolas, em todas as administrações e até na Camara dos Deputados. A politica ganharia ahi... interior e exteriormente.

«...As Lettras e as Artes? Desejaria amplo logar. Não deveis temer mas antes desejar que uma conferencia ou uma representação dramatica apropriada venha cortar o programma das vossas festas gymnasticas. Praticae, principalmente, o canto coral. Cada sociedade devia ter á maneira de exercicios respiratorios, o canto coral. Posso certificar-vos, senhores, que ha belleza educativa na alternancia da harmonia das vozes e da força dos musculos.

«...O meio social? Todos o praticam, contribuindo para obter para a sua sociedade ou club o titulo dos «esforços uteis, disciplina e bom camaradagem».

O orador terminou brindando pela gloria da Republica Franceza, pelo exercito nacional que é o seu baluarte vivo e pelos gymnastas que formam n'elle a melhor garantia dos amanhãs de gloria.

Notas do dia

A escola de aviação

Noticia-se que vae abrir em janeiro, em Villa Nova da Rainha onde tudo está quasi concluido, desde a pista até ás installações para o pessoal, officinas e «hangars», a Escola Militar de Aviação. Mas é dizer que um technico americano virá dirigir a Escola durante algum tempo, tendo-se que indica que o official francez primitivamente convidado não obteve, do seu paiz, a necessaria autorisação. Mas que superintendencia de serviços vae ser dada ao technico «yankee»? Ainda não sabemos. Comprehendamos que tivesse um papel dirigente nas officinas ou outras coisas relativas ao material, mas certamente não será assim porque a sua individualidade é esperada para realçar o brilhantismo da abertura official.

A nossa confusão é grande, tanto mais que sabemos que o capitão Ribeiro d'Almeida, dedicado aos assumptos de aeronavegação desde muitos annos, foi para fóra estudar aviação e que seis officiaes portuguezes foram obter o seu «brevet» de pilotos.

Mas seja como fôr, o certo é que a aviação começa a ser qualquer coisa na nossa terra, sahindo d'esse atrazo lamentavel, que, n'estes assumptos, ora tão grande nos collocava em ultimo logar entre os paizes europeus.

A proposito do combate de «box»

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Sr. redactor da Secção sportiva da «Capital».—Li na secção sportiva d'um jornal uma carta assignada pelo sr. Humberto Vieira Caldas, referindo-se aos combates de «box» realisados no passado domingo.

Esse senhor refere-se, em especial a mim, arbitro da «Federação Portugueza de Box», classificando-me de um incompetente para exercer tal cargo, dizendo até que eu tenho «um desconhecimento absoluto do assumpto».

Tanto não direi; não por mim, mas por aquelles que tal cargo me delegaram. Fazendo o sr. Caldas tal affirmação, creia e para lh'o provar vou tocar n'uma questão não esquecida ainda por aquelles que a presenciaram.

Não contesto o impulso que esse senhor deu ao «box» em Portugal, porque, creio eu, foi o sr. Caldas o primeiro que entrou n'um combate regularmente organisado.

O que esse senhor não sabe é que eu, n'essa occasião, já fazia «box» ha trez annos, tempo que estive na America do Norte. Com os meus pequenos esforços fui eu um dos treinadores do sr. Nascimento Lys, seu adversario. Durante o combate fui eu um dos «segundos» do sr. Lys, e se os meus outros camaradas o quizerem dizer, fomos nós além dos esforços do combatente os que contribuiram para a victoria d'aquelle senhor.

Mais tarde, quando da festa desportiva que se organisou no Colyseu para se angariar fundos para enviar os nossos concorrentes ao «meeting» de Stockolmo, fui eu o escolhido pelo sr. Lys para fazer uma demonstração, e que por falta de saude não pude comparecer, sendo substituido pelo professor o sr. Laroux, não evitando contudo com que o meu nome deixasse de apparecer nos cartazes que para tal fim se fizeram.

Mais tarde ainda, quando da fundação da «Federação Portugueza de Box», fui eu tambem um dos que juntei aos meus esforços para a elaboração dos regulamentos da mesma federação, ficando mais tarde como um dos membros do conselho technico.

Repito, digo isto sómente, não por mim, mas sim por aquelles que para tal cargo me escolheram.

Quanto ao combate que arbitrei e a que o sr. Caldas se refere, mostra bem isso que, quem tem desconhecimento do assumpto não sou eu, mas sim elle. E para isso vejamos o combate nas suas phases.

No primeiro «round» deu as vantagens ao sr. Martins.

No segundo ao sr. Garcêz.

No terceiro e quarto como eguaes.

Agora o que o sr. Caldas desconhece é que, em toda a parte do mundo, quando ha um combate para titulo de campeão, não se podem dar combates nulos, tendo o arbitro, quando taes casos se dem, de perguntar aos combatentes se querem entrar n'um novo «round», que é legalmente permittido. Caso um dos combatentes se negue a combater, a victoria será dada ao outro, e se concordam no combate, a victoria será dada ao que accumular maior numero de pontos.

Foi o que eu fiz.

Queira pois o sr. Caldas desculpar, mas já que abordou o assumpto, devia primeiro informar-se melhor. Perdoe, sr. redactor, esta massada publicando esta carta na integra.—De v., etc.—*Brun da Silveira*, arbitro da «Federação Portugueza de Box».

Algumas anecdotas

Quem sabe a nacionalidades d'elles?

Petersen, o famoso dinamarquez e campeão do mundo de força, passou ha dias por Lisboa com um grupo de luctadores, todos elles com nacionalidades dos paizes alliados ou neutros. Mal aqui chegou toda a sua preoccupação era de seguir em caminho de ferro e não em vapor. Porque?—perguntaram-lhe.

—E' que tenho medo que qualquer navio venha revistar os nossos passaportes...

—Não havia perigo. Não tens allemães no grupo...

—Quem t'o disse? Eu sei lá bem de onde elles são!...

—Só o Schackman é que o era.

—Pois d'esse não tenho medo. E', segundo jura, alsaciano. E tanto assim é que no seu commercio só vende batatas francezas...

Noticias

Entre nós

Gymnasio Club Portuguez

Com enorme concorrencia de alumnos abriram, na segunda-feira, as classes da epoca de 1915-1916, gymnastica sueca para adultos e creanças, esgrima, jogo de pau, lucta, «box», equitação, tiro, dança, etc.

A direcção do club no louvavel intuito de trabalhar o mais possivel para proporcionar aos seus associados o maior numero de vantagens, contractou este anno o grande pugilista americano Mc. Closkey para reger uma classe de «box».

Era esta uma falta que de ha muito se fazia sentir mas até agora impossivel de evitar por não haver profissionaes n'este genero de «sport» no nosso paiz. Encontrando-se entre nós mr. Mc. Closkey, não quiz a direcção do Gymnasio deixar de aproveitar a occasião e é assim que desde hontem para o quadro dos professores do Gymnasio Club entrou Mc. Closkey que é indubitavelmente um verdadeiro campeão.

Grupo n.º 24 dos «Escoteiros de Portugal»

Na Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 5 acaba de se organisar um grupo de escoteiros. Este está filiado na Associação dos Escoteiros de Portugal, que tem por fim desenvolver o caracter physico moral e intellectual da mocidade portugueza.

E' mais um passo no movimento do escotismo em Portugal, pois não só procura as difficuldades que a cada momento surgem.

Na séde, rua do Mundo, 81, 3.º, está aberta a inscripção de socios tanto extraordinarios (auxiliares) como ordinarios (escoteiros), sendo a quota mensal de 10 centavos. Por especial deferencia com a S. de I. M. P. n.º 5, está tambem aberta a matricula para as seguintes disciplinas: portuguez, francez, inglez, escripturação commercial, geographia, desenho e esperanto. Dão-se tambem na morada referida todas as indicações correspondentes ao movimento do escotismo.

Tiro aos pombos

Conforme noticiámos, é no ultimo domingo do corrente mez que abre a epocha de tiro aos pombos em Lisboa no magnifico Stand de Palhavã, da Sociedade Hippica Portugueza e onde nos annos anteriores se tem reunido tudo quanto ha de melhor n'este «sport» de «elite».

Sabemos que o enthusiasmo que existe entre os «shooters» portuguezes é dos maiores, sendo de esperar que a futura epocha decorra brilhantemente. O programma da epocha anterior, que é dos melhores que tem traçado, será mantido este anno.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL—A's 21 — Malquerida.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).
GYMNASIO — A's 21 — La donna è mobile.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dinamite. (Revista).
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — Rosa tirana.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.
MODERNO—A's 21 — As novicas.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia de circo.

Primeiras representações

THEATRO DA RUA DOS CONDES—«Quadros Vivos», arreglo da zarzuela «Musas latinas», por Esculapio & C.ª

Propositadamente não tenho estado de fazer critica de peças que, ultimamente, alguns theatros teem levado á scena, pela razão simples de as julgar sufficientemente criticadas pela fórma por que o publico, nos finaes dos actos, se manifesta. Convencido, porém, de que o meu procedimento, mal interpretado, só regosijo pode trazer ás emprezas, que, por supporem não haver quem, publico e bem raso, lhes diga o que vê, que, para ser emprezario, não basta ter algum dinheiro nas mãos mais alguns requisitos se tornam necessarios, eis o motivo porque me apraz fallar hoje do que hontem se passou no theatrinho de velhas tradições que dá pelo nome de Rua dos Condes.

Não sei se os meus leitores já teem notado que, n'esta bella terra, á falta de verdadeiros cultores da Arte, toda a gente que tem um pouco de dinheiro ou probabilidades de encontrar um ou mais ingenuos, faz-se immediatamente emprezario theatral. Não se cuida de saber se ha peças, se se tem probabilidade de arranjar um grupo de artistas, embora modesto, que cuidem d'um desempenho, se, emfim, por decôro proprio, não seria melhor aproveitar esse furor theatral n'um qualquer outro officio, que não o de enganar o publico credulo que paga o seu bilhete para, algumas vezes, nem ver o espectaculo, como succede em alguns logares da plateia do theatro da Rua dos Condes. Nada d'isso é necessario e a culpa tem-n'a o bom do nosso publico que tudo tolera e tudo paga, tornando-se cumplice d'essas emprezas, arranjadas «à la diable».

A nossa opinião sobre a peça que hontem se representou, resume-se em poucas palavras. Ninguem ignora que as «Musas Latinas» teem feito a cotação de varias companhias do paiz vizinho, pela razão simples de se tratar de uma peça com todos os requisitos para a apresentação de qualquer companhia. Com uma bella partitura, necessita de um bom scenario, d'um optimo guarda-roupa, d'algumas vozes e, inclusivé, de meia duzia de caras se não bonitas, pelo menos interessantes. Nada d'isso tem a peça que hontem vimos, se exceptuarmos o guarda-roupa e o scenario da apotheose do primeiro acto, que é, pouco mais ou menos, a marcha final do «Dominó» em «mais barato».

* * *

Que dizer do desempenho? Aparte Gabriella Lucey que se destaca, como aliaz é natural, de todas as demais artistas não conhecidas e de Helena Guichart e Marina Rodrigues, estas duas com um bocadinho de voz, tudo o mais, accentuadamente a parte feminina, são amadores, mas dos maus.

* * *

A musica que é linda, bem regida. Marcação pouco movimentada, devendo até considerar-se má a da marcha final do 1.º acto. Côros, especialisando os do 1.º acto, a melhor coisa do espectaculo.

* * *

Emquanto ao arreglo, prestando a devida justiça ás faculdades de Esculapio, fazemos-lhe apenas uma recommendação. «Dissolva a sociedade!»

Alvaro Lima

VIAGENS NO ALGARVE

Os caminhos de ferro do sul

Segundo o seu director, não entravam o progresso da provincia

Sr. Adelino Mendes, e meu presado amigo.—«A Capital» de 6 do corrente publica uma carta dirigida a v. pelo ex.mo sr. Antonio Judice Magalhães de Barros, que contem affirmações pouco lisongeiras para a administração dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, que por não serem verdadeiras não convém que se deixem passar em julgado. Queixa-se s. ex.ª do material com que são formados os comboios, do horario dos mesmos, da carestia das tarifas e da demora das remessas. Quanto ao material queixa-se, principalmente, das carruagens que actualmente fazem o comboio correio que parte de Lisboa ás 20,15, carruagens de corredor lateral, com duas retretes, illuminação electrica e aquecimento. Nunca os passageiros tiveram estas commodidades; achar que ainda são poucas é ser mais exigente que os viajantes do rapido de Madrid que n'um percurso muito maior teem carruagens eguaes. E' sobre tudo contra os horarios que s. ex.ª encontra mais motivos de queixa. Diz s. ex.ª que para o Algarve não ha rapidos, que os passageiros para o ramal de Portimão teem de fazer trasbordo em Tunes e que os comboios chegam sempre atrasados.

Effectivamente não ha rapidos, mas pelo simples motivo de não haver passageiros para elles. Os actuaes comboios directos do Algarve, dois ascendentes e dois descendentes, fazem o serviço de passageiros de todas as classes e de mercadorias de grande velocidade. Se separassemos estes serviços, poderiamos augmentar as velocidades, andar com os comboios á tabella e compol-os de modo que evitassemos o trasbordo nos ramaes. Redunda esta separação de serviços na organisação de mais dois comboios de passageiros, um ascendente e outro descendente, na linha directa e no ramal de Portimão, o que equivale a um accrescimo de 846 trens-kilometros diarios. Custando actualmente 40 centavos o trem-kilometro, não contando na totalidade com os gastos geraes correspondentes, haveria um accrescimo de despeza de 338$40 escudos por dia ou, em numeros redondos, 123 contos por anno.

Que nos diga o sr. Magalhães Barros, grande industrial e patriota se, na actual conjunctura, o sacrificio d'algumas commodidades não é sobejamente compensado com tão importante economia.

Queixa-se tambem de que de Portimão para Villa Real ha só um «tramway» que parte de Portimão ás 4 e meia horas da manhã e pára em todas as estações e apeadeiros. E' verdade; mas nós estudamos os horarios de fórma que com o minimo dispendio possamos realisar o maior numero de serviços, não deixando de satisfazer ás necessidades do publico nos limites do justo e do rasoavel. Assim tivemos especial attenção para o serviço entre as duas zonas, barlavento e sotavento, e Faro. Para cada zona estabelecemos trez comboios ascendentes e trez descendentes, com horario tal que até hoje não tem havido reclamações. Entre Portimão e Villa Real chega bem um comboio directo d'ida e outro de regresso, visto que são tão pequenas as relações entre barlavento e sotavento que se estes comboios só admittirem passageiros para além de Faro irão sempre ás moscas.

Tambem é verdade que os «tramways» páram em todas as estações e apeadeiros e que sendo nada menos de 47 o numero total das paragens o tempo perdido n'ellas nunca será inferior a duas horas, comprehendendo n'estas as perdas devidas á diminuição de velocidade e tomas d'agua. Não admira, pois, que seja demorado o trajecto entre Portimão e Villa Real.

Ainda como elucidação posso informar s. ex.ª que os 131.714 trens-kilometros dos «tramways» do Algarve renderam no passado anno economico a quantia de escudos 37.303$70 ou sejam $28,3 por unidade, o que se traduz n'um prejuizo de mais de 15.000$00 escudos, em vista do custo actual do trem-kilometro. Se ao que acabo de dizer accrescentar que a maior parte das mercadorias do Algarve gosam da garantia de maximos cobraveis e que as hortaliças, legumes e fructas verdes pagam para Lisboa em G. V., por tonelada, em media, escudos 4$10 e 5$10, concluiremos que a causa do atraso das industrias algarvias não é devida aos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Se algumas tarifas ha que pódem e devem ser melhoradas, aos interessados compete reclamar junto da administração que, como é do seu dever, os attenderá no que fôr de justiça. Das restantes queixas, sendo de somenos valor, não me occuparei a não ser da que relata o facto dos comboios que partem de Portimão terem, a dez minutos de viagem, uma demora em Estombar para toma d'agua. Isto seria talvez gravissimo se em Portimão houvesse agua utilisavel para as machinas, ou facilidade em conseguil-a! Pela publicação d'esta facil mas justa defeza lhe fica muito reconhecido o que se subscreve.—De v., etc.—*Arthur Mendes.*

A CAPITAL

ULTIMAS NOTICIAS

GRÉVES ACADEMICAS

Aggrava-se a dos alumnos dos lyceus

havendo correrias, pranchadas, pedradas e ferimentos

O caso do I. S. T. fica solucionado

Um decreto do ministerio da instrucção resolvendo os conflictos

Aggravou-se hoje consideravelmente o conflicto academico que hontem pareceu ficar resolvido com a medida tomada pelo governo. Subsistem, portanto, as resoluções tomadas hontem no «Paradis» de ninguem voltar ás aulas emquanto não fossem satisfeitas todas as reclamações dos estudantes que são, alem das concedidas já pelo sr. ministro de instrucção, a volta á antiga sobre pagamentos de propinas e curso de allemão, como d'antes.

Logo de manhã, ás 8 horas, os alumnos do Passos Manuel com os do Pedro Nunes juntaram-se no largo de Jesus junto á egreja e depois de parlamentarem largamente resolveram vir até junto do lyceu Maria Pia pedir a adhesão material dos respectivos alumnos, o que fizeram, depois de junto do Passos Manuel ficar uma commissão de vigilancia.

Chegados ao Carmo, uma delegação subiu ao edificio do lyceu onde se avistou com o reitor sr. Caetano Pinto, a quem pediu para que o mesmo encerrasse as aulas a fim das alumnas se poderem manifestar livremente. Obtendo uma recusa terminante, a commissão, appoiada agora pelas centenas de alumnos que tinham ficado no largo, insta novamente no seu pedido, pelo que o sr. Caetano Pinto, telephonicamente participou o que se passava para o ministerio da instrucção de onde recebeu ordens para encerrar o estabelecimento de ensino a seu cargo. Esta resolução provocou enorme alegria entre os academicos vindo as alumnas para o largo onde em completa confraternisação secundaram o movimento declarando-se em gréve e dirigindo-se todos novamente para o lyceu Passos Manuel onde as manifestações de regosijo continuaram.

Os academicos, retiradas para suas casas as alumnas do lyceu Maria Pia, encetaram seguidamente novos «démarches» para conseguirem mais adhesões materiaes ao movimento. Começaram pelo Conservatorio onde foram recebidos pelo director sr. Francisco Bahia que lhes declarou nada poder fazer e os aconselhou a entenderem-se por escripto com os seus alumnos expondo-lhes o que desejavam. D'aqui dirigiram-se os alumnos dos lyceus, em massa, a caminho de Alcantara onde chegaram pelas 13 horas, ao largo do Calvario, indo logo uma deputação á Escola Normal e outra á Escola Industrial Marquez de Pombal.

De repente do lado da Escola Marquez de Pombal, surge um avultado numero de estudantes em attitude aggressiva, munidos de paus, ferros e pedras. Os academicos põem-se em guarda e vão «municiar-se» tambem enchendo os bolsos de pedras e ficando na espectativa.

Partem de lá os primeiros gritos de abaixo a gréve, a que os estudantes dos lyceus respondem com vivas á gréve e á solidariedade academica. Ambos os grupos avançam um para o outro. As pedras começam a ser arremessadas pelos da Escola Marquez de Pombal, e n'um abrir e fechar d'olhos ninguem se entende havendo «corps-á-corps» violentos e pedrada bravia. Da esquadra proximo os guardas disponiveis sahem e começam egualmente a distribuir pranchadas a torto e a direito, sendo absolutamente indiscriptivel a confusão que se estabeleceu. Até que chega cavallaria da guarda republicana e tudo debanda: os academicos em direcção á Baixa a caminho do lyceu Passos Manuel e os estudantes da Escola Industrial para o seu edificio. Da refrega verifica-se que ficaram feridos com pedradas na cabeça seis estudantes: um da Escola Marquez de Pombal, de appelido Castro e cinco dos lyceus.

No edificio da Escola Normal havia-se refugiado uma commissão delegada do comité grévista e que ficara esperando as suas resoluções.

Entretanto, todos os alumnos da Marquez de Pombal, armando-se novamente conforme poderam e com o que poderam, dirigiram-se em altos gritos de abaixo a gréve a caminho da Baixa para responderem, diziam elles, á provocação dos alumnos dos lyceus. Depois de percorrerem a rua do Ouro, rua do Arsenal, já com os alumnos da Escola Rodrigues Sampaio, tomaram ao Conde Barão, subiram a rua das Gaivotas e foram estacionar no Poço Novo. Lá em cima, no largo em frente do lyceu, a Jesus, encontravam-se em massa compacta, os alumnos dos lyceus.

Subimos a rua do Arco a Jesus e fômos dar ao largo onde se encontravam centenas de estudantes armados de paus e pedras. Os animos estavam bastante exaltados e dentro em pouco repetiam-se com mais violencia as scenas do largo do Calvario.

Chovem as primeiras pedras. Um numeroso grupo de estudantes da Escola Marquez de Pombal vem-se reunir ao da Rodrigues Sampaio. Os do lyceu avançam, os outros recuam para tornar a avançar e novamente recuar. As pedras de lado a lado não cessam e em estilhas voam alguns vidros dos estabelecimentos e casas particulares. As janellas estão abertas e cheias de espectadores que gosam o espectaculo.

A batalha pára por uns minutos para se reavivar com mais força. Os estabelecimentos põem taipaes e nas ruas agora apenas se vêem os rapazes em vivo tiroteio de pedradas. O portão do lyceu é forçado e os rapazes entram por ali dentro tomando o jardim e fortificando-se. Nada conseguem, porém. N'este momento chega uma força de cavallaria da guarda republicana que trata de varrer as ruas e de postar as necessarias patrulhas. Houve correrias e espadeiradas. A guarda desce a rua do Arco e é apedrejada pelos que estão dentro do lyceu. Carrega então em varios destinos, levando na sua frente os rapazes até ás alturas do quartel dos Paulistas e Poço dos Negros. Os rapazes tentam ainda um novo assalto ao lyceu pela rua do Valle, mas á frente sae-lhes uma patrulha que impede os seus intentos. Forças policiaes coadjuvam o serviço da guarda não consentindo que ninguem passe sem provar que mora nas ruas proximas.

As portas do lyceu e da Escola Rodrigues Sampaio foram mandadas encerrar e ás 17 horas o socego é completo, vendo-se no largo mais uma força de cavallaria da guarda republicana sob o commando do tenente Tereno.

Na Escola Normal

Ao mesmo tempo realisava-se no edificio da Associação Promotora de Educação Liberal, uma reunião de alumnos da Escola Normal para discutir a resolver o caminho a seguirem.

Um academico delegado do «comité» grevista expõe as razões dos seus pedidos de adhesão a que já n'outro logar nos referimos.

Falam varios estudantes e a assembleia resolve dar o seu appoio moral aos academicos e aos alumnos do curso Superior Technico.

Depois, em reunião propriamente da Escola, um tanto tumultuaria, e em que todos falam sem que ninguem se entenda, fica resolvido declarar-se a gréve na Escola Normal. Ha protestos e palmas. E quando ás 17 horas a reunião terminou nada de positivo se resolvera, pelo que ámanhã uma parte da Escola permanecerá em gréve, emquanto a outra, principalmente os alumnos do terceiro anno, se prepara para ir ás aulas.

Instituto Superior Technico

Os alumnos do Instituto Superior Technico reuniram tambem por sua vez na Faculdade de Sciencias.

E' discutido o assumpto e tendo em vista o artigo 1.º do decreto hoje levado á assignatura pelo ministro da instrucção, resolveram voltar ámanhã ás aulas que são ámanhã reabertas.

Esse artigo diz o seguinte:

«A matricula no Instituto Superior Technico pelos alumnos da Escola de construcções, commercio e industria a que se refere a lei n.º 465 far-se-ha immediatamente á resolução do parlamento na proxima sessão de dezembro desde que apresentem as reclamações contra a referida lei e o parlamento se pronuncie a favor da sua execução immediata, matricula que effectuada assegurará aos respectivos alumnos todas as garantias de frequencia completa do anno lectivo como se houvesse sido realisada desde já, sendo-lhes n'esse caso facultados cursos especiaes supplementares equivalentes ao tempo decorrido desde a abertura das aulas até então.»

A gréve dos lyceus solucionada?

Tambem o mesmo decreto, no seu artigo 2.º diz textualmente:

«Provisoriamente e a titulo condicional até que o parlamento na proxima sessão de dezembro resolva definitivamente sobre o assumpto adoptar-se-ha nos trez lyceus de Lisboa onde se leccionem cursos complementares, o regimen vigente no anno lectivo transacto funccionando no lyceu Rodrigues de Freitas o curso complementar de sciencias e a 7.ª classe de lettras e no lyceu Alexandre Herculano o curso complementar de lettras e a 7.ª classe de sciencias.»

* * *

Uma commissão da Escola Rodrigues Sampaio composta dos srs. José de Vasconcellos, Manuel José Lopes e Emilio P. Simões Raposo, veiu á nossa redacção protestar contra o procedimento que dizem ter tido para com elles os alumnos dos lyceus.

O incendio da rua da Magdalena

Antonio Fernandez sahe da Penitenciaria

A tragedia occorrida no dia 12 d'abril de 1907 na rua da Magdalena foi ainda ha pouco tempo rememorada pelo que se passou com um dos seus presumidos auctores, Leandro Gonzalez, posto em liberdade e ferido a tiro na estação do Setil, quando seguia para Hespanha.

Na Penitenciaria ficou o seu indigitado cumplice, Antonio Fernandez, o proprietario do armazem onde se manifestou o incendio, que victimou 14 pessoas. Terminando hoje o tempo de prisão maior a que fôra condemnado, Antonio Fernandez foi removido, no automovel do ministerio da justiça, para a cadeia do Limoeiro, onde fica aguardando occasião para seguir para o degredo.

Fernandez, um tanto nervoso, na secretaria da Penitenciaria, declarou que não despia o fato emquanto lhe não fosse feita justiça, pois, diz, está innocente. A custo despiu o fato da ordem, despedindo-se de todos com lagrimas nos olhos.

Cahindo da janella á rua

Da janella da sua residencia, becco do Mirante, 46, 2.º, cahiu hoje á rua Manuela Nunes, de 56 annos, que sendo conduzida ao hospital de S. José falleceu ao chegar ao banco. Verificou o obito o sr. dr. Fernando Cabral, sendo o cadaver removido para a casa mortuaria do hospital.

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 18.—Communicação official das 15 horas. Em Artois o canhoneio foi violento no bosque de Givenchy. Realisámos a concentração de tiro dos nossos engenhos de trincheiras sobre as organisações allemãs de Carrières e Herbescourt, no vale do Somme, e bombardeamos muito vigorosamente as trincheiras de Autrèches, na margem norte do Aisne. A noite decorreu sem incidente no resto da linha.—(*Havas*).

União dos Empregados no Commercio

Esta collectividade festeja hoje o seu 8.º anniversario com uma sessão solemne ás 20 horas, em que usarão da palavra os srs. Ladislau Piçarra, Agostinho Fortes, Emilio Costa, Costa Junior, Aurelio Quintanilha, Carneiro de Moura, Januario G. Baptista e Manuel Affonso.

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros foi convocado para ámanhã pelas 17 horas.

—Foram hontem submettidos á assignatura presidencial, pela pasta da guerra, os decretos d'uma larga promoção a tenentes e a alferes.

França Borges

O que foi essa manifestação de sentimento avaliar-se-ha pelo numero de senhoras que a ella se associaram e que, tendo desfilado perante o cadaver do saudoso jornalista republicano, deixaram o seu nome registado nas folhas de inscripção dos visitantes.

Essas senhoras foram, entre outras, as seguintes.

Palmyra dos Santos, Emilia Rosa de Jesus, Aida Candida Alves, Virginia Amelia Lory, Adelia Santhiago Lory, Maria José Baptista Pinheiro, Laura Baptista Pinheiro, Maria Barbosa, Amelia Lamas Lopes, Sophia dos Santos, Maria de Barros Lyra Sotomaior, Maria da Conceição, Maria Eugenia Rocha d'Almeida, Maria Paes Ventura, Izabel de Sousa Otero, Delphina dos Santos, Julia de Lima Cardoso, Virginia de Lima Cardoso, Guilhermina Santos, Alice Peres Compeão, Palmyra de Almeida, Margarida Gualdina, Alice P. Gonçalves, Aurora C. Ferreira, Perpetua Costa, Maria Nazareth Peixoto, Julieta de Mendonça, Celeste M. de Vasconcellos, Maria da Conceição Veiga, Maria Gertrudes Veiga, Maria da Gloria Gonçalves, Julieta M. Ferreira, Alexandrina Rosa da Luz, Emma do Valle, Maria Candida, Rita Gomes, Adelina dos Anjos Correia, Maria da Conceição Santos, Virginia Alice Lobato Pires, Amelia D. Alves, Luiza Peres Gomes dos Santos, Idalina Bonito, Michelina do Carmo Ferreira, Ermelinda Rosa d'Almeida, Arminda de Jesus Fonseca, Maria Justina Horta, Maria da Conceição Santos Baptista, Amelia Rosa dos Santos Baptista, Felismina dos Santos, Gertrudes Silva, Ermelinda do Rosario Rodrigues, Joaquina Dias, Maria Joaquina dos Santos, Maria C. Ribeiro, Laura da Silva, Maria del Carmen, Mauricia Ferreira Salgado, Sophia Ferreira Lopes, Albertina Gomes, Adelaide do Nascimento Agostinho, Maria Santos, Leopoldina dos Santos Costa, Clotilde Agostinho, Florinda de Jesus Rodrigues, Clotilde Mendes Duarte, Maria Assumpção Alves, Amelia Esteves, Clotilde Agostinho Santos, Sarah da Silva, Alice Lopes Garcia, Rosa Alves de Mello, Maria Luzitana, Marianna da Conceição, Amelia Ferreira, Ophelia Roque, Augusta da Cruz Carnide, Alice dos Anjos Pereira, Laura Nogueira Dias, Marianna dos Anjos Pereira, Anna Telles Veiga do Nascimento, Candida Velloso, Joanna Rodrigues, Albertina Santos, Lucia da Silva, Laura Nunes.

Os revolucionarios civis de 5 de outubro e 14 de maio organisaram turnos. Até ás 22 horas velaram o cadaver os srs. Rodrigo Fernandes, Annibal de Vasconcellos, Antonio Vicente, Firmino Alves, José de Pinho, Carlos Ferraz, Armando de Azevedo, Ernesto Carreira, Antonio Duarte e José A. dos Santos.

Os restantes turnos estão assim designados:

Claudimiro d'Almeida e A. Duarte Junior, das 22 ás 24; Serafim Pinheiro, Moraes de Castro e Ventura d'Araujo, das 24 ás 2; Alfredo dos Santos e Alberto da Fonseca, das 2 ás 4; Alberto Correia e Cesar de Lemos, das 4 ás 6; Carlos Reis, Antonio Nogueira e J. Saramago, das 6 ás 8; J. Henriques Barreto e Carlos Affonso, das 8 ás 10; Gonzaga dos Anjos e Carlos Kopke e Antonio M. S. S. Oliveira, das 10 ás 12.

O sr. presidente da Republica foi, pelas 15 horas e meia, apresentar pessoalmente as suas condolencias á redacção de *O Mundo*.

O sr. dr. Bernardino Machado foi recebido pelos srs. dr. Affonso Costa, Luiz Derouet, Germano Martins, Urbano Rodrigues e alguns redactores d'aquelle jornal.

O chefe do Estado significou todo o seu pesar pela morte do devotado republicano.

O funeral

Realisa-se ámanhã, dirigindo-se o cortejo ao cemiterio oriental

Está assente que o funeral do grande republicano, fundador do jornal *O Mundo* se effectue ámanhã, sahindo o prestito pelas 12 horas da rua de S. Roque.

A fim facilitar o transporte das corôas, os amigos e correligionarios do extincto sollicitaram do Corpo de Bombeiros as viaturas necessarias, parecendo que, na impossibilidade da urna ser transportada na carreta da Associação do Registo Civil, o feretro será levado no esquife dos marinheiros.

A banda da Republica encorpora-se no funeral. Para esta manifestação grande numero de collectividades fizeram convites aos seus associados.

* * *

A commissão municipal republicana do Porto manda depôr sobre o athaude uma soberba corôa.

Congresso Nacional Graphico

Realisa-se nos proximos dias 28 e 29 o 3.º Congresso Nacional Graphico, sendo a ordem de trabalhos a seguinte:

Dia 28: ás 12 horas, 1.ª sessão (preparatoria)—1.ª parte: nomeação da commissão de verificação de poderes e de nomeação das mesas;—2.ª parte: apreciação do parecer da supracitada commissão, discussão do regulamento do Congresso, ás 20 horas, 2.ª sessão (inaugural)—1.ª parte: leitura e discussão do relatorio do Conselho Federal; leitura e discussão d'um estudo estatistico sobre o recenseamento graphico; 2.ª parte: apresentação de quaesquer propostas dos syndicatos e nomeação de uma commissão de parecer.

Dia 29: ás 10 horas, 3.ª sessão—1.ª parte: leitura e discussão de um projecto de installação de Escolas Profissionaes Graphicas, em Lisboa e no Porto; 2.ª parte: apreciação e discussão do projecto de estatutos da Federação Portugueza dos Trabalhadores do Livro e do Jornal; ás 20 horas—4.ª sessão—1.ª parte: continuação da discussão do projecto de estatutos da Federação Portugueza dos Trabalhadores do Livro e do Jornal; 2.ª parte: apreciação do parecer da commissão respectiva sobre as propostas apresentadas pelos delegados;—3.ª parte: eleição do secretariado e fixação do local e data do 4.º Congresso; 4.ª parte: encerramento do Congresso.

Divisão naval

A conferencia de João de Barros —A visita do chefe do Estado

Os navios da divisão naval devem sahir para o mar na proxima sexta-feira, motivo por que foi adiada a conferencia educativa que a bordo devia realisar o illustre homem de letras sr. dr. João de Barros. O regresso effectuar-se-ha provavelmente na quinta feira, realisando-se no mesmo dia a conferencia e a visita do sr. presidente da Republica aos navios da divisão.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Passa hoje o anniversario natalicio do distincto scenographo sr. Eduardo Reis.

—Commemorando o anniversario da proclamação da Republica brazileira, realisa-se hoje, ás 21 horas, uma festa no Club Brazileiro, á Avenida, para a qual foram convidados o sr. dr. Regis de Oliveira, embaixador do Brazil, secretarios, consul geral e demais pessoal do consulado, assim como os membros da colonia residentes em Lisboa.

UMA «TOURNÉE»

A proposito da noticia que demos de ter sido contractado para uma «tournée» pela America do Sul o sr. D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo), informa-nos o distincto artista que ella só se realisará no proximo verão.

LUTUOSA

Falleceram as sr.as D. Julia de Roure e D. Archangela de Brito Afra, realisando-se os funeraes, amanhã, sahindo o da primeira da avenida Almirante Reis, 35, rez-do-chão, ás 14 horas, e o da segunda, ás 13 horas, da rua de S. João da Matta, 78, 1.º

Propaganda portugueza na America do Sul

A reunião de hoje na Associação Commercial

Realisou-se, ás 14 horas, na Associação Commercial de Lisboa, uma reunião das firmas e emprezas que teem interesse em que se faça uma propaganda pratica de Portugal na America do sul.

Estiveram presentes, entre outros os srs. Vasconcellos Correia pela administração dos Caminhos de Ferro Portuguezes, Fausto Figueiredo pela sociedade Estoril; Sousa Lara, pela Associação Commercial de Lisboa; Carlos Gomes, pela União de Agricultura, Commercio e Industria e pela firma Carlos Gomes & C.ª; D. Elisa Miranda, pelo Pensionato das Larangeiras; Antonio Valente, pela firma Grandella; José Martinho Gonçalves, pela União Industrial Lisbonense; Francisco Espinheira, pela firma Espinheira & C.ª; Antonio Assis Camillo, da Empreza Aguas de Moura & C.ª; João da Costa Moraes, da fabrica Peninsula; João José da Costa, da Associação dos Lojistas e Jayme Padua Franco delegado da Sociedade de Propaganda de Portugal que presidiu á reunião.

Depois do sr. Simões Coelho, agente commercial official ter exposto o seu plano de propaganda falada e escripta, os srs. Fausto de Figueiredo, Vasconcellos Correia, Carlos Gomes, Sousa Lara, José Martinho Gonçalves, Antonio Valente e D. Elisa Miranda derem desde logo a sua incondicional adhesão, para que a missão do sr. Simões Coelho seja coroada do melhor exito, facilitando-se-lhe todos os meios de a tornar viavel, tanto mais no momento que é uma necessidade tornar conhecido Portugal no Brazil.

Outras firmas importantes da nossa praça manifestaram-se a favor da ida immediata do agente official, por a julgarem sobremaneira pratica e de resultados certos para a economia do paiz.

Faculdade de Letras

Recepção dos novos alumnos

Realisa-se depois d'ámanhã, pelas 21 horas, no salão nobre da Faculdade de Letras, a festa de recepção aos novos alumnos, que constará de sessão solemne seguida de baile. Para a sessão solemne foram convidados os srs. ministro da instrucção, reitor da Universidade, reitores dos lyceus, associações das diversas escolas, Federação academica, etc.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 9|16	33 7|16
Londres, 90 d|v.	34 1|16	—
Paris, cheque	$77,1	$77,5
Allemanha, cheque	$30,5	$31,5
Hollanda, cheque	$65,6	$64
Madrid, cheque	1$42,5	1$43,5
New York	1$52	1$54
Rios|Londres	12 1|4	—
Libras	7$26	7$32
Agio do ouro	60 °|o	65 °|o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

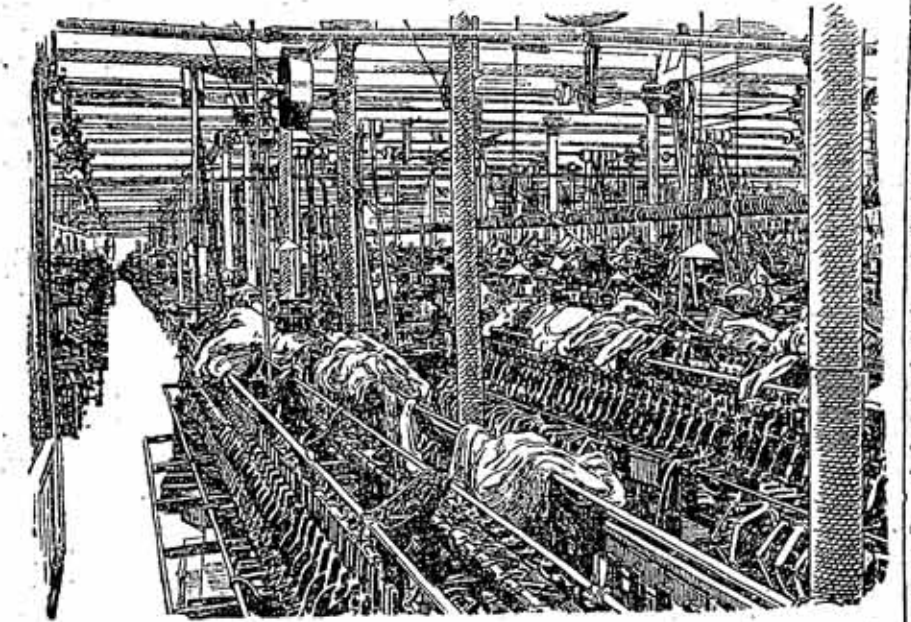
	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	38,50 j|r
» » 500$	—	38,50 »
» » 100$	38,50 j|r	38,75 »

Externas: 1.ª serie 76$90 e 3.ª 77$80.
Acções: Assucar 41$; Phosphoros, coup 54$90; Tabacos, coup. 74$.
Obrigações: Aguas, coup. 83$; Prediaes, 5 0\|0, 87$; Norte e Leste, 2.º grau, 37$30; Moagem (nova) 97$.

As grandes emprezas industriaes

Uma visita á fabrica de fiação do Rio Vizella

A hulha branca — As transformações do algodão — Na fabrica funccionam 1:135 teares — Processos de tecelagem

A hulha branca, isto é, a agua aproveitada como força motriz, tem na grande fabrica do rio Vizella a mais proveitosa applicação. A agua transformada em energia electrica é uma das maiores conquistas da industria moderna e póde dizer-se, sem receio de que nos desmintam, que semelhante riqueza tem sido quasi criminosamente desperdiçada em Portugal.

A tres kilometros de distancia do Rio Vizella estão as quedas de Caniços. O que outr'ora apenas servia, com a belleza da sua torrente, as rendas magicas da sua espuma, á imponencia dos seus saltos, para thema de poetas e delicia e enlevo dos olhos, constitue hoje a mais valiosa collaboração do homem nos grandes emprehendimentos fabris. Mas não só as quedas de Caniços—embora sejam ellas as principaes—se utilisam na fabrica do rio Vizella. Outras ainda, dentro e fóra dos vastos terrenos da fabrica, contribuem para que a hulha branca aqui represente um singular papel.

As installações electricas do rio Vizella são interessantissimas. Uma machina turbina a vapor de 1.200 cavallos é conjugada com uma força hydro-electrica equivalente. O visitante demora-se na contemplação dos movimentos elegantes, rithmicos, dir-se-hia que intelligentes d'essas machinas cujos metaes reluzem e faiscam como se fôssem oiro e prata...

Toda a illuminação é electrica e tudo quanto a sciencia applicada possue de mais perfeito e mais moderno deparamos n'estas magnificas installações onde a segurança do pessoal, a hygiene, a disciplina, a ordem se observam cuidadosamente e—póde assegurar-se — com extremoso, inexcedivel interesse.

* * *

Muitos dos nossos leitores estão longe de imaginar as transformações por que passa o algodão desde a sua cultura e a sua colheita até que sae da fabrica e entra nos armazens e nas lojas prompto a ser aproveitado, quer em peças do nosso vestuario, quer em outras applicações tão variados como uteis!

Uma visita minuciosa á fabrica do Rio Vizella permittir-lhes-hia acompanhar, decerto que com vivissima curiosidade, todas as operações a que o algodão é sujeito, a partir do momento em que entra nos seus depositos para ser manufacturado.

N'esses depositos, arruma-se a materia-prima em camadas sobrepostas, assim que chega do Brazil, da America do Norte e principalmente do Egypto, cujo algodão é o de melhor qualidade, adoptando-se em tecidos finos, sobretudo nos que hão de receber o tom assetinado.

As primeiras machinas da fabrica com as quaes o algodão trava conhecimento são os abridores e batedores e servem para seleccionar a materia-prima, de modo que apenas fique o que convém á fiação e tecelagem. As camadas de algodão assim seleccionado, ao sahirem dos batedores, teem o nome de mantas e uns quatro dedos de altura.

As mantas são postas nas cardas—existem na fabrica do rio Vizella sessenta e oito—e ahi largam ainda o que se chama desperdicios, transformando-se na mecha. O que é a mecha? E' o algodão em fórma já cylindrica, mas d'uma grande espessura.

Nos laminadores—funccionam seis em Vizella— as mechas desdobram-se em seis que, semelhando neve, correm para tubos e d'ahi para os torces que, gradualmente, vão tornando o fio mais delgado até adquirir a fórma definitiva que é aproveitada na tecelagem. Ha na fabrica do rio Vizella dez torces grossos, doze torces intermedios e vinte e cinco torces finos e super-finos.

Deixando de parte operações mais secundarias, embora curiosas, como as das urdideiras e remalheiras, penetremos nas officinas dos teares.

* * *

Na margem esquerda do rio trabalham 837 e na direita 298. Um dos systemas é o Jacquard, que consiste em bordar em placas metalicas as phantasias que hão de ser reproduzidas no tecido. Nenhum outro systema se presta como este á reproducção de desenhos d'uma variedade e d'um pittoresco extraordinarios e que se obteem com os proprios fios dos tecidos, pois em Vizella não ha officinas de estamparia.

O outro systema denomina-se de machineta. A gravura é executada em madeira, por meio de pequenos crivos tambem de madeira, trabalho habilmente realisado com muita paciencia e delicadeza por um certo numero de rapazes.

Tanto a gravura de Jacquard como a de machineta são applicadas depois aos diversos teares que reproduzem admiravelmente os seus desenhos.

Cativa o ambiente de todas estas officinas, onde a luz entra a jorros atravez das suas vidraças e o ar circula livremente. O ruido monotono, abafado, de todos os teares em laboração impressiona o visitante porque possue qualquer coisa de grandioso e severo. Mas não o impressiona menos a excellente disposição de espirito que se espelha nos rostos dos operarios e a sua alegria, o seu amor ao trabalho, á officina e ao tear, traduzindo-se, por vezes, nas perfumadas rosas e nos lindos crysantemos com que o adornam...

As secções de branqueamento e tinturaria estão separadas em Vizella. Em ambas vemos o algodão em rama, em meadas que as dobadoiras fazem ou já em peças. A seccagem, por meio da velocidade, é produzida mercê de cinco hydros.

Na secção de acabamento chama a nossa attenção um grande mercerisador, dos mais perfeitos, e que serve para imprimir ás peças o brilho da seda, mediante fortes jactos de soda caustica. Nem todo o algodão é susceptivel de adquirir esse tom de seda. Apenas o do Egypto.

Entre outros apparelhos que notamos de passagem vêem-se tambem tres calandras para uniformisar e dar brilho e dois gazedores para queimar o pello.

Mas o que sae d'esta magnifica fabrica do Rio Vizella? O que produz e para onde vão os seus productos? Quantos operarios ganham aqui a sua vida? O que representa, em numeros, na industria nacional, esta importantissima e prospera empreza fabril?

Eis o que procuraremos dizer no artigo immediato.

Congresso Academico

A Federação Academica de Lisboa resolveu organisar este anno lectivo o primeiro congresso academico portuguez tendo nomeado para esse fim uma commissão composta dos estudantes Moysés Amzalak, Magalhães Ramalho, Luiz Passos, Correia Monteiro e Arthur Velasco, commissão que hontem tomou posse encetando em seguida os seus trabalhos.

Instrucção militar preparatoria

Sociedade n.º 9.—N'esta Sociedade realisam-se no proximo domingo festas com o seguinte programma: ás 8 horas e meia, exercicio na parada do quartel de infantaria 5, em seguida marcha para a séde da Sociedade; ás 10 horas e meia, na séde, inauguração da nova bandeira nacional, em seguida juramento dos novos alistados, havendo discurso patriotico, por um socio da 1.ª secção; ás 20 horas, palestra pelo presidente honorario da Sociedade, sr. major de infantaria Desiderio Ferro da Beça, chefe da 4.ª repartição da secretaria da guerra, seguindo-se sarau dramatico, organisado e dirigido pelo sr. Manuel Ferreira, com o concurso de distinctos artistas e amadores, terminando as festas por um baile.

Associação Escolar de Ensino Liberal

O professor sr. Borges Brainha, a pedido de diversas pessoas, dará, aos sabbados, das 20 ás 21 horas, explicações de seu methodo intuitivo, para ensinar a ler, escrever e contar, na Associação Escolar de Ensino Liberal, rua Alexandre Herculano, 129, (portão de ferro), junto á Praça do Brazil.

A entrada é publica.

PEQUENAS NOTICIAS

Aos officiaes na situação de reserva residentes na area da 1.ª divisão militar foi feito convite para desempenharem os cargos de chefe, sub-chefe e secretario do districto de recrutamento n.º 17, devendo as declarações dos que acceitem ser entregues o mais breve possivel no quartel general.

—Ao que nos consta, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, attendendo a reclamações que lhe teem sido feitas por estudantes residentes na zona de Cascaes até ao Estoril vae alterar a partida dos comboios n.º 1104, que sahirá de Cascaes ás 7.57', ou seja com 18 minutos de antecipação, e o n.º 1008, que partirá de Paço d'Arcos ás 8,2, em vez de 8,15', como até agora.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Vendedores de Viveres a Retalho

Para apreciar a ultima tabella de preços e resolver o que houver por melhor sobre subsistencias, reune a assemblea geral amanhã, ás 21 horas.

MUSICA

Concerto no Conservatorio

Realisa-se depois de amanhã, ás 21 horas, no salão do Conservatorio, o 151.º concerto, 1.º da 33.ª serie, da Academia de Amadores de Musica, sendo o programma o seguinte:

1.ª parte—I «As alegres comadres de Windsor», «ouverture», Nicolai; II, «Romance em dó», Saint-Saens, para violino por mademoiselle Emilia Leiria; III, Versos de Affonso Lopes Vieira, por mademoiselle Olimpia Perry Vidal Pereira Bastos; IV, *a)* «Madame Buterfly», Puccini; Scena e cantabile: «Tua madre dovra prenderti in braccio», *b)* «A duvida», para canto pela sr.ª D. Izabel Barahona Vieira acompanhada ao piano pelo seu professor Alberto Sarti.

2.ª parte—V, «L'Arlesienne», suite 1.ª, de Bizet: *a)* «Alegro deciso tempo di marcia», *b)* «Alegro gioccoso», *c)* «Adagio», *d)* «Alegro Moderato», pela orchestra.

3.ª parte—VI, *a.* «Les Cloches de Lás Palmas», Saint-Saens, *b.* «Loreley», Liszt, para piano por mademoiselle Cecilia Borba Costa; VII, Versos de Camões por mademoiselle Olimpia Perry Vidal Pereira Bastos; VIII, «Marsch», Joachim pela orchestra.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Ambição de mulher»

Original de Henrique Sudermann, n'uma traducção muito correcta, publicou a livraria Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, este volume pertencente á sua «Collecção Horas de Leitura». Estudo do coração de uma mulher, em que a paixão se debate com as conveniencias sociaes e com o amor de irmã, terminando por a levar ao suicidio, quando a vida parecia sorrir-lhe, *Ambição de mulher* é um livro que se lê com verdadeiro interesse.

«Noite de S. João»

Um acto em verso, original de Henrique Luso. Acção simples: dois velhos que se encontram na noite de folguedos e alegria populares, junto de uma fonte, dois antigos namorados que recordam o passado, exprobando-lhe elle a traicção que ella então commetteu, explicando ella as causas do perjurio e affastando-se amigos. Um perfume de saudade se evola da pequenina peça, em que o verso é facil e desataviado como convem ás personagens.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

Pleasant. O «Bristol» recebeu ordem para seguir com o «Macedonia» sob as suas ordens e destruir esses transportes.

«O «Macedonia» relata que apenas encontrou dois navios, os paquetes «Baden» e «Santa Isabel»; depois de tomar a seu bordo as tripulações, metteu-os a pique.

«Tenho o maior prazer em communicar que os officiaes e os homens sob as minhas ordens cumpriram o seu dever com admiravel efficiencia e sangue frio e é digno de todo o louvor o pessoal de fogo de todos os navios, alguns dos quaes excederam a sua velocidade normal».

Com esse louvor do almirante Sturdee ao pessoal de fogo, justo é que façamos referencia ao expediente de que o «Kent» se serviu para dar caça ao «Nürnberg». Pouca provisão de combustivel tinha a bordo e quando informaram o commandante de que essa provisão estava quasi exgotada, elle replicou, com o maior sangue frio:

—«Muito bem! Temos os botes!»

A ordem foi cumprida. Os botes foram feitos em pedaços, untados d'azeite e foram deitados ás fornalhas. Atraz dos botes foram portas, cadeiras, emfim, tudo quanto podia servir de combustivel, e o «Kent» deitou 24 nós.

Outras operações de menor importancia se deram no periodo a que nos estamos referindo. Uma d'ellas, e das mais interessantes, foi a destruição do cruzador ligeiro allemão «Königsberg» no rio Rufigi, na costa oriental d'Africa, em novembro.

Esse navio escapou-se de Dar-es-Salaam no começo da guerra e fez grandes destroços na marinha mercante, inclusivé o bombardeamento do «Pegasus», em Zanzibar, quando esse navio estava sendo reparado e incapaz de responder ao fogo.

Perseguido pelos cruzadores inglezes, refugiou-se no rio Rufigi e subiu a corrente até ficar fóra de alcance de tiro. Como a profundidade da agua era insufficiente para permittir que o seguissem, resolveu-se evitar a sua fuga, bloqueando a entrada do rio. Um navio chamado «Newbridge», com 1.500 toneladas de carvão de pedra, foi requisitado para tal fim e a sua tripulação foi substituida por officiaes de marinha e por marinheiros, embora o seu commandante, o capitão Willett, ficasse. As operações estavam a cargo do tenente Lavington, do «Pegasus».

Os preparativos foram feitos em segredo, mas os allemães tiveram aviso do que se preparava e procederam rapidamente. A fim de chegar ao local onde se combinára afundal-o, o «Newbridge» tinha de passar junto d'uma pequena ilha na embocadura do rio. Uma parte da tripulação do «Königsberg» entrincheirou-se ahi com canhões Maxim e canhões-revolvers desembarcados d'esse navio.

O «Newbridge» navegou contra a corrente e os allemães abriram fogo logo que elle chegou a alcance de tiro; um marinheiro ficou esmagado debaixo d'uma pilha de carvão, devido á explosão d'uma gra-

Capitão Weddigen

que mettera a pique o «Good Hope» e o «Monmouth» nunca se soube, mas o que é quasi certo é que não estava prevenido da chegada da esquadra commandada pelo almirante Sturdee. E' evidente que o almirante allemão se dirigia para as ilhas Falkland, com o intuito de as annexar e de d'ellas se servir como base.

O segredo guardado sobre a partida da esquadra da Sturdee foi tal que coisa alguma transpirou, podendo, assim, ella chegar a tempo ás distantes aguas das Falklands e poder limpar os mares do sul da ameaça ao commercio britannico e á supremacia da Inglaterra.

Na occasião da batalha entre von Spee e Cradock, o «Canopus» estava a 200 milhas ao sul e depois da acção juntou-se ao «Glasgow», dirigindo-se ambos os navios para as Falklands, onde, como já dissemos, chegaram a 8 de novembro. Na tarde d'esse dia, foi recebido um radiogramma ordenando-lhes que seguissem para Montevideu e os habitantes das ilhas foram deixados, tendo ante si a «agradavel» perspectiva da chegada da victoriosa esquadra allemã, á qual apenas podiam offerecer a resistencia que os recursos locaes permittiam. Antes, porém, de chegarem a Montevideu receberam novo radiogramma ordenando-lhes que voltassem para as Falklands e ajudassem a defender a colonia, o que elles fizeram.

E a 7 de dezembro, com grande satisfação de todos, chegaram de Inglaterra o «Invincible» e o «Inflexible» e os outros navios do Brazil.

A's 8 da manhã de 8 de dezembro dizia-se da estação de signaes da praia que o semaphoro de Sapper Hill observára um navio de quatro chaminés e outro de duas navegando para o norte, e o «Kent», que estava em Port William, recebeu ordem para levantar ferro e poucos minutos depois sahia da bahia, collocando-se á entrada, emquanto era feito signal para todos os navios navegarem com toda a velocidade. Era muito importante occultar o mais possivel do inimigo o facto de estarem ali dois cruzadores de batalha.

A's 8,20, a estação informava que outra columna de fumo se avistava ao sul e uma outra meia hora mais tarde. O «Canopus», que estava em Port Stanley, com o «Glasgow» e o «Bristol», estando o «Macedonia» como aviso á entrada da bahia, assignalava, ás 8,47, que os primeiros dois navios estavam a cerca de 8 milhas ao largo e que o fumo avistado ás 8,20' parecia ser de dois outros que estavam a cerca de 20 milhas de distancia.

O que depois se passou póde vêr-se das palavras do telegramma do almirante Sturdee:

«A's 9,20 da manhã os dois navios inimigos que vinham na frente—o «Gneisenau» e o «Nürnberg»—com os canhões assestados contra a estação de telegraphia sem fios, chegaram ao alcance de tiro do «Canopus», que abriu fogo contra elles, á distancia de 11.000 jardas. O inimigo hasteou a sua bandeira e mudou de rumo. A esse tempo os mastros e o fumo do inimigo eram visiveis da ponte superior do «Invincible» a uma distancia approximadamente de 17.000 jardas por entre a terra baixa ao sul de Port William.

«Poucos minutos depois, os dois cruzadores mudaram de novo o rumo para o porto, a cuja entrada estava o «Kent», mas, ao que parece, o «Inflexible» e o «Invincible» foram avistados, porque o inimigo virou outra vez de bordo e deu maior velocidade, para se ir juntar aos outros navios.

«O «Glasgow» levantou ferro e avançou ás 9,40' com ordem para se juntar ao «Kent» e observar os movimentos do inimigo.

«A's 9,45, a esquadra levantou ferro—menos o «Bristol»—e sahiu da bahia na seguinte ordem: «Carnarvon», «Inflexible», «Invincible» e «Cornwall». Passando o cabo Pembroke Light, os cinco navios inimigos appareceram claramente á vista a sudoeste. A visibilidade estava no seu maximo, o mar calmo, o sol brilhante, o céo claro e uma ligeira brisa do noroeste.

«A's 10,20' foi feito signal para

Archangela de Brito Afra
FALLECEU

José Simões de Brito Afra e sua mulher Carlota Joaquina Rodrigues Afra e seus filhos, Alvaro Simões Afra, (ausente) sua mulher Sophia Mendonça Afra e seu filho participam aos seus parentes e pessoas de suas relações e amisade o fallecimento da sua muito querida e saudosa mãe, sogra e avó e que o seu funeral se realisa ámanhã 19, pela uma hora da tarde, sahindo o prestito funebre de casa de sua residencia, rua de S. João da Matta, 78, 1.º, para o cemiterio no Alto de S. João. Não fazem convites especiaes.

D. ARCHANGELA DE BRITO AFRA
FALLECEU

J. Rodrigues & C.ª participam ás pessoas de suas relações e amizade o fallecimento de D. Archangela de Brito Afra mãe e sogra dos seus socios José Simões de Brito Afra e D. Carlota Joaquina Rodrigues Afra e que o seu funeral se realisa ámanhã 19, pelas 13 horas da tarde sahindo o prestito funebre da casa da sua residencia, rua de S. João da Matta, 78, 1.º para o cemiterio do Alto de S. João.

D. Julia de Roure
Falleceu

Emilio de Roure (ausente), Sofia d'Oliveira de Roure, João de Roure, Emilio Roure, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas da sua amisade o fallecimento de sua muito querida esposa, mãe e avó, realisando-se o funeral amanhã sahindo o prestito funebre de sua residencia, Avenida Almirante Reis, 35 r/c., para o cemiterio occidental, pelas 14 horas.

Monte-pio Nacional
Associação de Soccorros Mutuos
R. dos Correeiros, 70—LISBOA
Assembleia geral

Em conformidade com o § 1.º do artigo 33.º dos estatutos, é convocada a assembleia geral d'este Montepio a reunir no dia 16 do proximo mez de Dezembro, pelas 20 e meia horas, na séde da associação, a fim de eleger os corpos gerentes que hão de funccionar no proximo anno.

Não comparecendo á reunião a vigessima parte dos socios, conforme determina o artigo 35.º dos Estatutos, fica desde já feita a segunda convocação para o dia 29 do mesmo mez, no mesmo local e hora e com a mesma ordem de trabalhos, podendo n'esta reunião funccionar com qualquer numero de socios presentes.

Lisboa, 17 de novembro de 1915.

O Presidente da Assembleia Geral
João Eduardo Pessoa Lopes

Cooperativa de Crédito e Consumo de Empregados de Escriptorio
R. da Magdalena, 225, 1.º

Convoco a assembleia geral a reunir em 1 de Dezembro pelas 20 1/2 horas da noite, a fim de ser apreciado e discutido um requerimento assignado por 26 srs. associados, para dissolução da Cooperativa e eleição da commissão liquidataria.

Lisboa, 15 de Novembro de 1915.

O Presidente
Henrique Carlos Santos Alves

ANNUNCIO
Tribunal da 1.ª vara commercial de Lisboa

Por este tribunal e cartorio do 2.º officio, correm editos de 30 dias, a contar da ultima publicação legal do presente annuncio, citando Antonio Pires Pereira Junior, morador, que foi, na rua dos Fanqueiros, 218, 4.º, d'esta cidade e hoje ausente em parte incerta para no praso de 10 dias, que começam a contar-se depois de findo o dos editos, apresentar, querendo, no cartorio referido, a impugnação ao pedido que lhe faz José Martins Gonçalves na acção especial que lhe move na qual pede que o citado seja condemnado a pagar-lhe 61$89, de generos que lhe forneceu, custas, sellos e procuradoria; sob pena de á sua revelia, seguir a mesma acção os seus ulteriores termos.

Lisboa, 5 de novembro de 1915.

O escrivão—Arnaldo Rebello da Costa Franco a Abreu.—Verifiquei—Nunes da Silva, Juiz Presidente.

uma perseguição geral. Os cruzadores de batalha rapidamente passaram á frente do «Carnarvon» e passaram além do «Kent». Ao «Glasgow» foi dada ordem para ficar a duas milhas de distancia do «Invincible» e o «Inflexible» estava a um quarto a bombordo do navio almirante. A velocidade foi diminuida a 20 nós ás 11,15, a fim de permittir aos outros cruzadores que os alcançassem.

«A esse tempo as chaminés e as pontes dos navios inimigos appareciam exactamente acima do horizonte.

«Do «Bristol» foi recebida informação ás 11,27' que trez navios inimigos tinham apparecido ao largo de Port Pleasant, provavelmente carvoeiros ou transportes. O «Bristol», por esse motivo, dirigiu-se para o «Macedonia», a fim de com elle destruirem os transportes.

«O inimigo continuava a manter a mesma distancia e resolvi, ás 12,20' dar o ataque com os dois cruzadores de batalha e o «Glasgow».

«A's 12,47' foi feito signal de «Abrir fogo e atacar o inimigo».

«O «Inflexible» abriu fogo ás 12,55 da sua torre da prôa sobre o navio da ala direita do inimigo, um cruzador ligeiro. Poucos minutos depois o «Invincible» abria fogo sobre o mesmo navio.

«O fogo, a uma distancia entre 16.500 a 15.000 jardas, sobre esse cruzador tornou-se ameaçador e quando uma granada cahiu proximo da sua borda, esse cruzador, o «Leipzig», virou de rumo, com o «Nürnberg» e o «Dresden», para sudoeste. Esses cruzadores ligeiros foram immediatamente perseguidos pelo «Kent», pelo «Glasgow» e pelo «Cornwall», em conformidade com as minhas instrucções.

«A acção finalmente desenvolveu-se em trez recontros separados, além d'uma outra subsidiaria com uma força de desembarque.

«Acção com os cruzadores-couraçados—O fogo dos meus cruzadores de batalha foi dirigido contra o «Scharnhorst» e o «Gneisenau». O effeito rapidamente se verificou quando pela 1,25' da tarde, com o «Scharnhorst» á frente, viraram cerca de 7 pontos para o porto em linha de frente e abriram fogo á 1,30'. Pouco depois tomavam a velocidade de 24 nós e dei ordem para os cruzadores virarem tambem, mettendo-os n'um circulo, com o «Invincible» á frente.

«A distancia era de cerca de 13.500 jardas e augmentou até ser de 16.450 ás 2 horas da tarde.

«O inimigo então virou de rumo, uns 10 pontos para bombordo, seguindo-se nova perseguição, até que pelas 2,45' de novo abrimos fogo, o que fez com que o inimigo voltasse á posição primitiva e respondesse pelas 2,55'.

«O «Scharnhorst» incendiou-se, sendo, porém, de pouca importancia e pouco perceptivel; o «Gneisenau» foi attingido seriamente pelo fogo do «Inflexible».

«A's 3,30' o «Scharnhorst» girou para bombordo; pouco antes o fogo a seu bordo tornou-se perceptivel e uma granada derrubára a sua terceira chaminé; algumas peças não davam fogo e ao que parece a volta que tinha dado era com o fim de fazer entrar os canhões de estibordo em acção. O effeito do canhoneio contra esse navio tornou-se cada vez mais apparente, ao mésmo tempo que uma granada lhe abria uma larga fenda no costado, por onde sahiu uma lingua de fogo. A's 4,4' o «Scharnhorst», cuja insignia se via ainda flucluando, de subito se dirigiu pezadamente para o porto, tornando-se no espaço d'um minuto evidente que era um navio perdido. Foi-se afundando pouco a pouco e ás 4,17' desappareceu.

«O «Gneisenau» continuou fazendo resolutos, mas inefficazes esforços para luctar contra os dois cruzadores.

«A's 5,8' a chaminé da prôa foi destruida e cahiu sobre a segunda. O navio tinha sérias avarias e o seu fogo enfraqueceu sensivelmente.

«A's 15,15', uma das suas granadas attingiu o «Invincible»; era o seu ultimo esforço.

«A's 5,30', parou, adornando a

bombordo, sahindo fumo de todas as suas escotilhas. Dei ordem para se fazer o signal de «Cessar fogo», mas antes de ser içado o «Gneisenau» de novo abriu fogo e continuou a disparar de quando em quando apenas com um canhão.

«A's 5,40' os tres cruzadores approximaram-se. A's 5,50' cessou o fogo. A's 6 horas o «Gneisenau» começou de subito a afundar-se, vendo-se os homens agrupados nas suas cobertas, erguendo-se quasi a prumo um minuto antes de desapparecer.

«Os prisioneiros de guerra d'esse navio contam que quando as munições se acabaram uns 600 homens estavam mortos ou feridos. Os officiaes e homens sobreviventes receberam ordem para subir ás cobertas e se munirem com o que encontrassem para se susterem ao lume d'agua.

«Quando o navio se empinou e se afundou deviam ser uns 200 os sobreviventes que não estavam feridos e que cahiram á agua, mas, devido ao choque, muitos desappareceram.

«Todos os esforços foram feitos para salvar o maior numero possivel dos que estavam luctando com as ondas. Só o «Invincible» salvou 108 homens, 14 dos quaes morreram depois de estarem a bordo; esses homens foram deitados ao mar no dia seguinte com todas as honras militares.

«Acção com os cruzadores ligeiros—Cêrca da 1 hora da tarde, quando o «Scharnhorst» e o «Gneisenau» voltavam para o porto, para travarem combate com o «Invincible» e o «Inflexivel», os cruzadores ligeiros do inimigo viraram de bordo para fugirem; o «Dresden» ia á frente e o «Nürnberg» e o «Leipzig» seguiam-no um de cada lado.

«Em conformidade com as minhas instrucções, o «Glasgow», o «Kent» e o «Cornwall» seguiram em sua perseguição; o «Carnarvon», cuja velocidade fazia com que os não pudesse acompanhar, dirigiu-se para junto dos cruzadores de batalha.

«O «Glasgow» seguia á frente do «Cornwall» e do «Kent» e pelas 3 horas da tarde tiros foram trocados com o «Leipzig» a 12.000 jardas. O objectivo do «Glasgow» era avariar o «Leipzig» e dar assim tempo ao «Cornwall» e ao «Kent» para poderem entrar em acção.

«A's 4,17' o «Cornwall» abriu tambem fogo sobre o «Leipzig», o qual, ás 7,17', estava em fogo á prôa e á pôpa, pelo que da parte dos nossos cruzadores se deixou de disparar.

«O «Leipzig» tombou e afundou-se pelas 9 horas da noite. Foram salvos sete officiaes e onze homens.

«A's 3,36', o «Cornwall» ordenára ao «Kent» que atacasse o «Nürnberg», o cruzador que estava mais proximo d'elle. A's 6,35' o inimigo estava em fogo e deixou de disparar. O «Kent» deixou egualmente de o atacar e approximou-se a 3.300 jardas, mas como a bandeira não fôra ainda arriada de novo abriu fogo contra elle. Sendo cinco minutos depois a bandeira arriada, o fogo parou e fizeram-se todos os preparativos para salvamento. O «Nürnberg» afundou-se ás 7,27'. Doze homens foram salvos, mas apenas sete sobreviveram.

«O «Kent» teve quatro mortos e doze feridos, na maior parte devido á explosão d'uma granada.

«Emquanto os tres cruzadores estavam combatendo com o «Nürnberg» e o «Leipzig», o «Dresden» conseguiu fugir, devido á sua velocidade. O «Glasgow» era o unico cruzador com a sufficiente velocidade para poder ter probabilidades de o alcançar. Estava, porém, a braços com o «Leipzig» uma hora antes do «Cornwall» e do «Kent» chegarem a alcance de tiro. Durante esse tempo o «Dresden» poude desapparecer.

«O tempo mudou depois das 4 horas da tarde, apparecendo o céu encoberto e reduzindo assim a visibilidade, pelo que esse navio poude escapar á vista.

«Acção com os transportes do inimigo—A's 11,27' da manhã foi recebida communicação do «Bristol» de que tres navios do inimigo, provavelmente transportes ou carvoeiros, tinham apparecido ao largo de Port

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1901—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 19 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

A alma do povo

As extraordinarias homenagens prestadas ao saudoso director do «Mundo», França Borges, remataram-se hoje com a grandiosa ceremonia do seu funeral. Observando o estado de alma popular que ellas evidenciaram, reconhecer-se-ha, acima de toda a dôr que affige os seus amigos e correligionarios, que estas manifestações revestiram um caracter superior ao do simples preito pessoal, por mais sentido que elle podesse ser. As homenagens a França Borges—é necessario consignal-o—constituiram uma grande, uma formidavel affirmação republicana.

O povo portuguez viu no intemerato jornalista um symbolo,—o symbolo da fé republicana, e não houve coração que não pulsasse, não houve alma que não se commovesse, para levantar bem alto a sua memoria, para a fazer pairar, como uma espiritual bandeira, por sobre a terra de Portugal onde a Republica, depois de ter sido uma santa aspiração, se tornou uma realidade imperecivel.

Teve a democracia portugueza grandes nomes nos seus annaes. Pertenceram-lhe homens cujo nome são glorias da litteratura e da sciencia. Eram republicanos Latino Coelho, Rodrigues de Freitas, José Falcão, Bruno, que ainda ha pouco desceu á campa. Poderiamos citar muitos mais. Bastam-nos estes. Qualquer d'estes nomes póde ser considerado, na esphera da intellectualidade, superior ao de França Borges. Todavia, o povo, sentindo o seu desapparecimento, não suffragou com tanta vehemencia a sua memoria. A' primeira vista, poder-se-hia julgar uma injustiça. Não o é. O povo é sempre justo, e a sua clara intuição excede o conhecimento dos sabios e o sentimento dos artistas. O povo sauda em França Borges mais do que o saber, mais do que o genio. O povo sauda em França Borges as virtudes superiormente necessarias á Republica. Sauda o espirito de sacrificio e o espirito de lucta. Sauda a tenacidade no serviço da Republica. Sauda uma vida inteira, consagrada a todos os momentos, a todas as horas, á propaganda e á defeza do ideal republicano.

Não basta a obra da philosophia, a obra da arte. Não basta a analyse, não basta o canto. Não basta mesmo o relampago do heroismo ou do sacrificio. E' precisa a devoção absoluta a esse ideal, vel-o acima de tudo, não haver conveniencia nem affecto pessoal que o domine; é preciso viver constantemente, intemeratamente para a Republica.

Por isso os mais grandiosos funeraes que se teem prestado a vultos politicos na nossa terra foram os de Elias Garcia, de Heliodoro Salgado, e agora o de França Borges. Elias Garcia foi o organisador do partido republicano, Heliodoro Salgado foi o seu maior propagandista. O povo encontrava sempre na brecha, luctando pela Republica, estes homens devotados como apostolos. Depois encontrou França Borges. O povo quer que o amem, que o defendam, que o animem na sua lucta de todos os seculos contra as oppressões que o teem tyrannisado e contra as iniquidades que o teem pungido. A esses homens vota-um culto immorredouro, porque elles são os interpretes do seu sentimento e do seu ideal.

Não se faz nenhuma grande obra sem fé. E a fé conquista as almas, a fé é a força suprema da humanidade. Em França Borges, o povo via a fé republicana levada ao auge. Testemunhava-a nas suas palavras, nos seus actos. Consagrava-a com o esforço da sua vida inteira. Por isso o povo o sauda, o povo o acompanhou até á final jazida, com lagrimas nos olhos, mas com um grande enthusiasmo no coração, porque estava realisando mais uma d'aquellas assombrosas affirmações de fé republicana que são a expressão da sua vontade suprema e o reflexo do seu ideal intangivel.

Se fôsse possivel eximil-o transitoriamente ás leis da morte, como o coração de França Borges pulsaria de enthusiasmo, como se rejubilaria de alegria heroica, vendo que a fé republicana do povo é tão grande que até do seu frio cadaver faz surgir a imagem viva, palpitante e radiosa da Republica!

Gréves academicas

Está solucionada a gréve dos alumnos dos lyceus

Põem-se em gréve os da Escola Rodrigues Sampaio

Solucionada a gréve do I. S. T. continuou hoje, porém, a gréve academica com a adhesão do lyceu Maria Pia e da Escola Normal.

As alumnas do Maria Pia reuniram logo de manhã com os seus collegas da Faculdade de Sciencias resolvendo, por unanimidade, continuar a gréve, emquanto não fôr decidido o pedido dos seus collegas dos lyceus. Reclamarão, tambem, as alumnas do Maria Pia que se resolva na parte que lhes diz respeito o assumpto das matriculas e a alteração dos horarios que vão ser apresentados ao conselho da escola.

Tambem a Escola Normal voltou hoje a reunir no centro republicano da rua Gilberto Rolla, resolvendo, segundo nos informaram, approvar a proposta para que a sua gréve continue. A votação deu 89 votos contra 47.

Por motivo da medida tomada pelo sr. ministro da instrucção sobre a reabertura do I. S. T., com suspensão do decreto que favorecia os alumnos das escolas industriaes, os estudantes da Rodrigues Sampaio declararam-se em gréve, resolvendo não voltar ás aulas emquanto se mantiver o decreto hontem ido á assignatura.

Durante todo o dia os alumnos dos lyceus mantiveram-se junto ao edificio do Passos Manuel, tendo permanecido, nas immediações, policia e guarda republicana sem que até á tarde se tivessem repetido os acontecimentos de hontem.

Uma commissão delegada do *comité* grevista dirigiu-se ao Terreiro do Paço a fim de falar com o sr. ministro da instrucção, a quem agradeceu o terem sido attendidas as reclamações academicas. O sr. dr. Lopes Martins prometteu-lhes que logo que reabrisse o parlamento trataria n'elle da questão das propinas. Em virtude da tal declaração, os academicos resolveram voltar amanhã ás aulas.

* * *

Afim de resolver definitivamente a attitude a adoptar em face do decreto 1725; reunem amanhã, em assembleia geral, pelas 16 horas, na Faculdade de Sciencias, os estudantes da Universidade de Lisboa.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

A situação financeira da Austria-Hungria

O que diz a tal respeito um economista inglez:

«Até agora contrahiu a Austria-Hungria dois emprestimos internos, ambos a 4,5 0/0. O primeiro, emittido em fins do anno passado rendeu para o Estado a quantia de 2:400 milhões de corôas; o resultado exacto do ultimo, effectuado em maio d'este anno, ainda não foi dado a publico, mas parece que não chegou a 2.000 milhões. Admittindo que fosse essa a cifra obtida, os dois emprestimos produziram 4.400 milhões de corôas.

Dando fé a calculos que não pecam por exaggerados, custa mensalmente a guerra ao imperio austro-hungaro mil milhões de coroas, e como esta dura ha já quatorze mezes, a sua despeza total deve ter sido uns 14.000 milhões de coroas.

Anda pois por dez mil milhões a differença entre o producto dos emprestimos e as despezas da guerra, a qual só pode ter sido coberta com papel moeda; aggrava ainda a situação não poder o imperio recorrer a outro emprestimo interno porque tental-o seria a certeza de um desastre e muito menos procurar obtel-o nos Estados Unidos.

O papel moeda, pela sua enorme emissão, tem-se desvalorisado; na Suissa durante a semana passada cem coroas valiam 79,25 francos o que representa uma depreciação approximadamente de 26 0/0 pois que antes da guerra as cem coroas valiam 105 francos.

Desde que romperam as hostilidades o imperio suspendeu a publicação dos balancetes do Banco Austro-Hungaro, mas apesar d'essa determinação, pode calcular-se que a sua reserva actual seja inferior a mil milhões de coroas, quando em em 1913 era de 1.502.598.000 dos quaes 1.240.973:000 em ouro.

Concedendo que as notas em circulação nos fins de 1913 fossem no valor de 2.493.641:000 coroas, cobertas por uma reserva de ouro na proporção 58,8 0/0, tem agora o imperio em circulação mais de 11.000 milhões de coroas em notas, cobertas por uma reserva de 9 0/0.

Se, por hypothese, a guerra terminasse immediatamente, ainda assim, a situação financeira da Austria estaria muito compromettida, fazendo com que a depreciação das notas fosse verdadeiramente aterradora.

Pelo telegrapho

A acção dos inglezes na frente occidental

LONDRES, 19.—Official. A artilharia allemã canhoneou activamente o leste e nordeste de Ypres. Na noite de 16 para 17 um destacamento inglez penetrou n'uma trincheira avançada allemã e matou uns 30 allemães, regressando ás trincheiras inglezas conduzindo 12 prisioneiros, tendo tido apenas um morto e um ferido.

Um dos nossos aviadores, obrigou a descer um avião inimigo nas linhas allemãs, e, baixando elle proprio a 500 pés do solo fez fogo de metralhadora sobre os aviadores inimigos que fugiram atravez dos campos, e incendiou-lhes o apparelho.—(*Havas*).

A viagem do sr. Denys Cochin a Athenas

ATHENAS, 19.—O sr. Denys Cochin foi recebido hoje pelo rei, durando a entrevista uma hora. O ministro francez foi acclamadissimo em todo o percurso, tanto na ida como na volta. Numerosas delegações foram apresentar ao sr. Denys Cochin as suas simpathias e reconhecimento. O ministro francez parte ámanhã para Salonica. Os centros politicos esperam que a visita do sr. Denys Cochin tenha uma influencia benefica.—(*Havas*).

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 19.—Official. Todo o dia de 17 houve intensas acções das artilharias antagonistas. A artilharia inimiga mostrou-se especialmente activa na zona de Goritza.

Observamos deslocamentos de tropas inimigas, tendo varias columnas atravessado as pontes sobre o Izonzo subindo ás alturas de Sabotina e Podgora afim de reforçar as defezas e render as tropas da linha de fogo.—(*Havas*)

CHRONICAS DE PARIS

"Calae-vos! Desconfiae..."

Os ouvidos inimigos escutam-vos...—Um jornalista allemão em Paris—As precauções da policia—Trabalhadores portuguezes sem passaporte—A disciplina do povo francez

Assignalei, na minha ultima chronica, o facto de constituir a guerra, em Paris, o assumpto obrigado de todas as palestras. Ha quinze mezes que se não fala de outra coisa, e, provavelmente, assim será ainda durante muito tempo. Não é difficil comprehender que nada ha mais natural: todos, mais ou menos directamente, teem ligados á guerra os seus interesses, os seus affectos, os seus sentimentos intimos. Talvez se não encontre em Paris inteira uma unica familia que não tenha uma pessoa querida no «front»; não ha grande estabelecimento que não recorde com orgulho os nomes dos seus empregados mobilisados. Ha lojas que se conservam fechadas porque os seus proprietarios vivem actualmente nas trincheiras. Cincoenta por cento das senhoras que se nos deparam na rua, nos tramways, no metropolitano, vestem rigorosamente de negro: os crepes estão na ordem do dia, as firmas que negoceiam em lutos e corôas funerarias nunca fizeram tão bom negocio. Certa manhã entrei nas «Halles»; entre as vendedeiras de peixe e os logares de hortaliça havia uma lugubre secção largamente provida de corôas de enterro, com os seus letreiros commoventes, adaptaveis a todas as circumstancias possiveis: «Ao meu saudoso filho; A' memoria do nosso querido genro; A meu irmão: Eterna saudade...»

A guerra affectou profundamente todos os parisienses, é pois naturalissimo que ella constitua o thema predilecto das palestras. Uns desabafam, alguns aproveitam o pretexto para dar azas á phantasia. Não obstante, o governo entendeu que se estava falando de mais. Millerand, o ministro da guerra da situação anterior á actual, mandou um dia imprimir alguns milhões de pequenos cartazes onde se exhibem estas palavras de precaução:

Taisez-vous!
Méfiez-vous!

Les oreilles ennemies vous ecoutent

Este laconico aviso apparece agora affixado em toda a parte. Não faltou quem se indignasse, dentro, é claro, dos limites da cortezia. O «Temps» declarou que o processo era ruidoso, de uma commodidade vulgar, capaz de ser interpretado por certas creaturas como uma falta de discrecção e de tacto. E perguntou se a medida do ministro teria sido tomada por causa dos espiões, porque, no caso affirmativo, a attitude do ministerio tornar-se-hia bem censuravel, visto não terem sido adoptados contra a espionagem processos mais radicaes. Affirmou-se ha pouco, sem desmentido algum, que durante os ultimos quinze mezes não foi julgado em Paris um unico espião. Mas o aviso de Millerand não deixa duvida alguma sobre a existencia de «boches», mais ou menos disfarçados, na capital franceza. Aquella phrase: «os ouvidos inimigos escutam-vos», não póde realmente ser interpretada de outra forma.

Sim, é rigorosamente verdade. Paris alberga um razoavel numero de espiões. O «Berliner Tageblatt» mantem mesmo aqui um correspondente especial, que lhe envia cartas cheias de actualidade e... de indiscrecção. Em vão a «Sûreté Generale» tem mobilisado os seus melhores agentes: não ha forma de se deitar a mão ao misterioso jornalista, que teima em não se deixar encerrar n'um campo de concentração. E isto é tanto mais surprehendente, quanto é certo que a entrada e permanencia de um individuo em qualquer ponto da França está hoje sujeita a uma fiscalisação de rigor. Todos os dias, na fronteira, se recusa a entrada a estrangeiros e francezes cujos papeis não estão em ordem. Nas ruas de Paris não é raro vermos um agente do serviço secreto approximar-se de nós e interpellar-nos, á queima-roupa:

—«Vos papiers? Le permis de séjour: en avez-vous un?»

Occorre-me, a proposito, um incidente a que assisti ha dias em Hendaya, e cuja vulgarisação me parece sobremaneira util na nossa terra.

Junto do agente encarregado de verificar os passaportes agglomeravam-se uns cinco ou seis individuos de aspecto humilde, vergados ao peso de enormes saccos de chita recheados e apparentando, nas expressões phisionomicas, um consideravel embaraço. Approximei-me curiosamente e soube que se tratava de alguns trabalhadores portuguezes que pretendiam dirigir-se a Marselha, onde dois d'elles tinham em tempo obtido collocação nas formidaveis obras do canal subterraneo. Os homens viam fechar-se-lhes as portas da França por insufficiencia de documentos, e nem ao menos sabiam exprimir-se correntemente em francez. Estavam, como se comprehende, desolados.

O mais curioso é que os unicos papeis que apresentavam consistiam em certidões do registo criminal, escriptas em authentico papel sellado da Republica Portugueza, e passadas n'uma comarca proxima de Lisboa. Na repartição onde lhes foram fornecidos os documentos tinham perguntado se seria o bastante para entrarem em França. Que sim, que podiam ir descançados, que com esses papeis não teriam difficuldade em viajar até o fim do mundo!

A policia franceza foi comtudo inflexivel, e eu vi os pobres trabalhadores forçados a retomar, tristes e desilludidos, o caminho do regresso.

Voltemos, porém, ás precauções contra a espionagem de Paris. Os cartazes de Millerand vão produzindo já os seus effeitos. Nos tramways, no metropolitano, nos comboios, fala-se agora em voz baixa, e não é raro surprehender um olhar desconfiado que nos examina de soslaio, ou uma palestra que estaca subitamente quando nos approximamos por acaso. Mas o espirito gaulez, que brinca eternamente com todos os assumptos, e a que tudo serve de pretexto para uma canção ou para uma «blague», já tomou o caso á sua conta. Um dia d'estes, no carro electrico, a cobradora approxima-se de um respeitavel cavalheiro que tranquillamente lia o seu jornal e perguntou-lhe:

—Para onde quer o seu bilhete?

O homem fixa-a com o olhar surpreso, colloca misteriosamente na bocca o dedo indicador e murmura simplesmente, apontando com a mão esquerda o famoso «placard» collado nos vidros:

—Pschiu!

Calae-vos! Desconfiae... Os ouvidos inimigos... A empregada sorri. Os passageiros sorriem. Ninguem toma o caso a mal. Mas nem por isso se fala mais alto. O povo francez é admiravel: nenhuma nação é mais obediente e mais docil do que esta na mão dos seus dirigentes. Nas horas angustiosas da invasão, ou durante os dias felizes do triumpho, o povo deu um exemplo unico de calma e de serenidade. Dão-lhe uma indicação: reage immediatamente com a mais admiravel disciplina. Os espiões não podem mais contar com a indiscrecção surprehendida ao acaso de uma cavaqueira.

Por isso, ao annunciar-se a crise ministerial, é bem possivel que para as bandas de Berlim tivesse havido um momento de fugidia esperança. Puro engano. A crise do governo só pode ter como consequencia a constituição de um novo ministerio: o resultado essencial limita-se, quando muito, a substituir dois ministros da defeza nacional.

Para os francezes nada d'isso importa. A linha de conducta é invariavelmente a mesma. A Allemanha tem, quer queira quer não, de constatar este facto: é possivel que haja em França crises de governo, mas não haverá nunca uma crise no povo francez.

HERMANO NEVES

A'manhã:

O que disse
o eminente publicista
Jean Finot

EM TORNO DAS MISSÕES

Resposta á letra

Como um sr. bacharel vem á estacada e applaude aquillo mesmo que condemna!

As observações que ha dias fizemos a uma entrevista que o rev. José Maria Antunes concedeu ao *Seculo*, a proposito da obra missionaria dos padres do Espirito Santo em Africa, observações feitas com tanta sinceridade como delicadeza, levaram o orgão catholico portuense a exprimir-se, mais uma vez, nos termos correctos, fidalgos, profundamente christãos que, de ordinario, caracterisam a sua prosa, ao pretender, debalde, contestar o que escrevemos.

Com effeito, a *Liberdade* que, nem sequer alludiu ás palavras de justiça por nós consagradas ao rev. José Maria Antunes, julgou que nos intimidava e nos impunha silencio attribuindo-nos a paternidade d'um artigo que não assignámos o que, de facto, nos pertence. Mas não ficou por ahi e accusa-nos, com a sua proverbial cortezia e a caridade evangelica do costume, de fazer commentarios «disparatados», «anti-patrioticos» e «desleaes» ás affirmações de «inteira verdade» que o sr. José Maria Antunes formulou por intermedio do *Seculo*.

Parece que, se andasse de boa fé e se, porventura, se quizesse affastar dos seus habituaes processos tortuosos, a *Liberdade* apontaria os disparatos, as asserções anti-patrioticas, as deslealdades do nosso artigo. Mas nem uma deslealdade, nem uma asserção anti-patriotica, nem um disparate a gente da *Liberdade* conseguiu provar que existisse n'esse breve artigo. No entretanto a piedosa folha não se esquece de fazer insinuações que repellimos, embora menos graves do que as feitas a collaboradores seus por amigos seus e que recordaremos se tanto fôr necessario...

Vamos, porém, ao que importa. Os leitores teem presente o que aqui dissemos ácerca das pretenções do rev. José Maria Antunes. Observámos que, admittida, de novo, a congregação do Espirito Santo em Portugal, sob o pretexto de preparar missionarios para as colonias, havia que admittir egualmente os franciscanos e os jesuitas que tambem lá mantinham missões. Ponderámos que o recrutamento de portuguezes para a obra em que se empenha o rev. José Maria Antunes foi sempre muito difficil e seria agora um milagre se tivesse exito. Accrescentámos que o problema das missões é dos mais complexos e que, dividindo-se os pareceres a tal respeito, não faltava quem defendesse e justificasse com argumentos a sua existencia. Frisámos que nas casas que a congregação do Espirito Santo possuia na metropole, como em quasi todas as missões de Angola, predominou sempre o elemento estrangeiro. Guardámo-nos de expôr o que pensamos e sabemos sobre os motivos por que o recrutamento se fez sempre com resultados pouco lisongeiros, quer quanto ao numero, quer quanto á qualidade dos recrutados... Notámos, por ultimo, que os documentos abandonados pelos religiosos do Espirito Santo estão longe de constituir um titulo de recommendação ás suas pretenções actuaes.

Isto e nada mais. A *Liberdade*, porém, não gostou e arremetteu. Mas que infelicissimo arremesso!

Cita e transcreve a *Liberdade* juizos favoraveis ás missões, como se nós as houvessemos combatido, e, classificando de «nobre» a attitude do sr. Abilio Marçal no parlamento, em setembro d'este anno, o articulista, que é o arguto sr. Francisco Velloso, não reparou que aquelle deputado ao defender a existencia das missões, condemnava expressamente as dos padres do Espirito Santo e até citava, indignado, aquella phrase d'um d'elles: «que estava creando filhos para Deus e subditos para a França».

Que finura a do sr. Velloso!

O sr. Velloso, que como advogado talvez seja um rabula emerito, é um amigo dos diabos como defensor dos padres do Espirito Santo. Elles que agradeçam a prodigiosa defeza. Talvez o sr. Velloso quizesse polemica. Não a terá comnosco, mas pode continuar, se isso lhe aprouver, a fingir que realmente discutimos com elle.

E já que é necessario dizer mais alguma coisa—dir-se-ha o resto, dôa a quem doer, e insulte-nos ou não, por conta propria ou alheia, o redactor da *Liberdade*.

Avelino de Almeida

Uma rectificação

A *Liberdade*, do Porto, na sua correspondencia de Lisboa, rectifica hoje a noticia publicada acerca da compra de aeroplanos em Paris e a que hontem alludimos. A local referia-se com effeito ao nosso camarada da redacção Hermano Neves, e provinha, segundo se lê hoje n'aquelle jornal, de uma informação perversa.

Cumpre-nos registar a lealdade e promptidão com que se rectificou a calumnia.

MUSICA

Trios de Beethoven

Quando, na epoca passada, Rey Colaço promoveu a audição integral das sonatas de Beethoven para piano e violino, com a collaboração de Julio Cardona, o sr. Mello Barreto, n'uma interessante palestra dita a 11 de março no Gremio Litterario, precedendo o quinto e ultimo concerto, lembrou o interesse que decerto despertaria a audição completa dos trios com piano; logo aqui perfilhámos tão bella idéa, que Rey Colaço, o infatigavel propagandista, cujo enthusiasmo pelas coisas artisticas—as sérias e authenticas—é sempre quente e juvenil, agora conseguiu realizar, com o concurso de Julio Cardona e João Passos.

Effectuou-se hontem a primeira audição da serie de cinco, que tantas são as necessarias para a execução dos onze trios, na sala do Automovel Club de Portugal, sala de acanhadas dimensões, mas da qual póde dizer-se o que Socrates dizia da sua pequena casa: «Oxalá que ella se enchesse de verdadeiros amigos».

Infelizmente tal não succede; não esperávamos, ninguem o poderia esperar, mover o grande publico, que em parte alguma accorre a este genero de audialguma occorre a este genero de audições, cuja intima delicadeza não é propria nem comprehensivel para as multidões; mas o que tinhamos era o direito de contar com a concorrencia de todos aquelles que em Lisboa são considerados amadores da alta musica, cujos nomes, por isso que poucos, são de todos conhecidos; pois só um limitado numero d'esses hontem acudiu ao Automovel-Club, cuja sala, apesar de exigua, não conseguiu encher-se; assim, graves duvidas se levantam no nosso espirito sobre a sinceridade artistica dos que, entre nós, se apresentam como corifeus da musica.

No concerto de hontem executaram-se os trios n.os 1 e 2 da op. 1, offerecida ao principe Lichnowsky; apesar do numero 1 d'esta obra, ella não é a primeira producção de Beethoven; esse numero significa apenas que foi a primeira obra editada. Composta em 1793, aos 22 annos, pertence ao periodo de imitação, sendo porventura a primeira obra consciente de Beethoven; «Hercules no berço» diz alguem, referindo-se aos tres primeiros trios.

Em vista da natureza d'estas audições, achavamos preferivel que na primeira se executassem os dois trios em si bemol e mi bemol, compostos em 1791, anteriores portanto de dois annos aos que hontem se executaram; assim se seguiria a evolução do genio d'aquelle que foi o maior dos musicos.

A correcta execução dos tres artistas e principalmente a utilidade educativa de tão interessante iniciativa valeram a Rey Colaço e aos seus dois collaboradores grandes e justos applausos.

H. de A.

Poeira da Arcada

A amisade estabelece entre os homens aquelle estado de paz e concordia que era a lei do Paraizo. Dois amigos, que o sejam a valer, confiam tanto um no outro que não temem as variações do affecto nem os golpes da Sorte. Os seus corações manteem-se sempre a par. A fraqueza de um ampara-se na força do outro. O valor de um supre o valor do outro. Na mobilidade e na duvida das coisas terrestes, a amizade é o unico ponto de referencia a que se reportam os que na dôr buscam ainda a certeza de que não soffrem debalde.

* * *

A obra de Oliveira Martins, como historiador, para os espiritos que apressadamente a lêem não inspira uma grande fé nos destinos da patria. Não é assim

Poucos escriptores portuguezes tiveram uma comprehensão tão justa das forças que visivel ou invisivelmente se conjugaram para compor as nossas epopeias e as nossas tragicomedias. O seu pessimismo corresponde á percepção superior da alma nacional. Como mistico profundo que era, auscultou oito seculos de historia, surprehendendo-os na realidade moral e religiosa do seu ser.

* * *

Um jornalista hespanhol que viaja na Allemanha visitou Berlim ha poucos dias. As suas impressões são as de um homem que ama tanto os allemães que não vê os seus defeitos. A proposito dos novos exemplares da architectura berlinesa, diz que são construcções racionaes e logicas. Assim será. Ajudam a explicar a guerra actual. Quem entra dentro d'ellas, comprehende logo que os seus habitantes devem achar-se nas frentes de batalha.

A unidade de pensamento de um povo transparece em tudo, na sua cosinha, nos seus gostos, nas suas grandezas e nas suas miserias. Casas racionaes e logicas...

Que bella licção de sensibilidade!

No Museu de Arte Antiga

Escolhendo modelos de mobiliario e de ceramica

Visitaram hoje o Museu de Arte Antiga madame Ritz, seu filho o sr. Ritz e o architecto Martinet e sua esposa, acompanhados pelos srs. Manuel Emygdio da Silva e Xavier de Almeida.

Os distinctos visitantes, que foram gentilmente elucidados, no decorrer da sua visita, pelo illustre director do museu, sr. dr. José de Figueiredo, estiveram nas Janellas Verdes com o fim principal de ver mobiliario antigo portuguez e as preciosas peças da nossa velha ceramica que ali existem. Um desenhador tomou apontamentos sobre os quaes madame Ritz deseja encommendar trabalhos que se destinam ao grande hotel do Estoril.

Tambem ficaram muito impressionados com a nossa collecção de primitivos, e manifestaram em calorosas palavras de apreço, a profunda admiração que lhes causaram as celebres taboas de Nuno Gonçalves.

OS MORTOS DA REPUBLICA

O funeral de França Borges

Milhares de pessoas acompanham ao cemiterio, em grandiosa manifestação de sentimento, os restos mortaes do intemerato jornalista republicano

Depois de implantada a Republica, a não ser os funeraes de Candido Reis e Miguel Bombarda, cahidos ao alvorecer do novo regimen, nenhum attingiu as proporções d'aquelle que se organisou da redacção de «O Mundo» ao cemiterio oriental para levar á sua derradeira jazida o intemerato republicano de sempre França Borges. Foi, sem a menor contestação possivel, mais do que um cortejo funebre, uma inilludivel manifestação de fé republicana, tocada do mais profundo sentimento e da mais viva commoção. Dir-se-hia, assistindo ao desfilar d'essa avalanche, tanto mais digna de registo, como é certo o dia semanal não permittir, sem importantes prejuizos a concorrencia de muita gente, dir-se-hia que o mesmo fervor dos antigos tempos de intima solidariedade republicana, que tornaram possiveis as extraordinarias manifestações funebres a Elias Garcia e Heliodoro Salgado, tinham voltado a dominar o povo de Lisboa, consagrando com a sua presença e as manifestações do seu enternecido affecto a memoria dos que haviam succumbido na ardua tarefa da propaganda e do combate ás instituições em ruina.

O funeral de França Borges teve para a alma republicana de que elle foi um dos mais decididos paladinos, este aspecto consolador, o de fazer vibrar, sem a mais leve divergencia, unisonamente sentido, o coração da Republica.

Organisa-se o cortejo funebre

Desde que o feretro do intransigente jornalista deu entrada n'aquella sala de trabalho da redacção de «O Mundo», até que foi levado d'ali para effectuar a sua ultima peregrinação, jámais um só momento aquella casa deixou de estar apinhada. Em todas as horas da noite a concorrencia foi constituida por multidão, que a policia fazia entrar por turnos. N'esse desfilar constante passaram as individualidades em destaque na politica, os modestos operarios, os representantes das mais diversas collectividades, homens, senhoras, creanças, officiaes superiores e subalternos da marinha e do exercito, todos commovidamente apresentando as suas condolencias aos intimos do extincto e aos seus collaboradores na sua obra jornalistica.

Pela manhã, continuaram as mesmas manifestações de pezar. Chegam novas corôas, recebem-se «bouquets» de flôres naturaes e muitas das pessoas que entram no edificio de «O Mundo» declinam as suas qualidades occasionaes; são individuos que apresentam cartas, exhibem telegrammas que os incumbem de representações de gremios ou individualidades de todos os pontos do paiz.

Os redactores e principaes empregados de «O Mundo», os intimos da casa quasi não dormem desde o fatal desenlace que os privou do seu director.

Pouco depois das 10 horas toma-se a providencia de prohibir o accesso á camara mortuaria. Só d'essa maneira se logrará organisar convenientemente o cortejo. Começa n'essa occasião a desmontagem das corôas, que passam immediatamente a ser collocadas nas carretas que estão postadas ao longo do passeio. Apesar da grande antecipação, sobre a hora marcada para o sahimento funebre uma extraordinaria multidão toma os dois lados da rua. As janellas apparecem repletas de gente e, dentro de pouco tempo, a circulação dos electricos começa a fazer-se com difficuldade, rompendo a muralha humana que augmenta de minuto a minuto. A avalanche de povo estende-se para as bandas do jardim de S. Pedro d'Alcantara e quem de lá chega annuncia que d'ali por deante o aspecto das ruas é o mesmo.

Em frente da redacção do «Mundo» chega o sr. dr. Affonso Costa, a quem

a multidão sauda respeitosamente, descobrindo-se. Traja de lucto rigoroso, um largo fumo no chapeu alto.

Os trens e automoveis páram a distancia e as pessoas que transportam são obrigadas a atravessar pelo meio da multidão. Para que tomar nota d'esta ou d'aquella individualidade, se é impossivel dar idéa approximada de toda a constituição do cortejo?

Os organisadores do funeral são pontuaes. Acabava de soar meio dia na egreja de S. Roque, quando a urna foi retirada do catafalco para ser collocada no armão.

Entretanto, as collectividades iam tomando posições, no prestito, segundo as indicações dadas pelos srs. Luiz Derouet, Alberto Barbosa, Leandro Navarro, Ribas de Avellar, Raymundo Alves, Alvaro dos Santos e outros.

Por fim, o feretro foi collocado na carruagem, cedida pelo corpo de bombeiros e tirada por duas parelhas, ajaezadas de negro e o cortejo, hesitando dos primeiros passos, entrou definitivamente em marcha.

No prestito figuram milhares de pessoas

A' frente do prestito segue um piquete de policia, sob as ordens de um cabo e atraz a carruagem do sr. presidente da Republica, representado n'essa manifestação pelo secretario interino sr. Luiz Barreto da Cruz. Immediatamente vae a primeira carreta com «bouquets» e corôas e as fitas dos ramos que foram collocados na camara mortuaria de Schalzaps.

Formam depois os alumnos de ambos os sexos da escola do Registo Civil, arvorando o respectivo pendão, coberto de crepes. A essa escola succede-se o centro republicano Affonso Costa largamente representado, com a sua direcção á frente, com uma grande palma de flôres naturaes. Depois do Gremio Excursionista Victor Hugo segue uma nova carreta com diversas corôas, seguida dos representantes das juntas de parochia de Cascaes. O delegado da junta de S. Domingos de Rana leva o respectivo estandarte.

A's juntas de Cascaes seguem-se mais duas carretas, transportando corôas e atraz d'estas, um grupo numeroso de revolucionarios civis de 5 d'outubro e 14 de maio, que representam os grupos Justiça, Solidariedade Republicana, Luz e Progresso e Educação do Povo.

Segue-se a carreta da Associação do Registo Civil com mais corôas, acompanhada pela direcção e socios d'aquella collectividade.

Após uma outra carreta com corôas marcham militarmente, em compactas filas, os sargentos e musicos do corpo de marinheiros. A estes seguem-se os representantes do Centro democratico José Falcão, do Porto, srs. José da Silva Teixeira Aroso e José Alves Carneiro, que ladeiam o pendão d'aquella collectividade. Segue-se, conduzida na viatura dos voluntarios da 3.ª secção, a corôa offerecida pela cidade do Porto.

Formando, em seguida, um grupo unico, desfilam os representantes do Centro eleitoral Defensores da Republica e Centro Thomaz Cabreira, ostentando os respectivos estandartes.

N'esta altura encorpora-se o municipio de Lisboa. A' frente da vereação segue a viatura dos bombeiros municipaes conduzindo a grande corôa de crisanthemos com laço branco, que a edilidade offereceu ao extincto jornalista. O senado municipal está representado pelo seu presidente sr. Costa Gomes e pelos vogaes Zacharias Gomes de Lima, Manuel Pereira Dias que representam tambem o Centro republicano Affonso Costa; de Ovar, Ribeiro da Silva, Fonseca Dias, dr. Salazar de Sousa, Sebastião Mestre dos Santos, Rodrigues Simões, Ernesto Navarro, dr. Alberto Ferreira, Luiz Antonio Marques, Amaro Diniz, dr. Xavier da Silva, Araujo e Sá, Saraiva Lima, Gomes Heleno, dr. Tovar de Lemos, Albino José Baptista, Lima Bayard, José Maria Baptista, representando o Centro republicano e commissão municipal de Villa Nova de Ourem, João Antonio dos Santos, representando o Centro republicano democratico de Mafra. O sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da commissão executiva, que, por motivos imperiosos não poude tomar parte no cortejo fez-se representar pelo seu secretario sr. Augusto de Magalhães. O sr. João Antonio dos Santos tambem representava o Dispensario das Creanças da freguezia de Santa Isabel.

A' camara municipal seguia-se a junta de parochia, commissões politicas de Alcantara e o semanario «Alcantara Livre», que eram acompanhados pelos representantes das juntas da Encarnação, Mercês e S. Vicente.

Em seguida encorporaram-se no prestito os empregados da 4.ª repartição da camara municipal, levando uma grande corôa de flôres naturaes.

Desfilam a seguir os representantes do Gremio Luzitano. A' frente o conselho da ordem, dr. Magalhães Lima, grão-mestre, Pinheiro de Mello, capitão Marreiros, Tavares de Mello, Filippe da Matta, estando largamente representadas as lojas Accacia, José Estevão, Elias Garcia, Madrugada, Sementeira, Montanha, Futuro, etc.

Com o grupo da Maçonaria encorpora-se no prestito o sr. capitão-tenente Leotte do Rego, commandante da divisão naval, que segue ao lado do grão-mestre.

O sr. Tavares de Mello representa na manifestação a loja Ordem e Trabalho do Porto, e o sr. dr. Amor de Mello e o capitão Marreiros o sr. Freire de Andrade.

N'esta altura o cortejo passa em frente da rua da Procissão, onde se encontra a banda da Republica, que, d'ali por deante, se encorpora no prestito.

A' banda da Republica segue-se o Centro democratico, com o estandarte envolto em crepes e a seguir formam os sargentos da guarda naiconal, que são dos marinheiros promovidos pela sua acção em 5 d'outubro.

Até á chegada do armão, conduzindo o feretro, a organisação do cortejo é a seguinte: Commissão parochial da Lapa, Gremio Educação do Povo, Internato Infantil dr. Affonso Costa, Centro Republicano da Lapa, Associação dos Soccorros Mutuos e Liga dos Vendedores de Jornaes, Cantina do Bem, de Campolide, Centro Escolar Miguel Bombarda com o seu estandarte, deputação de sargentos da guarda fiscal, Centro Almirante Reis com bandeira e muitos socios e carreta com a corôa-medalhão em bronze offerecido por todo o pessoal do «Mundo», á qual se seguia o grupo constituido pelos empregados de todas as secções do mesmo jornal.

O feretro segue n'esta altura do cortejo, sendo o carro ladeado por praças da marinha, pertencentes não só ao corpo de marinheiros, mas tambem ás guarnições de todos os barcos. Com ellas vão ainda outras praças do exercito e especialmente da guarda fiscal, abrindo largas alas.

A urna, que contem os restos mortaes de França Borges vae coberta com a bandeira nacional e sobre o feretro encontram-se collocadas as corôas offerecidas pela viuva e filhos do saudoso jornalista republicano.

Ao carro funebre seguem-se os representantes officiaes, o sr. Luiz Barreto da Cruz, pelo sr. presidente da Republica, o sr. Levy Bensabat, pelo sr. dr. Theophilo Braga; os ministros, o sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho representando a Camara dos Deputados e o representante da Camara do Senado, deputados e senadores, etc.

A' frente d'esse avultado grupo segue o sr. dr. Affonso Costa, que leva pelo braço o irmão do fundador do jornal «O Mundo». O prestito é, depois organisado da seguinte forma:

Liga Republicana das Mulheres Portuguezas, Grupo França Borges, grupo de officiaes da Administração Militar com o seu director o senador tenente-coronel Vasconcellos Dias, Centro Escolar Leotte do Rego, Commissão Municipal, Junta de Parochia e Centro de Santos, Associação do Registo Civil com a sua Escola, Grupo de Revolucionarios de Arroyos, Centro Republicano Academico, Centro Escolar Republicano de Angeja e uma deputação de alumnos do Asylo Maria Pia com o seu director e fechando o prestito os trens dos convidados.

Em todo o percurso o publico forma alas á passagem do cortejo

Sahindo da rua do Mundo o cortejo segue pela alameda de S. Pedro d'Alcantara, rua de D. Pedro V, Escola Polytechnica, praça do Brazil, rua Alexandre Herculano, Anselmo Braamcamp, praça do Marquez de Pombal, avenida Duque de Loulé, rua do Instituto de Agronomia, rua de D. Estephania, Paschoal de Mello, avenida Almirante Reis e rua Moraes Soares.

Em todo o trajecto a multidão aguarda com grande antecipação a passagem do cortejo. Aqui e ali descobrem-se bandeiras a meia haste. Na rua da Escola Polytechnica, a escadaria da Faculdade de Sciencias está apinhada, na legação do Brazil a multidão forma um semicirculo compacto. A' passagem do prestito pela residencia do sr. dr. Affonso Costa, atravez das vidraças, veem-se rostos femininos, sobre os quaes deslisam as lagrimas.

Mais adeante, á entrada da avenida Duque de Loulé, a secção de bombeiros forma á porta da estação, em reverente continencia. Desde o edificio até ao cemiterio, o povo forma alas á passagem do prestito, evidenciando o maior respeito e solidariedade para com a manifestação.

No percurso organisaram-se os seguintes turnos:

1.º, pelos srs. Luiz Berreto, que representava o sr. presidente da Republica e ministros do interior e justiça dr. Catanho de Menezes; ministro da guerra, Norton de Mattos; da instrucção, Lopes Martins; das finanças, Victorino Guimarães, e das colonias, Rodrigues Gaspar.

2.º, membros do directorio e junta consultiva do partido republicano portuguez, dr. João Tudella, dr. Abilio Marçal, Ernesto Vilhena, Pinheiro de Mello, João Luiz Ricardo e Apolinario Pereira.

3.º, srs. Marianno Martins, governador civil; general Carvalhal, commandante da guarda nacional republicana; Levy Bensabat, pela camara municipal de Lisboa e pelo sr. Theophilo Braga, e pela junta geral do districto os srs. dr. Agostinho Fortes, Dagoberto Guedes e Lima Alves.

4.º, srs. Victor Hugo d'Azevedo Coutinho e dr. Balthasar Teixeira, representantes da Camara dos Deputados; dr. Arthur Leitão, dr. José Bessa de Carvalho, Almeida Ribeiro e Mello Barreto.

5.º, membros do Senado srs.: dr. Paes d'Almeida, dr. Estevam de Vasconcellos, dr. Fortunato da Fonseca, Herculano Galhardo, dr. Pina Lopes e dr. Paes Gomes.

6.º, representantes dos partidos politicos, srs.: Sebastião Mestre dos Santos, Alfredo Soares, Fonseca Dias, Zacharias Gomes Lima, Costa Gomes e Augusto Magalhães que representava o sr. Levy Marques da Costa.

7.º, commissão municipal do partido republicano portuguez, srs.: Conceição Leitão, Luiz Godinho, Nunes Loureiro, dr. Sousa Junior, Luiz Soares e José Maria Antunes.

8.º, juntas de parochia de Lisboa, pelos srs.: Antonio Pereira Marques, Alfredo Paes, Antonio Lopes Boavista, Almeida Santos, Carlos Simões Torres e Francisco Rodrigues Charato.

9.º, commissões parochiaes republicanas de Lisboa, pelos srs.: Antonio Martins, Salvador da Graça Caldeira, Julio de Jesus Rocha, Luiz Julio da Cruz, José Correia e Antonio Gomes Ribeiro.

10.º, representantes da imprensa, srs.: José Rangel de Lima, «Diario de Noticias»; Ricardo Covões, «O Povo»; Josuah Benoliel, «O Seculo»; Ferreira Martins, representando o director d'«A Capital», e Christiano Tavares, pela redacção de «A Capital» e Emilio Segurado, «Lucta».

11.º, membros do Gremio Lusitano, srs.: dr. Magalhães Lima, capitão Marreiros, Luiz Filippe da Matta, José de Mello, Tavares de Mello e capitão-tenente Francisco Ramos.

12.º, membros do Gremio «O Futuro», srs.: José da Costa Ferreira, João Lucio, Arthur Costa, Julio de Macedo, Costa Pina, José da Costa e dr. Corvinel Moreira.

Durante este turno todos os socios do gremio «O Futuro» cercaram a urna.

13.º—Pelos republicanos do Porto, srs Antonio Tavares da Fonseca, dr. Adriano Gomes Pimenta, dr. Julio Gomes dos Santos Junior, Militão Barbedo, Pereira Osorio e Elysio de Mello.

14.º—Pelos republicanos da provincia, srs. Moreira Feio, de Loures; Antonio Gomes Valladares, de Fanhões; Joaquim da Costa Junior Intendente; Matheus Barros, de Evora; Pereira Dias, de Ovar; e dr. Augusto de Castro.

15.º—Por sargentos da guarda republicana, srs. Diogo, Simões, Zimbana, Ramos, Monteiro e Lopes.

16.º—Por cabos e praças da marinha de guerra, srs. Antonio Bento da Silva, José Gonçalves, Armando Rebello, Manuel Bernardo, Bernardino Pinto da Costa e Nicolau de Jesus.

17.º—Pelos srs. José Lobato, Joaquim Galhardo, Miguel das Neves, Joaquim Lobato, João Lopes, Arthur Themoteo e Antonio d'Almeida.

18.º—Por cabos e praças da guarda fiscal srs.: Candido José Gonçalves, José Bernardino, Manuel Affonso Ribeiro, Antonio Fernandes e Cesar Augusto Milheiro.

19.º—Por officiaes de marinha e do exercito srs.: capitão de fragata Camara Leme, 2.º tenente Francisco Trancoso, capitão Lindorf Barbosa, capitão Alvaro Pope e tenentes Oscar Monteiro Torres e Florentino Martins.

20.º—Pelos representantes do Centro Democratico srs. Marcos Leitão, Beja da Silva, Miguel Santa Martha e Porphirio Sant'Anna de Oliveira, e pelos do Centro Almirante Reis, srs. Carlos Fernandes Reis e Sebastião Gasparinho.

21.º—Pelas sr.as D. Judith Franco da Silva, D. Mathilde de Almeida Machado, D. Antonia Ferreira da Silva, D. Idalina Benito, D. Maria da Conceição Martins e D. Maria Vellada.

22.º—Pelos revolucionarios civis, srs. Alvaro Santos, Alberto Correia, Raymundo Alves, Accacio Benito, João Florencio e Julio Gonzaga dos Anjos.

23.º—Pela Liga Republicana das Mulheres Portuguezas: D. Maria Candida Thomaz, D. Filippa d'Oliveira, D. Sophia Lopes, D. Olympia Soares, D. Maria Silva e D. Antonia Bermudes.

24.º—Antigos redactores do *Mundo*: srs. Mayer Garção, Urbano Rodrigues, Antonio José Guedes, Eugenio Salles, José Serrão e Alfredo Pinto.

25.º—Actuaes redactores e «reporters» do *Mundo*, srs: Amadeu de Freitas, Augusto José Vieira, José do Valle, Gregorio Fernandes, Ernesto Vieira e Augusto Rato.

26.º—Pelo pessoal das demais secções do *Mundo*, srs.: João Alves Correia, Eduardo Marçal, Julião d'Andrade, Costa Primo, Henrique Pinto e Francisco Mattos.

27.º—Por amigos intimos, srs.: dr. Affonso Costa, dr. Alexandre Braga, dr. German Martins, Antonio Ribas d'Avellar, Carlos Trilho e Luiz Derouet.

28.º—Pelos membros da familia.

Eram 15 horas, quando o cortejo chegou ao cemiterio. A' porta aguardavam-o os srs. presidente do ministerio, Leandro Navarro, Xavier Lobato, dr. Santos Lucas, Feio Terenas, etc., etc.

A urna foi retirada do carro e conduzida pelos marinheiros.

Os discursos

O chefe do governo diz que tem procurado elevar-se acima de todos os odios e paixões

No cemiterio, o cortejo pára na rua central, ficando o feretro defronte da porta da capella. Ao lado direito está erguido um pulpito, revestido de pannos negros. E' d'ali que vão ser proferidos os discursos. O primeiro a falar é o chefe do governo, sr. dr. José de Castro, que diz o seguinte:

«Venho falar aqui como presidente do ministerio, e por isso sob as responsabilidades que a situação me impõe. Serei breve e preciso no meu dizer como convem n'este logar e na presente conjunctura. Cidadãos, entendi sempre e entendo hoje que um governo republicano em Portugal não pode, em vista da principal caracteristica da nossa raça—a bondade—deixar de ser energico na defeza da ordem, do direito, da verdade e da justiça. Esse governo deve com o seu procedimento austéro nobre, amoravel e legalista envolver n'uma atmosphera de luz e de amor toda a nação, para crear no interior a confiança nos espiritos, e no exterior o respeito dos estranhos. Seguindo n'esta ordem de ideias, uma das primeiras preoccupações dos governos a que tenho tido a honra de presidir, tem sido elevar-se acima de todas as paixões partidarias, de todos os odios, de todas as malquerenças que envenenam a administração do Estado e prejudicam o engrandecimento da Patria e da Republica. Com egual respeito o governo sob a minha presidencia se fez representar nas exequias de Ramalho Ortigão, legitima gloria das lettras patrias, e de José de Sampaio, o grande republicano, o grande sabio, o grande portuguez nosso irmão na crença. Agora cabe-me a vez de prestar a derradeira homenagem a França Borges, o jornalista intemerato, o republicano ardente. Sou apenas um velho republicano e não um partidario democratico como foi França Borges. Não pertenço a esse grande partido politico, mas devo-lhe reconhecimentos e dedico-lhe carinho egual ao que consagro aos que enfileiram em defeza da Republica. França Borges, foi na propaganda o facho de luz que incendiava as almas, fazendo a labareda da revolução; e depois de proclamada a Republica foi a defeza intransigente dos seus principios, a sentinella vigilante contra os inimigos da Republica. Foi uma grande figura dentro do seu partido, um luctador inconfundivel no jornalismo republicano, um grande portuguez a dentro da nossa querida Patria. Curvo-me respeitoso em frente do seu cadaver e prestando á sua querida memoria e ao partido que elle tanto soube honrar, termino dizendo: Cidadãos, unâmo-nos n'um grande espirito de conciliação e defendamos a Republica, cuja bandeira França Borges soube levantar tão alto que poucos o poderão egualar. Descança em paz ó grande luctador e nosso irmão na fé, da redempção da Patria pela Republica.

Em nome do governo, fala o sr. ministro do fomento

E' o sr. ministro do fomento que se segue no uso da palavra, para falar em nome do governo. Foi escolhido para isso por ser o mais novo dos ministros. Para se despedir do amigo e do portuguez que se immobilisou no silencio da morte nem eram necessarias palavras, tão grande é a homenagem que a cidade de Lisboa está prestando á memoria d'aquelle que todos pranteiam. E é bem merecida essa homenagem, porque ninguem amou Lisboa como França Borges a amou. Elle foi sempre dos paladinos mais vigorosos e intemeratos, d'aquelles que, na lucta sem treguas, estiveram sempre nas primeiras filas, promptos para travar os primeiros combates. Foi um aggressivo e um combativo, um dedicado, d'alma e coração ao seu ideal, ao ideal que sempre defendeu até á hora da morte. Não conheceu jámais o desfallecimento. E por isso mesmo, por não ter nunca abandonado a sua posição de batalhador audaz, fazendo-se respeitar e fazendo-se temer, França Borges soffreu os mais violentos ataques e teve de fazer frente aos mais ameaçadores e vivos recontros. Só uma coisa o consolava—a ideia da victoria, a certeza de que venceria. Era um soldado que valia um general e um general que valia por um exercito. A hora do triumpho soou. A Republica, mercê do seu esforço e dos esforços dos que o acompanhavam, implantou-se. N'essa hora de exito definitivo, o general aguerrido recolheu a espada e foi recolher-se na humildade do seu posto, contente, satisfeito, com a tranquillidade que dá sempre a conquista d'alguma coisa que muito se deseja e apetece. O seu caracter era impoluto, honrado e honesto. França Borges, entrincheirado na sua bella ideia de apostolo, soube resistir a tudo—a todos os embates traiçoeiros, a todos os golpes dos seus inimigos, sem nunca recuar, sem tergiversar, avançando sempre. Era a vontade em pessoa, a ternura personificada, parecendo que a essa mesma ternura ia elle sempre buscar força e energia para se lançar na lucta, cada vez com mais fé, com mais energia e com mais ardor. Toda a sua vida foi um combate sem treguas e sem desfallecimentos. Todos o sabiam grande, mas só agora, que a morte o levou, se vê bem que enorme espaço vazio o seu desapparecimento deixa nas fileiras republicanas. Ha momentos, sobre as flôres que a viuva depoz no athaude do illustre morto, poisou uma borboleta branca, que abalou, em seguida, para a vida. Pois que os republicanos emittem tambem a borboleta inquieta. Passada a hora da tristeza que todos abalem tambem a caminho d'essa vida intensa, que é indispensavel para se manter a Republica prospera, forte e feliz.

O sr. Affonso Costa prega a «União Sagrada»

O sr. Affonso Costa sobe em seguida á tribuna. No auditorio faz-se um grande momento de silencio. Contou demais comsigo, começa por dizer o chefe democratico, supondo que em nome do partido republicano portuguez podia dizer ali o ultimo adeus a França Borges. A sua dôr é, porém, excessiva para isso, porque antes de tudo e acima de tudo era amigo d'aquelle que todos pranteiam. A sua morte trouxe-lhe uma grande dôr, tão grande como se tivesse perdido uma pessoa de familia. Nem sequer teve a fortuna de lhe assistir aos ultimos momentos, de o encontrar vivo quando, ao sabel-o agonisante, correu para junto do seu leito, para lhe dizer que todos os seus grandes affectos—a Republica, que tanto lhe devia, a esposa e os filhos—teriam sempre quem os amparasse e defendesse. Dir-lhe-hia isso se elle o pudesse ouvir, em nome de todos os verdadeiros republicanos, que são todos os verdadeiros portuguezes. Dentre todos os que combateram pela Republica e batalharam contra a monarchia, França Borges foi o maior de todos. Matou-se a trabalhar, dando á Republica, depois da mocidade e dos seus parcos haveres, a sua propria vida. Foi a Republica e foi a Patria que lhe levaram tudo. Sobreveiu-lhe a doença. Nunca ninguem lhe ouviu queixumes. E' que acima de tudo, elle punha a sua causa e o seu jornal. Era ali que elle se revelava em toda a sua grandeza. Pois bem: crê que os republicanos portuguezes sustentarão esse mesmo jornal, um jornal como aquelle que França Borges fundou, com o mesmo caracter honesto nobre e leal, que tem póde ser considerado como modelo a seguir. Manter o «Mundo», tornal-o cada vez mais forte e mais prospero, é a melhor homenagem que se pode prestar ao seu fundador. E' mesmo a unica homenagem digna d'elle.

Todos os que viam França Borges doente, morrendo a pouco e pouco, desde os seus amigos mais velhos aos mais novos, sentiam, por isso, uma grande magua, tanta era a ternura que d'elle se desprendia. Até a enfermeira que durante tão poucos dias o tratou na Suissa, ao falar-lhe dos ultimos momentos do grande jornalista não podia fazel-o sem derramar abundantes lagrimas. França Borges suggestionava e tinha, como poucos, o condão de crear amigos. Proclamada a Republica, ninguem soube manifestar mais isenção do que elle. Não quiz nunca as homenagens dos seus contemporaneos. Entretanto, se elle pudesse ver o que se está passando á roda do seu athaude, ficaria, decerto, satisfeito. E' que ninguem foi mais prantiado do que elle o está sendo. Depois, o morto estremecido reconheceria que lhe prestavam, emfim, justiça, e a justiça era uma das suas grandes paixões. A Republica absorveu-o sempre, e ao vel-a proclamada, ninguem se apressava a contrariar mais rudemente os golpes que lhe atiravam. O povo assim o reconheceu; e por esse motivo, ali está a consagral-o, a despedir-se d'elle. Contra França Borges e contra si proprio, que era o seu maior amigo, não houve calumnia que não se erguesse. Para quê, afinal, se aquelles contra quem essa calumnia se dirigia estavam defendidos contra ella pela sua honra pessoal e pelo seu caracter acima de toda a suspeita. Não houve inimigo que não quizesse anniquilal-o, atacando-o ferozmente. Elle, porém, deixava passar todos os ataques, sem tergiversar. Com França Borges, foi tambem enxovalhado, calumniado; de si, nada dirá. Mas de França Borges, nem sombra das calumnias ficaram: O que ficou foi a grandeza da sua virtude e da sua fé republicana. Não fala em seu nome porque não pode. Mas fala em nome do partido republicano portuguez, d'Alvaro de Castro e de Theophilo. Ninguem, como França Borges, tinha mais direito a ser respeitado e imitado, como exemplo, porque foi elle quem deu alma ás ideias republicanas, fazendo do «Mundo» o seu grande ariete de combate. Com elle conquistou-se a camara de Lisboa, ainda na monarchia, e venceram-se as questões Hinton e do Credito Predial. Mais —fundou-se e proclamou-se a Republica, que logo á nascença, contou duas victimas—Candido dos Reis e Miguel Bombarda, que repoisam ali bem perto. Paz, tel-a-ha França Borges, que fica bem entre todos os grandes nomes da Republica. Mas é preciso que elle tenha alegria, e isso só se conseguirá se todos os republicanos, longe de contendas partidarias, defenderem a Republica. Quer unir todos os republicanos e crear uma consciencia politica nacional. Para isso, só ha este caminho—continuar o «Mundo», tal como elle era, porque lá fez-se sempre politica nobre e honradamente nacional e republicana. Trabalhar pela Patria e pela Republica é a unica maneira de dignificar os mortos. Só tem uma phrase para proferir. Para que aquella morte possa ser consagrada com o devido merito, é preciso tirar do desapparecimento de França Borges uma razão de vida para a Republica e para a Patria.

Outros oradores

O sr. Magalhães Lima e o sr. Marques da Costa

Segue-se o sr. dr. Magalhães Lima. Morreu-lhe um antigo irmão d'armas. Não ha nada que mais commova aquelles que, como elle, estão prestes a attingir o fim da vida. E' como se se ficasse orphão. Mas as palavras do morto soam-lhe ainda aos ouvidos, como um toque de clarim chamando á vida. França Borges, não se atemorisou nunca. «P'ra deante» era a sua divisa. E deve ser tambem a de todos os que ao lado de França Borges combateram. Para honrar aquelles que batalharam sempre a seu lado, não teve jámais uma hesitação. Lidou de perto com o morto. Sabe, portanto, quanto o seu caracter era integro e forte. Era um grande maçon, que sabia o que queria e que caminhava sempre em linha recta. N'esta epocha de tanta cobardia, elle manteve sempre firme a sua fé. Foi um crente na Republica. Por ella soffreu a prisão, o exilio e sacrificios de toda a ordem. Só com desinteresse se pode defender uma causa. E o desinteresse de França Borges foi inultrapassavel. Em nome da união sagrada de todos os republicanos, sauda religiosamente a memoria de França Borges. «Portuguezes que passaes, termina o orador, dizei aos vindouros que morreu pela Republica sem outra recompensa que não fosse a da satisfação do dever cumprido. E' este o epitaphio que deve gravar-se na sepultura do grande morto.

O sr. Levy Marques da Costa diz: Representa a cidade de Lisboa, a qual veiu prestar a França Borges a mais commovida das homenagens. Traça rapidamente o perfil do extincto e declara que as palavras de união ali proferidas são um compromisso sagrado, ao qual ninguem deixará de satisfazer. E' preciso prestar tambem homenagem aos vivos; como em todos os partidos ha homens sacrificados, urge que os outros os defendam quando os virem calumniados.

O sr. Rodrigo Rodrigues despede-se de França Borges em nome das commissões democraticas de Lisboa; traça o perfil de luctador e de perseguido do extincto e diz que de tudo quanto soffreu, só lhe vieram alentos para redobrar a intensidade dos seus ataques contra o regimen monarchico. O sr. Costa Pinto diz que França Borges era a alma do Gremio «O Futuro», em nome do qual fala; o sr. Vieira da Rocha dizse discipulo de França Borges e affirma que no parlamento, se fôr eleito, será um intemerato continuador da obra do extincto. O sr. Augusto José Vieira aprecia França Borges como anti-clerical, affirmando que não houve quem com mais vigor atacasse sempre todas as egrejas e toda a reacção religiosa. A sr.ª D. Maria Velleda, pela associação feminina de propaganda democratica fala de França Borges como homem e como philosopho, e o sr. Amandio Oscar da Conceição usa da palavra em nome do Centro Leotte do Rego. Por ultimo usam ainda da palavra os srs. Luiz Soares, pela commissão municipal republicana de Lisboa, Carlos Ferraz, pelos revolucionarios civis, dr. Adriano Gomes Pimenta, pelos republicanos do Porto, e Luiz Derouet, pelo pessoal do «Mundo». O sr. dr. Alexandre Braga, que é, já noite, quem fecha a série dos discursos, exalta as qualidades de batalhador de França Borges e põe em relevo as perseguições de que elle foi victima.

Em seguida o cadaver é encerrado no jazigo destinado a recebel-o, realisando-se essa derradeira ceremonia quasi ás 18 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

Francisco Ferreira Pichorro, de 43 annos, proprietario, de Valparaiso, Azambuja, quando andava á caça, disparou-se-lhe por inadvertencia a arma, ficando ferido n'um pé. Veiu para o hospital de S. José.

—Alguns pedreiros que andam a proceder a reparações n'um predio da calçada S. João Nepomuceno, encontraram hoje n'uma parede uma granada ainda por explodir, parecendo que foi uma das muitas disparadas pelo 14 de maio. Retirada com todas as precauções seguiu para o governo civil e d'ahi para a fabrica de material de guerra.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

MOVIMENTO MARITIMO

LOURENÇO MARQUES, 17.—Chegou do Cabo o paquete «Malange», da Empreza Nacional.

PRAIA, 18.—Chegou do sul o paquete «Cabo Verde», da Empreza Nacional de Navegação.

S. THOMÉ, 18.—Chegou do norte o paquete «Loanda», da Empreza Nacional de Navegação.

LUTUOSA

Falleceu o sr. José Lourenço da Silva, cujo funeral se realisa amanhã, ás 15 horas, da rua Antonio Pedro, J. M. R., 1.º, para o cemiterio oriental.

Tambem falleceu o sr. Florindo Cezar de Jesus, sahindo o seu funeral amanhã, pelas 11 horas, do hospital de S. Martha, para o cemiterio do Alto de S. João.

"Quadros da Historia de Portugal,,

por Chagas Franco e João Soares, com illustrações de Roque Gameiro e Alberto de Sousa

Vae ser brevemente lançada no mercado uma obra verdadeiramente notavel:—é a vulgarisação pela gravura das scenas mais importantes da nossa historia. Destina-se principalmente ao ensino nas escolas, para que as creanças melhor possam sentir e apprehender os episodios das nossas glorias antigas, perfeitamente integrados na sua epocha.

Pertence essa admiravel innovação ao nosso meio aos srs. Chagas Franco e João Soares, sendo os quadros executados pelos dois grandes artistas que se chamam Roque Gameiro e Alberto de Sousa. O Conselho de Instrucção Publica, apreciando tão patriotica iniciativa, escreveu as seguintes palavras:

«Não hesita em affirmar que pela discreta escolha dos assumptos, pela verosimilhança com que estes foram tratados, pela correcção do desenho, pela sobriedade e harmonia do colorido, constituem os referidos quadros não só um esplendido auxiliar para o ensino e para o estudo da historia patria como tambem um valioso elemento decorativo das aulas e um factor de não menor importancia para a educação do espirito de observação e do senso esthetico dos alumnos».

Os srs. Chagas Franco e João Soares estabeleceram o plano geral da sua obra dividindo a nossa historia n'estes oito ciclos:

1.º ciclo—Prehistoria em Portugal—Iberos, Celtas e Lusitanos, etc.—Os cruzados—Conquista de Lisboa—Assalto de Santarem—Luctas internas—A Rainha Santa—Funeraes da Rainha Santa—Batalha do Salado—D. Ignez de Castro implorando a clemencia de D. Affonso IV—Assassinato de Ignez de Castro—D. Pedro e o clero—Freiras—Mercados—Moedas—Sêlos—Bandeiras, etc.

2.º ciclo—O alfaiate Fernão Vasques—Morte do Conde Andeiro—Batalha de Aljubarrota—Côrtes em Coimbra—Conquista de Ceuta—O Infante D. Henrique em Sagres—O decepado—Um frade—Um bobo—Mosteiro da Batalha—Um torneio medieval—Armas—Moedas—Sêlos—Bandeiras, etc.

3.º ciclo—Construcção de caravelas—1.º Padrão Portuguez na foz do Zaire—Partida de Vasco da Gama para a India—Gil Vicente recita o «Auto Pastoril»—Affonso de Albuquerque em Ormuz—Expulsão dos judeus—Ourivesaria—Monumentos—Costumes—Selos—Moedas—Bandeiras, etc.

4.º ciclo—Um auto de fé—Um condemnado—Sambenitos e carochas—Armadura de D. Sebastião—Batalha de Alcacer-Kibir—O 1.º de dezembro de 1640—Filippa de Vilhena arma seus filhos cavalleiros—Tumultos populares em Evora—Proclamação da Independencia—Moedas—Selos—Faiança—Bandeiras, etc.

5.º ciclo—Mathias de Albuquerque em Montijo—Construcção do convento de Mafra—Batalha de Montes Claros—D. João V no côro da Sé—Aqueduto das Aguas Livres—Nobres da Côrte—Ourivesaria—Mobiliario e cadeirinhas—Revolta das Freiras em Odivelas—Luxo da Côrte de D. João V—Selos—Moedas—Bandeiras, etc.

6.º ciclo—O terramoto—O marquez de Pombal examina o plano da reconstrucção de Lisboa—Attentado contra D. José I—Expulsão dos jesuitas—Interrogatorio do Marquez—Faianças—Ceramica—Moedas—Bandeiras—Selos—Armas, etc.

7.º ciclo—Os francezes na 1.ª invasão—Fuga do regente—Guerrilhas de 1810—Batalha do Bussaco—Supplicio de Gomes Freire—Revolução de 1820—Côrtes de 1820—O terror miguelista—O desembarque no Mindello—Entrada dos liberaes em Lisboa—Maria da Fonte—Armas—Moedas—Bandeiras—Selos—Trajes, etc.

8.º ciclo—Inauguração do primeiro Caminho de Ferro—Centenario de Camões—Ultimatum—Revolta de 31 de janeiro—Aspectos coloniaes—Um posto militar nas Colonias—Proclamação da Republica—Incorporação dos recrutas—Selos—Armas—Moedas—Bandeiras, etc.

Todas as illustrações serão feitas segundo um rigoroso estudo da indumentaria e dos costumes da epocha. Algumas reproducções que conhecemos, são d'um alto valor artistico, bem digno dos nomes de Roque Gameiro e Alberto de Sousa. Na fidelidade historica das narrativas e do seu brilho litterario são garantia bastante as qualidades dos srs. Chagas Franco e João Soares, professores distinctos, que no ensino teem affirmado a sua alta competencia.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A mutualidade na construcção civil

Para eleição de corpos gerentes, reune amanhã, ás 20 horas, a assembleia geral, na séde, largo do Carmo, 18, 1.º

Ultimas noticias

A grande guerra

Lucta muito viva na Alsacia

PARIS, 19.—Communicação official de hoje.—Na Alsacia houve, no planalto de Uffholz e no do Hartmannswillerkopf, lucta muito viva não só de artilharia como tambem de engenhos de trincheira, acompanhada de arremessos de granadas. No resto da linha a noite decorreu sem incidente.

Oito aviões dos inimigos tentaram hontem voar por cima de Lunéville mas foi-lhes dada caça, tendo cinco d'elles que dar meia volta. Os outros lançaram na cidade algumas bombas que feriram trez pessoas, sendo pouco importantes os estragos materiaes que causaram.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

O conselho de ministros reuniu, pelas 18 horas e meia, no ministerio da marinha.

—O capitão-tenente sr. Antonio Alves Pereira de Mattos, um dos officiaes indigitados pela commissão de marinha para ser separado do serviço foi hoje presente á junta de saude naval, que o julgou incapaz de todo o serviço.

—O general sr. Judice da Costa, que na proxima Ordem do exercito é substituido no commando da 1.ª divisão pelo sr. general Pereira d'Eça, vae ser collocado no Conselho superior de promoções.

—Por ter sido nomeado vogal da Commissão Central da Lei de Separação apresentou-se hoje no ministerio da justiça, o juiz sr. dr. Antonio Silveira Montenegro.

SPORT

Methodo Ling ou systema Hebert?

Uma carta do capitão Oliveira Tavares

E' preciso inspirar confiança aos alumnos e ás familias sobre a gymnastica lyceal

Os assumptos technicos de educação e cultura physica merecem a attenção dos que se preoccupam com estes problemas vitaes, principalmente dos mestres que andam na cruzada e na propaganda da necessidade de vulgarisação dos exercicios physicos entre homens portuguezes, principalmente entre gente moça. Consequentemente, não nos causou surpreza a carta que a seguir publicamos e que nos dirigiu um mestre de gymnastica, o sr. capitão Oliveira Tavares, que é, sem contestação, um dos mais illustrados dos nossos professores.

Presado amigo dr. José Pontes

Ultimamente tem-se falado com certa frequencia do «Methodo Natural de Educação Physica» do tenente Hebert, e como a quando do Congresso de Paris, pretende-se estabelecer o confronto d'esse methodo com o de «gymnastica sueca». Discordo um pouco de varias das considerações que tenho lido e estou mesmo convencido de que ha uma ligeira confusão que necessariamente desapparecerá logo que sejam detidamente estudadas as obras do proprio Hebert (unica via por que nós podemos conhecer os seus processos) e analysado como deve ser, não sómente o methodo de gymnastica de Ling, mas o methodo completo de Educação Physica na Suecia, que tão bem tratado se encontra nas obras de Lefebure.

O facto porém de eu discordar não seria motivo sufficiente para importunar quem quer que fosse, se não descobrisse n'aquellas considerações um perigo que reputo grave.

Como se sabe o methodo de «gymnastica sueca» está officialmente adoptado nos estabelecimentos de instrucção secundaria; para que o trabalho dos professores da especialidade não seja completamente prejudicado, é indispensavel que da parte dos alumnos e ainda das familias haja uma confiança absoluta na excellencia do methodo seguido; ora essa confiança será naturalmente muito abalada, as diligencias do professor embotar-se-hão de encontro á resistencia passiva, que naturalmente oppomos logo que nos obrigam a fazer algo que reputamos se não prejudicial, pelo menos inutil, desde que sem qualquer forma de contestação se veja classificado como «erro» a adopção do methodo de gymnastica hoje official nos lyceus.

Era por isto um bom serviço pôr as cousas no seu verdadeiro logar. Afigura-se-me que não será difficil e nas mãos de v. deixo esse encargo, certo de que não poderia entregal-o melhor e de que a breve trecho se reconhecerá que ainda não é d'esta vez que a «gymnastica de Ling» deixa de merecer a consideração que tem por parte d'um enorme numero de professores, entre os quaes, dos mais invaliosos, se conta o que é seu.—*A. Fernando Oliveira Tavares.*

E' justo o pedido do professor Tavares.

E' preciso que aquelle que pratica uma gymnastica metodisada tenha confiança n'ella e principalmente no professor que a ensina.

Se a maioria do professorado lyceal escolheu o «methodo Ling» para os seus cursos, os alumnos devem seguil-o e as familias pódem ficar convencidas de que essa gymnastica ha de produzir beneficos resultados para a saude e para o desenvolvimento corporeo d'aquelle que a pratica.

O «methodo Ling» é uma gymnastica magnifica, com bases scientificas e possue provas evidentes da sua efficacia. Mas se assim não fosse e o methodo não possuisse tantas qualidades de valia, ainda podia dar excellentes resultados se a pessoa que o ensinasse fosse competente, intelligente e dedicada.

Os methodos são muitos, mas os professores são tudo. Ha pedagogos que dizem que «o methodo está no professor». E, n'estes assumptos, sobre a educação physica, a maioria dos pedagogos e physiologistas, desde o dr. Helme a Hoenig, desde Richet a Hœckel, desde Claude Bernard ao dr. Weiss da Faculdade de Paris, todos são d'este parecer.

Mas esta lucta entre o «systema Hebert» e o «methodo Ling» não é portugueza. E' mundial. O systema tem partidarios; o methodo tem apostolos. Evidentemente que um e outro tem dado excellentes resultados, razão sufficiente para dizermos que tudo depende de quem os ensina.

Do «systema Hebert» diz-se que vão fazer-se experiencias em Lisboa. Do «methodo Ling» conhecemos coisas maravilhosas, quando ensinado por mestres intelligentes, que na falta d'um programma de adaptação d'esse processo sueco á gente lusitana, suprime essa deficiencia por deducções suas, adaptando-o intelligentemente. Como consequencia todo o nosso empenho é que alumnos e familias tenham confiança na gymnastica lyceal, onde ha instructores competentes e estudiosos.

Isto dizemos enquanto ao ensino em Lisboa, porque relativamente ao «systema» e ao «methodo» muito de interessante ha a contar. Sem metter em linha de conta os exaggeros de Tissié por um lado e os de Vienne por outro, o que é verdade é que o imminente sabio Labbé, se fez «hebertista» e que Victor Marguerite, nome que illustra as ideias e as lettras é um «fanatico» de Ling.

E havemos de dizer o que dizem uns e affirmam outros...

Nota do dia

Uma generosa offerta á «Capital»

O sr. Ermelindo Santos, professor diplomado de gymnastica, exerce o seu labor, que é intelligente e persistente, n'um gymnasio na rua das Pedras Negras, 30, 2.º andar. Foi gymnasta antigo no magnifico collegio de seu pae, o «Nacional». Praticou, trabalhou, estudou e fez-se um professor consciencioso. Agora tomou um proposito louvavel e sympathico. Estabeleceu um curso gratuito para creanças pobres, curso que funcciona ás segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 ás 21 horas. Para esse curso, o sr. Ermelindo Santos teve a amabilidade de se offerecer para leccionar 4 creanças protegidas pelo nosso jornal.

Noticias

Entre nós

Escoteiros de Portugal do grupo n.º 24

Este grupo previne todos os escoteiros para comparecerem amanhã, sabbado, pelas 21 horas, na sede, a fim de serem inspeccionados pelo sr. dr. Raul Camacho, que por obsequio presta este relevante serviço. Na séde, rua do Mundo, 81, 3.º, continua aberta a inscripção para socios tanto auxiliares como escoteiros, sendo a quota mensal de 10 centavos.

Nos Recreios Desportivos da Amadora

Tem havido extraordinaria animação na carreira de tiro reduzido que foi estabelecida nos Recreios Desportivos da Amadora. Todas as noites ali se effectuam curiosos desafios, gastando se centenas de balas. No proximo domingo ha sessões de tarde e á noite, conjunctamente com as de patinagem.

—Na proxima segunda-feira começa a funccionar a classe de gymnastica para adultos, no gymnasio dos Recreios.

A gréve dos lyceus

Uma commissão de estudantes dos lyceus veiu pedir-nos que declaremos que não concorda com a resolução tomada pela commissão central de grevistas de se voltar amanhã ás aulas.

Entendem os reclamantes que só depois do sr. ministro da instrucção attender as reclamações das alumnas do lyceu Maria Pia, as quaes deram o seu apoio moral e material aos seus collegas dos lyceus, é que estes devem voltar ás aulas.

Não acham justo abandonar quem tão cavalheirosamente se collocou a seu lado, tanto mais tratando-se de uma simples questão de horario, que se resolve em minutos.

Circos & Music-halls

Na Guia, junto ao arco do Marquez de Alegrete, abre amanhã um novo cinema, denominado Salão Lisboa, que apresenta para estreia uma fita policial, «A princesa negra», em 3 partes.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 1/2	33 3/8
Londres, 90 d/v.	34	—
Paris, cheque	$77,6	$78
Allemanha, cheque	$30,5	$31,5
Hollanda, cheque	$63,8	$64,4
Madrid, cheque	1$42,5	1$43,5
New York	1$52,5	1$54
Rio s/Londres	12 1/4	
Libras	7$30	7$40
Agio do ouro	61 °/o	66 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	38,50 j/r
» » 500$	39,75	38,55 »
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 23$70; 4 1/2 88$81, assent. e coup., 57$; 4 1/2 1905, assent., 85$; 5 0/0 1909, coup., 80$50.

Externas: 1.ª serie, 77$10.

Acções: Banco de Portugal, 181$50; Moagem (nova), 57$70; Phosphoros, coup., 54$90; Tabacos, coup., 74$.

Obrigações: Aguas, coup., 83$; Prediaes 4 1/2, 79$; Ultramarino, coup., ouro, 94$; Ambacas, 94$70; Norte e Leste, 1.º grau, 78$10; Moagem (nova), 97$; Assucar, 41$.

Florindo Cesar de Jesus

Falleceu

Pilar Gonçalves de Jesus e filhos participam aos seus parentes e pessoas das suas relações que o seu querido marido e pae Florindo Cesar de Jesus falleceu hontem, 18, sendo o seu enterro amanhã, 20, ás 11 horas, sahindo o prestito funebre do hospital de Santa Martha para o cemiterio do Alto de S. João. Não se fazem convites especiaes.

As grandes emprezas industriaes

Nove milhões de metros por anno

E' o que produz a importante fabrica de fiação e tecidos de algodão do Rio Vizella, onde trabalham cêrca de trez mil operarios

Das breves e pallidas notas que publicámos hontem sobre a multiplicidade das operações que soffre o algodão, desde que entra na fabrica até que sae d'ella em admiraveis tecidos, não póde certamente o leitor concluir com perfeita exactidão a sua importancia, porque se torna necessario ver com os proprios olhos para formar um juizo seguro a respeito d'essa complexa e maravilhosa série de transformações.

Os productos da fabrica do rio Vizella attingiram um grau de perfeição que pode ser egualado mas que decerto não será excedido. A mania, que ainda entre nós prevalece, de considerar bom simplesmente o que é estrangeiro, embora já se consiga realisar o optimo em Portugal ,obriga o commerciante a impôr á fabrica que não cole os seus rotulos nos panos que saem das grandes officinas de Negrellos e que passam como vindos de fóra!

O lastimavel desconhecimento que uma grande parte do publico tem da seriedade e do valor da industria nacional é a causa unica d'esta attitude do commercio que não podemos censurar, visto ser-lhe imposta pelos seus proprios clientes. Mas o verdadeiro patriotismo exige que procedamos por outra fórma. Torna-se mister desenvolver o amor pela nossa industria, fazer constar que em Portugal se trabalha e que esse trabalho é excellente, primoroso, não temendo confrontos, não receando rivalidades...

Estamos absolutamente convencidos de que, se os consumidores percorressem, como nós percorremos durante quatro agradabilissimas horas, que passaram com a velocidade de instantes, o grandioso estabelecimento fabril do rio Vizella, se vissem em plena laboração os seus multiplos e esplendidos machinismos, não se surprehenderiam ao entrarem nos armazens onde os seus productos se accumulam emquanto não irradiam para todo o Portugal, colonias e estrangeiro.

Esses armazens de deposito e expedição, egualando pelo que se refere a cuidados d installação e de hygiene, as vastas e soberbas officinas, mostram-nos o que são, na sua variedade e no seu acabamento, os tecidos, hoje acreditadissimos, do rio Vizella.

Salientam-se entre elles os algodões lavrados, muito originaes e finos; os resistentes pannos crus, os panninhos d'uma impeccavel alvura, armures e zephires delicados e vaporosos, cotins fortes, quentes flanellas, n'uma palavra, tudo o que em tecelagem de algodão é possivel obter de mais aperfeiçoado e moderno.

O continente, as colonias africanas e até o Brazil—cujo mercado é menos accessivel do que póde suppôr-se, dada a concorrencia da Inglaterra e da França—apreciam os productos da fabrica do Rio Vizella, comquanto por vezes ignorem a sua procedencia. E a prova de semelhante apreço, que constitue um indiscutivel exito, está no facto da producção se calcular annualmente em nove milhões de metros, numeros redondos!

A fabrica do rio Vizella tem contractos com a França, que importa presentemente os seus tecidos. Convem notar que esses contractos foram feitos sem intermediarios entre o governo francez e a empreza, o que em conjuncturas semelhantes é caso unico.

Foi a Paris, propositadamente, negociar com os representantes do governo francez o sr. Luiz Marques de Sousa, chefe da secção de vendas.

Falámos dos desenhos dos tecidos. Devemos dizer que pertencem ao notavel director technico e seus dedicados cooperadores.

O algodão com lavrados de seda, e que gentilissimas senhoras usam em vestidos, que são d'uma elegancia e d'um bom gosto refinados, constitue uma invenção da fabrica do rio Vizella. Foi um successo o seu apparecimento e ainda ha quem imagine que esse lindo algodão vem do estrangeiro!

Seria imperdoavel esquecimento não alludir a outra producção de Negrellos e que bastava para fazer a reputação d'uma fabrica: as suas colchas, os seus cobertores.

As colchas, de largas e assetinadas ramagens, serviriam para reposteiros. Os cobertores representam o cuidadoso aproveitamento dos desperdicios de algodão, observando-se assim uma das modernas leis da economia industrial: tudo aproveitar. E em Vizella acata-se, cumpre-se rigorosamente essa lei. Os desperdicios que se não aproveitam para algodão hydrophilo servem para o fabrico de cobertores.

Para essa fiação e tecelagem são muito simples os processos. Duas machinas bastam ao fabrico d'um cobertor. E ha-os que são um prodigio de barateza, pois que se vendem por 30 centavos, como se dissessemos tres tostões! E' o conforto e a alegria do pobre nos tormentosos dias de inverno que flagellam principalmente o norte...

Não se fabricam, porém, apenas cobertores modestos. Ha-os tambem de luxo, em todas as côres, para todos os gostos, com adoraveis phantasias, trabalhados segundo o systema Jacquard. As perchas dão-lhes um avelludado tão macio e ao mesmo tempo tão brilhante que se diria estarmos em frente dos appetecidos e justamente afamados cobertores de lã franceza, como é costume chamar-lhes...

* * *

Os depositos de materias-primas formam uma secção digna de visitar-se. N'elles se admira a cautelosa previsão dos directores d'este modelar estabelecimento fabril. Entre essas materias-primas surprehendem as enormes quantidades de anilina e de productos chimicos que a guerra tornou inaccessiveis aos desprevenidos. Taes productos custam agora o triplo. A previdencia da fabrica do rio Vizella explica o facto de estar vendendo ainda por preços extraordinariamente baratos e quasi sem differença, em relação aos que vigoravam antes de estalar o conflicto europeu.

A fabrica do rio Vizella foi fundada ha setenta annos; mas só ha vinte possue tecelagem que começou com cem teares para panno cru...

Hoje, o formigueiro de operarios que enche aquellas officinas—homens, mulheres ecreanças—dão-lhe o aspecto d'uma pequena povoação. Em media, calcula-se que sejam trez mil—um exercito que o distincto director technico faz mover á sua voz de commando, sem que nunca a erguesse mais alto, sem que nunca usasse da sombra d'uma violencia.

Os salarios são remuneradores e ha numerosissimas familias que trabalham na fabrica, encontrando-se ali, paes, filhos e netos.

O interesse que a empreza do rio Vizella consagra aos operarios traduz-se nos soccorros que distribue na doença e na inhabilidade e ainda na cooperativa de generos de primeira necessidade com capitaes da fabrica. Tambem não faltam medico e pharmacia.

Os operarios trabalham dez horas, mas aos sabbados saem ás 15. Um dos serviços mais completos da fabrica é o de incendios, abundando as mangueiras e os extinctores automaticos.

Os operarios moram em casas que são propriedade do sr. conde de Vizella—o arrojado e benemerito industrial—e que lh'as aluga mediante rendas muito baixas.

* * *

As encommendas multiplicam-se e quasi não ha possibilidade de satisfazel-as todas. Para o exercito acaba a fabrica de manufacturar tres mil metros de cotim.

E, do mesmo passo, os melhoramentos nas installações fabris não cessam. O algodão e outras materias serão conduzidos para a fabrica em vagons especiaes e não armazenados na estação onde actualmenet possue installações para esse fim.

A empreza industrial do rio Vizella deve encher de orgulho os que a elevaram a tamanho grau de prosperidade e entre elles merece especial homenagem o sr. conde de Vizella, que é um perfeito gentleman e um acabado modelo de homens de bem. Ao sahírmos de Negrellos, tinhamos a convicção de que na industria portugueza o sr. conde de Vizella, por direito de conquista, occupa hoje um dos primeiros logares, tanta intelligencia e tão fructuoso trabalho revela a sua fabrica de fiação e tecidos cuja visita nos proporcionou alguns dos mais gratos momentos da nossa carreira jornalistica...

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A Belgica heroica»

Edição da casa Ventura Abrantes, sahiu este livro em que Pedro Muralha exalça as virtudes e abnegações de que o povo belga tem dado sobejas provas durante a guerra actual. Compilação de alguns dos mais importantes factos occorridos durante a invasão allemã, das crueldades commettidas contra o heroico povo que tão nobremente lucta pela sua independencia, uma vista retropectiva á historia do pequeno paiz, mas grande povo, tudo é descripto em *A Belgica heroica*, que por tal motivo constitue um repositorio interessante. A edição é cuidada, sendo o preço do volume de $40.

«Os Espectros»

Poucas pessoas não conhecerão, pelo menos de nome, esta peça de Ibsen, o grande dramaturgo, mas muito poucas a tenham podido lêr em portuguez. Remediou esse inconveniente a livraria Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, incluindo essa bella obra na sua «Collecção Horas de Leitura», que acaba de lançar no mercado.

Festas escolares

Distribuição de premios nas escolas de S. Nicolau

Tudo se prepara nas escolas da irmandade de S. Nicolau para que a festa annual que se realisa no dia 1 de dezembro tenha o maior brilhantismo, attendendo tambem á solemnidade do dia ser de festa nacional.

A festa é feita na escola do sexo feminino, com sessão solemne e distribuição de premios a 38 alumnos de ambos os sexos que fizeram exame no corrente anno.

O alumno Edgard Mario Fernandes Lima, em nome dos seus collegas, fará um pequeno discurso saudando a bandeira, havendo em seguida na *marquise* a inauguração dos exercicios de gymnastica sueca e signaes.

A meza administrativa vae fazer convites, para assistirem á festa, o chefe do Estado, ministerio, governador civil, camara municipal e outras entidades.

Assistem as creanças protegidas pela Juncção do Bem, instituição de beneficencia da mesma freguezia, que tambem n'esse dia distribue aos pobres 80 esmolas de 50 centavos, 8 de 1 escudo e 280 senhas para jantares das cosinhas economicas.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo. (Revista).
GIMNASIO — A's 21 — La donna é mobile.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO — A's 20,30 22,30 — Rosa tirana.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.
MODERNO— A's 21— As noviças.
COLISEU DOS RECREIOS — A's 21—Companhia de circo.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—*Olimpia*, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria. Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto».

"O Sonho tragico,,

Novo mimodrama que se estreia ámanhã no Colyseu dos Recreios

O Colyseu está ámanhã em festa rija, havendo enorme anciedade em assistir á primeira representação do novo e emocionante mimodrama de Georges Marck, o temerario domador de leões, com inspiração da musica do maestro Paul Letombe. E' uma tragedia commovente, que deve causar assombro. Intitula-se «O sonho tragico» para que pintou deliciosos scenarios scenarios o distincto scenographo Augusto Pina, sendo o guarda roupa da celebre casa Landorff, de Paris. N'este mimodrama, que está destinado a um grande successo, entram Mr. Georges Marck, a sua troupe de artistas e os seus 3 ferozes leões.

O argumento do «Sonho Tragico» é o seguinte:

«N'uma feira em Paris, um pintor encontra uma domadora. Aquella mulher enfeitiça-o. Para travar relações mais intimas com ella, resolve reproduzil-a na tela. Assim, estará sempre ao seu lado, vêl-a-ha a todos os instantes; o retrato será, para elle, a recordação sempre viva d'aquelle amor que o subjuga.

Para realisar o seu intento visita amiudadas vezes a «ménagerie». Um dia Zeha, a domadora, offerece-lhe, com ternura, uma rosa vermelha, sua flôr predilecta, que nunca a abandona. A paixão domina cada vez mais o artista, que pouco a pouco se desinteressa da mulher e da filha.

Entra uma noite em casa taciturno e triste. Sua mulher repara na rosa que elle traz na «boutonniere», compara-a com a que está reproduzida no retrato da domadora,—e adivinha a tragica verdade. Lavada em lagrimas recolhe com a filha aos seus aposentos. O pintor, ficando só no seu «atelier», estende-se no sofá e adormece.

O artista sonha... A domadora, sempre a domadora! Vae para a estreitar nos braços, mas recua espantado porque é um diabo que elle aperta ao coração. Subitamente, no seu sonho, vê grades enormes, descommunaes, sahir das paredes, fechando-lhe o «atelier», cortando-lhe a retirada. E os leões apparecem por todas as sahidas por onde elle tenta fugir... Aterrado, procura evital-os: n'um esforço supremo grita por aquellas que ha pouco abandonára.

Apparece-lhe a filha. As feras, com o faro da carne fresca, precipitam-se sobre a creança, que fugia para o quarto da sua mãe. Ouvem-se gritos lancinantes... Louco de terror, o artista vê sua mulher e sua filha devoradas pelos leões: quer gritar por soccorro, corre á janella, perde o equilibrio e cahe no vacuo.

Esta queda desperta-o em sobresalto. A mulher e a filha entram n'este momento. Curado por este pesadelo do seu amor pela domadora, volta contricto á sua ternura pela familia. A creança tira da «boutonniere» do pae a rosa que a domadora lhe déra e atira-a pela janella. O pintor, enternecido até ás lagrimas cinge nos braços os dois entes queridos...»

No espectaculo de amanhã tambem reapparecem os celebres gymnastas aereos Levy Jenochio e Carlos d'Abreu.

via. Dirigiu-se com o seu barco para o local do desastre a fim de prestar auxilio, salvando dois tripulantes, um d'elles um official. Estava convencido de que se dera uma explosão no interior do navio.

A unica conclusão a que se chegou foi que a causa da perda do navio fôra uma explosão interna e não externa.

O primeiro dia do Anno Novo foi assignalado pela perda do «Formidable», navio de 15.000 toneladas, torpedeado e afundado no Canal. Construido em 1901, era egual ao «Bulwark», e embora os pre-dreadnoughts estejam hoje postos mais ou menos de parte tinha ainda grande valor combativo e não se póde dizer que a sua perda não fizesse falta á armada. O torpedeamento deu-se entre as 3 e 3 e meia horas da manhã e da sua tripulação de quasi 800 homens apenas 201 foram salvos. Quando foi attingido pelo torpedo fez-se o que era possivel fazer em taes circumstancias e a disciplina que sempre reina a bordo foi mantida por completo. O commandante, o capitão Loxley, esteve na ponte dirigindo as operações de salvamento até ao fim e afundou-se com o navio.

Das quatro embarcações deitadas ao mar, uma, com setenta homens, virou-se, cahindo muitos ao mar; outra, com outros setenta tripulantes. foi recolhida por um cruzador ligeiro; a terceira, com sessenta homens, abordou á praia de Lyme Regis e a tripulação da quarta, com setenta homens, depois de andarem no mar tempestuoso cêrca de onze horas, foram salvos ao largo de Berry Head pelo brigue «Providence» e conduzidos para Brixham.

O procedimento do mestre d'esse brigue, William Pillar, e da sua tripulação, foi um dos mais brilhantes feitos d'essa tragedia. Estavam a umas quinze milhas de Berry Head, correndo deante do temporal para se abrigarem em Brixham, quando os surprehendeu vêrem uma embarcação aberta joguete das ondas. Afirmaram-se e conheceram um «cutter» do «Formidable».

Só um marinheiro póde apreciar as difficuldades que Pillar teve de vencer. Tinha de voltar para traz e tratar de se pôr em contacto com o «cutter», manobrando contra o vento. Conseguiu-o á fôrça de muito trabalho, lançando-lhe um cabo. Um a um os marinheiros do «Formidable» foram passados para o brigue e quando o ultimo deu entrada a bordo, o «cutter» foi abandonado e o «Providence» seguiu para Brixham.

Herr Ballin, da Hamburg Amerika Line

O official que ia no «cutter» exalçou o procedimento da tripulação do «Providence», que descreveu como superior a todo o elogio, e quando o rei collocou a medalha de prata ao peito de Pillar, em Buckingham Palace, dirigiu-lhe os maiores elogios, assim como aos seus homens. E o almirantado deu 250 libras a Pillar, 100 a cada marinheiro e 50 ao moço de bordo.

Houve a principio duvidas sobre se a perda do «Formidable» fôra causada por um submarino ou pela explosão d'uma mina, mas o almirantado chegou á conclusão de que fôra afundado por dois torpedos lançado por um submarino.

Falemos agora da série de «raids» feitos á costa leste da Inglaterra pelos navios allemães. O primeiro, em 3 de novembro, foi dirigido contra Yarmouth. Esse local havia sido in-

nada, mas foi a unica perda. Com o maior sangue frio e dextreza o navio foi manobrado de modo a impedir a passagem pelo canal. Deixou-se cahir as ancoras e abriram-se os compartimentos estanques de modo a que elle se afundasse mesmo no meio do canal e impedisse assim a passagem. Depois, a tripulação metteu-se nos botes e fez explodir tres cargas de algodão-polvora que haviam sido collocadas junto do costado. O navio afundou-se rapidamente.

Nos botes houve algumas perdas quando passaram ao alcance da ilha ,sendo mortos dois marinheiros e outros feridos.

O «Königsberg» estava occulto por entre os ramos de palmeiras, não se vendo nem os seus mastros, nem as suas chaminés. A difficuldade, que do mar se não podia remediar, foi-o por um aeroplano trazido da costa.

Voando sobre a terra, o aeroplano indicou a posição do cruzador allemão, de modo a poder ser bombardeado da costa pelos cruzadores inglezes.

No outro lado da Africa, a 26 de outubro, uma força franceza sob o commando do coronel Mayer, com a cooperação d'uma força ingleza de mar e terra, occupou Edea, uma cidade sobre o rio Sanaga, na Africa Occidental, e uma importante estação do caminho de ferro de Duala.

A 13 de novembro preparativos foram concluidos para grandes operações ao norte e noroeste de Duala. Depois d'um bombardeamento pelo cruzador francez «Bruix» e pelo «yacht» «Ivy», do governo da Nigeria, uma força de marinha ingleza apoderou-se de Victoria, o porto de mar de Buea e séde do governo colonial allemão.

No mesmo dia uma columna que avançava ao longo do caminho de ferro de Bonaberi, vinda de Sesa, repelliu o inimigo ao norte e occupou Mujaka, uma estação a cerca de oitenta kilometros de Bonaberi. Entretanto, grandes forças alliadas de mar e terra, avançando de differentes pontos, seguiam a occupar Buea, occupação que se effectuou a 15 de novembro, sendo o inimigo espalhado em todas as direcções.

Um missionario allemão tentou fazer ir pelos ares com uma machina infernal o «Dwarf», e quando lhe perguntaram se achava tal acção compativel com a sua profissão respondeu que era primeiro que tudo soldado e depois missionario.

Ao mesmo tempo, duas operações coroadas de exito eram levadas a cabo no Mar Vermelho. Na primeira, contra a guarnição turca em Sheik Seyd, combateram tropas indias, auxiliadas pelo «Duke of Edinburgh».

Segundo a *narrativa official* dada pela secretaria do almirantado no dia 16 de novembro, o forte turco (Turba) está sito nas alturas pedregosas a leste do cabo Bab-el-Mandeb, na entrada sul do Mar Vermelho e fica proximo da linha fronteiriça entre o territorio turco e o protectorado de Aden. A peninsula de Sheik Seyd compõe-se d'um grupo de altos pedregosos ligados com a terra por uma baixa planicie arenosa, a maior parte da qual é coberta na maré alta por uma baixa lagena.

Os canhões do forte dominam o isthmo que liga a peninsula com a terra firme. Trez batalhões de tropa desembarcaram, cobertos pelo fogo do «Duke of Edinburgh», que bombardeára primeiro o forte Turba. Depois do desembarque, batalhão e meio de infantaria atacou as posições inimigas, sendo recebido por artilharia bem occulta e pelo fogo de infantaria.

Quando ás eminencias que dominavam Manheli foram occupadas, a defeza enfraqueceu e cerca de 200 inimigos foram mortos e a maioria dos restantes feridos e prisioneiros. Os fortes foram occupados pelas forças inglezas, que se apoderaram de grande quantidade de munições de guerra e de seis canhões de campanha. Os canhões pezados foram provavelmente postos fóra d'acção pelo «Duke of Edinburgh». As perdas inglezas entre as tropas foram um official e quinze homens feridos e

quatro homens mortos. Não houve perdas na marinha.

Em consequencia de uma informação de que minas haviam sido mandadas para Akaba para serem collocadas no golpho que tem esse nome e talvez no mar Vermelho, o cruzador «Minerva» recebeu ordem para seguir para Akaba a fim de proceder a um inquerito e impedir que tal se fizesse.

Segundo uma narrativa publicada no Cairo a 17 de novembro, ao chegar a Akaba o commandante achou essa povoação occupada por um pequeno destacamento de tropa. Negociações foram tentadas para essas forças se renderem, mas não deram resultado devido á intervenção de officiaes allemães que ali estavam. O «Minerva» foi forçado a fazer fogo, mas limitou o seu ataque ao forte, ao edificio do correio e ás repartições governamentaes.

Mais tarde uma força desembarcou em reconhecimento na direcção de Wadi-el-Ithm, mas apenas encontrou alguns homens armados, que rapidamente desappareceram. A força voltou para a cidade e tornou a embarcar, depois de affixar uma proclamação convidando os habitantes a voltarem e assegurando que lhes não seria feito mal algum. A cidade e as muralhas não soffreram avarias e não houve perdas da parte dos inglezes.

No golpho Persico, como n'outra parte d'esta obra já dissemos, operações contra Fao tinham sido executadas com exito a 8 de novembro, na foz do Shatt-el-Arab, por uma força militar apoiada pela «Odin», a canhoneira «Sirdar», uma força de marinha com um canhão Maxim e uma lancha da «Ocean». Os canhões do inimigo foram reduzidos ao silencio apoz uma hora de resistencia e a cidade foi occupada pelas tropas e pela brigada naval. Não houve perdas nas forças de marinha.

No fim d'outubro, a armada turca, a instigação dos seus senhores allemães, foi bombardear cidades abertas da costa no Mar Negro. O «Goeben» bombardeou Sebastopol e arremessou 116 granadas para dentro da cidade a 1 de novembro, e como resposta uma esquadra composta de navios francezes e inglezes bombardeou os fortes dos Dardanellos ao romper do dia 3 de novembro.

Os fortes responderam, mas os alliados não soffreram perdas, cahindo apenas um projectil junto do costado d'um dos navios. Uma grande explosão, acompanhada de grandes rolos de fumo negro, se deu no forte Helles, mas não se poude avaliar bem os estragos feitos. Provavelmente o intuito do ataque não era tanto causar avarias como experimentar o alcance dos canhões contra os fortes.

Quasi trez semanas depois o «Goeben» e o «Breslau» foram atacados pela armada russa no Mar Negro. Segundo o communicado do estado maior general naval em Petrogrado, pelo meio dia de 18 de novembro, quando uma divisão naval russa voltava d'um cruzeiro na costa da Anatolia e estava em frente de Sebastopol, avistou, a 25 milhas ao largo do pharol de Chersoneso, o «Goeben» e o «Breslau». Os navios immediatamente formaram em linha de batalha e tomando o rumo de modo a que o inimigo lhes ficasse a estibordo, abriram fogo á distancia de cerca de 8.000 jardas.

A primeira descarga dos canhões de 12 pollegadas do navio almirante «Evstafi» attingiu o «Goeben», causando-lhe incendio a bordo. Os outros navios russos abriram então fogo e a pontaria foi excellente, dando-se umas poucas de explosões a bordo do «Goeben». Apoz uma certa demora, esse navio abriu fogo com os seus canhões de grande calibre, concentrando-o sobre o navio almirante russo. A batalha durou 14 minutos, depois do que o «Goeben» mudou rapidamente de rumo e, mercê da sua grande velocidade, desappareceu no meio do nevoeiro.

O «Breslau», que não tomára parte na acção, ficou ao largo. O «Evstafi» soffrera poucas avarias. As perdas russas foram quatro officiaes e 24 homens mortos e feridos.

A força da divisão russa n'essa occasião não está bem estaluida,

mas o certo é que a tonelagem do «Goeben» era quasi dupla da do navio almirante russo. Ao certo, sabe-se que esse navio teve grandes avarias. Mais tarde appareceu ao largo de Battum, mas do facto de ser facilmente repellido pelas baterias da costa póde inferir-se que os seus canhões de grande calibre não haviam sido bem reparados ou substituidos desde o combate proximo de Sebastopol.

A 13 de dezembro, o submarino inglez B 11, commandado pelo tenente Norman D. Holbrook, entrou nos Dardanellos e, mergulhando por debaixo de cinco filas de minas, torpedeou o navio turco «Messudiyeh», que estava guardando o campo de minas. Embora fôsse perseguido pelo fogo dos canhões e por torpedeiros, o B 11 voltou a salvo, depois de ter estado debaixo d'agua d'uma vez durante nove horas. Quando viu pela ultima vez o «Messudiyeh», estava este afundando-se.

Numerosas perdas navaes se mencionam em aguas inglezas, no periodo que decorre de novembro de 1914 a janeiro de 1915. No ultimo dia de outubro, o velho cruzador «Hermes» commandado pelo capitão C. R. Lambe, foi afundado no Estreito de Dover por um submarino allemão, quando voltava de Dunkerke. Foi attingido por dois torpedos e immediatamente começou a metter agua. O signal S. O. S. foi feito e dois destroyers e o paquete «Invicta» da carreira do Canal foram em seu soccorro.

F[illegible]u fluctuando durante cêrca de [illegible] horas depois de ter sido torpe[illegible], afundando-se depois, sendo o commandante o ultimo a abandonal-o. Da sua tripulação morreram 44 homens, sendo salvos 400, que desembarcaram em Dover.

A 11 de novembro, a canhoneira-torpedeira «Niger», commandada pelo tenente A. P. Moore, foi torpedeada por um submarino e afundada. Não houve perda de vidas e a occorrencia foi presenceada por milhares de espectadores, que se haviam reunido ao ouvirem canhoneio no mar. Cêrca do meio dia o som d'uma explosão se ouviu e rolos de fumo negro foram vistos elevar-se da «Niger», que estava a duas milhas da praia de Deal. Immediatamente os salva-vidas de Deal e Kingsdown foram lançados ao mar e n'elles foi salva a tripulação. A «Niger» afundou-se cêrca de vinte minutos depois da explosão.

A 24 de novembro a secretaria do almirantado noticiava o afundamento do submarino allemão U. 18 na costa norte da Escocia. A's 12,20' da manhã do dia anterior um navio inglez que andava patrulhando noticiára tel-o abalroado, mas não foi visto até á 1,20', hora a que appareceu á superficie do mar, com a tripulação na coberta e agitando uma bandeira branca. Pouco depois afundava-se, exactamente quando o destroyer «Garry» chegava junto do seu costado. Foram salvos tres officiaes e 23 homens, tendo morrido afogado apenas um homem da sua tripulação. Os sobreviventes foram desembarcados e internados em Edinburg Castle.

Um desastre terrivel occorreu em Sheerness, a 26 de novembro. O «Bulwark», um navio de 15.000 toneladas, foi destruido, perdendo a vida toda a sua tripulação, composta de 750 officiaes e homens, com excepção de quatorze. Muitas explicações se deram ácêrca da explosão nos paioes do navio, mas o certo é que ficou um mysterio impenetravel. O tenente Benjamin George Carroll, residente em Sheerness, ao depôr no inquerito que se fez, disse que ao passar abaixo de Medway ás 7,50' da manhã do dia 26, o «Bulwark» estava em Ridhole Reach e que nada havia junto d'elle. Como era o official encarregado do fornecimento de carvão, estava perguntando por signaes para bordo quantas toneladas devia mandar, quando de subito viu uma columna de fumo elevar-se do navio, seguindo-se immediatamente uma explosão que desfez o «Bulwark», arremeçando os destroços em todas as direcções.

Na agua não viu agitação alguma. Estava tranquilla e nem vaga ha-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1902—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sabbado, 20 de Novembro de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—74, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

A CRISE

Aberta a crise ministerial, o que interessa ao paiz é saber como ella será resolvida, quer em relação ao espaço de tempo que ella demore, quer em relação á constituição do ministerio que vae succeder ao gabinete José de Castro.

O paiz reclama que esse ministerio se forme rapidamente e que seja constituido de forma a inspirar-lhe uma absoluta confiança.

A brevidade da formação d'esse ministerio impõe a gravidade do momento para a sociedade portugueza. Se na occasião em que se revolvem circumstancias excepcionaes, essa occasião é a presente. Tanto por motivos de ordem interna, como motivos de ordem externa, a situação do paiz reclama um governo firme, homogeneo, traduzindo as grandes correntes nacionaes, e constituido por homens cuja capacidade esteja acima de toda a duvida.

Não é n'uma situação d'estas que pode arrastar-se uma crise ministerial. Seria não só um desprestigio para a Republica, um desprestigio para os seus partidos, mas ainda porventura a origem de irremediaveis males nacionaes. Os acontecimentos não se suspendem ao mando dos nossos homens publicos, e sobretudo acontecimentos que se desenvolvem fóra da sua esphera de acção como sejam os da conflagração europeia, que arrasta o mundo inteiro n'um torvelinho.

Nem mesmo se pode dizer que a crise seja inesperada. Não só a logica do systema politico ha bastante tempo a determinou, como ninguem ignorava que o gabinete José de Castro já se considerava demissionario, desde a inauguração da nova era presidencial.

Sendo assim, conhecida a vontade do paiz expressa nas urnas eleitoraes, existindo um partido que, mercê d'essa expressão do suffragio, dispõe da maioria parlamentar, é tem a dirigil-o um estadista de comprovadas aptidões, não se concebe que possa haver dilação nem hesitação na subida ao poder d'esse partido, representado pelo seu chefe.

Já ha muito que esse partido sabia que o gabinete agora demissionario, e de natureza transitoria, não podia perpetuar-se nas cadeiras do poder. Por isso mesmo não é admissivel que esse partido, sabendo que a sua chamada ao poder era inevitavel, não esteja preparado para lhe succeder. Se ha crise que deva ser promptamente resolvida, é esta.

Quanto á constituição do novo gabinete, a gravidade excepcional da situação indica que elle não pode deixar de ser presidido pelo chefe de esse partido, que é o seu estadista mais notavel. E estabelecido este ponto tambem não resta duvida que esse estadista deverá ter a maxima liberdade de acção para escolher os seus collaboradores, que teem de o auxiliar n'uma missão que será necessariamente historica.

Presumimos que no partido democratico não haverá duas opiniões a este respeito. Seria fazer offensa ao seu espirito patriotico e ao seu espirito republicano.

N'estas condições, o paiz tranquillamente aguarda a resolução logica e urgente da crise. Aguarda-a certamente com a maior das confianças, e seria um verdadeiro cataclismo nacional que essa confiança se visse desilludida.

Um inquerito industrial

Os estabelecimentos fabris do norte—A questão das pautas—Mostruarios de productos—Uma exposição permanente

Vae partir novamente para o norte, a fim de proseguir na visita a estabelecimentos industriaes e commerciaes, que encetou ha cerca d'um mez, a nossa presada collega sr.ª D. Virginia Quaresma, que na «Capital» tem já publicado algumas das impressões recebidas durante esse inquerito.

D. Virginia Quaresma sabe ver e contar o que viu, e promette ampliar o mais possivel o seu interessantissimo trabalho que representa, por assim dizer, uma verdadeira revelação.

Assim, os commerciantes, o publico em geral e até os estrangeiros que visitam o nosso paiz terão ensejo de mais facilmente apreciar o desenvolvimento e o valor das industrias nacionaes a que se não tem feito toda a justiça que absolutamente lhes é devida.

D. Virginia Quaresma parte para o norte nos primeiros dias da proxima semana e estamos seguros de que terá ali o mesmo acolhimento amavel e carinhoso com que a distinguiram por occasião da sua primeira viagem.

Grande parte do publico ignora o que valemos sob o ponto de vista industrial e commercial e a forma suggestiva e amena por que essas reportagens o esclarecem ha de sem duvida agradar-lhe, não sendo, ao mesmo tempo, inutil para a industria e para o commercio nacional a iniciativa de os tornar, como merecem, perfeita e largamente conhecidos.

A segunda viagem de D. Virginia Quaresma abrangerá não só o Porto e seus arredores, mas Guimarães, Braga, Vianna do Castello, Covilhã, Gouveia, etc., de onde nos enviará as suas interessantes e elucidativas notas sobre as grandes emprezas d'essas e de outras localidades.

Simultaneamente, occupar-se-ha de averiguar o que pensam os mais notaveis industriaes sobre a reforma das pautas, pendente desde 1908, e que as actuaes circumstancias obrigam a considerar como um dos mais momentosos assumptos, devendo ter-se em vista a extraordinaria influencia que a guerra europeia vae exercer nas relações commerciaes dos povos e nas transformações por que as industrias vão tambem passar, dentro em breve.

Que criterio deve prevalecer na reforma das pautas? Entre as opiniões que merecem, sem duvida, registar-se, cumpre conhecer as dos industriaes sejam quaes forem, porque hão de fundamentar-se em motivos que uma larga experiencia determinou e justificará.

Collaboraremos tambem na organisação de mostruarios dos productos das fabricas que a enviada da «Capital» tem visitado e se dispõe a visitar, projectando este diario cooperar na obra, por muitos titulos sympathica e util, d'uma exposição permanente d'aquelles productos em Lisboa.

Poeira da Arcada

Os nossos jornaes abusam das entrevistas, pondo a fallar pessoas reaes ou imaginarias que tinham no silencio um dominio assaz vasto para terem as opiniões que quizessem. A publicidade torna-as vaidosas e a vaidade leva-as a encurtar os limites das suas cogitações, revelando o que pensam ácerca de determinado assumpto ou problema.

E quando nós queremos saber realmente o que se aproveita com tão longo palavreado, temos de confessar que perdemos o nosso tempo. Nós resolvemos as difficuldades, amolecendo-as com phrases ôcas. E' por isso que somos alegres e muito pandegos. Uma casca de nóz basta-nos para vencer uma tormenta. Conseguimos assim fazer da nautica um brinquedo e sem perigo de naufragios.

* * *

O sr. José de Castro atirou-se a terra com o seu governo. O acontecimento, á força de previsto, não surprehendeu ninguem. O pó dos esquecidos cobria-o já ha umas semanas. Todos o tratavam como governo morto. A sua queda, annunciada hoje nos jornaes, não causa sobresaltos, mas sim uma impresão de alivio pela suavidade da agonia. Morreu sem esforço, isto é, como viveu.

CHRONICAS DE PARIS

Jean Finot sobre a guerra

A certeza do triumpho—A França tem 2.000.000 de soldados nos depositos—Uma escola de guerra e de diplomacia—200.000 granadas por dia—Nenhum dos alliados pensa na paz—O esmagamento da Allemanha—O respeito pela integridade das colonias portuguezas

Jean Finot recebeu-me no seu gabinete de trabalho, Rue Jacob, 45, onde o eminente pensador diariamente cuida da sua «Revue». Estava-se em plena crise ministerial. O momento não era, na verdade, o mais propicio para reclamar um pouco do seu tempo. Não hesitou, todavia, o escriptor, embora singularmente occupado, em conceder-me alguns minutos de palestra, conforme lhe pedira por intermedio de uma alta personalidade que bondosamente me quiz proporcionar o seu conhecimento; e com effeito, após curta demora na ante-camara, fui introduzido n'uma pequena sala ao fundo da qual, junto de uma secretaria enorme, eu pude pela primeira vez apertar-lhe a mão.

—Meu presado confrade, tem-me ao seu dispôr...

Expuz-lhe summariamente o fim da minha visita. Desejava eu, atravez da sua palavra auctorisada, conhecer mais de perto o estado de espirito da França. Jean Finot pertence á cathegoria dos homens que marcam nitidamente uma epocha; sabe observar e raciocinar no mais elevado sentido da palavra. Immensamente relacionado, as suas opiniões e a sua maneira de ver possuem por isso mesmo precioso valor. Ninguem portanto, melhor do que elle, poderia expôr-me n'uma rapida synthese, quaes as solidas bases em que se fundamenta a esperança do triumpho. Porque ninguem, na França, duvida já hoje do triumpho, não é assim?

Finot responde clara, pausadamente:

—Não; actualmente ninguem, na França, duvida já da victoria definitiva.

—Mas fala-se em erros diplomaticos, em medidas tardiamente tomadas...

—A diplomacia dos alliados, prosegue elle, commetteu, é certo, alguns erros, sobretudo no que respeita á questão do Oriente. Mas isto de fórma alguma compromette o resultado final. Se os allemães tomarem Constantinopla, a guerra prolongar-se-ha sem duvida mais meio anno, o que outra coisa não significa senão uma agonia mais lenta para a Allemanha...

«A França tem actualmente quasi dois milhões de homens nos depositos. São tropas frescas, promptas a intervir no momento opportuno. Por outro lado, os seus recursos financeiros encontram-se tão pouco abalados que ainda até agora não houve necessidade de se recorrer a nenhum imposto supplementar».

Insinuei:

—Mas tem-se prolongado tanto, a lucta...

—Tem, replica o grande publicista. Mas durante este tempo a França fez a sua escola de guerra e de diplomacia especial, conforme exigem os processos allemães. Pretendeu-se luctar com as armas cavalheirescas do passado. Por outro lado, a diplomacia quiz continuar a ser leal e sincera. Muitas vezes havia qualquer coisa de comico na attitude dos alliados para com a Allemanha. Esta comprava, por toda a parte, os jornaes e as consciencias dos homens publicos; os alliados limitavam-se, pelo seu lado, a falar do direito dos povos e dos interesses sagrados da justiça. Pretendeu-se egualmente respeitar os interesses dos neutros, por mais mesquinhos que fossem, e esperou-se um anno inteiro antes que o algodão fosse declarado contrabando de guerra.

Se esta medida tivesse sido tomada no inicio, a Allemanha estaria vencida a estas horas por falta de munições...

«Além d'isso, na ignorancia das forças e dos recursos allemães, durante os primeiros dez mezes de guerra quasi nada se fez em materia de artilharia grossa e de munições. Em resumo: praticaram-se todas as tolices que se podiam praticar, e apezar de tudo, a situação da Allemanha nada tem de invejavel.

«Tudo mudou, porém. Todos os alliados comprehenderam que será preciso talvez luctar dois ou tres annos, ainda, para pôr termo á supremacia allemã, e os esforços que se empregaram nos ultimos seis mezes são por tal fórma consideraveis, que a França fabrica, só á sua parte, **mais de duzentas mil granadas por dia**, quer dizer, quasi tanto como a propria Allemanha. Pensemos agora no esforço da Inglaterra, da Russia e da Italia, e comprehenderemos então sem difficuldade qual será a posição relativa dos nossos adversarios d'aqui a poucos mezes».

Esta revelação suggere-me, subitamente, a força prodigiosa dos recursos que os alliados estão accumulando n'este momento. E' de facto materialmente impossivel que as fabricas allemãs, apesar da maior ou menor escassez de materia prima e de mão de obra, possam bater o «record» de actividade em concorrencia com as industrias de guerra dos alliados. A França é, como vimos, uma officina immensa; na Inglaterra trabalha-se egualmente dia e noite; fundem-se canhões e fabricam-se munições na Italia; o Japão e a America do Norte trabalham em cheio contra os imperios centraes. Além d'isso o esforço naval da Grã-Bretanha é tão vivo que excede todas as presumpções. De um recente artigo de Hubert-Jacques extrahimos os seguintes elucidativos periodos:

«O que seria impressionante o que demonstraria melhor que todos os commentarios, melhor que as mais bellas phrases o que a Inglaterra conseguia realisar no dominio naval, seria simplesmente poder dizer: a Grã-Bretanha tem actualmente «tantos» super-dreadnoughts nos estaleiros, que estarão promptos a combater em «tanto» tempo. Produz um super-dreadnought todos os..., um cruzador-couraçado todos os..., um cruzador rapido todos os..., um contra-torpedeiro todos os..., um torpedeiro todos os..., um submarino de grande raio de acção todos os..., creou, além d'isso, novos navios ainda desconhecidos na superficie dos mares, com «taes» propriedades e «tal» potencia; construiu por centenas, «tantas» unidades de um typo especial, affectas a «tal» uso; metteu no fundo, sem dizer nada, «tantos» submarinos allemães, dos quaes os boches não viram um só sobrevivente que pudesse contar como as coisas se passaram; realisou ainda «taes» e «taes» descobertas, etc... Eis o que seria necessario dizer-se para fazer uma ideia do colossal esforço naval inglez. Que o leitor tente, depois de reflectir um pouco, substituir por cifras razoaveis, embora muito audaciosas, todas as indicações que acima ficam em branco, e ainda por certo estará abaixo da realidade!»

Emquanto rapidamente terminava estas reflexões e rabiscava as minhas notas, Jean Finot proseguia, com o seu sorriso intelligente e affavel:

—Comprehende-se, n'estas condições, para onde nos conduz o futuro. A Allemanha tambem o comprehende, e é por isso que, apezar das suas victorias de espalhafato, ella está fazendo esforços sobre-humanos para conseguir a paz. Essa paz ninguem comtudo a deseja conforme o ponto de vista allemão. Uma paz falsa e prematura seria a ruina do mundo civilisado. Se a Allemanha ficasse de pé, seria necessario continuar os armamentos em todos os paizes; ora, depois, d'esta guerra, as aspirações da Humanidade consistirão na paz e no trabalho sem a ameaça dos canhões. E a este respeito, todos os alliados **estão absolutamente d'accordo.**

«Não existe por isso um patriota clarividente e sincero em nenhum paiz alliado que pense em paz n'esta occasião. A França, que parecia temer uma guerra com mais de um anno de duração, já não vê na sua frente senão este unico limite: o esmagamento definitivo da Allemanha. Que a guerra tenha que durar ainda tres ou cinco annos. Não importa. Estamos todos resignados».

Falei-lhe então de Portugal. Jean Finot não ignora os serviços que a nossa Republica tem prestado, desde o inicio da guerra, á causa dos alliados. Elle sabe bem que os bellos gas se batem com canhões portuguezes, que as tropas de Botha conquistaram o Sudoeste Africano Allemão armadas em parte com espingardas nossas e queimando munições enviadas de Lisboa. Não obstante, ha quem anteveja que a nossa integridade colonial pode vir a ser affectada quando, no congresso da Paz, se modificar a carta do mundo.

—Como assim?

—Não falta quem receie, da Belgica, uma exigencia territorial (certo do norte de Angola, e da União Sul Africana o desejo de dominar no sul d'essa provincia...

Jean Finot respondeu-me, textualmente:

—Todos nós temos a pretensão de ter defendido uma causa moral. Luctamos para affirmar não só o nosso direito á existencia, mas ainda a legitimidade da soberania das pequenas nações e a intangibilidade da sua autonomia. A hypothese a que se refere seria irracional e contradictoria, porque viria lançar uma mancha indelevel sobre a pureza do nosso triumpho, que será o triumpho do Direito e da Justiça. **Portugal nada tem a temer. A ideia de o privar de qualquer porção do seu territorio colonial para o entregar á Belgica revoltaria a consciencia de todos os alliados, e a França levantar-se-hia n'um grito unanime de protesto.** Ninguem deixaria de affirmar que seria comprometter a causa sagrada que temos defendido se se commettesse uma infamia tal para com o nobre povo portuguez, cuja unica sem-razão seria a do não ter bastante força para se defender contra uma expoliação semelhante.

E após um ligeiro instante de reflexão, Jean Finot accrescentou ainda:

—No fim de contas, é preciso não conhecer a Belgica para suppôr que existe ali um unico homem de Estado capaz de propôr tal coisa:

HERMANO NEVES

A'manhã:

Constantinopla para os belgas

(Continuação da «interview» de Jean Finot).

A GUERRA

A situação na India ingleza

LONDRES, 19.—O ministro para as Indias publica o seguinte:

Os relatorios publicados na imprensa allemã ácerca de pretendidas desordens nas Indias, e reproduzidos em alguns paizes estrangeiros, affirmam que tentára uma revolta em todo aquelle territorio, e que Brahmanes, buddhistas e mahometanos se uniram para levantar todas as difficuldades possiveis aos inglezes; que são detestados. Segundo os mesmos relatorios o rajah de Bhagalpur dirigira a revolta e haviam rebentado tambem graves desordens em Bombaim, Madras, Nagpur, Allah-Abad, e Inaspur, onde os rebeldes se esforçaram por impedir a partida de tropas indigenas. Os mesmos relatorios diziam ainda que em Inaspur as tropas inglezas tiveram de retirar-se, indo os rebeldes occupar os quarteis e arsenaes. O secretario de Estado para as Indias declara que não ha uma palavra de verdade em toda a historia, havendo a notar que não existe o rajah de Bhagalpur, e se os allemães alludem ao nababo Bhawalpur, esse é uma creança de 11 annos apenas. Uma outra historia publicada pela imprensa allemã para consumo nos paizes neutros é a deposição de Nizam Hyderabad pelo seu povo. O ministro pelas Indias dá pois a tudo isto um cathegorico desmentido.—(Havas).

Os aviões austriacos bombardeando cidades italianas

ROMA, 19—Official—Houve duello de artilharia, canhoneando nós os quarteis de Goritz. No Carso progredimos, principalmente na zona do monte de San Michel; o inimigo contra-atacou furiosamente por sete vezes, mas foi completamente dispersado, deixando no campo 175 prisioneiros e material em abundancia. Os aviões inimigos bombardearam Verona, onde houve 4 feridos, Vicenza e Grado, onde não houve victima alguma, e Udine, onde morreram 12 pessoas e ficaram feridos 19 civis e 8 soldados.—(Havas)

Como os russos resistem aos allemães

PETROGRADO, 19.—(Official). A noroeste do Friedrichstadt repellimos o inimigo que tentava transpôr o Dwina. Na região de Tchartoryski tambem foram repellidas as tentativas do inimigo para atacar o Styr. Na mesma região os russos retiraram-se para a margem esquerda do Styr poderosamente coberta de artilharia. —(Havas).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 20—Communicação official.

Durante a noite assignalaram-se apenas acções de artilharia e alguns combates á granada em Artois, nos entrincheiramentos do *Labirintho*; na Argonne em Courtes, Chausses e Vauquois; e na Lorena, proximo de Reillon.—(Havas)

UM CAPITULO DA CRISE

O conselho de ministros

reunido hontem á tarde, não concordou com a queda do governo n'esta altura

Todos os que andam embrenhados nas coisas politicas da nossa terra ficaram hoje surprehendidos com a publicação de cartas do chefe do governo e do sr. presidente da Republica, pelas quaes se via que o governo tinha, afinal, cahido definitivamente. Na verdade, a dois dias da abertura do Congresso, perante o qual o governo está obrigado a comparecer, uma crise ministerial não tinha nada que a justificasse. As coisas são o que são e as boas praxes constitucionaes não podem ser esquecidas sem grave offensa do regimen republicano em que se vive. Mas, nas noticias que appareceram em publico, dizia-se que o governo, que todos os ministros, solidarios com o sr. José de Castro, insistiam tambem, como o seu chefe, pelo abandono immediato das cadeiras do poder. Seria assim? Correspondería essa informação á verdade inteira, á verdade completa? Tentámos sabel-o e averiguámos alguma coisa que, por ser bem mais alguma coisa que, por ser bem interessante, convem divulgar.

Foi hontem á tarde, por volta das seis horas, que o sr. José de Castro reuniu o conselho de ministros. Uma vez junto dos seus collegas, o sr. presidente do ministerio informou-os do que se passava. Na vespera, escrevera ao sr. presidente da Republica a solicitar a sua demissão. A' sua carta, o sr. dr. Bernardino Machado dera a necessaria resposta, acceitando e deferindo o pedido que lhe dirigira. Tinha ali os dois documentos e apresentava-os á consideração do conselho, para que os seus collegas ficassem sabendo qual a situação em que o governo se encontrava.

Colhidos de surpreza, todos os ministros, «una voce», discordaram da «démarche», do sr. dr. José de Castro, levada a cabo sem seu previo conhecimento. A occasião, affirmaram elles, era impropria e inopportuna para a abertura d'uma crise ministerial, visto estar por poucos dias a abertura da sessão legislativa normal. E podia o governo deixar as cadeiras do poder sem comparecer perante o Congresso a dar conta dos seus actos? Era evidente que não. Pois não tinha estado o governo até áquelle momento a servir-se d'uma auctorisação parlamentar, que lhe fôra concedida com a previa condição de, aberto o Parlamento, lhe dar conta minuciosa da maneira como se utilisára d'ella? Tratava-se, afinal, da satisfação de um compromisso, tomado perante os representantes da Nação. O governo evidentemente, não podia faltar a elle.

Mas os factos estavam consummados. O sr. José de Castro tinha pedido a sua demissão e o chefe do Estado acceitára-a. De fórma que só havia um meio de se sahir da perturbação que semelhante facto lançára no seio do ministerio. Consistia elle em se convocar já o Parlamento, a fim do governo poder dar-lhe as contas a que previamente se compromettera. Nas cartas não se falou mais. O sr. José de Castro tornou a dobral-as cuidadosamente e a mettel-as no bolso. Não perguntou aos collegas se entendiam conveniente publical-as. Não os consultou sobre isso. E assim, pode avaliar-se da surpreza dos collegas do sr. José de Castro quando hoje de manhã, ao abrirem os jornaes, encontraram na lettra redonda, as cartas trocadas entre o chefe do governo e o sr. presidente da Republica. Cahiu-lhes, positivamente, os coração aos pés...

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Folhetim d'A CAPITAL—20-11-1915

A Belleza Futura

Marc Robertson acaba, agora, de publicar um livro, «The Revolution of de Art», muito engenhosamente pensado, escripto com altivez no nobre estylo de Carlyle e que é como que uma nota de leitor aos ultimos capitulos da «Philosophia de L'Art», de Taine. Parece que os negocios da guerra não tomam de todo o tempo aos inglezes e poderá, com effeito, causar reparo que, n'esta quadra agitada e incerta, um homem, no conforto do seu gabinete, enfileire theorias quando, por toda a parte, se enfileiram homens. Mas Marc Robertson e um velho e, não podendo pegar n'uma espingarda, pega n'uma caneta certo que, de qualquer dos modos, se pode ser util á sua terra.

«The Revolution of de Art» não nos traz uma conclusão nem mesmo um modo de ver differente sobre a evolução da Arte. Simplesmente, formula uma interrogação que todos nós temos feito e aventa, com lucidez, uma hypothese que pode parecer paradoxal mas que nem por isso deixa de ser muito acceitavel e, sobretudo, muito curiosa. Marc Robertson passa uma muito summaria revista aos quatro termos da série de Taine, accentua d'uma forma brilhante o engenho elegante e conciso do Mestre, perpassa (tambem elle, com muita nitidez) da Grecia e da sua esculptura para a meia-edade feudal que dá a mais prodigiosa colosão da architectura, tem palavras quentes para a pintura da Renascença e estaca deante do quarto termo da série: «A edade moderna e a musica», coçando pensativamente o queixo, e torcendo com alacridade o apáro—sempre á maneira de Carlyle.

Com effeito Taine presuppõe que na Arte as cinco artes, cada uma por sua vez, teem um periodo de grandeza, explendor e decadencia. E' elle que nos mostra d'uma forma flagrante que nunca houve esculptura como no seculo de Pericles nem pintura como no seculo de Leão X; é tambem elle que nos expõe claramente como da miseria e da desgraça da terra durante a primeira Renascença surgiu todo esse poema incomparavel da ogiva que deixou a Europa Central coberta de cathedraes; é elle, finalmente, que do grande seculo francez destaca a sua feição propria, a poesia dramatica, infinitamente correcta, prodigiosamente bem falante, compacta, homogenea e todavia leve, desde Bossuet até Molière. E como não ha, em Taine, uma fala, um ponto fraco que permitta duvidar da robustez da sua theoria, julgou o professor que, depois de ter etiquetada a belleza passada, poderia egualmente delimitar a belleza futura—ou pelo menos as fontes de emoção que deveriam produzir uma nova modalidade da Belleza que se transforma constantemente. E assim é que em seguida a ter triumphalmente demonstrado a justeza dos seus tres primeiros termos, formula o ultimo, o que faz deter Marc Robertson e porventura lhe suggere trezentas paginas.

Na verdade, na edade contemporanea, nenhuma arte domina as outras artes. E Taine fiel ao seu principio de brilho proprio e superior em cada uma d'ellas, applica os seus costumados systemas de inducção e deducção e, perante a egualdade das multidões que por entre o fragor do nosso tempo, cada vez mais anciadamente desejam o sonho e a phantasia, procurou a arte adaptavel. Para o «mal do seculo», para o desejo doentio de não sermos nós proprios, para esta tristeza vaga e sem nome que nos corroe e que irrompe aqui e além em manifestações á Werther e á Manfredo,—achou a musica tonificante e inexpressa como o nosso proprio mal. E de facto, na epocha em que o professor Taine assim expendia o quarto termo da sua série, Wagner e Berlioz compunham ou acabavam de compor, uma musica nova, musica de almas inquietas e que tão bem reproduzia o pensamento agitado e incerto das grandes massas que logo teve uma voga colossal e extranha. E assim como Paganini mysterioso e fremente resumia em si os nossos pobres males de lettrados soffredores e inuteis, Berlioz, mais vasto, lançava as mãos cheias, não o remedio, mas a dôr egual, que nos alivia egoistamente quando a vemos nos outros. E Taine, no seu tempo, accrescentava por este modo uma theoria que mais parecia um theorema pela certeza fulgurante que encerrava.

Mas um quarto de seculo passou já sobre Taine. Ninguem continuou Ravel de Dukas, de Dubussy—é outra musica. Marc Robertson constata que falliu o quarto termo da série e que a belleza moderna não sahirá, por agora, d'uma arte que teve a sua mais alta expressão em Beethoven, Mozart e Haendel. E se é corrente que a musica tem hoje um exito maior do que nunca, tambem não é menos certo que se não impoz tornando-se uma arte universalista e assimiladora. E Marc Robertson, sempre emproado no estylo nobre de Carlyle, esfregando moralmente as mãos, vae explicar, na pagina seguinte de onde nascerá e brotará irresistivel a belleza moderna, a belleza do seculo XX.

Este inglez, profundamente artista, viajou. Percorreu o seu paiz, a França, a Allemanha, a America. Teve a [illegible] «reverie» deante da cathedral de Colonia, nos muzeus de Dresde e de Munich, contemplou as perfeitas formas da pintura, nas galerias de Florença, meditou deante dos Mestres desde Fra Filipo Lippi até aos Carragios, nas Flandres, ardeu no fogo e Van Dick, homem, admirou-se nas plasticas de Rubens. E farto já de muzeus, repleto de sensações que, antes d'elle, tiveram milhares e depois d'elle milhares terão, metteu-se n'um paquete—e desembarcou em Nova-York. Não vos falarei do que elle viu no paiz de Cooper mas, de regresso a Inglaterra, Marc Robertson proclama solennemente que é na industria que se encontra latente, por emquanto, a belleza futura, que em breve ella irradiará, domará o mundo como um Leviathan de Perfeitas Formas, surgindo do aço das locomotivas e dos rebites das caldeiras de vapor. Sim, a Belleza concreta do nosso tempo reside no engenho do homem e não na arte do homem. Teve elle a sensação inarrecivel da Belleza robusta, colossal, de fortes linhas, deante das fabricas d'Anilina, em Bade, nos immensos matadouros de Chicago, nos predios de quarenta andares de Nova-York. E na macissa segurança com que uma machina da «Southern Pacific» despegava de um «caes de gare» baixa, atarracada, destilando oleo, aspergindo pó de carvão, via elle elegancia, orgulho, força, desenho, côr e linha. E Marc Robertson affirma que ha, na linha dormente dos couraçados a mesma suggestão do «au-de-lá» que se encontra nas damas inglezas que Reynolds pinta, que o bello é todo um, indivisivel, que vive ignorado na ponta do pincel como ignorado vive na cabeça de um martello, que a faisca que o faz materialisar-se, só Deus a pode soltar—e a solta por vezes, distrahido e inopportuno...

Decerto, se Marc Robertson não fosse tão engenhoso na sua exposição nem tão erudito na defeza da sua these, o seu postulado faria sorrir. Mas este inglez é superiormente artista e tanto é o calor da sua argumentação—que quasi nos convence... Quem sabe, afinal? Ha tantas razões para desdenhar esta theoria como para acolher a de Taine. O que ambas nos mostram, é que o espirito vive e procura sem cessar—o que não encontrará nunca. Lamento não ter podido dar a impressão de Marc Robertson—mas o livro ahi está, para quem o quizer ler. Custa dois schellings e seis pence que, em portuguez, valem o melhor de onze tostões. E por este preço é realmente preciosa a illusão de ao ir a Cintra ou a Cascaes, arrastados por uma machina, pensarmos que no monte de ferragem velha reside o mesmo principio que alumiou outr'ora as faces de Aspasia ou de Phrynea...

Mario de Almeida

A QUESTÃO DO JOGO

A falta da regulamentação

O Casino Internacional do Monte Estoril novamente aberto—Os banqueiros hespanhoes no Gremio Litterario—As suas bancas das 5 ás 7 da tarde e das 11 ás 2 horas da madrugada—O jogo deve ser regulamentado só para capitaes portuguezes

Poucos dias passados sobre as ordens terminantes do sr. governador civil de Lisboa, e continuando diariamente a serem vigiadas todas as casas de jogo e visitadas pela policia a horas desencontradas da noite, mantendo-se assim o mais rigoroso cumprimento da repressão do jogo em Lisboa e crêmos que em todo o paiz, voltaram os banqueiros hespanhoes a jogar sem receio de serem incommodados pelas auctoridades, annunciando nos jornaes em letras gordas que se encontra aberto o Grande Casino Internacional do Monte Estoril, com concertos todas as noites e matinées aos domingos e quinta-feiras.

Consta-nos que em nenhuma das praias da linha de Cascaes e mesmo nas do norte do paiz se joga em qualquer dos seus casinos e que tendo todos as suas portas encerradas apenas está aberto o Casino Internacional do Monte Estoril.

Mas ainda ha mais... Apezar de se ter affirmado o contrario, os banqueiros hespanhoes que exploram o referido Casino, tambem tiveram artes para continuar a explorar o jogo no Gremio Litterario, e, ahi, querendo illudir o descontentamento que lavra entre os socios, procuraram e conseguiram ser admittidos como associados, e lá estão todos os dias das cinco ás sete da tarde e das onze ás duas da madrugada, de banca preparada e promptos, em serviço permanente, a engrossarem os seus capitaes.

Para ocultar, sem regulamentação alguma, os banqueiros hespanhoes estão procurando monopolisar o jogo, tendo apenas ao seu serviço empregados hespanhoes, e reduzindo assim, com esta orientação, muitas familias á miseria, pois que hoje em Portugal já se contam por dezenas os portuguezes empregados nas casas de jogo, como creados e em muitos outros logares, e que como tal se julgam no direito de protestar contra essa invasão que lhes é prejudicial. No Casino de Monte Carlo todos os empregados são nacionaes. E em França, quando Clémenceau decretou uma regulamentação de Casinos e Villes d'Eaux, n'ella introduziu a clausula terminante da prohibição absoluta de elementos estrangeiros ao serviço d'essas casas, salvaguardando os interesses justissimos dos seus concidadãos e sendo n'essa occasião immediatamente expulsos de Paris e de todas as cidades da França numerosos hespanhoes e belgas que ali estavam empregados no jogo.

Presentemente em San Sebastian se debate a questão dos capitalistas e empregados estrangeiros dentro dos Casinos e energicamente se protesta contra a permanencia, ali, dos belgas na exploração do jogo. Esta importante questão tem sido tratada com grande vehemencia por differentes jornaes hespanhoes e bastante tem dado que fazer ao sr. ministro do interior do reino visinho.

Lá não se querem estrangeiros, cá, é o que se está vendo. E... «viva a graciá!...»

Ora, quando assim se observa só com respeito a empregados de casinos, o que fará com os capitaes estrangeiros.

Quantas dezenas de contos teem sido mandados para Hespanha, producto das bancas do Casino Internacional do Monte Estoril?

Basta!... Trate-se em Portugal de se regulamentar o jogo, visto estar já provado ser impossivel reprimil-o completamente, e obrigue-se os capitaes portuguezes a entrar na exploração de Hoteis, Casinos, no aformoseamento das nossas lindas praias, na certeza de uma remuneração condigna. Não só as acções do Casino de Vichy e Aix-les-Bains, mas tambem as do Casino de Monaco teem cotação nas bolsas de Paris e Londres.

Não é, pois, um negocio escuro aquelle de que tratamos, nem de tão avultados juros como se imagina, porque se os casinos muito rendem, muito se gasta com o luxo, divertimentos e com as innumeras commodidades que os «touristes» ali encontram, beneficiando assim milhares de pessoas que repetimos devem ser sempre nacionaes.

* *

Porque não se regulamenta, pois, o jogo em Portugal só para capitaes portuguezes? Em todas as nações onde tem sido decretado, por se ter reconhecido os resultados contraproducentes da sua repressão, considerada, pela experiencia, bastante inefficaz, só é permittido a capitalistas nacionaes e com a condição expressa de não poderem ser n'elle interessados quaesquer estrangeiros.

Os lucros para o Estado não serão fabulosos, mas as populações serão directamente beneficiadas, o turismo desenvolver-se-ha consideravelmente e a propriedade augmentará de valor, estabelecendo-se assim uma importante evolução financeira e economica sem que razões de ordem moral possam ser justamente expostas visto que tambem nos casinos do estrangeiro se teem visto jogar desde as testas coroadas aos mais importantes e respeitaveis banqueiros e commerciantes.

Eduardo VII e Rotschild jogaram em Monte Carlo, e em Trouville, o rei Leopoldo dos belgas muitas vezes lá foi visto, bem como mr. Wanderbilt «tenir la banque...»

Evitem-se as espeluncas e as pataqueiras pela regulamentação urgente, tomando-se em conta o maior desenvolvimento da riqueza nacional, e como é assumpto que deverá merecer dos poderes publicos a maxima attenção, é d'elle continuaremos a tratar até se conseguir uma regulamentação criteriosamente elaborada.

A CARESTIA DO ASSUCAR

A industria do chocolate

Sendo das poucas que não gosam de protecção é das que maior futuro teem em Portugal

Do assucar, não são poucas nem de somenos importancia as industrias que dependem. O assucar não é apenas um genero indispensavel á alimentação publica, porque é tambem um producto basico do fabrico de chocolates, de doces de toda a especie, de medicamentos multiplos, etc. Impor, pois, o assucar a todos os que o consomem na sua alimentação quotidiana e a quantos d'elle necessitam para crear trabalho e evitar que para o estrangeiro saia ouro aos montões, é praticar um erro economico que nenhuma consideração póde desculpar. E' contribuir para que o assucar tenha cada vez menos sahida, o que não será, decerto, proveitoso para ninguem e concorrer para que o chocolate nacional, que podia ter a mais prospera do mundo, estacione, crystalise, vegete, viva mettida na camisa de forças que as leis fiscaes lhe criam, sem poder rompel-a, sem lograr ir além do mercado interno, por sua natureza restricto, sem alargar a capacidade consumidora. Mas ha mais. Com o atrofiamento da industria do chocolate padecem outras industrias importantes, cujos progressos dependem em parte, dos progressos d'aquella e para cujo prosperidade as fabricas de chocolate concorreriam extraordinariamente, desde que, collocadas em condições de poderem concorrer com as fabricantes estrangeiras, podessem collocar os seus productos em todo o mundo.

São, principalmente, a industria lythographica e a de cartonagem as que mais directamente se vêem affectadas pela nossa falta de expansão—diz-nos o sr. José Martinho Gonçalves, gerente da fabrica «União», que é a melhor montada do paiz e das que mais se aproxima da laboração do cacau. Nós não podemos fazer conta se não com os mercados portuguezes. Os outros estão-nos vedados. Só agora tenho conseguido, por virtude da guerra, collocar os meus productos nos Açôres e nas colonias d'Africa. E' que os chocolates inglezes, por causa das difficuldades de transporte e tambem, certamente, por não terem augmentado em quantidade proporcional ao augmento do consumo, deixaram, quasi por completo, de apparecer n'aquelles mercados. D'ahi, ficarmos nós em campo. Mas será esta conquista de novos consumidores açoreanos e africanos sufficiente e de molde a deixar-nos satisfeitos? Não senhor, não! O assucar é nosso e assucar temol-o em abundancia. Devemos, por isso, empregar todos os esforços para não só não importarmos chocolates mais ainda para os exportarmos em abundancia. Como se ha-de alcançar esse resultado? E' com o Estado. Só elle póde permittir-nos que o façamos.

—Como?

—Em primeiro logar, reduzindo os direitos sobre o assucar ao que fôr justo, habilitando-nos a nós, os industriaes do chocolate, a obtel-o em condições que nos permitta baratear o producto e nos torne possivel a concorrencia com o estrangeiro. Em segundo logar, fazendo applicar rigorosamente as pautas, para de portas a dentro, em nosso proprio casa, não nos vermos batidos pelos productos que nos veem dos outros paizes, fabricados com o cacau que vae de Lisboa e não poucas vezes com o assucar que se produz nas nossas colonias. Porque é bom que se saiba que se praticam na alfandega, quando se trata de taxar os productos da chocolataria estrangeira anomalias e bizarrias com as quaes a industria nacional é prejudicadissima. Seria preciso alterar as pautas para que os chocolates nacionaes gozassem maior e mais proficua protecção? Não era, como vae ver-se. Importa-se, por exemplo, muito cacau em pó e em latas lytographadas. Sabe quanto paga cada kilo de cacau n'essas condições? Vinte centavos. Pois só a lata lytographada que lhe serve de embalagem devia pagar oitenta. E' espantoso, mas é verdade. Se o espirito da lei, que não se cumpre, em nosso prejuizo.

«Mas não cuide que se fica por aqui. Ha mais e melhor. Muito mais e muito melhor mesmo. Sendo, vêjo: Os bombons importados da Inglaterra, caixas e cartonagens artisticas pagam os mesmos 20 centavos. E sabe quanto pagamos nós pelas mesmas embalagens, se as quizermos importar, 30 a 50 centavos e um escudo, respectivamente. Isto não é justo; não póde ser, porque as fitas e as caixas de chardo que vêem lá fóra, trazem mais vazia de bombons, quando muito. Pode, por isso, dizer-se que veem vazias, impedindo-nos a nós de acondicionarmos os nossos productos em embalagens semelhantes e permittindo que o commerciante a retalho possa vender mais barato os bombons estrangeiros assim importados que os nossos. Quando nos creados estrangeiros, nem n'isso é um pensar, porque ao passo que as embalagens são tudo mais baratos, o assucar, por sua vez, não se vende a industria a mais de sete ou oito centavos. Cá, todos sabem o que acontece. E os chocolates em pasta, lindamente rotulados? Tambem não se fabricam ao 20 centavos. E todavia, esses rotulos, se os mandarmos vir, custam-nos, só de direitos, dez tostões! Remedio? E' intuitivo. Os chocolates que sejam tributados á parte, e as embalagens que paguem como se viessem vazias. E' o que é logico e justo. Dir-se-ha que pedimos muito. Como, se nós, se quizermos mandar para o estrangeiro os nossos productos, temos de pagar, pelo menos, 1.400 réis por kilo, quando elles se trate de simples amostras?

—E já reclamaram, n'esse sentido, á Alfandega?

—E' claro. Mas em vão. Parece que ha quem alegue que se trata de embalagens indispensaveis, o que não é verdade, visto o conteudo pesar sempre [illegible] por tal motivo, [illegible] dizendo de cumprir-se a lei, que é bem expressa. Quando se apresentam a despacho dois artigos com direitos differentes, é applicado sempre o direito mais elevado. Porque não se faz isso com os chocolates estrangeiros? E pelo que diz respeito á fiscalisação? Sobre os chocolates nacionaes, é ella rigorosa. Sempre que nos nossos chocolates entram ingredientes que sejam cacau e assucar, somos obrigados a declaral-o nos rotulos, [illegible] estrangeiros não declaram coisa nenhuma, não constando que pare os seus productos terem livre transito alfandegario, seja precisa a presença das auctoridades sanitarias.

—E a nossa industria da cartonagem satisfaz?

—Mas absolutamente! Por agóra, ella produz já muito e bem. Admittamos, porém, que ámanhã a industira dos bombons se desenvolveria co maximo. Não seria, porventura, a cartonagem forçada a progredir, a aperfeiçoar-se, a empregar os maiores esforços para corresponder ao nosso esforço? Evidentemente. Depois, de que servia á cartonagem fabricar hoje embalagens ricas, se não podia nunca vendel-as em grande numero? Quanto á lytografia, póde dizer-se a mesma coisa. Presentemente, ella já nos fornece estampagens razoaveis. Deem-lhe, porém, maior campo de acção e creio que poderá rivalisar com a industria estrangeira. Já vê que os progressos da nossa industria não são apenas nossos. Multiplicam-se, generalisam-se, attingem outros ramos de trabalho nacional, tambem valiosos e importantes, subsidiarios das nossas iniciativas. Mas para que todos nós vivamos prosperos, fazendo prosperar o paiz, urge que o Estado não nos desampare e nos trate com justiça. Urge que se cumpram as pautas e que se barateie o assucar, deixando entrar com reduzidos direitos os assucares coloniaes. Assim desenvolver-se-ha o problema; e o cacau portuguez, que presentemente passa por aqui de fugida, ficará por cá todo, para se transformar em bem estar, em prosperidade geral, em riqueza, em oiro. Porque a verdade é esta: o estrangeiro é que deve vir comprar-nos os nossos chocolates, não sendo nós que os devemos comprar ao estrangeiro. Assim é que está certo.

O INCENDIO DA MAGDALENA

Antonio Fernandez no Limoeiro

Estivemos ha poucas horas ainda n'um pequeno cubiculo da cadeia do Limoeiro em frente do ex-penitenciario Antonio Fernandez, um dos condemnados pelo incendio da rua da Magdalena, cujo processo tão ruidoso foi e tanto apaixonou a opinião publica.

Antonio Fernandez apresenta-se-nos de tamancos, sem meias, envergando sobre umas calças de cotim militar, um velho sobretudo; camisa branca, sem gravata. Cara e cabeça completamente rapadas. A sua pequena estatura apparece-nos com a linha pronunciadamente syphotica. Os seus passos são incertos, irregulares, de perfeita desconnexão locomotora.

Quando o saudamos fita-nos espasmodicamente, para d'ahi a pouco, com uma velocidade espantosa e n'uma algaraviada de portuguez e hespanhol, nos dizer:

—Sahi, sim senhor, sahi da Penitenciaria e estou aqui. Estou aqui e sou economico. Ligo tanta importancia aos senhores como ligo a esse papel. Sahi da Penitenciaria e trouxe o fato. Estou sem meias. Estou sem meias mas tenho-as lá em cima. Que eu não tenho familia. Mas diga-me: com que direito é que o senhor me interroga? Sim, porque eu sahi da Penitenciaria, mas tenho as minhas notas que não vendo a ninguem por dinheiro nenhum...

E como nós lhe dissessemos que se sentasse, exaltou-se um pouco, e com a mesma velocidade de expressão:

—Sentar-me? Não. Esta cadeira não me pertence, O senhor é que se deve sentar aqui. Eu aqui dentro tanto estou em Portugal como em Hespanha. Percebeu? Isto é tudo Hespanha, e eu na minha terra tenho ainda os bens dos meus paes. Mas tenho irmãos. Não toco n'esses bens. O senhor tambem tem irmãos. E deixa-os morrer á fome? Não deixa. A justiça deve ser toda presa. Não sabe o que faz. Imagine o senhor que tem uma flôr muito bonita. Vem alguem para a roubar e o senhor precisa salval-a. Precisa salval-a e mata-a. Mata-a. Ouviu? O senhor nunca matou ninguem? Matou sim senhor. Não diga que não matou. Toda a gente mata. O senhor é que devia ir para a minha cella. Para a Penitenciaria. Percebeu? Ande, diga se percebeu? O sr. tem um lapis. Sabe como se apara um lapis? Com os dentes. E eu não posso ter um lapis egual? Pois tenho. Está lá em cima. Olhe na Penitenciaria não falava a ninguem. A ninguem. Cumprir é rica. Percebeu? Mas isso do incendio é uma historia. Eram os rapazes. Todos somos rapazes. Pediam coisas... Pediam coisas... e eu dava-lh'as. O incendio... Tanto estou em Hespanha como em Portugal, é o mesmo. Já devia ter sahido. Pois quê, a Republica está tão solida e tem medo de mim? E' o que lhe digo. O senhor nunca matou ninguem? Matou. Ora ahi está! Todos matam. Olhe que eu não estou doido, ouviu? Não estou doido...

Houve uma pausa. Curvado para nós Antonio Fernandez, ora tinha um olhar vellado, espasmodico, ora nos fitava com o seu quê de ferocidade. Nunca mudava o rictus tristonho da face. De repente voltou a falar, a falar muito, arranjando para cada ideia que expunha trez e quatro significados em portuguez e hespanhol. Impossivel seguil-o na sua desorientação. Quando terminou perguntamos-lhe:

—Lembra-se ainda do Leandro?

—O Leandro? Solto. Está solto. Um homem, sim, uma pessoa que eu tanto considerei... E fui por sua causa tão enxovalhado...

E mudando immediatamente de rumo, continuou com a mesma loquacidade de sempre:

—Que eu tenho economias. E quando sahir hei-de montar os meus armazens de rendas. Mas não quero rapazes. Não quero rapazes. Coitados, elles pediam, pediam e eu dava-lhes. A gente precisa de comer. Que eu sou muito economico. Muito economico! E tenho lá em cima um maço de algodão. Sim. Tudo é preciso. Apare-se um lapis com os dentes, a gente póde fazer sangue e depois cura-se. Quando eu fôr para a Africa hei-de trabalhar. Vou trabalhar!

—Mas não espera sahir já?

—Pois claro. Para a Penitenciaria vae o senhor. E vae para a minha cella. Percebeu? Eu vim ante-hontem. E trouxe o fato. Mas tenho as meias lá em cima. Ante-hontem... E sabe que dia foi? Dia 18... E o senhor sabe o que é o dia 18? Um binoculo. Percebeu? Um binoculo. Ora ponha um oito deitado e depois um 1... vê... é um binoculo. Mas olhe que os homens publicos é que me deviam pôr em liberdade. Ah! que horror. Maltratado em toda a parte pelo homem dos oculos. Nos corredores escuros. Mas os oculos quebram-se... O senhor nunca matou ninguem? Matou. Toda a gente mata...

Havia quasi vinte minutos que ouviamos Antonio Fernandez. Estavamos positivamente esmagados sobre a horrorosa impressão dos seus olhos e da sua attitude de allucinado. Despedimo-nos. Cá fóra na secretaria um empregado confirma-nos que o estado do pobre homem é quasi sempre aquelle desde que ali entrou. Ao vir da Penitenciaria, dizem-nos ainda, não quiz trazer o dinheiro que lhe pertencia; e aqui, havia-se recusado, até hoje de manhã, a trocar o seu fato de recluso por outro.

Foi assim que encontrámos hoje, na cadeia do Limoeiro, o companheiro do Leandro.

Aviação militar

Para frequentar a futura escola de aviação militar offerece-se o sr. Celestino José Gonçalves, 1.º cabo licenceado de infantaria 2, morador na travessa do Caes do Tojo, 19, 3.º

Vida militar

O sr. capitão Correia dos Santos fez em infantaria 5 uma conferencia em que se occupou do tiro de infantaria na guerra actual

No regimento de infantaria 5 realisou esta tarde uma conferencia muito interessante o capitão do estado maior, em tirocinio n'aquelle regimento, sr. Correia dos Santos.

O conferente, que possue o mais acrisolado amor e enthusiasmo pela sua profissão, disse estar animado da firme convicção de que todos devem collaborar na anciada reconstituição da vida nacional e ia realisar quatro conferencias, a convito do seu commandante sr. coronel Pinto de Magalhães, a fim de se occupar de assumpto da maxima importancia para a vida militar. Tratou hoje o referido official da caracteristica dos meios de acção da infantaria na guerra actual, devendo nas conferencias seguintes occupar-se do confronto entre os resultados obtidos nas experiencias do campo de tiro da Escola de Infantaria de Madrid e da nossa Escola de Tiro de Infantaria, em Mafra, do emprego das metralhadoras e dos combates de noite.

O capitão Correia dos Santos fez um resumo dos ensinamentos a que se tinha chegado nas campanhas modernas, no emprego do terreno, dos fogos e das formações tacticas; descreveu a batalha do Marne, a retirada dos allemães para a linha do Aisne e o inicio da guerra de sapa, em que começa a actuar o fogo individual da infantaria e se põe de parte os fogos collectivos.

Descreve o que tem sido a febril actividade dos trabalhos de sapa, o emprego das minas explosivas, o arremesso das granadas de mão, emfim os varios meios violentos empregados como propulsores na infernal erupção vulcanica, n'essa longa extensão de 1.700 kilometros. Os fogos de infantaria — a desgraçada heroina da historia—passou a merecer uma attenção muito especial, n'uma orientação diversa nos campos de tiro, como já o reconheceu a Hespanha, que actualisou os cursos de capitães, este anno, na Escola de Madrid, em harmonia com os ensinamentos tirados na guerra actual. O conferente foi muito cumprimentado pelos officiaes que se encontravam ali na qualidade de representantes dos outros regimentos da guarnição de Lisboa, e que, por este meio, tiveram ensejo de conviver e estreitar os laços de camaradagem entre os diversos annos, n'um convivio espiritual, que muito os deixou penhados pela iniciativa do illustre commandante de infantaria n.º 5.

ULTIMA HORA

A situação politica

Convocação do Congresso—Conferencias

O *Diario do Governo* deve publicar hoje em supplemento o decreto que convoca extraordinariamente para o dia 27 o Congresso.

O sr. presidente da Republica conferenciou hoje, pouco antes da assignatura, com o sr. José de Castro. De manhã, conferenciou com os srs. Affonso Costa, Antonio José de Almeida e José Barbosa.

No caso de não haver numero, no dia 27, para o fenccionamento do Congresso, é natural que a sua primeira reunião só se realise no dia 2 de dezembro.

A reunião do conselho de ministros foi presidida hoje pelo chefe do Estado.

Gréves academicas

Procurando chegar a accordo—Reuniões

O movimento grévista academico ainda não está completamente solucionado. Muitos alumnos estão dispostos a pôr termo ao conflicto, mas outros estão resolvidos a proseguir até que sejam attendidas as reclamações das alumnas do lyceu Maria Pia.

Durante o dia de hoje fizeram-se varias «démarches» tendentes a chegar-se a um accordo, não se conseguindo, porém, esse desideratum.

O «comité» nomeado pelos grévistas entendendo que se não devia appoiar materialmente a gréve das alumnas do lyceu Maria Pia, assim o fez constar a todos os seus collegas, e perante os quaes depoz o seu mandato em vista de muitos estudantes não concordarem com a sua orientação. O «comité» resolveu ainda telegraphar a todos os estabelecimentos de ensino cujos alumnos tinham adherido ao movimento participando-lhes que por sua parte o consideravam terminado e que todos os estudantes deviam voltar ás aulas na proxima segunda-feira. Tambem resolveu dar o seu appoio moral ás alumnas do lyceu Maria Pia.

Os dissidentes do «comité» reuniram hoje de tarde e por sua parte resolveram dar todo o seu appoio ás grévistas, o que já de manhã lhes tinham demonstrado acclamando-as no largo do Carmo e mostrando-lhes as vantagens de se conservarem intransigentes até que as suas aspirações sejam satisfeitas. As alumnas do lyceu Maria Pia reunem ámanhã, pelas 12 horas, na travessa das Mercês, 33, 1.º, a fim de se deliberar a attitude a seguir em vista da resolução do «comité». A essa reunião devem assistir delegados dos lyceus de Beja e Evora, que tambem se acham em gréve e que vieram expressamente a Lisboa para conferenciarem com os seus collegas. Muitos alumnos de varios lyceus reuniram hoje de tarde e resolveram nomear uma nova commissão para tratar do movimento. No edificio da Escola de Construcções, na rua de Buenos Ayres, reunem esta noite os alumnos do antigo Instituto Industrial e os da Escola de Construcções, devendo assistir a essa reunião delegados das escolas que lhes deram o seu appoio. A's 20 horas tambem se realisa uma reunião na Escola Ferreira Borges, a fim de se tratar do conflicto. Esta reunião é feita a pedido da Associação Academica dos cursos do antigo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

NOTAS DIVERSAS

O sr. general Pereira d'Eça, acompanhado de sua esposa, esteve hoje no paço de Belem a apresentar os seus cumprimentos ao sr. presidente da Republica e sua esposa.

Com o sr. ministro do fomento conferenciou hoje demoradamente o sr. Castanheira das Neves, presidente do conselho de administração da exploração do porto de Lisboa.

Chronica da roubalheira

Alice Moraes, moradora na rua Silva e Albequerque, 35, 3.º, foi presa a pedido de Rodrigo Nobrega Gusmão, hospedado no hotel Sobral, que a accusa de lhe ter furtado a quantia de 470 escudos. Tambem foi preso Antonio Gonçalves, rua do Valle de Santo Antonio, 98, rez-do-chão, por tentar furtar um cordão de ouro no valor de 50 escudos a Antonio Jorge, empregado no estabelecimento de banhos em S. Paulo, offerecendo-lhe em troca uma cautella da loteria, que dizia estar premiada com 100 escudos, não conseguindo o seu intento por ter sido apanhado pelo guarda n.º 1619.

A firma Manuel Joaquim Cerqueira & Companhia, proprietaria da fabrica de moagens na rua da Galé, 22, queixou-se de que os gatunos lhe furtaram uma porção de cravinho e pimenta no valor de 50 escudos.

Fernando Augusto Duarte, morador na rua dos Castellinhos, 4, cave, queixou-se de que Alfredo Augusto Paulo, empregado na Fabrica d'Armas, lhe subtrahira da sua residencia differentes objectos de ouro, no valor de 74$70.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

4506	20:000$00
2281	2:000$00

Numero	Premio	Numero	Premio
5481	600$	1674	100$
1936	200$	1871	100$
2428	200$	1935	100$
4370	200$	2588	100$
1303	100$	3492	100$
1697	100$	5857	100$

PEQUENAS NOTICIAS

N'um dos grandes barracões da estação de Santa Apolonia, perto de Xabregas, que anda em construcção, por ha tempo ter ardido, abateu hoje o telhado, arrastando os carpinteiros Joaquim Vaz, José Gomes, Vicente Ferraz e Alfredo Moraes, que apenas ficaram ligeiramente feridos na cara e nas mãos, sendo pensados no posto medico da companhia e seguindo todos para suas casas.

—A' enfermaria 8 do hospital de S. José recolheram Joaquim Celestino, manipulador de tabacos, que cahiu ao Tejo no caes de Santa Apolonia, e Pedro Rocha, cocheiro, que foi colhido por um taipal na Praça da Figueira, ficando ferido na cabeça e contuso pelo corpo.

—A banda da Guarda Republicana executa ámanhã, na avenida da Liberdade, das 15 ás 17 horas, o seguinte programma: «Marcha militar», Fão; «Guilherme Tell», ouverture, Rossini; «Douce caresse», intermezo, E. Gillet; «Tannhauser, selecção, Wagner; «Eva», selecção, Lehar; «Patrie», ouverture, Bizet.

—Henrique Falcão Bemposta, de 24 annos, morador na rua do Arco de Bandeira, 63, 5.º, suicidou-se, atirando-se da janella á rua, tendo morte instantanea. O cadaver foi para a Morgue.

—Americo Bastos, morador na rua das Trinas, operario da fabrica Ferrão, Limitada, na rua do Caes do Tojo, quando hoje ali estava trabalhando foi colhido pelo volante de uma das machinas que lhe fracturou o braço esquerdo em duas partes. Seguiu para o hospital de S. José, onde ficou em tratamento.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil

Para conclusão dos trabalhos interrompidos em 8 d'outubro, reune a assembleia geral depois d'ámanhã, ás 20 e meia horas.

Companhia de Seguros Portugal Previdente

Em reunião effectuada esta tarde elegeu: assembleia geral: srs. Alberto Campos Henriques, João Baptista de Lima Junior, D. Agostinho de Sousa Coutinho (marquez do Fayal), D. Luiz de Sousa Holstein (marquez de Sousa Holstein), Adherito de Alpoim e Jeronymo de Serpa Chambel Quaresma; direcção: Germano Arnaud Furtado, José Carlos Trilho, Pedro Simões Affra, Zagallo Ilharco e Julio Pinto Cunha; substitutos: José Andrade Gomes, Antonio Joaquim Machado Pereira, Paulo José Fernandes e dr. Eduardo da Silva Machado Junior.

THEATROS

A actriz Lucinda Simões estreiou-se no Porto com a *Bella aventura*, de Flers e Caillavet.

Depois d'esta peça, a companhia do theatro da Republica, representou ali, no espectaculo de hontem, o *Morgado de Fafe*, *A ceia dos cardeaes* e o *Commissario bom rapaz*. Hoje representa *O Gavião*, e amanhã, de tarde, a *Bisbilhoteira* e o *D. Pedro Caruzo* e, á noite, o *Krán*.

Entrou em ensaios, no theatro do Gimnasio, a peça em um acto *D. Beltião de Figueirôa*, original do Julio Dantas. E' destinada á recita que a empreza d'aquelle theatro offerece ao illustre auctor da *Soror Mariana* e que deve realisar-se antes da primeira representação do *Primo Bazilio*. Os ensaios d'esta ultima começam na proxima segunda feira.

A traducção da peça *L'homme qui assassina*, que será representada, esta epoca, no Politeama, como noticiámos, é de Oldemiro Cesar.

Segundo consta, a actriz Alda de Aguiar, que estava no Gimnasio durante algumas epocas, vae fazer parte da companhia do theatro Politeama.

Festas associativas

A Associação de classe dos empregados de hoteis e restaurantes de Lisboa commemora amanhã o 6.º anniversario da sua fundação com um sarau dramatico e musical, ás 21 e meia horas, com cançonetas, monologos, canções, concerto pela tuna, que festeja tambem o seu 1.º anniversario, representação da comedia «O creado distrahido» e baile.

Na Academia Philarmonica Verdi realisa-se amanhã a festa annual em beneficio do seu cofre, com recita em que toma parte o Grupo Dramatico Lisbonense, levando á scena o drama «O golpe mortal». A festa é abrilhantada pela banda da Academia.

Continuam amanhã no Lisboa Club as festas de inverno, com bazar, tombola, recita com a comedia «Ouros, copas, espadas e paus», seguindo-se baile.

No Grupo Excursionista 8 de Setembro de 1906 começam ámanhã as festas commemorativas do 9.º anniversario, havendo ás 8 horas alvorada por uma banda de musica, ás 18 sessão solemne na qual farão uso da palavra diversos oradores, ás 21 recita pelo Grupo Dramatico 15 de Julho e em seguida baile.

Promovido pela direcção e dedicado aos socios e suas familias, ha ámanhã, ás 21 horas, baile na Academia Recreio Artistico.

Na Academia 1.º de Setembro de 1867 ha ámanhã recita em que toma parte o grupo dramatico «Os vencedores».

A Associação dos Operarios do Municipio celebra ámanhã o seu 23.º anniversario, havendo sessão solemne, ás 14 horas, e á noite sarau.

Sport

Desafios de amanhã

A Associação de Foot-ball de Lisboa, communica officialmente quaes os desafios marcados para amanhã.

São os seguintes: 1.ª cathegoria: Imperio contra Internacional em Palhavã, ás 15 horas; juiz o sr. Cosme Damião; 2.ª cathegoria, Bemfica, marca 2 pontos por o C. Quebrada estar suspenso; Sporting contra Lisboa F. C. no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. Mario Monteiro; 3.ª cathegoria: Sacavenense contra Imperio em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Francisco Ferreira; C. Quebrada contra Bemfica em Bemfica, ás 14 horas; juiz o sr. Humberto Ferreira; 4.ª cathegoria: Atheneu contra Bemfica, Sete Rios, ás 13 horas; juiz o sr. Frederico Cesar de Barros; Imperio contra Lisboa F. C. em Palhavã, ás 11 horas; juiz o sr. Joaquim Pedro da Silva.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 19.—Em resultado da nossa correspondencia publicada na *Capital* de 6 do corrente ácerca do roubo do thesouro da Sé, acham-se presos alguns individuos e entre elles Antonio José Alves, ex-commerciante d'esta praça, que já fez importantes declarações sobre o importante roubo, segundo nos informam.

Os presos estão incommunicaveis na cadeia de Santa Cruz e ás investigações está procedendo o delegado do procurador da Republica, sr. dr. Antonio Dias.

COIMBRA, 19.—Uma commissão de professores d'instrucção primaria trabalha activamente para levar a effeito uma assembleia magna da classe, nos dias 1 e 2 do proximo mez de dezembro, a fim de tratarem de assumptos do seu interesse.

—Para exercicio de corrida pela estrada de Penacova, sahiu hontem o 2.º grupo da Administração Militar, aquartelado n'esta cidade.

—No dia 25 do corrente devem realisar-se as eleições do jury commercial.

—A guarda republicana prendeu 3 individuos de S. João do Campo, por suspeitar que fossem elles que lançaram fogo a uns palheiros no mesmo logar.

—Continuam as diligencias sobre o roubo do thesouro da Sé. Pelas ultimas, mais individuos se acham compromettidos no audacioso roubo, estando alguns presos e incommunicaveis. O caso da fechadura da porta de segurança do thesouro da Sé está prendendo todas as attenções das auctoridades que agora assumiram as diligencias para descobrir os verdadeiros criminosos.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 7/16	33 5/16
Londres, 90 d/v.	34	—
Paris, cheque	$77,3	$77,8
Allemanha, cheque	$30,7	$31,5
Hollanda, cheque	$64	$64,5
Madrid, cheque	1$42,5	1$43,5
New York	1$52	1$54
Rios/Londres	12 1/4	—
Libras	7$35	7$45
Agio do ouro	61 %	66 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	38,50 j/1
» » 500$	39,75	—
» » 100$	—	39,55

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$25.
Externas: Cautelas da 3.ª serie, 8$10.
Acções: Ultramarino, nomin., 112$; Ilha do Principe, 215$; Phosphoros, coup., 54$80.
Obrigações: Norte e Leste, 2.º grau, 37$30; Carris de Ferro, 10$.

Colyseu dos Recreios

Estreia do novo mimodrama «O Sonho Tragico»

Desde ha tres dias que a bilheteira do Colyseu não tem mãos a medir para satisfazer todos os pedidos de bilhetes para a recita sensacional que hoje se realisa, com a «première» do emocionante mimodrama «Sonho Tragico», em 2 quadros, original do valente domador Georges Marck, com musica do insigne maestro Javel Letombe, e para o qual Augusto Pina pintou maravilhosos scenarios e a casa Landorff de Paris confecionou um deslumbrante guarda roupa. «Sonho Tragico», como os leitores de «A Capital» hontem viram pelo argumento que publicámos, é uma tragedia emocionantissima, cheia de peripecias commoventes, estando, por isso, destinada a alcançar um largo successo.

No brilhantissimo espectaculo de hoje, reapparecem as «Aguias humanas» Lévy Jenochio e Carlos d'Abreu, no seu extraordinario trabalho de «Vôos á Léotard», Saus, com a sua prodigiosa collecção de bonecos articulados, os primeiros clovns do mundo, etc.

Amanhã, tanto na «matinée» como no espectaculo da noite o «Sonho Tragico», e tomam parte todas as celebridades da companhia.

No espectaculo da moda de segunda feira estreia-se o «Grande certamen de saltos», por vinte saltadores da companhia.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto»; Salão Lisboa.

SPORT

A escola franceza de gymnastica

O methodo de Amoros

Os exercicios de «resistencia» e de «constancia» — Curiosos processos de excitar os alumnos de gymnastica

Temos falado de «methodos» e de «systhemas» gymnasticos. Temos exarado a opinião de medicos, pedagogos e physiologistas n'estes assumptos. Continuaremos a fazer a analise d'essas opiniões, acompanhando-a tanto quanto possivel d'um ligeiro esboço critico.

Hoje referimo-nos a Amoros, para quem o fim principal da gymnastica era o «bem proceder», isto é, a pratica de todas as virtudes domesticas e, em seguida, a formação do caracter e o desenvolvimento das qualidades viris. Tudo que podia tender ao desenvolvimento d'estas ultimas qualidades, que fazem verdadeiramente o homem, era considerada por Amoros como tendo uma importancia capital em educação physica. No seu «Manuel de Gymnastique et Morale» o fundador da gymnastica em França não tem uma pagina em que se não faça allusão á necessidade do desenvolvimento d'estas qualidades.

«Amoros considerava que cada exercicio devia, tanto quanto possivel, preencher um duplo fim: por um lado, desenvolver as qualidades puramente physicas: força muscular, força de resistencia e agilidade; por outro lado, ajudar ao desenvolvimento da «energia moral».

Na gymnastica de Amoros, entre os seus exercicios alguns bizarros e originaes, havia os exercicios de «resistencia» e de «constancia». Esses exercicios, fóra do seu valor no ponto de vista physico, eram antes de tudo exercicios de «effeito moral» intenso.

O exercicio indicado debaixo do nome de exercicio de «constancia» consiste em o gymnasta se manter n'uma posição fatigante, o mais tempo possivel. Este exercicio desenvolve não sómente a resistencia corporea, mas a resistencia moral e a resistencia á dôr.

Querem conhecer um dos exercicios d'este genero, talvez o mais aconselhado por Amoros? Era o da «suspensão pelas duas mãos» n'uma barra ou n'uma corda estendida horizontalmente. De começo os alumnos «aguentavam-se» 20 a 30 segundos e ao largar a barra queixavam-se de dôres que lhes havia produzido a extensão forçada. Depois com o habito permaneciam suspensos um, dois e mais minutos. Para os animar, Amoros dizia aos alumnos que só começava a contar depois dos cinco minutos.

Durante o exercicio, no Gymnasio Amoros, um grande numero de alumnos suspendia-se ao mesmo tempo e cada um procurava manter-se o mais tempo possivel. Os professores do Gymnasio tinham ordem de os animar, citando-lhes exemplos de grande constancia, como por exemplo, este tirado da historia antiga:

«Leonidas, rei da Lacedemonia, defendendo o estreito das Thermopylas com 300 homens, que morreram todos, excepto um, teve para salvar a sua patria, um rasgo de firmeza e constancia heroicas que não desapparecerá na lembrança dos homens. Foi isto em 480 antes da era christã. Xerxes, mandou-lhe dizer que se concordasse com elle, lhe daria o imperio da Grecia: «Prefiro morrer pela minha patria—respondeu elle—a reinar injustamente». O mesmo principe, intimado a entregar as suas armas, respondeu-lhe: «Vem buscal-as». Como alguem lhe dissesse que o exercito inimigo era tão numeroso que obscurecia o sol disse: «Tanto melhor, combateremos na sombra». Vieram-lhe dizer ainda: —«Os inimigos estão perto de nós. «Dizei antes, que nós é que estamos perto d'elles».

O certo é que alguns alumnos de Amoros, deixaram fama pelos seus actos de resistencia: Lachambre, esteve suspenso 35 minutos; Carbonier, soldado do 37 de linha, francez, conservou essa posição 42 minutos; David, soldado de engenharia, francez, 18 minutos!

Amoros explicava que deu o nome de «resistencia» á serie d'estes exercicios, porque a principal applicação que elles podiam ter no homem exigia perseverança no trabalho, resistencia á fadiga e mesmo á dôr, e dava uma influencia consideravel no desenvolvimento das faculdades physicas e moraes.

Notas do dia

Communicações da Associação de Foot-ball

Recebemos as «communicações officiaes» que abaixo publicamos e que dispensam commentarios. Representam uma necessidade para que o «foot-ball» seja jogado como deve ser. Constituiram, hontem, objecto de discussão nos clubs. Merecem, portanto, publicidade como «nota do dia» e demonstram que os dirigentes da «Associação» pensam na normalisação e nos destinos do «foot-ball» portuguez.

A direcção da Associação de Foot-ball de Lisboa tendo analysado detidamente as causas que veem perturbando a marcha regular do jogo do foot-ball entre nós e considerando que ellas estão expressas nas razões justificativas das penalidades de «simples reprehensão» applicadas a dois jogadores do S. C. P. e dois do S. L. B., publicadas no orgão official de 8 do corrente, mas considerando que a forma de intervenção no meio de «penalidades» representa um meio antipathico e regressivo embora necessario para conseguir remover as referidas causas; e considerando tambem que as direcções dos clubs em comprehendido a necessidade de collaborarem com esta direcção por todos os meios ao seu alcance para o mesmo fim, vem por esta forma lembrar o seguinte:

1.º—Que as direcções dos clubs não devem deixar de se fazer representar nas nossas «reuniões quinzenaes», levando os seus «juizes de campo e capitães» a fazerem o mesmo, dando por esta forma um bello exemplo de interesse pela marcha normal do jogo.

2.º—Que devem exercer acção sobre os jogadores do seu club para que cumpram e respeitem no campo as decisões do juiz, não as discutindo nem fazendo gestos de desagrado para o publico, a fim de evitar a sua influencia na marcha do desafio ou liberdade de decisão dos juizes, lembrando-lhe a lei n.º 13.ª, na parte «decisões officiaes» que dizem: «Todos os clubs filiados ou todas as pessoas ou impressos collocados nos seus campos de jogo, ameaçando de expulsão qualquer pessoa que seja accusada de insultar ou ser menos correcta para com o juiz de campo.

Qualquer offensa ao juiz fóra do campo do jogo terá a mesma significação que sendo commettida dentro do campo».

3.º—Que a mesma acção deve ser exercida sobre os outros socios na sua qualidade de espectadores de modo a evitar discussões em voz alta e referencias inconvenientes ou desagradaveis para o juiz de campo, as quaes concorrem em larga escala para o collocar mal perante o publico, attingindo assim a sua auctoridade;

4.º—Que junto ás bilheteiras e em varios pontos do campo, sejam collocados avisos impressos e bem visiveis prevenindo o publico de expulsão (sem direito a indemnisação) quando insulte o juiz de campo ou perturbe por qualquer forma a marcha regular do jogo;

5.º—Que em cada club se forme uma fiscalisação d'este serviço por um certo numero de socios do club que reclamem em caso de necessidade o auxilio da auctoridade sempre que for preciso;

6.º—Finalmente, que os jogadores acudam promptamente ás chamadas de apito do juiz de campo quer para começar o jogo quer depois do intervallo, não esquecendo tambem as disposições relativas a côres, compostura de uniformes, etc.

A proposito d'uma critica de box

Pedem-nos a publicação da seguinte carta: *Amigo e sr. dr. Pontes.*—Li hontem na secção que v. dirige no jornal «A Capital» uma carta do sr. Brun da Silveira em resposta a uma minha inserta no «Diario de Noticias» do dia 17, e rogo a v. a fineza de permittir que na mesma secção eu faça umas pequenas observações á referida carta do sr. Silveira.

Pretende o sr. Silveira contestar a minha opinião de que procedeu mal no combate entre os srs. Martins e Garcez, mas com muita pena minha não posso modificar a minha opinião porque:

1.º—O facto do sr. Silveira ter sido «segundo» do sr. Liz no combate d'aquelle senhor commigo não quer dizer que seja um technico e se esse combate se tivesse realisado contra outra pessoa e não commigo provaria ao sr. Silveira, apesar da victoria do seu combatente, as irregularidades que commetteu como «segundo», mas por melindres faceis de comprehender não posso nem quero trazer esse facto para a discussão a qual aliás nada tem com o assumpto que motivou esta carta.

2.º—O facto do sr. Silveira ter ajudado a impulsionar o «box», tambem não quer dizer que seja um technico.

3.º—Diz o sr. Silveira que não é elle quem tem desconhecimento do assumpto mas sim eu. Concordo que tem razão e por isso mesmo nunca me arroguei a pretensão de ser arbitro, mas esse desconhecimento julgo-o bastante conhecimento para poder apreciar o mau arbitro que é o sr. Silveira.

4.º—Deveria ter avisado os srs. Garcez e Martins antes de começado o combate de que no caso de empate teriam de fazer um novo «round», e não no fim. E' assim que se faz lá fóra em casos excepcionaes (o que não quer dizer que ache bem) e que faz muita differença do procedimento do sr. Silveira.

5.º—Não diz o sr. Silveira e tenho pena, porque razão deu a victoria ao sr. Martins quando claramente o «round» foi egual em vantagens para os dois combatentes. Para terminar direi ao sr. Silveira que só poderia tirar uma conclusão da sua longa carta dada a hypothese de que esse senhor me tivesse convencido da sua proficiencia como arbitro com os argumentos que me apresenta mas que nada provam. Essa conclusão seria ter o sr. Silveira sido parcial o que me custa muito a acreditar e de que o julgo incapaz dada a sua situação como membro do conselho technico a dentro da F. Portugueza de Box. Teria muito mais que dizer ao sr. Silveira se por acaso analysasse o combate dos srs. Garcez e Martins desde o primeiro ao ultimo «round», mas isso é desnecessario e não desejo occupar-lhe mais espaço e pondo ponto na discussão muito grato lhe fica amigo e sr. dr. Pontes pela inserção de estas linhas o seu amigo sempre ao seu dispôr.—*Humberto Vieira Caldas.*

Systema Hebert ou methodo Ling

A proposito da defeza d'estes dois processos gymnasticos, recebemos do professor de esgrima Magalhães, uma carta que em resposta indirecta á do capitão Oliveira Tavares, diz entre outras coisas o seguinte:

«... Para a gymnastica ser officialmente adoptada nas escolas, fez-se uma campanha enormissima e dezenas de representações; e, para adopção do systema de Ling (que veiu destruir o systema composto pelo saudoso Monteiro) bastou a propaganda d'um individuo (ao tempo amador).

«Tenho a firme certeza que se nos lyceus fosse officialmente adoptado o methodo d'Hebert, havia muitos cultores e admiradores, mas como o systema official é o de Ling, os seus apostolos são aos centos e os competentes são ás dezenas (por emquanto). Este systema é bom? E' mau? Apenas faço notar que ha mais de 10 annos está em execução e os beneficios resultados não são o que deviam ser. A que attribuil-o? Provavelmente ás nossas condições de vida, clima, temperamento, que differem muito do sueco. Comtudo o sistema Ling, reconheço-o, é bom, mesmo muito bom, mas... para os outros.

«O temperamento do portuguez não se adapta nem tolera o verdadeiro e rigoroso systema de Ling; porém, modificado, deturpado, então sim. E' caso para dizer: dar gato por coelho.

«O Congresso de Paris foi maravilhoso para o sistema Hebert. Foi a sua consagração. Tanto assim succedeu, que causou bastante impressão a entrevista do director do Instituto Central de Stockolmo, publicada e transcripta em varios jornaes e revistas. N'essa entrevista o director do I. C. E. fez a apologia do systema Hebert e declarou achal-o em bases não só racionaes, como reaes e scientificas e tanto que ia propôr modificações no systema sueco, introduzindo alguns exercicios preconisados por Hebert.

«Hebert, não é um charlatão e a critica que foi bastante fustigante e mordaz para o seu systema, acabou por lhe fazer justiça mas só depois d'um estrangeiro e auctoridade de pezo o consagrar.

«A pratica agora que tem mostrado o seu incontestavel valor e isto vale mais que todas as theorias; e, esta comparação é bem superior á dos livros.

«Hebert tem os seus livros, Ling tem muitos auctores. Hebert, divulgou o seu systema ha meia duzia d'annos, Ling ha mais de 100 annos.

«No citado Congresso de Paris, os apostolos de Ling enviaram a «élite» bem treinada nos seus gymnastas, Hebert apresentou novatos (homens e creanças) que foram d'uma enorme correcção e grande precisão.

E' pena que em Portugal se não cuide a serio da anthropometria, porque ao tempo que a gymnastica é obrigatoria, percorrendo-se os registos já se verificava se havia melhoramentos ou não na raça».

Algumas anedota

Um codigo muito antigo de educação

No café de La Gare, ponto de reunião de homens de «foot-ball», discutiam-se hontem as ultimas deliberações da Associação de Lisboa.

—E' demasiado!...—dizia um d'elles. D'aqui a pouco, a Associação exige que o publico e os jogadores vão para o campo com livros de missa na mão...

—Não são precisos livros de missa,—respondeu um segundo,—mas todos deviam saber quaes eram aquellas resoluções...

—Que as imprimam...

—Isso, isso, que as imprimam,—disseram muitos em côro.

—Não é necessario!—gritou do canto o sr. D. K...

—Porquê?

—Já estão impressas ha muitos annos...

—Onde?

—No livro do João Felix Pereira.

Noticias

Entre nós

Pelos rinks de patinagem

A'manhã, domingo, reunem-se pelos «rinks» de patinagem os amadores, já muito numerosos hoje, d'este exercicio. Como a pratica d'este «sport» entrou já pelas nossas melhores camadas, dão-se já reuniões elegantes, como succede na Escola de Educação Physica, em cujo «rink», todas as quintas e domingos, das 15 ás 19 e das 21 ás 24, se reune tudo que ha de mais distincto entre os cultores do patim. De resto, o «rink» da Escola está aberto e patente todos os dias, e sempre com a assistencia de um instructor.

—Nos «Desportos de Bemfica», que possuem o nosso mais vasto «rink», tambem amanhã é a patinagem praticada todo o dia, juntando-se alli, á noite, as melhores familias de Bemfica.

Nos Recreios Desportivos da Amadora

Para amanhã, domingo, de tarde e á noite estão annunciadas sessões de patinagem no bello «rink» dos Recreios Desportivos da Amadora, o melhor e mais elegante do paiz e que costuma ser frequentado pela nossa sociedade de «élite». Junto ao «rink» funccionará o novo «stand» de tiro reduzido, onde se juntam os numerosos amadores d'este genero de sport e onde se realisam series que enthusiasmam êsses amadores.

Uma festa com um combate de soco

Em tempos, o campeão portuguez, amador de «box», sr. Bazilio de Oliveira lançou um repto a todos os amadores que cultivassem esse exercicio combativo. Foi levantado pelo sr. Silva Ruivo, tambem campeão de Portugal mas da cathegoria dos «leves». Esse desafio deve realisar-se, segundo informações que recebemos, no dia 28, n'uma festa em beneficio d'um conhecido athleta profissional.

Gymnasio Club Portuguez

Augmentam de dia para dia as inscripções nas classes d'este club e muito principalmente nas classes infantis de gymnastica sueca o que faz prevêr para este anno uma concorrencia superior á das duas anteriores. Estão essas classes entregues a dois proficientes professores os srs. Arthur dos Santos e Levy Jenochio, bastante conhecidos no nosso meio e que sobejas provas tem dado do seu saber.

—Na sua reunião de hontem a direcção proseguiu nos seus trabalhos para execução do programma que se propõe executar durante a sua gerencia estando já bastante adeantados varios trabalhos como o do Congresso de Educação Physica que pela primeira vez se realisará entre nós na proxima primavera e foram approvados grande numero de novos socios.

PEQUENAS NOTICIAS

Pede-nos o presidente da assembleia geral da Associação de classe dos operarios e empregados das fabricas de cervejas e gazosas, sr. Manuel Alexandre, para tornar publica a sua declaração de que abandona todos os seus cargos dentro da organisação operaria, abandonando por completo a sua associação.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.
TRINDADE—A's 14—Matinée —A's 21—O dia de juizo (Revista).
GIMNASIO — A's 21 — La donna è mobile.
POLYTEAMA—A's 21—Caldo entornado.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO — A's 20,30 22,30 — Rosa tirana.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.
MODERNO— A's 21— As noviças.
COLISEU DOS RECREIOS —A's 14 — Matinée — A's 21 — Companhia de circo.

Boatos e informações

Entre nós

O theatro Avenida reabrirá brevemente com uma nova revista de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, musica de Bernardo Ferreira.

No theatro da Rua dos Condes vae entrar em ensaios de recordação a revista *Não desfazendo*, que será ampliada com uma nova apotheose. Em seguida representar-se-ha um *arreglo* do *Paiz das fadas*.

Estrangeiro

A companhia Adelina Abranches está trabalhando com ruidoso successo em S. Paulo, Casino Antartico, regressando d'ali ao Rio, onde faz nova temporada.

A companhia Antonio de Sousa, da qual fazem parte Adelina Nobre, Sarah Nobre e Izidoro Alacid, está trabalhando no Colyseu-Theatro de Porto Alegre.

No theatro Municipal de Caçapava uma companhia brazileira está representando o drama-sacro *A vida de Christo*.

Christiano de Sousa fez *reprise* no Rio de Janeiro, no theatro Trianon, da comedia *Receita dos Lacedemonios*, obtendo grande exito.

A companhia Leopoldo Froes e Lucilia Peres vae, de regresso de S. Paulo, trabalhar novamente no Rio de Janeiro, indo inaugurar o novo theatro Fenix.

No Rio de Janeiro vae representar-se uma nova revista de João Foca, intitulada *Duducuba*.

os navios que foram soccorrer os sobreviventes, dos quaes cerca de 250 foram salvos, um zeppelin e um hydroplano tentaram lançar bombas. Os trez cruzadores-couraçados allemães continuaram a navegar para leste, muito avariados, principalmente o «Derfflinger» e o «Seydlitz».

Como sir David Beatty nota no seu relatorio, a avaria do «Lion» fez com que os navios inglezes não alcançassem tão grande victoria como a que se teria conseguido se isso não succedesse.

Navio algum inglez se perdeu. O «Lion» e o «Tiger» soffreram avarias, é certo, e embora o primeiro tivesse de ser rebocado para o porto pelo «Indomitable», avarias foram ellas que em pouco tempo estavam reparadas. Do «Lion» tripulante algum foi morto, ficando apenas 21 feridos; no «Tiger», um official, o commandante engenheiro Charles G. Taylor, e nove homens foram mortos e trez officiaes e oito homens feridos, um dos quaes morreu dos ferimentos recebidos.

Na Allemanha o combate causou um desapontamento desproporcionado á sua importancia real. Durante algumas semanas a impressão subsistiu e dizia-se, falsamente, que um cruzador-couraçado inglez havia sido mettido a pique. A realidade, porém, é que as excursões ás aguas inglezas foram postas de parte. Taes emprezas, mesmo quando a esquadra allemã voltava intacta, eram muito arriscadas e pouco proveitosas.

Resolveram, por isso, as auctoridades navaes allemãs pôr de parte esses meios de guerrear e ameaçar o commercio inglez e o dos neutros por meio de submarinos e de minas, não descriminando, nem fazendo distincções.

sistentemente descripto na imprensa allemã como «o fortificado porto de Yarmouth», naturalmente para fazer com que os vassallos do kaiser imaginassem que era necessaria uma extraordinaria temeridade para atacar tão «temivel» fortaleza.

N'esse «raid» foram empregados oito navios, os cruzadores de batalha «Seydlitz», «Moltke» e «Von der Tann», os cruzadores-couraçados «Blücher» e «Yorck» e os cruzadores ligeiros «Kolberg», «Graudenz» e «Strassburg».

Bombardearam Yarmouth a tal distancia que não causaram avarias; não conseguiram mesmo avariar seriamente a antiga canhoneira-torpedeira «Halcyon», embora pudesse, sem grande difficuldade, ter sido afundada. Depois viraram de bordo e fugiram, deixando minas atraz de si.

O submarino D 11, que foi em sua perseguição, bateu n'uma e perdeu-se com toda a tripulação, excepto dois homens. Dois barcos de pesca tambem bateram em minas e se perderam com quinze homens. Quando os cruzadores voltaram ás suas proprias aguas, o «Yorck» bateu n'uma mina e afundou-se, perdendo a vida uns 300 homens.

O segundo «raid», a 16 de dezembro, foi feito em Scarborough, Whitby, e em Hartlepools. Esse «raid» causou o maior horror não só em Inglaterra, mas em todo o mundo civilisado. O nevoeiro, infelizmente, impediu que uma esquadra ingleza pudesse dar-lhes caça, mas a resposta aos allemães foi dada na manhã de Natal quando foram atacados os navios que estavam na bahia de Cuxhaven por sete hydroplanos.

Esses hydroplanos eram pilotados pelos aviadores commandantes Douglas A. Oliver, Francis E. T. Hewlett, Robert P. Ross e Cecil F. Milner, tenentes Arnold J. Miley e Charles H. K. Edmonds e alferes Vivian Gaskell Blackburn. O ataque foi dado de dia, partindo d'um ponto na vizinhança de Heligoland. Os hydroplanos foram escoltados por um cruzador ligeiro e por uma esquadrilha de destroyers acompanhados de submarinos. Logo que os navios foram avistados pelos allemães de Heligoland, dois zeppelins, tres ou quatro hydroplanos e alguns submarinos atacaram-nos. Foi necessario que os navios inglezes permanecessem nas visinhanças a fim de auxiliar os aviadores que voltassem e um novo combate se seguiu entre os mais modernos cruzadores d'um lado e os aviões inimigos e submarinos do outro.

Por uma rapida manobra os submarinos inimigos foram evitados e os dois zeppelins facilmente postos em fuga pelos canhões do «Undaunted» e do «Arethusa». Os hydroplanos allemães conseguiram arrojar algumas bombas proximo dos navios inglezes, mas sem attingirem nenhum.

Os navios inglezes permaneceram por tres horas ao largo da costa inimiga sem serem incommodados e reconduziram tres dos sete aviadores. Tres outros foram mais tarde recolhidos pelos submarinos que tinham ficado no local, tendo-se-lhes afundado os apparelhos. O commandante Hewlett faltava no fim do dia, mas voltou afinal são e salvo, tendo sido recolhido por um navio de pesca hollandez.

Quaes as avarias causadas, nunca se soube, mas o effeito moral foi grande. Cuxhaven está muito bem fortificada e é impossivel a um navio subir o Elba sem passar ao alcance dos canhões ahi montados. Accrescente-se que os tão gabados zeppelins foram postos em fuga quasi que simultaneamente.

Em ligação com esse contra-«raid» a Cuxhaven devemos mencionar o auxilio que foi dado pelos navios inglezes por mar ás forças de terra dos alliados na costa da Belgica. Quando, estabelecidos na costa, os allemães proseguiam nos seus planos para se apoderarem de Calais, como preliminar da destruição da armada ingleza e da invasão da Inglaterra, não contavam que os navios inglezes tomassem parte na partida. Como dissemos n'um dos capitulos dos primeiros volumes, uma flotilha naval, incluindo os tres

monitores que no começo da guerra estavam sendo construidos nos estaleiros inglezes para o Brazil, artilhada com grande numero de poderosos canhões de longo alcance, entrou em acção ao largo da costa belga em outubro de 1914, apoiando o flanco esquerdo do exercito belga. Na praia, as observações eram feitas por meio de balões navaes, e a esquadra sob o commando do contra-almirante Hood prestou um auxilio efficaz nas cercanias de Nieuport e Westende, bombardeando a direita allemã e enfiando as suas linhas. Embora o inimigo respondesse com canhões pezados e tentasse afundar os navios atacantes com submarinos, destroyers e minas, os inglezes resistiram e apenas tiveram ligeiras perdas.

O bombardeamento continuou intermittentemente durante semanas. A 23 de novembro todos os pontos de importancia militar em Zeebrugge foram canhoneados e embora o relatorio official diga que são desconhecidas as avarias causadas, ha motivo para crer que, pelo menos por algum tempo, o porto não poude ser utilisado como base naval.

O combate no Mar do Norte — O terceiro «raid» allemão realisou-se a 24 de janeiro, ou antes deve dizer-se que foi tentado, porque o ataque foi repellido por uma divisão ingleza sob o commando do vice-almirante sir David Beatty. Segundo todas as probabilidades, o intuito era repetir a façanha de 16 de dezembro, que tanta alegria causára na Allemanha e suppôz-se que o seu objectivo era o Tyne. Na Allemanha falára-se n'um «avanço no Mar do Norte», como se fôsse apenas uma excursão de reconhecimento.

Uma esquadra de cruzadores-couraçados e de cruzadores ligeiros com uma flotilha de destroyers andava patrulhando o Mar do Norte no domingo de manhã, 24 de janeiro de 1915, quando ás 7,25' o brilho de canhões foi observado a sul-sudeste e pouco depois o cruzador ligeiro «Aurora» communicava ao vice-almirante sir David Beatty que estava travando combate com navios inimigos.

O professor Ostwald, um dos intellectuaes allemães que assignou o celebre manifesto

Sir Beatty mandou avançar os seus navios para sul-sudeste, augmentou a velocidade a vinte e dois nós e ordenou aos cruzadores ligeiros e á flotilha de dstroyers que seguissem para sul-sudeste de modo que tomassem contacto com o inimigo e lhe communicassem os movimentos d'este.

Quasi immediatamente chegavam communicações do «Southampton», do «Arethusa» e do «Aurora», que se haviam antecipado a essas instrucções, de que os navios inimigos eram trez cruzadores-couraçados, o «Blücher», seis cruzadores ligeiros e muitos destroyers. A esquadra ingleza compunha-se dos cruzadores-couraçados «Lion», «Tiger», «Princess Royal», «New Zealand» e «Indomitable», dos cruzadores ligeiros «Southampton», «Nottingham», «Birmingham», «Lowestoft», «Arethusa», «Aurora» e «Undaunted», e de

uma flotilha de destroyers, estando esta sob o commando do commodoro Reginald Y. Tyrwhitt.

Quando os navios inimigos foram avistados, seguiam para noroeste, mas rapidamente mudaram de rumo para sudeste. Os cruzadores-couraçados inglezes, attingindo a maxima velocidade, navegaram para sul. A's 7 horas e meia avistarám o inimigo a cerca de quatorze milhas de distancia, tomando rapidamente posição, devido ás communicações que haviam recebido. A velocidade foi gradualmente augmentando até 28,5 nós e mercê dos esforços dos engenheiros machinistas do «New Zealand» e do «Indomitable», esses dois navios attingiram maior velocidade do que a que lhes era normal.

O resultado foi a esquadra approximar-se gradualmente a 20.000 jardas do navio da retaguarda inimiga —o Blücher»—estando os allemães em linha de fila, tendo os destroyers a estibordo.

O primeiro tiro foi disparado pelo «Lion» ás 8,52', mas não bateu no alvo, e desde esse momento só com intervallos se disparava um tiro, a fim de regular o alcance, até que ás 9,9' o «Blücher» foi attingido pela primeira vez. A's 8,20' o «Tiger», que seguira o «Lion», estava a distancia sufficiente para abrir fogo sobre o «Blücher» e o «Lion» voltou a sua attenção para o terceiro navio da linha allemã, que foi attingido por algumas descargas a 18.000 jardas.

O «Princess Royal», por seu turno, chegou ao alcance de tiro do «Blücher», que começou a decahir algum tanto, o que o expôz ao fogo dos canhões do «New Zealand», pelo que aquelle se voltou contra o terceiro navio da linha allemã, fazendo-lhe graves avarias.

Durante essas operações, a flotilha de cruzadores ligeiros e destroyers inglezes tomava gradualmente posição e como os destroyers inimigos ameaçavam atacar, o «Meteor» e a divisão de destroyers M passaram para a frente, audaciosamente dirigidos pelo capitão H. Meade.

Cerca das 9,45' o «Lion» travára combate com o navio allemão almirante, que tinha fogo a bordo; o «Tiger» fizera fogo primeiro sobre o mesmo navio, mas depois voltára-se para o «Blücher»; o «Princess Royal» estava em combate com o terceiro cruzador-couraçado allemão ao passo que o «Blücher», dando signaes de graves avarias, estava a contas com o «New Zealand». Os destroyers do inimigo estavam deitando grande quantidade de fumo para occultarem os seus cruzadores-couraçados, que, parecia, mudavam de rumo para o norte, com o fim de augmentarem a distancia que os separava dos navios inglezes.

Os navios da retaguarda tratavam tambem de pôr maior distancia entre elles e a linha britannica e como os destroyers allemães parecia quererem tentar um ataque, o «Lion» e o «Tiger» abriram fogo sobre elles, obrigando-os a retirar e a voltarem á posição que anteriormente occupavam.

O «Blücher», que a esse tempo se afastára bastante dos seus companheiros, tinha fogo a bordo, avançava vagarosamente e estava apparentemente em más condições. Como tomava rumo norte, o «Indomitable» recebeu ordem para o seguir e o atacar. Poucos minutos depois eram vistos submarinos n'essa direcção e o proprio almirante Beatty viu um periscopio a estibordo. O «Lion» soffreu n'esse momento uma avaria, que se viu não podia ser reparada immediatamente, pelo que mudou de rumo para noroeste.

O almirante entendeu que devia mudar para outro navio. A's 11,20' chamou o destroyer-torpedeiro «Attack» e embarcando n'elle dirigiu-se a toda a velocidade para junto do resto da esquadra. Encontrou-a ao meio dia retirando para nor-noroeste.

Passando para bordo do «Princess Royal» cerca do meio dia e meia hora, soube do commandante o que havia succedido desde que o «Lion» sahira fóra da linha. O «Blücher fôra mettido a pique e sobre

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1903—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 21 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O novo governo

Porque é que o paiz aguarda com o mais vivo interesse a formação do novo governo, constituido pelo partido que dispõe da maioria parlamentar e presidido pelo chefe d'esse partido, o sr. dr. Affonso Costa?

Em duas principaes razões se baseia esse interesse, que ellas plenamente justificam.

A primeira d'essas razões é a de que finalmente se vae executar um acto de logica do regimen, affirmando o respeito pelos seus principios e pelo seu systema. As urnas eleitoraes deram uma grande maioria a um dos partidos da Republica, que se apresentou a disputar o suffragio popular, pedindo ao eleitorado que o habilitasse a formar governo. Logo a situação politica da Republica não poderia normalisar-se emquanto esse partido, habilitado com as indicações constitucionaes, não ascendesse ao poder.

Precisamente d'esta razão deriva a segunda. O paiz espera um governo de realisações. Só pode executal-as um governo forte, um governo que tenha por si a maioria do eleitorado, um governo que, por isso mesmo que poude conquistar essa força, provou que é um partido organisado, dispondo de elementos quantitativos e qualitativos que permittam consideral-o como o agrupamento politico mais solido da sociedade portugueza.

Ha uma grande obra a fazer. Essa obra não pode ser instantanea. Exigil-o seria loucura ou má fé. Mas se tiver de ser lenta, o que não deve é falhar pela inacção governativa. Os passos do ministerio, no caminho das realisações necessarias, tanto de ordem interna como de ordem externa, tanto politicas como administrativas, economicas, financeiras, sociaes, podem ser prudentes, mas teem de ser seguros, e marcar uma sequencia de esforços que nenhuma solução de continuidade quebre.

D'aqui se conclue que esse governo tem de ser constituido por forma que uma perfeita homogeneidade de pensamento e de acção o caracterise. N'esse governo não pode haver iniciativas absolutamente isoladas. Tudo tem de obedecer a um plano, a um esforço commum.

E' um engano suppôr que a opinião publica se sobresalta com certos actos pela energia que possa assignalal-os. O que perturba a opinião publica, o que a intranquillisa, o que a lança n'um estado de retrahimento, de indifferença, ou de protesto, é o caracter insolito que esses actos revistam. Em politica a gravidade de determinados gestos varia conforme as circumstancias. O que hoje é reputado inadmissivel, pode ámanhã ter de considerar-se absolutamente necessario, logico e até justo.

Simplesmente para isso cumpre conquistar essa opinião, patenteando-lhe todo o desejo de acertar, de governar superiormente, para a nação e para a Republica, e não apenas segundo as conveniencias ou paixões partidarias. Os governos que sahem d'um partido teem que contar com esse partido, devem appoiar-se n'elle, zelar a sua força e o seu prestigio. Mas não podem esquecer que, acima de tudo, são o governo da nação, e os guardas das instituições.

O paiz quer que se ponha em execução uma obra de segurança, de desenvolvimento e de dignificação nacional. Que ha um partido que se affigurou capaz de realisar essa obra, provou-o o resultado das eleições. Esse partido vae governar. O paiz outhorgou-lhe a sua confiança. E' pelos seus actos que poderá conserval-a.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'A Capital são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Divididos em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Uma calumnia

A «Nação» de hoje refere-se a uma affirmação calumniosa, segundo a qual o director de «A Capital», teria aconselhado marinheiros a empastelarem alguns jornaes, no numero dos quaes estaria essa folha monarchica. Está a «Nação» convencida de que o director de «A Capital» poderá jámais praticar um acto d'essa natureza? Pela sua origem, a calumnia a que nos referimos deveria estar ferida de morte, mas visto que se apparenta ligar-lhe visos de verdade, necessario se torna, apezar da repugnancia que ella inspira, oppôr-lhe o mais formal desmentido, ainda mais: desafiar quem quer que seja a que a apoie em qualquer prova. Não é a primeira calumnia que tenta nivelar o director de «A Capital», mas é seguramente a mais grosseira e a mais vil.

Os novos submarinos

Para a construcção dos tres submarinos que se destinam á nossa esquadra, e que deve realisar-se dentro de um periodo de dez mezes, seria escolhida pela casa constructora «Fiat San Georgio» um dos tres portos italianos em que a mesma casa possue estaleiros: Livorno, Spezia ou Genova. Sendo assim, apenas haverá uma missão incumbida de seguir os trabalhos e á qual presidirá o illustre official sr. Almeida Henriques, commandante do «Espadarte», cuja elevada competencia technica é geralmente reconhecida. Da mesma missão fará parte o distincto engenheiro constructor naval sr. Francisco Sequeira Junior, convindo notar que já dispomos de tripulações adextradas para serviço dos submersiveis.

A casa «Fiat San Georgio» recebeu do governo italiano o encargo de construir um grande numero de submarinos e os primeiros que por esse governo forem dispensados, dentro do periodo que mencionamos acima, ser-nos-hão entregues, de modo que a missão portugueza acompanhará com os representantes da armada italiana a construcção dos navios encommendados e que, são semelhantes aos que ficam na Italia.

Cumpre não esquecer o objectivo que se tem em vista com a acquisição dos novos submarinos. Essa arma de guerra, que tão singular papel tem representado na guerra actual, pode ter um raio de acção maior ou menor, consoante o seu principal escopo é o ataque ou a defeza. Os submarinos agora encommendados pelo governo portuguez reservam-se á defeza do porto de Lisboa e da nossa extensa costa maritima. Pertencem á categoria dos de menor raio de acção e é d'esses que nós precisamos. Quer isto dizer que não se adquiram no futuro, submarinos dos outros? De modo algum. Até lá, porém, não é demasiado munirmo-nos dos primeiros que em menos d'um anno é de crer que estejam no Tejo.

CHRONICAS DE PARIS

Constantinopla para os belgas

Elemento flamengo e elemento wallon — A' Belgica não convem a annexação de provincias allemãs — A solução do problema do Bosphoro — Ainda as colonias portuguezas — As prophecias de um grande philosopho

—A Belgica, disse-me ainda Jean Finot, é uma nacionalidade singular baseada no equilibrio desde longos annos estabelecido entre o elemento wallon e o flamengo. O predominio d'este ultimo elemento sobre o outro viria affectar a nacionalidade na sua propria essencia. Por isso mesmo não convirá á Belgica, terminada que seja a guerra, annexar aos seus proprios territorios algumas provincias allemãs a titulo de compensação dos sacrificios feitos e das injurias supportadas. A raça germanica viria assim a adquirir uma especie de hegemonia que sem duvida teria uma enorme influencia na civilisação e nos costumes, essencialmente latinos.

Inquiri, com interesse:

—Como ha de então indemnisar-se a Belgica, no fim da lucta, attendendo ao seu admiravel heroismo e aos enormes prejuizos que supportou?

—E' simples, replicou o eminente escriptor. A Allemanha commetter-se-ha a pagar-lhe uma formidavel contribuição de guerra. Em materia de compensações territoriaes limitar-se-ha a ceder uma provincia, limitrophe de Liège, onde predomina o elemento wallon e onde as preferencias dos habitantes pelo genio belga e francez resistiram a todas as tentativas de germanisação exercidas pela Prussia desde 1815. Fóra d'isso não convem á Belgica annexar mais um palmo sequer de territorio allemão. Ha, porém, ainda uma recompensa que eu proprio suggeri e largamente justifiquei em antigos publicados na «Revue», e que bem traduziria a homenagem dos paizes civilisados a esse povo heroico...

—E seria...

—Constantinopla. Esta ideia, que lancei logo no inicio das hostilidades com a Turquia, foi calorosamente acolhida na imprensa dos alliados e valeu-me as mais vivas felicitações de muitos diplomatas. Posso mesmo affirmar-lhe que a diplomacia balkanica manifestou por essa solução uma decidida simpathia. Infelizmente tinha-se praticado o erro de prometter Constantinopla á Russia, o que decerto influiu na politica ulterior dos Balkans, onde se não podia vêr com bons olhos o dominio dos Estreitos passar para as mãos da grande potencia slava. Posso assegurar-lhe que n'este momento se procura remediar o mal, conseguindo que a Russia renuncie á promessa que lhe foi feita para se pôr em pratica a preconisada nos meus artigos.

—Em que condições se effectuará a cedencia de Constantinopla?—perguntei.

—Muito simplesmente: dar-se-lhe-ha o titulo de cidade livre, sob a protecção do mundo civilisado e encarregar-se-ha a Belgica da sua administração. O problema do Bosphoro, que desde tantos annos preoccupa as chancellarias, fica assim resolvido de vez. Constantinopla foi sempre um pomo de discordia. Napoleão renunciou a realisar com a Russia a partilha da Turquia, apenas porque não quiz ceder aos russos a posse de Stambul, que, na sua opinião ,valia um imperio. Pensou-se mais tarde em organisar uma confederação balkanica tendo Constantinopla por capital, mas os acontecimentos dos ultimos annos demonstraram á evidencia a inviabilidade da ideia. Por outro lado, o projecto da internacionalisação que tão bom resultado tem dado em Tanger não é applicavel a Constantinopla ,cuja importancia e situação são incomparavelmente differentes. Resta, por exclusão de partes, a solução que indiquei. A Belgica terá Constantinopla; esse povo de heroes e de martyres será assim justamente recompensado com uma prova de suprema confiança.

«Quanto ás colonias portuguezas, repito-lhe, nada ha a temer. Não ouvi nunca, nas inumeras entrevistas que tenho tido com eminentes personalidades da diplomacia e da politica dos povos alliados, fazer-se a esse respeito a menor allusão. De resto, é uma questão de raciocinio e de logica: A França não pensa em augmentar o seu dominio colonial, e contentar-se-ha, em materia de acquisições territoriaes, com a reintegração da Alsacia-Lorena e da parte do Congo que cedeu á Allemanha pelo tratado de 1912. A Inglaterra toma conta das antigas possessões allemãs, parte das quaes serão sem duvida englobadas no systema administrativo da União Sul Africana.

—Uma ultima pergunta: quaes serão, de uma maneira geral, as vantagens resultantes da guerra actual?

Jean Finot, em vez de responder, lançou mão de uma brochura que tinha sobre a secretaria. Era o seu ultimo livro—«Civilisados contra Allemães»—, de que sahiu já a quarta edição e que tem obtido em toda a parte um exito retumbante. Ha poucos dias ainda escrevia-lhe do quartel general dos exercitos russos o proprio Nicolau II para lhe exprimir «a grande satisfação que teve na leitura d'essa obra». Abriu o volume em determinada altura e collocou sob os meus olhos a pagina seguinte:

«Com a desapparição da hegemonia allemã, a humanidade dará livre curso aos sonhos generosos que não cessam de a agitar. Na ausencia do obstaculo allemão, a limitação dos armamentos poderá realisar-se facilmente. E com ella estabelecer-se-hão as relações juridicas entre os povos. O tribunal da Haya, collocado sob a salvaguarda do mundo, auxiliará a inauguração de relações equitativas entre todas as nações do globo. A epocha da violencia e da força bruta tem de ceder o logar a costumes mais doces e menos barbaros, baseados no respeito da justiça e da lealdade.

«Os pequenos povos, libertos do pesadello de um banditismo internacional, hão de respirar mais livremente...

«Vencido o militarismo, os povos entregar-se-hão ao trabalho productivo. A vida economica e financeira retomará novo e prodigioso esplendor.

«Bastarão certamente alguns annos para cobrir as perdas consideraveis occasionadas pela guerra e pelas crises chronicas do passado.

«Os orçamentos dos paizes europeus, que não tornarão a ser devastados pelas despezas loucas de uma paz armada e os impostos ameaçadores para o futuro economico do velho mundo diminuirão por sua vez.

«Os encargos militares, consideravelmente reduzidos, permittirão velar mais cuidadosamente pela sorte dos humildes e dos desherdados... Se de futuro uma quarta parte das despezas que antigamente eram absorvidas pelo abismo inexgotavel dos armamentos fôr gasta em proveito das classes trabalhadoras, os Estados poderão conjurar as ameaças de uma anarchia interna e internacional.

«Serão tambem remunerados por forma mais equitativa todos os funccionarios publicos, começando pelos professores primarios, esses creadores da nação futura, e acabando pelos representantes do exercito reduzido, que terão a missão de assegurar a evolução dos povos para um estado juridico estavel e pacifico».

Assim terminou a minha entrevista com esse philosopho admiravel, natureza de «élite» eivada de um optimismo cheio de moralidade sã e de belleza eterna. Já de pé, quando lhe apertava a mão no «shakehands» da despedida, falou-me ainda de Portugal, que pessoalmente visitou e que tanta sympathia lhe merece; citou-me nomes, datas, factos... Sahi. O echo da sua palavra facil e elegante vibrou-me longo tempo aos ouvidos, fortificando no meu espirito a confiança inabalavel no futuro das nações. As ultimas palavras do seu livro constituem o mais simples dos programmas e a mais bella das promessas:

—Trabalhemos pois todos com paciencia em apressar esta victoria indispensavel ao futuro e á salvação do nosso ideal. Será laboriosa, mas é segura. Depois, caminhar-se-ha para a fraternidade internacional das consciencias, que aspirarão, sob a egide das suas patrias reconciliadas, a mais justiça, mais liberdade, mais humanidade, mais segurança e, por consequencia, mais ventura.

HERMANO NEVES

A'manhã:

O que será a nova Europa

segundo as idéas de Jean Finot

LEGALISMOS...

O commando da divisão naval

e os escrupulos manifestados pelo sr. José Barbosa

O sr. José Barbosa, na «Lucta», tem affirmado algumas vezes que o sr. Leotte do Rego está a commandar a divisão naval contra as disposições da lei, que marca para aquelle cargo o posto de contra-almirante. O sr. José Barbosa ignora ou esquece os seguintes factos:

1.º—Que todos os actuaes contra-almirantes estão no exercicio de funcções para as quaes a sua patente é exigida. Não ha, portanto, nenhum para commandar a divisão naval.

2.º—Que o sr. Leotte do Rego exerce o cargo de commandante interino da divisão porque é o commandante mais antigo dos que se encontram á frente dos nossos vasos de guerra. Mas não recebe, apezar d'isso, os vencimentos a que teria direito como commandante da divisão.

3.º—Que depois da revolução de 5 de outubro os commandos dos navios foram entregues aos officiaes revolucionarios, sem se attender sequer ao passado republicano d'alguns dos officiaes que os commandavam. O sr. Alfredo Guilherme Howel, velho republicano, capitão de fragata, que tinha conquistado no mar os seus galões, foi substituido no «S. Gabriel» a 7 de dezembro de 1911 pelo sr. Carlos de Maia, capitão-tenente n'essa altura.

4.º—Que alguns d'esses officiaes revolucionarios estiveram em commandos que exigiam patentes superiores ás que elles possuiam—apezar de já terem sido promovidos por distincção. Não se revelou, n'esses momentos, o legalismo do sr. José Barbosa.

Relembrados estes factos, resta dizer que o sr. José Barbosa entende que «só ha um caminho digno» para o sr. Leotte do Rego continuar á frente da divisão naval, e que seria o de «reformar todos os officiaes superiores ao sr. Leotte do Rego, que assim passará a ser o nosso vice-almirante n.º 1».

Para o sr. Leotte do Rego ser já vice-almirante havia outro caminho:—bastava que os officiaes revolucionarios de 14 de maio acceitassem ou reclamassem as mesmas promoções que tiveram os de 5 de outubro. O sr. Ladislau Parreira, que era primeiro tenente, passou a capitão de mar e guerra, isto é, teve um accesso de trez postos. O sr. Leotte do Rego, que é capitão de fragata, se tivesse o mesmo accesso seria hoje, de facto, vice-almirante. Já vê o sr. José Barbosa que, para isso, não era preciso reformar ninguem.

Mas os officiaes revolucionarios de 14 de maio, pensando diversamente dos de 5 de outubro, tinham antecipadamente resolvido não acceitar promoções. Assim, o sr. Leotte do Rego, que já era capitão-tenente quando o sr. Ladislau Parreira era apenas primeiro tenente, continuará a ser capitão de fragata, como é hoje, quando o sr. Ladislau Parreira fôr contra-almirante, o que deverá suceder dentro de dois annos, mais dia, menos dia.

Pelo telegrapho

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 20.—Communicação official das 23 horas. Em varios pontos da linha de combate, os tiros de concentração contra a artilharia inimiga tem obtido resultados de uma efficacia comprovada, especialmente na Belgica, na região de Boesinghe onde os entrincheiramentos allemães foram destruidos. No Somme proximo de Beauvraignes demolimos alguns pequenos postos e uma cupula blindada do inimigo. Na generalidade das linhas houve a actividade habitual das duas artilharias.—(*Havas*).

Lord Kitchner é recebido pelo rei da Grecia

ATHENAS, 20.—Lord Kitchener chegado esta manhã, foi juntamente com o ministro de Inglaterra, recebido pelo rei, esta tarde.—(*Havas*).

Poeira da Arcada

O portuguez que melancholicamente atravessa este aspero anno de 1915, sente grandes duvidas a seu respeito e a respeito dos outros. A sua maneira quasi constante é a de um homem que atravessa de noite um ermo com a desconfiança de que os lobos vão sahir-lhe ao caminho. De tempos a tempos julga-se forte e não lhe custaria resistir ás feras e á forma summaria como ellas ajustam contas com o seu rei. Este estado de exaltação é passageiro. A prudencia acalma-o. E elle então descrê do seu esforço e acha as coisas humanas vagas e incertas. E abatido e murcho escuta ás vezes deliciado os que lhe dizem que os seus avós foram heroicos e destemidos. Que falta de vergonha!

* * *

E' sempre proveitoso ouvir discorrer um ignorante sobre os problemas da politica. Como não conhece difficuldades, encontra-se sempre preparado para medidas de largo folego. Se lhe apresentam objecções á sua simplicissima sciencia das coisas publicas, irrita-se, como se alguem quizesse pôr em duvida a sua competencia. N'alguns cafés, hontem á noite, as discussões eram acaloradas e havia coleras irreprimiveis.

* * *

Alguns jornaes da manhã incitavam os eleitores a concorrerem ás urnas. Não ha processo mais directo para lisongear a preguiça livre de uma democracia.

* * *

Os cursos livres nas nossas escolas continuam a ser muito elogiados. Felizmente que mestres e alumnos estão bem convencidos do contrario, quando lhe celebram as vantagens. A nossa incuria acomodou-se a elles e esplorou-os parasitariamente. Todavia, a verdade não se deixa vencer.

EM TORNO DAS MISSÕES

Os religiosos do Espirito Santo

O predominio do elemento estrangeiro — Os congreganistas e a politica — O que o padre Rooney pensava de Emygdio Navarro, Fernando de Sousa (Nemo) e Quirino de Jesus

Queixam-se os padres do Espirito Santo de que o encerramento forçado das casas de preparação que possuiam em Portugal, impedindo-os de recrutar entre os portuguezes o pessoal para as missões de Angola, os obriga a recorrer a pessoal estrangeiro, caso gravissimo esse porque significa a desnacionalisação das mesmas missões.

Ora é mister lembrar que nas dezenas de annos que os padres do Espirito Santo aqui viveram, sob o pretexto de recrutar e preparar elementos portuguezes para as missões de Angola, predominou sempre entre elles o pessoal estrangeiro e apenas, que nos conste, pouco tempo antes de encerradas as suas casas foi investido nos cargos de provincial da congregação n'este paiz e de procurador geral das missões de Angola e Congo um religioso portuguez, o rev. José Maria Antunes, o mais distincto e operoso missionario que aquelle instituto logrou recrutar entre compatriotas nossos, no transcurso de um quarto de seculo... Até então, se não estamos em erro, semelhantes cargos foram desempenhados por padres estrangeiros que nos estabelecimentos da congregação do Espirito Santo em Portugal occuparam quasi exclusivamente os postos principaes até á revolução de 1910.

Foi, todavia, o importante problema das missões de Africa o capital objectivo dos padres do Espirito Santo, desde que se instalaram entre nós? Esforçaram-se elles, afincadamente, por organisar uma forte pleiade de missionarios portuguezes de nação e de coração cuja obra se impuzesse de maneira que nos curvassemos todos perante a sua solida grandeza e a sua efficacia innegavel? Tudo isso é possivel, mas os factos estão longe de o comprovar. Com effeito, os padres estrangeiros do Espirito Santo trataram, nomeadamente, de se radicar nos grandes centros da metropole e de fazer concorrencia por meio dos collegios de ensino livre, do confessionario e até da imprensa ás outras congregações e ordens, envolvendo-se, como algumas d'ellas, na vida politica do paiz... A sua actividade, sob o ponto de vista politico, manteve-se até á extrema hora e os seus depoimentos ácerca do papel exercido na politica por outros religiosos são d'um extraordinario valor, porque confirmam em absoluto o que estes negavam e diziam ser uma vil calumnia dos seus adversarios. Mas recordemos o passado, para se prever o que seria o futuro, se elles voltassem agora a titulo de recrutar e adestrar pessoal para as missões...

* * *

Em 1901, anno de agitação contra as ordens e congregações, salientava-se como o mais notavel e de maior influencia entre os congreganistas do Espirito Santo o padre Christovam Rooney, irlandez, que o drama Camarido tornou celebre. Perante o movimento anti-clerical que deu origem á legalisação dos institutos religiosos sob a mascara de novos titulos e de estatutos adrede forjados, Rooney foi dos mais activos batalhadores pela causa das ordens e congregações, especialmente da sua, considerando que o «unico meio de salvação» para ellas, «em face da propaganda energica, perseverante e universal feita pelos liberaes», consistia em se reunirem, organisarem e entenderem. Hintze Ribeiro, presidente do ministerio, apavorado com a scisão promovida pelo sr. João Franco e com o receio d'uma revolução republicana para suffocar a qual entendia não bastarem vinte e quatro mil soldados, quando Jacinto Candido dizia que a dominava com vinte e quatro policias,—Hintze Ribeiro hesitava nas providencias a tomar e promettia favorecer quanto pudesse frades e congreganistas. O padre Rooney era dos que mais o assediavam, coadjuvado por um cortejo de aristocra-

Folhetim d'A CAPITAL — 21-11-1915

A força do direito

Ainda não ha muito, Urbain Gohier publicou n'um jornal francez um artigo a que não pode negar-se, senão uma rigorosa logica, pelo menos a sua desoladora apparencia.

Esse artigo versava sobre a força e o direito. A conferencia da paz, a inauguração do palacio que na Haya foi destinado á séde d'essa conferencia, coincidiram com estes factos violentos: a guerra do Transvaal, a guerra da Mandchuria, duas guerras nos Balkans e finalmente a conflagração européa. Eis o espectaculo que o mundo tem presenciado desde que as primeiras nações do mundo resolveram congregar-se para assegurar a paz universal.

E' impiedoso Urbain Gohier quando argue o que elle chama as tolices romanticas de Michelet: «No seculo XX a França declarará a paz ao mundo». Agora mesmo, accrescenta elle, ha já quem brade: «A Força subjugava o Direito, segundo a phrase celebre de Bismarck; d'aqui em deante, o Direito subjugará a Força».

Tem razão o aspero publicista francez. Não foi contra a radiosa abstracção do Direito que o esforço allemão se suspendeu. Foi perante uma força egual ou superior á sua. «Porventura a Belgica não tinha por si o Direito?» — exclama Gohier. Comtudo foi esmagada». E conclue: «Para que a força não subjugue o direito, é preciso que o direito se estribe n'uma força superior».

E' certo. Urbain Gohier diz uma verdade. Mas não diz toda a verdade. O esforço da mais potentosa machina militar que tem existido no mundo não se quebrou de encontro ás divagações do direito. Quebrou-se em presença d'uma força superior á sua. E' certo. Mas não é menos certo que essa força superior não se teria obtido se o direito se não houvesse suscitado.

A Belgica foi esmagada? A Belgica viu calcados os seus direitos? Sem duvida. Mas precisamente esse esmagamento da Belgica é que lançou na guerra a mais formidavel das potencias maritimas do globo. Emquanto o chanceller allemão se mostrava assombrado por que a Inglaterra ia entrar n'uma questão de vida ou de morte por causa d'um «farrapo de papel» (esse farrapo de papel era o compromisso inglez de defender a neutralidade belga) o governo de Londres respondia-lhe que era uma questão de vida ou de morte para a Inglaterra manter a honra da sua assignatura.

Uma violação do direito, embora invocada a necessidade absoluta de a praticar para o exito d'uma guerra, transformou inteiramente o caracter da lucta que se ia empenhar. Urbain Gohier poderá dizer que se tratou d'um simples pretexto. E' possivel? Não o discutirei, mas a verdade é que sem esse motivo a participação absoluta da Grã-Bretanha na guerra, logo no seu inicio, não teria sido possivel. Por muito que a força domine e subjugue, não dispensaria então esses pretextos, e é consolador pensar que os não pode dispensar. A propria Allemanha os invoca. A supremacia do direito é tal que, virtualmente, ainda que a força não encontre perante si vislumbres de resistencia efficaz, necessita absolutamente prevalecer-se da apparencia, ainda a mais pallida e fugitiva, d'uma razão.

* * *

Em 1870—diz Urbain Gohier, — a França encontrou-se sósinha. Não ha duvida. Mas cumpre formular esta objecção essencial: a França, em 1870, não tinha por si o direito. Foi ella que declarou a guerra á Prussia, e o mundo sabia que, se a França ficasse victoriosa, uma tremenda tyrannia o subjugaria por largo tempo. Porque a França, que declarava guerra á Prussia, suppondo facilmente debellal-a, era a França do Imperio, onde um descendente do maior conquistador dos tempos modernos, procurava resuscitar as ambições do Grande Corso. A França foi vencida, e a verdade manda ainda dizer que da derrota da França resultou, para a propria França, uma victoria do Direito. A França soffreu, sangrou, mas viu-se livre do Imperio, e reintegrada na liberdade.

Hoje a situação mudou. Mudou para a França, mudou para todo o mundo. Mudou porque o espirito da liberdade dos povos tem o direito por si, e mudou porque esse direito já conseguiu ter ao seu serviço uma assombrosa força. Não ha duvida que, sem uma força, elle seria escarnecido e espesinhado, mas não deve tambem haver duvida de que essa força elle a adaptou ás suas aspirações soberanas e a subordinou aos seus propositos sublimes. A força existe, mas o direito tambem existe, e tambem é uma força visto que conseguiu, á custa de seculares esforços, apropriar-se d'essa força que finalmente assegura a sua victoria legitima e sagrada.

De resto não é só de hoje que essa supremacia do direito se affirma. Simplesmente, essa affirmação é hoje mais rapida, mais palpavel. Mas ha muito que ella se revela. Ha muito que o observador a distingue, atravez da historia, como uma evidencia luminosa e consoladora.

Falei ha pouco no grande Córso. O seu nome evoca um dos maiores exemplos em que podem apoiar-se irrecusaveis verdades.

* * *

Esse exemplo encerra-se no periodo que vae da Revolução de 1789 á queda do Imperio em 1815. A França proclamou principos e sob a sua egide, não só destruiu as tyrannias e os privilegios que a suffocavam como arrostou com a Europa inteira e a venceu. Com a bandeira da Republica passeou as suas legiões triumphantes por toda a parte. Depois de ter conquistado a liberdade, alargou os ambitos da sua patria. Os soldados que fizeram esta campanha épica eram cidadãos, como cidadãos eram os seus generaes, imberbes quasi, sahidos do povo, que os conduziu aos gigantescos combates.

Um dia, porem, eis que um ambicioso se destaca, impõe-se por esses fulgores da intelligencia e essas proporções de heroe que sempre teem deslumbrado as multidões, e fascinada pela sua gloria, a França esquece os principos que a redimiram. Esse ambicioso é feito consul, assume a dictadura, assassina a Republica, proclamou-se imperador. Durou dez annos a visão da gloria. Um dia esse homem cahe, depois de ter sacrificado a vida de milhões de homens e arrebatado a liberdade ao seu paiz, maravilhando-o com as miragens d'uma grandeza nacional nunca excedida. O que vemos depois do prepassar d'essa visão? A França que,, escudada nos principios da democracia, que são os do direito, nunca fôra vencida, teve de supportar a invasão, quando a guardava a espada do maior general dos tempos modernos, á frente d'um exercito aguerrido de legionarios reputados invenciveis, e a França, ao sahir d'essa convulsão tremenda de tantos annos de força desencadeiada, viu o seu territorio mais reduzido do que o estava no inicio da Revolução. Eis o que resulta da postergação do direito.

A derrota d'essa força só pela força significa a victoria pelo direito ou seja do proprio direito, robustecido pela lenta evolução dos seculos. Os povos que Napoleão dominara readquiriram a sua liberdade, e Napoleão foi agonisar, preso, n'um rochedo perdido no meio do mar. Toda a sua força redundou em fraqueza. Nem mesmo na França, que tanto quizera engrandecer para engrandecer-se, lhe foi dado cerrar os olhos. Não teve, no fim da vida, o que o mais simples aldeão do seu paiz tinha, isto é, o refrigerio de respirar o ar da sua terra patria, nem mesmo o que a um estrangeiro, porventura soldado que o combatêra, era licito, isto é, deliciar a vista com as bellezas da França. E nem mesmo teve a tranquilidade da consciencia. A' sua fraqueza juntou-se a recordação do seu crime. Tendo esmagado o direito, do direito se proscreveu.

Nem mesmo o seu nome tem o direito de ser evocado sem uma idéa severa.

MAYER GARÇÃO

las e de personagens affectas ás congregações. Ao mesmo tempo, o plano d'um partido catholico, que pesasse na organisação dos governos e na administração do Estado, esboçava-se-lhe no cerebro e para a sua chefia contentava-se com Jacinto Candido que, no entanto, oppunha a maior somma de difficuldades á realisação d'esse sonho, para a qual seria necessario contar com os bispos, que elle reputava «os humilimos servidores do governo» que era, ainda no entender do antigo ministro regenerador, um «governo maçonico»...

Na imprensa surgira um formidavel inimigo, Emygdio Navarro, que, por instantes, as capellas festejaram como um novo Saulo. O padre Rooney definia-o d'esta arte: «E' um verdadeiro cynico, um novo Chilon Chilonidas, um traidor aos seus irmãos, mas dispondo de toda a astucia do grego e d'um estylo agradavel...» Se apreciava com esta rudeza o grande jornalista adverso, não eram menos rudes os seus juizos ácerca dos dois maiores jornalistas catholicos então na brecha: José Fernando de Sousa, mais conhecido pelo pseudonymo de «Nemo», e Quirino de Jesus, que dirigiu largos annos a revista «Portugal em Africa» dos padres do Espirito Santo. O «Correio Nacional» era o primeiro diario religioso portuguez e combateu vehementemente a attitude de Hintze Ribeiro. O padre Christovam Rooney exprimia, n'estes termos, as suas impressões ao padre Eigenmann, seu confrade na congregação e, se não nos enganamos, o provincial d'essa epocha:

'A guerra que o «Correio Nacional» tem feito a Hintze incommodou-o muito e elle procura agora pôr esse jornal da sua banda. V. Rev.ª ignora ainda que Nemo foi posto de lado como redactor chefe, porque se recusava a atacar o governo, contentando-se apenas em guerrear os republicanos. Foi um artificio indigno... Nemo era e é um grande amigo do ministro Vargas que lhe prometteu um bom logar. E o nosso Quirino, que é quem lhe dá toda a sua energia e aquece a sua penna, nutre o mesmo sentimento egoista. Quer um bom logar para se calar e, se não lh'o dão muito depressa, obtel-o-ha facilmente do João Franco... E' curioso ver e ouvir como a questão de dinheiro é sempre o motivo das acções humanas...

A respeito de Fernando de Sousa, o padre Rooney insistia na severidade dos seus juizos. Eis o que pouco depois escrevia ao mesmo padre Eigenmann:

O nosso Nemo trabalha, é verdade, mas não é por vocação...

Volvidos seis annos, o rev. José Maria Antunes, tendo a jantar á sua meza o sr. Carlos Silva, conversava com elle ácerca do projecto da fundação d'um jornal catholico, com ampla informação e bons collaboradores. E sabem quem devia ser, na sua opinião, o redactor principal? O mesmissimo Nemo, que julgavam sem vocação e que accusavam de na imprensa fazer o jogo de certos ministros para obter um bom logar!

* * *

...Mas são contos largos os da actividade dos padres do Espirito Santo fóra do campo missionario e, como se não podem referir d'uma vez, para outra será o proseguimento d'esta veridica e edificante historia...

Avelino de Almeida

Gréves academicas

A dos lyceus manter-se-ha, o mesmo succedendo nas outras escolas

O que ha sobre greve de estudantes?

Para hoje estavam annunciados nos jornaes nada menos de quatro reuniões de academicos: Universidade de Lisboa, lyceus, Escola Normal e Escola Industrial Ferreira Borges. As reuniões da Universidade e Escola Normal não se realisaram. Os alumnos dos lyceus de Lisboa, representantes dos lyceus de Evora e Beja e alumnas do Maria Pia tiveram a sua reunião na Travessa das Mercês, 53 1.º, onde deliberaram: que se mantivesse a greve do lyceu Maria Pia com o appoio moral e material dos academicos. Esta resolução foi tomada pela maioria da assembleia.

Entende essa maioria, que tendo, como já noticiámos largamente, as alumnas do lyceu Maria Pia dado a sua adhesão moral e material aos seus collegas, estes não podem nem devem, agora deixar de com ellas se solidarisarem.

E tanto mais, accrescentam, que o que as alumnas reclamam é de facil resolução, principalmente na parte que diz respeito á distribuição do horario, que é pesado, e contra a frequencia da aula de lavores a que são obrigadas diariamente e cujas notas influem para o aproveitamento geral, o que é um contrasenso, allegam as alumnas do lyceu Maria Pia.

Reclamam ainda essas alumnas que o seu lyceu seja elevado a central e que ahi se estabeleçam cursos perfeitamente eguaes aos lyceus masculinos.

Os alumnos da Escola Industrial Ferreira Borges reuniram tambem na rua do Seculo, resolvendo dar o seu apoio moral e material ás Escolas de Construcção e Commercio, não indo ás aulas se ellas abrirem antes de solucionado o conflicto.

Da Escola Normal enviam-nos a seguinte nota officiosa:

«Em virtude do pequeno numero de alumnos d'aquelle estabelecimento de ensino, que desejam a gréve, já ámanhã funccionam todas as aulas, com a regularidade do costume.

O director da Escola foi, durante o dia de hontem e de hoje, procurado por grande numero de paes de alumnas, que iam saber se suas filhas podiam comparecer na Escola. A todos respondeu que podiam e deviam comparecer, pois que a todas garantiria a entrada, podendo affirmar que ninguem mais pertubará a regularidade do ensino.»

No entanto, um alumno d'esta Escola, que assistiu, como delegado dos seus collegas grévistas, á reunião dos alumnos dos lyceus, garantiu a estes que a Escola Normal de Lisboa se manteria em gréve até serem attendidas todas as reclamações em aberto.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.
TRINDADE — A's 21 — O rei damnado.
POLYTEAMA—Não ha espectaculo.
GIMNASIO — A's 21 — La donna é mobile.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO — A's 21 — O diabo que o carregue.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.
MODERNO— A's 21— As noviças.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Recita da moda — Companhia de circo.

Ao correr da pena

Conta-se que Got, o grande actor francez, enviava para os corredores do theatro em noite de primeira representação um amigo certo d'estes incapazes de negar a verdade ao seu amigo e, quando, nos intervallos, o seu camarim era invadido pelos principaes dramaturgos e pelos pontifices da critica que enthusiasticamente o elogiavam, elle procurava febrilmente o seu amigo e indagava com o maximo interesse: — «Eh bien? Que dit-on dans les couloirs?»

A quasi totalidade dos nossos artistas não se preoccupa com o que dizem os espectadores. Se alguem lhes fôr contar que no atrio estava um sujeito criticando asperamente o trabalho d'elles, encolherão desdenhosamente os hombros. Mas se um critico de jornal ouzar sahir da formula—desempenho homogeneo—tão querida dos nossos gentilissimos Sarceys, eis que o comediante visado entra n'um furor negro e a primeira resolução que toma é quebrar a cara ao critico, quando, aliás, as estatisticas dos ultimos trezentos e cincoenta annos demonstram que nunca a cabeça partida de um jornalista accrescentou uma onça de talento ao merito de um actor. Como sempre intervecm amigos dedicados explicando «que não vale a pena ligar importancia» a coisa fica n'uma simples quebra de relações.

Pois, senhores artistas da minha terra, sinto muito dizer-lhes que tudo quanto de longe em longe apparece de severo nas gazetas em materia de critica theatral, fica com leguas áquem do que se ouve nos corredores nas noites de funcção primeira e v. ex.as, que bitolam a sua reputação pelos artigos encomiasticos do «Almanach de Palcos e Salas» enganam-se muito relativamente ao conceito em que são tidos pelo grande publico.

Este não é tão tolo como o pintam nem tão nescio como v. ex.as o suppõem. Se uma parte d'elle é grosseira e mal educada, de mau gosto e sem illustração, outra sabe ler, discernir e por mais que lhe affirmem que é lebre o que lhe dão a trincar, tem paladar bastante para gritar, com o direito comprado na bilheteira, que é gato e gato muito ordinario. Ouçam-no e ficarão gratos aos criticos pela benevolencia que demonstram ainda quando lhes dá para uma especie de severidade.

Cyrano

Boatos e informações

No Politheama, depois da «Martyr», representar-se-hão «Les cinq messieurs de Francfort», traduzidos por Jorge d'Abreu com o titulo «Ouro sobre azul».

—Reapparece no Porto a revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa «Apolo-Revista».

—Todo o trabalho de construcção scenica do palco do novo Republica foi planeado e executado sob a direcção de Laurentino Pereira, mestre de carpinteiros de aquelle theatro.

—Augusto Pina pintará uma nova apotheose para a «reprise» da revista «Não desfazendo», que se está preparando no Rua dos Condes.

Não é exacto que a actriz Alda Aguiar fosse contractada para o Politheama.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto»; Salão Lisboa.

"O sonho tragico"

Um extraordinario succeso no Colyseu dos Recreios

Foi uma noite triumphante para o Colyseu o espectaculo de hontem, em que se estreou o novo mimodrama *O sonho tragico*, original de Mr. Marck, o destemido domador de leões, que deu ao novo drama uma interpretação impeccavel.

A peça é curiosa, interessante, cheia de lances e effeitos dramaticos, com fulgurações de luzes, o sonho e o phantastico, a tragedia e a realidade. E' qualquer coisa de temivel, a que o publico assiste n'um *élan* de commoção de principio a fim. A interpretação é vigorosa e explendida, como já dissemos, por parte de Mr. Marck, assim como pela de Madame Blanche Marie, esculptural na domadora, de Yvone Marck na da filha, de Magda Kewer, que cantou deliciosamente, bem como dos restantes artistas.

O publico, que enchia o Colyseu, irrompeu em manifestações de enthusiasmo, premiando assim o bello trabalho de Marck, para o qual escreveu musica lindissima o maestro Paul Letombe, tendo Augusto Pina pintado as scenas do 1.º e 2.º quadros, que produzem um bellissimo effeito.

O sonho tragico repetiu-se na *matinée* de hoje, que esteve á cunha, e repete-se esta noite, seguindo a sua gloriosa carreira.

A'manhã, espectaculo da moda dedicado á sociedade elegante, com a estreia do novo numero *Grande certamen de saltos*, por vinte artistas da companhia.

PEQUENAS NOTICIAS

A bordo do paquete inglez *Antony*, chegado hoje ao Tejo, vieram presos e acompanhados de dois cabos do Funchal, John Fenerberd, auctor do roubo de 23.000 duros á Companhia das Minas do Rio Tinto, e sua sogra, dando ambos entrada no governo civil. O preso traz ligados os pulsos, por, como já se noticiou, os ter golpeado, no Funchal, tentando suicidar-se.

UM HOMEM DE ESTADO

Lloyd George

As origens e a formação intellectual e moral do celebre ministro inglez

Como se forma um homem de Estado? Tudo quanto se possa imaginar como systema de preparação d'um espirito para os mais elevados trabalhos no dominio politico tem sido desmentido pela experiencia. Uma cultura especial favorece a sã maturação das ideias, fixa mais solidamente os principios que formam a base de toda a acção, desenvolve o poder de realisação para a iniciação dos melhores methodos de trabalho, mas não cria o genio politico, como não cria o genio litterario ou artistico. Quem se impõe, quem abre novos caminhos é frequentes vezes o homem inopinadamente sahido das multidões. O segredo da sua influencia está nas suas qualidades e defeitos de homem, na sua faculdade de adaptação ás circumstancias.

Bem proximo de nós temos o exemplo do sr. Lloyd George que tão importante papel tem desempenhado na evolução do povo inglez no decurso d'esses ultimos dez annos. No «Mercure de France» faz o sr. Henry D. Davray um documentadissimo estudo das origens e inicios do ministro inglez. O sr. Lloyd George soube conservar-se o homem das suas origens e do meio em que a sua personalidade se desenvolveu. Nascido em Manchester onde seu pae dirigia uma escola, quando este morreu, foi levado, ainda muito novo, por sua mãe para a sua villa natal, no Paiz de Galles. Ahi foi educado por um tio, sapateiro, que depois assumiu o encargo espiritual da «Egreja dos discipulos», uma pequena communidade baptista. Era um homem admiravel este sapateiro provinciano; conservou-se solteiro para se dedicar exclusivamente á missão de crear, de educar e instruir os filhos de sua irmã. Era, ao que parece, dotado de notaveis faculdades intellectuaes, tendo adquirido, pela convicção de presenças e de influencias invisiveis de caracter divino, uma inflexivel rectidão moral. Soube crear em torno de si uma vida só de trabalho e sobriedade. Conta o proprio sr. Lloyd George que raras vezes apparecia carne nas refeições, e que ao domingo a grande manifestação de luxo era metade de um ovo para cada um dos sobrinhos.

Foi na pequena escola da localidade que aquelle que depois havia de ser o ministro das finanças do imperio britannico adquiriu os primeiros rudimentos de instrucção primaria, completados pelas lições recebidas na pequena officina de seu tio, o sapateiro sacerdote. Quando, mais tarde, as universidades inglezas lhe conferiram os diplomas de doutor, o sr. Lloyd George sentia prazer em dizer: «Seria ingratidão confessar que nada devo ás universidades, como nada devo ás escolas de ensino secundario. O que sei devo-o apenas á «little Bethel». Era assim que elle designava o logar de reunião da pequena communidade religiosa da sua terra.

A primeira influencia profunda que soffreu, a não ser a de seu tio, foi a do director de um collegio independente de theologia, o sr. Michael D. Jones, um ardente propagandista do democratismo não conformista. O sr. Henry D. Davray attribue a esta influencia os principios da reforma da propriedade das terras que o sr. Lloyd George defendeu no parlamento. A sua personalidade formou-se e affirmou-se n'uma d'estas sociedades, indispensaveis annexas de todas as communidades não conformistas, onde se discutia as mais graves questões. Muito novo, frequentes vezes occupou o pulpito da pequena capella «Egreja dos discipulos». Elle proprio declarou um dia que o seu primeiro parlamento fora a forja da sua terra; foi alli que se impregnou completamente d'aquelle nacionalismo galliano cujo accentuado se nota em toda a sua acção politica; foi d'ali que partiu a desbravar o caminho que devia conduzil-o ao poder politico.

Isto tem uma indiscutivel grandeza, principalmente n'um paiz tradiccionalista como o Inglaterra, e se a politica do sr. Lloyd George ás vezes pareceu desconcertante pela audacia das suas experiencias, o que é certo é que o homem que a praticou dá uma impressão de força rara que bem explica a sua influencia sobre as multidões.

ESCOLA ACADEMICA

Sessão cinematographica

No conceituado e antigo estabelecimento de ensino, Escola Academica, realisou-se hontem, a primeira sessão cinematographica do presente anno lectivo.

Pouco depois das 21 horas, achando-se já repleto de convidados o amplo pavilhão de festas, a orchestra, escolar, composta de professores e alumnos, fez ouvir o himno da Escola, seguindo-se a exhibição de interessantes *films*, acompanhada de lindos trechos musicaes.

O *film* «Mosteiro da batalha» foi precedido de uma curta mas substanciosa conferencia allusiva, primorosamente lida pelo estudante interno n.º 95, José Toscano Rico, a quem no final a assistencia victoriou com uma prolongada salva de palmas.

A sessão terminou com um animado baile, em que tomaram parte numerosos pares, formados por alumnos e meninas de suas familias.

Foi muito felicitada a direcção da Escola, que se fez representar pelos seus directores, sub-director e inspectores.

ULTIMAS NOTICIAS

NO PALACIO DE BELEM

Os representantes do commercio e industria saudam o chefe do Estado

A's suas mensagens responde o Presidente da Republica

Os representantes das forças vivas da Nação foram hoje apresentar as suas homenagens ao chefe de Estado. Os delegados da União da Agricultura, Commercio e Industria, Associação Commercial, Associação Industrial Portugueza, Associação Commercial dos Lojistas, Associação de Classe dos Vendedores de Viveres a Retalho, Associação Portugueza de Proprietarios e outras aggremiações congeneres do paiz, foram introduzidas, cerca das 16 horas e meia, na sala Luiz XV, pelo secretario interino da presidencia, sr. Luiz Barreto da Cruz. Instantes depois dava entrada n'essa sala, o sr. dr. Bernardino Machado, que se fazia acompanhar pelo sr. dr. José de Castro, presidente do ministerio e dr. Manuel Monteiro, ministro do fomento.

O sr. Sousa Lara, presidente da Associação Commercial de Lisboa, usa em primeiro logar da palavra. Cabe-lhe a honra de saudar o chefe de Estado, em nome da collectividade a que preside. Fal-o, com verdadeiro desvanecimento, porque na mais alta magistratura do seu paiz, vê uma figura que a todos se impõe pelas suas tradições de patriota e grandes qualidades de homem de Estado.

Em seguida convida o seu collega, sr. Alberto Macieira a ler o seguinte:

Excellencia:

Cabe-me, na minha qualidade de P. da A. C. de L. a subida honra de apresentar-vos as homenagens da primeira corporação commercial do paiz que se regosija bem sinceramente de ver elevada á mais alta magistratura da Nação a quem sempre se dignou dispensar-lhe as mais delicadas e activantes attenções.

Conheceis as aspirações das forças vivas de Portugal que desejam á sombra da ordem e do trabalho, desenvolver as suas industrias, alargar e aperfeiçoar as suas relações commerciaes, emfim seguir o exemplo das «pequenas grandes nações que devem ao seu esforço persistente e á protecção que as sabias leis lhes dispensam o logar de honra que occupam no convivio dos paizes civilisados.

E' toda uma obra de concordia que ha a fazer: O vosso brilhante passado e a vossa proverbial cordealidade são a mais segura garantia da rapida realisação d'essa obra.

O commercio confia muito na vossa intelligencia e accendrado patriotismo e, por isso, vem aqui offerecer por meu intermedio o seu apoio e a sua collaboração para a cruzada benefica da pacificação da sociedade portugueza que ha de crear um ambiente mais apto ao desenvolvimento da vida industrial e commercial.

Permitti, pois, Excellencia, que a A. C. de L. reitere as suas congratulações e vos apresente as suas mais rendidas homenagens.

O presidente, A. Sousa Lara.

Os directores, Alb. Macieira, A. Gonçalves, Manuel M. Dias Ferreira, Justino Guedes, Victor Emanuz, Augusto Oliveira Soares Junior, C. E. Moitinho d'Almeida, Antonio Joaquim Ferros, J. Pereira Ramos.

Esta mensagem é escripta em pergaminho com bellas illuminuras. A capa é egualmente de pergaminho, com cantos de prata, pintada a oleo, magnifico trabalho artistico executado nas officinas de «A Editora».

Fala, em seguida, o sr. Aboim Inglez, presidente da Associação Industrial Portugueza. Cumpre gostosamente o dever de apresentar as saudações d'aquella collectividade ao chefe supremo da nação. A industria nacional necessita d'uma era de tranquillidade para se desenvolver e progredir. Tem confiança em que o chefe de Estado, que é um grande diplomata, logrará com as suas qualidades de caracter e de intelligencia, vencer as difficuldades graves que pesam sobre a nacionalidade portugueza. Em nome, pois, das industrias de todo o paiz sauda effusivamente o chefe de Estado.

Em nome da Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa fala o sr. Apolinario Pereira. Apresentando as homenagens d'essa aggremiação, affirma que o seu gesto equivale apenas a uma imposição particular. O actual chefe de Estado é um amigo velho dos que trabalham, e essa circumstancia constitue a melhor garantia de que procurará desenvolver os diversos problemas que dizem respeito á expansão da vida commercial.

O sr. Antonio Ferreira da Silva, em nome da Associação de Classe de Vendedores de Viveres a Retalho, pronuncia, a seguir, algumas palavras de saudação ao chefe do Estado.

Representando a Associação Portugueza de Proprietarios, o sr. dr. Silva Amado faz identicas affirmações de homenagem e saudação ao sr. dr. Bernardino Machado. Por ultimo, o sr. Gomes Nevoa, por parte da União da Agricultura, Commercio e Industria, leu a seguinte mensagem:

A's mensagens e cumprimentos apresentados a v. ex.ª pelos dignos presidentes das collectividades aqui representadas, a União de Agricultura, Commercio e Industria, associa-se ás homenagens prestadas a v. ex.ª e fiel ao seu programma organisador, toma a liberdade de accrescentar o seguinte:

Ex.mo sr. presidente da Republica:—A União da Agricultura, Commercio e Industria, em todas as mensagens dirigidas aos antecessores de v. ex.ª manifestou sempre o desejo das classes que representa, a estabilidade dos governos da Republica. Hoje, que vem prestar-vos as devidas homenagens, por terdes ascendido á mais alta posição social do paiz, faz votos para que consigaes, não só essa aspiração, agora mais necessaria do que nunca, principalmente nas pastas do fomento e finanças, mas, ainda, a que partiu do Congresso das Associações Commerciaes e Industriaes, a que dignastes presidir: a creação d'um ministerio da agricultura, Commercio e Industria, que será uma prova de que a Republica tem em consideração o desenvolvimento economico do paiz e as classes que para elle contribuem.

O chefe de Estado, concluidas as saudações das diversas collectividades, proferiu a seguinte allocução:

Meus Senhores:

Quem tenha observado attentamente a condição do trabalho nacional nos ultimos tempos, não pode deixar d'admirar o indomavel arranque da nossa juvenil democracia. E, por mais que se avente que as classes trabalhadoras não teem politica, a verdade é, pelo contrario, que ao seu pertinaz esforço de livre expansão se deve fundamentalmente o movimento organico emancipador das nossas instituições govenativas.

A revolução republicana teve essas raizes profundas. E, por isso mesmo, com ella se creou um novo estado constitucional, que é não só politico, mas tambem economico.

Nunca o problema das liberdades publicas se poderá dizer completamente resolvido. Mas nunca tão pouco asseguraremos de facto, os nossos direitos, se não dermos á sua defeza o solido apoio dos mais efficazes meios d'acção, votando-nos deveras ao aproveitamento e valorisação das nossas forças vivas. N'esse escopo, nos cumpre a todos organisal-as cabalmente, dentro e fóra do paiz, em toda a parte onde haja portuguezes e interesses portuguezes. E o ministerio do trabalho, ainda mesmo sem titular especial, tem de ser sempre, ao lado dos ministerios da instrucção, da marinha e da guerra, todos tres de educação, uma das preoccupações vitaes dos dirigentes da Republica.

Effusivamente lhes agradeço o penhor que, com as suas expressivas saudações, me quizeram trazer da sua dedicada cooperação.

Em seguida, o chefe de Estado cumprimentou cada uma das pessoas presentes, decorrendo a recepção com grande affectividade.

O sr. Carlos Gomes, da União da Agricultura, Commercio e Industria, apresentou as desculpas da ausencia do vice-presidente d'aquella aggremiação, sr. Freire de Andrade, impossibilitado, por motivos imperiosos, de assistir á recepção.

Sousa Lara, Alberto Macieira, Antonio Joaquim Ferro, Oliveira Soares, Pereira Ramos, Aboim Inglez, Ribeiro Ferreira, Justino Guedes, José Maria Alvares, Henrique Taveira, Jacintho José Ribeiro, Manuel Antonio Dias Ferreira, Albano Leite, pela associação dos proprietarios de fragatas, Ernesto de Vilhena, representando a camara de commercio de Lourenço Marques e a secção commercial da Sociedade de Geographia, José Alcobia, Fernão Pires, Padua Franco, da sociedade Propaganda de Portugal, Apolinario Pereira, João José da Costa, José Ferreira da Costa, Francisco Correia de Matos, Belmiro Antonio Lobo, Alves Nunes, Bernardo Rodrigues Ferro, Prudencio Nunes Coelho, João Fereira de Oliveira, Carlos Vieira Coelho, Simões Coelho, agente commercial na America do Sul e Giuseppe Levy, secretario da associação commercial.

Fizeram-se representar as seguintes collectividades da provincia:

Alberto Macieira, associação commercial de Santarem, Carlos Gomes, idem, de Braga, Santos Consciencia, idem, de Villa Real, Victor Guedes, idem, do Funchal, Nunes Sequeira, sindicato agricola de Alcobaça, Ricardo Quartin, associação commercial da Figueira da Foz, José Rodrigues Simões, idem, de Alcacer do Sal, Ladislau Piçarra, idem, de Brinches, Antonio Furstenau, idem, de Guimarães, Gomes Nevôa, idem, das Caldas da Rainha, Ribeiro da Cunha, idem, de Vizeu, Julio Macedo, idem, de Chaves, Agostinho Estrella, idem, de Famalicão, Pedro Simões Afra, idem, da Cidade da Horta, Moutinho d'Almeida, pelo sindicato agricola de Valladares, Caetano Rego, idem, de Setubal.

Situação politica

Ainda se não realisaram quaesquer *démarches* para a solução da crise, visto a sua declaração official estar dependente da reunião do Congresso, onde a ausencia do sr. dr. José de Castro, já annunciada ou prevista, não impedirá o debate politico sobre os actos do governo e principalmensobre os motivos que determinaram a sahida do sr. dr. Ferreira da Silva.

Sabemos que são prematuras, por emquanto, todas as indicações de ministeriaveis que teem vindo a publico.

O sr. dr. Affonso Costa deve avistar-se ámanhã com o chefe do Estado.

As eleições

São eleitos os candidatos democraticos

Realisaram-se hoje as eleições supplementares para dois deputados pelo circulo n.º 35, occidental de Lisboa. Disputavam-se os trez partidos republicanos, sendo os seus candidatos os seguintes:

Partido Republicano Portuguez—Dr. Albino Vieira da Rocha e dr. João Catanho de Menezes.

Partido Evolucionista—José Maria M. Barata Feio Terenas e coronel Manuel Maria Coelho.

Partido Unionista — Dr. José Jacintho Nunes e coronel José Augusto Alves Roçadas.

Foram eleitos os candidatos do Partido Republicano Portuguez, conseguindo o primeiro 4:182 votos e o segundo 4:112.

Dos evolucionistas, o sr. Feio Terenas teve 1:102 votos, e o sr. coronel Coelho, 1:131. Dos unionistas, o sr. dr. Jacintho Nunes teve 909 votos, e o sr. Alves Roçadas 857.

A votação por bairros foi distribuida do seguinte modo:

3.º bairro

Camões — 1.ª Secção — Listas entradas, 181—Rocha, 74; Menezes, 75; Terenas, 21; Coelho, 19; Nunes, 38; Roçadas, 32.

2.ª Secção — Listas entradas, 115 — Rocha, 65; Menezes, 65; Terenas, 26; Coelho, 26; Nunes, 24; Roçadas, 24.

3.ª Secção — Listas entradas, 134 — Rocha, 93; Menezes, 91; Terenas, 17; Coelho, 20; Nunes, 23; Roçadas, 20.

4.ª Secção — Listas entradas, 102 — Rocha, 65; Menezes, 64; Terenas, 15; Coelho, 16; Nunes, 20; Roçadas, 18.

S. Mamede—1.ª Secção—Listas entradas, 85—Rocha, 41; Menezes, 40; Terenas, 26; Coelho, 26; Nunes, 17; Roçadas, 18.

2.ª Secção — Listas entradas, 104 — Rocha, 54; Menezes, 55; Terenas, 26; Coelho, 27; Nunes, 20; Roçadas, 19.

3.ª Secção—Listas entradas, 60—Rocha, 33; Menezes, 34; Terenas, 19; Coelho, 19; Nunes, 5; Roçadas, 5; inutilisadas, 2.

Campo Grande — Listas entradas, 161—Rocha, 134; Menezes, 134; Terenas, 17; Coelho, 17; Nunes, 9; Roçadas, 9.

Carnide — Listas entradas, 92 — Rocha, 81; Menezes, 81; Terenas, 9; Coelho, 10; Nunes, 2; Roçadas, 1.

Lumiar — Listas entradas, 62 — Rocha, 41; Menezes, 32; Terenas, 9; Coelho, 9; Nunes, 9; Roçadas, 9; Ricardo Covões, 9.

S. Sebastião—1.ª Secção — Listas entradas, 116—Rocha, 63; Menezes, 63; Terenas, 28; Coelho, 28; Nunes, 25; Roçadas, 25.

2.ª Secção — Listas entradas, 127 — Rocha, 67; Menezes, 66; Terenas, 27; Coelho, 27; Nunes, 32; Roçadas, 31.

3.ª Secção — Listas entradas, 132 — Rocha, 62; Menezes, 63; Terenas, 38; Coelho, 39; Nunes, 32; Roçadas, 28.

4.ª Secção— Listas entradas, 136 — Rocha, 68; Menezes, 69; Terenas, 28; Coelho, 28; Nunes, 37; Roçadas, 37.

5.ª Secção — Listas entradas, 107 — Rocha, 52; Menezes, 54; Terenas, 29; Coelho, 32; Nunes, 22; Roçadas, 23.

Marquez Pombal—1.ª Secção—Listas entradas, 87—Rocha, 62; Menezes, 62; Terenas, 17; Coelho, 17; Nunes, 8; Roçadas, 8.

2.ª Secção — Listas entradas, 118 — Rocha, 82; Menezes, 82; Terenas, 23; Coelho, 23; Nunes, 13; Roçadas, 13.

Mercês—1.ª secção—Listas entradas, 136—Rocha, 78; Menezes, 70; Terenas, 32; Coelho, 33; Nunes, 30; Roçadas, 25.

2.ª secção—Listas entradas, 117—Rocha, 78; Menezes, 79; Terenas, 21; Coelho, 22; Nunes, 19; Roçadas, 18.

3.ª secção—Listas entradas, 88—Rocha, 59; Menezes, 61; Terenas, 18; Coelho, 18; Nunes, 11; Roçadas, 8.

4.ª secção—Listas entradas, 89—Rocha, 54; Menezes, 54; Terenas, 15; Coelho, 15; Nunes, 19; Roçadas, 18.

Bemfica—1.ª secção — Listas entradas, 78—Rocha, 63; Menezes, 5; Terenas, 5; Coelho, 5; Nunes, 10; Roçadas, 10; Firmino Alves, 4.

2.ª secção—Listas entradas, 81—Rocha, 59; Menezes, 55; Terenas, 11; Coelho, 11; Nunes, 11; Roçadas, 11; Firmino Alves, 4.

Santa Catharina.—1.ª secção—Listas entradas, 189.—Rocha, 119; Menezes, 120; Terenas, 39; Coelho, 41; Nunes, 31; Roçadas, 27.

2.ª secção—Listas entradas, 144.—Rocha, 103; Menezes, 102; Terenas, 26; Coelho, 27; Nunes, 15; Roçadas, 14.

3.ª secção—Listas entradas, 161—Rocha, 117, Menezes, 117; Terenas, 29; Coelho, 32; Menezes, 13; Roçadas, 11.

4.º bairro

Santa Izabel—1.ª secção—Listas entradas, 137.—Rocha, 82; Menezes, 81; Terenas, 37; Coelho, 39; Nunes, 16; Roçadas, 16.

2.ª secção.—Listas entradas, 128.—Rocha, 82; Menezes, 81; Terenas, 29; Coelho, 29; Nunes, 17; Roçadas, 16.

3.ª secção.—Listas entradas, 118.—Rocha, 77; Menezes, 76; Terenas, 24, Coelho, 26; Nunes, 14; Roçadas, 13; Abel Sebroza, 1.

4.ª secção—Listas entradas, 118—Rocha, 76; Menezes, 76; Terenas, 25; Coelho, 24; Nunes, 15; Roçadas, 13.

5.ª secção—Listas entradas, 133.—Rocha, 88; Menezes, 89; Terenas, 28; Coelho, 30; Nunes, 15; Roçadas, 12.

6.ª secção—Listas entradas, 139.—Rocha, 98; Menezes, 98; Terenas, 31; Coelho, 31; Nunes, 9; Roçadas, 9.

7.ª secção—Listas entradas, 110.—Rocha, 80; Menezes, 79; Terenas, 25; Coelho, 25; Nunes, 5; Roçadas, 5.

8.ª secção—Listas entradas, 42.—Rocha, 28; Menezes, 28, Terenas, 8; Coelho, 8; Nunes, 6; Roçadas, 6.

Alcantara—1.ª secção—Listas entradas, 141—Rocha, 116; Menezes, 111; Terenas, 15; Coelho, 14; Nunes, 9; Roçadas, 8.

2.ª secção—Listas entradas, 127—Rocha, 98; Menezes, 98; Terenas, 10; Coelho, 10; Nunes, 17; Roçadas, 16; Abel Sebroza, 1.

3.ª secção—Listas entradas, 133—Rocha, 101; Menezes, 91; Terenas, 14; Coelho, 14; Nunes, 17; Roçadas, 18.

4.ª secção—Listas entradas, 106—Rocha, 88; Menezes, 81; Terenas, 8; Coelho, 7; Nunes, 8; Roçadas, 8.

5.ª secção—Listas entradas, 142—Rocha, 121; Menezes, 112; Terenas, 10; Coelho, 12; Nunes, 8; Roçadas, 9; Abel Sebroza, 8; João de Sá, 1; Arnaldo Carvalho, 1.

6.ª secção—Listas entradas, 118—Rocha, 94; Menezes, 82; Terenas, 14; Coelho, 14; Nunes, 9; Roçadas, 9; Sebroza, 12.

Lapa—1.ª secção—Listas entradas, 130—Rocha, 84; Menezes, 84; Terenas, 20; Coelho, 20; Nunes, 24; Roçadas, 21.

2.ª secção—Listas entradas, 145—Rocha, 93; Menezes, 91; Terenas, 30; Coelho, 31; Nunes, 23; Roçadas, 20.

3.ª secção—Listas entradas, 136—Rocha, 88; Menezes, 89; Terenas, 23; Coelho, 23; Nunes, 25; Roçadas, 25.

Santos — 1.ª secção — Listas entradas, 157—Rocha, 111; Menezes, 110; Terenas, 29; Coelho, 29; Nunes, 15; Roçadas, 15.

2.ª Secção—Listas entradas, 144—Rocha, 88; Menezes, 95; Terenas, 24; Coelho, 25; Nunes, 21; Roçadas, 20.

3.ª Secção—Listas entradas, 159—Rocha, 114; Menezes, 113; Terenas, 22; Coelho, 24; Nunes, 23; Roçadas, 21.

4.ª Secção—Listas entradas, 159—Rocha, 125; Menezes, 125; Terenas, 11; Coelho, 11; Nunes, 22; Roçadas, 22.

Ajuda—1.ª Secção — Listas entradas, 75—Rocha, 51; Menezes, 51; Terenas, 12; Coelho, 12; Nunes, 11; Roçadas, 11.

2.ª Secção — Listas entradas, 65—Rocha, 49; Menezes, 49; Terenas, 7; Coelho, 7; Nunes, 8; Roçadas, 9.

3.ª Secção — Listas entradas, 32 — Rocha, 20; Menezes, 20; Terenas, 3; Coelho, 3; Nunes, 6; Roçadas, 8.

Belem — 1.ª Secção — Listas entradas, —137—Rocha, 89; Menezes, 88; Terenas, 28; Coelho, 28; Nunes, 18; Roçadas, 17; Francisco Fermino Alves, 1.

2.ª Secção — Listas entradas, 127 — Rocha, 80; Menezes 80; Terenas, 23; Coelho, 24; Nunes, 22; Roçadas, 20.

3.ª Secção — Listas entradas, 133 — Rocha, 93; Menezes, 87; Terenas, 16; Coelho, 16; Nunes, 28; Roçadas, 25.

4.ª Secção—Listas entradas, 19—Rocha, 11; Menezes, 11; Terenas, 4; Coelho, 4; Nunes, 4; Roçadas, 4.

O presidente d'uma das mesas morre repentinamente

Para a 2.ª secção da freguezia de S. Mamede, que funccionava no edificio da Imprensa Nacional, foi escolhido para presidir ao acto eleitoral o general reformado sr. Leopoldo da Costa Sousa Pinto Basto. Pouco depois das 9 horas iniciaram-se os trabalhos, estando presentes as pessoas nomeadas para comporem a mesa e varios eleitores. Em dado momento o sr. Pinto Basto foi acommettido de uma syncope, cahindo redondamente no chão. Os presentes chamaram um trem e n'elle o metteram, conduzindo-o para o posto da Mizericordia, mas quando ali chegou era cadaver, motivo porque o medico de serviço se limitou a verificar o obito, sendo o triste acontecimento participado á familia, residente na rua da Era, 4, 2.º, para onde mais tarde foi conduzido o cadaver. O extincto era muito considerado no exercito, tendo feito a sua carreira na arma de cavallaria.

Entretanto os eleitores e as pessoas que compunham a mesa resolveram que a presidencia fosse assumida pelo vogal mais velho, o sr. José Bernardino Luiz, sendo nomeados secretarios os srs. Joaquim Pedro Simões Ferreira e Francisco Antonio Teixeira e escrutinadores os srs. José Lourenço Magalhães e José Luiz Alves. A votação principiou ás 11,45.

* *

Na ssembleia da freguezia das Mercês, que funccionava na Academia das Sciencias, votou o sr. dr. José de Castro, e na que funccionava na travessa das Mercês votaram o almirante sr. Ferreira do Amaral e dr. Balthazar Teixeira.

O confronto dos numeros

Nas eleições realisadas a 13 de junho o candidato democratico mais votado no circulo occidental teve 7.937 votos; o evolucionista 2.127; o unionista 813. Agora, o mais votado dos democraticos foi o sr. dr. Albino Vieira da Rocha com 4182 votos; dos evolucionistas foi o sr. coronel Coelho com 1.131; dos unionistas foi o sr. dr. Jacintho Nunes com 909 votos.

O sr. presidente da Republica votou na secção do Lyceu de Camões ás 11 horas da manhã.

Gomes Leal

é visitado pelo chefe do Estado

O sr. presidente da Republica, acompanhado pelo sr. dr. José de Castro, presidente do ministerio, visitou hoje, depois da sessão na camara municipal, o poeta Gomes Leal, que está residindo com uma modesta familia, na rua da Escola Polytechnica.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

SANTIAGO RUSSIÑOL

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Lisboa o sr. D. Santiago Russiñol, litterato e pintor catalão, incontestavelmente uma das mais prestigiosas figuras do regionalismo hespanhol. Dramaturgo de valor, com uma obra coroada de exito no seu paiz e fora d'elle, Santiago Russiñol cultiva com grande carinho a pintura, sendo especialmente apreciadas as suas paisagens. O illustre viajante, que ha muito tinha projectada a sua excursão a Portugal, passou hoje o dia em Cintra.

D. Santiago de Russiñol é um apaixonado antiquario, sendo verdadeiramente preciosa a sua collecção de serralharia antiga, recolhida na sua vivenda de Sitjez, risonha praia catalã, cujos detalhes architectonicos estão enriquecidos desde a fachada ao interior pelos mais bellos exemplares de «ferro velho», que o artista obteve em successivas excursões por todas as provincias do seu paiz.

NOTAS MUNDANAS

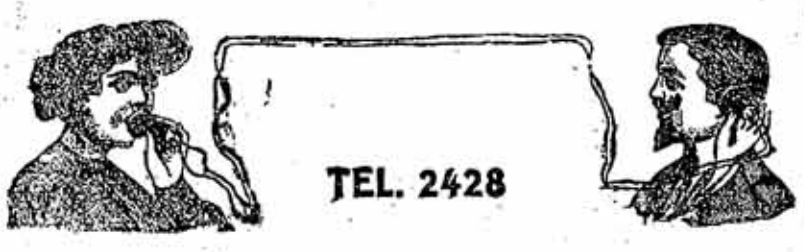
Acha-se enfermo em Lisboa o sr. Antonio da Silva Cunha, presidente da Associação commercial do Porto, e antigo senador.

—Encontra-se gravemente enfermo o sr. dr. Amor de Mello.

—No rapido de Madrid seguiu hontem para França o sr. Eduardo Placido, administrador delegado da companhia de seguros «A Mundial», que vae á capital franceza e á Suissa occupar-se de assumptos relativos áquella companhia.

LUTUOSA

—Falleceu a sr.ª D. Iza da Fonseca Nogueira, filha do chefe da estação de Santa Apolonia, sr. Manuel Eduardo Nogueira. O funeral realisa-se amanhã, ás 15 horas, da rua do Valle de Santo Antonio, 81, 1.º, para o cemiterio oriental.

—O funeral do sr. Jayme Romão Nazareth realisa-se amanhã, sahindo ás 12 horas, da rua José de Sousa P. A., 1.º esquerdo, (bairro Braz Simões), para o cemiterio oriental.

SPORT

Os precursores da cultura phisica

Quem era Eugene Paz

Leon Gambeta foi um dos alumnos d'este jornalista sportivo e professor de gimnastica

Morreu em janeiro de 1901, um escriptor de talento, Eugene Paz, cujo nome ficou para sempre ligado á historia da propaganda da educação e cultura phisica em França.

A sua primacial obra foi a d'um jornalista. Foi assim que a commemorou a Sociedade dos Homens de Letras, fazendo affirmações de que «o trabalho pelo jornal vale pelo trabalho do livro, tanto que este pode ser feito com a compilação de chronicas e artigos dispersos pelos jornaes». Com Eugene Paz, por exemplo, succedeu assim. Os seus livros: «L'Hidro-gymnastique»; «La Santé par la gymnastique»; «La Gymnastique Obligatoire»; «La Gymnastique Raisonnée»; «L'Histoire de la Gymnastique», são o apanhado de artigos, interessantes e curiosos, que fez nos jornaes de que foi director. E' de resto, o que está succedendo em França com outros propagandistas de educação phisica, como Hebert, e Demeny, da cultura phisica como Surier, Desbonnet, Spitzer, Desgrange e como já se está effectivando em Portugal, onde homens de extraordinario brilho litterario, reunem em magnificos volumes as suas chronicas de jornaes.

Pois e como diziamos, o nome de Eugene Paz ha de ser e para sempre lembrado. Tal como succedeu a Ling pae, Ling filho, Trial, Jahn, Amoros, Luiz Monteiro, Grousset, Coubertin e outros, a memoria da sua actividade e talento será revivida ao tratar-se do apparecimento e desenvolvimento da educação phisica no ultimo seculo.

Em relação á França, se Amoros foi o introductor da gymnastica, Eugene Paz foi o seu renovador e o mais suggestionador dos apostolos.

Com 19 annos de edade, ahi por 1854, Eugene Paz veiu de Bordeus—sua terra natal—e appareceu em Paris, onde Albert Millaud, o fundador do «Petit Journal» aproveitou as suas poderosas faculdades de trabalho. Collaborou depois e successivamente no «Figaro»; «Temps»; «XIX Siécle» e em «La Liberté».

Quando o jornalismo lhe favorecia algumas horas de tranquillidade, Eugene Paz, ia-as passar no gymnasio Triat, que athleta e gymnasta, era n'essa epoca o mais afamado dos mestres de gymnastica, possuindo a sala mais luxuosa e melhor acondicionada de Paris. Tornou-se o mais assiduo dos alumnos. Com outros camaradas fundou uma sociedade, a dos «Amigos da Gymnastica». Mais tarde, impulsionado por uma grande ideia, resolveu fundar o seu gymnasio, para reagir contra a indifferença e o sarcasmo dos seus contemporaneos, obrigando-os a acceitar a gymnastica e creando-lhes adeptos.

O Gymnasio Paz foi inaugurado em 1865. E se os partidarios da gymnastica eram considerados em França com desdem e tratados como excentricos e saltimbancos, desde então, começou a modificar-se esse conceito. E' que Paz, sendo um bom jornalista, era tambem um regular orador. A sua palavra persuasiva e os seus artigos, luctavam contra o preconceito. Provocou-se a reacção em favor dos exercicios phisicos. A imprensa, o mundo litterario e aristocratico foram arrastados por elle na sua campanha de renovação da gymnastica. O snobismo veiu ajudal-o e a moda misturou-se com o caso. Eugene Paz tornou-se o homem do dia e todo o Paris, chic, elegante, athleta, passou pelo seu gymnasio. As maiores notabilidades do tempo foram ouvir e trabalhar com o mestre. Leon Gambetta foi um dos seus alumnos. Os jornaes diarios, os illustrados e os de caricatura celebraram as suas ideias e a sua gloria!

Em 1868, o ministro da instrucção publica, Duruy, encarregou-o d'um inquerito sobre o ensino da gymnastica na Allemanha e na Austria. Trouxe d'essa missão noções, novas sobre educação phisica no exercito e nos collegios e concebeu, em seguida a esta viagem de investigação, a ideia de agrupar, n'uma federação, as sociedades de gymnastica de França. Depois da guerra de 1870, lançou a ideia no jornal «Moniteur de la Gymnastique» que fundou com Ducret. Foi assim que nasceu a União das Sociedades de Gymnastica de França. Paz foi seu presidente durante annos e a União prosperou bastante com o impulso da sua propaganda na imprensa.

Eugene Paz commetteu, porém, um erro. Qual foi?

Pouco a pouco, foi abandonando a gymnastica puramente scientifica para se voltar, com preferencia, para a gymnastica de apparelhos, que tinha mais partidarios, sobretudo entre aquelles que queriam brilhar e mostrar-se em publico.

A gymnastica perdeu o seu papel de agente therapeutico para se tornar um sport, onde tudo eram pretextos para festas e concursos. Foi, por esse facto, combatido e atacado, rigorosamente, pelo corpo medico, que o abandonou para lhe fazer guerra, acceitando a gymnastica sueca.

Nota do dia

Campeonato internacional de esgrima

E' ponto resolvido que no proximo anno se realisa um campeonato internacional de esgrima de espada e que a sua responsabilidade organisadora pertence á empreza «Estoril». Tambem se affirma que a direcção technica d'essa grande prova será confiada a um campeão portuguez, mestre d'armas, invencivel em Portugal e uma das mais authenticas glorias do sport mundial. E' assim que se comprehende que as grandes emprezas trabalhem. E' fazendo grandes provas e entregando-as, na sua effectivação, a pessoas de extrema competencia.

E apezar da guerra, esse torneio ha de ter a honral-o a coadjuvação e cooperação de «sportsmen» estrangeiros, em evidencia no mundo das armas. Temos d'isso a certeza...

Algumas anecdotas

Serviu-lhe de cartão de identidade, o seu olho de vidro...

Já contámos o caso anecdotico que segue mas d'outra maneira, quando noticiámos a vida de pugilistas celebres.

Jimmy Connoly foi um jogador de socco, extravagante e curioso, do qual se contam muitos casos bizarros. Os annaes do «ring» estão cheios das suas peripecias. Chamavam-lhe o «olho de vidro», porque tinha só um olho valido, sendo o outro de vidro.

Dois annos antes da sua morte, Jimmy esteve muito doente e alguns dos seus camaradas, entre os quaes Al Monagham, abriram uma subscripção para o enviar para o campo e ali recuperar as forças. Foi Monagham que foi entregar a quantia subscripta ao pobre athleta, que estava de cama.

—Quanto deu Harry Gilmore?

—Nada, porque nada lhe pedimos.

—Pois bem—declarou Connoly.—Vou-lhe eu pedir. Tragam-me papel e tinta.

Um «chasseur» foi levar a carta ao gymnasio de Gilmore. Voltou uma hora depois mas sem dinheiro com a declaração de que o celebre «veterano» dos pesos «leves» não queria dar qualquer coisa, sem saber ao certo se o portador vinha da parte de Jimmy, pois não lhe reconhecia a assignatura.

—Quer uma prova?—murmurou Connolly. Dêem-me a carta. E retirando o seu olho de vidro, metteu-o dentro do enveloppe.

O «chasseur» voltou tempos depois com uma nota de dez escudos, e grande foi o contentamento de Jimmy, que se orgulhava do engenhoso estratagema.

Noticias

Entre nós

Gimnasio Club Portuguez

Continuam decorrendo com a maior animação as classes d'este Club.

Conforme já foi annunciado realisa-se no dia 15 do proximo mez de dezembro uma «poule» de esgrima reservada aos frequentadores da salla d'armas do Club, a qual já conta 11 inscripções. Os treinos sob a direcção do professor do Club, tem decorrido animadissimos, esperando-se que as inscripções para esta «poule» ultrapassem a vinte.

Sob a regencia do mesmo senhor tem funccionado a classe de gymnastica sueca para adultos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Grupo Mocidade Republicana

Realisa-se amanhã, ás 21 horas, na rua de S. Paulo, 103, 2.º, uma assembleia geral convocada pela commissão reorganisadora e á qual essa commissão espera que compareçam todos os socios.

NA CAMARA MUNICIPAL

5.º concurso d'animaes de tracção

O chefe do Estado, com a assistencia do presidente do ministerio e do ministro do fomento fez a entrega dos premioe

Realisou-se hoje na sala das sessões da Camara Municipal uma festa d'um alto signicado moral: o primeiro cidadão da Republica Portugueza elevando até si os mais modestos cidadãos que na esphera das suas actividades se tinham distinguido, apertando-lhes fraternalmente a mão, proclamava que o merito faz desapparecer as distancias que, apparentemente, separam das mais elevadas as mais humildes classes sociaes.

Ao meio dia, ás portas dos Paços do Concelho, apeava-se da carruagem, um «landeau» aberto tirado por formosa parelha, o chefe do Estado que se fazia acompanhar pelo secretario interino da presidencia; no atrio esperavam-o os vereadores srs. Trovisqueira, Manuel Joaquim dos Santos, Ribeiro da Silva, Albino José Baptista, Lima Bayard, Mergulhão Peixoto e Fereira Lima e o secretario da Sociedade Protectora dos Animaes, que lhe apresentaram os seus cumprimentos, emquanto o grupo musical Luiz d'Almeida Grandella, postado no atrio fazia ouvir o hymno nacional.

O cortejo subiu as escadarias, e depois de curta demora na sala das conferencias, entrou na sala das sessões, a esse tempo já cheia de convidados, entre elles muitas senhoras, occupando o fundo os carroceiros e sotas premiados, empunhando as bandeiras que no dia 7 lhes tinham sido distribuidsa no Campo Grande.

O chefe do Estado occupava a cadeira presidencial, ladeado pelos vereadores srs. Ribeiro da Silva e Manuel Joaquim dos Santos; tendo este ultimo apresentado ao sr. presidente da Republica a commissão organisadora do concurso, e feito o seu elogio, passou-se á distribuiçã dos premios.

Os premiados chamados individualmente pelos seus nomes, dirigiam-se á meza presidencial onde o chefe do Estado lhes entregava o premio dentro de um sobscripto, e lhes apertava a mão, indo depois receber o respectivo diploma das mãos do secretario da Sociedade Protectora dos Animaes.

Um dos premiados era um rapazito de uns dez a doze annos, um sota, que se viu compromettidissimo n'aquelle meio para elle tão estranho, a tal ponto que por certo nunca mais esquecerá este dia que para elle ficará celebre.

A' 12,45 deram entrada na sala o presidente do ministerio e o ministro do fomento a quem os vereadores que assistiam á presidencia cederam os seus logares.

Terminada a distribuição, o vereador sr. Trovisqueira poz em relevo o valor educativo dos concursos de animaes de tracção, pois que anima o povo a tratar com todo o disvelo os animaes seus companheiros de trabalho que o ajudam.

Terminou a sua oração agradecendo ao chefe de Estado a honra da sua presença n'aquella festa.

A seguir, em nome do sr. presidente da Republica, o vereador sr. Manuel Joaquim dos Santos levantou a sessão.

Na sala das conferencias, o presidente do ministerio apresentou ao chefe do Estado o policia 225, João Catanas, ao serviço da Sociedade Protectora dos Animaes, de quem fez um caloroso elogio, dizendo que elle era a alma da Sociedade pelo incomparavel zelo com que se dedicava á sua missão protectora dos animaes pelas ruas.

O chefe do Estado teve para com elle palavras de incitamento e louvor.

Poucos minutos depois, acompanhado por todos os presentes, dirigia-se Sua Excellencia para a carruagem, atravez das alas abertas pelo povo que enchia o atrio, ao som da «Portugueza», de salvas de palmas, e de calorosos vivas á Republica.

Os vereadores presentes despediram-se do chefe do Estado junto da carruagem, onde tomou logar com o presidente do ministerio o ministro do fomento e o secretario interino da presidencia, seguindo pela rua do Alecrim e rua do Mundo.

Festas associativas

No Gremio Lafonense abre hoje a «kermesse» e ha baile. Na Academia Recreativa de Lisboa, recita com a comedia «A porta falsa», seguida de baile.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Alma algarvia»

Reappareceu este nosso collega, que se publica quinzenalmente e de que é director o sr. Julião Quintinha. Orientação artistica, aspecto moderno, variada e escolhida collaboração «Alma Algarvia», é uma bella publicação.

«A nave»

Da 2.ª serie, sahiu o numero primeiro d'esta revista de litteratura e arte, que se publica em Ajuda. Collaboração escolhida e variada.

menos nominalmente, sob o commando do generalissimo austriaco, o archiduque Frederico. Comtudo estavam especialmente trabalhando «para o rei da Prussia» e para os seus generaes e exercitos.

Em agosto de 1914, os austriacos haviam recebido ordem para avançarem entre o Vistula e o Bug contra a linha Varsovia-Brest Litovsk. Se tivessem sido bem succedidos, toda a Polonia, separada da Russia pelo seu avanço ao longo da fronteira oriental, teria cahido nas garras dos allemães sem esforço algum da sua parte.

Professor Ernst Haeckel

Os austriacos preparavam-se agora para levar a cabo o que não tinham podido fazer no verão anterior. Comtudo, um avanço austriaco bem succedido da Galicia contra Brest-Litovsk teria feito com que os exercitos allemães ao norte do Pilica se não vissem na necessidade de tentar romper as linhas russas, que haviam atacado repetidas vezes com grandes perdas, mas sem resultado. O bloco no Niemen, no Bobr, no Narev e no Vistula poderia ser rôto assim, sem os allemães soffrerem com isso grandes perdas.

Era de esperar, naturalmente, que uma offensiva contra o flanco norte dos exercitos russos na Polonia acompanharia desde o principio o avanço austro-allemão contra a linha Lublin-Cholm. Mas, ao que parece, Hindenburg poupou os seus homens, esperando vêr onde os austriacos por si sós nada podiam fazer, para então os auxiliar, mandando em seu soccorro os allemães que estavam nos exercitos do sul, principalmente nos de Mackensen e de Linsingen.

Os allemães mais uma vez iam vêr illudidas as suas esperanças. Um avanço isolado entre o Vistula e o Bug não podia romper as linhas russas na fronte de Lublin e Cholm. Pela segunda vez os austriacos soffreram uma derrota na fronte de Krasnik, isto é, no mesmo districto onde a sua offensiva havia sido detida no verão de 1914.

A segunda batalha de Krasnik, nos primeiros dias de junho de 1915, marca o fim da campanha da Galicia, que começára em roda de Tarnow e Gorlice no dia 2 de maio. Quando a lucta na fronte oriental continuou, no meiado de junho, estendeu-se por toda a linha desde Libau na costa do Baltico até Zaleszczyki no Dniester, proximo da fronteira da Roumania.

Embora Lublin e Cholm e ultimamente Varsovia fossem os principaes objectivos dos exercitos austro-allemães na Galicia oriental, a segurança da occupação de Lwow devia ser a sua primeira preoccupação. Um centro da importancia estrategica de Lwow não podia ficar sem ser preservado d'um ataque das forças inimigas.

O primeiro movimento contra os exercitos russos a leste e a sul de Lwow consistiu n'uma nova tentativa para romper o bloco do Dniester. Nas cercanias da capital da Ga-

CAPITULO VIII

A queda de Varsovia

Quarenta e dois dias decorreram entre a reconquista de Lwow pelos exercitos austro-allemães, a 22 de junho, e a queda de Varsovia, a 5 d'agosto findo. A queda de Varsovia é a conclusão da offensiva austro-allemã na Polonia; o avanço que se seguiu, do Vistula ao Bug, é um mero epilogo do drama antecedente.

A 6 d'agosto fazia um anno que a guerra começára entre a Russia e a Allemanha; na fronte oriental póde descrever-se melhor essa guerra dizendo que foi uma lucta para a posse da linha dos rios de que Varsovia é o centro e o Vistula a principal parte componente.

Durante algum tempo, pouco, em seguida á primeira conquista de Przemysl, a lucta parecia definitivamente resolvida a favor dos russos; confiando no poder defensivo da sua fronte que fazia frente a oeste, tomaram a offensiva atravez dos Carpathos contra as planicies da Hungria.

A 2 de maio começou a contra offensiva austro-allemã contra a linha Dunajec-Biala.

Os districtos entre o San e o Dniester a nordeste, e o Dunajec e os montes Carpathos a sudoeste, eram a base indispensavel para uma offensiva russa contra Cracovia e a Silesia ou contra a Hungria, e formavam parte da cobertura da principal linha defensiva que corria ao longo do Vistula, do San e do Dniester.

O avanço austro-allemão do Dunajec para o San não affectou a linha russa ao norte do Pilica. Continuou assim, sem mudança, mesmo depois da queda de Przemysl e Lwow; comtudo, desde o momento em que as forças austro-allemãs romperam o flanco sul do systema russo de defeza era certo que as posições avançadas da Polonia tinham de ser abandonadas, logo que qualquer pressão directa estivesse a ponto de contra ellas se exercer.

A 22 de junho os exercitos austro-allemães tinham transposto a linha San-Dniester n'uma fronte de mais de 160 kilometros, estendendo-se da confluencia do Tanev e do San até Mikolajow no Dniester.

A occupação da linha do San e do Dniester era, sob o ponto de vista da defeza russa, indispensavel para a salvação de Varsovia. Todos os planos russos para a defeza de Varsovia tinham, por isso, de implicar necessariamente a conquista e a occupação da Galicia oriental.

Lwow não havia ainda passado para as mãos do inimigo quando os russos começaram os preparativos para a evacuação de Varsovia. Os escriptores allemães descrevem a Polonia como uma «praça d'armas» russa que ameaçava a salvação do imperio allemão. A ausencia de caminhos de ferro russos a oeste do Vistula é de si prova sufficiente da falta de verdade de tal asserção, e basta examinar a distribuição das guarnições russas na Polonia antes do começo da guerra. A força do exercito russo a oeste do Vistula, entre 1910 e 1914, era apenas de cêrca de 30.000 homens.

Considerando que a população de esse districto subia a mais de seis milhões e que certas partes d'ella nem sempre demonstravam intenções pacificas, difficilmente podiam as guarnições russas na Polonia occidental ser consideradas como outra coisa diferente da força precisa para o policiamento local. Na muito menos populosa parte da Polonia a leste do Vistula, a força das guarnições russas era cinco vezes maior do que as forças postadas a oeste d'esse rio.

A região entre o Bug e o Vistula e que fica entre o Pripet e o Dnieper e a fronteira austriaca era, especialmente desde 1910, a principal «praça d'armas» russa no oeste. O agrupamento de guarnições, os planos de mobilisação, finalmente a mais palpavel de todas as preparações militares, a distribuição dos caminhos de ferro estrategicos, tudo estava estudado em harmonia com uma offensiva contra a Galicia oriental.

Mas os preparativos para uma tal offensiva não podiam provar, da parte da Russia, intenções aggressivas contra a Austria. A conquista da Galicia oriental formava, em caso de guerra com as potencias centraes, uma medida necessaria para a segurança de Varsovia.

A fronteira austro-russa entre o Vistula e o Bug é aberta; uma larga avenida leva, depois de passar Zamosc e Lublin, ao interior da Polonia oriental. Seguindo por ella, um exercito que avance da Galicia oriental para o norte póde tornear as posições de que o Vistula, entre a sua confluencia com o San e a com o Bug, fórma a fronte, e de que, entre Novo-Georgievsk e Grodno, o Narev e o Bobr constituem o flanco norte.

Um exercito avançando para o norte entre o Vistula e o Bug póde facilmente proteger-se contra ataque de leste tomando o valle pantanoso do Bug como cobertura do seu flanco direito, e na linha que faz frente a Cholm e Brest-Litovsk essa cobertura é reforçada pelos pantanos do Pripet.

Do lado exterior da fronteira, era claro que os russos tinham de tomar Przemysl, a chave da linha San-Dniester, e adquirir assim a natural protecção para o flanco sul das posições ao longo do Vistula, ou diminuir de abandonar a Polonia e retirarem para Brest-Litovsk e para o Bug. A posição que fôra occupada em agosto de 1914 era a mesma occupada nas suas linhas principaes em junho de 1915, mas a superioridade em numero e armamento que as potencias centraes haviam conseguido no verão de 1915 difficilmente deixava duvidas quanto ao resultado immediato da lucta para a posse da linha do Vistula.

E ainda certos factores que haviam dado grande influencia no começo da guerra mais uma vez intervieram na lucta que agora estava iminente na região fronteiriça entre a Polonia do sudeste e a Galicia oriental. A Russia tinha provido a sua fronteira aberta entre o Vistula e o Bug com a mesma especie de defeza que a Prussia empregava, com tão accentuado exito, nas suas fronteiras orientaes.

De todo o imperio russo o districto entre Grodno, Varsovia, Ivango-

rod e Rovno, e especialmente a sua parte sul, tem a rêde de caminhos de ferro mais desenvolvida. Entre Ivangorod e Kovel o caminho de ferro Varsovia-Kieff entronca com quatro linhas ferreas importantes. A distancia entre ellas sobe a cêrca de sessenta e quatro kilometros.

Antes da guerra esse caminho de ferro não estava ligado ao da Galicia. Em ponto algum entre o Vistula e o Bug se approximavam os caminhos de ferro a menos d'essa distancia do territorio austriaco. Mesmo mais para leste, entre o Bug e o Styr, não chegavam á fronteira; a principal linha corre a egual distancia d'ella, ficando o ramal de Kovel em Vladimir Volynski, a vinte e quatro kilometros da fronteira. Era só na fronteira oriental, em Radzivilow-Brody, em Volotchyska e proximo de Novosielitsa que as linhas russas ligavam com o systema ferro-viario austriaco.

O motivo por que os russos haviam deixado uma grande distancia entre a fronteira austriaca e os seus caminhos de ferro é bem evidente.

Tinham de contar com a grande lentidão da sua mobilisação e com a probabilidade dos austriacos atravessarem a fronteira entre o Vistula e o Bug antes dos seus preparativos estarem completos. Calculavam que podiam impedir esse avanço na fronte da linha Lublin-Cholm. As numerosas linhas do norte e leste eram para conseguir uma rapida concentração de forças para uma contra-offensiva contra a Galicia oriental.

Pela fronteira oriental da Galicia, entre o Styr e o Dniester, não podiam ter receios d'uma invasão logo de principio, não necessitando, por isso, de tomar semelhantes precauções. Uma offensiva austriaca a leste não podia ser tomada como movimento de começo da guerra. Nenhum ponto vulneravel podia ser encontrado proximo da fronteira e as fortalezas da Volhynia e os pantanos do Pripet separavam quasi por completo aquella região dos importantes districtos estrategicos do norte.

Uma diversão de forças austriacas para leste ficaria com o seu flanco norte a descoberto; a fronteira entre o Vistula e o Bug é aberta em todas as direcções.

Os calculos russos sahiram exactos. Quando em junho de 1915 a lucta chegou de novo áquelles districtos, muitos dos primitivos problemas da guerra reappareceram sob uma fórma semelhante áquella com que se haviam apresentado no começo da guerra.

Antes de chegar a Lwow, questão alguma se podia levantar quanto á direcção que tinha de ser seguida pelo avanço austro-allemão na Galicia. A questão veiu, porém, a ser discutida logo que esse importante centro de estradas e caminhos de ferro passou para o poder do inimigo. O dilema existiu apenas na imaginação d'aquelles que estão, ou pelo menos anteriormente estavam, no habito de não prestarem ao commando supremo do exercito allemão a devida consideração, por motivos politicos.

Um avanço para leste asseguraria o proposito politico e sentimental de completar a reconquista da Galicia, mas de modo algum serviria os principaes objectivos estrategicos dos exercitos austro-allemães.

As principaes forças russas estavam concentradas na Polonia.

Um avanço austro-allemão para leste deixar-lhe-hia aberto o flanco norte dos exercitos, que não seria protegido por quaesquer defezas naturaes ou artificiaes. Uma contra-offensiva semelhante á de agosto de 1914 podia varrer a Galicia oriental e os exercitos austro-allemães ao norte de Lwow ficariam enfraquecidos n'uma consideravel extensão. As mesmas razões que no principio da guerra se tinham opposto a um avanço austriaco para leste prevaleciam ainda no verão de 1915.

Devemos, porém, lembrar que as forças que haviam entrado na campanha da Galicia em maio e junho não eram um exercito independente. Verdade seja que dois terços dos seus effectivos eram de tropas austro-hungaras e que estavam, pelo

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1904—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 22 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Depois das eleições

Das eleições hontem realisadas ha conclusões a tirar, que são realmente fundamentaes para a observação fiel e desapaixonada da situação politica do paiz.

Com effeito, pode dizer-se que as urnas funccionaram authomaticamente, e o resultado do suffragio não deixa illusões a ninguem.

Ha dois partidos que reclamam a posse do poder, affirmando-se representantes de fortes correntes de opinião nacional. Esses dois partidos, abertas as urnas, com toda a liberdade para a sua propaganda, alcançam n'ellas votações realmente insignificantes. E todavia essas eleições decorrem em condições de absoluta legalidade, com uma serenidade imperturbavel. Não ha queixas contra a confecção dos recenseamentos, não se allegam pressões, não se allude a nenhuma d'essas tranquibernias ou violencias eleitoraes, que nos tempos da monarchia formavam um estendal de escandalos. Mais ainda: nem sequer são derrotados por um partido que se encontre no governo, e que por isso possa suppôr-se exercer alguma coacção sobre o espirito dos eleitores.

Que significa isto senão que esses partidos não são realmente partidos senão na designação que usam, porque lhes falta o apoio de verdadeiras correntes de opinião ou não possuem uma organisação partidaria digna d'esse nome.

A consciencia da sua fraqueza como importantes organismos politicos está nas pretensões d'esses partidos, pretensões que o resultado eleitoral de hontem explica, embora não justifique.

Um d'esses partidos, o unionista, quer o governo a todo o transe, e não hesita perante nenhum processo para o alcançar. Provou-o o movimento das espadas, que tão fatal ia sendo á Republica, e á propria nacionalidade. E quer o governo, seja de que maneira fôr, para quê? Para organisar partido. E' com os meios de que o poder dispõe que elle, vendo o resultado, quasi inteiramente nullo, da sua propaganda fóra do poder, imagina crear essa importante aggremiação politica.

O outro partido, o evolucionista, deseja tambem ser governo, embora não saia da esphera de acção republicana. Para isso propugna pela concessão ao presidente da Republica de dissolver o parlamento. Só assim pensa que poderá ser chamado ao poder. Pelas suas forças eleitoraes, não. O resultado eleitoral de hontem não foi por isso uma surpreza para elle. E quer o governo, para quê? Para formar partido, utilisando os meios de que o poder, no seu entender deve dispôr para um fim de tal natureza.

Ambos estes partidos pensam, portanto, simplesmente, em reeditar os processos monarchicos. Ambos não vêem outros meios de exercer uma acção politica preponderante no seu paiz.

Este estado de espirito, este pensamento dominante, estristecem mais do que indignam. E', com effeito, bem lamentavel que em plena democracia haja quem queira elevar-se ao poder, não conquistando applauso e apoio ás suas ideias por parte da maioria da nação, mas sim recorrendo n'um caso, a meios irregulares ou anti-constitucionaes, e, n'outro, ao estabelecimento d'uma prerogativa que póde ir de encontro á vontade da grande maioria do paiz.

A Republica Portugueza não precisa só d'um partido. Precisa de partidos, para a regularidade normal do funccionamento do seu systema. Mas partidos, na Republica, não se fazem nas espheras do governo. Não é no Terreiro do Paço, como no tempo da monarchia, que se podem crear e organisar, artificialmente, constituindo um simulacro que não corresponde á correntes definidas da opinião. Semelhante pretensão é tão pouco justificavel que até é inconfessavel.

Não haverá correntes que necessitem d'essa expressão? Ou tratar-se-ha d'uma manifesta incapacidade dos que se arvoram em dirigentes? Seja como fôr, o remedio a esta situação não é crear ficções. E' procurar o caminho da alma popular, apostolisar ideias, fazer uma sementeira de principios, e embora lentamente, mas seguramente, preparar a colheita dos seus fructos.

Poeira da Arcada

O imperador Guilherme visita brevemente os seus amigos os turcos. Vae levar-lhes o osculo da alliança.

Constantinopla veste-se de galas para receber dignamente um soberano que transformou a Europa n'uma arena de sangue.

Os dois soberanos, o allemão e o turco, representantes de povos que o perigo lançou no mesmo jogo de punhaes, talvez se olhem rosto a rosto, para reconhecerem que a cordealidade que os liga não é simplesmente diplomatica. Na Europa moderna elles são irmãos para a vida e para a morte. E' que ha amisades que ainda veem mais da natureza que da historia.

* *

Aos domingos o burguez que trabalha e sua para não esmorecer no seu afan de força viva, passeia, a fim de se recrear um pouco com a vida das ruas e as paisagens dos arredores. A sua imaginação arithmetica, porém, não dorme. Pensa nos seus negocios.

Ao recolher ao lar, depois do theatro, sente-se em grande paz comsigo proprio. Dorme profundamente. E no dia dia seguinte, ao levantar-se, constata que a felicidade lhe é tão familiar que de oito em oito dias a pode receber mesmo em chinelos.

* *

A's vezes, indicam-nos a dêdo um ou outro mancebo que os seus admiradores tratam como muito intelligente. Concordamos sempre, porque não temos interesse algum em suspeitar que a intelligencia viva n'um triste ninho de morcêgos. Correm os mezes e um dia vem em que o acaso nos colloca em situação razoavel para tributarmos applauso ao mancebo que nos indicaram. Nem sempre o podemos fazer. E porquê? Quer o negro destino que da sua bocca não saiam senão dislates e arremessados n'um tom de voz irritante que até parece ter elle na laringe os dentes de uma serra.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se dirime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

CHRONICAS DE PARIS

O que será a nova Europa

Os objectivos da Conferencia da paz — A vertigem dos milhões — 170 billiões de indemnisação a pagar pela Allemanha — Novas fronteiras e novos Estados — A partilha da Turquia

Além das consequencias de ordem moral que devem resultar da guerra com o triumpho das nações alliadas, Jean Finot allude largamente no seu ultimo livro ás consequencias politicas. O regulamento definitivo da lucta terá em vista, na opinião do eminente philosopho, quatro objectivos: 1.º—Obrigar a Allemanha a indemnisar todos os alliados, da mesma fórma que as innumeraveis victimas d'esta guerra em geral e dos processos allemães de selvageria em particular; 2.º—Pôr um termo á supremacia da Prussia e da Allemanha na Europa; 3.º—Realisar as reivindicações nacionaes dos povos, refazendo a carta da Europa; 4.º—Crear um estado juridico internacional que, garantindo a independencia e a segurança dos pequenos povos e dos neutros, realise ao mesmo tempo os votos e os projectos platonicos adoptados pelas successivas conferencias da Haya.

Analysemos, acompanhando as ideias do grande escriptor francez, a primeira parte d'este vasto programma. Segundo elle, nomear-se-hão commissões escolhidas pelos alliados e encarregadas de avaliar approximadamente os prejuizos diversos causados pela guerra. O total das sommas a pagar pela Allemanha será qualquer coisa de prodigioso. Vejamos.

Nos exercitos alliados, o numero de combatentes attinge perto de dez milhões de homens. Segundo todas as probabilidades, a guerra deve durar mais um anno. Cada soldado francez representa, em média, uma despeza de quinze francos por dia. Cada soldado inglez custa muito mais: cêrca de cincoenta francos diarios. Leroy-Beaulieu fixou em cincoenta mil milhões de francos as despezas directas de todos os belligerantes de 1914, partindo do principio que a guerra não durava mais de sete mezes. Considerando doze a quatorze mezes, esta cifra eleva-se facilmente a cem mil milhões.

Jean Finot calcula que, se a guerra não durasse mais de um anno, as despezas dos alliados com tropas e munições seriam de cêrca de 73 mil milhões de francos. Accrescentando a esta quantia o valor dos prejuizos materiaes causados pelos allemães, e traduzindo em indemnisações pecuniarias o valor das vidas humanas sacrificadas, chega-se a um total approximado de 170 mil milhões, que a mais elementar justiça levará a reclamar da Allemanha e dos seus alliados.

Mas encontrar-se-hão porventura os imperios centraes em condições de solvabilidade para tão formidavel pagamento? A Austria encontra-se arruinada, n'uma situação economica e financeira deploravel. A Turquia estava já perto da bancarrota nas vesperas da declaração das hostilidades. Resta a Allemanha. Ora, segundo os seus economistas, a fortuna do imperio elevava-se, em 1913, a 400 mil milhões de francos, e além do valor do solo, dos bens immoveis, dos caminhos de ferro, etc., comprehendia o total dos fundos estrangeiros em posse de allemães e o valor dos seus capitaes collocados em paizes estranhos. Após uma série de judiciosas deducções, Jean Finot estabelece que o rendimento annual dos 68 milhões de allemães, depois da derrota, será ainda de 37 mil milhões de francos, média sufficiente para supportarem os novos encargos causados pelas indemnisações de guerra.

O fim do militarismo prussiano e da hegemonia allemã apparece então com toda a evidencia logica. A Alsacia e a Lorena voltarão definitivamente a integrar-se na França. A provincia limitrophe de Liège será, como ficou dito, englobada na Belgica. A Polonia formará um Estado Tampão, envolvendo nos seus dominios uma grande parte do territorio que até ha pouco a Prussia considerava seu e que, na verdade, por todas as razões ethnicas e historicas deve fazer parte da nacionalidade polaca, redimida finalmente ao cabo de tantas provações. A' Polonia reconstituida caberão as actuaes provincias da Prussia Oriental e Prussia Occidental. A Silesia e a Galicia terão a mesma sorte.

Quanto ás colonias, perdida para sempre a sua base de expansão no Extremo Oriente, com a queda de Tsing-Tao, e occupados os seus antigos dominios africanos, a Allemanha tem de renunciar ao sonho de preponderancia mundial que a conduziu á megalomana loucura de 1914.

Passemos á Austria-Hungria. Quando soar a hora do regulamento definitivo, a maior parte das suas provincias, até agora artificialmente unidas, retomarão os seus destinos normaes. A Hungria verá consideravelmente diminuidos os seus territorios, visto a Transilvania e outros districtos limitrophes passarem para a posse da Romania. No reino Magyar, que conta vinte e um milhões de habitantes, apenas ha dez milhões de hungaros. Ha, na Hungria tres milhões de rumenos, dois milhões de serbios, dois milhões de slovacos, um milhão e oitocentos mil croatas, dois milhões de allemães e um milhão de ruthenios.

E' possivel que a questão da Croacia, da Slavonia seja resolvida pela creação de republicas neutras, a fim de não affectar a doutrina do equilibrio balkanico concedendo essas provincias á Serbia. A Dalmacia poderá muito bem renascer sob o nome de reino da Illyria como preconisam muitos estadistas russos. A Italia reconquistará as provincias irredentas, a Bohemia formará novamente um reino, e no fim das hostilidades a Austria propriamente dita não terá mais do que 32.000 kilometros quadrados.

Resta a partilha da Turquia. Com a sua participação na guerra ao lado dos allemães, esta nação commetteu nitidamente um suicidio. Vimos qual será o destino de Constantinopla, collocada, na situação de cidade neutra, sob a administração da Belgica. A Arabia deve obter a autonomia, a Siria transformar-se-ha n'uma provincia franceza, a Mesopotamia n'uma provincia ingleza; a Palestina será annexada ao Egypto. Quanto á Armenia, esse paiz de martires, encontrará na soberania da Russia mais liberdade e sobretudo mais humanidade.

Eis aqui, muito largamente esboçadas, quaes são as ideias de Jean Finot sobre a nova Europa. Todos estes problemas constituirão, antes que decorra um anno, a mais instante preoccupação do mundo civilisado.

HERMANO NEVES

A'manhã:

Fallando com Joseph Reinach

Migalhas

Gente implicante

Ha uma cathegoria de pessoas com a qual estou absolutamente disposto a cortar relações: são os cavalheiros que querem por força que lhes diga o que penso ácêrca dos Dardanellos. Todos conhecem a minha reserva habitual sobre o assumpto, que é melindroso. Pois, entro n'um carro ou dobro uma esquina e encontro sempre um amigo ou conhecido, que, depois de me ter perguntado se o Affonso Costa faz ou não governo, acaba por me disparar á queima roupa a tal historia:—«E que me diz o meu amigo a respeito dos Dardanellos?

Que lord Kitchener tivesse desviado a sua viagem para m'o vir perguntar, comprehendia-se. E' uma pessoa a quem os Dardanellos interessam e á qual eu não teria duvida de dizer francamente que não percebo nada do assumpto; mas que sujeitos alfacinhas da gemma, me andem a seringar com o caso, isso é que eu acho um pouco forte. Que teem os senhores com isso, não me dirão? Já é vontade de querer saber da vida alheia e, como lhes não basta coscuvilhar o que vae na visinhança, ainda em cima querem alongar a sua curiosidade até aos extremos limites da Europa.

Por conseguinte ficamos entendidos: perguntem-me o que penso ácêrca de tudo. Não queiram devassar a minha opinião a respeito dos Dardanellos. Esse é um segredo que me ha de acompanhar á sepultura.

André Brun

Pelo telegrapho

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 21—Official.—Alcançámos hontem um importante successo na linha do Isonzo, principalmente nas alturas a noroeste de Gorizia, onde, apesar da resistencia encarniçada do inimigo, tomámos Oslavia e as alturas circumvisinhas, fazendo 459 prisioneiros entre os quaes grande numero de officiaes. Repellimos numerosos e violentos contra-ataques. Ao sul de Oslavia, nas alturas de Podgora e Calvario, tomámos ao inimigo duas linhas de trincheiras.

No Carso continuámos a progredir nas vertentes septentrionaes do monte S. Michel e a sudoeste de S. Martin. Os aviadores inimigos bombardearam Schio, ferindo 8 soldados. Os nossos aviões bombardearam o campo de aviação de Aisovizza.—(*Havas*)

Os tripulantes do vapor "Don"

LONDRES, 22—O vapor *Caldonia* chegou a Plymouth conduzindo uma parte da tripulação do vapor *Don*, encontrada no Mediterraneo em dois barcos. Desconhece-se o destino dos outros barcos que recolheram a restante tripulação.—(*Havas*)

Uma victoria do exercito servio

PARIS, 22—O ministro da Servia em Athenas telegraphou que o exercito servio alcançou uma importante victoria na região de Leskovatz, pondo termo a uma batalha de alguns dias. As perdas bulgaras são enormes. Esta derrota causou tal desordem nas unidades bulgaras, que terão de se abster de qualquer operação durante um certo tempo n'esta região.—(*Havas*)

O governo servio vae refugiar-se na Albania?

LONDRES, 22—Telegrapham de Athenas ao *Daily Chronicle* que o governo servio abandonára Mitrovitz e partira para o sul em direcção a Dibra, sendo provavel que se refugie na Albania.—(*Havas*)

Nada no theatro occidental

PARIS, 22—Communicado official das 15 horas:

Nada ha a registar, a não ser combates á granada em Artois e alguns recontros de patrulhas na Lorena.—(*Havas*)

Aviação militar

Escrevem-nos de Mafra os srs. José Baptista Ribeiro, Mario Esteves de Medeiros e José Alexandre Coelho, cujos nomes já opportunamente demos como desejando frequentar a escola de aviação, pedindo-nos os informemos do que é necessario fazer para desde já começar a frequentar essa escola.

O esclarecimento que podemos dar é que, como se sabe, o governo resolveu enviar á França e á America officiaes a tirarem os seus *brevets* de aviadores e que só depois d'esses officiaes regressarem é que a escola começará a funccionar.

Um posto agrario

Pelo ministerio do fomento, foi alugada ao ministerio da justiça a Quinta de Santa Cruz do Bispo, situada em Leça da Palmeira, suburbios do Porto. Pensa a Direcção Geral de Agricultura, por intermedio de quem se fez o arrendamento, installar ali um posto agrario, a fim de proceder a ensaios de adubos e sementes e a diversos trabalhos experimentaes e praticos de absoluta necessidade e utilissimos para os agricultores do Norte do paiz. Feito o arrendamento, reconheceu-se, porém que não havia verbas para executar o plano que o determinára. O ministerio do fomento não possuia dinheiro para o custeio do projectado posto agrario e o ministerio das finanças, escudando-se em escrupulos legitimos, tambem o não forneceu, por considerar que não podia fazel-o á sombra da auctorisação parlamentar que, para fazer face ás circumstancias excepcionaes creadas pela guerra, lhe foi concedida pelos representantes da Nação. Como, porém, o tempo urgisse e a epocha das sementeiras ia passando, e como seria injustificavel que o ministerio do fomento alugasse a quinta em questão para a não utilisar, na Direcção Geral de Agricultura, rebuscando aqui e além, fizeram-se economias varias e arranjaram-se os fundos precisos para a montagem do projectado posto agrario. E' que desde que o Estado póde sacrificios á agricultura, bom é que pelo menos faça alguma coisa do geito. E o que falta agora? Que a mesma Direcção Geral seja auctorisada a gastar o seu dinheiro na Quinta do Bispo, com os seus campos de experiencia, de que tanto se carece. Eis o que não é tão facil de conseguir como se julga...

"A CAPITAL,, NO PORTO

OUVINDO UM ILLUSTRE INDUSTRIAL

Uma nova entrevista com o sr. Conde de Vizella

A situação da industria algodoeira em Portugal—As causas da nossa expansão industrial—A importancia do momento para uma reforma pautal

«A Capital» já inseriu nas suas columnas uma entrevista com o sr. conde de Vizella.

Foi, porém, tão rapida essa palestra e tão de surpreza para o illustre industrial que se impunha ouvil-o novamente sobre esse momentoso assumpto que é a situação da industria algodoeira em Portugal, fixando-lhe os pontos de maior interesse e precisando perguntas mais incisivas.

Eis-nos, pois, de novo no seu escriptorio, poucas horas antes de regressarmos a Lisboa, respondendo o sr. conde de Vizella assim á primeira interpellação que lhe fazemos:

—Quanto á situação actual e ao futuro da industria algodoeira em Portugal, se a primeira póde considerar-se difficil, o segundo desenha-se bastante nebuloso. Desde 1892, data da promulgação da pauta alfandegaria, ainda hoje em vigor, esta industria póde realisar um importante desenvolvimento, atravez de innumeros sacrificios. Devido, porém, á concorrencia estrangeira, dia a dia mais intensa, como se prová pelas estatisticas das importações de tecidos d'algodão, quer na metropole, quer nas colonias, a nossa industria viveu na crise desde 1900—crise que se contava vencer mediante a reforma pautal proposta ao parlamento em 1904, e renovada nas sessões parlamentares de 1905, 1907 e 1908. Como os acontecimentos politicos não permittissem a solução de este assumpto, a crise aggravou-se, e em julho de 1914 as circumstancias das industrias tornaram-se afflictivas. Fez-se uma representação ao governo do sr. Bernardino Machado, indicando as providencias que seria necessario tomar, mas sobrevindo a declaração da guerra, não póde o governo attender a industria senão com a creação dos armazens geraes industriaes, que foi util para a industria da cortiça, mas nenhum resultado produziu em favor da industria algodoeira.

—Mas como chegámos então a esta clareira de prosperidade que acabamos de verificar na industria textil?

—Vou rapidamente historiar-lhe a phase da industria algodoeira, após a declaração da guerra.

—Durante os dois primeiros mezes da guerra européia os industriaes d'este ramo manufactureiro soffreram apprehensões que chegaram a um verdadeiro panico. Faltava o algodão, o carvão, as drogas e os aprestos que esta industria importa do estrangeiro; os preços das pequenas quantidades das materias primas que se podiam obter elevaram-se enormemente; e estava-se na perspectiva de uma terrivel situação. Felizmente, as boas relações entre Portugal e a Inglaterra, permittiram pouco depois que o governo de Londres nos facultasse a importação de elementos de trabalho que não poderiamos obter em outro paiz.

Como do mal sempre resulta algum bem, succedeu que a diminuição das importações de tecidos estrangeiros durante o resto de 1914 e os mezes decorridos de 1915, alliviou o mercado interno, consentindo á nossa industria um maior consumo, aliás difficultado pela excessiva alta da rama e das subsistencias

---

Folhetim d'A CAPITAL — 22-11-1915

CHRONICA MUSICAL

Palestrina

(1525-1541)

Palestrina, a antiga Praenesta, é hoje uma pequena cidade de seis mil habitantes e a seis kilometros de Roma; tres vezes destruida durante a idade-média, foi reconstruida nos meados do seculo XV, sendo pertença da rica e poderosa familia Colonna.

N'essa pequena cidade, que d'outro modo seria completamente obscura, nasceu o homem que a tornou notavel, tão notavel que é pelo nome da sua terra, e não pelo seu proprio, que é universalmente conhecido.

Giovanni Pierluigi era o nome do grande compositor, nome a que depois se accrescentou o da terra da naturalidade, Giovanni Pierluigi da Palestrina, que finalmente prevaleceu, fazendo esquecer o verdadeiro.

Não existem dados certos que permittam fixar a data do seu nascimento; varias teem sido propostas e depois regeitadas, á medida que novos documentos se vão descobrindo.

No seculo XVIII Adami de Bolsena dizia-o nascido em 1529.

O padre Giuseppe Baini nas suas «Memorie storico-critiche della vita e delle opere di Giovanni Pierluigi da Palestrina» publicadas em 1828, apresenta como data do nascimento o anno de 1524, para o que se baseia n'uma passagem da dedicatoria do setimo livro de missas, editado depois da morte de Palestrina por seu filho Igino Pierluigi: «Joannes Petraloysius, pater meus, septuagintar fere vitae suae annos in Dei laudibus componendi...»; Giovanni Pierluigi, meu pae, empregou perto de setenta annos da sua vida em cantar os louvores de Deus.

Tendo Palestrina morrido em 1594, Baini, deduzindo d'este numero 70, obtinha a data de 1524; Baini desprezava porém, a palavra «fere», perto de, além de que a passagem citada não auctorisa a conclusão forçada de 70 annos de vida; interpretada rigorosamente a phrase da dedicatoria parece indicar o periodo em que Palestrina compoz, devendo, portanto, a sua vida ser mais longa.

N'este argumento e na inscripção que se lê na moldura d'um retrato pertencente aos archivos da capella pontifical: «Obiit IV idus februarii MDXCIV. Vixit propè octogenarius» «morreu a 4 dos idos de fevereiro de 1594; viveu quasi octogenario»; se fundou Baeumker na sua obra «Palestrina, editada em 1878, para recuar a data do nascimento para 1514.

Foi esta a data acceita e defendida pela critica allemã até 1886, anno em que Haberl descobriu n'uma folha de papel de musica d'uma collecção de missas da capella pontifical um necrologio escripto por uma testemunha dos funeraes de Palestrina, que termina por estas palavras: «Viveu sessenta e oito annos».

Haberl fixou, pois, o nascimento de Palestrina em 1526, data que se concilia com a phrase da dedicatoria do filho e com os principaes acontecimentos da vida do compositor; reconheceu-se tambem que a inscripção do retrato era muito posterior ao proprio retrato e que, portanto, carecia de auctoridade. A hypotese de Haberl tem-se mantido até hoje, sem que tenha apparecido novo documento que a refute. A mim pareceu-me, comtudo, mais provavel o anno de 1525, a não ser que Palestrina tivesse nascido em janeiro de 1526; effectivamente, a sua morte deu-se a 2 de fevereiro de 1594; viveu sessenta e oito annos, diz o seu contemporaneo auctor do necrologio; deve entender-se que tinha essa edade completa, pois no caso contrario deveria dizer sessenta e sete; sendo assim, teria nascido em qualquer dos dias comprehendidos entre 3 de fevereiro de 1525 e 1 de fevereiro de 1526, portanto, mais provavelmente em 1525 que no anno seguinte.

Um documento authentico publicado em 1903 por Cametti na «Rivista musicale italiana» elucida-nos a respeito da familia do grande compositor: é o testamento da sua avó paterna Jacobella, viuva de Petrus Aloisius de Palestrina, feito em Roma a 22 de outubro de 1527. Ahi se enumeram os filhos da testadora; dois varões, Francesco e Sante, e duas femeas, Nobilia e Lucrezia; uma nora, Palma, viuva d'outro filho; duas irmãs, Perna e Geronima, uma d'ellas freira; e ainda outras pessoas, entre as quaes um seu descendente designado por Jo, abreviatura familiar de Giovanni, que pode ser o futuro compositor, embora a deixa de «um colchão e dez peças de baixela de estanho», por impropria para creança de tão tenra edade, leve a crer que se trata d'outro neto ou sobrinho. Os bens testados consistem n'uma casa sita em Palestrina, uma pequena somma de dinheiro e um mobiliario composto de tão grande numero de colchões, roupas de cama e utensilios de cosinha, que Cametti suppõe fundadamente que a avó de Palestrina devia ser dona d'alguma hospedaria.

Sobre a familia proxima do grande compositor elucida-nos Schelle na sua obra «Die päpstliche Sängerschule», publicada em 1872. Seu pae, Sante Pierluigi, vivia em Palestrina, onde tinha alguns bens, tanto proprios como de sua mulher, Maria Gismondi; a familia era numerosa: além de Giovanni, conhecem-se mais dois filhos, Silla e Bernardino, e uma filha, Palma. Em 1540, Sante vende um castanhal e no anno seguinte uma casa; estas vendas devem relacionar-se com a ida de Giovanni para Roma.

Petrini, auctor de annaes de Palestrina, diz: «N'este anno de 1540, um dos nossos concidadãos, chamado Giovanni Pierluigi, partiu para Roma para estudar musica».

Naturalmente e conforme os costumes do tempo, Giovanni começára a sua educação musical como menino de côro, até que, chegado á epocha da mudança de vóz, obrigado a abandonar o logar, passou aos estudos theoricos. As phantasistas historias de Pitoni e de Cecconi na «Storia di Palestrina» não passam de productos da imaginação de estes auctores do seculo XVIII: o mestre da capella de Santa-Maria-Maior, que era então Giacomo Coppola, não tomou conta do pequeno Giovanni, nem foi seu professor, tanto mais que Coppola é uma figura apagada na historia da musica.

Quem foi então o professor de Palestrina?

N'uma brochura publicada em Roma em 1685 com o titulo de «Lettera scritta del Sig. Antonio Libanti in riposta ad una del Sig. Ovidio Persapeggi», datada do anno anterior, por consequencia noventa annos depois da morte de Palestrina, lê-se a seguinte passagem:

«Entre os numerosos mestres ultramontanos que fundaram escolas de musica na Italia e em Roma (visto que eram os primeiros na arte do canto e na musica harmonica figurada), encontra-se Gaudio Mell, flamengo, homem de grande talento e de estilo muito cultivado e agradavel, o qual fundou em Roma uma nobre e excellente escola de musica, d'onde correram muitos regatos de virtude; mas a torrente principal e superior que absorveu e ultrapassou todas as outras foi Gio. Pierluigi Pelestrina (sic), etc.»

Pitoni, no seu manuscripto «Notizie de contrappuntisti e compositori de musica», reproduz esta affirmação, chamando ao professor Gaudio ou Claudio Mell e accrescentando que este, deixando Palestrina em Roma, fôra para Portugal exercer as funcções de mestre de capella do rei, «d'onde, por curiosidade, voltou em 1580 para ver Palestrina, tão grande era o seu desgosto de o não ver; e ficou todo reconfortado».

Ora não ha compositor algum conhecido que se chame Claudio Mell; d'onde se conclue que o nome vem com uma forma alterada, o que, de resto, é frequente em relação a esta epoca, por erro de leitura ou distracção dos copistas. Mas qual será o nome verdadeiro? Pitoni aventou o de Claudio Goudimel, confessando em todo o caso que não encontrára vestigios da sua estada em Roma; além d'isso, Goudimel foi victima da matança do S. Bartholomeu, em 1572; não podendo, por isso, ter sahido de Portugal para Roma em 1580. Esta data dá, em todo o caso, visos de verdade ao additamento de Pitoni, por coincidir com a perda da nossa independencia, o que torna natural a partida do mestre da capella real.

A hypothese da identificação de Mell com Goudimel foi retomada e teimosamente defendida por Baini; a obra d'este ecclesiastico, pelo aspecto imponente das suas 820 paginas em grande formato, as suas numerosissimas notas, o seu ar profundamente scientifico, foi durante muito tempo considerada como um Evangelho em critica palestriniana; infelizmente, a essencia não condiz com o aspecto, sendo numerosos os erros e as affirmações aventurosas do auctor, que por sua vez levaram outros a errar, entre elles o proprio Taine na sua «Voyage en Italie»; no meu folhetim «Musica religiosa», aqui publicado a 3 de maio, reproduzo, segundo Baini, uma passagem da vida de Palestrina, que tambem não é exacta e que opportunamente rectificarei.

A interpretação da passagem de Libanti por Baini é egualmente infeliz, como em 1898 Michel Brenet demonstrou no seu livro «Claude Goudimel», provando que o seu biographado nunca esteve em Roma, e que não podia ser considerado flamengo, nem pelo nascimento, pois era do Franco-Condado, nem pelas obras.

Quem foi então o professor de Palestrina?

Humberto de Avellar

chimicas que a industria emprega.

E' esta a situação actual.

—E o que podemos esperar do futuro?

—Effectivamente o momento é propicio para a industria nacional triumphar, mas eu sou um tanto pessimista sobre o futuro, naturalmente porque estou habituado a seguir com desanimo a atmosphera de má vontade em que se costuma de envolver a nossa industria...

Quando se fizer a paz e os paizes belligerantes retomem a sua actividade, a nossa industria, novamente guerreada pelas importações estrangeiras, terá que soffrer as difficuldades antigas, a não ser que os governos a protejam efficazmente com as facilidades de expansão de que ella necessita tanto na metropole como nas colonias.

—Mas fala-se n'uma reforma pautal?

—E' certo que se está tratando de uma reforma das pautas, cujo objectivo o documento official que a manda promover não explica. Será esta reforma effectuada em beneficio da industria? Ou será apenas uma consequencia do tratado de commercio anglo-luzo, em obediencia aos interesses da nossa alliada?

Ignora-se o fim da reforma. Julgo, porém, que o momento para quaesquer modificações pautaes é absolutamente inopportuno. Estando a Europa em guerra, havendo bloqueios, prohibições de exportações, deslocamento de mercados, alta de cotações, de seguros e de fretes, é impossivel realisar uma reforma pautal em condições de exequibilidade.

Manobras allemãs no Nyassa

Uma sublevação indigena frustrada

O nosso collega *O Incondicional*, de Lourenço Marques, diz o seguinte em «A' ultima hora»:

«Noticias fidedignas que nos chegam do norte da provincia affirmam-nos e garantem-nos que foram enviados presos para Porto Amelia 5 pretos, entre elles dois de nome Azize Chingomangy e Issa de M'luluca, primeiro filho de um regulo e o segundo professor Mahometano.

São accusados de haverem feito entendimentos com os allemães, a fim de dinamitarem o forte M'tangula, tendo-lhes sido apprehendida uma caixa de dynamite e cartas em suahili, incitando os indigenas á revolta contra a soberania portugueza. Aos dois principaes prisioneiros, que são chefes religiosos, foi tambem apprehendida uma bandeira turca.

Cumpre-nos chamar para este facto a attenção do sr. encarregado do governo que, sem duvida, tratará immediatamente de se informar do acontecimento, tomando depois as necessarias providencias.»

A destruição do "Ancona"

O que contou uma passageira

Uma doutora americana, madame Cecile L. Grelle, passageira a bordo do *Ancona*, que foi entrevistada pelo correspondente do *Daily Mail* em Bizerte, fez a seguinte narrativa das scenas do ataque e da destruição do paquete.

«Era meio dia e acabavamos de tomar o café, quando, de subito, ouvi o ruido de muita gente sahindo precipitadamente da casa de jantar, ao mesmo tempo que as machinas paravam pouco a pouco. Corri para a prôa e ouvi a detonação de um obuz que rebentava sobre o convez. Olhei para o mar e vi perto de nós um grande submarino e uns dez ou onze homens da equipagem; o barco estava armado com cinco canhões. Não pude distinguir bem a bandeira, mas vi que tinha faixas horisontaes vermelhas e brancas. Embora o *Ancona* tivesse parado os tiros repetiram-se successivos sem que nos fosse feito nenhum aviso.

Em breve o navio começou a adornar; a bordo reinava a confusão, o panico e vi cahir sobre o convez muitos passageiros feridos uns, mortos outros.

Tendo descido para ir buscar o meu dinheiro vi que no interior do navio reinava a maior desolação; a custo cheguei ao meu camarote tendo que atravessar os destroços causados pelos obuses. Quando voltei ao convez já não encontrei ali ninguem; varias pessoas que se tinham refugiado n'um escaler disseram-me que saltasse e assim fiz d'uma altura de 20 pés».

Uma mulher que saltou depois d'ella partiu as pernas; o escaler dirigido por um official, afastou-se do *Ancona* em direcção a Messina.

«Vi a esteira d'um torpedo que atingiu o *Ancona* produzindo um horrosa explosão; o vapor inclinou-se, voltou-se e desappareceu em sete minutos. Poucos minutos antes de afundar-se, vi affastar-se uma embarcação com officiaes.

Ao fim de quatro horas de andarmos sobre as vagas, no escaler, vimos um barco fazendo-nos signaes; approximamo-nos. Estava prestes a ir para o fundo. Prestou-se soccorro ás mulheres e aos feridos; uma mulher que enlouquecera deixou cahir o filho ao mar. Consegui apanhal-a, embrulhei-a em lãs e durante todo o dia prodigalisei-lhe quantos cuidados pude.

Ao pôr do sol descortinamos no horisonte um ponto negro; assaltou-nos uma alegria immensa, mas ao mesmo tempo o terror de que fosse um navio inimigo. Dirigimo-nos para elle e reconhecemos com prazer que era um cruzador francez.

Eram sete horas; estavamos encharcados, gelados, mas vivos.

A bordo do cruzador fomos recebidos com o maximo carinho; o capitão poz o seu camarote á minha disposição e descancei até ao dia seguinte pela manhã.»

No boudoir

Conversando

Não achaes que seja interessante conversarmos hoje um pouco de qualquer coisa alheia á belleza physica, de flôres, por exemplo? Tanto mais que entre nós se vae accentuando cada vez mais o gosto pelas plantas decorativas, quer em casas ricas e luxuosas. Quer nas remediadas e nas pobres as flores apparecem a perfumar o ambiente, a pôr uma nota fresca e agradavel no conjuncto do mobiliario, pobre que elle seja. Ao mesmo tempo, pelos banquinhos e columnas, dependurados, assentes nas sacadas e nos terraços, á sombra ou á luz, nas salas menos arejadas ou em pleno ar os vasos de plantas decorativas—begonias, espargos, avencas, palmeiras, etc.—tomam o seu logar e constituem um gracioso e poderoso attractivo das nossas habitações.

Mas as plantas como as flores são vulgarmente bem caras entre nós. Portugal presta-se admiravelmente—está dito e redito, não é verdade?—para a floricultura e podia dar um esplendido commercio de flôres mesmo para o estrangeiro.

A Hollanda, por exemplo, assim tem feito ha varios annos. Tem uma cultura intensissima de magnificas flôres, que exporta em grande quantidade e que, em grande quantidade tambem, vende aos seus nacionaes por preços reduzidissimos. Mas a Hollanda é a terra das marinhas. Por meio de uma vontade exercitada durante seculos seguidos—qualidade que a nós, portuguezes, tanto a homens como a mulheres, falta quasi em absoluto—soube furtar-se ao oceano que ameaçava submergil-a, constituir uma rede de canalisação que é a unica no mundo e obter, sem a fecundidade natural da terra e sem os sorrisos do sol, o jardim maravilhoso do Norte.

A primavera hollandeza — disse-me ainda ha bem pouco, enthusiasmada, uma senhora das minhas relações que regressou do estrangeiro—é uma phantastica eflorescencia de narcizos, jacinthos, anemonas, tulipas que crescem em longas filas nos ferteis e humidos terrenos que vão de canal a canal e que fórmam vastos, espessos, immensos tapetes das mais variadas e garridas côres.

A flôr mais cultivada e mais querida pelos hollandezes é a tulipa. E, por assim dizer, a flôr nacional. Ha tulipas lindissimas; e em outros tempos, quando a sua cultura ainda se não tinha generalisado e alguns typos eram de uma certa raridade, chegaram a vender-se tulipas por preços elevadissimos. Ha até a esse respeito factos muito interessantes que um dia vos contarei.

Escusado será dizer que os hollandezes adquiriram na cultura de varias flores e especialmente das tulipas uma mestria sem egual. Facto este que leva os grandes floricultores de Paris e de Londres a contractar jardineiros hollandezes para a producção e conservação das tulipas e de algumas outras flores.

Maria Conti

* *

Marco postal:—J. Nascimento:—Pode a leitora ter confiança nos seus preparados; creio que do seu uso tirará resultados.

Madame Flora:—O preço? Não o deve assustar. E' modico em comparação com esses de que fala. A's suas ordens.

Sirius:—Lembro-me de que se zangou comigo porque eu lhe disse não poder no jornal dar-lhe explicações tão minuciosas como desejava a leitora.

Quanto ás suas perguntas de hoje só tenho a dizer-lhe que na casa onde v. ex.ª tem por habito comprar os seus cosmeticos deve haver qualquer senhora que seja competente para lhe dar as informações que deseja. Como quer que eu saiba os effeitos de preparados que não conheço. E' possivel que sejam bons. Deseja tambem que lhe dê um remedio para as as frieiras e confessa-me que nada lhe tem dado resultado. Tenciono escrever um dia d'estes um artigo sobre frieiras de v. ex. aproveitará. Remedios essenciaes não lhe posso dar; dirija-se a um medico.

M. C.

O commissario Teixeira

Completou hontem 77 annos—Ha 48 que pertence ao corpo de policia, sendo o unico que existe da fundação, em 1867

Quando, ha 48 annos, em 1 de outubro de 1867, a policia civil de Lisboa começou a funccionar, entre os seus alistados encontrava-se o velho Teixeira, o José Pinto como é vulgarmente conhecido, que nunca mais de lá sahiu, se não em commissões de pouca duração, em todo o caso de serviço de ordem publica. Ali foi guarda, cabo, chefe de esquadra e commissario, cargo que ainda exerce, estando adjuncto ao serviço administrativo, superiormente dirigido pelo sr. Tavares Festas.

Porque elle fazia hontem 77 annos de edade, e somos seus velhos amigos, fomos abraçal-o, entretendo-nos depois um pouco a rememorar tempos passados; tempos em que o sympathico velho não era calvo e tinha a pera e o bigode, hoje alvos de neve, retinctamente negros.

—Ha mais de trinta annos que nos conhecemos-lhe, dissemos entre outras coisas—e nunca fizemos uma entrevistas.

—No nosso tempo não estavam em moda.

—Entretanto você e o fallecido conselheiro Moraes Sarmento...

—O commissario geral... Sim, elle—principalmente—muito concorreu com o seu saber e experiencia para ó lançamento da reportagem em Lisboa e por consequencia em Portugal.

—Foi o *Diario de Noticias* quem educou os primeiros *reporters*...

—Que o Eduardo Coelho chamou informadores... Os primeiros foram o Santa Ritta e o Assis d'Almeida, o pae do José Joaquim d'Almeida, que é hoje um dos mais antigos n'aquelle jornal... Effectivamente, auxiliamos muito esses e outros que vieram depois...

—Vamos lá a desfiar a sua folha de serviços; a sua fé de officio... Antes de vir para a policia...

—Fui militar. Eu sou do Valle de Prazeres, onde nasci em 1838. Muito pequeno fui para a Guarda, onde recebi educação e sentei praça no 12 de infantaria, aos 21 annos. Em setembro d'esse mesmo anno fui para Mafra...

—Mas tenho idéa de lhe ouvir que esteve em caçadores...

—No 2, em Valle do Pereiro... Fui para lá em 1860, e lá estive até 1867, data em que entrei para a policia...

—Eu era muito pequeno, tinha seis annos, mas lembro-me muito bem de o vêr com a sua grande pera e bigodão, muito pretos, em dias de gala...

—De peitoral encarnado e kepi castanho.

—Com um vistoso *pompon*, tambem vermelho...

—Eram espaventosos aquelles fardamentos...

—Você não se sente fatigado com 48 annos de serviço?

—Se me tirarem d'aqui, pouco durarei. Aqui fui guarda, cabo, chefe, commissario e aqui desejava acabar os meus dias... Olhe que nunca estive doente e só tive oito dias de licença quando morreu minha primeira mulher.

—Uma senhora que era filha do poeta Ignacio Maria Feijó...

—Justo; a minha Amelia... morreu ao dar á luz o meu rapaz, que é capitão... Ainda hoje recebi carta d'elle... Está em Quelimane.

—E tem tambem uma filha...

—Professora official da escola n.º 16. Essa é do segundo matrimonio.

—Você tambem foi administrador de concelho...

—Interino. Estive em Grandola, onde apesar de ir fazer uma syndicancia aos actos da camara municipal, vim de lá amigo do sr. dr. Jacintho Nunes e de outras pessoas de representação; tambem estive em Setubal, por occasião de uma gréve de soldadores, e em Cezimbra, onde fui substituir, quando se deram uns tumultos, o sr. Augusto Forjaz, que foi ferido... Tambem lá deixei boas amizades... Acho que é por não ser politico...

—E por ser um excellente homem, que nunca exhorbitou da sua auctoridade.

—Isso, não. Pois olhe que me tenho visto em bolas...

Effectivamente o commissario Teixeira, sósinho, no meio do Chiado, nos trez dias de Carnaval, quando este corria desenfreado, mantinha a possivel ordem, quasi sem fazer prisões. E nos bailes de mascaras do theatro de D. Maria, celebres em desordens, limitava-se a pôr na rua os desordeiros, quando os não podia convencer por bôas palavras a aquietarem-se.

—Olhe, terminou o commissario Teixeira, de uma coisa tenho vaidade. Nos meus 48 annos de serviço policial, nunca fui accusado pela imprensa, nem no exercicio das minhas funcções de mantenedor da ordem publica, nem por asperezas ou injustiças para com os meus subordinados.

José Pinto Teixeira foi sempre disciplinador, mas amigo dos guardas a seu cargo. Quando se inaugurou a linha da Beira Baixa foi encarregado do serviço policial. Levava quarenta e tantos guardas. Em Mangualde, onde estiveram oito dias, elle proprio, para que não fossem comer a tabernas, os alojou e serviu á mesa, com a sua ordenança, que era o actual chefe Morgado, secretario do commando da policia.

José Pinto Teixeira é commissario desde 1889. Serviu na 3.ª divisão, primeiramente, esteve depois na 1.ª, passou á 2.ª e foi encarregado das trez. E' sub-inspector da policia administrativa desde 1908.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A brazileira de Prazins»

Continuando na sua magnifica orientação que desde principio deu á sua «Collecção Luzitania», a casa Lello & Irmão, do Porto, acaba de publicar o 14.º volume, *A brazileira de Prazins*, de Camillo Castello Branco, romance por demais conhecido para que possamos sequer fazer a sua apreciação. Da «Collecção Lusitania» desnecessario é tambem falar, bastando dizer que continua a manter os creditos já adquiridos.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora

ULTIMAS NOTICIAS

A DISCIPLINA NA ARMADA

Ainda o commando da divisão naval

Os argumentos apresentados pela «Lucta» na sua campanha politica contra o sr. Leotte do Rego

A «Lucta» continua a mostrar-se muito indignada por o sr. Leotte do Rego ser o commandante da divisão naval. E como precisasse de justificar a sua indignação de qualquer modo lembrou-se de dizer que a disciplina corria um grave risco porque aquelle commando pertence, por lei, a um contra-almirante.

Respondemos hontem «que todos os actuaes contra-almirantes estão no exercicio de funcções para as quaes a sua patente é exigida, não havendo, portanto, nenhum para commandar a divisão naval». Se a «Lucta» soubesse isto ter-se-hia evitado o trabalho de apoiar a sua indignação n'um argumento falso. Agora, apanhada em flagrante, quer que o cargo de major general da armada seja exercido por um vice-almirante, passando o actual, que é o sr. contra-almirante Alvaro Ferreira, para o commando da divisão. Ainda d'esta vez a «Lucta» não encontrou um argumento feliz. E dizemos-lhe porque:—o «unico» vice-almirante que ha na effectividade, o sr. Marques da Costa, e que tem estado no exercicio de commissões em harmonia com a sua patente, vae ser nomeado agora presidente do Supremo Tribunal Militar. Assim, não pode ir nenhum vice-almirante para a majoria; e lá se vão por agua abaixo os desejos manifestados pela «Lucta» de arranjar um contra-almirante para o commando da divisão.

A sua estranheza de não estarem encorporados na divisão naval o aviso «Cinco de Outubro» e a fragata «D. Fernando» chega a ser uma infantilidade. Apezar de todos os pontos de admiração e de interrogação que põe na sua prosa, bem sabe a «Lucta» que o aviso «Cinco de Outubro» se destinou ha muito tempo a estudos na costa e que a fragata «D. Fernando» é uma escola de artilharia naval.

Escreve tambem a «Lucta»:

«O sr. Leotte podia ser substituido por um dos capitães de mar e guerra que precisam de commandar e teem esse direito».

A «Lucta» esquece-se do que se passou na armada apoz a revolução de 5 de outubro. Obriga-nos a recordal-o, para que a sua indignação possa encontrar um objectivo mais justo. Então, não bastaram as promoções para que os officiaes revolucionarios fossem commandar os navios «em prejuizo dos seus camaradas». Por exemplo: os srs. capitães-tenentes Carlos da Maia e Sousa Dias, segundos tenentes antes da revolução, não poderiam ser commandantes do «S. Gabriel» e do «Adamastor» apesar do Parlamento os elevar a capitães tenentes. As lotações dos dois navios eram para o commando de capitães de fragata. Pois baixou-se essa lotação para «capitães de fragata ou capitães-tenentes e os srs. Carlos Maia e Sousa Dias puderam commandar o «S. Gabriel» e o «Adamastor». Já hontem o dissemos: o commando do «S. Gabriel» foi retirado violentamente a um capitão de fragata, o sr. Alfredo Guilherme Howel, velho republicano e que tinha conquistado no mar os seus galões, tal qual succede com o sr. Leotte do Rego. Não se lembrou então a «Lucta» de defender a disciplina nem de pugnar pelos direitos de quantos officiaes da armada foram prejudicados com as promoções dos revolucionarios.

Se o quizesse fazer teria uma esplendida base, para justificar a sua indignação, no protesto que os officiaes prejudicados mandaram ao parlamento e que foi apresentado e defendido pelo capitão-tenente sr. Freitas Ribeiro, outro republicano antigo que as promoções feriram nos seus direitos e nos seus interesses. D'essa vez, eram elles, os prejudicados, que vinham reclamar justiça. A «Lucta» calou-se e os seus correligionarios votaram no parlamento todas as promoções. Agora, que não ha prejudicados, que ninguem reclama, é a «Lucta» que pretende, com argumentos falsos, arvorar-se em defensora da disciplina, em respeitadora dos direitos dos officiaes da armada! Como se toda a gente não soubesse que detraz das suas palavras ha apenas uma campanha politica, uma atitude de desforço que se exteriorisa d'esse modo porque não póde exteriorisar-se por outro.

Quando das promoções dos revolucionarios de 5 de outubro deu-se o caso de ser promovido a capitão-tenente o segundo tenente que era no tempo o mais moderno da corporação da armada. Tirada a média das promoções normaes, esse official só seria capitão-tenente em 1932 ou 1934! Pois a «Lucta» não se indignou, não se lembrou de defender então os direitos e os interesses de todos os officiaes prejudicados por aquella promoção—e pelas outras. Surgem agora os seus protestos, primeiro porque quer á frente da divisão um contra-almirante, «que não ha», depois porque quer que o cargo de major general seja ocupado por um vice-almirante, «que tambem não ha».

Como dissessemos que os officiaes revolucionarios de 5 de outubro tiveram commandos superiores ás suas patentes, a «Lucta», explica que «o 5 de outubro creou uma situação em que a lei era feita por decretos do governo provisorio» etc. E não se affectavam d'esse modo os direitos e os interesses dos outros officiaes da armada, que a «Lucta» pretende agora defender? Mas, succede ainda que a «Lucta», na sua propositada ignorancia do assumpto, não sabe que em 1912 foi o commando do «Cinco de outubro» entregue a um capitão-tenente, quando a sua lotação é para capitão de mar e guerra ou capitão de fragata. Quer-nos parecer que em 1912 não havia governo provisorio para fazer decretos. Porque não defendeu então a «Lucta» os direitos e os interesses de todos os capitães de mar e guerra e capitães de fragata?

Hoje, já não acha necessario, como ha tres dias, que o sr. Leotte do Rego passe a vice-almirante. «Basta que lhe dêem as estrellas de contra-almirante». A «Lucta» labora n'um equivoco, porque o sr. Leotte do Rego só acceitará essas estrellas quando ellas lhe competirem pelo seu direito de promoção, ao serviço da armada. Seria, de facto, vice-almirante, como hontem dissemos, se tivesse o mesmo accesso de tres postos que teve o sr. Ladislau Parreira, que era primeiro tenente quando o sr. Leotte do Rego era capitão-tenente e que será contra-almirante d'aqui a dois annos, continuando o sr. Leotte do Rego a ser então, como hoje, capitão de fragata. Para ser agora contra-almirante bastava-lhe ter um accesso de dois postos, que foi o que tiveram os outros officiaes da armada que entraram na revolução de 5 de outubro—sem que a «Lucta» se lembrasse de defender os direitos e os interesses dos officiaes prejudicados.

Diz a «Lucta» que «o 14 de maio depoz um ministerio e o 5 de outubro depoz a monarchia». Mas nem por isso os officiaes da armada desistiram de levar ao parlamento o seu protesto contra as promoções dos revolucionarios. Pela nossa parte, como nunca deixamos de prestar homenagem á valentia, ao patriotismo e ao desinteresse dos officiaes da armada que tomaram parte na revolução de 5 de outubro, queremos apenas significar, como nota final, que reconhecemos tambem a mesma valentia, o mesmo patriotismo e o mesmo desinteresse nos seus camaradas que fizeram a revolução de 14 de maio. Fosse esmagado o movimento e a sua sorte teria sido a mesma que esperava os revolucionarios de 5 de outubro se a monarchia triumphasse. A uns e outros esperava-os talvez a morte, com certeza a perda da carreira, o exilio ou o degredo. Se uns fizeram a Republica, outros salvaram-na do abysmo para onde estava sendo conduzida por mãos ineptas—conforme o proprio director da «Lucta» reconheceu em alguns artigos que publicou quando os dictadores se encontravam no Tejo, a bordo de navios de guerra.

A SITUAÇÃO POLITICA

O sr. dr. Affonso Costa conferenciou hoje demoradamente com o sr. presidente da Republica.

Sobre «démarches» feitas para a solução da crise nada ha de positivo, o que não impede que os boatos fervilhem ácêrca da constituição do futuro ministerio. Diz-se, por exemplo, que o sr. dr. Paulo Falcão foi convidado para a pasta do interior e que ha todas as probabilidades de acceitar esse convite. Tambem se affirma que é certa a continuação do sr. Norton de Mattos no novo governo, ou na pasta da guerra ou nos estrangeiros. N'este ultimo caso iria o sr. Ortigão Peres para a guerra. O sr. Antonio Maria da Silva deve assumir a gerencia da pasta do Fomento. Nas colonias continuará o sr. Rodrigues Gaspar ou será convidado o sr. Ernesto de Vilhena. Para a pasta da justiça, se o sr. Catanho de Menezes passar, como tambem se diz, para a marinha, entrará o sr. Barbosa de Magalhães.

[illegible] ainda nada ha de positivo sobre a solução da crise.

OS SUBMARINOS

Portugal precisa de os adquirir

Os seus officiaes de marinha e os seus marinheiros são dos melhores para esses barcos

Está na ordem do dia a questão dos submarinos. E com razão. Precisa, porventura, Portugal de adquirir mais barcos d'esses? E de que tipo? Ouçamos um technico de nomeada—o representante da casa «Fiat San Giorgio», que se encontra em Lisboa a tratar d'este assumpto. Diz elle:

—As experiencias feitas em Portugal e as lições da guerra actual demonstraram claramente que Lisboa póde ser defendida por submersiveis que são as armas que se podem alcançar mais facilmente e em menos tempo. E', pois, preciso ter sem demora e antes do proximo inverno, que é quando se falará, provavelmente, da paz e quando, por consequencia, mais preciso se torna estar armado, outros submersiveis além do «Espadarte», que foi o tipo escolhido pela marinha portugueza como satisfazendo ás condições exigidas. Agora, apresenta-se occasião propicia para o governo portuguez adquirir, durante 1916, mais tres barcos d'aquelle tipo, aperfeiçoado. Tudo aconselha a não a deixar perder. Mas não basta melhorar a defeza do porto de Lisboa. E' preciso olhar para o futuro e adquirir meios de defeza tanto para as costas portuguezas como para as colonias. Quer dizer: Portugal necessita tambem de comprar submersiveis de grande raio de acção. O tipo d'esses barcos já está escolhido e fixado. A difficuldade está em os alcançar, agora que tantas nações estão em guerra, é, mais do que isso, em crear a possibilidade de construir no Arsenal de Lisboa essas armas de guerra, nacionalisando-lhe a construcção.

«Ora, a casa que forneceu o «Espadarte» e que fornecerá os tres barcos do mesmo tipo que vão ser encommendados, já fez reproduzir em arsenaes da America do Norte, da Suecia, da Inglaterra e do Japão submersiveis d'esse tipo. Não lhe falta, por isso, experiencia para valorisar o arsenal de Lisboa e pôl-o nas condições indispensaveis para a construcção de navios d'aquella natureza. Mais: presentemente, n'um estaleiro do norte da Europa, tem a referida casa entre mãos dois submersiveis eguaes aquelle que a commissão de technicos portuguezes entende que devem ser adquiridos de futuro pela marinha portugueza. O submersivel tipo, o submersivel amostra, deve ser construido nos seus estaleiros, assistindo á construcção e tomando parte n'ella operarios portuguezes e technicos de reputada habilidade. Com o submersivel de grande raio de acção, o arsenal de Lisboa receberia todos os seus desenhos e planos, ao mesmo tempo que lhe seriam fornecidos todos os materiaes e machinismos que o habilitassem a construir bem e depressa. De toda esta combinação resultaria o seguinte: Antes do fim de 1916, Portugal teria tres submersiveis, além do «Espadarte»; ficaria com o seu arsenal prompto a construir mais dois maiores em 1917 e evitaria que para o estrangeiro sahisse para armas de este genero, muito dinheiro. E é tudo quanto, sobre a questão dos submersiveis, posso dizer.

—Conhece o commandante Almeida Henriques?

—Perfeitamente. Tem estado em relações com commandantes de submersiveis de quasi todos os paizes. Pois posso affirmar-lhe que o tenente Almeida Henriques é dos melhores de todos. E' o homem que convem para dirigir taes barcos. Activo, intelligente, prudente, energico e devotado, o submersivel, nas suas mãos é uma arma que redobra de valor. Outro tanto direi do tenente Branco, como de todos os officiaes que conheci em Italia, quando da construcção do «Espadarte».

—E os marinheiros?

—São tambem magnificos. Não os ha melhores, que mais facilmente se adaptem, que melhor se familiarisem com os machinismos de bordo. Para lhe dizer bem quando a guarnição do «Espadarte» é habil, cautelosa e competente, basta notar que em dois annos de actividade ainda não foi preciso requisitar nenhuma peça em substituição das primitivas. Creio que maior elogio do que este não o desejarão todos os que teem lidado com o «Espadarte»...

NOTAS DIVERSAS

O governo reuniu em conselho hoje, pelas 17 horas, no ministerio da marinha.

—Com o sr. ministro do interior conferenciou hoje o coronel sr. Ramos da Costa, presidente da Commissão 1.º de Dezembro, sobre as festas commemorativas d'essa data. Com o das colonias conferenciaram os sr. almirante Alvaro Ferreira, major general da armada, e o deputado dr. Henrique de Vasconcellos.

—A Empreza Nacional de Navegação conseguiu normalisar o serviço dos seus vapores a partir do dia 1 de dezembro proximo, largando n'essa data o vapor *Beira*, a 1 de janeiro o vapor *Moçambique* e assim successivamente.

—Uma commissão de tanoeiros procurou hoje o chefe do districto pedindo-lhe para que fosse alterado o contracto elaborado em 12 de novembro de 1906 entre os operarios e os industriaes. O sr. governador civil ficou de estudar o assumpto.

A grande guerra

Os allemães em Novi-Bazar?

AMSTERDAM, 22 — Um telegramma de Vienna annuncia que os allemães occuparam Novi-Bazar.—(*Havas*)

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

TRIOS DE BEETHOVEN

Por motivo de doença do sr. Alexandre Rey Colaço, fica adiada para 2 de dezembro a segunda audição d'esta serie, seguindo-se depois as restantes, nos dias 9, 16 e 23.

DOENTES

Encontra-se gravemente enferma a sr.ª D. Anna da Conceição Guerra Quaresma, mãe da nossa colega de redacção D. Virgina Quaresma.

LUTUOSA

Em Moçambique falleceu o antigo commerciante sr. Cesario Antonio da Silveira, incorporando-se no seu funeral quasi toda a população d'aquella cidade, de tantas sympathias o extincto gosava.

—Em Portalegre falleceu e sepultou-se o velho republicano sr. José Francisco Mendes, mestre da fabrica de alpergatas Montes S. Robison. O seu funeral foi extremamente concorrido. Tambem na mesma cidade se sepultou o sr. Leonardo Augusto, director do «Portalegre», sendo o seu funeral um dos mais imponentes ali realisados.

—Na casa da sua residencia, travessa de Santa Marinha, 5, 2.º, falleceu a sr.ª D. Maria José Ferreira, esposa do sr. Ezequiel Lopes Ferreira, realisando-se o funeral amanhã, ás 14 horas.

MOVIMENTO MARITIMO

Chegaram ao Funchal: o paquete «Africa», que deve estar em Lisboa depois de amanhã; o «Araguaya», da Mala Real, procedente do Brazil e da Argentina, e o «S. Miguel», procedente de Lisboa.

DE VIAGEM

Com destino a Madrid seguiu esta tarde acompanhado de sua esposa o sr. Wile L. Lorwie, consul geral dos Estados Unidos da America em Portugal.

—No rapido da tarde chegaram os srs. marquez de Castello Melhor, dr. Tavares Festas e o conde de Vizella.

Expedicionarios que regressam

O vapor *Zaire* sahiu hontem de Loanda com cerca de mil officiaes sargentos e praças.

—O vapor *Moçambique*, que vem da costa orintal com a expedição do commando do coronel sr. Massano de Amorim, chegou a Mossamedes ante-hontem, largando hontem para Lisboa, via Loanda, tendo recebido ahi cerca de 600 officiaes, sargentos e praças.

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje em Belem os cumprimentos da Liga Republicana das mulheres portuguezas, a commissão da exposição de arte na escola e os corpos gerentes do Gymnasio Club Portuguez.

Alumnos do Conservatorio

Reuniram hoje em assembleia, no theatro da Trindade, os alumnos do Conservatorio (Escola de Musica) para tratarem de assumptos que os interessam. Por não, ter sido tomada uma resolução difinitiva, a assembleia reunirá novamente e no mesmo local, na proxima quinta feira devendo comparecer todos os alumnos e alumnas. A hora é a mesma, 15

PEQUENAS NOTICIAS

Procurou-nos o sr. Alfredo Augusto Paulo, empregado da fabrica de armas, para nos declarar que a queixa contra elle formulada por Fernando Augusto Duarte de que o tinha roubado é redondamente falsa, como já provou na policia onde se foi apresentar logo que leu ante-hontem a noticia n'*A Capital*. Tal queixa foi originada por motivos intimos de que o sr. Paulo vae pedir contas ao pseudo queixoso perante os tribunaes.

—Reune ámanhã, ás 20 e meia horas, a commissão parochial republicana do Sacramento.

—Recolheram á enfermaria 7 do hospital do Desterro João Baptista Carvalho, trabalhador, morador na calçada da Graça 12, 2.º, e Manuel Diniz, tambem trabalhador, morador da quinta do Olival, na Ameixoeira, ferido e contuso no corpo em virtude de quedas, que o primeiro deu no Mercado Agricola, e o segundo na quinta em que trabalha.

—E' ámanhã enviado a juizo o serralheiro Manuel Ferreira, que ha dias, na Horta das Tripas, assassinou com um tiro de revolver Julio Antunes da Costa, o *Julio das Freiras* e que hontem se entregou voluntariamente á prisão.

—No hospital de S. José recebeu curativo Antonio de Mello que apresentava varias queimaduras na cara, cabeça e mãos em virtude de uma explosão que se deu no consultorio dentario do sr. Paiva, na rua do Arsenal, 103, 1.º, quando ali procedia a umas reparações. O sr. Paiva tambem ficou ligeiramente chamuscado na cabeça.

Divisão naval

A divisão naval portugueza, que hoje sahiu a barra, andou pairando na bahia de Cascaes fazendo exercicios. O sr. dr. Julio Dantas foi assistir a esses exercicios a bordo do «Vasco da Gama».

GRÈVES ACADEMICAS

Funccionaram todos os lyceus e a Escola Normal

No emtanto os grévistos resolvem continuar o movimento

Foi hoje *furada* em toda a linha a gréve das Escolas e Lyceus de Lisboa. Na Escola Normal logo de manhã compareceram quasi todos os alumnos do 3.º anno, muitos do 2.º e alguns do 1.º, que, protegidos pela policia que guardava a entrada do edificio, foram ás aulas. Não houve alteração d'ordem publica e apenas os protestos dos seus collegas que haviam resolvido continuar no movimento até final attendimento das reclamações, que o proprio director nos informou desconhecer por não terem até hoje sido ainda apresentadas.

Essas reclamações, publicadas hoje na imprensa, devem ser entregues ámanhã na directoria da Escola, segundo resolução assente na reunião que os grévista ainda hoje realisaram.

Em todos os lyceus as aulas funccionaram. No Pedro Nunes até ao 5.º anno inclusive; no Passos Manuel e no Camões, todos os annos, embora algumas turmas com diminuta concorrencia.

No lyceu Maria Pia a grève foi *furada* segundo uns pela maioria, segundo outros apenas por um terço das alumnas. A' entrada deram-se ainda ligeiros conflictos entre academicos da commissão de vigilancia e familias dos alumnos que desejavam entrar, havendo até uma certa excitação pelo facto da policia, de terçados desembainhados, ameaçar as meninas.

Tanto os academicos grévistas, como as alumnas do Maria Pia e delegados da Escola Normal reuniram ás 14 horas na travessa das Mercês, 63, 1.º, onde, depois de quasi quatro horas de agitada discussão, resolveram: manter a gréve até final satisfação das reclamações do Maria Pia e Escola Normal; officiar ás academias e aos cursos superiores,—Universidade I. S. T. e Faculdade de Sciencias—pedindo-lhes o seu appoio material a fim de não terminar o movimento encetado sem as indispensaveis reivindicações; e finalmente, nomear novas commissões de resistencia para comparecerem ámanhã em todos os lyceus á abertura das aulas.

Eis o que houve hoje.

Um grupo de alumnas do lyceu Maria Pia procurou-nos protestando contra a maneira, disseram, incorrecta como as havia recebido o reitor do lyceu Passos Manuel.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 5/8	33 1/2
Londres, 90 d/v	34 1/8	—
Paris, cheque	$77	$77,5
Allemanha, cheque	$30,5	$31,2
Hollanda, cheque	$63,7	$64,1
Madrid, cheque	1$42	1$42
New York	1$52	1$54
Rio s/Londres	12 1/4	—
Libras	7$30	7$40
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,75	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	39,80

Obrigações do Estado: 3 0/0 1905, 9$25; 4 0/0 1888, 22$50.

Externas: 1.ª serie, 77$20; e 3.ª 78$20.

Acções: Ultramarino, coup. 115$50; Phosphoros, coup. 54$80; Tabacos, coup 74$.

Obrigações: Municipaes, 5 0/0 83$80; Norte e Leste, 1.º grau, 78$50, Beira Alta, 1.º grau, 64$50 e 2.º grau, 14$35; Caminho do Ferro de Benguella, 77$ tit. 5; Assucar, 41$.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.

TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).

POLYTEAMA—Não ha espectaculo.

GIMNASIO — A's 21 — La donna è mobile.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).

APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.

MODERNO— A's 21— O collar da princeza.

COLISEU DOS RECREIOS —A's 21 — Companhia de circo.

Circos & Music-halls

No Salão Olympia, o cinema preferido pela nossa sociedade elegante, estreiam-se hoje *A corrida da morte* e *O cinema em acção*, 7.º e 8.º episodios do *Mysterio do milhão de dollars*, o *film* que tanta concorrencia tem chamado e que é verdadeiramente sensacional.

—Em Barcelona morreu hontem o *clown* Tonitoff, cunhado do *clown* Antonet, que está trabalhando no Colyseu dos Recreios.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto», Salão Lisboa.

SPORT

Na proxima Olympiada

Os trabalhos de pesos e alteres

Guilherme 2.º teimará na organisação dos Jogos Olympicos de Berlim?

Os jornaes do norte europeu annunciam que o kaiser tem o projecto de fazer disputar a 6.ª Olympiada moderna, em julho do proximo anno, sem que o importune os interesses e os pedidos de americanos que estão resolvidos a effectuar os *«Jogos Internacionaes»* na America.

Mas com que gente conta o «kaiser?

Não sabemos, tanto mais que os americanos já fizeram a previa declaração de que não vão a Berlim.

Sómente com austriacos, allemães, bulgaros e turcos?

E' pouco porque os melhores athletas dos imperios centraes ficaram no campo de batalha e grande numero d'elles estão feridos.

Contará com a benevola acquiescencia dos suecos e dos norueguezes? Não o julgamos assim, porque os «sportsmen» d'esses paizes não desejam malquistarse com o comité Olympico Internacional, ao qual preside o barão Pierre de Coubertin e onde são, respectivamente, representados pelos coronel Balk e capitão Sverre.

Pensará a sonhadora e funesta imaginação do «kaiser» que á semelhança da Grecia antiga, n'estes tempos de jogos olympicos, a guerra deve para conceder treguas e para que os povos gosem alguns dias de absoluta paz, acamaradando os guerreiros da vespera pelo interesse d'uma corrida no Stadium? Demasiada loucura seria essa porque a guerra de hoje é uma guerra de exterminio, que só terminará quando o militarismo comprehenda que deante d'elle existe a maior força do Direito e da Razão.

E quem organisa esses jogos em Berlim? Tem a maxima opportunidade esta pergunta, pois que na lista dos mortos em campanha, que temos presente, figuram os nomes dos secretarios geraes e secretarios dos comités organisadores.

Seja como fôr, o certo é que as noticias da imprensa, dão certa actividade nos meios sportivos allemães e austriacos e a não serem tomadas essas informações como «balões de ensaio», chegam a promenorisar que na Olympiada se disputam provas de pesos e alteres. E' por esta ultima noticia que acreditamos que o «kaiser» tenha realmente o proposito da organisação dos certamens internacionaes.

Vamos explicar o nosso raciocinio. Na Allemanha e, principalmente na Austria, existe um grande numero de athletas de primeira ordem, que conservam a «fórma» apesar da sua edade. Ora esses homens não estão na linha de batalha e apenas alguns teem serviços territoriaes. Como tal, podem apparecer em grande numero na Olympiada, dando a impressão de tranquilidade e de «mise-en-scene» apparatoso que é um dos «trucs» frequentes no imperador germanico.

Aos que se interessam por estes assumptos sportivos ainda occorre a pergunta:—«Mas serão admittidos os trabalhos de pesos e alteres e pode esse trabalho ser considerado como «sport?» A razão d'esta pergunta está simplificada, dizendo-se que em Stockolmo não se disputaram os «records» de força.

N'este ponto, o «kaiser» não encontra difficuldades porque a ultima opinião do Comité Olympico Internacional é a de que os pesos e alteres devem figurar no programma das Olympiadas. Percebia-se isso com facilidade, lendo o que vem escripto na «Revue Olympique», de dezembro de 1913:

«...N'esta revista, sustentou-se e defendeu-se com vigor o movimento utilitario nascido no seio dos «sports» mas ao mesmo tempo houve, sempre, o maximo cuidado em verificar o caracter sportivo d'um exercicio antes de o acolher. Este é o motivo porque o automobilismo, ainda que um «sport», foi por nós um pouco desprezado. Mas o trabalho de pezos e alteres parece bem um «sport» e a melhor prova existe no facto de que aquelle que se exercite a levantar fardos, não está em condições de levantar alteres ou uma barra.

Em summa, o utilitarismo sportivo prescreve ao homem que saiba saltar, correr, lançar um objecto, trepar, etc., mas o homem lança um dardo, salta uma barreira, trepa por uma corda, objectos cujo caracter official faz engenhos de sport...

«...E' preciso tambem que não se fale muito de anti-estetismo. Como principio, porque muitos dos «sports» não são perfeitos n'este ponto de vista. Em seguida, porque o trabalho de pezos não está longe de ser um dos menos bellos. Quando se vê um athleta como o celebre Vasseur, por exemplo, o qual pesa menos de 90 kilos «arrancar» e manter acima da cabeça uma barra de 100 kilos, é impossivel não se ficar impressionado com o espectaculo d'essa força exercida tão habilmente».

Nota do dia

O desafio de foot-ball de hontem

No Campo de Palhavã, o Sport Club Imperio venceu hontem por dois «goals» contra 1 o Club Internacional de Foot-ball e dizem os que presenciaram o desafio que o jogo se manteve muito egual, muito energico e muito correcto. Ainda bem. No facto da boa ordem do jogo parece advinhar-se a acção orientadora e energica da Associação de Foot-ball, sendo verdade que os dois «teams» em presença nunca foram dos que mais motivaram admoestações ou penalidades.

Emquanto ao resultado sportivo do «match», verifica-se que na verdade o Sport Club Imperio está regularmente constituido, justificando os esperançosos prognosticos de que talvez seja este anno,—pelo menos o terceiro classificado do campeonato. Mas o Internacional equilibrou-se muito bem e isto quer dizer que o seu «team» não é tão fraco como parecia...

Tudo isto indica que a actual temporada não mantem exclusivamente as suas emoções de jogo na lucta entre os dois «finalistas» do anno passado.

Algumas anecdotas

Como um herculeo dono de restaurante viu a força prodigiosa dos seus freguezes

Edmond Desbonnet é uma auctoridade mundial nos exercicios de força. Na sua qualidade de arbitro halterofilo, não pode exagerar as suas descripções, tendo portanto veracidade tudo que, n'esses assumptos, elle affirma. E é de Edmond Desbonnet o descriptivo da seguinte anecdota:

«...Isto succedeu na occasião em que o trio Saxon se estreiou na Inglaterra. Os inglezes são muito fortes nos jogos e nos «sports» ao ar livre, mas entre elles ha poucos levantadores de pesos. Apezar d'isso, n'essa epoca, havia em Londres um homem fortissimo, de nome Donald Dinie.

«Este athleta tinha um café-restaurant, augmentado d'um pequeno club, onde os amadores vinham experimentar a sua força. Um dia um dos frequentadores, disse para Dinie:

—«Sabes, estão aqui na cidade uns rapazes extraordinariamente fortes, os Saxons.»

—Ora, respondeu Donald, são muito fortes no palco do circo, mas aqui com o meu material talvez não fizessem o mesmo.

Foram contar o caso aos irmãos Saxon, que resolveram ir, uma tarde, tomar, tranquillamente o aperitivo no café do robusto Donald, que devemos dizer que era escossez de origem.

Assim que os viu sentar-se a uma meza Dinie, convidou-os a experimentar o seu material, mas Arthur Saxon respondeu placidamente:

—Não, meu amigo. Viemos aqui para beber e não para levantar pesos. que suba ao palco do circo e vá fazer Aquelle que duvidar do nosso trabalho, o que nós fazemos. Não é assim? E agora, faça favor de nos dar uma segunda «róda de whyski»...

Donald Dinie trouxe a bebida mas insistiu. Então Saxon disse para o seu irmão mais novo:

—Eh! Kurt vae com Dinie e traz-me a barra mais grossa que lá encontrares!

Kurt seguiu o escossez que lhe mostrou ao canto do gymnasio uma barra com grandes espheras:

—Quanto pesa?

—115 kilos, bem pesados...

Trazer a barra para o hombro e atiral-a para cima n'um só tempo foi para Kurt coisa de brincadeira. Conservando-a no ar, levou-a pelo café até ao logar de seu irmão Arthur.

—Aqui tens, Arthur, o mais pesado que lá havia!...

Donald Dinie estava maravilhado mas muito mais elle ficou quando viu Arthur Saxon fazer o seguinte:

—Deixa ver, que vou experimentar...

Abotoou o casaco e sem retirar o colarinho, levou para os hombros a barra com as duas mãos e depois reunindo os pés, fez um bello «devissé» dizendo:

—Mas que pandega!... Julgava que fosse mais pesado. Isto não vale nada...

Donald Dinie julgou-se objecto d'um sonho phantastico e elle mesmo pagou a terceira «roda de whyski» aos irmãos Saxon.

Noticias

Entre nós

Associação de Foot-ball de Lisboa

Estão marcados os seguintes desafios para o proximo domingo, 28:

1.ª cathegoria: Sporting contra Lisboa F. C. no Lumiar, ás 15 horas; juiz o sr. Luciano Simões; 2.ª cathegoria: Imperio contra Victoria em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Mario Monteiro; Internacional marca dois pontos por o C. Quebrada estar suspenso; 3.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Victoria no Campo Grande, ás 13 horas; juiz o sr. Rogerio Peres; Sporting contra Palmense no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. Pedro Pagani; 4.ª cathegoria: Palmense contra Sporting no Lumiar, ás 11 horas; juiz o sr. Julio Benamor; Cruz Quebrada contra Bemfica em Bemfica, ás 14 horas; juiz o sr. Raul Elbling.

Cantina Escolar de S. Nicoláu

Começa a funccionar em breve a cantina que a irmandade de S. Nicolau mandou construir junto ás suas escolas a qual é destinada a fornecer aos alumnos mais necessitados uma refeição diaria. Pelo ministerio da instrucção foi concedido o subsidio de 400$000.

Recenseamento militar

A junta da parochia da Encarnação convida todos os mancebos residentes n'essa freguezia e que completem 18 e 19 annos de edade, de 1 de janeiro a 31 de dezembro do corrente anno e que devem ser inscriptos no recenseamento militar do anno de 1916 a dar os seus nomes na rua do Mundo, 181.

INTERESSES DE CABO VERDE

A PECUARIA

A creação de equideos e muares, apesar da procura que estes animaes teem, da parte dos agricultores de S. Thomé e Angola, não se tem desenvolvido, devido principalmente a que esse gado não melhore constantemente. No que se refere a equideos, a selecção dos productores, que seria tentavel com seguro exito, não se tem feito: assim, ignorando os creadores as enormens vantagens da selecção no melhoramento da raça, os productos não teem um typo regular, nem para tal caminham. Já se adquiriram aqui alguns cavallos reproductores, que se concentraram na ilha de Santo Iago, mas cujo serviço não será de grande utilidade, por se terem lançado a femeas de alturas muito differentes e sempre mais baixas que os reproductores, porque tambem é facto já do dominio publico que na escolha dos reproductores se não attendeu á altura media das eguas existentes em Cabo Verde. Emfim, muito embora quem fez a escolha tivesse as suas razões no optar pelo que optou, o que é facto é que se não andou convenientemente para se chegar a um fim pratico.

A creação do gado muar será de um extraordinario valor para Cabo Verde, quando se lhe tirarem determinados senões. Em primeiro logar, ainda se não ensinou pela pratica, a esses creadores, que a reproducção hibrida, adquire sempre em maior grau as qualidades da mãe; assim cruzando equideo com asinino, o producto é pequeno, arisco, matreiro e pouco sobrio, qualidades que predominam nos asininos; muito pelo contrario quando o cruzamento é de asinino com equidea, o producto é de grande porte, fiel, muito sobrio, e muito activo para o trabalho de sela ou de tiro. Ora, se se vir, com olhos de querer ver, o que se faz nas principaes creações de muares de Santo Antão, Fogo e S. Nicolau, notaremos sempre que as asininas é que são as mães; os productos são pequenissimos, e conviria que fossem adquiridos bons burros mulateiros, como aqui se lhe chamam, para modificar as creações de muares. Em Cabo Verde ha boas eguas, algumas estampas de raça arabe, que teem sido adquiridas em Dakar, Senegambia franceza, sem se saber o bom que se tem adquirido; e em vez de se empregarem esses animaes na obtenção de muares, sacrificam-se na producção cavallar, que se debilita extraordinariamente n'aquelle archipelago pelo trabalho permanente, como a commissão de remonta, mais de uma vez o tem notado já. Quanto mais não fosse, a sobriedade das muares bastava para aconselhar decididamente tal creação, que nos annos de estiagem resistem, sem se saber como foi possivel a esses animaes alimentarem-se, quando a maioria de todas as outras especies de gado succumbiu. Além d'isso, a muar em Cabo Verde, com seis mezes de edade já alcança 60 escudos. Na ilha de Santo Antão, já hoje é difficil encontrar bou muar, com corpulencia sufficiente para trepar pelos invios caminhos da ilha, por menos de 100 a 110 escudos. Mas, calculam os nossos leitores qual será o ganho d'um possuidor do cavallo necessario para as creações de mulas? E', nada mais, nada menos, do que metade do valor da cria. Quem se não sujeite, como é difficil conseguir na provincia cavallos ou burros mulateiros, não póde tentar tal creação, e por isso é que a Junta dos Melhoramentos da Agricultura devia adquirir aos reproductores aqui, distribuindo-os pelas ilhas onde se fazem creações de muares, fixando uma tabella de taxas pelos saltos.

A creação de ovinos; não tem importancia alguma em Cabo Verde, e bem triste é dizel-o. Não é segredo para ninguem, que nos territorios africanos, a especie ovina, perde o velo, o que corresponde a não produzir lã. Pois em Cabo Verde, os ovinos dão optima lã, que não tem aproveitamento nenhum, fazendo pena ver os rebanhos, deixando perder aqui e ali bocados da lã, ou esfregando-se nos arbustos, no tempo quente, para d'ella se desembaraçarem. E' claro que isto só lembra o ditado: que dá Deus nozes... E' evidente que o maior producto das creações ovinas não se aproveita, como tambem se não aproveita o leite da ovelha, tão bom para o fabrico dos queijos. A creação ovina é restricta á obtenção da carne, e mais nada. Todavia a creação ovina, teria largo campo para se desenvolver, principalmente nas altas serras de Santo Antão e do Fogo, onde a pastagem não conseguindo grande desenvolvimento, está verde quasi todo o anno, mercê das fortes condensações que se dão n'aquellas altitudes de 1.000 a perto de 3.000 metros. No entanto, percorrem-se extensas planicies e serras, onde se não encontra um ovideo, sendo aquelle o seu «habitat» predilecto. E, censurando nós com toda a justiça estes desperdicios que só se fazem nas nossas colonias, ha quem ruja. Pena temos nós que tudo quanto aqui temos dito, faça o mesmo effeito, que sendo dito ali no Sahará, no meio do deserto. Porque o que é evidente é que muitos de nós, portuguezes, preoccupamo-nos muito mais com o dize tu, direi eu, que com o produzir. E d'ahi o tambem não menos verdadeiro dictado, que quem não póde, trapaceia, e trapaceiando vão andando.

A creação dos suinos, é feita de qualquer maneira. O suino é o primeiro degrau da escada dos creadores caboverdeanos. Não ha ninguem, que não ambicione crear um porco: lucta-se com toda a serie de difficuldades para os alimentar, e quando de todo em todo se não consegue alimento, marcam-se os suinos nas orelhas e largam-se para o campo, onde elles teem que fazer pela vida. E' claro que assim, o bicho cresce, mas fica sempre n'um estado cadaverico até que uma propriedade lhes forneça o que elle precisa. Nós, na Junta dos Melhoramentos da Agricultura, propuzemos que se fizesse a construcção de apriscos, onde quem quizesse, depositasse os seus suinos. A Junta adquiriria massas alimentares oleosas para esse gado, e quando creado, os donos, pagariam a exacta despesa da alimentação e mais 10 centavos por mez de demora que esse gado tivesse no aprisco. Houve quem reprovando a ideia dissesse que redemptor tinha sido Christo, e não eram precisas novas edições. E' claro que não nos conformaremos. A Junta recebia o imposto da capitação d'esse gado, recebia a importancia do alimento, recebia uma taxa de 10 centavos por mez da occupação do aprisco; evitava a invasão da propriedade, concorria para a hygiene dos povoados, desenvolvia a riqueza publica pelo desenvolvimento da creação suina; que tem mercado certo na provincia e em Dakár. Pois tudo isto como representasse uma medida redemptora foi-se ao fundo. Dia virá em que a ideia ha de ser aproveitada, é uma questão de tempo, porque embora a rotina preponderе hoje, não quer dizer que o progresso não vença amanhã.

Armando Xavier da Fonseca

MUSICA

Orpheon da Academia de Amadores de Musica

A direcção d'esta prestante collectividade acaba de lançar as bases para a formação de um grande corpo coral, entregando a sua direcção ao distincto amador sr. Fortes Rebello, que tantas provas tem já dado da sua competencia em trabalhos d'este genero.

Os ensaios teem-se feito regularmente, ás terças e quintas feiras, com enorme concorrencia de orpheonistas, devendo o concerto de apresentação realisar-se em dezembro proximo.

A inscripção para as senhoras e homens que desejarem fazer parte do corpo coral continua aberta na séde da Academia, rua Antonio Maria Cardoso, 24, todas as terças e quintas feiras, das 21 ás 23 horas

Colyseu dos Recreios

O enorme successo do mimodrama «Sonho Tragico»

No espectaculo de hontem á noite, como nos de sabbado e na *matinée*, á concorrencia foi extraordinaria ao Colyseu. Toda a gente sáe do magestoso circo maravilhada com o empolgante mimodrama *Sonho Tragico*, pantomima cheia de emoção e de sentimento. Marck, com a sua *troupe* de artistas e os seus leões, conseguiu constituir uma maravilha scenica.

Hoje repete-se o extraordinario trabalho em espectaculo da moda, estreiando-se um novo numero de saltos, por vinte artistas da companhia e fazendo parte do programma todas as atracções e celebridades entre as quaes os applaudidos *clowns* da companhia.

mando do general von Pflanzer-Baltin tentaram mais uma vez, no fim da extrema sudeste da linha, forçar a linha do Dniester; em caso de exito, o seu avanço ameaçava infligir uma derrota esmagadora á ala esquerda dos exercitos do general Ivanoff, se estes tivessem sido enfraquecidos, tirando tropas para mandar para a Polonia russa.

As forças commandadas pelo barão von Kirchbach (exercito de Boehm-Ermolli) estavam entretanto atacando no districto de Sokal. No fim da extrema norte von Below retomava a offensiva contra a Curlandia e a Lithuania, onde tinha sido detido no meiado de maio e que desde então se esforçava por conquistar.

O avanço ao norte era mais que uma mera tentativa para impedir a retirada das tropas russas d'essa região. Implicava um séria ameaça contra uma das mais importantes linhas ferreas que abasteciam os exercitos na Polonia russa—o caminho de ferro Petrogrado-Vilna-Varsovia. Se os ataques contra os flancos proximos da linha do Vistula terminassem por não obter resultado, um movimento envolvente n'uma escala estupenda teria sido tentado do norte, consistindo principalmente n'um avanço dirigido do leste de Shavle contra Kovno e Vilna.

No entretanto um ataque convergente simultaneo estava calculado para impedir os exercitos russos da Polonia de se utilisarem por completo das suas «linhas interiores». Esses exercitos estavam no centro; os exercitos austro-allemães do sul que além de Lwow apenas haviam tido de se haver com os do general Ivanoff, em julho tinham chegado a pouca distancia de todas as forças concentradas no quadrilatero entre o Narev, o Vistula, a linha Ivangorod-Cholm e o Bug médio.

Se fossem atacados por todos os lados, difficilmente poderiam tirar qualquer vantagem da sua posição central. Um exercito que está bem provido de artilharia pezada e de metralhadoras póde occupar durante algum tempo uma forte linha com forças relativamente fracas, emquanto concentrar a sua principal força n'uma unica direcção. Tal era, em enorme escala, o que os allemães podiam fazer na sua posição central entre a Russia e os seus alliados occidentaes.

Mas aos russos faltavam as quantidades precisas de artilharia, metralhadoras e munições. Mesmo que tivessem, em mais d'um sitio, roto a linha inimiga, difficilmente teriam podido proseguir esses successos.

No decurso da campanha da Galicia haviam muitas vezes rompido as linhas austro-allemãs, mas, tendo falta de canhões e de munições, não tinham podido proseguir n'uma contra-offensiva effectiva. Para se avaliar bem que assim foi, bastará recordar a nova travessia, coroada de exito, do San pelo exercito russo ao norte de Sieniava nos fins de maio, do quasi contemporaneo rompimento da linha de Linsingen em Bolechow, finalmente da segunda batalha de Krasnik no principio de julho.

Cada uma d'essas victorias, se fosse alcançada por um exercito que estivesse tão bem provido de munições e equipamentos como os inimigos, facilmente se teria transformado n'um segundo Marne e mesmo n'um successo maior, porque, no fim de contas, foi de novo a superioridade da artilharia pezada allemã que tornou possivel a sua concentração no Aisne.

Em resumo: em julho de 1915, os russos não possuiam artilharia e munições sufficientes que os habilitassem a occupar algumas partes da linha e a concentrar as suas forças para um golpe decisivo em qualquer direcção. Mesmo que o tivessem feito, incorrendo em grandes riscos, é quasi certo que os seus successos não teriam chegado a uma conclusão decisiva. D'ahi as vantagens que as linhas interiores na Polonia pareciam offerecer-lhes serem de caracter illusorio.

Por outro lado, os perigos da sua

licia e nos districtos de Rava Ruska e Zolkiew, pouca lucta houve durante os primeiros dias que se seguiram á occupação de Lwow.

E' possivel que o avanço de Mackensen ao norte se demorasse na espectativa do desenvolvimento da lucta no Dniester. Se Linsingen e Pflanzer-Baltin conseguissem romper o flanco russo e alcançarem assim a retaguarda dos exercitos russos, Mackensen teria provavelmente tentado completar a sua derrota

Dr. Helfferich, secretario de Estado do thesouro imperial allemão

envolvendo pelo norte o seu outro flanco e cortando-lhe as communicações com o centro na Volhynia.

As considerações que prevaleceram para uma offensiva austriaca na direcção de leste tinham impedido Mackensen de levar a sua offensiva para o norte.

As tentativas para quebrar a linha russa no Dniester falharam, como succedera depois da queda de Przemysl. Os exercitos austro-allemães podiam avançar na região do Dniester á medida que os russos recuavam, em conformidade com a sua retirada para leste. Essa retirada tinha de continuar e só podia tranformar-se em avanço depois da segunda victoria de Krasnik.

As forças á disposição dos russos não eram sufficientes para um novo avanço na Galicia oriental, semelhante ao do general Brusiloff em agosto de 1914; os principaes exercitos russos tinham de ser concentrados e conservados na Polonia, que era o theatro decisivo da guerra. Na Galicia oriental tinha de se encontrar uma linha ao longo da qual ambos os exercitos pudessem postar-se para a guerra de trincheiras.

Essa linha foi encontrada ao longo do alto Bug e do Zlota Lipa; estendia-se de Krylow e Sokal ao norte, passando Krasne, Gologory e Brzezany, até Nizniow no Dniester.

Era para ambos os lados a linha mais natural, para além da qual nenhum d'elles tinha desejo d'avançar, pelo menos n'aquella occasião. Fórma uma barreira effectiva e continua, embora nenhum dos dois rios apresente obstaculos sérios a um exercito que os tente atravessar. Mas a significação real dos rios como posição defensiva em muitos casos consiste, não tanto no rio em si proprio, como na conflagração das suas margens.

Na guerra actual os rios e mesmo as pequenas torrentes tomaram extraordinaria importancia. O seu valor defensivo é em grande parte devido ao factor mais significativo do modo de guerrear: a continuidade da linha de batalha. As posições mais estrategicas são agora de pouco valor, quando isoladas. Ao longo dos rios certas configurações do terreno repetem-se em linhas continuas. São, por isso, mais importantes as margens do que os rios.

As margens do Bug e do Zlota Lipa adaptam-se bem a formar uma barreira entre exercitos. Em grande parte da linha esses rios eram marginados por pantanos e cercados de collinas.

Os pantanos ao longo do Zlota Lipa só terminam onde começa a typica região do Dniester. Nos ultimos vinte e quatro kilometros antes da sua confluencia com o Dniester, o Zlota Lipa corre n'uma garganta favoravel para uma defeza, como nenhuma outra de aquella região. Devemos tambem dizer que é abaixo da sua confluen-

cia com o Zlota Lipa em Nizniow que a garganta do Dniester forma a barreira mais formidavel.

O valor defensivo da linha do Bug e do Zlota Lipa é ainda augmentado pelo facto d'elles formarem uma linha continua muito proxima; no montanhoso districto de Gologory a distancia intermedia entre elles não chega a kilometro e meio. Era importante para os russos reterem em seu poder o entroncamento da linha ferrea de Krasne, que fica a leste do alto Bug.

Proximo d'essa cidade o caminho de ferro de Rovno entronca com o que corre de Volotchyska por Tarnopol e Zloczow para Lwow. Havia uma outra razão que collocava no Bug e em Krasne, como limite natural, a linha de egual força entre os dois exercitos. Durante o inverno de 1914-1915, os russos haviam reconstruido o caminho de ferro para Krasne, adaptando a sua via á bitola russa. Assim, Krasne tornára-se a fronteira entre os dois typos de via de caminho de ferro.

Finalmente, para o inimigo o chegar á linha do alto Bug na Galicia era um preliminar necessario do seu avanço para a Polonia russa, como o medio Bug formava a cobertura natural para o flanco direito dos exercitos que avançassem.

O avanço austro-allemão na Galicia oriental deteve-se a 4 de julho na linha do alto Bug e no Zlota Lipa; salvo uma ou outra mudança local, a linha permaneceu intacta até 27 de agosto. Havia um unico facto por onde se podia avaliar de que lado estava o factor decisivo para um avanço estrategico: pode deduzir-se das mãos em que estavam as posições dominantes.

Ora as posições dominantes ao longo d'uma linha ribeirinha consistem habitualmente nas suas passagens a vau mais faceis; as chamadas pontes-cabeças são as portas das linhas fortificadas dos rios. Todas as posições dominantes no Bug estavam a 4 de julho nas mãos dos russos. Em Sokal e Dobrotwar os russos occupavam ambos os lados do rio. E isto era o mais importante, ao considerar-se a proximidade das fortalezas da Volhynia, que formavam o centro dos exercitos do general Ivanoff.

Durante a primeira phase do avanço de Lwow para Varsovia, pouco se ouviu falar relativamente de general von Mackensen; n'essa phase pouco mostrou da sua impetuosidade usual. Ora é difficil de admitir que a Agencia Wolff se esquecesse de contar qualquer grande feito de Mackensen se este algum tivesse praticado.

No fim de junho e principio de julho o avanço contra a Polonia do sul era executado principalmente pela ala esquerda sob o commando do archiduque José-Fernando; a razão mais provavel para a relativa inactividade do exercito de Mackensen deve ter sido que grande parte d'elle estava invadindo a região entre Grubieszow e Kamionka Strumilova, onde, juntamente com algumas das forças de Boehm-Ermolli, formava um exercito de observação contra o centro de Ivanoff.

Essas forças estavam guardando d'uma contra-offensiva da Volhynia o flanco direito das que estavam avançando ao norte. Quando, depois da segunda derrota de Krasnik, um novo e mais geral avanço foi executado contra Varsovia, a melhor segurança da linha do Bug pela tomada de Sokal formava uma das primeiras tarefas tomadas pelos exercitos austro-allemães.

O avanço austro-allemão ao norte do San, do Tanev e do districto de Narol e de Rava Ruska começou a 28 de junho. E 1 de julho o quarto exercito austro-hungaro chegou ao districto de Krasnik, o undecimo exercito allemão á região dos rios Por e Volica. Em quatro dias haviam coberto distancias que variavam de quarenta e oito a sessenta e quatro kilometros.

Entre 1 a 7 de julho as forças austriacas tentaram um avanço ulterior de Krasnik contra Lublin, mas soffreram uma grande derrota e foram obrigadas a recuar para as linhas que haviam occupado anterior-

mente em redor de Krasnik. As posições dos exercitos inimigos a leste do Vistula eram agora quasi exactamente as mesmas de agosto de 1914.

Os exercitos dos generaes Boehm-Ermolli e Linsingen estavam ao longo da linha do Bug e do Zotla Lip, que havia sido então destinada ás tropas austriacas sob o commando do general Brudermann.

Os exercitos sob o commando de Mackensen e do archiduque José-Fernando estavam occupando posições quasi identicas ás que haviam sido occupadas pelos exercitos de Auffenberg e Dankl. Do oeste, os exercitos commandados pelos generaes Woyrsch e Kövess estavam agora operando contra o mesmo sector do Vistula, entre a foz do San e a do Pilica, que era, em agosto de 1914, o objectivo dos exercitos de Woyrsch e Kummer.

Mas ao norte do Pilica, onde um anno antes as forças allemãs não eram sufficientemente fortes para defender mesmo a Prussia oriental contra as tropas russas commandadas por Rennenkampf, estava agora um grupo mais poderoso de exercitos sob o commando do feld-marechal von Hindenburg.

A linha entre o Pilica médio e a confluencia do Bzura e do Vistula em guarnecida pelo quinto exercito allemão. Havia occupado essas posições desde o meiado de dezembro, e, apezar dos mais desesperados esforços, não pudera romper sequer a linha avançada das posições russas.

A 4 d'agosto, quando esse exercito, seguindo as forças em retirada dos russos, se estava approximando de Varsovia, soube-se de repente pelo communicado official allemão que o seu commandante era o principe Leopoldo da Baviera. Appareceu como um «deus ex machina» para solucionar os problemas do cerimonial que se suscitaram entre os alliados germanicos relativamente á entrada em Varsovia. Como genro do imperador da Austria era a elle que pertencia a representação das duas côrtes germanicas. Esperava-se que o facto de ser membro da casa reinante do Estado mais catholico romano da Allemanha concitaria as sympathias dos polacos.

Entre os commandantes dos exercitos allemães ao norte do Vistula e do Narev havia tres generaes que se tinham distinguido como auxiliares de Hindenburg na segunda batalha dos lagos Masurios em fevereiro de 1915—von Gallwitz, von Below e von Eichhorn.

O exercito no districto de Mlava ficára desde então sob o commando do general von Gallwitz; proximo, em frente do Narev e do Bobr, estava o exercito do general von Scholtz. O decimo exercito allemão, que operava contra o Niemen, era commandado pelo general Eichhorn. A' sua esquerda ficava o exercito do general von Falkenhausen. As tropas que haviam occupado desde o meiado de maio a linha do Vindava e do Dubissa na Curlandia e na Samogitia e que tinham sido a principio commandadas pelo general von Lauenstein, em virtude das suas operações se tornarem dia a dia de maior importancia passaram a ter por principal commandante o general von Below.

Preciso é dizer que se tem confundido algumas vezes o nome d'este general com o de Buelow. O general Buelow desde o principio da guerra commanda um exercito na fonte occidental e nunca esteve na fonte oriental.

Pelo meiado de julho, começou o novo ataque austro-allemão contra a parte mais saliente russa na Polonia. A linha do Vistula ia ser forçada e Varsovia tomada por meio de um ataque concentrico; a principal pressão ia exercer-se do norte contra a linha do Narev e do sul contra a fronte Lublin-Cholm. E nenhuma das outras partes da fronte oriental ia deixar de ser atacada.

Os exercitos que permaneciam a oeste do Vistula estavam avançando para o rio. Os ataques mais sérios n'aquella região eram, porém, dirigidos contra os dois angulos onde os flancos norte e sul se juntam com a linha do Vistula.

As forças austriacas sob o com-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1905—6.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 23 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Ainda a eleição

A «Republica» analysa hoje a eleição de domingo, em breves palavras que não se nos affiguram de molde a convencer os seus leitores nem a prestigiar o seu partido.

Com effeito, a «Republica» affirma que o partido evolucionista manteve no domingo as vantagens eleitoraes alcançadas na eleição de junho, e que o seu partido não ligou importancia de maior ao acto eleitoral, porque o seu resultado nada influiria na situação parlamentar.

Nada d'isto é assim, ou não pode ser assim.

Não é assim, em relação á primeira affirmativa, porque a verdade dos factos, a eloquencia dos numeros, demonstram que os votos alcançados agora pelo partido evolucionista pouco mais sommaram do que metade da votação obtida em junho. E não deve ser assim porque a «Republica» não pode airosamente declarar que o seu partido não tinha o maior interesse em que dois velhos republicanos, figuras de destaque não só no seu gremio partidario como na propria Republica, sahissem victoriosos d'essa consulta ao eleitorado da primeira cidade do paiz.

E' impossivel manter a opinião de que uma victoria alcançada em Lisboa não tivesse um grande significado politico, como é impossivel convencer o publico de que para o partido evolucionista, que não tem uma grande representação parlamentar, fosse quasi que indifferente o accrescimo de dois deputados no seu grupo, e sobretudo tratando-se de individualidades com um tal passado republicano.

Tempos houve em que o partido republicano não podia enviar ao parlamento, contra a massa compacta dos deputados monarchicos, senão dois deputados para ali o representarem. Pois luctava-se encarniçadamente para obter esse resultado. Algumas vezes esses dois unicos deputados foram Elias Garcia e Consiglieri Pedroso, n'outras occasiões Eduardo de Abreu e Gomes da Silva, n'outra Latino Coelho e Manuel de Arriaga. Nas mesmas condições estiveram na camara, isto é, absolutamente isolados, Jacintho Nunes, Teixeira de Queiroz, Rodrigues de Freitas. Mais tarde esses deputados foram só quatro: Affonso Costa, Antonio José de Almeida, João de Menezes, Alexandre Braga. E sabe-se como o partido republicano contava victorias, e sabe-se como esses deputados na realidade mudaram a situação parlamentar.

Que o partido democratico allegasse, em caso de derrota, as razões que adduz a «Republica», comprehendia-se. Tem uma grande maioria no parlamento. Não seriam mais dois deputados, que demais a mais, não são marechaes do partido, que fariam falta á sua acção politica. Mas para os partidos que estão em maioria na camara a occupação de duas cadeiras parlamentares teria sempre importancia numerica, e no caso sujeito, por se tratar d'um circulo de Lisboa e de caracterisadas figuras republicanas, uma alta significação politica.

O que se vê, e não o dizemos com propositos hostis, mas com verdadeiro pezar, é que o partido evolucionista se não capacita de que necessita divulgar as suas ideias e melhor a sua organisação, para ser um grande partido dentro da Republica. E' uma falha deploravel. Os partidos—mais uma vez o repetimos—fazem-se cá fóra. Não sendo assim nem são realmente partidos nem podem aspirar a occupar o poder, em condições de estabilidade.

No periodo da decadencia monarchica, dos antigos partidos constitucionaes destacaram-se elementos que procuraram organisar partidos. Os elementos franquistas, promovendo uma intensa propaganda em todo o paiz, organisando-se, fundando os seus centros, utilisando a tribuna, percorrendo o paiz inteiro, concorrendo ao acto eleitoral, lograram com effeito ser um partido. Esse partido foi ao poder, e não cahiu por não ter força partidaria, mas sim pela circumstancia, estranha á sua organisação, de o seu chefe faltar redondamente aos compromissos tomados com a opinião publica durante a sua tenaz propaganda.

O outro partido, quizeram constituil-o os elementos que se affastaram do partido progressista. Foram os dissidentes. Os dissidentes nunca realisaram o trabalho dos franquistas. Nunca tiveram organisação capaz, nunca foram verdadeiramente um partido. Se tiveram deputados deveram-os a cambalachos com os governos. O resultado foi exhaurirem a sua actividade em intrigas de bastidores, em conciliabulos, accordos, arranjos da mais duvidosa moralidade politica. Nunca foram governo, nem nunca o podiam ser. Foram, na realidade, agentes dissolventes do regimen.

Justificadamente receiamos que um criterio, como o affixado hoje pela «Republica», só possa levar a um resultado semelhante. Já vêmos, com tristeza, que a politica dos evolucionistas e dissidentes é só feita para os monarchicos e só pelos monarchicos applaudida. Não é essa, certamente, a funcção dos partidos da Republica.

Migalhas

Mentiras

Ha quem encha a bôcca com o extraordinario consumo de munições feito n'esta guerra. Citam-se os bombardeamentos germanicos no ataque da Polonia e francezes na offensiva da Champagne. Mas o que é essa alluvião de obuzes comparada com o diluvio de mentiras que, desde o começo da guerra, teem chovido, não só nos paizes belligerantes, como tambem nas regiões neutras. A superioridade n'esse campo pertence incontestavelmente aos allemães. A fabrica Wolff mette n'um chinello os arsenaes de D. Besta Krupp; mas vamos com Deus que a industria particular dos outros paizes tambem tem fornecido um «stock» de «escovas» consideravel. Ao principio da guerra, uma das coisas que me assombravam era a quantidade de austriacos aprisionados todos os dias pelos inimigos. Custava a crer como ainda havia quem se prestasse obsequiosamente a ser subdito de Francisco José n'aquellas eras em que diariamente eram aprisionados trezentos e cincoenta mil. Hoje o que me dá que scismar é a persistencia com que se avoluma o boato da Italia estar em guerra. Cada jornal nos traz communicados das operações austro-italianas; mas eu confesso qu'eu só acreditava indo lá ver com estes que o meu jazigo ha de comer. Para cumulo escreve-se em Hespanha que preparamos a invasão do reino visinho sob a direcção de um estado maior e de instructores inglezes. Hão de concordar que esta é de um calibre, que deixa a perder de vista os monstros de 420, que a Allemanha tornou a metter no bolso por incommodos e pouco portateis.

E dizer que nunca havemos de saber a verdade verdadeira! Depois da guerra escrever-se-hão milhares de livros sobre a guerra, estudos technicos, relatorios, memorias, volumes de revellações, etc., e cada auctor puxará a braza á sua sardinha, procurando tornar o mais verosimil possivel os succulentos palões com que adubará a verdade, para que d'ella floresça o maior interesse. Cada anno surgirão relatos ineditos contradizendo os anteriores. Estabelecer-se-hão controversias discussões, virão inesperadas rectificações que no mez seguinte serão desmentidas e os que viram e os que não viram ficam todos na mesma, sabendo tudo e não sabendo nada, venerando as suas illusões, acceitando ás mãos ambas o que as lisongear, repudiando indignadamente o que porventura as contrarie.

André Brun

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

HOSPEDES ILLUSTRES

Santiago Russiñol

Trocamos hoje algumas palavras com o illustre pintor catalão Santiago Russiñol, egualmente auctor dramatico, que Tallavi e Italia Vitaliani deram a conhecer ao publico lisboeta representando respectivamente *El Mestre* e *La mare*.

Está verdadeiramente encantado com a feição pittoresca da terra portugueza esse artista que vae pelo mundo fóra recolhendo os aspectos risonhos dos diversos paizes, atravez da paisagem de cada um. Tinha voltado de Cintra e considera simplesmente adoravel esse recanto principalmente pelo seu lado agreste e sollitario.

De ha muito que tinha projectado esta viagem a Portugal. Presentemente pouco se demorará entre nós, mas, vindo cá, adquiriu a convicção de que era preciso voltar e que n'uma visita mais demorada poderá realisar alguns trabalhos.

D. Santhiago Russiñol annuncia-nos formalmente o seu regresso na proxima primavera. Recolhe, por estes dias, á sua Catalunha, tencionando demorar-se ainda alguns dias em Coimbra, a fim de admirar os seus encantos naturaes.

O illustre artista, que hoje visitou o palacio de Queluz, pensa pintar varios quadros com os jardins de Portugal, pois a especialidade do pintor catalão é justamente essa. Esses quadros destina-os o artista ás proximas exposições da Sociedade Nacional de Paris e de Veneza, onde habitualmente concorre.

D. Santhiago Russiñol visita amanhã os jardins do Campo Grande, da Estrella, o Museu de Arte Antiga e os «ateliers» de alguns dos nossos principaes artistas.

Paul Delannoy

Deu-nos hontem a honra da sua visita o sr. dr. Paul Delannoy, illustre professor da Universidade de Louvain e bibliothecario da mesma universidade.

O sr. dr. Paul Delannoy, que em fevereiro do anno corrente fez no Collegio de França uma serie de brilhantissimas conferencias sobre a Belgica e a invasão allemã fará tambem pelo menos uma conferencia sobre esse assumpto entre nós.

A Capital, que saúda na pessoa do distinctissimo professor a nação-martyr, publicará ámanhã uma entrevista muito interessante com o sr. Delannoy.

A carestia da vida provoca um motim em Berlim

A tropa faz fogo e fere ou mata 200 pessoas

Londres, 17 de novembro

Com data de 16 telegraphou o correspondente do *Daily Mail* em Rotterdam:

«Viajantes chegados esta semana de Berlim fallam de serios motins na capital causados pela carestia e falta de viveres. Dizem que no sabbado passado tiveram que intervir forças militares, e que muitos dos amotinados, duzentos, precisa um d'elles, ficaram mortos ou feridos.

Todas as reuniões de protesto são implacavelmente prohibidas pelas auctoridades. No leste da Allemanha o que mais se faz sentir é a falta de banha de porco; no oeste, e mais sensivel falta é de batatas. Os allemães que habitam em Rotterdam todos concordam em que é má a situação economica e queixam-se da marinha ingleza que reduz á fome as mulheres e as creanças allemãs.

Dizem elles que, comparativamente, as incursões dos zeppelins sobre Londres são amaveis visitas.

Embora sejam exagerados os boatos de fome, o que é certo é que na Allemanha causa apprehensão a chegada do inverno».

CHRONICAS DE PARIS

Falando com Joseph Reinach

Quatro dias na frente da batalha—O espirito das trincheiras—O rompimento das linhas allemãs—O inimigo começou a retirar
Só na Allemanha se fala de paz—A guerra ideal
E as colonias d'Africa?

A' entrada do parque de Monceau, na pequena e elegante avenida Van-Dyck, fica situado o sumptuoso palacete que habita Joseph Reinach. Na sala onde durante alguns minutos esperei o momento de falar com o grande publicista, que é tambem um notavel homem politico, respira-se um consolador ambiente de arte e de cultura; nas paredes notam-se quadros admiraveis, que poderiam prender-nos a attenção durante longas horas; sobre as mezas e «étagéres», vêem-se deliciosos bronzes, marmores, faianças de requintado gosto; e em longas filas, graves, nas suas encadernações ao gosto antigo, as collecções dos classicos repousam dentro das estantes de mogno.

Pelas amplas vidraças o olhar repoisa sobre os verdes relvados do parque, onde bandos de pardaes saltitam despreoccupadamente. Nem o mais ligeiro ruido perturba a paz d'este recanto maravilhosamente adaptado á missão do philosopho. Joseph Reinach, o scintillante chronista que todos os leitores do «Figaro» conhecem sob o glorioso pseudonimo de «Polybe», vem receber-me ali. E' um homem forte, de mediana estatura, e emoldura-lhe o rosto, que um clarão de intelligencia anima, uma copiosa barba negra.

Desejo ouvil-o, naturalmente, sobre a guerra. Sei que tem, a esse respeito, impressões muito pessoaes e muito recentes; peço-lhe que, ainda que summariamente, me communique um pouco a resultante d'ellas.

—Acabo justamente de passar quatro dias na frente das batalhas, diz-me o eminente escriptor. Estive na Champagne, e percorri a linha dos exercitos até os confins da Alsacia. Como calcula, falei com muitos generaes, officiaes e soldados. Nunca o espirito das trincheiras se manteve tão solidamente confiante como agora. Especialmente na Champagne, onde visitei todas as fortificações allemãs conquistadas em setembro, o estado de alma das nossas tropas é o mais admiravel que pode imaginar-se.

—A proposito: pode dizer-me qual é o alcance da victoria obtida na Champagne durante a offensiva de setembro?

—O exito d'essa offensiva foi grande, tornou Joseph Reinach. No entanto, devo dizer-lhe que teria sido ainda muito mais completo se porventura durante os dias que durou a acção tivesse feito bom tempo. O solo, n'aquella região, é barrento, e o avanço das nossas tropas, sob a chuva torrencial, não podia naturalmente effectuar-se tão facilmente como se o terreno tivesse estado secco... Em todo o caso, adquiriu-se o sentimento nitido da superioridade da tactica franceza sobre a tactica allemã, o que já por si constitue um factor de que largamente se ha de tirar proveito em futuras acções. A primeira linha inimiga foi furada, e hoje, os nossos generaes **teem a certeza absoluta de que em um dia determinado se ha de romper inteiramente a barreira humana que os allemães dispuzeram ao longo da extensa linha de batalha.** No dia em que essa linha puder ser rota n'uma extensão de quinze a vinte kilometros, todas as tropas allemãs serão obrigadas a retirar. Isto é tanto mais exacto quanto é certo que, a 25 de setembro, o inimigo começou effectivamente a evacuar as cidades francezas que ainda occupa. Note que eu disse «começou a retirar», e não «preparou a retirada». Em S. Quentin e Douai chegou-se a pensar que tinha soado a hora da libertação. Na primeira d'essas cidades, soubemos, por informações obtidas dos prisioneiros, que um general allemão chegou a fazer n'esse sentido as suas despedidas junto da dona da casa onde se encontrava hospedado.

—Disse-me ha pouco que visitou egualmente a Alsacia e a Lorena...

—E' certo, e tive occasião de verificar ahi que as nossas posições são materialmente inexpugnaveis. Por toda a parte, o bom humor dos soldados é de uma consoladora evidencia. Em todos elles, a certeza da victoria final adquiriu as proporções de um dogma. «Nous les tenons!» eis a exclamação que mais familiarmente nos acaricia o ouvido. Na parte da Alsacia reconquistada, o enthusiasmo das tropas é ainda mais vivo, se acaso pode conceber-se maior força moral que aquella que se observa em todas as nossas linhas...

— E a perspectiva de uma nova campanha de inverno?

—Se porventura fôr necessario prolongar a campanha durante mais um inverno ainda, todos estão perfeitamente resignados a isso. De resto, não se descurou medida alguma para que os nossos soldados se não privem, em caso tal, da maior somma possivel de conforto.

—A sua duvida leva-me a suppôr que a guerra, na sua opinião, não poderá prolongar-se muito...

O meu interlocutor sorriu, como quem poderia commentar a minha insinuação com algumas affirmações de valor. Mas após uma curta pausa, respondeu simplesmente:

—Não gosto de fazer prophecias. Não as faço nunca sobre estes assumptos. Já o proprio Napoleão dizia que o imprevisto é a lei da guerra... Limito-me a affirmar que se fôr necessario fazer-se mais uma campanha de inverno, todas as disposições estão tomadas n'esse sentido, e o moral dos nossos soldados não será absolutamente nada affectado.

«Quanto á certeza da victoria, não a considero como uma prophecia, mas apenas como uma conclusão logica de tudo o que n'este momento podemos observar. Peço-lhe simplesmente que considere este facto curioso: a Allemanha occupa quasi toda a Belgica, alguns departamentos da França, a Polonia e uma parte dos Balkans. E quem fala de paz? Só os allemães. Até agora nenhum alliado proferiu ainda uma palavra a tal respeito, e a quadrupula «Entente» encontra-se firmemente decidida a ir até o fim. Esta guerra, que nos foi imposta, tornou-se a guerra ideal. Os combatentes dizem que querem evitar aos filhos e aos netos os horrores que actualmente supportam. Queremos uma paz que liberte a europa e o mundo do militarismo prussiano, e isso só pode conseguir-se levando os sacrificios até final. A paz incompleta seria apenas uma tregua entre dois campos de carnificina.

—E, se por inverosimil hypothese, considerarmos a victoria dos imperios centraes?—perguntei subitamente. Qual seria, n'esse caso, o futuro das pequenas nacionalidades? Na sua opinião, que destino teriam as colonias portuguezas?...

Joseph Reinach fixou-me alguns instantes, antes de responder.

—Vou narrar-lhe um pequeno episodio diplomatico que ha de esclarecer-lhe perfeitamente o espirito a tal respeito, disse o grande escriptor.

E, accendendo lentamente um cigarro, começou a contar.

HERMANO NEVES

A'manhã:

Ao acaso da palestra

(*Continuação da «interview» com Joseph Reinach*)

EM TORNO DAS MISSÕES

A tutela estrangeira!

Manter-se-hia á sua sombra a C. do E. segundo o padre Rooney — Dois criterios: o do superior geral em 1901 e o do rev. Antunes em 1915 — Um propunha a retirada pura e simples, o outro deseja a reinstallação dos religiosos

Em 1901, quando o padre Rooney, desabafando com o padre Eigenmann ácerca de Fernando de Sousa (Nemo) e de Quirino de Jesus, dizia que era apenas uma «questão de dinheiro» o mobil essencial da actividade d'esses esforçados paladinos das ordens e congregações, os religiosos do Espirito Santo, em face da campanha contra os institutos monasticos, não se abstiveram de encarar o caso possivel da sua retirada de Portugal.

Mas foi em Paris que se ponderou, a sério, semelhante hypothese. O padre Pascal, que na casa-mãe occupava um posto eminente, escrevia, em maio do referido anno, para Lisboa:

Se não tivermos casas de formação em condições viaveis em Portugal... retirar-nos-hemos pura e simplesmente. Do mais, sabemos com certeza que, se nos retirarmos, as irmãs partirão tambem...

Alludia o padre Pascal ás irmãs de S. José de Cluny, instituto cujo objectivo é identico ao da congregação do Espirito Santo e que com esta mantém as affinidades mais estreitas.

Monsenhor Le Roy, o superior geral, de que o padre Pascal era o porta-voz, insistia na mesma opinião, decorridos seis mezes:

Ou o governo portuguez quer utilisar-nos ou não. Se não quer, que o diga claramente, ou apenas de maneira officiosa, e retirar-nos-hemos com as irmãs...

O padre Rooney, porém, installado em Lisboa, dispondo de influencias e de côrte e custando-lhe a arredar pé, mas não, evidentemente, só por amor das «missões portuguezas», escrevia n'estes precisos e claros termos ao padre Eigenmann, em meados de junho:

Se quizermos aqui ficar no paiz, é mister dispormo-nos a ver praticar todos os caprichos, PELO MENOS ATÉ O MOMENTO EM QUE OUTRA NAÇÃO TOME A TUTELLA...

Em Africa leis internacionaes estão em vigor e nos protegem...

A tutella estrangeira! O padre Rooney imaginava talvez que a intervenção estivesse proxima e dispunha-se a ver praticar todos os caprichos e a aguental-os, na esperança de que não o incommodariam mais—desde que a autonomia nacional, publica ou disfarçadamente, se perdesse... Mas porque não havia de pensar assim o padre Rooney, que era estrangeiro? Quanto aos estabelecimentos de Africa, não os protegiam, como elle proprio accentuava, as convenções internacionaes? O pensamento da «desnacionalisação» das nossas colonias estava longe de preoccupal-o, visto que a manutenção do seu instituto entre nós eram os seus cuidados, não se importando para isso que houvessemos de soffrer a affronta do jugo alheio.

Decorridos nove annos, em vez da tutela estrangeira, baqueou o throno e implantou-se a Republica. A congregação do Espirito Santo, como as outras ordens e congregações, salvára-se da passageira borrasca de 1901, mantendo-se á sombra da transparente mascara d'uns estatutos que jámais a impediram de viver á sua vontade. Conforme o «quasi contracto» que vinha de 1888, o Estado continuou a subsidial-a para que não deixasse de cooperar comnosco na obra de civilisação colonial em Angola.

A Republica, no entanto, poz em vigor as leis anti-congreganistas dos inicios da monarchia constitucional e as casas do Espirito Santo no continente foram, como tantas outras, encerradas. Mais tarde, disposições da lei de separação determinavam que as egrejas e missões estrangeiras nas colonias se extinguissem «ou substituissem», no mais curto praso de tempo, «sem prejuizo do exacto cumprimento das obrigações assumidas por Portugal em convenções internacionaes», e que se reformassem os serviços do Collegio das missões ultramarinas, «de modo que a propaganda civilisadora nas colonias portuguezas, que haja de ser ainda feita por ministros da religião, se confie exclusivamente ao clero secular portuguez...»

O legislador, que não ignorava decerto o contexto das convenções internacionaes de que fazia menção, ao falar em extinguir missões estrangeiras queria sem duvida alludir sómente á extincção dos subsidios recebidos pelas do Espirito Santo e cujo pagamento, segundo cremos, proseguiu na vigencia do actual regimen. Mais do que a falta de elementos portuguezes devem os religiosos do Espirito Santo magoar a d'esses subsidios e especialmente a impossibilidade da sua residencia, como congregação, em Portugal. Reinstalarem-se—eis o seu porfiado intento que custa a comprehender se nos recordamos da attitude do superior geral em 1901.

Então, em plena monarchia fidelissima, os religiosos do Espirito Santo, na opinião de monsenhor Le Roy, desde que os poderes publicos se lhes mostrassem hostis, deviam retirar-se «pura e simplesmente». Agora, em plena Republica maçonica e athéa, como se affirma na imprensa catholica, querem voltar para que não se desnacionalise o interior de Angola pela escassez de missionarios portuguezes, solicitando, com esse intuito, uma situação excepcional na metropole...

Mas convem averiguar n'esta altura o que pensavam elles dos republicanos pouco antes da queda da monarchia e que papel representaram nas pugnas politicas de que resultou a morte da realeza. Convem conhecer o que succedeu, por exemplo, n'uma das mais importantes missões de Angola, enquanto o rev. José Maria Antunes acompanhava attentamente essas pugnas e a sua congregação de algum modo collaborava n'ellas.

Tudo isso nol-o dizem documentos cuja existencia um elisioso bacharel—que a si proprio se intitula modestamente doutor—se atreveu a pôr em duvida, apesar de alguns serem já conhecidos e d'outros, ainda ineditos, possuirem talvez ainda mais elevada significação do que aquelles. Tudo isso ficarão sabendo os leitores, não para que modifiquem a sua opinião favoravel ás missões, se a tiverem, mas para que se não admirem de que haja quem affirme que ellas apenas serão verdadeiramente nacionalisadoras quando forem genuina e apaixonadamente portuguezas. Lograria mantel-as assim a congregação internacional dos padres do Espirito Santo?

Avelino de Almeida

Pelo telegrapho

O almirantado inglez e as mentiras allemãs

LONDRES, 22.—O almirantado publicou hoje uma declaração negando a serie de mentiras postas em circulação nas mensagens radio-telegraphicas allemãs a respeito dos navios hospitaes inglezes. Declara mais que todas essas alegações e insinuações são absolutamente falsas e que a Inglaterra sempre observou rigorosamente as convenções de Haia e Genova. Diz a experiencia que esta serie de mentiras presagia ataques aos navios hospitaes inglezes pelos submarinos allemães.—(*Reuter*).

LONDRES, 22.—A nota do almirantado britannico relativa ás falsidades propaladas pelas allemães a respeito dos navios hospitaes britannicos, diz, além do já annunciado, o seguinte:

São 42 os navios hospitaes britannicos que exercem a sua acção dentro e fóra do Mediterraneo, e não 70 como affirmam os allemães. Nenhum navio-hospital transporta qualquer outra coisa que não seja doentes ou feridos, enfermeiras, pessoal e material medico. Não ha carregamento excessivo a bordo como pretendem os allemães; pelo contrario, os navios-hospitaes estão geralmente alguns pés mais altos que a linha de fluctuação, o que não quer dizer que tenham insufficiencia de lastro que não lhes garanta segurança e conforto. Todos estão permanentemente pintados como é exigido pela convenção de Genebra, tendo os belligerantes sido notificados a tal respeito.

As insinuações contidas nas informações allemãs são absolutamente falsas, pois que a Gran-Bretanha tem procedido em estricta harmonia com as convenções de Genebra e da Haya.—(*Havas*).

A resistencia russa em terra e no mar

PETROGRADO, 22.—A sudoeste de Riga, na aldeia de Palkahrn, rechaçámos ligeiramente o inimigo e demolimos a offensiva inimiga. A nordeste de Batchache desalojámos o inimigo de Petlkvozo. Mais para o sul o inimigo occupou a aldeia de Yanovka. No dia 20 do corrente os nossos torpedeiros afundaram perto de Vindau um navio vigia allemão, sendo feitos prisioneiros 20 allemães.—(*Havas*).

A acção britannica no theatro occidental

LONDRES, 23. — Communicação de sir John French. N'estes ultimos quatro dias bombardeamos efficazmente as linhas allemãs. Ao norte de Loos, a leste de Armentiers e a oeste de Ypres a actividade da artilharia allemã continúa. Prendemos um piloto e um observador de um avião inimigo que aterrou nas nossas linhas.—(*Havas*).

Poeira da Arcada

Entre nós, os politicos excedem as necessidades do paiz. São muitos, multissimos. Temos uma crise de abundancia. Como debellal-a? Talvez, obrigando-os a decorar os Luziadas —livro que dizem encerrar as melhores esperanças da patria. Cresceria assim o numero de analphabetos.

* *

Falla-se de paz proxima, entre as nações belligerantes. E como os pacifistas respiram com difficuldade, n'este momento, eil-os a entoar hymnos ao trabalho, á justiça e á fraternidade. Julgam que assim vencem a Fatalidade—divindade sombria que procede de sorte a demonstrar que a civilisação é um logro como qualquer outro, visto que a intelligencia é ainda mais falsa e perversa que a força bruta.

* *

Depois das eleições, os jornaes tiram sempre as suas conclusões de um acto que passa por ser a medida exacta da consciencia civica de um povo. Com as de domingo passado, os chamados artigos de fundo teem-se mostrado descontentes, quasi irritados.

Porque venceram os democraticos?

Cremos que por esta simples razão—terem maior numero de votos.

E quando as urnas usam de tal eloquencia, parece-nos que a philosophia é uma doença incuravel, atacando os espiritos que definham no esquecimento.

BOATOS...

A marinha de guerra não é partidaria

E' republicana e patriota

A proposito de boatos sobre «côteries» dizia-nos ha pouco um velho amigo que os conventiculos ou «côteries» em Portugal tinham sido—dentro dos partidos—o peior escalracho da politica, tendo concorrido em grande parte para o descredito da monarchia; e, como bom republicano que é, accrescentava, apprehensivo, receiar que esses velhos costumes—que por todos os modos se devem corrigir—pudessem resurgir perturbando a grande familia portugueza.

Filiados no «diz-se» citava factos, mais ou menos curiosos, que perpassavam atravez da massa anonyma—d'aquella que se sacrifica pelo bem da Patria sem pedir remunerações—e tirava arrojadas illações que são muito para ponderar.

Com effeito, se o 5 de outubro foi uma esperança de redempção a ponto de collocar em espectativa benevola muitos dos adversarios do regimen, o 14 de maio, dêem-lhe as voltas que lhe quizerem dar, provou á sociedade que não é possivel andar para traz empregando velhos processos, dada a feição e contribuição anti-partidaria que o povo, a marinha e as outras armas imprimiram ao movimento; e bem cegos seriam os que imaginassem esse povo, essa marinha e esses outros leaes defensores da Patria a reboque de qualquer «côterie», fosse qual fosse, apoiando-a nos seus propositos de tudo dominar em prejuizo do paiz.

As «côteries» foram certamente, em epochas remotas, as pedras de escandalo dos paços reaes; os elementos dissolventes que crearam nos partidos os fermentos que mais tarde haviam de fazer passar os mesmos partidos por crises angustiosas, mas, n'esses tempos, não havia o coefficiente corrector das massas independentes que constituem o povo, para a tempo fazer a ablação do mal que, ameaçando destruir todo o organismo politico, falseando-o, começava quasi sempre por fazer cerco ao seu capital defensor. Este mal, causa primaria de males maiores, originou d'algum modo as convulsões sociaes destinadas ou á reivindicação de principios ou ao saneamento do meio. O 5 de outubro e o 14 de maio são um exemplo frisante d'esta affirmação.

Oppôr pois por todos os meios possiveis um dique a esse mal que atacando a Republica, perdel-a-hia, tal deveria ser o objectivo de todos os bons republicanos, se elle viesse a resuscitar.

Mas sobre este ponto, salvo melhor opinião, não temos por emquanto as mesmas apprehensões do nosso velho amigo, porque dadas as circumstancias especiaes de vitalidade que a Republica tem affirmado certamente seria fazer grave injuria a essa mesma Republica admittir-se o resurgimento de conventiculos, «côteries» ou como lhe quizerem chamar, sem que um salutar movimento de reacção se pronunciasse.

* *

Um outro boato—não sabemos com que fim—se tem tambem por ahi espalhado: diz-se que a marinha é um baluarte partidario.

E' uma affirmação gratuita que, se não fôr malevola, representa um destempero.

A marinha não tem partido; é simplesmente republicana; podemol-o affirmar pelo conhecimento que temos dos seus homens. Pode algum ou alguns dos seus membros estar filiados ou ter affinidades para qualquer aggremiação politica militante, no seu conjuncto, porém, está onde deve estar: ao lado do Paiz, ao lado do regimen. Suppol-a guarda vigilante de qualquer partido, grupo ou facção é erro palmar que o futuro desfará. Se alguma vez a obrigaram a sahir da sua serenidade foi para se collocar ao lado da nação que lhe confiou as armas para a defender.

A melhoria de preços que alguns mej-

A INDUSTRIA DOS CHOCOLATES

A fabrica "União,,

E' das melhor montadas, rivalisando os seus productos com os estrangeiros

Apezar do exaggerado preço do assucar, não obstante o Estado ter, até hoje, mantido dentro d'uma apertada rede as melhores resistentes da industria dos chocolates, a verdade é que, mesmo assim, alguma coisa existe já entre nós que vale a pena conhecer. Prova isso, pelo menos, que ha em Portugal gente arrojada, capaz de reagir contra todas as peias que se lhe opponham, quando se trata de trabalhar, de produzir, de crear riqueza. E prova ainda, por outro lado que os que superintendem nas coisas publicas, que entre nós, á inercia que nem de cima corresponde quasi sempre, dos que estão debaixo, uma actividade tão intensa e uma força de vontade tão tenaz que, não raro, para não cahirem vencidos, necessitam revestir-se de verdadeiro heroismo. Quasi sem protecção, luctando com a desleal e pertinaz concorrencia estrangeira, comprando o assucar e muitas outras materias primas por preços que a inhibem de collocar o que produz fóra do paiz, a chocolataria nacional é ainda assim qualquer coisa de importante, que convem animar, para que o seu desenvolvimento se accentue dia a dia e com a intensidade que as nossas condições de nação productora de cacau requerem. Senão, haja em vista a fabrica de chocolates «União» installada n'um magnifico predio da rua Vinte e Quatro de Julho. Ella póde, sem favor, ser considerada como um modelo de esforço intelligente, empregado na realisação d'uma grande idea.

Visitámol-a ha pouco, e é de justiça dizer que tudo o que na séde da «União» se encontra—officinas, escriptorios, machinas—é do melhor, do mais perfeito, do mais bem montado. E' proprietaria da fabrica a União Industrial Lisbonense Limitada. A area occupada é superior a quatro mil metros quadrados. E' das mais antigas fabricas de chocolates de todo o paiz. Entretanto, bem pode ser considerada a mais moderna, tão grande e tão radical foi a transformação porque passou ha quatro annos, adquirindo a empreza proprietaria tudo o que encontrou em machinismos modernos e dos mais aperfeiçoados, usados na sua industria. Presentemente, mercê d'essa grande transformação, n'este estabelecimento fabril, o cacau é primorosamente trabalhado e transformado de mil e uma maneiras differentes. O gerente da fabrica é o sr. José Martinho Gonçalves. E' elle que nos attende. E' com elle que percorremos o magnifico edificio, amplo e com as melhores condições hygienicas.

Começámos pelo rez-do-chão. E' ali que se encontram montadas a secção de expedição, as officinas de torrefacção, moagens de cafés, cereaes, especiarias, drogas e diversas especialidades pharmaceuticas. Um grande motor acciona varios moinhos, em cujas engrenagens, os productos que lá cabem são reduzidos, n'um abrir e fechar d'olhos, a finissimo e quasi impalpavel pó. No rez-do-chão funcciona ainda o serviço de transportes privativo da fabrica. Subimos ao primeiro andar. Para o patamar, dão duas galerias envidraçadas. Uma, delimita o gabinete da gerencia. Outra serve de resguardo aos escriptorios. Sobre uma meza de centro, no gabinete do sr. Martinho Gonçalves, ha varios specimens de productos da casa. Provamol-os. São deliciosos, sobretudo uma certa amendoa coberta de chocolate, que é uma gulodice preciosa. Em grandes albuns, estão collecionados os rotulos, e as cartonagens das marcas da «União». Muitos dos dizeres d'esses rotulos estão em francez...

—Tem de ser assim—diz-nos o gerente. Senão...

Adivinhámos o resto. Falamos de novo da questão das embalagens. O estrangeiro, contra a lei, invade o mercado portuguez com os mais diversos objectos, desde a caixa de luxo, á lata lithographada e o brinquedo, sem pagar direitos. Por seu turno, a industria nacional, se quizer importar embalagens artisticas, tem de pagar, de direitos, uma fortuna. E porque não se manda confeccionar em Portugal? Simplesmente porque não vale a pena ás fabricas de cartonagem portuguezas empatar grandes capitaes para produzirem pouco. E como as fabricas de chocolate, com o actual regimen alfandegario, não podem nunca produzir muito, a embalagem dos chocolates e bombons portuguezes não pode, com facilidade, rivalisar com a estrangeira. A situação é, na verdade, singular. Como remedial-a? Tributando, como é de lei, todos os objectos que, sob o pretexto de trazerem chocolates, o estrangeiro colloca abundantemente no nosso mercado.

Entramos na officina destinada á preparação do chocolate e ao seu empacotamento. Ha ali os mais diversos apparelhos e machinismos, como galgas, calandras, um moinho, uma desmanteigadeira, conchas, amolentadores, apparelhos de pastilhagem, d'extracção d'ar, batedeiras, etc. Mettido nas diversas fôrmas, o chocolate é em seguida conduzido, por meio d'um elevador, para o frigorifico, voltando em seguida á officina de pacotagem, onde é revestido de papel de estanho e envolto nas diversas capas com que ha de ser posto á venda. N'esta officina trabalham, quasi exclusivamente, mulheres. Uma coisa nos impressionou, alem do inexcedivel asseio que se nota por toda a parte:—a rapidez e a perfeição com que são effectuadas todas as operações que o chocolate requer até ficar prompto a entrar no mercado.

No segundo andar, ficam a officina de confeitaria, com as suas machinas de moldar e cobrir bombons, e o fabrico de «drops», rebuçados de fructas e de mugo, caramellos, pastilhas de hortelã pimenta, amendoas, etc. Ainda n'esse pavimento e em secções separadas, ficam as machinas de descascar, granular e tirar o germen do cacau, o pó preparado para o cacau em pó e a officina de carpintaria e caixotaria. No terceiro andar, estão installados o armazem, o serviço de separação de encommendas, encaixotamento e expedição das mesmas. E' tambem n'essa parte do edificio que está montada a secção de cafés, que são mettidos em latas de 125, 250, 500 e 1.000 grammas e de cinco kilos. No quarto andar, ficam os armazens de embalagens e artigos crus, taes como: cacau, assucar, chicoria, rotulos e tudo, emfim, quanto precisa uma industria como esta para viver vida prospera e produzir abundantemente.

A' sahida, voltámos a falar da questão do assucar. Ella é a que sobreleva a todas, muito embora a da embalagem seja tambem importante. E o sr. Gonçalves, diz:

—O preço do assucar foi sempre o nosso enorme pesadelo. Pois se só os direitos que nos exigem, 170 réis por kilo, quer dizer quasi o dobro do que, antes da guerra, a chocolataria franceza pagava, como havemos nós, os industriaes portuguezes, de levantar cabeça? Tributar assim um producto absolutamente indispensavel tanto para a alimentação publica como para a confecção de chocolates, é praticar um erro economico imperdoavel. E' impedir que o nosso cacau, o cacau que nos vem em tanta abundancia de S. Thomé, seja laborado em nossa casa, seguindo quasi todo para o estrangeiro, onde vae levar trabalho e crear riqueza. Os governos teem de olhar por isto, porque não póde ser continuarmos a ter o assucar pelo preço exorbitantissimo porque o adquirimos presentemente. E' contrariar por completo a industria do cacau, tão rica e que tão prospera podia ser entre nós, manter a barreira fiscal que nos contraria assim, fornecendo-nos uma materia prima, tão importante em condições que não nos permitte concorrer com o estrangeiro. Barateie-se o assucar, e ver-se-ha como no tudo d'esta fabrica outras se erguem e como a industria do chocolate, de posse, emfim, de todos meios de que necessita para progredir, se imporá a todos e poderá, sem difficuldade, competir com a industria estrangeira. E' questão dos governos quererem.

Despedimo-nos. Mas antes d'isso não podemos deixar de exprimir ao sr. Gonçalves toda a nossa admiração por tudo quanto na União acabavamos de ver e pelo esforço admiravel, que tanto tem conseguido já, dos homens que dirigem esta empreza. São elles os srs. Annibal Mariani Pinto, Alvaro Mariani, Pedro Mariani, José d'Almeida Cunha, Joaquim Antonio d'Almeida, Annibal Fernandes, Antonio Candido Correia Gonçalves, Fernandes, Mattos & C.ª e Arthur Mariani.

dizentes supponem ser um agente maligno de crear benevolencias, só representou um acto de justiça que não é para agradecer, por não pertencer á cathegoria dos favores e ainda assim esse acto de justiça não está completo, porque falta melhorar a situação da maioria das praças de marinhagem reformadas.

Quer-nos pois parecer que este nosso modo de ver que se ajusta absolutamente ás circumstancias, derrue por certo a «scie» dos commentadores de «mentideros», collocando tudo nos seus precisos termos

Manuel Corrêa
(capitão de fragata)

Pedindo uma amnistia

Um manifesto dos presos das cadeias civis

Os presos na cadeia do Limoeiro fizeram espalhar um manifesto dirigido ao chefe do Estado em que pedem uma ampla amnistia para celebrar a proclamação do actual presidente da Republica. São 1:700 que do fundo da sua desventura appellam para os sentimentos generosos do primeiro cidadão da Republica Portugueza.

E ao mesmo tempo evocam o programma da Commissão Penal e Prisional que diz:

«1.º—Conceder um largo indulto que abranja e favoreça todos os presos por delictos communs; 2.º—A revogação das iniquas pronuncias provisorias; 3.º—Providencias tendentes a não permittir que o preso algum esteja na cadeia mais de 3 mezes sem julgamento, pois muitos ha, que estão doze, quinze e vinte mezes, e só o delinquente foi julgado e condemnado a uma pena maior não lhe é levado em conta o tempo de prisão preventiva, o que dá logar, a que por vezes o mesmo individuo cumpra em logar da pena correspondente ao seu delicto, outra que é a prisão preventiva que já por vezes tem attingido dois annos e mais; 4.º—Um tribunal de rehabilitação para os que tendo uma vez prevaricado, mas comprovada a sua boa ulterior conducta não estejam sempre opprimidos pela falta expiada; 5.º—Cancellamento completo de todo o cadastro e Registo Criminal desde que a pena decorra de 5 annos não tenha havido nenhuma outra condemnação.»

Este programma, a ser realisado, diziam os peticionarios, levaria a felicidade a muitos lares, o conforto a muitas almas, porque poria termos a arbitrariedades e rehabilitaria muitos infelizes que pagam um momento d'irreflexão por toda uma vida d'ignominia e miseria.

Quedas desastrosas

Em perigo de vida—Um desastre no trabalho

José do Sul, de 15 annos, filho d'um individuo do mesmo nome e de Maria de Assumpção, morador em Carcavellos, vizinho da officina Gomes Netto, á Rocha do Conde d'Obidos, onde era aprendiz. Hoje, ao chegar ao apeadeiro de Santos, saltou do comboio com este ainda em andamento, do que resultou ser colhido, ficando com as pernas esmagadas. Conduzido ao hospital de S. José, depois de devidamente pensado deu entrada, em perigo de vida, na enfermaria 5.

A' enfermaria 9 do mesmo hospital recolheram: José Alves, maritimo, que caiu a bordo do vapor «Economico», no cáes de Santos, ficando contuso pelo corpo, e João Luiz, de Olhalvo, que caiu na Povoa de Santa Iria d'uma oliveira, fracturando o braço direito.

A menor de 6 annos Alice Pereira, moradora na calçada da Graça, 6, cahiu na sua residencia, fracturando a perna direita. Foi para a enfermaria 1 do hospital Estephania.

O trabalhador Manuel dos Santos Luiz, residente no largo do Mastro, 18, 8.º, cahiu d'um carro electrico na avenida da Liberdade, ficando ferido no rosto e muito contuso pelo corpo. Recolheu á enfermaria 2 A B do hospital escolar.

No entreposto do Jardim do Tabaco foi colhido muito pelo corpo, o trabalhador Adolino Antunes, morador na rua dos Remedios, 130. Ficou na enfermaria 5 do hospital de S. José.

A Navegação portugueza para o Brazil

poderia estabelecer-se desde já com vapores da Empreza Nacional

Muito e muito se tem dito sobre a desejada navegação para o Brazil, mas até agora nada se tem feito de pratico, que nos viesse dar o logar a que temos direito no intercambio maritimo atravez do Atlantico.

Todos veem a necessidade de termos uma linha regular de vapores que ponha Lisboa em communicação com o Brazil, a Argentina e a America do Norte. Em qualquer d'estes paizes temos uma numerosa colonia cheia de patriotismo base segura para a realisação d'este desideratum. Mas, apesar de tanta boa vontade, a bandeira portugueza em portos estrangeiros, aparte um pequeno numero de vapores no norte da Europa, não entra senão no Cabo da Boa Esperança.

Uma linha de navegação não se faz com palavras; faz-se com vapores, e os vapores fazem-se com dinheiro.

De ha muito que se vem fallando em uma grande linha de vapores de 10 a 15.000 toneladas e a marcha minima de 14 milhas e com amiudadas sahidas para o Pará Manaus, sul do Brazil, etc.

Para um tão importante serviço são precisos o melhor de 10 á 15.000 contos.

E, não tenhamos illusões; não é possivel em Portugal reunir tão avultada somma para uma tal empreza. E' um defeito nosso, creio que desde a descoberta da India.

Ficámos tão engrandecidos com tal facto que nos ficou a mania das grandezas. Em Portugal, só o paiz é pequeno, tudo é grande, e então as ideias e projectos tomam tal amplitude, que cahem sempre pela base. E' preciso que nos lembremos que devagar se vae ao longe, e devemos sobretudo contar com os nossos fracos recursos.

Nunca se tornou tão necessaria a navegação pasa o Brazil como no momento presente.

Mas ponhamos de parte a ideia do grandes vapores e de esmagar a navegação estrangeira, como muita gente pretende.

A linha nacional poderia vir a ser uma poderosa carreira mas para isso é preciso tempo. E mesmo quando ella um dia fôsse egual ás outras linhas o que será muito difficil, nunca lhe poderá affectar os seus interesses, porque o desenvolvimento das relações entre a Europa e a America do Sul teem tomado tal incremento que difficil será desalojar as outras companhias do logar que conquistaram.

Só uma solução me parece viavel. Attendendo a que n'este momento a Empreza Nacional vae entrar na regularidade das carreiras para a Africa e ficará com uns dois outros vapores amarrados pode conseguir-se que mediante um subsidio do governo ella estabeleça uma linha mensal ou de trez em trez semanas, conforme os vapores de que possa dispôr, e que fossem á Bahia, Rio de Janeiro e Santos, com escala por Cabo Verde, para trazer carga de volta.

Os vapores dariam a marcha de 12 milhas e explorariam o serviço de passageiros de todas as classes.

Não seria preciso retirar os grandes vapores da costa oriental; bastarão, por exemplo, o *Portugal*, o *Zaire* e o *Malange*. E ninguem julgue que não andariam esses vapores abarrotados de passageiros apesar da sua pequena tonelagem, pois lá andam eguaes ou ainda peores com a lotação completa. Esta carreira teria um carater provisorio e serviria para o estudo pratico de uma futura linha de vapores, que viesse regularisar tão elevado preço dos fretes, que, como se sabe, é muito superior aos dos outros portos europeus.

Tomado que fosse o encargo pela Empreza Nacional, cuja administração é modello de economia e intelligencia, podiamos estar certos que dentro em poucos annos teriamos uma linha de vapores que honraria o paiz e libertaria o nosso commercio das peias que tem para a sua expansão.

Guerra Maio

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«A Aguia»

D'esta conceituada revista mensal sahiram os numeros 46 e 47, correspondentes a outubro e novembro e cujos summarios são, respectivamente:

Litteratura—Carta de Guia de Casados, Estudo Critico, de Edgar Prestage; Para adormecer os meus filhos, quadras de Jayme Cortesão; Gil Vicente, I), Aubrey Bell; Notas do meu Diario, Aurelio da Costa Ferreira; Carta Inedita, Almeida Garrett; Arte, Pinheiros (Villa do Conde) (illustr.), Pedro Duarte da Costa; Almeida Garrett, (illustr.), Antonio Carneiro; Para o conto «A Zagala», Correia Dias; Sciencia, Philosophia e Critica Social, Colonisação, Climas e Linguas, III), Affonso Cordeiro; Notas e commentarios, Demittir..., Antonio Sergio.

José Pereira de Sampaio (Bruno)—Litteratura, «O Judeu», José Pereira de Sampaio (Bruno); Em volta da palavra «Gonzo», José Teixeira Rego; Saudades do Côrgo, soneto de Affonso Duarte; Gil Vicente, II), Aubrey Bell; Velhos bairros, Avenidas novas, João Barreira; Sangra-Vida, Gonzaga Duque; Arte, para o conto «A Zagala», (illustr.), Correia Dias; Raphael Bordallo Pinheiro; (illustr.), Antonio Carneiro; Musas (illustr.), C. Oswald; Bibliographia, A. S. e da Redacção.

ULTIMAS NOTICIAS

Situação politica

Nada temos no que accrescentar ao que dissemos hontem sobre a situação politica. Os mesmos boatos, as mesmas vagas indicações—e nada de positivo.

Supponos, no emtanto, que dentro de breves dias a situação ficará esclarecida, podendo os leitores conhecer então os nomes das individualidades democraticas que vão entrar para o governo da presidencia do sr. Affonso Costa.

A lei do affastamento

O *Diario do Governo* publica amanhã a relação dos funccionarios separados pelo ministerio das finanças em virtude da applicação da lei do affastamentato. São em numero de 33, entre os quaes 3 chefes de repartição do ministerio, alguns officiaes e varios empregados da Alfandega, de cathegoria superior.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro do fomento por despacho de hoje concedeu uma faixa de terreno da matta nacional do Gerez para a construcção de uma escola primaria official.

—Os delegados da Associação de Classe de Construcção Civil e Artes Auxiliares de Setubal procuraram hoje o sr. ministro do fomento para lhe solicitar que se iniciassem as obras da lavanderia, do Lazareto e do convento da soledade n'aquella cidade a fim de se attenuar a crise por que está passando aquella classe.

—Seguem no dia 25 para Angola 11 deportados que se encontram no presidio da Trafaria.

—Com o sr. ministro do fomento conferenciaram os deputados srs. João Soares Augusto José Vieira e João Barreira, sobre assumptos do seu circulo, especialmente sobre o caminho de ferro de Amarante a Mondim de Bastos.

—A divisão naval que estava fundeada na bahia de Cascaes, entrou hoje a barra.

—Foram hoje assignados os decretos exonerando o 1.º tenente Emilio Gageao do commando da canhoneira *Beira* e nomeando para esse logar o 1.º tenente Antonio Cisneiros de Faria, e promovendo a 2.º tenente machinista naval o guarda marinha do mesmo quadro Ralu Boaventura Real.

Expedicionarios que regressam

O sr. ministro das colonias recebeu hoje um telegramma do governador de Angola communicando que a bordo do vapor *Zaire* veem para Lisboa, as seguintes forças da expedição áquella provincia; da administração militar, major Segurado Achman e tenente Costa Junior; artilharia, capitães Costa Pinto e Couceiro Albuquerque; tenentes Ribeiro Sousa, Correia Pinto, Matta Pereira e Faria Leal; alferes Casola Bastos, Almeida Graça e Pina Cabral; cavallaria, tenentes Passos Amorim e Luiz de Camões; infantaria, tenente Francisco Lopes; tenente medicos Antunes Vasconcellos e Torcato Pinheiro; veterinario Candido Coelho; 47 sargentos, 900 cabos e soldados.

No vapor *Casengo* veem das forças da expedição: da administração militar, capitão Filippe de Sousa, tenentes de engenharia Mora, de artilharia Braz Oliveira, da administração militar Nunes Veiga e Guilhermino; alferes da administração militar Justino Costa e Silvano Andrade, 10 sargentos e 27 cabos e soldados.

Das forças da provincia embarcaram o capitão de infantaria Manuel Moraes, alferes de cavallaria Mattos Heitor, 3 sargentos e 32 cabos e soldados.

No mesmo ministerio foi tambem recebido um telegramma do coronel sr. Massano de Amorim; commandante da expedição a Moçambique, communicando virem a caminho 48 officiaes, 50 sargentos e equiparados, 5 *chauffeurs*, 812 cabos, soldados e equiparados e mais 2 officiaes e 2 sargentos do quadro colonial

Este telegramma foi expedido de Mossamedes.

A divisão naval

Ainda as razões invocadas pela «Lucta» a proposito do seu commando

Sobre o caso do commando da divisão naval já dissémos o que nos pareceu necessario e opportuno dizer, provando que não ha contra-almirantes para assumirem o seu commando nem vice-almirantes que vão substituir contra-almirantes para estes poderem depois substituir, por sua vez, o sr. Leotte do Rego—como a «Lucta» tem mostrado afincadamente ser seu ardente desejo. E esclareçamos que o sr. Marques da Costa não vae, como a «Lucta» erradamente diz hoje, para vogal do Supremo Tribunal Militar, pois já exerce agora essa funcção. Vae, sim, exercer o cargo de presidente d'aquelle tribunal, «por ser o vogal mais graduado e antigo, e por não haver no exercito generaes mais antigos que o referido vice-almirante», como relatam hoje os jornaes da manhã, nas suas notas de informação da Arcada.

A «Lucta» aproveita a occasião para accentuar não ter dito «que corria grave perigo a indisciplina pelo facto de não estar um contra-almirante no commando da divisão naval». Por sermos da mesma opinião é que nós desejamos que o sr. Leotte do Rego continue a commandal-a. Mas não só por isso. E' que sabemos muito bem que o sr. Leotte do Rego, além de pertencer ao numero dos officiaes da armada mais distinctos e competentes, é egualmente dos que possuem em mais elevado grau o amor da sua profissão. Estamos certos de que nenhum dos seus proprios inimigos lhe contestará essas qualidades, em longos annos affirmadas, quer no serviço do mar, quer n'uma propaganda intensa e constante a favor da nossa reorganisação naval. E é por possuir essas qualidades e estar rodeado de um nucleo de officiaes distinctissimos que elle conseguiu, em seis mezes, dar um notavel impulso aos trabalhos de marinha, pelo aproveitamento das magnificas aptidões dos nossos marinheiros, instruindo e orientando o seu esforço. Contra essa demonstração é que a «Lucta» não poderá dizer coisa alguma—se antes de se pronunciar sobre o assumpto quizer informar-se em verdade, sem odio nem «parti-pris».

FARINHAS, PÃO

O novo regimen cerealifero

Vae ser decretado dentro em pouco

A commissão nomeada ha dias pelo sr. ministro do fomento para estudar a forma de harmonisar o novo regimen cerealifero, creado pelo decreto que augmentou o preço do trigo nacional, com os interesses do consumidor, da panificação e da moagem, tem quasi concluidos os seus trabalhos. No seio da commissão, o importantissimo assumpto tem sido vivamente debatido, sem comtudo se haverem manifestado irreductibilidades de qualquer natureza da parte de ninguem. Como é sabido, o mais difficil do problema consistia em arranjar meio de conservar o preço do pão tal qual está, visto em principio toda a gente reconhecer que não era possivel, n'esta occasião de excepcionalissima crise, pagal-o mais caro.

Para isso, foram apresentados alvitres diversos, todos elles mais ou menos viaveis. O sr. Vasconcellos Dias, director da Manutenção Militar, lembrou, por exemplo, que a resolução da difficuldade podia estar muito bem na creação d'um typo unico de pão, fabricando-se uma reduzida quantidade de pão de luxo, exclusivamente destinado ao consumo e alimentação dos doentes. Esta ideia, se fosse adoptada, seria de beneficos effeitos. N'outros paizes, pelas mesmas razões que imperam em Portugal, tem ella sido posta em pratica e com os mais satisfactorios resultados.

Entretanto, a commissão não foi do parecer do sr. Vasconcellos Dias. A moagem, sobretudo, ao que consta, oppoz-se a que o alvitre do director da Manutenção fosse adoptado. Vingou, por isso, outro criterio—o de se conseguir manter o preço actual dos differentes typos de pão á custa da qualidade do mesmo pão. Assim, a percentagem de extracção de farinhas, que era de 75 por cento, passou a ser de oitenta. Não faltou quem entendesse que ella devia subir a 84 por cento, pelo menos. A moagem, porém allegou que as suas machinas, por antiquadas, não lhe permittiam alcançar tão elevada percentagem, fixando-se por tal motivo o numero acima indicado.

O pão fino, o chamado pão de luxo, fabricado com farinha de primeira qualidade, passará a ser mais trigueiro, o que não quer dizer que seja peor. Em compensação, o pão de segunda melhorará. Ao que parece, o sr. dr. Manuel Monteiro, antes de abandonar a pasta do fomento, tenciona prorogar o praso de existencia da commissão e as suas attribuições, para que ella possa, proseguindo nos seus trabalhos, estudar em todos os seus aspectos o problema cerealifero que bem necessita de ficar, d'uma vez para sempre, completamente resolvido.

O decreto que ha de dar sancção ás resoluções da commissão está já a ser elaborado. Ao que se diz, a partir da data d'esse diploma até ao fim do anno cerealifero 1918-1919, todas as fabricas de moagem matriculadas, excepto as que unicamente forneçam farinhas para o fabrico de massas e os moinhos, azenhas e todas as fabricas que só fabriquem farinhas em rama, serão obrigados a produzir trez typos de farinha de trigo com as percentagens de extracção de 30, 36 e 14, ao preço de $15, $10 e $90 por cada kilo em Lisboa e os mesmos preços accrescidos de dois milavos no Porto. Fica prohibida aos moageiros a preparação e fabricação de farinhas mixtas, sob pena de 5$00 de multa por cada cem kilos, encontrados fóra das fabricas, quando devidamente selladas. As fabricas de moagem matriculadas serão obrigadas a adquirir todo o trigo que lhe fôr distribuido pelo Estado, sob pena de serem forçadas a cessar a sua laboração. O trigo exotico, emquanto vigorarem os novos preços, será por ellas recebido ao preço de $08, posto em Lisboa e Leixões. Esse preço, porém, para occorrer aos encargos da importação, será accrescido d'um escudo por tonelada. E' fixado em um milavo por kilo o direito para o trigo a importar. Ficará sendo permittida a livre entrada de pão na cidade de Lisboa.

A commissão ainda reuniu esta tarde na Manutenção Militar para ultimar os seus trabalhos e assistir a diversas experiencias technicas, tendentes a averiguar se realmente a percentagem de 80, para extracção, póde ser ou não exigida a moagem.

Opiniões monarchico-fudescas

O sr. José de Azevedo Castello Branco, antigo diplomata e o ultimo ministro dos negocios estrangeiros, pontificando hontem sobre politica externa nas columnas do «Dia», deu largas á sua má-vontade aos alliados e mal encobriu os seus desejos de que na guerra actual triumphem os imperios centraes. Entre as coisas mais pittorescas da extensa chronica do sr. José de Azevedo merece mencionar-se o desdem olympico com que fala da diplomacia russa e dos srs. Grey e Delcassé, duas figuras tacanhas a par do derradeiro chanceller do sr. D. Manuel de Bragança... Parece tambem que ficaria contente se a Servia perdesse na presente conflagração a sua independencia que com tão espantoso heroismo os servios defendem palmo a palmo. O sr. José de Azevedo chora pelos Obrenovitchs e pelo seu ultimo rei, tragicamente assassinado, e não occulta a sua zanga aos Karageorgevitchs, por serem «devotadas creaturas da politica russa».

Em resumo, o que o ex-ministro de Portugal no ex-celeste imperio manifesta, ao longo do seu estudo sobre «a lição da Servia», é o seu já conhecido odio á Inglaterra, cuja alliança com Portugal se mantem a despeito da mudança de regimen, visto que a alliança, sendo de povos e não de reis, está acima de formas de governo. O sr. José de Azevedo adoraria a Inglaterra, se ella tivesse tentado reinstallar no throno o sr. D. Manuel de Bragança e sobretudo se conseguisse coroar de exito tentativa semelhante. D'ahi o extravasamento de bilis accumulada e que depois de se haver descarregado em folhas brazileiras, alastra agora n'um diario lisbonense.

O sr. José de Azevedo termina o seu arrasoado por esta forma:

Tem varia moral esta lição da Servia. E' de crêr, porém, que n'ella não aprendam os pequenos povos mais do que as creanças costumam tirar das sentenças dos fabularios ou dos ensinamentos dos proverbios.

Sem a suggestão da Russia a Servia não teria ousado iniciar a lucta espingardeando os austriacos nos primeiros dias de agosto de 1914. O seu erro tem a sua desculpa. Menos comprehensivel será um dia aos criticos da Historia este empenho que temos mostrado nós, miseros potes de barro, de nos intrometter nas desavenças dos caldeirões de ferro, com o grave risco de sahirmos do embate pulverisados em cacos miudos. Ainda bem que o pouco que podiamos dar não contou para as exigencias do momento. Porque a aventura a que pretendiamos lançar-nos, sem outro fundamento que as subtis phantasias de um regimen em apertos intestinaes, nos levaria ao risco quasi certo de vir a ser os trocos de cobre com que se arredondam as contas ultimas na hora do ajuste.

A Servia perderá talvez a sua existencia politica. Jogou? Perdeu? São os azares do jogo. Mas sabia bem o que lucraria, se ganhasse.

Mas nós. Ouço dizer que «estamos perdidos» se logram vencer os imperios centraes. Talvez assim seja; mas quanto agradeceria se alguem nos dissesse util e claramente o que póde Portugal ganhar com a victoria dos alliados. Se isto é materia de fé eu estou disposto a crer, pondo n'isso todo o desejo de que logremos sahir d'esta crise, para a nova éra que iniciará a hora da victoria, mais robustecidos na nossa independencia e menos opiados do pessimismo que a todos nos entenebrece.

Receio, porém, que fique sem resposta isto que a mim mesmo muitas vezes me pergunto: «porque hemos nós de ir para a guerra?...»

Nada ganharemos com a victoria dos alliados, diz o sr. José de Azevedo, que entende que talvez estejamos perdidos com o triumpho final dos pacificos imperios centraes. E como este é quasi entrevisto na sua prosa, mal se comprehendem os votos que faz por que saiamos mais robustecidos na nossa independencia se a victoria couber aos outros...

Presidente da Republica

No palacio de Belem esteve esta tarde o sr. Branco Rodrigues, director do Instituto de Cegos, que foi convidar o sr. presidente da Republica a visitar aquelle estabelecimento.

A cumprimentar o chefe do Estado tambem estiveram o presidente e secretarios da Academia de Sciencias de Lisboa.

A grande guerra

A lucta na França e na Belgica

PARIS, 23. — Communicação official das 15 horas.— Nada ha a accrescentar ao precedente communicado. Durante o dia de hontem, os nossos aviões travaram em varios pontos, combates com os aviões inimigos, combates que nos deram resultados favoraveis.

Na Belgica os nossos aviadores obrigaram dois apparelhos allemães a atterrar.

Na região de Reims demos caça a dois «aviatiks» que tiveram de fazer meia volta. Em Champagne e nas orlas da floresta de Argonne, travaram-se cinco combates aereos, em consequencia dos quaes trez «aviatiks» tiveram de aterrar precipitadamente, nas suas linhas, tendo um outro apparelho cahido desamparadamente no solo. O ultimo dos apparelhos inimigos atterrou incendiado.—(*Havas*).

Greve de mineiros no Paiz de Galles

LONDRES, 23. — Declararam-se em gréve 3.500 mineiros do sul do Paiz de Galles, alegando-se que numerosos mineiros alistados foram substituidos por operarios não syndicados, vindos de outras regiões e com edade militar.—(*Havas*).

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Vendedores ambulantes

Para protestar contra as prepotencias policiaes de que se dizem victimas, os vendedores ambulantes, a convite da direcção da sua associação, reunem ámanhã, em sessão magna, socios e não socios, ás 20 horas, na rua do Bemformoso, 150, 2.º.

Centro 27 d'Abril

O conselho executivo, desejando ouvir os associados sobre assumptos escolares e outros, pede a comparencia de todos á proxima reunião, que se effectua ámanhã, pelas 20 1|2 horas.

GRÈVES ACADEMICAS

Os alumnos voltam ámanhã ás aulas

á excepção dos das Escolas Industriaes

Como hontem, funccionaram hoje todos os lyceus e escolas da capital á excepção do Passos Manuel, estando os respectivos edificios guardados pela policia e os lyceus de Pedro Nunes e Passos Manuel por policia e guarda republicana.

Na Escola Normal, em virtude do sr. ministro de instrucção ter hontem garantido ao «comité» grévista d'essa escola que as reclamações que lhe apresentaram seriam attendidas, todos os alumnos retomaram os seus trabalhos sem incidentes.

Quanto ao lyceu Maria Pia, logo de manhã, a commissão mixta dos grévistas começou occupando as embocaduras das ruas que servem o largo do Carmo para evitar a entrada nas aulas. Essa missão tornou-se inexequivel visto que a policia, ás ordens do chefe Gomes, tratou de dispersar os grupos garantindo a passagem ás alumnas que, acompanhadas dos paes pretendiam ir ás aulas. E durante todo o dia, até ás 15 horas, tendo para ali convergido os alumnos dos lyceus ,se manteve um estado de exaltação e protesto que provocou não poucas vezes, a intervenção da policia.

Como perto das 16 horas os protestos fossem mais vehementes, e um grupo, composto na sua maioria de rapazes não estudantes começasse apedrejando a policia e o lyceu, que ficou com dois vidros partidos, a policia á força evacuou o largo, prendendo o polidor Manuel Augusto, morador no Becco dos Froes. Os estudantes de fugida recolheram-se nas lojas proximas, sendo um d'elles, Carlos Lourenço Ravotti, morador no Bairro Novo, em Algés, entregue á policia por um empregado da «Camelia Branca», do largo da Abegoaria. Este facto acirrou os animos dos academicos que em grande numero se dirigiram áquelle estabelecimento de flôres exigindo a prisão do empregado. De salientar é o bom senso do policia 1.399 que, com muita prudencia e com inexcedivel delicadeza conseguiu durante bastante tempo deter a entrada dos academicos na «Camelia Branca» até chegar uma força de cavallaria que varreu o largo, indo o empregado para o governo civil d'onde pouco depois sahiu.

Para o governo civil se dirigiu tambem uma numerosa commissão que foi pedir ao sr. Marianno Martins que puzesse o estudante em liberdade, no que a auctoridade superior do districto declarou que não attendia visto que estava na disposição de não permittir por mais tempo tumultos na rua. D'ahi a pouco o estudante era posto em liberdade por ordem do sr. commandante da policia, sendo recebido pelos seus collegas com abraços e vivas.

O polidor ficou detido por lhe terem sido encontradas as algibeiras cheias de pedras.

A's 17 horas, emquanto a cavallaria, por desnecessaria, recolhia ao quartel, as alumnas grévistas do Maria Pia, realisavam no Animatographo do Loreto, uma reunião onde ficou resolvido, por unanimidade, dar por finda a gréve. Assim retomam ámanhã as aulas, resolvendo mais convocarem ámanhã, as suas collegas para, no proprio edificio do lyceu, resolverem o caminho definitivo a seguir em vista de terem ficado por satisfazer as suas reclamações. Perante a resolução das alumnas do Maria Pia, todos os grévistas dos lyceus de Lisboa, Evora, Beja, Coimbra e Leiria, retomarão ámanhã os seus trabalhos escolares, devendo os alumnos do 6.º e 7.º annos do Passos Manuel reunirem ámanhã, ás 8,30', no largo fronteiro ao lyceu para tratarem de um assumpto de interesse geral que, segundo nos informam, é a sua situação perante as faltas dadas até hoje.

Reuniram tambem n'uma das aulas da Academia das Sciencias os estudantes que a frequentam para assentarem em quaes serão as reclamações que devem apresentar ao governo.

Foi approvado que se reclamasse o augmento de vencimento dos professores de sciencias; a separação das funcções de professor das de examinador; redução das matriculas ao preço das da antiga Escola Polytechnica e das cartas de curso; abolição dos exames por grupo. Esta ultima proposta foi assumpto de acalorada discussão.

Por seu lado os alumnos da escola Rodrigues Sampaio resolveram: «Não tornar ás aulas sem que o conflicto esteja solucionado; continuar a dar o seu apoio moral e material aos seus collegas da escola de Construcções, Industria e Commercio; fazer a maior propaganda da justiça que lhes assiste; e felicitar os alumnos do Instituto Industrial e Commercial do Porto em face da sua nobre attitude em torno do conflicto.

No Porto

PORTO, 23.—Com o fundamento de ainda não terem sido desdobradas as turmas de alumnos das 6.ª e 7.ª classes no lyceu Rodrigues de Freitas, declararam-se hoje em gréve essas classes, tendo adherido as do lyceu Alexandre Herculano.

Em Vizeu

VIZEU, 23.—Os estudantes do lyceu d'esta cidade mantem-se em gréve. O reitor pediu o auxilio da força militar, cujo apparecimento provocou protestos da academia, invadindo o edificio do lyceu, sendo este, por ordem do reitor, encerrado. Foi profusamente distribuido um impresso chamando a academia á união. A ordem é completa.

PEQUENAS NOTICIAS

Ilda da Conceição, sem residencia, foi presa a pedido de Maria d'Assumpção, moradora na rua da Rigueira, 16, 1.º, que a accusa de lhe ter subtrahido um cordão, uma medalha e um par de brincos, tudo de ouro e a quantia de 4$50, tudo no valor de 57 escudos.

Circos & Music-halls

No Theatro Salão dos Anjos realisa-se ámanhã a festa de Arthur Arriegas, actor da revista «Fóra e dentro», que será ampliada com dois novos quadros, «O jogo de azar» e o «Berro em pé».

SPORT

Os precursores do jornalismo sportivo

Jules Vallés e o "box,,

O grande litterato descreve, com paixão, um combate de soco, que interessou a Inglaterra desde o rei ao homem das viellas

Nos principios do passado inverno, os francezes, inauguraram, solemnemente, no Père-Lachaise, um busto perpetuando a memoria d'um litterato celebre, o primoroso auctor da «Rue», Jules Vallés.

Esse litterato foi um precursor do jornalismo sportivo, porque publicou no «Evenement», varias chronicas que marcam uma preciosa obra de propaganda. E' d'elle, por exemplo, o artigo sobre o famoso pugilista Tom Sayers, quando este morreu em 1865. N'um elogio funebre, Vallés faz a melhor apologia dos combates de socco. D'elle recortamos alguns periodos, com um sabor exquisito de curiosidade, porque tem mais de 50 annos. Separam-nos essas opiniões a distancia de meio seculo!

«... O heroe do combate, o mais illustre que se disputou á luz do sol, com a terra por pavimento e o céu por cupula Tom Sayers, o pugilista inglez, morreu. Tinha apenas 39 annos.

«Todos se recordam ainda do duello terrivel que sustentou, em Farnboro'gh, em 17 d'abril de 1860. A Inglaterra nunca esquecerá esse dia. Mas não era a França, mas sim a America que luctava contra ella, n'essa manhã de primavera. Atravez do Oceano veio para disputar o «Cinto dos boxeurs», um gigante, um colosso, Heenan».

No artigo segue-se o descriptivo da chegada a Liverpool de Heenan e dos preliminares do combate e n'elle se lê que os jornaes inglezes estão cheios de estudos e de prognosticos. Um d'elles publicou um poema «A Tommiada».

Vallés continua: «... Fui propositadamente a Inglaterra para ver o heroe mas não foi possivel approximar-me d'elle. Falei apenas no adversario».

Mais adeante continua o litterato francez: «... Assisti a um d'estes combates de socco. Ao primeiro murro, julguei sentir uma martelada sobre uma bigorna. «Oh! yes», disse o «boxeur» sacudindo a cabeça. Ao cabo d'um minuto era o outro que levava um socco no peito. «Oh! yes», tambem. Limparam-lhe o sangue e elle continuou. Quando a força chega a um tal estado de resistencia toma um caracter de grandeza e, de facto, não é o triumpho da bestialidade, mas o da educação. Não se chega a dar e receber soccos d'esta maneira sem haver moldado o corpo a uma gymnastica que tem a sobriedade por base e o pello por musa. E' preciso um methodo. Tenho ouvido discutir systemas de treino como se discutem escolas de philosophia. O pugilato tem os seus Descartes.

«O treino é o fundo do «sport» inglez: treino do cavallo, do corredor a pé, do «boxeur». Já contei não sei aonde de que havia em Londres um velho pugilista que os principiantes iam procurar n'uma taberna para as bandas de Paddington para se exercitarem. O velho punha-se deante d'elles e dizia: «Bata». Depois escutava o punho do homem cahia sobre o peito. Recebia-o com os nervos preparados e os musculos promptos. Se baloiçava a cabeça, era porque o ataque era fraco. Se sorria, era porque o socco era rijo!

«... Mas voltando a Tom-Sayers, não foi um exemplo eloquente, sublime, da extrema potencia no exercicio, quando tendo apenas um braço para atacar, o outro tinha sido posto fóra de uso no principio—póde luctar «duas horas e vinte minutos» sem que a sua cara fosse [illegible] tivessem sido quebradas contra esse gigante de Heenan?

«... Quebraram as cordas e cahiram. Ambos se ergueram, orgulhosos e valentes. Tiveram ainda força para saltar por cima das barreiras, como athletas frescos. Heenan, no entanto, estava desfigurado. A sua cara tinha inchado so com o trabalho do unico punho de Sayers. Estava horrivel á vista. O pequeno Tom tinha ainda a cabeça livre e no dia seguinte passeiava por Londres».

Depois, Vallés descreve a propaganda de Sayers: «... Nunca um general vindo de longe, nem rei entrando na sua capital, foi acolhido como Sayers quando se apresentou no publico. A multidão acotovelava-se na passagem; as mulheres agitavam os lenços; os homens levavam-o em triumpho. O Parlamento, a Camara dos Lords e Banco, a politica, o commercio, a Bolsa, todos se quotisaram. Em poucos dias reuniram-se quinze contos para festejar a sua coragem. Os juros erão lhe entregues durante a vida e como uma dotação real, continuam a ser entregues aos seus filhos.

«Sayers nunca mais levou luctar. Queriam os inglezes que ficasse por ahi, com essa grande lembrança. Não luctou mais mas fez-se emprezario de circo. Esta existencia nomada não o enriqueceu; matou-o. Os excessos, commettidos em viagem, originaram a doença. Uma queda aggravou-a. No occasião em que seguia de trem, um homem que o odiava, ameaçou-o e insultou o leão doente.

«Sayers, esquecendo-se que já não tinha vigor nem folego, saltou abaixo do carro para o castigar, mas cahiu. Este accidente complicou o seu mal. Arrastou-se depois. Morreu. Com elle, dizem os jornaes inglezes extingue-se uma das glorias mais puras da Inglaterra. Hontem, foi Palmerston, hoje foi Sayers. Mas os homens como Palmerston substituem-se; os «boxeurs» como Sayers não voltam mais».

Nota do dia

Methodo Ling ou systema Hebert?

Recebemos uma nova carta do illustrado professor capitão Oliveira Tavares, sobre a questão dos methodos de gymnastica. Embora de caracter particular, não resistimos a publical-a porque tem interesse e representa uma ideia justa, que é a d'um professor que quer collocar o seu methodo acima de todas as criticas.

Diz o sr. Tavares:

Amigo e sr. dr. José Pontes.—Na carta que lhe dirigi e lhe mereceu o favor da publicidade, deixára transparecer a minha convicção de que apreciações feitas sobre o methodo de gymnastica pedagogica de Ling, quando se pretendia comparal-o com o «methodo natural de Hebert» se baseavam n'um erro e tinham por isso de conduzir a conclusões menos verdadeiras.

Não tomei sobre mim o encargo de tratar o assumpto por entender que a v., por intermedio de quem aquellas apreciações haviam tornado conhecidas, conviria tratal-o, no que todos ganhariamos por certo. Correspondendo ao meu desejo, juntou o meu amigo umas considerações que, comquanto justas, me ha de permittir que repute ligeiras cotejando-as pelo relevo que o seu saber lhes poderia imprimir e pela magnitude do assumpto, que envolve nem mais nem menos que a condemnação do methodo de gymnastica que está adoptado, não por que a maioria dos professores o escolhesse para os seus cursos, mas porque a lei organica de Instrucção Secundaria o determina. E' verdade que outra cousa não era de esperar, porque o meu amigo prometteu tratar mais largamente o assumpto e isso equivale a dizer que ainda o não tomou á sua conta, como do resto se deprehende do facto de considerar a carta do distincto professor de esgrima sr. Magalhães como resposta á minha e não as suas considerações. Nutro fundadas esperanças de que assim será e do que em breve se fará, como convém, um estudo do assumpto, mas um estudo seguro, architectado em premissas solidas, que não no erro de comparar um systema completo de Educação Physica como o de Hebert, com um methodo de gymnastica pedagogica como o sueco.

Ha muito que dizer e mister é que tudo se aclare, que se estabeleça nitidamente qual é o bom e o mau caminho, para que a educação physica nacional deixe de ser assumpto de polemicas que raras vezes deixam de ser absolutamente estereis, e passe a ser unicamente objecto d'um trabalho persistente e orientado como convem.

Este é o desejo de todos que justificadamente aspiram a ver a nossa raça robustecida e regenerada pelo exercicio; satisfazendo-o prestará v. um valioso serviço, pelo qual lhe não regatearei louvores o que é, etc.—*Antonio Fernando Oliveira Tavares.*

Effectivamente, ainda havemos de fazer um estudo mais completo e documentado sobre os dois processos gymnasticos, o methodo Ling e o systema Hebert, assim como havemos de passar em revista, com dados historicos e como esboço de analyse documentadora, todos os trabalhos de muitos outros de methodos, de muitos dos precursores de educação e cultura physica e de muitos pedagogos. Mas sendo o espaço d'uma secção d'um jornal diario muito restricto e tendo essas secções de interessar publicos com desejos de leitura variada e differente, não podemos, diaria, persistente e insistentemente, versar o mesmo assumpto.

Mas lembramos uma forma praticavel e de proveitosa discussão.

Ha dias, no Atheneu Commercial, aventou-se a ideia de sessões magnas e publicas, orientadores nos assumptos de educação physica e de «sports». Porque se não realisam, já, algumas d'essas sessões subordinando-as a este assumpto dos methodos gymnasticos. Pela nossa parte, sem inconveniente, de discussão e analyse no jornal iá iriamos dar o contingente do nosso pequeno estudo.

Na verdade, estes trabalhos de propaganda são precisos. Devem ser mantidos. O capitão Oliveira Tavares e nós assim o comprehendemos. E na discussão, com argumentos technicos e com bases scientificas muito de proveitoso resultaria.

Algumas anecdotas

Já se adivinhava que o team de foot-ball tinha um futuro «supplente»...

No fim de fevereiro do anno passado em Hull, jogou-se um desafio de «football», pouco banal, entre duas «equipes» representando duas familias. Os onze irmãos Coverdale, de Withernsea, bateram-se contra os onze irmãos Charlesworth, de Scunthorpe (Lincolnshire). A victoria dos Coverdale ganhou por 3 «goals» contra 1.

Um espectador que assistia ao desafio, commentava com um amigo:

—São «matches» que d'um momento para o outro podem deixar de se fazer!

—Porque?

—Suppõe que morre um d'elles. Já ficam sem «equipiers». Faltam, no grupo, as «reservas».

—Estás muito enganado! Olha para além, para junto do «goal» e repara n'aquella senhora. E' a mãe Coverdale. Vê como ainda está forte!... Vê, melhor e acharás resposta ao que dizias...

Effectivamente, a mãe dos jogadores, apresentava uma rotundidade anterior, muito exaggerada, significativa e denunciadora de... que para os annos seguintes já o grupo tinha um «supplente» no jogo...

Noticias

Tiro aos pombos — Entre nós

A proxima epocha que abrirá no proximo domingo, 28, será certamente uma das mais brilhantes das que se teem realisado no «Stand» de Palhavã. Ainda que não tenha vindo a publico é já sabido entre os amadores d'este «sport» que n'esta epocha se realisará em Portugal um torneio internacional, no genero e talvez em nada inferior ao que de melhor se costuma fazer em Monte Carlo, Aix-les-Bains, [illegible], Bolonha, etc.

As sessões de Palhavã constituirão, pois magnificos treinos para que os nossos atiradores se possam defrontar honrosamente com os atiradores estrangeiros que certamente nos visitarão resultando por tanto um apuramento da melhor «equipe» que defenderá as côres da nossa bandeira.

Um combate de soco

Despertou enthusiasmo no nosso meio desportivo a noticia publicada sobre o combate de «box» que se effectua no proximo domingo entre os campeões srs. Bazilio de Oliveira e Silva Ruivo. Para esta festa já está elaborado o programma. Ambos os combatentes treinam com afinco, anciosos pela victoria.

Bazilio está agora na sua melhor «fórma», bate forte e com uma destreza inegualavel. Silva Ruivo promette abater o orgulho do adversario. Mais leve, sem escola e—quasi se póde dizer—sem mestre, não desperdiça um só minuto. Ainda hontem treinou na «punching-ball» e nos assaltos que sustentou com os treinadores deixou a impressão de que o combate será rijo bastante. Grandes esforços terá o seu adversario que empregar se quizer vencer.

Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 9.—Com a devida regularidade e segundo os preceitos do escotismo, a instrucção tem continuado a ser ministrada a todos os escoteiros d'este grupo, já na séde, alternada com pequenas palestras e jogos educativos, como no campo, aos domingos, e ainda no quartel dos bombeiros voluntarios da Ajuda, ás quintas e aos sabbados.

Desde o dia 17 de outubro os exercicios no campo teem sido em conjuncto com os demais grupos de Lisboa, respectivamente nos seguintes locaes: Tapada da Ajuda, Alfeite, Algés de Cima, Bemfica, Portas de Bemfica e Campolide. No proximo domingo ha novamente exercicio geral.

—A direcção pede a todos os socios que reclamem na séde do jornal «O Escoteiro», sahido n'este mez, caso o não tenham ainda recebido.

A fim de se requisitarem os distinctivos dos socios auxiliares, modelo official, pede-se tambem a todos os socios que os desejarem usar, a fineza de informarem a direcção.

—A inscripção de novos socios, auxiliares ou escoteiros, continua aberta na séde, rua da Magdalena, 91, 2.º, das 20 ás 23 horas. Todos os socios teem direito ao jornal sahido recentemente, que se publicará todos os mezes.

Desafios de foot-ball

No proximo domingo, no campo do Lumiar, realisa-se um desafio de «foot-ball» que está despertando interesse. Combatem-se os primeiros grupos do Sporting Club de Portugal, campeão no anno passado e do Lisboa Foot-ball Club, que no seu primeiro desafio, n'esta epocha, esteve maravilhoso de resistencia.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Industriaes de panificação independentes

Reune a assembleia geral depois de amanhã, ás 13 horas, sendo convidados socios e não socios, a fim de se discutir a resposta a dar ao ministro do fomento sobre o horario de trabalho nas padarias e sobre a falta de fornecimento de farinhas.

Espectaculos

Cartaz de amanhã

NACIONAL — A's 21 — Malquerida.
TRINDADE — A's 21 — O dia de juizo. (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — A Martyr.
GIMNASIO — A's 21 — Soror Marianna.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó—(Revista).
APOLLO — A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.
MODERNO—A's 21—O collar da princeza.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Boatos e informações

No Theatro Moderno realisa-se na proxima segunda-feira a *première* da comedia *Proezas d'um cabula*, original de Gabriel Silva.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, a revista «Ta Bisto»; Salão Lisboa.

Colyseu dos Recreios

De noite para noite se accentua o successo do «Sonho Tragico»

Nunca um tão grande successo acolheu uma peça, como o que tem obtido todas as noites, no Colyseu, o emocionante mimodrama *O sonho tragico*, de Georges Marck.

Hontem, no espectaculo da moda, em que não ficou um unico bilhete por vender, o commovente mimodrama foi admirado pela mais culta e elegante sociedade de Lisboa, sendo Marck e a sua troupe de artistas admiradissimos ao findar o seu admiravel trabalho.

Não ha duvida de que o *Sonho Tragico* está destinado a levar ao Colyseu Lisboa inteira, que não deve deixar passar tão grande maravilha sem a ir ver e deslumbrar-se com o trabalho de Marck e os seus ferozes leões.

No programma figura a 2.ª apresentação do *Certamen de saltos*, por todos os saltadores da companhia, os primeiros clowns do mundo e todas as attracções da epoca.

Jantares-concertos

Dia a dia é mais avultado o numero de commensaes dos jantares-concertos nas magnificas salas do Casino de S. José de Ribamar, em Algés.

Essa concorrencia é devida, sem duvida, ao primor como são confeccionados os «menus», ao esplendido serviço de meza, e sobretudo aos deliciosos trechos de musica executados pelo magnifico sexteto composto de eximios professores.

Com tal conjuncto, os jantares-concertos do Casino de S. José de Ribamar são hoje os preferidos pelo publico lisbonense.

A provincia n'A CAPITAL

PORTALEGRE, 20.—Commemorando o 55 anniversario da Banda Euterpe, realisa-se no dia 1 de dezembro, no theatro Portalegrense um sarau em seu beneficio. Os amadores d'esse theatro representarão as peças de Bento Mantua *O Fado* e de André Brun *Codigo Penal art...*, estando a parte musical a cargo da mesma banda.

—Realisa brevemente n'esta cidade uma conferencia sobre a lei dos accidentes do trabalho o director da colonia agricola de Villa Fernando, sr. dr. Caldeira Queiroz.

margem do rio, soffrendo enormes perdas.

A batalha continuou durante a noite de 23 para 24 de junho e os restantes destacamentos das tropas austro-allemãs que haviam atravessado o rio tiveram de recuar para a margem direita. As operações austriacas resentiram-se todas.

A 24 de junho, os russos effectuaram novas tomadias e alcançaram novas victorias na região do Dniester. Comtudo o sector entre Zuravno

O explorador allemão dr. Karl Peters

e Halicz teve finalmente de ser abandonado em concordancia com a retirada dos exercitos russos para o norte.

A 26 de junho os russos haviam recuado para a linha do Gnila Lipa—Halicz fica proximo da sua confluencia com o Dniester.

Nos primeiros tres dias que se seguiram á tomada de Lwow, combate algum importante se feriu nas suas vizinhanças. Os russos occuparam posições fortificadas a léste e sudeste da cidade, a distancias que variavam de dez a dezeseis kilometros; a sua linha corria approximadamente desde Jaryczow, passando Davidowka e Dmytrovice, até Bobrka. No dia 25 de junho as tropas austriacas do general Boehm-Ermolli retomaram a offensiva; seguiram, principalmente, as estradas e caminhos de ferro que conduzem de Lwow por Bobrka a Chodorow e por Przemyslany a Brzezany no Zlota Lipa. Apoz um dia e uma noite de violento combate, os russos continuaram a retirar, recuando para o Gnila Lipa.

Stanley Washburn, o correspondente especial do «Times», que estava com as tropas russas no Zlota Lipa no começo de julho, descreve do seguinte modo a sua «retirada» da linha Lwow-Mikolajow:

«Um grande numero de torrentes correndo quasi todas de norte para sul se lançam no Dniester e como cada um d'esses riachos corre entre margens mais ou menos cobertas de bosques, é muito simples guarnecel-as com poucas obras de defeza. O que os russos estão fazendo é isto: occupam uma d'essas linhas naturaes de defeza e n'ella fazem algumas obras: depois esperam pelos austriacos. Quando estes chegam, parece-lhes que as posições russas são em demasia fortes para serem torneadas e esperam que se concentrem todas as suas forças.

«Algum tempo decorre antes que essas forças cheguem e assestem convenientemente a sua artilharia. No entretanto os russos vão-lhes causando as maiores perdas que podem, repellindo os primeiros ataques, sem, porém, se arriscarem muito.

«Durante essas operações, frequentemente dão contra-ataques coroados de exito e fazem grande numero de prisioneiros, em grande parte devido á inexperiencia dos jovens officiaes austriacos e ainda a que muitas das tropas austriacas teem pouca coragem».

Depois, continua Washburn:

«Quando finalmente as operações alcançam o devido desenvolvimento e um ataque em força é dado, descobre-se que as principaes forças rus-

posição eram realmente grandes. Os exercitos no Vistula estavam dependentes, quanto ao abastecimento de viveres e de reforços, de quatro caminhos de ferro. O mais ao norte segue de Petrogrado por Vilna, Grodno e Bialystok para Varsovia; era coberto do inimigo principalmente pelas defezas na linha do Niemen e do Narev, mas podia ser attingido ao norte pelos allemães.

As duas linhas centraes correm por Siedlce e Brest-Litovsk para Varsovia e Ivangorod e difficilmente qualquer defeza natural as cobre do inimigo, além d'aquellas que protegem tambem os caminhos de ferro exteriores.

A quarta linha, que fica mais ao sul, corre por Kovel, Cholm e Lublin para Ivangorod. Esses quatro caminhos de ferro são ligados entre si, entre o Vistula e Brest-Litovsk, por tres linhas que correm do norte para o sul.

No meiado de julho, Hindenburg iniciou o seu ataque contra as defezas da linha Varsovia-Vilna e contra a extrema norte da parte mais saliente da Polonia, Novo-Georgievsk, Mackensen contra a linha ferrea Kovel-Ivangorod e a extrema sul, Ivangorod.

E' evidente que teria sido loucura rematada da parte do commando supremo do exercito russo retardar a retirada dos exercitos da linha do Vistula, porque as linhas ferreas exteriores eram ameaçadas pelo inimigo.

A posição na parte saliente da Polonia não offerecia aos russos vantagens especiaes algumas, assim como não podiam tirar partido da sua posição central. Ao contrario, visto que os obrigava a manter uma extensa fronte, o que é sempre uma séria desvantagem para um exercito inferior em numero e menos bem provido de artilharia e munições.

Não entraremos agora nos pormenores da campanha. Descrevel-os-hemos ao tratar com maior largueza das operações militares que se deram entre a queda de Lwow e a de Varsovia. Indicaremos agora apenas as principaes phases da nova offensiva contra a saliencia—o saliente, poderemos chamar-lhe assim em linguagem technica—do Vistula.

Essa offensiva começou em meiado de julho. Durante a primeira semana os exercitos ao norte e ao sul avançaram gradualmente para os seus objectivos principaes — as linhas ferreas exteriores—. A 23 e 24 de julho os exercitos de von Gallwitz e de von Scholtz forçaram a passagem do Narev entre Pultusk e Ostrolenka, ameaçando assim o caminho de ferro Vilna-Varsovia.

A 19 de julho, os russos tinham recuado, sem lucta, da linha Bzura, que haviam occupado com tanta bravura durante sete mezes. A 29 de julho as tropas allemãs atravessaram o Vistula ao norte de Ivangorod. No dia 4 d'agosto, os austriacos entravam em Ivangorod. No dia 5 deu-se a queda de Varsovia.

A lucta para a posse da linha do Vistula durante algum tempo inclinára-se para o lado das potencias centraes. Um dos melhores exercitos que jámais tinha entrado em campanha fôra forçado a retirar de posição em posição por falta de canhões e munições.

A proposito do valor combativo dos russos diz um styrio, que serviu n'uma bateria de canhões pezados austriacos:

«Resumindo as minhas impressões e observações ácerca dos russos, posso dizer, contra a opinião dos patriotas caseiros e dos estrategicos de jornaes... que os russos formam um valoroso, bem exercitado e bem disciplinado exercito, que apenas póde ser batido por um melhor commando e por uma artilharia superior.

«O facto de fazerem tantos prisioneiros é devido á tactica russa; dispondo de elevado numero de homens, entendem que poucos prejuizos lhes causa a perda de homens. Mas o facto é que os russos não são covardes. Na construcção de reductos e trincheiras o seu trabalho póde ser tomado como modelo. Nunca os poderemos egualar».

A unica observação n'essa carta que pode dizer-se não ser baseada na experiencia immediata é a que diz respeito á comparação entre o commando superior dos dois exercitos. Se quem a escreveu pudesse avaliar as operações em conjuncto, teria visto que não haviam sido os erros dos generaes russos no campo de batalha que haviam causado a derrota.

Não nos pertence avaliar de quem é a culpa da retirada que os russos tiveram de effectuar na primavera e no verão de 1915. Só a nação russa e o seu czar são os juizes competentes. O juizo foi já expresso nas mudanças havidas na administração russa; essas mudanças não foram, comtudo, dirigidas na realidade contra determinadas pessoas.

O seu objectivo foi uma mudança de systema. A reunião da Duma na proximidade do anniversario da declaração da guerra, que coincidiu com a epocha dos peores revezes, foi um symbolo de mobilisação de todas as forças nacionaes.

Na sua primeira reunião foi approvada uma ordem do dia affirmando a inquebrantavel e unanime resolução de toda a população do imperio russo de «continuar a lucta com os nossos fieis alliados até ser alcançada a victoria final e de não concluir a paz antes d'essa victoria ser completa».

Na semana que precedeu a queda de Lwow, houve pouca lucta no Dniester. Recomeçou com violencia logo que a retirada dos russos para além da linha do Szczerec se tornou inevitavel. A principio a lucta mais intensa desenvolveu-se nas altas reintrancias do Dniester, abaixo de Nizniow. Ahi, os austriacos tentaram estabelecer-se na margem norte do rio, alcançando assim uma base solida para uma offensiva contra as linhas russas de retirada.

Se o tivessem conseguido, os russos não teriam detido na linha do Zlota Lipa o avanço das tropas que estavam fazendo pressão do oeste (Nizniow fica pouco abaixo da confluencia do Zlota Lipa com o Dniester); embora com grandes perdas podiam ter, em tal caso, retirado as suas forças da Galicia.

N'um outro capitulo referimo-nos já ás especiaes condições tacticas que o terreno apresenta na região das altas reintrancias do Dniester. Em parte alguma eram mais accentuadas do que no sector abaixo de Nizniow. A distancia d'aquella cidade á foz do Strypa não chega a trinta e dois kilometros; o curso do rio entre essas duas cidades estende-se, porém, por mais de tres vezes essa distancia. A simples travessia do rio, n'uma ou n'outra direcção, difficilmente pode ser impedida; é a configuração do terreno em roda do rio que offerece magnifica opportunidade para defeza que habilitou os russos a repellir todos os ataques de flanco atravez do Dniester.

E' difficil avaliar a importancia que essa resistencia teve no decurso da campanha na fronteira oriental.

Não entraremos nos pormenores da lucta que havia n'aquella região na occasião da queda de Lwow, mas daremos uma pequena explanação d'um telegramma de Petrogrado, dando assim uma idéa geral das condições em que a batalha foi pelejada e vencida pelos russos.

Dizia o communicado official russo de 23 de junho:

«No Dniester, a batalha continuou ao sul da aldeia de Kosmierjine, onde o inimigo occupa terreno na margem esquerda do rio. Nas curvas do Dniester repellimos o inimigo da aldeia de Urjji para a de Luka».

Abaixo de Nizniow o Dniester fórma uma grande curva; na sua extremidade norte recebe na margem esquerda uma pequena torrente chamada Kovopiec, que corre além de Podhajce e Monasterzyska. Depois de ter seguido por cêrca de dois kilometros e meio em direcção a leste, o Dniester volta para sul e segue n'essa direcção durante mais de oito kilometros. No meio d'esse sector, no lado oriental da garganta, que tem cêrca de 500 pés de profundidade, fica a aldeia de Kosmierjine.

Na extremidade d'esse sector o

Dniester, voltando para norte, fórma de novo uma pequena reintrancia. O lado d'esta, isto é, a margem esquerda, é baixo—o seu ponto mais alto eleva-se apenas a cêrca de 150 pés do nivel do rio; consiste n'um terreno aberto e póde ser facilmente varrido de oeste, sul e leste pelo fogo da artilharia postada na margem direita mais alta.

Os russos não podiam, segundo todas as probabilidades, impedir os austriacos de atravessarem n'aquelle ponto e, se estabelecerem ao sul de Kosmierjine.

O terreno aberto a leste do sector do Dniester em redor d'essa povoação é semelhante a uma estreita ilha. Parallelamente a esse sector, a uma distancia de cêrca de kilometro e meio a leste, por uma garganta da profundidade de 200 a 300 pés, corre um pequeno affluente do Dniester.

Essa garganta ou desfiladeiro é coberta de densos bosques e grandes florestas se estendem para leste cobrindo alguns kilometros; a abertura que dá para o sitio onde o desfiladeiro do Dniester se separa do da torrente parallela é fechada por um grupo de outeiros cobertos de bosques, que teem uns 1.200 pés de altura.

Os austriacos podiam atravessar o Dniester ao sul de Kosmierjine e occupar o terreno na sua margem esquerda, mas não podiam avançar mais. Apenas n'um ponto conseguiram penetrar no circulo de outeiros e florestas além de Kosmierjine.

O communicado official russo de 24 de junho diz:

«Na região de Kosmierjine, as nossas tropas, tomando a offensiva no dia 22, approximaram-se do Monte Bezimianna, que estava occupado e solidamente fortificado pelo inimigo. Depois de se entrincheirarem, as nossas tropas ao romper do dia de hontem avançaram impetuosamente ao assalto da montanha, e o inimigo, não se atrevendo a fazer frente ao ataque á bayoneta, recuou em desordem para a segunda linha das suas trincheiras.

«Seguindo-lhe na pegada, as nossas tropas entraram alli e passaram á bayoneta quasi toda a guarnição que occupava o outeiro. Os sobreviventes, que eram um official e 210 homens, foram feitos prisioneiros».

A aldeia de Luka fica na margem esquerda do Dniester, em frente de Niezviska, no fundo d'uma reintrancia quasi circular que tem quasi dezoito kilometros de comprimento, mas nem 800 jardas chega a ter de largo. Um exercito que occupe a margem sul do rio domina tambem com o seu fogo o interior d'essa reintrancia. Dahi, os austriacos tentaram avançar para o norte, mas foram repellidos.

Depois d'isso, ao que parece os austriacos abandonaram durante algum tempo todas as tentativas de romper a linha russa abaixo de Nizniow. O principal ataque no Dniester estava agora desenvolvendo-se no districto entre Zuravno e Halicz.

Em conformidade com a retirada de Lwow, os russos tinham de abandonar a parte do Dniester em redor das pontes-cabeças de Mikolajow e Zydaczow, que os allemães haviam baldadamente tentado conquistar por meio de ataques de frente. D'ahi, os allemães avançaram para o entroncamento do caminho de ferro de Chodorow, que desde a queda de Lwow perdera toda a importancia para os russos.

Na mesma occasião, pouco mais ou menos, grandes forças pertencentes ao exercito de Linsingen atravessaram o Dniester entre Zuravno e Halicz; o centro do exercito allemão—provavelmente o corpo d'exercito do conde Bothmer—estava operando proximo da aldeia de Kozary; cêrca de Martynow, a meio caminho entre Zuravno e Halicz, as tropas austriacas estavam tentando romper o circulo do Dniester; a tarefa mais ardua, o ataque contra a ponte-cabeça de Halicz, fôra commettida, como de costume, a um corpo de exercito austro-hungaro, o do general Hoffmann.

A 22 de junho, as forças inimigas que haviam avançado na margem norte foram repellidas para a outra

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1906—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 24 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Dois partidos

A situação dos dois partidos a que alludimos ao verificar a pouca importancia do seu esforço eleitoral não deixa de ser bem patente, apezar dos artificios com que se procura dar-lhe um aspecto que na realidade não possue.

Nós temos o direito de analysar essa situação politica, como toda a gente, e se a «Republica», orgão de um d'esses partidos, não acredita no nosso pesar o que ella não póde é impedir-nos de o sentir.

Desde o momento em que é a propria «Republica» que affirma que o partido evolucionista não ligou maior importancia ao acto eleitoral, o que d'ahi se conclue é que não se reconhecia possuidor de elementos para triumphar, e ao mesmo tempo, a indifferença com que recebeu a sua derrota, mostra que já se capacitou de que não tem preparação para se tornar um agrupamento politico solido e forte, que pelas suas proprias forças legitimamente pretenda ascender ao poder.

Não ha, com effeito, preparação n'esse partido; o seu orgão implicitamente o confessa, e como esse partido pretende ser governo em Portugal segue-se que só espera chegar a esse «desideratum», não pela força da opinião, não pela quantidade dos seus adeptos, mas sim mercê d'uma nova disposição constitucional que permitta a dissolução do actual parlamento, e torne possivel a sua chamada ao poder.

Não menos evidente é que se esse partido quer ser governo é para se robustecer, e como tem provado que não alarga a sua propaganda nem estabelece uma verdadeira organisação, segue-se ainda que esse robustecimento partidario só o espera dos meios que entende o governo lhe possa dar, o que seria a creação de uma força artificial, em conformidade com os processos monarchicos.

O outro partido, o unionista, não espera pela hypothetica e distante faculdade da dissolução. Esse já provou que não hesita em aproveitar meios mais rapidos e decisivos. Não foi elle, senão o dirigente, o inspirador do movimento das espadas? Temos o direito de o concluir, desde que recordemos que esse partido, logo que o movimento das espadas triumphou, se mostrou altamente surprehendido de não ser chamado a constituir governo. Reputou isso uma falta de logica politica, e não ha duvida de que teria o direito de pensar.

Não nos deixamos adormecer com as discussões byzantinas do seu orgão, com a apparente tranquillidade dos seus elementos. Se houver quem se abalance a perturbar a ordem publica, se fôr possivel lançar Lisboa, rapidamente embora, n'uma atmosphera de sobresalto e espanto, elle apparecerá, ao lado de elementos que se dizem os detentores dos bons preceitos da disciplina, mas que não pensam senão em subverter a legalidade republicana, para reclamar a posse do poder, que nenhumas indicações da opinião publica, nem a sua força partidaria lhe podem facultar.

Os evolucionistas ainda esperam exercer uma acção parlamentar, mercê d'uma revisão constitucional; os unionistas só teem esperança n'aquillo que poderiamos julgar o imprevisto, o improvavel, senão o impossivel, se não houvesse quem, consoante a famosa maxima jesuitica, entendesse que para dominar um paiz, para chegar a esse fim illegitimo, todos os meios são bons.

E não quer a «Republica» que nós tenhamos um vivo pesar, por ver que o seu partido, que poderia, que deveria ser uma garantia, um esteio das instituições, em vez de se fortalecer, como os partidos devem fortalecer-se, conquistando a força da opinião, organisando-se com disciplina e methodo, pelo contrario reputa inutil esse esforço, a ponte tal que confessa a sua indifferença pelas luctas do suffragio, e na propria capital do seu paiz!

Migalhas

O raio de sol

D. Anninhas, menina dos meus olhos, sentou hontem os seus seis mezes, cada dia cheios de novas revelações, sobre uma poltrona da minha casa de trabalho. Um raio de sol esquivo veiu por entre um recorte da cortina, correu por sobre uma meza carregada de bugigangas e foi procural-a onde ella estava entretida a puxar as orelhas de um macaco de feltro, o ultimo dos seus amores. Os seus grandes olhos pequeninos arregalaram-se, uma ruga se cavou na sua fronte onde brincam sadias as primeiras madeixas e tratou de indagar d'onde vinha aquella visita luminosa, que dava outro aspecto ás florinhas do estofo. A sua cabecita curiosa, o seu olhar estupefacto voltaram-se para a cortina e, descoberta a origem, largou o brinquedo e estendeu para o raio de sol as dez pétalas côr de rosa das suas mãos traquinas. E então foi uma lucta. A sua ambição estava ali, ao seu alcance, pertencia-lhe, cahira nos seus dominios e, quando queria apoderar-se d'ella para a agitar, para a sacudir, as mãos voltaram vasias e o raio de sol continuava beijando as florinhas symetricamente eguaes da poltrona. Succederam-se as tentativas, succederam-se as desillusões. E n'isto veiu uma nuvem. O raio de luz assim como viera, assim se foi. Sumiu-se pelo recorte da cortina por onde se introduzira e a minha filha viu-o partir com os seus grandes olhos pequeninos estupefactos, a sua cabecita toda erguida n'um pasmo e n'uma admiração. Quando elle desappareceu poz-se a chorar.

Eu, que presenciára aquella tragedia, puz-me a scismar que a felicidade é assim. Vem procurar-nos quando a não esperamos, provoca-nos com a tentação da sua luz e, quando queremos apertal-a entre os dedos, affirmar a nossa posse, ella esgueira-se, foge, desapparece. Um capricho a trouxe, outro capricho egual a leva. Felizes os que ainda podem chorar como D. Anninhas. Esse pranto secal-o-ha a surpresa da hora seguinte: Um guiso que se agite, uma nova luz que se accende, um reflexo novo que brinca de relance no doirado gasto d'uma quinquilharia.

André Brun

A sala Beethoven

Recordam-se os leitores: foi ha dias, apenas, que Rey Collaço, o infatigavel propagandista, lançou a publico a sua grandiosa ideia...

Ha duas semanas, se tanto, conheceram os nossos leitores o projecto da futura «Sala Beethoven»—que ha tanto tempo nol-a esboçou a caracteristica confiança de Collaço.

Com vista aos patriotas desilludidos, pois, o singelo resultado d'este curto periodo de espectativa. Que todos avaliem de como, apezar de tudo, uma ideia colhe no meio alfacinha: ponto é que seja nobre e de garantida honestidade...

Segue a lista os primeiros subscriptores:

Propaganda de Portugal, sr.as Marqueza de Vallé Flôr, Condessa de Burnay, Condessa d'Edla, D. Alda Roseira, D. Alda de Sousa Marques, D. Alice Rey Colaço, D. Amalia Sabido da Costa, D. Antonia Costa, D. Antonia Collaço, D. Aurora de Macedo, D. Beatriz de Vilhenos Pereira, D. Carolina de Mendonça, D. Christina Decken dos Santos, D. Christina Mouchet, D. Emma Herrmann, D. Ester Pinto Levy, D. Eugenia Machado Ferreira, D. Ignez Lobo de Bandeira Dias, D. Ismenia da Silva, D. Lucilia Moreira, M.elle Maria Kaeser, D. Maria Emilia Marques Maciera, D. Mary Benchimol, D. Mavildia Andrade, D. Sofia de Brito Freire, D. Thereza de Belfort Cerqueira, D. Virginia Baptista; e os srs.: dr. Adolpho Souto, dr. Affonso Costa, dr. Affonso Lopes Vieira, Alberto Sarti, Alexandre Rey Collaço, dr. Alfredo da Cunha, Alfredo Martins Fernandes Nogueira, dr. Antonio de Castro Freire, dr. Antonio Macieira, Antonio de Menezes e Vasconcellos, Arthur Trindade, Aurelio Sanches de Miranda, Carlos Reis, Cecil Mackee, dr. Custodio Cabeça, dr. Domingos Pinto Coelho, Eduardo João de Burnay, Eduardo de Maia Cardoso, Elias Azancot, Emilio de Carvalho, Fortunato Abecassis, dr. Francisco Teixeira de Queiroz, George Derosch, Henrique de Mendonça, Humberto d'Avellar, Jorge O'Neill, dr. José de Figueiredo, J. d'Oliveira Garção, João Passos, João Albino de Sousa Rodrigues, dr. Leonardo de Castro Freire, Luiz Fernandes, Martin Weinstein, Moysés B. Amzalack, Oswald Becken, Otto Marcus, Raul Lino, Ruy Decken dos Santos, Salvador Levy, Tavares de Carvalho, Thimoteo da Silveira, V. Leitão dos Santos.

Poeira da Arcada

Basilio Telles arreda-se tanto dos homens que, quando estes o procuram para lhe offertar qualquer temporalidade, nunca o encontram. Isolado, mistico, absorto em problemas transcendentes sente que a humanidade é uma fugaz sombra, perante o seu scepticismo de sabio. E n'uma terra onde toda a gente pensa em pôr ao serviço do Estado dentes ambiciosos e inexpertos, Basilio Telles desinteressado, distante e sublime é a maior das maravilhas do nosso tempo.

* * *

O principe Boris, filho do rei da Bulgaria, em materia religiosa tem executado bellos movimentos de pendulo: primeiro foi catholico, depois scismatico para agradar á Russia, agora voltou ao catholicismo, visto que a Bulgaria tomou uma attitude que não lhe garante a salvação por intermedio da Egreja russa. Estas evoluções revelam que a corte de Bulgaria cuida do temporal e do espiritual com bastante acerto. Todavia, pode muito bem acontecer que, nos intervallos das suas variações religiosas, o principe Boris perca o caminho do ceu, a poder de o confundir com a estrada humana das conveniencias.

* * *

A «Nação» escreve: «Na monarchia pura, iam-se buscar os homens onde se encontravam para bem servir o paiz».

E' pena a monarchia pura haver existido só na imaginação das almas pias.

CHRONICA DE PARIS

Ao acaso da palestra...

Joseph Reinach refere um curioso episodio diplomatico—As intenções da Allemanha ácerca das colonias portuguezas—O problema balkanico—A traição de Fernando I—A attitude da Grecia e os perigos que ameaçam o hellenismo

O pequeno episodio que Joseph Reinach me referiu merece que meditemos sobre elle alguns minutos. Os portuguezes que, amando a sua patria, tenham porventura ainda uma sombra de illusão ácerca das intenções allemãs no que respeita ao nosso patrimonio colonial, devem redobrar de attenção. Ouçamos o illustre chronista francez:

—Mr. Cambon, o antigo embaixador da França junto do governo imperial, contou-me recentemente uma conversação que um dia teve em Berlim com Mr. Jagow, a proposito da Africa. O ministro allemão dizia ao nosso representante diplomatico que a França e a Allemanha deviam procurar entender-se a respeito das possessões coloniaes africanas. Mr. Cambon achou a ideia muita justa e suggeriu o projecto de se realisar em Bruxellas uma conferencia colonial internacional, justificando a escolha d'essa cidade pela importancia do Congo Belga. Mr Jagow replicou, textualmente: **«Mas v. bem sabe que as pequenas nações estão destinadas a desapparecer...»** O embaixador francez protestou com energia. Então, Mr. Jagow reparou que tinha falado de mais, e apressou-se em declarar a Mr Cambon: «se porventura fizer uso do que acabo de lhe dizer, desde já o previno que opporei ás suas palavras o mais formal desmentido!»

E, como commentario a esta surprehendente revelação do espirito germanico, Joseph Reinach accrescentou:

—A guerra actual representa sobretudo a defeza das pequenas nacionalidades que a Allemanha pretendia supprimir ou tornar vassalas. A victoria dos imperios centraes acarretaria portanto os maiores perigos e as mais graves ameaças á independencia dos paizes fracos.

Sabendo que Joseph Reinach é um profundo conhecedor da politica balkanica, cuja situação reveste de novo uma actualidade flagrante, pedi-lhe que me permittisse interpellal-o a esse respeito. O eminente escriptor cultivava, ainda recentemente, relações pessoaes com o tzar Fernando da Bulgaria, e mantinha com esse soberano assidua correspondencia. Tinha-lhe sido apresentado em 1906, n'uma temporada de Marienbad, pelo rei Eduardo VII. A opinião do monarcha inglez ácerca de Fernando I, que ao tempo era ainda simplesmente o principe dos bulgaros, estava longe de ser lisongeira. «E' um homem intelligente, dizia uma vez o rei de Inglaterra a Joseph Reinach, durante um almoço intimo; é intelligente — mas pouco seguro».

Vê-se hoje que Eduardo VII tinha acertado no seu juizo.

Em 1909, Reinach, por occasião do seu regresso de uma viagem a Constantinopla deteve-se algum tempo em Sofia e conversou longamente com Fernando I. A revolução dos jovens turcos estava ainda muito recente, e o tsar manifestou-lhe um violento odio contra elles. Já n'essa altura a maior ambição do monarcha bulgaro consistia em guiar os povos balkanicos á conquista de Stambul, onde desejava fazer-se coroar imperador de Byzancio.

Até fins de 1914, as relações entre o escriptor francez e o soberano balkanico proseguiram sem incidente. Encontraram-se algumas vezes, escreviam-se muitas. O tsar dos bulgaros assignava sempre as suas cartas: «Le bon Européen». Em fevereiro d'este anno, correu o boato que o governo da Bulgaria negociava em Berlim a realisação de um emprestimo. Outras noticias alarmantes começavam a circular nos meios diplomaticos. Reinach dirigiu ao rei dos bulgaros um telegramma correcto, mas severo, ao qual o «bon Européen» respondeu immediatamente, dizendo ignorar os boatos que corriam e pedindo ao escriptor que não acceitasse sem reserva noticias semelhantes. «Quanto aos meus sentimentos, ficarão sempre invariaveis» accrescentou o rei. No entanto, esses sentimentos variaram. A traição da Bulgaria tornou-se um facto.

Havia comtudo pelo menos um homem na França que nunca quiz convencer-se d'essa traição. Esse homem foi Delcassé. Até ao ultimo momento, o antigo ministro dos estrangeiros obstinou-se em não acreditar que a Bulgaria se dispunha a combater ao lado dos austro-allemães e dos turcos. A Russia, a quem os bulgaros devem a sua independencia, não acreditava tambem. A attitude de Fernando I torna-se ainda mais repellente em face d'estas circumstancias. Em summa, a Bulgaria jogou o proprio futuro, permittindo que o seu soberano representasse impunemente tão vergonhosa comedia.

—O que pensa sobre a attitude da Grecia? perguntei, por uma natural associação de ideias.

—Na Grecia passa-se tambem um phenomeno interessante. Ao passo que as sympathias do chefe de Estado se inclinam para os imperios centraes, as da nação vão decididamente para as potencias da quadrupla «Entente». A grande massa do povo está com Venizelos. Ahi tem justamente uma das mais inapreciaveis vantagens das republicas. No sistema republicano, as allianças entre familias não podem influir nos destinos dos povos, nem prejudicar-lhes o futuro...

—Suppõe que os gregos se decidirão a tomar parte na contenda?

—Sei que a grande maioria da nação grega tem um vivo desejo de entrar na lucta, porque sabe que a victoria dos turcos, bulgaros e austro-allemães representaria o fim do hellenismo. Antes de tudo, Fernando da Bulgaria visa a apoderar-se de Salonica. A Grecia sabe-o bem, e é por isso que, estou convencido, ella acabará por pegar em armas e combater a nosso lado...

HERMANO NEVES

A'manhã:

Gustave Hervé e o futuro

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se dirime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Quatro ministros inglezes em Paris

Os ministros de defeza nacional de Inglaterra e de França deliberam em commum

Paris, 18 de novembro

Na declaração que, em nome do governo, fez o sr. Aristide Briand na camara dos deputados a 3 de novembro, disse:

«A nosso vêr a coordenação dos esforços das nações alliadas pode e deve ser mais completa e, principalmente, mais rapida; por difficil que seja estabelecel-a em theatros tão variados e distantes, estamos resolvidos a effectual-a por meio de relações mais frequentes, por contactos cada vez mais intimos.»

Em um discurso pronunciado a 9 de novembro na camara dos deputados, perfilhou o sr. Asquith aquella opinião.

A viagem que quatro ministros inglezes fizeram agora a Paris prova sobejamente que não eram vãs aquellas palavras e que exprimiam a firme vontade dos dois governos.

Antes d'hontem á noite chegaram a Paris os srs. Asquith, chefe do ministerio; sir Eduardo Grey, ministro dos estrangeiros; o sr. Balfour, ministro da marinha, e o sr. Lloyd George, ministro das munições. Todos elles fazem parte da commissão de guerra recentemente constituida no ministerio inglez e de que tambem fazem parte o sr. Bonar Law, ministro das colonias, e o sr. Mackenna, ministro das finanças.

E' natural que quando tenha terminado a sua missão, lord Kitchener passe a fazer parte da commissão.

Hontem ás dez e meia da manhã foram os ministros inglezes recebidos pelo presidente da Republica, e uma hora depois conferenciavam, no ministerio dos estrangeiros com o sr. Aristide Briand, presidente do conselho, e com o general Joffre.

Ao almoço intimo que se seguiu assistiram o general Gallieni, ministro da guerra, e o almirante Lacaze, ministro da marinha.

A's 5 horas da tarde houve reunião do conselho, no Elyseu, presidido pelo sr. Poincaré, seguindo-se-lhe, ás 8 horas, o jantar a que assistiram os quatro ministros inglezes e os membros do gabinete francez.

Os ministros inglezes saem hoje de Paris. As deliberações tomadas, como era natural, não foram dadas a publico; mas sabe-se que foram examinadas todas as questões militares e diplomaticas provocadas pela phase actual da guerra. D'este momento, mais do que nunca, reconhecem a Inglaterra e a França o dever e a necessidade de proceder no mais completo accordo.

Nas primeiras reuniões dos ministros alliados tomaram parte um ministro russo e outro italiano. Por agora, estas deliberações communs de ministros inglezes e francezes correspondem ás necessidades do momento e são o inicio do estabelecimento d'uma commissão permanente dos alliados.

E' preciso distinguir entre os conselhos militares permanentes que deliberam «ad referendum», isto é, sujeitando as suas deliberações á approvação dos ministros competentes, e as reuniões como a de hontem cujas deliberações podem ser postas immediatamente em execução.

A experiencia hontem feita em Paris, a seguir á que ha dias se fizera em Londres foi concludente; os governos inglez e francez poderam deliberar com conhecimento de causa, e dar ás suas deliberações a sancção immediata que as circumstancias comportavam.

(*Le Matin*)

Gréves academicas

Perfeita normalidade nos lyceus —Mantem-se o conflicto nas escolas industriaes

Nas escolas da capital apenas se mantem a gréve na Escola Industrial Rodrigues Sampaio e congéneres. Em todos os lyceus a frequencia dos alumnos ás aulas foi perfeitamente regular, e no de Maria Pia houve apenas uma média de duas faltas para cada aula, o que se dá sempre, mesmo nos dias de maior frequencia. O apparato policial é que era demasiado, chegando a estarem postadas patrulhas de cavallaria da guarda republicana no largo do Poço Novo. As embocaduras das ruas que levam ao largo do Carmo estavam tomadas por patrulhas dobradas de civicos que não permittiam ajuntamentos nem deixavam passar academicos. Lá dentro, no edificio do lyceu, as aulas, como accentuámos já, correram normalissimamente, tendo havido tanto na turma da manhã como na da tarde uma conferencia do reitor sr. Caetano Pinto com todas as suas alumnas a quem recommendou que fizessem agora por escripto as suas reclamações, a fim de cuidadosamente poderem ser attendidas depois de estudadas.

Durante a tarde, no largo da Abegoaria, immediações do lyceu, viram-se ainda alguns grupos de academicos que commentavam os acontecimentos de hontem.

Pelo telegrapho

Desmentindo informações allemãs

LONDRES, 22.—As informações contidas no relatorio allemão de 21 do corrente concernentes á nossa linha não são exactas em todos os pormenores. O relatorio diz que uma ampla mina explodiu com exito no caminho de ferro de Ypres a Zonnebeche.

A mina em questão explodiu sim mas em frente das nossas trincheiras onde não causou nenhuns estragos nem perdas de vidas, tendo nós occupado em seguida o terreno de um dos lados da sua cratera. O inimigo fez *raids* aereos sobre Poperhinghe em 18 e 20 do corrente mas não causou estragos nem na linha ferrea nem nos edificios. No primeiro *raid* foram feridos dois soldados e mortas quatro vaccas; no segundo *raid* uma bomba matou 8 homens, não tendo tido mais resultados os restantes *raids*.

Pelo que respeita ao desmentido do inimigo ao meu calculo sobre as suas perdas em 8 de outubro, em mortos, diz sir John French, esse desmentido está apparentemente tentando illudir, referindo-se apenas a uma pequena parte dos campos de batalha ao passo que o meu relatorio se refere a todo o ataque do dia 8 de outubro quando o inimigo atacou não sómente a sudoeste de Loos mas tambem a suesto e a nordeste da praça. Todas as mais informações obtidas incluindo este relatorio das perdas a sudoeste de Loos confirmam o meu primeiro calculo.

A lucta nos Dardanellos

LONDRES, 24.—O official general commandante das forças expedicionarias aos Dardanellos, informa que dois aeroplanos britannicos atacaram com feliz exito a estação do caminho de ferro de Ferojik, proximo de Enos. No dia 19 um dos apparelhos foi derribado pelo fogo do inimigo, mas o piloto conseguiu aterrar a salvo nos pantanos do lado opposto ao rio e ahi queimar o apparelho. N'este entretanto o piloto do segundo aeroplano que estava só vendo o infortunio do seu amigo conseguiu recolhel-o a tempo de escapar á prisão pelo inimigo que corria em direcção a elle.

Na zona de Anzac onde os turcos recentemente fizeram explodir uma mina, conseguimos nós no dia 20 occupar parte dos trabalhos subterraneos do inimigo. Travou-se um combate subterraneo no qual foram mortos dois turcos por um official e varios outros mortos por bombas.—(Havas).

Munições para os alliados

LONDRES, 24.—O *Times* diz que Lloyd George conferenciou durante todo o dia de hontem no ministerio das munições com os representantes da França, da Russia e da Italia. Parece ao *Times* que a discussão incidiu sobre a coordenação das providencias a assegurar o abastecimento de munições para os alliados.—(*Havas*).

AS NOSSAS INDUSTRIAS

Porque não cultivamos algodão em Angola?

Só o que adquirimos annualmente na America nos custa seis mil contos em oiro—O que nos diz o sr. Antonio Coelho distincto director technico da fabrica de Salgueiros

Visitando a bella fabrica de Salgueiros, uma das mais importantes e prosperas da laboriosissima cidade do Porto e cuja descripção nos propômos publicar nas columnas de «A Capital», a exemplo do que temos feito com estabelecimentos similares, tivemos ensejo de conversar com o seu notavel director technico, o sr. Antonio Coelho, que amavelmente nos forneceu não só muitos dos esclarecimentos de que necessitavamos, mas tambem a sua auctorisada opinião ácerca da situação da industria algodoeira em Portugal. Registamol-a na certeza de que, ao debater-se o grave problema das industrias, ella ha de ser tida em conta, como as dos verdadeiros competentes em taes assumptos hoje fundamentaes para a vida dos povos.

A' nossa primeira pergunta, o sr. Antonio Coelho, falando serenamente, mas com um tom de convicção impressionante, respondeu-nos:

—E' a mais tormentosa das crises, a que a nossa industria tem atravessado desde os seus inicios. Só uma grande coragem e uma firme esperança de melhores dias, que hão de, decerto, vir, teem animado a proseguir na lucta, e deve-se a uma inquebrantavel tenacidade o que se vem conseguindo em favor das emprezas fabris, do seu desenvolvimento e da sua consolidação.

«A crise accentuou-se mais ainda o anno passado, obrigando varias fabricas a fechar as suas portas. A reforma pautal de 1892, favorecida pela revisão feita ha cêrca de tres annos, produziu realmente alguns beneficios apreciaveis, quando já quasi desesperavamos de obter para uma situação na verdade afflictiva o remedio de que ella carecia. A concorrencia estrangeira, porém, proseguiu invencivel, prejudicando os nossos esforços...

—Mas agora...

—...Desanuviou-se a atmosphera, porque a conflagração europeia em certo modo contribuiu para a conquista de mercados. Não descurámos o ensejo de promover a sua expansão no continente e nas colonias...

—E no Brazil?

—No Brazil a tarefa é mais difficil. Primeiramente a concorrencia. Depois a pouca possibilidade de cada fabrica manter ali um agente. Ainda se ellas—ou algumas—se pudessem entender para esse fim!

«Mas, quanto á situação actual da industria, convém notar um ponto importantissimo: os embaraços, de toda a ordem, com que se lucta para adquirir a materia-prima. E, vencidos elles, urge pagar por preços que não é exaggero classificar de exorbitante as encommendas que lográmos ver satisfeitas.

—Mas não haveria meio de deixarmos de ser tributarios do estrangeiro sob este aspecto?

—Decerto que havia! Todas as difficuldades seriam a breve trecho removidas, se tratassemos a valer da plantação do algodão em Angola. Creio bem que essa vasta e mal aproveitada colonia podia produzir algodão para abastecer não só o mercado interno mas até para exportar em condições vantajosas. E por que não succede assim? Por falta, simplesmente, de vistas largas, por incuria, por criminoso desleixo, por demencia rematada!

«Quer saber quando mandamos nós, só para a America, a fim de pagar o algodão que de lá importamos? A bagatella de seis mil contos em oiro! E ter-se a certeza de que com um pouco de iniciativa, um pouco de tacto, todo esse oiro podia ficar em Portugal!

—Mas nas estancias officiaes...

—Ora as estancias officiaes! Por via de regra, primam n'uma arte: a de empatar. A burocracia, a repartição publica, por exemplo, ninguem as excede na obra nefasta de inventar tropeços, porque outra coisa não são as formalidades, as papeladas, as demoras que surgem no caminho das melhores e mais proveitosas iniciativas; porque outra coisa não são as engrenagens em que nos moem a paciencia, em que nos quebram as energias, em que nos enchem de tédio, quando só deviam coadjuvar-nos, porque a prosperidade da industria e do commercio significaria a prosperidade do paiz e o proprio interesse do Estado...

—Os governos, os parlamentos...

—...Deviam acabar por se convencer de que toda a sua obra será esteril e até contraproducente quando não fôr inspirada no proposito firmissimo de guerrear a energia que nos estiola e a rotina que nos suffoca e de trabalhar para que merecidamente possamos ser tidos como um povo digno, por todos os titulos, do enorme patrimonio territorial de que dispômos e que tantos appetites tem despertado já...

A BELGICA MARTYR

O CRIME DE LOVAINA

O professor Paulo Delannoy conversa com um redactor de "A Capital„

Encontra-se em Lisboa, confórme «A Capital» noticiou, o sr. Paulo Delannoy, illustre professor belga da Universidade de Lovaina e bibliothecario da famosa collecção de livros que os allemães incendiaram durante o periodo terrivel da invasão. Estava naturalmente indicada uma entrevista. Para esse fim me avistei com elle, esta manhã, começando por lhe pedir que me falasse um pouco da preciosa bibliotheca. O martyrio de Lovaina durou nove largos dias, durante os quaes se queimou, se destruiu, se assassinou incessantemente. Os fusilamentos em massa horrorisam. As represalias sangrentas apavoram. Mas o incendio da bibliotheca repugna, porque foi um attentado irreparavel, já não contra a Belgica, mas contra a humanidade civilisada, a que pertence sem duvida todo o patrimonio intellectual.

Eis o que me disse Mr. Delannoy:

—Todos sabem as circumstancias tragicas em que foi destruida a bibliotheca de Lovaina, parece-me por isso inutil insistir sobre ellas. Limitar-me-hei a notar que a anniquilação de todos esses thesouros artisticos e scientificos obedeceu a um proposito deliberado e não a um simples capricho do acaso.

«A bibliotheca de Lovaina estava installada n'um monumento artistico do bello estylo gothico do seculo XIV, chamado «Halles universitaires», visto que a universidade tinha tido ali a sua séde desde 1432. O edificio soffrera algumas ampliações e modificações durante o seculo XVII. Nenhum local da bibliotheca era mais bello que as nossas magnificas salas de livros, a que o estylo grandioso da Renascença dava um aspecto magnifico e imponente.

—Quantos volumes continha a celebre bibliotheca?—perguntei.

—A riqueza da nossa bibliotheca consistia em um milhar de manuscriptos, oitocentos a mil incunabulos e cerca de 300.000 volumes. E' impossivel descrever, ainda que summariamente, todas as riquezas artisticas, litterarias e scientificas que gerações de pensadores e de investigadores tinham desde seculos accumulado nos nossos anuarios e nas nossas estantes. Para avaliarmos essas riquezas, basta pensar no brilho incomparavel da universidade de Lovaina durante a epocha gloriosa da Renascença, e no papel que ella representou no movimento scientifico e litterario d'esse tempo. Na conferencia que tenciono dentro de breves dias fazer em Lisboa exhibirei em projecções algumas photographias das «Halles universitaires», dos seus mais bellos motivos artisticos e de alguns retratos da grande galeria dos mestres da antiga universidade...

—E foi total a destruição?

—Nada foi poupado na catastrophe da Bibliotheca de Lovaina. Foi uma parcella do patrimonio commum da humanidade que desappareceu para sempre. O mundo civilisado comprehendeu o dever que se lhe impunha em face de tão abominavel crime, e já no seu magnifico protesto de 4 de outubro de 1914 os sabios portuguezes verberaram devidamente esse attentado monstruoso contra a civilisação. Esse protesto tem hoje um caracter mundial. Confórme noticiou já a imprensa estrangeira, trata-se n'este momento de organisar um «comité» internacional que se destina a reconstruir a nossa bibliotheca...

—A noticia foi já publicada tambem na nossa imprensa. Na sua recente entrevista com um collega meu...

O sr. Delannoy encara-me surprehendido.

—Desde que cheguei a Lisboa ainda não fui entrevistado por jornalista algum, declarou peremptoriamente o illustre professor.

Não insisti, discretamente.

—Quando tenciona fazer a sua conferencia?—inquiri.

—Só hoje deve ficar assente o dia e o local. Provavelmente, no sabbado ou no domingo que vem. Como tenho que retirar na segunda-feira...

—O «comité» internacional a que

A CAPITAL DO NORTE

A Avenida da Ponte

é uma das grandes arterias mais indispensaveis para o transito e hygiene da cidade nova

Porto, 21

—Ainda mesmo que a camara não tomasse a magnifica resolução de installar no Paço Episcopal o nosso Muzeu, riquissimo de preciosidades; ainda que a antiga residencia dos prelados tivesse de continuar fechada, servindo apenas, como tem ultimamente servido para prisão e carcere dos indigitados inimigos das instituições; nem por isso—diz-nos um dos mais illustrados negociantes da praça da Liberdade—nem por isso a avenida da Ponte devia deixar de abrir-se, rasgar-se, ligando o coração da cidade com o trafego importantissimo da «outra banda». A necessidade d'esta avenida é indiscutivel e de immediata realisação.

«Com a planta que já foi traçada por um distincto engenheiro e approvada pela camara da presidencia do sr. Adriano Augusto Pimenta, com ella, ou com outra, tal como foi delineada, ou com quaesquer alterações, a verdade é que, sem essa avenida, a estação terminus de S. Bento fica sem ligação com Villa Nova de Gaya, que é, pode dizer-se, o celleiro, o grande armazem do Porto, o que não pode ser, o que não deve ser de maneira nenhuma.

«A avenida da Ponte, a ligar o Porto central, o centro civico, com a ponte D. Luiz—por ambos os taboleiros—pelo de cima para seguir pela grandiosa e imponente avenida da Republica, de Gaya, até Santo Ovidio e, mais tarde, até mais longe, com varias ramificações para as Devezas e Granja e Espinho; e, pelo taboleiro inferior, a communicar com o trafego ribeirinho das duas margens do Douro, vê-se, mette-se pelos olhos dentro quanto essa avenida é necessaria e indispensavel.

—Disse-nos tambem que—ainda por causa da hygiene...

—Sem duvida. A hygiene da cidade não pode continuar sem os cuidados que precisa. O Porto é, infelizmente, a cidade mais insalubre de todas as da Europa. Pois, um dos bairros que mais a tornam insalubre, subjeita a endemias e a epidemias terriveis, é o immundissimo bairro da Sé. De forma que mais uma razão para que essa avenida se abra o mais depressa possivel; para alagar de luz e tonificar de ar limpo essa casaria infecta que vae da rua do Loureiro até ao alto da Sé, e das eminencias do Paço Episcopal, descendo, até ao rio, por viellas e ruellas estreitissimas, com pateos e «ilhas» mais sujas que cortelhos, onde não ha saude, onde o ar é mais empestado que o ar dos canos de esgoto de Paris! Isto não é dar ao quadro uma sombra forçada. Está provado por trabalhos scientificos.

O ar que por ali se aspira não dá vida. Dá a morte.

—Mas, só a avenida não resolveria o problema da hygiene, n'um bairro tão denso de população e tão agglomerado de casaria.

—Bem sei. Toda a gente o sabe. Só a Avenida da Ponte não resolve o problema do saneamento n'esta parte da cidade. Mas vem beneficial-o muito, em varios aspectos e de diversas maneiras. Iriam á terra essas mansardas da rua Escura, da rua de S. Sebastião e viellas annexas, transversaes e adjuntas, parte, talvez da rua do Souto, com todo o lixo material e humano que por ali fermenta. A avenida, subindo até á Sé, onde, na planta já approvada, ficava um grande largo, dá occasião a que todas as construcções lateraes que se façam obdeçam aos modernos preceitos da hygiene municipal. E, assim, porque até á Sé, do alto da Sé, tinha de jorrar agua em abundancia, não só se varriam os canos do saneamento, como abundaria para as habitações que ficassem.

«Ora, indiscutivelmente, com muita luz e com muita agua, se não se resolve por completo o problema da hygiene, pelo menos já se melhora muito. De mais, eu não sou d'aquelles que querem ir a Roma n'um dia. Vamos devagar. De vagar, sim, mas fazendo obras viaveis e «completas».

«Obras completas, sim. Antes de iniciar coisas grandiosas, que mais são para o futuro, do que para nós, eu desejava que a Camara completasse as obras iniciadas e não concluidas. Acho melhor ir pelo principio. E' indispensavel alargar a rua do Bonjardim, na sua entrada, concluir a de Passos Manuel, desopprimir o coração da cidade, desentaipar, deixe-me assim dizer, a estação de S. Bento. Porque toda a gente que sahe da estação terminus, vê e nota que para as bandas da Sé não ha transito. Nem carros, nem electricos. Para alli fica o desconhecido...

Fica um monte, com casaria velha alpendurada, para onde apenas se pode seguir ou pela rua do Loureiro, de um pavimento archaico e incommodo, ou pela ingreme calçada do Corpo da Guarda, com as suas rótulas e roupa dependurada dos taipaes. A não ser que queira descer pela rua Mousinho da Silveira e dobrar pela estreitissima rua do Souto, uma das mais porcas e perigosas da cidade. Não. Antes do que é considerado o «maravilhoso», cuidemos de tratar do que é necessariamente indispensavel, para alargar o transito, ligar a cidade com Gaya e prevenir, melhorar o grande problema da hygiene citadina.

---

se referiu é, segundo creio, da iniciativa do Instituto de França...

—Precisamente, e na presidencia do mesmo foi revestido o secretario perpetuo da Academia Franceza Mr. E. Lamy. Até agora temos recolhido bastas e calorosas adhesões de muitas summidades intellectuaes e artisticas pertencentes a paizes alliados e neutros. Tenho profunda satisfação em verificar que Portugal vae occupar n'esse «comité» um logar de destaque. Chegado o momento opportuno, esse grande «comité» fará saber ao mundo inteiro como entende que, de futuro, se devem fazer respeitar, em meio de luctas e de guerras, os thesouros communs da civilisação. Ao mesmo tempo lançará um appello a todos os paizes para que, em cada um d'elles, se formem «comités» nacionaes destinados a reconstituir a bibliotheca de Lovaina. Essa obra de reconstituição tem um alcance moral que excede muito a reparação dos prejuizos materiaes, não é assim?...

Trocámos em seguida impressões geraes ácerca da guerra. Mr. Delannoy referc-se á entrevista que tive com Mr. Jean Finot, cujas altas qualidades encareceu, mas declarou-me discordar um pouco de certos pontos de vista do grande escriptor. E accrescentou:

—Entrando contra sua vontade no grande conflicto europeu, a Belgica não teve outra ambição mais do que defender os grandes principios do direito e da justiça. O meu paiz não aspira, ao terminar a guerra, senão a um accrescimo da sua força moral e á estima das pessoas de bem. Tem-se já preconisado a collocação de Constantinopla sob a tutella dos belgas. E' uma bella reminiscencia historica! Mas que especie de vantagens retiraria a Belgica de uma honra tão grande, que o meu paiz viria a pagar com tantos desgostos, tantas invejas, e que seria talvez, mais tarde, a origem de tantas luctas novas? Falou-se tambem de um augmento territorial da Belgica até ao Rheno. A questão foi vivamente debatida na imprensa, e de commum accordo foi decidido pôr-se termo ás discussões até que cheguem horas mais propicias. Póde-se é certo estudar até que ponto seria agradavel a annexação de alguns milhões de allemães, mas ha um outro ponto de vista que ha de ser examinado no momento da conclusão da paz: é saber se a situação da Europa não vem a necessitar d'esse augmento territorial da Belgica. Que confiança podemos ter n'um tratado onde a Allemanha se obrigue ao desarmamento? Não exigirá porventura a segurança da França a occupação dos territorios até o Rheno? E se a França toma esse caminho, poderemos nós conservar as nossas fronteiras actuaes? Da mesma fórma, sob o ponto de vista economico, qual será o destino de Anvers privada da clientella allemã, que certamente lhe vae faltar depois da guerra? Não será preciso alimentar o nosso grande porto nacional, que é a riqueza do nosso paiz, com o rico commercio das provincias do Rheno? Tudo isto são problemas complexos que uma diplomacia clarividente terá de estudar logo que termine a guerra. E' preciso egualmente notar-se que os povos d'aquem Rheno são de origem celta; germanisaram-se no decorrer dos seculos, mas se teem em nós confiança bastante para nos offerecer a administração de Constantinopla, porque não hão-de tel-a tambem para nos confiar a «degermanisação» dos habitantes das provincias rhenanas, encarregando-nos de lhes mostrar as vantagens de um regimen de paz e de liberdade, de os conquistar para a nossa civilisação e de os subtrahir á influencia dos potentados prussianos?

Hermano Neves

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Procural»

Continúa sendo publicada com toda a regularidade esta Revista Forense de que acaba de sahir o n.º 2 do 3.º volume.

Entre outros assumptos, trata da reforma do Registo Civil, ultimamente tão debatida e que na verdade parece estar destinada a uma proxima realisação, convindo por isso que todas as opiniões sejam ouvidas, principalmente a dos que, pelo conhecimento pratico d'esses serviços, melhor podem apresentar alvitres apreciaveis.

O summario d'este numero é o seguinte: —Registo civil, sua reforma—Consulta respondida pelo sr. Tavares de Carvalho —Resenha de legislação e jurisprudencia —Modificações que devem ser introduzidas no Codigo Civil—Bibliographia.

INDUSTRIAS DA GUERRA

Alcool solidificado

Lampadas portuguezas confeccionadas com esse producto

Uma empreza do Porto, depois de proceder a aturados estudos, acaba de lançar no mercado um producto que honra sobremaneira a industria nacional. Trata-se d'uma lampada confeccionada com alcool solidificado, portatil, pratica e economica, que vem resolver um problema dos que mais affligiam todos os que, necessitando rapidamente, em viagem, d'um foco calorifico, o não podiam alcançar facilmente. Lá fóra já havia productos parecidos; mas o grau de liquefação do alcool não tinha nunca podido ser elevado a um ponto tal que permittisse utilisal-o, solidificado, nos climas quentes. Foi essa a difficuldade que os srs. Evaristo, Barreto e Santos, do Porto, resolveram. Foi esse inconveniente que o chimico sr. José Antonio dos Santos conseguiu arredar, alcançando uma massa combustivel que não se derrete facilmente, exposta ao calor natural.

Essa massa, mettida em latas lithographadas, arde lentamente. Collocando-se em cima da bocca do reservatorio uma especie de trempe que vem com a pasta combustivel, obtem-se uma pequena lampada que pode servir para cosinhar uma sopa, aquecer uns litros d'agua, etc. Vê-se bem quanto um apparelho d'estes, cujo preço é de 140 réis, é util aos exercitos em campanha. Alguns dos paizes em guerra já assim o reconheceram, tendo só um d'elles, á sua parte, encommendado á casa confeccionadora nada menos de tres milhões das novas lampadas. A difficuldade em alcançar as latas necessarias é, porém, grande. Por esse motivo, já partiu para Italia um representante dos srs. Evaristo, Barreto e Esteves, a fim de tentar adquirir n'esse paiz a folha precisa para a confecção das utilissimas lampadas, que vendem ainda n'um tipo mais pequeno, proprio para trazer no bolso e perfeitamente adaptado ás exigencias da clinica medica, sempre que as desinfecções pelo fogo se imponham. Portugal, como se vê, tambem não se furta á influencia que a guerra exerce sobre as faculdades inventivas de todos os povos. E a parte que n'isso toma não está sendo das mais insignificantes.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—Não ha espectaculo.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista).

POLYTEAMA — A's 21 — A Martyr.

GYMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—La donna é mobile.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.

MODERNO—A's 21—O collar da princeza.

COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

SEXTA-FEIRA—**Nacional**—Primeira representação da comedia de Chagas Roquette—*D. Perpetua que Deus haja.*

Ao correr da pena

«Anda aberto n'um jornal da manhã um inquerito ácerca da revista. N'elle teem deposto pessoas que pertencem ao theatro, outras que nem de longe lhe teem tocado pelo menos até hoje, mas ás quaes assiste o direito evidente de darem sobre o caso a sua opinião como espectadores que devem ter sido. Escusado será dizer-lhes que, no geral, as opiniões são desfavoraveis á revista. Alguns pronunciam-se abertamente e sem restricções contra ella, como se não fosse um genero theatral como qualquer outro, com os seus pergaminhos e foros de nobreza incontestavelmente assentes. Outros fazendo-lhe relativamente justiça, desenvolvem a these, que se póde resumir n'estas palavras: «As revistas boas são boas, as revistas más não prestam». Posto não tivesse sido convidado a depôr n'este processo, devo dizer que a minha opinião é aquella que fica atraz exposta. Accrescentarei que a revista, quando bem feita, é aquella que exige mais somma de dotes da parte do escriptor que a produz. Sobretudo desde que se lhe introduziram os chamados numeros de sentimento e os quadros sem musica presta-se a que dentro d'ella se faça drama, comedia, operetta, satyra, critica politica, etc., etc. Se tudo isto fôr bem feito e bem interpretado e bem realisado scenicamente, a revista será um espectaculo completo. N'ella o auctor póde demonstrar erudição, imaginação, sciencia de theatro, estylo, em resumo todas as qualidades que distinguem um homem de lettras que seja conjunctamente um verdadeiro auctor dramatico.

A revista n'estas condições não estragaria artistas: pelo contrario fal-os-hia forçando a variar ou a especialisar as suas aptidões. Daria ao publico um espectaculo variado de multiplas attracções não girando sempre em torno do mesmo eixo e não se monotonisando portanto. Não lhe depravaria o gosto, como se diz, antes o educaria.

Se não tem acontecido isso, a culpa não é da revista: será dos revisteiros e se como dizem alguns depoentes, dos que existem nenhum se aproveita, surjam pois e quanto antes os homens de talento que reponham o genero no seu logar. Mas como dizia o outro—La critique est aisée, seul l'art est difficile» que, é como quem diz:—Criticar não custa nada, o fazer é que é outro par de botas»

Cyrano

Boatos e informações

Segundo consta será representada esta temporada uma peça de Ruy Chianca intitulada *Nun'Alvares.*

● A peça de Chagas Roquette para o Gymnasio tem trez actos e terá por titulo *O Senhor Roubado.*

● A revista d'este inverno no Apollo será assignado pelos auctores da *Rosa Tyranna.*

● Para *reprise* de *Não desfazendo* a companhia da Rua dos Condes será ampliada com alguns novos artistas.

Circos & Music-halls

No Theatro Rocio Palace realisa-se no domingo uma festa de homenagem ao professor de dança sr. Custodio Jayme Ferreira, constando de sarau dramatico, musical e dançante.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação no theatro occidental

PARIS, 24—Communicado das 15 horas.—Nada ha a registar durante a noite além do habitual canhoneio, excepto em Argonne onde continúa a lucta de minas com vantagem para nós. No sector de Bolante fizemos ir pelos ares um pequeno posto allemão. Nos Voeges mallogrou-se uma tentativa inimiga para tomar um dos nossos postos a nordeste de Celles na planicie.—*(Havas)*

As tropas alliadas na Macedonia

ATHENAS, 23.— Segundo um communicado official os ministros da quadrupla *entente* fizeram hoje uma *démarche* collectiva ácerca da questão das tropas alliadas na Macedonia. Essa *démarche* teve um caracter amigavel.—*(Havas).*

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica foi hoje visitar o Instituto Feminino de Educação e Trabalho, em Odivellas.

O chefe do Estado fez-se acompanhar pelo secretario geral interino da presidencia da Republica, sr. Luiz Barreto da Cruz, sendo aguardado ali pelo sr. ministro da guerra, director do Instituto e corpo docente.

GRÉVES ACADEMICAS

A reunião dos alumnos da Faculdade de Sciencias

Reuniram hoje novamente os alumnos da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa para apreciarem e resolverem as suas reclamações a apresentar aos Poderes Constituidos.

Houve larga e acalorada discussão, ficando approvada em primeiro logar a seguinte *proposta:*

«Para que o artigo da Constituição Universitaria referente a exames seja redigido da forma seguinte:

1.º—Aos alumnos matriculados nos differentes cursos d'esta Faculdade, serão concedidos diplomas depois de effectuarem provas singulares d'esses cursos.

2.º—Os alumnos que tiverem obtido approvação nos cursos que constituem cada secção, e cursos subsidiarios, poderão requerer diploma de bacharel depois de terem defendido uma these por elles escolhida e interrogados sobre qualquer questão por elles tambem escolhida.

§ unico. Os alumnos matriculados á data da presente lei poderão completer o seu bacharelato ou por grupos como é da lei vigente ou sujeitando-se as provas indicadas no numero anterior.

3.º—Os portadores de diploma de bacharel terão em egualdade de circumstancias preferencia, na Escola Normal Superior, e no provimento das cadeiras de instrucção secundaria.

4.º—Os portadores de carta de bacharel serão os unicos que podem concorrer ao ensino superior.

Approvam-se depois outras propostas: para ampliação de laboratorios; creação de alguns que se tornam necessarios; melhoramentos nas condições hygienicas das aulas; 15 dias de ferias do Natal e Paschoa e 6 dias no Carnaval; e finalmente para que todo o alumno uma vez obtida a frequencia de uma cadeira para fazer exame o faça quando o requeira.

Faculdade de direito

Os estudantes de direito da Universidade de Lisboa reunem-se amanhã, 24, ás 16 horas, no edificio da Faculdade com o fim de decidirem a sua attitude em face do movimento academico iniciado pelos estudantes da Faculdade de Sciencias.

No Porto a gréve mantem-se

PORTO, 24.—Continuam em gréve os alumnos do lyceu, não tendo comparecido hoje ás aulas.

Casa de jogo assaltada

Um grupo de civis armados assaltaram esta tarde, cerca das 17 horas, uma casa de jogo sita na rua do Jardim do Regedor, partindo algumas cadeiras.

Aos toques de apitos e gritos de soccorro, acudiu a policia que pôz em debandada os assaltantes, produzindo o caso grande borborinho n'aquella rua e immediações.

SUBSISTENCIAS PUBLICAS

Os novos typos de pão

Vão ser fixados, d'aqui a dois dias, por um projecto de lei

A commissão que tinha a seu cargo fixar o novo regimen cerealifero concluiu effectivamente, hontem á noite os seus trabalhos, que foram aturados e persistentes, dado o curto praso de dez dias que lhe fôra marcado para levar a cabo os seus estudos. Pelo que já se sabe dos resultados a que a commissão chegou, póde affirmar-se que, em tão pouco tempo não era facil aos homens que a compunham, conseguir mais. Effectivamente, o regimen cerealifero que vae ser estabelecido de accordo com todos os que no mesmo regimen pódem ter interesses compromettidos, é completo e de molde a resolver uma questão que é das que mais interessam a toda a gente. Sacrificios todos os fizeram; e o facto da percentagem de extracção ter sido elevado a oitenta por cento revella que não faltou quem cedesse, no intuito de não crear difficuldades n'um momento tão instavel como este em que é absolutamente preciso cooperar com os poderes publicos para se fazer face á crise que a todos attinge e que ameaça alastrar cada vez mais.

Entretanto, aquella percentagem, de ha muito que se attingiu lá fóra, discutindo-se na Italia, por exemplo, depois de declarada a guerra, a conveniencia de reduzir todo o trigo a farinha panificavel, alcançando-se por esse modo um pão integral que, sendo mais barato, é ao mesmo tempo mais alimenticio e hygienico. A campanha feita pela imprensa italiana da especialidade, n'este sentido vem sendo, ha uns tempos para cá formidavel. E tudo indica que venha a triumphar. Vem isto á colação para provar que o pão, pelo facto de ser mais escuro, e sel-o-ha, sem duvida, o que d'aqui a pouco vae ser fabricado, não quer dizer que seja peor. Antes pelo contrario, como os hygienistas demonstram.

Hoje, constou que iam levantar-se difficuldades á execução do novo regimen cerealifero. Talvez haja quem pense n'isso. A verdade, porém, é que só um elemento interessado discórda do regimen moageiro que vae estabelecer-se. O governo, porém, está disposto a evitar que contrariem as disposições que vão ser adoptadas, escudando-se para isso na quasi unanimidade com que ellas foram aceites pelas classes a que ellas mais directamente dizem respeito.

O decreto que ha de instituir o novo regimen cerealifero ainda não está redigido definitivamente, parecendo que será publicado d'aqui por dois ou trez dias apenas. N'elle se fixam, como é indispensavel, os novos typos de pão, entre os quaes ha alguns novos. As farinhas, por sua vez, como já se disse hontem, serão de trez classes, fixando-se-lhes, respectivamente, os preços de 152, 100 e 90 réis por kilo. Os typos de pão são os seguintes:

Pão de luxo, com dois typos, vendendo-se um a 150 réis o kilo, em pães de 125 a 250 grammas, e outro a 170, em pães mais pequenos, cujo peso variará entre 50 e 125 grammas; pão fino, a 130 réis o kilo, em pães de 270 grammas, pelo menos; pão trivial (typo novo), ao preço de 100 réis o kilo e em pães de 500 e 1.000 grammas; pão de familia, a 90 réis o kilo e em pães de 500 grammas, e pão de uso commum (typo novo) a 80 réis o kilo e em pães de kilo. Estes serão os novos typos confeccionados só com farinha de trigo. Mas haverá ainda pão de mistura, nas seguintes proporções: trigo e milho, dois terços do primeiro e um terço do segundo, em pães de 500 grammas, a 75 réis o kilo; o mesmo pão, na proporção inversa, em pães de kilo, a 65 réis, e pão de trigo, centeio e milho, com um terço de cada farinha, a 70 réis o kilo. Por ultimo, criar-se-ha ainda o pão de milho, a 60 réis o kilo, em pães de kilo.

O regimen da farinha e do pão será, pois, o que fica indicado. Da sua efficacia só poderá ajuizar-se depois de o vermos em completa execução.

Novos caminhos de ferro

Sobre a construcção do caminho de ferro de Amarante a Mondim de Basto voltaram hoje a conferenciar com o sr. ministro do fomento os deputados srs. Augusto José Vieira, João Soares e João Barreira.

Ao conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado foi communicado pela Caixa Geral de Depositos que esta votou o emprestimo de 300.000$ para a construcção do referido caminho de ferro.

O sr. dr. Manuel Monteiro mandou lavrar a portaria auctorisando o conselho a assignar o contracto de emprestimo.

Foi hoje entregue ao sr. ministro do fomento pelos sr. governador civil de Villa Real e deputado sr. Abrahão de Carvalho uma extensa representação assignada pelos deputados e senadores pelo circulo de Chaves, corpo judicial, camara, junta districtal, sindicato agricola, associações commercial e artistica, auctoridades militares e grande numero de commerciantes e industriaes congratulando-se com a deliberação tomada pelo sr. dr. Manuel Monteiro, de mandar continuar o traçado na margem direita, do caminho de ferro, e a brevidade com que se está empenhando em que se comecem os trabalhos do troço de Moura a Chaves, cujas expropriações estão já pagas.

NOTAS DIVERSAS

Pelas 12 horas, os commandantes de todas as unidades do exercito, regimentos do activo e reserva, directores dos estabelecimentos militares, carreira do tiro, arsenal e chefes das repartições do ministerio da guerra foram hoje apresentar os seus cumprimentos ao sr. general Pereira d'Eça, novo commandante da divisão. Os officiaes apresentaram-se no quartel general de grande uniforme, tendo o sr. general Pereira d'Eça pronunciado uma allocução em que a par dos naturaes agradecimentos pela visita, salientou o espirito de abnegação e de patriotismo que é e deverá ser sempre a principal caracteristica da carreira das armas.

O conselho de ministros voltou a reunir hoje pelas 17 horas no ministerio da marinha.

—O sr. ministro interino dos negocios estrangeiros, sr. Norton de Mattos, não dá amanhã audiencia ao corpo diplomatico.

—Todos os membros do governo estão organisando o relatorio dos serviços feitos pelos seus ministerios a fim de os apresentarem ao parlamento.

—Realisa-se amanhã pelas 14 horas a entrega do commando da canhoneira «Beira» ao 1.º tenente sr. Cisneiros de Faria.

Em Moçambique

A carestia da vida

Noticias directas de Moçambique dizem-nos ser impossivel ali a vida, devido á carestia dos generos.

O bacalhau está sendo vendido a $90 o kilo, o vinho a $45 o litro, a cebola a $30 o kilo e assim todos os outros generos.

Paquete «Africa»

Dos portos d'Africa oriental chegou hoje a Lisboa, pelas 10 horas, o paquete *Africa*, com 206 passageiros e grande quantidade de generos coloniaes.

Vieram doentes alguns cabos e soldados, sendo 26 de Lourenço Marques e 7 de Mossamedes. Do Loanda vieram 7 excondemnados que ali cumpriram pena.

NOTA POLITICA

Os democraticos e a crise

O que nos diz um deputado da maioria

Um deputado da maioria, com quem nos avistámos hoje, exprimiu-nos d'este modo a sua opinião sobre a solução da crise:

—O partido democratico não póde pensar agora de modo differente por que pensava ha um anno, quando da *queda do gabinete* Bernardino Machado. Resolveu então indicar a formula de concentração dos partidos para uma acção commum no governo. Hoje, que as difficuldades são ainda maiores, que a continuação da guerra produziu graves embaraços de ordem economica e financeira, mais necessario se torna ainda appellar para o patriotismo de todos os politicos.

—Mas se os dois partidos, evolucionista e unionista, se recusarem absolutamente a *cooperar* n'essa formula de concentração?

—*Não creio que se dê essa recusa* absoluta. Se tal succeder, no emtanto, as responsabilidades de todos os partidos ficarão marcadas e o paiz nos julgará a todos. Tenho a certeza de que esta opinião é partilhada por um grande numero de correligionarios meus, devendo ser apresentada e defendida na proxima reunião de *sexta-feira*, em que tomam parte os parlamentares e os membros do *Directorio*. Se fôr approvada pela assembleia, como espero, as suas consequencias far-se-hão sentir na reunião do dia seguinte no Congresso, ficando estabelecida essa doutrina, como voto expresso do parlamento, na moção politica que justificará a queda do governo. Terá depois o sr. presidente da Republica uma *indicação* rigorosamente constitucional para as suas «*démarches*».

«Eu sei que se dirá, mais uma vez, que o partido democratico procura escusar-se ás responsabilidades do poder, com receio de compromissos tomados, com a certeza de não poder cumprir as chamadas imposições revolucionarias—e tudo o mais que é da praxe dizer-se para combater o partido em que milito. Creia v. que os que assim falam procedem com uma pasmosa inconsciencia da situação que atravessamos. O futuro se encarregará de fazer justiça ás nossas intenções. Se ellas tivessem sido attendidas ha um anno, se se formasse então o ministerio nacional indicado pelo partido democratico, a nossa situação seria bem diversa do que é hoje. Não teria havido o movimento das espadas, a Republica não seria entregue a mãos ineptas, a dictadura não teria affrontado a consciencia republicana e não se criaria, por isso mesmo, a necessidade de se fazer uma revolução para restabelecer o prestigio da Republica e dos principios constitucionaes. Esta é a verdade, que ninguem, de boa fé, póde contestar. Continua-se no caminho das retaliações partidarias? Vollam os argumentos da incompatibilidade de pessoal dos dirigentes para se impedir a formação d'um governo em que todos os partidos estejam representados? Pois veremos o que sahe de tudo isso.

* * *

Hoje, ao fim da tarde, esteve no Paço de Belem o sr. José Barbosa, a conferenciar com o sr. presidente da Republica na qualidade de delegado do partido unionista.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

D. SANTIAGO RUSSIÑOL

O illustre pintor e litterato artistico, D. Santiago Russiñol, visitou hoje o muzeu de Arte Antiga e dos Coches, tendo estado tambem no mosteiro dos Jeronymos.

Hontem assistiu ao espectaculo do Nacional affirmando que alguns dos nossos artistas eram superiores na interpretação da «Malquerida» aos da companhia que em Madrid poz em scena a interessante peça de Jacinto Benavente.

Hoje o illustre artista assiste á «première» de «A martyr» no Polyteama e ámanhã, a convite da empreza do Gymnasio tambem irá assistir á representação da «Soror Marianna» e «La donna é mobile».

MOVIMENTO MARITIMO

BUENOS-AYRES, 22.—Chegou de Lisboa e escalas o paquete «Tubantia» da Mala Real Hollandeza.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso José de Barros, morador na estrada de Bemfica, 215, loja, por esta madrugada, na estrada do Poço do Chão, andar munido de uma navalha de ponta e mola, de grandes dimensões, com que ameaçava todas as pessoas que passavam.

—A policia prendeu Julio Antonio da Cruz, morador na rua do Machado, 12, por ser encontrado escondido dentro do estabelecimento pertencente a José Nunes dos Reis Guimarães, na rua Nunes Costa, 61.

—Queixou-se Maximino Duarte, morador na calçada de Carriche, 37, de que os gatunos lhe furtaram diversos objectos de ouro no valor de 50 escudos, quando se encontrava n'uma taberna sita na rua do Lumiar, 125.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 13|16	36 11|16
Londres, 90 d|v	34 5|16	—
Paris, cheque	$76,5	$77
Allemanha, cheque	$30,5	$31,2
Hollanda, cheque	$63,4	$63,8
Madrid, cheque	1$41	1$42
New York	1$50	1$52
Rios|Londres	12 1|4	—
Libras	7$28	7$98
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

		Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$		—	39,45
»	500$	39,70	—
»	100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0\|0, 1905, 9$80; assent. e coupon, 9$25: 4 0\|0, 1890, coupon, 50$50; 4 1\|2, 1905, coupon 83$50.

Externas: 1.ª serie, 77$ e 3.ª, 77$90.

Acções: Ilha do Principe, 216$; Phosphoros, coupon, 54$80; Zambezia, 1$70; Companhia Internacional Mercantil, 76$20.

Obrigações: Aguas, assent., 81$50; Prediaes, 5 0\|0, 87$20; Ultramarino, hypothecarias, 94$; Ambacas 96$50; Norte e Leste, 1.º grau, 74$ e 2.º, 37$30; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 1, 79$50.

A separação de funccionarios

realisada pelo ministerio das finanças

Como hontem noticiámos o «Diario do Governo» insere hoje a seguinte portaria:

«Dando cumprimento ás leis n.os 319, 320 e 321, de 16 de junho de 1915, e 332, de 21 de junho do mesmo anno, tendo em attenção o estabelecido no decreto n.º 1.763, de 22 de julho findo, determino que sejam separados do serviço, por os julgar abrangidos pelo artigo 1.º do citado decreto n.º 1.763, de 22 de julho de 1915, e nos termos do mesmo decreto, os seguintes funccionarios:

Francisco Rangel de Lima Junior, chefe de repartição da direcção geral de estatistica, com o vencimento futuro de 80$00; Paulo de Carvalho e Mello, idem, idem, 80$00; Luiz Augusto da Costa Nogueira, segundo official, idem, idem, 46$66; Francisco José Rangel de Lima, terceiro official, idem, idem, 20$83; Augusto Correia da Silva e Mello, chefe de repartição da direcção geral da fazenda publica, 80$00; Eugenio Severim de Azevedo, terceiro official, idem, idem 20$83; Pedro Lobo de Almeida Mello e Castro, segundo official da direcção geral das contribuições e impostos, 29$33; José Duarte de Almeida, escrivão das execuções fiscaes em Castro Daire, sem vencimento; Lucas Farinha, secretario de finanças do concelho de Castello de Paiva, 24$00; Armando Ribeiro, segundo official da direcção geral da contabilidade publica, 29$33; Eduardo Arthur Lobo de Avila, chefe de serviço do quadro das alfandegas, 121$33; José Carlos de Lara Everard, idem, idem, idem, 86$66; Francisco de Paula Moraes Cabedo de Lencastre, inspector, idem, idem, 41$60; Vasco Semedo, sub-inspector, idem, idem, 36$40; Ruy Galvão Mexia, primeiro aspirante, idem, idem, 29$12; José Garrett Correia de Freitas, primeiro aspirante do quadro das alfandegas, 29$12; Guilherme Augusto Lobo de Avila Junior, idem, idem, idem, 18$20; José Cardoso Pinto Montenegro, idem, idem, idem, 33$28; Miguel Pereira de Mattos Sousa, idem, idem, idem, 29$12; Miguel Gomes Xavier, idem, idem, idem, 33$28; Norberto Guedes de Sá, segundo aspirante, idem, idem, 14$30; Frederico Guilherme de Azevedo e Cunha, chefe de serviço fluvial e maritimo, 36$00; Joaquim da Silva Fonseca, empregado addido da Alfandega do Porto, 14$06; Albino Lopes Coelho, idem, idem, idem, 70$00; José Maria Coimbra, adventicio da Alfandega de Lisboa, 6$04; Francisco Garrett Correia de Freitas, idem, idem do Porto, sem vencimento; Candido Pinto da Silva Monteiro, fiel do deposito de impressos da Alfandega do Porto, sem vencimento; Abel Martins Pinto, desp.te official da Alfandega do Porto, sem vencimento; Joaquim da Silva Freitas Guimarães, idem, idem, idem, sem vencimento; Arthur Alfredo Severino Mendes, segundo official da administração geral da Caixa Geral de Depositos e Instituições de Previdencia, 46$66; Joaquim Carlos Monteiro, serventuario, idem, idem, 15$00; Antonio Maria da Silva, encarregado do armazem da Casa da Moeda, 33$60; Manuel Reis, serventuario da Casa da Moeda, 9$00.

Os funccionarios acima mencionados pódem recorrer d'este meu despacho, nos termos dos artigos 11.º e 12.º do decreto citado, para o conselho de ministros, e da decisão d'este para o parlamento.

Os funccionarios que pretendam recorrer da minha decisão devem enviar as suas reclamações, no praso de vinte dias a contar da data do presente, para a presidencia do ministerio.

Ministerio das Finanças, em 23 de novembro de 1915.—O ministro das finanças, *Victorino Maximo de Carvalho Guimarães.*

* * *

O *Diario do Governo* inserirá depois d'ámanhã a lista dos funccionarios que são affastados do serviço pelo ministerio da instrucção.

A provincia n'A CAPITAL

MORA, 23.—A noite passada os gatunos entraram no pateo da habitação do sr. Albino Tavares Mendes Vaz, arrombando-lhe a porta d'um curral e roubando-lhe uma egua de grande valor.

—Realisou-se hoje o mercado mensal dos 23, que esteve muito concorrido.

—Está em gréve o nosso senado municipal, pois não ha sessão por falta de numero ha cerca de 4 mezes!

SPORT

Banhos de ar e banhos de sol

Magnifica renovação phisica

Uma inteessante communicação do «sportsman» e jornalista Johannés Dalbanne

Ha annos, em 1905, veiu a convite do dr. José Pontes, então redactor de sport do «Jornal da Noite», um jornalista sportivo, Johannés Dalbanne, então, como agora, considerado uma das mais omnipotentes auctoridades halterophilas do mundo. Athleta e propagandista, as suas opiniões eram respeitadas e mantinham uma escola propria. O seu prestigio levou-o a ser mais tarde um dos collaboradores do barão Pierre de Coubertin, em varios sports utilitarios, como os athleticos ao ar livre, os de patinagem e os do alpinismo.

Em 1895, Johannés Dalbanne veiu a Lisboa arbitrar um campeonato de força, organisado pelo dr. José Pontes, com responsabilidade administrativa do «Jornal da Noite», que foi o primeiro diario lisbonense a manter um noticiario firme de cultura phisica, educação gymnastica e sports. E desde então, Johannés Dalbanne manteve sempre um decidido interesse pelas coisas portuguezas, escrevendo com frequencia aos nossos propagandistas, dando ensinamentos e conselhos varios.

E' de Johannés Dalbanne, o seguinte artigo, que foi o inicio d'uma acertada campanha a favor dos banhos de sol e de ar:

«Exgottado pela existencia enervante da capital, victima d'um «surménage» intenso, um dos nossos amigos communs, Luiz Doerr, professor do jogo de socco, estava no principio do verão, em precario estado de saude. Por conselhos dos medicos da Faculdade, seguiu para a sua terra natal, uma risonha aldeia do cantão de Berne, Neuveville, perto do lago de Bienne, com o largo horisonte dos Alpes. E' um azilo ideal para aquelles que teem necessidade de um repouso reparador.

«Um dos sitios mais curiosos da região é a ilha de Saint-Pierre, no lago. Coberta de magnificos carvalhos e castanheiros e de muitas arvores de fructo, o seu encanto pittoresco e a sua belleza selvagem, são um attractivo não sómente para os estrangeiros mas para os naturaes que alli vão excursionar.

«Do seculo XII até á Reforma, a ilha foi habitada por monges que transformaram as margens em vinhas, pomares e jardins. O antigo convento é hoje um hotel.

«Em 1765, Jean Jacques Rousseau viveu ali dois mezes, até ao dia em que foi expulso por uma ordem dos senhores de Berne.

«A fama da ilha levou até lá Luiz Doerr. Explorou-a em todas as direcções, encantado com a solidão que ali encontrava. Resolveu effectivar, com os amigos Monsuiro, Schwob e irmãos Pienti, uma colonia para experiencia da cura pelos banhos de sol e de ar.

«O primeiro cuidado dos cinco athletas gymnastas foi o de edificar, n'um sitio dos mais tranquillos, uma cabana com troncos d'arvores e ramos para lhes servir de habitação. O seu uniforme era um calção de banho, que conservavam do nascer ao pôr do sol. De noite enroupavam-se melhor.

«A principio experimentavam algumas desagradaveis sensações, devidas ás caricias um pouco vivas do sol, mas a pelle endureceu depressa e as sensações deram logar a um bem estar e um conforto nunca experimentado.

«Passaram uma duzia de dias inolvidaveis, favorecidos por um tempo magnifico; o «box», a natação, a pesca e mesmo a caça aos coelhos bravos—que abundam na ilha—eram a sua occupação e ao mesmo tempo o seu divertimento.

«Todos vieram encantados d'esse «camping», cheios de vigor e de coragem, sentindo-se fortificados no seu corpo e na sua alma. Doerr, em particular, recobrou a saude. O seu peso passou de 51 a 57 kilos.

«A experiencia precisa renovar-se. E' necessario imital-os. Os que o fizerem hão-de reconhecer como certos homens de sciencia que: «os banhos de ar e de luz devem ser tidos entre os processos mais efficazes de curar as doenças e de as evitar».

Nota do dia

Trabalhos da Associação de Foot-ball

Não resta duvida que a Associação de Foot-ball mostra claros desejos de trabalhar e de acertar. Verifica-se o facto com as informações diarias que recebemos nos jornaes, completas, minuciosas, em ordem sobre coisas resolvidas e sobre desafios futuros. Ainda bem que assim succede e bem desejamos que assim continue.

As «communicações officiaes» que recebemos hoje dizem o seguinte:

«Na sua ultima reunião a direcção resolveu manter o castigo imposto á 2.ª cathegoria do C. Quebrada. Foi approvado o socio sr. Mario Pistachini. Reune hoje a commissão technica e ámanhã a direcção, pelas 21 horas. Foram homologados os seguintes desafios:

1.ª cathegoria:—Sporting venceu Imperio, por 6-0; Benfica venceu Lisboa F. C., por 3-0; 2.ª cathegoria:—Benfica venceu Internacional, por 4-1; Sporting contra C. Quebrada, marca 2 pontos; Imperio venceu Lisboa F. C., por 1-0; Victoria venceu Internacional, por 2-0; 3.ª cathegoria—Victoria venceu Sacavenense, por 2-0; Lisboa F. C. venceu Palmense, por 3-0; Benfica venceu Sporting, por 5-0; C. Quebrada venceu Imperio, por 2-1; 4.ª cathegoria: — Benfica venceu Imperio, por 8-0; Atheneu empatou com C. Quebrada, por 2-2; Sporting venceu C. Quebrada, por 2-0; Lisboa F. C. venceu Palmense, por 2-1; os desafios marcados para quarta-feira, 1 de dezembro, são os seguintes: 1.ª cathegoria:—Benfica contra Internacional, em Sete Rios, ás 15 horas; juiz o sr. Luiz P. de Sousa; 2.ª cathegoria:—Lisboa F. C. contra Benfica, no C. Grande ás 13 horas; juiz o sr. Luciano Simões; Sporting contra Imperio, no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. Mario Monteiro; 3.ª cathegoria:—Lisboa F. C. contra Imperio, no C. Grande ás 11 horas; juiz o sr. Francisco Vieira; Sacavenense contra Benfica, em Sete Rios, ás 13 horas; juiz o sr. João Sá; 4.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Atheneu, no C. Grande ás 15 horas; juiz o sr. A. Torres Pereira; Imperio contra Palmense, em Palhavã, ás 13 horas; juiz A. Franco d'Araujo.

Algumas anecdotas

Um juiz que conhecia as coisas de sport

A scena passou-se no tribunal correccional de Highgate, perto de Londres, em março do anno passado.

O réu, um «pobre diabo», culpado de se atrazar alguns mezes de aluguer de casa, dirigindo-se ao juiz, queixou-se de que o senhorio o tinha ameaçado e ainda desafiado para um combate de «box».

—Porque não acceitou o repto pela totalidade da sua divida? disse-lhe o magistrado.

—Tem razão, mas ainda estou a tempo de o fazer; se o consente...

—Tem a devida auctorisação.

O «match» realisou-se e o locatario perdeu por «knock-out» e ficou com a cara esmurrada!

—Antes gastar tres schilings na pharmacia, que pagar muitas libras! Abençoado juiz!...

Noticias

Entre nós

Centros hippicos

A equitação é seguramente um dos ramos de «sport» que entre nós tem maior voga, apesar de ser um dos mais dispendiosos. Deve-se esse facto talvez á fecunda propaganda resultante da realisação continua de grandes torneios e da exhibição elegantissima que alguns dos nossos centros hippicos usam fazer de vistosas cavalgadas. O certo é que este «sport», de reconhecidas vantagens hygienicas e physicas, é praticado hoje por centenas de amadores entre os quaes são numerosas as senhoras. E todos os dias augmentam os alumnos por toda a parte, como, segundo nos informam, ainda estes dias se notou na Escola de Educação Physica, o picadeiro que Silveira Ramos e Carlos Velloso, dirigem ha tempo. Dizem-nos que n'estes ultimos dias se teem inscripto muitos alumnos e dizem-nos nomes, de entre os quaes escolheremos os seguintes: mesdemoiselles Maria Empis, Ilda Dias, Maria Andrade, Vera Borges, Bertha Costa, Alice Rumeira, Alberta Faria, Anna Paula Simões, Bertha Andrade, Dulce dos Santos, dr. Augusto Vaz, Augusto Seixas, dr. Orlando Rego, dr. Augusto Lage, Octavio Costa, Mario Costa, Fernando Bandeira de Mello, Raul Gilman, Raphael Vianna, etc.

Torneios da lucta da Federação

E' no proximo domingo que se effectua, no gymnasio da Escola Academica de Lisboa, o campeonato de lucta organisado pela Federação Portugueza de Sports, e para o qual estão inscriptos grande numero de concorrentes.

O mez de dezembro do foot-ball

A Associação de Foot-ball de Lisboa communica officialmente que foram marcados os seguintes desafios para o mez de dezembro:—Dia 5: 1.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Imperio, no C. Grande, ás 15 horas. 2.ª cathegoria, C. Quebrada contra Victoria, em Benfica, ás 15 horas; Internacional contra Lisboa F. C., nas Laranjeiras, ás 12,30 horas. 3.ª cathegoria, C. Quebrada contra Palmense, em Benfica, ás 13 horas; Sporting contra Victoria, no Lumiar, ás 13 horas. 4.ª cathegoria, Benfica contra Sporting, em Sete Rios, ás 13 horas; C. Quebrada contra Lisboa F. C. em Benfica, ás 11 horas.

Dia 12: 1.ª cathegoria, Sporting contra Internacional, no Lumiar, ás 15 horas. 2.ª cathegoria, Benfica contra Imperio, em Sete Rios, ás 13 horas; Sporting contra Victoria, no Lumiar, ás 13 horas. 3.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Benfica, no C. Grande, ás 13 horas; Sacavenense contra Palmense, em Palhavã, ás 11 horas. 4.ª cathegoria, Atheneu contra Palmense, em Palhavã, ás 13 horas; Imperio contra Sporting, em Palhavã, ás 12 horas.

Dia 19: 1.ª cathegoria, Benfica contra Imperio, em Sete Rios, ás 15 horas. 2.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra C. Quebrada, no Campo Grande, ás 13 horas; Internacional contra Imperio, nas Laranjeiras, ás 13 horas. 3.ª cathegoria, C. Quebrada contra Victoria, em Benfica, ás 13 horas; Sporting contra Imperio, no Lumiar, ás 13 horas. 4.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Benfica, no C. Grande, ás 11 horas; C. Quebrada contra Palmense, em Benfica, ás 11 horas.

Dia 26: 2.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Victoria, no C. Grande, ás 13 horas; C. Quebrada contra Imperio, em Benfica, ás 13 horas. 3.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Sacavenense, no Campo Grande, ás 13 horas; C. Quebrada contra Sporting, em Benfica, ás 11 horas. 4.ª cathegoria, Imperio contra Atheneu, em Palhavã, ás 12,30 horas; Sporting contra Lisboa F. C. no Lumiar, ás 12,30 horas.

Colyseu dos Recreios

O extraordinario successo do «Sonho Tragico»

Continua o grandioso successo do extraordinario mimodrama o *Sonho Tragico*, bello trabalho artistico e de coragem do denodado domador Marck e da pequena Ivonne Marck. O publico enche todas as noites o Colyseu e sahe d'ali assombrado com maravilhoso trabalho.

O programma é sempre variado e surprehendente, entrando n'elle as grandes celebridades da companhia de circo, que está sendo constantemente renovada. Brevemente teremos uma estreia sensacional.

PEQUENAS NOTICIAS

Na parada do quartel do Carmo executa amanhã, das 13 ás 14 1/2 horas, a banda da guarda nacional republicana o seguinte programma: «Patrie», ouverture dramatique, Bizet; «Rapsodia em ré», Liszt; «5.ª symphonia: 1.º tempo, «alegro com brio,» 2.º tempo, «andante com motos», 3.º tempo, scherzo (alegro), 4.º tempo, «alegro finale», Beethoven.

—A junta de parochia da freguezia dos Anjos avisa todos os subsidiados da Assistencia Publica, residentes n'esta parochia para irem á séde da junta, visar os seus subsidios. Os que não forem visados correm o risco de serem anullados.

No Conservatorio

Distribuição de subsidios

Realisa-se no proximo domingo, pelas 14 horas, a sessão solemne para a distribuição do subsidios e entrega dos diplomas aos alumnos da Escola de Musica premiados no anno lectivo findo.

Haverá depois o concerto em que tomam parte alguns dos mais distinctos alumnos das differentes classes.

A GUERRA NA SERBIA

A situação

Salonica, 17 de novembro

Ainda não foi confirmada a noticia da retirada dos serbios do desfiladeiro de Babuna; informações de fonte auctorisada dizem que hontem continuavam ainda resistindo, e á hora actual, é impossivel prever o resultado da lucta. Apoiados dos competentes e combatendo no desfiladeiro de Babuna tem apenas caracter local, entre a descida dos bulgaros em grande numero de Tetovo sobre Gustivar e Kuchevo constitue um movimento sobremaneira ameaçador, e capaz de comprometter a situação dos serbios.

Na margem esquerda do Cerna as circumstancias são mais animadoras; os francezes manteem solidamente as suas posições, e hontem pelas quatro horas da tarde os bulgaros retiravam para o norte, tendo comprehendido a impossibilidade de romperem a linha franceza.

N'esta frente soffreram os bulgaros importante perdas, e a licção que receberam por certo ha de produzir uma funda impressão no resto das tropas.

A artilharia franceza continua a bombardear os comboios bulgaros na frente do Strumitza, tendo as forças bulgaras evacuado a posição do Kasturino que se tornava insustentavel; um certo numero de desertores bulgaros da região Strumitza chegaram á fronteira serbia, entregando-se ás auctoridades.

Na região de Gradeko, os bulgaros estão retirando para o norte.

Diz um telegramma que os officiaes gregos em observação nas alturas proximo da fronteira da Grecia communicaram que a artilharia continua fazendo fogo durante todo o dia nos dois lados da linha que vae de Krivolak a Strumitza, cahindo grande numero de obuzes n'esta ultima região.

Pela tarde sobreveiu um espesso nevoeiro, mas o canhoneio continuou.

Noticias chegadas esta noite de Monastir dizem que a população possuida do panico abandona apressadamente a cidade por causa do avanço dos bulgaros pelo lado de Gutivar; em consequencia d'este movimento, os servios que occupam o desfiladeiro de Babuna vão ser obrigados a recuar para não serem envolvidos. Muitos ministros estrangeiros estão deixando Monastir com destino á Salonica.

Admiravel resistencia serbia

Constança, 17 de novembro

Diz o correspondente da *Gazeta de Francfort*:

«E' verdadeiramente admiravel a resistencia dos serbios. Ao avesso da tactica empregada por todos os exercitos, os servios reservam para o ultimo momento as suas tropas melhores; é agora, no interior do paiz, que encontramos as tropas genuinamente serbias compostas de soldados aguerridos e de novos recrutas.

Com grande habilidade e energia conseguiram salvar os comboios e os canhões, deixando á retaguarda o encargo de deter o inimigo».

A viagem d'um correspondente do «Times»

Londres, 17 de novembro

O *Times* recebeu do seu correspondente em Vodena o seguinte telegramma datado de 15:

«Cheguei agora de Monastir, onde hontem á noite as auctoridades se preparavam para evacuar a cidade por causa do avanço dos bulgaros que já occuparam Krutchovo.

Vim de Milrovitza para Monastir. Vim pela difficil e perigosa estrada do Akrida a Dibia e Pregrend; a viagem durou onze dias. A estrada, de que dois terços só pode ser percorrida a cavallo, passa por uma região habitada por tribus albanezas muito perigosas. Parece que os serbios ainda as manteem sujeitas, mas se continuam a soffrer novos desastres é natural que se sintam tentados a reconquistar a sua independencia.

Depois de ter ali passado disseram-me que uma villa albaneza se tinha revoltado tendo havido tiroteio entre a população e os gendarmes servios.

Deixei Mitwitza em 4 d'este mez; os diplomatas e os ministros servios acabavam de chegar, vindos do Kralievo, que o inimigo occupava depois.»

As atrocidades allemãs

Paris, 17 de novembro

A legação da Serbia communicou a seguinte nota:

«Em um artigo, sob a epigrapho «A agonia d'um povo», descreveu o sr. Seippel, professor da Universidade de Zurich, no «Jornal de Genebra, em termos emocionantes a actual situação do nosso povo comparando-a á do povo suisso em 1315.

Mas, escreve o articulista, o que foi a batalha de Morgasten comparada com as batalhas sustentadas pelos serbios, atacados por todos os lados pelos mais fortes exercitos que até hoje teem apparecido!

Terminando, o sr. Seippel chama a attenção para o que se deve estar passando a esta hora na Serbia investida por toda a parte.

Os boletins allemães, austriacos e bulgaros, diz, adoptam precauções oratorias que fazem estremecer; receamos muito que o que se passou na Belgica fique muito abaixo do que se vae passar na Serbia.

O sr. Seippel pede para que se faça luz sobre a situação, e conclue assim:

«Desde o começo da guerra que incessantemente vimos pedindo a nomeação de commissões neutraes que deviam, nos locaes dos acontecimentos, proceder a inqueritos de indiscutivel authenticidade. Tornamos hoje a repetir o pedido a favor da Serbia. E visto que para isso se exige a auctorisação dos dois belligerantes, apontamos o seguinte dilemma: ou as potencias centraes nada tendo a temer, dão com difficuldade essa auctorisação, ou a recusam e, n'este caso, provam a sua culpabilidade.

Quanto aos desmentidos officiaes, ninguem nos paizes neutraes lhes dá credito. Não se pode ser juiz em causa propria.—(*La Petit Gironde*).

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 22.—Continuam com actividade e boa orientação as diligencias que se prendem com o importante roubo do thesouro da Sé.

—A Cantina Escolar Dr. Bernardino Machado, a fim de commemorar o seu 4.º anniversario, offereceu hoje, pelas 14 horas, um jantar a 50 creanças das escolas officiaes da freguezia da Sé Nova, realisando em seguida uma interessante conferencia a sr.ª D. Christina Torres.

—Foram collocados na Escola Normal d'esta cidade como continuo o sr. José Bento Correia, que exercia o mesmo logar na extincta circumscripção escolar, e como professor do mesmo estabelecimento, o sr. José da Costa Henriques.

Movimento maritimo

Vigo e Inglaterra, «Araguaya» (Braz.) 25

Dunajec, nem o inimigo poderá avançar para Brest com a rapidez sufficiente para cortar a retirada do exercito de Varsovia ou do que está ao sul d'este».

A 2 de julho os austriacos foram forçados a evacuar Krasnik; o avanço austro-allemão foi detido quasi ao longo de toda a linha. A não ser um insignificante avanço n'um unico ponto proximo de Studzianki, a leste de Krasnik, nenhum outro progresso foi alcançado pelo inimigo a 3 de julho. No dia seguinte, os austriacos tornaram a entrar em Krasnik, retendo os russos em seu poder as posições na floresta a nordeste da cidade e em roda da aldeia de Budzyn.

No dia 5, soffrendo perdas terriveis causadas pelas metralhadoras russas, os austriacos conseguiram occupar a aldeia e conquistarem tambem consideravel porção de terreno ao norte de Krasnik. O exito d'esse dia estava, comtudo, destinado a ser durante algum tempo o maior do seu avanço.

A lucta de 5 para 6 de julho marcou o inicio d'uma nova phase. Na linha do baixo Vyznica, Urzendowka e do alto Bystrzyca, os russos começaram a sua contra-offensiva. Um exercito austro-allemão composto de pelo menos cinco corpos estava concentrado n'aquella região sob o commando do archiduque José-Fernando. Só ao norte de Krasnik estavam amontoados trez corpos de exercito austro-hungaros.

No flanco esquerdo o exercito do archiduque estava em contacto com o do general Woyrsch; á direita, juntava-se com as forças de Mackensen. No dia 5, o mesmo em que avançou para o norte de Krasnik, o inimigo soffreu um serio revez no flanco oriental.

«O communicado official russo do dia 6 diz:

«Na fronte entre o Vistula e o Bug uma violentissima lucta se deu no domingo á noite e na segunda-feira de manhã no sector Urzedow-Bychawa. A offensiva inimiga a leste de Krasnik foi detida por um golpe que vibrámos no flanco do inimigo nas alturas a noroeste de Vilkolaz, onde lhe infligimos serias perdas, fazendo durante a manhã de segunda-feira mais de 2.000 prisioneiros e 29 officiaes, emquanto cerca de 2.000 cadaveres inimigos ficaram em frente das nossas linhas».

No dia seguinte, os russos continuaram a sua offensiva. Ao longo da estrada Krasnik-Vilkolaz-Lublin e dos rios Bystrzyca e Kosarzewka, desenvolveram com exito o contra-ataque do dia anterior. O communicado official do dia 7 diz a tal respeito:

«O inimigo foi forçado a passar á defensiva. Durante o dia tomámos na sua fronte nada menos de 2.000 prisioneiros e apoderámo-nos de muitas metralhadoras».

Para parar o golpe e impedir um maior avanço dos russos, o archiduque, ao que parece, dirigiu as suas principaes forças para o valle do Bystrzyca, na extremidade oriental dos bosques de Krasnik. Na tarde de 9 de julho, os russos estavam ameaçando envolver o flanco occidental das forças que se encontravam proximo de Vilkolaz e no Bystrzyca. Foi principalmente a valente resistencia offerecida pelas tropas que conseguiram manter-se na cota 118, ao sul de Vilkolaz Gorny, que salvou os austriacos de um maior desastre. Mesmo assim, as suas perdas foram grandes, pois só prisioneiros foram feitos mais de 15.000.

E, não tendo ainda artilharia sufficiente para os apoiar, os russos não podiam levar além a sua victoria e desalojar a guarnição que estava occupando as posições entrincheiradas da cota 118. Tinham de parar na linha do Urzendowka e contentarem-se em ter detido, de momento, o avanço do inimigo.

No dia 9 de julho terminou a primeira phase do avanço austro-allemão de Lwow para Varsovia. Uma absoluta acalmia de quasi uma semana se seguiu á batalha de Kras-

sas partiram e quando as posições são finalmente tomadas apenas uma força da retaguarda da cavallaria é encontrada guarnecendo as trincheiras. O grosso d'essa cavallaria, habitualmente, foge a galope, deixando os austriacos exhaustos n'uma linha tão difficilmente conquistada e com a certeza de que os russos estão a alguns kilometros esperando-os, para repetirem a mesma tactica».

A 26 de junho, os russos estavam na linha do Gnila Lipa e no dia seguinte os austriacos iniciaram a sua offensiva contra ella. Mais violentos, porém, eram os ataques do norte, na região e contra a cidade de Glinany.

O communicado official russo de 28 de junho diz a tal respeito:

«Ahi, no decurso dos ataques, fizemos prisioneiros pertencentes a todos os regimentos da quarta divisão austriaca. Repellido para o seu ponto de partida, o inimigo conservou-se inactivo no dia seguinte».

Entre 26 e 30 de junho a lucta estendeu-se ao longo de quasi toda a linha do Gnila Lipa, em redor de Bursztyn, Rohatyn, Firlejow e Przemyslany, e ainda mais para o norte, a oeste do alto Bug, proximo de Kamionka, Mosty Wielkie e Krystynopol.

Só no ultimo dia do mez é que o inimigo concentrou forças sufficientes para effectuar a travessia do rio proximo de Rohatyn. No dia d'essa «derrota», os russos puderam ainda tomar 2.000 prisioneiros e muitas metralhadoras.

Os russos continuaram a retirar para o Narajowka, mas não tinham tenção de occupar essa linha. A retirada para o Zlota Lipa havia sido prevista e planeada com muita antecedencia. Em 28 de junho, o correspondente do «Times» dizia de Petrogrado que «uma retirada para o Zlota Lipa, que se presta mais para a defeza do que o Gnila Lipa, está prevista nos circulos militares».

Essa linha foi alcançada a 4 de julho e, na realidade, prestava-se maravilhosamente á defeza. Os pantanos no valle e as collinas e florestas que ficavam além d'ella e mais para o sul o desfiladeiro offereciam magnificos locaes as novas posições russas.

O seu flanco esquerdo ficava no famoso circulo do Dniester entre Nizniow e Zaleszczyki. O general commandante d'uma divisão de cavallaria cossaca que estava defendendo parte d'aquella linha assegurou ao correspondente do «Times» que essas posições podiam, na sua opinião, ser defendidas por tanto tempo quanto fôsse necessario. Essas palavras sahiram verdadeiras. Nada se soube de novo d'aquella região até fins d'agosto.

A fortaleza de Halicz, que era da maior importancia para os russos emquanto as suas forças estivessem nas posições mais avançadas a oeste, havia perdido o valor com a retirada para o Zlota Lipa.

O rio Narajowka era a ultima linha que podia assegurar ainda a defeza de Halicz. Desde que essa linha fôsse abandonada, o persistir na defeza da fortaleza teria exposto a sua guarnição ao perigo de ser aprisionada.

Halicz era a ponte-cabeça mais poderosa no Dniester. Ficando a meio d'um grande numero de torrentes é, porém, protegida do sul por extensas florestas. Tinha sido primeiramente fortificada pelos austriacos; os russos accrescentaram-lhe trez novas linhas de defezas. O perimetro das suas fortificações abrange dez-seis kilometros. Uma ponte de caminho de ferro e cinco de madeira atravessam o rio a dentro das linhas de Halicz.

Os austriacos chegaram ás suas proximidades na primeira semana de junho. Todo o corpo d'exercito do general Hoffmann se empregou no sitio d'essa ponte-cabeça. Onze baterias d'artilharia pezada austriaca, incluindo uma de morteiros de 30,5 cm., foram assestadas contra as suas fortificações.

Ao fim d'uma quinzena de arduo trabalho o inimigo conseguiu tomar as duas linhas exteriores da fortaleza. Depois, os austriacos deitaram minas na corrente, para, carreadas

pela agua, irem d'encontro ás pontes de madeira e as fazerem ir pelos ares. E conseguiram assim destruir algumas.

Não podiam permanecer grandes forças na margem direita do Dniester, isto é, na margem sul, e fizeram-se preparativos para a evacuação de Halicz. A retirada de tropas

O dr. Lasson, professor de philosophia na Universidade de Berlim

na região mais ao norte tornou inevitavel o abandono da defeza d'esse rio. A 27 de junho, a parte de Halicz que fica ao sul do rio passou para as mãos dos austriacos; na sua retirada, os russos fizeram saltar as pontes que ainda havia, incluindo a grande ponte do caminho de ferro.

Mas a sorte favoreceu o inimigo; durante a noite um denso nevoeiro pairou sobre o Dniester. A coberto d'esse nevoeiro a engenharia austriaca poude substituir a parte destruida da ponte da linha ferrea por uma de madeira. Durante a noite de 28 para 29 de junho uma divisão austriaca completa, sob o commando do general Fleischman, conseguiu atravessar o rio e apoderar-se da parte norte de Halicz.

A queda d'essa parte da fortaleza foi prematura para os russos. Se os austriacos tivessem mantido e dilatado as suas posições n'aquelle districto, poderiam ter dado um perigoso ataque contra o flanco dos exercitos russos que estavam retirando para o Zlota Lipa. N'uma grande batalha pelejada a 30 de junho os russos repelliram o inimigo para a margem do rio.

Depois, nos primeiros dias de julho, retiraram de Halicz, seguindo o movimento geral do flanco esquerdo dos exercitos do general Ivanoff.

Com a queda de Halicz as ultimas tropas pertencentes ao exercito de von Linsingen atravessaram o Dniester. Depois de 1 de julho só o exercito do barão von Pflanzer-Baltin permanecia ao sul do Dniester, emquanto o de von Linsingen occupava a linha do Zlota Lipa entre Nizniow e Gologory. O segundo exercito austro-hungaro, commandado por von Boehm-Ermolli, tinha no emtanto chegado ao alto Bug; o terreno entre elle e o contiguo undecimo exercito allemão, que estava sob o commando directo do feld-marechal von Mackensen, parece ter sido o districto ao norte de Sokal.

Entre 22 e 28 de junho quasi progressos alguns ao norte foram feitos pelas tropas austro-allemãs entre o Vistula e o Bug. Apenas no recanto entre o Vistula e o San e a oeste do Vistula, na região de Opatow, o inimigo continuou a avançar. A 25 de junho os russos recuaram das suas posições ao sul do San, assim como de Sandomierz e de Opatow.

Quando a nova offensiva austro-allemã começou a leste do Vistula, a frente entre esse rio e o Pilica estendia-se de Zavichost por Ozarow e Sienno até Novemiasto.

A nova offensiva começou d'uma fórma brilhante. Durante alguns dias pareceu que os exercitos austro-allemães iam abrir caminho facilmente, que romperiam as linhas

russas, se apoderariam do caminho de ferro Lublin-Cholm e avançariam, provavelmente, por Vlodava, ao longo do Bug, com uma rapidez que forçaria os exercitos russos no districto do Vistula a renderem-se em massa.

N'um unico dia os austriacos atravessaram a difficil região do Tanev, que é coberta de florestas e de pantanos. Ambos os exercitos tinham de guardar os poucos caminhos que atravessam os pantanos. Ao longo dessas passagens a artilharia austriaca podia abrir caminho facilmente e com serias perdas para o lado defensor, se os russos tentassem offerecer resistencia. Por isso, nenhuma tentativa séria foi feita para impedir a passagem.

O decimo corpo de exercito austro-hungaro, que pertencera anteriormente ao terceiro exercito sob o commando do general Borojevic von Bojna e desde a queda de Przemysl fôra incluido no exercito do archiduque José-Fernando, avançou pela estrada que seguia de Krzeszow para Bilgoraj. Tendo atravessado o Tanev proximo de Harasiaki, voltou para norte e pela estrada de Janow chegou a Modliborzyce no Sanna. D'ahi começou, a 30 de junho, o seu avanço contra Krasnik.

Entretanto as outras unidades do quarto exercito austro-hungaro e a ala esquerda e o centro do undecimo exercito allemão não tinham encontrado resistencia ao avançarem para o norte. Atravessaram a fronteira russa, ao norte de Cieszanow e Rava Ruska, e occuparam Tomaszow a 28 de junho.

No dia seguinte chegaram a Zaklikow, a dezeseis kilometros de Modliborzyce, e a Frampol, a cerca de vinte e nove kilometros a oeste de essa aldeia. No mesmo dia as tropas sob o commando do general von Woyrsch retomaram do oeste o seu avanço contra o Vistula; a 30 de junho alcançaram as alturas ao sul de Tarlow, aldeia situada no recanto entre o Kamienna e o Vistula.

A leste do Vistula as tropas austro-allemãs haviam no emtanto occupado Turczyn no Por e Zamosc no Volica. Zamosc fica exactamente a meio caminho entre as posições que o inimigo occupava a 28 de junho em roda de Cieszanow e de Plazow e a linha do caminho de ferro Lublin-Cholm, que era o seu objectivo immediato.

A 1 de julho as forças austro-allemãs atravessaram o Por; mais a oeste os austriacos chegaram ao rio Vyznica e occuparam Krasnik. No mesmo dia, pelas 5 horas da tarde, conseguiram apoderar-se da ponte-cabeça de Jozefow, proximo da foz do Vyznica; dilataram a sua occupação n'aquelle districto no decurso da noite seguinte. Era, comtudo, o fim do seu rapido avanço.

Haviam chegado á linha ao longo da qual os russos tinham resolvido offerecer vigorosa resistencia ao seu avanço. Na linha Jozefow-Krasnik-Plouka, ao longo da qual a batalha se desenvolveu no dia 2 de julho, os russos tinham a vantagem das communicações. Verdade seja que não era grande a differença na distancia que a separa da linha Ivangorod-Lublin-Cholm e dos caminhos de ferro da Galicia, mas a primeira é muito superior em estructura—os caminhos de ferro da Galicia proximo da fronteira do norte são ramaes de uma só via.—Comtudo, o terreno intermedio é aberto e atravessado por excellentes estradas, ao passo que as linhas de communicação ao sul, especialmente do sector occidental, são marginadas por pantanos e areaes.

A linha ao sul do caminho de ferro Lublin-Cholm estava n'esse momento occupada por dois exercitos russos. O exercito do general Loesche occupava as posições ao norte de Krasnik; á sua esquerda estava o exercito do general Everts.

O correspondente do «Times», a quem já nos referimos, Stanley Washburn, que visitou as posições do exercito do general Loesche, escreveu:

«Excellentes obras de defeza foram preparadas e tenho a certeza de que, seja qual fôr o movimento allemão contra ellas, não resultará coisa semelhante á empreza do

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1907—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º | LISBOA—Quinta-feira, 25 de Novembro de 1915 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica,71 | Preço 1 centavo

Dissidentes

Como hontem «A Capital» houvesse recordado que o partido unionista, logo que o movimento das espadas triumphou, precipitando do poder o gabinete Azevedo Coutinho, se mostrou surprehendido por não ter sido chamado a constituir governo, a «Lucta», orgão d'esse partido, acóde a perguntar, n'um estylo que se não póde considerar de superior conselho, acóde a reptar-nos que provemos essa affirmação, com esta arrogante pergunta: «Onde viu «A Capital» essa surpreza.

E' facil provar á «Lucta» que não inventámos, como não mentimos, nem esquecemos. «A Capital» viu essa surpreza bem claramente expressa em artigos publicados na «Lucta», pelo director d'esse jornal e chefe do partido unionista, o sr. Brito Camacho.

Com effeito, em 28 de janeiro, ou seja trez dias depois do movimento das espadas ter triumphado, levando ao poder o sr. Pimenta de Castro, eis o que dizia na «Lucta», em artigo de fundo, o sr. Brito Camacho, director d'um jornal e chefe do partido unionista:

«Agora mesmo, aberta a crise ministerial, e sendo inegavel que á União Republicana competia ser chamada para formar ministerio, agora mesmo ella mostra o seu desinteresse, porquanto, affirmando o seu direito a governar, não procurou fazer valer esse direito perante o chefe do Estado, antes lhe affirmou o seu respeito pelo uso que elle fizera da prerogativa que lhe confére o artigo 47.º da Constituição.

E accrescentava mais adeante:

«Não foi agora chamada ao poder, tendo a elle incontestavel direito. Oxalá nos enganemos; mas é nossa convicção que se commetteu um erro grave que não será facil reparação.»

Não representará isto uma surpreza? Nós poderiamos talvez até chamar-lhe decepção, queixume, ou expressão d'um injusto aggravo recebido. Mas só surpreza que fôsse, e isso era-o inegavelmente, ella não deixava de ser um espinho cravado na pergunta do partido unionista. Prova-o o facto de dois dias depois, em 30 de janeiro, o sr. Brito Camacho, director da «Lucta» e chefe do partido unionista, tornar a exprimir a sua estranheza pela solução da crise promovida pelo movimento das espadas.

«Foi pouco demorada a crise,—dizia elle—mais ainda teria sido menos demorada, se a União Republicana, como tudo indicava, tivesse sido chamada ao poder.»

O desplante da interrogação da «Lucta», visivelmente criminatoria, soffre assim, do seu proprio chefe, o desmentido severo.

Mas a questão é mais séria, e não são meia duzia de apostrophes, em phraseologia caracteristica, que pódem desvial-a do exame que os interesses nacionaes e da Republica suggerem. A questão está em que existe um partido, na politica portugueza, que os seus actos e as suas palavras auctorisam a suppôr como tendo enveredado no trilho da celebre facção dissidente, a cuja acção dissolvente não resistiu um regimen.

Os dissidentes progressistas eram o essencialmente do espirito monarchico, e a sua influencia tão demagogica se revelou que nem sequer se integraram no espirito republicano. Do espirito republicano se teem revelando dissidentes os unionistas, e é esse o ponto grave que necessita ser bem fixado, para que se não preste a subterfugios.

Com effeito, não se póde adaptar ao espirito republicano, que é o espirito da democracia, e por isso mesmo inspirador de principios tão essenciaes como a supremacia do poder civil, a attitude d'um partido que resolveu apoiar um governo, sahido da indisciplina nas camadas superiores do exercito.

Não era assim que o partido unionista considerava o famoso movimento das espadas?

Era. A prova está n'este trecho d'um artigo do sr. Brito Camacho, chefe do partido unionista, publicado na «Lucta» de 15 de fevereiro:

«A disciplina militar soffreu bastante com o safanão revolucionario de 5 de outubro; quer-nos parecer que soffreu ainda mais com os successos de 25 de janeiro.»

Reconhecia-se a situação, apontava-se o mal produzido, e todavia apoiava-se, e no dia seguinte ao da manifestação dos officiaes ao general Pimenta de Castro, o chefe unionista que depois declarou que não lhe reconhecia nenhuma competencia politica e que sabia que no seu governo estavam monarchicos, como o sr. Gomes Teixeira, e republicanos de tirar e pôr, á maneira dos collarinhos de borracha, o sr. Guilherme Moreira, vinha dizer ao seu publico que sentia a alma jubilosa como se n'ella reflorisse a esperança emurchecida.

Que esperança era essa?

Essa esperança era de ser possivel pescar nas aguas turvas o almejado bolo do poder, pela inauguração de eras em que a soberania popular, á força da opinião, seriam relegadas para um segundo plano, tendo probabilidades seguras de exito as aventuras felizes, em que temos o direito de incluir o movimento das espadas, mas aventuras felizes deante das quaes a «Lucta» nos assegura que ha sempre quem curve a espinha, como deante do movimento das espadas tanta se curvou.

Semelhante criterio, se criterio lhe podemos chamar, e não a fluctuação de inconfessaveis ambições politicas, não é o criterio de homens de principios, não é o criterio d'um partido com ideas assentes e um programma estabelecido. E' apenas o reflexo de paixões e interesses que só podem envenenar a politica da Republica, como os dissidentes envenenaram a politica da monarchia.

Poeira da Arcada

Estamos em pleno regime de separação de funccionarios. Hontem, a lista do ministerio das finanças; amanhã, a do ministerio da instrucção. As pessoas que forem miopes quasi ficam com um horisonte para alargar as vistas e as... cubiças.

* * *

Quando um velhaco intelligente quer pregar grossa partida aos ingenuos, faz-lhes crer que as suas intenções são puras e os seus principios elevados e nobres. Apenas seguro do seu auditorio executa o golpe premeditado. Os logrados gritam, berram e barafustam. Trabalho vão. No meio da vozearia e do tumulto, apparecem outros ladinos que, fazendo côro com elles, os não exploram com menos proveito. Ao perceberem o segundo logro, ficam attonitos, boquiabertos, Começa então o paraizo das moscas, que tambem propagam os seus microbios.

* * *

Um grave homem, que estuda com afinco o theatro moderno, affirmou-nos que a cultura e a educação de um povo se avaliam pela sua litteratura dramatica. Já Montaigne dizia que, n'este mundo, tudo é mania e opinião. Cada qual tem as suas, Quando alguem se convence de que está na posse da verdade, entra n'um estado perigoso de dogmatismo que o torna intratavel como um tojo ou um ouriço.

Pelo telegrapho

Os italianos repellem os contra-ataques austriacos

ROMA, 24.—O inimigo contra atacou violentamente as posições que conquistamos recentemente em Coldilama, na zona de Zagova e ao norte de Oslavia, mas em toda a parte foi repellido com importantes perdas. No Carso obtivemos um importante successo na zona do monte San Michel, onde tomámos os entrincheiramentos ampliados. Repelimos um importante contra-ataque e fizémos 514 prisioneiros.—(*Havas*).

A lucta na Russia

PETROGRADO, 24.—Official. Na região do Riga a situação permanece calma até ao Pripet, tendo havido apenas alguns recontros, onde obtivemos vantagens. Na margem esquerda do Styr, escaramuças, continuando o combate em Koglinitchis. Não houve alteração no resto da linha.—(*Havas*),

CHRONICAS DE PARIS

Gustave Hervé e o futuro

O respeito da França pelo principio das nacionalidades—Novos Estados na Europa—As theorias socialistas e a guerra—A grande familia das nações—A nação armada e a caserna transformada em escola—O futuro das ideias democraticas e liberaes

Na redacção da «Guerre Sociale», á hora fixada para a minha «interview» com Gustave Hervé, vae uma azafama immensa. O vasto corredor está cheio de militares e civis que entram, sahem, e se cruzam com empregados que passam sobraçando massos de jornaes; outros curvam-se junto dos «guichets» sollicitando qualquer informação; alguns esperam pacientemente o momento de serem attendidos. Toda a gente está occupada, e receio bem, perante esse primeiro aspecto, que a minha entrevista se não possa realisar ainda. No entanto, o continuo a quem entrego o meu cartão para o passar ao director do jornal, convida-me um minuto mais tarde a entrar n'um pequeno gabinete onde Gustave Hervé me espera. Esse homem forte, cujos artigos tanta vez inflammaram as multidões dá-me ao primeiro relance uma grande impressão de serenidade e de bondade. Exponho-lhe, em meia duzia de palavras, a razão da minha vinda: ouvil-o sobre o futuro, sobre as consequencias da guerra, sobre a influencia d'ella nas theorias pacifistas, sobre o desenvolvimento das ideias sociaes. O vigoroso jornalista, que a «União Sagrada» nobremente collocou á frente dos patriotas francezes, responde-me em voz baixa, tranquilla, perfeitamente calma:

—Todos nós em França trabalhamos para a victoria e temos n'ella intensa e absoluta confiança. Essa victoria ha-de representar, antes de tudo, uma garantia de paz, porque, em França, respeitamos absolutamente o principio das nacionalidades, não só d'aquellas que, embora pequenas pelo territorio, são grandes pela Historia— como o caso de Portugal, mas até das que tendo um territorio proprio não formam já hoje um Estado, como a Polonia, e ainda das que nem sequer territorio possuem, como a nação judia.

«Na «Guerre Sociale» pensa-se que todas ellas devem ser respeitadas, desde que apresentem as indispensaveis caracteristicas de lingua e de cultura, e devem respeitar-se em nome do direito e em nome da paz social. Ao terminar a guerra encontrar-nos-hemos na presença de varias nações, sobretudo no centro da Europa, que possuem uma nacionalidade bastante pronunciada para não deverem ser assimiladas por Estados mais poderosos. Ahi tem, por exemplo, a Polonia, com os seus vinte milhões de habitantes, que conservam, atravez de todas as provações soffridas, o seu caracter nacional perfeitamente integro. Por outro lado, os rumenos teem o direito de viver n'um só estado rumeno. Os serbios, os croatas, os slovenios encontram-se no mesmo caso. Quanto aos tcheques, apezar da mistura de elementos germanicos que existem entre elles, é manifesto que não devem supportar por mais tempo o jugo allemão, que é o jugo do conquistador.»

Que destino se dará a esses elementos?

—E' difficil expulsal-os, mas ali, os allemães devem necessariamente obedecer á maioria da nação, e a maioria da nação é tcheque.

«Deixe-me pois insistir sobre este ponto: somos partidarios do respeito pelos laços nacionaes, e hoje pensamos que é no quadro das nações que a civilisação póde e deve evoluir.»

—E as ideias socialistas? E as theorias da «Internacional»?

—Virá talvez um dia em que as ideias generosas da «Internacional» farão esquecer certas particularidades do caracter estrictamente nacional, e em que o quadro das nações a que me referi se ha-de alargar ou mesmo romper—mas a evolução intellectual do mundo e mesmo a evolução economica não póde ser hoje assegurada senão com a realisação das aspirações nacionaes de todos os pequenos povos.

«As nações hão-de formar um dia uma grande familia, mas isso realisar-se-ha somente quando os membros d'essa familia deixarem de protestar contra a injustiça que lhes teem feito e não formularem mais recriminações contra os outros membros da mesma familia mais fortes ou mais audazes. De resto, estamos persuadidos que o esforço pacifico dos proletarios ha-de contribuir acima de tudo para a realisação d'este sonho de fraternidade humana».

—Que influencia terá, na sua opinião, esta guerra sobre as doutrinas pacifistas?

—N'este jornal, suppomos que, terminada a lucta, os povos ficarão durante muito tempo fatigados do militarismo, e que os proprios militaristas hão-de comprehender que a organisação militar dentro de um Estado não póde ser senão um instrumento de salvaguarda e nunca um meio de governo. A organisação militar dos Estados ha-de fatalmente tender para a nação armada. A caserna, necessaria durante algum tempo ainda, ha-de tornar-se de futuro a escola de educação physica do proletariado, escola que será frequentada logo após a instrucção primaria.

—Uma outra pergunta: que acção terá exercido a guerra sobre o futuro das democracias?

—E' provavel que, nos paizes auctoritarios, os partidos liberaes e democraticos se tornem mais poderosos, apezar dos esforços que hão-de fazer os capitalistas que a guerra não corrigiu, mas que até, pelo contrario, suscitou. Os capitalistas farão desencadear rivalidades economicas tão brutaes como as que provocaram a conflagração actual. De fórma que, resolvido o problema das nacionalidades (suppondo que possa resolver-se integralmente com esta guerra), as rivalidades internacionaes conservarão ainda uma grande acuidade, em virtude dos apetites d'esses capitalistas. Para se opporem aos novos perigos e fazerem face ás ameaças do futuro, os elementos democraticos e liberaes hão-de revestir-se de novas forças, porque só assim se poderá conjurar um dia outra guerra tão violenta como esta.

Começou então Gustave Hervé a expor-me as suas apprehensões n'este sentido. Para as almas ingenuas que veem ainda no final d'esta guerra o inicio de um periodo eterno de paz entre os homens, as suas considerações vão certamente abalar uma carinhosa e deliciosa illusão.

HERMANO NEVES

Amanhã:

O imperialismo e o espirito religioso

(Continuação da entrevista com Gustavo Hervé)

PEÇAS NOVAS

"D. Perpetua que Deus haja"

A comedia de Chagas Roquette estreia-se amanhã no Nacional

O humorista notavel que é Chagas Roquete, nosso presado collaborador, escreveu uma nova peça, intitulada «D. Perpetua que Deus haja» e que amanhã se estreia no Nacional. Em que consiste o primeiro original portuguez que esse theatro, de tão illustres tradições, vae representar n'esta epoca? Ninguem melhor de que Chagas Roquete no-lo podia dizer. Perguntámos-lh'o. Pretendeu esquivar-se. A instancias nossas e como invocassemos a sympathia que desfructa entre muitos leitores da «Capital», o distincto escriptor dignou-se dictar as seguintes palavras em que se alliam a sua modestia e a sua graça:

Para os frequentadores do theatro Nacional, que tenham visto representar a assombrosa peça «Malquerida», do grande Benavente, e se disponham a ir á «première» da minha «D. Perpetua que Deus haja», eu devo desde já declarar-lhes que se acautelem. E' que a transição é muito brusca. Benavente é um grande dramaturgo, eu sou apenas um «pecista», faço peças sem pretenções e, d'esta vez, quiz a minha sorte, boa ou má, que eu me decidisse a apresentar no palco do Normal uma farça cujo enredo é simples e onde não ha theses nem situações que possam obrigar o publico a commoções e cogitações que lhe perturbem o bom somno reparador.

Ha ainda quem pense que o Nacional não é tablado onde se represente farça. Simples ignorancia. Façam favor de olhar para o tecto e lá verão: tragedia-comedia-drama-farça.

Isto dito accrescentarei ainda:

A minha «D. Perpetua» terá apenas uma boa qualidade: não contem qualquer situação, nem encerra qualquer dito que possa melindrar seja quem fôr.

Meninas ingenuas (eu tenho ouvido dizer que ainda as ha) não terão de que córar.

Trata-se de uma peça de «typos» e esse typos foram copiados do natural. Apparecerão aos olhos do publico desenhados a traço grosso, o traço caricatural que exigem as convenções de scena, a luz da ribalta e o genero de theatro a que pertence a peça que vae representar-se.

Creio bem que, d'entre os espectadores, não deixará de haver quem conheça um «major Freitas», uma «D. Dyonisia» ou a «tia Guiomar». O apaixonado «Belchior», poeta futurista e secretario da administração do concelho, esse existe tambem, conheço-o e estou certo de que o Luiz Pinto saberá bem incarnar-se na personagem.

Atravez da peça existe um leve fio de sentimento. A par d'uma paixão ridicula esboça-se uma paixão seria, sentida, que poderia bem caber n'um drama e que na minha pecinha não vae além d'um incidente que não poderia desenvolver-se sem que acarretasse um desequilibrio que comprometteria o fim que tenho em vista.

Espero que o publico terá ensejo de sorrir durante a representação da peça. Tristezas não pagam dividas e, attendendo á carestia dos generos alimenticios, eu ouso esperar que esses quatro actos despretenciosos não irão perturbar digestões nem fazer peorar figadeiras combalidas.

Por causa d'um fogão electrico

No gabinete do ministro das finanças

encontra-se uma enorme bandeira monarchica

A scena passou-se ante-hontem á tarde, no gabinete do sr. ministro das finanças. Fazia frio. O tempo ameaçava chuva. o sr. Victorino Guimarães tiritava. A certa altura, procura-o o senador sr. Herculano Galhardo, que foi, como se sabe, o primeiro ministro que no gabinete do sr. general Pimenta de Castro geriu aquella pasta. E gerindo-a com competencia, soube afastar-se a tempo, diga-se isso em abono da verdade.

O ministro actual e o antigo ministro trocam algumas palavras. O sr. Victorino Guimarães mostra-se friorento. Parece que acaba de cahir uma grande tempestade de gelo...

—Mas havia aqui um optimo fogão electrico!—diz-lhe o sr. Herculano Galhardo.

—Aonde?

—Aqui, n'este gabinete. Cá o encontrei quando fui ministro e cá o deixei quando me fui embora...

—Ainda não dei por elle. Vou mandal-o procurar.

Uma campainha electrica que retine e um continuo que penetra no gabinete. Perguntam-lhe pelo fogão. O que foi feito do benemerito apparelho? Desappareceria com a dictadura? E os dois continuam a conversar, tratando dos assumptos que haviam determinado a entrevista.

—Está um frio de rachar!—repete de quando em quando o sr. Victorino Guimarães. Onde parará o fogão?

Entretanto, o continuo, calado, reservado, vagaroso, inspecciona lentamente todos os recantos do gabinete e nada. Por fim, tem uma inspiração preciosa. Abre a porta d'um cubiculo que fica á direita da rica secretária ministerial. Sob um montão de papeis, o fogão mostra a carcassa de cobre reluzente. O sr. Victorino Guimarães rejubila. Vae, emfim, deixar de ter frio...

Mas junto do fogão ha um grande embrulho cylindrico, que fica a descoberto. O papel que constitue o envolucro está amarellento, sujo, roto aqui e além. O continuo pega-lhe com cuidado e tral-o pára a luz. A surpreza é irreprimivel.

—Abra!—ordena o ministro.

O continuo obedece, rasgando a papelada do embrulho. Agora, a surpreza redobra. Que coisa estranha era aquella que se occultava no escuro cubiculo, sob a protecção que lhe dispensava a visinhança do gabinete ministerial? O continuo prosegue na sua tarefa de desvendar o mysterio. E o antigo ministro e o ministro actual, intrigados, embaçados, perplexos, exclamam:

—E' uma bandeira monarchica!

E era. Uma bandeira monarchica e das maiores, das de sete pannos, novinha em folha, apenas mordida aqui e além por ligeiras picadas de traça. Como fôra ella para ali? Ignorava-se. Ninguem o sabia. O pessoal menor do gabinete não soube dar a menor indicação a tal respeito...

Examinam-se os papeis que a envolviam. Pela côr, reconhece-se que não podiam estar n'aquelle vão escuro ha mais de seis mezes. Evocam-se factos passados, liga-se e correlaciona-se este achado com outros semelhantes, feitos por occasião do movimento revolucionario e chega-se a conclusões que qualquer póde tirar tambem, sem precisar de dispender um grande esforço de intelligencia...

E emquanto a bandeira era collocada, desenrolada, nas costas d'uma poltrona no gabinete contiguo ao do ministro, o fogão electrico principiava a funccionar, lançando pelo ambiente o seu calor bemfazejo. A esse tempo, porém, o sr. ministro das finanças deixára já de ter frio...

PROBLEMAS QUE SE RESOLVEM

LISBOA, CAES DA EUROPA

A camara e outras entidades procuram transformar finalmente a margem do rio

Approximar-se-ha, finalmente, o dia em que Lisboa deixe de ser o que é, para se transformar no que deve ser—uma cidade modernisada, ajustando os requintes do progresso á sua incontestada formosura natural?

Isto mesmo perguntavamos a nós proprios, depois de termos ouvido alguem, que está acompanhando muito de perto os trabalhos de um grupo de entidades que se propõe realisar varios melhoramentos citadinos que, até aqui, eram considerados simples aspiração de visionarios.

Se todos reconhecem que esta cidade, com o seu admiravel porto, deve ter uma situação privilegiada, principalmente no futuro, diz esse nosso amigo, não é de mais que nos apressemos a preparar-lhe o caminho. E', portanto, absolutamente necessario que pensemos menos em politica e mais nas vantagens materiaes de que o paiz precisa.

Havemos de conseguil-o, ainda que esta simples affirmação possa, formulada assim a distancia, atirar sobre nós com a classificação de lunaticos.

—E qual tem sido o plano de trabalhos d'essa commissão?

—Em primeiro logar devo dizer-lhe que se não trata de commissão. Isso de commissão cheira a coisa official, e, salvo honrosas excepções, quasi sempre improductivas.

«As individualidades que teem reunido para elaborar um projecto de melhoramentos na cidade, visando principalmente um dos seus pontos mais bellos e até agora mais votados ao abandono, representam o municipio, a direcção geral dos correios e telegraphos, a exploração do porto de Lisboa, a empreza do Estoril e a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes. São, como vê, as entidades interessadas em qualquer alteração que se faça á beira do nosso formosissimo rio.

«Ninguem ha que desconheça ser detestavel o aspecto da cidade ali onde se faz o desembarque dos passageiros da via maritima. Estando projectada a electrificação da linha de Cascaes, julgamos a occasião opportuna, como nenhuma outra, para se cuidar a sério de transformar esse local. E, que o nosso pensamento correspondeu perfeitamente ao juizo que os outros formulavam a tal respeito, é facil de verificar no accordo immediato das diversas entidades. Encontrámos em todas ellas o mais decidido apoio aos nossos propositos.

—Menos o Estado que tendo adjudicado uma verba para a transferencia do Arsenal, acaba por a diminuir applicando uma parte d'ella a outro fim. Isto não contraria, os bons desejos d'esse grupo?

—Creio bem que não—accrescenta o nosso amavel informador. De facto, a transferencia do Arsenal para a margem opposta está no mesmo plano de trabalhos e com o seu terreno contamos para realisar alguns melhoramentos. Mas, não considerámos o projecto posto de parto, pela simples razão do Erario publico ter n'este momento necessidade de dinheiro para adquirir submarinos. Estamos em fim do anno. Da verba orçamental para a transferencia do Arsenal foram desviados 900 contos. A verba pode ser restabelecida no proximo orçamento e não vejo inconveniente na sua actual applicação. O que é preciso é que o Estado mande abrir concurso para as obras e que estas comecem com a necessaria urgencia.

«Da boa vontade de cada uma das entidades, chamadas a solucionar o problema resultará que a margem do Tejo, n'um futuro muito proximo, ha-de ser uma coisa digna de nós.

O municipio continuará o seu mercado de peixe em condições convenientes, a exploração do porto abrirá uma doca, capaz de recolher os vapores de maior calado, alem d'um molhe de pequenas dimensões, para recolher as embarcações de pesca, ficando este na proximidade e em frente do mercado. Nos terrenos do arsenal continuar-se-hão palacio dos correios e telegraphos, ao qual se segue o edificio da estação central, ligando, por linhas subterraneas, o serviço de Cascaes com Santa Apolonia. A *gare*, como dissemos, será no sub-solo e superiormente occupada por um vastissimo hotel.

Estes são os melhoramentos que teem sido objecto dos nossos estudos e posso affirmar-lhe, conclue o nosso amigo, que nos representantes de todas as entidades especiaes tem encontrado o melhor desejo de lhes dar uma solução pratica e realisavel n'um praso relativamente curto,

—Assim seja.

"Cigarro do Soldado"

Para *O Cigarro do Soldado*, foi hoje recebida na administração d'*A Capital* a quantia de 16$00, preço por que foi arrematado o apparelho de louça de China, para *toilette*, que esteve durante tanto tempo em exposição na ourivesaria e relojoaria do sr. Manuel Rodrigues Junior, da rua do Livramento, a Alcantara, 69.

Folhetim d'A CAPITAL — 25-11-1915

O entomologista Fabre

A França deplora n'este ultimo periodo, que a guerra marca como uma era sangrenta, a perda de muitos dos seus vultos notaveis, na litteratura, na arte, na sciencia, Hervieu, Mézières e tantos outros, cujos nomes gloriosos engrinaldam harmoniosamente a personalisação forte e audaciosa da Republica, que nos acostumámos a saudar como sendo a principal inspiradora das nossas ideias e costumes politicos, como o nosso modelo vivo nos assumptos de saber, de lettras, de bellas-artes; no theatro, na moda, assim como no livro e na escola.

A perda ha pouco soffrida por esse grande paiz com a morte de Henri Fabre, que Rostand cognominára graciosamente de «Virgilio dos insectos», reconhecido apenas n'uma «élite» de pensadores capazes de comprehender o encanto e o alcance da sua grandiosa obra, assemelha-se ao luto de uma numerosa familia, a que tivesse desapparecido o antepassado illustre, o avô envolto n'uma neblina de respeitosas lendas, que o divinisam e fazem perdurar na memoria pouco resistente dos descendentes e coevos.

O entomologista ha pouco desapparecido, cujo nome celebrado por uma vida inteira de trabalho e de abnegação, por uma existencia preenchida pelo mais nobre culto da sciencia, n'uma das suas fórmas mais uteis e bellas—a investigação dos processos da natureza, na sua prodigiosa actividade criadora, nas suas incessantes mutações,—é uma gloria não já do paiz que o viu nascer, mas uma authentica illustração em todo o mundo civilisado.

Ignorado durante muito tempo, tendo começado a publicação da sua obra muito tarde, como Michelet, no declinar da vida, não deixará comtudo de pertencer á immortalidade pela enorme extensão e largo alcance das suas observações e pela divina arte com que poetisou e tornou accessiveis ás gerações que lhe succedem os innumeros factos da sua profunda indagação scientifica.

Fabre não foi um sabio vulgar, um cultor egoista de qualquer ramo de sabedoria, fechado na sua erudição, como aquelles que vivem apenas na atmosphera insalubre e confinada dos seus gabinetes e das suas bibliothecas. Elle viveu, por assim dizer, a sua sciencia, que era uma natural predilecção do seu espirito raro de observador inimitavel, de uma precisão e viveza extraordinarias.

Comprazia-se sempre na contemplação demorada das bellezas naturaes, quer se tratasse do desabrochar mysterioso de uma flôr selvagem, quer se enlevasse no vôo caprichoso das falenas, que revoluteiam ao clarão dos candieiros.

Nascido de uma pobre familia rural, viveu desde os primeiros passos em contacto com essa natureza de que foi um historiador notavel, cheio de idealização clara e de sentimento delicado. Sujeito á intemperie, ou alongando-se pelos campos, por dias risonhos da primavera, nas tardes calmas de outomno, a sua intelligente curiosidade entregara-se, desde os mais verdes annos, a perscrutar essa Natureza que o encantava e attrahia com a seducção do incognito.

Mais tarde, transferido para a Corsega, offereceu-lhe este paiz o contraste interessante das montanhas cobertas de vegetação e do mar grandioso e sussurrante. Com certeza, ali o seu espirito dilatou-se, engrandeceu-se, na contemplação, mas a doença impediu-o de continuar sob o clima insular as suas lucubrações.

A lucta pela vida obriga-o a procurar nas lides do ensino a maneira de prover ás necessidades e encargos da familia. Foi elle o instituidor do ensino feminino secundario, iniciando para esse fim os cursos livres, em Avignon, em cujo lyceu professava.

Descobrindo a materia córante—a alizarina—, pareceu-lhe que a fortuna iria sorrir-lhe, ao menos uma vez.

Qual será o inventor ou descobridor que, ao deparar-se-lhe o principio novo, não sinta o estremecimento de alegria e de felicidade e não acredite, por momentos ao menos, na utilidade da sua descoberta? A Fabre porém bem cêdo a desillusão veiu entenebrecer-lhe a esperança de melhores dias A descoberta das tintas de anilina supplantou a côr vegetal, que deveria ser para a Provença um recurso industrial magnifico.

Desilludido, mas não entregue á inacção dos desesperados, recolheu-se ao seu retiro de Serignan (Vaucluse), que havia de ser a Meca dos homens de sciencia, desejosos de ver esse sabio rustico, que os jornaes retratam com a sua physionomia rugosa e mesta, ensombrada com o amplo chapeu provençal, de quem Maeterlink escreveu que era uma das admirações mais profundas da sua vida.

Como é certo que os mais bellos entendimentos se encontram, algumas das mais altas intellectualidades da França e de outros paizes tiveram com o naturalista instructivos coloquios. Affirma-se que Pasteur fôra colher na conversa com o entomologista a informação de que carecia para o estudo, em que tanto se empenhou, sobre a doença dos bichos de seda.

O poeta Mistral, outro genio de que a França e a humanidade culta com justiça se orgulham, nutria pelo seu conterraneo uma afeição intima. Os dois poetas entendiam-se maravilhosamente e mais de uma vez o auctor da «Mireille» coadjuvou o naturalista, ainda desconhecido da maioria, mal popularisado ainda, apesar da publicação dos seus livros de iniciação, pelos quaes as sciencias, amorosamente expostas, se tornam accessiveis e attrahentes ás pequenas intelligencias.

Na paz do seu abrigo de Sérignan, onde instalou o laboratorio mais genialmente singelo, como elle descreve, sem a minima pretensão, n'aquella admiravel collecção de biblias intitulada modestamente — «Souvenirs entomologiques»—, proseguiu o auctor a serie das suas observações e experiencias, em que se assenhoreou tão habilmente das intimidades da vida dos insectos, da significação precisa das suas estranhas formas, do dramatismo das suas occupações, da psicologia curiosissima dos seus actos.

Ninguem ao lêr alguns dos formosos e indeleveis capitulos d'essa obra immensa deixará de palpitar de emoção, perante a belleza severa e ao mesmo tempo desataviada da narrativa e a profundeza e a perspicacia da investigação, qualidades que, de preferencia, se exteriorisam nos «Habitantes das silvas» e no estudo da «Mantis religiosa» e que se equilibram perfeitamente com o rigor manifesto da observação scientifica.

Fabre não chegou a pertencer á Academia das Sciencias, nem foi necessario o monumento, em que o esculptor Charpentier fixou inolvidavelmente o perfil energico e pensativo do sabio historiador dos insectos.

Naturalmente e por suas proprias mãos, sem o querer, elle elevou a si mesmo o mais expressivo monumento, trabalho de muitos e penosos annos, entre amarguras e decepções, clarões de esperança e de ventura fugazes. E' toda a sua obra; são essas paginas admiraveis dos «Souvenirs entomologiques», de cuja leitura, mesmo ao acaso, sempre qualquer cousa se aproveita e ficou como um claro exemplo de methodo, de paciencia genial e de logica.

A. Bettencourt Ferreira

AS GRANDES INICIATIVAS

A industria dos lanificios

Alguns elementos para a sua historia—Mencionam-se individualidades antigas e modernas que cumpre proclamar benemeritas

Com a epigraphe «Para a historia da industria dos lanificios» publicou o *Seculo* de 24 do corrente um artigo réclame de uma das principaes casas commerciaes da praça de Lisboa, e que se occupa da venda de lanificios. Nada teriamos a dizer, se o artigo tratasse puramente de provar o alto beneficio que o referido commerciante está prestando á industria nacional com a sua propaganda, mas ali fazem-se affirmativas que não podem ficar sem rectificação, pois que, a deixar-se correr mundo essas atoardas, a historia da industria era falsa, e nós, que desde muitos annos nos temos dedicado ao estudo e a investigações historicas sobre a industria dos lanificios, não desejamos com o nosso silencio ser conniventes nos erros historicos.

Assim, pois, como a verdade deve ser sempre clara e como lá diz o velho aphorismo «o seu a seu dono», os verdadeiros benemeritos da industria nacional são, como legisladores: Em primeiro logar, D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericeira, que instruido sem duvida nas concepções e planos administrativos de Colbert, seu contemporaneo, teve a fortuna, nem sempre deferida aos cortezãos, de radicar, no animo do monarcha a quem servia, as ideias e processos que concebera, no sentido de elevar a industria nacional. Comprehendendo melhor do que Colbert que, sem ensino profissional e sem protecção aduaneira, seriam inefficazes todas as providencias, deu grande impulso a estes dois assumptos.

Vem depois o marquez de Pombal, que sem duvida foi o iniciador da grande industria em Portugal. As sabias reformas pombalinas e a protecção dispensada ás grandes iniciativas constituem o eterno louvor d'esse homem que tão odiado foi e que tanto merece a veneração e respeito dos industriaes portuguezes.

O marquez de Pombal, viveu no periodo mais bello da iolographia industrial portugueza, mas foi elle que escreveu essa pagina brilhante da nossa historia, protegendo todas as industrias, e especialmente mandando construir as monumentaes fabricas de lanificios no Fundão, Portalegre e Covilhã, cuja importancia ainda hoje se pode verificar e que em tempos tomaram tal desenvolvimento, que um escriptor da epocha dizia, a proposito da fabrica da Covilhã:—*Tinha tantos teares como dias tem o anno.* Ainda para engrandecimento da industria, Pombal não só mandou vir mestres e artifices estrangeiros, entre os quaes se tornou celebre Jacome Ratton, mas publicou uma serie de medidas tendentes a ilaquear os perniciosos effeitos de tratados ruinosos para a industria e dar-lhe o maior desenvolvimento.

Como legislador ha ainda Passos Manuel, esse grande vulto politico, que com as suas sabias leis altos e relevantes serviços prestou á Covilhã, o que equivale a dizer a toda a industria portugueza dos lanificios.

Agora, como industriaes, poderemos citar: Valerio Gomes Correia, o primeiro importador de machinismos para fiar a lã; o grande Gomes Correia, fundador da hoje importantissima fabrica de lanificios de Arrentella; Gregorio Nunes Geraldes, o iniciador da arborisação da Serra da Estrella, com o fim de augmentar a caudal das ribeiras que limitam a Covilhã, antecedendo-se assim mais de 40 annos, a legisladores tão falados hoje e que nada mais fizeram do que pôr em pratica o projecto grandioso concebido por Gregorio Geraldes; a seguir veem os irmãos Campos Mello, tendo o mais velho José Maria da Silva Campos e Mello, adquirido em 1851, a Fabrica Velha, que havia sido fundada em 1248 por D. Sancho II, com o fim de proseguir o que já em 1835 e depois em 1845 de sociedade com seu irmão Francisco Joaquim da Silva Campos Mello (Visconde da Coriscada), havia posto em pratica, isto é, transformar a industria dos lanificios na Covilhã.

Ao mesmo tempo outro industrial tambem da Covilhã e de larga iniciativa, José Mendes Veiga, acompanhava os dois ultimos industriaes citados e mandava vir para a fabrica da ribeira Degoldra, machinismos aperfeiçoados.

Mais modernamente temos outros dois homens que merecem referencia especial, Bernardo Daupias; depois conde de Daupias, que na sua fabrica de lanificios em Alcantara-Lisboa, conseguiu produzir artefactos de um alto valor e ali estabeleceu uma verdadeira escola technica, onde grande numero de industriaes colhiam elementos valiosos de estudo; outro que a morte nos roubou em 18?0, apenas com 50 annos de edade, chamava-se José Maria Veiga da Silva Campos Mello, era filho e genro dos dois compradores da «Fabrica Velha» na Covilhã.

O que este industrial fez a bem da industria dos lanificios chegava para uma serie de volumes, pois que elle não se limitou a transformar radicalmente a sua fabrica, a dotal-a com os melhores e mais aperfeiçoados machinismos, fez mais: foi lá fóra buscar pessoal, idéias, processos novos de fabricar e, uma vez munido com uma enorme bagagem scientifica e technica, deu principio á grande obra que se patenteia actualmente na Ribeira da Carpinteira.

Esse industrial levou ao mais alto grau a industria nacional dos lanificios, e conseguiu que a Covilhã produzisse por forma a poder sem receio luctar com o estrangeiro. Apesar da sua vida ter sido curta, elle ditava leis em materia industrial; orientou a industria local e auxiliava com o seu sabio conselho e com a sua prodiga bolsa os novos industriaes, a maioria dos quaes haviam sido empregados e operarios da «Fabrica Velha».

Ora, se chamarmos benemeritos da industria dos lanificios aos industriaes acima citados não faremos mais do que um dever. Todo o mais que se disser é favor, pois que não nos consta que depois de José Maria Veiga da Silva Campos Mello, haja um só industrial que mereça ser classificado como benemerito.

Esta é a verdade nua e crua, e por isso aqui fica archivada para que os vindouros não laborem em erro.

José Maria de Campos Mello

Migalhas

O nervo da guerra

Os jornaes noticiam que o ministerio das finanças francezas mandou editar um «film» cinematographico allusivo á colheita de ouro, «film» que será exhibido em todos os cinematographos da França. Aquelles que não combatem na frente de batalha são chamados por todos os meios a fazer fogo com o explosivo que ha-de decidir a campanha, aquelle vil metal com que se compram os melões em tempo de paz e se fundem os canhões em tempo de guerra.

Nos primeiros mezes da conflagração a guerra era militar. Os estrategicos estavam nas suas sete quintas e todos liamos com attenção os seus commentarios das acções guerreiras.

Hoje, passado um anno sobre o inicio da batalha, os verdadeiros communicados, depois que se equilibraram as forças, são os boletins financeiros.

Que importa que, aqui ou acolá, um dos litigantes obtenha uma vantagem, que os francezes avancem na Champagne e os germano-austro-turco-hungaros assolam a Servia?

O vencedor não será aquelle que entrar em Constantinopla, nem o que commandar nas margens do Rheno. Será o que tiver na sacola um centavo quando o outro não tiver nenhum. E' a guerra do franco contra o marco. E' uma guerra que se ha-de decidir pela ultima moeda de ouro. Essa pesará mais na balança dos destinos do mundo que um projectil de 420.

André Brun

Colyseu dos Recreios

O espectaculo de hoje

A companhia de circo que está trabalhando no Colyseu dos Recreios, alcança dia a dia novos triumphos. E isso justifica-se plenamente desde que se considere que algumas das celebridades actuaes ali se encontram reunidas e que os seus trabalhos são variados e cheios de novidade. Pois não será a ultima palavra do inedito e extraordinario mimodramma «O Sonho Tragico», engenhosissima creação do celebre domador Georges Marck para apresentar os seus trez ferozes leões? Este numero só por si faria um programma, porque nada ha de mais emocionante, de mais intenso, de mais imprevisto e de mais doloroso. Apresentar-se-hão tambem entre outros, os distinctos gymnastas Levy Jenochio e Carlos d'Abreu nos seus vôos «á Leotard», a familia Frediani, os primeiros artistas equestres do mundo; a troupe Balaguer, os clowns Rico e Alex, Antonet e Walter e Gasparini, authenticos reis da gargalhada.

O envenenamento pelo sublimado

Urge reprimir a venda

Os medicos do banco do hospital de S. José chamaram hoje a attenção da imprensa para a facilidade com que se vende o sublimado por essas drogarias da cidade, proporcionando assim occasião a que se dêem tantos e tão amiudados casos de envenenamento.

E isso veiu a proposito de uma creança—que assim se lhe pode chamar, pois conta apenas 16 annos—Izilda Palma Nazareth, moradora na rua Francisco Sanches, 7, que hoje deu entrada no hospital, envenenada com pastilhas de sublimado. E' a segunda vez que ella attenta contra a vida. E na drogaria, cujo nome não revelamos, apesar de o sabermos, venderam-lhe não uma ou duas pastilhas, mas um tubo completo.

Teem toda a razão os distinctos clinicos do hospital de S. José e urge que as auctoridades tomem medidas rigorosas de repressão.

O roubo á Companhia de Rio Tinto

Madame Elene Brone, sogra de John Fenerheerd, que se encontra preso na enfermaria do Limoeiro accusado de ter praticado um desfalque de 23.000 duros na Companhia das Minas de Rio Tinto, em Huelva, e que hontem chegou a Lisboa a bordo do paquete *Africa*, esteve hoje no governo civil, conferenciando com o director da policia de investigação, a quem foi solicitar passagem para o Funchal. O sr. dr. Adolpho Coutinho respondeu que nada podia fazer, porque a prisão não foi effectuada a pedido das auctoridades de Lisboa.

Por intermedio de um empregado de uma agencia ingleza aquella senhora fez ver a sua situação em Lisboa e como nada podesse alcançar das auctoridades, resolveu mandar empenhar umas pequenas joias afim de seguir para o Funchal. Com ella vinha uma interessante menina de nome Wanna, filha de John e da sua esposa, que se encontra detida no Aljube.

PEQUENAS NOTICIAS

Martha de Brito, moradora na rua do Olival, 88, 3.º, queixou-se de que os gatunos entraram em casa de sua mãe, Elisa da Piedade de Jesus Luz, na rua das Janellas Verdes, 7, 3.º, furtando um cordão de ouro, uma corôa do mesmo metal propria para imagem e uma duzia de facas de prata.

—Reuniu hoje a commissão executiva da junta districtal, tratando de assumptos de expediente e approvando orçamentos de varias casas de beneficencia.

—Por motivo de força maior não seguiu hoje viagem o paquete «Ambaca», da Emprezа Nacional de Navegação, não estando ainda assente o dia da partida.

—No caes de Santos foram atropellados pelo automovel n.º 52, de que era «chauffeur» Sergio dos Santos, morador na rua do Ferregial de Baixo, 21, Francisco Pereira, sapateiro, e Maria José Palmeiro, residente na rua da Alegria, 5, 4.º, deixando-os muito feridos na cabeça e nas pernas. Conduzidos ao hospital de S. José, o primeiro, depois de curado, seguiu para sua casa, dando a segunda entrada na enfermaria de Santa Izabel.

—No hospital Estephania, na enfermaria 5, deu entrada Maria da Piedade, serviçal, moradora no largo dos Trigueiros, 15, attingida ali com agua a ferver.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—D. Perpetua que Deus haja.

TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista).

POLYTEAMA — A's 21 — A Martyr.

GYMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—La donna é mobile.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.

MODERNO—A's 21—O collar da princeza.

COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

A'MANHÃ—**Nacional**—Primeira representação da comedia em 3 actos de Chagas Roquette—*D. Perpetua que Deus haja.*

Boatos e informações

Por não se poder concluir a tempo a montagem do scenario da comedia *Proezas d'um cabula*, cuja primeira representação estava annunciada para segunda feira no theatro Moderno, foi esta adiada, representando-se n'esse dia a operetta *Sonho guerreiro.*

Na proxima segunda feira realisa-se a centessima representações da revista *Dominó*, que será ampliada com varios numeros novos e surprezas.

Acha-se em ensaios no theatro do Gimnasio *O primo Bazilio*, adaptação scenica do romance de Eça de Queiroz. Como dissémos os papeis de Juliana, Luiza Basilio, Julião e Accacio serão desempenhados respectivamente por Maria Mattos, Luisa Lopes, Mario Duarte, Mendonça de Carvalho e João Lopes.

Foram contratados para a Rua dos Condes a actriz Emilia de Abreu e os actores Augusto Machado e Humberto do Amaral.

Primeiras representações

POLITHEAMA.—«A Martyr», cinco actos de A. d'Ennery e Tarbé, trad. de Guiomar Torrezão.

A resurreição do melodrama de d'Ennery, que ha muitos annos teve como interpretes em D. Maria as primeiras figuras do theatro nacional, póde, sob varios aspectos, considerar-se como um valioso serviço pela actual empreza do Politheama prestado ao publico. A gente velha, que viu os Rosas, o Brazão, a Virginia, a Damasceno, a Falco, declamar e chorar os cinco actos da «Martyr», correrá a vêl-a de novo para matar saudades; a gente moça, familiarisada com o moderno theatro, e que se interessa pelos assumptos que n'elle se exploram e admira a perfeição attingida pela sua technica, apreciará melhor os dramaturgos de hoje se travar conhecimento com os artificiosos processos, de tamanha ingenuidade, que ha meio seculo commoviam as platéas até ás lagrimas e lhes arrancavam applausos enthusiasticos para as almas boas e vehementes manifestações de desagrado para as almas ruins e suas inqualificaveis tramoias. Que enorme distancia vencida entre Adolpho d'Ennery, mestre em dramalhões, que Francisque Sarcey reputavá eternos, por motivos que o grande folhetinista dramatico sabiamente expoz, e os auctores do nosso tempo, abordando os mais graves problemas sociaes, debatendo formidaveis conflictos de consciencia, levando o espectador não apenas a commover-se, mas tambem a pensar e a discernir!

«A Martyr», como arte, é uma coisa archeologica, com o seu indiscutivel logar de honra no muzeu dos theatros; como hymno á virtude extreme, é uma patacoada, porque a abnegação da protagonista excede os dominios d'um heroico amor filial para entrar nos d'um sentimentalismo pathologico, que toca as raias do imbecil... Mas, no emtanto, o melodrama de d'Ennery constitue ainda n'este momento—e por isso mesmo—um curiosissimo espectaculo e o Politheama encheu-se hontem por causa da sua reapparição. Bailaram lagrimas em muitos olhos; instantes houve, nos lances mais patheticos, em que as respirações se suspenderam e nos finaes de acto as palmas estrugiram calorosas, prolongadas, sinceras...

O desempenho que «A Martyr» obteve hontem, attentos o caracter e o estylo da peça e excluida toda a idéa de confronto, foi, em geral, excellente. Alguns dos artistas mais novos parece terem frequentado com proveito a escola dos que se celebrisaram outr'ora n'aquelle famoso genero dramatico, convindo mencionar Othelo de Carvalho, Ribeiro Lopes e Clemente Pinto. Os papeis femininos couberam a Palmyra Torres, que interpretou com a indispensavel vibração sentimental a protagonista, e a Etelvina Serra, Julia de Assumpção e Elvira Bastos, esta ultima elegantemente vestida. Outros interpretes: Luciano de Castro, Casimiro Tristão e Antonio Sacramento. Muito bem mobilado o salão do conde Rogerio de Moray. Não escasseará publico e não faltarão femininas lagrimas durante uma boa serie de noites no Politheama...

Avelino de Almeida

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Grupo Recreativo Excursionista do Alto do Pina

Para tratar de assumpto urgente, reune a assembleia geral d'este grupo no proximo domingo, pedindo a direcção a comparencia de todos os socios.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Os combates no theatro occidental

PARIS, 25.—Communicação official das 15 horas.

Em Artois e na Lorena houve combates a granada, durante a noite em varios pontos da linha. A nossa artilharia executou fogos muito efficazes sobre os locaes onde se encontravam as metralhadoras inimigas na região do Frise, no valle do Somme, na região de Roye, sobre a estação de Beuvraignes e sobre Laucourt. No resto das linhas o habitual canhoneio. —(*Havas*).

Os inglezes contra os turcos na Mesopotamia

LONDRES, 25.—Official. Na Mesopotamia conquistámos no dia 22 uma posição a 18 milhas do Bagdad, occupada por uma divisão turca. Fizemos 800 prisioneiros e tomámos grande quantidade de armas e outro material. Tivemos varios mortos e feridos.

Na noite de 23 para 24 repellimos violentos contra ataques, mas a falta de agua obrigou-nos a retirar trez ou quatro milhas para aquem d'aquella posição.—(*Havas*).

O limite dos alistamentos em Inglaterra

LONDRES, 25. — Camara dos Lords. Lord Selborn e Lord Lansdowne declararam que a Inglaterra, limitaria os alistamentos de maneira que a sua situação financeira commercial, industrial e agricola, não soffra de modo algum com isso.—(*Havas*).

A Grecia dá todas as satisfações aos pedidos dos alliados

ATHENAS, 24.—O governo hellenico entregou ás 5 horas da tarde a resposta á nota das potencias, concebida em termos muito amigaveis, dando as satisfações pedidas e todas as garantias consideradas necessarias.—(*Havas*).

Seguros de Guerra

A Companhia Ultramarina, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

A situação

Constava hoje com insistencia que no novo governo, da presidencia do sr. dr. Affonso Costa e cuja apresentação ao Congresso se fará na proxima quinta feira, ficarão quasi todos os actuaes ministros. Assim a solução da crise consistiria em o sr. dr. Affonso Costa tomar conta da presidencia e da pasta das finanças, entrando apenas mais dois ministros, um para a pasta do interior, outro para a pasta da marinha. Damos esta informação a titulo de simples boato, visto que não podemos obter nem a sua confirmação, nem o seu desmentido.

Como constasse que se preparava uma alteração da ordem publica para impedir a constituição do governo da presidencia do sr. dr. Affonso Costa, tomaram-se hontem diversas medidas de precaução, que certamente se repetem hoje.

NOTAS DIVERSAS

O governo reuniu hoje em conselho no ministerio da marinha, occupando-se especialmente do relatorio que vae ser presente ao parlamento.

—Assumiu o commando da canhoneira *Beira* o 1.º tenente sr. Cisneiros de Faria, tendo-lhe sido entregue pelo 1.º tenente sr. Emilio Gagean. Este navio larga do Tejo no proximo dia 1, para Cabo Verde.

—Sahiram hoje a barra o cruzador *Almirante Reis* e os destroyeres *Douro* e *Guadiana*, que andaram fazendo exercicios ao sul de Espichel.

—Com o sr. ministro das colonias conferenciaram hoje demoradamente os srs. Leotte do Rego e dr. Almeida Ribeiro.

—Pelo ministerio das colonias foram hoje referendados os decretos extinguindo o commando superior das forças em operações no sul d'Angola e transferindo a data das eleições municipaes até estarem elaboradas as cartas organicas.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, tem alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Imprensa germanophila

Os monarchicos luso-tudescos e as enormidades que elles escrevem!

A guerra ha-de ter um fim, e porventura mais proximo do que muita gente suppõe. Será então chegada a opportunidade de se fazer o balanço das responsabilidades, em que incorreram os que, deturpando factos e torcendo conceitos, pretenderam desorientar a opinião publica. Por isso nós vamos cuidadosamente registando certas attitudes que farão parte de um «dossier» destinado a documentar a analise que tencionamos fazer a este respeito logo que chegue o momento opportuno.

Pomos portanto de reserva todos os dislates que a nossa reduzida imprensa germanophila se permitte diariamente apregoar n'um paiz que, por tradicção, sentimento e deveres de alliança ligou indissoluvelmente á Grã-Bretanha os seus destinos politicos. Ha no emtanto, por vezes, affirmações que immediatamente carecem de ser levantadas. E', por exemplo, o caso de um jornal monarchico que á noite se publica e onde, em artigo assignado pela inicial «X», se encara a situação actual dos belligerantes como se a victoria dos imperios centraes pertencesse ao dominio das coisas fatalmente certas. Não discutimos nem queremos demonstrar quão falsos são os pontos de vista apresentados n'esse artigo. Mas não podemos deixar de protestar contra a ideia incluida na seguinte phrase:

... a violação do territorio grego («pelas forças alliadas que desembarcaram em Salonica») justifica de alguma forma o mesmo attentado praticado pelos allemães na Belgica.

Quer dizer: o «Dia» equipara a violação da neutralidade belga ao desembarque dos alliados na zona neutra de uma cidade grega. Como se ignorasse que a invasão da Belgica pelos allemães—o maior crime da Historia—foi um acto violento praticado contra a expressa vontade d'esse povo heroico, que se incendiaram cidades, que se destruiram monumentos, que se fuzilaram muitos milhares de habitantes indefezos, que se praticou toda a sorte de atrocidades e de infamias.

Como se ignorasse Louvaina e Malines, e Termonde, e miss Cavell. Como se ignorasse que, para os alliados desembarcarem em Salonica, houve um previo entendimento com o governo grego, o qual já anteriormente consentira na occupação de algumas ilhas do mar Egeu pelas frotas alliadas. E' contra esta evidente má fé que protestamos.

Quanto ao resto, limitamo-nos a registar, com o cuidado com que registamos a peregrina opinião do sr. João do Amaral, monarchico integralista no mesmo numero do «Dia», quando affirma que «seria uma enorme injustiça coroar com a derrota o esforço formidavel realisado pela Allemanha nos ultimos annos e, principalmente, nos ultimos mezes...»

RECLAMAÇÕES ACADEMICAS

Alumnos do Conservatorio

No Salão da Trindade reuniram hoje de tarde os alumnos do Conservatorio para tratar de varios assumptos de interesse escolar.

Ficou resolvido que, por meio d'uma manifestação dos alumnos de toda a escola, se pedisse ao sr. Rey Colaço para continuar na sua cadeira do Conservatorio; e foi largamente discutida a creação d'uma associação escolar e a reforma do Conservatorio em que collabore uma commissão de alumnos.

Novas reuniões

Para hoje, ás 21 horas, está marcada uma reunião na Federação Academica, á rua da Gloria, para se tratar da realisação do Congresso Academico. E para amanhã estão marcadas as seguintes reuniões: no Instituto Superior Technico para nomear dois delegados á Federação Academica; para prehenchimento d'uma vaga na Direcção da Associação e para estudar e discutir as reclamações academicas a apresentar. Tambem reunem na Faculdade de Medicina, ás 13 horas, os respectivos alumnos para resolverem o caminho a seguir nas citadas reclamações geraes.

Faculdade de Direito

Na Faculdade de Direito estava marcada para hoje ás 16 horas uma reunião para tomar conhecimento do movimento academico iniciado pela Faculdade de Sciencias, para definir a attitude a seguir e para estudar e approvar as reclamações a apresentar aos poderes superiores por parte d'aquella Faculdade. Por falta de numero esta reunião não se realisou, ficando marcada para amanhã ás 13 horas, sendo o ponto de reunião o salão nobre da respectiva Universidade no Campo dos Martyres da Patria.

Escola Rodrigues Sampaio

Na rua do Bemformoso, 150, 2.º, séde do Centro Socialista de Lisboa, reuniram os alumnos da Escola Preparatoria Rodrigues Sampaio, pelas 16 horas, sob a presidencia do sr. José Maria Rascão, secretariado pelos srs. Emidio de Roure e Affonso Rosa.

Na assistencia viam-se alguns paes de alumnos da Escola. Entre outros, falaram os alumnos Vasconcellos Petronio, que expôz á assembleia o estado da questão, e Emilio Simões Raposo, que apresentou uma moção para que se mantenha a gréve até que sejam conseguidas as reclamações que toda a assembleia considera justissimas. Tambem estavam presentes muitas alumnas.

Distinctivos das escolas

N'uma carta que nos dirigem, os srs. Julio Augusto Soares, Manuel Peres, Joaquim Valladares, Manuel Monteiro, Armando Paiva, Alvaro Carneiro, Armando Valladares, Pedro Rego, Antonio Sampaio Forjaz, Joaquim Pimentel, Fernando Mousinho, Joso Carreira, Francisco Antunes, Pedro Costa e Rica, Zeferino Augusto Miguel Lupi, Anatolio Paiva e Augusto de Vasconcellos lembram a conveniencia dos alumnos dos lyceus e de todas as escolas de Lisboa trazerem no casaco o distinctivo das suas escolas. Teria esse uso grandes vantagens, pois que assim se conheceriam os academicos e estes tratariam de honrar sempre e em todos os logares o seu distinctivo. De resto, acrescentam os signatarios, só em Portugal isso se não faz, pois que em todas as escolas do mundo todos os alumnos trazem o seu distinctivo.

NOTA POLITICA

Os democraticos e a crise

Tentar um ministerio nacional é perder tempo sem vantagem de especie alguma

Os leitores viram hontem que um deputado da maioria se inclinava para que se fizessem tentativas no sentido de se constituir um governo de concentração republicana, affirmando-nos que essa opinião vae ser apresentada e defendida na reunião que se effectua ámanhã no Directorio. Hoje, outros parlamentares democraticos manifestaram-nos a sua discordancia de tal ideia, entendendo que todas as «démarches» que se façam no sentido de a levar por deante não passarão de tempo perdido. Archivemos as palavras d'um d'esses parlamentares:

—Eu defenderia «á outrance» a constituição d'um ministerio com caracter nacional se visse a possibilidade de todos os partidos se entenderem, n'este momento, para um programma immediato de governo. Mas essa possibilidade deriva das circumstancias; ninguem a póde crear. Ora, todos os factos que se teem dado na politica portugueza, n'este periodo dos ultimos onze ou doze mezes, afastam por completo a ideia de se realisar aquelle accordo. E' bom? E' mau? Não sei, mas sei que é assim.

«O partido unionista mostra-se cada vez mais renitente na defeza das suas doutrinas, no emprego dos seus processos. Longe de enveredar por um caminho que lhe permittisse approximar-se no governo dos representantes dos outros partidos, o unionismo pretende á viva força cavar mais fundas as separações que já existem. O partido evolucionista, por sua parte, não se cança de sustentar que é aos democraticos que compete formar ministerio, que somos nós quem tem obrigação de solucionar as difficuldades da hora presente. Que fazer?

«Depois, é preciso não esquecer que o movimento revolucionario de 14 de maio marcou o triumpho de uma certa orientação politica, affirmou desejos de realisações que não podem afastar-se do programma do governo que vae constituir-se. Essa orientação, não sendo de caracter partidario, tinha, não obstante, nos democraticos os seus mais numerosos interpretes e defensores. Somos nós que vamos transigir com evolucionistas e unionistas? São elles que abdicam das suas opiniões e dos seus processos para vir ter comnosco? Impossivel, como sabe.

«Porque lá fóra se constituiram ministerios nacionaes, muita gente pensou logo adoptar no nosso paiz a mesma formula. Mas esqueceu-se que ella correspondeu, nos paizes em que se praticou, a uma imperiosa necessidade, reclamada pela consciencia publica e nascida d'um conjuncto de circumstancias independente da vontade dos politicos. Aqui, não se deu isso. A situação é difficil? Não o contesto, mas só isso não é razão bastante para reclamar a constituição d'um ministerio nacional.

«Creia que se perderá tempo, com a tentativa de pôr em pratica essa ideia, sem vantagens de qualquer especie. Se ámanhã essa necessidade surgir, tão imperiosamente como lá fóra, estou certo de que não haverá difficuldades em realisal-a.

E' preciso reparar!

A industria portugueza

não póde ser sobrecarregada, á tôa, com mais tributos

Uma recente determinação ministerial ordena que nas alfandegas portuguezas, ao applicar-se o direito de um e meio por cento *ad valorem*, se calcule o valor dos artigos a exportar não pelos preços antigos, que vigoravam ao serem elaboradas as tabellas respectivas, mas pelos preços que actualmente esses mesmos artigos alcancem nos mercados nacionaes e estrangeiros. Percebe-se facilmente o alcance de esta medida fiscal. Tem-se em vista, decerto, alcançar receita e procurar attenuar as angustias do thesouro, sem se reparar na justiça ou injustiça que a inspira. Segue-se um pouco aquelle criterio que manda applicar a tudo o que com a guerra ou por via d'ella realisem lucros, impostos novos, quando não se lhes possa aggravar os que já impendam sobre elles. Na apparencia justa, esta theoria, tomada em absoluto, é perigosa e póde até ser, iniquá. E' que na alta consideravel de preço que certos productos e determinados artigos alcançaram por causa do conflicto que devasta o velho mundo, é preciso distinguir do que é realmente prosperidade do que no fundo não é mais do que a consequencia do elevado custo das materias primas e de tudo quanto nos vem de fóra. Certos elementos indispensabilissimos á industria nacional, subsidiaria quasi por completo do estrangeiro, chegam-nos presentemente pesados a oiro, sem esquecer o proprio carvão, que custa tres ou quatro vezes mais que antes da guerra. Como se póde então aggravar ás cegas o imposto de exportação? Será uma boa medida economica fazel-o sem primeiro se averiguar quanto custa o artigo a tributar, em quanto importa até ser posto á venda?

Não é. O algodão, o cacau, as conservas, os proprios generos agricolas sahem hoje das fabricas e dos productores por preços que não podem comparar-se com os de ha um ou meio. Os tecidos, que estão a fabricar-se e a exportar-se em tão elevada quantidade, ficam aos fabricantes carissimos. Todos o sabem. E' intuitivo e chega a ser superfluo affirmal-o. Como se entende, n'esse caso, que se mande tributar tudo o que se produz em Portugal, ao seguir para o estrangeiro, pelos preços actuaes, sem se olhar aos preços das materias primas, em muitos casos tão elevados que bem podem considerar-se exorbitantes? E' claro que não. Se isso se fizesse, seria impedir a exportação e, portanto, contrariar a entrada do oiro no Paiz. E entre as instantes necessidades com que em Portugal se luta agora, a do oiro não é, certamente, a menor. Depois, peiora-se o trabalho, e se a industria nacional tem titulos que a tornam sympatica, o de dar emprego a muitos milhares de braços não é o que menos a impõe á consideração de nós todos. Urge que se attente bem n'isso, sem que se esqueça a circumstancia grave de se ir substituir uma tabella official pelo criterio dos funccionarios das alfandegas, que não póde ser uniforme e que bem póde crear difficuldades graves a commerciantes e a industriaes. No Porto, já se deu um caso d'esses. Os empregados fiscaes, encarregados de pôr em execução a nova forma de applicar os direitos de exportação tomaram por base dos seus calculos preços taes, que os artigos apresentados a despacho ficaram retidos, não seguindo o seu destino.

Em resumo: trata-se d'uma questão grave, que muito póde affectar o commercio e a industria nacionaes. E' necessario, portanto, reparar e muito antes de se adoptarem novas medidas tributarias e urge, principalmente, cercar de todas as garantias aquelles sobre quem vão incidir agravamentos tributarios como este. Nem tudo o que luz é oiro; e se é certo que os industriaes vendem agora mais caro o que produzem, não o é menos que, para produzirem alguma coisa, viram triplicar e quadruplicar as suas despesas. Eis o que não póde ser esquecido, sob pena de se praticarem intoleraveis injustiças.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Realisou-se hoje o enlace matrimonial do sr. Rogerio Ramos, capitão da nossa marinha mercante, com a gentil filha do distincto maestro Carlos Calderon, sr.ª D. Maria Luiza Ferreira Calderon. O acto civil effectuou-se em casa dos paes da noiva, procedendo-se depois ao acto religioso celebrado na egreja do Campo Grande, pelo rev. prior de S. Nicolau, sr. dr. Forte de Carvalho, amigo particular da familia da noiva. O acto revestiu toda a solemnidade; proferindo o rev. dr. Forte de Carvalho uma tocante allocução sobre as excellencias da vida conjugal.

Foram testemunhas os srs. Carlos Calderon e Eduardo Nogueira Ferrão Calderon, pae e irmão da noiva, Carlos Ribeiro Nogueira Ferrão e João Maria Ferreira, tios da noiva e madrinha a sr.ª D. Maria Nogueira Ferrão.

Finda a cerimonia, foi servido na elegante residencia dos paes da noiva um lauto «lunch», fornecido pela casa Ross Araujo, trocando-se entre os convidados enthusiasticos brindes.

Na «corbeille» da noiva viam-se inumeras e valiosas prendas.

Os noivos partiram em seguida para a Figueira da Foz, onde ficam residindo por algum tempo.

—Partiu no rapido da tarde para o Porto, o sr. Antonio da Silva Cunha, presidente da Associação Commercial d'aquella cidade.

EM BELEM

O sr. presidente da Republica recebeu hontem em audiencia particular o illustre industrial e commerciante no Porto sr. José de Almeida Cunha, com quem conversou demoradamente.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 3/4	36 5/8
Londres, 90 d/v.	31 1/4	—
Paris, cheque	$76,5	$76,9
Allemanha, cheque	$30,5	$31,5
Hollanda, cheque	$63,4	$63,9
Madrid, cheque	1$41	1$42
New York	1$50	1$52
Rios/Londres	12 1/4	—
Libras	7$30	7$30
Agio do ouro	60 °/o	65 °/o

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,60	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$20; 4 0/0 1888, 22$60; 4 0/0 1890, coup. 50$50; 5 0/0 1909, coup. 80$50.

Externas: 3.ª serie 78$.

Acções: Ultramarino, coup. 115$50. Aguas 9$50; Ilha do Principe 215$; Moçambique 2$95; Tabacos, coup. 74$50; Companhia Internacional Mercantil 6$20.

Obrigações: Aguas, coup. 88$20; Prediaes, 6 0/0, 92$; Ambacas 95$50; Norte e Leste, 1.º grau, 74$ e 2.º grau, 37$30; Assucar 41$50.

SPORT

Uma greve nas alfaiaterias

Ha mulheres bonitas?

Diz um costureiro parisiense que as mulheres bellas vão-se tornando raras

Tem havido greves de tudo, de padeiros, pedreiros, mineiros, de estudantes, etc. O que nunca se presumiu foi que houvesse greve de «manequins» de alfayate. Pois houve e isso prejudicou bastante os «costumiers» parisienses, que, por esse facto, tiveram horas de celebridade com entrevistas de jornaes e artigos de actualidade.

Evidentemente que a «greve dos manequins» interessou, em especial, os jornaes de modas e revistas femininos.

«La Nouvelle Mode» tratou do caso com meticulosa attenção, dando ao assumpto fóros de acontecimento sensacional no mundo da costura.

Nas entrevistas, os mestres da especialidade deram as suas opiniões. Houve de tudo. Uns acusavam os «manequins» de escolherem semelhante profissão com o proposito unico de crear uma situação, infinitamente mais brilhante... que a de passear nas ruas. Para outros o motivo era mais honesto: tratava-se de trabalhar para conseguir um emprego que começava por se ser... «manequim».

Emfim, «La Nouvelle Mode» encontrou a grande sentença, reproduzindo a opinião d'um celebre «costurier» que declarou francamente que se não havia «manequins» é porque estavam rareando as mulheres bellas!

Este alfayate não se teria mettido de mais, venenoso e pouco gentil, pela costura dentro, tal como o sapateiro quando sóbe além da chinela?

Talvez, porque «La Nouvelle Mode» tenta, a seguir, a desculpa das imperfeições femininas. Emprega, para isso, argumentos como estes:

«Na falta de formas impeccaveis existe na mulher uma graça natural que modifica as coisas e que faz valer a «toilette» melhor que toda a harmonia dos contornos. Estamos convencidos de que a Venus de Milo, vestida na rua de la Paix, faria menos effeito, apesar da sua estructura esthetica, que a mais franzina parisiense, dentro d'um vestido flexivel e elegante. Porque não?»

Aqui «La Nouvelle Mode» botou assim, e peior ainda fez quando mais abaixo diz:

«Isto n'uma epoca, em que com o pretexto de cultura phisica, todos se entregam á toda a especie de exercicios gymnasticos. Será a decadencia dos sports?»

Perante este argumento, garantimos que o articulista de «La Nouvelle Mode» pode saber muito de costura mas desconhece o que seja educação physica e «sports», fazendo uma lamentavel confusão do que seja uma e outra cousa.

Já que se trata de «manequins», isto é de perfeição de linhas, não se comprehendem aquellas palavras. Precisamente, a educação physica é que pode formar os «modelos» as qualidades que lhes faltam.

Se os «manequins» dos alfayates tivessem feito primeiro a sua educação gymnastica, podendo mais tarde completal-a com a cultura phisica e os «sports», já os «costumiers» não teriam occasião de dizer tolices e nenhum d'elles se atreveria a affirmar que vão escasseiando as mulheres lindas.

Nota do dia

Certamens internacionaes

Se fosse necessario provar que o «sport» tem evolucionado me Portugal, bastava a felicidade de internacionalisar os desafios, «matchs» e campeonatos athleticos para fornecer a melhor prova. Agora, por exemplo, fala-se da vinda de dois «teams» estrangeiros de «foot-ball», um inglez, outro hespanhol. Fala-se tambem da visita de esgrimistas hespanhoes.

A proposito d'estes torneios, alguem se queixou do apoucado auxilio de propaganda do jornalismo sportivo quando do esforço de varios clubs lisbonenses. Não tem razão quem se queixa. Se por vezes houve «deficit» na «visita» de clubs estrangeiros a Lisboa, o facto explica-se porque os clubs que tinham os encargos da visita depreciaram o auxilio do reclamo, chegando a dizer que não necessitavam da cooperação da imprensa. Verdade seja que alguns não depreciavam o jornalista sportivo mas exigiam do jornalista o esforço «barulhento, berrante e espaventoso» do reclamo. Ora o jornalista não é empregado de clubs e muito faz elle, com benevolencia dos directores e proprietarios dos jornaes em publicar os communicados que recebe. E mais nada que o caso já tem discussão demasiada...

Algumas anecdotas

Foi preso porque queria comprar um capitão de foot-ball...

Na Inglaterra joga-se muito sobre o resultado dos desafios de «foot-ball». Um «bookmaker», Pascoe Bioletti, teve a engenhosa idea de offerecer uma bonita somma ao capitão da «equipe» profissional do West Bromwich para que este levasse o seu «team», que era o grande «favorito», de maneira a que perdesse ou, pelo menos, a que fizesse «match nullo» no desafio que devia disputar com o «team» de Everton.

O capitão, que era um homem honesto, acceitou os 250 escudos que lhe offereceram, mas foi immediatamente queixar-se á policia. O «bookmaker» foi preso por tentativa de corrupção e mais tarde condemnado a cinco mezes de prisão.

—Então soffreste um «penalty kick»? perguntou-lhe um conhecido que o vira na cadeia.

—Não, Errei o «schoot»...

O curioso da historia é que os dois «teams» fizeram «match» nullo. O desafio, substituindo o capitão, satisfez o desejo do infeliz «bookmaker»!

Noticias

Entre nós

Lucta da Federação

A Federação Portugueza de Sports tem empregado todos os esforços para que o campeonato de lucta d'este anno tenha grande brilhantismo. A organisação tem sido muito cuidada e ponderada, porque este anno faz-se o apuramento do campeão de Portugal entre os campeões de cathegoria, e portanto a prova attinge maiores responsabilidades; porque os concorrentes treinaram-se com muita antecedencia e tão bem preparados estão que alguns apresentam-se em condições tão eguaes que difficil será apontar o vencedor, e porque, a Federação no desejo de mostrar que as suas provas podem ser bem organisadas quando os seus elementos se interessam como agora, quer imprimir todo o valor sportivo, quer seja nos resultados das provas, quer seja na parte respeitante á organisação.

A arbitragem será entregue aos melhores technicos e enthusiastas. Citam-se já os nomes de Antonio Pereira e Claudio d'Oliveira, e do jury farão parte Pedro Del Negro e Francisco Cordeiro. Estes nomes são elementos sufficientes para garantir que o campeonato de lucta d'este anno terá a valorisal-o a boa technica e ordem, porque a sua auctoridade technica e probidade impõem-se.

O campeonato começa a disputar-se no proximo domingo, pelas 14 horas, no amplo gymnasio da Escola Academica de Lisboa, cedido gentilmente pelos seus directores.

Os concorrentes inscriptos são: Julio de Noronha, Abel Ferreira, Justino Vigario, Homero Alves, Eduardo Amaro, Emilio Parreira, Antonio Neves, José da Silva Carvalho, Antonio Silva, Arthur Trindade e Costa Santos, pelo Atheneu Commercial de Lisboa; Carlos Alberto Simões, Eduardo José dos Santos, José Mathias de Carvalho e Antonio Pires Linhares, pelo Sport Club Progresso.

A entrada é facultada a todos os socios dos clubs sportivos e suas familias, sendo reservados logares para a imprensa e representantes dos clubs.

Grupo n.º 24 dos Escoteiros de Portugal

Previnem-se todos os candidatos a escoteiros para comparecerem no proximo sabbado, pelas 21 horas, na séde d'este grupo para serem inspeccionados.

A inscripção para novos socios tanto extraordinarios (auxiliares) como ordinarios (escoteiros), continua aberta na séde, rua do Mundo, 81, 3.º, sendo a quota mensal 10 centavos.

Esta instituição é neutra em materia politica e religiosa. O seu fim é o desenvolvimento physico e moral da mocidade portugueza.

Gymnasio Club Portuguez

Reuniu hontem a direcção d'este club que ultimou os seus trabalhos para a realisação da «poule» de esgrima no proximo dia 5 de dezembro.

A «poule» começará a ser disputada no dia 4 á noite visto não haver tempo sufficiente em virtude do grande numero de inscriptos. E' enorme o enthusiasmo entre os frequentadores da sala d'armas do club. Augmentou extraordinariamente, n'estes ultimos dias o numero de alumnos n'esta classe. A direcção que prima em dar o maior brilho possivel ás suas festas resolveu fazer a distribuição de premios no mesmo dia 5, terminando esta «matinée», que promette ser magnifica, com um baile.

—Para o dia 30 do corrente está convocada uma assembleia geral para apreciar um contracto de alliança entre o Gymnasio Club e os Desportos de Bemfica.

Convocações de foot-ball

O capitão geral do Lisboa Foot-ball Club, pede a comparencia, no proximo domingo, no Campo Grande, dos seguintes srs.: A's 10 e meia, Gumersindo Jordan, Antonio Gomes, João Epiphanio, João Cancio da Silva, Amilcar Costa, Arthur Reis, Manuel Arsenio, José Costa, Luiz Silva, Eduardo Gomes, e Francisco dos Santos.

A's 12 e meia, Apolinario Santos, José d'Almeida, Antonio da Guiomar, João Quintino, Antonio Santos, José Cunha, Salvador Thomaz, Annibal de Sousa, Raul Baptista, Ruy d'Andrade, Julio Cardozo, J. Curto e Rober de Mattos.

A's 14, Ignacio Carreira, Enrico Rebello, Mario Magalhães, Placido de Sousa, João Duarte, Carlos Silva, Frederico Castro, Raul Ramalho, José Gaspar, Eduardo Mendes e Fernando Lima.

A situação militar

Paris, 19 de novembro

O «Temps» aprecia nos seguintes termos a situação militar:

«O coronel russo Choumsky, estudando a situação dos exercitos alliados, escreve que nem os francezes nem os russos querem ceder um só palmo de terreno, e que tanto uns como outros estão bastante fortes para se manterem nas suas posições. Esta attitude de espectativa podia fazer-nos esperar que se désse o esgotamento material da Allemanha, quando se encontrasse reduzida aos seus proprios recursos; mas agora que a derrota da Serbia lhe abre uma porta para o Oriente esse momento vae ser retardado, e a ninguem é dado prevêr que acontecimentos poderão pôr termo á guerra que dizima toda a Europa.

Em França, está a nossa frente fortissima, e, a não ser que receba importantes reforços, o inimigo não ousará atacal-a; por emquanto conserva-se n'uma systematica defensiva.

Desde o mar aos Vosges, a acção limita-se a bombardeamento e trabalhos de minas que teem subvertido algumas trincheiras e fortificações passageiras do inimigo.

Na Russia é egualmente estacionaria a situação; em Mitau, ao sul de Riga, foi repellida uma offensiva inimiga; na zona pantanosa que se estende a sueste de Dvinsk tem por vezes a artilharia inimiga desenvolvido uma intensa actividade. E a isto se reduz toda a acção no norte da frente russa.

No centro nada se tem passado. No sul não tem sido a lucta mais activa; na região de Tchartorüsk, tentou o inimigo uma offensiva, na margem oeste do Styr, entre o rio e a linha ferrea que vem de Kovel, proximo da villa de Medvegia, mas o ataque não podia ter sido muito violento, pois que bastou o fogo da artilharia para o frustrar.

E' mais seria a lucta na Italia, sobre o Izonso; são os proprios inimigos que nos dizem que a vertente norte do Carso, portanto do lado de Gorizia, é o theatro d'um encarniçado combate, e que em torno de San Michele e de San Martino se combate incessantemente.

Os austriacos enviam as reservas que mantinham em Gorizia para a testa de ponte de Podgora e para o monte Sabotino, altura de 500 metros que fica á distancia de 5 kilometros na margem direita do Izonso, e domina a cidade. Os nossos alliados verificaram que a cintura das alturas de Staragora, a leste de Gorizia está guarnecida de baterias; pela distancia a que estas alturas ficam da cidade, póde deduzir-se que o seu artilhamento não tem por fim defendel-a, mas impedir aos italianos a passagem por aquelle ponto.

Parece que foi resolvido, em principio, a intervenção da Italia nos Balkans, operando na costa occidental do Adriatico em Vallona, Durazzo, San Joan de Medua, ou em Antivari; o corpo expedicionario julga-se que seja composto por 50 mil homens, e cita-se o nome do general que o commandará. O ponto de desembarque pouco importa; seria para desejar que a intervenção se não demorasse muito mais, pois que as forças que desembarcámos juntamente com as inglezas são insufficientes para impedir que os bulgaros cerquem pelo sul o exercito serbio, e para darmos a este, garantindo-lhe uma linha de retirada, a possibilidade de carregar energicamente sobre os allemães; na nossa marcha para o norte não pudemos ir mais além do Tcherna.

O destacamento serbio que defendia as alturas de Babuna teve que retirar em face dos bulgaros que, tendo chegado a Prilep, avançam para Kruchevo, ao norte de Monastir; estão em marcha de Les Kovatz para Prichtina.

Na frente norte os montenegrinos tiveram que retirar perante forças europeias; as austriacas estão passando para além de Javor, para o sul, e marchando sobre Simitza, no antigo sandjak de Novi Bazar, cuja fronteira os allemães alcançaram em Rachka, sobre o Ibar, a vinte kilometros para o norte de Novi Bazar.

Não tardará pois que o exercito serbio seja levado d'encontro ao Montenegro e á Albania, ficando em dificilima situação; e agora por onde poderá receber recursos? As potencias com que a Serbia contava para a salvarem do desastre estão ainda discutindo, emquanto o inimigo, que logo de principio pôz em linha um forte exercito, invade completamente o paiz que resolvera conquistar.»

descripta como o typo da guerra de trincheiras que se deu na fronte do Narev entre o meiado de março e 12 de julho. No districto de Prasmysz, que a proximidade do caminho de ferro de Mlava-Novo-Georgievsk e a natureza do terreno tornavam a região decisiva para uma offensiva allemã, mudanças algumas occorreram até proximo do fim de maio nas principaes posições.

Os allemães estavam occupando uma linha que se estendia ao sul de Mlava e Chorzéle, com o centro nos outeiros proximo á aldeia de Granaty. Entre elles e as trincheiras russas havia uma distancia de oitocentos metros.

Quando falhou o primeiro ataque contra a linha Lublin-Cholme, preparativos para uma offensiva do norte foram feitos com grande rapidez. Artilharia de todas as especies e calibres foi trazida, obras de sapa foram feitas até uns cento e noventa metros das posições russas. Entre 9 e 12 de julho, as excavações faziam-se não só de noite, mas de dia; apenas durante algumas horas no dia, diz o diario d'um soldado allemão que tomou parte nos trabalhos, era permittido descançar.

Durante a noite de 12 para 13 de julho a artilharia allemã abriu fogo contra as posições dos russos. A's 4 horas da manhã do dia 13 todas as baterias iniciaram o bombardeamento das trincheiras russas; ás 7 horas e meia, o fogo era intensissimo. Parou meia hora mais tarde e a infantaria começou a avançar.

Washburn, o correspondente especial do «Times», a quem já mais de uma vez nos referimos, escreve do quartel general na fronte do Bzura, com a data de 17 de julho:

«Ouvi dizer que os russos sabiam que os allemães planeavam o avanço contra as suas posições, pelas 3 horas da manhã—ás 4 diz o diario do soldado allemão a que fazemos referencia—e recuaram logo que escureceu, deixando os allemães despejarem 80.000 granadas sobre posições abandonadas, antes de perceberem que a principal força russa estava já occupando trincheiras n'uma nova linha».

O communicado official russo de 14 de julho diz:

«O inimigo tomou a offensiva na fronte do Narev. Grandes forças avançaram entre os rios Orzec e Lidynia, no districto de Prasmysz. As nossas tropas, sem acceitarem batalha definitiva, retiraram para a sua segunda linha de posições».

Durante a manhã de 13 de julho as forças allemãs continuaram o ataque. A sua ala direita apoderou-se da cota 164, a oeste do caminho de ferro Mlava-Ciechanow, a ala esquerda occupou a aldeia de Grudnsk. Um corpo d'exercito russo estava luctando contra trez corpos allemães, que eram o 11.º, o 13.º e o 17.º bavaros. De leste a oeste as tropas allemãs estavam-se approximando de Prasmysz. A cidade, da qual, segundo conta uma testemunha ocular, apenas quatro casas restavam, foi abandonada pelos russos no dia 14, retirando elles para a linha Bogate-Sbiki - Opinagora - Ciechanow.

A 15 de julho uma brilhante carga foi dada pela 14.ª brigada de cavallaria russa com o fim de retardar o avanço allemão. Mas não conseguiu o seu objectivo por completo. De manhã cedo, no dia 16, Ciechanow cahiu nas mãos do inimigo. Na manhã do dia seguinte, os russos evacuaram a cidade de Plonsk, a oeste do Wkra. Um ultimo estadio foi feito na eminencia proximo da estação do caminho de ferro de Gorne; as suas posições dominavam d'aquella eminencia a região circumjacente, plana, e o inimigo tinha de perder muita gente antes de chegar áquelle ponto. A retirada russa continuou.

O communicado official do dia 19 diz:

«A' oeste do Omulev, as nossas tropas recuaram progressivamente para a ponte-cabeça do Narev e travaram uma acção de retaguarda

nik. Quando a nova offensiva começou por meiados de julho, o seu primeiro movimento leva-nos para as provincias do Baltico e para a fronte do Narev. A'cerca d'esta pouco ha a dizer durante toda a primavera de 1915.

Os dias que se seguiram á segunda batalha de Krasnik assemelharam-se ao silencio que precede a tempestade. Certo é que a lucta final para a posse de Varsovia e do Vistula se approximava. Entre os dias 12 e 14 de julho começou uma campanha como nunca havia sido vista, nem mesmo n'esta guerra, a maior de todas as guerras em todos os tempos.

A nova offensiva allemã estendeu-se a toda a fronte oriental. Um exercito composto de pelo menos 45 corpos iniciou uma offensiva ao longo d'uma fronte que se estendia a mais de 1.600 kilometros. Na extrema norte um grupo de seis corpos d'exercito começou a 13 de julho a segunda offensiva contra as provincias Balticas. No seu flanco sul um exercito composto de quatro corpos avançou contra a linha do Niemen; as operações a oeste da linha Kovno-Grodno eram, porém, a esse tempo, de importancia secundaria.

Com certeza que não menos de cerca de nove corpos d'exercito estavam fazendo frente, pelo meiado de julho, á linha Bobr-Narev-Bug, entre Grodno e Novo-Georgievsk; trez corpos eram compostos de novas formações de Schleswig-Holstein, Pomerania e Brandenburg.

Trez corpos d'exercito pelo menos estavam na fronte de Varsovia, entre o Vistula e o Pilica; no fim do mez foram reforçados por mais trez divisões allemãs e outras trez austro-hungaras—além dos 45 corpos d'exercito a que acima nos referimos.

Entre o Pilica e a fronteira da Roumania estavam os «exercitos do sul», que haviam entrado em toda a lucta entre 2 de maio e 9 de julho. A força d'esses seis exercitos—von Woyrsch incluindo o grupo de Kövess, archiduque José-Fernando, von Mackensen, von Linsingen e o grupo do conde Bothmer, von Boehm-Ermolli e barão von Pflanzer-Baltin—não póde ser computada em menos de vinte e quatro corpos.

Em meiados de julho, a fronte oriental apresentava uma curiosa succession de «flancos» estendendo-se de leste para oeste e de «frontes» correndo de norte para sul. A força da nova offensiva allemã era dirigida principalmente contra os «flancos»; a lucta ao longo de trez «frontes», isto é, as linhas do Niemen, do Vistula e do Bug e Zlota Lipa, era d'uma importancia secundaria—formando uma excepção a extrema sul da linha do Vistula proximo de Ivangorod.

As mais importantes de todas eram as duas linhas de «flanco» em ambos os lados das posições de Varsovia e de Ivangorod, a que podemos chamar as linhas do Narev e de Lublin-Cholm. A importancia do «flanco» norte de Shavle, que derivára dos primeiros movimentos da nova offensiva nas provincias Balticas, só mais tarde se veiu a sentir.

Na narrativa da lucta que se seguiu durante a segunda quinzena de julho vamos tratar em primeiro logar do avanço allemão nas provincias Balticas.

Como fórma um capitulo separado da grande offensiva, occupar-nos-hemos em especial das principaes operações. Na extrema sul, no curto flanco do Dniester, entre Nizniow e Uscie Biskupie, o barão von Pflanzer-Baltin renovou, ao meiado de junho, as suas tentativas que, com de costume, terminaram por um insuccesso.

Como a lucta n'essa região não apresenta factos que mereçam menção especial ou tenham importancia proeminente, limitamo-nos a registal-a.

Entre meiados de maio e 13 de julho nas provincias Balticas houve pouca lucta. Os dois exercitos faziam-se frente entre Libau e Kovno, n'uma fronte de duzentos e quarenta kilometros; os rios Vindava, Venta e Dubissa formavam no seu conjuncto a linha divisoria entre elles.

Muito do terreno era occupado por forças relativamente pequenas e grande parte das tropas era constituida por cavallaria.

O districto de Shavle, situado a meio caminho entre Libau e Kovno, formava o centro do theatro de guerra no Baltico. Por meiados de junho, os allemães tentaram uma offensiva contra elle. Conseguiram avançar até Kuze, que está ao alcance da artilharia de Shavle, mas não puderam romper as linhas russas na frente da cidade.

Seguiu-se uma nova acalmia na lucta, que terminou quando a grande offensiva allemã contra Varsovia alcançou a sua phase culminante n'um avanço simultaneo ao longo de toda a fronte oriental.

A nova offensiva allemã contra Shavle começou por um ataque de flanco, vindo atravez do Vindava da direcção de Libau, e terminou n'um movimento concentrico que devia cercar e tomar o principal corpo do quinto exercito russo. O Vindava foi primeiramente atravessado pelos allemães nas proximidades de Niegradan, a meio caminho entre Schrunden e Muraview, e depois, em mais alguns, poucos, pontos entre Muraview e Kurshany.

A travessia do rio n'esse districto não apresenta difficuldades serias; tem pouco mais de quarenta e oito metros de largura e as suas margens são cobertas de densas florestas. Comtudo o districto parece ter sido apenas ligeiramente occupado pelos russos; depois de ter sido atravessado o rio, parte da cavallaria allemã poude avançar oitenta kilometros em tres dias sem encontrar resistencia seria.

Além do Vindava as forças allemãs espalharam-se para o norte e para leste. A sua ala esquerda tinha Mitau como objectivo; era apoiada do oeste por um outro corpo de tropas que estava avançando na margem esquerda do Vindava e ao longo do mar contra Goldingen e Windau. O centro e a ala direita das forças tinham por objectivo immediato o caminho de ferro de Mitau a Muraview; tendo-o atravessado avançariam com toda a rapidez contra Janishki e o rio Musha, para tornearem as forças russas em redor de Shavle e, sendo possivel, cortarem a sua unica linha de retirada, que levava para leste.

A offensiva contra Mitau não encontrou a principio resistencia alguma seria. A 15 de julho os allemães occuparam Frauenburg; dois dias depois deu-se uma batalha em roda de Doblen. Pelo meio dia de 18 de julho o inimigo estava a uns dez kilometros do Mitau.

Entretanto, na esquerda d'esse grupo, as forças vindas de Libau haviam occupado Goldingen e Windau, atravessado o Vindava e chegado ao caminho de ferro Windaw-Tukum-Mitau.

Poucos dias depois, os allemães, ao chegarem ao rio Aa, a leste de Mitau, proximo da cidade de Bowsk, fechavam o semi-circulo pelo qual se approximaram pelo sul do districto de Mitau.

Mas a cidade não podia ser tomada por um golpe de mão. Fica n'uma posição defensiva extremamente forte, proximo da confluencia de muitos rios e coberta do sul por um grupo de florestas, de muitos kilometros de extensão.

Comtudo a sua mais importante linha estrategica de communicação, o caminho de ferro para Riga, estava fóra do alcance das forças allemãs.

Só em 1 d'agosto os allemães puderam tomar a cidade. Mas o objectivo immediato do avanço allemão contra Mitau não era a tomada da cidade, mas sim o cortar todas as communicações directas entre Riga e Shavle. N'essa direcção a força que cercava Mitau pelo sul protegia o flanco das forças que avançavam na direcção leste de Alt-Auss contra Janishki.

As tropas russas entre Mitau e Shavle estavam recuando deante das forças allemãs que eram muito numerosas. A sua retirada foi coberta por uma serie de brilhantes acções da retaguarda, dadas com o apoio de grande numero de metra-

lhadoras, por uma brigada de cavallaria ussuriania.

Aproveitando o mais possivel as vantagens naturaes que uma região de florestas e pantanos offerece a essa especie de lucta, esses cavalleiros siberianos conseguiram retardar o avanço allemão até todo o exercito russo ter recuado da zona perigosa. A 20 de julho um novo corpo de tropas allemãs atravessou o Dubissa no districto de Rossienie, ao sul de Shavle.

Um ataque concentrico do sul, do oeste, do norte e até do nordeste foi dirigido contra as tropas russas no districto de Shavle e Shadoff. Não se póde negar a excellente estrategia da offensiva allemã; comtudo não conseguiu o principal objectivo de cercar o quinto exercito russo, que occupava as provincias da Curlandia e da Samogitia. A 23 de julho, esse exercito effectuou a sua retirada para além de Shadoff.

No decurso das operações d'esses dez dias os allemães dizem ter feito 27.000 prisioneiros e tomado 25 canhões e 40 metralhadoras. Mesmo que taes numeros sejam exactos, as perdas russas não se pode dizer que fossem muito grandes. N'uma retirada por entre bosques e pantanos, em que pequenos grupos caminham destacamento, as perdas em prisioneiros são sempre grandes.

Os relatorios russos não dão o numero de prisioneiros por elles feitos durante a lucta nas provincias Balticas entre 13 e 23 de julho, mas, embora estivessem em retirada, o numero deve, indubitavelmente, ter-se elevado a alguns milhares.

Para dar um exemplo de que assim foi basta dizer que o communicado official russo de 18 de julho refere a captura de «500 prisioneiros allemães, com 9 officiaes e 7 metralhadoras».

Depois da tomada de Shavle e Shadoff, o avanço allemão continuou para leste em direcção a Posvol e Poniovlesh; ambos esses districtos foram alcançados a 25 de julho. Depois, o avanço tornou-se muito mai vagaroso. A 2 d'agosto as forças allemãs passaram a estrada Vobolniki-Subotch, que atravessa o caminho de ferro Ponieviesh-Dvinsk a cêrca de vinte e quatro kilometros a leste de Ponieviesh. No fim do mez, os allemães estavam ainda n'aquella região ao longo da mesma linha.

O principe Joachim, filho mais novo do kaiser

Como já dissémos, o avanço allemão nas provincias Balticas, que se deu na segunda quinzena de julho, tinha por objectivo cercar as forças russas que estavam n'aquella região e preparar o terreno para um movimento envolvente do norte contra a linha do Niemen.

Se o ataque directo contra o saliente no Vistula não conseguisse esse objectivo, os allemães podiam ter obrigado os russos a retirarem da Polonia, cortando, ou simplesmente ameaçando seriamente as suas linhas de communicação com o norte, nos districtos de Vilna e Molodetchna. Todavia o curso que os acontecimentos tomaram no sul tiraram ás operações na Lithuania a sua importancia immediata.

Difficilmente lucta alguma excedendo os limites d'aquella póde ser

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1908—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 26 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Os novos dissidentes

Com a sua costumada argucia, a «Lucta» de hoje procura demonstrar que o seu director, chefe do partido em que milita e por isso mesmo mais do que ninguem auctorisado a definir os propositos d'esse partido, mesmo por occasião do exito do movimento das espadas, continuava a affirmar que se desinteressava do poder. Para isso, a «Lucta», com a sua comezinha habilidade, limita-se a analysar um dos trechos, que hontem n'«A Capital» transcrevemos, tirados a artigos do seu director, subsequentes a esse movimento, deixando de fazer a mais leve allusão aos outros que o completam e absolutamente esclarecem.

O chefe do partido unionista fallava com effeito no desinteresse do seu partido, em relação á posse do poder. Mas o desinteresse a que alludia, era o desinteresse passado. O sr. Camacho dizia que não tinha querido formar governo com o seu partido, mas isso era antes do movimento das espadas. Feito esse movimento elle entendia «que a União Republicana tinha incontestavel direito a ser chamada ao poder.» E accrescentava: «Oxalá nos não enganemos; mas é nossa convicção que se commetteu um erro grave que não terá facil reparação.»

Se o chefe unionista entendia que o seu partido devia ser chamado ao poder n'essa occasião, e que o facto de o não ter sido representava um erro grave, isto é, que o facto de não ter sido o governo constituido pela União Republicana produziria consequencias funestas para o regimen e para o paiz,—como é que poderia ter recebido a noticia de que o governo se ia constituir, fóra d'esse partido? Essa solução devia-o surprehender, e tambem indignar e sobresaltar. Não só não reputava logica essa exclusão, como não a reputava justa e ainda a considerava perigosa.

N'outras occasiões, o sr. Brito Camacho pudera revelar o desinteresse do seu partido. Não quizera entrar em combinações, inteiramente constitucionaes. Só achava que tudo indicava a chamada ao poder do seu partido, quando se estabelecera uma situação, que elle mesmo declarava ter feito soffrer a disciplina militar ainda mais do que o que elle chama no safanão revolucionario de 5 de outubro.»

N'estes termos, está ou não a verdade bem patente? O partido unionista não iria ao poder por meio de uma combinação com os outros partidos da Republica, e essa attitude lhe servia para proclamar o seu magnanimo desinteresse. Mas o partido unionista iria ao poder, achava-se naturalmente indicado para ser poder, reputava um erro grave não ter sido chamado a exercer o poder, quando esse poder, mercê d'uma aventura feliz, a que todavia deu o seu apoio até ao dia 13 de maio, cahira nas mãos dos elementos que só o haviam podido obter por meio d'um acto de gravissima indisciplina.

O partido unionista desinteressava-se do poder, quando constitucionalmente era convidado a exercel-o ou a participar n'elle; o partido unionista nunca creára, como ainda não creou, nem uma organisação solida que lhe desse importancia para o alcançar, nem a força da opinião que reclamasse os seus serviços no governo. O partido unionista só se julgava indicado para governo quando o movimento das espadas submettera ao imperio militar aquillo a que deve sempre a classe militar sujeitar-se, nas democracias, ou seja a supremacia do poder civil, supremacia sem a qual as democracias não teem uma existencia real.

A «Lucta» accusa-nos de nos empenharmos em demolir a União Republicana, como se essa tarefa não tivesse de resultar exclusivamente dos seus erros. A arguição faz sorrir. Nós não pretendemos destruir o partido unionista, como não pretendemos destruir nenhum dos outros partidos da Republica, embora a todos tenhamos feito os reparos que a nossa consciencia nos indica como necessarios á obra patriotica da Republica. D'esse direito de critica não abdicamos, nem podemos abdicar. Deriva da missão jornalistica, que hoje tem de se exercer com uma clareza e uma nobreza que engeitam velhos processos de violencia e astucia.

Se entendemos que o partido unionista está, não servindo, mas desservindo a Republica, é porque a isso nos leva o espectaculo das suas incertezas, das suas oscillações, dos seus sophismas. O partido unionista nunca aborda de frente, e com desassombro, as questões. Limita-se a insinual-as, e quando replado a falar claro, se está no parlamento diz que falará na imprensa, se está na imprensa diz que falará no parlamento, e nem no parlamento nem na imprensa fala, como se deve falar hoje, que já a politica se faz dentro da opinião, isto é, firme, clara, desassombradamente.

São processos como os dos dissidentes? Ainda hontem «A Lucta» annunciava o que faria se fosse poder: reprimir, obrigar ao que ella chama disciplina porventura com as espadas que a indisciplina, por ella como tal reconhecida, fizesse erguer. Como nos lembraram aquelles tempos do »Dia», dissidente, quando a folha do sr. Moreira d'Almeida não se cansava de começar todas as considerações sobre os factos que se passavam na politica e na administração monarchicas, dizendo: «Se nós fossemos governo...»

Não conseguiu o sr. Alpoim, chefe da dissidencia monarchica, ser poder um só dia, nem mesmo organisar um partido digno d'esse nome. Não conseguiu mesmo entrar na Republica. E porque não entrou na Republica, muito embora na Republica estejam alguns monarchicos que não são melhores que o sr. Alpoim, e sobretudo não dispõem do seu incontestavel talento de orador, de jornalista, de politico? E' porque o instincto popular, a intuição da opinião republicana o não consentiram. E' porque o povo dizia: «Se elle entra na Republica, vae lá fazer o mesmo que fez na monarchia, quer dizer, será um agente de dissolução do regimen republicano como foi um agente da dissolução do regimen monarchico.»

O unionismo imita a dissidencia monarchica pela maneira de ser dos seus marechaes, o seu temperamento, a sua vaidade de super-homens. Homens intelligentes, cultos, mas vivendo confinados nos seus estudos, mettidos nos seus gabinetes, entregues á especialidade das suas profissões, esses homens não teem a experiencia da vida nem das sociedades sob o ponto de vista da acção politica. Julgam-se superiores a todos os cidadãos que na politica se interessam, que nos seus movimentos collaboram, que auscultam de perto o coração popular, e na realidade sabem muito menos do que elles. A ignorancia d'esses politicos á força chega a ser digna de dó.

Não ha duvida que o seu chefe é um homem intelligente, com certa visão politica, orador parlamentar e jornalista de merito. Entretanto em nenhuma d'essas qualidades vence o sr. Alpoim. E o sr. Alpoim cahiu. Porque cahem sempre os politicos que não conseguem alcançar a confiança popular.

D'ahi a irritação do unionismo que o leva a excessos que só a falta de razão explica. Os francezes dizem: «Tu te fâches; donc tu as tort.» O unionismo exalta-se, contorce-se, espuma, esbraveja, quando vê que ninguem acata a sua superioridade intellectual, que consiste em não ter ideias vastas e defensaveis, em não ter planos que não sejam inconfessaveis, em não ter argumentos que não sejam sophismas ou vituperios.

O espirito dos novos dissidentes é este. Nós não queremos demolir um partido. Seria tão ridicula pretensão como é a accusação pueril. Elle é que póde demolir a Republica,—se o deixarem.

Reclamações academicas

As reuniões d'hoje

Conforme hontem noticiámos reuniram-se hoje, em assembleias magnas, os alumnos das Faculdades de Medicina e de Direito.

A Faculdade de Direito teve a sua reunião no salão nobre do edificio sob a presidencia do alumno Perdigão que foi secretariado pelos alumnos Silva Cunha e Santos Moreira, ficando approvada a adhesão moral aos seus collegas do Curso Superior Technico, sendo egualmente nomeada uma commissão por um alumno de cada anno para estudar as reclamações da Faculdade a apresentar ao Parlamento.

Na Escola Medica a reunião foi presidida pelo alumno Alfredo Toni, secretariado pelos alumnos Antonio Flores e Villas. Houve larga e acalorada discussão sobre reclamações a apresentar e que versam sobre matriculas, cursos e epochas de exame, sendo por fim nomeada uma commissão composta dos srs. Ramalho, Toni, Moreira e Bernardino Silva que funccionará na séde da respectiva Associação para onde devem ser enviadas todas as reclamações a apresentar pelos alumnos, até ao proximo dia 29, ao meio dia. Esta commissão estudará as propostas apresentadas, elaborando depois um relatorio que será apresentado e discutido n'uma reunião que, para esse fim, a mesma commissão convocará.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Dividido em volumes, de modo a formar um livro portatil, economico, elegante e de facil encadernação, o folhetim que vimos publicando *Historia Illustrada da Grande Guerra*, repositorio fiel dos factos dia a dia succedidos nos campos de batalha onde se derime a maior guerra que a Historia regista, têm alcançado verdadeiro exito.

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

"A CAPITAL" NO ESTRANGEIRO

O que se pensa de nós em Hespanha

Entrevistas com o conde de Romanones, Eduardo Dato e Melquiades Alvarez

Começaremos a publical-as brevemente

No plano jornalistico que, vagarosa mas firmemente, «A Capital» vem executando, occupa um dos primeiros logares o proposito de contribuir, na medida do nosso esforço, para que Portugal seja lá fóra conhecido e apreciado como merece e para que conheçamos, ao mesmo tempo, o que de nós pensam, o que de nós sabem e como nós apreciam as figuras mais representativas de nações a que nos prendem laços que só convem ao nosso futuro fortalecer e estreitar.

Anima-nos a inabalavel fé de que Portugal, no concerto das nacionalidades europeias, não ha de ser esbulhado dos seus direitos, antes se prestigiará, vencendo todas as resistencias que os adversarios das suas instituições e os cubiçosos do seu patrimonio porventura busquem oppôr-lhe. Mas, para que assim succeda, para adquirirmos a posição a que temos jus como povo independente, progressivo, cioso das suas liberdades e conscio dos seus destinos, urge luctar contra os que se não pejam de alludir a um supposto isolamento e ainda contra os que imaginam que para viver com tranquillidade e com honra nos é bastante a secular alliança que nos liga a uma formidavel potencia.

Enviando um dos seus mais distinctos redactores a França, a fim de proceder a um inquerito relativo á guerra, «A Capital» não deixou de ouvir illustres opiniões a nosso respeito e de, por intermedio do seu enviado, o nosso querido camarada e brilhantissimo jornalista que é Hermano Neves, desfazer duvidas e prehencher lacunas que ácerca de Portugal possa haver em esclarecidos espiritos.

O «Seculo» d'esta manhã insere, em telegramma de Paris, excertos de um artigo que Jean Finot, o publicista eminente, acaba de publicar na «Revue», de que é director, artigo repassado da maior sympathia por nós. Na entrevista que com esse amigo de Portugal realisou Hermano Neves e que trouxemos a lume, accentuára-se já a mesma sympathia fervorosa, que vem de longe e que os nossos leitores tiveram ensejo de verificar.

A opinião hespanhola é das que mais vivamente nos podem interessar n'este momento. Quer pelo que toca á grande guerra e á attitude que a Hespanha assumiu perante ella, quer quanto ás relações entre os dois Estados e os dois povos peninsulares, semelhante opinião vae ser, dentro em poucos dias, registada nas columnas d'«A Capital» que para esse fim enviou a Madrid um dos seus collaboradores: o sr. Edmundo Porto.

Já hoje podemos annunciar tres das entrevistas realisadas pelo enviado d'«A Capital» com os srs. **Conde de Romanones, Eduardo Dato e Melquiades Alvarez**, entrevistas a que se seguirão outras não menos sensacionaes do que essas.

O chefe do partido liberal falou da politica interna de Hespanha e do tratado de commercio luso-hespanhol, e manifestou a sua sympathia pelos alliados.

O presidente do conselho de ministros fez importantissimas affirmações ácerca das relações entre Portugal e Hespanha e definiu a attitude do seu paiz perante a guerra europeia.

O chefe do partido reformista preconisou uma alliança hispano-portugueza, falou da politica internacional dos dois paizes e ainda se manifestou sobre a guerra e as suas consequencias.

A par d'este inquerito realisado em Hespanha, «A Capital» proseguirá o que iniciou em França e que a Hermano Neves já tem dado assumpto para uma série de bellas chronicas de Paris.

COISAS NOSSAS...

O QUE NOS VEM DE FÓRA

Nem barro para certa faiança nem areia para crystal se colhem em Portugal

A guerra trouxe-nos, como a todos os povos, grandes e tormentosas amarguras. Mas tambem nos deve ter acarretado exemplos e lições que, se forem aproveitadas, bem pódem servir para nos fazerem entrar n'uma vida economica inteiramente nova. Chega a ser uma banalidade irritante dizer-se e repetir-se a cada passo que do estrangeiro nos vinha quasi tudo quanto era necessario ás nossas industrias para se exercerem e prosperar. Entretanto, por mais que se assevere semelhante coisa, não será facil dar uma ideia approximada, sequer, da extensão que tinha a importação das materias primas. As industrias, em Portugal, não eram apenas subsidiarias do estrangeiro, porque eram suas escravas, não podendo fazer nada nem tentar progredir sem essa dependencia suffocante. E porque? E' claro que, em parte, por não haver no nosso paiz aquillo que essas mesmas industrias requerem para produzir os objectos ou artigos para que se montam. Mas em parte tambem, certas industrias nossas nunca se libertaram da escravatura que as esmaga por não terem feito para isso os necessarios esforços e ainda por falta de estimulo e de auxilio da parte do Estado e d'outras entidades de quem depende todo o trabalho nacional.

—Chegou-se a tal ponto, pelo que respeita á importação de materias primas, dizia-nos ainda ha pouco alguem que muito se tem dedicado ás coisas industriaes, que quasi se perdera a iniciativa, abandonando-se pesquizas e pondo-se de lado tentativas as mais louvaveis, que tinham por fim conseguir que viessemos um dia a bastar-nos a nós mesmos. Ouviu algumas vez falar n'uma fabrica de faianças que houve no Porto denominada a Torrinha? Dedicava-se essa empreza ao fabrico de faianças genero antigo, resuscitando os velhos modelos portuguezes, perdidos ou em via de se perderem. E é de justiça dizer que os artistas encarregados d'essa tarefa patriotica lograram exitos esplendidos, reproduzindo objectos d'outros tempos, resuscitando velhas decorações, cheias de côr e de caracter, e creando modelos novos que, sem se afastarem dos typos classicos, eram verdadeiros achados de bom gosto e exemplos da mais perfeita execução. Pois sabe d'onde vinha o barro para a confecção das faianças da Torrinha? De Inglaterra! Parece uma coisa inventada, não é verdade? Pois é mesmo assim.

—E não haveria barro proprio em Portugal?

—Qual historia! O que não havia era maneira facil de o adquirir. E' que entre o trabalhão doido que daria procural-o, as arrelias da exploração e as angustias dos carissimos transportes, a empreza da Torrinha, como muitas outras, de resto, preferia importar a materia prima, a argila vulgar, a ter de luctar com mil e uma contrariedades para se abastecer d'ella em Portugal. Esta é que deve ser a razão de semelhante bizarria. Mas julga que o caso é virgem? Qual historia! Na industria do vidro dá-se um facto pouco mais ou menos egual. Sabe d'onde vem o barro dos fornos? Da Allemanha! E sabe d'onde se importava a areia fina para o fabrico do vidro? De França. De Fontainebleau! Já vê que se nos disserem que nos vem do estrangeiro, em potes, a agua que bebemos não temos nada de que nos admirar...

—E agora, que nada d'isso póde adquirir-se lá fóra?

—Eu sei lá! Mas creio que o momento do despertar não póde vir longe, sob pena de muitos estabelecimentos fabris terem de fechar as suas portas. Isto de se dizer que não ha nada em Portugal não passa, em geral, d'uma santa historia! O que não ha é vontade de aproveitar o que possuimos. Quer um exemplo? Mas ha muitos! O da areia para o vidro, por exemplo. Já houve quem a procurasse na nossa casa. E encontrou-a tão boa ou melhor que a de Fontainebleau. Calcula o regosijo de quem fez o achado. Tratou-se da exploração do jazigo descoberto. Carregaram-se não sei quantos vagons e enviaram-se para um centro vidreiro importante. Pois sabe por quanto ficou lá cada vagon? Por menos seis tostões que egual porção de areia vinda de Fontainebleau. Diga-me: vale, por acaso a pena montar uma exploração nova, crear trabalho, organisar uma empreza para se chegar a este resultado? Creio bem que não.

—Entretanto, é preciso nacionalisar a industria...

—E'. Isso é inteiramente axiomatico. Mas para isso, impõe-se esta coisa simples—fazer com que os caminhos de ferro não explorem ao maximo, levando fretes carissimos, que prejudicam todo o desenvolvimento industrial e commercial. O grande cancro está ahi—nas tarifas ferro-viarias. Modifiquem-nas, e quanto antes, senão jámais sahiremos d'este marcar passo constante, onde tudo se perde e tudo se dilue em desanimo e em cansaço. Emquanto um vagon d'areia posto n'um centro vidreiro nacional, custar tanto vindo do Alemtejo como se proviesse de Fontainebleau, não ha, evidentemente, possibilidade de se nacionalisar coisa nenhuma. E como esta excentricidade quantas não haverá por ahi que o publico ignora e que os proprios governantes desconhecem por completo? Innumeros, sem duvida. E ahi tem o motivo porque a industria portugueza é escrava do estrangeiro. Não temos materias primas nem possibilidade de as alcançarmos entre nós. Porque? Sobretudo por ser mais difficil e mais caro adquiril-as cá do que mandal-as vir do estrangeiro. Esta é que é a verdade, uma verdade asphyxiante, que não sei como se ha de fazer desaparecer.

DEFEZA NACIONAL

A acquisição de trez submersiveis

Orientando o publico

A nossa defeza nacional, não é de mais, nem anti-patriotico repetil-o é, sob o ponto de vista maritimo, quasi nulla e portanto d'uma «inadiavel» necessidade augmental-a.

Assim o comprehendeu o governo, destinando para despesas extraordinarias com material naval no actual anno economico a verba de 3.600 contos que, diga-se de passagem, é um nada para as nossas necessidades. A commissão parlamentar de marinha destinou primitivamente essa verba exclusivamente a material naval, mas depois como se convencesse que os arsenaes não construiriam na presente occasião para paizes estranhos, dividiu essa verba, além d'outras muito menores, em duas grandes verbas: uma de 1.050 contos destinados á acquisição de dois submersiveis de grande raio de acção, outra de 1.200 contos para construcção da 1.ª secção do Arsenal na margem Sul.

Para dar cumprimento á lei orçamental ordenou-se á commissão de acquisição de material para estudar as caracteristicas dos barcos a adquirir e sendo por ella apreciadas as propostas de duas casas chegou-se á conclusão que o submersivel que satisfazia ás caracteristicas exigidas pela commissão era o «Laurenti» construido pela Fiat San Giorgio que apresentou proposta com preço e prazo de entrega que seria 27 mezes apoz a assignatura do contracto; ao mesmo tempo propunha fornecer 3 submersiveis tipo «Espadarte» muito melhorado e aperfeiçoado dentro do prazo de oito a dez mezes!

O dinheiro inscripto no orçamento só chegava para um submersivel de costa e era portanto impossivel comprar dois de esquadra. Sob o ponto de vista financeiro o orçamento era inexequivel e sob o ponto de vista de construcção dos navios estes só seriam entregues no 2.º semestre de 1918! Para quem tem pressa por nada ter, é um pouco demorado!

A commissão composta de officiaes sabedores e amantes da sua patria, entendeu por «unanimidade» que se devia fechar immediatamente contracto para a construcção dos 3 submersiveis, e que se tratasse com a casa o fornecimento dos planos do submersivel de maior tonelagem e raio de acção para se construirem 3 no nosso Arsenal logo que fossem lançados ar mar os navios que se estão construindo a oeste.

A solução do assumpto foi aquella que as nossas pobres condições de defeza impunham.

O ex.mo ministro da marinha concordando com a commissão technica (demais não sendo technico) seguiu o caminho mais legal.

Alguns membros da commissão parlamentar de marinha são absolutamente d'esta opinião como o ex.mo commandante Freitas Ribeiro e o 2.º tenente Trancoso, ambos denodados combatentes da passada e vergonhosa dictadura.

Já dissémos que a verba orçamental não chegava para mais de um submersivel de costa e que não chegava para os 3 que se pretendem adquirir.

Oonde ir buscar o dinheiro que faltava? A' verba do Arsenal de Marinha, sem que por isso se prejudicasse esta grandiosa obra, base primordial da reconstrucção da nossa marinha!

Parece isto paradoxal, mas não é!

O Arsenal na margem sul não podia começar-se no anno economico a que o orçamento dizia respeito, por muito que se trabalhasse, por muita boa vontade que houvesse.

O projecto do Arsenal está feito attendendo aos minimos detalhes mas desconhece-se por completo qual a natureza dos fundos no local escolhido, visto que nunca se fizeram as respectivas sondagens geologicas.

Ora o publico, para quem nós estamos escrevendo, comprehende que para se dar uma base (preço) ao concurso é absolutamente preciso que se saiba se os fundos em que hão de assentar as muralhas e em que hão de ser excavados os diques são areia, lodo ou rocha.

Quer dizer, primeiro que tudo ha a fazer as sondagens geologicas. Depois abre-se sobre esse preço base ao concurso para adjudicação dos trabalhos de construcção, concurso este que não pode estar aberto menos de 6 mezes, a fim de os concorrentes tomarem conhecimento perfeito da obra a executar, verificarem os fundos e sua natureza, locaes onde podem adquirir materiaes, seus preços e respectivo transporte. Aqui está como é materialmente impossivel dispender, dentro do anno economico e da verba destinada ao Arsenal, dinheiro além do necessario para as sondagens geologicas e estas não deverão custar mais de 150 a 200 contos! Para onde ia o resto? Sendo uma despeza auctorisada e não gasta revertia pela lei de contabilidade para o thesouro. Isto é, falseava-se a intenção da commissão de marinha que desejava que esse dinheiro fosse empregado com acquisição de material naval.

O governo patrioticamente decidiu que d'essa verba de 1.200 contos destinada ao Arsenal se transferissem os 900 contos que se não podiam gastar, para augmentar a verba de acquisição de submersiveis e tornar realisavel a compra, considerada urgente, dos 3, typo «Espadarte» muito melhorado, conforme o parecer «unanime» da commissão de acquisição de material naval.

Esta é a verdade pura e só com ella se deve formar «opinião».

Por estas resoluções tem o governo sido atacado, dizendo-se que por dictadura desrespeitando a lei orçamental e os que fazem tal campanha esquecem que o parlamento deu ao governo uma auctorisação dentro da qual, e sem o mais infinitamente pequeno sophisma, estão as resoluções governamentaes que se referem á compra de submersiveis.

Technicamente são melhores os submarinos grandes que os pequenos, mas esses bons, e para nós «que temos a porta aberta», são optimos, além de que esta acquisição não invalida a outra conforme acima demonstrámos. O que não deve ser, o que não pode ser é estarmos á mercê d'um golpe de audacia inimigo até 1918! Isso seria um crime de lesa patria, «um pouco maior» do que o de pseudo-dictadura.

N'esta chamada dictadura e aprovando-a encontram-se os seguintes officiaes que combateram a passada dictadura com risco provavel da vida e quasi certo dos galões e da liberdade: Freitas Ribeiro, Musanty, Pereira da Silva, Trancoso, além dos ministros Norton de Mattos, Rodrigues Gaspar, Victorino Guimarães e José de Castro que tambem foram acerrimos combatentes da dictadura.

Elucidemos o publico com lealdade e sem «parti-pris» pessoal, e teremos cumprido o nosso dever.

O commandante sr. Leote do Rego, essa figura brilhante do 14 de maio, tambem ha dias a bordo do «Espadarte» concordava comnosco que essa acquisição era necessaria. Honra lhe seja. Não queremos fechar este artigo sem nos referirmos a uma local d'um jornal da manhã onde se affirmava que os submersiveis que se vão adquirir «são d'um typo que ninguem constroe e que não nos servem para nada.

A commissão technica, cuja opinião nos parece mais respeitavel, foi de parecer que nos serviam, e muito; e a Italia tem em construcção «22 barcos d'esse typo». Como os leitores veem «ninguem constroe e não servem para nada!...»

Aquelles italianos sempre são uns palermas...

A. Serrão Machado

2.º tenente da guarnição do submersivel «Espadarte», e um dos officiaes combatentes da dictadura

CHRONICAS DE PARIS

O IMPERIALISMO E O ESPIRITO RELIGIOSO

Terminada a guerra actual, a paz futura depende da politica interna da Russia—A reacção moscovita e os partidos liberaes—O problema religioso em França—A questão de sentimentalismo

...Hervé, sempre no mesmo tom de voz calmo, convicto, persuasivo, proseguiu:

—O problema das nacionalidades, terminada que seja a guerra actual, ficará ainda por solucionar visto que a Russia englobará nos seus immensos estados a Polonia, a Lithuania, o paiz ruthenio, a Finlandia e um povo que não possue territorio proprio mas que nem por isso deixa de pretender formar uma nacionalidade: a nação judia.

«Da evolução interna da Russia depende uma nova guerra, e por isso mesmo ella representa um grande papel nos destinos do mundo. A Allemanha ficará constituindo uma potencia ordinaria, e renunciará ao imperialismo. A Russia será uma potencia continental, e a sua importancia tornar-se-ha incomparavelmente mais consideravel. Por sua vez, ella será imperialista. Sabe que os elementos imperialistas são na Russia: 1.º, o clero orthodoxo, que conservou a paixão do proselytismo, e até da cruzada; 2.º, a burocracia, fortemente impregnada de elementos allemães, avida de territorios organisados, de funcções a crear para dar empregos ás suas innumeraveis creaturas. O partido militarista e reaccionario, quer aspirando a todo o abandono de auctoridade por parte do czar, quer dominando no parlamento, esteve sempre disposto a procurar nas aventuras exteriores o derivativo aos embaraços internos e o clarão de gloria que inspira ao subdito russo o respeito pelo throno autocratico.

«Felizmente, os elementos liberaes e democraticos constituem já hoje na Russia um formidavel poder, capaz de fazer frente aos esforços da reacção. Se esses elementos conseguirem realisar uma «entente» com os democratas das nações não russas e tiverem força para fazer conceder a essas nações allogenias submettidas ao czar as liberdades nacionaes que ellas reclamam, assistiremos um dia a uma colligação de todas as forças do progresso no immenso imperio, e não resta duvida que os esforços de regressão dos partidos conservadores e reaccionarios hão de soffrer então um rude e decisivo golpe. E' pois da politica interna da Russia que me parece depender, em larga escala, a paz futura da Europa regenerada».

Analisadas summariamente as fortes probabilidades de revigoramento nas ideias democraticas da Europa, lembrei-me de perguntar a Gustave Hervé qual a sua opinião sobre a questão religiosa. Não falta quem affirme que na França, com a guerra actual, se robustece de dia para dia a fé christã. Até que ponto vae o despertar dos sentimentos catholicos n'uma nação que Leão XIII chamou um dia a filha dilecta da Egreja? Virá porventura esse facto a exercer alguma influencia politica no futuro?

—«Nous sommes un des rares pays où l'on se moque de la religion», começou o meu illustre interlocutor. Mas ha effectivamente casos que, á primeira vista, podem parecer demonstrar que a fé christã rejuvenesce de facto na França. Na realidade, esses factos explicam-se mais por um enternecimento maior da alma humana que por um regresso da fé. E' uma questão de sentimentalismo, para a qual notavelmente contribue a influencia da mulher.

«Quando se vive junto da familia, em tempo normal, cada um entregue ás suas occupações habituaes, ama-se um pouco machinalmente. De longe, porem, constantemente em contacto com o perigo, as questões de coração tomam um aspecto de maior ternura, e a tendencia para os sentimentos idealistas manifesta-se espontaneamente.

«O problema religioso apresentou-se de subito ao espirito de milhões de homens que nunca tinham pensado n'elle, esses homens, que não tinham perdido um minuto da sua existencia a reflectirem questões de fé, que em muitos casos não tinham sequer analisado os proprios sentimentos em relação aos paes, ás mulheres e aos filhos, encontram-se emocionados pela grandeza das ideias que a sua tragica situação lhes evoca na alma. Grande numero de individuos de espirito simples ou mais cultivado, não tinham nunca até então, absorvidos pelos cuidados da vida quotidiana, tido occasião de reflectir no grave problema do destino que a morte subita podia abrir deante d'elles. Foram bruscamente obrigados a philosophar e, conforme as suas tendencias espirituaes, uns tornaram-se religiosos, outros ficaram philosophos. Conforme a sensibilidade de coração mais ou menos desenvolvida, conforme a educação, as recordações de infancia, os exemplos da familia, conforme até as influencias actuaes de um camarada ou de um chefe, os soldados volvem ás praticas religiosas, ou ficam indifferentes, ou ainda conservam-se-lhes hostis. O zelo indiscreto de certos padres e de certas damas nos hospitaes de sangue, e até de certos officiaes, provoca por vezes effeitos contrarios ao que era de esperar.

«O soldado francez, emquanto se encontra em face do perigo e ainda quando esse perigo passou, póde ser levado a considerar a vida com mais seriedade do que até então; os pensamentos moraes pódem tornar-se-lhe mais familiares, abrindo-lhe para o espirito uma vida de meditação que desconhecia. Isto provocará sem duvida o regresso de certos homens ás praticas religiosas, e, mesmo entre os que a isso ficam indifferentes, uma maior tolerancia pela religião.

«Seria porém um erro suppôr-se que os phenomenos sentimentaes e religiosos que se manifestam n'uma parte do exercito francez possam constituir uma nova força para o partido politico que se habituou a considerar a religião como um auxiliar dos seus projectos de dominio.

«A França será talvez um pouco menos irreligiosa, mas nem por isso se tornará clerical. Assim como se teem evidenciado heroes que em voz alta professam as suas convicções religiosas, assim tambem homens de pensamento livre, estranhos a qualquer dogma religioso, teem sabido morrer por ideias mais altamente desinteressadas. Não creia, pois, que as manifestações de rejuvenescimento da fé a que ha pouco alludiu possam, sob o ponto de vista politico, exercer no futuro a menor influencia. O phenomeno é inteiramente de ordem sentimental. Os francezes, reconciliados no sacrificio, esquecerão muitas mesquinhas divergencias que outr'ora os dividiam, e encontrar-se-hão decerto animados de uma tolerancia maior. Os republicanos estão dispostos a apoiar esse voto, os clericaes não se recusarão sem duvida a fazer o mesmo.»

HERMANO NEVES

Amanhã:

No gabinete de Clemenceau

A costura franceza

e a noiva do presidente Wilson

Paris, 29 de novembro

Um curioso incidente se produziu agora entre o syndicato de defeza da grande costura franceza e o sr. Kuntzmann, exportador de modelos, de nacionalidade americana, mas de origem duvidosa.

Segundo diz o sr. Paul Poiret, presidente do Syndicato, o sr. Kuntzmann

A VIDA REGIONAL

A Federação dos Municipios Alemtejanos

Um parlamento provincial — Uma serie de justissimas aspirações

Nas suas sessões de 28, 29 e 30 de outubro ultimo, o Congresso municipalista alemtejano emittiu os seguintes votos, approvados por unanimidade:

1.º—A Federação dos Municipios Alemtejanos, creando-se o *Parlamento Provincial Alemtejano*, formado pela reunião de representantes de todos os municipios federados, sendo dois por cada uma das camaras de Beja, Portalegre, Elvas e Evora e por cada um dos municipios que tenham serviços municipalisados, sendo os restantes municipios representados por um vereador.

Estes vereadores que formarão o parlamento, serão directamente eleitos pelas suas respectivas camaras, até ao fim do corrente anno, a fim de que no 1.º de janeiro de 1916, a federação seja um facto, e o parlamento se possa reunir para discutir e deliberar sobre os assumptos que interessam ao desenvolvimento e progresso do Alemtejo. O parlamento reunir-se-ha nas cidades capitaes de districto, sendo no proximo anno em Beja, no seguinte em Portalegre, reunindo em Evora em 1918, depois do que seguirá a mesma ordem.

2.º—Que a commissão organisadora do Congresso peça á Camara dos Senhores Deputados que, quando fôr submettida á sua apreciação a revisão da lei de 7 de agosto de 1913, feita pelo Senado, as quaes sendo attentatorias dos direitos concedidas ás camaras pelo art. 66.º da Constituição, egualmente attentam contra o moderno direito administrativo municipal.

3.º—Que se estude e complete, pela federação dos municipios alemtejanos, a rêde das estradas municipaes e das linhas ferreas, construidas pelos municipios federados, empregando-se todos os esforços para que as Juntas Geraes, entrando na posse das estradas districtaes e das respectivas dotações, completem a rêde das estradas districtaes.

4.º—Que os conhecimentos agricolas sejam espalhados no Alemtejo não só pelas escolas já estabelecidas e a estabelecer, como tambem por meio de conferencias, livros gratuitos, cathedras ambulantes e demonstrações praticas, obtendo-se do poder central que os srs. engenheiros-agronomos preencham este fim, tendente a instruir o alemtejano, que só pela instrucção póde caminhar com proveito na exploração da sua terra e da sua industria.

5.º—Que as camaras alemtejanas constituam as camaras regionaes de agricultura, conforme estabelece a organisação dos serviços agricolas e como se torna necessario para o desenvolvimento do Alemtejo.

6.º—Aproveitar os rios e ribeiros para a irrigação, devendo a posse d'esses cursos de agua passar para os municipios.

7.º—Que as camaras concorram com as quantias necessarias para que o hospital local tenha o pessoal e material necessarios para o tratamento mais proprio dos doentes, (creando partidos medicos e estabelecendo postos de soccorros em todas as povoações importantes).

8.º—Que cada hospital receba doentes de qualquer ponto da provincia, devendo as respectivas camaras pagar uma quota diaria egual á que actualmente pagam ao hospital de S. José.

9.º—Orientar a beneficencia particular de maneira a concorrer valiosamente para a regularisação da assistencia publica, (evitando a mendicidade nas ruas).

10.º—Que a cobrança dos impostos municipaes seja feita directamente pelos municipios, como medida com que os municipios muito lucram.

11.º—Municipalisar, federados os municipios, os cereaes, azeites e cortiças, formando-se enormes centros de actividade em Evora, Beja, Portalegre e Elvas.

12.º—Pedir ao governo central:

1.º—O estabelecimento da siderurgia em Portugal, em bases taes que permittam o desenvolvimento rapido de tão grande riqueza nacional;

2.º—A publicação das medidas necessarias para que se estabeleçam casaes agricolas, como nucleos de povoação, junto das estações dos caminhos de ferro;

3.º—A creação immediata de postos zootechnicos em Evora, Beja e Elvas;

4.º—Que a Escola Agricola de Evora, consignada na lei orçamental do ministerio da instrucção, e a inaugurar para o proximo anno lectivo, abranja os dois sexos;

5.º—Que sejam arborisadas as estradas nacionaes, com arvores de folha caduca (e fructiferas);

6.º—Que ao ensino agricola seja admittida a mulher, cujo papel na agricultura pode e deve ser muito importante;

7.º—Que seja revogado o n.º 13.º do art.º 108.º do codigo administrativo;

8.º—Que se mantenha a disposição do codigo administrativo, respeitante á venda dos bens immobiliarios;

9.º—Que se mande proceder ás sondagens geologicas no Tejo, em frente de Lisboa para se proceder á construcção da ponte que, ligando as duas margens, desenvolverá extraordinariamente o sul do paiz.

O Congresso deliberou:

1.º—Que as camaras não permittam, em conformidade da lei, que os direitos de encarte, satisfeitos pelos empregados por ellas nomeados e pagos, deem entrada nos cofres do Estado, visto pertencerem aos cofres municipaes;

2.º—Que não seja aposto nas licenças para caça o selo de $10, que por lei não é devido;

3.º—Que as estradas municipaes sejam arborisadas com arvores fructiferas, proprias da região;

4.—Que o commissão organisadora do Congresso, aggregando-se-lhe os representantes das camaras de Beja e Portalegre e ainda o ex.mo sr. dr. João Luiz Ricardo, fique encarregada de apresentar ao Parlamento, ao Governo e ás Camaras Municipaes os votos do Congresso, trabalhando para a effectivação immediata da Federação, terminando o seu mandato só depois de reunido o Parlamento Provincial Alemtejano, cujo estatuto será organisado pela mesma Commissão.

O Congresso manifestou o desejo de ver organisadas e patrioticamente orientadas as «forças vivas da Nação, tendo-se congratulado pela presença do ex.mo sr. dr. Jacintho Nunes e fazendo votos pelo restabelecimento do ex.mo governador civil de Evora, ex.mo sr. Alberto Jordão Marques da Costa.

Na sessão inaugural foi mandado um telegramma a s. ex.ª o sr. Presidente da Republica, saudando-o como chefe do Estado.

O Congresso saudou a imprensa, como sendo a principal alavanca para o progresso do paiz.

No Congresso estavam representadas 38 Camaras Alemtejanas, não tendo respondido ao convite as camaras de Odemira, Ourique, Marvão e Niza.

---

vem todos os annos a Paris, onde se demora quatro a cinco mezes, comprando ou mandando comprar por um seu agente modelos que depois leva para os Estados Unidos, mandando ali reproduzil-os em elevado numero de exemplares.

O Syndicato entendeu que era tempo do pôr termo aquelle trafico que, agora mais do que nunca, prejudicava o nosso commercio.

Ultimamente, quando o sr. Kuntzmann veiu a Paris viu com inquietação varios costureiros a quem se dirigiu não acceitarem as suas encommendas.

Lembrou-se então de se fazer passar como encarregado por madame Norman Galt, a noiva do presidente Wilson, e dizer que considerava a nossa attitude como uma injuria feita a toda a nação americana representada na pessoas de madame Norman Galt e do presidente, ameaçando com o entregar o caso ao embaixador dos Estados Unidos, que por certo o trataria diplomaticamente.

No empenho de testemunhar a sua sympathia pelos Estados Unidos e o seu respeito pelo presidente Wilson, o sr. Poiret telegraphou immediatamente ao seu representante em Nova York expondo-lhe o incidente e negando que os costureiros parisienses se recusem a vestir a noiva do presidente.

Accrescenta o telegramma: «Como outr'ora fizeram os tecelões de Lyon, offerecendo uma obra prima em sêda á imperatriz, como homenagem da sua corporação, a grande costura franceza está na disposição de offerecer muito respeitosamente a madame Norman Galt todos os seus vestidos para o casamento.» *(La Petite Gironde)*

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21— D. Perpetua que Deus haja.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista).
POLYTEAMA — A's 21 — A Martyr.
GYMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—La donna é mobile.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.
MODERNO — A's 21 — Sonho Guerreiro.
COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Agenda da semana

HOJE—**Nacional** — Primeira representação da comedia em 3 actos de Chagas Roquette — *D. Perpetua que Deus haja.*

Boatos e informações

Entre nós

Provou-se no theatro Politheama a peça allemã que foi representada em Paris com o titulo de «Les cinq messieurs de Francfort» e que em Lisboa será, na traducção de Jorge de Abreu, com o de «Ouro sobre azul». O desempenho está confiado aos actores Ignacio Peixoto, Antonio Sarmento, Othello de Carvalho, Casimiro Tristão, Ribeiro Lopes, Clemente Pinto, Oliveira Portugal e Côrte-Real, e ás actrizes Etelvina Serra, Elvira Bastos, Maria Dolores, Julia d'Assumpção, Izilda de Vasconcellos e Fernanda de Almeida.

—Entrou em ensaios, no theatro do Gymnasio, para a recita de homenagem a Julio Dantas, a peça em um acto «Mater dolorosa», original do illustre escriptor. Foi distribuida ás actrizes Luiza Lopes e Bertha de Albuquerque e aos actores Joaquim Almada, José de Almeida e Adelino Ripado.

—Augusto Rosa reappareceu no theatro Sá da Bandeira, do Porto, com «O amigo Fritz». Hontem, a companhia do theatro da Republica representou ali «A caixeirinha» e hoje representará «A aventureira», de Emilio Augier.

—Partiu hoje para Milão, com demora de duas semanas, o actor Mario Duarte, da companhia do theatro do Gymnasio.

—Vae ser representada, no theatro do Gymnasio, a nova farça, em um acto, de Feydeau.

—A companhia do theatro do Gymnasio fará uma larga serie de espectaculos no Porto, na primavera de 1916.

—Com extraordinario agrado realisou-se no salão Foz a estreia das «Hermanas Helie», que apresentaram um reportorio novo, applaudidissimo. Hoje estreia-se a «Bella Criolita et son danseur», numero sensacional de grande luxo e sumptuoso scenario. E' tambem hoje que se despede o festejado «trio» Marcelino. «Fuentsola» segue em pleno successo.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Paradis, Salão Foz, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa.

SPORT

Educação physica e não cultura physica

Devem as creanças fazer sport?

A creança, para os jogos athleticos não deve ser um «homem pequeno» mas um «homem em formação»

—«A gymnastica primeiro que tudo. Mandar as creanças praticar «foot-ball» e corridas de resistencia, é matal-as...»

N'esta observação d'um velho gymnasta da Carreirinha do Soccorro, talvez ainda do Gymnasio de S. Paulo, ha muita verdade. Representa um judicioso conselho. E' um grito d'alarme contra a tendencia d'alguns educadores da mocidade portugueza, que deixam que as creanças façam uma gymnastica «muito forçada» e que lhes permittem exercicios e jogos sportivos ao ar livre, alguns mesmo de caracter accentuadamente athletico.

Não pode continuar assim. Nas primeiras edades, só a educação phisica deve guiar a formação do corpo. A cultura phisica só deve ser aconselhada ao adulto normalisado. Os «sports» só os devem praticar os fortes ou os privilegiados muscularmente e com resistencia organica.

Para a creança representa um erro de ensino procurar-lhe a «especialisação», obrigal-a a um treino rigoroso e consequente falta de pezo. Os paes ou educadores que tal fazem em breve reconhecerão o prejuizo com o dispendio da droga pharmaceutica e assiduos cuidados do hygienista e do therapeutico.

Em Portugal, principalmente, na epoca de agora, em que a creança representa a garantia do futuro e da estabilidade d'uma Patria livre e respeitada, é necessario todo o cuidado na formação do homem. De vagar se vae ao longe. Com os alicerces d'uma boa gymnastica e de uma higiene apropriada, cedo da creança se faz o homem e do homem se consegue o athleta.

Antes dos quatorze ou quinze annos todos os exageros de gymnastica são perniciosos. Depois d'essa edade ainda os exercicios se devem graduar, doseando-se d'intensidade e de rythmo conforme o valor phisico do individuo. Assim e para exemplo mal procedem aquelles que fazendo a propaganda do «escotismo» em Portugal, permittem que os «boy-scouts» de 12 e 13 annos executem os mesmos exercicios dos «boy-scouts» de 16 e 17 annos.

Este cuidado com a gymnastica e educação phisica da creança não é de hoje. Vem dos tempos remotos, mas só o tiveram os povos que se preoccupavam com a educação integral dos seus individuos. Os athenienses eram rigorosos; já os spartanos foram desleixados. Aristoteles formulou a sua opinião nos seguintes termos:

—«A violencia e a falta de exercicio são egualmente funestas».

«Não cause, portanto admiração, que nos fastos do Olympia, apenas se conheçam duas ou tres creanças athletas, que mais tarde obtivessem outras victorias: os exercicios exagerados dos primeiros annos tinham-lhes arruinado o vigor».

Estas palavras, que veem da antiguidade, ainda hoje deviam esculpir-se nos porticos dos gymnasios portuguezes. Alguns mestres—e bastantes conhecemos—apreciam a justeza d'aquelles termos, mas outros ignoram o que elles traduzem...

Racine, quando tratou d'este assumpto pedagogico escreveu: «A creança não é um homem pequeno. E' um homem em formação. Não se deve prejudicar o seu crescimento e formação do esqueleto. Para o conseguir, nem grandes fadigas, nem tracções com os braços, nem levantar grandes pesos, nem sustentar cargas pesadas».

A sessão do proximo domingo começará ás 2 horas da tarde.

Associação de Fot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes).—Desafios para o proximo domingo.—1.ª cathegoria: Sporting contra Lisboa F. C., no Lumiar, ás 15 horas; juiz o sr. Luciano Simões. 2.ª cathegoria: Imperio contra Victoria, em Palhavã, ás 15 horas, juiz o sr. Mario Monteiro; Internacional marca 2 pontos por o C. Quebrada estar suspenso. 3.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Victoria, no C. Grande, ás 13 horas; juiz o sr. Rogerio Peres; Sporting contra Palmense, no Lumiar, ás 13 horas, juiz o sr. Pedro Pagani. 4.ª cathegoria: Palmense contra Sporting, no Lumiar, ás 11 horas; juiz o sr. Julio Benamor; C. Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 14 horas; juiz o sr. Raul Elbling.

Na sua reunião de hontem a direcção homologou os seguintes desafios:—1.ª cathegoria: Imperio vence Internacional, por 2-1. 2.ª cathegoria: Sporting vence Lisboa F. C., por 6-0; Bemfica contra C. Quebrada, marca 2 pontos. 3.ª cathegoria: Bemfica vence C. Quebrada, por 2-0; Sacavenense vence Imperio, 1-0. 4.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Imperio, marca 2 pontos; Bemfica vence Atheneu, 1-1.

—Resolveu fazer cumprir o artigo 1.º da emenda n.º 2, relativo a entradas pagas, não marcar mais desafios de 1.ª cathegoria para o campo de Palhavã emquanto este campo não estiver devidamente vedado; registou a concessão que a seu pedido lhe foi feita pelo conselho de administração dos Caminhos de Ferro do Estado, de 50 por cento de abatimento nas passagens de grupos de «foot-ball» de clubs seus filiados; foram marcados os dias 30 e 31 de janeiro p. f. para a realisação dos desafios Porto-Lisboa e entre os campeões das duas cidades.

Academia Recreativa de Lisboa

Na *proximo domingo*, ás 9 horas da noite, effectua-se um sarau dedicado ao sr. Fabião Ferreira com o seguinte programma: 1.ª parte—Um acto de «Folies Bergères», por diversos amadores. 2.ª parte: «Symphonia», «Os Lacombes», trapesio salon; «Acrobatas de força», pelos srs. João H. d'Oliveira e Viriato Rosa; «Arame oscillante», pelo sr. Luiz G. Alves (unico competidor do phenomenal Robledillo). 3.ª parte: «Symphonia»; «Surpreza e mysterio?!»; «Tony Brothers», insignes barristas excentricos; «Acrobatas olympicos saltadores», pelos srs. Carlos R. Moreira e José R. Santos.

Um combate da soco

E' no domingo proximo que se effectua o combate de «box», entre os amadores srs. Bazilio de Oliveira e Silva Ruivo. O producto reverte em beneficio do athleta portuguez João d'Azevedo. Estão inscriptos por especial deferencia para com os promotores, alguns dos nossos amadores que desejam auxiliar o nosso compatriota.

Nos treinos que os combatentes sustentam, anciosos pela victoria teem demonstrado que o combate será o mais emocionante que se tem feito entre nós. Bazilio tem escola, sabe trabalhar e aproveitar-se do mais pequeno descuido dos seus adversarios, mas terá de se acautelar com Silva Ruivo. Ruivo, mais leve, é comtudo mais fogoso no ataque, «esquiva» com preceito e sabe muito bem aproveitar o «encaixe».

O combate é feito sob o regulamento da Federação Portugueza de Box, em 6 «rounds» de 2 minutos com 1 de intervallo. Completam o programma os amadores: Celestino Henriques, Antonio Montez, João Henriques d'Oliveira, Jorge de Sousa, Viriato Rosa, Motta Gomes, Freire d'Andrade, José Martins e N. N.

Nota do dia

Campeonatos de lucta greco-romana

No gymnasio d'uma escola, promove depois d'amanhã a Federação Portugueza de Sports, os campeonatos de cathegorias, terminando pela lucta dos respectivos vencedores pelo titulo de campeão de Portugal.

São muitos os concorrentes? São bastantes e entre elles figuram velhos «habitués» d'estes torneios.

Parece que este sport esboça um ligeiro renascimento, porque a Federação reune mais concorrentes do que reuniu em annos anteriores e porque se annunciam grandes campeonatos regionaes, entre estes o de Coimbra, onde, segundo informações directas, devem apparecer magnificos athletas.

Ainda bem que assim succede e que ha enthusiasmo. E bastava que houvesse tanto como nos tres primeiros campeonatos de Portugal.

Algumas anecdotas

E Langford não quiz mostrar-se...

Em dezembro de 1913, os chauffeurs de Londres andavam desesperados, porque uma senhora, sempre vestida de preto, usava frequentemente dos «taxis», mas esquecia-se de pagar ao conductor. O secretario da «London Cab Driver's Trade Union» calculou os prejuizos dos onze mil «taxis» londrinos em 110 contos! Exagero? Não sabemos, mas elle é que o disse. Para evitar o facto, deu-se esta ordem aos chauffeurs:

«Todos que forem pretos pagam adeantado...»

Uma tarde, o «boxeur» Sam Langford queria utilisar um «taxi».

—Pague primeiro...

—Porquê?

—São as ordens que tenho da minha companhia...

—O' senhor, mas as ordens são para as mulheres vestidas de preto...

—E quem me diz que v. não é uma mulher disfarçada?...

O caso é que o famoso pugilista não esteve para mostrar quem era e não se aproveitou do *carro*...

Noticias

Entre nós

A epoca de tiro aos pombos

E' depois de ámanhã que os amadores d'este «sport», que de anno para anno vê augmentar o numero dos seus adeptos, veem abrir o «stand» de Palhavã, que além de constituir o ponto de reunião dos principaes «shooters» portuguezes o é tambem da nossa sociedade elegante.

Sabe-se que este anno o numero de atiradores é superior, devendo por isso mesmo as suas sessões tornar-se muito mais interessantes porque alguns atiradores da velha guarda não querem de fórma alguma ser vencidos pelos nóvos.

A historia da bandeira monarchica

Hontem, na noticia da *Capital* sobre o achado de uma grande bandeira monarchica n'um cubiculo junto do gabinete do sr. ministro das finanças, commetteu-se uma inexactidão involuntaria. O sr. Herculano Galhardo não assistiu ao apparecimento da bandeira, e a sua intervenção no caso limitou-se a dizer ao sr. Victorino Guimarães que n'outros tempos havia ali um fogão electrico excellente. Mais nada.

Para anniquilar a acção dos submarinos allemães no Mediterraneo

Marselha, 18 de novembro

Os capitães da marinha mercante do porto de Marselha reuniram-se na séde da sua Federação, tendo recebido os depoimentos dos officiaes das equipagens cujos navios teem sido atacados pelos submarinos allemães, e discutido largamente os meios de defeza a empregar para salvaguarda das vidas humanas a bordo dos navios mercantes.

D'este interessante discussão resultou reconhecer-se como possivel anniquilar a acção dos submarinos inimigos que se encontram no Mediterraneo usando do meio cuja efficacia se tem provado nos mares do Norte. N'este sentido apresentou á assembleia varios alvitres que vão ser presentes ás auctoridades maritimas.

A assembleia aprovou uma moção em que os capitães de navios se declaram promptos para a militarisação geral dos seus navios, independentemente da edade e da classe de mobilisação dos seus officiaes.

Na França

O preço dos generos alimenticios e dos combustiveis

Paris, 20 de novembro

A Camara dos Deputados resolveu discutir na proxima terça-feira o projecto do governo relativo ás tabellas de preço dos generos alimenticios e dos combustiveis. O ministro do interior, de accordo com o ministro da justiça, introduziu no texto primitivo uma importante modificação que tem por fim completar as disposições do artigo 419 do codigo penal com relação ao açambarcamento.

«Com effeito, n'este momento, declarou o dr. Malvy, estamos desarmados contra os açambarcadores pois que o artigo 419 do Codigo Penal exige, para punil-os, que haja concerto, combinação secreta, manobras fraudulentas, etc; assim não ha forma de punir uma pessoa, ou uma sociedade que armazene quantidades importantes de manteiga, ovos, batatas, etc.—como tem succedido—lançando-as parcimoniosamente no mercado, para provocar uma alta ficticia, ou concorrer para que esta se mantenha. Enviei aos governadores civis a seguinte circular:

«Lembro a v. a conveniencia de observar com a maxima attenção as transacções que se effectuem no seu districto. Proceda a um inquerito nos principaes centros de producção, e de venda, vigie as feiras e os mercados, e communique immediatamente aos tribunaes os nomes de quem, por açambarcamento ou agiotagem, faça subir os preços dos generos, prejudicando assim gravemente a nação. Proceda com o maior rigor contra estes maus patriotas, e tenha-me ao corrente do que se passar.

«O resultado foi ter-se conhecimento de numerosos casos d'açambarcamento, gravissimos e inegaveis, mas sem que fosse possivel attingir os traficantes que se entregavam a taes especulações, por causa do texto da lei.

Havia pois uma lacuna que era perigoso deixar subsistir.

Os relatorios dos governadores civis dizem-me que as tabellas de preços são acceitas por toda a parte; a punição do açambarcamento tornou-se o complemento indispensavel das tabellas.

Terça-feira, no correr da discussão hei de insistir para que a Camara a approve, e espero que assim succeda.

Bem bastam já as causas naturaes que fazem encarecer os generos; seria um crime consentir que lhes juntem causas artificiaes de que o povo seria victima. Só são legitimos os sacrificios que concorram para a victoria».

O sr. Malvy introduziu no seu projecto um novo artigo assim concebido:

«Todo aquelle que, na intenção de provocar a alta dos preços, açambarcar generos alimenticios de primeira necessidade tanto para homens como para animaes, productos naturaes ou agricolas, combustiveis e materias proprias para a illuminação, ou quaesquer productos e materias uteis para as necessidades da defeza nacional, occultando-as ou guardando-as sem as pôr á venda quando tenham sido adquiridos para serem transformados ou revendidos, será punido com prisão de 6 dias a 6 mezes e multa de 100 a 5.000 francos, ou a uma d'estas penas sómente.

E' applicavel ás infracções previstas pelo presente artigo, o artigo 463 do Codigo».

As reclamações dos ferroviarios

Paris, 21 de novembro

E' a primeira vez, desde o começo da guerra, que os empregados ferro-viarios conseguem effectuar uma reunião corporativa. Como se sabe, os empregados dos caminhos de ferro estão mobilisados e os militares não podem effectuar reuniões. Mas o sr. Briand consentiu em que se reunissem, sob a condição de se absterem rigorosamente de sahir do terreno corporativo.

Com effeito, discutiram as suas reivindicações geraes, os seus interesses profissionaes e a situação creada pela guerra ao orphelinato instituido pelo Syndicato nacional dos empregados dos caminhos de ferro de França e das colonias.

Foram expostas queixas pelos srs. Bidegarray, Luquet, da C. G. T. e Jouhaux, secretario geral da C. G. T., os quaes deram conhecimento dos resultados colhidos pela commissão do orphelinato.

Queixam-se os ferroviarios de que os seus salarios não lhes chegam, desejando por isso que, emquanto durar a guerra, as companhias deem ao pessoal inferior uma indemnisação pela carestia da vida. Allegam que, além do encarecimento da vida, teem soffrido por causa do regimen especial do trabalho de guerra uma sensivel diminuição de ganhos. Na linha de oeste, foi supprimido o premio kilometrico aos fogueiros e machinistas durante quasi um anno, e substituido por um certo numero de dias de folga que só foi beneficiar os que ficaram de guarda nos depositos e não sahiam. Nas officinas foi supprimido o trabalho em peças; por toda a parte, as horas supplementares e o trabalho intensivo não são gratificados, apesar das despezas causadas pelas frequentes deslocações, e no entanto os ferroviarios do Estado continuam a pagar aos seus senhorios, conformando-se com a sollicitação que lhes foi feita pela direcção.

Na linha d'Orleans, foram reduzidos os premios d'officina; os empregados deslocados para os centros, onde a vida é mais cara, não receberam indemnisação alguma. Os das outras linhas invocam argumentos da mesma natureza.

Quanto á proporção em que deve ser avaliada a bonificação a reclamar, lealmente, pelos empregados que vencem pequenos salarios, alvitrou-se que fosse, de dois quintos dos vencimentos, isto é, deviam ser-lhes augmentados os ordenados até ao fim da guerra, até ao anniquilamento do militarismo prussiano, em 40 por cento.

A assembleia assim o entendeu; compete agora aos representantes do Syndicato Nacional apresentar esta pretenção ás companhias, por que não se trata d'uma intimativa, mas de pedir um auxilio que a situação sufficientemente justifica.

A assembleia approvou a urgente ordem do dia:

«Os ferroviarios, em numero de 2.500, reunidos a 20 de novembro de 1915 na Bolsa do Trabalho, approvando a acção do Syndicato Nacional, unica organisação dos ferroviarios que, confiadamente, garante a defeza dos interesses da corporação, compromettem-se a secundal-o na sua campanha para a obtenção de uma indemnisação especial tornada indispensavel pela crescente carestia dos generos alimenticios; egualmente approvam a attitude da Confederação Geral do Trabalho e da commissão executiva, felicitando-as pela energia com que defenderam os interesses da classe operaria, e levantam a sessão clamando: Viva o Syndicato Nacional! Viva o orphelinato! Viva a C. G. T.!»

Conferencias em infantaria 5

A conferencia que devia ser realisada ámanhã no quartel de infantaria 5, pelo capitão Correia dos Santos ficou transferida para segunda feira ás 14 horas, a fim de poderem assistir os officiaes dos outros regimentos da guarnição de Lisboa. A conferencia trata do tiro de combate e sua caracteristica na guerra actual.

Ultimas noticias

A grande guerra

Os francezes luctam contra os bulgaros

SALONICA, 23. — Os francezes atacaram o bulgaros a oeste de Krivolak tomando Brousnik e repelliram um violento contra ataque nocturno. No resto da linha ha completo socego. Continuam chegando importantes reforços francezes e inglezes. O ministro da guerra servio partiu para Guvegueli.—*(Havas).*

Toda a Inglaterra vae orar

LONDRES, 26—O Lord Mayor escreveu com assentimento do rei a todos os chefes das grandes municipalidades do reino convidando-os a assistir em corpos constituidos ás orações nacionaes que os chefes de todas as profissões religiosas decidiram realisar no 1.º domingo de janeiro proximo.—*(Havas).*

Nada, no theatro occidental

PARIS, 26.—A noite decorreu calma na generalidade das linhas.

Nos Vosges a neve tem cahido abundantemente, sobretudo na região do Fecht e de Thorn.—*(Havas).*

A situação politica

Na reunião dos democraticos, esta noite, deve estabelecer-se definitivamente a attitude do partido perante a crise ministerial. Informações que possuimos dizem-nos que lá apparecerão as duas correntes manifestadas hontem e ante-hontem nas columnas d'*A Capital* por parlamentares da maioria, sendo difficil prognosticar qual d'ellas prevalecerá no fim do debate.

E' possivel tambem que, no caso de ser posta de parte, pela sua inviabilidade, a ideia d'um ministerio de concentração, a formação do governo democratico não obedeça a um caracter exclusivamente partidario. O seu programma seria, quanto possivel, de conciliação politica, inspirado nas necessidades do momento.

NOTAS DIVERSAS

E' destituida de fundamento a noticia de que houvessem sido postos em Bordeus embargos á entrada de vinhos portuguezes n'aquella cidade.

—Já ámanhã o pessoal do serviços de incendios que foi transferido para as 1.ª, 2.ª e 3.ª repartições da camara deve tomar posse dos seus novos logares succedendo o mesmo quanto ao pessoal d'estas repartições transferido para o dito serviço.

O vereador do pelouro dos incendios sr. Abel Sebrosa, só approvou a parte da proposta do sr. dr. Levy Marques da Costa referente á transferencia do pessoal do serviço de incendios n'ella indicado para as 1.ª, 2.ª e 3.ª repartições.

—Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje o sr. Bento Carqueja, director do *Commercio do Porto.*

—Andaram hoje cruzando a costa os torpedeiros hespanhoes 8, 9 e 10.

—O governo voltou a reunir hoje em conselho, pelas 17 horas, no ministerio da marinha, continuando a occupar-se do relatorio que apresentará ámanhã ao parlamento.

—O *Diario do Governo* publicará ámanhã o decreto sobre novos typos de pão a que já nos referimos ha dias.

—A Companhia Promotora da Agricultura Portugueza, representou ao sr. ministro do fomento para que lhe seja restituida a posse definitiva das suas propriedades da Povoa de Santa Iria e a entrega provisoria de todos os seus machinismos até á verificação dos creditos que foram presos pelo arrolamento no processo de fallencia da firma sua antiga rendeira Henry Bachofen & C.ª, visto que com essa entrega pode antecipadamente garantir a sua laboração.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

«CANÇÃO NOCTURNA»

Como novidade litteraria, vae, amanhã, iniciar-se, n'um dos clubs nocturnos da capital, a «Canção nocturna». E' uma tentativa digna de todo o elogio. A' semelhança do que se pratica nos mais celebres cafés de Paris, pensou-se agora em crear, entre nós, este genero de cançoneta destinada a pontuar ligeiramente os factos de cada semana. Foram convidados para escrever as canções os principaes poetas humoristas do nosso meio theatral. Mas coube a sorte ao nosso collega Machado Correia cuja competencia escusado é encarecer. Será, portanto, elle o primeiro a dizer, na musica, expressamente escripta por Mendes Canhão, os seus versos cheios de «verve», porque Machado Correia allia á qualidade de poeta jocoso, a circumstancia de ser tambem um optimo «diseur». A primeira audição da «Canção nocturna» será feita, ámanhã, depois da uma hora da noite, no luxuoso salão do Club dos Restauradores.

NOTAS MUNDANAS

Encontra-se em Lisboa, onde tenciona demorar-se alguns mezes, o antigo republicano e nosso amigo sr. Joaquim Carvalheira, socio da importante casa commercial Costa e Pereira & C.ª, do Rio de Janeiro.

—Foi novamente operado o actor Telmo.

CONSERVATORIO

A Escola de Musica realisa depois de ámanhã a abertura das aulas e a distribuição de premios com uma sessão solemne, pelas 14 horas. Eis o programma:

I—«Quinteto n.º 10» (1783), Mozart. Para trompa, violino, duas violas e violoncello, por Armando Fernandes, Armando Gomes, Henrique do Nascimento, Marcial Rodrigues e Julio Almada.

II—(a) «Scherzo», Arensky; (b) «Prelude», Rachmaninoff. Classe de piano, por Lourenço Varella Cid Junior.

III—«Alla Polacca», op. 105, n.º 4, Scharwenka. Classe de violino, por Antonio Cabral.

IV—«Andante e Alegro de Concerto», em lá menor, D. Van Goens. Classe de violoncello, por Julio Almada.

V—«Adelaide», Beethoven. Classe de canto, por Lydia Cutileiro.

VI—«Gitana», caprice op. 21, Alph. Hasselmans. Classe de harpa, por Zilda Rebello.

VII—(a) «Choral», J. S. Bach; (b) «Tancrède», Rossini. Classe de canto coral.

Acompanhamentos a piano por Cremilda Cutileiro e Lourenço Varella Cid Junior.

A questão do pão

Reclamações dos industriaes de padarias

Reuniram hoje os industriaes de padarias tendo resolvido pedir ao sr. ministro do fomento que sustasse a publicação do decreto que estabelece os novos typos de pão. Foram recebidos no ministerio por um secretario do sr. dr. Manoel Monteiro, sendo aconselhados a formular uma representação para as suas reclamações. Vieram depois procurar-nos, dizendo que tencionam apresentar n'essa reclamação as seguintes considerações:

A farinha fornecida pelos moageiros, em harmonia com o decreto que vae ser publicado, será quasi toda de 1.ª qualidade, o que fará com que o pão de 2.ª, a dez centavos o kilo, o que mais consumo tem, em breve desappareça, ficando nas padarias o pão caro, a treze, quinze e dezesete centavos o kilo, que o povo não consomme.

«Pelo decreto, os 100 kilos de trigo, que ficam ao moageiro, posto na fabrica a dez escudos, deve produzir 30 kilos de farinha de 1.ª qualidade, vendida a 15,2 centavos; 36 de 2.ª a 10 centavos; 14 de 3.ª a 9 centavos; e 20 de semea a 3 centavos, dando para o moageiro 1$20, isto é, o lucro de 1$20.

«A extracção da farinha dos 100 kilos de trigo deve dar: 17 kilos de farinha de 1.ª qualidade, vendida a 17 centavos; 61 de 2.ª, vendida a 10,6 centavos; e 20 de semea, a 3 centavos, o que daria para o moageiro 9$95,6. Mas como pelo facto de se não extrahir farinha de 3.ª, se póde obter 2 kilos de cabecinha, vendida a 3,4 centavos, a verba apurada pelo moageiro elevar-se-ha a [illegible], o que lhe dará mais 4 milavos de lucro nos 100 kilos do que obtem com a extracção determinada pelo decreto.

Gréve no Barreiro

O engenheiro director dos caminhos de ferro do Sul e Sueste sr. Arthur Mendes esteve esta tarde no ministerio do fomento a communicar que os operarios do caminho de ferro do Barreiro a Cacilhas se declararam em gréve hoje, pelas 12 horas, por não lhe fornecerem lenha.

Manifestação funebre

O sr. ministro da marinha auctorisou a corporação da armada a fazer-se representar na manifestação funebre, promovida pelas praças da guarda republicana no proximo domingo pelas 12 horas, á memoria dos seus camaradas fallecidos no movimento revolucionario de 14 de maio.

O cortejo sahirá do quartel do Carmo.

PEQUENAS NOTICIAS

Para juizo devem ámanhã ser enviados Augusto Fernandes Rodrigues, de 16 annos, compositor, morador na rua dos Correeiros, 134, 4.º, e Antonio Joaquim Rodrigues, de 50 annos, ferro-velho, rua do Bemformoso, 48, loja, o primeiro accusado de ter furtado uma porção de material typographico no valor de 300 escudos e o segundo por ter comprado o roubo sabendo a sua proveniencia.

—A seu pedido foi demittido da policia o guarda 981 Joaquim de Jesus Gomes.

—Foram castigados com 10 dias de suspensão o guarda n.º 1066 Antonio da Cruz Albarraque e com 4 patrulhas o guarda 1.263 Luiz da Conceição Hermenegildo, por abandono do seu posto o por ser em reincidentes.

—A fim de inspeccionar os concorrentes ás vagas existentes na policia reune ámanhã a junta de saude composta dos srs. major Amaral, drs. Barros e Tavares, o tenente Ochôa, servindo o primeiro de presidente e o ultimo de secretario.

—Na ordem do corpo de policia sahiu hoje que em additamento ao artigo 11.º da ordem de 6 de setembro de 1914 se recommende a todo o pessoal d'este corpo o zelo no cumprimento do que ali se determina e na parte que diz respeito aos vehiculos de carga que se estenda a fiscalisação a outras ruas, taes como da Magdalena, calçada do Caldas, da Estrella; de Santo André e finalmente a todas que por serem ingremes, mais penoso se torne aos animaes o puxar os vehiculos com cargas superiores ás suas forças.

—Na Associação de Classe dos «Chauffeurs» devem reunir-se ámanhã os «chauffeurs» e os proprietarios de automoveis de praça pelas 20 horas, para resolver qual a attitude a seguir perante a nova tabella de preços e taximetros.

—A policia prendeu hoje Maria do Carmo que é accusada de ter abandonado um seu filho de um anno na quinta das Lages, aos Olivaes, o qual recolheu á Santa Casa da Mizericordia. Como conivente foi tambem presa Clotilde Minhoca. As duas creaturas estão no governo civil e manteem-se na mais absoluta negativa.

—Da muralha da calçada do Monte para a rua da Bella Vista cahiu hoje, fracturando uma perna, o menor de 4 annos Antonio Lopes Lamoda. Recolheu ao hospital Estephania.

—Recolheu ao hospital de S. José Augusto Carneiro, empregado n'um armazem de vinhos no *Beato*, que foi colhido por um casco.

A CAPITAL DO NORTE

O HOSPITAL DA CIDADE

Vae finalmente construir-se

Porto, 24

—Vae finalmente — dizia-nos um medico e professor distincto—satisfazer-se uma das necessidades mais urgentes da cidade: construir-se o seu hospital, indispensavel para abrigar tantos infelizes que por ahi morrem á falta de hospitalisação e para um mais largo e proficuo ensino medico.

—Não basta, então, o grande hospital geral de Santo Antonio?

—Infelizmente. Apesar de comportar uma média de 400 doentes, a tristissima verdade é que ainda ha um *deficit* de 60 por cento em desfavor dos desgraçados que não teem quem os trate, quem os ampare da morte.

«Está demonstrado que o Porto, com os seus 174:000 habitantes, precisa—para ter uma hospitalisação sufficiente—pelo menos de 1:000 leitos. Não os tem tido. A Santa Casa não pode offerecer mais de 400, e nem sempre, pelo que—morrendo muita gente ao abandono—tem por vezes sido accusada de falta de humanidade, quando a razão é outra: é não poder, pelo seu orçamento, levar mais longe a sua hospitalisação.

«Agora, felizmente, vae resolver-se o problema. Tendo desapparecido certos entraves, a Commissão do Hospital da cidade reuniu, escolheu o local, que é magnifico, no alto da cidade, em Contumil, em frente ao hospital de alienados Conde de Ferreira, com uma area de 40:000 metros quadrados, e vae dar começo ás obras. E, o que mais é para louvar, é que, reconhecendo a necessidade dos 1.000 leitos para hospitalisação, resolveu que o Hospital da Cidade fique com 600, os quaes,—com os 400 da Santa Casa—os perfazem.

—Era, então, de urgencia immediata?

—Evidentemente. Não é humano, não é social, repugna e avilta que um centro civilisado, a segunda cidade do Paiz, a capital do norte deixe morrer ao abandono dezenas, centenas de desgraçados... Uns porque não chegam a hospitalisar-se: outros porque, quando lhes chega a vez de entrar no Hospital, já vão em tal estado que a cura é impossivel, representando, assim, para o Hospital de Santo Antonio, uma despeza sem proveito, que, applicada opportunamente, daria, pelo contrario, os resultados desejaveis.

«E que a Santa Casa não pode, de forma alguma, augmentar o seu numero de leitos, antes terá, talvez de os reduzir, visto os donativos em testamentos terem diminuido muito nos ultimos annos, deduz-se infelizmente de um officio-circular, dirigido pelo actual governador civil a todos os administradores de concelho do districto, em julho passado, e no qual se recommenda que os doentes que d'aquella data em deante, pretendam ser admittidos no Hospital Geral de Santo Antonio, «teem de provar a sua pobreza: se a doença que soffrem é do fôro medico ou cirurgico, indicando ao mesmo tempo o diagnostico ainda que unicamente provavel, e que—no hospital local, ou no mais proximo, não podem receber o conveniente tratamento—fundamentando essa impossibilidade.»

—Que quer isto dizer? Difficultar a hospitalisação. Portanto, evidentemente, a necessidade urgente do Hospital da Cidade.

—Mesmo para o ensino medico, já nos disse.

—Tambem para isso. E' certo que o ensino medico da Faculdade de Medicina do Porto se vem fazendo, desde a fundação da Escola Medica, em 1834, no hospital de Santo Antonio. A Santa Casa cedia—para estudo dos futuros medicos—100 leitos. Depois da ultima reforma, que muito ampliou e alargou o ensino, creando cadeiras novas, cede 284 leitos. Mas, nem isto é o sufficiente, nem a Faculdade de Medicina se pode auctorisar d'esta regalia d'aqui a cerca de dois annos, Por isso, mais uma razão de urgencia para o levantamento immediato do Hospital Polyclinico da Cidade.

—E o dinheiro? Dizem que está orçado em 400 contos.

—Tudo está previsto e remediado. A Caixa Geral de Depositos faz o emprestimo, ao juro de 5 1|2 por cento. Essa operação está já realisada, devido á energia e boa-vontade do vice-presidente da commissão executiva da camara, sr. Elysio de Mello. E, para as primeiras obras que vão iniciar-se immediatamente, a Caixa de Depositos fornece a primeira verba, 30 contos.

«Esteja certo, concluiu, que o Hospital da Cidade vae ser em breve uma realidade, bem precisa, na verdade, bem indispensavel, bem urgente.

Os allemães obteem ouro na China

Pekim 18 de novembro

As informações da Europa que dizem estar interrompido o commercio da Allemanha com a China, estão em contradicção com os factos. Esse commercio foi na verdade affectado pela desapparição da navegação allemã, mas continnuam as enormes exportações d'artigos allemães e d'outros productos que firmas chinezas com o auxilio de capitaes allemães fazem para a America em navios chinezes, japonezes, norueguezes e dinamarquezes.

Os allemães continuam a negociar e preparam-se para desenvolver o seu commercio com a maxima amplitude logo que termine a guerra.

No emtanto é bom saber-se que na China o maior comprador de ouro n'este momento é o Banco Germano-Asiatico que por todos os correios manda para a America, como encommendas postaes registadas, grandes quantidades de tubos de bambu, contendo cada um quarenta onças de ouro.

Este ouro tira-o o Banco da parte que toca á Allemanha na indemnisação paga pelos boxers, que se eleva a 50.000 francos por dia; da parte allemã nos emprestimos anglo-allemães de 1896, 1898 e 1910; e do emprestimo quintuplo de 1913, passando todas estas importancias de 100.000 francos por dia; a verba total d'estes serviços depositada fielmente pelo governo chinez no banco allemão todos os annos é de cincoenta e quatro milhões e meio de francos.

Além d'isto deve a China grandes quantias aos agentes de Krupp e a outros fornecedores d'armas allemãs, que montam a algumas centenas de milhões de francos e vencem juros de 6 por cento e até mais. E' tal a abundancia de dinheiro que os allemães dizem nunca ter tido tanto como agora.

A «Gazeta de Pekin», commentando o desastre do governo chinez no pedido do adeantamento de 10 milhões de taels feito aos bancos da Quintupla, parece querer dar a entender que a importancia total será adeantada pelo banco germano-asiatico.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Falta de policia em Braço de Prata e Cabo Ruivo

Veiu hoje á nossa redacção uma commissão de commerciantes de Braço de Prata e representantes da Associação Commercial de Braço de Prata e Olivaes, reclamar contra a falta de policiamento d'aquella area, infestada de vadios e rufias, a ponto de ser quasi impossivel viver-se ali, sobretudo em Braço de Prata e Cabo Ruivo, onde as provocações e os assaltos, até mesmo á mão armada, são frequentes. Aos srs. governador civil e commandante da policia apresentamos a reclamação e recommendamos o assumpto.

INTERESSES DE CABO VERDE

A PECUARIA

Como vimos no anterior artigo, a industria pecuaria, exercida em absoluto *á la diable*, é muito rendosa. Como se fazem as creações do gado é o que nós vamos tentar descrever.

As manadas de gado bovino, passam dia e noite nos campos, procurando por aqui e por além o pasto de que carecem e percorrendo grandes extensões á procura da agua. Não ha curraes abrigados do vento e da chuva, não ha pastores que guiem e guardem as manadas, tanto podendo succeder que varias cabeças sejam roubadas e mortas, como invadam e destruam qualquer propriedade agricola. O gado só se procura para venda ou para marcar. As femeas são procuradas para se lhe tirar o leite. Crêmos que não são precisos mais elementos para se fazer um juizo perfeito do que venha a ser a creação do gado bovino em Cabo Verde. A respeito de pastos, o seu correlativo aproveitamento o avanço é o mesmo. Nos annos de boas chuvas a producção de forragens de herbaceas é prodigiosa, ninguem as ceifando. Ali ficam na terra, crestando-as o sol desfazendo-as o vento. De março a julho, o gado come uma materia calcinada que se sabe que antes teria sido um bom alimento. Iniciativas particulares, fazendo a ceifa, seca e guarda de forragens, foi coisa que ninguem vio. E, é claro, que quem não guarda não acha, e por isso mesmo, faltando as chuvas, o gado morre todo, sem mais recurso, porque tambem nunca ninguem n'esses periodos se lembrou de importar palha de trigo, alfarroba, massas alimentares oleaginosas e outras, garantindo muito embora pequenas rações de conservação a esse gado em vesperas de se perder. E vejamos em taes condições, justificar-se-ia a intervenção do Estado a favor dos creadores? Com certeza que não. Mas receba o Estado o imposto de pastagem e o de capitação, que contrahe desde logo a obrigação de velar pela conservação dos rebanhos, suprindo as naturaes deficiencias dos creadores, que não sabem o que é o avanço dos povos modernos n'esse ramo da actividade.

Mas, o que não se comprehende é que o governo permitta o que até agora tem permittido, que é o seguinte: bem ou mal feitas as creações de gado bovino existem em Cabo Verde e sabe-se que existem pelas estatisticas officiaes; não obstante, ha um determinado numero de marchantes que entendem que não devem comprar o gado bovino na provincia pelos preços arrastadissimos de 8 centavos o kilogramma de peso vivo, para o irem comprar em Dakar, na Senegalia franceza onde os indigenas vendem um boi por 7 escudos. Será isto logico e justo? Não é. Mas não o sendo, faz-se o permitte-se officialmente. Além d'isso impunha-se da parte do governo, tomar qualquer providencia que estabelecesse uma tabella de venda de gado bovino, e mesmo de todas as outras especies, a que os marchantes se sujeitassem em absoluto, porque o sistema de comprar gado bovino a 12 centavos o kilogramma, peso vivo, e vender no talho a 40 centavos é a mais torpe exloração que se póde consentir. Emquanto estas coisas estiverem de pé, não é possivel conseguir melhorias estaveis, na industria pecuaria em Cabo Verde.

Com respeito ás creações caprinas, notam-se as mesmas coisas que com as creações bovinas. O gado procura-se todas as manhãs para se lhe tirar o leite. Horas depois abrem-se os cercados onde se fez a mungidura, põe-se na bocca das crias um pequeno pau preso com cordel ao pescoço a que se chama *barbicho* e que evita que mamem e lá vae esse gado sosinho para o campo comer o que quer e onde quer, porque tudo é d'elle. As creações de gado caprino teem um grande valor na economia rural das classes pobres de Cabo Verde, mas isso não é rasão para que os creadores não sejam obrigados a seja o que fôr. A pastoroação obrigatoria é uma necessidade. E, o imposto de capitação e as taxas de pastagem chegariam em absoluto para que a Junta dos melhoramentos da Agricultura e da Pecuaria, realisasse os melhoramentos de que essa creação carece.

Importante é a producção de leite de cabra, principalmente nas ilhas do Maio e da Boa-Vista. Na falta de mercado a população bebe-o, e os compradores que acaso apparecem compram o litro de leite por 2 centavos. A industria do leite esterelisado em latas, tem grande futuro n'essas duas ilhas, visto que tal producto teria facil acceitação em todos os mercados, menos no nosso onde a alfandega exerce uma perniciosa influencia com a sua pauta que actua como muralha da China. Os lacticinios tinham tambem largo campo para desenvolvimento, aproveitando parte do leite de cabra na producção do queijo, e todo o leite de vacca na producção da manteiga; ha a todos os respeitos uma falta extraordinaria de iniciativa do governo ou das suas repartições; n'este particular está então tudo por fazer.

A população faz uma coisa e outra, mas os methodos empregados são de tal modo primittivos e consequentemente imperfeitos que os productos obtidos apenas encontram um limitado mercado na provincia, por preços que não podem sequer, ser remuneradores.

Todavia, a raça caprina em Cabo Verde, é das poucas raças boas: de um porte bonito e grande, as faculdades leiteiras são de um desenvolvimento fóra do vulgar, e não vimos nunca em Portugal typos, sequer parecidos com os de Cabo Verde. Facil será sem duvida conseguir que, sem tirar a importancia que a creação caprina tem, antes dando-lhe protecção, se obriguem os creadores ou os como tal tidos, que cumpram uma serie de medidas, garantindo principalmente a segurança da propriedade agricola do Estado e dos particulares, das constantes invasões dos caprideos, que ficam a maior parte das vezes impunes. Deve haver um justo limite, entre os interesses dos agricultores e os dos creadores de gado caprino, não se devendo nunca, dentro d'elles, ser por uns contra outros.

O mundo tem logar para todos e todos podem viver com o respeito mutuo. O contrario d'isso é o que tem prevalecido, contra todos os principios.

Armando Xavier da Fonseca

Festas associativas

Club Recreativo Lusitano

Realisa-se depois de amanhã n'este club uma festa promovida pela commissão de melhoramentos. Constará de recita na qual será representada a *Morgadinha de Valflor* desempenhada pelos distinctos amadores que formam o grupo dramatico do Club. Em seguida haverá baile.

Liceu Pedro Nunes

Promovido pela Associação Escolar, realisa-se no dia 1.° de Dezembro, pelas 13 horas e meia, um sarau musical, no qual tomam parte um grupo de gentilissimas senhoras e a orchestra dirigida pelo maestro sr. Taveira, composta por 40 executantes.

Colyseu dos Recreios

Um pouco de bom humor e pouco de dramatisação, eis o que compõe elementarmente o programma do Colyseu dos Recreios. O espectador vae desde o gargalhar do «clown,» aos equilibrios de miss Lala, aos acrobatismos dos Frediani, aos voos «á Leotard» por Levy Jenochio e Carlos d'Abreu, e, por fim, ao mimodrama *O Sonho Tragico*, a maior novidade d'esta epocha em apresentação de feras. Para o celebre domador Marck já não basta ter os leões ali em frente, é necessario fazel-os tomar parte n'uma peça mimica dolorosa e intensa. Para isso não é só preciso coragem; tornam-se indispensaveis um grande talento de actor e notavel somma de engenho e sensibilidade artistica. Marck e a sua troupe superaram plenamente todas as difficuldades e d'ahi proveiu o triumpho completo que obtiveram.

Amanhã, sabbado, estreia de «The Adelphis», attracção das principaes casas de espectaculo do estrangeiro, e reapparição das notaveis artistas mesdemoiselles Marguérite e Flora, equilibristras em escada oscilante.

Movimento maritimo

Africa Oriental, «Beira»	28
R. J. e Sant. «Amiral Obry» (do Hav.)	28
B. e R. Prata «Gelria» (de Amesterd.)	29
R. J., Sant. e R. P., «Hudsen (do Liv.)	30

via forças russas que pudessem ser tiradas das outras frontes em numero sufficiente para constituirem um novo baluarte, como se tinha feito depois das batalhas de Krasnostaw e Rozan.

A travessia do Vistula pelos allemães era o que ia decidir da sorte de Varsovia.

O objectivo immediato do exercito de von Woyrsch e do grupo do general von Köves era Ivangorod. Ameaçada por todos os lados, não podia por mais tempo ser occupada pelos russos. Na margem direita do Vistula uma fieira de posições fortificadas havia sido recentemente construida para cobertura dos fortes interiores, que se haviam tornado obsoletos e não podiam resistir ao fogo da moderna artilharia nem sequer durante um dia.

De oeste e do sul o Vistula e o Wieprz formam uma cobertura para a fortaleza, mas difficilmente pode ser defendida contra ataque do norte. Logo que os allemães conseguiram occupar definitivamente a margem oriental do Vistula, a posição da fortaleza tornou-se insustentavel.

Na manhã de 1 d'agosto a artilharia austriaca, composta de canhões de campanha e de morteiros de 305 cm., iniciou um violento bombardeamento contra os fortes, em alguns dos quaes o inimigo penetrou n'esse mesmo dia. A queda da fortaleza estava imminente: deu-se a 4 d'agosto.

A queda de Ivangorod punha a descoberto o flanco occidental do exercito russo do sul. A sua retirada não podia demorar-se mais tempo. A Polonia oriental tinha de ser evacuada e os exercitos russos tinham de recuar para as linhas de Brest-Litovsk e para o Bug.

A evacuação da cidade de Varsovia tinha de fazer-se em tempo determinado; era apenas questão de retirar o exercito das linhas Blonie. Essa retirada final provou uma grande mestria em estrategia, que deu grande renome principalmente ao commandante em chefe dos exercitos na Polonia, Alexeieff, e ao seu chefe de estado maior, Goulevitch.

A retirada começou durante a noite de 3 para 4 d'agosto; na extremidade norte das linhas Blonie as forças russas atravessaram o Vistula em pontões e foram apoiar os defensores da linha do Narev, tornando assim impossivel o rompimento immediato da linha. Na extremidade sul, proximo de Gora Kalvaria, os russos atravessaram egualmente o rio durante a noite sobre pontões e juntaram-se ao corpo d'exercito que estava defendendo Varsovia do lado do sul; juntas, essas forças formavam agora uma forte defeza para a linha de retirada para Brest-Litovsk.

O correspondente do «Times», que permaneceu quasi até ao fim em Varsovia, escreve:

«A 4 d'agosto, pelo meio dia, pouco mais d'um corpo d'exercito estava no lado occidental do Vistula. Metade atravessou ao sul de Varsovia antes das 6 horas da manhã e, segundo todas as probabilidades, a ultima divisão atravessou o rio antes da meia noite, sendo, pelas 3 horas da manhã de 5 de agosto, destruidas as pontes».

Os allemães chegaram ás 6 horas da manhã; não estavam sequer em contacto com as rectaguardas russas e o que elles contam ácerca da ultima batalha para a posse de Varsovia deve ser considerado como uma phantasia d'um grande acontecimento, que o foi sem duvida.

Um conhecido escriptor polaco, discutindo o nome que a historia deve dar a esta guerra, emitte a opinião de que o melhor que lhe assenta é o da Guerra dos grandes desapontamentos. Em nenhuma outra opportunidade esse nome é mais apropriado do que á occasião da entrada dos allemães em Varsovia. Os russos haviam defendido, durante mezes, contra os mais desesperados ataques allemães, a relativamente fraca linha das pequenas correntes, o Bzura, Rawka, Pilica e Nida.

A linha do Vistula, uma das posi-

violenta proximo da cidade de Makow na tarde de ante-hontem.»

A 18 de julho as vanguardas de algumas columnas allemãs haviam chegado ao alcance da artilharia de Novo-Georgievsk. Todo o exercito do general von Gallwitz estava agora ao longo da margem norte do Narev desde Novo-Georgievsk, passando por Pultusk e Rozan, até ao districto de Ostrolenka. O seu avanço era acompanhado e apoiado de leste pelo exercito do general von Scholtz. Depois de prolongada e violenta luta no Omulev, Szkwa e Pissa, chegou á linha do Bobr e Narev entre Osowiec e Ostrolenka.

N'essa mesma noite as extremas norte de algumas das pontes-cabeças na linha do Narev eram seriamente ameaçadas pelo inimigo.

A retomada da offensiva austro-allemã entre o Vistula e o Bug foi precedida d'um ataque contra as posições russas em roda de Sokal. O flanco no Bug tinha de ser firmemente assegurado, emquanto as principaes forças se dirigiam para o norte.

A 15 de julho, os russos estavam n'aquella região de posse d'algumas partes da margem occidental do rio. No dia 19, em frente de forças muito superiores, recuaram de Sokal para Tartakow, mas para voltarem no dia seguinte. Foi com grande difficuldade que os austriacos se mantiveram em Sokal durante o resto do mez.

A offensiva austro-allemã contra a linha Lublin-Cholm recomeçou em meiados de julho. O principal ataque não foi, porém, dado pelo derrotado quarto exercito austro-hungaro sob o commando do archiduque José-Fernando, mas por uma nova força concentrada ao norte de Zamosc e sob o commando directo do feld-marechal von Mackensen.

O correspondente especial do «Times» diz em data de 14 de julho:

«Desde que sahi da fronte de Bukovina recebi informações de que de toda a fronte que visitei as forças inimigas estavam desapparecendo e cria-se que se estavam concentrando contra o exercito que está protegendo Cholm».

Parece que n'essa occasião o exercito de Linsingen estava dividido em dois grupos: um, sob o commando do conde Bothmer, permaneceu no Zlota Lipa, o outro, sob o do proprio Linsingen, juntou-se aos exercitos de Mackensen. Ao norte dos rios Por e Volica estava contra elles o exercito russo do general Loesche, « o melhor que a Russia pôz em campo n'esta guerra», sob o commando d'um general a quem o experimentado correspondente de guerra Washburn descreve como «uma das mais notaveis individualidades que jámais encontrei n'outra guerra».

Os austro-allemães empregaram a sua tactica usual; amontoaram as suas baterias pezadas contra uma secção de linha russa e concentraram as suas melhores tropas para as arremeçarem apoz o bombardeamento, exactamente como haviam feito nos dias de Gorlice e Tarnow.

Da batalha que se deu a 17 de julho na região de Krasnostaw não podemos dar melhor descripção do que citando trechos d'uma correspondencia do enviado especial do «Times», Washburn, que nos dá a conhecer o desenvolvimento da campanha e informações a respeito de alguns incidentes.

Com respeito ás posições russas proximo de Krasnostaw, escreveu elle:

«As melhores trincheiras que vi foram inundadas n'um dia por um diluvio de granadas. Os russos não retiraram. Ficaram n'ellas e morreram e os allemães avançaram dos seus reductos para a linha, tornando necessaria uma mudança de fronte. Mas a esse tempo não havia ainda desorganisação em toda a linha. No momento em que os allemães ficaram fóra do alcance da artilharia que os apoiava, a infantaria russa cahiu-lhes em cima com cargas de baioneta e fel-os recuar.»

Durante mais de dez dias apoz e

rompimento da linha russa ao sul de Krasnostaw, nenhum progresso accentuado foi feito pelas forças austro-allemãs entre o Vistula e o Bug. Aos ataques seguiam-se contra-ataques; aqui e ali os austro-allemães estavam ganhando terreno; era evidente que mais cedo ou mais tarde attingiriam o seu objectivo immediato, a linha Lublin-Cholm, mas era tambem certo que não conseguiriam o principal, que era esmagar as forças russas na Polonia.

Apenas um rapido avanço do inimigo, semelhante ao que se seguira á batalha do Dunajec, poderia ter feito soffrer um desastre dos exercitos que estavam guarnecendo o saliente a leste do Bug e do Niemen.

Na violenta lucta que se seguiu á batalha de Krasnostaw, os russos perderam terreno, o inimigo perdeu tempo. Os proprios communicados allemães claramente mostram a natureza d'essas batalhas. Quasi todos os dias encontravam alguma victoria com que embellezar as suas narrativas—guardando silencio sobre alguns revezes—. Falam de pequenos avanços, ganhos em resultado d'uma lucta extraordinariamente violenta.

«Entre o alto Vistula e o Bug perseguimos o inimigo em retirada» (20 de julho)... «O inimigo offereceu de novo séria resistencia aos exercitos do feld-marechal von Mackensen» (21 de julho)... «A batalha continua» (22 de julho)... «Os exercitos alliados conseguiram quebrar em differentes pontos a tenaz resistencia do inimigo» (23 de julho)... «Nenhuma alteração» (25 de julho)...

E assim successivamente. Só no dia 30 os exercitos allemães, que no dia 16 tinham iniciado o seu avanço d'uma linha a cerca de vinte e quatro kilometros ao sul do caminho de ferro Lublin-Cholm, chegaram á cidade de Lublin. Era evidente que a batalha que ia decidir da sorte de Varsovia não se daria d'esse lado.

Os generaes Loesche e Everts e os seus exercitos tinham-se dirigido pelo sul para Varsovia, feito que tivera incalculavel influencia no desenvolvimento de toda a campanha na fronte oriental e, por isso, em toda a guerra.

Entretanto a offensiva allemã contra a linha norte continuava com o primitivo vigor. A 20 de julho as tropas allemãs apoderavam-se das obras exteriores de Rozan na margem norte do Narev. No dia 23, o exercito do general von Gallwitz forçou as pontes-cabeças de Rozan e de Pultusk; entre os dias 23 e 25 dez divisões allemãs puderam atravessar o Narev n'uma extensa fronte entre Pultusk e Ostrolenka.

Esperava-as, porém, um novo desapontamento. Romperam a linha principal proximo de Krasnostaw, mas a tenaz resistencia das tropas russas impediu-as de avançarem mais. Uma batalha se desenvolveu entre o Narev e o Bug, semelhante á que fôra pelejada na fronte da linha Lublin-Cholm.

Pareceu a principio que a passagem do Narev pelos allemães ia decidir da sorte da linha Vilna-Varsovia e obrigar os russos a evacuarem immediatamente Varsovia. O seu impulso contra Wyszkow e Ostrow em breve se transformou n'uma derrota. O avanço d'um dia foi seguido de revezes no dia seguinte, acompanhados de grandes perdas em mortos, feridos e prisioneiros.

Se algumas posições offereciam aos allemães probabilidades de conseguir uma victoria definitiva eram as do norte e não as do sul. O communicado official allemão de 5 de agosto diz que «luctando violentamente, os exercitos dos generaes von Scholtz e von Gallwitz contra a estrada Ostrow-Wyszkow».

Essa estrada corre apenas a uma distancia de dezeseis a dezenove kilometros a sudeste da linha do Narev, que os allemães tinham transposto quasi uma quinzena antes.

Nos ultimos dias de julho uma onda de esperança invadiu aquelles que na ultima semana haviam perdido já a fé em salvar Varsovia. A' esplendida resistencia das tropas russas tanto no sul como no norte tinha-lhes incutido coragem. Depois,

de subito, veiu o dramatico final de um modo que nunca se esperava.

O Vistula parecia offerecer protecção sufficiente contra o oeste e, exceptuando os districtos em redor das pontes-cabeças de Varsovia e Ivangorod, era guarnecido por forças relativamente fracas. Nem uma unica ponte permanente atravessa o rio entre essas duas cidades; o rio, que corre irregularmente, tem de 500 a 1.100 metros de largura e de 10 a 15 pés de profundidade. As suas margens são elevadas, a oriental mais do que a occidental.

O valle tem apenas alguns kilometros de largura e os outeiros cobertos de bosques em alguns sitios estão quasi junto do rio. Nas proximidades correm estradas e o caminho de ferro que liga Versovia com Ivangorod; muito poucas aldeias e só uma ou outra cidade ficam na margem oriental, n'aquella tira de cerca de oitenta kilometros que formava entre Varsovia e Ivangorod a fronte occidental do saliente russo na Polonia.

No districto a oeste do Vistula os russos seguiram durante a segunda quinzena de julho a mesma tactica que haviam adoptado em outubro de 1914. Estavam recuando para o rio, approximando-se d'elle em linhas fortificadas em redor das pontes-cabeças nas duas extremidades da fronte. A 17 de julho haviam recuado para além do Ilzanka, a 20 evacuaram Radom; no dia 22 as tropas do general von Woyrsch haviam chegado a Hozienice, na extremidade norte das linhas que estão em redor de Ivangorod; poucos dias depois, a fortaleza era completamente investida pelo oeste.

Egual retirada se effectuava a norte; a 19 de julho, os russos evacuaram, sem lucta, a linha Bzura-Rawka, que haviam occupado durante mais de sete mezes, e retiraram para as linhas chamadas Blonie, que se estendiam n'um raio de cerca de dezenove kilometros na fronte de Varsovia e tinham sido preparadas como segunda linha desde dezembro de 1914.

Os ataques allemães dados contra essa linha nos dias 25 e 26 de julho terminaram por um completo insuccesso.

Deu-se então o imprevisto. Os allemães conseguiram atravessar o Vistula a uns trinta e dois kilometros ao norte de Ivangorod. O communicado official russo de 30 de julho diz:

«No Vistula, nas duas margens do seu affluente Radomka, o inimigo em alguns pontos fez atravessar as suas vanguardas para a margem direita por meio de pontões e tentou lançar pontes sobre o rio. As nossas tropas estão atacando os destacamentos que atravessaram. A nossa artilharia pezada demoliu uma ponte proximo da aldeia de Kobylnica.»

Os allemães estavam sendo repellidos para o Vistula, mas conseguiram manter-se na sua margem oriental. Um corpo pertencente ao exercito que guarnecia as linhas Blonie atravessou o rio para se oppôr ao avanço dos allemães a leste do Vistula. Mas reforços inimigos estavam vindo do oeste em grande numero.

O dr. Delbruck, ministro allemão, do interior

No dia 1 d'agosto, dois corpos de exercito allemães haviam alcançado a margem direita do Vistula, ao passo que trez divisões austriacas, vindas ao que se diz da fronte servia, as estavam apoiando. Não ha-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1909—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Sabbado, 27 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 1 centavo

Ultimas palavras

No tempo do regimen findo, sobretudo no tempo da sua vergonhosa decadencia, a polemica jornalistica entre os corypheus d'esse regimen, resumia-se, geralmente, em golpes subitos tão depressa vibrados como esquecidos. Tratava-se d'um processo de simples aggressão. Houve quem n'esse se tornasse notavel. O publico admirava a rigeza d'esses golpes. Era a sua violencia simplesmente que o attrahia. Na realidade, tratava-se d'uma questão de educação publica. Não se apreciava o valor dos argumentos, da somma de razão expendida. O que se apreciava era o chamado pulso do jornalista, e esse pulso admirava-se na sua obra de fundibulario.

Hoje, já não é assim. A educação do publico melhorou, e a imprensa tem de o acompanhar no seu progresso. Hoje o que o publico quer é ser esclarecido. Nas polemicas jornalisticas procura o esclarecimento das questões. E a medida da sua consciencia só admitte o que for logico, justo e verdadeiro.

Na questão que levantamos sobre a attitude do unionismo não procuramos senão serenamente, embora com a firmeza que essa mesma serenidade impõe, analysar, sob o ponto de vista dos interesses nacionaes e sob o ponto de vista dos principios republicanos, sem a fiel observancia dos quaes ninguem pode legitimamente dizer-se republicano, qual a attitude tomada pelo partido unionista depois da queda do gabinete Azevedo Coutinho, promovida pelo grave conflicto de indisciplina que ficou sendo conhecido pela designação de movimento das espadas. Negou a «Lucta» que o partido unionista esperasse aproveitar esse movimento para a sua ascensão ao poder. Provamos-lhe que a sua asserção não era exacta, e ao mesmo tempo procuramos fixar as causas d'uma acceitação d'esse movimento, acceitação tão pouco conforme com os principios da democracia, que todos os partidos da Republica devem observar e zelar.

Que essa asserção não era exacta, provam-o as tres transcripções de artigos de fundo do chefe unionista, na «Lucta», de que é director, transcripções que bem claramente estabelecem o que o seu partido julgava que lhe era licito esperar, produzido o movimento das espadas. A isto responde hoje a «Lucta» que, logo no dia do triumpho obtido por esse movimento, sabia que não era chamada ao poder a «União Republicana». Evidentemente, ao saber-se que o chefe do novo governo era o sr. Pimenta de Castro, e não o sr. Brito Camacho, ninguem podia alterar o facto consummado, mas isso não impede que o sr. Brito Camacho ficasse surpreso com esse facto, por o considerar evidentemente uma solução illogica, injusta e até perigosa.

Não se pode concluir outra coisa da leitura dos trechos apontados, que hoje reproduzimos, porque elles falam mais eloquentemente do que nós, e constituem o mais solemne desmentido ás recentes affirmações da «Lucta», que nos replou, dizendo que haviamos faltado á verdade.

No dia 28 de janeiro, o sr. Brito Camacho, director da «Lucta», chefe unionista, dizia:

«Agora mesmo, aberta a crise ministerial, e sendo inegavel que a União Republicana compete ser chamada para formar ministerio, agora mesmo ella mostra o seu desinteresse, porquanto, affirmando o seu direito a governar, não procurou fazer valer esse direito perante o chefe do Estado, antes lhe affirmou o seu respeito pelo uso que elle fizer da prerogativa que lhe confere o artigo 47 da Constituição».

E accrescentava:

«Não foi agora chamada ao poder, cabido a elle incontestavel direito. Oxalá nos enganemos; mas é nossa convicção que se commetteu um erro grave, que não terá facil reparação».

E no dia 30 de janeiro, o sr. Brito Camacho, director da «Lucta», chefe do partido unionista, dizia ainda:

«Foi pouco demorada a crise, mas ainda seria menos demorada, se a União Republicana, como tudo indicava, tivesse sido chamada ao poder».

D'isto, não ha tirar outras conclusões que não sejam as que nós tiramos, e que ficaram inteiramente de pé.

dirigidos a proposito de uma ninharia.

—E' conforme, respondi eu. O tal marreco não tem que fazer?

—Ora essa! Aquelle diabo trabalha ás vezes quatorze horas por dia.

—Pois n'esse caso que faça de conta que não é nada com elle. Como toda a gente, o seu amigo tem o tempo dividido: horas de trabalho, horas de recreio, horas de somno. Se desviar alguma d'ellas para tratar uma discussão inutil perderá trabalho, divertir-se-ha menos, não dormirá a sua conta. Passado o prélio, verificará que, durante o tempo que perdeu a ripostar, deixou de pertencer a si proprio para pertencer áquelles que o provocaram. Está provado ámbem que d'uma discussão azeda nunca se alcança nada, cada contendor fica no logar em que estava, com a sua opinião e os circumstantes passados cinco minutos já não pensam no assumpto. Por conseguinte o seu amigo que se deixe estar quieto. Os outros hão de barafustar, gritar e por fim, vendo que estão a bramar contra o vacuo e a discutir com um surdo-mudo, hão de reconhecer que falhou o principal intento que tinham: incommodar quem passa certamente bem sem incommodos. Um proverbio diz:—«Nunca ha um teimoso só». Para uma teima são precisos dois caturras, como para um duello dois esgrimistas, e duas peugas para um par d'ellas e nunca ninguem jogou a bisca sósinho. Quem se entretem solitariamente a dar cartas, a escolher jogo, a mais de que se pode gabar é de que esteve a fazer paciencias e, como sabe—e se não sabe—qualquer major reformado lh'o dirá:—de cada vinte paciencias acerta-se uma.

—Homem! Não tinha pensado n'isso.

—Pois olhe, meu amigo, isto é o que dá a pratica do mundo, do mundo patusco em que vivemos.

André Brun

Poeira da Arcada

N'estes espessos dias de chuva, apetece não fazer nada, condescendendo em que o planeta siga pelos espaços fóra, como um farrapo n'um enxurro. A energia affrouxa e uma mole tristeza nos enluta, prendendo-nos fatalistas ao jugo das horas que passam lentas, nebulosas e amargas. Tem a gente a impressão de que a vida, que nós julgamos uma corrida para o infinito, se dissolve em interminavel indecisão que nos encharca de tedio, até nós cerrarmos os olhos e dormirmos um somno bem mineral.

* *

Nos ultimos tempos, a obra de Eça de Queiroz, Oliveira Martins e outros tem sido julgada summariamente como menos portugueza por creaturas que entendem o culto da patria só compativel com ideias e sentimentos cuja certidão de edade lhes accuse dois ou tres seculos de existencia. Com este criterio em forma de cabaça, a nossa litteratura no seculo XIX e XX fica reduzida ao Lunario Perpetuo e pouco mais. Parece que se prepara assim um Portugal bastante amplo para pinotes, mas assaz estreito para o livre exercicio da phantasia. A arte de ser portuguez acabará ainda por se converter n'um processo commodo de andar sempre ás arrecuas.

* *

Alguns elementos conservadores mostram-se receosos em relação á Republica, tomando esta como uma armadilha á sua credulidade e aos seus haveres. Isolam-se, vivendo no meio de apprehensões. Estão no seu direito. Todavia não é mau registar que a sua estranha attitude provem de um medo infundado. Apparecem e as coisas vistas com olhos verdadeiros perderão o seu aspecto aterrador.

Migalhas

A consulta de Praxedes

Praxedes veiu hoje consultar-me em nome de um amigo d'elle que desejava saber se devia ou não responder a uns ataques que lhe eram

CHRONICAS DE PARIS

No gabinete de Clemenceau

Uma anecdota do antigo presidente do conselho—A figura do grande jornalista—Confiança na victoria definitiva—Se a Allemanha vencesse...—O espirito religioso em França

E' sem duvida uma das mais notaveis figuras da politica contemporanea o eminente jornalista que dirige «L'Homme Libre», actualmente chrismado, em virtude das exigencias da censura franceza, em «L'Homme Enchainé». Georges Clemenceau, que foi «maire» de Paris durante as horas agitadas da Commune, senador, presidente do conselho, parlamentar notabilissimo, polemista politico de alta envergadura, que tem o seu nome ligado a todas as grandes questões que durante a terceira Republica se debateram em França, ainda hoje, apezar dos seus setenta invernos, é a mesma creatura activa e infatigavel de sempre. A sua vida, intensamente occupada, decorre desde as primeiras horas da manhã entre as exigencias da politica e as do jornal, onde a rude severidade dos seus ataques politicos se allia, constantemente, um bom senso admiravel.

N'estas circumstancias, para admirar seria que o celebre homem publico se não deixasse vêr difficilmente. O «Tigre», como de costume se lhe referem na intimidade das espheras politicas, tem habitos austeros e passa por estar muitas vezes de mau humor. Conta-se que certo membro do Senado, a quem o antigo presidente de ministros tinha razões para não considerar interessante, teimou durante dias consecutivos em fazer-se receber por elle, e via vez conseguiu mesmo fazer-lhe chegar ás mãos o seu cartão de visita. Clemenceau mandou entregar o cartão ao seu secretario com a seguinte nota, rubricada a lapis no verso:

—«Debarassez-moi de ce raseur...»

O melhor é que, segundo se refere, o secretario se limitou a devolver o cartão de visita ao alludido senador, dizendo que a resposta ia escripta no verso... Imagine-se um instante a cara do homem!

Seja ou não seja authentico o episodio, deve em louvor da verdade accentuar desde já que a impressão em mim produzida pela eminente personalidade de Georges Clemenceau foi tudo o que ha de mais lisongeiro. A amabilidade com que me acolheu é d'estas que não esquecem mais. Na sua figura de homem vigoroso, na sua voz forte e cheia de energia, espelha-se uma sinceridade immensa, e se no seu «facies» de luctador ha qualquer coisa de severo que impressiona, ha tambem o symptoma iniludivel de poderosa força de vontade, de dominio proprio, de decisão consciente e absoluta.

Ao tomar logar na poltrona que me indicou junto da sua vasta secretaria, comecei por agradecer-lhe a excepção que, ácerca do meu caso, abrira á regra inviolada de nunca se deixar entrevistar por jornalista algum. Elle accentuou-me o seu horror pelas «interviews», e, referindo-se com palavras de calorosa sympathia ao ministro de Portugal, em Paris, a quem devo a honra de ser apresentado a Georges Clemenceau, disse-me que não podia ter-se recusado a receber um portuguez que o sr. João Chagas lhe recommendava. Mas uma «interview»...

—Perdão, interrompi. Não é bem uma «interview» o que me trouxe a este logar. Desejava ouvil-o um pouco ácerca da guerra, da politica, do futuro...

—Todos os dias me occupo d'esses assumptos no meu jornal. Em «L'Homme Enchainé» digo sempre o que tenho a dizer, e para saber-se o que penso basta que me leiam. Que lhe poderia eu dizer de novo?...

Insisti, com delicada obstinação:

—N'este momento, o estado de espirito em França preoccupa um pouco os innumeros amigos que este grande paiz conta no meu. Desejaria levar-lhes, pronunciadas pela bocca de alguns dos seus homens eminentes, palavras de confiança e de fé no triumpho da França...

—Ahi tem um assumpto que me levaria demasiado longe, replicou elle. Fazer uma synthese de todos os phenomenos que concorrem para esse estado de espirito, observar-nos-hia agora muito tempo. Mas tudo se resume n'estas palavras: espera-se a victoria pacientemente, confiadamente, sem um desfallecimento e sem uma duvida.

Falei-lhe então das preoccupações de futuro que surgem nos pequenos Estados. Se a Allemanha vencesse...

Clemenceau, com o sorriso de quem discute uma hipothese absurda, continuou:

—Se a Allemanha vencesse, o seu primeiro desejo seria vencer tambem todo o mundo uma pesada hegemonia. Não resta a tal respeito a menor sombra de duvida. A doutrina imperialista, robustecida pelo triumpho brutal, provocaria nos allemães tamanha séde de dominio que, comparado com ella, o sonho de Napoleão não passaria de uma singela brincadeira. As pequenas nações seriam implacavelmente sacrificadas a essa ambição.

—De forma que Portugal e as colonias portuguezas, na hipothese da victoria allemã...

Clemenceau limitou-se a sorrir de novo, meneando levemente a cabeça. Esse gesto não me deixa duvidas sobre o seu pensamento. **A victoria da Allemanha seria, para nós, o fim.** E vencendo, como hão de vencer, os alliados?

—Os alliados, proseguiu elle, combatem pelo direito e pela liberdade dos povos: podem portanto estar tranquillas as pequenas nações. Bem vê: n'esta guerra não são duas potencias poderosas que se disputam a hegemonia, por que se assim succedesse, era indifferente o resultado para os que viessem a ser sacrificados a um ou ao outro vencedor. Não. São dois principios em lucta. E' o cesarismo ambicioso e avassalador, por um lado, o respeito pelo principio das nacionalidades e pela independencia dos povos, por outro. Eis o alto significado moral da presente guerra.

—Suppõe que a campanha actual determinará em França um despertar da fé christã?—inquiri bruscamente.

—No sentido em que me fala... Vejamos. Refere-se talvez a uma maior intensidade no culto. Não. Não. Ao começo da guerra, os catholicos pretenderam sem duvida exagerar... Depois veiu a intervenção do Papa, como sabe; essa famosa intervenção que consistiu apenas em dizer que não intervinha... A questão morreu assim. Tudo o que posso dizer-lhe é que, a esse respeito, nada mudou em França. E' certo que se fizeram distribuições de medalhas, bentinhos, «Sacré-cœurs», mas os soldados acceitavam em regra essas coisas por um sentimento de delicadeza—como se pode acceitar um ramo de violetas... Em resumo: procuramos viver em paz com os catholicos e nada mais. Que me importa que F. seja um praticante e entre nas egrejas? Não entro eu, e estou no meu direito. Eis tudo. A respeito de religião, conserva-se hoje na França a mesma indifferença publica.

N'esta altura, não me recordo bem com que transição, começamos a falar de Portugal, que Georges Clemenceau me declara considerar um paiz visceralmente republicano. Dispunha-me já a ouvil-o, com natural interesse, discorrer um pouco ácerca da nossa terra, quando a campainha do telephone vibrou subitamente. O eminente homem publico lançou mão do auscultador.

—«Allô, Allô... Ah, oui, c'est vous... Comment, grave?... Excessivement grave?... Oui, venez me voir...

Eu assistia, mudo, a esse dialogo truncado, cuja significação me apparecia ainda nebulosa. A phisionomia de Georges Clemenceau era agora illuminada por um vago lampejo de enternecimento. Olhou-me, durante alguns segundos, em silencio, e ia curtas palavras havia decerto um drama de emoção. A phisionomia de Georges Clemenceau era agora illuminada por um vago lampejo de enternecimento. Olhou-me, durante alguns segundos, em silencio, e a jurar que nos seus olhos havia uma ligeira nevoa de emoção. Explicou-me:

—Meu neto foi ferido, para os lados de Verdun. Era o medico a darme noticias do seu estado... Elle proprio vem falar-me aqui.

Fiz menção de retirar-me. A opportunidade era pessima para continuar a conversação interrompida. Commovidamente, fiz-lhe parte dos meus votos ácerca do seu direito ferido, e Georges Clemenceau, acompanhando-me até á porta do seu gabinete, estreitou a minha mão n'um silencioso «shake-hands» de despedida.

HERMANO NEVES

A'MANHÃ

A ultima impressão

O geral dos jesuitas em Tschenstokhowo

O geral da ordem dos jesuitas, o padre Ledochowsky, polaco de origem, e da familia do fallecido cardeal, foi em meados de outubro a Tschenstokhowo, onde chegou incognito sem que se pudesse saber o fim da sua visita. Apezar do segredo de que rodeou a sua presença, depressa foi conhecida do habitantes, e o grande numero de peregrinos installados nos arredores esperando a auctorisação dos occupantes para irem em romagem á Virgem miraculosa d'aquella Lourdes polaca.

O padre Ledochowsky recebeu deputações, fallando demoradamente com ellas, mas nada lhes ,prometteu; embora polaco accusou, ao que se diz, varias sociedades religiosas de seguirem interesses politicos o que justificava, a seus olhos, as medidas de rigor adoptadas pelos allemães. As deputações retiraram sob uma penosa impressão, e estas palavras augmentaram a perturbação que reinava entre os peregrinos.

No dia seguinte, tanto em Tschenstokhowo como nas villas dos circumvisinhanças, correu o boato de que os allemães tinham pedido ao geral dos jesuitas para deixar transportar a Virgem miraculosa para uma cidade da Baviera, e cobrir esta transferencia com a sua auctoridade perante a população e os peregrinos.

Estes boatos levaram os fieis a armarem-se como poderam, e a dirigirem-se para as proximidades do mosteiro em que está a imagem santa, onde se installaram, guardando-a. Não houve meio de os demover d'esta resolução, e grandissima quantidade de fieis passaram a noite na montanha sagrada, cantando hymnos religiosos e promptos a defender o seu thesouro.

A 27 de outubro, pelo meio dia, foi falar-lhes o governador militar da cidade, prevenindo-os de que nas casas proximas estavam montadas metralhadoras que os tinham sob os seus fogos, e que a tropa estava preparada para carregar sobre elles.

Mal tinha acabado de falar d'uma janella proxima foi atirada uma bomba por mão desconhecida, que não occasionou prejuizos; averiguou-se depois que era um simples petardo.

Apezar d'isso, o governador fez avançar a tropa, seguindo-se um sangrento conflicto que originou numerosas mortes tanto d'um como d'outro lado.

Charles Rivet.

Noticias parlamentares

As commissões de verificação de poderes teem entre mãos para estudar e julgar alguns processos eleitoraes. As eleições de Cabo Verde e as que já se realisaram nas colonias ainda não foram validadas, succedendo o mesmo com as eleições supplementares realisadas ultimamente em varios circulos do continente e das ilhas. Segundo consta, esses processos serão apreciados rapidamente para que, dentro de poucos dias, os novos eleitos possam tomar os seus logares em S. Bento.

Não ha duvida. A epoca legislativa iniciou-se sob os melhores auspicios e sob a influencia de um grande espirito conciliador, manifestado por toda a gente. Haja vista o que aconteceu hoje com a homenagem aos mortos. No sentimento da Camara manifestou-se englobadamente o sentimento nacional, e até Ramalho Ortigão, morto encharcado em conservantismo, teve, no seio da representação nacional, a glorificação que merecia. Oxalá que a boa harmonia não se quebre nunca e que, afinal, se estabeleça, definitivamente, a harmonia entre os homens.

Dizia-se que não haveria hoje numero nas camaras e que o Congresso, por essa razão, deixaria de funccionar. Afinal, saíram errados esses calculos. Mas pouco, valha a verdade que se diga, porque só um quarto de hora depois do que o regimento marca para os trabalhos principiarem, se enfeixaram os deputados exigidos para isso. E' preciso matar o micróbio da calaceira logo á nascença. Se não fôr para maio, S. Bento estará completamente ás moscas...

O Senado tambem se manifestou pelos mortos. Lá foram propostos os mesmos votos de sentimento que na Camara dos Deputados. Fez-se a mesma rhetorica apologetica e exaltaram-se com egual commoção as qualidades dos extinctos. Simplesmente o sr. Faustino da Fonseca arranjou uma formula nova. Disse que se associava com o maximo prazer ao voto de sentimento pela morte de Ramalho Ortigão. Não se pode ser mais expressivo. Foi decerto por se saber quanto este illustre senador gosta de falar dos mortos que o nomearam chronista das descobertas e das conquistas portuguezas. O talento encontra sempre o premio condigno.

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

O movimento academico

Reuniões para ámanhã

Com os alumnos dos diversos estabelecimentos de ensino que ainda se encontram em greve nada se passou hoje digno de nota, tendo funccionado com toda a regularidade os lyceus. A commissão de alumnos da Escola Preparatoria Rodrigues Sampaio pede a comparencia dos paes dos alumnos d'essa escola a uma reunião que se realisa ámanhã, pelas 19 horas, na séde da Associação de Classe dos Fragateiros de Lisboa, rua do Arsenal, 168, 1.º.

Os alumnos da Escola Affonso Domingues tambem reunem ámanhã na rua do Mirante, 51.

No lyceu Gil Vicente foi experimentado ordenada a creação das 4.ª e 5.ª classes, a fim de ainda funccionarem no corrente anno lectivo. A matricula para essas classes deve effectuar-se na proxima semana.

NA ALLEMANHA

A questão do recrutamento

A' volta do problema colonial

O «Times» publica um artigo de uma precisão notavel ácerca da maneira actual de funccionar o recrutamento na Allemanha. Fundando-se em dados fornecidos pela «Revista Medica Allemã», mostra o auctor ser erro acreditar-se que as auctoridades militares allemãs estejam dispostas a enviar homens physicamente incapazes, ou de qualquer fórma inhabeis, para as frentes de combate. As juntas d'inspecção procedem a uma judiciosa escolha entre os elementos de segunda qualidade que comparecem perante ellas e, segundo as suas aptidões physicas, classificam-as para os serviços das frentes, de guarnição ou de officinas. E' incontestavel que os homens apurados agora são de qualidade inferior aos do começo da guerra, mas não ha razão para que se exaggere esta inferioridade sobre o fundamento dos resultados parciaes de uma ou outra junta d'inspecção que funccione em qualquer cidade de terceira ordem da Allemanha.

Eis o que diz o «Times»:

«A proposito do decreto promulgado em Berlim, em setembro passado, determinando a apresentação de todos os homens considerados como incapazes para o serviço ás juntas d'inspecção, escreveu o professor Schwalbe na «Deutsche Medizinische Wochenschrift» um artigo em que dizia que se ia baixar o nivel do recrutamento a um grau perigoso, e que alistando homens improprios para o serviço não se melhorava o exercito.»

Provocou este artigo uma resposta do director do serviço de saude no ministerio da guerra em Berlim, o dr. Schultzen, em que expoz as instrucções enviadas aos medicos militares quando foram creadas as novas juntas d'inspecção.

Essas instrucções podem resumir-se no seguinte:

«Foi abandonado o antigo nivel do recrutamento, estabelecendo-se um outro nivel evidentemente inferior ao primitivo. Os medicos devem examinar os recrutas com a maxima attenção para os classificar, segundo as suas aptidões, nos serviços de guarnição ou das officinas.

A inspecção medica deve ser minuciosa, por isso não pode examinar cada junta mais de cem recrutas por dia.

Os homens não podem ser classificados definitivamente incapazes, salvo quando forem inhabeis para na vida civil desempenhar qualquer trabalho util, ou quando se deduza de que padecerem forem de natureza tal que não pareça provavel o seu proximo restabelecimento.

Os homens atacados d'affecções passageiras ou aquelles que se mutilaram a si proprios poderão ser admittidos nos hospitaes militares; no emtanto, quando houver necessidade de uma operação para os tornar aptos para o serviço, só se os pacientes estiverem d'accordo se procederá a ella.

Os medicos devem examinar cuidadosamente os recrutas (musculos, ossos, articulações, coração, pulmões, boca, nariz); devem conversar com elles para ajuizar da maneira como falam e do seu estado mental.

Se se tratar de doenças de difficil verificação, poder-se-ha, para evitar simulações, alistar condicionalmente os homens que as apresentem.

A antiga divisão: 1.º, serviço activo; 2.º, ersatzreserva; 3.º, landsturm foi supprimida, devendo os homens ser classificados em qualquer das tres grandes classes seguintes: 1.º, bom para a guerra; 2.º, bom para o serviço de guarnição; 3.º, bom para o serviço d'officina.

O 1.º grupo comprehende os homens aptos para o serviço activo; o segundo, os que podem fazer guardas, ser empregados nas secretarias, etc., o terceiro, os que podem trabalhar nas fabricas, abrir trincheiras, etc.

Para dar a esta classificação um caracter duradouro, poderão os recrutas ser divididos pelas sete rubricas seguintes: 1.º, bom para o serviço activo; 2.º, bom de maneira permanente; 3.º, bom de maneira temporaria, para o serviço de guarnição; 4.º, bom de maneira permanente; 5.º, bom de maneira temporaria, para o trabalho nas officinas, etc.; 6.º, incapazes de maneira permanente; 7.º, incapazes de maneira temporaria, para o serviço de guarnição e para o trabalho d'officina.»

Parece que esta resposta do dr. Schultzen convenceu o dr. Schwalbe porque, a seguir a este artigo, publicou uma nota na «Deutsche Medizinische Zeitschrift» em que se desculpava, e dizia:

«Se os medicos militares allemães seguirem as instrucções que lhes foram dadas, não ha receio de que sigam para as frentes de combate invalidos e gente absolutamente incapaz para o serviço militar.»

Teem a palavra os coloniaes, a usam d'ella em tom comminatorio. Diz o *Lokal Anzeiger*:

«A commissão colonial economica *julga que*, independentemente dos esforços tendentes a engrandecer o assegurar na Europa as bases da economia allemã, *é indispensavel que esta se complete pela consolidação e dilatação do territorio colonial allemão*.

E' certo que no futuro, tanto a agricultura como a industria allemã terão necessidade de materias primas do ultramar: adubos, algodão, lã, café, cacau, côco, sementes e oleo de palma, kola, borracha, canhamo, madeiras, tannino, e differentes mineraes, em maior ou menor quantidade. Para que possamos contar com artigos é absolutamente indispensavel que, pelo menos, uma parte d'elles sejam fornecidos por colonias nossas; egualmente, é d'interesse vital para a industria allemã que, pelo menos, uma parte dos seus productos possam ser vendidos nas colonias allemãs.

E' preciso tomar para base da actividade colonial allemã a já creada á custa de trinta annos de trabalho e civilisação; por isso, primeiro que tudo, é necessario que nos dediquemos ao territorio colonial que possuimos agora, e quando conquistarmos outros novos, devemos esforçar-nos para realisar uma ligação organica com os antigos.

Deve-se tambem attender a que os novos territorios sejam proprios, tanto pela qualidade do solo, como pelo clima, como pela densidade da população, para fornecerem á economia nacional allemã materias primas em grande quantidade, e para consumirem os productos da industria allemã.»

NA CAMARA DOS DEPUTADOS

Aprecia-se a crise politica

Approva se uma moção para que se constitua um ministerio nacional

A chamada começa ás 14.40. Na sala, em reduzido numero os deputados. A extrema direita está quasi deserta. O evolucionismo tambem tem fraca representação. A sala, quasi ás escuras, tem um ar funebre de necropole que a antipathica sensação de chuva que cae lá de fóra. São os primeiros a chegar aquelles que mais assiduamente frequentam os trabalhos parlamentares. Nada mudou. Dir-se-hia que ainda hontem se saíu d'aqui e que, depois de vinte e quatro horas de repoiso, se voltava a legislar com decidida monotonia. Preside o sr. Azevedo Coutinho, que tem por secretarios os srs. Alfredo Soares e Sá Pereira. A sessão abre com 44 deputados. O sr. Affonso Costa, seguido pelo sr. Urbano Rodrigues, toma o seu logar habitual ás 14.50. Nas galerias mais publico que podia esperar-se com este dia chuvoso, de invernia deslete. O evolucionistas, unionistas, os chamados marechaes do seu partido, conversa animadamente. Como seria facil organisar ali mesmo o novo ministerio!

Só ás 15,10 ha numero. Setenta e seis legisladores, nada menos. Lê-se o expediente, abundante e volumoso. E' introduzido e toma posse o sr. Medeiros Franco, eleito pelas ilhas. O sr. Azevedo Coutinho faz o elogio de França Borges, Affonso Pala e José Sampaio, propondo que na acta se lancem votos de sentimento e que a sessão se levante, em homenagem á memoria dos antigos parlamentares, por dez minutos. Associam-se, pelo partido democratico, o sr. Alexandre Braga, que fez em termos calorosos, o elogio dos extinctos; Hermano de Medeiros, pelos unionistas; Simas Machado, pelos evolucionistas, e Costa Junior, pelo partido socialista.

O sr. Castro Meyrelles, associando-se ao voto da presidencia, propõe tambem que a camara manifeste o seu pesar pela morte de Ramalho Ortigão, o admiravel homem de lettras, ha pouco fallecido. O sr. Alexandre Braga recorda o espirito combativo e demolidor de Ramalho, e porque elle foi um dos que mais combateram pela instituição d'um novo regimen de liberdade, associa-se tambem ao voto de sentimento proposta pelo orador que o precedeu, o sr. Castro Meyrelles, voltando a falar diz que assim como o sr. Alexandre Braga poz em destaque a obra de demolição de Ramalho, tambem elle, como representante dos catholicos, exalta a ultima feição politica do escriptor, a de todo o coração á manifestação de sentimento proposta pelo orador que o precedeu. O sr. Castro Meyrelles, votando a falar diz... prestar homenagem como litterato. Approvados todos os votos de sentimento propostos, a sessão interrompe-se por dez minutos.

Reaberta a sessão, o sr. presidente manda lêr na meza o decreto que convocou o Congresso extraordinariamente e a carta em que o chefe do governo demissionario diz que não entende necessaria a sua comparencia no parlamento.

O sr. Ferreira da Fonseca:—Peço a palavra!

O sr. Alexandre Braga:—Peço a palavra sobre a ordem!

O sr. Ferreira da Fonseca:—Mas é que é a ordem? Não ha ordem.

O sr. presidente:—Ha. E' o que foi lido na meza.

O sr. Ferreira da Fonseca:—N'esse caso peço a palavra para uma questão previa.

E é-lhe dada a palavra. O sr. Ferreira da Fonseca entende que a Camara não pode deixar de exigir a presença do governo. Ora, o chefe do Estado, convocando o parlamento, quiz observar a Constituição, para que o governo cahisse como ella manda que cahisse. Como é que o governo corresponde a esse desejo do sr. presidente da Republica? Fazendo-se substituir por uma carta. Nada mais. De duas uma, ou o che-

fe do governo não quer dar conta dos seus actos ou tem medo de o fazer. Entende que os actos politicos do sr. José de Castro e dos outros ministros devem ser discutidos d'esta lá. Por isso vae referir-se a elles, principiando pela crise que determinou a sahida do sr. ministro do interior, da qual faz um desenvolvido relato. Essa crise foi motivada pela recusa do sr. presidente do ministerio em assignar a reforma da policia, depois de se ter compromettido terminantemente a isso por mais d'uma vez. Diz que o sr. José de Castro declarou, primeiro, que não assignava a reforma por causa do conflicto com o sr. Alexandre Braga, allegando a seguir outras razões, em virtude das quaes a reforma teve de ficar por publicar. Mas nenhuma das razões apontadas pelo chefe do governo era a verdadeira. O sr. José de Castro não assignou a reforma por o sr. ministro do interior não lhe ter nomeado trez pretendentes recommendados na vespera. A reforma foi á assignatura do sr. presidente da Republica com inteiro assentimento do sr. presidente do ministerio. Sobre o assumpto, publicou em tempos na imprensa uma carta, á qual o sr. José de Castro respondeu com uma nota, relegando o assumpto para o parlamento. Mas afinal, não apparece. Porque? Porque não vem? A sua narrativa é absolutamente exacta e desafia o sr. José de Castro a desmentil-o.

E porque não se generalisou a crise, como o proprio sr. presidente do ministerio annunciou? E como se explica que o sr. José de Castro esteja ainda no poder depois de vir dizer em publico, na carta em que pediu a sua demissão, que já não podia governar com honra, com honestidade e com justiça? Que facto estranho e grave o levaria a essa convicção? Depois, essa carta foi publicada sem o conhecimento dos outros ministros. De maneira, que só o sr. José de Castro póde assumir a responsabilidade d'esse acto e explical-o. Mas o sr. José de Castro nem vem ao Congresso nem explica coisa nenhuma. E' que tem medo, não só de dizer a verdade, mas de a ouvir. Diz-se que o sr. José de Castro já não é presidente do ministerio. E' falso. Mas não o é só para não vir ao parlamento. Para o mais, continua a sel-o como d'antes. Termina explicando a sua attitude pela necessidade de metterem na Republica certos principios, que julga absolutamente indispensaveis. Entende que se deve dizer sempre a verdade e por isso falou nos termos em que a Camara acaba de ouvir. As palavras devem ter sempre o mesmo valor, quer em politica quer nas relações sociaes. O contrario seria immoral, porque não passaria d'uma hypocrisia. Envia para a meza a sua questão previa. N'ella se accentua a necessidade do governo vir á Camara, sob pena de não se poder apreciar devidamente a situação politica.

O sr. Alexandre Braga refere-se á situação em que nos encontramos. Ella é tão grave, que não se póde estar a perder palavras inutilmente. Por isso não aprecia agora, por o julgar inoportuno, os actos do sr. presidente do ministerio. Fóra do seu «conflicto» com o governo, ao qual o sr. Antonio Fonseca se referiu. Deve dizer que nunca existiu nenhum conflicto entre elle e o sr. José de Castro ou entre elle e o seu partido. Para apreciar os actos governamentaes é preciso, primeiro, conhecel-os. E a Camara não os conhecerá emquanto não receber o relatorio que o governo se compromettera a enviar-lhe. O facto do governo estar ausente não quer dizer que elle se furte ás responsabilidades que sobre elle impendem. Sobre o incidente nada mais dirá. Vae, por isso, referir-se ás condições em que deve constituir-se o futuro ministerio. Entende que todos devem esquecer mesquinhas preoccupações de interesses partidarios ou politicos, para collaborarem juntos n'uma obra que se torna necessario realisar, para bem da Patria e da Republica e lê a seguinte moção:

«A Camara dos Deputados, reunida extraordinariamente por iniciativa do sr. presidente da Republica, para apreciar a crise politica resultante do ministerio a que tem presidido o sr. dr. José de Castro, reconhecendo as grandes difficuldades actuaes da administração do Estado, devido sobretudo, á guerra europeia, resolve:—1.º, affirmar a sua consideração pelos membros do governo demissionario, sem prejuizo da livre apreciação dos seus actos governativos; 2.º, manifestar o desejo de que se constitua, sem demora, um novo ministerio, de caracter accentuadamente nacional, que coopere com o parlamento na resolução da attenuação das difficuldades existentes e colloque sempre os altos interesses da nação e da Republica e os nossos deveres internacionaes acima de quaesquer outras preoccupações, partidarias ou pessoaes, ainda que legitimas».

O sr. Aresta Branco estranha tambem que o governo não haja apparecido no parlamento e declara que a União Republicana nem vota a moção do sr. Alexandre Braga nem apoia um ministerio nacional. Só em questões d'ordem publica o seu partido se encontrará ao lado de qualquer governo. O partido democratico dispõe de maioria nas duas camaras. Logo, o chefe do Estado, sem convocar o Congresso, tinha ao seu alcance meios para se guiar na salvação da crise sem consultar os representantes da nação. O seu partido, repete, não vota a moção, dispensando-se até por um principio de dignidade.

O sr. Simas Machado entende, por sua vez, que o chefe do governo devia vir ao parlamento, para dizer, além do mais, que facto grave se deu a inhibil-o de continuar no poder. Isso é que tem de se esclarecer o mais terminantemente possivel. Quanto á formação do novo governo, o partido evolucionista já disse o que se lhe offerecia. Como ha-de ser constituido o governo nacional? Como é que o seu partido podia, dentro de qualquer governo que não fosse seu, fazer vingar o seu programma? Não. Os evolucionistas só apoiarão o governo que se formar em questões de interesse geral e d'ordem publica.

O sr. Pereira Victorino estranha que o governo não tenha vindo ao Parlamento dar conta da forma como applicou a lei da separação dos funccionarios publicos. Defende essa lei, que trouxe ao parlamento em 27 de maio, e diz que assume as responsabilidades que, d'esse acto, lhe provenham, engeitando, porém, todas as outras. A lei foi publicada inopportunamente e applicada tão tarde que já não podia, n'essa altura, surtir os devidos effeitos.

Procede-se ás votações. A questão prévia do sr. Antonio Fonseca é votada em duas partes, approvando-se aquella em que se estranha a não comparencia do governo. A outra é rejeitada. A moção do sr. Alexandre Braga é approvada tambem em duas partes. A primeira é approvada unanimemente. A segunda, só apenas pelos democraticos. O sr. presidente diz, em seguida, que considera interrompidos os trabalhos e que, por isso, não marca sessão para antes de 2 de dezembro.

SENADO

E' encerrada a sessão por falta de numero, marcando-se a proxima para segunda-feira

A chamada faz-se ás 15,10' com o sr. Correia Barreto na presidencia, secretariado pelos srs. Paes de Almeida e Antonio Alves. Respondem 33 senadores que ouvem lêr o expediente e approvam a acta sem reparos.

O sr. presidente nomeia em seguida os srs. Celestino de Almeida, Affonso de Lemos e Herculano Galhardo para introduzirem na sala os novos senadores eleitos srs. Ortigão Peres (democratico) e Alfredo Durão (unionista) que tomam logar nas bancadas dos seus respectivos partidos.

O sr. general Correia Barreto lembra os nomes dos senadores mortos srs. Affonso Pala e dr. Nunes Garcia e do deputado sr. França Borges, cujos serviços á Republica exalta, propondo que na acta d'hoje se lance um voto de sentimento pelas suas perdas.

O sr. Estevam de Vasconcellos, em nome da maioria, faz rapidamente o elogio de cada um dos cidadãos republicanos fallecidos — Bernardo Nunes Garcia, verdadeiramente integrado na Republica, Affonso Pala, dedicado e valoroso republicano e França Borges a extraordinaria organisação de combatente,—propondo além do voto da presidencia para que ainda em signal de sentimento se interrompa a sessão por 10 minutos, o que foi approvado. Em nome dos evolucionistas associa-se o sr. Celestino de Almeida, e em nome dos unionistas o sr. José Maria Pereira. O sr. Ortigão Peres associa-se tambem em seu nome pessoal como amigo, e companheiro d'annos d'um dos mortos homenageados o sr. Affonso Pala e d'um outro camarada que saudosamente recorda o sr. João Francisco de Sousa, capitão de infanteria egualmente morto em Africa.

Reaberta a sessão o sr. Paes d'Almeida (secretario) lê a communicação enviada pelo sr. presidente do governo e que já veiu publicada nos jornaes.

O sr. Celestino de Almeida propõe um voto de sentimento pela morte de José Pereira de Sampaio (Bruno) a que se associam o sr. Estevam de Vasconcellos, em nome dos democraticos, o sr. Agostinho Fortes, em seu nome pessoal, e que faz a rapida analyse da obra grandiosa de Sampaio Bruno cujo rasgado elogio calorosamente faz, encarando-o sobretudo pelo lado philosophico em que o grande morto foi mestre honrando a mentalidade portugueza. Aproveita a occasião para pedir que na acta se lance egualmente um voto de sentimento pela morte de Ramalho Ortigão que se impõe como um dos maiores batalhadores contra as velharias e prejuizos da sociedade portugueza.

O sr. Faustino da Fonseca faz tambem o elogio de Sampaio Bruno e Ramalho e declara que se associa ao voto proposto. O mesmo dizem o sr. José Maria Pereira, em nome do partido unionista, Estevam de Vasconcellos, pelos democraticos e Celestino de Almeida, pelos evolucionistas.

Approvados os votos propostos o sr. Estevam de Vasconcellos, envia para a meza a seguinte moção:

«O Senado, reunido extraordinariamente, por iniciativa do sr. presidente da Republica para apreciar a crise politica resultante da demissão do ministerio a que tem presidido o sr. dr. José de Castro reconhecendo as grandes difficuldades actuaes da administração do Estado, devidas, sobretudo á guerra europeia, resolve:—1.º Affirmar a sua consideração pelos membros do gabinete demissionario, sem prejuizo da livre apreciação dos seus actos governativos; 2.º Manifestar o desejo de que se constitua, sem demora, um novo ministerio de caracter accentuadamente nacional, que coopere com o parlamento na resolução ou attenuação das difficuldades existentes e colloque sempre os altos interesses da nação e da Republica e os nossos deveres internacionaes acima de quaesquer outras preoccupações partidarias ou pessoaes, ainda que legitimas. Lisboa, sala das sessões, 27 de novembro de 1915.—(a) Estevam de Vasconcellos».

Como ainda terá que usar da palavra aguarda a discussão que a sua moção tiver para depois fazer as apreciações que o caso requerer.

Admittida a moção o sr. dr. Pedro Martins diz que se não fosse o alto respeito da minoria evolucionista pelo sr. presidente da Republica, ella não viria ao parlamento collaborar n'uma discussão que não comprehende nem julga opportuna. O poder executivo é um poder independente e não cabem ao Congresso attribuições de se immiscuir nos assumptos que só ao sr. presidente da Republica cabem. Não se comprehende, não se percebe a convocação do Congresso por um governo já demissionario e cuja demissão fôra por signal já acceita pelo sr. presidente da Republica.

Analysando propriamente a moção apresentada, diz que a sua consideração pessoal pelos membros do governo é hoje a mesma que era no dia da formação do seu ministerio, sendo exactissimamente a mesma tambem a consideração politica da minoria evolucionista. Quanto á formação d'um governo nacional dirá que chamados «nacionaes» teem sido os tres ultimos governos democraticos, puro «bluff» politico que nada representa e para cuja constituição a minoria evolucionista nada contribuiu nem contribuirá hoje.

Se a maioria não tem força para organisar governo, diga-o. Mas não venha pretender dividir responsabilidades que só a essa maioria pertencem. Não vê motivos alarmantes para um governo nacional; mas se os ha que se digam francamente, se fôr preciso, n'uma sessão secreta (apoiados na direita e centro). N'este sentido o sr. Pedro Martins envia para a mesa uma declaração de doutrina conferindo ao sr. presidente da Republica a resolução da presente crise, ao abrigo da Constituição da Republica.

O sr. José Maria Pereira limita as suas considerações a enviar para a mesa uma declaração do partido unionista na qual, considerando-se extemporanea a convocação do Congresso e não tendo havido nada de anormal que tal justifique, e tendo ainda as ultimas eleições confirmado a maioria d'um dos partidos da Republica, abstem-se de tomar parte no debate, visto que constitucionalmente está feita a indispensavel indicação ministerial.

O sr. Estevam de Vasconcellos combate largamente as palavras do sr. dr. Pedro Martins, repelle a injustiça de que a maioria não tem força politica para governar, e archiva as declarações dos dois partidos da Republica, lastimando que o sr. Pedro Martins não veja a anormalidade da situação parecendo mesmo que s. ex.ª ignora que se vae travando ainda a conflagração europeia.

São para lastimar taes resoluções, tanto mais que o desejo da maioria era apenas inspirado pelo maior e mais acendrado patriotismo.

Pois bem, este governo nacional não se fará; nós iremos ao poder mas faremos uma politica fóra da politica de campanario, n'esta hora grave para a nacionalidade e para a Republica, embora os nossos inimigos nos não queiram conceder a justiça d'esse procedimento.

O sr. dr. Pedro Martins usa ainda da palavra para declarar que assim como o sr. Estevam de Vasconcellos regista as affirmações d'elle orador, assim elle regista tambem as affirmações peremptorias do «leader» do partido democratico.

Alarga-se ainda na analyse d'essas affirmações, declarando não ter negado o direito que tem o sr. presidente da Republica de convocar o Congresso, o que achou foi extraordinario que um presidente demissionario convocasse o Congresso, não vindo aqui prestar contas dos seus actos, e limitando-se a mandar um papel que elle orador nem sabe como classificar.

Termina reeditando as impossibilidades das minorias collaborarem n'um ministerio da maioria tanto mais que sob o ponto de vista da guerra europeia a divergencia é fundamental. (Apoiados da direita e centro). E tanto mais exclama, que ainda não foi cumprido o mandato do 14 de maio e que só um partido poderá cumpril-o, o partido democratico. Forme-se pois o governo d'esse partido visto que maioria e minoria já declararam que podem bem com as suas responsabilidades. E o paiz a todos julgará.

O sr. Estevam de Vasconcellos replica para affirmar que nada tem a retirar nem a accrescentar ás suas palavras de ha pouco, limitando-se apenas a rebater algumas palavras de s. ex.ª, o que faz e que diz ainda respeito á ultima discussão orçamental.

Terminada a discussão, na sala ficam apenas os senadores do partido democratico e um unico das opposições: o sr. Paes Gomes, evolucionista.

Como não haja numero o sr. presidente manda proceder á segunda chamada que dá como presentes 25 senadores.

Acompanhado pelo sr. Urbano Rodrigues, vê-se na coxia da direita o sr. dr. Affonso Costa.

Voltam á sala os evolucionistas srs. Pedro Martins e Celestino de Almeida. Como ainda não haja numero, visto o «quorum» ser de 30, o sr. Correia Barreto, encerra a sessão, marcando a proxima para segunda-feira á hora regimental.

SPORT

O "scotismo" na Dinamarca

O que são os Néo Vikings

Uma curiosa e util educação de rapazes dos 11 aos 16 annos

A Federação Nacional Dinamarqueza reune os rapazes dinamarquezes de 11 a 16 annos, com o proposito de fortificar o seu corpo e a sua alma pela participação das differentes manifestações da vida da União, ensinando-lhes os sentimentos da dignidade, da abnegação e da bondade, susceptiveis de fazer homens.

A União trabalha de accordo com a escola e as familias. Fraternisa os rapazes de differentes camadas sociaes, debaixo da mesma bandeira, todos com a mesma blusa branca e todos submettidos á mesma disciplina.

Os rapazes, que usam o uniforme dos «néo-vikings» não podem fumar ou beber alcool.

Uma vez por semana reunem-se para executar diversos exercicios variaveis segundo as edades e conforme as epochas do anno. Todas as quinzenas reunem-se varias secções para cantar e realisar conferencias e [illegible] cha e de equilibrio, a fim de fortificar [illegible] fructivos.

Fazem gymnastica, exercicios de marcha, physico e a sua disciplina que deve constituir a base de todo o trabalho com creanças. Estes exercicios fazem-se nas escolas e nos quarteis, cujos gymnasios foram generosamente postos á disposição da União pelas auctoridades civis e militares.

A União tem regulamentos especiaes para a gymnastica, que são conformes aos gymnastica escolar e apropriados á edade dos rapazes.

Quando as circumstancias o permittem, faz-se tambem remo e natação. Os banhos são de grande importancia para a saude das creanças e todos os «néo-vikings» sabem nadar. Estes dois «sports», os do remo e da natação, praticados segundo um programma especial, tem o fim de desenvolver nos rapazes os sentimentos do dever, da responsabilidade, da obediencia e o espirito de camaradagem.

A musica e o canto contribuem egualmente para dar vida e alegria ao corpo. A Dinamarca possue trinta orchestras de «néo-vikings» reunindo um total de cerca de 300 executantes.

De inverno e principalmente no verão, aos domingos, os «néo-vikings» praticam o «camping». Algumas excursões, porém, estendem-se pela semana e chegam a durar 6, 8 e 15 dias.

Os mais velhos praticam «sports» athleticos ao ar livre e até o «foot-ball».

Todas as secções tem a sua ambulancia de saude e ensina-se aos rapazes a ministrar os primeiros cuidados aos doentes e aos feridos. Tambem as secções teem uma escola de cosinha.

A camaradagem é considerada e a influencia do mais velho sobre o mais novo enorme.

A instrucção dos «néo-vikings» está confiada a homens de todas as classes, a officiaes do exercito, a funccionarios, pedagogos, artistas e commerciantes.

As colonias no ar livre são «castellos-feudaes» da União. Estes possue terras e construcções nos bellos sitios em que se possam crear tradições e onde os rapazes encontrem occupações e trabalhos de plantação e de cultura.

De manhã, depois da «toilette», todos se agrupam para a revista deante do inspector da colonia, cuja bandeira é içada no seu mastro com as honras e ao som da musica. Depois do primeiro almoço entôa-se o cantico da manhã. Em seguida faz-se «sport», trabalha-se e toma-se banho. Depois do jantar, effectuam-se excursões, jogos nas praias e campos. Ao por do sol desce-se a bandeira. A's 9 horas todos se deitam e á meia-noite accordam-se os primeiros encarregados da vigilancia de noite.

A mais importante colonia «Jomsborg», que pertence á secção de Frederiksborg está situada na ilha de Seeland, nas margens do Isselford e tem uma extensão de 5 hectares. Reune annualmente 120 rapazes.—(*Informação de H. Tornoe*).

Nota do dia

Methodos de Ling e de Hebert

Do professor de esgrima sr. Magalhães recebemos nova carta, sobre a debatida questão da adopção da gymnastica de Ling e da experiencia do systema Hebert em Portugal. Eis o seguinte:

Sr. dr. José Pontes.—Se achou justa a publicação da carta particular do capitão sr. Oliveira Tavares porque representa uma ideia justa, que é a d'um professor querer collocar o «seu» methodo acima de todas as criticas, tambem me parece justo que eu procure collocar acima de todas as criticas um methodo que não é meu mas que julgo bom para o nosso temperamento e condições physiologicas.

O capitão sr. Oliveira Tavares pretende provar que o systema sueco é superior ao de Hebert e para isso delega no seu saber. [illegible] a sua primeira carta se não se sentiu com bases para afirmações de «Ling».

Supponha v. que delego em si a defeza de Hebert?

Qual a razão d'estas cartas? V. que ultimamente tem prestado um bom serviço á causa da educação physica, publicando os differentes methodos, quando tratou o caso ao de Hebert, communicou aos leitores do seu jornal que «de vez em quando apparecia alguma coisa de novo a quebrar a monotonia das velhas coisas» e diz que é coisa que se experimentou pela primeira vez em Lisboa a gymnastica natural d'Hebert e essa tentativa era tomada pelo professor Magalhães na sua sala d'armas».

Sobre esta noticia enviei-lhe uma carta dizendo que a experiencia já estava feita n'uma menina anemica, [illegible] perdida. [illegible] systema natural [illegible] já em [illegible] da se [illegible]. Parece [illegible] capitão sr. Oliveira Tavares que logo procurou aconselhar os paes para que se acautelassem!

Como v. na primeira noticia disse, o systema Hebert soffreu rudes ataques dos seus antagonistas que a todo o transe lhe negavam bases scientificas e physiologicas. Esses ataques só serviram para mais tarde dar maior brilho ao systema natural que teve a sua consagração no Congresso Internacional d'Educação Physica realisado em Paris em 1913.

O systema natural comparado com o proprio systema sueco triumphou pelos progressos scientificos (pedagogicos e physiologicos) notados depois d'um exame detalhado pelos grandes physiologistas francezes, belgas, suecos, dinamarquezes, norueguezes, portuguezes, etc.

Aos relatorios scientificos é que o capitão sr. Oliveira Tavares devia dar-se ao incommodo de consultar e não delegar n'outrem a defesa d'um systema que no seu criterio é maravilhoso. Porque se apegou tanto que eu queira divulgar o methodo d'Hebert? Receia a concorrencia?

V. indica como boa fórma para debater esta questão o aproveitar-se as conferencias publicas da feliz iniciativa do Atheneu Commercial na sua bella orientação de propaganda e diffusão da educação physica no paiz.

Não sou orador nem possuo dotes para tal. [illegible] hoje em vista que na sessão inaugural não ouvi o que [illegible], de maneira que ignoro se [illegible] alto ou baixo, bem ou mal.

Mas v. que é muito mais pode tambem tratar do assumpto e mostrando as reaes vantagens d'um e outro methodo.—Creia-me, etc.—*A. de Sousa Magalhães.*

Dissemos que ainda trataríamos do assumpto e não faltaremos á promessa, dando leitura interessante aos que advogam um e outro systema gymnastico.

Diremos, por um lado, como foi o «fanatismo» do coronel Costa pela gymnastica sueca; como Victor Margherite defendeu o mesmo methodo; como Lefebure o adoptou; como Hebert lhe reconheceu qualidades maravilhosas; como se apresentou em Paris; o que fizeram as ligeiras divergencias Balk-Torngren; como Demeny foi o primeiro enthusiasta pela Suecia e depois a abandonou; como o dr. J. Philippe criticou o methodo Ling.

Diremos, por outro lado, o que é o «systema natural» Hebert; como Th. Vienne e mesmo Pierre de Coubertin o defenderam nas comparações com o sueco; como a guerra actual exaltou o merecimento dos Hebertistas; o que foram os «exercicios naturaes» no Congresso de Paris e o que elles affirmou o director do Instituto de Stockolmo; como os [illegible] primeiro o atacaram e depois o defenderam, etc.

E... depois, vendo os prós e vendo os contras, cada um dos leitores que formule a sua opinião. Nós tambem emittiremos a nossa, segundo o nosso criterio de professor e de medico e que é, pelo menos, que o methodo de Ling é maravilhoso para as coisas de educação physica e que o systema Hebert tem vantagens enormes ainda na educação physica e excepcionaes em cultura physica.

Mas... porque o espaço das secções sportivas dos jornaes diarios é tão limitado e para não fazer esperar tanto tempo os que se interessem pelo assumpto porque se não effectuam as taes sessões publicas de discussão technica?

Algumas anecdotas

Isso das «penalidades» era coisa que não o affligia...

Ha cinco annos, um serralheiro qualquer, assistia a um desafio de «foot-ball» no campo da Junqueira. Um companheiro indicava-lhe como era o jogo e disse-lhe:

—Aqui está uma coisa que devias fazer, já que vaes casar e queres mudar de vida...

—Isto não é para mim. E' fraca coisa para me corrigir...

—Estás enganado. Isto disciplina, modifica...

—Com que?

—Impondo-se penalidades...

—Isso é que me havia de affligir!?... Tomara já essas coisas a quem já estive onze vezes no Limoeiro...

Noticias

Entre nós

Uma corrida ciclista

Realisa-se ámanhã, se o tempo permittir, a corrida de 35 kilometros, ciclista para profissionaes, organisada pelo Grupo Sportivo Nacional, sendo a partida e chegada ao Mercado Geral de Gados. Estão inscriptos alguns dos melhores estradistas. Fecha a inscripção hoje, pelas 23 horas, na séde do U. V. P.

Sport Lisboa e Bemfica

(Nota official).—Para ámanhã, domingo, foram marcados pelo capitão geral d'este club os seguintes jogos em Sete-Rios: ás 13 e meia horas, o 2.º grupo do club contra o 1.º da Casa Pia; ás 15 e meia, desafio-treino entre o 1.º grupo e o 2.º, devendo estes fazer uso do camisa branca e aquelles de camisola do club. Para estes jogos avisa-se que não deverá faltar nenhum dos jogadores que constituem os respectivos grupos.

Campeonato de lucta

Como já noticiámos, é ámanhã que começa a disputar-se o campeonato de lucta dos Jogos Sportivos Nacionaes organisados pela Federação Portugueza de Sports. Os concorrentes devem comparecer hoje, pelas 21 horas, no Atheneu Commercial, de Lisboa, para serem pesados em presença do jury.

Os concorrentes que faltarem á pezagem ficam, em harmonia com o regulamento, excluidos do campeonato.

Associação de Foot-ball de Lisboa

Estão marcados para ámanhã os seguintes desafios: 1.ª cathegoria, Sporting contra Lisboa F. C., no Lumiar, ás 15 horas; juiz o sr. Luciano Simões. 2.ª cathegoria, Imperio contra Victoria, em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Mario Monteiro; Internacional marca 2 pontos por o C. Quebrada estar suspenso. 3.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Victoria, no C. Grande, ás 13 horas; juiz o sr. Rogerio Pires; Sporting contra Palmense, no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. Pedro Pagani. 4.ª cathegoria, Palmense contra Sporting, no Lumiar, ás 11 horas; juiz o sr. Antonio Lamór; C. Quebrada contra Bemfica, em Bemfica, ás 15 horas; juiz o sr. Raul Elbling.

PEQUENAS NOTICIAS

Para juizo foi hoje enviado Alfredo dos Santos, morador na travessa do Campo de Ourique, 2, 1.º, que é accusado de ter furtado materiaes de electricidade no valor de 200 escudos á firma Simões, Carmo & C.ª, da rua da Trindade, 18 a 26.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—D. Perpetua que Deus haja.
TRINDADE—A's 14—Matinée—A's 21—O dia dejuizo (Revista).
POLYTEAMA—A's 21—A Martyr.
GYMNASIO—A's 21—Soror Marianna—La donna é mobile.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.
MODERNO—A's 14 Matinée—Sonho guerreiro—A's 21—Sonho Guerreiro—O collar da princeza.
COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Boatos e informações

Entre nós

No theatro Moderno ha ámanhã «matinée» com o «Sonho guerreiro», tendo entrada gratuita as creanças acompanhadas de suas familias. A' noite, repete-se essa operetta, acompanhada de «O collar da princeza».

—A revista «Dominó» vae ser ampliada com um quadro novo intitulado «E então agora o que mais ha de ser?».

—Os principaes papeis da peça do Chagas Roquette «O senhor roubado», que será representada no Gymnasio, serão desempenhados por Maria Mattos, Celeste Leitão, Alegrim, Cardoso e Mendonça de Carvalho.

—Eduardo Schwalbach tem quasi concluida a sua peça que será o primeiro original da futura temporada do Republica.

—Na Rua dos Condes o actor Augusto Machado desempenhará na revista «Não desfazendo» os papeis creados por Ignacio Peixoto.

Circos & Music-halls

No theatro Rocio Palace realisa-se ámanhã a festa em homenagem ao professor de dança sr. Custodio Jayme Ferreira, constando de sarau dramatico com a peça de André Brun *O codigo penal art.º...*, a operetta *Os amores do coronel* e um acto de *Folies bergeres* por um grupo de laureados artistas e amadores. Finda a recita haverá baile até de madrugada.

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Paradis, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa.

Concertos Blanch

A inauguração da actual temporada

E' no proximo domingo 5 que se realisa em S. Carlos o 1.º concerto da *Orchestra Symphonica Portugueza*, dirigida pelo maestro Pedro Blanch e que é sempre o grande acontecimento artistico e mundano do inverno lisboeta. Os concertos iniciam-se em S. Carlos passando depois para o novo theatro Republica, cuja inauguração se realisará nos meados do proximo mez de dezembro. Como no anno anterior, vieram tambem agora novos instrumentos do estrangeiro, o que extraordinariamente melhora as condições artisticas da execução. Nos programmas, além das obras dos grandes mestres classicos e modernos, consagrados nas series anteriores, executar-se-hão varias composições em primeira audição, novas para Lisboa. Os concertos em S. Carlos são fóra da assignatura que só se abrirá para o novo theatro Republica. A bilheteira abre na proxima quarta feira em S. Carlos.

Victimas d'um intrujão

Esta manhã apresentaram-se no governo civil, ao cabo da guarda, duas raparigas sobraçando cada uma d'ellas uma pequena trouxa de roupa, declarando chamarem-se Maria de Jesus, de 17 annos, e Laurentina da Conceição, de 16, de Tondella, de onde vieram ha tempos trabalhar para Palmella, na apanha da azeitona. Terminado o contracto appareceu-lhes um individuo que as trouxe para Lisboa, a pretexto de lhes arranjar collocação, mas chegadas aqui viram-se abandonadas. A policia vae enviaI-as para a terra da sua naturalidade.

Pela instrucção

Nucleo de Instrucção «Lux»

N'esta aggremiação de ensino das classes proletarias, acha-se aberta até ao dia 30 a matricula para a aula de francez.

Para tal fim encontra-se aberta todos os dias uteis, das 20 1|2 ás 22 1|2 horas, a secretaria do Nucleo, á rua Saraiva de Carvalho, 101.

O 14 DE MAIO

Manifestação funebre

Em virtude do mau tempo, ficou adiada para dia que opportunamente será annunciado a manifestação que amanhã se devia realisar, promovida pela guarda republicana e que sahiria do quartel do Carmo ás 12 horas.

Bois que se transformam em vaccas

Em agosto ultimo, chegaram a Lisboa, a bordo do vapor «Funchal», vindos da ilha de S. Jorge, nos Açores, dois bois expedidos pelo sr. Manuel Teixeira de Moraes, da Ribeira Seca, e consignados ao marchante sr. Manuel Gomes. Os bois desappareceram, porem, como que por encanto.

Fazendo policia por sua propria conta, o consignatario, depois de muitas pesquizas veiu a apurar que tinham sido mandados abater pelo sr. Joaquim Frederico Sant'Anna com escriptorio de commissões e consignações na rua de S. Paulo, 14 e 16, o qual, ao que parece, procedeu de boa fé, por no mesmo vapor lhe virem consignadas duas vaccas, com a mesma marca e numero, animaes de menos peso, com os quaes teve de contentar-se o sr. Manuel Gomes, apesar de todos os seus protestos.

Apresentou queixa á policia, a fim de ser indemnisado.

Ultimas noticias

NOTA POLITICA

A sessão de hoje na Camara

Declarações de voto apresentadas por deputados evolucionistas e unionistas

As considerações feitas hontem pelo sr. dr. Affonso Costa na reunião democratica podem resumir-se d'este modo:

«O partido democratico não se recusa a tomar conta do poder, assumindo as responsabilidades que lhe resultam de possuir a maioria parlamentar; mas, entendendo que a situação reclama uma commum acção governativa de todos os partidos da Republica, só acceitará o encargo de formar gabinete quando os outros partidos tiverem expressamente declarado que se recusam a compartilhar do poder».

Como o leitor verifica, essa formula representa uma solução intermedia entre as correntes que na «Capital» foram manifestadas por dois parlamentares da maioria.

Hoje, a sessão da Camara veiu mostrar que não se enganavam aquelles que diziam ser impossivel, n'este momento, a organisação d'um governo de concentração republicana. Evolucionistas e unionistas, pela bocca dos seus «leaders», affirmaram que ao partido democratico, e só a elle, compete governar. Mas acompanharam essa declaração d'uma outra, que merece especial relevo: e é a de que o novo governo, seja elle qual fôr, terá o apoio dos dois partidos em todas as questões que interessem a Patria e a Republica.

Em relação ao governo demissionario, o Congresso approvou a primeira parte d'uma questão prévia do sr. dr. Antonio Fonseca, estranhando a sua ausencia do Congresso. O discurso d'esse deputado, incisivo, brilhante, causou a mais viva impressão na Camara. Sobre a votação da moção do sr. dr. Alexandre Braga, os deputados evolucionistas mandaram para a meza as seguintes declarações de voto:

Os deputados evolucionistas, sem embargo de entenderem, que não cabe ao Congresso, intervir directamente no exercicio da faculdade de nomear e demittir os ministros, exclusiva do sr. presidente da Republica, e reconhecendo que a presente crise ministerial não foi determinada por qualquer circumstancia extraordinaria ou anormal da politica portugueza, interna ou externa e nem sequer teve origem parlamentar, declaram confiar em que o sr. presidente da Republica usará dos poderes que lhe confere a Constituição para resolver a crise em harmonia com as indicações constitucionaes.

Sala das sessões da Camara dos Deputados. Lisboa, 27 de novembro de 1915.—Simas Machado, Ribeiro de Carvalho, Eduardo Augusto d'Almeida, Simões Raposo, Eduardo Alfredo de Sousa, Antonio Mantas, Moraes Roza, Constancio de Oliveira, José Ferreira da Costa, Alfredo Soares.

A declaração dos deputados unionistas é assim concebida:

Os deputados da União Republicana, considerando que até ao presente ainda nenhum facto foi trazido ao conhecimento da Camara dos Deputados que determinasse a impreterivel necessidade, para defeza da Patria e da Republica, da organisação de um ministerio nacional;

Considerando ainda e pelo mesmo motivo descabida a moção do sr. deputado dr. Alexandre Braga, porquanto, nem da communicação do sr. presidente do ministerio demissionario, nem das considerações feitas pelo mesmo sr. deputado que sobre a moção discorreu, nem da propria correspondencia, tornada publica e trocada entre s. ex.ª o sr. presidente da Republica e o sr. presidente do ministerio, resulta o conhecimento de quaesquer razão ou motivos que tornem imprescindivel a organisação d'um ministerio em que devam fazer-se representar todos os partidos; declaram abster-se de emittir o seu voto sobre a mesma moção, por a julgarem inutil— visto a Constituição do Congresso indicar logica e claramente como de direito se deve constituir o novo governo.

Antonio Aresta Branco, Alberto de Moura Pinto, Antonio Miguel de Sousa Fernandes, Hermano José de Medeiros e M. Martins Cardoso.

Manifestações

Os jornaes da manhã referem o que se passou hontem á noite, depois d'uma manifestação realisada em honra da Servia, junto do consulado d'esse paiz. Os manifestantes, que em seguida traduziram de modo violento o seu desagrado pela attitude de certos jornaes, ao passarem em frente dos nossos escriptorios, segundo hoje soubemos, saudaram *A Capital*.

Já por mais d'uma vez temos dito o que pensamos ácerca das manifestações violentas da natureza d'aquellas que hontem se realisaram e que condemnamos, visto ninguem lucrar com ellas; agora queremos apenas accentuar que, agradaveis ou desagradaveis, as que nos forem dirigidas em nada influem na orientação que seguimos, porque não nos demovem nem nos afervoram pelo que respeita ao caminho que trilhamos. São-nos indifferentes louvores ou vituperios. Applausos, bastam-nos os da nossa consciencia, e as violencias nunca nos forçariam a mudar de rumo.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

NOTAS MUNDANAS

Foram hontem recebidos pelo sr. presidente da Republica, em audiencia particular, os srs. Fausto de Figueiredo, Alvaro Pedro de Sousa e o nosso collega dr. José Pontes, que foi agradecer ao chefe do Estado o telegramma que lhe enviou por occasião do banquete em sua homenagem.

—Da Mealhada veiu no rapido da tarde o nosso presado amigo e collaborador Silva Passos, que conta demorar-se em Lisboa poucos dias.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Fortunata Ezaguy, effectuando-se o seu funeral amanhã, pelas 13 horas, sahindo o prestito funebre da avenida da Liberdade, 186, 1.º, para o cemiterio israelita.

NOTAS DIVERSAS

A assignatura presidencial realisou-se hoje em Belem pelas 16 horas.

—Entraram hoje a barra o cruzador «Almirante Reis» e o contra-torpedeiro «Guadiana».

—Foi exonerado a seu pedido de capitão do porto de Povoa de Varzim o 1.º tenente sr. Jayme Athias e nomeado para o mesmo cargo o 1.º tenente sr. Emilio Gagean.

—Pela pasta da marinha foram hoje á assignatura, entre outros, os decretos reformando no mesmo posto o capitão tenente Antonio Alves Pereira de Mattos e o 2.º tenente auxiliar Manuel Bettencourt. Pela da guerra: demittindo do serviço do exercito, por o pedirem, o capitão de cavallaria Alexandre Ignacio de Barros Vanzeller, tenente miliciano Arthur José Alves Peixoto, tenente pharmaceutico miliciano Lino Antonio da Conceição; alferes miliciano Carlos Eugenio da Silva Menezes, Leovegildo Batista de Mello e Carlos de Brissac das Neves Ferreira, alferes de engenharia miliciano, Frederic Cambournac e alferes medico miliciano Maximo Homem de Campos Rodrigues.

—O sr. Mariano Martins, governador civil de Lisboa, teve hoje uma larga conferencia com o sr. ministro do interior.

—O *Diario do Governo* de hoje insere a portaria mandando abrir concurso para adjudicação da exploração do theatro de S. Carlos.

Funccionarios separados do serviço

Ministerio da instrucção

O *Diario do Governo* publica hoje o decreto mandando separar do serviço os seguintes funccionarios:

Cesar Alberto da Cunha Belem, professor da Escola Normal e da escola primaria, n.º 73, de Lisboa, com o vencimento annual futuro de 320$00; Mario de Moraes Vaz, professor da Escola Industrial de Affonso Domingues, em Xabregas, Lisboa, 280$00; Candido Maria Dias, secretario do lyceu de Leiria, 288$00; Antonio Lopes Teixeira, professor da Escola Normal de Leiria, 320$00; Apolino Augusto Marques, professor do lyceu de Portalegre, 350$00; Joaquim Augusto dos Santos Peixoto, professor da escola primaria do Campo de Besteiros, concelho de Tondella, 200$00.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Manipuladores de pão

Foi hoje distribuido profusamente um manifesto convidando todos os manipuladores de pão a uma reunião magna amanhã, ás 15 horas, na rua do Bemformoso, 150, 1.º, para se votar a regulamentação das horas de trabalho nas padarias, reclamar da Companhia o augmento do salario para todo o pessoal e apreciar a nova lei do pão.

Com a perna atravessada por um tiro de pistola

Quando o correeiro Arthur Simões, morador na rua do Sacramento á Lapa, 98, se dirigia hoje para a fabrica d'armas, encontrou ali perto uma pistola. Começou a experimental-a, do que resultou disparar-se a arma, atravessando-lhe a bala a côxa direita.

Conduzido ao hospital de S. José, foi-lhe ali extrahido o projectil, recolhendo depois o imprudente a sua casa.

Festas associativas

A direcção do Pedrouços Club juntamente com uma commissão de socios, tendo á frente o sr. José Maria Garcia Rego, resolveu levar a effeito um sarau no dia 19 de dezembro, cujo producto reverte a favor dos pobres mais necessitados de Pedrouços. Esse sarau constará da representação de uma peça em 3 actos, desempenhada por socios do Grupo Dramatico do Pedrouços Club e de varios numeros de musica e cançonetas por artistas dos principaes theatros.

O Porto n'"A Capital,,

Serviço telegraphico e telephonico

18,15

Uma prohibição á policia

Na ordem do corpo de policia hoje sahida, foi absolutamente prohibido aos guardas fazerem parte de quaesquer grupos civis ou associações mais ou menos secretas, devendo os que se encontrem actualmente filiados pedir a demissão ou darem baixa na corporação policial.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 11|16	33 9|16
Londres, 90 d|v.	34 3|16	—
Paris, cheque	$76,6	$77,4
Allemanha, cheque	$30,5	$31,2
Hollanda, cheque	$63,4	$63,7
Madrid, cheque	1$41,5	1$47,5
New York	1$50,5	1$52,6
Rios|Londres	12 7|32	—
Libras	7$80	7$30
Agio do ouro	60 %	63 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,60	39,40
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$80; 4 0|0 1888, 22$55; 4 1|2 88-89, assent., 66$50.

Externas: 1.ª serie, 76$60 e 3.ª, 78$.

Acções: Banco de Portugal, 182$50; Lisboa & Açôres, 117$; Ultramarino, coup., 115$50; Cazengo, 1$20.

Obrigações: Aguas, assent., 81$50 e coup. 83$20; Norte e Leste, 2.º grau, 87$80; Assucar, 41$50.

As grandes emprezas industriaes

A COMPANHIA FABRIL DE SALGUEIROS

As suas secções de fiação, de tecelagem, de tinturaria, de estamparia e de acabamento são modelares.— Uma producção de tecidos de algodão de seis milhões de metros por anno — A caixa de soccorros aos operarios e a dedicação dos directores da fabrica pelo seu pessoal

A fabrica de fiação e tecidos de Salgueiros, uma das mais importantes do paiz, está situada na parte occidental da cidade do Porto, n'um local de onde se desfructam magnificos panoramas.

O seu excellente edificio occupa uma área de quinze mil metros quadrados, mas a fabrica dispõe de terrenos com uma superficie superior a cento e dez mil metros quadrados.

Os corpos de construcção, perfeitamente homogeneos, são quatro e por elles se distribuem, d'um modo admiravel, os diversos serviços: armazens de algodão, depositos e escriptorio, casa de mistura e officinas.

A grande fabrica de Salgueiros

Os directores da empreza são os srs. Antonio Candido Coelho, Carlos de Oliveira Soares e Antonio Joaquim Correia (interinamente).

O primeiro, que sobre a industria do algodão nos concedeu uma interessantissima entrevista que «A Capital» publicou ha dias na sua primeira pagina, é o director technico, e deu-nos a honra de nos acompanhar gentilmente na visita que fizemos á fabrica.

Espirito culto e amavel, conhecendo perfeitamente a industria a que dedica a sua intelligencia e a sua actividade, o sr. Antonio Candido Coelho traça-nos as linhas geraes do estabelecimento fabril a cuja direcção pertence.

Fundada em 1876 por uma parceria, a fabrica de Salgueiros passou mais tarde, em 1885, a uma companhia. Os seus grandes progressos, porém, effectuaram-se de ha doze annos a esta parte d'uma forma notavel, podendo dizer-se que mais de metade da sua laboração começou a partir d'essa data. Presentemente conta 770 teares e 1.500 fusos.

Reduzida e modesta, começou por fabricar apenas panno cru e riscados, sempre de boa qualidade, muito apreciados nos mercados do paiz. Hoje, as suas flanellas, os seus crepons, os seus «panamás», n'uma palavra todos os seus productos são tão primorosos na qualidade e no acabamento que passam por francezes e como taes se teem vendido!

As circumstancias actuaes levam a fabrica a vender tudo. Exgotaram-se os seus stocks que o anno passado ainda eram na importancia de 220 contos.

Percorrem-se com muito agrado e indiscutivel proveito as secções que actualmente funccionam na fabrica de Salgueiros. São ellas: a de fiação, a de tecelagem, a de tinturaria, a de estamparia e a de acabamento.

Salgueiros possue os mais modernos e perfeitos machinismos, entre os quaes notámos um abridor de fardos, tres abridores de algodão, quatro alimentadores, quatro batedores simples, cincoenta cardas, oito laminadores, sete torces grossos, quatro intermedios, doze finos, quarenta continuos, duas carruagens, duas encarretadeiras, vinte urdideiras, cinco engommadeiras, setecentos e setenta teares, doze caixas para tingir em fio, quatro apparelhos para tingir em rama, duas seccadeiras por meio de calor, dois hydros, duas calandras para dar brilho, uma engommadeira para tecidos, quatro perchas para dar o avelludado, um vaporisador para acabamento de fazendas, finalmente duas officinas de reparação de serralharia e carpintaria.

Amachina a vapor é de 1.200 cavallos, aperfeiçoadissima, constituindo um encanto vêl-a trabalhar.

* * *

A producção da fabrica de Salgueiros está calculada em seis milhões de metros por anno, o que representa, numeros redondos, uns seiscentos contos annuaes, e é consumida quasi toda no continente e em Africa.

Os seus mil e duzentos operarios, entre os quaes predominam as mulheres, trabalham todos por empreitada, sendo os salarios de seis escudos semanaes, em média. No caso de doença ou inhabilidade, não ficam ao desamparo porque para elles funcciona, de ha muito, uma caixa de soccorros. Alimenta essa caixa, além d'um percentagem nos lucros fabris, a generosa solidariedade de alguns dos directores, fazendo reverter em seu favor os honorarios que percebem e de que prescindem.

Em torno da fabrica agglomeram-se as pequenas casas de habitação para operarios e cuja modestia não exclue o conforto. As rendas que os seus moradores pagam á empreza são as mesmas de ha vinte annos; e se accrescentarmos a isto que operarios ha com trinta annos de permanencia na fabrica teremos feito o elogio d'elles e das direcções da companhia de Salgueiros, verdadeiramente modelares na dedicação que consagram ao seu pessoal. Trabalham os operarios umas sessenta horas por semana e aos sabbados sahem das officinas pelas quinze.

No importante centro industrial que é o Porto, este notavel estabelecimento fabril, que tem como habil engenheiro o sr. Antonio Maria Tavares Junior, affigura-se-nos ser, sob todos os pontos de vista, um dos que mais justamente se podem apontar como exemplo, quer de organisação de trabalho, quer de excellencia de producção. Os numeros e os factos registados justificam o que acabamos de asseverar.

Pastelaria Mimosa

Para o annuncio que este conceituado estabelecimento publica hoje chamamos a attenção dos nossos leitores, que ali encontrarão um magnifico sortido de tudo quanto diz respeito á sua especialidade.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

Numero	Premio
4263	12:000$00
3791	1:000$00

Numero	Premio	Numero	Premio
5897	400$	1629	100$
1039	200$	2169	100$
4634	200$	2220	100$
7291	200$	2261	100$
50	100$	4093	100$
429	100$	6019	100$
1154	100$	7521	100$
1252	100$	7575	100$
1557	100$	8838	100$

Creança abandonada

Hoje de madrugada, quando o sr. Vasco Cornelio Moreira, residente na rua do Terreirinho, 10, 4.°, subia a escada da sua residencia encontrou no patamar do segundo andar um embrulho dentro do qual se mexia uma creança do sexo feminino, que apparenta ter dois mezes de edade. Estava regularmente vestida com uma camisa, dois chambres, uma touca branca com rendas e vestido de lã encarnada.

A creança foi conduzida para a Mizericordia, andando a policia em investigações a fim de apurar quem a abandonou.

PEQUENAS NOTICIAS

No governo civil está uma grande mala que o moço de fretes 841 ali foi entregar, porque, tendo sido incumbido por uma senhora, que não conhece, de a levar á estação dos caminhos de ferro do Terreiro do Paço, essa senhora não appareceu ali. O moço de fretes faz esquina na rua da Condessa.

—Maria Dias, moradora na travessa da Espera, 44, 1.°, foi presa a pedido de Maria Joaquina, residente na mesma casa, que a accusa de, tendo-lhe entregue um pequeno bahu com a quantia de 211 escudos, ella gastar 50 sem sua auctorisação.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Almanach Figueirinhas»

Appareceu para 1916 este almanach, que encetou a sua publicação. Com uma parte litteraria cuidada, trazendo os mappas das cinco partes do mundo, assim como numerosas gravuras e um elucidario completo para os professores officiaes, o «Almanach Figueirinhas» deve por certo encontrar a melhor acceitação. O deposito é na livraria do mesmo nome, no Porto, e o preço é de $30.

«Palestras com os rapazes»

Edição da Liga Portugueza da Cruz Branca, obra baseada em principios scientificos e original do dr. Lyman B. Sperry, acaba de sahir esta obra, em que se preconisa a abstenção das bebidas excitantes e do tabaco, estando á venda em todas as livrarias e sendo o seu preço de $25.

«Historia da conquista de Ceuta»

O sr. J. Farmhouse, conservador da bibliotheca da Sociedade de Geographia de Lisboa, publicou um pequeno opusculo, «Subsidio bibiographico para a historia da conquista de Ceuta», indicação das obras existentes na bibliotheca d'aquella aggremiação, elucidada com notas que lhe dão muito valor.

Jantares-concertos

Como de costume realisa-se ámanhã no grande Casino de S. José de Ribamar, em Algés, o habitual jantar-concerto, com um «menu» especial dedicado aos «habitués» de tão sublimes jantares.

O sextetto do Casino executará durante o jantar um vasto e escolhido reportorio.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Calceteiros de Lisboa

Para assumpto urgente e a requerimento de 15 socios, reune a assembleia geral depois d'amanhã ás 20 horas.

Festas associativas

Terminam amanhã no Grupo Dramatico Lisbonense as festas commemorativas do 9.° anniversario, com recita e baile, realisando-se o leilão das prendas da «kermesse». Sóbe á scena o drama «Scenas da miseria».

Amanhã, no Lisboa-Club, recita seguida de baile, representando-se o drama «O fado» e a comedia «Dar corda para se enforcar».

Colyseu dos Recreios

E' hoje o ultimo sabbado em que se representa o «Sonho Tragico» composição theatral intensa e angustiosa, para representar a qual são necessarias qualidades de actor que só com grande difficuldade se encontram. O domador Marck conseguiu superar todos os obstaculos e elle e a sua troupe alcançarem um exito que passou além do previsto.

Alem d'esta attracção e de outras que ha já dias veem figurando no programma, conta-se a estreia, esta noite, dos Adelphis, artistas de grande fama, e a reapparição de «mesdemoiselles» Marguerite e Flora, notaveis equilibristas em escada oscillante.

Amanhã, domingo, dois extraordinarios espectaculos e, na segunda feira, espectaculo da moda dedicado á sociedade elegante.

Jantar-concerto

Realisa-se ámanhã no grande Casino de S. José de Ribamar, o costumado jantar-concerto, sendo o *menu* o seguinte:

Potage
Créme Darblay
Poisson du jour
Entrée
Tournedos à la Parisienne
Legumes
Choux fleur Waterél
Rôti
Poulet de grain cresson
Entremet
Rubanne
Patisserie assortie
Dessert

Movimento maritimo

Navio	Dia
Africa Oriental, «Beira»	28
R. J. e Sant. «Amiral Obry» (do Hav.)	28
B. e R. Prata «Gelria» (de Amesterd.)	29
R. J., Sant. e R. P., «Hudson (de Liv.)	30

CAPITULO IX

As operações nos Dardanellos

Quando a guerra foi declarada entre os alliados e a Turquia no outomno de 1914, uma esquadra franco-ingleza estabeleceu um bloqueio rigoroso nos Dardanellos. No dia 3 de novembro, a esquadra bombardeou de longe os fortes á entrada do estreito, a fim de experimentar o alcance dos seus canhões e a solidez das defezas. O reconhecimento não foi completo e não continuou.

A 13 de dezembro o tenente Holbrook commandando um submarino inglez navegou por debaixo do campo de minas dos estreitos. Conseguiu torpedear o velho navio turco «Messudiyeh», tendo sido condecorado com a cruz de Victoria.

Em janeiro do corrente anno os alliados resolveram atacar os Dardanellos com todo o vigor. Os navios que eram esperados tinham augmentado de numero e em fevereiro uma poderosa armada tinha sido reunida, incluindo o decimo superdreadnought, o mais moderno, «Queen Elizabeth». As ilhas de Tenedos e Lemnos, proximo da entrada dos Dardanellos, foram occupadas e a bahia de Mudros, na ultima ilha, tornou-se a base principal das operações que se seguiram.

A primeira tentativa para forçar a passagem dos Dardanellos foi feita apenas por mar. A 19 de fevereiro os fortes á entrada dos estreitos foram bombardeados, mas não reduzidos ao silencio por completo. O mau tempo não deixou proseguir o ataque até ao dia 25, em que os fortes de Sedd-el-Bahr e Cape Helles, na extremidade da peninsula de Gallipoli, foram temporariamente vencidos.

Os fortes do lado da Asia á entrada foram tambem bombardeados. Durante a noite pescadores britannicos do Mar do Norte varreram os estreitos de minas n'uma distancia de quatro milhas e proximo da manhã muitos navios britannicos entraram e bombardearam o forte Dardanos, que fica no interior dos estreitos do lado da Asia. Forças de desembarque tentaram completar a destruição das obras de defeza nos dois lados da entrada.

O mau tempo de novo interrompeu o ataque até 1 de março, em que recomeçou. No dia 5 e nos seguintes alguns navios avançaram pelo estreito, emquanto outros, incluindo o «Queen Elizabeth», tentavam auxilial-os fazendo fogo do golpho de Xeros sobre a peninsula de Gallipoli e contra os formidaveis fortes de Kilid Bahr e Chanak. Os resultados não foram lisonjeiros.

A esse tempo resolveu-se acompa-

ções mais fortemente defendidas da Europa, e o seu centro, Varsovia, tinham de ser abandonados, sem lucta. Para os soldados allemães, Varsovia tinha sido indicada como o Paris da fronte oriental—não no sentido do seu nome se ter coberto de gloria no seculo XVIII, mas no da sinistra intenção de 1871. A tomada d'essa cidade seria o fecho triumphante da campanha n'essa fronte.

Em vez d'isso, tornou-se para o soldado allemão apenas uma curta estação da sua peregrinação infindavel e sangrenta. Tinha na sua frente a perspectiva de mudar os quarteis do inverno anterior no Bzura para locaes ainda mais desolados nas planicies, florestas ou pantanos do interior da Russia.

Para os polacos que encaram o futuro da sua nação dependente de uma união com a Russia, a queda de Varsovia foi um grande golpe. Muitos d'elles fugiram para os paizes alliados. A vida politica dos polacos que preconisavam essa união perderam, com a queda de Varsovia, toda a esperança de verem realisar o seu sonho.

A lucta physica contra o invasor foi uma fórma natural d'esses refugiados, que foram combatel-o sob a bandeira de outras nações. Os que ficaram e não puderam tomar parte na lucta tornaram-se testemunhas mudas da tragedia das suas proprias vidas.

Foi uma ironia da sorte ter Varsovia cahido na propria occasião em que um «comité» official polaco-russo se havia reunido em Petrogrado para pôr em execução as promessas e esperanças que o manifesto do gran-duque fizera entrever aos polacos quasi um anno antes.

Grande foi tambem o desapontamento dos polacos que haviam contado com a monarchia dos Habsburgos e acalentavam a esperança d'uma união da Polonia austriaca e russa sob os auspicios da Austria-Hungria. Apenas um pequeno numero de polacos russos se declarára em favor da denominada «solução austriaca» da questão polaca.

Os poucos que assim procederam eram na maioria velhos revolucionarios que haviam pelejado durante annos contra o governo russo antes do dia da reconciliação das duas grandes nações slavas.

A maioria dos adherentes da «solução austriaca» eram polacos da Galicia. Em agosto de 1914, os dirigentes officiaes dos partidos politicos d'essa parte da Polonia resolveram seguir a Austria e muitos d'elles teriam mudado de pensar, principalmente se estivessem na parte do paiz que não fôra invadida pelos exercitos russos. A tomada de Lwow fizera nascer sentimentos de sympathia pela Russia entre os polacos da Galicia, por verem como os exercitos russos tratavam a região conquistada: com uma benevolencia como nunca haviam ousado esperar.

Os dirigentes dos partidos polacos pró-Austria em Vienna constituiram-se tambem em «comité», denominado Comité Supremo Nacional Polaco. Não tivera comtudo, primeiramente, a decencia e a prudencia de declarar que nada mais representava do que os polacos austriacos.

Tratava de formar organisações militares para servirem juntas com o exercito austriaco e que tomaram o nome de «Legiões polacas», como recordação dos famosos regimentos de voluntarios que combateram sob as ordens de Napoleão I.

A Austria concedera desde 1860, e ainda mais desde 1867, uma certa liberdade aos polacos da Galicia, tinha-lhes proporcionado um verdadeiro monopolio do governo d'essa provincia, embora os ruthenios e os judeus formassem, juntos, mais de metade da sua população. A concessão da liberdade aos polacos não fôra devida a qualquer enthusiasmo pelo principio da liberdade, mas ao facto dos allemães, que formavam uma pequena minoria na monarchia dos Habsburgos, não poderem conservar todo o poder no Estado. Isso impediu que os austro-allemães concluissem em 1867 um pacto com os magyares e os polacos.

Na actual guerra alguns politicos da Galicia apresentaram um pa-

gramma para ampliar essa combinação. A monarchia dualista seria mudada n'um Estado triplo, composto da Austria, da Hungria e da Polonia. Esta ultima compôr-se-hia da Polonia russa e da Galicia.

O principio de nacionalidade seria applicado aos polacos, o de «status possidendi» aos ruthenios da Galicia oriental e ás pequenas nações slavas que ficassem á mercê dos austro-allemães. A nova Polonia seria proclamada ao entrarem os exercitos allemães em Varsovia, o verdadeiro triumpho, o fecho glorioso da campanha.

Mas o principe Leopoldo da Baviera, que, como já dissémos, foi o escolhido para entrar em Varsovia, não falou em nova nacionalidade, e herr von Cleinow, que foi mandado de Berlim para dirigir a imprensa varsoviana, tambem se absteve de falar em semelhante coisa.

Foi um desapontamento para os polacos que se haviam manifestado pró-Austria.

O periodo dos revezes austriacos foi relativamente pouco importante sob o ponto de vista das relações austro-polacas. As promessas continuavam, mas quanto á sua execução é que não havia maneira de a cumprir. Espalharam-se boatos de que o archiduque Stephen, que tinha grandes propriedades na Galicia, falava polaco e tinha como genros dois magnates polacos, ia ser proclamado rei da Polonia; das batalhas de Tarnow e Gorlice nada se dizia.

Quando a feição da guerra na fronte oriental se declarou em favor das potencias centraes, os polacos pró-Austria esperaram que os seus sonhos se realisassem. Mas nenhum d'elles se materialisou; a reconstituição da Polonia não teve sequer principio.

No principio de junho houve uma reunião de polacos pró-Austria em Piotrkow; pediu-se que as Legiões polacas, parte das quaes haviam sido mandadas combater na fronteira de Bessarabia, fossem adstrictas ao solo polaco como nucleo d'um exercito polaco; que houvesse uma administração polaca nas occupadas provincias da Russia polaca e que a união de toda a Polonia russa com a Galicia sob o protectorado da Austria fôsse officialmente proclamada.

Esses desejos podiam ter sido satisfeitos, se isso apenas dependesse da côrte de Vienna; mas como podia o governo austriaco tomar uma iniciativa que dizia respeito a provincias que estavam occupadas por allemães, quando mesmo na Austria se obedecia ás ordens de Berlim?

Durante mais de trez mezes resposta alguma foi recebida de Vienna. Finalmente, a 20 de julho, o barão Burian respondeu ao memorandum da reunião de Piotrkow n'uma carta que continha uma recusa, mais ou menos delicada, a todos os seus pedidos. Terminava com um melifluo appello aos polacos para «encararem com confiança o futuro» e a vaga promessa de que «o grande sacrificio que os polacos haviam feito n'esta guerra em sangue e em propriedades pela terra mãe daria com certeza fructos». Apenas esta ultima parte poude apparecer na imprensa austriaca; a outra foi cuidadosamente supprimida.

Entretanto, parte das Legiões polacas eram ainda deixadas longe da terra para «salvação» da qual se haviam juntado ao exercito austriaco. Um austriaco allemão, o barão von Diller, foi nomeado governador da parte da Polonia russa que estava sob o dominio austriaco. Ainda mais: pela primeira vez, apoz mais de cincoenta annos, um allemão foi nomeado governador da Galicia.

Logo que o governo austriaco de aquella região se tornou de novo uma realidade, um allemão, o general von Collard, substituiu o polaco, de Korytowski; foi, porém, feita a promessa de que não seria essa nomeação um precedente para outras. Pouco depois a lingua allemã era introduzida no serviço dos caminhos de ferro da Galicia e allemães substituiram os polacos que não provaram ter conhecimento sufficiente da lingua official. E pro-

messa alguma foi feita com relação ao futuro.

As potencias germanicas tinham, na opinião dos polacos pró-Austria, mais uma possibilidade de recuperarem a perdida confiança dos seus adeptos polacos. Por isso, disseram ao governo de Vienna que as auctoridades austriacas, tanto militares como civis, pareciam estar empregando todos os meios para fazer desapparecer a amizade pela Austria entre os partidos anti-russos e para desacreditarem esses partidos aos olhos da opinião publica polaca.

Do modo como a occupação fôsse feita dependia a attitude da capital e de todo o paiz. Deixassem delegados do Comité polaco preceder os exercitos allemães na entrada em Varsovia e deixassem as legiões polacas marchar á frente das tropas ao entrar na cidade. Se isso se não fizesse, o povo teria saudades dos russos que haviam retirado e consideraria os exercitos allemães com indifferença. Era tambem o momento proprio para a proclamação da união da Galicia e da Polonia russa em um reino polaco sob a suzerania da Austria.

O communicado official austriaco de 5 d'agosto diz: «Hoje as tropas allemãs do exercito do principe Leopoldo da Baviera entraram na capital da Polonia russa». Nada de devaneios! O Comité polaco pró-Austria publicou por isso um manifesto em que, entre outras coisas, se dizia:

«Varsovia está liberta das cadeias russas!... O facto, comtudo, da entrada na capital da Polonia não se effectuar pelo modo como desejavamos torna necessario examinal-o e explanal-o sob o ponto de vista politico».

Commentarios ironicos na imprensa allemã agradeceram aos polacos austriacos essa franca expressão do seu desagrado.

Assim, as Legiões polacas nunca fizeram a sua entrada triumphal em Varsovia. Mas o jornal semi-official allemão «Neue Warschauer Zeitung» diz que as tropas allemãs ao entrarem na cidade foram recebidas com alegria pelos habitantes e accrescenta com ingenuidade: «como se nós estivessemos realmente combatendo pela sua liberdade».

A principio os Comités de civis que haviam sido formados sob a administração russa não abandonaram a obra de auxilio e entenderam-se mesmo com os allemães em tudo o que dizia respeito á educação. Resolveram tomar a seu cargo a tarefa de ensinar a lingua russa nas escolas polacas, significando assim a sua esperança no futuro.

Lord Lansdowne, ministro sem pasta

Alguns dirigentes polacos, que eram pela independencia nacional completa e haviam por isso feito opposição á Russia, foram presos pelos allemães e mandados para Küstrin, ao passo que haviam sempre gozado de liberdade sob o dominio dos russos. Finalmente, a 12 de setembro, os Comités polacos de civis foram dissolvidos. As suas principaes funcções foram «transferidas» para as auctoridades militares allemãs.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1910—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 28 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

Attitudes politicas

Na sessão parlamentar de hontem ha um facto a salientar. Esse facto é o das declarações das minorias. E' conveniente archival-as. São documentos politicos que porventura se tornarão de inapreciavel valor para a historia.

Ambos os partidos, que essas minorias representam, declinaram a participação no governo, que a maioria democratica lhes estava disposta a acceitar, como instantemente lhes requereu, no proposito de se formar um ministerio nacional, á semelhança do que se tem feito n'outros paizes desde que rebentou a conflagração europeia. Alliados da Inglaterra, que é uma das primeiras nações em lucta, só por esse facto a nossa situação, no ponto visto externo, assume uma gravidade excepcional. Esses dois partidos entenderam que essa gravidade ainda não é de molde a justificar um governo em taes condições. Estão no seu direito, expressando esse modo de ver, como tambem decerto não se illudem quanto ás responsabilidades que essa attitude lhes pode acarretar.

Mas esses dois partidos, recusando a collaboração no poder, implicitamente delegam no governo que se formar, com o apoio da maioria parlamentar, o encargo de dirigir, n'uma situação melindrosa, os destinos de Portugal. Não lhes é licito, portanto, uma opposição encarniçada e systematica. Esse criterio se nos afigura traduzido nos termos das declarações feitas pelas minorias. Ao apoio que partidos constitucionaes teem o dever de prestar aos governos em questões de ordem publica, deve corresponder o apoio na parte que se refira á nossa situação internacional, regulada pelos nossos deveres e compromissos tomados.

As declarações das minorias são correctas. Repetimos que as archivamos, e fazemol-o esperançados em que os actos não venham desmentir as palavras. Esperamos que o novo ministerio governe, segundo as indicações nacionaes, e animado d'um exclusivo intuito: o de servir a Patria e prestigiar a Republica. Egualmente esperamos que se não levantem contra elle, por mera paixão partidaria, questões irritantes e campanhas violentas que o desviem da sua missão.

Ha occasiões em que os partidos luctam, e luctam exaltadamente, porque entendem que devem assumir o poder. E se o entendem, não pode ser senão porque teem a convicção absoluta de que só elles podem, nas circumstancias do momento, servir efficazmente a patria e as instituições. Os partidos que as minorias parlamentares representam foram os primeiros a entender que devia governar o partido que a maioria parlamentar representa. Além d'isso, sendo-lhes offerecida a participação no governo não a acceitaram. N'estes termos, qualquer attitude aggressiva, e não de simples critica e exame, não poderia ter uma justificação acceitavel.

O que o paiz deseja é que a politica portugueza entre na normalidade que a elevação dos espiritos já em toda a parte estabelece, e que, na actual emergencia, as circumstancias não só aconselham, mas impõem. As luctas que ella requer são as que essa elevação revelem e as que essas circumstancias subordinem.

Migalhas

Solteironas

Ao pôr em dia um calendario de parede, d'entre as folhas arrancadas soltou-se uma d'ellas para me recordar que ha tres dias passou a festa de Santa Catharina, padroeira das solteiras que dobraram o cabo da trintena. Todos os annos n'essa data giram pelos «boulevards» de Paris grandes ranchos de raparigas, garridamente toucadas com uma coifa simbolica, confessando sem rebuço que no anno que decorre completam os seus trinta sem terem deitado por cima dos moinhos a touca que trazem na cabeça. Quantas, n'esse mesmo dia ou mais tarde encontram o Principe encantador que as desperta do encantamento em que a Fada do destino as tinha conservado. Outras, porém, ficam para tias, como se diz carinhosamente em portuguez ou porque se conservam fieis a um amor infeliz ou porque a sorte as não talhou para o Amor ou porque ellas proprias d'esse Amor se arreceiam e o evitam. E' d'essas solteironas que se fazem as irmãs governantes dos velhos que não casaram, as filhas, cujos cabellos embranquecem junto da velhice d'um pae ou d'uma mãe muito queridos, é d'ellas que se fazem tambem as boas tias, segundas mães que depois de terem minado á meninice de certos mareus, acabam ás vezes por lhes deixar uma herança quantas vezes hypocritamente cubiçada. E' d'essas solteiras que se servem os romancistas para terem uma confidente cheia das maiores benevolencias e fechos de capitulos commovedores e os auctores alegres para entedar as suas farças com mexericos e intrigas com prosapias ridiculas e amores serodios.

Ha solteironas felizes e infelizes. Ha-as apaparicadas e estimadas, se d'ellas o mundo egoista pode esperar alguma coisa. Ha-as feitas gatas burralheiras dos lares sem sol, parentas pobres tratadas como creadas velhas. E todas ellas morrem, levando nos olhos expressa ou occulta a desilusão d'aquelles que viram a terra promettida ou lhes ouviram gabar as delicias sem terem podido acampar á sua sombra cubiçada.

André Brun

Dr. Augusto de Vasconcellos

Uma «gaffe» da imprensa de Madrid

O «Diario de Noticias» insere hoje o telegramma seguinte:

MADRID, 27.—Alguns jornaes da manhã, inclusivé «El Imparcial», reproduzem os topicos d'um artigo publicado no «Mundo», de Lisboa, que attribuem ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos, no qual se trata da crise de partidos dynasticos em Hespanha.

Falámos com aquelles diplomata que nos declarou que nada tinha com o artigo, tendo mandado aos jornaes uma aclaração n'este sentido.

O sr. presidente do conselho que foi interrogado sobre o assumpto, disse o seguinte:—Estimo que me perguntem isso. E' completamente falso o que se diz. O artigo não é do sr. ministro de Portugal mas d'um jornalista com o mesmo appellido. O sr. ministro de Portugal é diplomata com grande correcção e seriedade. Embora não tivesse falado com elle, asseguro que não é o auctor do artigo.—(Correspondente).

O «Seculo» tambem publica sobre o caso um telegramma de Madrid, dando como inserto em «El Mundo», folha madrilena, evidentemente por equivoco, o artigo que só por extrema leviandade se attribuiu ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos. Cremos que o artigo do «Mundo» é da auctoria do sr. dr. Henrique de Vasconcellos, que no nosso collega costuma publicar artigos sobre politica externa e que firma com o seu nome. Como confundir o publicista sem responsabilidades diplomaticas ou de governo com o representante de Portugal, quando um se chama Henrique e outro Augusto e quando até os afasta a circumstancia de militarem em partidos oppostos? Não percebemos! Só por leviandade—repetimos—se explica o facto, porque outra qualquer explicação aggravaria talvez mais ainda o estranho procedimento dos jornaes de Madrid.

CRHONIÇAS DE PARIS

A ULTIMA IMPRESSÃO

Ha um anno e agora—A victoria dos alliados demonstra-se como uma verdade mathematica—O que essa victoria representa para Portugal—A salvação das colonias de Africa—A megalomania allemã

Quando, ha cêrca de um anno, regressei de Bordeus, onde, durante perto de dois mezes eu procurára dia a dia sondar o estado de espirito da França, cuja capital ameaçada se tinha provisoriamente transferido para o sul, trazia já commigo a convicção inabalavel de que a Allemanha acabaria por perder a partida que tão aventurosamente começára a jogar. Mas — para que negal-o?—a minha convicção não se baseava de fórma alguma em factos concretos. O meu raciocinio recusava-se a investigar o mechanismo pelo qual eu chegára a convencer-me do triumpho. Era uma simples questão de palpite, porventura baseada nos resultados da observação directa de certos phenomenos que vivamente me tinham impressionado na hora tragica da invasão.

Eu via com effeito que a espantosa e prodigiosa marcha dos exercitos do kaiser não produzira a mais ligeira sombra de panico, antes fôra acolhida com admiravel serenidade por toda a população franceza. Notava que o martirio das cidades e dos homens, as atrocidades commettidas pela soldadesca ebria de sangue contra indefesas creaturas, as ameaças, os incendios, os fuzilamentos, as extorsões violentas—nada d'isso conseguira provocar o terror que os allemães pretendiam semear, a pretexto de uma indispensavel preparação da victoria, antes determinavam uma onda de indignação que alastrava por toda a humanidade civilisada como formidavel maré de inapagaveis odios.

Foi durante os meus dois mezes de Bordeus que se realisou o milagre do Marne. A historia repetia-se atravez dos seculos. Ha perto de mil e quinhentos annos, Attila, commandando as hordas barbaras dos hunos, fôra derrotado tambem nas proximidades d'esse rio. A famosa batalha dos Campos Catalaunicos, reeditada e largamente ampliada nos nossos dias, acabava de furtar outra vez a França aos horrores da invasão.

Voltei pois de Bordeus com o sentimento nitido de que a civilisação latina não ia ser anniquilada; dizia-me o coração que a França não podia morrer. Quão differente é a impressão final resultante de tudo o que no curto espaço de trinta dias me foi dado ha pouco observar em Paris!

Trago commigo ainda a convicção inabalavel da victoria dos alliados. D'esta vez, porém, não se trata de uma questão de palpite. Não é um vago sentimento, indefinivel mixto de simpathia e de desejo, que me tranquillisa o coração. A minha convicção repoisa actualmente sobre factos concretos. E' uma questão de raciocinio. E' o mechanismo implacavel da logica. A victoria da França pode demonstrar-se desde já como uma verdade algebrica.

Mas que nos importa a nós, portuguezes, encarado o assumpto sob o ponto de vista dos puros interesses nacionaes, qual seja o resultado final d'essa tragedia immensa cujo desfecho não deve, por mais razões que me objectem, tardar muito? Por outras palavras, que pode Portugal ganhar com a destruição do militarismo germanico, a cujas ideias cesaristas a Allemanha imputará mais tarde os transes que a esperam?

Não é difficil chegarmos a uma conclusão após a leitura das minhas chronicas anteriores, onde se registam as opiniões de alguns dos maiores espiritos da França. Todos elles se referem harmonicamente ao aspecto essencialmente moral dos objectivos da lucta. A Grande Guerra ficará marcando na historia das civilisações um d'estes marcos miliarios que separam duas grandes epochas da humanidade. Entre os grandes principios conquistados para o direito pratico, figurará sem duvida o respeito absoluto das nacionalidades, pequenas ou grandes, antigas ou modernas, fracas ou poderosas. Este principio, mais velho do que geralmente se suppõe, visto que constituiu muitas vezes o thema predilecto de legistas e enciclopedistas, não teve comtudo até hoje senão uma existencia thorica. Pertencia ao dominio das aspirações classificadas de utopicas. A'manhã será uma realidade. Portugal, á sombra da victoria dos alliados, poderá dedicar-se inteiramente á grande obra de regeneração e de revigoramento que o sentimento nacional reclama. Sobre as suas possessões de Além-Mar continuará fluctuando a sua bandeira; as colonias, emendados os erros administrativos que os teem peado no seu desenvolvimento natural, serão outros tantos reservatorios abertos á expansão da raça, da civilisação e da lingua portugueza. Então, pertence-nos o futuro.

A victoria da Allemanha representaria, pelo contrario, o anniquilamento de todos os nossos esforços e de todas as nossas esperanças. Já não quero prever as consequencias directas que essa catastrophe viria exercer sobre a metropole. Limitar-me-hei a lembrar as ambições, nem sempre disfarçadas, que de longa data a Allemanha tem manifestado ácêrca das colonias portuguezas. Sob este ponto de vista a guerra europeia, sobrevindo no actual momento, foi talvez o melhor que nos podia ter succedido.

Nos ultimos annos, o principe Lichnowsky, embaixador da Allemanha em Londres, fez consistir o melhor da sua actividade diplomatica em preparar uma politica favoravel á expansão do germanismo no continente africano. Os seus projectos visavam abertamente a despojar a Belgica e Portugal das suas colonias. Sempre a mesma covarde tendencia de esmagar os fracos, adulando ao mesmo tempo os poderosos! Pois Lichnowsky chegou a entabolar negociações com sir Edward Grey a este respeito, e se não conseguiu tudo, porque a Inglaterra se reservava o direito de garantir a integridade colonial das nossas possessões ultramarinas, é todavia certo que a Allemanha ia englobar uma grande parte d'ellas na sua esphera de acção economica, obtendo privilegios e facilidades que por completo viriam a anniquilar a nossa propria acção. A Belgica não tardaria, por sua vez, a ser objecto de identicas manobras.

Mas o cinico programma do germanismo que forma ainda hoje o melhor das esperanças allemãs resalta do seguinte texto, onde claramente se evidenceiam as suas intenções a respeito da Africa Portugueza. Esse texto é traduzido da «Kaiserzeitung des Ostheeres», gazeta official da «Kommandantur» de Lodz, e foi publicado em 27 de janeiro do anno corrente—n'aquelle mesmo dia em que o general Pimenta de Castro, em nome do governo portuguez, mandava saudar o ministro allemão em Lisboa pelos annos do kaiser...

Lê-se na referida gazeta:

«Uma guerra victoriosa dar-nos-ha o Congo Belga, o Congo francez, e, **se Portugal continuar a traduzir por actos as suas intenções hostis a nosso respeito, dar-nos-ha tambem as colonias portuguezas nas costas oriental e occidental de Africa.** Possuiremos assim um imperio colonial allemão como os nossos paes, que sorriam ironicamente por occasião dos nossos primeiros emprehendimentos nas colonias, nunca poderam sonhar. Mas o que sobretudo importa n'esta partilha provavel do mundo africano, é que por ella teremos anniquilado os esforços inglezes que visam ao dominio exclusivo do Cabo ao Cairo. Entre o Egypto, que é ainda inglez, e o Sul de Africa anglo-boer, estender-se-hia a cintura immensa das nossas gigantescas possessões coloniaes, do Oceano Indico ao Atlantico. **Ainda ingleza,** dizemos a respeito da Africa do Nordeste e do Sul. Porque—quem sabe o que succederá quando se realisar a prophecia do poeta: «Um dia o germanismo fará a salvação do mundo!»

E' por isto que eu, tendo adquirido a convicção absoluta da victoria final dos alliados, me rejubilo com ella. E' por isso que considero maus patriotas, ou pelo menos, inconscientes, todos os portuguezes que não teem pejo de desejar ainda o triumpho dos allemães.

HERMANO NEVES

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

As finanças dos alliados

Em França

104 milhões 891:000 francos de creditos addicionaes

Paris, 24 de novembro

E' amanhã que o sr. Raoul Peret, relator geral do orçamento, apresenta o seu relatorio ácerca dos creditos addicionaes por duodecimos provisorios pedidos pelo ministerio da guerra para o exercicio de 1915. O total d'esses creditos eleva-se a 104 milhões 891.980 francos divididos da seguinte forma:

Despezas de deslocação e transportes, 59 milhões 400.000 francos; alimentação de prisioneiros de guerra 2.900:000; serviço militar dos caminhos de ferro, 11 milhões; aquartellamentos e construcções militares, 6 milhões 300:000; remonta, 22 milhões 500:000; despezas de deslocação e transportes (Algeria e Tunisia) 2 milhões 723:000.

Declara o relator geral não ter observações d'ordem geral a apresentar ácerca do conjunto d'estas medidas; todos os augmentos sollicitados são devidos á continuação da guerra, e torna-se evidente que ainda por algum tempo terá o governo de reccorrer aos creditos addicionaes.

O sr. Raoul Peret faz observações interessantes ácerca do regimen a que estão sujeitos na Allemanha os prisioneiros de guerra francezes.

«Algumas modificações se teem obtido disse, mas não são sufficientes e espero que toda a camara se junte á sua commissão para pedir ao governo que diga muito energicamente á Allemanha estar disposto a submetter os prisioneiros allemães a um tratamento rigorosamente identico ao que receberem os nossos compatriotas internados em territorio inimigo.

A reducção de 100:000 francos apurada sobre a somma de credito de 8.000:000 francos inscripta no respectivo capitulo representa a manifesta opinião da commissão do orçamento que pede ao governo empregue toda a sua energia para obter outras melhorias de situação para os nossos officiaes e soldados prisioneiros, ficando submettidos a um regimen alimentar mais substancial e que não lhes compromet ta a saude.»

Na Italia

recorre-se a novos impostos

Roma, 25 de novembro

Um decreto real, com o intuito de prover ás necessidades extraordinarias do thezouro, determina varias medidas financeiras para pôr em execução emquanto durar a guerra, destacando-se entre ellas as seguintes:

1.º—Uma contribuição supplementar de um centimo sobre todos os rendimentos sujeitos a impostos directos; 2.º—Um imposto sobre os proventos da guerra; 3.º—modificações na lei do sello; 4.º—modificação da lei do imposto sobre a fabricação de accendedores mechanicos; 5.º—Modificação das tarifas sobre saes; 7.º—Modificação da tarifa postal interna.

LISBOA, CAES DA EUROPA

O plano das obras do porto

O engenheiro director da exploração expõe o que se projecta fazer na margem do Tejo

O engenheiro director da exploração do porto de Lisboa, sr. Ramos Coelho, a quem procurámos hoje no seu gabinete de trabalho, n'aquelle edificiosinho do Caes do Sodré, que seria o despertador official, se o machinismo da relojoaria funccionasse, quiz ter a bondade de suspender por alguns instantes a sua tarefa para nos informar quaes os projectos que essa administração tem apresentado nas reuniões das diversas entidades, convocadas pela opportunidade de transformar a margem do rio, na area que os nossos olhos descobrem, olhando pela janella batida da chuva.

—Como *A Capital* referiu, diz o distincto engenheiro, foi o caso da transformação da linha de Cascaes que fez reunir todas as collectividades interessadas na melhoria material e esthetica do nosso porto. Difficilmente se depararia situação mais propicia para levar a bom caminho o plano de melhoramentos, que a todos se afigura indispensavel para que esta cidade tivesse um porto digno da sua privilegiada situação e que não nos envergonhasse perante os excursionistas que aqui veem.

«A exploração do porto de Lisboa, que possue todos os terrenos marginaes, desde o antigo caneiro d'Alcantara até Santa Apolonia, tem procurado por muitas vezes modificar o aspecto do porto. Ahi por 1909 resolveu entregar algumas parcellas de terreno á Companhia dos caminhos de ferro, para que esta Companhia pudesse fazer algumas obras. Readquiriu algumas parcellas de terreno, que estavam na posse de particulares e deu-as á companhia. O municipio, porém, que já tinha adquirido uma area relativamente importante, não construiu o projectado mercado de peixe e desde então até agora não foi possivel modificar coisa alguma n'aquelle local.

«A edelidade lisbonense comprehendeu agora, ao tratar-se da electrificação da linha de Cascaes que era o momento unico para realisar a grande obra da transformação do porto e, disposta a collaborar n'essa empreza, vem junto de todos aquelles que lhe hão de dar uma realidade.

—E qual é a participação que a exploração do porto de Lisboa toma n'essa benemerita iniciativa?

—Em primeiro logar, esta administração fará construir, prolongando e completando a doca que fica fronteira á estação actual. Essa doca fechada destinar-se-ha aos pequenos barcos do serviço de peixe, cujo mercado lhe ficará deante. Ao longo da doca estende-se o caes acostavel para os vapores de pesca que actualmente atracam á doca de Santos. Este caes mede duzentos metros, devendo a estes prolongar-se por outros duzentos metros, n'um molhe destinado aos grandes transatlanticos. Esse caes será dos melhores de toda a margem, visto attingir na baixa-mar treze metros d'agua. Realisadas estas modificações, conquista-se uma area importante de terrenos, pelo sotterramento da rampa que ali existe.

E o que recebe em troca, a exploração?

—Pela cedencia dos terrenos seus, a administração do porto recebe uma faixa de terreno municipal ao longo da rua 24 de Julho. N'essa faixa procurará construir edificações que não envergonhem a cidade ou, quando o não faça, não consentirá que os particulares ali levantem armazens com o aspecto dos que por ali se encontram agora.

Pensa-se e bom seria que a realidade correspondesse aos bons desejos de todos, em obter com brevidade a transferencia do Arsenal para a outra banda. E n'esses casos a Empreza do Estoril, que tomou á sua conta a electrificação da linha de Cascaes, não construiria com o caracter de provisorio uma estação no local da que hoje existe, mas desde logo levantaria o edificio definitivo em terrenos hoje occupados pelo Arsenal.

Sendo assim, a exploração do porto de Lisboa, cujos progressos se accentuam de anno para anno, pondo de parte a situação actual, que a todos attinge, deixaria este edificio, insufficiente para as exigencias dos seus serviços, mandando construir uma installação propria, n'uma architectura apropriada ao aspecto do local, já n'esses casos magestoso e artistico.

A exploração do porto, conclue o sr. Ramos Coelho, não cuida apenas em modificar o aspecto dos caes, n'essa parte central da cidade. As obras das docas da Rocha do Conde de Obidos a Alcantara, que importam em mais de um milhar de contos, hão de contribuir grandemente para o aformoseamento da margem do Tejo, já pelos trabalhos realisados n'ellas, já porque é intenção da gerencia não consentir que ali se construam armazens, sem approvação do projecto architectonico, por parte de entidades que zelem o aspecto artistico da cidade.

N'essa disposição e com o esforço da Empreza do «Estoril», modificando a installação das gares, no percurso de Cascaes, Lisboa ha de ter, por fim, o porto que merece.

CONTRA A CALUMNIA ALLEMÃ...

"A Cruzada das Mulheres Francezas„

Madame Bompard diz a "A Capital„ as causas e o objectivo d'esta iniciativa

—Madame Bompard... Madame Marcelle Bompard!... mas, sim, recordo-me agora, eu conheço-a perfeitamente atravez de alguns dos brilhantes artigos com que tem distinguido a nossa imprensa.

A phisionomia d'ella illumina-se. Advinho no seu olhar de esmeralda como que um clarão de prazer por esta revelação. Vaidade litteraria? Absolutamente não, porque logo a sua voz com um accentuado sotaque parisiense explica:

— Ah, tenho immensa satisfação de que leiam, de que se interessem pelos meus artigos. E' que elles teem apenas um objectivo, como sabe:—repellir as calumnias allemãs contra a mulher franceza, dignificando-a, fazendo-lhe verdadeira justiça.

—E a sua campanha tão justa, tão levantada, tão simpathica obedece a uma iniciativa espontanea e isolada?

—Não, trabalho sob determinações de um comité que tem séde em Paris e que é composto de illustres figuras femininas da sociedade franceza.

—Seria para nós, para o meu jornal, que ama profundamente a França e acompanha com emoção os seus terriveis momentos de lucta e as suas esperanças inabalaveis, escutal-a sobre essa propaganda...

Evidentemente o meu encontro casual com madame Bompard, em casa de uma pessoa amiga, não podia de modo algum fazer-lhe prever que ia ser importunada pela indiscreção de um reporter. Mas na sua attitude acolhedora e graciosa não transparece o menor signal de constrangimento e até com um sorriso de bondade e de enlevo onde se affirma o amor que consagra á sua obra, começa assim:

—Deseja, pois, saber qual o fim e qual a historia que tem a «Cruzada das Mulheres Francezas»?

«E, ao mesmo tempo simples e nobre essa iniciativa... Um grupo de damas, das mais distinctas da socie-

---

Folhetim d'A CAPITAL — 28-11-1915

O fim da Penitenciaria

Consta que vae ser arrazada a Penitenciaria de Lisboa. Nunca a visitei, e todavia fui sempre um seu encarniçado inimigo. Lembro-me até que, uma vez, um amigo meu, jornalista brazileiro, me pediu que lhe facilitasse uma visita a esse sinistro estabelecimento de tortura. Arranjei-lhe um bilhete de apresentação para o director da Penitenciaria, que era então, se não me engano, o conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, mas desde logo lhe pedi que me desculpasse por não o acompanhar. O simples nome da Penitenciaria, fabrica de loucos e de tuberculosos, como lhe chamou um medico distincto, fazia-me correr calafrios pela espinha. Vêr as suas cellulas, contemplar os seus encarcerados, com o capuz que os assemelhava a amortalhados em vida, era superior ás minhas forças.

Se a Penitenciaria fôr arrazada, realisar-se-ha o vaticinio de Guerra Junqueiro, quando a percorreu, logo apoz a implantação da Republica. «Isto deve ser arrazado!»—exclamou o grande poeta. A mesma opinião tinha o sr. Manuel de Arriaga, ainda quando simples advogado, e tornou a manifestal-a quando já era chefe do Estado.

Deve dizer-se a verdade, e ninguem a ignora. A Penitenciaria, depois da Republica, soffreu importantissimas modificações quanto ao seu regimen. Os capuzes cahiram; os homens, com apparencias de cadaveres, tornaram a ter um aspecto de seres vivos. O isolamento acabou. Até o proprio nome de Penitenciaria desappareceu. Hoje é a Cadeia Central. Na realidade, deixou de ser uma penitenciaria, como o criterio penal de ha trinta ou quarenta annos a concebera e realisára.

*

Com effeito, o pensamento que presidiu á creação dos estabelecimentos penaes, do genero da Penitenciaria, era o criterio da regeneração pelo remorso. O criminoso era entregue ao remorso. Procurava-se não o eximir senão o menos possivel á consideração tremenda das suas culpas. Para isso fechavam-o n'uma cella; para isso o privavam de toda a sociabilidade: não podia falar com os seus companheiros, não os podia sequer reconhecer: d'ahi o capuz. Era a morte em vida com as expiações do inferno.

Simplesmente, a regeneração não se operava. Ou o remorso não confrangia a alma dos condemnados, ou elle não dava em resultado a regeneração. Dava a idiotia, dava a loucura. Dava, no definhamento de todas as forças, a tuberculose implacavel. Quando algum condemnado lograva resistir á loucura ou á morte, ao findar a sua pena, vinha para a rua com o olhar vago d'um sommambulo, cambaleando como um ebrio, hesitante como uma creança. Se porventura, mercê d'uma compleição especial, resistia a esse regimen infernal, a maior parte das vezes não se comprovava o seu arrependimento, a sua regeneração. Não é raro os tribunaes terem condemnado por novos crimes antigos reclusos da Penitenciaria.

O criterio era falso. O homem, mergulhado no isolamento e no silencio, ou permanentemente se entregava á recordação do seu crime, e enlouquecia, tuberculisava-se, ou no seu cerebro só se geravam pensamentos de revolta contra o seu cruel castigo, e ideias de vindicta contra a sociedade que lh'o infligira. Em qualquer dos casos não se obtinha de tal regimen, senão por excepção, um ser regenerado e apto para um trabalho honesto, util e dignificador.

*
* *

A Republica, obedecendo não só a um sentimento de piedade, mas a uma inspiração de justiça, acabou de facto com o regimen penitenciario. Quando cahiram os capuzes tragicos das frontes dos condemnados, quando o seu isolamento cessou, na realidade a Penitenciaria foi arrazada. Como já disse, ella merecera, mais do que a repugnancia, o odio dos espiritos. Guerra Junqueiro, Manuel d'Arriaga, tinham-a anathemisado. Já, quando se pensava estabelecel-a no nosso paiz, uma rainha, que quaesquer fossem os seus defeitos, tinha um grande coração de mulher, D. Maria Pia, empenhara os maiores esforços para evitar a installação d'esse inferno na sua patria adoptiva. Nada conseguiu. As ideias predominantes na monarchia, de que ella era um dos symbolos, eram intransigentes no seu criterio duro e estreito. A Republica é que modificou o seu regimen, é que fez entrar, livre e desassombrada, na casa do silencio, a harmonia da voz humana; a Republica é que firmou ali o principio nobre e generoso de que, em caso algum, a privação de certos attributos da liberdade, pode ser a eliminação total de todos os apanagios da liberdade.

Mas de tal fórma a Penitenciaria representava uma punição maldita, de tal fórma fôra construida com o pensamento de a tornar um local de flagicio, que nem mesmo transformado o seu regimen, nem mesmo modificado o seu titulo, ella consegue subsistir. O sinistro casarão vae ser arrazado. De tal fórma elle se adaptava ao sinistro pensamento inspirador, que nem mesmo nas suas paredes pode continuar existindo. Dir-se-hia que esse casarão tinha uma alma, uma alma feroz, uma alma inquisitorial, e que lh'a arrebataram, e que é um corpo morto de que nenhuma utilidade se póde tirar, não se sustendo já em pé.

Creio, com effeito, que a Penitenciaria, se a não arrazarem, cahirá por si. Eu sei, eu sei que se póde julgar futil esta apreciação das pedras inertes d'um edificio. Mas ha alguma coisa que ellas evocam. E' o horror passado. E' a recordação tremenda. E' a historia d'um tempo cujas ideias dominantes o nosso pensamento hoje regeita. Dir-se-hia que esse edificio comprehende que não tem o direito de continuar banhando-se nas claridades do novo sol, que raiou no firmamento de Portugal. Se o não arrazarem, elle cahirá um dia, abandonado.

E o pensamento de o arrazar, obedece a um proposito que estabelece com a intenção que o construiu o mais flagrante contraste. Trata-se de abrir novas avenidas. Trata-se de rasgar caminho, com muito ar e muita luz, a um povo libertado e movido pela ancia apressada da sua civilisação. Trata-se de abrir as vias de communicação para o trabalho, para a vida; trata-se de construir a casa que seja, não o carcere em que o silencio e o isolamento reinaram, mas sim o lar, ninho de amor, berço da prole, asylo hospitaleiro, mansão de conforto e paz, renovando energias para a lucta incruenta que permitta ao esforço humano o gozo das maravilhas actuaes e a preparação das maravilhas futuras. Para que isto se faça, a Penitenciaria desapparece.

Desapparecerá com ella mais um residuo d'um passado torvo e odioso. Se as sociedades teem o direito de se defender do crime, e o dever de regenerar os criminosos, os locaes em que os colloque, impossibilitando-os de ser nocivos, e em que os trate, tornando possivel o resgate do seu espirito, não podem ser os mesmos que se destinavam só ao seu castigo, pela velha norma do odio que se concretisava na expressão de vindicta social, com a capa d'um processo de regeneração que não era mais do que um proposito de tortura.

Quando o povo de Paris destruiu a Bastilha, que era um symbolo da tyrania régia, no local onde ella se encontrava collocou um poste onde se lia: «Ici l'on danse». Mas arrazou-a primeiro. Não pensou em fazer da sinistra fortaleza um recinto de bailes. A Bastilha servia para o que servia: para um local de tortura. Aproveitassem-a como a aproveitassem, modificassem-a como a modificassem,—era a Bastilha. E a Bastilha não podia coexistir com a liberdade.

Tambem, como se prova pela propria força immanente dos factos, a Penitenciaria não póde coexistir com a Republica. Só a ideia de que esse casarão ainda se levanta n'um dado ponto de Lisboa constitue um pesadello nacional. Seja embora regida por um systema moderno, tenha embora desapparecido o seu caracter inquisitorial, o povo chamar-lhe-ha sempre a Penitenciaria. Terá sempre a noção pavorosa de que existe o que já não existe. Não vale a pena conservar na consciencia popular, por causa de algumas paredes, essa nuvem angustiosa.

Pela minha parte, nunca quiz vêl-a funccionando. Mas irei vêl-a arrazar.

MAYER GARÇÃO

dade franceza, reuniram-se em Paris para fazerem um appello a todas as francezas que estivessem longe do seu paiz, a fim de as auxiliarem a combater a propaganda funesta que os nossos inimigos teem feito contra a mulher da França.

Eu sinto a voz da minha entrevistada tremer de indignação e é visivelmente impressionada que prosegue:

—Poucos são aquelles que ignoram por que processos os allemães procuram roubar-nos as sympathias dos paizes neutros. Todos os meios lhes servem para a sua obra vil, desde as agencias e os jornaes á correspondencia privada. O comité convida-nos, a nós mulheres de França, a proclamar bem alto, á face do mundo civilisado, a justiça pela força da verdade. O nosso silencio teria a sua nobreza. Mas entre as multidões obsecadas, cegas, essa nobreza correria o risco de não ser comprehendida ou ser mal interpretada! Não responder é no conceito de muita gente nada ter para responder. Não, nós não devemos, emquanto nas trincheiras os nossos defensores heroicos soffrem com o contacto da lama gelada, nós não devemos deixar que a propaganda inimiga lance sobre nós uma lama peor—a da calumnia. Essas manchas que a chuva dilue nos seus fatos, aos seus laboriosos uniformes é, no menos, da terra de França... Ah! sem duvida que as suas bellas almas, lá de longe, se sentiriam horrorisadas, mais do que nunca, se soubessem que á malvadez da calumnia germanica se não oppunha a justiça da nossa defeza. E é a nós que nos compete com argumentos claros, com protestos fundamentados, com provas evidentes—repellir as influencias deleterias. Com este gesto, faremos com que se continue a amar e a respeitar a alma justa, generosa, caritativa e indomavel da França!

—E as senhoras do comité que dirige a «Cruzada das Mulheres Francezas» chamam-se...

—Veem aqui os seus nomes.

Lemos. No reverso do cartão de adherente de madame Bompard estavam escriptos os nomes de Mmes Juliette Adam, Victor Augagneur, Adolphe Brisson, Alphonse Daudet, Marcel Delanney. Mlle Jeanne Déroulède. Mmes Camille Flammarion, La Marquise de Ganay, La Comtesse Greffulhe, Madeleine Lemaire, Daniel-Lesueur, Raymond Poincaré, V. Rigaud, La Duchesse de Rohan, Jules Siegfried, La Dsse d'Uzès, douairière, René Viviani, Emile Zola.

Madame Bompard mostra-nos ainda uma carta de madame Daniel Lesueur em que a notabilissima romancista reconhece os seus grandes serviços prestados, por meio de uma propaganda activa e intelligente, á «Cruzada das Mulheres Francezas».

Concertos Blanch

O 1.º concerto é no domingo

Apezar da bilheteira só se abrir na proxima quarta feira em S. Carlos e só então se poderem satisfazer os pedidos, teem já sido procurados muitos bilhetes na ancia de não ficarem sem logar os amadores da boa musica. O 1.º concerto da *Orchestra Symphonica Portugueza* dirigida pelo maestro Pedro Blanch realisa-se em S. Carlos no proximo domingo 5, e no programma que está sendo organisado com elevado gosto artistico devem figurar obras de Haydn, Cherubini, Schumann, Saint-Saens, Cesar Franck, Wagner, além de outros auctores classicos modernos, sendo algumas em 1.ª audição. Assim o maestro Blanck e S. Luiz Braga aos quaes se devem os concertos symphonicos em Lisboa correspondem á confiança e ao applauso do publico.

BRINDANDO OS PEQUENINOS

A arvore do Natal no hospital Estephania

A illustre poetisa D. Luthegarda Cayres, que por iniciativa propria exclusivamente, vem ha tempo realisando no hospital de D. Estephania a distribuição de brinquedos ás creanças ali internadas, está preparando a festa do Natal para os seus pequeninos protegidos.

Acompanhamol-a hoje na sua piedosa e gentil missão, percorrendo as enfermarias d'aquelle hospital, onde ha annos alguem organisou a primeira festa em honra dos petizes hospitalisados, tambem com distribuição de brinquedos, gulodices e a intervenção de Little Walter, idolo das creanças, que, por sua vez lhes deu alguns momentos de risonha felicidade, com as suas «trouvailles» de «clown».

D. Luthegarda Cayres exerce essa graciosa tarefa com uma tenacidade que egualа o mais profundo sentimento. Não desanima, ainda que até agora se tenha visto completamente isolada, n'essa carinhosa romagem hospitalar, compensada apenas com o sorriso das creanças, de quem se não esquece nunca e com a benção das pobres mães, ao ver as filhinhas acariciadas com tanta ternura.

No hospital de D. Estephania encontram-se actualmente cerca de 200 creanças, setenta das quaes recolhidas na enfermaria de cirurgia. São estas as primeiras a ser visitadas pela bondosa senhora, acompanhada por seu filho Alvaro, quintanista de medicina e alumno interno d'aquelle hospital. Apesar da blusa branca apavorar os petizes, annunciando-lhes o algoz, o causador das suas dôres, tanto o filho como D. Luthegarda Cayres são recebidos pela petizada com um alvoroço indescriptivel, essa vez que mensalmente percorrem as enfermarias distribuindo brinquedos. Os mais antigos, pois ha ali infelizes internados ha cerca de dois annos, esses não se limitam a acceitar a generosa lembrança; fazem requisições, impondo com um sorriso de admiravel despotismo o objecto que preferem. No mez seguinte, o capricho do doentinho é satisfeito, e a creança rejubilo, como se a prenda preferida attenuasse o seu soffrimento.

E' curioso verificar a escolha dos petizes. Os estropiados, os que soffreram amputação de pernas, reclamam um cavallo ou um automovel e, quando o obteem, não se cançam de afagar o seu corcel de pasta e de fazer girar as rodas do seu «auto», com uma alegria que chega a commover.

Vae a sr.ª D. Luthegarda Cayres organisar a sua «Arvore do Natal» para os duplamente desherdados da fortuna; que todas as mulheres de sentimento se associem a ella n'essa piedosa cruzada.

SPORT

Hebert e os homens fortes

O «Codigo da Força»

Existem tabellas comparativas para saber se um homem é mais forte do que outro

Tem apparecido na imprensa o nome do tenente de marinha Hebert. E' discutido como educador e como auctor de um methodo de gymnastica. Nós queremos, porém, que elle seja conhecido como um bello orientador da «cultura physica», especialidade em que elles, como propagandista e como apostolo de uma idéia, não tem egual.

Hebert, por exemplo, «codificou» a força. Escreveu um livro especial que muito contribuiu para valorisar o seu merecimento e documentar que a França procedera acertadamente quando o nomeou para dirigir os exercicios physicos na marinha.

«Codificou» a força, isto é, determinou o que na sua opinião é a força. Para elle não é, como muitos a julgam, a qualidade invejavel de meia duzia de privilegiados capazes de erguerem duzentos kilos e atirarem para cima dos hombros com mais de cento e vinte. Hebert, diz com as suas theorias, aquelles que assim pensam que é preciso saber como se erguem essas cargas e se atiram para o ar esses pezos.

A these de Hebert é a de que um homem forte não deve ser um homem especialisado mas o homem melhor dotado sob o ponto de vista das aptidões geraes. Para se dizer que um homem é forte, é preciso, com effeito, julgal-o mais forte do que outros. Pela exclusiva resistencia e potencial muscular? Não. Pelo conjuncto das aptidões. Meditem-se estes exemplos:

1.º—Um homem forte tem um conflicto com outro homem nas margens d'um rio. O homem forte dispõe á vontade do adversario. No momento em que ia arrojal-o á agua, desiquilibra-se e cahe tambem ao rio. O homem fraco, sabendo nadar, salva-se; o homem forte, afoga-se!

Quem póde dizer que o afogado era na verdade, um «forte»? Uma falta de aptidões, tornou-o um fraco e sem defeza!

2.º—Um homem forte tem um conflicto com outro homem junto d'um muro ou d'uma arvore. Ao fraco basta-lhe saber trepar e fazer uma escalada, para que o homem forte que não tem essas aptidões, esteja á mercê d'elle. De cima do muro atira-lhe pedras que o podem matar; de cima da arvore póde fazer alvo d'elle, com todos os projecteis que conseguir!

3.º—Um franzino jogador de socco não póde esmurrar a cara d'um hercules pesado e maravilhoso de musculatura?

4.º—Um luctador leve não póde tombar um collosso de peso e de força? Deriaz não tombou Madrali? Lassartesse não tombou Ciclops? O nosso campeão Cesar de Mello, que nunca soffreu uma derrota e que nunca esteve em perigo, não dominava hercules de quasi o dobro de peso? Raku não anniquilou a robustez physica de Zbysko em menos de 35 segundos?

Estas considerações bastam a Hebert para dizer que o homem forte, isto é, o homem superior aos outros sob o ponto de vista physico, deve ser dotado das mais vastas aptidões geraes.

No «Codigo da Força», o tenente Hebert estabelece tabellas de força a todos os exercicios physicos. Estas tabellas são evidentemente discutiveis. Representam uma «media» sobre muitos casos de estudo. O proprio auctor lhe reconhece ligeiras falhas e não as defende como uma pretenção á intangibilidade. Foram producto da experiencia, durante alguns annos, em 10.000 alumnos seus, pertencentes aos grumetes e marinheiros francezes.

D'esta noticia o que resulta? Que Hebert trabalhou os seus alumnos, procurando dar-lhes o maior numero de aptidões, fazendo-os «fortes» e equilibrados.

Nota do dia

Combates de «box» e de greco-romana

O dia de hoje parece um dia de ha dez annos em que os «sports» combativos eram «moda» e enthusiasmavam os lisboetas. Ha, pelo menos, um desafio de «foot-ball», um campeonato de lucta greco-romana e um grande combate de socco, este motivado pelo repto d'um pugilista a todos os jogadores portuguezes.

Terão affluencia de espectadores esses trez acontecimentos de «sports» athleticos e de força? Sim, mas podemos ousadamente affirmar que esses espectadores não hão-de reunir a quinta parte do numero dos espectadores que se reuniam ha dez annos. Porque? E' que n'esse tempo, todas as provas eram promovidas pelos jornaes ou auxiliadas, directamente pelos jornaes. Consequentemente a sua publicidade era maior e melhor trabalhada. Hoje a imprensa limita-se ao «communicado» que lhe dirigem os organisadores. «Talvez seja melhor assim»—dizem elles. «Talvez, respondemos nós, mas n'esses casos que não culpem os estranhos de não fazerem o que elles não querem». E, de resto, limitando-se o noticiario dos jornaes, á communicação dos interessados, pratica-se o favor de adjectivar os seus merecimentos como elles querem, porque elles proprios o fazem!

E' pena, porém, que certos acontecimentos que podiam ser grandes para o publico, passem a ter a unica consagração dos applausos e palmas «em familia». Mas, isso é lá com tantas... orientações novas, federações, commissões, etc...

Algumas anecdotas

O jogador de socco que queria comprar a estatua de Venus...

A «Venus de Milo», tem como todos sabem os braços quebrados. Pois essa estatua serviu ao celebre campeão americano Jim Jeffries para nos contar uma anecdota do seu antigo companheiro de «ring», Tom Scharkey.

«O «Scharkey», ou melhor o «marinheiro» como todos lhe chamavamos, foi um dia ao muzeu de Louvre, em Paris. Procurava uma estatua para a entrada d'um grande café que ia construir em New York. Tom pensou que a Venus estava na conta. Com alguma roupa podia-se dissimular os braços partidos! Dirigiu-se a um dos «continuos-guardas» do Salon e perguntou-lhe com quem se devia entender para comprar a estatua.

—O governo não tem proposito de a vender!...

—Mas eu pago caro, se fôr preciso...—disse Scharkey puchando da carteira.

—De resto—continuou o guarda—o seu valor está calculado em trezentos contos!...

Tom Scharkey ia tendo uma syncope! Lançou um olhar terrivel á Venus! Metteu o dinheiro na carteira e esta na algibeira. Voltando-se para o guarda, commentou em tom ironico:

—Você está doido? Isso ninguem dá pela minha cabeça. Em New York posso comprar uma coisa como esta por dois dollars e note com os braços inteiros...»

Noticias

Entre nós

Um espectaculo interessante

Hoje ás 21 horas, no antigo Club Italia, realisa-se um espectaculo interessante que foi assim annunciado: «Grande sarau desportivo promovido por uma commissão de «sportsmen» em beneficio de athleta portuguez João d'Azevedo (Dentes d'Aço), no qual tomam parte alguns dos nossos melhores amadores. Por especial amabilidade para com o beneficiado e organisado n'esta festa o sensacional «match»-desafio de «box» entre os campeões do Portugal srs. Basilio de Oliveira e Silva Ruivo.

Ao vencedor offerece o beneficiado uma medalha de «vermeil». O programma é o seguinte: 1.º, Força braçal, pelo beneficiado; 2.º, «Jiu-Jutsu», pelo professor Motta Gomes e seu discipulo; 3.º, jogo de pau, pelos srs. Jorge de Sousa, professor, e seu discipulo J. A. Freire de Andrade; 4.º, assalto de espada pelos srs. C. Henriques e Antonio Montez; 5.º, demonstração de «box» pelos srs. José Martins e N. N.; 6.º, combate de «box» pelos campeões srs. Bazilio de Oliveira e Silva Ruivo, debaixo do regulamento da Federação Portugueza de «box», em 6 «rounds» de 2 minutos com um minuto de intervallo; 7.º, acrobatas de força pelos srs. Henriques d'Oliveira e Viriato Rosa; 8.º, força dental, pelo beneficiado.

Eleições supplementares

O apuramento geral no circulo 28

Procedeu-se hoje no salão nobre do edificio dos paços do concelho ao apuramento geral das eleições supplementares para deputados, realisadas no domingo passado para o circulo 28 (3.º e 4.º bairros de Lisboa).

Os trabalhos iniciaram-se ás 9 horas sob a presidencia do sr. João Alberto da Costa Gomes, presidente da camara municipal, comparecendo os portadores das actas, os quaes fizeram entrega das mesmas. Em seguida procedeu-se á constituição da mesa pela seguinte fórma: presidente, João Carlos Alberto da Costa Gomes; escrutinadores, Angelico de Sousa e José dos Santos; secretarios, Armando Augusto da Cruz e Silva e Achilles de Oliveira; supplentes, José Faustino Rebello e Julião da Silva Pinto.

Foram em seguida constituidas as seguintes commissões para examinarem as actas e fazerem o apuramento dos votos: 1.ª Manuel Frazão, Mello Pimentel e João Coelho da Silva; 2.ª Antonio Camillo, Benjamin Pequeno e João Francisco Salazar da Costa; 3.º Almeida Santos, Jacintho Rodrigues Paulo e José Simões Carvalho; 4.ª José Antunes, Adolfo Campos e Antonio da Silva; 5.ª Dario Nevoa, Luiz Bandeira e Victor José de Carvalho; 6.ª José Maria Cabral, Adolfo Gonçalves Fagulha e Antonio Joaquim da Luz; 7.º Egydio Matta, Luiz Lucas e Guilherme Braz.

Estas commissões emittiram, decorrido algum tempo, os seus pareceres, os quaes foram apreciados pela mesa. O resultado das votações, segundo o apuramento, foi o seguinte:

Candidatos: democraticos: Dr. João Catanho de Menezes, 4:061 votos; Albino Vieira da Rocha, 4:120.

Evolucionistas: Manuel Maria Coelho, 1:083 votos; Feio Terenas, 1:081.

Unionistas: Dr. Jacintho Nunes, 895 votos; Alves Roçadas, 844.

Tambem obtiveram votação os seguintes cidadãos: Abel Sebrosa, 51; Firmino Luiz Alves, 9, e Ricardo Covões, A. R. Coelho Magalhães, João Sá, Arnaldo de Carvalho, A. Marques Nogueira, David da Silva, Antonio Maria Abrantes, Miguel Luiz Vieira e José Lopes de Oliveira.

O sr. presidente, em virtude do resultado da votação, proclamou eleitos deputados pelo circulo 28 os srs. drs. Catanho de Menezes e Albino Viera da Rocha e mandou affixar os respectivos editaes á porta da assembleia.

Assistiram ao acto, além do administrador do 3.º bairro, sr. dr. Cau da Costa, e o secretario do administrador do 4.º bairro, em nome d'este, sr. A. Meyrelles, o vereador Manuel Joaquim dos Santos, o chefe da secretaria da camara com os competentes funccionarios da sua repartição.

No final dos trabalhos tambem estiveram nos paços do concelho os srs. vereadores Abel Sebrosa e Rodrigues Simões.

Na 2.ª assembleia de Camões, segundo se verificou, não mencionaram nas actas o numero de votos que obtiveram os candidatos, pelo que, no apuramento, não poude ser contada aquella votação.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21— D. Perpetua que Deus haja.

TRINDADE — A's 11—O dia de juizo (Revista).

POLYTEAMA — A's 21 — A Martyr.

GYMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—La donna è mobile.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.

MODERNO — A's 21 — Sonho Guerreiro—O collar da princeza.

COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21— Recita da moda.—Companhia de circo.

Agenda da semana

SEGUNDA FEIRA—**Eden Theatro**—Festival da centessima da revista **Dominó**—Numeros novos.

Ao correr da pena

Como v. ex.as sabem—se calhar nem déram por isso—na semana ultima levantou-se, n'um certo meio de artistas theatraes, uma celeuma horripilante contra o meu intimo amigo André Brun. Varios Praxedes das minhas relações teem vindo indagar das causas do succedido e eu explico-lhes:

—Corre no mundo dos bastidores a versão de que escrevi um artigo n'esta mesma secção em que dizia não haver artistas em Portugal. Como muita gente de vista curta nos confunde, eu Cyrano, critico com André Brun, auctor dramatico, por sermos muito parecidos e vestirmos sempre de egual, d'ahi provem a berrata contra elle.

Pois você escreveu que não havia artistas em Portugal?—perguntam elles.

—Não, e ahi é que está justamente a pilheria do caso. Leiam A Capital *de 8 do corrente e verão que n'esse artigo em que alludia a varios collaboradores do theatro, nem sequer falei em artistas. Ha mais: tendo-me referido explicitamente a alguns theatros onde se explora o genero de apparato, que exige a collaboração de mestres de baile, electricistas, costumiers, etc, o protesto parte de alguns theatros de declamação... Não é patusco?*

—Ah! Mas n'esse caso tem havido com certeza equivoco ou má fé...

—Má fé? Não diga tal. Pode lá haver má fé no meio do theatro! Houve um pequeno equivoco, uma ligeira confusão, que se esclarecerá no primeiro ensejo e quando valha a pena fazel-o.

Cyrano

Primeiras representações

NACIONAL — **D. Perpetua que Deus haja**, peça em quatro actos, de V. Chagas Roquette

Com manifesta vantagem para o exito da peça, bem podiam ter sido condensados em trez os quatro actos da comedia-farça, ou como melhor deva chamar-se-lhe, agora representada no primeiro dos nossos theatros de declamação. Chagas Roquette, porém, quiz, evidentemente, dar-nos um interior de provincia á hora do serão, quando as damas se entreteem com o crochet e os bordados e os homens jogam a sua manilha ou o seu voltarete. D'ahi, o segundo acto, que nos pareceu tanto menos necessario quanto é certo ser o mais frouxo e poderem distribuir-se pelos restantes as laracha que o esmaltam—já que ellas, embora muitas com cabellos brancos, constituem a substancia de «D. Perpetua que Deus haja...»

Syntetisando factos, na peça de Chagas Roquette correm parallelas uma vaga intriga de amor, em que a nota sentimental é levemente ferida, e as diligencias que os risonhos paes de uma menina habilidosa e casadoira empregam para lhe arranjar marido. O caso sério resume-se na paixão romantica de um moço engenheiro por uma miss com costela portugueza e que vem a ser sua mulher, assim que se desfaz certo pequeno equivoco que, por pouco, não origina uma tragedia. O caso burlesco, e que occupa o primeiro plano, consiste na busca d'um noivo conveniente, sob o aspecto da situação economica, para a prendada joven, eximia em manipular flôres de cabedal e de escamas de corvina, filha unica d'um major reformado e de sua consorte, á qual a menina faz constantemente signaes para que não diga asneiras. Este casamento realisa-se tambem, — não com um sensato inglez, camarada do engenheiro e que flartava com a moça, mas com um inconcebivel poetastro, a quem o destino reservou a fortuna de uma tia, arrancando-o assim á miseria d'um amanuensado e á permanente pancadaria que lhe applica um robusto mestre-escola.

Com tudo isto, pretendeu Chagas Roquette, cujo humorismo litterario apreciam de ha muito os leitores de «A Capital», erguer as caricaturas de typos nossos, alguns dos quaes já desappareceram, se é que existiram, ou foram de tal maneira exaggerados pelo jocoso comediographo que se prejudicou o effeito que elle talvez assignalasse em mente. O poeta futurista é um exemplo.

Na propria peça lhe chamam cretinoide e imbecil, a esse acabado modelo de idiotia, a quem a toda a hora, o professor primario, bem fornido de musculos e de cavallo marinho, apezar dos seis mezes de atrazo no pagamento, enche de bordoadas e cobre de pontos de adhesivo. E' tão assombrosamente parva a personagem que inspira mais a repulsão do que provoca a gargalhada, mas—uma vez legatario de D. Perpetua, sua tia—eil-o que, no quarto acto, chega a ter espirito, como se os herdados papeis de credito operassem n'elle o milagre de lhe dar algum juizo!

Outra figura, excessivamente grosseira, e tambem contradictoria pelo que se refere á pratica de solecismos e de necedades, é, sem duvida, o major reformado que diz «alembras-te» e, do mesmo passo, fala de «hermeneutica» e que á «agua de Janos» chama «agua de jejum»—porque se toma antes de almoço. A caserna estará longe de ser uma academia da lingua; custa admittir, porém, que um official tarimbeiro, por muito rude, fique tão inculto que, mesmo caricaturalmente, se approxime do moinho de syllabadas que é o major de Chagas Roquette e para quem ha apenas uma attenuante: a convivencia da esposa que o excede em destemperos de vocabulario e de modos. Existiria como typo: pôl-o em scena hoje equivale a fazer obra retrospectiva ou a ser, como auctor theatral, um retardatario.

As personagens de «D. Perpetua que Deus haja», sobre que incidem as attenções do espectador, são precisamente estas e as que se recortam por semelhantes moldes e não as que com visos de realidade se movem na comedia, como o engenheiro, o seu amigo inglez, a miss, o medico, o prior, as servas... São os ditos e não as situações que procuram despertar o riso, mas cumpre confessar que Chagas Roquette, perfilhando não poucos demasiado conhecidos, desvalorisou o seu trabalho, em que desejariamos verificar mais firmeza de technica e tambem mais verosimilhança no grotesco. O caricato não exclue o verdadeiro e a farça, porque o é, não dispensa a sciencia de composição que outros generos requerem e que em varias scenas da sua peça, nomeadamente nos dois ultimos actos, Chagas Roquette patenteia. Resta-nos accentuar, para que se não tome á conta de malevolencia o nosso silencio, que em «D. Perpetua que Deus haja» o humorista se affirmou em felicissimas phrases, algumas d'ellas deliciosos achados, que fazem rir sem esforço. Quem assim dispõe de graça propria devia escrupulisar no aproveitamento da alheia e que já perdeu todo o encanto da novidade.

No desempenho salientaram-se a eminente Lucinda do Carmo, extraordinaria actriz, que encarna á maravilha a melhor figura da comedia, a mulher do major; Joaquim Costa, um consagrado comico; Augusto de Mello, que fez um adoravel prior; Ignacio Peixoto, que nos deu uma versão do Mora do «Amor á antiga», de Augusto de Castro, em valentaço; Luiz Pinto, que buscou realisar o typo do inacreditavel poeta: Maria Pia, encantadora na velha creada, que dir-se-hia antes uma linda avó fidalga, se não fosse a scena de descompostura entre ella e outra serva,—tanta distincção natural possue a illustre actriz e tão difficilmente a encobre. Carlos Santos, Henrique de Albuquerque, Pato Moniz, Laura Cruz, Isabel Berardi merecem tambem uma menção particular, se bem que o ponto não deva ser esquecido, tamanha boa vontade demonstrou em avivar a memoria de alguns d'esses distinctos artistas.

Chagas Roquette e os seus interpretes foram chamados e applaudidos.

Avelino de Almeida

Boatos e informações

Entre nós

Na peça de Ruy Chianca «Nun'Alvares» que será representada esta epocha no Republica, o principal papel será desempenhado pelo actor Brazão. A peça do mesmo auctor «A Feira de Beja» entregue no Nacional, terá como principaes interpretes Laura Cruz e Henrique Albuquerque.

—No Nacional subirá á scena esta epocha uma peça de Vicente Pindella, cuja acção se passa em Coimbra.

—A peça «O cardeal», que veremos este inverno em portuguez, n'uma traducção de João Soller, está sendo representada em Hespanha por nove companhias diversas.

—E' posta em scena com todo o esmero a operetta em 3 actos de costumes populares *Os varinos*, que na proxima sexta feira sobe á scena no Salão-Theatro de Variedades, em festa da gentil actrizinha Maria Thereza, que tem na peça um *travesti*. O scenario é do Alberto d'Almeida, um novo que se está evidenciando, e os *costumes* são confeccionados expressamente pelo guarda-roupa Democratico. A musica é original do festejado maestro Del-Negro e a peça de Raphael Ferreira foi agora arranjada para a companhia infantil do Variedades, ficando no emtanto com tudo quanto justificou o seu exito de ha 11 annos.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Fóz, Paradis, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na calçada da Estrella, Salão Lisboa.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

CONCERTO NO PORTO

O barytono portuguez D. Francisco de Sousa Coutinho, que ha annos não canta no Porto, firmou contracto para tomar parte n'um concerto que deve effectuar-se n'aquella cidade no proximo mez, antes do Natal.

VIAGEM DE VINICULTORES

A' firma Carvalho, Serra & Commandita, proprietaria da quinta do Conde, em Almada, foi apresentada pelo sr. Joaquim Ferreira dos Santos uma commissão de vinicultores, que anda em viagem de estudo, aos quaes, no fim da visita, foi servido um copo d'agua.

LUTUOSA

Falleceu o sr. Francisco Lille da Silva, realisando-se ámanhã, pelas 14 horas, o seu funeral, que sahirá do Rocio, 108, 3.º, para o cemiterio oriental.

PEQUENAS NOTICIAS

Para juizo seguiu hoje Maria do Carmo, residente na Quinta da Pilada, aos Olivaes, que abandonou um seu filho de 7 mezes, de nome José, n'um barracão da referida quinta. Interrogada, confessou ter commettido o abandono e ter fugido para Lisboa a fim de procurar trabalho como creada de servir. Recolheu ao Aljube sem fiança.

—Ha tempos um grupo de individuos residentes na Charneca de S. Bartholomeu assaltou em plena estrada, já de noite, o capitão do estado maior sr. Mario de Campos e sua esposa, quando se dirigiam para sua casa. Alguns foram presos e já se encontram no Limoeiro, tendo o juiz do 2.º juizo de investigação criminal passado mandados de captura contra o principal cabecilha. Os guardas n.os 634, 346, 755 e 1323, ao serviço da 1.ª secção, seguiram hoje para aquella localidade e depois de aturadas diligencias conseguiram deitar-lhe a mão, trazendo-o para o governo civil, onde declarou chamar-se Eduardo Fernandes. Deve ser ámanhã enviado para juizo.

Ultimas noticias

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 28.—Communicação official das 15 horas:

A noite foi agitada no Artois, havendo combates de torpedos e granadas no fortim de Givenchy. Na região entre Reclincourt e a herdade de Chantecler, ao norte do «Labirinto», o inimigo depois de ter feito explodir uma mina deante de uma das nossas fortificações, lançou uma companhia a um ataque violento.

Travou-se combate que terminou com vantagem para nós; o inimigo não conseguiu alcançar a nossa trincheira, limitando-se a occupar a excavação formada pela explosão da mina. No resto da linha não ha nada a assignalar. No dia de hontem os nossos aviões lançaram nove granadas de 90 na gare de Noyon e obrigaram dois balões captivos a descer.

Esta manhã, a nordeste de Thezey Saint Martin, na região de Pont á Mousson, um dos nossos encarregados da caça ao inimigo, fez descer um avião allemão que foi cahir nas linhas inimigas.—*(Havas)*.

Seguros de Guerra

A Companhia **Ultramarina**, rua da Prata, 108, 1.º, auctorisada pelo governo, toma seguros de mercadorias e navios para todos os portos contra os riscos de guerra.

Nota politica

Ainda a sessão de hontem—A crise ministerial

Na questão prévia apresentada hontem na Camara pelo sr. dr. Antonio Fonseca não se estranhava a ausencia do governo mas sim «a ausencia do sr. presidente do ministerio». Convem fazer este esclarecimento, visto que as considerações d'aquelle deputado visavam apenas o sr. dr. José de Castro, isolando-o dos seus restantes collegas do gabinete, nas responsabilidades directas e exclusivas dos factos que apontou á condemnação da Camara. Esta, approvando a primeira parte da questão prévia, affirmou bem claramente o seu desejo de ver effectivado um principio democratico, que é, ao mesmo tempo, uma garantia dos direitos parlamentares:—o dos governos prestarem ao Congresso contas dos actos que praticam, principalmente quando entendam, como no caso presente, que ao Congresso, compete pronunciar-se sobre a sua sahida das cadeiras do poder.

Já hontem frisámos a impossibilidade de se constituir um governo de concentração, dada a attitude manifestada na Camara pelos representantes dos partidos evolucionista e unionista. Essa attitude foi depois confirmada nas «démarches» que o chefe do Estado realisou para solucionar a crise, procurando obedecer ás indicações expressas na moção que a Camara approvou. Em vista d'isso, o sr. dr. Bernardino Machado confiou a organisação do gabinete ao sr. dr. Affonso Costa, que logo de manhã se avistou com varias personalidades politicas. A' tarde effectuou-se em sua casa a reunião dos membros do Directorio com a commissão eleita na ultima assembleia do grupo democratico. A' hora a que escrevemos, 19 horas, ainda essa reunião continua, nada se sabendo de positivo sobre a constituição do gabinete.

Sociedade Protectora dos Animaes

Por passar hoje o 40.º anniversario da fundação da benemérita Sociedade Protectora dos Animaes esteve exposto ao publico o museu dos objectos que teem sido apprehendidos aos carroceiros, que serviam para maltratar os animaes.

Foi ali grande numero de pessoas, inscrevendo-se muitas como socios.

NOTAS DIVERSAS

Embora se continue a fallar com insistencia na penalidade que vae applicada ao sr. Euzebio da Fonseca, é prematuro tudo quanto a tal respeito se diga, visto que o conselho disciplinar ainda não entregou o seu relatorio ao ministro.

Conservatorio de Lisboa

A' sessão de hoje constituiu uma verdadeira festa de arte

Realisou-se hoje no salão de concertos do Conservatorio a sessão solemne para distribuição de premios e abertura de aulas, cumprindo-se á risca o programma que hontem publicamos. Foi uma verdadeira tarde d'arte em que a escolhida e distinta assistencia teve occasião de ouvir e applaudir verdadeiras vocações artisticas. No desempenho do programma é de toda a justiça salientarmos o 2.º e 3.º numeros: *Scherzo*, de Arensky e *Prelude* de Rachmaninoff, executado ao piano pelo alumno Varella Cid Junior, que foi admiravel; e *Alla Polacca* de Scharwenka, violino, pelo alumno Antonio Cabral, egualmente de optima execução. Todos os demais executantes procederam, aliaz, de maneira a provocar os mais calorosos e justificados applausos.

A' sessão presidiu o director sr. Francisco Bahia, secretariado pelo sr. Ribeiro de Carvalho, sendo distribuidos os diplomas aos alumnos que terminaram o curso srs. Alberto João Fernandes, Armando Gomes, Arthur Fernandes Fão, Julio da Conceição Almada, Zilda Ribeiro, Paulo dos Santos Manso e Antonio Fernando Ribeiro Cabral.

Por melhor terem cultivado as aulas accessorias, como musica de camara e orchestra, obtiverm subsidios monetarios os seguintes alumnos:

Gilberto Simões Bonejo, Americo Victal Taveira, Carlos Alberto da Silva, Julio Mendes Canhão, Jayme da Silva, Arthur Fernandes Fão, Mario Luiz de Mello, Umbelina da Silva Salgueiro, Maria Antonia Amorim, Zoraida C. Pery de Linde de Abreu e Oliveira, Francisco Ferreira da Costa, Etelvira A. Perdigão Cesar, Maria Nunes Ribeiro, Preciosa Lucilia Douwens, Abilio da Conceição Meyrelles, Magdalena Alice André, Fernando F. da Costa, Humberto V. V. Franco, Antonio Fernando Cabral, Paulo dos Santos Manso, Raul Ribeiro da Costa, Sarah da Conceição Affonso, Alda da Cruz Caldeira, Angela Ermelinda Fonseca, Antonio de Campos Felizes, Emilia Leiria, Helena Peres Fernandes, Augusto Nunes da Silva, Sarah Olga Lima Simões, Maria Romero Iglezias, Armando José Estorninho, José Martins de Sousa, João Nunes da Silva Almeida, Albertina Horta Peres, Alzira C. Santos Correia, Lidia Isaura Provença Cutileiro, Sarah d'Assumpção de Sousa, Maria Candida da Cruz Branco Ferreira, Justina Maria de Sena Magalhães, Maria Clotilde Monteiro Tovas, Alda Ramos Guerreiro, Joaquim Pacheco Moreira, Maria Cazimira da Luz, Maria de Deus Pinto Gonçalves, José Pinto Tavares, Leonel Duarte Ferreira, Delphina Cruz, Lidia Benard, Maria Antonia Bureau, Irene Teixeira, Maria Violetas Aguas, Alda Felismina Gomes, Herminio José do Nascimento, Armando Gomes, Alberto Fernandes, Armando Fernandes, Accacio Faria, Marcial Norberto da Silva Rodrigues, Julio Almada.

Ao abrir-se a sessão, o sr. Francisco Bahia, pronunciou as seguintes palavras:

«Nos termos do respectivo diploma regulamentar, effectua-se hoje a sessão solemne da abertura das aulas e a distribuição de premios na Escola que tenho a honra de dirigir. Agradeço a presença de tão distincta assistencia e peço licença para preceder d'algumas palavras a festa escolar que hoje aqui se realisa.

O papel dos Conservatorios no quadro da instrucção especial dos grandes paizes cultos, está hoje bem definido e determinado. N'estas instituições se promove, não só o ensino da arte da musica nas suas multiplas formas, mas tambem a cultura do gosto publico, pela lição constante da belleza. Crear artistas e educar o publico: eis a missão que sobre os Conservatorios impende e de que procuraram desempenhar-se o melhor que puderam o director e o corpo docente d'esta escola no anno lectivo de 1914-1915. Para bem cumprir essa missão, precisam os Conservatorios das necessarias condições materiaes: installação, dotações, professorado, pessoal. A historia da minha gerencia desde o anno de 1911, em que tive a honra de ser nomeado director d'esta escola, resume-se na serie ininterrupta de providencias por mim adoptadas para conseguir, para o primeiro estabelecimento musical do paiz as indispensaveis condições de desenvolvimento material, que são a base de todo o progresso artistico.

Seria longo reeditar n'estas palavras o que acabo de expôr ao ex.mo sr. secretario geral do ministerio de instrucção publica no meu relatorio recentemente publicado. Em virtude dos esforços que tenho empregado para collocar a Escola de Musica á altura da sua missão, as dotações consignadas no orçamento geral do Estado a este ramo de instrucção publica subiram de quatorze a vinte e um contos; o pessoal escolar foi augmentado; o quadro do professores enriquecido com as competencias musicaes de Arthur Trindade, Aroldo Silva, Adriano Merea, Angelique de Beer Lomelino, David de Sousa e D. Carolina Palhars; crearam-se as Bolsas de Estudo,—o mercê do apoio que me foi concedido pelo governo e pelo Parlamento, melhoraram-se as condições materiaes e assegurou-se o progresso artistico da escola que por livre escolha do mesmo governo fui chamado a dirigir. D'isso justamente me orgulho, com a consciencia tranquilla do dever cumprido. Seja-me permittido agradecer ao illustre relator do orçamento do ministerio da instrucção, a coadjuvação efficaz que me prestou, aos srs. professores o seu zelo, a sua diligencia e a sua competencia na administração do ensino; aos alumnos, nossos companheiros de trabalho, a sua assiduidade e a sua disciplina.

Vão ser distribuidos os premios escolares. Que esta solemnidade, pelo seu alto significado pedagogico, sirva de incentivo e de estimulo não só aos alumnos que são premiados hoje, mas áquelles que o serão ámanhã».

INTERESSES DE CABO VERDE

A PECUARIA

Não é demais repetir que a pecuaria de Cabo Verde, não será nada emquanto fôr o que nós aqui temos dito. E' evidente que esta industria é uma das mais rendosas, ainda que exercida pela fórma que se exerce, mas, um anno de falta de chuvas basta para que morra todo o gado, e ainda os seus donos fiquem endividados. N'esses annos, os creadores do gado, offerecem metade que escape á morte pela fome, a quem se encarregue de os alimentar, havendo pouco quem acceite o bom negocio, desde que importe alimentos, por não saberem como fazel-o. N'isto como no resto, reconhece-se á grande maioria dos creadores, absoluta incompetencia de se defenderem pelo mutualismo: n'estes termos impõe-se a intervenção do Estado que receberá dos creadores uma taxa de registo pequenissima, uma taxa de capitação tanto maior quanto mais perniciosa seja a acção de determinada qualidade de gado, e finalmente as taxas de pastagem. Em troca d'isto o Estado velará pela colheita e conservação dos fenos, pelo desenvolvimento das fontes, pela escolha de reproductores, pela compra e venda de toda a especie de gado, pelo respeito da propriedade particular, emfim por tudo quanto possa ser um melhoramento da pecuaria, e sem duvida o esforço empregado pelo Estado seria muito maior que o que os creadores fariam. Cá nos apparece, a ideia da Junta dos Melhoramentos da Agricultura e da Pecuaria, com tudo quanto tem de grandiosa, embora o seu largo alcance não fôsse reconhecido por quem de direito.

Atire-se com o facciosismo para longe, que se reconhecerá immediatamente o espirito progressivo do legislador: deixemo-nos de esterilismo; poucas providencias teem sido dadas a Cabo Verde como esta. E' logica, é necessaria, é util. Pedia-se muito menos, do que se tinha a fazer. Mas, muitos que nunca pagaram ao Estado um ceitil pelo gado que creavam e de que auferiam largos proventos, creado o gado nos terrenos do proprio Estado, não podiam admittir que alguma coisa passassem a pagar: de ahi, a reacção feroz, correspondendo á acção altruista, sincera, progressiva e patriotica. Reconheceu-se o mal que residia no desconhecimento dos creadores por sciencia, e antepoz-se o unico antidoto conhecido, o mutualismo por assim dizer obrigatorio, sob a tutela do Estado.

Não haverá outra coisa que fazer para que se cumpra a lei, senão pôr em vigor o regulamento de policia e sanidade do gado, que nós elaboramos de accordo com o veterinario da provincia, sem que se altere uma virgula, para que tudo quanto se regulamentou se cumpra, por isso que tudo tem justificação, tapando os alçapões aos exploradores e aos trangressores de officio.

Resta-nos fazer uma pequena referencia ás doenças do gado. Ha muitas doenças que se desenvolveram recentemente, devido á importação do gado de Dakar. A mosca que produz um verme que se desenvolve no estomago do boi e do cavallo, matando-os em pouco tempo, veio no gado de Dakar. Apesar de se saber que as capsulas de sulfureto de carboneo são o melhor remedio, a sua applicação é ainda muito restricta. Vem a seguir o carrapato que tomou conta dos rebanhos de varias ilhas, e que é perigosissimo pelos males infecciosos que produz principalmente nos bovinos. Os tratamentos arsenicaes, sendo perigosos, não foram ainda tentados. Pensou-se em fazer na Praia um tanque de desinfecção que não sabemos se foi ávante. Todavia, o parasita que já assola varias ilhas, é difficil de destruir dada a despreocupação que houve nos primeiros annos, em se evitar a sua propagação.

A sarna ataca tambem toda a especie de gado, vivendo livre de incommodos. Tem-se dito e repetido nos jornaes officiaes qual a melhor fórma de tratamento contra a sarna, sem que comtudo se lograsse ver seguidos esses tratamentos. A sarna, conhecida vulgarmente por coceira, victima milhares de cabeças de gado de todas as especies, em cada anno.

Finalmente, a cistercicose porcina e a cenurose carina fazem tambem bastantes victimas.

Tem a provincia de Cabo Verde, um unico funccionario veterinario. Homem sabedor, activo e sem que se poupe a trabalhos, tem feito muito pela melhoria da sanidade pecuaria do archipelago: mais faria se trabalhasse independentemente da repartição de agricultura, que faz a perniciosa centralisação de serviços. Como Cabo Verde tem nove ilhas, comprehende-se que o que de bom se faça n'uma não chega ás outras. E' o caso. Tal funccionario tendo como tem, a seu cargo, todo o archipelago, será util á provincia se desenvolver os serviços a seu cargo em varios pontos ao mesmo tempo, embora modestos. Centralisar, não vale, porque é perder tempo inutilmente. Se a Junta dos Melhoramentos tivesse querido, como tem commissões em todos os concelhos, já podia ter tentado, fosse o que fosse, para a melhoria da pecuaria, do archipelago, aproveitando a actividade e intelligencia do veterinario.

Nada tem feito, o que desgostará a esse funccionario, e um dia, farto de ver desaproveitada a sua competencia, fugirá de Cabo Verde, como tantos outros, que reconhecem não ser a intelligencia e o trabalho uma recommendação muito attendivel n'esse malfadado archipelago, onde a incompetencia para muitos, tem sido a fortuna. Voltas que o mundo dá, e que nós... não comprehendemos.

Armando Xavier da Fonseca

major Roberto Baptista, Pereira da Silva, official da armada, etc.

O respeito á bandeira

Um grupo de patriotas e de republicanos aproveitará o 1.º de Dezembro, dia da Independencia da Patria e da festa da bandeira, para espalhar umas folhas soltas ao alcance dos menos lettrados nas quaes dirá ao povo que faça respeitar sempre a bandeira quer ella seja a da Patria, symbolo da terra-mãe de todos nós, quer seja a dos regimentos, symbolo da gloria e dos sacrificios de milhares de defensores da nação. Aconselhará a que se evite a bandeira em tabernas, barracas, casas de jogo, de toleradas, de penhores, nas mãos de garotos, d'embriagados, de mascarados, em pantomimas rebaixadoras, etc. O mesmo respeito se pede para o hymno nacional e terminará dizendo que uma sociedade só é digna quando é respeitadora dos bons costumes e que a liberdade não é cada um fazer o que quer, mas sim o que deve.

No boudoir

Os cabellos

Teem-me escripto algumas senhoras pedindo-me que escreva sobre o mais precioso adorno natural da mulher: o cabello.

Vou tentar satisfazer o melhor que me é possivel esse desejo.

Effectivamente o cabello é indispensavel, inteiramente indispensavel á belleza feminina.

Um homem calvo póde ser interessante, bello até; mas uma mulher calva!...

Imaginae, minhas amigas, o vosso rosto gentil desprovido, inteiramente desprovido da encantadora moldura que os cabellos lhe formam!

Que horror!

Os cabellos foram sempre considerados indispensaveis á esthetica feminina. Na antiguidade as viuvas cortavam os cabellos, as suas bellas tranças, sobre o tumulo dos seus defuntos esposos. Ainda hoje a mulher hindu rapa completamente a cabeça logo que enviuva e assim se conserva até ao fim da vida visto que o segundo casamento não lhe é permittido.

As hebreias cobriam a cabeça de cinza como manifestação de desespero e de penitencia. Os athenienses juravam sobre as formosas e luxuriantes tranças das suas mulheres. Os romanos pagavam por metade do preço as escravas calvas.

Hoje ha facilidade em remediar a calvicie porque se fazem cabelleiras perfeitissimas; mas ha lá artificio algum por mais perfeito que seja, que substitua bem o dom natural? Certamente que não.

O que é necessario, pois, é luctar contra a calvicie, luctar encarniçadamente contra os inimigos do cabello.

D'estes inimigos o principal é a caspa.

Ha immensa diversidade de caspa e por este motivo os remedios não pódem ser os mesmos para todas.

E é esta a causa por que uma determinada loção, pomada ou tonico capilar de grande fama, tendo feito um bem extraordinario a B. o não fez a C.

Mas agora vejo... Tenho estado a tagarelar, a tagarelar e ainda não a vos indiquei para cuidardes dos vossos cabellos.

Tranquillisae-vos. Não me esqueço. Continuarei na proxima semana.

Maria Conti

Julinha: Não espere, minha amiga, assistir a tratamentos espectaculosos e complicados. O meu «systema» é muito simples—o que não quer dizer que deixe, por isso, de ser efficacissimo. E'-o. Aquellas das minhas amigas e leitoras que d'elle se teem utilisado pódem attestar sinceramente a verdade do que affirmo. E creio que a minha amiga rejuvenescerá 10 annos, pelo menos, tratando-se pelo «meu systema». Experimente.

M. C.

Mimi Pinson: O «creme labial Pompadour» é excellente: imita perfeitamente o tom natural do vermelho dos labios e actua favoravelmente sobre o seu estado dando-lhe rigeza e tornando-os macios.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Grupo Mocidade Republicana

Reuniu hoje no Centro Escolar Republicano Henriques Nogueira, pelas 15 horas, o Grupo Mocidade Republicana, para discutir varios assumptos.

Deu posse á nova commissão administrativa o sr. Carlos Cazales, que propoz para ser nomeada uma commissão para falar com o sr. Ruy Metello.

PEQUENAS NOTICIAS

Pelo guarda civico 485, destacado em Santarem, foi encontrado cahido sem fala, um individuo de nome Manuel Ferreira Mergalho. Conduzido ao hospital de S. José, ficou na enfermaria 8. Parece tratar-se de uma congestão.

—No banco do hospital receberam curativo: João Ferraz, serralheiro mechanico, morador na rua de Santo Amaro á Estrella, 63, 2.º, que na fabrica Parry & Son, da rua 24 de Julho, foi colhido por um ferro, ficando muito ferido no olho direito, e José Ferreira, morador na travessa do Bahuto, que cahiu a bordo do vapor *Cabo Verde* da altura de 10 metros, ficando muito contuso.

Movimento maritimo

B. e R. Prata «Gelria» (de Amesterd.)	29
R. J., Sant. e R. P., «Hudsen (de Liv.)	30
Vigo e Bilbau, «P. de Satrust. (de C.)	1
Liverp., etc., «Oriana» (do Brazil)......	1
Braz., R. Prat. e Pac., «Oronsa» (de Li)	1
Africa or., via Madeira, etc., «Beira»...	1
Brazil e R. Pra., «Darro» (de Liverp)..	2
Amsterdam, etc., «Frisia» (do Brazil)..	2
Ceylão, Manilla, etc., «Legaspi».........	2
Africa oriental, «Orator» (de Liverp).	3
Pará e Manaus, «Huayna» (de Liverp.)	4
Pernambuco, etc., «Traveller» (de L.).	4
Archipelago dos Açores, «Funchal»....	5

Pela instrucção

Nos Centros 27 d'Abril e Social da Pena está aberta a matricula para a aula nocturna que deve começar a funccionar na proxima quinta feira.

Colyseu dos Recreios

E' a ultima semana da exhibição d'*O sonho tragico*. Cheio de inedito e de imprevisto, com um entrecho delicado em que subtilmente foi introduzido um conceito moral, *O sonho tragico* dá sempre motivo a grandes ovações para os artistas que o desempenham, mercê do seu trabalho correctissimo.

A estreia dos Adelphis, hontem realisada, não podia ser mais auspiciosa. Os difficeis e excentricos equilibrios dos dois artistas arrancaram applausos calorosos, succedendo o mesmo com a reapparição de mesdemoiselles Marguerite e Flora, notaveis equilibristas em escada oscillante.

A'manhã, segunda feira, espectaculo da móda, dedicado á sociedade elegante.

Festas associativas

União Christã da Mocidade

Promovido pelas Uniões Christãs da Mocidade, masculina e feminina: realisa-se na proxima quarta feira, em favor da obra d'estas sociedades educativas, um bazar de prendas, havendo duas sessões; a primeira das 15 ás 18 horas e a segunda das 20 ás 22.

O 1.º de Dezembro

Na Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1

Sob a presidencia do sr. ministro da guerra, realisa-se na proxima quarta feira, na séde d'esta Sociedade, a festa commemorativa da restauração de Portugal.

A direcção convidou a assistirem a essa festa as seguintes entidades officiaes: general commandante da 1.ª divisão, presidente do Sporting Club de Portugal, general Correia Barreto, director do Arsenal do Exercito, inspecção d'infantaria da 1.ª divisão, commandantes dos regimentos da guarnição de Lisboa, commandantes da guarda republicana e da policia civica, presidente da camara municipal, capitão de fragata Manuel Eduardo Correia, major general e chefe do estado maior da majoria general da armada, commandantes dos navios de guerra, general Judice da Costa, 1.º e 2.º commandantes do corpo de marinheiros, coroneis Roçadas e A. Silveira, major d'infantaria Candido Gomes, F. Botto Machado, tenente J. Pinto Vieira, governador civil de Lisboa, major M. Guerra, capitão Mathias de Castro,

ministerio da guerra. O governo inglez tinha já em seu poder planos minuciosos para um ataque aos Dardanellos. Esses planos, elaborados em tempo de paz pelos estados maiores de todos os paizes, eram cuidadosamente feitos e previam uma operação naval apoiada por outra feita por terra. Esses planos não foram aproveitados nas primeiras operações, por motivos que se não tornaram publicos.

A opinião das auctoridades navaes britannicas, que deve ter tido grande pezo, referia-se principalmente á possibilidade d'um ataque naval, pois que, se assim não fôsse, nunca elle teria sido tentado, embora se não deixasse de contar com a probabilidade de grandes perdas.

A opinião das auctoridades de marinha devia tambem ter sido influenciada pelo facto do almirantado ter ao seu dispôr um numero consideravel de navios que, em razão da sua inferior velocidade e armamento, não podiam tomar parte na linha de batalha d'um moderno combate naval. O almirantado francez estava em condições identicas. Mas depois de muitos d'esses velhos navios terem sido perdidos, algumas das auctoridades navaes começaram a dizer que os alliados não deviam desfazer-se tão rapidamente d'esses navios.

Ainda outros motivos contribuiram para levar ao ataque dos Dardanellos. Um d'elles era o da Gran-Bretanha estar accumulando uma grande força no Egypto, que havia repellido com facilidade um ataque ao Canal de Suez e estava cahindo em inacção. Foi feita a pergunta: «Porque a não mandam para os Darnellos?»

De novo se manifestou a tendencia de affirmar que as operações britannicas por terra não correspondiam á magnitude do esforço nacional. No fim de 1914, as forças britannicas em França e na Flandres occupavam uma fronte de mais de quarenta e oito kilometros de extensão, e não faziam progresso algum. Porque não se havia de tentar uma diversão em qualquer outra parte?

Varios pontos d'um ataque possivel foram indicados, mas os Dardanellos pareciam o mais accessivel de todos. E é certo que o vago desejo de vêr a Inglaterra ferir um grande golpe por si só n'um ponto por ella escolhido predominou tambem.

Os Dardanellos, que na antiguidade tinham o nome de Hellesponto, são o comprido e estreito canal que põe em communicação o mar Egeu com o de Marmara, dando assim accesso á capital da Turquia.

Desde 1841, por um tratado assignado por todas as grandes potencias, os Dardanellos não pódem ser atravessados sem licença da Turquia. Sob o ponto de vista geologico o canal é, como o estreito do Bosphoro—entre Constantinopla e o mar Negro—o leito d'um rio que desappareceu. Tanto os Dardanellos como o Bosphoro foram primitivamente braços de rios em que penetrava o mar. As praias dos Dardanellos são formadas, do lado europeu, pela comprida e montanhosa peninsula de Gallipoli e do lado asiatico pela costa da Asia Menor.

A extensão dos Dardanellos é avaliada em quarenta e sete milhas, mas a parte que realmente se póde denominar estreito, estendendo-se da cidade de Gallipoli ao mar Egeu, conta trinta e trez milhas. Essa passagem em ponto algum attinge mais de seis kilometros e meio de largura e n'um ponto pouco mais tem de um kilometro.

Não ha canal algum no mundo que melhor se preste a ser defendido. A profundidade no seu meio varia de 25 a 55 pés. N'algumas das suas bahias ha baixios. A corrente nos Dardanellos dirige-se para o mar Egeu com a velocidade de 1,5 nós, que algumas vezes se torna maior, principalmente quando sopra com força o vento do norte. Não ha corrente do Egeu para o mar de Marmara, devido ao grau de salinidade da agua do Mediterraneo comparada com a do mar Negro. A corrente, por isso, favorece immenso os turcos quando elles lançam mi-

...nhar as operações navaes com operações militares e os transportes, compostos de unidades francezas e inglezas, estavam já concentrados proximo dos Dardanellos quando o general sir Ian Hamilton, que havia sahido da Inglaterra com o seu estado maior poucos dias antes, chegou a Tenedos a 17 de março para assumir o commando supremo das forças de terra.

Sir Hamilton esperava começar as operações immediatamente, mas os transportes não estavam em condições, pelo que tiveram de ir a Alexandria, perdendo-se assim um tempo precioso, visto que o ataque por terra teve de ser addiado.

O almirante de Robeck, que assumira o commando das esquadras alliadas, resolveu por isso dar um outro ataque naval sem ser apoiado. Pouco antes do meio dia do dia seguinte, 18 de março, tres divisões penetraram uma apoz outra no estreito e avançaram, bombardeando vigorosamente os fortes.

A' tarde, dois navios inglezes, o «Irresistible» e o «Ocean», e um francez, o «Bouvet», tinham ido a pique por haverem batido em minas morrendo a maior parte da tripulação do ultimo. Dois outros, o «Gaulois» e o «Inflexible», tinham soffrido sérias avarias, no primeiro produzidas pelo fogo da artilharia, no segundo por uma mina. A tentativa para forçar a passagem só por meio dos navios tinha falhado e não foi depois d'isso recomeçada.

O primeiro ataque por terra e por mar foi dado a 29 d'abril. Mais de cinco semanas tinham sido perdidas e os turcos e os seus conselheiros allemães haviam empregado esse intervallo em fortificarem as defezas do estreito. A força expedicionaria de terra consistia em tres corpos d'exercito, ao todo uns 120.000 homens, embora só parte estivesse presente no primeiro desembarque. Essa força incluia as divisões australiana e neo-zelandeza, a real divisão naval, uma divisão de territoriaes britannicos, grande numero de tropas indias e uma divisão franceza composta de grande numero de soldados do exercito colonial francez e de marinheiros.

Sr Ian Hamilton atacou ao romper do dia em diversos pontos da peninsula de Gallipoli, emquanto os francezes faziam uma demonstração na costa da Asia.

Lord Kitchener, sahindo do ministerio da guerra

Ao cahir da noite, algum terreno havia sido conquistado nas praias escolhidas, depois de feitos de extraordinario valor. Mas o ataque não dera os desejados resultados. A elevação de Achi Baba, que devia ter sido tomada, não havia sido conquistada, nem sequer d'ella se haviam approximado. Os turcos demonstraram estar em muito maior força do que anteriormente e resistiram valentemente.

A armada esteve n'um bombardeio constante, mas poude prestar apenas um limitado auxilio. A força atacante empregada no primeiro dia de operações foi de cêrca de 60.000 homens. As tropas levaram a cabo um feito que muitos technicos consideravam impossivel. Apezar de tudo, desembarcaram com facilidade e conquistaram terreno que conseguiram reter. Não podiam fazer mais,

Francisco Lille da Silva

Falleceu

Palmyra Gomes dos Reis Lille, Ritta Lille Rodrigues, Henrique Rodrigues, Joaquim Lille Ladeira, Lucinda Lille Ribeiro; (ausente), participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento do seu chorado marido, pae, sogro e irmão, e que o seu funeral terá logar amanhã, 29 do corrente, pelas 14 horas, sahindo o prestito funebre da sua residencia, Rocio, 108, 3.º, para o cemiterio Oriental.

Não se faz convites especiaes pelo estado de consternação em que se acham.

Os turcos defenderam as eminencias e não se deixaram desalojar.

O audacioso ataque na peninsula de Gallipoli em breve se transformou na guerra de trincheiras com que os alliados em França se haviam familiarisado. Durante seis mezes a historia das operações nos Dardanellos foi uma luota constante, de todos os momentos, de perdas exhaustivas, de ataques audaciosos, de contra-ataques pelos turcos, mas tambem de pequenos progressos para o fim que se tinha em vista e que eram a conquista e o dominio da passagem para Constantinopla.

O ataque aos Dardanellos tem sido a mais temeraria e a mais discutida das muitas emprezas até hoje emprehendidas pelos alliados. Para a execução das operações a tarefa pertencia principalmente á Gran-Bretanha e, embora os francezes prestassem valoroso e leal auxilio, o principal trabalho devia ser executado pelas forças britannicas navaes e militares. A idéa que levára a essas operações era realmente attrahente. Se os Dardanellos pudessem ser forçados, Constantinopla teria sido tomada, os turcos seriam postos fóra da Europa e a sua actividade militar subsequente teria em grande parte ficado paralysada. Um caminho de livre accesso para a Russia ficaria aberto pelo Mar Negro, o que permittiria aos russos obterem com facilidade munições e armamento de que tanto precisavam e exportarem por seu turno as grandes provisões de trigo que tinham nos seus celleiros.

E acima de tudo um golpe coroado de exito ao coração da Turquia teria provavelmente mudado os acontecimentos dados nos ainda hesitantes Estados balkanicos. Teria decidido a luota do dominio na Europa do sudeste e resolveria, d'um modo fatal á ambição allemã, o problema de Constantinopla.

Não se póde negar que as consequencias teriam sido immensas e vitaes, que um effeito incalculavel sobre a fortuna da guerra se teria seguido a uma victoria. Não se póde negar que, no principio e antes de turcos haverem prestado a devida attenção á defeza da peninsula de Gallipoli, rapidas victorias teriam coroado um bem planeado assalto dado em força sufficiente por uma força combinada naval e militar.

Os primeiros ataques, embora dessem azo a feitos do mais brilhante heroismo, produziram limitados resultados, porque as difficuldades não foram bem avaliadas, as operações começaram demasiado cedo e o engano de confiar só nos navios foi fatal. Uma exagerada concepção do poder dos modernos canhões navaes contra defezas de terra bem occultas trouxe consequencias desastrosas.

As primeiras operações navaes deram aos turcos occasião de avaliarem bem os perigos a que estavam sujeitos e tiveram tempo para transformar as principaes posições na peninsula de Gallipoli em improvisadas fortalezas. Quando finalmente se tomou a resolução de empregar um exercito e a armada como apoio, cinco preciosas semanas foram perdidas depois das forças de terra terem entrado em scena no ataque devido ao engano no carregamento dos transportes.

Um outro erro foi o dos primitivos ataques por terra terem sido dados em força insufficiente, com insufficiente abundancia de munições e sem um corpo sufficiente de tropas frescas em reserva immediata. Grande foi a divergencia de opiniões quanto ao local escolhido para os principaes assaltos. Os que melhor conheciam a peninsula de Gallipoli opinavam que o topo da peninsula nunca devia ter sido assaltado e que o primeiro grande desembarque se devia ter effectuado na bahia de Suvla ou n'algum outro ponto completamente differente.

Outros arguiam que o principal avanço devia ter sido tentado pelo lado asiatico do estreito; mas embora uma consideravel parte da opinião franceza apoiasse este modo de vêr, arguia-se, indubitavelmente com razão, que a força necessaria para tal devia ser muito maior.

Os erros originaes da expedição dos Dardanellos foram durante muito tempo conservados n'um silencio propositado. As informações auctorisadas só tarde chegaram ao conhecimento do publico, faltando a base para formar um juizo seguro.

Durante muito tempo, na Inglaterra censurou-se principalmente o estadista Winston Churchill, que era primeiro lord do almirantado quando começaram as operações nos Dardanellos. A parte que elle havia tomado na inutil tentativa de salvar Antuerpia tinha-lhe acarretado criticas e essas criticas renovaram-se quando foi conhecido o pouco exito da expedição dos Dardanellos.

O melhor conhecimento dos factos demonstrou que a responsabilidade não podia ser attribuida a um só ministro. Todo o gabinete era responsavel. E não era só o ministerio da marinha, mas tambem o da guerra, pois que, mesmo admittindo que a passagem do estreito fôsse forçada pelos navios, estes só por si não teriam podido occupar Constantinopla. Devia, por isso, desde principio ter-se pensado em enviar tropas para auxiliarem as operações navaes.

O Foreign Office havia tambem tido a sua parte de responsabilidade e talvez tivesse sido o primeiro ministerio onde se falasse na expedição dos Dardanellos. O Foreign Office estava, como é natural, informado ácerca da situação nos Balkans. Desejava fazer renascer a Liga Balkanica e ganhou terreno a idéa de que a passagem dos Dardanellos impressionaria os reinos que hesitavam e faria o que a diplomacia não havia conseguido.

Os reinos balkanicos estavam disputando uns com os outros, mas pensava-se que todos elles desejavam vêr o fim da Turquia na Europa. O apparecimento d'uma armada em frente de Constantinopla teria indubitavelmente trazido a fuga do governo ottomano para a Asia Menor. O forçar a passagem dos Dardanellos era um argumento de pezo e o seu mau exito teve os peores effeitos possiveis na attitude dos Estados balkanicos.

Quando o Foreign Office estava assim examinando a situação balkanica, foi estimulado a uma rapida actividade por um pedido da Russia. N'uma entrevista publicada na imprensa russa em agosto de 1915, sir George Buchanan, o embaixador inglez em Petrogrado, fez a seguinte declaração:

«Quando a Turquia entrou na guerra, a Russia dirigiu á Gran-Bretanha um pedido para esta desviar parte das tropas turcas do Caucaso, fazendo uma contra demonstração em qualquer outro ponto. As operações nos Dardanellos foram emprehendidas com um duplo objectivo—por um lado, para distrahirem os turcos do Caucaso, por outro, para abrirem os estreitos e tornarem assim possivel á Russia o exportar os seus cereaes e receber os productos estrangeiros de que necessita».

A offensiva turca no Caucaso começou no meiado de dezembro de 1914 e chegou ao seu ponto extremo no fim do mesmo mez. Embora fôsse brilhantemente quebrada pela Russia, esperava-se que se repetisse quando o tempo se tornou mais favoravel. O não se repetir durante o verão de 1915 e o facto de Tiflis se vêr livre de toda a ameaça foram devidos ao ataque aos Dardanellos.

As palavras de sir George Buchanan na occasião em que os exercitos russos na Polonia e na Galicia estavam sendo repellidos fizeram immediatamente deter qualquer commentario ácerca do auxilio que a Gran-Bretanha estava dando á causa dos alliados. A «contra-demonstração» nos Dardenellos havia-se transformado n'uma grande e difficultosa operação. E as confidencias de sir George Buchanan fizeram ainda com que o povo inglez comprehendesse mais claramente a origem da expedição dos Dardanellos.

Um pedido da Russia fôra, pois, o motivo predominante do começo do ataque aos Dardanellos. Esse pedido fôra recebido no Foreign Office pelos fins de 1914. Sir Edward Grey consultou o almirantado e o

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1911—6.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, I.º | LISBOA—Segunda-feira, 29 de Novembro de 1915 | Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, I.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 1 centavo

"A CAPITAL„ EM HESPANHA

O que diz o sr. D. Eduardo Dato

O presidente do governo hespanhol fala da situação politica interna e das relações com Portugal—A attitude da Hespanha perante a conflagração europeia

O palacio da presidencia do conselho de ministros fica na Castelhana; embora simples, sem grandezas de architectura e luxo, constitue uma installação esplendida e apropriada. Tem em frente um jardim, onde a esta hora da manhã uns guardas passeiam, conversando e fumando sob o arvoredo espesso, que ensombra a areia fina dos passeios.

Reina um silencio absoluto em todo o edificio, que não está, como os nossos ministerios, pejado de pretendentes e caçadores. Além de meia duzia de continuos muito correctos, nas suas fardas asseiadissimas, ninguem mais. De vez em vez, um empregado que passa, ou o secretario do ministro que entra e sae do gabinete, notando-se de valioso no salão de entrada alguns Velazquez primorosos que admiramos emquanto nos annunciam.

O mobiliario e a decoração simples, e em tudo semelhante ao dos nossos ministerios. A sala onde D. Eduardo Dato, presidente do governo, nos recebe, tem tambem a mesma simplicidade.

As paredes são forradas com «panneaux» de damasco amarello escuro, emoldurados a branco e ouro.

A mobilia joga em absoluto com a decoração da sala.

A secretária do presidente do conselho fica collocada a um canto, um pouco na penumbra, e é junto d'ella que conversamos, n'aquelle silencio agradabilissimo do gabinete, chegando até nós apenas o ruido dos electricos passando na Castelhana.

Na presença do chefe do partido conservador

O sr. Dato é um homem alto, secco, elegante. Veste com uma correcção absoluta, e tudo n'elle denuncia um homem de sociedade. Já conheciamos este aspecto do sr. Dato, porque Adrian de Loyarte lá diz no seu livro que s. ex.ª gosta muito da vida dos salões e da sociedade elegante: «A sua palavra suave e o seu gesto espiritual alegram-se nas conversas e discussões com as senhoras, sendo muito conhecida a assiduidade com que frequentava as reuniões e os chás da Marqueza de Squilache, onde a sua presença era sempre anciosamente desejada».

Na verdade o sr. Dato tem um ar delicado e captivante, talvez como o dr. Bernardino Machado, sorridente, affavel, amistoso. Tal como o sr. presidente da Republica, tambem o sr. Dato se levanta cedissimo, deitando-se quasi de madrugada; trabalha muito e methodicamente.

E' hoje o sr. Dato chefe do partido conservador, e a lucta que sustenta com os seus adversarios politicos tem sido de uma violencia extrema. Todos o atacam: os radicaes, os republicanos, os socialistas os conservadores do sr. Maura, que o julgam pouco conservador, e os liberaes do sr. Conde de Romanones, porque o querem mais liberal. Este ultimo agrupamento politico tem apoiado o governo; mas na memoravel sessão parlamentar de ha dias, a proposito das reformas militares, o ataque feito pelo Conde de Romanones foi violentissimo, e quasi no mesmo diapasão do esplendido discurso do sr. Maura.

A discussão politica foi n'esta sessão muito violenta, mas muito correcta. Quem vem de Portugal, acostumado ás reuniões do nosso parlamento, experimenta uma sensação agradabilissima assistindo a estas polemicas, em que se medem as capacidades e as intelligencias, sempre com delicadeza e sempre com o maximo respeito pelo antagonista.

A politica interna e a successão do governo

Pelo que se diz, o governo não deve ter muita vida, embora haja quem affirme que o rei lhe manterá a sua confiança. O ataque tem sido e continuará a ser violento, pois embora o não confessem, ha muitos liberaes que aspiram ao poder. E aquelles que amam os alliados bem desejam esta mudança, que sempre será favoravel a quantos combatem os germanophilos.

Assim, ha quem prognostique a proxima queda do governo e a subida ao poder dos liberaes sob a presidencia do sr. Conde de Romanones; outros, porém, affirmam que se o Parlamento e o Rei negarem o seu apoio ao governo, será o sr. Sanchez de Toca, presidente do Senado, incumbido de organisar um ministerio de concentração, como que um ministerio nacional, onde tivessem representação todos os partidos politicos.

Entretanto, o sr. Dato considera-se seguro no poder, pois falando de politica interna nos disse que a sua permanencia nas cadeiras governamentaes dependia em absoluto das indicações do parlamento, que respeitaria.

—«O governo está convencido,—diz-nos o sr. Dato,—de que tem feito uma obra patriotica, mantendo a paz interna, promovendo o bem-estar e a felicidade de todas as classes, fomentando o desenvolvimento economico, consolidando a prospera situação financeira, e em cada dia procurando tornar mais forte e solida a organisação militar da Hespanha. Se porém o parlamento entender que devemos sahir, sahiremos, sem procurar por qualquer forma conservar o poder que não temos empregado absolutamente em nada para fins partidarios. Eis o que tenho a dizer-lhe quanto á politica interna.

As prosperidades da Republica Portugueza

Quanto á politica externa, no respeitante a Portugal, dir-lhe-hei que tenho tido o maximo empenho em que os dois paizes vivam o mais amistosamente possivel. Pensar-se que em Hespanha existe a mais leve animosidade contra Portugal é loucura completa».

—«Não devemos, não queremos, nem podemos ter sonhos de imperialismo».

«E porque muito amamos a nossa propria independencia, respeitamos a independencia alheia. As instituições dos outros paizes são-nos indifferentes. Muitas pessoas em Portugal teem julgado que nós, os monarchicos hespanhoes, temos interesse em prejudicar as novas instituições portuguezas: posso garantir-lhe que tal não existe. Fazemos todos os votos mais sinceros e cordiaes pelas prosperidades da Republica Portugueza, convencidos de que tal prosperidade não terá a minima influencia nos destinos da monarchia hespanhola. A defeza da monarchia em Hespanha não se faz prejudicando as Republicas visinhas, mas governando com honestidade, com criterio, com patriotismo. O rei de Hespanha é o maior patriota da sua terra, e os seus ministros os seus cooperadores mais leaes e sinceros. Façamos nós a felicidade do povo hespanhol, e os progressos das Republicas com que confinamos serão um incentivo mais para os nossos proprios progressos.

«No respeitante ás relações commerciaes com Portugal, da nossa parte tem havido sempre a melhor boa vontade. O dr. Augusto de Vasconcellos, meu particular amigo, e digno representante de Portugal, tem empregado todos os esforços para ultimar o tratado de commercio, cuja conclusão tem sido retardada pelo estudo ponderado do problema, em que se chocam interesses, e que tem de ser resolvido com a maxima equidade. As negociações continuam, e eu espero encontrar de accordo com os intelligentes delegados portuguezes, uma solução satisfatoria».

A neutralidade imposta pelo paiz

Quizemos ouvir s. ex.ª sobre a neutralidade hespanhola, ao que da melhor vontade accedeu, dizendo-nos:

—«Pelo que respeita á attitude da Hespanha no conflicto europeu, eu sou e sempre tenho sido pela completa e absoluta neutralidade; existem em Hespanha, é certo, partidarios dos alliados e partidarios dos allemães, mas a maioria do paiz deseja a neutralidade por ser esta a attitude que melhor satisfaz os nossos interesses e as aspirações nacionaes».

—Mas os radicaes teem feito uma campanha muito intensa a favor da intervenção da Hespanha ao lado dos alliados...

—«Como outros a teem feito, diz-nos o sr. Dato, a favor da intervenção ao lado dos allemães, sem que uma ou outra d'essas campanhas lograsse exito; o paiz quer a neutralidade, e o governo tem de cumprir as indicações nacionaes».

—E pelo que respeita á permanencia de submarinos allemães nas aguas hespanholas?

—«Realmente tenho lido que alguns submarinos allemães andam no Mediterraneo, no Estreito de Gibraltar e no Atlantico, mas póde ter a certeza absoluta que a vigilancia nas nossas aguas é rigorosa, e não tenho conhecimento de facto algum concreto. Ha dias um transporte inglez foi atacado e afundado no Estreito de Gibraltar, sendo os naufragos recolhidos em territorio hespanhol; mas o submarino que o atacou, allemão ou austriaco, porque não se sabe a que nacionalidade pertencia, não esteve nem passou em aguas hespanholas. Tambem é absolutamente falso que qualquer dos paizes belligerantes tenha feito propostas á Hespanha convidando-a a sahir da neutralidade, a troco de vantagens de qualquer ordem. Emquanto eu fôr poder, emquanto eu estiver no governo, a Hespanha conservar-se-ha neutral, e d'isso tomo o compromisso formal».

Votos pela felicidade dos dois povos

E já quando nos despediamos, terminada a entrevista, o illustre presidente do governo referindo-se a Portugal, diz-nos ainda:

—«O azedume que ás vezes parece existir entre os dois povos, provem de certas campanhas de imprensa, de cá e de lá, que bom seria não existissem. A imprensa é livre nas suas apreciações e juizos, e eu sinceramente lastimo que tudo quanto entre nós se escreva a respeito de Portugal, não seja a expressão sincera e verdadeira da maneira de pensar da grande maioria da nação hespanhola. Todo o meu paiz deseja manter com o seu a mais sincera, leal e franca das amizades; procuremos entender-nos, e communmente empregar todos os esforços para a felicidade dos dois povos».

Estava terminada a entrevista e aproveitando o resto do dia fômos metter-nos no Muzeu, a admirar os mestres, n'aquella calma religiosidade em que as horas se passam em extase perante tantas e tão admiraveis maravilhas. E' verdade que Madrid pouco mais tem que vêr, mas isto basta para dar vontade de não sahir de cá.

Edmundo Porto

«Historia Illustrada da Grande Guerra»

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas; o segundo de 16 de abril a 3 de junho com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'A Capital são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Migalhas

Este triste mundo

Ha na revista «O dia de juizo» uma scena feliz entre muitas outras felizes. O Pontapé entra perseguindo o Favor. Este vê-se á perros para se livrar d'aquelle e, das vezes que tenho assistido á peça, ouço sempre em volta uma voz commentar gravemente:—«Como aquillo é verdade». E', sempre foi e sempre ha de ser. Toda a philosophia, que a vida nos deve trazer, devemos applical-a a não extranhar que tal succeda, por mais revoltante que se nos afigure a ingratidão dos que dão mau pago aos favores sollicitados e recebidos. Vá que nos magoe a traição ou a falsidade de um amigo, que suppunhamos sincero; mas que extranhemos attitudes partidas de indifferentes ou de conhecidos que, um dia, se acolheram ao nosso valimento, á nossa bolsa ou á nossa convivencia, isso seria accrescentar uma ingenuidade de mais á que nos fez ajudar ou soccorrer os que, a certa altura e quando isso lhes parece convir, pagam com pontapés os favores recebidos.

Diz um rifão das velhas eras que de mal agradecidos está o inferno cheio e eu julgo que por ser tamanha a enchente é que muitos andam pela terra á espera de vaga. Na vida todos nós fazemos favores, grandes ou pequenos, conforme o que valemos e o que podemos. Alguns fazemol-os expontaneamente, porque o obsequiado nos interessa e a sua sorte nos parece merecer um sacrificio. Os outros distribuimol-os porque calha, para não dizer que não, porque um terceiro nol-os sollicita ou porque os interessados nol-os pedem ás vezes rasteiramente e tão pequenos os suppômos realmente, que só nos acodem á lembrança quando temos que esquivar um inesperado pontapé.

Do mau pago dos favores da nossa iniciativa é natural que nos fique alguma tristeza. E' sempre triste reconhecer que perdemos o nosso tempo. Do mais não ha que scismar. A humanidade é assim e ninguem a melhora. Conta-se que Crebillon viu uma vez um marquez do seu tempo atirar uns escudos a um sollicitador.

—Que faz Vossa Mercê?—perguntou o auctor de tragedias.

—Dou uma esmola,—respondeu o fidalgo.

—Engana-se. Compra um inimigo. Quem pede esmola nunca perdoa a quem lh'a dá.

Pois estou em dizer que com isto de favores succede o mesmo.

André Brun

A SITUAÇÃO FINANCEIRA

E' preciso oiro!

E Portugal só pode obtel-o em troca dos seus productos—O que seria a hospitalisação dos feridos de guerra

D'entre as nossas grandes necessidades, a do ouro é a maior de todas. Precisamos d'elle para equilibrar a balança commercial ou, pelo menos, para que o desequilibrio entre a nossa moeda e a moeda estrangeira se reduza ao minimo. O ouro é-nos indispensavel para que o cambio deixe de trepar á doida e as nossas relações economicas não sejam uma coisa afflictiva, cheia de inquietações e de receios. E' impossivel prolongar esta situação de incerteza. Urge, portanto, lançar mão de quantos meios possam apresentar-se-nos para que do estrangeiro nos venha o ouro que valorise a nossa moeda, que injecte no nosso organismo a porção de energia que lhe é indispensavel para poder resistir triumphantemente á crise em que a guerra precipitou todos os povos. Como conseguil-o? O beneficio que d'ahi nos adviria seria illusorio e passageiro. O ouro que nos emprestassem sumir-se-hia rapidamente, ou aferrolhado pelos usurarios, ou guardado pelos previdentes ou arrebanhado para Hespanha, licitamente ou em contrabando, como até agora tem acontecido. O emprestimo seria um balão de oxigenio applicado ás nossas difficuldades de momento. Attenual-as-hia, decerto, mas não as resolveria nem as arredaria. Que fazer então? Isto apenas: procurar, á custa dos nossos productos e dos nossos recursos, no estrangeiro, o ouro de que necessitamos. Procural-o e captal-o. Não custa muito, como vae vêr-se.

Falou-se ha tempos, com uma insistencia grande, na possibilidade de hospitalisarmos, em Portugal, uma certa quantidade de feridos de guerra. Falou-se n'isso e a repartição de turismo não ficou por ahi. Procedeu a um minucioso e demorado inquerito para averiguar se os nossos hoteis, se as nossas termas, se as nossas camaras municipaes estavam aptos ou se dispunham a cooperar n'essa grande obra humanitaria. Toda a gente respondeu, fixando preços de hospitalisação, indicando os meios e os recursos de que dispunha, pedindo o que lhe faltava, dizendo o que, em certos pontos, era necessario fazer. Chegou a encarar-se a hipothese de applicar certos monumentos a hospitaes e reconheceu-se que desde que o Estado quizesse, muito poderia fazer-se n'esse sentido. E a attenção do Estado foi sollicitada. Dirigiu-se-lhe um relatorio completo, fez-se-lhe vêr a necessidade de não dar de mão a semelhante assumpto, utilissimo para nós, quer sob o ponto de vista economico quer sob o aspecto d'uma larga propaganda do paiz. O Estado, porém, não respondeu. Entretanto o que se lhe pedia? Coisa pouca, quasi nada. Rogava-se-lhe que auxiliasse certas emprezas hospedeiras a introduzir nos seus estabelecimentos pequenos melhoramentos indispensaveis para n'elles poderem recolher-se feridos. Pedia-se-lhe que fornecesse camas, roupas, utensilios varios e vulgares a determinados municipios, habilitando-os por essa forma a transformarem edificios publicos em magnificos e amplissimos hospitaes. Mas o Estado fez ouvidos de mercador.

Pois fez mal, o que se prova com uma facilidade estrema. Pelo inquerito a que a repartição de turismo procedeu, averiguou-se que cada ferido de guerra teria de pagar, para poder ser tratado em Portugal, 1$50 por dia. Admittamos que, durante quatro mezes, teriamos hospitalisados em Portugal 4.000 feridos. Eram, pelo menos, 800 contos em ouro, contando com as despezas extraordinarias que os doentes e as familias seriam forçados a fazer, que entrariam n'este paiz. Em moeda portugueza, nunca obteriamos menos de mil contos. E quanto gastaria o Estado para garantir aos soldados estrangeiros, victimas da guerra, uma boa hospitalisação? Cem contos? O que era isso, desde que elle proprio, ao receber o preço das hospitalisações, se pagasse e reembolsasse? Teria, porventura, o caracter d'um enorme sacrificio esse desembolso momentaneo? Não tinha, e é de crer que aquillo que não se fez já vá fazer-se agora, porque assim o paiz encontrará uma formula pratica e utilissima de cooperar na guerra europeia, procurando attenuar-lhe os effeitos desastrosos e concorrendo para minorar o soffrimento d'aquelles que nos campos de batalha se mutilisarem.

Essa seria uma forma de alcançar ouro. A outra consiste em alargar as nossas relações economicas com o estrangeiro e, sobretudo, com a Inglaterra e a França. Temos, felizmente, productos que faltam a esses paizes amigos. A nossa obrigação é fornecer-lh'os. O nosso vinho está a ser absorvido pelo mercado francez em tão alta quantidade, que d'aqui a pouco todo o excedente da ultima colheita e todo o «stock» das colheitas anteriores terá embarcado para França, pago por optimo preço. Em certas regiões, os vinhos de pasto estão a vender-se já a 1$20 e mais. Ha uns poucos d'annos que tal não se dava e que os vinhateiros não logravam collocar tão ricamente os seus productos, por melhores que elles fossem. Só os vinhos devem drenar, este anno, para Portugal, mais de 25.000 contos, ouro. E' um correctivo magnifico para a nossa economia empobrecida. O que convem então? Facilitar-lhes a sahida, supprir, de qualquer maneira, a falta de vasilhame e impôr a todos a obrigação de só exportarem productos genuinos, sem nenhuma especie de adulteração ou falsificação. As auctoridades teem de fiscalisar rigorosamente o commercio externo dos vinhos, para evitar que se exporte gato por lebre e que, como tantas vezes tem acontecido, por causa da ganancia de meia duzia, soffra o paiz inteiro. N'este ponto é que é preciso attentar, tanto elle interessa não só ao bom nome dos nossos vinhos como aos interesses geraes do paiz.

Vê-se, pois, que não é impossivel attenuar a crise do ouro. A' custa de transacções perfeitamente legitimas, alargando-se as nossas relações commerciaes com o estrangeiro, vendendo-se lá para fóra tudo o que pudermos dispensar, desde o vinho ás conservas e desde os diversos minerios ás fructas verdes e seccas, lograr-se-ha fazer entrar no paiz, senão todo o ouro de que necessitamos, aquelle, pelo menos, de que não podemos prescindir para que a nossa situação financeira se desafogue sensivelmente. Para isso, não basta a boa vontade de toda a gente que negoceia, que transacciona, que trabalha. E' fundamentalmente precisa a cooperação do Estado, que tem de exercer-se efficazmente, amparando as boas iniciativas e auxiliando tudo o que de auxilio mereça. E estará o Estado disposto a entrar n'esse caminho? E' de crer que sim, porque d'outra forma deixará de cumprir o seu dever...

Tenente Humberto d'Athayde

A regularisação da situação do valente combatente de Naulila

E tão justo o que se expõe na carta que acabamos de receber que nos abstemos de lhe fazer o minimo commentario, limitando-nos a inseril-a na integra. Diz essa carta:

Sr. Manuel Guimarães e meu presado amigo.—O tenente Humberto de Athayde Ramos d'Oliveira, partiu em junho de 1914 para Moçambique em commissão ordinaria.

Quando do envio de tropas para o sul d'Angola, Humberto d'Athayde foi um dos officiaes nomeados para commandarem a companhia de landins que tão brilhante acção exerceu em todas as operações militares desde o combate de Naulila até essa sangrenta e epica jornada de Mongua.

Agora Humberto d'Athayde, ainda convalescente de impaludismo e de graves e repetidos ferimentos, foi enviado para a metropole apesar do seu vivo desejo de acompanhar os bravos e heroicos landins no regresso á sua terra.

E isto por o estado precario da sua saude assim o exigir.

Acontece, porém, que só em junho do proximo anno o tenente Athayde terá completado a commissão ordinaria, em virtude da qual foi promovido a tenente, e, se uma medida especial, de que me parece, só o parlamento póde tomar a iniciativa, não regularisar a sua situação, elle terá de voltar ao posto de alferes.

Já com o meu querido amigo Francisco Aragão, que se encontrava em situação semelhante, por lhe faltarem, quando regressava á metropole, approximadamente 2 mezes para terminar a commissão ordinaria, se deu um incidente desagradavel, embora de minima importancia, levantado por um camarada da arma, que ao ministerio da guerra, segundo me consta, enviou um protesto contra a forma como o sr. ministro regularisou a sua situação confirmando a promoção a tenente do valente official.

Estou certo que v. levantará esta questão do seu excellente jornal, provocando isso sem duvida, da parte dos distinctos officiaes que teem assento no Parlamento, a iniciativa da medida de caracter especial que porventura será necessario pôr em pratica.

O tenente Athayde foi um dos mais bravos combatentes de 5 d'outubro, sendo por isso credor de reconhecimento de todos os republicanos, mas ainda que assim não fosse, o paiz terá o dever de tomar em consideração os excepcionaes serviços do valente official, que, nos momentos mais difficeis nunca poupou a sua vida, e antes engrandeceu sempre o prestigio da exercito portuguez, pela unica forma que é possivel fazel-o: com talento.

Agradecendo a v. a publicidade d'estas linhas dictadas por um sentimento de justiça e tambem de amizade, de v. etc.—*Pinto Teixeira.*

Poeira da Arcada

A Servia está reduzida a uma parcella pequenissima do seu antigo territorio. Apparentemente é uma nação que só existe como um valor moral. Póde acontecer porém, que, dentro de pouco, resurja das proprias cinzas, afugentando os seus inimigos. Os servios estão de tal modo affeitos a luctar com o perigo que a adversidade nunca os cança.

* * *

Em Vendas Novas um beberrão dispoz-se, por brincadeira, a despejar no bandulho doze decilitros de aguardente. Disse e cumpriu. Assim fortemente alcoolisado, morreu, deixando de si este epitaphio:—«Aqui jaz um bebedo egregio que tanto decilitrou que conquistou a immortalidade».—Sobre a sua campa, uma allegoria do tunel das Danaidas.

* * *

João Gouveia que em tempos tentou com successo o lyrismo, o theatro e a aviação inventou um Incubador ou seja um apparelho para chocar ovos. Do culto do bello e do ar derivou para o do util. N'este dominio o seu engenho tem feito coisas notaveis. Embora varias gentes lastimem que elle haja abandonado os seus velhos ideaes, nós que sabemos por experiencia e por informações seguras o triste merito das rimas e o risco dos aeroplanos, felicitamol-o. As gallinhas valem poemas e o seu cacarejo talvez seja um processo de rimar. Se os seus vôos não são tão rapidos como os apparelhos Farman, ainda assim marcam os primeiros ensaios felizes na conquista do espaço. N'este momento raros são os portuguezes que não possam lêr os Lusiadas ou qualquer livro de versos dos nossos poetas; comer ovos é que se torna cada vez mais embaraçoso. Por isso João Gouveia avicultor é credor da estima de nós todos.

Alexieff, gran-cruz da Legião d'honra

PARIS, 28.—O general Alexieff, chefe do Estado maior general russo recebeu a gran-cruz da Legião de Honra e não a cruz de grande official, como por erro se disse.—(*Havas*).

Folhetim d'A CAPITAL—29-11-1915

CHRONICA MUSICAL

Opera em S. Carlos

Em fevereiro passado reuniu-se uma commissão encarregada de estudar as possibilidades de reabertura do nosso theatro de opera e, no caso de reconhecer ser isso possivel, em que bases e porque maneira o conseguir.

A tal proposito publiquei eu n'este logar uma chronica, em que dava a nota da importancia dos subsidios que recebem, do governo em França, dos municipios na Italia, dos principes na Allemanha, os principaes theatros lyricos; pelo confronto entre esses subsidios e preços dos logares e os correspondentes preços e ausencias de subsidio do nosso theatro, chegava á conclusão, de resto facil, que não é possivel a uma empreza industrial conciliar os seus legitimos interesses com a perfeição dos seus espectaculos.

Nunca mais se falou na tal commissão, nem se soube se ella tinha chegado a algumas conclusões; e desinteressados do assumpto os raros que ainda se preoccupam entre nós de coisas de arte, já se imaginava S. Carlos irrevogavelmente fechado para opera, como se aquella casa não tivesse sido construida expressamente para esse fim.

Mas eis que surge uma surpreza: no *Diario do Governo* de ante-hontem, uma portaria do ministro da instrucção publica mandando abrir concurso para a adjudicação do theatro.

Inutil será encarecer o que tal determinação tem, em principio, de benefico para a arte e para a cidade; mas antes convem analysar as condições geraes do concurso e a sua opportunidade.

O primeiro e maior inconveniente da portaria consiste na sua tardia publicação; de facto, o concurso, ante-hontem aberto, encerra-se ás treze horas do dia 25 de janeiro; e como, nos termos da base 2.ª, a epocha theatral começará obrigatoriamente entre os dias 15 de novembro e 31 de janeiro, segue-se que já não é possivel dar espectaculos n'esta epocha; isto é tanto mais para lamentar quanto é certo que não é facil explicar porque razão a portaria não foi publicada ha dois ou trez mezes.

Vejamos agora os esforços feitos da parte do governo para attrahir concorrentes; segundo se lê na portaria, o concurso é aberto «tendo em attenção os beneficios que advêem para a educação musical da sociedade portugueza, para o turismo e para o commercio, com o funccionamento do theatro de S. Carlos com opera lyrica»; que faz o governo em pról da educação musical, do turismo e do commercio? Abre concurso, simplesmente.

Não só não subsidia a theatro, como nem seguer indirectamente auxilia a ousada gente que porventura se abalance ao grande commettimento de refazer a opera entre nós, refazendo um publico. Diz a clausula 22.ª:

«A empreza terá a seu cargo todas as despezas necessarias para a exploração, guarda, conservação e asseio do theatro e suas dependencias, bem como as contribuições e impostos relativos á exploração theatral».

Como se vê, o Estado não se limita a não dar; ainda pretende receber. Nas anormalissimas circumstancias actuaes, havemos de convir que é uma maneira estranha de beneficiar a educação musical, o turismo e o commercio.

Mas ha mais exigencias naturaes e legitimas em epochas normaes, contrarias, porém, ao que principalmente agora se deve ter em vista, que é attrahir os concorrentes. Uma d'ellas é a que consta da clausula 23.ª, segundo a qual o governo entregará á empreza adjudicataria as installações de luz electrica no actual estado de funccionamento, e as do aquecimento do palco tal como se encontram, correndo por conta da empreza todas as despezas com o beneficiamento das respectivas installações. Ora, estas installações estão quasi completamente inutilisadas, sendo necessario um forte dispendio para as restaurar.

Examinemos agora as exigencias de ordem artistica, que deveriam ser as mais severas, ao contrario do que convinha que fossem as de ordem material.

Digna de todo o elogio é a base da licitação que é de caracter artistico, sendo preferida a proposta que melhores garantias der e maiores vantagens offerecer sob o ponto de vista da superior organisação de recitas; infelizmente nem sempre é possivel apreciar, sob formula tão vaga, qual seja, dentre varias propostas, a que melhor garante essa organisação.

A base 5.ª apresenta uma feliz innovação nos programmas de adjudicação do theatro de S. Carlos; ao contrario do que anteriormente se tem feito, a empreza não é obrigada a contractar, para a épocha ordinaria, companhias italianas; é-lhe permittido dar espectaculos, indifferentemente, com companhias italianas ou francezas; é esta, a meu vêr, a melhor de todas as disposições do concurso.

Na clausula immediata limita-se a cincoente e quatro figuras o minimo da orchestra; se este numero é sufficiente para a execução de certas operas, não o é para outras, para a maioria, mesmo, das modernas; de modo que, embora a mesma clausula accrescente que esse numero é susceptivel de ser augmentado nas operas que assim o requeiram, o certo é que a empreza não fica taxativamente obrigada a fazel-o.

Diz a base 9.ª que a empreza fica obrigada a dar ás representações o rigor e propriedade que os libretos exigem; esta condição, como é natural, vem em todos os programmas similares, mas, como é egualmente natural, as emprezas eximem-se sempre ao seu cumprimento; e nunca se viu, até hoje, que a fiscalisação por parte do governo fosse sufficientemente cuidadosa ou energica para a fazer cumprir. D'ahi, a habitualmente defficiente, por vezes mesmo vergonhosa, execução das peças nos ultimos tempos de opera em S. Carlos.

Em relação aos preços, bem andou o governo em limitar apenas os das varandas, que não poderão ser superiores aos dos tres ultimos annos em que o theatro funcionou; dando assim á empreza o direito de poder alterar os dos outros logares, especialmente os da plateia, que, de assignatura, custavam o mesmo que uma cadeira d'um theatro de decima ordem para assistir a um espectaculo de vigesima.

Uma condição, que de certo foi escripta impensadamente, é a 13.ª. N'ella se diz:

«Nas recitas de assignatura ordinaria os espectaculos não poderão ser constituidas por menos de tres actos de opera lirica. Quando, porém, se representar uma opera de importancia, em um ou dois actos, deverá o espectaculo ser completado com bailados ou trechos simphonicos».

Esta disposição parece á primeira vista muito justa, e é-o effectivamente em principio; mas carecia d'uma restrição.

Absoluta como é, inhibe a empreza de fazer representar operas para cuja execução é condição indispensavel, imposta pelos auctores ou editores, o constituirem exclusivamente um espectaculo; n'este caso está, por exemplo, a *Salomé* de Ricardo Strauss.

Não vale a pena examinar mais minuciosamente o programma da adjudicação do theatro de S. Carlos.

Por esta brevissima analise se vê que n'elle ha disposições boas e disposições más, sendo estas principalmente resultantes d'um excessivo espirito de mesquinha economia, sempre incompativel com os superiores interesses da Arte.

Como o que acima de tudo nos interessa a todos nós, é que haja quem tome conta do theatro, dando espectaculos pelo menos correctos, as disposições tendentes a facilitar a exploração, pelo menos nos primeiros cinco annos, deviam ter-se tomado com largueza, augmentando-se por outro lado as exigencias de ordem puramente artistica e sancionando-as rigorosamente.

Nas condições em que o concurso foi aberto, é muito duvidoso que appareça adjudicatario, que, a apparecer, deverá ter a tempera dos heroes.

Esperemos, comtudo, o dia 25 de janeiro e oxalá que tenhamos a satisfação de ver finalmente reaberto o velho e glorioso theatro que bem digno era de sorte melhor que aquella que a má fortuna nos ultimos tempos lhe tem dado.

Esperemos...

Humberto de Avellar

A convenção dos alliados relativa ás munições

Declarações do sr. Albert Thomas

Londres, 26 de novembro

Regressou esta manhã a Paris o sr. Albert Thomas, ministro das munições que chegara a Londres na segunda-feira. Durante os tres dias que aqui se demorou, teve uma série de conferencias no ministerio das munições, não só com o seu collega inglez, o sr. Lloyd George, mas tambem com os representantes da Russia e da Italia, o almirante Ruskine, delegado do governo russo, e o general Marafini, delegado do governo italiano.

Antes de partir, o sr. Albert Thomas exprimiu a sua profunda satisfação pelos bellos resultados colhidos d'aquellas conferencias.

«A producção das munições, disse o ministro inglez, está d'ora avante organisada; é intensiva, e com prazer constatamos os importantes resultados obtidos.

Pelo que diz respeito particularmente á França e á Inglaterra, podem estes dois paizes ser considerados como duas poderosas emprezas industriaes, funccionando em regular e completa harmonia, produzindo ininterrupta e illimitadamente todo o material necessario para a continuação da guerra. Sob este ponto de vista foram os nossos esforços coroados pelo melhor exito.

«Mas o ponto mais importante das conferencias agora realisadas é o seguinte. Por occasião da minha ultima viagem a Londres, o sr. Lloyd George e eu decidiramos reunirmo-nos com os representantes da Russia e da Italia, o que fizemos, tendo motivo para nos regosijarmos por ter posto em pratica a ideia.

«No decorrer das entrevistas que tivemos agora com o almirante Ruskine e com o general Marafini, resolvemos, por unanimidade, crear um organismo permanente que centralisará todas as questões respeitantes á producção de canhões e de munições, e á utilisação das materias primas por todas as potencias alliadas.

Resumindo: creamos uma repartição central das munições, onde teremos conhecimento exacto dos diversos programmas, e os discutiremos, e d'onde seguiremos os progressos da fabricação. Cada um de nós ficará conhecendo a situação exacta em que se encontram os nossos visinhos e amigos, podendo auxiliarmo-nos mutuamente, vencer qualquer difficuldade que porventura se levante affectando um paiz sem affectar todos os outros, emfim, trabalhar com unificação de esforços, e com o maximo de rendimento para o fim commum.

Não se passa um só dia, por assim dizer, que não vejamos a necessidade d'um organismo d'esta indole. Por exemplo: a proposito de materias primas, a natureza favoreceu mais uns paizes do que outros; é natural e necessario que punhamos essas riquezas em communhão, mas na pratica o caso é extremamente difficil, como se vae ver.

A França é a grande fornecedora d'aluminio das outras nações alliadas, mas por mais importante que seja a nossa producção d'este metal, as disponibilidades não são illimitadas, não podendo por isso cada um dos paizes obter todo quanto lhe seja necessario. E' indispensavel que exista um tal equilibrio que qualquer dos paizes não sinta falta d'aluminio, e, como consequencia, seja forçado a diminuir o rendimento, ao passo que outro tenha aluminio de sobra que no momento lhe seja inutil. E' preciso evitar que um paiz soffra na sua producção immediata por causa de um outro ter materias primas para trabalhos que só d'ahi a mezes emprehenderá. Os alliados teem tudo de que precisam, absolutamente tudo, mesmo mais do que lhes é necessario; o que é preciso é repartil-o proporcionalmente.

E' esta difficil missão que a repartição central, mentora, guia e vigilante, nos permittirá desempenhar.

Tivemos occasião de nos occuparmos das modificações a introduzir na forma de qualquer paiz dos alliados acceitar as encommendas de material que lhe faça um paiz neutral. Não é justo que se corra o risco de desorganisar uma certa producção por um paiz offerecer a uma fabrica franceza, italiana ou ingleza 80 francos por um typo de projectil que nós pagamos a 45. E' esta uma questão bastante complexa, mas que havemos de conseguir resolver.

Devo dizer que, quanto á França e á Inglaterra, nunca a unidade de vistas foi tão perfeita como agora. Tive uma conversa absolutamente intima e franca com o sr. Lloyd George e alguns dos seus amigos e collegas, e surprehendeu-me agradavelmente a nossa similitude de vistas no respeitante á guerra e ao que temos feito; sobre muitos dos pontos ácerca dos quaes trocámos impressões nunca até então tinhamos fallado.

Agora estou plenamente convencido da unidade absoluta do nosso modo de ver.

Evidentemente, a conferencia que tivemos agora é apenas o começo da obra de coordenação que emprehendemos; mas, apesar d'isso, é já de capital importancia, porque a repartição central ha de contribuir poderosamente, tenho essa convicção, para a nossa definitiva e inevitavel victoria sobre as potencias austro-allemãs».

O governo britannico offereceu aos delegados alliados um banquete de sessenta e sete talheres, a que presidiu o sr. Lloyd George.

O que nos vem de fóra

A materia prima nacional é, em geral, carissima

Sr. director de «A Capital». — N'uma entrevista ante-hontem publicada no seu brilhante jornal intitulada «O que nos vem de fóra» encontro uma referencia á fabrica de faiança da Torrinha, de Villa Nova de Gaya que, por menos exacta, me apresso a rectificar. A liga empregada na confecção da louça da Torrinha nunca veiu do estrangeiro, mas de Lisboa e do Minho. Era, n'uma palavra, a tradicional liga da faiança empregada n'esta villa (e em quasi todo o paiz) desde os velhos tempos da Villa Nova do Porto, no seculo XVII, até aos nossos dias, passando pela epoca gloriosa de Rossi, Cavaquinho e Rocha Soares. De resto, dirigindo e orientando a fabrica da Torrinha procurei sempre, coherente com a minha velha e arreigada paixão pela nossa velha industria de ceramica, dar aos seus productos, a despeito de todos os defeitos inherentes a uma tentativa, esta bella e rara qualidade:—caracter portuguez. As palavras lisongeiras que o illustre entrevistado dirige á louça da Torrinha, palavras que muito me desvanecem, demonstram que o meu esforço, sob este ponto de vista, não foi de todo perdido.

Antes, porém, de terminar permitta-me v. que lhe diga que, de uma maneira geral, a entrevista de «A Capital» traduz um criterio absolutamente justo e fundamentado. Sem sahir da industria da ceramica encontrará v. o fabrico da porcelana cuja materia prima mandada vir da Allemanha, custa incomparavelmente menos do que obtida em Portugal. Não é porque na nossa terra não existam variados e ricos jazigos de barros, mas pela simples razão de que a sua exploração é tão dispendiosa, os transportes são de tal fórma caros e é tão grande a difficuldade em encontrar quem, com competencia technica possa com promptidão orientar o industrial, que o caminho do estrangeiro, com todas as suas facilidades, está naturalmente indicado. E n'estas condições ha já quem esteja fabricando porcelana em Portugal.—Subscrevo-me, com a mais subida consideração, de v. etc.—Ramiro Mourão.

«A Capital», occupando-se do importante assumpto a que se refere a carta do sr. Ramiro Mourão, só teve em vista concorrer, com mais alguns grãos do seu desinteressado esforço, para que se realise, quanto antes, a grande obra de nacionalisação das nossas industrias que presentemente, tanto se impõe. As informações relativas ás interessantissimas e portuguesissimas faianças da Torrinha vieram-lhe de fonte auctorisada e por isso as aproveitou. Felizmente, porém, que não são exactas, tão certo é esse facto provar que, desde que haja quem, como o sr. Ramiro Mourão, procure substituir pelo que é nosso o que vem de fóra, alguma coisa se póde conseguir, muito embora o exito alcançado não seja, de maneira nenhuma, por falta de amparo de quem está de cima, nem remunerador nem compensador. A opinião do sr. Ramiro Mourão, cujos esforços para fazer vingar a tentativa patriotica da Torrinha merecem ser exaltados, tanto heroismo elles representam, n'esta terra de indifferentes, e tanto amor elles revelam pelo que é nosso e bem nosso, tem um valor excepcional. Por isso a deixamos aqui consignada, sem regatearmos ao homem que tanto trabalhou para resuscitar as velhas e tradicionaes faianças portuguezas todos os louvores que lhe são devidos.

Letras roubadas

Uma prisão

Ante-hontem, já depois de fechada a casa J. Espirito Santo, da rua dos Capellistas, foram mettidas por debaixo da porta trez letras de cambio no valor total de 7.282$82,3, endereçadas a G. Dubedot, e sendo a primeira, com o numero 5:330, de 2.078$21, acceite por Domingos Tarreco, a segunda, com o numero 5:447, de 1.915$09,6, de Francisco Glorio, e a terceira, com o numero de 5:449, de 3.224$02,7, de Otero & C.ª

Alguem houve que viu metter essas letras por debaixo da porta e tratou de as retirar, não se sabe ainda como, o que conseguiu. Hoje apresentou-se no Banco Lisboa & Açôres, a tentar descontar a segunda, um individuo bem trajado. Como todas as casas bancarias estivessem já prevenidas, foi chamada a policia, sendo o portador da letra preso e vindo para o governo civil, onde declarou chamar-se Henrique Teixeira.

A policia continúa investigando.

Uma cacetada que causa a morte

No hospital de S. José, onde, como hontem noticiámos déra entrada, falleceu Manuel Ferreira Margalho, que na noite de ante-hontem para hontem fôra encontrado sem fala na estrada de Sacavem.

Era trabalhador rural, natural da Ega concelho de Condeixa, e morador na quinta da Manteiga, em Sacavem, onde trabalhava.

Sabe-se que ha dias, estando com seus amigos na estrada, passára por elles Antonio Santos, empregado no commercio morador no sitio, a quem saudaram sem que este lhes correspondesse.

Na noite de sabbado o Margalho e o empregado no commercio tornaram a encontrar-se, havendo troca de palavras ácerca do incidente, o que deu em resultado ser o Margalho aggredido com uma cacetada. Antonio Santos foi preso.

PEQUENAS NOTICIAS

Recebeu curativo no hospital de S. José Arthur Pedro, pedreiro, empregado nas obras do Manicomio do Lumiar, que fôra aggredido com uma facada no rosto e outra no braço esquerdo pelo seu companheiro Leandro, em uma taberna do Campo Grande.

—Recolheu á enfermaria 8 do hospital do S. José Maximiliano Villanova, morador no largo da Graça, 107, atacado por um resfriamento quando trabalhava no beco da Barbaleda no salvamento de artigos d'uma casa que fôra inundada.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21— D. Perpetua que Deus haja.

TRINDADE — A's 21— El-rei damnado.

POLYTEAMA — A's 21 — A Martyr.

GYMNASIO — A's 21 — Soror Marianna—La donna é mobile.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—Fado e maxixe.

RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.

MODERNO — A's 21 — Sonho Guerreiro—O collar da princeza.

COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Ao correr da pena

Tenho prestado homenagem, sempre que se me apresenta o ensejo, a quantos dentro do theatro trabalham com verdadeiro merito ou sincera boa vontade e agora me recordo que, em trez annos de chronicas, nunca falli dos pontos. Elles são dos mais uteis collaboradores dos auctores e das emprezas e nas noites de apotheose, quando vem ao palco auctores, artistas, ensaiadores, scenographos, costumiers, chefes machinistas, electricistas, aderecistas e tutti quanti, só o desgraçado ponto fica esquecido no seu buraco. E, no emtanto, o pobre diabo durante os ensaios, emquanto actores faltavam ou chegavam tarde, era sempre pontual, foi elle quem tomou notas para que se cumprissem indicações do auctor ou do ensaiador, foi elle que com uma paciencia evangelica, emquanto se afinavam inflexões ou movimentos de scena, recomeçou quinze vezes a mesma phrase, apontando os desfallecimentos para lhes acudir a tempo. Foi elle tambem que no primeiro espectaculo, emquanto sobre o tablado alguns tremiam e vacillavam por excesso de nervos ou trabalho incerto se manteve sereno, atuando no momento opportuno a phrase engrolada ou recordando com um gesto a marcação esquecida. E fez tudo isto dentro d'uma caixa de meio metro, entalado durante horas como uma sardinha de Nantes dentro da sua prisão de lata. Nos intervallos todos recebem abraços, todos acceitam louvores bem ou mal ganhos. Só o ponto, melancolicamente errando no subterraneo do theatro, aproveita o descanço para fumar á pressa um cigarrinho brégeiro. N'esta existencia subalterna e apagada alguns adquirem uma philosophia pittoresca. Quando aquelles de quem foram as vezes a salvação e o ampáro se esquecem de lhes agradecer, na azafama de recolher as migalhas de gloria que andam no ar, elles tem um sorriso mudo que valle um longo poema. Sei de um auctor, pelo menos, que nunca deixou de ser grato aos pontos e hoje, com prazer, chamo a attenção de v. ex.as para o trabalho inglorio e mal remunerado apezar de indispensavel e extenuante, d'esses pilares obscuros dos templos grandes e pequenos da arte dramatica nacional.

Cyrano

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, *matinées* diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade Promotora de Instrução, em Alcantara, sessões ás quintas feiras, sabbados e domingos.

Concertos Blanch

E' explendido o programma que o maestro Blanch está organisando para o 1.º concerto da «Orchestra Symphonica Portugueza» que se realisa no proximo domingo, em «matinée», em S. Carlos. N'elle figuram as mais celebres obras de Haydn, Cherubini, Schumann, Saint-Saens, Cesar Frank, Wagner e outros auctores classicos e modernos. A bilheteira abre depois d'amanhã, quarta feira, em S. Carlos, podendo só então ser satisfeitos os pedidos que teem sido dirigidos.

A attitude de Portugal

apreciada pelos intellectuaes francezes

Não ha duvida que, n'este momento, se está formando em França uma grande atmosphera de sympathia em torno de Portugal. Os serviços que o nosso paiz desde o inicio da guerra, tem prestado á causa dos alliados e as decididas tendencias da nossa opinião publica a favor dos paizes que combatem o imperialismo e o militarismo allemães são justamente apreciadas por individualidades da envergadura intellectual de Jean Finot, que na sua «Revue» publica um artigo sensacional sobre a attitude do nosso paiz, demonstrando os direitos que assistem a Portugal de ser considerado, na liquidação final de contas, como um alliado.

Joseph Reinach, o antigo deputado dos Basses Alpes, refere-se egualmente a nós nos «Commentaires de Polybe», evocando um historico episodio das luctas da Peninsula em que a lealdade portugueza se evidenciou, sellando mais uma vez com sangue o velho pacto de amisade que liga Portugal e a Inglaterra. O «Temps», em editorial, tem egualmente para comnosco palavras de carinho. Cremos que muito breve apparecerá tambem na «Renaissance» um interessantissimo artigo ácerca da attitude do nosso paiz e da sua situação perante a guerra europeia.

Este amigavel ambiente que se está formando entre os intellectuaes francezes não póde nem deve passar despercebido entre nós. E' um estimulo e uma garantia. Começando a considerar-nos não só um povo amigo, mas um povo alliado, independentemente dos deveres que nos impõe a alliança luso-britannica, a França intellectual determinou, se é possivel, nas nossas sympathias por esse grande e bello paiz, um enthusiasmo ainda maior e um cunho do mais intimo e carinhoso affecto.

Além d'isso, parece-nos que chegou effectivamente o momento de se esclarecer, não o que temos a fazer ainda em relação aos alliados, mas o muito que já até agora temos feito. Desde que a allusão aos serviços que incontestavelmente temos prestado á Inglaterra e á França se faz em publico lá fóra, é natural que se quebre a especie de encanto em que estas coisas teem sido envolvidas, e se alluda tambem «cá dentro», de uma fórma concreta e decisiva, a factos que nos não envergonham, antes nos enaltecem.

ULTIMAS NOTICIAS

O novo ministerio

Ficou hoje constituido, após as «démarches» do estylo, o novo governo. A distribuição das pastas fez-se d'este modo:

Presidencia e finanças, dr. Affonso Costa.

Interior, dr. Almeida Ribeiro.

Justiça, dr. Catanho de Menezes.

Extrangeiros, dr. Augusto Soares.

Guerra, Norton de Mattos.

Marinha, Victor Hugo de Azevedo Coutinho.

Fomento, Antonio Maria da Silva.

Colonias, Rodrigues Gaspar.

Instrucção, Frederico Simas.

O novo governo foi cumprimentar esta tarde o chefe do Estado, devendo ser publicado ainda hoje o supplemento ao «Diario do Governo» com a sua nomeação.

A grande guerra

A lucta no theatro occidental e nos Dardanellos

PARIS, 28. — Communicação official das 23 h.—Afóra o canhoneio habitual nada ha a registar na generalidade das linhas de batalha, á excepção da de oeste de Berry-au-Bac, onde uma importante força inimiga em reconhecimento foi dispersa pelo nosso fogo. Durante o dia a nossa aviação continuou sendo das mais activas. Na Belgica um dos nossos aviões, que se lançou em perseguição de uma esquadrilha inimiga, conseguiu abater um avião germanico que cahiu no mar ao largo de Westendebains. De Ostende e de Millelkerque sahiram para proceder ao salvamento um torpedeiro e alguns escaleres, porém, os hydro-aviões dos alliados e a nossa artilharia, tendo atacado os escaleres conseguiu afundar um d'elles. Uma das nossas esquadrilhas composta de dez aviões bombardeou os *hangars* de Habsheim e Mulhouse, sendo lançados sobre elles 8 granadas de 155 e 20 de 90, que incendiaram os referidos *hangars* e avariaram um *aviatik* que estava em terra. O inimigo tentou em vão a perseguição. Um *aviatik* que fora attingido por varias balas das metralhadoras, teve de aterrar. Um outro *aviatik* voltou-se quando luctava no Bach. Na região de Nancy foi atacado um avião allemão por um dos nossos aviões de caça. O apparelho francez approximando-se o mais possivel do adversario conseguiu derribal-o. Um outro avião allemão que assistia á lucta deu meia volta.

Corpo expedicionario aos Dardanellos. — Nos dias 26 e 27 houve notavel actividade das duas artilharias. O inimigo fez explodir na frente das nossas linhas uma mina que não causou estragos. A' nossa esquerda os turcos fizeram pela primeira vez uso dos gazes suffocantes contra os inglezes, sem obter resultados.—(*Havas*).

A Romania perante o conflicto

BUCAREST, 28.—O rei da Romania, ao abrir hoje a sessão parlamentar leu uma mensagem consignando que em vista da guerra continuar com crescente encarniçamento, impõe-se aos romaicos o dever de unir os seus exforços para a defeza dos graves interesses do paiz nas difficeis circumstancias actuaes. Recommenda principalmente que se preveja ás necessidades do exercito, digno do amor e da confiança do paiz, e sobre o qual se baseia mais do que nunca a situação devida á Romania.—(*Havas*).

O 1.º DE DEZEMBRO

Centro Escolar Republicano do Santos

Commemorando a festa da bandeira, realisa-se na séde d'este centro, rua da Esperança, 204, 2.º, depois d'amanhã, pelas 21 horas, uma sessão solemne, para a qual foram convidados varios oradores, que exaltarão o culto que se deve prestar á bandeira da Patria.

Em seguida, dedicado aos socios, haverá um sarau dramatico por amadores sendo feita a apresentação, pela primeira vez, do orpheon infantil do centro, que cantará diversas canções populares, sendo abrilhantada a festa por um grupo musical. As salas do centro serão ornamentadas.

No theatro Moderno

Commemorando a data do 1.º de Dezembro realisa-se uma recita de gala, representando-se as operettas «Collar da Princeza» e «Sonho guerreiro», sendo esta ampliada com um quadro novo de apotheose ás nações alliadas, expressamente escripto para tal dia.

A sala estará vistosamente engalanada.

No Centro Dr. Affonso Costa

Aproveitando a data de 1 de dezembro e celebrando o completo restabelecimento do seu patrono, n'este centro realisa-se depois de ámanhã, ás 13 horas, uma sessão solemne, sendo distribuido um bodo a 320 pobres.

No Campo Grande

Tambem a Associação de beneficencia e instrucção do Campo Grande celebra o dia de quarta-feira com uma sessão commemorativa dos centenarios da tomada de Ceuta e da morte de Affonso de Albuquerque, no asilo D. Pedro V, pelas 14 horas, e sessões de homenagem á bandeira nacional nas escolas parochiaes, ás 13 horas.

Na sessão do asylo D. Pedro V toma parte o grupo n.º 11 de escoteiros, do lyceu de Camões.

O TEMPORAL EM LISBOA

Estabelecimentos inundados
Predio que ameaça ruina—Avultados prejuizos

O temporal que durante toda a noite passada é a maior parte do dia de hoje se fez sentir em Lisboa causou grandes prejuizos: inundações em casas particulares e estabelecimentos, predios abatidos, ruas esburacadas. Felizmente não ha desastres pessoaes a lamentar.

Vamos dar, resumidamente, uma nota do que observámos.

Nas ruas de S. Paulo, Ribeira Nova, Boa Vista e largo do Conde Barão e immediações a chuva inundou alguns estabelecimentos, causando bastos prejuizos. Os bombeiros e empregados da Abegoaria Municipal com picaretas e alavancas acudiram aos locaes das inundações, arrombando as sargentas e levantando os tampões de pedra dos canos de esgoto no cruzamento da rua das Flôres e dos Remolares e travessa da Ribeira Nova. Em alguns pontos d'essas ruas houve levantamento da calçada.

Na rua de S. Paulo os estabelecimentos que mais soffreram com a agua foram a typographia de Christovam Augusto Rodrigues, á esquina da rua das Flôres, onde rebentou a pia; drogaria Cruz, que ficou completamente inundada, tendo a agua de ser esgotada por uma bomba a vapor; o estabelecimento de capellista situado no predio da rua de S. Paulo, 186, onde a agua chegou a attingir a altura de meio metro, sendo esgotada tambem por uma bomba a vapor; na loja de chá do sr. Coelho, e n'um alambique situado á esquina das escadinhas da Bica Grande.

Na Casa da Moeda a agua inundou a officina de amoedação. O pessoal não poude entrar ás horas regulamentares, tendo por isso havido tolerancia de ponto.

Na rua da Ribeira Nova tambem houve bastantes estabelecimentos inundados. Os que mais soffreram foram: o alambique situado na rua da Ribeira Nova, 2, e travessa do mesmo nome, 1, barbearia Costa, casa de pasto «A Central», botequim dos Macacos e um deposito de cabos. N'estes ultimos estabelecimentos tiveram os bombeiros de exgotar a agua com bombas manuaes.

Na rua da Boa Vista foram inundados os estabelecimentos de ourives do sr. Florentino; a casa de pasto installada no predio 34, esquina da travessa do Marquez de Sampaio, officina de caldeireiro e fundição de metaes do sr. Francisco Onofiro e taberna do «Chico policia».

No largo do Conde Barão entrou a agua em grande abundancia na padaria Ingleza, na casa de moveis de Manuel José do Rosario e na casa de machinas Singer, sendo exgotada a baldes e com pás.

Na rua 24 de Julho, na parte comprehendida entre o jardim de Santos e o Caes do Sodré, houve bastantes casas inundadas. Entre ellas contam-se as estancias de madeiras José Gonçalves & C.ª e Felix da Costa & C.ª, deposito da fabrica Moniz, Galvão & C.ª, fabrica A Renascença, de vidros; taberna situada á esquina da rua do Instituto Industrial, onde a agua attingiu cerca de 70 centimetros de altura, trabalhando ali os bombeiros.

Nos depositos de cabos e artigos maritimos de Manuel Marques, herdeiros, e o que se encontra installado no predio n.º 10, a agua entrou em grande quantidade, causando bastantes prejuizos.

Nos mercados de peixe e agricola da Ribeira Nova houve um momento de panico quando a agua os invadiu. As mulheres, pegando nas creanças que se encontravam perto d'ellas procuram abrigar-se nos barracões que servem de depositos de hortaliças e fructas, situados proximo da linha ferrea.

A guarda republicana que estava na estação do edificio do mercado do peixe abandonou o seu posto. No mercado agricola viam-se cêstos, caixotes e hortaliças boiando ao de cima da agua. O jardim da praça de D. Luiz era um verdadeiro lago. Os bombeiros municipaes e voluntarios acudiam, para o exgotamento da agua, sendo auxiliados por empregados da camara e populares. Foram arrancadas os tampões de pedra dos canos de exgoto e as sargentas completamente demolidas. Os prejuizos nos dois mercados são de importancia. Vendedeiras houve que ficaram sem o dinheiro que já tinham apurado, porque os bancos com as gavetas tombaram, andando a nado. Depois de exgotada a agua, o transito ainda ficou por algum tempo interrompido, devido á grande accumulação de lama e aos muitos buracos que ficaram abertos no pavimento da calçada. De tarde, empregados da camara removiam a lama para as carroças e procederam á reparação da calçada.

Do Intendente ao Alto do Pina

No largo do Intendente, em frente de um kiosque de venda de tabacos e jornaes situado entre as duas linhas dos electricos da avenida Almirante Reis está o cano de exgoto rebentado, tendo as sargentas rebentado tambem com a força da agua. Por todos os lados se veem montões de lama e destroços. Na loja A do Regueirão dos Anjos, trazeiras da antiga egreja dos Anjos, o aspecto é desolador. O pequeno recanto está cheio de agua e cá fóra apenas se veem taipaes e restos de madeiras que parecem ter pertencido a uma taberna. Ninguem sabe dizer quem é o proprietario.

No largo do Intendente a inundação foi completa. A casa de machinas de Carlos José Amaral, 36 e 38, ficou com o saguão cheio de agua, sendo necessario o emprego de uma bomba a vapor para a exgotar; na rua dos Anjos, 16, barbearia pertencente a Annibal Pinto da Silva, a agua attingiu mais de dois palmos de altura e sendo grandes os prejuizos; na loja de ferragens de Antonio Joaquim Franco, os prejuizos são avaliados em cerca de 200 escudos, vendo-se a boiar á tona da agua chaleiras, baldes, pás e outros objectos.

Quando regressava ao seu quartel na Graça o automovel de prompto soccorro soffreu uma «panne», sendo mais tarde rebocado por um carro do quartel da Esperança.

Na rua Heliodoro Salgado, nos numeros 24 a 28, está installada a officina depositos e escriptorios, da serralharia pertencente á firma Viuva Fiuza, Simões & C.ª. Os operarios da casa entraram como do costume para o trabalho ás 8 horas, mas pouco depois, n'um grande barracão coberto de chapas de zinco existente nas trazeiras da officina notaram que a agua entrava com grande quantidade e que a madeira rangia. Trataram de se pôr ao largo e com tanta felicidade que pouco depois o barracão abatia. Debaixo dos escombros ficara material já construido e outro por manufacturar, sendo os prejuizos avaliados em 1.200 escudos e os da propriedade em mais de um conto. Os bombeiros compareceram no local.

Pouco depois dava-se novo desastre a poucos metros de distancia. Na rua Maria Gouveia, ao Bairro Braz Simões, traz o mestre de obras sr. José da Silva Clemente, morador na rua dos Açores, em construcção um novo predio que liga com um outro que já tem prompto e habitado. Compõe-se aquelle de cave, sub-cave, rez-do-chão, dois andares e aguas furtadas. Completamente isolado o lado direito de quem olha de frente, o predio é mal construido e todo feito a bairro, segundo dizem muitos operarios. Nas trazeiras d'esse predio ficam as de outros com varias varandas. Como o dia se apresentasse bastante chuvoso apenas compareceram ao trabalho dois carpinteiros e o guarda da obra. A's 11 horas, pouco mais ou menos, sentiu-se um enorme estampido. Era a parte trazeira do predio que desabava, nada soffrendo, felizmente, os predios contiguos. Os operarios fugiram, sendo o caso participado á policia, que mandou resguardar o local, onde compareceram grande quantidade de povo e muitos bombeiros chamados para prestar auxilio. O mestre Clemente poz-se tambem em fuga andando a policia em sua procura.

No Campo Grande a cheia é consideravel

Um volumoso «stock» d'agua, vindo da Portella, pela azinhaga da Murta transformou o jardim do Campo Grande e as avenidas lateraes n'um perfeito lago, attingindo a agua, em certos pontos, tres palmos de altura.

De manhã, o serviço dos electricos esteve paralysado e, depois, o transito fez-se com grandes demoras já para evitar descarrilamentos, já para que as aguas com a velocidade não invadissem os carros.

O aspecto do Campo Grande, surgindo da agua, era deveras pitoresco e interessante, sendo esta a cheia mais importante que se assignala n'aquelle local.

Felizmente não se registaram ali prejuizos materiaes dignos de nota.

N'outros locaes

Junto da egreja dos Jeronymos rebentou um cano de exgoto, pelo que o transito de vehiculos esteve interrompido durante largo tempo.

A Ribeira de Algés subiu consideravelmente o que tambem succedeu com o rio Jamor.

No Dafundo as inundações tambem foram extraordinarias principalmente na rua Direita, em frente da estação dos carros electricos, nas ruas José Maria da Costa, e travessa do Claudino, onde a agua attingiu 40 centimetros de altura. Outras ruas ficaram tambem inundadas não havendo comtudo prejuizos.

Varios estabelecimentos da rua de S. José, entre elles a tabacaria Faria e barbearia Vianna, soffreram grandes prejuizos devido á quantidade de agua que vinha das ruas do Passadiço e da Fé.

* *

Esta manhã quando o temporal era maior descia a rua da Infancia em direcção á Baixa um carro electrico que apoz uma ligeira paragem entrou na calçada de S. Vicente. Ao voltar para a rua das Escolas Geraes descarrilou devido á grande quantidade de areia que se juntou na calçada. Fez-se transbordo durante largo tempo, sendo o carro depois carrilado e voltando o serviço á normalidade.

A separação de funccionarios

pelo ministerio dos negocios estrangeiros

Todos os factos que se teem passado com a separação dos funccionarios pelos diversos ministerios veem confirmar a opinião que formulámos opportunamente, sustentando os inconvenientes da applicação d'essa lei. Hoje insere o «Diario do Governo» a lista dos funccionarios afastados pelo ministerio dos negocios estrangeiros. São tres:—o sr. Camillo Castello Branco, que estava ha muito tempo na disponibilidade, o sr. Simão Ferrão, consul em S. Francisco da California, e o sr. Manuel Teixeira de Freitas, vice-consul na mesma cidade e que não é funccionario de carreira.

Segundo nos informam, a separação do sr. Simão Ferreira é motivada pelo facto de se ter executado o antigo hymno da Carta, na exposição de S. Francisco, quando se inaugurou o pavilhão portuguez. Esse facto, porém, não é da responsabilidade d'aquelle funccionario, mas derivado apenas de não se ter feito officialmente communicação do novo hymno ás repartições diplomaticas e consulares dos Estados-Unidos.

Ainda ha anno e meio ou dois annos se produziu identico incidente em Londres, na abertura d'um congresso de medicina, ninguem se lembrando de apontar ás feras o sr. Teixeira Gomes nem de pôr em duvida o seu republicanismo. De resto, pessoas que conhecem o sr. Simão Ferreira informam-nos de que elle é um funccionario competentissimo e trabalhador, interessando-se a valer pela propaganda do nome portuguez.

Sendo assim, é facil presumir que elle recorra para o conselho de ministros do despacho que o separa do serviço. Mas como, se esse despacho estabelece que o recurso tem de ser apresentado no praso de dez dias a contar da data da sua publicação? Evidentemente, trata-se de uma «gaffe», que bom será remediar para se não coarctar áquelle funccionario o seu legitimo direito de defeza.

PARLAMENTO

SENADO

Só ás 15,30' se começa vagarosamente, fazendo a chamada, a que respondem 27 senadores. Preside o sr. general Correia Barreto, secretariado pelos srs. Paes d'Almeida e Ramos Pereira. Das opposições estão apenas os srs. Pedro Martins, Paes Gomes e Leão Magno Azedo. Approvada a acta sem reparos e não havendo expediente, o sr. presidente, visto não haver na sala numero para votações, manda proceder á segunda chamada. Ha mais um senador. E como com 28 ainda se não pode votar, é a sessão encerrada e marcada a proxima para amanhã, á hora regimental, com a mesma ordem do dia.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

D. SANTIAGO RUSSIÑOL

O illustre pintor e dramaturgo catalão, D. Santiago Russiñol encontra-se retido no leito, com um ligeiro ataque de «grippe» e angina. Por esse motivo não assistiu hontem ao jantar que alguns dos seus patricios lhe offereceram no Martinho, nem hoje partiu, como tencionava para a sua visita a Coimbra.

O nosso distincto hospede foi visitado pelo sr. dr. Tovar de Lemos que lhe indicou o tratamento a seguir, sendo de parecer que D. Santiago possa depois d'ámanhã proseguir a sua viagem.

O notavel paisagista, depois de visitar a cidade do Mondego, volta ainda a Lisboa, antes de regressar a Hespanha.

De março a maio do proximo anno virá pintar aqui, escolhendo os motivos que mais o impressionaram n'esta excursão.

NOTAS MUNDANAS

Com um ataque de «grippe» ficou hoje em casa o sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da commissão executiva do municipio.

—Ao jantar-concerto de hontem no Grande Hotel d'Inglaterra, entre outras pessoas assistiram: Mesdames Flora Graci, Brunel Cassale, Cintra Polonio, Vasconcellos, Savanchy, Emilie et Louise de Malicier, Métayer, Peito de Carvalho, Silva de Castro, Moresco Firth, Fuld Kesuer, e os srs. Paul Rottea Courg, A. Moutinho, Claudi Cachillo, Robigal, Carassale, Beraud Villand, Paepe, Vieira Braga, de Lavanchy, Cunha Mattos, conde d'Anton, Arlindo de Vasconcellos, dr. José de Castro, Adrião Ferreira dos Santos, Walles Maine, Moresco, Fuld, Antonio Franco, de Cami, Jayme Ferrão, Firth, dr. Torres, Walter Fuld, de Resaer, Mascarenhas d'Andrade, Abaglie, Goodall.

NOTAS DIVERSAS

Consta que para chefe do gabinete da presidencia será escolhido o sr. Arthur Costa e para chefe do gabinete do sr. ministro da marinha o capitão-tenente sr. Agnello Portela.

Termina no dia 5 de dezembro o praso para entrega de requerimentos solicitando admissão para o concurso de notarios para os concorrentes que residem nas ilhas. No dia 9 de dezembro termina o praso para a entrega de requerimentos para admissão ao concurso para escrivães e contadores de juizo de direito, terminando a 9 de janeiro para os que residem nas ilhas.

—Apresentou-se hoje na majoria general da armada o capitão de fragata sr. João de Sousa Bandeira.

—Seguem ámanhã para Angola a bordo do vapor da Empreza Nacional de Navegação 11 deportados que se encontram no presidio da Trafaria.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Chauffeurs em Portugal

Em segunda convocação reune ámanhã, ás 20 horas, a assembleia geral, sendo a ordem dos trabalhos: apreciar a these de organisação da Federação Geral dos Trabalhadores de Transportes; apresentar as condições em que o thesoureiro retira o seu pedido de demissão; apreciação do relatorio da commissão de syndicancia aos actos de um socio, quando delegado aos exames; resolver sobre um pagamento a fazer a um socio quando delegado provisorio junto da commissão technica.

Troupe Dramatica Judith Magiolly

Acaba de fundar-se esta *troupe*, com o fim de collaborar em festas de caridade e beneficencia e organisar recitas em clubs e sociedades, sendo assim constituida: actrizes Judith Magiolly e Olivia Dôres, amadora Ludgera Magiolly; amadores José Nunes, Arthur dos Reis, Frederico Romero, José Amaro dos Reis Junior, Annibal Reis, Luiz d'Almeida e Hypolito Perdigão, ponto.

A séde é na rua das Janellas Verdes 42-G, 2.º, D.

No regimento de infantaria 5

O sr. general Pereira d'Eça assiste á conferencia do capitão sr. Correia dos Santos

No quartel do regimento de infantaria 5 realisou esta tarde a segunda conferencia sobre o tiro da infantaria na guerra actual, o capitão sr. Correia dos Santos. Tratou este official de apresentar os resultados das ultimas experiencias effectuadas no campo de tiro d'infantaria da Escola de Madrid e fez o confronto com as experiencias realisadas no curso de tiro da escola de Mafra. Poz em evidencia a importancia do tiro individual, lembrando o cuidado que deve haver na instrucção preliminar do tiro, que é a condição primordial para se obter um atirador em condições de fazer a guerra moderna.

Assistiu á conferencia o sr. general Pereira de Eça, que manifestou o seu agrado pela utilidade pratica da instrucção profissional dos officiaes, que devia ser cuidada com o maximo escrupulo.

O sr. commandante da divisão prometteu visitar os regimentos, a fim de conviver com os officiaes.

O sr. commandante da divisão naval, que fôra convidado a assistir á conferencia, com os officiaes do seu commando, que assim o desejassem, escreveu ao sr. coronel Pinto de Magalhães, mostrando o seu pezar por não poder comparecer, por motivo do serviço.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 3/4	33 5/8
Londres, 90 d/v.	34 1/4	—
Paris, cheque	$76,6	$77,2
Allemanha, cheque	$30,4	$30,8
Hollanda, cheque	$63	$63,5
Madrid, cheque	1$41	1$42
New York	1$51	1$52
Rio s/Londres	12 9/32	—
Libras	7$28	7$38
Agio do ouro	60 %	65 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Titulos de 1.000$	39,60	39,40
» » 500$	39,60	—
» » 100$	39,60	—

Obrigações do Estado: 4 1/2 88-89, assent., 56$60.

Externas: 1.ª serie, 76$80 e 3.ª, 78$.

Acções: Banco de Portugal, 182$50; Ultramarino, coup., 115$50; Phosphoros, coup., 54$70; Tabacos, coup., 74$50; Empreza Agricola Principe, 5$50.

Obrigações: Aguas, coup., 83$20; Districtaes, 5 0/0, 84$; Ultramarino, hypothecarias, 94$; Ambacas, 95$50; Norte e Leste, 2.º grau, 87$30; Beira Alta, 2.º grau, 14$50; Assucar, 41$50.

SPORT

Os dez mandamentos de Tolstoi

Ensinando a viver bem

O celebre litterato esqueceu-se de nos ensinar a ser proprietarios

Um camarada nosso do jornal, que é um dos maiores jornalistas da nessa terra, manifestou-nos ha dias a surpreza pelas referencias que fizemos a Jules Vallès apaixonado pelo jogo do socco.

«Seria possivel que o auctor da «Rue» fosse um enthusiasta qela cultura physica?» «Foi, respondemos nós, como o foram alguns dos maiores politicos e das maiores mentalidades do seculo ultimo e ainda d'este seculo». E citamos, entre outros Lincoln, Gambetta, Lamartine, Vallès, Victor Hugo, Zola e Gauthier, cujas opiniões ainda haviamos de tornar publicas, Roosevelt, Taft, Asquith, Pierre Loti, Brieux, Prevost, Bernard, Ramalho, Maël, Richepin, d'Annunzio e tantos outros.

O nosso camarada reputou uma publicidade bastante util a das idéas d'esses homens. Era um serviço prestado á cruzada da regeneração physica das raças. Era para os estudiosos um processo de melhor estudar e melhor conhecer a psychologia d'esses intellectuaes. Vamos tentar a incumbencia.

Começamos por L. Tolstoi, o famoso conde russo, que morreu velho e que durante a sua vida foi um modelo de vigor physico e de boa saude. O grande romancista, dizia com frequencia que o seu cerebro affirmava tanta robustez porque elle mesmo era um robusto de corpo e sabia manter a saude n'um regimen higienico, «muito perto da natureza, vivendo na natureza».

Pois Tolstoi reuniu n'uma serie de bons conselhos os deveres dos homens para que fossem modelos humanos, perfeitos e bons». E elle mesmo resumiu a sua regra de bem viver, n'uma especie de Decagolo para uso de todos os homens. Os jornaes russos proclamaram essa «lei de sabedoria», em sentenças que traduzimos:

1.º—Viver ao ar livre de dia e de noite;

2.º—Fazer todos os dias exercicios gymnasticos ao ar livre;

3.º—Comer e beber moderadamente;

4.º—Lavar-se com agua muito fria, gelada se fôr possivel; um banho quente ás segundas-feiras (?!);

5.º—Trazer fatos largos e leves;

6.º—Observar a mais cuidadosa limpeza;

7.º—Trabalhar regularmente; isso constitue a alegria e a saude;

8.º—Dormir de noite;

9.º—Realisar boas acções;

10.º—Habitar uma casa espaçosa, cheia de sol, «da qual se deve ser proprietario».

Todas as sentenças teem uma certa originalidade e não são difficeis de executar, mas a ultima é um tanto bizarra. Bem sabemos que uma casa espaçosa, cheia de sol é um precioso recurso para se ter saude. Por isso milhares de pessoas, comnosco comprehendido, vão procurando os bairros excentricos da cidade e os logares dos arredores, batidos de vento e batidos de sol para viver, deixando a cidade para as horas exigidas pelas occupações diarias. O campo, os arredores, o Estoril com os seus grandiosos projectos, a Amadora com os seus progressos, a Praia das Maçãs com as suas tentativas, Cintra com as suas bellezas, tudo com as suas casas, os seus chalets e as suas vivendas, aquecidas pelo sol e rasgadas de luz constituem para o mortal que lá póde viver a segurança n'uma tranquillidade moral. Mas para que esta tranquillidade seja completa e consequentemente para se possuir um bom equilibrio physico—diz-nos Tolstoi—que é preciso ser o proprietario d'essas casas, d'esses chalets e d'essas vivendas! Como conseguir essa felicidade? Isso é que Tolstoi não ensinou, porque elle, grande senhor, grande proprietario, nunca luctou para tal conseguir...

Seja como fôr, para os hygienistas, para os «culturistas», para os que desejam «bem viver», Tolstoi deixou preciosos conselhos e mesmo o mais difficil depende do trabalho de cada um. Nove sentenças são faceis de cumprir. E' trabalhar para realisar a ultima.

Notas do dia

Os desafios de hontem, no foot-ball

A brilhante defeza que sustentou ha dias o Lisboa Foot-ball Club contra o Sport Lisboa e Bemfica foi o attractivo para chamar grande concorrencia de espectadores ao desafio entre esse «team», e o do Sporting, campeão de Portugal. E' que n'esse «match» podia encontrar-se um termo de comparação entre a «fórma» actual dos dois «finalistas» do anno passado:—o Bemfica e o Sporting.

Que ensinamentos trouxe o «match»? Que o Lisboa está forte e os seus homens teem muito folego, que lhes permittiu manterem-se desde o principio ao fim, isto é, durante hora e meia com o mesmo vigor combativo e a mesma energia. Que o Sporting continua a ser um grupo muito homogeneamente constituido, tendo, porém, hontem, uma falha sensivel, a do «ponta direita».

O resultado do «match» foi de 5 «goals» contra 0, a favor do Sporting. Nas outras cathegorias tudo se passou regularmente, excepto no desafio entre terceiros «teams» do Sporting contra o Palmense. Produziu-se um incidente lamentavel, que obrigou o juiz a expulsar do campo dois jogadores do Palmense. Com esse incidente excitaram-se os animos e a lucta continuou mas com insultos e doestos, que, francamente, não abonam a disciplina entre jogadores. Era conveniente que a Associação que nomeia juizes para arbitrar, mandasse tambem para os campos um seu director ou delegado. Representava mais uma testemunha ocular d'estes e d'outros casos, cuja auctoridade e decisão, permittiria que houvesse um acto de força e disciplinador. Assim é que não póde continuar. Estamos certos de que não continuará porque a Associação está disposta e já o tem demonstrado a tudo fazer em beneficio do «foot-ball».

O combate Bazilio-Silva Ruivo

A prova evidente de que no jogo do socco, a cathegoria dos pugilistas segundo o seu peso, constitue uma necessidade, deu-a hontem o desafio entre os srs. Bazilio d'Oliveira e Silva Ruivo. Este apesar da sua valentia, da sua coragem e da sua decisão no ataque não conseguiu inquietar o sr. Bazilio, que dominou de principio ao fim, usando de preferencia o socco «pela linha baixa», sobre o estomago, sterno e «plexus solar». Ruivo acudia promptamente á «resposta» de maneira que ficou em carne viva o seu braço e ante-braço direito.

No 4.º «round», houve mais egualdade, mas no 5.º, a supremacia de Bazilio foi nitida, evidente, esmagadora, justificando que podesse ser propositado o acto d'um «segundo» que arremessou a «esponja» para o «ring». Dizia-se que foi um acto involuntario, mas o combate justificou que podia ser com a consciencia de que Ruivo estava derrotado.

Arbitrou o sr. Brun da Silveira.

Torneios de lucta da Federação

Então não ha mais luctadores? Era este o commentario de quem assistiu ao campeonato de lucta greco-romana da Fedaração, annunciado, nos jornaes, como importante porque se dizia que ia reunir muitos concorrentes e bons luctadores. O que é verdade, porém, é que ficaram vencedores dois «velhos» campeões, que são tambem dois excellentes homens de «sport» Antonio Neves e Homero Alves, «velhos» porque são competidores de sempre em todos os campeonatos até hoje realisados.

Em face d'estes casos, como se comprehende o trabalho dos «novos orientadores», dos «novos dirigentes», das «novas Federações»? Não chegam a fazer o que se fazia antes e não apresentam nada de novo. Ora a verdade é que contra factos não ha argumentos e os factos vão-se multiplicando...

Algumas anecdotas

E se lá andasse dois annos quanto crescia

Um «sportsman» portuguez dos mais considerados da nossa terra, o sr. M., contava n'uma roda d'amigos o que eram as escolas de cultura physica de Paris, o que valia o seu reclamo exagerado, e commentava:

—N'uma d'ellas fazem crescer um individuo seis centimetros em quatro mezes!...

—Essa agora!...—interrompe um dos presentes. Então quem lá andasse dois annos quanto crescia?

—O bastante—diz um terceiro—para fazer d'um Raul Martins um gigante como o Paul Pons...

Noticias

Entre nós

Gymnasio Club Portuguez

A direcção d'este antigo e importante club de cultura physica realisa no dia 5 de dezembro, em «matinée», uma «poule» de esgrima para a qual já estão inscriptos os srs. João de Brito, Ruy da Cunha, Humberto Reis, Pinto d'Almeida, N. N., Rijo da Fnoseca, Cisneiros Ferreira, A. Secker, João Gomes, Vidal d'Oliveira, etc. A distribuição de premios far-se-ha, no mesmo dia, seguindo-se um baile.

Consta que a direcção tenciona levar a effeito, todos os mezes, em «matinées», provas de varios «sports», e assim envidará todos os esforços para que o prestigio d'esta importante e antiga aggremiação seja não só mantido, como elevado até onde ella tem direito.

A classe de «box» regida pelo pugilista americano Mc Closkey, já conta bastantes inscripções, assim como a classe de lucta greco-romana que tem logar ás terças, quintas e sabbados, das 17 ás 19, regida pelo antigo campeão de Portugal (leves) sr. Claudio d'Oliveira. As classes de esgrima, jogo de pau, gymnastica sueca, dança, etc., continuam animadissimas.

—A'manhã, 30, effectua-se uma assembleia geral extraordinaria para se discutir um contracto de alliança entre o Gymnasio Club e os Desportos de Bemfica.

Associação de Foot-ball de Lisboa

Foram marcados os seguintes desafios para o dia 1: 1.ª cathegoria, Bemfica contra Internacional, em Sete Rios, ás 15 horas; juiz o sr. Luiz Placido de Sousa. 2.ª, cathegoria, Lisboa F. C. contra Bemfica, no C. Grande, ás 13 horas; juiz o sr. Luciano Simões; Sporting contra Imperio, no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. Mario Monteiro. 3.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Imperio, no C. Grande, ás 11 horas; juiz o sr. Francisco Vieira; Sacavenense contra Bemfica, em Sete Rios, ás 13 horas; juiz o sr. João Sá. 4.ª cathegoria, Lisboa F. C. contra Atheneu, no C. Grande, ás 15 horas; juiz o sr. Alfredo Torres Pereira; Imperio contra Palmense, em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Alberto Franco d'Araujo.

Dia 5: 1.ª cathegoria: Lisboa F. C. contra Imperio, no C. Grande, ás 15 horas; juiz o sr. Arthur José Pereira; 2.ª cathegoria, C. Quebrada contra Victoria, em Bemfica, ás 15 horas; juiz o sr. Mario Monteiro; Internacional contra Lisboa F. C., nas Laranjeiras, ás 12,30 horas; juiz o sr. Rogerio Peres. 3.ª cathegoria, C. Quebrada contra Palmense, em Bemfica, ás 13 horas; juiz o sr. Carlos Penaguião; Sporting contra Victoria, no Lumiar, ás 13 horas; juiz o sr. João Sá. 4.ª cathegoria, Bemfica contra Sporting, em Sete Rios, ás 13 horas; juiz o sr. Luciano Simões; C. Quebrada contra Lisboa F. C., em Bemfica, ás 11 horas; juiz o sr. Domingos Pinto.

O resultado dos torneios de lucta

Disputaram hontem o campeonato da Federação Portugueza, luctadores das seguintes cathegorias: levissimos, leves, medios e meios-medios e o campeonato de Portugal.

O apuramento das classificações deu o seguinte resultado:

Levissimos: 1.º, José Mattos de Carvalho; 2.º, Abel Ferreira; 3.º, Justino Vigario; 4.º, Eduardo Santos.

Leves: 1.º, Homero Alves; 2.º, Eduardo Amaro; 3.º, Emilio Parreira.

Meios-medios: 1.º, Antonio Neves; 2.º, Antonio Silva.

Medios: 1.º, Antonio Trindade; 2.º, José da Silva Carvalho.

Campeonato de Portugal, de todos os luctadores: Antonio Neves.

A arbitragem foi boa e agradou a todos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Syndicato ferro-viario

Reune ámanhã, ás 20 e meia horas, a assembléa geral da classe, sendo a ordem dos trabalhos: transmittir á commissão administrativa a resposta do sr. director geral do commercio e industria, sobre o horario do trabalho; apreciar a these elaborada pela commissão incumbida de organisar a federação dos transportes terrestres sobre a referida organisação; apreciar uma moção enviada pela União Operaria Nacional sobre a carestia da vida, presos por questões sociaes e horario de trabalho.

Colyseu dos Recreios

A estreia de hoje em espectaculo da moda

A grande companhia de circo, que está sendo constantemente renovada, graças aos cuidados do illustre emprezario que é Antonio Santos, continúa a levar ao Colyseu uma concorrencia colossal. A sociedade elegante dá-se hoje ali o seu *rendez-vous* semanal. Para ella está reservada a estreia de um numero portuguez: os *Luzos*, dois rapazes que se apresentam em varios trabalhos de equilibrios o que, com um treino longo em clubs particulares, se abalançam a fazer a sua fé profissional esta noite.

O programma é festivo e encantador. Mais uma vez haverá occasião de admirar o famoso e commovente mimodrama *O sonho tragico*, que breve desapparecerá do cartaz, á fim de, a pedidos instantes, dar logar a um restricto numero de representações do festejadissimo mimodrama *Vingança de feras*.

As irmãs Margarida e Flora exibirão o seu difficil trabalho em escadas oscillantes e os primeiros *clowns* do mundo, Antonet e Walter e Rico e Alex, alegrarão o espectaculo com os seus esfusiantes intermedios comicos, e Levy Jenochio e Carlos Abreu causarão successo com os seus assombrosos vôos a Léotard.

Brevemente, estreia sensacional.

Excursões e passeios

Ao Porto

Uma commissão de republicanos, sem distincção de côr partidaria, promove uma excursão ao Porto por occasião das festas do Natal, que será de confraternisação entre o povo da capital e o do Porto.

A partida será da estação do Rocio no dia 25 de dezembro (sabbado e feriado) de manhã, e o regresso do Porto na segunda feira 27, de tarde, custando os bilhetes de ida e volta, 5$10 em 2.ª classe, e 3$60 em 3.ª.

No Porto estão-se preparando grandes manifestações á chegada do comboio excursionista.

Festas associativas

Club Estephania

No proximo sabbado realisa-se n'este club o primeiro concerto da presente epocha, em que tomam parte algumas das nossas melhores amadoras de canto e de musica, além da orchestra do club, composta de 50 executantes, sob a direcção do sr. Henrique de Alarcão.

A avaliar pelo escrupulo com que se está confeccionando o programma e ainda pelo reconhecido merito dos seus interpretes, deve resultar brilhante esta audição musical como teem sido as dos annos anteriores, o que muito honra a intelligente orientação com que o club Estephania organisa as suas festas de arte.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 28.—Pode dizer-se que estão quasi concluidas as deligencias para o descobrimento dos auctores do roubo praticado no thesouro da Sé Cathedral que ha 16 mezes tanto tem dado que falar, bordando-se sobre elle varios commentarios e alguns bem picarescos e interessantes.

Não resta a menor duvida de que o delegado do Procurador da Republica n'esta comarca tem um papel preponderante n'estas deligencias, pela forma como as tem guiado, conseguindo descobrir alguns dos auctores ou encobridores do crime, que confiados na impunidade iam passeando por toda a parte usufruindo plena liberdade.

Uma grande parte, se não todos os objectos roubados audaciosamente do thesouro de arte sacra da Sé, estão já apprehendidos, sendo alguns de inestimavel valor intrinseco a fora o seu grande valor estimativo.

Um dos coniventes no crime, Antonio José Alves, foi como dissemos, pronunciado sem fiança. Outros vão ter a mesma sorte, por se acharem n'elle envolvidos.

Durante a proxima semana varias surprezas se devem dar sobre o assumpto, que Coimbra deseja ver completamente esclarecido.

—Continúa a greve dos estudantes do lyceu. Por esse motivo reuniram hoje talvez 400 individuos, paes e responsaveis pela educação de alumnos que frequentam aquelle estabelecimento para tratar da solução da greve. O reitor do lyceu acha-se descontente com a attitude dos alumnos, tendo já declarado que no caso d'elles se manterem no seu proposito, pedirá a demissão.

Amanhã ainda os alumnos não vão ás aulas.

precisamente na posição em que, na opinião de muitos technicos, a armada britannica se teria encontrado em 1915 se tivesse effectuado a perigosa passagem.

Estava em frente de Constantinopla, mas não poude tomar a cidade. Para isso era necessario um exercito e não tinha tropas.

Faltando-lhe os viveres, voltou para os Dardanellos sem ter cumprido a sua missão. O tempo não lhe foi favoravel, de novo foi bombardeado e soffreu consideraveis avarias. Do resultado inferia-se que as difficuldades de tomar os Dardanellos não haviam desapparecido com o decorrer dos seculos.

A segunda vez em que as forças inglezas entraram nos Dardanellos foi em 1854, na occasião da guerra da Criméa. Como a Gran-Bretanha e a França eram alliadas da Turquia, não houve opposição. As forças inglezas e francezas desembarcaram em Gallipoli e depois fortificaram o isthmo de Bulair. O objectivo era assegurar as linhas de communicação com a Criméa e o episodio não merece mais larga referencia.

Em 1878 o almirante Hornby com uma armada britannica atravessou os Dardanellos e ancorou em frente de Constantinopla, fazendo uma demonstração naval. O momento era critico. A Russia estava em guerra com a Turquia e o seu exercito tinha chegado ao Mar de Marmara. As tropas russas estavam á vista do zimborio de Santa Sophia. Um canto popular d'esse tempo synthetisa a politica britannica. Esse canto terminava pelo seguinte estribilho: «Os russos não tomarão Constantinopla».

Pensava-se que o apparecimento d'uma armada ingleza impediria os russos, um tanto exhaustos, de entrar na cidade, e a demonstração surtiu effeito. O perigo estava em que os russos chegassem a um accordo com os turcos e que induzissem estes a resistir ao almirante Hornby nos Dardanellos. Elle atravessou os estreitos no meio d'uma tempestade de neve, com os seus navios preparados para combate. O seu navio almirante, o «Alexandra» esteve quasi quatro horas ancorado proximo de Chanak. Mas os turcos não fizeram fogo e a situação salvou-se.

O almirante Hornby esteve sempre convencido de que podia abrir caminho em qualquer dos casos, porque as defezas turcas não eram então poderosas.

Depois da guerra russo-turca a entrada dos Dardanellos não foi ameaçada por qualquer conflicto sério durante quasi quarenta annos. Na guerra entre a Italia e a Turquia em 1911-1912, os italianos elaboraram planos para uma expedição naval e militar contra os estreitos, mas nunca se fez a tentativa, em resultado do entendimento com as potencias de que as hostilidades se não estenderiam á Turquia da Europa.

A guerra balkanica de 1912-1913 tambem se não fez sentir nos estreitos. A armada grega esteve sempre a respeitosa distancia. Uma força bulgara ameaçou as linhas de Bulair e Enver Pachá fez embarcar á pressa uma expedição nos paquetes do Bosphoro e dirigiu-se para o isthmo; mas o ataque bulgaro nunca se chegou a effectuar.

Resta considerar as condições das defezas turcas na occasião em que a Gran-Bretanha e os seus alliados tomaram a resolução que, no dizer de sir Ian Hamilton, levou a tão «estupendos acontecimentos». A influencia da Allemanha sobre os preparativos da Turquia para a guerra haviam começado a fazer-se sentir nos ultimos annos do seculo XIX.

Depois da paz ter sido assignada em San Stefano, em 1878, Blum Pachá, official allemão, fez o plano de novas fortificações para os Dardanellos, que foram executadas.

Como a Allemanha ganhava valimento em Constantinopla, não podia ella deixar de prestar attenção aos estreitos. Muitos dos canhões pezados vendidos ao governo turco nos dez annos antes da guerra foram para Chanak e Kilid Bahr. As baterias augmentaram de numero e as que estavam á entrada, exceptuan

nas ao sabor da corrente contra os navios alliados. A corrente contraria auxilia um pouco os submarinos inglezes nas suas aventureiras incursões no mar de Marmara.

Toda a passagem é complicada para os submarinos e tambem para os navios. Os ventos que ahi reinam durante nove mezes são os do nordeste, cuja intensidade é muito variavel e attingem a maior força por volta do meio dia. Notou-se que o tempo desfavoravel e frequentes nevoeiros impediram grandemente as primeiras phases das operações navaes.

E' um engano suppôr que ambas as margens dos Dardanellos são eguaes. Ha accentuadas differenças entre as pedregosas eminencias da peninsula de Gallipoli e as baixas eminencias cobertas de bosques do lado asiatico.

Em ambas as margens ha elevações que dão uma enorme vantagem á artilharia de defeza, mas ha pouca semelhança entre as fundas penedias de Gallipoli e as pequenas altitudes da Asia Menor. A differença vae mesmo até á vegetação e colorido, pois do lado asiatico os bosques são densos e a terra verdejante ao passo que do europeu tal não succede.

O lado asiatico começa com as planicies pantanosas de Troy, interceptadas por baixas cadeias de montanhas que se estendem até ao monte Ida, a quarenta e oito kilometros de distancia. Depois veem valles agradaveis, pastagens verdejantes, aldeias sitas no meio de pomares. Compare-se esse quadro com o que offerece a peninsula de Gallipoli e vêr-se-ha a enorme differença que entre elles existe.

A peninsula é uma massa de alturas diversas, bastante difficil de atravessar em tempo de paz e eriçada de formidaveis obstaculos em tempo de guerra quando defendida corajosamente. Excepto em poucos valles o cultivo era pequeno, vendo-se raramente um olival, quebrando a monotonia algumas vezes um ou outro pequeno abandonado casal.

As estradas eram tambem poucas e os escassos habitantes da peninsula preferiam fazer as suas viagens de logar para logar em barco. A agua era pouca e não se encontrava nenhuma em muitos dos pontos escolhidos para os ataques por terra.

A desanimadora natureza das operações de Gallipoli, na fórma em que foram emprehendidas, apenas revelava apoz cada altura que ia sendo conquistada novas penedias a tomar. Assim no Cabo Helles, na extremidade da peninsula, o terreno erguia-se abruptamente das praias de areia á altura de 140 pés. A uns trez kilometros e meio de terra havia penedias de 300 pés de altura. A uma distancia de dois kilometros e meio no interior estava o pico de Achi Baba, da altura de 600 pés, o primeiro grande feito das forças alliadas.

Para dominar o estreito, ainda uma outra eminencia, o planalto de Kilid Bahr, ou Pasha Dagh, tinha de ser conquistada. No seu ponto mais alto, Kilid Bahr attinge uma altitude de 700 pés e fica a cerca de dez kilometros além de Achi Baba e a oito kilometros de Gaba Tepe, onde os australianos e neo-zelandezes primeiro desembarcaram. Mais a noroeste do estreito fica a eminencia de Sari Bair, de 971 pés d'altura, coberta de ravinas e densos bosques. Todos os caminhos para a cidade de Gallipoli correm por outeiros, muitos dos quaes se erguem a 1.000 pés e outros a 800 e 900 pés.

Todo o contorno da peninsula era cheio de desfiladeiros e de ravinas e as eminencias eram cortadas por cursos d'agua. As correntes proximas da extremidade da peninsula lançam-se no estreito e poucas são as que correm para o mar Egeu. A maior largura da peninsula de Gallipoli é n'um local exactamente logo apoz a parte mais estreita, onde attingia doze milhas.

Uma estrada corre da cidade de Gallipoli ao longo das eminencias centraes para a aldeia de Maidos. Uma continuação d'essa estrada, pouco mais que uma vereda, seguia de Maidos e passava pelos declives

Publicação

Para os effeitos legaes se torna publico que por escriptura celebrada em 22 de novembro corrente, notario Eugenio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi constituida entre os srs. José Carlos Martins Lavado e Fortunato Gabriel Seruya, uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, sob as condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

Fica constituida sob a fórma estabelecida na lei de 11 de abril de 1901, a sociedade commercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regulará pelas presentes disposições e que adopta a firma «Lavado & Seruya, Limitada».

2.º

A sua séde é em Lisboa e o seu estabelecimento na rua do Alecrim, n.º 21-A.

3.º

A sua duração será por tempo indeterminado, contando a existencia da sociedade desde o dia 22 de fevereiro d'este anno corrente, considerando-se annos sociaes os annos civis e anno completo o resto d'este anno corrente.

4.º

O seu objecto é a exploração do commercio de commissões e consignações e todo outro qualquer commercio ou industria que os socios de commum accordo resolvam explorar.

5.º

O seu capital é de 15:000$00, constituido por duas quotas de 7.500$00 cada uma, com que respectivamente subscrevem cada um dos socios, estando o mesmo já integralmente realisado em dinheiro.

6.º

Os socios poderão fazer supprimentos de capital, os quaes vencerão o juro annual de 6 por cento, mas não serão obrigados a prestações supplementares.

7.º

A gerencia fica a cargo dos dois socios, cada um «in solidum», que representarão a sociedade em todos os seus actos e contractos, activa e passivamente, tanto em juizo, como fóra d'elle, com dispensa de caução.

8.º

O balanço será sempre dado em dezembro e deverá estar concluido, escripto e assignado no dia 31 de janeiro seguinte.

9.º

Os lucros liquidos, depois de tirados 5 por cento para fundo de reserva, serão divididos entre os socios na proporção das suas quotas, assim como as perdas, se as houver.

10.º

As quotas serão divisiveis livremente entre os herdeiros dos socios e tambem transmissiveis livremente entre elles; porém a divisão de quotas sem ser n'aquellas condições e a cessão de quola ou de parte da quota a favor de estranho, só poderão ter logar quando tenham sido expressamente auctorisadas pela sociedade, e no caso de cessão quando o outro socio não queira usar do direito de opção.

11.º

No caso de fallecimento ou interdicção de qualquer dos socios, os herdeiros do socio fallecido ou interdicto só teem o direito de receber do socio sobrevivo e capaz a importancia do capital e lucros, conforme o ultimo balanço.

Paragrapho 1.º—Relativamente ao tempo que decorrer desde o ultimo balanço até á data do fallecimento ou interdicção, far-se-ha o calculo por egual epocha de tempo relativo ao anno anterior e será essa a importancia que os herdeiros do socio fallecido ou interdicto terão a receber correlativamente a este tempo.

Paragrapho 2.º—A liquidação feita entre os herdeiros do socio fallecido ou interdicto e o outro socio, será feita no praso de seis mezes, a contar da data do fallecimento ou interdicção, acceitando o socio sobrevivente ou capaz, uma letra da respectiva importancia, accrescida do juro de móra de seis por cento.

12.º

As deliberações sociaes comprovar-se-hão pela acta das reuniões dos socios ou por escripto assignado por ambos elles e essas reuniões serão convocadas ao modo ordinario ou por cartas registadas expedidas pelo menos com trez dias de antecedencia, podendo o socio ausente ou impedido communicar o seu voto ou deliberação por escripto assignado pelo seu punho.

13.º

No caso de liquidação da sociedade serão ambos os socios liquidatarios, ficando o activo e passivo social pertencendo áquelle que mais offerecer em licitação.

14.º

As duvidas e desintelligencias entre os socios serão sempre resolvidas por arbitros um nomeado por cada socio, e o terceiro no caso de desaccordo, pelo juiz presidente da primeira vara commercial d'esta cidade, precedido de compromisso legal, incorrendo quem se recuse á outhorga d'elle na multa de 500$00, a favor de quem o reclame.

15.º

Em tudo o mais aqui não regulado observar-se-hão as disposições da lei de 11 de abril de 1901 e mais legislação applicavel.

Lisboa, 23 de novembro de 1915.

O notario,

Eugenio de Carvalho e Silva

de Kilid Bahr para a aldeia de Krithia, que fica no cimo dos declives occidentaes de Achi Baba.

Além da cidade de Gallipoli a peninsula estreita gradualmente até ao isthmo de Bulair. Ahi a distancia de extremidade a extremidade era exactamente de trez milhas. No seu centro ha uma eminencia de 489 pés d'altura. As praias de Bulair do lado do Egeu, no golpho de Xeros ou Saros, erguem-se quasi logo a uma altura de 300 pés. O isthmo é marginado por pantanos.

De Bulair ao cabo Helles, á entrada dos Dardanellos, a distancia é de 52 milhas. Tal é, em resumo, a peninsula de Gallipoli, scena pouco apropriada para grandes operações militares, especialmente por offerecer pouco campo para movimentos extensos por forças atacantes.

A natureza parecia ter especialmente preparado as coisas para proteger o mais cobiçado dos mares, por cuja posse grandes exercitos e armadas tinham de quando em quando combatido, durante os diversos periodos da historia do mundo occidental.

Os turcos chamaram aos Dardanellos «Bahr-Sefed Boghazi»—a Embocadura do Mar Branco—. Os estreitos figuram pela primeira vez na historia a quando do sitio de Troya, mas devem ter sido scena de grandes conflictos nas eras primitivas, antes de se começar a escrever a historia. Walter Leaf escreveu, já este anno:

«A Troya de Priamo não foi a primeira. Abaixo das muralhas da de Priamo e de Heitor houve outras Troyas mais antigas, das quaes nada sabemos; muitos seculos devem ter decorrido desde os dias da «Segunda Cidade», onde Schliemann encontrou o grande thezouro de ouro e prata, jaspe e ambar, provando que mesmo n'essas remotas eras a occupação dos estreitos era uma fonte de riqueza e de poder.

E abaixo da «Segunda Cidade» de novo se encontram as humildes muralhas da primeira—quantas centurias de antiguidade ainda? D'essas antigas cidades nenhuma outra recordação chegou até nós; mas sobre os seus vestigios pelo menos quarenta seculos teem passado.»

A guerra de Troya foi feita, não pelo lindo rosto de Helena, mas para a posse do commercio. O rei Priamo de Troya queria lançar impostos ás galeras gregas que passavam pelos estreitos para o Mar Negro. Não queria que os navios carregassem nas suas praias e entendia que as mercadorias deviam ser levadas por terra para o mar de Marmara. Os gregos não queriam sujeitar-se a taes imposições e d'ahi a guerra. Foi 1.200 annos antes de Christo que isto se passou, como o attestam as excavações de Troya.

Mais de trez mil annos depois o problema dos Dardanellos é o mesmo. Australianos, inglezes e francezes derramam ali o seu sangue para que o trigo das ferteis terras que marginam o Mar Negro possa ter livre passagem para o Mediterraneo.

Atravez as diversas phases da historia o resultado tem permanecido inalteravel. A Grecia attingiu a grandeza e Athenas floresceu porque o commercio do Mar Negro estava nas mãos dos gregos; e quando, com a queda de Sestos, o porto de mar grego na peninsula de Gallipoli, a Grecia perdeu o dominio dos estreitos, perdeu tambem a sua situação dominante.

As duas travessias mais celebres dos estreitos nos tempos primitivos foram a de Xerxes, 480 annos antes de Christo, da Asia para a Europa, e a de Alexandre Magno, 334 annos antes de Christo, da Europa para a Asia. Ambos atravessaram sobre pontes de barcos e Herodoto diz que Xerxes e os seus persas gastaram «sete dias e sete noites, caminhando ininterruptamente, sem um momento de descanço.»

Desde os tempos primitivos a travessia a nado dos estreitos foi considerada como um grande feito, embora não fosse uma façanha tão digna de ser exalçada. O que Leandro fez em Abydos, repetiu-o lord Byron e alguns officiaes do navio in-

glez «Shearwater», cujos nomes não foram conservados, fizeram o mesmo no fim do ultimo seculo.

Quando o imperador Constantino resolveu edificar a sua capital oriental na Ponta d'Ouro, a passagem dos estreitos não era guardada rigorosamente. Os cavalleiros da quarta cruzada occuparam Abydos em 1204 e alguns aventureiros apoderaram-se de Gallipoli em 1306, mas 50 annos depois os turcos atravessaram da

Lord Fisher

Asia e desde então a historia dos Dardanellos faz parte integrante da historia do imperio ottomano.

Constantinopla só passou para as mãos dos turcos quasi um seculo depois; mas quando Mohamet o Conquistador entrou na capital e matou o ultimo imperador byzantino em 1453 rapidamente guarneceu as suas portas occidentaes. Um dos seus primeiros actos depois de conquistar Constantinopla foi fortificar os Dardanellos. Abydos e Sestos foram abandonadas e Mohamet escolheu a parte menos larga dos estreitos para as novas fortificações.

Na encosta da eminencia do lado europeu construiu Kilid Bahr, «a Chave do Mar», mais geralmente conhecida pelo nome de «Castello da Europa». Do lado asiatico construiu Sultaniyeh Kalesi, «o Castello da Asia», ao lado do qual se desenvolveu a cidade algumas vezes chamada Dardanellos, conhecida entre os turcos pelo nome de Chanak Kalesi e que figura nas descripções da guerra com o nome de Chanak.

Os castellos de Mohamet foram construidos com solidez e as suas muralhas continuam a dominar os estreitos atravez de todas as vicissitudes do ultimo periodo da historia da Turquia. As torres acastelladas de Chanak foram, com o auxilio dos aeroplanos, um alvo para os canhões do «Queen Elizabeth», quando este bombardeou os estreitos do golpho de Saros.

Nos ultimos annos Chanak era um agradavel ponto de reunião da marinha e onde todos os navios que atravessavam os estreitos eram obrigados a mostrar os seus documentos. A passagem só de dia era permittida.

Chanak e Kilid Bahr eram os «Velhos Castellos» e quando foram construidos a entrada exterior dos Dardanellos não estava defendida. No meiado do seculo decimo setimo pensou-se em construir outros castellos. Kum Kale foi por isso construido no lado asiatico e Sedd-el-Bahr no lado de Gallipoli, na extremidade occidental da bahia Mosto. Foram chamados «os Novos Castellos da Europa e da Asia» e eram separados por um canal de perto de 3.600 metros de largura.

Uma armada ingleza duas vezes atravessára os Dardanellos em guerra, á força e empregando a ameaça. Em 1807 o almirante sir J. Duckworth fôra mandado ás aguas turcas com uma divisão de navios e fragatas de combate, com o fim de obrigar o sultão a quebrar a alliança com a França. Passou os estreitos debaixo de fogo, destruiu alguns navios turcos proximo de Gallipoli e ancorou em frente de Constantinopla. O emprehendimento foi deveras temerario e deu brilhante renome ao audacioso marinheiro que o levou a cabo. Mas, tendo forçado os Dardanellos, Duckworth collou-se

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 1912—6.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 30 de Novembro de 1915

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 1 centavo

O novo ministerio

Está constituido o novo ministerio. Segundo as declarações contidas nas moções da maioria parlamentar, a este ministerio preside um intuito patriotico e republicano, superior a preoccupações partidarias, de qualquer especie. A mesma affirmação, fez hoje o sr. dr. Affonso Costa, ao tomar posse do seu elevado cargo. Registamol-a, com applauso, esperando que terá a sua comprovação em todos os factos da vida ministerial. O paiz não está só farto da politica do estricto partidarismo, com o tumulto das suas paixões, conturbando e desprestigiando a Republica. O paiz conhece a gravidade da hora presente e tem a nação bem nitida de que só a affirmação de virtudes patrioticas, só o esforço no sentido de garantir e valorisar a patria podem triumphar das difficuldades tremendas que nos assoberbam.

O sr. dr. Affonso Costa falou com uma evidente sinceridade. Mais uma vez manifestou o seu pensamento de que todos os republicanos se devem congregar para a obra nacional que se impõe, e terminantemente declarou que muito embora o seu ministerio se haja formado dentro das formas do mais rigoroso legalismo constitucional, elle não hesitaria um minuto em ceder o seu logar a uma outra situação governativa, ou a participar n'ella, se todos se convencessem de que a gravidade dos acontecimentos impunha o concurso dos que n'este momento não julgam ainda essa gravidade tão aguda que absolutamente o necessite. Não ha, com effeito, hoje o direito de antepôr ás grandes e instantes necessidades nacionaes quaesquer vaidades de mando, como não o ha tambem de fugir aos deveres que o patriotismo estabelece, governando ou auxiliando os que governam para que os supremos interesses da Patria sejam resalvados.

A conflagração europeia, como o sr. Affonso Costa o accentuou, creou a todos os paizes situações melindrosas. A de Portugal, por um concurso de circumstancias, é das mais melindrosas. E' preciso, disse o chefe do governo, que d'esta situação a patria saia progressiva, fortalecida, mas para isso, que é um alto designio nacional, não é demais o esforço de todos os bons portuguezes. São palavras de incontestavel verdade. A questão internacional tem de resolver-se, ficando a patria dignificada, e valorisando-se pelas suas virtudes e sacrificios. Para sua dignificação nacional impõe-se comtudo, entre os primeiros actos do governo, e cremos que não será outra a sua intenção, o esclarecimento d'essa questão desde os seus inicios. Em 7 de agosto do anno findo tomou-se uma attitude no parlamento, de que derivaram varios incidentes mais ou menos obscuros. Ha mais de um anno que se architecta em torno da questão da nossa attitude na guerra uma muralha de sophismas e equivocos. O esclarecimento do que se tem passado é uma anciosa reclamação do publico.

Da mesma questão derivaram necessariamente as difficuldades de ordem interna a que se torna forçoso attender. Revestem o aspecto economico, o aspecto financeiro, e ambos os casos requerem iniciativas seguras. O novo gabinete não dissimula tambem essas difficuldades que são graves, mas não devem reputar-se invenciveis. O mundo inteiro passa por uma tremenda crise. Ha de debelal-a-ha. Portugal, temos essa firme fé, debelal-a-ha tambem.

E' n'estas crises que o patriotismo portuguez sempre se tem manifestado com maior pujança. Se ninguem desconhece que essa crise atravessamos, a ninguem é licito abstrahir das inspirações do puro patriotismo. O chefe do novo ministerio appellou para esse patriotismo, não para diminuir as suas responsabilidades ou o seu trabalho, mas para que a obra nacional maiores garantias de exito possuisse, pelo concurso de todas as dedicações. E' um appello a que não pode ficar indifferente nenhum coração portuguez.

O NOVO GOVERNO

A sua orientação politica

Foi definida no discurso que o sr. dr. Affonso Costa proferiu ao tomar posse da presidencia

A posse da presidencia do governo foi conferida ao sr. dr. Affonso Costa pelo sr dr. José de Castro, no ministerio do interior. Destacaremos para este logar as affirmações feitas n'ese momento pelo sr. dr. Affonso Costa, visto ellas traduzirem, por assim dizer, a orientação politica do novo governo.

O sr. dr. Affonso Costa principiou as suas considerações por frisar que o antecessor governo, se não resolveu completamente os varis e graves problemas que afectam n'esta hora a vida portugueza, foi porque não podia resolvel-os no espaço de tempo em que a sua acção se exerceu. Mas a verdade é que elle facilitou muito a obra do governo que acaba de se constituir. Porque? Porque procurou acalmar as paixões, exercendo uma influencia pacificadora na sociedade portugueza.

Este novo governo, a que o orador tem a honra de presidir, empregará todos os esforços no cumprimento do mandato que o Congresso lhe conferiu. Esse mandato esta expresso na moção que a Camara dos deputados approvou. Não tratará de fazer politica partidaria, por mais legitimos que sejam os interesses do partido que elle reresenta. Mas entende o orador que, na hora que atravessamos, nenhum partido tem o direito de desprezar as exigencias da vontade collectiva para cuidar apenas de satisfazer as suas aspirações. Não. A vontade collectiva traduz-se rigorosamente n'uma concepção exacta das difficuldades que atravessamos. E' preciso respeital-a, cumprindo as suas indicações.

A maioria parlamentar entendeu que tinha chegado mais uma vez a hora de se encontrarem no poder representantes de todos os partidos, conjugando os seus esforços e as suas intelligencias no objectivo commum do engrandecimento da Patria e da defeza da Republica. Impunha-se, de facto, arredar de vez todos os conflictos de caracter partidario por intempestivos e inoportunos. Era preciso estabelecer uma atmosphera na qual não pudessem surgir pequeninas questões, muitas vezes de aspecto «caseiro», insignificantes, mas que assim mesmo perturbam a marcha dos negocios publicos.

Não era para diminuir ou enfraquecer as suas responsabilidades que o partido republicano portuguez indicava a necessidade dos outros partidos cooperarem tambem na acção governativa, nem para se furtar á obrigação de quaesquer compromissos, porventura tomados. Talvez a constituição d'um governo nacional augmentasse ainda as responsabilidades d'aquelle partido. Mas era indispensavel que a nação inteira, de norte a sul, pudesse adquirir a convicção de que tinha passado a hora das retaliações e que todos procuravam apenas collaborar com amor e com interesse no prestigio da Patria e da Republica.

Frisa novamente que o actual governo só se deixará inspirar por ideaes patrioticos e republicanos, empenhando toda a sua acção em minorar as dificuldades que o conflicto europeu acarretou á nacionalidade portugueza. Podem essas difficuldades augmentar, de um momento para outro, até pela marcha da nossa politica externa? Certamente. E n'esse momento mais se imporá então, como de inadiavel vantagem, a constituição dum governo de caracter nacional. Será a União Sagrada dos portuguezes em torno da bandeira da Patria e da Republica. Chegada essa hora, reconhecida por todos os republicanos essa necessidade, o actual governo da melhor vontade se prestará a receber a collaboração alheia, provando assim as desinteressadas e patrioticas intenções que o animam.

Antigamente, quando um governo se constituia, julgava-se azada a occasião para expansões de contentamento, para festas, para alegrias. Hoje, a hora, se não é para angustias, é no emtanto de recolhimento, de anciedade, de estudo profundo das possibilidades que o governo terá de encarar como susceptiveis de immediata realisação.

Bem sabe o orador que se encontra num logar de trabalho arduo e de pesadas responsabilidades. Ha de encaral-as de frente, para as procurar vencer, contando com a dedicação, com a intelligencia, com o saber de todos os seus collegas. Não pensa realisar maravilhas, porque ninguem as pode realisar. Mas acompanhando de perto as manifestações da vontade do povo, está convencido de que realisará a sua missão patrioticamente. Ha-de saber aproveitar todas as energias da vida nacional, encaminhando-as no sentido da maior prosperidade da Patria, que tem de sahir mais forte e mais gloriosa de todas as difficuldades que nos trouxe o conflicto europeu. Assim, juntamente com a questão externa, o governo não descurará os problemas economicos e financeiros.

Affirma seguidamente a sua convicção de que o paiz, de norte a sul, sabe que o governo vae realisar uma obra indispensavel e util. Os proprios adversarios do partido republicano portuguez o reconhecerão, no fundo da sua consciencia, sejam quaes forem as palavras com que recebam a sua subida ao poder. Fiadores d'essa obra são os nomes que o constituem e que são de pessoas que á Republica tudo teem sacrificado. Termina erguendo um caloroso viva á Republica, enthusiasticamente correspondido.

Por ser ámanhã dia de feriado nacional não se publica "A Capital", estando os nossos escriptorios fechados.

"A CAPITAL" EM HESPANHA

O SR. CONDE DE ROMANONES

O chefe do partido liberal e a successão do sr. Dato—Uma affirmação sobre o tratado hispano-portuguez

O sr. conde de Romanones foi o successor do sr. Canalejas na chefia do partido liberal. Homem de larga fortuna e de farto prestigio politico, com um certo pitoresco a popularisal-o e um pessoalismo inconfundivel a fazel-o pairar acima dos politicos do seu tempo, o sr. conde, irrequieto, nervoso, impulsivo por vezes e reflectido quasi sempre é, d'entre os actuaes homens publicos da Hespanha, um dos que de mais prestigio gosa. Foi no theatro da Princeza, uma pequenina e afavel sala de espectaculos, onde se está quasi como em nossa casa, que eu tive occasião de ver, pela primeira vez, o homem que, representando para o sr. Dato um sustentaculo poderoso, ameaça n'esta hora em que a politica hespanhola se convulsiona e enrodilha, transformar-se n'um obstaculo invencivel, capaz de o deitar a terra... No seu camarote, o sr. conde sorria. Além, n'outro camarote, a Infanta Izabel quasi se apercebia da insistencia familiar com que o chefe liberal sobre ella fixava as objectivas do seu binoculo. Muley Hafid, o deposto sultão de Marrocos, que pela terra hespanhola anda semeando, a mãos largas, a sua fortuna, marca com o seu «fez» vermelho, n'um outro camarote de fundo sombrio, uma larga mancha ensanguentada. No «coran», Dias de Mendoza e Maria Guerrero, interpretando um «film» de Marquina, exhibem em silencio, n'esse silencio por vezes afflitivo dos animatographos, a sua arte consumada de comediantes celebres!..

Onze horas da manhã. O sr. conde de Romanones recebe-me no seu palacete re Castelhana. E' uma vivenda magestosa, opulenta, senhoril, essa. Poisa, tranquilla, no meio de espessos jardins, que um gradeamento de ferro forjado separa da grande avenida. Cae uma chuva miudinha que regela. A dois passos, no Retiro, erguem-se imponentes, affirmando duas epocas e vincando dois aspectos salientes do caracter hespanhol, as estatuas monumentaes de Affonso XII e Martinez Campos. O sr. conde é um homem cheio de intelligencia e de vivacidade. Recebe-me n'um explendido salão Imperio, todo branco e oiro com uma infinidade de espelhos a rasgarem pelas paredes altas vastos pupilas de luz. Para um dos lados, estende-se uma galeria em cujas paredes expendem tapeçarias severas e raras. Ao fundo, outro salão, e por toda a parte, jarros do Japão, mais tapeçarias antigas, quadros dos modernos pintores hespanhoes, objectos d'arte preciosos e esses mil nadas encantadores, que os nababos pagam a peso de oiro, dando por elles fortunas...

O sr. conde fala...

Alguns instantes de demora. Pelos salões ha ruido de vozes, gente que entra e sae e troca, de fugida, palavras soltas, entrecortadas, vibrantes. O sr. conde surge. E' uma pessoa simples, modesta, quasi humilde no trajar e incomparavelmente afavel, tão familiarmente me acolhe. Fala-se um pouco da politica interna da Hespanha. Romanones é o homem da situação. A vida do governo está nas suas mãos, nas mãos dos liberaes. Sem elles, o sr. Dato teria que abandonar o Poder. A sua queda era fatal. Levam então os conservadores governamentaes vida artificial? Talvez. A verdade, porém, é que os tempos não correm de feição para os politicos. Governar é hoje, em toda a parte, soffrer, trabalhar, luctar, ter apprehensões e amarguras. E' decerto por isso que o sr. Conde, ao ouvir-me uma vaga alusão ás suas relações com o governo, me diz:

—Não temos pressa alguma do poder, nem o ambicionamos, embora as nossas proprias forças tenham o significado nitido e completo de que podiamos com verdade alimentar essa ambição. O partido liberal, apoiando o Governo, tem a consciencia de bem servir a sua propria causa, pois acima dos interesses partidarios colloca os supremos interesses nacionaes. Temos um programma a cumprir, uma missão a realisar, um «desideratum» para o qual faremos concorrer todas as nossas forças, e que effectuaremos, hoje ou amanhã, no momento opportuno, quando a patria reclamar o nosso esforço, toda a nossa cooperação directa. N'esse momento, tomaremos o poder, e realisaremos o nosso programma, que se pode resumir n'esta formula: «robustecimento militar da Hespanha, feito simultaneamente com o seu maximo desenvolvimento economico». O primeiro d'estes actos tem que ser, em nosso criterio, uma consequencia do segundo. Sem uma forte e productiva remodelação economica, não pode haver um intenso e proficuo robustecimento militar. A Hespanha tem o dever de occupar, dentro do concerto das nações europeias, o logar que de direito lhe pertence e para isso se torna necessario não só uma boa e forte organisação militar como a desejamos, mas principalmente uma desafogada e prospera situação economica. Não queremos atacar ninguem; mas queremos ser fortes, para garantia do nosso proprio direito. Fomentar esse desenvolvimento economico, preparar esse robustecimento militar, será o «desideratum» do partido liberal. Repito-lhe, temos dado e daremos ao governo todo o nosso apoio, leal e franco. Não ambicionamos o poder, e aguardamos apenas o momento opportuno para sobre os nossos hombros tomarmos o fardo pesadissimo das responsabilidades governamentaes. Permitta-me, porém, que lhe diga que a marcha dos acontecimentos me faz prever que muito antes de chegado esse momento tenhamos de intervir e tomar conta do poder para bem dos interesses nacionaes, e não por um sentimento mesquinho de politica de campanario.

A neutralidade hespanhola

Insensivelmente a conversa derivava para a guerra. Qual a situação que mais convém á Hespanha? A lucta intensifica-se. Mais dia menos dia, todas as nações teem de manifestar, com nitidez, o seu pensar. Para que lado irá a Hespanha? Juntar-se-ha aos alliados? Fará causa commum com os allemães? Qual é a corrente dominante no partido liberal? O sr. conde de Romanones, sentado á beira do sophá, olha-me fixamente, bem de frente, com os olhos illuminados por um vivo clarão de intelligencia. E, decorridos fugidios instantes de reflexão, diz-me:

—Falo-lhe com toda a franqueza. Ha no partido liberal muitas sympathias pelos alliados. Quanto a mim, não posso nem devo manifestar-me. O momento não é opportuno para o fazer. A minha situação prohibe-m'o. Nada direi. A neutralidade é a politica que mais convém á Hespanha. O partido liberal assim o entende e pela neutralidade pugna com toda a sua energia.

Volta a desviar-se o fio das nossas considerações. O assumpto é de tal maneira grave, que o sr. Romanones se acautela n'um silencio intransigente, contra o qual não me atrevo a dirigir nem mais uma vaga pergunta, sequer. Generalisa-se o fio da conversa. Fazem-se referencias á politica externa da Hespanha.

—Sinto-me, sobre esse assumpto, mais á vontade, continua o chefe dos liberaes hespanhoes. E' que n'um discurso que proferi em Palma de Malorca, defini, a respeito das relações da Hespanha com os outros paizes e muito principalmente com Portugal, a minha opinião. Os interesses de Portugal e da Hespanha são muito semelhantes. Entendo por isso, que os dois paizes devem procurar conhecer-se intimamente, porque só assim poderá desapparecer qualquer mal entendido que entre os dois exista. Devemos estreitar cada vez mais as nossas relações de boa amisade, procurar que os interesses d'um não sejam lesados pelo do outro e trabalhar para que um dia possamos orientar de commum accordo toda a politica externa dos dois povos ibericos. Deve haver, da parte de todos, esse desejo. Posso falar assim porque toda a gente sabe que, dizendo-me amigo de Portugal, procedo com toda a sinceridade. Posso garantir-lhe que no dia em que for governo, o Tratado de Commercio com Portugal se ha-de fazer, pois quero ser o defensor dos interesses portuguezes, e quero que seja o seu paiz o defensor dos interesses hespanhoes. A isso me comprometto formalmente.

E falando do sr. Augusto de Vasconcellos, o sr. conde de Romanones, diz:

—O ministro de Portugal em Madrid conta aqui as mais comprovadas amisades, desde a extrema esquerda, em todos os meios politicos, emfim, em mim tem elle um amigo sincero e leal... A defeza dos interesses portuguezes caiu em excellentes mãos. Os liberaes hespanhoes só teem um grande desejo: concorrer para o estreitamento, cada vez mais, das relações entre os dois povos peninsulares.

Por ultimo alludo-se novamente á guerra. E o meu illustre interlocutor, depois de se referir aos lutos, ás dores, ás desgraças sem conta que o medonho conflicto tem provocado, exclama:

—Estou convencido que, se em agosto do anno passado, fosse possivel prever a grande catastrophe, ninguem daria um passo para o conflicto, e antes procurariam todos manter carinhosamente a paz, condição indispensavel da felicidade e do progresso dos povos. Não ha vantagens de qualquer ordem que possam compensar os horrores da guerra. A neutralidade deve ser a nossa politica; mantel-a-hemos, pois assim defendemos o sangue dos nossos filhos, a prosperidade e a riqueza da nossa patria. Não pensemos na guerra em circumstancia alguma, e não queiramos lançar desvairadamente sobre a nossa terra a desolação e a dôr».

E foi assim que terminou a interessantissima entrevista que a amabilidade fidalga do sr. conde de Romanones me concedeu. Creio que ha n'ella muito de interessante e de actual, que aos portuguezes convem saber para que entre os paizes da Peninsula, tão visinhos e tão distantes, uma nova era de mais apertada amizade nasça e se consolide quanto antes, para proveito de todos.

Edmundo Porto

Senhoras germanophilas

Os irrealisaveis sonhos do sr. dr. Cunha e Costa

Na imprensa monarchica e catholica, o sr. dr. Cunha e Costa é hoje, por assim dizer, a unica voz que se levanta a preconisar com eloquencia e enthusiasmo as virtudes da França e a fazer votos pela victoria dos alliados. O germanophilismo franco ou disfarçado constitue pecha das nossas folhas realistas e religiosas que, segundo parece, esperam da victoria allemã o restabelecimento do throno e das congregações e, por conseguinte, a morte da Republica, a que consagram o mais cordeal dos odios.

O sr. dr. Cunha e Costa, que entende que «a falsa situação dos catholicos em Portugal resulta, em grande parte, de haver muito poucos que o sejam de verdade», tece a apologia da França crente e patriotica, cuja alma não é «a de um conquistador de territorios, mas a d'um evangelisador de ideias», e, ao tecel-a com brilho litterario e sobretudo com uma perfeita segurança de vistas, ha de arreliar profundamente os que anceiam a sua derrota, apenas porque detestam a democracia e as liberdades que se fundamentam n'ella. Depois de frisar tambem o papel admiravel da mulher franceza perante a guerra actual, o sr. dr. Cunha e Costa escreve:

Diz-se que muitas senhoras da sociedade portugueza são germanophilas. Tivesse eu tempo e não andasse tudo tão perturbado, que havia de pedir-lhes para em repetidas sessões me deixarem pleitear a causa dos alliados. Ainda principiei, mas de um modesto programma de trez conferencias que destinava á *Belgica*, á *França*, á *Inglaterra*, apenas pude realisar a primeira. Metteu-se de permeio o 14 de maio e eu, que nada tinha com isso, fiquei privado da Liga Naval. E o mais interessante do conto é que tambem os alliados, de quem a Republica se diz amiga, ficaram privados do meu modesto concurso.

E havia de convertel-as. As minhas patricias, afinal, não são más, e apesar do seu germanophilismo, aposto cem contra um em como a sua primeira viagem, após esta guerra, será a Paris, não a Berlim, embora passem por Lourdes, Notre Dame de Fourvières ou Notre Dame des Victoires. Nem essa conversão, estou certo, me custaria esforço desmarcado. Bastaria ler-lhes trechos de Barrés, de Albert de Mun, de Paul Marguerite, algumas paginas do cardeal Amette ou de Monsenhor Marbeau, um punhado de citações na ordem do dia, duas ou trez biographias, a exposição clara da campanha... e comparar. Vejo-as d'aqui a sorrir por entre lagrimas silenciosas, porque, claro está, Deus, para a defeza de tão justa causa, havia de tornar o meu olhar mais luminoso, a minha voz menos aspera, a minha loquella mais rica. E haviamos de acabar, oh, se haviamos, por uma grande festa em favor dos orphãosinhos da Belgica, da França, da Inglaterra: festa de resultado material modesto, mas de um alcance moral incontroverso. Que lindas alsacianas e que gentis lorenas algumas das meninas da nossa sociedade não fariam, e para poupar as susceptibilidades das realistas intransigentes porque se não exhibiriam em trez quadros vivos panoramicos trez étapes da historia de França: a entrada de Jeanne d'Arc em Reims, uma recepção do Rei Sol, e a reconstituição d'esse maravilhoso quadro *L'oiseau de France*? E se essa festa de arte fosse precedida, como decerto seria, de um dia de venda ambulante de *cocardes* e emblemas, que famoso gesto a assignalar a alma latina das minhas compatriotas! Ai, imaginação, imaginação para onde vaes? Vaes como as gaivotas, para os poentes de rubi e ouro, que jámais alcançam!

Permitta-se-nos uma simples observação. Embora se não tivesse produzido o 14 de Maio, o sr. dr. Cunha e Costa jamais conseguiria converter as suas patricias germanophilas. A suspensão das conferencias de Liga Naval livrou-o de uma desillusão innevitavel: a perda do seu elegante auditorio que se fartou de commentar desfavoravelmente a primeira e unica conferencia levada a effeito. Quanto ás festas projectadas, consinta-se-nos tambem que digamos que as «realistas intransigentes» nunca se associariam a ellas. O sr. dr. Cunha e Costa não reparou ainda no extremo cuidado com que as folhas em que collabora, e outras orientadas pelas mesmas idéias, se absteem de reproduzir, ou de extractar sequer, os documentos publicados pelo comité francez de propaganda que tem á sua frente as primeiras figuras da egreja de França? Como demover, pois do seu germanophilismo as senhoras e os senhores que são os melhores clientes d'essas folhas e que as consideram seus orgãos?

PROCESSOS VIS

Como na imprensa allemã

se engana a opinião publica e se explicam os exitos dos alliados

Quando em principios de setembro os exercitos allemães foram forçados a retirar da região do Marne, as noticias da guerra que a *Kommandantur* mandava affixar em Bruxellas não referiram uma só palavra ácerca do facto. Era um expediente inutil que não logrou resultado algum, porque, a breve trecho, a população belga era informada da verdadeira situação por intermedio da imprensa hollandeza.

Conta-se que, só no dia 14 ou 15 de setembro, appareceu affixada em Bruxellas uma ligeira referencia aos acontecimentos. Segundo a prosa official da *Kommandantur*, os allemães teriam repellido com exito a offensiva franceza. Por essa occasião, um belga de cathegoria observava em conversação com certo official allemão, tomando um ar de fingida simplicidade;

—Pois quê? As tropas allemãs estão na defensiva? Eu suppunha que se encontravam ás portas de Paris...

As auctoridades germanicas acabaram já por se convencer que é inutil occultar os desastres soffridos pelos exercitos do kaiser, e hoje limitam-se, em regra, a attenuar a sua importancia. Em todo o caso, quando as acções militares teem a importancia da ultima offensiva franceza na Champagne, é quasi impossivel attenuar o alcance do desastre. Surge então um novo processo: desvirtuar o *elan* e o patriotico enthusiasmo das tropas inimigas. O numero 46 da *Woche*, publicado em meados do corrente mez publica um pequeno artigo sob a situação actual dos exercitos onde se encontra o seguinte periodo:

«São singulares os processos que n'esta guerra teem sido empregados já pelas nações gaulezas. Como na Champagne foram arremeçadas contra nós tropas europeias embriagadas com vinho e francezes de côr negra, tambem no theatro italiano da guerra columnas completas foram mandadas para o assalto em estado de embriaguez».

Quer dizer: não se podem negar as offensivas victoriosas, lança-se sobre os soldados inimigos uma onda de calumnias. Nem ao menos se lembram que, a ser verdade, a posição moral dos allemães e dos austriacos seria ainda mais lamentavel visto terem-se deixado vencer por contingentes de ebrios!

Estes vilissimos processos demonstram á evidencia como, no espirito dos dirigentes allemães, se vae gradualmente apagando aquella inabalavel confiança na victoria que a principio os animava tanto.

De França

A guerra e a reeducação profissional dos mutilados

Paris, 27 de novembro

Teve hontem logar a primeira conferencia do anno 1915-16, na Alliança d'Hygiene Social, sob as presidencias successivas do sr. Brieux e do professor Pinard; o conferente, o dr. Bourrillon, director do Instituto Profissional dos Invalidos da Guerra em Saint Maurice, escolhera para thema a reeducação profissional dos mutilados.

O sr. Brieux, antes de dar a palavra ao conferente, desenvolveu em phrases calorosamente applaudidas a idoia de que para se ser verdadeiramente bom, é preciso sel-o raciocinalmente. Ao encontrarem um d'estes invalidos da guerra a quem as inclemencias, as doenças, os abalos physicos e moraes soffridos fizeram voltar ás condições de fraqueza das creanças, uns dizem: —Pobre homem! e seguem o seu caminho; outros juntam á lastima uma esmola e, como os primeiros, seguem o seu caminho; mas outros ha que julgam ser insufficiente dar-lhes uma esmola, cousa facil, e que se deve empregar constantes esforços para reintegrar aquelles homens na vida normal. São estes os unicos que cumprem o seu dever; só o esforço que se continúa é louvavel, só é verdadeira a caridade que dura emquanto dura a necessidade, só é verdadeira a bondade que raciocina. E' preciso que aquelles a quem soccorremos não fiquem eternamente na situação de assistidos; é preciso que tornemos a fazer d'elles homens uteis; a verdadeira caridade é aquella que põe o infeliz em condições de não precisar d'ella.

Tal foi a lição de assistencia exposta pelo sr. Briex.

O sr. Leon Bourgeois, agradecendo ao orador a sua presença n'aquella primeira conferencia, pôz em relevo que o sr. Brieux não só era um eloquente professor da materia, mas que tambem, e nobremente, prégava as suas ideias pelo exemplo.

Foram aquelles os mesmos principios que o sr. Bourrillon desenvolveu, mas sob o duplo ponto de vista pratico e administrativo. Com a grande competencia que lhe dão o seu conhecimento dos mutilados e as necessidades que estes experimentam, logo de começo elliminou a solução de hospitalisar as victimas da guerra em estabelecimentos de invalidos, por que estabelecimentos d'esta indole só são proprios para infelizes cuja mutilação seja de tal ordem que os inhibe de todo o trabalho no futuro; os outros é exactamente pelo trabalho que teem de ser elevados e reconduzidos a uma existencia que se approximou tanto quanto possivel das condições em que viviam antes dos ferimentos.

Para chegar a este resultado é preciso aprender a conhecel-os e a evitar-lhes as causas de desequilibrio psychico.

Ha, com effeito, maus conselheiros que dizem aos mutilados: «Vocês teem direito a serem mantidos pelo Estado, não precisam trabalhar». E accrescentam, o que é absolutamente falso, «se trabalharem, descontam-lhes na pensão o que ganharem».

Infelizmente, estas palavras caem em terreno favoravel, em espiritos enfraquecidos pelas fadigas, pelos soffrimentos, pelo isolamento, pela perda do sangue, pelo depauperamento organico.

Primeiro que tudo é preciso incutir confiança no mutilado, mostrar-lhes o que se lhe proporciona do bem estar futuro, tornar a collocal-o, tão depressa quanto se possa, em contacto com a terra natal, com os seus antigos amigos e companheiros. E' indespensavel que as reformas sejam feitas depressa e que, para isso, se libertem rapidamente os mutilados dos apparelhos de prothese, cuja applicação prolongada os deixa por muito tempo nos depositos n'uma atmosphera que lhes é nociva.

Nada de collocações, nada d'experiencias antes de ter a certeza da readaptação funccional que é a missão da cirurgia, da physiotherapia, n'uma palavra, a missão medica. Mesmo quando tenhamos essa certeza, é preciso não collocarmes os nossos doentes ao acaso; devemos obter-lhes situações estaveis, proporcionar-lhes um officio em justa relação com as suas aptidões. Antes de lhes escolher uma profissão, é preciso fazer um exame minucioso ás possibilidades, não só presentes como tambem futuras. Será bom, toda a vez que seja possivel, despertar no enfermo o gosto pelos officios especiaes da sua região; feita a escolha, d'uma maneira logica, poder-se-ha então começar a reeducação propriamente dita.

Ha duas maneiras de fazel-o: ou confiar o mutilado a uma escola profissional, ou collocal-o n'uma officina particular. A primeira, comportando um temporario internato, é, em principio, sob o ponto de vista dos resultados praticos e moraes, a melhor das duas; mas é natural que, por mais economica, seja a segunda que se generalise...

A quem cabe o cuidado de fornecer a estes aleijados os meios de adquirirem a aptidão necessaria para a sua nova profissão? A quem cabe o cuidado de lhes dar a indispensavel educação? Ao Estado, que cumprirá o seu dever, tornando-se elle proprio, o educador e subvencionando ao mesmo tempo as iniciativas particulares.

D'estas ha um grande numero, o teem creado estabelecimentos que se tornam interessantes sob muitos titulos; falta-lhes, porém, um laço commum, uma repartição central aonde os mutilados possam dirigir-se, e que os envio para o estabelecimento mais conveniente a cada um dos casos em particular, onde os invalidos possam reeducar-se.

O sr. Bourrillon concluiu muito eloquentemente mostrando a terrivel tendencia dos aleijados para a intemperança, principalmente para o alcoolismo; são os invalidos quem mais lucra com a intensidade d'esta lucta contra o terrivel flagello.

«Emquanto o alcool pesar sobre a França, nunca o angustioso problema do futuro dos mutilados poderá ter solução».

AO PUBLICO

LAMY & C.ta

Nós, abaixo assignados, commerciantes da Praça de Lisboa, que temos ha muitos annos transacções commerciaes com a firma Lamy & Comt.ª, protestamos contra a campanha de descredito e perseguição que se tenta fazer a esta firma que sempre nos mereceu a nossa inteira confiança e que por nós é considerada da maxima honorabilidade além da correcção inexcedivel em todas as transacções que comnosco tem mantido.

Lisboa, em 23 de Novembro de 1915.

Machado & Neves
Francisco da Silva Belem
B. A. de Souza.
Mattos Callado & C.ª

Sequeira & C.ª
M. M. Ribeiro
Evaristo Souza
D. A. Pires
Joaquim Pires da Foz
Manoel G. Victorino
Jenuario Bernardes
José Ribeiro
Joaquim Antonio d'Oliveira
José Clemente S.es Peres & Abrantes «Grandes Armazens da Beira»
Annibal Simões Ferrugem
Manoel Joaquim de Souza
Borges & Abranches
Celestino Pedro da Silva
J. L. Clemente & Irmão
Antonio Pedro da Silva
Maria da Conceição Riço
Antonio Joaquim Carreiras
J. Almeida
J. B. Barros
Francisco Maria Amaro
J. B. Lourenço & C.ª
Francisco José de Sequeira
Antonio Augusto Mendes
Raul Motta
José Caetano Ferreira
Francisco Martins Alves
Adelino da Costa Nunes Branco
Bernardino Rodrigues
João de Carvalho
Francisco Barata
Evaristo & Sebastião
J. M. Lopes
Francisco Caetano d'Assis
José Oliveira Costa
Sebastião Maria Quaresma
Manuel Nunes Junior
Antonio Simões Ferrugem
José Henriques
A. C. Delgado Assis
José de Faro
Francisco do Carmo Santos Silva
Fernando Pimenta
Gaspar Garcia
João de Almeida
José Clemente S.or Peres & Abrantes «Casa das Thesouras»
A. A. da Costa Macedo
F. Gaspar Lopes
Braz & Veiga
A. A. Martins d'Almeida
J. Borges Ferreira (Le Tailleur du Chiado)
J. J. da Cunha
Antonio Silva
J. M. Ribeiro
Roque A. Rodrigues
Henrique Marques
Eduardo Correia
Armando Augusto Cruz
Manuel H. Barata
Albino Ferreira Rodrigues
David José Monteiro
José Nunes Calinas
Joaquim Mendes da Costa
Joaquim Nunes Nogueira
Alfredo V. Rosa
Julia Alberto de Sousa
Frederico Antonio Traquino
Coelho & Quartin
J. J. da Cunha & Delphim
Lopes & Maia L.da
Guimarães & Jardim S.or
V. Marques
V.va Pastor & F.os
Francisco Pinheiro
J. P. Martins
Ernesto E. Tavares
José Lourenço
Joaquim Domingos
Augusto Antonio Rodrigues
A. C. Vasconcellos
V. M. Belmonte de Lemos
A. Simões
Antonio Luiz de Moraes
A. Rosas & C.ª
Silva & Sousa
Affonso Sanches Gomes
Manuel Luiz de Macedo H.dos
Antonio Ramalhete
Custodio de Sousa Mello
Antonio Marques da Costa J.or
Francisco Rodrigues Polonio
Amadeu Gomes Fernandes.

«*Historia Illustrada da Grande Guerra*»

Estão já publicados cinco volumes, abrangendo o primeiro desde março a 15 de abril, tendo 184 paginas, o segundo de 16 de abril a 3 de junho, com 188, o terceiro de 4 de junho a 20 de julho, egualmente com 188 paginas, o quarto de 21 de julho a 3 de setembro, com 180 paginas e o quinto de 4 de setembro a 20 de outubro, com 184 paginas, todos elles profusamente illustrados. Na administração d'*A Capital* são immediatamente satisfeitos todos os pedidos, quer da collecção completa, quer de qualquer numero de exemplares do jornal, que venham acompanhados das respectivas importancias.

Colyseu dos Recreios

Amanhã dois espectaculos de gala — Despedida do «Sonho tragico»

Em commemoração do festivo dia de amanhã, o Colyseu dos Recreios dá dois espectaculos de gala, sendo cada um constituido por um programma variado e surprehendente. E' bom dizer, que se realisam os ultimos espectaculos do empolgante e violento mimodramma *O Sonho Tragico*, grandioso e artistico trabalho do intemerato domador Marck e da sua troupe de artistas. O lance dramatico em que apparecem os ferozes leões é de um effeito assombroso.

Na *matinée* tambem se representa *O Sonho Tragico*, claro é que tanto o programma da tarde como o da noite, incluem as maiores celebridades da companhia: Levy Jenochio e Carlos de Abreu, nos seus extraordinarios *voos á Leotard*, os *persas*, artistas olympicos; Miss Lala, no arame; a Familia Fredianni, artistas a cavallo; as irmãs Marguerite e Flora, no lindissimo e arriscado trabalho das escadas oscillantes; a troupe Balaguer, os celebres e festejados clowns Antonet e Walter e Rico e Alex, que promettem novos intermedios comicos, etc.

Brevemente, uma sensacional novidade.

Instrucção militar preparatoria

Sociedade n.º 1—Os alistados no pelotão de estafetas d'esta Sociedade devem apresentar-se hoje, pelas 21 e meia horas, na séde, a fim de receber instrucções urgentes.

• SPORT •

Os allemães querem outra gymnastica?

Homens aptos quanto antes!...

Em tempo de guerra não ha um minuto a perder em coisas preparatorias...

A guerra actual tem trazido curiosos pormenores sobre processos de gymnastica.

Agora surge a noticia de que os allemães resolveram abandonar a preparação fisica das «classes de 1917» «á maneira sueca!

O golpe é profundo para os que são, cega e exageradamente, apaixonados pela gymnastica de Ling. Nós, porém, que temos muito enthusiasmo por essa gymnastica (em pontos, vantagens e condições que havemos de expor), vamos refazer a confiança d'esses apaixonados, dizendo as razões determinantes que levaram os allemães a esse acto.

A primeira informação obtivemol-a pelo «L'Echo», que, de maneira ironica, criticava os jornaes, os fisiologistas, os culturistas e os pedagogos de Guilherme II por substituirem a gymnastica sueca por outra, isto pela simples razão de que não era allemã.

«L'Echo», porém, foi exagerado na critica e na ironia do commentario. O seu articulista não comprehendeu o que relataram os jornaes allemães. Estes, apenas noticiavam que «iam ser esclarecidos certos detalhes dos programmas de gymnastica, principalmente no «methodo sueco» de applicação aos recrutas e á instrucção das futuras «classes» do exercito».

Em todo o caso, que motivos levaram os allemães a fazer esta alteração no seu systema gymnastico? São elles que o dizem, em noticias que os francezes reproduziram e nós resumimos ao seguinte:

1.º—Porque ha methodos similares mais simples e, principalmente, mais apropriados ao fim que se tem em vista.

2.º—Porque os methodos actualmente em uso na Allemanha, menos suecos e mais allemães e que melhor resultado tem produzido, baseiam-se na pratica completa dos Sports Athleticos, cujo rendimento é seguro, mais rapidamente adquirido e mais proveitoso para quem não dispõe de tempo para cuidar d'uma gymnastica preparatoria.

Perante estas razões não temam os defensores de Ling!... Leiam bem e comprehendam esses motivos de renuncia da gymnastica sueca pelos allemães. E' uma questão de urgencia.

Tudo se resume, não a cuidar da «educação fisica» dos recrutas porque não ha tempo para tal mas a activar a «cultura fisica» dos recrutas, que teem de ser chamados instantemente ás fileiras, onde começam a escassear os homens validos.

Os francezes tambem fizeram o mesmo. Lançaram mão do athletismo, dos jogos educativos e dos sports ao ar livre, para nos «depositos» fazerem a preparação fisica dos alistados e dos que hão de constituir a nova fronte de batalha. Entre esses trabalhos, é que certos instructores, os mais habeis e os mais competentes, misturam os exercicios correctivos de attitudes e de movimentos respiratorios.

Os inglezes não se preoccuparam com o facto porque o seu alistamento voluntario tem-se, mais ou menos, completado com «homens já feitos», vindos das luctas do athletismo dos rings de box e dos campos de foot-ball.

Depois de terminada a guera, estamos convencidos de que tudo voltará aos «primitivos programmas»: os francezes estudando a maneira de organisar uma gymnastica sua, nacional, talvez com muito que é de Hebert, com bstante que será de Ling e até com detalhes que pertencerão a Schraber, Amoros e aos «culturistas»; os inglezes mantendo a sua vida intensa de athletismo e sport combativos; os belgas continuando com a sua gymnastica sueca adapatda por Lefebure, que é um dos martyres da guerra actual; os allemães alterando a gymnastica sueca para adaptarem a um methodo seu, etc.

Notas do dia

Uma visita de Silva Ruivo e um repto de Antonio Cardoso

A's primeiras horas da manhã appareceu-nos na redação o excellente pugilista Silva Ruivo, que é um dos melhores elementos do box portuguez.

Queria-nos elucidar sobre a noticia por nós hontem publicada. As suas elucidações, merecem-nos uma prompta rectificação, que a sua modestia queria evitar, mas a que nós damos publicidade, porque o combate de domingo ultimo entre Ruivo e Basilio d'Oliveira deve ter influencia na campanha de propaganda do box, agora interessando muito publico. E' que se affirma, entre outras coisas, que o sr. Basilio d'Oliveira já se não apresenta mais no ring!...

—Vim ter comsigo, porque na sua secção, que conscienciosamente dirige, a noticia de hontem não é exacta em certos pontos. Sei que o informaram como escreveu, mas eu queria dizer da minha justiça. O sr. Basilio d'Oliveira não me dominou do 1.º ao 5.º «round», em que terminou o combate pela precipitação de um dos meus «segundos». Se é verdade, que o sr. Basilio teve vantagem no 5.º «round», tambem é verdade eu tel-a no 2.º e no 3.º e «egualdade» no 1.º e 4.º. Quem assistiu não pode contestar estas verdades. O sr. Basilio empregou soccos na «linha baixa» sobre o flanco e assim fui tocado algumas vezes mas nunca o fui sobre a ponta do sterno ou sobre o sterno. Tambem não é verdade eu ter ficado com o braço e ante-braço em carne viva. Apresentei durante o combate os vergões das luvas e tenho um ligeiro traumatismo.

N'este momento da conversa, trouxeram-nos uma carta. Tratava tambem de box. Leu-a o sr. Ruivo, que exclamou:

—E' um repto interessante. Se o combate se effectuar deve ser curioso...

—Então é forte este sr. Cardoso?

—E' uma féra!...

Silva Ruivo antes de retirar-se affirmou-nos que ia continuar os seus treinos; que ia tambem treinar muitos dos rapazes da Associação dos Caixeiros e que fazia todos os dias uma gymnastica sua, elementar, hygienica, para ganhar folego e manter uma boa respiração.

—A carta a que alludimos é a que a seguir publicamos:

Sr. redactor d'«A Capital»—Tendo lido ha tempos no seu conceituado jornal uma carta do sr. Basilio d'Oliveira reptando todos os «boxeurs» portuguezes, eu venho communicar a v. que acceito o combate nas seguintes condições que o direito de reptado me dá: 1.º, O combate será em 6 «rounds» de 2 minutos com intervallo de 1 minuto. 2.º, As luvas serão de seis onças. 3.º, O arbitro será o combinado entre os dois devendo o combate realisar-se nas salas do Gymnasio Club Portuguez, pois julgo serem as unicas capazes para tal ramo de sport. 4.º, O combate realisar-se-ha mez e meio depois da publicação d'esta.—De v. Antonio Cardoso.

* * *

Novos regulamentos de remo?

Com caracter de «urgente», porque a sua publicidade se refere a uma reunião de hontem á noite, recebemos a seguinte «nota official» de dois clusb sobre regulamentos de remo:

«Os signatarios delegados da Associação Naval de Lisboa e Club de Lisboa reunidos para tratarem e discutirem as bases e regulamento da taça 5 de Outubro, considerando prejudicial para o desenvolvimento do sport de remo a diversidade de regulamentos que actualmente existem no paiz, resolvem: 1.º, propôr ás direcções dos Clubs acima citados a elaboração de um regulamento geral de remo; 2.º, suspender os seus trabalhos aguardando a resposta dos referidos clubs. Pela Associação Naval de Lisboa, José Joaquim Serra Pereira, Luiz Manuel Serra Peresira e João Djalme Bastos; Pelo Club Naval de Lisboa, Arthur Rodrigues Consolado, Manuel Ryder da Costa e Antonio Gomes Barbosa. Os signatarios reunidos em 29 de novembro de 1915 tendo tomado conhecimento das decisões da Associação Naval de Lisboa e Club Naval de Lisboa favoraveis á proposta a que se refere a acta anterior resolveram dar por findos os seus trabalhos relativos ás bases e regulamentos da Taça 5 Outubro. José Joaquim Serra Pereira, Luiz Manuel Serra Pereira, João Djalme Bastos, Arthur Rodrigues Consolado, Manuel Ryder da Costa e Antonio Gomes Barbosa.

Algumas anecdotas

Pagou-as todas juntas...

Passou-se a scena na ilha do Principe, para onde foi, ha annos já, um grande athleta portuguez, o sr. A. A., que foi dos tempos primitivos do Gymnasio Club.

O sr. A. A., que, em Lisboa, era de um irrequietismo excepcional, tornou-se n'aquella ilha um modelo de socego, de prudencia e de «diplomacia». Por esse facto, alguns colonos, julgaram que elle havia perdido a força e a energia antigas. Um d'elles, atrevido, mesmo pouco delicado, deu-se ao prazer de o criticar, injusta e grosseiramente, onde encontrava quem o ouvisse, até n'uma correspondencia para um jornal de Loanda. Os amigos do sr. A. A., extranharam a sua quietitude e alguns chegaram a dizer-lhe:

—O' Augusto, não pareces o mesmo homem!...

Estejam tranquilos. Elle paga-as juntas. E' questão de tempo...

Na verdade, uma manhã, n'um dia de chegada de paquete, quando no caes se aprestavam os colonos para ir para bordo, o insolente appareceu blazonando de força e de orgulho da sua figura.

—O senhor é parvo, diz tranquillamente A. A.

—O que? Repita!...

—Repito, sim. E palavras não eram ditas já o atrevido levava a mais formidavel tareia de que teem memoria os homens que presenciaram a scena. A cara ficou-lhe n'um bolo. O sr. A. A., a bordo, diante d'um copo de cerveja, teve este unico commentario:

—Eu não lhes disse que as pagava todas juntas.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

NACIONAL—A's 21—D. Perpetua que Deus haja.
TRINDADE—A's 21—O dia de juizo (Revista)
POLYTEAMA—A's 21—A Martyr.
GYMNASIO—A's 21—Soror Marianna—La donna é mobile.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Dominó (Revista).
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—O diabo que o carregue.
RUA DOS CONDES—A's 20,30 e 22,30—Quadros vivos.
MODERNO—A's 21—Sonho Guerreiro—O collar da princeza.
COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de circo.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS—Olimpia, «matinées» diarias e sessões á noite; Central, Chiado Terrasse, Sociedade de Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Paradis, Rocio, Chantecler, Imperio, Salão Graça, na Caixa Economica Operaria, Variedades, na Calçada da Estrella, Salão Lisboa.

ULTIMAS NOTICIAS

AS POSSES MINISTERIAES

São extraordinariamente concorridas, proferindo-se palavras de louvor ás individualidades que vão occupar as cadeiras do poder

As posses de todos os ministros estiveram extraordinariamente concorridas. No ministerio das finanças, o sr. Victorino Guimarães prestou homenagem ás poderosas faculdades do sr. dr. Affonso Costa, a mais alta individualidade da Republica. O novo ministro agradeceu essas referencias, salientando o modo intelligente porque o ex-ministro conseguiu vencer as difficuldades que encontrou, e elogiande o pessoal do ministerio, cuja competencia já conhecia do periodo em que geriu a mesma pasta.

No ministerio da marinha, o sr. José de Castro disse que ninguem poderá excedel-o na sinceridade com que procurou trabalhar a favor da marinha portugueza. Durante o periodo em que esteve á frente do ministerio pode assegurar que as direcções geraes e varias commissões produziram muito trabalho util.

O sr. Azevedo Coutinho respondeu que procuraria ser um dos mais leaes e dedicados cooperadores do sr. dr. Affonso Costa para a realisação do seu plano de politica geral. A marinha pode contar com elle, como elle conta com a marinha, que bem sabe estar sempre disposta a defender e glorificar a Republica.

No ministerio do fomento, o sr. dr. Manuel Monteiro poz em evidencia a collaboração leal que encontreu sempre em todos os funccionarios do seu ministerio. A essas palavras respondeu o sr. Antonio Maria da Silva, confirmando-as e dizendo que iria continuar, n'aquella pasta, a realisação da obra que já ali encetára.

No ministerio das colonias falou o sr. dr. Affonso Costa, dizendo que o facto de o sr. Rodrigues Gaspar continuar á frente do ministerio significava o reconhecimento das suas faculdades de intelligencia, do cuidadoso interesse e carinho com que elle procurava sempre resolver todos os assumptos. O sr. Rodrigues Gaspar agradeceu essas palavras, affirmando o seu proposito de bem servir a Patria e a Republica.

No ministerio da instrucção foi a posse conferida pelo sr. dr. José de Castro, que elogiou as qualidades do novo ministro, o sr. Ferreira Simas. Este agradeceu, promettendo empregar todos os seus esforços no desenvolvimento dos serviços da instrucção. No ministerio do interior falou o sr. dr. Catanho de Menezes, agradecendo o sr. dr. Almeida Ribeiro as palavras amaveis que elle lhe dirigiu.

No ministerio da guerra o sr. dr. Affonso Costa falou largamente das necessidades da nossa preparação militar, salientando que chegou a hora de se esquecerem todos os odios passados, para se trabalhar apenas pela Patria e pela Republica. O sr. Norton de Mattos referiu-se aos trabalhos que tem realisado o seu ministerio, affirmando que o exercito, dentro em pouco, estará apto a bem defender o paiz.

Tanto no ministerio dos estrangeiros como no da justiça usou da palavra o sr. dr. Affonso Costa, elogiando as qualidades dos dois ministros os srs. drs. Augusto Soares e Catanho de Menezes, que lhe agradeceram promettendo empregar todos os esforços para corresponderem á confiança que n'elles depositava o chefe do governo.

Hoje, o sr. dr. Affonso Costa, quando tomou posse da sua pasta, proferiu um largo elogio das qualidades do sr. Victorino Guimarães, exaltando a sua acção dentro do ministerio, pondo em fóco a sua dedicação e a sua intelligencia e salientando que muito esperava da collaboração que elle ia prestar-lhe desinteressadamente, por amor á Republica e por uma grande dedicação pessoal.

Um officio

O sr. dr. José de Castro enviou hontem o seguinte officio aos presidentes da Camara dos Deputados e do Senado:

Durante seis mezes e meio, entre as agruras de uma tremenda crise, tive o honroso, mas pesadissimo encargo de ser com os governos sob a minha presidencia, depositario do Poder.

Vou brevemente entregal-o ao Illustre Chefe da Nação, ao qual saudo respeitosamente, saudando tambem o novo ministerio.

Antes, porem, entendo por mim e pelo governo demissionario, cumprir um imperioso dever, rogando a v. ex.ª a altissima fineza de, sendo interprete dos sentimentos de respeito e gratidão que nos animam, significar á Camara sob a alta presidencia de v. ex.ª o nosso vivo reconhecimento pelo voto de consideração com que nos honrou.

Por esta occasião ouso pedir a v. ex.ª haja por bem tornar publico o nosso agradecimento ás forças de terra e mar, das quaes me desvaneço de ter sido chefe; e ainda a todos os bons portuguezes que, elevando o seu acrisolado patriotismo acima de ruins paixões e comprehendendo a nossa missão de Paz e de Justiça, nobremente quizeram cooperar comnosco, formando uma atmosphera de conciliação.

Com o mesmo pensamento de tolerancia que sempre orientou os governos a que tive a honra de presidir, respeitando egualmente a todos os cidadãos, desde que acatam a Constituição e as Leis, termino dizendo:

Unamo-nos todos em volta da bandeira de Portugal, simbolisada na bandeira da Republica e prosigamos, sem odios e sem malquerenças, na dignificação da Patria e na defesa intemerata da Liberdade.

Saude e fraternidade
Lisboa, 29 de Novembro de 1915.
O presidente do ministerio demissionario
a) *José de Castro*

NOTAS DIVERSAS

Pelo ministerio das colonias foi expedido um telegramma aos governadores das provincias ultramarinas communicando-lhes a constituição do governo e a sua posse. Egual telegramma foi expedido pelo ministerio do interior aos governadores civis.

—Para governador civil de Lisboa consta que vae ser nomeado o sr. Arthur Cohen.

—Para secretario do sr. ministro da instrucção vão ser nomeados os srs. Heitor de Carvalho e Augusto Ribeiro da Silva, e para secretario particular do sr. ministro da marinha o sr. Levy Bensabat.

—O sr. Leotte do Rego, illustre commandante da divisão naval, foi cumprimentar hoje o novo ministro da marinha, sr. Azevedo Coutinho, o chefe do governo e outros membros do gabinete.

—Os membros do governo da presidencia do sr. dr. José de Castro que não entraram no novo gabinete foram a Belem despedir-se do sr. presidente da Republica. Tambem apresentaram as suas despedidas aos funccionarios dos seus ministerios.

—O conselho de ministros reuniu pelas 18 horas na antiga sala do conselho de Estado, no ministerio do interior.

Victorino Guimarães

Não é exacto que o sr. Victorino Guimarães fique exercendo o cargo de chefe do gabinete do novo ministro das finanças. A instancias do sr. dr. Affonso Costa, o sr. Victorino Guimarães prestar-lhe-ha uma collaboração assidua em todos os assumptos da pasta que geriu até ha pouco, evitando ao novo ministro um consideravel esforço, como seria por exemplo o de proceder a uma nova organisação dos trabalhos do orçamento já realisados. Fal-o-ha, porém, sem occupar qualquer logar official dentro do ministerio.

O 1.º DE DEZEMBRO

A restauração de Portugal

Commemoração da festa da bandeira — Outras festas

Realisam-se ámanhã, como temos noticiado, em diversas collectividades, festas commemorativas da data historica de 1 de dezembro e da festa da bandeira. N'outras, aproveitando o dia de feriado nacional, realisam se egualmente festas. De todas ellas vamos dar um extracto.

Na Sociedade Instrucção Militar Preparatoria n.º 1, ás 21 horas, ha sessão solemne sob a presidencia do sr. ministro da guerra, estando convidados a usar da palavra os srs. general Dantas Baracho, vice-almirante Ferreira do Amaral, coroneis Sousa Albuquerque e Manuel Maria Coelho, tenente-coronel Sá Cardoso, commandante da divisão naval Leotte do Rego, major Pereira Bastos, capitão Correia dos Santos, 1.º tenente Carvalho de Araujo, drs. Albino Vieira da Rocha, João de Menezes e Costa Ferreira.

No Centro Escolar Republicano dr. Magalhães Lima ha sessão solemne ás 21 horas, falando os srs. drs. Theophilo Braga, Alexandre Braga, Adelino Furtado, Bossa da Veiga, José Pontes, Carneiro de Moura, Ramada Curto, a sr.ª D. Maria Clara Correia Alves e os srs. Fernão Botto Machado, Leotte do Rego, etc.

Tambem á mesma hora ha sessão solemne no Centro Escolar Republicano de Santos, seguida de sarau dramatico e apresentação do orpheon infantil do Centro.

A's 13 horas, nas escolas de S. Nicolau, haverá sessão solemne e distribuição de premios aos alumnos e alumnas que melhor aproveitamento tiveram no anno findo.

A Juncção do Bem distribue ámanhã pelos pobres seus inscriptos 80 esmolas de 60 centavos e 280 senhas de jantares completos.

No Centro Dr. Affonso Costa, commemorando o completo restabelecimento do illustre estadista ha sessão solemne, em que, entre outros oradores, falará o sr. ministro da justiça, e distribuição d'um bodo a 320 pobres.

Nas escolas parochiaes do Campo Grande, ás 13 horas, sessões commemorativas da festa da bandeira e ás 14 horas sessão solemne no Asylo D. Pedro V, abrilhantada por uma troupe de bandolinistas e pelo grupo de escoteiros n.º 11, lyceu Camões, que farão uma demonstração de escotismo.

A festa da bandeira no Centro Democratico de Campo d'Ourique teem o seguinte programma: ás 7 horas, alvorada; ás 12, sessão solemne e entrega aos alumnos da escola d'uma bandeira de seda bordada, offerta d'um grupo de socios, em seguida *lunch*, e á noite sarau dramatico e musical.

Na Cantina escolar de S. Mamede commemora-se ámanhã o seu 5.º anniversario, com sessão solemne ás 13 horas, em que usarão da palavra os srs. Carneiro de Moura, Borges Grainha, Norberto d'Araujo e Pereira Martha; ás 14 jantar ás 60 creanças protegidas pela cantina e ás 16 concerto pela Sociedade Alumnos d'Apollo.

No Centro Defensores da Republica 14 de Maio de 1915, festeja-se o 1.º de Dezembro com sessão solemne ás 14 horas, fallando os srs. Raymundo Alves, Machado Toledo e Alfredo Leal e a sr.ª D. Anna de Castro Osorio, seguindo-se ás 16 a inauguração d'uma *kermesse*.

No lyceu de Pedro Nunes, promovida pela associação escolar d'este estabelecimento de ensino, ha ámanhã, ás 13 horas e meia, «matinée»-concerto em que toma parte a orchestra de arco dirigida pelo sr. Frederico Taveira.

A Sociedade Philarmonica Euterpe de Bemfica commemora o dia d'ámanhã com alvorada pela banda, que percorrerá as ruas da localidade, inauguração d'uma bandeira e baile á noite.

A junta de parochia de S. Vicente distribue 60 senhas de jantares das cosinhas economicas.

No theatro Moderno, recita de gala com o *Sonho guerreiro*, ampliado com um quadro novo de apotheose ás nações alliadas.

Na escola central n.º 20, installada na Villa Zenha, ha ámanhã sessão solemne, ás 13 horas, a que presidirá o sr. ministro da instrucção publica.

PARLAMENTO

SENADO

O sr. Correia Barreto mandou proceder á chamada pelas 15 horas, respondendo 24 senadores democraticos, pois das minorias nenhum estava presente.

Approvada a acta da sessão de hontem, como não houvesse numero para se votar a moção do sr. Estevão de Vasconcellos, esperou-se os cinco minutos da praxe.

Fez-se depois a segunda chamada, mas verificou-se haver menos um senador na sala, pelo que foi encerrada a sessão.

Depois d'ámanhã é a abertura official.

•••• ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS

LUCTUOSA

Falleceu o sr. João Pedro Durão, socio da firma Durão & Santos, com estabelecimento na rua do Possolo, commerciante muito estimado pelas qualidades de caracter e pelo seu espirito caritativo. O funeral realisa-se amanhã, sahindo da ermida das Dores na rua do Patrocinio, para o cemiterio occidental, ás 14 horas.

—Na sua casa da quinta dos Conegos, no Carregado, finou-se hoje o sr. Antonio Maria Raposo de Sousa Alte Espargosa, casado com a sr.ª D. Virginia Veiga de Araujo, irmã do lavrador sr. Eduardo Veiga de Araujo proprietario do Mouchão da Povoa.

A grande guerra

As operações inglezas nos Camarões

LONDRES, 29—Operações nos Camarões—Deu-se um importante combate a oeste de Jaunde, onde as forças franco-britannicas, sob o commando do major-general Dobell, estão avançado com feliz exito pela estrada e linha ferrea de Edes. O contingente britannico penetra no rio Prige, e mais para o sul o contingente francez occupou Makondo. Infligimos graves perdas ás tropas allemãs, cujo centro de resistencia é a elevadissima area em volta de Jaunde, onde o governo da colonia allemã se estabeleceu. Ao norte dos Camarões as forças inimigas organisadas foram batidas e dispersas, sendo os pequenos contingentes dos fugitivos perseguidos energicamente pelas columnas dos alliados, sob o commando do general de brigada Cunliffe. Importantes forças francezas, que teem levado a cabo notaveis feitos na guerra africana combatendo no seu caminho atravez da colonia allemã desde a Africa Equatorial franceza, estão tambem a curta distancia de Jaunde, vindo por leste e sueste.—(*Havas*)

Os russos surprehendem um quartel general allemão e prendem dois generaes

PETROGRADO, 30—Official—Na região de Riga a situação permanece immutavel. Na região de Dvinsk contra-atacámos e tomámos uma herdade. Na noite do 28, effectuámos uma brilhante incursão a sueste de Pinsk. Chegámos por surpreza ao quartel general da 82.ª divisão allemã; atacámos a respectiva guarda e apoderámo-nos de dois generaes, um dos quaes o commandante em chefe da divisão, um medico e trez officiaes. Tivemos porém de retirar em presença dos reforços recebidos pelo inimigo. Na região do Styr forçámos o inimigo a ceder terreno.—(*Havas*)

Os inglezes afundam um submarino allemão e abatem dois aviões

LONDRES, 30.—Official. Na linha de Givenchy fizemos explodir varias minas que causaram grandes perdas ao inimigo. No dia 28 houve numerosos recontros aereos, tendo os nossos aviões destruido dois aviões allemães e afundado proximo de Middelkerke um submarino allemão.—(*Havas*).

Guilherme II em Vienna d'Austria

GENEBRA, 29.—O imperador Guilherme chegou a Vienna ás 11 horas, a fim de visitar o imperador Francisco José.—(*Havas*).

A lucta entre italianos e austriacos

ROMA, 29.—No vale de Popena tomámos um fortim. Na zona de Monte Nero houve lucta encarniçada; tomámos fortes entrincheiramentos e destruimos 3 metralhadoras. Nas alturas a noroeste de Gorizia o inimigo, fortemente reforçado, contra-atacou violentamente, mas foi repellido. No Carso tomámos algumas trincheiras. Em total fizemos 702 prisioneiros entre os quaes 15 officiaes, e tomámos 3 metralhadoras e importante material.—(*Havas*).

Seguros de guerra

A LUZITANA, companhia de seguros com séde na rua Ivens, 51, 1.º, telephono 1969, effectua estes seguros em boas condições.

O roubo das lettras de cambio

A policia effectua mais uma prisão

A policia continua investigando a fim de apurar o que se passou com o roubo de 3 lettras de cambio no valor de 7.203$44 feito á firma G. Lubedowt, caso a que hontem nos referimos. Como tambem dissemos, a policia prendeu Henrique Alberto Teixeira, o «Teixeirinha do Bairro Alto», que se encontra incommunicavel n'uma esquadra. Hoje, em virtude das noticias publicadas pelos jornaes, apresentou-se no governo civil o sr. Henrique Monteiro, que a policia procurava e que foi a pessoa que, tendo conhecimento do caso, o foi participar ao roubado. Declarou ao agente Sequeira, o encarregado das investigações, que encontrando-se na noite de sabbado n'uma casa de jogo sita na rua 1.º de Dezembro, ahi fôra convidado por John Alves a entrar n'um negocio. Julgando tratar de qualquer caso limpo, visto andar sem trabalho, acceitou o convite e seguiu-o até ao largo do Caldas, onde soube do que se tratava. Respondeu que não se mettia em aventuras e que não estava disposto a ir descontar as lettras, porque isso daria mau resultado. O John, que estava acompanhado de dois individuos conhecidos como vigaristas, um dos quaes alcunhado o «Italianito», disse-lhe então que em vista de não querer entrar no negocio mas estar senhor do segredo não se separaria d'elle, emquanto as lettras não estivessem descontadas aggredindo-o a socco quando elle se quiz affastar. O Monteiro conseguiu ver-se livre e foi então que resolveu ir a Algés participar o caso ao sr. Dubedout. Em vista das suas declarações, o Monteiro foi mandado em paz.

Esta tarde foram presos o «Italianito» que recolheu incommunicavel a uma esquadra, e John Alves, que egualmente foi posto incommunicavel.

A questão das subsistencias

Uma commissão de negociantes de batata procurou hoje o chefe do districto a quem expoz que os governadores civis de Castello Branco e Guarda não consentem na sahida d'aquelle genero para Lisboa, onde é grande a falta. O sr. Marianno Martins mandou a commissão para o chefe Santos, encarregado da repartição da fiscalisação do preço dos generos, que respondeu ter recebido telegrammas d'aquellas auctoridades participando que não consentem na sahida, por motivo de ordem publica. A commissão dirigiu-se depois para o ministerio do interior.

Transformação do Caes do Sodré

Voltaram hoje a reunir nos Paços do Concelho as entidades que projectam realisar as obras de transformação e aformoseamento da margem do Tejo, nas immediações do Caes do Sodré. Na reunião discutiu-se especialmente os terrenos que essas entidades permutarão entre si, para levar a cabo os melhoramentos a que nos temos referido.

Trios de Beethoven

As «Canções Escocezas»

Realisa-se depois d'ámanhã, pelas vinte e uma e meia horas, no Salão do Automovel Club de Portugal, a segunda audição da série «Os trios de Beethoven»—por Rey Collaço, Julio Cardona e João Passos.

Além do interesse particular d'esta audição, pela apresentação das duas obras primas que são o «Trio em dó menor (op. 1. N.º 3)» e o «Trio em mi bemol»—accresce ainda a circumstancia de ser iniciada a série «Canções Escocezas», tambem de Beethoven, pela sr.ª D. Alice Rey Collaço que cantará os «lieder»:

«Dis que tu reviendras!» e «Mon beau fiancé» (op. 108), com o acompanhamento original de piano, violino e violoncelo.

Os bilhetes, em fórma de assignatura para os quatro concertos de 2, 9, 16 e 23, encontram-se ainda á venda nos logares habituaes—podendo, comtudo, adquirirem-se entradas separadas para cada um d'estes concertos.

As marcações realisam-se no Salão do Automovel Club (palacio Palmella, ao Calhariz) no proprio dia do concerto, desde as onze horas.

PEQUENAS NOTICIAS

—Entre as estações de Parede e Cascaes foi hoje encontrado o cadaver de um individuo bem trajado, vestindo fato azul, tendo-lhe sido encontrado n'um dos bolsos um passe dos electricos valido até 30 de junho futuro com o n.º 7.030, com o nome de J. F. Petit. O cadaver foi removido para o Necroterio á ordem do administrador de Cascaes, que ficou de posse de todos os documentos, não podendo, por isso ter sido feita a sua identificação, tendo o obito sido verificado pelo subdelegado de saude sr. Simões Carneiro.

Joaquim Camarada da Silva

Da casa mortuaria do hospital de S. José sae ámanhã, pelas 15 horas, o funeral do sr. Joaquim Camarada da Silva, ex-chefe da estação de Santa Apolonia, que falleceu em virtude de um grave desastre occorrido n'aquella estação e de que démos noticia. O pessoal da estação a que o finado pertencia enviou convites a todos os empregados, a fim de se incorporarem no prestito.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	33 15/16	33 13/16
Londres, 90 d/v.	34 7/16	—
Paris, cheque	$76,5	$76,9
Allemanha, cheque	$30	$80,8
Hollanda, cheque	$62,5	$63
Madrid, cheque	1$40,5	1$41,5
New York	1$50,5	1$51,5
Rios/Londres	12 1/8	—
Libras	7$23	7$33
Agio do ouro	60 %	65 %

O QUE SE PASSA NA GRECIA

Um povo em pé de guerra que não se quer bater

O que viu e ouviu um jornalista parisiense

Salonica, 10 de novembro

Entretanto o que faz a Grecia?

Consagra-se com egual ardor á preparação da guerra, e á cultura da neutralidade. Desde que cheguei á Salonica vejo constantemente filas de muares transportando fardos de feno prensado, cofres de munições, apetrechos d'ambulancia, madeira, etc.; pelas ruas da cidade passam tropas d'infantaria, de cavallaria, d'artilharia, maqueiros, que dariam a impressão d'um exercito, sempre em augmento, avançando em ondas successivas para a fronteira, prompto para o combate, se o aspecto altamente pacifico dos soldados não dissesse ao observador que, por emquanto, apenas de passeios militares se trata.

Por toda a parte se vê soldados gregos; não é só no acampamento installado perto dos dos alliados, é por todos os recantos da cidade.

Numerosas casas e pateos foram requisitados pelo ministerio da guerra, e em varios pontos vê-se emergindo por detraz dos muros barracas de campanha e automoveis enfileirados; proximo do nosso campo d'aviação, um parque de pontoneiros tomado aos turcos espera pacientemente o momento de renovar o conhecimento com as aguas do Vardar ou do Struma.

A julgar pelas frequentes requisições que põem em singular embaraço a nossa administração militar, as necessidades do exercito grego devem ser enormes.

Tudo está mobilisado

Apesar da amabilidade com que nos tratam as auctoridades gregas, a malevola fada «Requisição» parece divertir-se contrariando todos os effeitos que se podia esperar de tão affectuosas manifestações. Um official francez ou inglez quer alugar uma determinada casa e installar n'ella os seus serviços? Logo, como que por encanto, vê-se que a casa está mobilisada.

Um official da administração militar approxima-se de uma das montanhas de ferro levantadas pelos negociantes previdentes proximo da estação de caminhos de ferro? Logo, como d'um alçapão, surge um policia pronunciando a palavra magica: «Mobilisado»!

Apesar de todo o apparato bellico, nunca esta Grecia esteve mais longe de ir para a guerra como agora, tanto pelos desejos que alimenta, como pelas resoluções que tomou; se assim não fôra por certo não teriamos assistido, no dia 8, ás paradas militares que celebraram «glorioso anniversario» da tomada de Salonica. Regressando de Monastir na vespera ao anoitecer, encontrei as ruas fartamente embandeiradas e em preparo para brilhantes illuminações.

E ao meu espirito impoz-se, pungente, a antithese entre a Servia com o seu ultimo baluarte prestes a desmoronar-se, e a Salonica com as suas ruas ondulantes de bandeiras; entre o povo heroico que sem nós estaria hoje morto, e o seu alliado da vespera que, esquecendo glorias passadas conquistadas em commum, indifferente o vê morrer, porque tem medo da Allemanha.

Tem medo; podemos dizel-o pois que os proprios gregos o não occultam. Se o rei se recusa a marchar comnosco contra os bulgaros por ter a certeza de que os allemães ficam vencedores, o povo por um lado teme a guerra porque por detraz dos exercitos bulgaros vê brilhar as baionetas dos exercitos allemães. O terror do germano é tão forte n'este povo, que o faz tremer, lembrando-se do que succedeu á heroica Belgica.

E' preciso renunciar á esperança de ver os exercitos hellenicos misturarem o seu com o nosso sangue na lucta que contra o seu inimigo estamos sustentando. Julgo ser do meu dever dizel-o francamente, para que a França com os seus sentimentos de tradiccional amisade pela Grecia não commetta o mesmo erro que recentemente a Inglaterra commetteu a proposito da Bulgaria.

Perdoem-me o plebeismo, mas é preciso que não sejamos eternamente tolos.

N'este momento, o raciocinio de todos os dirigentes hellenicos é o seguinte: «A Servia está já esmagadora; os francezes e os inglezes vão ser obrigados a retirar, e nós ficamos então com o nosso exercito intacto, em frente dos bulgaros que, fatigados por esta nova guerra, não pensarão em atacar-nos. São mais quatro ou cinco annos de tranquillidade que temos defronte de nós».

Politica d'avestruz

Tal é, na sua simplicidade, a politica de avestruz que está seguindo e continuará a seguir a Grecia, até ao dia em que os nossos exercitos estejam tão fortes e a nossa victoria tão garantida que ella possa sem receio collocar-se ao nosso lado.

Alguns gregos, para justificar a inacção do seu paiz, dizem: «Temos a certeza de que em qualquer occasião que cheguemos, seremos alegremente acolhidos pelos alliados»; mas a esses tenho eu feito observar que talvez então já nós não estejamos dispostos a acceitar-lhes o auxilio, ou que, pelo menos, a recompensa da Grecia ha de ser insignificante.

—Sempre hão de ter necessidade de nós!—replicam elles.

Esta politica, que tambem tem a sua logica, merece a approvação do povo que não quer bater-se. «Não se força a bater-se quem não está disposto a fazel-o», dizem elles. A politica do soberano e dos seus conselheiros é que não se explica tão facilmente porque, tão bem como nós, sabem que, se actualmente, a Grecia vive, e come pão todos os dias, só á França e á Inglaterra o deve.

Não ignoram que, se ámanhã, a França e a Inglaterra, já aborrecidas, quizessem fazer sentir á Grecia o peso do abandono a que a votavam, nem mesmo tinham necessidade de bloquear as costas hellenicas; bastar-lhes-hia prohibir a exportação de carvão para os portos gregos. Como não produz nada do que consóme, tinha a Grecia que mandar a sua marinha mercante procurar os generos de que precisa; mas á falta de carvão, os seus navios não poderiam navegar, e sem elles o irem buscar não teria a Grecia nem um pão para comer.

E' indispensavel que a situação se esclareça dentro de poucos dias; convença-se d'isto a França; não se póde deixar por mais tempo em intimo contacto os exercitos gregos, que não se batem, com os nossos soldados, que vão fazer-se matar.

A retirada dos servios, seguida pelo avanço dos allemães para o sul, tornam indispensavel garantir a segurança da nossa base, e desenvolver rapidamente a linha do caminho de ferro cujo rendimento é absolutamente insufficiente. Devido á mobilisação da Grecia, a expedição dos alliados no Oriente mudou de caracter; por causa d'ella, perdeu-se o avanço que teriamos ganho contra os bulgaros. E' agora uma grande campanha, para a qual nos são precisos mais de 600.000 homens, e uma campanha tal não se póde desenvolver com uma base incerta, uma base de que não sejamos absolutamente os senhores.

Insisto sobre este ponto porque ouvi falar em alguns centros gregos na eventualidade de proximos combates entre francezes e allemães, muito perto do territorio hellenico.

Uma confissão

—Mas em que póde esse facto interessar-lhes?

—Não queremos que se batam no nosso territorio.

—E se se baterem?

—Procederemos com os senhores como procedemos com os bulgaros na Salonica; dar-lhes-hemos alguns dias para evacuarem o territorio grego.

Estou bem convencido de que o rei é bastante prudente e não recorrerá a tão desasisada medida, que levaria os nossos couraçados a bombardearem os portos gregos, mas apesar d'isso aquellas palavras indicam um estado d'alma que convem registar.

Resta a possibilidade de vêr o rei mudar d'ideias logo que tenhamos aqui 200 ou 300.000 homens. Essa probabilidade, porém, é minima, e tão minima que não deve influir para addiamento do imprescindivel definir da situação.

Devo, comtudo, reconhecer que as nossas novas tropas, a nossa artilharia, e principalmente os nossos meios de transporte, e a nossa aviação começam a causar apprehensão mesmo aos officiaes mais germanophilos.

—Apesar de tudo que dizem, são fortes estes francezes!—observam elles.

A muitas pessoas que antes diziam serem as tropas francezas os residuos das nossa colonias, ouço as agora murmurar com uma tal ou qual inquietação:

—Continuarão a mandar tropas tão boas como estas!

—Com certeza que hão de continuar; pelo menos temos essa esperança, nós outros francezes que aqui estamos e vemos todas as difficuldades e perigos do momento actual, que se antolham no futuro.

E' por isso que eu recommendo cuidado. E' tempo de sabermos o qua quer fazer a Grecia, e em harmonia com o seu proceder tomarmos as medidas que as circumstancias indicarem.

Tenho ouvido dizer a gente competente que, em presença do novo e temivel problema que se apresenta aos alliados, é preciso não perder tempo com subtilezas e minucias, e tratar d'evitar qualquer perigo para a nossa base, occupando effectivamente o territorio de Salonica, isto é, supprimindo, provisoriamente, a auctoridade grega, e occupando todas as ilhas da Grecia, para pôr côbro aos attentados dos submarinos que ali vão reabastecer-se.

Aponto a ideia sómente por ella mostrar as preoccupações que se impõem aos nossos espiritos; aos governantes compete proceder.

«Le Matin».

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Rua intransitavel

Queixam-se alguns moradores na rua Francisco Sanches do estado lastimoso em que o pavimento d'essa rua se encontra. Devido principalmente á agua que d'uma quinta que ali ha corre em abundancia, os passeios por vezes vão de lés a lés e a rua transforma-se n'um verdadeiro riacho. Para o facto chamam os moradores a attenção da camara municipal.

Correspondencia extraviada

Escreve-nos o sr. José Soares J. Pereira, alumno da Universidade de Coimbra, pedindo-nos que chamemos a attenção do sr. director geral dos correios e telegraphos para o facto de lhe faltar frequentes vezes correspondencia, que sabe lhe é dirigida, extraviando-se tambem muitas cartas por elle proprio escriptas para Leiria.

O sr. Soares Pereira espera que providencias sejam dadas.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Gremio Excursionista Civil do Monte

A direcção d'este gremio resolveu realisar uma serie de conferencias de propaganda anti-clarical, sendo a primeira no proximo domingo, 5, pelas 2 e meia horas, na séde, rua da Graça, 162, 1.º-E., O conferente é o sr. Julio Bertho Ferreira, que escolheu para thema «O livre pensamento e a guerra actual».

Novos estabelecimentos

Na rua da Rosa, 23, abre hoje uma nova casa, deposito de vinhos de Collares, Porto e outros, de que é proprietaria a firma Ramos & Monco. Para assistir á inauguração do estabelecimento, que se apresenta nas melhores condições, foi convidada a impresa.

O 1.º Concerto Blanch

Está justificado o grande enthusiasmo que está despertando o 1.º concerto da *Orchestra Symphonica Portugueza* dirigida pelo maestro Pedro Blanch que se realisa no proximo domingo, em *matinée*, em S. Carlos. Basta dizer-se que além das mais consagradas obras do grande Wagner, Cherubini, Saint-Saëns, Schumann e outros auctores classicos e modernos se executam pela 1.ª vez a *Redempção* a famosa obra symphonica de Cesar Franck e a celebre *Symphonia n.º 13 em sol*, considerada a obra prima de Haydn. E' ámanhã que abre a bilheteira em S. Carlos.

PEQUENAS NOTICIAS

Alfredo Antonio, morador na rua dos Cavalleiros, 25, loja, foi preso a pedido de José Maria Henriques, residente no largo das Gralhas, 2 e 3, que o accusa de o haver assaltado na rua Marquez de Ponte de Lima, furtando-lhe a quantia de 120 escudos que levava n'uma carteira.

—A policia prendeu mais uma vez e enviou hoje para juizo a gatuna de forasteiros *Micas Gouveia*, por haver contra ella mandados de captura.

Jantar-concerto

Realisa-se amanhã, no Casino de S. José de Ribamar, em Algés, um extraordinario jantar-concerto, dedicado aos «habitués» dos jantares que ali se realisam todos os dias.

O «menu» será escolhido a primor, executando o sextetto do Casino um variado programma.

Movimento maritimo

Vigo e Bilbau, «P. de Satrust. (de C.)» 1
Liverp., etc., «Oriana» (do Brazil)........ 1
Braz., R. Pr. e Pac., «Oronsa» (de Liv) 1
Africa or., via Madeira, etc., «Beira»... 1
Brazil e R. Prat., «Darro» (de Liverp) 2
Amsterdam, etc., «Frisia» (do Brazil)... 2
Ceylão, Manilla, etc., «Legaepi»........... 2
Africa oriental, «Orator» (de Liverp.)... 2
Pará e Manaus, «Huayna» (de Liverp)... 4
Pernambuco, etc., «Traveller» (de Liv.) 4
Archipelago dos Açores, «Funchal»...... 5

Monte-Pio Commercial e Industrial

(Associação de Soccorros Mutuos)

206, Rua Augusta, 214

Assembleia geral ordinaria

São convidados todos os senhores associados, no goso integral dos seus direitos, a reunirem em assembleia geral ordinaria, na séde da Associação, pelas 21 horas, do proximo dia 17 de dezembro, a fim de elegerem os corpos gerentes e delegado ao Conselho Regional do Sul para o exercicio de 1916. Não reunindo, n'esse dia, numero legal de socios, effectuar-se-ha a reunião no immediato dia 27, á mesma hora, com qualquer numero.

Lisboa, 30 de novembro de 1915.

O presidente da mesa
Luiz Godinho

do estreito. No cabo Helles, na extremidade da peninsula de Gallipoli, havia dois canhões de 9-2 pollegadas, que eram conhecidos entre os turcos pelo nome de bateria Estoghrul.

Em Sedd-el-Bahr, no castello, havia um forte armado com seis canhões de 10 pollegadas e dois de 5-9. Entre as duas principaes posições uma bateria de campanha fôra estabelecida para repellir um possivel ataque. Do lado asiatico havia duas baterias principaes. Uma, proximo do cabo Yeni Shehr, estava armada com dois canhões de 9-2 pollegadas e chamava-se a bateria Orkhanie. A outra, no «Novo Castello da Asia», proximo do molhe em Kum Kale, era conhecida pelo nome de forte de Kum Kale e continha quatro canhões de 10-2 pollegadas. Havia tambem uma bateria de campanha proximo dos moinhos de vento do cabo Yeni Shehr.

Lloyd George, o ministro das munições

O bombardeamento começou fóra do alcance de tiro do inimigo, que, por isso, não fez tentativa alguma para responder. Viu-se perfeitamente que os fortes Kum Kale e Sedd-el-Bahr tinham sido muito avariados, mas as baterias Estoghrul e Orkhanie estavam por detraz de obras de fortificação e o effeito do bombardeamento contra ellas não poude ser avaliado com facilidade.

De tarde, ás 2.45', os navios inglezes «Vengeance», Cornwallis» e «Triumph» e os francezes «Suffren», Gaulois» e «Bouvet» approximaram-se e atacaram os fortes com o seu armamento secundario. O «Inflexible» e o «Agamemnon», este ultimo um poderoso pre-dreadnought, apoiaram-nos com um bombardeamento dos seus canhões de 12 pollegadas. Ao anoitecer, todas as baterias inimigas estavam, ao que parecia, reduzidas ao silencio, excepto uma do lado asiatico, que continuava a fazer fogo em cheio. Navio algum da armada alliada fôra attingido, o que indicava a má pontaria dos artilheiros turcos.

Na manhã seguinte os hydroplanos e aeroplanos fizeram um reconhecimento e o bombardeamento continuou, mas teve de ser interrompido pouco depois por causa do mau tempo. E a interrupção durou uma semana.

A 25 de fevereiro continuou, pelo «Queen Elizabeth», «Agamemnon», «Irresistible» (um velho pre-dreadnought) e «Gaulois». Uma granada da bateria postada no cabo Helles attingiu o «Agamemnon», que estava a 10.000 metros, matando 8 homens e ferindo gravemente 5. Mas d'ahi a hora e meia os dois canhões de 9-2 pollegadas d'essa bateria tinham sido postos fóra d'acção pelo «Queen Elizabeth», e o «Vengeance» e o «Cornwallis», approximando-se mais, protegidos pelo fogo do super-dreadnought, completaram a destruição da posição.

O «Irresistible» e o «Gaulois» tinham no emtanto causado grandes avarias nas baterias Kum Kale e Orkhanie, que foram depois batidas pelo «Suffren» e pelo «Charlemagne» á curta distancia de 1.900 metros.

dos estreitos foram melhoradas e modernisadas.

E 'impossivel tentar descrever o armamento completo das differentes posições, porque mesmo antes do rompimento da guerra com a Turquia as defezas dos Dardanellos estavam soffrendo constantemente mudanças e desenvolvendo-se sob a direcção dos allemães.

Para o demonstrar, basta citar alguns factos. Os fortes d'ambos os lados da entrada dos estreitos tinham no principio de 1915 alguns canhões de 10-2 e 9-2 pollegadas e muitos de 10. Eram apoiados por baterias de campanha occultas.

O armamento dos mais poderosos fortes nos estreitos propriamente dito incluia um certo numero de canhões Krupp de 14 pollegadas e outros de 11. Canhões ligeiros e «howitzers» de campanha foram collocados nas costas do estreito e havia algumas baterias pezadas que se moviam em linhas de caminhos de ferro.

Julgava-se existir uma poderosa bateria na ponta de Nagara, onde os estreitos fazem uma grande curva e abrem para o Mar de Marmara. O forte Dardanus, que domina a bahia Kephez, era menos formidavel. Depois da ponta de Nagara não havia defezas importantes excepto nas linhas de Bulair, onde as baterias não podiam incommodar muito uma esquadra que avançasse.

A principal força das defezas contra um ataque naval estava concentrada na parte mais estreita, mas sabia-se tambem que os defensores contavam principalmente com os seus campos de minas e com as minas fluctuantes carreadas pela corrente. Sabia-se ainda que elles haviam tambem posto torpedos.

As principaes defezas dos Dardanellos estavam sob a fiscalisação directa do almirante allemão Usedom, que era auxiliado por muitos officiaes allemães. O general Liman von Sanders dirigia superiormente as tropas turcas na peninsula de Gallipoli.

Devido ao auxilio allemão, os turcos haviam accumulado grande quantidade de munições tanto nos Dardanellos como em Constantinopla e nas primeiras phases das operações nunca revelaram falta de granadas. Um paquete que acompanhava o «Goeben» levou-lhes em agosto, grande quantidade de minas. Pode objectar-se talvez que, sendo o armamento das defezas dos Dardanellos tão completo antes de qualquer sério ataque ser dado, era de prevêr que os ataques navaes não tivessem probabilidades algumas de successo.

A resposta a tal objecção é que, se os estreitos haviam sido bem armados contra a perspectiva d'um bombardeamento por uma armada, a peninsula de Gallipoli não havia sido preparada contra as operações offensivas de um exercito que tentasse desembarcar.

Linhas de trincheiras haviam sido excavadas em frente de Achi Baba, mas as obras de campo não haviam sido concluidas. Os turcos e os seus conselheiros allemães não esperavam um ataque por terra e haviam-se habituado á ideia de que um emprehendimento militar contra a peninsula de Gallipoli não era possivel.

As tropas inglezas desembarcaram em pontos que os turcos nunca haviam previsto e, por isso, não os haviam defendido. Se o primeiro ataque tivesse sido dado por forças navaes e terestres, é provavel que os assaltantes por terra tivessem chegado a Achi Baba e á estrada que seguia de Gaba Tepe para o planalto de Kilid Bahr e, assim, para Maidos.

Nas semanas que decorreram entre o grande ataque naval de 18 de março e o primeiro grande desembarque de 25 de abril, obras de campo foram feitas pelos turcos com uma pressa febril em muitos outros pontos da peninsula. As tropas inglezas, quando effectuaram o desembarque, esperavam combater em campo aberto e acreditavam em que tomariam Achi Baba ao cahir da noite do primeiro dia.

Achavam-se, porém, em frente d'um tremenda fortaleza, na qual

Companhia de Seguros "A Colonial"

(Informação)

São convocados os senhores subscriptores para uma reunião que deve effectuar-se na proxima quinta feira, 2 de dezembro, pelas 16 horas, no escriptorio provisorio da mesma Companhia, rua Augusta, n.º 27, a fim de deliberarem sobre assumpto urgente, importante e do seu interesse, polo que se pede que não faltem.

Lisboa, 29 de novembro de 1915.

A commissão installadora

Deposito Militar Colonial

Arrematação de generos para Moçambique

O conselho administrativo d'este Deposito faz publico que no dia 6 de dezembro de 1915, por 12 horas, procederá á arrematação em hasta publica, por licitação escripta, para o fornecimento destinado ás forças expedicionarias em Moçambique do seguinte:

Azeite 2.000 kilos, banha de porco, 2.000 kilos, café 100 kilos, chouriço de carne 3.000 kilos, feijão branco 3.000 kilos, feijão manteiga 3.000 kilos, feijão vermelho 4.000 kilos, grão de bico 4.000 kilos, sopa Juliana 10.000 latas de meio kilo, toucinho 3.000 kilos, vinagre 2.000 litros e vinho 6.000 litros.

Estes generos devem ser entregues em 26 de dezembro proximo para n'esse dia serem verificados no caes pela commissão de verificação, a fim de seguir no 1.º vapor de janeiro para Porto Amelia.

O modelo das propostas, as condições a que devem satisfazer os concorrentes á arrematação e as relativas ao fornecimento acham-se patentes na secretaria d'este conselho todos os dias das 10 ás 16 horas.

As propostas devidamente preenchidas, acompanhas da quantia de 200$00 e de amostras em duplicado, serão entregues até ás 11 horas e 30 minutos do citado dia 6; fazendo-se um deposito provisorio de 10 0|0 da importancia do fornecimento em seguida á adjudicação provisoria.

Quartel na Junqueira, 29 de novembro de 1915.

O thesoureiro-secretario

Francisco de Oliveira Cidreiro
Tenente

João Pedro Durão

Falleceu

Pedro Alexandre Durão seus filhos e nora, Alexandre José Durão, Francisco d'Assis Durão, sua mulher e filhos, Izabel Candida d'Almeida Durão, sua filha genro e netos (ausentes), participam o fallecimento de seu presado pae, avô, sogro, cunhado e tio e que o seu funeral se realisa amanhã, 1 de dezembro pelas 14 horas, sahindo o prestito funebre da Ermida de Nossa Senhora das Dores, na rua do Patrocinio, á Estrella, para o cemiterio Occidental, (Prazeres).

João Pedro Durão

Falleceu

João Antonio dos Santos, socio da firma Durão & Santos, participa o fallecimento de seu presado amigo e socio, cujo funeral se realisa amanhã, 1 de dezembro, pelas 14 horas, sahindo o prestito funebre da Ermida das Dores, na rua do Patrocinio, á Estrella, para o cemiterio Occidental (Prazeres).

todas as vantagens naturaes eram aproveitadas magnificamente pelos defensores. Os turcos occupavam as alturas, os inglezes estavam nas baixas penedias. A posição era semelhante á do desfiladeiro de Shipka, em 1877, onde os russos occuparam o cume durante seis mezes, nunca podendo ser d'ali desalojados.

Os turcos tinham ainda a vantagem de reforços, que na occasião eram quasi inexgotaveis. Em fevereiro e março o numero de tropas que estavam na peninsula de Gallipoli era relativamente pequeno, ao que se julga, exceptuando os artilheiros que guarneciam os fortes. O correspondente do «Times» em Athenas, n'uma correspondencia de 23 de março, diz que, segundo informações de Tenedos, os turcos haviam concentrado 48.000 homens no lado asiatico dos Dardanellos, onde receiavam um ataque por terra. Na peninsula de Gallipoli tinham concentrado só 10.000 homens. As forças de marinha inglezas que desembarcaram a 26 de fevereiro e novamente a 4 de março acharam o inimigo em pouca força á entrada dos estreitos, embora encontrassem grande resistencia.

Quando os turcos descobriram que iam fazer-se operações por terra, levaram tropas para a peninsula. Tinham sempre conservado cerca de 200.000 homens dentro e proximo de Constantinopla desde o principio da guerra.

O ataque aos Dardanellos foi iniciado quando o exercito turco não tinha muito que fazer n'outras partes. O seu ataque ao canal de Suez tinha falhado. A sua offensiva contra os russos na Transcaucasia havia sido quebrada e fôra abandonada. Pequenas forças tinham sido mandadas por terra para a Asia Menor, a fim de se opporem ao avanço britannico na Mesopotamia. Por isso os turcos tinham as mãos relativamente livres.

Póde quasi dizer-se que era illimitado o numero de que podiam dispor para a peninsula de Gallipoli. Quasi 800.000 homens haviam sido mobilisados no principio da guerra e, d'esses, 600.000 haviam sido armados. Por isso, na occasião em que os alliados desembarcaram na peninsula no fim d'abril encontraram-se em frente do grosso da força do exercito turco.

Os alliados tinham 120.000 homens contra um reservatorio militar que continha talvez meio milhão. Mas, apesar das exigencias dos envios para os Dardanellos, as auctoridades turcas nunca deixaram, durante o verão, de conservar um forte exercito entre Constantinopla e Adrianopolis. Receiavam, n'essa occasião, os bulgaros.

Os motivos que levaram, da primeira vez, a um ataque naval não apoiado contra os Dardanellos não foram explanados na occasião. Ficaram, por isso, inexplicados. E' possivel que ou o appello da Russia, ou a necessidade de fazer pressão sobre os Estados balkanicos levassem aos primeiros bombardeamentos navaes. Talvez que ambos os motivos para isso contribuissem, mas houve um terceiro que indubitavelmente teve grande peso.

A Gran-Bretanha não estava apta a concentrar uma expedição militar sufficientemente forte nos Dardanellos nas primeiras semanas de fevereiro. A falta de munições e de equipamentos, embora ainda não revelada, foi o motivo da demora do desembarque de forças. Por outro lado, os que em Inglaterra apoiavam o ataque naval contra os Dardanellos evidentemente acreditavam que era possivel tomar os estreitos só pelo poder naval.

Grandes melhoramentos foram feitos no armamento do «Queen Elizabeth». Levava oito peças de 15 pollegadas, d'um alcance e poder excedendo as armas até hoje vistas. Depois dos fortes á entrada terem sido reduzidos ao silencio e da parte mais baixa dos estreitos ter sido limpa de minas, o fogo combinado dos navios que penetraram no estreito e o do «Queen Elizabeth» e «Inflexible» atirando por sobre a peninsula pelas indicações dos aeroplanos, bastariam, assim se julga-

va, para destruir as defezas mais importantes.

Foi um erro fatal, apenas egualado pelo engano quanto ao poder exercido pela armada depois de ter forçado a passagem, como se esperava, para o mar de Marmara. O que teria feito a armada se chegasse deante de Constantinopla? Suppunha-se que a Turquia immediatamente pediria a paz. Tal supposição assentava em bases pouco seguras.

Os turcos tinham cinco corpos de exercito nas cercanias da capital. A população civil teria sido tomada de panico, o governo teria fugido, a armada teria deixado meia Constantinopla em ruinas, mas nada era menos certo do que julgar-se que o exercito turco se renderia ou que os seus dirigentes acceitariam a paz.

Para subjugar Constantinopla e obrigar as forças militares turcas a submetterem-se era necessario um poderoso exercito. Até esse exercito apparecer em scena os ataques da armada não apoiados foram prematuros e inadvertidos. A despeito das razões apresentadas, pareciam revelar uma falta de coordenação entre os responsaveis pelos planos da estrategia britannica.

Já falámos no reconhecimento naval de novembro e na façanha do submarino commandado pelo tenente Holbrook, a 13 de dezembro. Vamos rememoral-os. Ao alvorecer de 3 de novembro de 1914, uma divisão franceza e ingleza, composta de unidades de combate, abriu fogo sobre os fortes á entrada dos Dardanellos á distancia de seis milhas. Cada navio disparou uns vinte tiros. Os fortes responderam, mas nenhum navio foi attingido. Muitas granadas cahiram a curta distancia e uma passou por sobre o «Indomitable». O unico objectivo do bombardeamento era regular o alcance do tiro.

O tenente Holbrook emprehendeu a sua perigosa viagem ás 3 horas da manhã de 13 de dezembro. Commandava o submarino B 11, um dos mais antigos da marinha ingleza. O B 11 foi construido em 1906, tinha o deslocamento de 306 toneladas e é guarnecido por dois officiaes e 14 homens. A passagem dos estreitos foi feita contra a forte corrente á profundidade de 60 pés e o submarino passou por debaixo de cinco filas de minas turcas.

Subiu á superficie do lado de lá do campo de minas, a pouca distancia do velho navio turco «Messudiyeh», construido em 1874 e reparado e armado de novo em 1901. Estava vigiando, ancorado perto da ponta de Nagara. O B 11 mergulhou de novo e torpedeou o «Messudiyeh», que rapidamente se afundou, perecendo quasi toda a sua tripulação. Depois, o submarino voltou ao ponto de partida, gastando nove horas e meia no percurso, sempre debaixo de agua.

Um outro submarino inglez, B 9, entrou nos estreitos no dia seguinte, mas teve de parar quasi logo, porque algumas minas explodiram em volta d'elle. Conseguiu escapar-se, mas um mez depois, a 15 de janeiro de 1915, o submarino francez «Saphir» foi menos afortunado. Ao atravessar os estreitos, bateu no fundo proximo da ponta de Nagara, subiu á superficie com algumas avarias e foi destruido pelas baterias da costa.

No meiado de fevereiro de 1915, as forças navaes concentradas proximo dos Dardanellos tinham augmentado consideravelmente. O «Queen Elizabeth» tinha chegado, embora a sua presença fôsse um segredo para o resto do mundo. O «Inflexible», que tomára parte na victoria das ilhas Falkland, havia tambem chegado. Excepto esses dois navios, todos os outros navios inglezes eram pre-dreadnoughts. Havia tambem ali uma esquadra franceza commandada pelo contra-almirante Guépratte.

Toda a força naval era commandada pelo vice-almirante Sackville Carden, que tinha como immediato o contra-almirante John de Robeck. A's oito horas da manhã de 19 de fevereiro o primeiro ataque a valer aos Dardanellos começou com um bombardeamento, como o anterior, dos fortes e baterias á entrada